As tentadoras modernas

# HISTORIA

DA

# PROSTITUIÇÃO

EM

# PORTUGAL

DESDE OS TEMPOS MAIS REMOTOS DA LUSITANIA ATÉ NOSSOS DIAS

POR

*ALFREDO DE AMORIM PESSOA*

ESTUDO DOS COSTUMES DO POVO PORTUGUEZ
ATRAVEZ DOS SECULOS PARA SERVIR DE COMPLEMENTO Á

## HISTORIA DA PROSTITUIÇÃO

POR

PEDRO DUFOUR

ILLUSTRADA COM PRIMOROSAS GRAVURAS

LISBOA
210, R. DO OURO, **EMPREZA EDITORA DE F. PASTOR,** R. DO OURO, 210
**(ATELIER DE GRAVURA)**

1887

# HISTORIA DA PROSTITUIÇÃO EM PORTUGAL

## PRIMEIRA PARTE

### A Velha Lusitania

## CAPITULO I

SUMMARIO

Idéa geographica da Hespanha antiga — A Iberia — A *pelle de boi* de Strabão — Atrazo da sciencia geographica — Limites da Iberia, segundo os antigos — O Pyreneu — O Calpe — O promontorio *Cuneus* — O promontorio *Sagrado* — Montanhas e cordilheiras da Iberia — Os rios [illegible] — Minho ou Baenis, Anas e Betis — A [illegible] peninsula iberica — Os *celtas* — Os *carpetanos, oretanos e* [illegible] — A [illegible] — A Turdetania — Da foz do *Anas* ao estreito das *Columnas* — Carthéa — A ilha de Gadira — As tribus [illegible] — Os [illegible] — Os [illegible] — Os *[illegible]* — Os *[illegible]* — Os *[illegible]* — A *Celtiberia* — Os [illegible] — Os *[illegible]* — Geographia da Lusitania — Limites d'esta região.

Nos tempos remotissimos que antecederam as primeiras invasões dos romanos na peninsula iberica, a vasta região limitada ao norte pelo *Pyrineu*, ao sul pelo *Calpe*, promontorio *Cuneus* e promontorio *Sagrado*; ao nascente pelo *mar interior*, e ao poente pelo *mar exterior*, era só confusamente conhecida dos geographos. Se algum d'ella nos falla, é de um modo vago e obscuro, em que transparecem as velhas lendas da migração japhetica, ou dos heroes hellenicos, entre os quaes Hercules, Ulysses, Baccho e outros personagens fabulosos mereceram por muito tempo as honras de primitivos conquistadores do solo iberico.

Quando Roma dirigiu as suas conquistas para a extremidade occidental da Europa, os seus geographos, mais illustrados e conhecedores do paiz que

os dos outros povos, lograram definir melhor o solo iberico, e dar uma ideia mais clara dos antigos povos da peninsula.

D'entre estes geographos, Strabão, que escreveu os seus tractados geographicos no reinado de Tiberio, nos primeiros tempos da era christã, é o mais minucioso e exacto esmerilhador do mysterioso solo da Iberia.

No seu tempo, era grande o atrazo da sciencia cosmographica, e o romano, querendo dar uma idéa exacta do aspecto physico da Iberia, recorreu a uma imagem extremamente pittoresca. «A Iberia, diz elle, assimilha-se a uma grande pelle de boi, estendida na direcção do nascente ao poente, e com a cauda voltada ao levante.»

A peninsula iberica era n'esse tempo, pelo que respeita aos seus limites, o que é em nossos dias: o resto de um continente terciario, preso ao continente africano por Gibraltar, e prolongando-se para noroeste em territorios posteriormente tragados pelo mar. Segundo os antigos geographos, os limites da Iberia, eram do lado do norte o *Pyrineu;* ao sul o *Calpe*, o promontorio *Cuneus* e o promontorio *Sagrado;* ao nascente o *mar interior*, desde Nova Carthago até á extremidade leste do *Pyrineu;* ao poente, as costas banhadas pelo *mar exterior,* desde o promontorio *Sagrado* até ao cabo *Nerio.*

O interior da Iberia é atravessado por duas cordilheiras: *Edubeda,* parallela ao *Pyrineu,* e *Orospeda*, que partindo do meio da primeira segue a direcção de meio-dia. Os rios *Tejo, Minio* ou *Benis*, *Anas* e *Betis*, nascem a occidente das serras de *Edubeda.* O *Ibero,* outro rio famoso, corre para o *mar interior* entre o *Pyrineu* e a serra de *Edubeda.*

O *Tejo* dirige-se para o occidente, e o *Anas* para o sul. A região entre estes dois rios é uma especie de mesopotamia arida, que os geographos romanos nos dizem ser habitada por povos *celtici*, e por algumas tribus lusitanas. Limita esta região o promontorio *Sagrado*, considerado pelos antigos como o ponto extremo do mundo conhecido.

Alexandre Herculano, fallando das muitas indagaçoes que teem sido feitas para averiguar a origem e as caracteristicas dos povos da peninsula, diz o seguinte:

«Quem lê desprevenidamente os escriptores antigos e os modernos, que aproveitaram as suas affirmativas frequentemente disparatadas, e algumas vezes oppostas, para sobre ellas edificarem o systema mais contradictorio ácerca da divisão dos povos da Hespanha, só póde tirar uma conclusão sincera, e é que em tal materia pouquissimos factos teem o grau necessario de certeza para serem considerados como historicos.»

Em tudo quanto vamos dizer n'este capitulo ácerca da divisão dos povos da Iberia, seguiremos os auctores romanos. Mais tarde analysaremos o valor das suas assercoes, e pediremos auxilio á ethnologia para adiantarmos alguns passos com segurança n'este devéras intrincado caminho.

Costeando a Iberia, desde o promontorio *Sagrado* e na direcção do norte antes de chegar ao *Tejo*, encontra-se um grande esteiro, em cuja margem direita está edificada *Cetobriga*. No prolongamento d'este esteiro para nascente encontra-se *Malateca*, e na sua extremidade *Salaccia*. A costa toma então a

fórma de um golpho, limitado ao norte pelo promontorio *Barbario*. Perto d'este promontorio, o *Tejo* vae confundir as suas aguas com o *mar exterior*.

Os antigos geographos apresentam-nos as immediações do esteiro povoadas pelos *celtici*, algumas tribus *lusitanas* e tribus de *carpetanos*, *oretanos* e *retones*.

Ao nascente d'esta região arida e escalvada, onde a vida é rude e difficil, onde o ibero, que Tacito nos descreve, *colorati vultus et torsi plerumque crines*, de tez morena e cabellos crespos, não encontra os confortos da existencia que proporcionam outras regiões da peninsula, depara-se-nos a fertil e decantada *Turdetania*, banhada pelas limpidas aguas do poetico *Betis*, que lhe deu tambem o nome de *Betica*. Habita esta região um povo notavel, não só pela fertilidade do seu solo, mas até pela sua actividade commercial. Os turdetanos estendiam-se desde a foz de *Anas* até ao estreito das *Columnas*, confinando por este lado e pelo do norte com a *Oretania*.

Strabão falla tambem do *Calpe*, monte que se eleva junto do estreito das *Columnas*. O geographo romano diz que este monte é tão elevado e de tão pequena base, que, visto a distancia, se confunde com uma ilha. Perto do monte e sobre a costa, eleva-se uma cidade notavel, *Cartheia*, que antigas tradições nos apresentam como uma importante estação naval dos iberos.

Outra cidade notavel se nos depara ao poente de *Cartheia*,—*Melaria*, onde havia importantes estabelecimentos para a salga de peixe, e um pouco mais adiante a cidade e porto de *Belon*, em constantes relaçoes commerciaes e maritimas com o porto de *Tingis*, na *Maurusia*, do outro lado do estreito.

Encontra-se mais adiante *Julia Transducta*, e a ilha de *Gadira*, posição importante. Os habitantes d'esta ilha tornaram-se celebres pela sua dedicação aos romanos. Perto de *Gadira*, ao occidente, fica o porto de *Menestheu*, e o esteiro de *Asta* e *Nabrissa*, da qual ficam algum tanto distantes as duas embocaduras do rio *Betis*.

A *Turdetania*, região fertil e populosa, chegou a ter, segundo dizem os antigos 200 cidades, entre as quaes são mais notaveis *Corduba*, de fundação romana, a cidade dos *Gaditanos*, celebre pelas suas expedições e pela dedicação que teve pelos romanos, *Hispalis*, *Italica* e *Ilipa*, sobre o *Betis*, e nas proximidades de *Corduba* as cidades de *Munda* e *Cormon*. Era a mais florescente região da peninsula, no começo dos tempos historicos. Basta saber-se, pelo que a seu respeito dizem os romanos, que exportava vinho, mel, azeite e cereaes. Tinha abundantes jazigos metalliferos, nas montanhas que a limitavam ao norte.

O estreito das *Columnas* confinava tambem com a *Oretanea*, onde a tradicção assigna a habitação dos *carpetanos*, dos *retones* e dos *vacceanos*. Seguemse depois os *callaicos*, povos que segundo as maiores probabilidades, habitavam a norte e a leste a velha Lusitania.

A costa, comprehendida entre o estreito das *Columnas* e *Nova Carthago* era habitada pelos *bastetanos*, e a que vae de *Nova Carthago* até ao *Ibero* era occupada pelos *edetanos*. Da foz d'este rio até ao *Pyrineu*, encontravam-se os *indicetas*.

Os *bastetanos* possuiam a cidade e o porto de *Málaca*, notaveis pelas suas expedições maritimas e pelo seu commercio, a cidade de *Abderes* e *Nova Carthago*, um emporio commercial de grande importancia.

Entre *Nova Carthago* e o *Ibero* demorava a cidade de *Sucron*, e mais adiante, acima do *Ibero*, a cidade de *Tarracon* e de *Emporio*.

Os *iassetanos* possuiam entre o *Pyrineu* e *Edubeda* sobre o *Ibero* as cidades de *Cesaraugusta* e *Celsa*. Havia tambem entre as mesmas cordilheiras um povo astuto e industrioso, os *ilergetas*, que tinham duas cidades importantes *Osca* e *Ilerda*.

Nas faldas da cordilheira *Edubeda*, eram os limites da *Celtiberia*, região importante alargando-se para o occidente. Nascem n'esta região os rios *Durio*, *Tejo* e *Anas*, que muitas vezes a innundam. *Numantia* e *Serguntia* são cidades importantes edificadas nas margens do *Durio*. O povo mais notavel e poderoso da *Celtiberia* são os *arrecos*, junto á nascente do Tejo. Ha tambem alli a cidade de *Pallantia*, pertencente a outro povo da *Celtiberia*, denominado os *lusones*, povo do qual muitos geographos derivam o nome da *Lusitania*.

Dada esta idéa geral da geographia antiga de uma parte importante da peninsula iberica, passemos a tractar exclusivamente da que mais nos interessa, da Lusitania.

Esta parte da peninsula, habitada pelo menos por trinta povos distinctos, de origem mais ou menos commum, foi durante a dominação romana sujeita a varias divisões politicas, muitas vezes arbitrarias, que, segundo diz um escriptor moderno, «miravam mais ás conveniencias da administração geral da republica ou do imperio, do que á consagração da identidade de territorio, de raças e de linguas, nos agrupamentos dos diversos povos da peninsula.»

No tempo de Augusto e de Constantino, a Lusitania deixa de ter por limite ao sul o rio Tejo, para ser ampliada até á extremidade sul da peninsula entre o Anas e o promontorio Sagrado. O seu limite norte, o cabo Nerio, deixa de existir, e d'este modo nas divisões politicas romanas, os callaicos são considerados como um povo á parte dos lusitanos. A Lusitania geographica é, portanto, muito differente da Lusitania de que nos fallam os documentos romanos, nas diversas reformas administrativas do povo-rei.

Para o nosso intento, pomos completamente de parte as divisões romanas, e estudaremos a Lusitania, considerando-a exactamente como Strabão a considera, apesar de ter conhecimento immediato da divisão estabelecida no tempo do imperador Augusto. O geographo latino, na sua curiosa obra *De situ orbis*, dá á Lusitania os seguintes limites: ao norte o cabo Nerio, ao nascente a Celtiberia, ao sul o rio Tejo e ao poente o mar Exterior.

A Lusitania, assim considerada, é uma região quasi tão fertil e opulenta como a Betica. O solo é banhado por numerosos rios, entre os quaes os mais importantes, são o *Mundas*, o *Vaccua*, o *Limeas* e o *Minio*.

Ao norte, viviam os *artabros*, visinhos pela parte do nascente dos *astutos*. Eram homens rudes e aguerridos, e juntamente com os *callaicos*, provaram por mais uma vez o seu valor, defendendo heroicamente o solo da patria contra as legiões romanas do pretor Decio Junio Bruto.

Outros povos não menos notaveis são os lusitanos do Herminio, os aguerridos filhos das serras, que por tantos annos em asperas refregas souberam conter o impeto das legiões romanas.

Não podemos assignar a esta raça de fortes importantes centros de população, no tempo que antecedeu a dominação romana. Viviam nos asperos recessos das montanhas, e era d'alli que irrompiam como feras contra o romano invasor, que vinha roubar-lhes a independencia.

Só depois da conquista, quando os dominadores da Lusitania quizeram chamar para a agremiação civilisadora das cidades as tribus irrequietas, que tão pertinaz esforço haviam opposto á torrente invasora, vamos encontrar populações notaveis, onde os vencidos se sujeitavam á lei do vencedor, e acceitavam a civilisação que lhes era imposta, deixando a vida aspera e selvagem que até ahi tinham vivido.

É assim que podemos já então mencionar as florescentes cidades de *Olysipo* e *Aritio* sobre o Tejo, e mais adiante povoações de bastante importancia, taes como *Gerabrica, Scalabis, Conimbrica, Eminio, Lamcobrica, Calle, Bracara, Limea e Tude.*

A civilisação romana abriu dentro em pouco uma importante arteria de movimento commercial entre estas povoações. A *via* punha em communicação as povoações mencionadas, e em *Tude* dirigia-se a *Asturica* e a outras cidades do norte. O viajante que de *Olysipo* quizesse dirigir-se a *Emmerita*, podia seguir um dos tres caminhos abertos á circulação publica—ou por *Aritio, Matusaro, Ad-Septem-Aras* e *Budua;* ou por *Equabona, Cetobrica, Ciliana, Malateca, Salacia, Ebura e Ad-Adrum;* ou finalmente por *Gerabrica, Scalabis, Truxino e Mundobrica.*

Da Lusitania para a Betica, o accesso não era extremamente difficil. Ligadas *Ebura* e *Pax-Julia* pela via romana, das margens do Tejo ás do Betis podia seguir-se este itinerario: — *Ebura, Milis* e *Esurii,* ou então *Pax-Julia, Serpa, Raulia, Ossonoba,* e *Balsa,* na margem esquerda do *Anas.*

---

# CAPITULO II

## SUMMARIO

Os habitantes da Lusitania. Indigenas e aborigenas.—Os celtas.—Os phenicios.—Costumes dos invasores—Os invadidos. As valentes lusitanas. Seus habitos guerreiros.—A rudeza dos combates.—Sacrificios humanos—Costumes primitivos.—Mythologia.—O grande Endovellico.

No intrincado labyrintho em que vamos envolver-nos, completamente desprovidos de um fio conductor, encerra-se a historia mysteriosa dos nossos antepassados, envolta nos cerrados nimbos das mais escuras lendas, atravez das quaes é difficil descobrir a verdade historica.

Não discutiremos aqui a complicada questão do valor das tradicções, que filiam a nossa raça nos primitivos habitantes d'esta parte da peninsula iberica, e nos fazem ainda hoje os genuinos representantes dos antigos lusitanos. Demais a mais, a tradicção que nos dá similhante honra é de origem moderna. É no fim do seculo XV tão sómente que o alvitre se apresenta, embora d'esse tempo até agora se tenha tornado uma crença nacional, e o grande historiador Alexandre Herculano, analysando-a, escreve:

«Tudo falta: a conveniencia de limites territoriaes, a identidade da raça, a filiação da lingua, para estabelecermos uma transição natural entre os povos barbaros e nós.»

Para nós, a questão da identidade da raça, quer dizer, o saber se os portuguezes modernos são ou não os legitimos representantes dos antigos lusitanos, é um problema completamente insoluvel. O facto dos portuguezes da Edade-Média ignorarem a existencia dos seus antepassados lusitanos, é o argumento mais robusto de que os impugnadores lançam mão. Outros argumentos, porém, parecem robustecer esta descrença. Escasseiam completamente os monumentos escriptos, e para preencher esta deploravel lacuna não restam mais do que as fabulas ingenuas dos antiquarios do seculo XV, que consagraram toda a força da sua imaginação a architectar com as mais engenhosas fabulas a arvore genealogica dos antepassados da sua raça.

Para outros, a falta de documentos historicos e a propria obliteração secular da tradicção lusitana, não invalida ainda assim o valor da filiação da raça portugueza na raça lusitana. Ouçamos o sr. Oliveira Martins, na sua *Historia de Portugal*:

«Todos reconhecem hoje a indestructivel tenacidade das populações primitivas. Como raizes profundas que nenhuma charrua destroe, apesar de re-

volta a leiva pelo ferro das conquistas, depois de esmagadas as folhas e troncos pelo tropear dos cavallos de guerra, depois de queimados e reduzidos a cinzas pelos incendios das invasões; embora se lancem novas sementes á terra e nasçam vegetações novas, essas profundas raizes tornam a reverdecer, crescem, dominam um chão que é seu, e afinal convertem ou esmagam, transformam ou exterminam, de um modo obscuro, lento, mas invencivel, as plantas intruzas.

«A permanencia dos caracteres primitivos dos povos, facto hoje indiscutivel, permitte fazer, — consinta-se-nos a expressão, — a historia ao inverso: julgar de hoje para hontem, inferir do actual para o passado.

«A questão da raça lusitana apresenta-se-nos, pois, hoje n'estes termos: ha uma originalidade collectiva no povo portuguez, em frente dos demais povos da peninsula? Crêmos que a ha, circumscripta, porém, a traços secundarios. Crêmos que as diversas populações da Hespanha, individualisadas, sim, formam, comtudo, no seu conjuncto, um corpo ethnologico dotado de caracteres geraes communs a todas. A unidade da historia peninsular, apesar do dualismo politico dos modernos tempos, é a prova mais patente d'esta opinião.

«Esse dualismo, porém, leva-nos tambem a crêr que, entre as diversas tribus ibericas, a lusitana era, senão a mais, uma das mais individualmente caracterisadas. Não esquecemos, de certo, a influencia posterior dos successos da historia particular portugueza: mas elles só por si não bastam para explicar o feitio diverso com que as cousas, em si identicas, se representam ao nosso espirito nacional. Ha no genio portuguez o quer que é de vago e fugitivo, que contrasta com a terminante affirmação do castelhano; ha no heroismo lusitano uma nobreza que differe da furia dos nossos visinhos; ha nas nossas lettras e no nosso pensamento uma nota profunda, ou sentimental, ironica ou meiga, que em vão se buscaria na historia da cultura hespanhola, violenta sem profundidade, apaixonada mas sem entranhas, capaz de invectivas, mas alheia a toda a ironia, amante sem meiguice, magnanima sem caridade, mais que humana muitas vezes, outras da craveira do homem, a entestar com as feras. Tragica e ardente sempre, a historia hespanhola differe da portugueza mais propriamente épica, e as differenças da historia traduzem as dissimilhanças de caracter.

«Poderemos regressar agora ao passado, e perguntar-lhe a causa primaria d'este phenonemo? decerto não. Ou sombras impenetraveis o encobrem, ou a escassez do nosso saber não nos deixou ainda desvendal-o. Como hypothese, e do nosso atrevimento será escusa a nossa modestia, — somos levados a crêr que a individualidade de caracter dos lusitanos (quer n'elles incluamos os callaicos, quer não,) provém de uma doze maior de sangue celtico ou celta (questionou-se outr'ora sobre isto,) que gira em nossas veias, de mistura com o nosso sangue iberico. Os nomes proprios de logares, os nomes de pessoas e divindades, tiradas das inscripções latinas da Lusitania e da Tarraconense, que constituem o nosso Portugal, provam a preponderancia de um elemento celtico. As vagas indicações dos antigos fallam-nos dos celtas das margens de Guadiana, e dão-nol-os na costa occidental da peninsula. Vale, porém, mais do que isso

a analogia evidente entre as manifestações particulares dos lusitanos e dos gallegos, e aquella physionomia, que os estudos eruditos sobre os celtas da França e da Irlanda teem determinado a estes ultimos...

«Se a ideia de uma filiação nos lusitanos foi expressa de um modo ridiculo pelos antiquarios classicos, a ideia de uma filiação celtica ou celta, teve já a mesma sorte, quando quasi em nossos dias houve quem pertendesse filiar directamente o portuguez na lingua dos bardos. Paz do esquecimento a todas as chimeras!...»

Alguem affirmou, não ha muitos annos (1880), fundando-se na auctoridade de Diodoro, que os *lusitani* dos classicos não são iberos nem celtas, mas sim *ligures*, e que os ligures não são celtas sem deixarem de ser aryanos.

A Lusitania de que tracta Diodoro é a de Strabão, desde o Tejo até ao mar cantabrico, e os seus habitantes são considerados ligures. De *ligures, ligusi, liusi* com o suffixo *tani*, chega-se facilmente a *liusi* ou *lusitanii*, lusitanos.

Com este fundamento, sustentou-se que os lusitanos são *ligures*, e que estes affins dos thracos, illyrios e gregos, aryanos da primeira camada, sem serem celtas, provem da mesma stirpe que os celtas posteriores, e que por isso se notam as affinidades allegadas para a celticidade lusitana, a qual é falsa, sem importar a exclusão nem de lusitanos nem de ligures da familia aryana.

Mas detenhamo-nos aqui, n'este discretear monotomo sobre questões para cuja solução não podemos nem queremos trazer argumentos decisivos. E, como em tão remotas eras, nos seja completamente impossivel forragear subsidios valiosos para o quadro de costumes, que pretendemos esboçar, vejamos de relance o que a historia ou a lenda nos póde informar a respeito dos verdadeiros ou suppostos primitivos habitadores do nosso paiz.

Frei Bernardo de Brito, na sua *Monarchia Lusitana*, resolve a seu modo a questão, *fazendo a historia* da peninsula iberica desde o diluvio até á dominação romana, com uma serie de reis, principes e capitães, tão completa e averiguada, como se a houvera encontrado em documentos authenticos e incontestaveis.

Assim, no dizer do douto e consciencioso chronista, o primeiro d'estes reis foi Tubal, neto de Noé, fundador de Setubal. A Tubal succedeu seu filho Ibero, que deu o nome á peninsula, e d'ahi em diante desenrola-se atravez dos seculos toda a serie real, em que figuram Jubalda, Brigo, Tago, Beto, Gerião e seus filhos, reis fortes e conquistadores aguerridos, Hercúles, o lybico, Hispalo e Hispano, Hespero, Atlante, Sic-Oro e seu neto Sic-Ano, Sic-Celeo, Luso, Sic-Ulo, Testa, Romo, Bacho, Lysias, Licinio, Erythreio, Gorgoris, Ulysses e Abidis.

A cada um d'estes heroes attribue o chronista as mais arrojadas façanhas, com que poderiamos encher muitos capitulos da nossa obra, e onde nos seria facil respigar aventuras escandalosas. Deixamos, porém, ao imaginoso frade o privilegio dos seus inventos, e renunciamos de bom grado ao prazer de nos lucupletarmos em tão farta mina de patranhas.

Segundo Frei Bernardo de Brito, foi no reinado de Abidis na Lusitania

que os celtas invadiram a peninsula iberica. Demos de barato que assim fosse, e occupemo-nos d'estes invasores.

Os celtas eram aryanos. Da Persia e da India, os dois ramos asiaticos da grande familia dos aryas alastravam-se pela vasta peninsula do Ganges, e vinham tambem n'outro sentido até ás praias do mar Negro. Era temeroso aquelle espectaculo do enorme lençol aquatico para rudes selvagens, vindos de regiões affastadas do littoral. Quando pela primeira vez o contemplaram, denominaram-no *maru*, palavra que na sua linguagem primitiva tinha a significação de *deserto*.

A sciencia parece ter averiguado a existencia na Europa de duas especies de homens, antes das primeiras invasões dos aryas — a especie gigantesca e a especie pigmeia. Estes povos eram selvagens, caçadores ou pescadores, e não conheciam os metaes.

Com os aryas foi introduzida na Europa a vida agricola e pastoril, com elles veio tambem o conhecimento dos metaes. Os invasores exterminaram ou absorveram os primitivos habitadores da Europa. A nova raça tinha uma forte capacidade civilisadora, e o terreno por ella conquistado ia em breve soffrer uma grande transformação.

Pelos progressos da linguistica, acha-se hoje bem averiguado que os primitivos aryanos eram pastores, e sabiam construir casas e cabanas. Cosiam os alimentos e temperavam-nos com sal; tinham uma noção clara do tempo, e sabiam medil-o pelas phases da lua. A familia existia entre elles, o marido e a mulher, tendo relações fixas, auxiliando-se mutuamente. O pae de familia era o sacerdote, o chefe, o arbitro dos destinos, dentro do respectivo lar.

As familias assim constituidas reuniam-se em aldeias, e reinava entre ellas o espirito guerreiro e dominador, que lhes dava por toda a parte o predominio do mais forte, sobre as raças inferiores autochtonas. Na tribu, o chefe era o melhor soldado.

As moradas por elles construidas compunham-se de uma barraca formada de postes ligados. Dentro a cosinha, junto d'ella a cisterna, em volta um fosso, para defender o lar de qualquer ataque imprevisto.

Os aryas que vieram para a Europa, estiveram durante alguns seculos entre a Persia e a Armenia, onde as necessidades da vida lhes fizeram aprender a agricultura. Ha quem affirme que esta raça foi sempre agricultora, e que por isso exerceu na Persia e na Armenia a arte que lhe era habitual. A linguistica sustenta que de *ar* vem todos os termos de lavoura, e até o proprio nome do povo; *arya*, quer dizer lavrador.

Quando entraram na Europa, os invasores eram, além de agricultores, artifices. Sabiam forjar o ferro em bigornas de pedra. Homens e mulheres usavam adornos de prata e de ouro, anneis e braceletes. Iam-se ás florestas escavar o tronco das arvores e d'elles faziam barcos para a navegação fluvial. Pastores, utilisavam a lã dos seus rebanhos; guerreiros, sabiam domesticar os cavallos e servir-se d'elles nos combates. Transposto o Caucaso, alastraram-se por toda a Europa, d'este monte até á Hespanha, da Italia e da Grecia ás ilhas britan-

nicas e até ao Baltico. A sua invasão encontrou apenas um obstaculo — os gelos do polo e o Atlantico.

Os celtas, um dos ramos dos aryas, estabeleceram-se na Gallia, e d'alli se alastraram para diversos pontos da Europa. Encontram-se ainda hoje vestigios das suas migrações na Galliza, na Bretanha, na Escocia, na Irlanda. Na Lusitania, no tempo dos romanos, havia os celtas callaicos e os celtas do sul, desde o Guadiana até ao cabo de S. Vicente. É possivel que nós os portuguezes, a quem os hespanhoes chamam os *francezes da Peninsula,* sejamos tambem uma reliquia da raça celtica, raça da qual a França é ainda hoje um monumento historico.

A origem dos povos antiquissimos envolve-se quasi sempre nas mais extranhas lendas. A lenda da origem dos celtas é curiosissima. Celtina, filha de Britannus, rei de um paiz septentrional, era uma donzella de uma castidade feroz, que fazia o desespero dos seus adoradores. Desprezava todos os pretendentes, repellia-os com desdem, n'uma palavra, era inaccessivel a todos os galanteios.

Um dia, o acaso fez-lhe encontrar no seu caminho Hercules, lybio, heroe de mil extraordinarias proezas, e dotado ao que parece de uma formosura varonil excepcional. A princeza, loucamente enamorada do heroe, declara-lhe o seu amor, mas, ao que diz a lenda, não logra captival-o. Hercules acabava de praticar uma façanha de primeira ordem; roubara os bois de Geryão, e ia conduzindo os famosos animaes, muito orgulhoso d'aquella presa. O ensejo não era dos mais propicios para idyllios, embora com a mais formosa das princezas, e o latagão mostrava-se indifferente a todas as suggestões.

A frieza do seu amado mais irrita o temperamento da princeza. Sente-se arder em desejos sensuaes poderosissimos, e persegue o indifferente. Quando viu que os seus rogos e o seu amor não conseguiam abrandar aquella penha, Celtina, que apesar de mulher, tinha animo e exforço para a lucta, rouba a Hercules os seus bois, e declara-lhe peremptoriamente que não poderá rehavel-os, emquanto não saciar os desejos que a devoram. Hercules rende-se á discrição, e satisfaz a vontade de Celtina. D'esta ligação sexual nasce Celtus, o pae da raça celta.

Da Gallia celtica os celtas vieram á peninsula e occuparam primeiramente, ao que parece, a parte da Betica conhecida pelo nome de Beturia, ao oriente do Guadiana, entre a Extremadura hespanhola e o oceano Atlantico. Passando á Lusitania, estabeleceram-se na parte do Alem-Tejo, ao norte dos turdetanos. O Guadiana extrema-os ao oriente dos celtas da Beturia.

Dizem que Elvas, Extremoz, Villa-Viçosa e a antiga Merobriga eram as principaes cidades, de que os celtas estavam senhores.

Segundo a tradicção, a invasão dos celtas foi contrariada na Lusitania pelos antigos habitadores do paiz. Os *barbaros* ou *sarrienos,* que da serra da Arrabida se estendiam até á confluencia do Canha com o Tejo, foram os seus mais encarniçados inimigos.

Estes povos sustentaram contra os celtas luctas sanguinolentas. Segundo alguns auctores, o nome de barbaros proveio-lhes da sua natural ferocidade, e

por isso até ao cabo da Roca que era um dos limites do seu dominio, chamaram os antigos promontorio Barbaro. Segundo Resende (*Antiquitates Lusitaniæ*) o nome de barbaros proviera-lhes do termo *Barbarii*, derivado de *Barbaricarii*, significando tintureiros. Entre estes povos fazia-se importante commercio de grã escarlate, que se criava na serra da Arrabida.

Seja como fôr, os sarrienos vagavam pelas serras, mantendo-se da caça e do que roubavam aos visinhos. Eram indomaveis, e os romanos mais tarde tiveram de soffrer da sua parte a mais tenaz das resistencias. Não tinham a menor noção de pudor, segundo antiquissimas tradicções, a que daremos apenas a fé que merecem affirmações feitas sem base que as robusteça.

As mulheres acompanhavam os homens na caça e na rapina, e a prostituição era para ellas um dever, imposto pelos costumes. Quando o mar encapellado rugia contra as costas, os sarrienos procuravam aplacar as divindades marinhas, sacrificando-lhes em cima dos rochedos um homem e uma mulher; outras vezes algumas crianças eram immoladas por aquelles selvagens ao oceano temeroso, deus temivel, pae e dispensador de todas as cousas: *oceanum, patrem rerum*.

Vestiam-se de pelles, e untavam os cabeltos com azeite. A sua religião era o medo, o espanto. Adoravam o mar, a grande força inconsciente, que fustigava irritado as costas do seu territorio. Caçadores selvagens, luctadores pertinazes, não construiam aldeias nem cidades, e as mais das vezes, abrigavam-se no recesso das montanhas, ou em covas, exactamente como a caça de que se alimentavam. Outro alimento fornecia-lh'o o mar. Os escriptores que se referem a estes povos consideram-nos como os mais temiveis e esforçados de toda a Lusitania.

Contrastando com os selvagens sarrienos, os turdulos eram um povo de costumes doces e pacificos, e occupavam todas as terras que vão do norte a sul entre o Tejo e o Douro, e a zona que se estende do cabo da Roca ao cabo Mondego.

Tinham leis, que viveram por muito tempo em tradicção, e que alguns auctores nos dizem serem feitas em verso. Dividem-se os turdulos em antigos e modernos. Estes ultimos ficavam mais acima dos celtas ao norte da provincia do Alemtejo, confinando tambem com estes povos pelo lado sul da mesma provincia.

Os turdulos viviam agremiados em cidades importantes, taes como Ulysipo, Scalabis, Eburobricio, Collipo, Conimbria, etc.

Outro povo de costumes singulares eram os pesures, habitantes do famoso Herminio e rudes como as suas serranias. Os peesures vestiam-se de pelles, e viviam da rapina. O casamento entre elles era desconhecido; o que havia era uma promiscuidade torpe, e as relações sexuaes não se rodeavam de mysterio. «As mulheres, diz Alladio, eram feias e pouco continentes.»

De outros muitos habitadores da Lusitania nos fallam os escriptores antigos, sem que nos digam cousa digna de memoria dos seus costumes. Algumas lendas existem a este respeito, mas como diz um escriptor notavel, a historia sincera envergonha-se da gloria vã das antiguidades mentirosas. São escassos os

subsidios que nos restam da historia de trez dezenas de seculos, e nas trevas de tão remoto passado, não é facil encontrar a luz de que precisamos.

Era fertil o paiz, e facil a vida para a maior parte dos seus habitantes. No littoral abundavam as riquezas que o mar concede: nos valles interiores, por detraz dos serros, o terreno recompensava largamente os trabalhos da agricultura.

Faremos ainda uma pequena resenha dos povos de que nos fallam os escriptores antigos, antes de chegarmos a épochas menos distantes d'esta em que tão difficil se torna o nosso trabalho.

Os pesures, de que acima fallámos, confrontavam ao occidente com os belitanos, povos que das faldas do Herminio chegavam até á margem oriental do Mondego. Os belitanos eram uma soberba raça de homens, fortes e musculosos, affeitos ao trabalho, e batendo-se como leões, quando os invasores pretendiam esbulhal-os dos seus dominios.

As mulheres batiam-se a seu lado com uma coragem varonil, e iam até muitas vezes fazer guerra em grupos numerosos, emquanto que os homens ficavam intrincheirando as povoações, ou accudindo a algum ponto de mais facil investida. O espirito de independencia animava este povo, dando-lhe um impeto heroico, sempre fatal ao inimigo.

Os transcudanos povoavam uma parte da provincia de Traz-os-Montes. No Minho viviam os graios, os gronios e os braccharos.

D'estes ultimos estão cheias as antigas historias, todas unanimes em nos contarem as suas conquistas, e as invasões e rapinas que fizeram no territorio dos outros povos.

Não especialisaremos os costumes de cada uma d'estas tribus, porque além das differenças que já registrámos, usos e costumes eram communs entre elles.

Segundo alguns chronologos, foi ahi pelos annos de 1640 antes de Christo, que os phenicios aportaram á Lusitania.

Os phenicios eram um povo marinheiro, lavrador e pastor, habitando uma estreita tira de terra á beira do Mediterraneo. A costa da Syria é um vasto porto, limitado ao sul pelas dunas de Suez e ao norte pelo macisso da Asia-menor. Em contacto com o mar, que os convidava a aventurarem-se ás travessias, os phenicios foram navegadores e commerciantes, e levaram por todo o Mediterraneo as suas colonias, os seus productos, os seus costumes e a sua religião. Melkart, o Deus phenicio, o deus do commercio e da navegação, aportou a todas as bahias do Mediterraneo, cioso por muito tempo de não deixar descobrir a novos competidores os segredos da navegação.

Os navios phenicios eram o *gaulos*, o navio primitivo, redondo á pòpa e á pròa, armado para a travessia com uma vela e vinte remos ou mais ainda. Galés compridas e velozes, impellidas por cincoenta remos, transportavam as mercadorias, e serviam para os ataques navaes. Havia navios que comportavam quinhentos homens. Navegavam noite e dia pelo Mediterraneo, guiados no meio das trevas pela estrella polar, que os gregos chamavam a estrella dos phenicios. A monção d'estas navegações mediterraneas era de março a outu-

bro. O commercio era importante, e os metaes eram a principal das mercadorias. Muitas vezes vendiam tambem escravos, os prisioneiros, os tripulantes angariados para esse fim em qualquer bahia grega. Não tinham ainda inventado a moeda, mas em troca das suas mercadorias e dos seus escravos, recebiam purpura e estanho e outros productos de que precisavam.

Conhecendo toda a vantagem que lhes dava sobre os outros povos a pericia da sua navegação, exaggeravam os perigos das viagens do Mediterraneo, para que nenhum outro povo se aventurasse a disputar-lhes o commercio do occidente. Lê-se em Strabão que um mercador phenicio, vendo a sua galé seguida por um navio romano, para descobrir o rumo que levava e o ponto a que se destinava, não hesitou em sacrificar a galé e a tripulação, indo desfazer-se contra um escolho, onde os romanos naufragaram do mesmo modo.

Melkart, o Deus phenicio, conduzia as suas galés ás duas costas do golpho persico, percorria os dois lados do mar Vermelho, as costas da Arabia e mesmo, segundo alguns, chegava ás boccas do Indo. O mercador aventureiro ia a essas regiões remotas em busca do estanho, como mais tarde explorava a costa africana para comprar o salitre, o alumen, o sal, as pelles dos leões e das pantheras, o marfim e os escravos.

Ao longo do Mediterraneo, os seus navios chegavam ás columnas de Hercules, iam a Cadiz, e commerciavam com a Hespanha, cujas minas de prata lhes forneciam um commercio importante e productivo. Por toda a vasta costa hespanhola a navegação phenicia encontrou portos de abrigo para as suas galés, e um trafico rendoso e cubiçado.

Vejamos agora a influencia operada nos costumes dos primitivos habitadores do littoral da Lusitania por esse povo navegador, que á medida que ia commerciando, fundava por toda a parte cidades e feitorias.

Os phenicios divinisaram o genio da sua nação em Melkart, conhecido tambem pelos gregos sob a denominação de Hercules Tyrio. Era o protector do commercio, o dispensador das riquezas e o guia do seu povo. Os altares do deus tutelar da nação elevavam-se em todas as cidades, e multiplicavam-se ao longe, em todos os pontos onde apertavam as galés de Tyro.

Cadmo, filho d'este deus, é o grande heroe phenicio. Foi elle que ensinou o alphabeto aos gregos. É a personificação do espirito aventureiro e civilisador d'aquelle povo, que transmitiu a sciencia e as artes aos povos occidentaes. Foi elle que ensinou a escripta, a arte de explorar as minas, a arte de trabalhar os metaes. É o povo phenicio, illuminando por toda a parte as trevas dos povos do occidente, como diz o velho Herodoto: (v. 58-9)

«Os phenicios, companheiros de Cadmo, ensinaram aos gregos muitas cousas novas, entre ellas o alphabeto que, a meu ver, se não conhecia antes.

«No principio, os gregos usaram dos caracteres phenicios; depois com o tempo, modificaram-lhes o som e a forma. Os jonios eram, d'entre os gregos, os que n'essas eras habitavam os paizes visinhos: tendo aprendido com os phenicios os caracteres, mudaram-lhes um pouco a configuração. Dizem, empregando-os, que se chamam lettras phenicias, e com razão, pois que a estes as devem. Desde as eras mais remotas, os jonios tambem chamaram diphte-

ros aos livros, porque sendo rarissimo o byblo, serviam-se de pelles de cabritos e cordeiros curtidas. Ainda no meu tempo a maxima parte dos barbaros escreve n'esse genero de pelles. Vi pessoalmente na Beocia caracteres cadmeanos no templo de Apollo-Ismeneano.»

Mas estes deuses tutelares não eram infelizmente os unicos do povo phenicio. Não era só o commercio e as artes que as galés phenicias transportavam, sulcando rapidamente o mar, para as terras occidentaes. Juntamente com Melkart, vinha o simulacro de Astarté, e o culto d'esta deusa impura teria de preverter os costumes simples dos primitivos habitadores das regiões da Iberia.

De Babylonia, a grande cidade corrompida, a prostituição espalhara-se largamente como um flagello pela Asia e pela Africa, até ao fundo do Egypto e da Persia. Em cada paiz, onde a semente corruptora germinava, a prostituição ia tomando novos aspectos, e o culto impuro revestia novas formas.

Na Armenia, Venus, a deusa impura, tinha o nome de Anaitis: a phenicia, chamava-se Astarté. Sob este nome, deificavam-se os orgãos sexuaes da mulher. Era o culto impuro inventado pelos homens, e as mulheres não tardaram a imital-os, inventando o culto da natureza mascula, deificada em Adonis, que foi mais tarde o lubrico Priapo, adorado no occidente.

A Venus phenicia tinha templos em Tyro, em Sidon, e nas principaes cidades da nação, sendo os mais celebres os de Heliopolis e de Afaque, nas proximidades do monte Libano.

Á noite, a multidão povoava estes templos, e em honra da deusa, os homens disfarçavam-se em mulheres e as mulheres em homens, entregando-se com furor á mais infrene orgia. O sacerdote dirigia as lubricas ceremonias, e uma musica horrenda suffocava os gritos libidinosos d'aquellas scenas nefandos, permittidas por uma religião immoral, e impropria de um povo tão adiantado.

A lei da hospitalidade impunha aos phenicios o dever de prostituirem suas filhas aos estrangeiros. O hospede não podia sem desdouro recusar este testemunho de benevolencia, e o chefe de familia era o proprio que apresentava a victima para o sacrificio obsceno.

Quando os phenicios aportaram á Hespanha, e povoaram de cidades o littoral, os templos de Venus multiplicaram-se em todos os seus estabelecimentos. A marinha mercante d'este povo encarregava-se de levar a toda a parte a corrupção que o infestava, e cada novo emporio acceitava de bom grado um culto que lisongeava todas as paixões. Em volta dos templos da deusa impura, levantavam-se tendas, onde as raparigas iam sacrificar á Venus phenicia. De principio, estes sacrificios obscenos não tinham caracter religioso. Os navegadores estabeleciam ao longo das costas logares de prostituição, onde podessem encontrar facilmente o prazer, depois de uma longa travessia. Com o andar dos tempos, os sacerdotes associaram a estas orgias a ideia religiosa, invocando para proteger o recinto dissoluto a Venus fecunda dos seus altares.

Os templos da deusa eram de ordinario edificados em logares elevados, d'onde se avistava o mar. Ao largo, os navegadores descobriam a mansão da

deusa, e esta visão suave apparecia-lhes como uma promessa de prazer e de repouso, depois de uma viagem difficil e arriscada.

Industriados pelos phenicios no commercio e nas artes, os povos do littoral da Iberia, não tardaram tambem a imitar-lhes a corrupção. A prostituição teve por essa épocha nos estabelecimentos phenicios da peninsula o mesmo caracter de mercantilismo que este povo imprimia a todas as suas manifestações. Antes do casamento, as raparigas iam fazer o sacrificio do pudor, para ganharem o dote, e tinham o direito de escolherem marido, quando a quantia ganha d'este modo era consideravel. Como já dissemos n'outra parte da nossa obra, o esposo por ellas escolhido não podia deixar de acceitar similhante honra, e bom ou mau grado seu, tinha de receber por legitima esposa aquella mulher prostituida.

Havia tambem a prostituição na escravatura. Os phenicios compravam ou raptavam donzellas, que levavam para o seu paiz, ou que vendiam mesmo nas suas paragens ao longo do Mediterraneo, quando o preço era convidativo. A Iberia fornecia-lhes um grande contingente para este commercio odioso, que elles exploravam torpemente, no seu positivismo de mercadores endurecidos, que não attendiam senão ao lucro, e d'elle faziam o seu deus predilecto.

Nas festas de Astarté, era enorme a multidão agglomerada nos templos, multidão que não se compunha só de phenicios, mas tambem de estrangeiros, porque o obsceno culto da deusa lisongeava as paixões de todos os povos. A dupla Astarté de Tyro e Sidon encontrava facilmente adeptos por toda a parte onde era levada. Os adoradores de Mylita, Anaitis, Urania, Myrta, ou de qualquer outra divindade propicia aos extravios da sensualidade, não podiam mostrar-se adversos á boa deusa phenicia, tão condescendente para todas as fraquezas, tão propensa a favorecer o vicio! Sob a tenda sagrada, onde as mulheres phenicias, casadas ou solteiras, e as escravas dos mercadores esperavam as caricias dos romeiros, havia logar amplo para todos, e o estrangeiro, o hospede, era recebido até com uma notavel predilecção. Eram para elle as mulheres mais formosas e as provocações mais lascivas, e quando o sacerdote fazia resoar o pandeiro religioso, os braços voluptuosos das sacerdotisas de Astarté abriam-se para quem queria, n'um abandono promettedor das mais requintadas delicias. Mais tarde, n'estas ceremonias lubricas, o pandeiro sagrado foi substituido por instrumentos mais aperfeiçoados, e a lyra, a flauta e o psalterio dos orientaes vieram estimular a libertinagem dos actores, juntando o seu encanto voluptuoso á musica dos osculos ardentes d'aquellas mulheres sensuaes.

Ás festas de Astarté associavam-se tambem as festas de Adonis. Depois dos sacrificios a Poseidon, o deus marinho, protector dos navegantes, Adonis, a personificação divina da natureza mascula, recebia tambem as homenagens dos phenicios. Em honra d'este deus caçador, devorado por um javali, e continuamente chorado por Venus, celebravam-se as festas funebres e as festas da alegria. As festas funebres constavam de lamentações, e durante ellas a immensa multidão cosmopolita vagueava em torno do templo, onde as mulheres iam sacrificar ao deus o seu pudor e os seus cabellos. Ao côro de lamentações succediam-se bem depressa as fustigações. As mulheres batiam-se mutuamente

com as mãos e ás vezes com varas. Sob o portico estava n'esses dias e estatua phallofera do deus resuscitado, e apenas o simulacro apparecia, casadas e solteiras eram obrigadas a ceder os cabellos ao altar ou o corpo á prostituição. Quando se obstinavam em conservar as tranças, dirigiam-se a uma especie de mercado, onde d'esta vez só os estrangeiros podiam ter accesso. Conta Luciano que essas pobres mulheres estavam alli á venda um dia inteiro, entregando-se ao trafico deshonesto todas as vezes que eram sollicitadas e retribuidas.

Depois das festas patheticas, seguiam-se as festas da alegria, e por essa occasião praticavam-se no recinto do templo espantosas monstruosidades.

Os phenicios chamavam a Astarté a mãe dos deuses.

Installando-se nas costas meridionaes da Hespanha, este povo não tardou a corromper os costumes primitivos dos indigenas, que seduziam com o seu commercio e com os seus costumes dissolutos. Até ao promontorio Sacro, hoje cabo de S. Vicente, o littoral do Algarve foi logo povoado de feitorias phenicias, e por toda a parte o culto depravado de Astarté encontrou milhares de proselytos.

Os gregos não tardaram tambem a seguir a esteira dos phenicios e a estabelecer colonias nas costas orientaes da Hespanha. A communicação que estes povos tiveram com os habitantes da Lusitania, embora não fosse muito extensa nem muito intima, contribuiu no emtanto para lhes corromper cada vez mais os costumes. Os gregos eram um povo eminentemente corruptor. Uma nação, cujas crenças religiosas constituiam apenas um conjuncto de lendas impuras, devia ser essencialmente dada ao goso sensual.

A Grecia recebeu da Asia o culto de Venus e de Adonis, e como se estas duas divindades impuras não bastassem, deu-lhes uma infinidade de nomes differentes, e havia em toda a nação quasi tantas Venus como templos e estatuas. A historia de cada um dos deuses era apenas um hymno voluptuoso composto em honra dos prazeres sensuaes.

Desde os tempos mais obscuros da sua historia, a Grecia acceitou o culto da natureza mascula e da natureza femea divinisadas, exactamente como os phenicios o haviam estabelecido em Tyro. Levado pelas galés dos mercadores tyrios á ilha de Chypre, onde ficou tendo altares previligiados e famosos, propagou-se bem depressa por todas as ilhas do archipelago, e invadiu Corintho, Athenas e todas as cidades da Jonia. O genio grego revestiu o culto phenicio de requintes lubricos, desconhecidos nos grosseiros templos de Baal-Phegor.

O culto secreto de Venus não nos é referido com todos os seus pormenores pelos escriptores gregos. No emtanto, alguns poetas alludem a elle nos seus versos, e deixam-nos presumir as scenas monstruosas de que esse culto era objecto. Trazido ao occidente pelos colonos d'essa nação sensual e imaginosa, comprehende-se bem todo o effeito que esse culto mysterioso exercia nos povos postos em communicação com os gregos. O culto da prostituição não tardou a generalisar-se em todas as regiões de Hespanha abertas ao commercio grego.

Temos, pois, os indigenas da Lusitania em communicação com os phe-

nicios e os gregos, acceitando os seus costumes, e tomando parte na espantosa corrupção d'estes povos.

Como já dissemos, estes indigenas eram tribus independentes umas das outras, vivendo cada qual em harmonia com as suas leis proprias, e associando-se tão sómente, quando o perigo commum aconselhava a união. O soldado mais valente e destemido era então eleito para chefe de todas as tribus, e acabada a guerra, resignava o commando, voltando a ser um simples particular.

Além do culto obsceno a que já nos referimos, os lusitanos acceitaram dos gregos o culto de Marte, de Venus e de Minerva. Adoravam tambem Hercules Lybico, a quem attribuiam a fundação do famoso templo do Sol, edificado no promontorio Sacro.

A estas divindades offereciam os lusitanos as mãos direitas dos prisioneiros de guerra, que em seguida eram degolados junto dos altares.

Antes de partirem para a guerra, reuniam-se em assembleias formidaveis, onde se discutiam os planos de campanha e se concertavam todas as cousas necessarias ao bem commum. Qualquer proposta era admittida, quando os membros da assembleia batiam uma pancada no escudo. Um sussurro irritado indicava a reprovação de qualquer alvitre.

Segundo Strabão, eram dextros e habeis em ciladas. As suas armas consistiam n'um escudo concavo de dois pés de diametro, um cutello ou punhal, dardos e lanças de cobre. Eram excessivamente sobrios na alimentação, que consistia principalmente em carne de bode, ou de cabrito. Nos recessos das montanhas, o pão de que usavam era fabricado de bolotas reduzidas a farinha.

Tinham tambem uma bebida feita de cevada, de que raras vezes faziam uso. Bebiam quasi sempre agua, e se algum vinho fabricavam, era destinado aos banquetes solemnes de familia, que se realisavam depois das grandes solemnidades, ou por occasião da morte de alguns dos seus principaes.

Dormiam na terra núa, ou em cima de um monte de feno.

Vestiam de preto, e as mulheres usavam vestidos compridos e roçagantes. Tinham estas mulheres *carões lindissimos*, para nos servirmos aqui da pittoresca expressão de Frei Bernardo de Brito. Por cima dos vestidos de que fallamos usavam ainda tunicas bordadas.

Raras eram as tribus que conheciam bateis de madeira; quasi todas ellas usavam embarcações de couro, e era assim que percorriam os rios navegaveis.

Nas aras de Hercules, além das victimas humanas eram tambem sacrificados cabritos e cavallos. Quando partiam para a guerra atavam os cabellos com uma fita, para os não estorvarem no combate.

A applicação da justiça entre estes povos era barbara, cruel e summaria! Os parricidas eram apedrejados, os outros crimes graves costumavam ser punidos de um modo verdadeiramente horrivel: os criminosos eram precipitados nos desfiladeiros.

Desconhecendo completamente a medicina, expunham os seus doentes nos caminhos para que os transeuntes, que tivessem conhecimento de enfermidades analogas, lhes dessem conselhos efficazes.

O occidente desde o Tejo ao cabo Nerio era mais povoado do que o oriente, accidentado e montanhoso, que só a grandes espaços tinha centros de população. O solo occidental era mais fertil, possuia mais faceis communicações, e a abundancia da pesca attrahia o agrupamento da população.

Os braccharos, rudes combatentes, untavam-se de azeite duas vezes por dia, para serem mais ageis e robustos. É o mesmo costume dos lacedemonios, e não sabemos dizer se lhes proviria d'este povo.

Viviam em habitações acanhadas, toscas e circulares. Antes de partirem para a guerra, immolavam um prisioneiro e pretendiam augurar pelas entranhas o bom ou mau successo da campanha que iam começar. Para que o juramento ou a promessa fosse inviolavel, immolavam um homem e um cavallo no altar de Marte, ou de Hercules. Em seguida, mettiam as mãos nas entranhas das duas victimas, e collocavam-nas gottejando sangue no altar do deus. Todo aquelle que faltasse ao juramento feito d'este modo era tido por infame!

Emquanto os homens se occupavam da guerra, ou de pastorear os rebanhos, as mulheres commerciavam, ou entregavam-se aos cuidados domesticos. Exceptuava-se o caso de um grande perigo, ou de uma invasão temivel, porque então as mulheres combatiam denodadamente ao lado dos homens. Os escravos eram destinados aos cuidados agricolas.

Os povos d'Entre-Douro e Minho participaram intimamente dos costumes dos gregos. Tinham jogos publicos, que celebravam com grande pompa, davam festins enormes, em que os jovens cantavam os louvores dos heroes do paiz. As mulheres d'estas tribus distinguiram-se muito tempo pela sua castidade. A especie de civilisação que n'ellas culminava não tardou a corromper-lhes os costumes primitivos, e a pouco trecho esqueceram a castidade dos seus antepassados para se dedicarem phreneticamente ao culto de Venus, e ao excesso de todas as sensualidades. Lendas antiquissimas celebram a valentia d'estas mulheres, que se batiam com denodo, e preferiam procurar a morte na ponta das lanças de cobre dos contrarios, a ficarem prisioneiras de guerra. Ha tradicções de uma famosa batalha entre os callaicos e estes povos, em que as mulheres dos dois partidos obraram prodigios de valentia. Esta batalha é conhecida pelo nome de *batalha das mulheres*, porque ao sexo fragil coube n'esse prelio cruento a maior parte da gloria de famosos rasgos heroicos.

Além dos deuses, de que já fallámos, adoravam os lusitanos o grande Endovellico.

Segundo a tradicção, Maherbal, governador das feitorias de Carthago na Lusitania, foi muito estimado dos povos d'esta região, pela brandura e affabilidade com que os tractava, e tanto que lhe consentiram de bom grado estabelecer uma fortaleza em Lacobriga, onde residia. No tempo do seu governo, aportou á costa lusitana uma galé tripulada por gregos da ilha de Chypre. A republica de Carthago estava em guerra com os da ilha grega, e por isso o governador tractou logo de se apoderar do baixel cyprio.

Não tardou muito que o governador carthaginez não enfermasse gravemente, chegando a considerar-se perdido. Consultou agouros, convidou de toda a parte os mais peritos na sciencia devinatoria, até que lhe foi dito que estava

soffrendo o castigo do grave sacrilegio praticado contra o deus do amor, ao aprisionar-lhe o baixel dos seus mais ferverosos adoradores, os cyprios. Maherbal tinha amor á vida, e embora, como bom carthaginez lhe custasse os olhos da cara largar a presa, a superstição e o terror dominaram-no completamente, e apressou-se a pôr em liberdade os cyprios, restituindo-lhes quasi tudo quanto lhes havia tomado, e empenhando-se além d'isso com os lusitanos para que lhes concedessem terras onde podessem viver e estabelecer-se com vantagem.

Parecendo-lhe ainda insufficiente esta generosidade para applacar o deus irritado, determinou dar-lhe uma reparação mais solemne, e para isso deliberou edificar um templo em sua honra. Os lusitanos denominaram então Endovellico o deus do amor, e prestaram-lhe um culto fervoroso, multiplicando por toda a parte os seus templos.

Divergem as opiniões a respeito d'este deus, cujo nome alguns derivam da palavra grega *Balos* ou *Valos*, que quer dizer caminho, e do nome *Endon*, que quer dizer dentro. Os que são d'este parecer affirmam que o deus presidia aos caminhos, como o deus *Termino*, que velava pela propriedade nos limites dos campos. Algumas inscripções encontradas em Villa-Viçosa levam-nos a outra conclusão.

Vasconcellos, nas suas notas a Resende (*Antiquitates Lusitaniæ*) assegura que a palavra Endovellico se compõe de *Endo*, nome de algum heroe da antiga Iberia, e do verbo *evellere*, que significa tirar e arrancar, por isso que a esse heroe divinisado se attribuia o poder de arrancar das feridas o ferro que alli ficava cravado. Parece ser este o sentido da antiquissima inscripção:

*Herculi Patrio Endovellico*
*Toletum urbs victrix Osca*
*Deis Tutelaribus compeditos*
*Ursos, Tauros, Aves, Liricas*
*Quotannis decreto dicarerunt.*

«Toledo e a cidade victoriosa de Osca consagram aos seus deuses tutellares, a Endovellico, o Hercules do paiz, touros, ursos e avestruzes mettidos n'um parque, para a solemnidade dos jogos que todos os annos se celebram.»

Vasconcellos, firme n'esta opinião, e esquecendo que o deus Endovellico talvez já tivesse este nome, antes de existir na Lusitania a lingua latina, não podendo por conseguinte o nome Endovellico compôr-se do termo *evellere* latino nem da palavra *Endo* iberica, censura asperamente Resende por affirmar que o nome do deus tirava a sua etymologia da cidade *Endovellia*, quandoem seu parecer jámais similhante cidade existira na Hespanha.

Pelo que n'outros auctores encontramos, Resende esteve n'esta questão mais perto da verdade que o seu contradictor. O douto antiquario é de parecer na sua dissertação que o nome do deus Endovellico se formára de dois termos *Endo* e *Vellico*, sendo o primeiro o nome da divindade, e o segundo o do paiz, onde era particularmente adorado. O nome Vellicos compunha-se de Vellica, cidade da Cantabria, nas nascentes do Ebro, cidade celebre pelo culto do

deus, que d'aqui foi chamado Endo de Vellicos, como a Apollo se chamava de Delphos, e a Hercules de Tyro.

Luiz Alphitander sustentou que Endovellico era Tubal, considerado geralmente pelos antiquarios hespanhoes como o patriarcha da sua nação, e metamorphoseou este neto de Noé em Cupido, ou deus do amor, attribuindo-lhe a virtude de curar as paixões amorosas e de dar saude ao corpo. Parece esta opinião algum tanto conforme ao sentido das inscripções achadas em Villa-Viçosa, e que vamos transcrever aqui:

*Endovellico sacratum*
*Marcus Julius*
*Proculus animo*
*Libens votum solvit.*

*Deo Endovellico sacratum*
*Julia Ediana, voto suscepto*
*Elvia. Ubas, Mater, Filiæ*
*Suæ. Votum susceptum*
*Animo libens posuit.*

*Endovellico Critonia, maxuma.*
*Ex voto. Pro Critonia. C. F.*

*C. Julius novatus, Endovellico*
*Pro salute Vincuminæ venustæ*
*Maniliæ suæ. Votum solvit.*

Vê-se d'estas inscripções que o Deus dos lusitanos era advogado da saude.

Reinesio é de opinião que o deus era o Apollo Bellino das inscripções de Aquiléa, o que não parece sufficientemente demonstrado.

Seja como fôr, a lenda que attribue a Maherbal a fundação do templo de Endovellico está longe de se basear em argumentos solidos. Antes dos carthaginezes pisarem pela primeira vez o solo da Lusitania, já o deus Endovellico tinha as suas aras em Villa Viçosa, segundo se deprehende de tradicções antiquissimas.

A estatua do deus parece ter bastante analogia com as de Cupido.

Lê-se em Viterbo *(Elucidario)*:

«...a figura do idolo com os olhos fechados, o coração na bocca e azas nos pés, bem claramente nos mostra a natureza do amor profano, que em nada repara, tudo descobre e n'um instante se remonta, foge e desapparece, deixando frustrados e illudidos os seus devotos.»

Ha tradicção de ter existido no famoso templo, situado perto da villa de Terena, uma bella estatua de Endovellico, de prata macissa. Por occasião da conquista romana, os soldados de Julio Cesar despojaram o templo de todas as suas preciosidades, e a estatua lá foi parar ás mãos dos romanos.

O desmantelamento em que ficaram as aras do deus lusitano em nada influiu no fervor do culto. Os adoradores, porém, menos opulentos que d'outras eras, substituiram o idolo de prata por outro de marmore, que na *Chronica*

*dos Eremitas da Serra d'Ossa,* por Frei Henriques de Santo Antonio (Lisboa, 1745-Tomo I) é considerada, ainda assim, *uma mararilha de esculptura.*

Mais tarde, os christãos destruiram as aras do deus impuro e encerraram o idolo de marmore no grosso da parede da egreja de S. Miguel — para que o orago do templo christão tivesse d'este modo o *diabo aos pés,* diz Viterbo.

Seculos depois, foi encontrada a famosa estatua nas ruinas do templo de S. Miguel, e os rusticos, que não podiam comprehender o valor archeologico de similhante achado, fizeram-na em pedaços!

O culto de Endovellico tinha grande analogia com o de Adonis, introduzido na Hespanha pelos phenicios.

Era um dia de expiação e de penitencia o dos sacrificios humanos no altar de Endovellico. Logo ao romper da aurora, estrugia nos ares o pandeiro sagrado e o pifano agudo dos sacerdotes, annunciando a tragica ceremonia. Massas enormes de povo desfilavam sem cessar pelos campos, na direcção do templo do deus. Obsediava-os o terror do culto sanguinolento, e os soluços das mulheres punham um tom doloroso n'aquella sombria romagem. A espaços entoava-se algum canto sagrado, e ao chegar ao templo, a furia religiosa exacerbava-se completamente, ao aspecto do idolo feroz, e em presença dos funebres accessorios.

O vulto do deus vendado estendia os braços, como que faminto de victimas. Em volta das aras, os fieis prostavam-se por terra, aniquillados, cheios de pavor, emquanto os sacerdotes accendiam a fogueira expiadora, e ordenavam todos os aprestes do lugubre mysterio.

Ao crepitar da fogueira, recomeçavam os prantos e os gritos lancinantes. O pavor chegava ao seu auge, e a esses gemidos miseraveis não tardavam a juntar-se as confissões expontaneas dos peccados.

O deus estava irritado, os inimigos invadiam o territorio, era mister aplacar a colera do idolo, era preciso sacial-o de sangue de victimas... O que queria elle? A morte?! Pois bem, o altar estava prompto, e o ferro sagrado lampejava nas mãos do sacerdote... Havia crimes?! Confessassem-se espontaneamente esses crimes para desenrugar o sobrecenho irritado de Endovellico. O agouro dizia que havia mulheres culpadas... Onde estavam? A fogueira ardia, e a lenha sagrada, sobre a qual se derramara o oleo purissimo dos sacrificios, desenrolava inutilmente no espaço os seus clarões sinistros e os seus rolos de fumo espesso e sombrio...

E n'um impeto heroico, a victima erguia-se do solo orvalhado pelas lagrimas, e confessava espontaneamente o seu crime. Era adultera, violára a fidelidade conjugal, trahira o companheiro da sua existencia, o braço de Endovellico designava-a para o sacrificio... queria morrer!

D'ahi a pouco, o ferro sagrado dilacerava-lhe as entranhas, e o sacerdote arrancava-lhe o coração, que depois de consultado, revelava os successos futuros. O deus estava satisfeito, e o fumo do brazeiro envolvia-o nas suas ondas acres e espessas, alimentadas pela conbustão do corpo dos culpados ...

Graves e concentrados, os lusitanos identificavam-se com este culto lugubre, e preferiam-no até quasi sempre ás lubricas orgias do mytho da Astarté

phenicia. Os seus instinctos guerreiros, a sua vida rude e difficil das montanhas, não era para os requintes sensuaes dos mythos lubricos. Havia excepções, é certo, a corrupção oriental conquistava entre alguns d'estes povos muitos adeptos, mas, nos periodos de lucta, o espirito rude dos lusitanos libertava-se completamente das ideias deleterias, e os rudes montanhezes partiam para a guerra, tão ferozes e encarniçados como os lobos das suas asperas serranias.

O culto de Endovellico amoldava-se pela sua crueldade á indole dos lusitanos. Quando o ferro mergulhava nas entranhas das victimas, resoava em toda a assembleia um grito de ferocidade.

As mãos do sacerdote tintas do sangue do sacrificio estendiam-se para a a estatua do deus, e a multidão esperava com anciedade o agouro quasi sempre propicio para a sorte dos combates. Mal o agouro se proferia, os combatentes soltavam um estridente grito de guerra, e se n'aquelle momento o inimigo invadisse o territorio, homens, mulheres e creanças correriam a repellil-o n'um impeto invencivel, que tantas vezes foi fatal ainda ás tropas mais disciplinadas e esforçadas.

A sensualidade que acompanhava as ceremonias do culto de Endovellico era mais feroz do que lubrica. Havia mais sangue derramado no recinto sagrado do templo, do que suspiros de amor ou osculos libidinosos.

---

# CAPITULO III

## SUMMARIO

Os carthaginezes aportam á Lusitania.—Costumes d'estes povos.—Como elles supplantam os phenicios.—Os conquistadores.—A dominação liby-phenicia.—Hamilcar Barca na Lusitania.—Seu casamento com uma mulher d'esta região.—Morte de Hamilcar.—Hasdrubal.—Interior de Carthago.—Baal.—Os sacrificios monstruosos.—Horrivel prostituição.—Influencia da dominação carthagineza nos costumes dos lusitanos.

CARTHAGO, a Karta-Khadasha dos phenicios, foi uma colonia fundada na Lybia, e a principio dependente da Utica, a mais antiga das feitorias estabelecidas n'essa região.

Segundo a lenda, o fundador da cidade, a doze leguas de Tunis, foi um tyrio de nome Karchedon, que a denominou Karchedonia; mais tarde, Dido, irmã de Pygmalião, reedificou-a, dando-lhe o nome de Karta-Khadasha, que quer dizer *cidade nova*.

A cidade néo-phenicia foi a herdeira do genio aventureiro e commercial da mãe-patria. Quando Sydon e Tyro viram completamente perdido o seu predominio colonial, Carthago, emancipada da tutella, entrou n'um periodo de prosperidade, que dentro em pouco devia assegurar-lhe uma fortuna invejavel, dar-lhe o sceptro dos mares, e tornal-a a senhora absoluta da vasta região da Lybia e de todo o Mediterraneo occidental.

Mais audaz do que as duas metropoles phenicias, a opulenta cidade lybica levou as suas galés muito além das columnas de Cadix, ao longo das costas da Iberia e pelas ondas inexploradas do mar do norte, em busca de mercadorias. Não era só o mar a abrir-lhe novos horisontes commerciaes: numerosas caravanas atravessavam continuamente o deserto para irem ao Sudão, á Persia, á Ethiopia, ao Egypto e ao extremo Oriente buscar as mercadorias mais raras e productivas, os perfumes, o ouro, o incenso, as sedas, os linhos, o ebano, as pedrarias, riquezas infinitas que vinham encher os armazens dos opulentos mercadores. A cada momento aportavam ao amplo golpho o cobre da Italia e o ambar do Baltico. Carthago era incontestavelmente a grande dominadora dos mares.

Os seus insaciaveis mercadores não escrupulisavam na escolha das mercadorias. Os navios iam muitas vezes ás Baleares, ás Gallias e á Hespanha caçar escravos, e roubar virgens ao Archipelago para fornecer os harens dos depravados ricaços de Carthago. O grande emporio commercial acolhera dentro dos seus muros os commerciantes mais ricos de Sidon e Tyro, quando estas

duas metropoles perderam o seu predominio de tantos seculos nos azares da sua lucta com os gregos.

Eram importantes os dominios de Carthago. Na Iberia, possuia Cadix, as minas da Andaluzia, e pertenciam-lhe tambem as Baleares. Apoderara-se da Sicilia e da Sardenha, e poude assim prejudicar os romanos, fechando-lhes os portos mais importantes do commercio.

Carthago era uma cidade soberana e opulenta, valentemente fortificada. Lá dentro o commercio victorioso, enchendo os seus armazens de preciosas mercadorias; cá fóra, em torno da cidade, as ferteis campinas lavradas com milhares e milhares de escravos, victimas da cubiça insaciavel dos ricos. São judeus e syrios e miseraveis indigenas, reduzidos á condição de *fellahs*.

Os carthaginezes supplantaram os phenicios nas colonias de Hespanha. A sua ambição era affastar d'esta região os seus competidores, e explorarem por sua conta os grandes riquezas que a fama lhes attribuia. O jugo phenicio era difficil de supportar aos povos da Iberia, e por isso esses povos trataram de se rebellar contra elle.

Os phenicios, para suffocarem a revolta, enfraquecidos como se encontravam já a esse tempo em consequencia de numerosos revezes, deliberaram pedir soccorro aos carthaginezes, que promptamente lh'o concederam, com a mira posta em se apoderarem das colonias phenicias.

Maherbal, o mesmo a quem attribuimos a fundação do templo de Endovellico, veio á peninsnla commandar o reforço mandado pelos carthaginezes aos phenicios. O general carthaginez, valente e experimentado, derrotou logo os turdetanos, indisciplinados e ignorantes da tactica dos contrarios. Felizmente para elles, um guerreiro famoso da sua raça, por nome Baocio, ou Baodio, assumiu o commando, e não tardou a derrotar completamente os carthaginezes.

Baodio era valente e esforçado e possuia todos os dotes necessarios a um chefe militar. Conhecia, além d'isso, as forças carthaginezas, a sua tactica e as disposições do acampamento. Na investida, pol-os em debandada, apesar dos esforços empregados por Maherbal para os conter. Tudo foi inutil. As tropas africanas tinham perdido completamente o animo, e o proprio Maherbal teve de recorrer á fuga para não cahir prisioneiro dos lusitanos.

Esta enorme derrota foi um rude golpe no poder dos phenicios na Lusitania. Os carthaginezes consideraram quasi de todo desfeita a sua esperança de se apoderarem das ferteis regiões d'esta parte da peninsula.

Maherbal, no emtanto, era dotado de animo persistente, e não desanimou com este revez. Concebeu o difficil plano de submetter toda a Hespanha e de acabar completamente com o dominio phenicio em proveito de Carthago. A fortuna sorriu-lhe d'ahi a pouco, e o valente cabo de guerra carthaginez apoderou-se de toda a Betica, destruindo as importantes feitorias dos phenicios.

Com ligeiras alternativas póde considerar-se d'aqui ávante prospera a fortuna dos carthaginezes na Iberia, onde fundaram cidades e feitorias importantes.

O espirito dos carthaginezes era ainda mais egoista e mais genuinamente

commercial que o dos phenicios. Os seus costumes eram o de um povo corrompido pela sede das riquezas, e que não escrupulisava na escolha dos meios, quando se tractava de obter lucros. Tudo sacrificavam a esta ideia fixa. Era, portanto, espantosa a corrupção d'este povo, e os seus exercitos de mercenarios mais contribuiam para se propagar esta corrupção por todas as regiões que percorriam.

Esses exercitos de mercenarios compunham-se de povos de todas as raças e de todos os paizes, excepto de carthaginezes, porque os mercadores não combatiam. As riquezas que sem cessar amontoavam evitavam-lhes essa fadiga aspera dos combates, comprando-lhes por toda a parte soldados. Verdade seja que estes mercenarios foram mais de uma vez um perigo terrivel para a opulenta republica.

Depois da primeira guerra punica, Carthago, reduzida a condições extremamente difficeis, não poude pagar aos mercenarios, e mandou-os esperar em Sicca, até que as circumstancias melhorassem. Os mercenarios, em numero de vinte mil, pertenciam a todos os paizes, porque em todos elles a republica recrutava braços que a defendessem. Eram iberos, ligures, gregos, italianos, numidas, lybios, fallando linguas diversas, mas ainda assim perfeitamente d'accordo n'um ponto — em pedir dinheiro á republica. Carthago, n'este aperto, quiz transigir, mandando-lhe algum dinheiro por conta, e pedindo uma reducção da divida, por isso que as circumstancias eram difficeis. Os mercenarios não quizeram attender a cousa alguma. Marcharam furiosos contra Carthago, e foram pôr cerco á cidade, sob o commando de Spendio, escravo grego fugido da Campania, e de um numida chamado Maltho.

Levados pelo furor á ultima extremidade, já não se limitavam a pedir os soldos atrazados, queriam grossas indemnisações, terras, ouro, tudo quanto o desespero lhes suggeria.

Carthago, levada á ultima extremidade, não teve remedio senão chamar em seu soccorro Hamilcar, o celebre general, que a *gerusia,* o senado carthaginez, considerava como o seu mais terrivel inimigo. Foi horrivel a guerra, que a historia chama com razão a *guerra inexpiavel,* porque durante ella não se attendeu de uma e de outra parte a nenhum dos preceitos humanitarios. Os mercenarios apoderaram-se de Gisco, o *suffeta,* o primeiro magistrado da republica, que fôra ter com elles para lhes pagar e conseguir um accordo. Pouco depois trucidaram o magistrado e os prisioneiros carthaginezes, atirando-os vivos a um fosso com as orelhas e as mãos cortadas e os ossos das pernas despedaçados. O general carthaginez, em represalia, lançou aos leões todos os prisioneiros que tinha feito aos mercenarios. Mais tarde, Maltho, o numida commandante dos mercenarios, foi entregue á populaça de Carthago, que saciou n'elle o seu odio, e o matou nos mais atrozes supplicios. Esta guerra inexpiavel durou tres annos, praticando-se n'este espaço de tempo as mais espantosas monstruosidades. Polybio sustenta que não houve guerra como esta!

No seculo III antes de Christo, o dominio carthaginez achava-se completamente consolidado na peninsula. A occupação, passadas as primeiras luctas, não levantou grande opposição entre os indigenas, o que parece devido á habil

politica dos Barcas, que em vez de assolarem o territorio e de perseguirem os povos, procuravam alliar-se com elles.

Mais tarde, nos periodos difficeis de Carthago, a Hespanha offereceu aos seus alliados soccorros valiosos — a infanteria celtibera, a cavallaria andaluza e os fundibularios baleares eram as tropas mais valentes e aguerridas dos exercitos carthaginezes.

Calcula-se o que seriam n'esse tempo os costumes da Iberia, occupada pelos exercitos carthaginezes, como uma excellente posição estrategica, dando ás tropas da republica lybi-phenicia um accesso rapido atravez dos Pyreneus para a Liguria e para a Italia.

Os carthaginezes haviam herdado dos phenicios e dos povos orientaes os seus costumes dissolutos. Além d'isso, as tropas mercenarias, compostas de soldados de todas as nações, traziam comsigo os vicios das suas respectivas raças exacerbados por aquelle viver desregrado dos campos de batalha. A Iberia era um vasto acampamento de tropas, e as populações indigenas, alliadas da republica africana, adoptavam-lhe necessariamente os costumes e a corrupção infrene que a caracterisava.

A religião dos carthaginezes era mais terrivel e cruel do que a dos phenicios. Moloch, o deus voraz de Carthago, um enorme idolo de ferro, tinha as mãos estendidas de um modo que a victima collocada sobre ellas rolava para o ventre do monstro, ventre que era uma fornalha accesa. No seu fanatismo horrivel, as mães vinham trazer os filhos ao idolo, e quando as pobres creanças rolavam na fornalha, as desgraçadas riam e cantavam, porque as lagrimas seriam um grande sacrilegio!

O idolo tinha a cabeça taurina, como o Saturno e o Chronos da Chaldeia. No seu ventre medonho, desappareciam milhares de victimas. Umas vezes eram os escravos e os prisioneiros de guerra: outras, era mister que as victimas fossem escolhidas n'uma classe mais elevada. Quando o perigo era extremo, o ventre de Moloch devorava ou os homens mais distinctos, como succedeu a Hamilcar, filho de Hanno, depois da derrota de Himera, ou os filhos das familias mais illustres, como na crise de Agathocles de Syracusa, em que mais de trezentas crianças foram consumidas no ventre-fornalha do idolo terrivel, para applacar-lhe a colera e tornal-o propicio ás armas da republica.

A Astarté phenicia tinha um culto dissoluto em Tyro e em Sidon. Nos bosques sagrados da deusa, o silencio da noite mysteriosa era a espaços interrompido pelos gritos lascivos dos fieis, entregues a uma sensualidade infrene, porque no rito d'esse culto licencioso o pudor das donzellas era a materia mais apreciada dos sacrificios.

A Astarté carthagineza tinha um culto de penitencia e de sangue. Não é a deusa do amor e da volupia; é a deusa da morte. O sacerdote é castrado, e a sacerdotisa tem necessariamente de ser virgem. No templo de Carthago, a deusa não permittia o ingresso ás mulheres casadas. Astarté não é menos terrivel do que Moloch, e exige em sacrificio o sangue immaculado das donzellas.

Em Tyro, o sacrificio era incruento. A's vezes iam de noite aos bosques

sagrados, onde as esperavam os sacerdotes lubricos, que lhe arrebatavam, ebrios de goso, o pudor, em nome da deusa procreadora. Em Carthago, o bosque sagrado resoava toda a noite com gritos dolorosos, e uma loucura religiosa fazia correr o sangue em borbotões do corpo dos fieis. Retalhavam-se as carnes, combatia-se phreneticamente, estrugiam no ar os gritos e os gemidos, e a grande massa de povo revolvia-se soluçante e dilacerada em volta do templo, emquanto a musica dos tambores e dos pifanos servia de acompanhamento a esta orgia tragica.

Tal era a religião dos carthaginezes, tal era o culto feroz que elles propagavam pelas suas numerosas colonias das regiões occidentaes.

Antes de relatarmos a historia do dominio carthaginez na peninsula, façamos uma viagem a esse grande emporio commercial, que foi durante tanto tempo a capital do imperio dos mares.

A grande cidade elevava-se no ponto onde as aguas do caudaloso Bragadas entravam no Mediterraneo. A seus pés desenrolavam-se as aguas magestosas do golpho, n'um amplo ancoradouro coalhado de milhares de galés, que são o maravilhoso vehiculo destinado a conduzir ao grande emporio as riquezas de todo o mundo conhecido.

Do lado do mar, Carthago era defendida pelas rochas do promontorio em que assentava; do lado da campina protegiam-na efficazmente contra qualquer investida as suas soberbas muralhas, de 48 pés gregos de altura, divididas em dois andares, tendo de espaço a espaço torres enormes. Nos dias de perigo da cidade, as ameias e as torres cobriam-se de grandes colchas negras.

Dentro da famosa muralha, havia o bairro de Malqua, habitado pelos marinheiros e tintureiros. As casas d'esse bairro eram quasi todas de apparencia miseravel, destacando de espaço a espaço as chaminés dos fornos de argilla, onde se cosia o murex.

Para lá d'esse bairro, erguia-se a opulenta cidade no seu throno de bellos edificios de seis andares, dispostos em cubo, de terraços, de bosques sagrados, de templos, destacando no ponto mais culminante a cidadella, onde existiam os monumentos mais notaveis de Carthago. Era alli o templo de Melkarth, com as suas pesadas columnas de bronze. Defronte d'este templo magnifico, elevava-se n'uma eminencia o templo de Astarté, em torno do qual esvoaçavam os bandos das cegonhas sagradas. No bosque da deusa, as meretrizes semi-nuas atroavam os ares com as suas castanholas, entoando os louvores da Venus protectora.

Dos portos de Carthago, diz um illustre escriptor, já por varias vezes citado, e que nos tem fornecido os mais curiosos esclarecimentos, o sr. Oliveira Martins, que «eram excavados na rocha viva, — o exterior do commercio, o interior militar. O commercial era uma docka de fórma rectangular alongada, com setenta pés de caes por banda, onde atracavam os navios. Sobre o canal, que o dividia de Cothon, o porto militar interior, passava a circumvallação da cidade, incluindo e abrigando este ultimo. Os navios para entrarem, passavam sob um tunnel fechado por cadeias de ferro, que desembocava em frente de Khamun, e achavam-se n'uma docka circular, cercada de alveolos, onde a um a

um se abrigavam sob porticos de duas columnas, tendo nos capiteis os chifres de Amnon. Ao centro da bacia, sobre uma ilha, artificial como o porto, ficava o palacio do *suffeta* do mar. Do porto sahia-se para o mercado, e do mercado por tres ruas estreitas e ingremes, subia-se ao bairro de Byrsa (a cidadella.)

«Do lado do norte, no valle, entre as duas collinas da extremidade do promontorio, ficava o arrabalde de Magalia, viçoso de hortas e jardins, bairro novo exterior aos muros, e ligado a elles por uma excavação propria. Para além de Magalia, na collina do norte, estava a necropole, onde se chegava por uma estrada ladeada de tumulos, com os fornos sempre accesos para coser os caixões de argilla em que os cadaveres se enterravam.

«O pharol da porta Hermœa ou Esculapia, de Byrsa, allumiava de noite com uma fogueira de oleos o golpho... Do lado do mar os navios, do lado da terra as muralhas defendiam Carthago, que com o seu arrabalde tomava de um lado a outro toda a largura da terra onde pousava. Só pelo lado interior, pelo caminho de Utica, era possivel acercar-se...»

Dentro das muralhas agglomerava-se uma população enorme, composta de individuos de todas as raças e de todas as procedencias. Escravos judeus e syrios em rebanhos miseraveis, explorados pelos opulentos da grande cidade, lavravam as ferteis campinas atravessadas pelo rio Bragadas. Vastas cearas ondeiam por esses terrenos uberrimos, e a espaços a oliveira, os sycomoros e os algodoeiros aformoseavam a paisagem magnifica, que do alto da cidadella se estendia a perder de vista para lá da cidade.

Tal era a rainha dos mares, a herdeira do imperio colossal dos phenicios, o grande emporio do commercio do mundo, que dentro de pouco tempo devia ser completamente desthronado por outro collosso rival—Roma, no mais assombroso duello que nos conta a historia antiga.

A Iberia foi muito tempo o theatro d'esse duello.

Já citámos o nome de Hamilcar *Barca*, cognome que os carthaginezes lhe deram, e que queria dizer o *luminoso*, pelo esplendor do seu valor e das suas proezas. Era homem novo, audaz, ambicioso, odiando sinceramente os romanos, mas não odiando menos a oligarchia feroz da sua patria.

Vencer Roma, e acabar com a oligarchia de Carthago, era o vasto plano que o seu genio habia concebido.

A *gerusia* temia-o, embora lhe reconhecesse o talento e a importancia dos serviços. Na campanha de Sicilia, Hamilcar fizera verdadeiros prodigios, mas vencido pela força das circumstancias, não poude realisar o seu vasto e generoso plano, e teve de regressar á patria, que d'ahi a pouco elle devia salvar dos perigos da guerra inexpiavel.

Desgostoso da perseguição e das intrigas que sem cessar lhe movia a oligarchia carthagineza, Hamilcar partiu para a Hespanha, disposto a conquistar essa peninsula, que se lhe afigurava uma posição estrategica da mais subida importancia.

Durou nove annos a estada do famoso carthaginez na peninsula iberica e n'este periodo fez guerra e ganhou victorias, sem que exigisse cousa alguma ao estado da sua nação.

Os dotes de Hamilcar asseguravam-lhe a fortuna e conciliavam-lhe a estima dos povos ibericos. General prudentissimo e habil, só empregava a força na sujeição das diversas tribus e povos da peninsula, quando havia esgotado todos os meios suasorios. Foi assim que logrou conquistar a affeição dos povos da Betica, que de todas as partes accudiam a offerecer-lhe amizade.

Na Lusitania, Hamilcar poz em pratica estes recursos suasorios, e para ganhar a affeição dos povos casou com uma mulher do paiz, exemplo que foi seguido por muitos dos seus compatriotas.

Encontrou ainda assim sérias resistencias ao seu plano de se apoderar de toda a peninsula. Os vetones e outros povos rebellaram-se contra o jugo carthaginez, e invadindo a Betica vieram atacar as guarnições punicas, desbaratando-as em varios pontos. Quando Hamilcar accudiu, era tarde.

Os vetones, alentados pelo precedente successo, batiam-se como leões, e fizeram morder o terreno ao exercito carthaginez. O proprio Hamilcar Barca perdeu a vida n'esse prelio sangrento e memoravel, ferido junto de um dos reductos da Lusitania.

Hamilcar tinha um filho sobre o qual de ha muito fundára grandes esperanças, e a quem communicára o seu odio implacavel contra Roma. Chamava-se esse filho Hannibal, e annos depois a Historia archivou-lhe os feitos e as desgraças, dando-lhe a palma de um dos mais illustres cabos de guerra da antiguidade.

Hannibal, companheiro de seu pae, apezar de estar ainda nos alvores da vida, obteve da *gerusia,* apesar de toda a má vontade que encontrou, o governo da Hespanha para seu cunhado Hasdrubal, homem de vastos recursos, intelligente, bravo, e muito conhecedor do paiz que vinha governar.

O primeiro acto do governo de Hasbrubal foi juntar as reliquias do exercito africano, e obstar aos progressos dos rebeldes. Fundou Carthagena na costa mediterranea, que defronta com a Africa, e organisou o melhor que poude o estado néo-carthaginez, que era propriamente o estado da familia Barca. Assim o comprehendia Carthago, que começou a assustar-se, e chamou a si o governador, accusado de querer emancipar-se da mãe-patria, roubando-lhe a mais importante colonia. Hasdrubal justificou-se d'estas accusações, fez calar os intrigantes, e regressou á Hespanha, onde juntamente com seu cunhado Hannibal tinha uma grande popularidade. Hannibal era o commandante da cavallaria, o verdadeiro chefe militar do governo, em todos os lances difficeis e arriscados.

Durou sete annos o governo de Hasdrubal, e n'este periodo os carthaginezes conseguiram sujeitar ao seu dominio quasi todas as tribus do interior. As povoações do littoral tinham uma civilisação adiantada, e eram habitadas por uma povoação cosmopolita. As suas guarnições compunham-se de tropas disciplinadas e regulares, que muitas vezes tinham de obstar á irrupção dos barbaros do interior do paiz.

O governo de Hasdrubal tinha esta difficuldade a vencer. O carthaginez não presidia a um estado constituido e homogeneo. As tribus do interior com os seus regulos constituiam um elemento irrequieto, que era mister refreiar a

cada momento, porque vinham cahir como um vendaval sobre os carthaginezes, reduzindo-os por vezes á ultima extremidade.

As colonias punicas tinham de estar precavidas, contra estas irrupções das tribus indomitas, com fortes muralhas e trincheiras, onde muitas vezes os proprios mercadores, constituidos em milicia urbana, tinham de velar em companhia dos magistrados principaes, pela segurança e defeza commum.

Os lusitanos que viviam nas montanhas passavam uma existencia heroica e aventurosa, rebeldes a todo o jugo extrangeiro, e vendo sempre de má sombra os invasores. As regiões meridionaes foram as que mais depressa se amoldaram aos costumes carthaginezes. Nas do norte, os bandos armados e indisciplinados luctaram tenazmente pela sua independencia, e quando se alliavam aos invasores era sempre como mercenarios, alliciados pelo interesse. Iam guerrear a favor d'elles, movidos pelo amor do lucro. Vendiam-se a quem melhor e mais generosamente lhes pagava.

Quando os rapazes de uma tribu partiam para essas guerras aventurosas, as mães para lhes incutirem coragem contavam-lhes as façanhas de seus maiores, e incitavam-nos á bravura e ao heroismo, promettendo a mais formosa das donzellas da tribu ao que voltasse coberto de gloria.

Como entre os gaulezes, havia tambem n'essas tribus guerreiras do norte, combates singulares, a que assistia a multidão para applaudir enthusiasticamente o vencedor; mas durante o duello, não era permittido dizer nem uma palavra.

Tractava-se de um pleito qualquer, uma questão entre duas familias sobre uma propriedade, sobre uma herança, ou qualquer contenda similhante. Dois campeões d'essas familias sahiam á lide, e combatiam valorosamente pelo seu direito, tendo-se previamente preparado para esse combate, ás vezes durante dois ou tres dias. Havia regras estabelecidas para esses duellos, e força era que os contendores a ellas se sujeitassem, sob pena de serem severamente castigados. Quando a lucta não acabava no mesmo dia, interrompia-se ao pôr do sol. Os padrinhos levavam os contendores para fóra do campo, vigiavam-nos toda a noite, e traziam-nos no dia seguinte, para recomeçarem logo que o sol raiasse no horisonte. O vencido não era apupado. Quando cahia por terra, todos se compadeciam d'elle, e se vinha a morrer em consequencia das feridas que recebera, os seus funeraes eram celebrados com grande pompa.

Estas provas chamadas de escudo e lança, eram vulgares nas tribus lusitanas do norte, e não só nos casos que expusémos, mas em varios outros. Antes da peleja, como exercicio previo, usavam-se estes combates singulares, a que assistiam todos os da tribu, tirando agouro favoravel ou desfavoravel do resultado d'estes duellos. A' frente da tribu em guerra ia tambem o lidador, e antes que a peleja começasse, esse guerreiro reptava qualquer dos contrarios para um combate singular. Feria-se rudemente o duello, e do resultado d'elle tirava-se o agouro para a sorte do combate geral que ia alli travar-se.

Estes costumes barbaros em demasia predominavam em todo o norte e a oeste. O sul e o leste deixara-se mais facilmente impregnar da civilisação trazida do Mediterraneo pelas galés carthaginezas e gregas, como um pouco mais

tarde devia abraçar a civilisação romana, assimilando ao mesmo tempo toda a corrupção dos novos invasores. A agricultura estava n'essas regiões extremamente adiantada. Nas campinas fertilissimas pastavam numerosos rebanhos. Havia habitações magnificas, sumptuosas baixellas, banquetes esplendidos em que circulava em profusão o vinho de cevada. A Turdetania era principalmente o fóco da civilisação do sul da peninsula. N'essas provincias, os carthaginezes não encontraram obstaculo sério ao seu dominio. Os conflictos, as reluctancias provinham sempre d'esse norte rude e indomavel, onde a guerra surgia a cada passo, onde do recesso das montanhas cahiam sobre os invasores avalanches de guerrilheiros temiveis, que tantas vezes foram fataes ás tropas de Hamilcar e de Hasdrubal.

O primeiro morrera ás mãos dos lusitanos, ferido pelas terriveis lanças de ponta de bronze d'essas tribus indomaveis, quando a fortuna lhe sorria e mais perto se julgava de realisar o seu grandioso plano—tolher os progressos da conquista romana, e dominar completamente as facções da patria, dandolhe um governo digno e forte, que reprimisse de uma vez a cubiça insaciavel dos mercadores carthaginezes. O segundo, ao cabo de sete annos de governo, quando conseguira reprimir as incursões dos lusitanos e pacificar algum tanto as luctas intestinas, morria tambem ingloriamente, em plena maturação dos seus mais vastos planos.

Roma acabava de contrahir alliança com as antigas colonias gregas da Hespanha, Sagunto e Emporias, querendo assim pôr limites ao dominio carthaginez na peninsula, e ter auxiliares valiosos para o caso provavel de uma guerra com a republica rival. Hasdrubal não poude evitar essas allianças, e para não se ver a braços com outras difficuldades mais serias chegou mesmo a negociar um tractado com os romanos, pelo qual o Ebro ficou sendo a fronteira dos territorios carthaginezes.

De que serviria recusar o tractado que Roma lhe offerecia? Consolidado o seu governo, preparados bem todos os seus recursos, tinha muito tempo de violar esse tractado, de destruir Sagunto, de tolher aos romanos a invasão do teritorio da peninsula. Nas circumstancias em que se encontrava, contemporisar era uma necessidade. A fortuna sorria-lhe propicia. Os partidarios da sua familia ganhavam terreno em Carthago, e o plano de Hamilcar seria um dia uma realidade, quando, dominada completamente a peninsula, expulsos os romanos e exterminados os alliados, o general triumphante entrasse em Carthago, para impôr á *gerusia* a sua vontade soberana.

Fôra extremamente rude a campanha contra os lusitanos, mas o chefe d'estes povos, Tago, o indomavel luctador das montanhas, que tantas vezes derrotara as tropas de Carthago, cahira prisioneiro na ultima peleja campal, e estava alli carregado de ferros á mercê do vencedor. O general africano, ebrio por aquelle triumpho, ordenára o supplicio do lusitano. Era uma satisfação do seu rancor pessoal e um holocausto á memoria de Hamilcar, trespassado pelas lanças lusitanas.

Melkarth exultava de vêr o seu rancor satisfeito; Moloch estendia os braços medonhos, sequioso do sangue d'aquella victima, prestes a cahir-lhe no ventre

insaciavel. Hasdrubal foi assistir á morte do seu audaz competidor, que soffreu o supplicio com todo o heroismo dos guerreiros da sua raça.

Depois do supplicio do vencido, o general carthaginez ordenou uma festa em acção de graças a Melkarth. Corria-lhe prospera a fortuna, e era mister patentear ao deus de Carthago todo o seu reconhecimento.

Foi solemne a festa do deus punico. Em torno das aras, o exercito de Hasdrubal, composto de soldados de varias nações, tinha um aspecto aguerrido e pittoresco: elephantes de combate, com as torres guarnecidas de archeiros, as orelhas pintadas de azul e as prezas afiadas; mercenarios, iberos e gaulezes, infanteria celtibera, fundibularios das baleares, ligures, phenicios, egypcios, e os escuros soldados da Lybia, de aspecto feroz e forte musculatura. Hasdrubal e os seus capitães estavam á frente d'estas variadas tropas, com as suas armaduras rutilantes, e os seus enormes capacetes vermelhos.

Por detraz das tropas viam-se as mulheres dos mercenarios, bagagem forçada do exercito, que o seguia por toda parte, e que ia augmentando á proporção que elle se deslocava. Pertenciam a todos os povos; havia alli phenicias de fórmas graciosas, trazidas e vendidas pelos marinheiros, circassianas roubadas ás caravanas do deserto, gaulezas vestidas de pelles de lobo, lusitanas envoltas nas suas togas pretas, e tendo ao pescoço collares de conchas, syracusanas com placas de ouro nos cabellos, lybias quasi nuas, de rosto escuro e labios grossos, escravas negras do Sudão, productos de todos os paizes, e lodo impuro de todas as raças, que serviam para as orgias do exercito e offereciam o corpo immundo a quem lhes pagava. Quando terminasse a ceremonia, quando chegasse a hora da orgia, qualquer recesso do bosque do templo, qualquer ceara ainda não assolada pela guerra serviria de theatro aos amores impuros d'aquellas torpes sereias...

N'esse dia, porém, a ceremonia tinha de acabar de um modo tragico. Quando o sacerdote ia immolar a victima sagrada, das fileiras dos mercenarios gaulezes destacou-se um soldado, que foi ter com o general, como que a dirigir-lhe um pedido qualquer. Hasdrubal era affavel para com os seus soldados, e recebeu de bom grado o recem-chegado. O gaulez fôra por muitos annos companheiro d'armas do chefe lusitano, e jurára vingal-o, quando soube a sorte que estava reservada ao valente luctador de tantas pelejas. Alistára-se nas tropas mercenarias dos carthaginezes, disposto a realisar o seu plano, apenas tivesse ensejo para isso. Os olhos azues de Syomer, tal era o nome do escravo, luziam de colera e de odio, ao vêr Hasdrubal brilhante de gloria á frente das suas tropas aguerridas. O carthaginez triumphante, cercado das suas tropas, parecia-lhe magestoso como Hésus, o forte deus gaulez, quando apparecia nas florestas sagradas aos olhos espavoridos dos druidas, para receber o sangue das victimas humanas, sacrificadas em sua honra, quando a fouce de ouro da lua, surgindo na amplidão, guiava a fouce de ouro sagrada para as entranhas da victima, que jazia prostrada...

Syomer adiantou-se e dirigiu-se a Hasdrubal, e o carthaginez, já o dissémos, recebera-o de bom grado.

— «Que me queres?» perguntou elle com affabilidade.

—«Matar-te! Lembra-te de Tago, o meu esforçado companheiro de combates!...»

E mais rapida que o raio, a lança de cobre do mercenario mergulhava no peito de Hasdrubal, que cahiu por terra, para não mais se levantar.

Os africanos apoderaram-se logo de Syomer, que morreu nos mais horriveis supplicios, mas Tago estava bem vingado, e o poder dos carthaginezes na peninsula acabava de soffrer um grave desastre. (V. *La Clede* e *Polybio*.)

A morte de Hasdrubal foi muito sentida. Era o segundo desastre que a familia Barca soffria na peninsula, no embate com os rudes lusitanos.

Mas a gloriosa familia punica sahia sempre victoriosa d'estes revezes. Hannibal, o filho de Hamilcar, ia succeder a seu cunhado, e as suas brilhantes qualidades de guerreiro iam dilatar e consolidar o dominio dos carthaginezes na peninsula.

O exercito apressou-se a acclamar o novo chefe, e Carthago não teve remedio senão confirmar esta eleição, embora soubesse acharem-se redivivos no filho o odio do pae á oligarchia punica, odio que a republica a esse tempo não julgava menos temivel do que a rivalidade romana.

Hannibal fôra educado n'esses dois odios — odio a Roma e odio aos que rebaixavam a patria e a tornavam indigna do nome que devia caber-lhe, como o primeiro emporio maritimo e colonial do seu tempo.

Aos nove annos, Hannibal prestara nas mãos de seu pae um juramento terrivel — fazer guerra aos romanos, mas guerra implacavel e sem treguas, logo que podesse pegar em armas, e não poupar diligencia alguma para humilhar a soberba romana, chegado para isso o ensejo favoravel.

O novo general era, portanto, a esperança do exercito e a esperança da patria, apesar da má vontade que a *gerusia* não lhe occultava. Era adorado pelos soldados, e impunha-se-lhes pelo prestigio da bravura, do saber, e da affabilidade. Creança ainda, luctara com uma aguia no cume de uma montanha, e sahira vencedor d'esse duello extranho e desegual. O seu tirocinio glorioso nos exercitos da Hespanha déra-lhe fóros de general consummado, habil em recursos e estratagemas. Ninguem como elle para conduzir os soldados á peleja, febricitantes, transportados. A sua eloquencia guerreira era irresistivel.

De resto, bastava o seu exemplo para inspirar alento e coragem aos mais tibios. Infatigavel, andava dias inteiros a cavallo sem que mostrasse o menor cançasso. Para elle, a fome, as vigilias, os frios, os calores nunca eram obstaculos. Ao contrario dos outros capitães do exercito, que punham um cuidado especial nos enfeites e insignias do vestuario, Hannibal vestia exactamente como os soldados, e como elles dormia na terra dura e fria, sem cuidados de conforto.

A sua educação fôra esmerada. Conhecia a fundo a sciencia militar do seu tempo, fallava a lingua punica, a latina e a grega. Sosilo, de Sparta, o seu mestre e amigo, contara-lhe a historia das guerras de Alexandre e de Pyrrho, e estes dois heroes occupavam-lhe constantemente o animo, e davam-lhe visões de gloria que a cada passo o deslumbravam.

Pouco escrupuloso nos meios, que para elle eram completamente justi-

ficados pelos fins, havia no seu caracter uma consubstanciação do genio dissimulado da sua raça, d'essa *fé punica*, tão invectivada pelos romanos, e tantas vezes invocada como argumento pelos contrarios contra a celebração de tractados com Carthago. Prudente e cautelloso, sabia mostrar-se tambem franco, decisivo, enthusiasta, quando precisava de lançar mão d'estes recursos. Todos estes dotes fizeram de Hannibal o mais temivel inimigo que Roma jámais teve na sua frente, e o mais astuto e reflectido dos cabos de guerra do seu tempo.

Na Lusitania, a nomeação de Hannibal para general em chefe dos carthaginezes foi recebida com agrado. Havia em quasi todas as tribus um grande fundo de sympathia para com o moço general, educado nos seus usos e costumes, e descendente da sua raça, por isso que Hamilcar seu pae havia casado com uma mulher d'este paiz. Para mais seguramente se insinuar no animo de todos, casou com Himilcé, dama formosissima de Castulo, o que lhe deu uma especie de naturalisação peninsular. Não era como os outros um punico, um invasor, um tyranno—era quasi um compatriota, e no seu caminho estabelecia-se pelo moço general uma grande corrente de sympathia.

O norte, porém, o indomavel norte, não se lhe mostrava ainda grandemente affeiçoado, e Hannibal teve de ir pacifical-o, porque o seu plano era contar com todo o appoio da peninsula para encetar a sua aventura contra Roma.

Os vetones, inimigos irreconciliaveis, sahiam das montanhas, para mais uma vez inquietarem os africanos. Para elles, Hannibal e as suas tropas não passavam de invasores, tanto mais odiados, quanto mais prospera lhe corria a fortuna. Por isso rebellavam-se a cada passo contra os carthaginezes, e davam-lhes serios cuidados. O general marchou contra elles, e obrigou-os a recolherem-se á sua capital (Salamanca?) onde lhes poz cerco.

N'este aperto difficil, não tiveram outro remedio senão pedir paz, que o general lhes concedeu de prompto, porque o seu fim era pacificar a Lusitania para poder pôr em pratica mais elevados planos. Deviam pagar uma indemenisação de guerra, em duas prestações, o que elles juraram cumprir religiosamente.

A eschola dos punicos fructicava por toda a parte em exemplos e os vetones haviam aproveitado com elles. Apenas se viram livres do cerco das tropas de Hannibal, faltaram ao ajustado, sublevaram outras tribus da Lusitania, e de companhia com ellas romperam novamente as hostilidades contra os africanos.

O general resolveu então exterminar de todo esses inimigos irreconciliaveis, e para isso voltou novamente com as suas tropas á capital dos vetones, que d'esta vez encontrou decididos a baterem-se como leões, graças aos reforços e allianças que haviam feito. Esta resistencia tenacissima levantava um grande obstaculo ao general, e contrariava-lhe seriamente os planos. Resolveu contemporisar, fazer concessões, mostrar-se magnanimo, e já vimos que analysava seriamente os factos, e não se deixava facilmente cegar pela colera. Pouparia as vidas, seria benevolo para com os inimigos, faria a paz com elles, se lhe entregassem a cidade, e sahissem d'ella desarmados.

Os vetones acceitaram as condições, porque premeditavam outro desforço.

Sahiram do seu reducto, entregaram parte das armas, e tudo parecia concluido. Mas vinham com elles as mulheres, e estas haviam escondido debaixo dos vestidos as armas dos guerreiros. Apenas vêem os carthaginezes desapercebidos, armam-se novamente, cahem sobre elles de chofre, e começa então a mais horrivel carnificina. Os africanos, que não esperavam o ataque, perdem o sangue-frio e fogem em debandada. Foi mister que a presença de Hannibal viesse incutir valor ás tropas e dar ordem ao combate. Os vetones, apesar da sua valentia e do furor de que estavam possuidos, foram derrotados e pagaram duramente a sua revolta. A mortandade foi horrivel, e o solo ficou juncado de cadaveres. Mas as reliquias que haviam escapado ao ferro dos carthaginezes lá voltaram para as suas montanhas, levando cada vez mais violento e implacavel odio aos invasores.

Depois d'esta carnificina, que soffocou por algum tempo as rebelliões dos lusitanos mais indomaveis contra os carthaginezes, Hannibal começou a pôr em practica o plano, que o preoccupava desde a infancia, e a que o impellia o odio e o juramento feito a seu pae.

Consultou Carthago, mas a *gerusia* não estava disposta a envolver-se na perigosa aventura sonhada pelo general.

Os mercadores tinham amor ao seu trafico, e preferiam soffrer aos romanos qualquer humilhação, comtanto que os seus cofres continuassem abarrotados de ouro, e aos vastos armazens affluissem como até ahi as preciosas mercadorias trazidas pelas galés. De que servia a guerra? Recusa formal e peremptoria ao temerario aventureiro, que escusava de contar com o auxilio da metropole!

Hannibal contava com esta recusa, e estava disposto a passar sem Carthago na sua empreza; d'ahi a pouco tempo, provocou Sagunto, rompendo o tractado feito com Hasdrubal, pelo qual as fronteiras carthaginezas ficavam limitadas pelo Ebro. De Sagunto foram logo enviadas queixas a Roma, que mandou embaixadores a Hannibal. O general n'este meio tempo reflectira, e queria decidir a metropole a entrar na lucta. Quando os romanos chegaram a Carthagena, Hannibal explicou habilmente os factos, e os embaixadores procuraram ganhar tempo, porque a republica estava longe de desejar a guerra. Por isso acceitaram as explicações do carthaginez, e partiram convencidos de que o conflicto desapparecera. Enganavam-se. Na primavera seguinte, o general foi pôr cerco a Sagunto, e, cousa notavel, nem Roma veiu em soccorro da sua alliada, nem Carthago veiu auxiliar o general!

Durou o cerco oito mezes, e quando ao cabo d'esse longo praso os sitiados chegaram ao ultimo extremo, preferiram suicidar-se heroicamente a renderem-se ás tropas de Carthago. Sagunto foi uma enorme fogueira, onde os habitantes se queimaram vivos com os seus thesouros e riquezas. A hecatombe do patriotismo foi completa, porque os raros que escaparam ao incendio foram passados ao fio da espada do vencedor.

Quando em Carthago se recebeu a noticia da tomada de Sagunto, acompanhada dos despojos magnificos da famosa presa, os mercadores comprehenderam que estava aberta outra fonte de recursos para a sua cubiça insaciavel.

A guerra de Hannibal podia ser uma nova mina de riquezas infinitas a explorar. As cidades italianas podiam ainda ter a sorte de Sagunto, e n'esse caso que numerosos despojos aportariam á foz do Bragadas!... Guerra! visto ser a guerra uma nova fonte de recursos!... E decidiu-se a guerra!

Fabio o embaixador romano, estava em Carthagena, esperando inutilmente uma satisfação pelo insulto feito á republica.

Cançado de tantas evasivas, pediu para ser introduzido na *gerusia*, e desdobrando uma prega da toga, disse aos *suffetas:*

— «Nós trazemos aqui a paz ou a guerra, e ser-me-ha indifferente a escolha de qualquer d'estas cousas: escolhei!...»

A *gerusia* hesitava entre o medo e a cobiça. A victoria acompanharia Hannibal? Haveria ricos despojos a transportar para a Africa? A cobiça ganhou a partida.

— «Deixamos-vos a escolha...» disse o primeiro *suffeta,* hesitando.

— «N'esse caso escolho a guerra!» exclamou Fabio, deixando magestosamente cahir as dobras da toga. E partiu de Carthago, afim de ir á Hespanha fazer algumas allianças importantes para a guerra que ia travar-se.

Decidida a guerra, Hannibal mandou guarnecer as cidades lybicas com tropas hespanholas (20:000 homens) e chamou para a Hespanha contingentes africanos. O exercito concentrava-se em Carthagena, a capital do governo de Hannibal. Era para alli que iam convergindo todos os reforços chegados da Africa — os lybios e os numidas —, e as levas feitas por toda a peninsula, lusitanos, vetones, callaicos, — aos quaes vinham ainda d'ahi a pouco juntar-se reforços de ligures e de phenicios. Hasbrubal, irmão do general, ficava encarregado do governo da Hespanha, e tinha para a defender doze mil infantes e dois mil e quinhentos cavallos. Além d'isso, o prudente general obrigou as principaes cidades da peninsula a entregar refens, que foram encerrados no presidio de Sagunto, agora fortificação carthagineza, confiada ao governo de Bostar, homem seguro e dedicado.

Quando passou revista ao exercito que devia acompanhal-o á Italia, Hannibal viu-se á frente de noventa mil infantes, doze mil cavallos e trinta e sete elephantes. Carthago ia mandar duas frotas com vinte mil soldados para saquearem as costas da Italia. A Lusitania associou-se á sorte de Hannibal e deu-lhe um valioso contingente de tropas, capitaneadas por um valente cabo de guerra, que Tito Livio chama Viriato, mas que não é evidentemente o celebre chefe dos lusitanos, de que mais adiante havemos de fallar.

Foi no mez de abril do anno 536 de Roma que o general punico partiu de Carthagena na direcção do Ebro, para começar a sua extranha campanha contra a grande republica italiana, deixando a peninsula iberica á mercê das invasões dos romanos.

Não acompanharemos por emquanto o famoso general na sua marcha gloriosa para a Italia, onde a fortuna havia de abandonal-o em breve. Ficaremos na peninsula, onde temos de estudar ainda a influencia produzida nos costumes pelo dominio carthaginez.

---

Vimos o norte irrequieto e turbulento, a cada passo revoltado contra o dominio punico, e recebendo de má sombra o dominio carthaginez. As tribus d'essa região, ciosas da sua independencia, resistiam tenazmente á assimulação punica, e conservavam os seus costumes barbaros, a que n'outro logar largamente nos referimos.

Não succedia o mesmo ás regiões do centro da peninsula. Alli, exactamente como a leste, ao sul e a oeste, a occupação carthagineza realisara-se sem levantar grandes resistencias, e já nos primeiros annos do governo de Hamilcar invasores e invadidos estavam completamente identificados. Ha quem attribua este facto deveras curioso á affinidade da raça, dando aos iberos e aos lybios a mesma origem commum.

Seja como fôr, as provincias da Lusitania, onde o clima era mais benigno, e onde a civilisação era mais adiantada, tornaram-se verdadeiramente carthaginezas, e adoptaram os costumes dos invasores. Hamilcar, Hasdrubal e Hannibal tiveram o tino politico de approximar as tribus affastadas e inimigas, e formar entre essas tribus uma federação, que foi o inicio da unidade nacional de todos esses povos, de costumes e origens tão diversas.

O primeiro laço de união foi o commercio. O espirito mercantil dos carthaginezes revelou a esses povos a existencia de muitos recursos, que elles nem sequer suspeitavam. Do desenvolvimento do commercio, d'essa aprendizagem mercantil em que os povos da peninsula foram habilmente iniciados, seguiu-se a necessidade da defeza da propriedade e dos interesses contra qualquer invasão das tribus barbaras, rebeldes a todo o jugo, e inaccessiveis a qualquer civilisação.

Sob o aspecto da historia que estamos escrevendo, damos ainda assim as nossas mais decididas sympathias a esse norte barbaro, rude, quasi selvagem, onde uma atmosphera de bravura indomita preservava as tribus dos deleterios miasmas da corrupção carthagineza. Alli os costumes desconheciam completamente os requintes libidinosos trazidos pela civilisação mediterranea, e Venus não passara ainda da deusa forte e procreadora, ignorante das sensualidades orientaes, que n'outros paizes a tornaram a deusa impura da prostituição.

No sul, as cidades civilisadas haviam-se deixado contaminar ao contacto de todas as impurezas. A propria religião, como já vimos, contribuia efficazmente para os progressos do contagio, divinisando o vicio, e fazendo da prostituição sagrada um dos actos mais frequentes do culto religioso.

Ao norte, o adulterio era um crime quasi desconhecido, e se alguma vez se revelava, a punição era por tal modo horrivel, que toda a tribu ficava apavorada. O mesmo succedia com o estupro, e tribus havia completamente exemptas de qualquer vicio sensual. Se em alguma d'ellas existiam costumes torpes, primeiro devem elles ser attribuidos á promiscuidade selvagem e aos habitos nomadas da raça, do que propriamente a uma corrupção adquirida.

Não assim nas tribus que acceitaram o dominio punico. Essas deixaram-se tambem contaminar pela corrupção dos invasores, requintada pelo contacto commercial com as colonias gregas, onde o vicio recebera todos os attractivos de que os orientaes sabiam rodeal-o.

Carthagena era uma cidade corrompida pela febre do commercio e por todos os requintes d'essa extranha civilisação punica, tão differente pelo desenvolvimento da cobiça da civilisação hellenica e mais tarde da romana.

Alli tudo estava á venda. A cidade era um leilão enorme, em que o estrangeiro, mediante o ouro que passava ás mãos avidas dos mercadores, podia amplamente saciar todas as paixões. Havia bazares de escravas, trazidas do archipelago pelas galés de Carthago, mulheres formosissimas para saciar o cio brutal dos que possuiam ouro. A prostituição campeava infrene n'aquelle novo emporio do genio commercial dos punicos, considerada como uma mercadoria importante que podia produzir lucros collossaes. Havia mercadores do genero, que traziam naus empregadas no trafico, e tinham o privilegio de fornecerem os harens dos ricos. Para os que desejavam prazeres mais torpes ainda, a Asia Menor fornecia rebanhos de jovens escravos, industriados habilmente no serviço a que eram destinados. Atravessou vinte e trez seculos a fama d'estes contractos immundos, cujo lucro abjecto constituiu a fortuna de muitos negociantes de Carthago, estabelecidos em Cadix e nas demais colonias punicas do sul da peninsula iberica!

Nos pontos em que a occupação carthagineza encontrou da parte dos primitivos habitantes benevolo acolhimento, a corrupção não tardou a desenvolver-se e a attingir uma espantosa intensidade. A politica dos governadores carthaginezes, tendeu sempre a unificar as diversas tribus da peninsula, a chamal-as para o convivio da civilisação das colonias mais adiantadas, a interessal-as no pensamento do engrandecimento commum, pela affinidade do commercio e pela convenienceta mutua da defesa contra invasões barbaras e dissolventes. Este pensamento politico, realisado em grande parte por Hamilcar, Hasdrubal e Hannibal, teve como consequencia inevitavel a corrupção dos primitivos costumes simples dos habitantes das diversas regiões, a propagação dos cultos orgiacos dos carthaginezes, n'uma palavra, o esquecimento completo das tradições simples e ingenuas, que faziam dos povos da Lusitania, por exemplo, os povos mais simples e exemplares do velho continente. As tribus que até á chegada dos carthaginezes desconheciam o adulterio começaram a perder as primitivas noções de honestidade, ao contacto dos costumes depravados dos invasores. Os esquadrões numidas assolando os campos, levavam a toda a parte a ruina e a corrupção.

Vimos os vetones defendendo como leões a sua independencia, e empregando na guerra contra Hannibal os mais sagazes estratagemas. Era o espirito rude e intractavel dos primitivos habitantes da peninsula, nos pontos onde a raça se conservava na sua maior pureza, contra a occupação que vinha corromper os povos e arrancal-os á sua descuidosa indifferença dos odios e ambições de outras raças mais corrompidas. Foi o norte da Lusitania o ponto onde esse espirito de excepção e de independencia se mostrou mais irreductivel. Era esse mesmo norte que devia protestar tambem com a mais sublime energia e bravura contra a invasão, mais corrupta ainda, que a temeraria aventura de Hannibal ia trazer á peninsula.

Emquanto os heroicos luctadores da independencia, viviam como feras

no recesso das montanhas, e dormiam na terra núa, ao sul e a leste havia todos os requintes da corrupção carthagineza. Povos enervados por essa corrupção, os habitantes d'estas regiões iam tambem entregar-se aos romanos, como se haviam entregado aos carthaginezes—quasi sem protesto. Se o houve, se os consules romanos e as suas legiões encontraram n'alguns pontos reluctancia, eram os africanos que os levantavam em defeza do seu predominio, que viam prestes a fugir-lhe, eram elles que obrigavam os povos a levantar-se contra a invasão, que sem este impulso os encontraria completamente indifferentes.

Os carthaginezes fizeram da peninsula um dominio commercial e militar. Corromperam-na, mas não deixaram n'ella traços indeleveis de instituições, porque o seu governo era ephemero, como ephemero foi o seu dominio.

Era aos romanos que devia caber o importante papel de transformar socialmente a peninsula, fundando perduravelmente as suas instituições, regando-as com o sangue das suas legiões, n'este solo em que ellas deviam logo fructificar.

---

# CAPITULO IV

## SUMMARIO

A aventura de Hannibal.—A peninsula, theatro do duello entre carthaginezes e romanos.—Fim de Hannibal.—Marco Porcio Catão.—Scipião Nasica.—Flaminio.—L. Paulo Emilio.—Caio Catimo.—O norte indomavel.—Victorias e derrotas.—Pisão e L. Quinto.—O general Apimano, chefe dos lusitanos.—Derrota dos romanos.—A guerra patriotica.—Morte de Apimano.—Caro, seu successor.—Cesarião.—O pretor C. Galba.—Sua crueldade.—A *fe romana*, mais vil que a famosa *fe punica*.—Viriato.—Eloquencia patriotica.—O *ladrão* dos romanos.—O libertador do territorio.—Coragem feminina.—Historia de Osmia.—O retrato do heroe lusitano.—As suas façanhas.—A traição.—A corrupção romana.

A GRANDE massa de tropas seguia alegremente a sua marcha aventurosa pelas regiões das montanhas, onde os barbaros, tomados de espanto, mal ousavam disputar-lhe os passos, e muitas vezes mesmo se apressavam a seguir a causa do general. Só no baixo Ebro é que a resistencia dos barbaros foi mais vigorosa, a ponto de Hannibal, ao chegar aos Pyrineus, ter perdido a quarta parte das suas tropas.

Não lhe foi a sorte tão adversa depois que passou os montes. Alli, embora houvesse tambem combates sérios contra os celtas, celebrou allianças valiosas, e encontrou sympathias importantes. Nas margens do Rhodano, as avançadas do carthaginez encontraram as de Scipião, que accudia a defender a passagem do rio. Foi inutil a defeza; Hannibal passou, e o consul, vendo que não podia detel-o, retirou para Pisa, mandando para Hespanha a maior parte das suas tropas.

O genio de Hannibal, ao encontrar-se frente a frente com a terrivel muralha dos Alpes, ganha novo alento, e por um rasgo de audacia, que ia encher de pavor os seus inimigos, alguns dias depois a cordilheira alterosa despejava sobre a Italia uma cataracta medonha de numidas, iberos e carthaginezes, que iam como a tempestade assolar aquella fertil região.

Foi difficil a descida; difficil e lugubre! Nas duas semanas que teve de duração, mais de metade das tropas ficára despedaçada nos precipicios das montanhas, para onde rolavam a cada momento homens, elephantes e cavallos... Ao passar revista, o general encontrou apenas — de tantos que tinham

entrado na aventura — vinte mil infantes e seis mil cavalleiros, a maior parte d'elles sem cavallos; e todo o exercito caía de fraqueza, depois d'aquella façanha inconcebivel. De Carthagena a Taurasia, entre a partida e a chegada, medeiava a bagatella de cinco mezes; das grandes forças do exercito, restava apenas aquelle fragmento retalhado e desfeito, que teria sido facilmente aniquillado, se os romanos conhecessem bem toda a miseria dos carthaginezes!

Mas os romanos estavam cegos... de medo e de espanto. A noticia da chegada de Hannibal espalhara-se n'um momento por toda a Italia, e ao chegar a Roma, ribombou como um trovão medonho no recinto do capitolio. Foi grande o panico, mas a republica não estava disposta a deixar-se aniquillar. Os deuses protegiam-na. No mar os carthaginezes haviam sido derrotados pelos elementos e pelas naus romanas.... Restava a esperança ainda, e com tanta força se arreigara ella no animo dos romanos, que apesar da audacia de Hannibal, apesar das suas victorias, das suas allianças, dos seus recursos, a sua aventura naufragou, e Roma foi salva.

Não cabe no plano da nossa obra seguir passo a passo nos seus vôos de genio a aguia, que viamos erguer-se das montanhas de Hespanha para ir cahir sobre as campinas italianas, e esvoaçar em circulos sinistros quasi em torno do capitolio. Diremos a este respeito apenas quanto fôr mister para explicarmos o destino preparado á Hespanha pela aventura do famoso punico. O extranho duello dos carthaginezes e dos romanos deu a estes ultimos o dominio da peninsula, dominio mais odiado que o dos primeiros, mas mais fecundo em resultados, porque as leis, os usos e costumes romanos iam ser implantados no solo iberico, embora á custa de rios de sangue, vertido em luctas incessantes e heroicas.

Seguimos por algum tempo Hannibal na sua aventura, porque o valor dos nossos lusitanos teve grande parte nos triumphos mais celebrados do famoso general. Silio Italico refere os feitos dos nossos, e depois de nos informar que Viriato (não é o heroe que tão fatal foi aos romanos mais tarde,) era o commandante dos contingentes lusitanos, quando diz:

*Hos Viriatus agit, Lusitanum que remotis*
*Extractum lustris primo Viriatus in ævo*
*Nomen Romanis factum post nobile damnis,*

conta mais tarde os importantes serviços feitos a Hannibal pelas tropas lusitanas, na batalha de Trasimeno, dizendo a este respeito:

*Nec fati melior Mamercus corpore toto*
*Exsolvit poenas, nulli non saucius hasti:*
*Namque per adversos, quæ Lusitaniæ ciebat*
*Pugnas dira manus, raptum cum sanguine Telli*
*Signiferi, magna vexillum mole ferebat:*
*Et trepida infelix revocabat signa suorum.*
*Sed furiata cohors ausisque accensa superbis.*
*Quodcumque ipsa manus gestabat missile, quidquid*
*Præbabat Tellus, sparsis non prævia telis*
*Injecit pariter pluresque in corpore nullo.*

Na batalha de Cannas, a mais terrivel catastrophe de Roma, juncaram o campo quarenta mil romanos, entre os quaes o consul Emilio, o consul Servilio e a flor dos guerreiros da republica. Viriato, segundo Silio Italico, matou o consul Servilio, e foi morto por Emilio. Eis como o poeta conta este episodio da cruenta batalha:

*Pereundi Martius ardor*
*Atque animos jam sola dabat fiducia mortis,*
*Cum Viriatus agens telis regnator Iberæ,*
*Magnanimus terræ, juxta, atque ora furentis*
*Obtruncat Pauli, fessum certaminis hostem.*
*Heu dolor! heu lacrymæ! Servilius optima belli:*
*Post Paulum belli pars optima corruit ictu*
*Barbarico, magnamque cadens leto addidit uno*
*Invidiam Cannis; tristem non pertulit iram*
*Consul, et insani quamquam contraria venti*
*Exarmat vis, atque obtendit pulvere lucem*
*Squallentem rumpens ingestæ torvus arenæ*
*Ingreditur nimbum, ac ritu jam moris Iberi,*
*Carmina pulsata fundentem barbara cetra*
*Invadit, lævæque fodit vitalia mammæ.*

Mas, apesar dos seus triumphos e dos seus ousados rasgos de genio, a estrella de Hannibal não tardaria a empallidecer n'essa Italia, que elle julgava submetter ao seu dominio, como submettera a Hespanha, e Roma ia sahir victoriosa da crise medonha que a ameaçava. Se as tropas romanas haviam sido derrotadas, a coragem heroica de Roma não se extinguira ainda. Um momento, Hannibal teve a radiosa visão do seu triumpho. Depois da victoria de Cannas, uma grande parte da Italia abriu os braços ao vencedor. Arpa, o Brucio, quasi toda a Lucania, povos aguerridos e inimigos dos romanos, taes como, os picentes, os hispinos, os samnitas, Capua, Atella, Calacia ,o sul emfim, declararam-se pelo carthaginez. Capua, a rival de Roma, offerecia-lhe as suas riquezas, e associava-se cheia de esperança á sorte do heroe punico. Era a mais esplendida cidade da Italia, e almejava por arrancar a Roma o predominio da peninsula italiana. O odio que tinha aos romanos cegava-a a ponto de julgar já de todo perdida a sua rival. No dia em que o vencedor de Cannas foi recebido triumphalmente nos seus muros, Capua fez em honra do heroe uma hecatombe feroz de romanos...

As victorias de Hannibal eram, porém, ephemeras como um sonho. A resistencia dos romanos, alentada por um patriotismo invencivel, ia aniquillar em breve todos os exforços do general; as hostilidades da maior parte da Italia, fiel aos romanos, e a impossibilidade da vinda de soccorros da Hespanha, perdida d'ahi a pouco para os carthaginezes, ia tornar devéras desesperada a situação de Hannibal no meio d'essa peninsula, que elle julgava muito menos romanisada.

Emquanto o heroe permanecia em Capua, cercado de hostilidades que a cada passo avultavam mais, a Hespanha, o seu dominio mais importante, o estado que a sua familia havia fundado, entregava-se aos romanos.

Cneio Scipião entrára na Hespanha, e assenhoreara-se da região que demora entre o Ebro e os Pyrineus. Quando pouco depois seu irmão Publio Scipião foi ter com elle, a fortuna alentou de tal modo as legiões, que ambos commandavam, que, derrotado Hanno e Hasdrubal, o dominio carthaginez na peninsula dissipou-se como um sonho.

Embora annos depois, houvesse uma reviravolta da sorte, embora Hasdrubal fosse reconquistar o dominio da sua familia, e conseguisse apoderar-se novamente de todo o sul do Ebro, destruindo os exercitos romanos e matando os dois Scipiões, Roma não perdeu a coragem, e a fortuna bafejou novamente as suas legiões na peninsula iberica. Depois de Claudio Nero, que derrotou Hasdrubal, Publio Scipião, o rival de Hannibal, o herdeiro da gloria e do odio intransigente de uma familia, que tanta coragem desenvolvera contra o carthaginez triumphante, vae commandar as legiões romanas da Hespanha, e sabe a tal ponto enthusiasmar os velhos legionarios, que apenas chega toma Carthagena, a capital famosa do dominio da familia Barca na peninsula.

De façanha em façanha, o novo heroe assenhoreia-se de toda a Hespanha, depois de treze annos de lucta. Hannibal estava condemnado. Perdera Capua, perdera todas as cidades alliadas, e quando esperava soccorros, quando um tenue clarão de esperança vinha ainda illuminar-lhe o desalento, o consul Claudio Nero manda-lhe a cabeça de Hasdrubal morto na batalha de Sena, quando, passados os Alpes, corria em soccorro do heroe carthaginez.

A esse tempo Carthago via-se no mais difficil aperto. Scipião cahira na Africa com as suas legiões victoriosas, e preparava-se para o assedio da grande metropole lybia, a qual vendo-se perdida não teve remedio senão chamar Hannibal em seu soccorro. O heroe accudiu áquelle chamamento desesperado da patria, vendo a Italia perdida para elle, como perdida estava a Hespanha e o seu predominio n'esse bello paiz. A guerra agora, além de um duello entre dois povos, era um duello temivel entre dois heroes. Hannibal e Scipião encontraram-se em Zama, e os romanos, n'essa memoravel batalha em que o exercito de Hannibal foi completamente destruido, tiraram a desforra cabal da derrota de Cannas, e de todas as humilhações que o famoso carthaginez lhes fizera soffrer. Hannibal tentou ainda um supremo esforço. Acolheu-se a Carthago, onde foi eleito supremo *suffeta,* e tentou ainda insufflar nos restos abatidos da sua nação o fogo do seu odio contra Roma. Vãos esforços! Os romanos exigiram a entrega do dictador, e os seus compatriotas eram capazes d'esta cobardia sem precedentes, quando o heroe vendo-se perdido tomou a resolução de fugir para a côrte de Antiocho. Não parou aqui a perseguição dos seus inimigos. Mais tarde, quando depois de tantas desgraças, se acolhera á côrte de Prusias, lá foram as negociações romanas impor a sua vontade ao rei para entregar vivo o heroe. Carthago estava destruida: Roma triumphava por toda a parte, mas aquella sombra do heroe, e bem sombra na verdade, velho, alquebrado, quasi cego, inspirava ainda o terror antigo, e as matronas romanas assustavam ainda os filhos com as palavras fatidicas *Hannibal ad portas!* Era mister conduzil-o vivo a Roma, para que a plebe vil podesse saciar o seu odio n'aquelle pobre velho, que fôra por tantos annos o terror do poder romano.

Hannibal preferiu a morte á ignominia dos supplicios que lhe reservavam. Envenenou-se. Assim acabou o heroe, que vimos sahir de Carthagena á frente do seu famoso exercito para conquistar a Italia e domar a soberba de Roma. A sua aventura acabou tragicamente, mas de todos os seus exforços resultou para o seu nome uma gloria immarcessivel, que ainda hoje, ao cabo de vinte e tantos seculos, lhe dá a palma de um dos mais celebres capitães da antiguidade.

.................................................................

.................................................................

Voltemos á Hespanha, onde as legiões romanas cimentavam por toda a parte o dominio da republica. Era rude a tarefa, porque a peninsula, interessada intimamente no duello de Hannibal, não via com bons olhos a chegada dos novos invasores. O sangue carthaginez fomentava em todos as tribus a rebellião, e as montanhas povoadas de barbaros iam por longos annos abrigar as guerrilhas tão fataes aos futuros senhores do mundo.

Depois da guerra de Carthago, Roma sujeitara ao seu dominio as provincias maritimas do Mediterraneo e a zona do Ebro, que comprehendia as provincias modernas de Sevilha, Granada, Murcia e Valencia, e o Aragão e a Catalunha. Ás primeiras chamavam os romanos a *Hispania Ulterior;* ao Aragão e Catalunha, *Hispania citerior.* Estas duas provincias da republica eram governadas por pretores.

Um dos primeiros d'estes magistrados da republica foi Marco Porcio Catão, o famosó Censor, caracter de rija tempera, rebelde á corrupção que se preparava para invadir a velha simplicidade de costumes do povo romano. A severidade de Catão, a sua intransigencia feroz, a sua indignação contra os *modernismos* trazidos com os despojos da conquista do seio das nações corrompidas, foi durante muitos annos um dique opposto á invasão da temerosa onda corruptora, que dentro em pouco ia assolar o mundo romano.

A Hespanha conhecia bastante a inteireza de caracter do novo governador, porque o vira distinguir em varios combates, servindo sob as ordens de Nero e Scipião por occasião das guerras punicas. Valente e habil nas armas, a celebridade não lhe proviera sómente da bravura, mas da sua virtude feroz, da intransigencia do seu caracter, da sua inquebrantavel firmeza, que lhe devia mais tarde dar em Roma um papel notavel na lucta dos representantes das virtudes antigas, contra as arremettidas da corrupção e os enthusiasmos das victorias.

A sua intransigencia começava a manifestar-se na propria casa, onde fazia justiça severa a todos os que delinquiam, fosse qual fosse a natureza do delicto.

Um dia um escravo, só por ter feito uma compra sem conhecimento de Catão, enforcou-se para escapar assim ao ignominioso castigo que o esperava. O erro mais simples era por elle severamente punido com açoites, dados friamente. Depois do jantar, occupava-se d'estes castigos como quem cumpre um dever, e nunca delegava n'outra pessoa a punição dos delinquentes.

A severidade de principios de Catão indignava-se de continuo contra a

corrupção crescente dos costumes. E tinha razão para isso o severo censor! O lar domestico romano tão puro e respeitavel n'outros tempos começava a manchar-se de todas as torpezas aprendidas n'outros povos. O adulterio multiplicava-se por toda a parte. Debalde recorriam os maridos offendidos aos mais crueis supplicios para vingarem a sua honra polluida. A corrupção não se detinha na sua marcha triumphante. As matronas esqueciam as virtudes antigas para se entregarem semi-nuas nos braços dos seductores. A mulher de Sempronio Musca recebia no proprio thalamo os beijos impuros de Gallio, e o marido, surprehendendo-os em adulterio, mandava matar barbaramente os dois culpados. Outros adulteros eram castrados, e outros ainda entregues aos ultrages dos escravos.

Os vicios hediondos dos orientaes haviam penetrado em Roma, onde se propagavam por todas as classes. Pito Viturio, não podendo pagar a Plocio uma divida, era reduzido á escravidão pelo feroz credor, que lhe propunha n'esse estado afflictivo um pacto infame — sujeitar-se aos prazeres torpes do senhor. No exercito, os proprios tribunos não se envergonhavam de propor estas infamias aos soldados. As mulheres dissolutas ostentavam por toda a parte o seu impudor, e como se não bastassem estas propagadoras da corrupção, os escravos offereciam a quem pagava melhor os seus torpes serviços. Estes escravos acompanhavam as legiões, e os acampamentos militares tinham no seu seio milhares de bordeis, onde as prostitutas e os escravos effeminados saciavam largamente o furor erotico dos soldados e dos capitães.

Quando Marco Porcio Catão veio tomar conta do governo da Hespanha, o seu primeiro cuidado foi pôr um dique á corrupção que lavrava entre as legiões. Encontrou em primeiro logar um luxo desmedido entre os chefes, que se ornavam de atavios riquissimos e se faziam servir por dezenas de escravos. Catão aboliu severamente todos esses excessos, e dando um exemplo fructifero, nunca usou trajo que custasse mais de cem dinheiros. As suas refeições eram frugaes, e a maior parte das vezes comia com os soldados. O seu sequito compunha-se de tres escravos, e os seus tapetes eram apenas grosseiras pelles de bode. Comia á pressa, e na sua mesa apparecia apenas um vaso de vinho, que elle ainda assim repartia pelos amigos, convidados para aquelles repastos frugaes.

Uma grande parte da Hespanha, seduzida por aquella severidade de principios, não resistiu ao governo de Catão. Os lusitanos mais difficeis de conquistar revoltaram-se algumas vezes durante a sua pretura; no emtanto, o tino do pretor, a sua generosidade para com os vencidos e a pureza dos seus costumes conseguiram attrahir-lhe as sympathias dos rebeldes, e pacifical-os mais depressa do que as violencias que os romanos costumavam praticar.

Quando Catão partiu para a Italia, as legiões conheceram logo que só o genio conciliador e austero do Censor conseguira aquietar por algum tempo os lusitanos. O novo pretor Scipião Nasica estava longe de possuir as virtudes do seu predecessor. Era homem de costumes depravados e de uma arrogancia insupportavel, e os primeiros actos do seu governo puseram logo em evidencia o que havia a esperar da sua crueldade.

Durante a pretura de Catão, algumas das cidades da Lusitania occupadas pelas guarnições romanas, sujeitaram-se de bom grado a essa occupação, por isso que os romanos, contidos nas suas extorsões pela severidade do pretor, não hostilisavam as populações, nem as prejudicavam de forma alguma. Com a chegada de Nasica, as guarnições romanas, incitadas pelo exemplo do chefe, começaram immediatamente a vexar os povos, hostilisando-os nos seus interesses, sobrecarregando-os de tributos, e dando-lhes o exemplo da mais torpe corrupção. As proprias mulheres dos lusitanos eram a cada passo victimas da luxuria dos soldados. Succediam-se os raptos, as seducções e os adulterios. Os carthaginezes que existiam no paiz eram perseguidos e escravisados pelos romanos, que lhes saqueavam os bens e os reduziam á ultima extremidade. Não era preciso tanto para acordar o espirito indomavel dos lusitanos, para reaccender n'elles o odio contra o dominio extrangeiro. Revoltam-se por toda a parte, alliam-se aos celtiberos e apressam-se a romper as hostilidades com um exercito formidavel, que vae assollar as terras dos povos sujeitos ao dominio romano, roubando-lhes os gados, saqueando-lhes as casas, e incendiando por toda a parte as povoações. Era uma guerra de exterminio, a guerra da independencia de povos livres, que odiavam mortalmente o jugo extranho e queriam expurgar o seu territorio dos invasores. Quando Nasica se dirigiu ao encontro d'essa torrente impetuosa de guerreiros, comprehendeu que tinha de luctar com inimigos bem terriveis. No primeiro recontro o exercito romano ficou destroçado, e teve de abandonar o campo aos lusitanos.

Não souberam estes povos aproveitar-se da victoria, e pouco depois eram por sua vez derrotados com graves perdas pelo pretor Nasica, o qual ganhou um assignalado triumpho sobre os barbaros, triumpho que Roma se apressou a conceder-lhe, quando o pretor entrou na cidade do Tibre com os ricos despojos dos vencidos.

A Scipião Nasica succedeu o pretor Flaminio, homem de principios austeros, cujo governo se distinguiu pela maior cordura e prudencia em evitar conflictos com os povos sujeitos ao dominio romano. Até os proprios lusitanos se contiveram sem atacar o poder dos invasores, se exceptuarmos os mais indomaveis povos da região, os vetones, que se revoltaram contra os romanos, sendo, porém, infelizes na sua tentativa, porque foram derrotados pelas legiões romanas, e o seu sangue regou copiosamente o solo da patria. Não foi tão feliz o novo pretor L. Paulo Emilio, cognominado o Macedonio por ter vencido Perseo, rei d'esta região. Soberbo com este triumpho, veio á Hespanha, disposto a acabar de vez com as rebelliões constantes d'esta provincia romana, que estava dando serios cuidados a Roma. Nas primeiras investidas contra os lusitanos, foi derrotado pelo impeto dos *barbaros*, assim lhes chamavam os romanos, mas estes barbaros batiam-se com uma coragem indomavel, e batiam-se por uma causa santa e justa, pela libertação do seu territorio!

O vencedor de Perseo não tardou, porém, a tomar a desforra, e desbaratou os lusitanos, dando-lhes uma lição terrivel que por algum tempo os conteve. Rebellaram-se novamente na pretura de Caio Catinio, que foi ferido n'um combate junto da cidade de Asta, morrendo em consequencia d'isso pouco

depois. Tornava-se cada vez mais difficil para os romanos a posse da Hespanha, a cada passo abalada por estas rebelliões terriveis, que embora fossem suffocadas, consumiam as legiões, vexavam os alliados e inquietavam o senado. Quinto Flacco e Tiberio Graccho lograram consolidar algum tanto o dominio romano, o primeiro por algumas victorias decisivas, e o segundo, dois annos depois (575 de Roma) procurando alliciar os animos d'esses rudes batalhadores, fazendo-lhes vêr as vantagens da paz. Deu terras ás tribus nomadas, fez tractados com ellas, concedeu-lhes vantagens, prohibiu ás legiões as violencias, n'uma palavra, tentou fazer o nome romano menos odiado, imitando o procedimento dos carthaginezes, cujo dominio fôra mais facilmente acceite pelos indigenas.

Deu algum resultado, pelo menos apparentemente, este novo systema de conquista. A Celtiberia foi definitivamente submettida por Graccho, que teve a ideia de alistar nas legiões romanas os membros mais distinctos das cidades d'essa região. Deu foros ás cidades, concedeu-lhes o direito de cunhar moeda, n'uma palavra conseguiu pela brandura o que até então nenhum outro chefe romano havia conseguido pela violencia e pela tyrannia. Muitas cidades acceitaram d'este modo o dominio romano.

Comtudo uma nuvem sombria acastellava-se ainda no horisonte da dominação romana do lado do norte. Os povos d'essa região não estavam dispostos a depôr as armas, e os romanos tinham de haver-se por muito tempo ainda com a furia indomavel d'esses temiveis luctadores. Acceitassem muito embora as cidades da Celtiberia o jugo dos invasores. O norte não queria submetter-se. Derrotado por tantas vezes, a cada nova derrota sentia mais implacavel o odio ao vencedor. O nome romano acordava nos eccos das montanhas imprecações de raiva, e os prisioneiros arrastados para os antros dos barbaros soffriam alli os mais crueis supplicios. Pareciam mais que homens essas hordas de combatentes infatigaveis, que depois de cada combate, embora parecessem completamente exterminados, reappareciam outra vez ainda a perseguir os romanos, que tremiam de colera impotente, ao ouvirem os seus gritos de guerra, soltados do alto das montanhas.

Apparece por esta épocha entre os lusitanos um chefe audaz e intelligente, que foi um dos mais notaveis precursores de Viriato.

Chamava-se Apimano, e os historiadores concordam em attribuir-lhe por patria a cidade de Brachara, a capital das aguerridas tribus bracharas, a Braga dos nossos tempos.

Apimano fizera por varias vezes a guerra contra os romanos. O odio que o inspirava contra os invasores tinha um motivo muito mais forte que o patriotismo a incital-o. Apimano amava apaixonadamente a gentil Euria, filha do chefe dos callaicos, e conseguira recebel-a por esposa, em premio do seu valor nos combates. Havia dois annos que a felicidade entrára com a juvenil esposa no lar de Apimano, e o nascimento de um filho viéra premiar o amor dos conjuges. Apimano considerava-se o mais ditoso dos homens. A fortuna sorria-lhe prospera, e nas temporadas em que as treguas com os romanos lhe permittiam occupar-se dos negocios domesticos, o guerrilheiro temivel conseguia augmen-

tar o seu peculio, trabalhando cheio de coragem para assegurar o bem estar da esposa e do filho.

Euria era gentil, e por mais de uma vez chamára pelos seus encantos a attenção de um tribuno romano de guarnição n'uma cidade proxima. Albo Papirio Victor, o tribuno, jurára a Venus conquistar a esquiva lusitana, tivesse muito embora de recorrer á mais espantosa violencia. Empregou primeiro os ardis, mandou escravas emissarias, pretendeu alliciar com promessas. Euria resistiu a tudo, mas para evitar conflictos occultou cuidadosamente ao esposo a perseguição amorosa do romano. Foi um erro fatal, que devia dentro em pouco produzir as mais funestas consequencias.

Uma tarde, Euria sahira de casa para esperar Apimano, que devia chegar de um momento para outro de uma excursão commercial. Havia treguas com os romanos. A prudencia dos pretores conseguira pacificar os animos, e a cedencia de territorios a varias tribus nomadas, permittira aos romanos consolidar algum tanto o seu dominio na região. Era o tempo das colheitas. Os campos, graças á paz dos ultimos mezes, havia recebido as sementeiras, e premiavam amplamente os cuidados dos agricultores. Pesados carros puxados pelos possantes bois do paiz arrastavam pela campina os prestantes dons de Ceres. Euria encontrava a cada passo os pegureiros, conduzindo para os povoados numerosos rebanhos, que tinham passado o dia inteiro nas pastagens. A noite descia serena da cumiada das serranias que fechavam o horisonte distante, e Euria lançava os olhos pela vereda sinuosa, onde não tardaria a apparecer o vulto adorado do esposo.

D'ahi a pouco, por detraz das frondosas carvalheiras que limitavam um dos lados da paisagem, appareceu Halno, o velho guia de barba veneranda, tão conhecedor das veredas das montanhas, e que tantos serviços prestara havia duas gerações aos viajantes transviados. Halno conhecia a palmos o paiz, e não recusava o seu auxilio a quem quer que lh'o pedisse. Murmurava-se d'elle nas tribus, porque varias vezes as espias o tinham visto á frente dos romanos para lhes ensinar os caminhos dos povoados. Mas Halno era um africano, commerciante até á raiz dos cabellos, e agora que os annos e as agitações revolucionarias não lhe permittiam o commercio, o velho costumava dizer que servia a quem lhe pagava, porque de algum recurso havia de viver. Não tinha familia que lhe suavisasse as necesssidades, e dava-se áquella vida de guia dos caminhos, precisamente para não morrer de fome.

Euria dirigiu-se ao encontro do velho carthaginez, e disse-lhe:

—«Os deuses te inspirem, Halno! Sabes novas de Apimano?»

—«Astarté te conserve a belleza, Euria! Teu esposo, fatigado da jornada, repousa n'este momento na tenda do meu amigo Gisco, a um tiro de seta d'aqui. Acabo de estar com elle, e vinha trazer-te as suas palavras de paz. Apimano deseja vêr-te antes que a lua mostre o rosto no céu.»

—«Vens da parte de Apimano, guia?»

—«Venho. Se queres que te conduza para junto d'elle, deixa-me descançar um pouco As pernas recusam-se por agora a nova marcha, mas, por Melkarth, o forte! antes que o sol fuja d'aquelle monte fronteiro, guiarei os

passos de Euria por essa vereda estreita, que vae dar á tenda de Gisco, o amigo dos viajantes cançados.»

— «E dize-me, guia, Apimano está doente?» perguntou Euria com alvoroço.

— «Se Endovellico tivesse acolhido os seus votos, Apimano estaria agora aqui, e Halno, o guia, teria dirigido a outra parte os seus passos. Mas a poeira dos caminhos e o vento aspero dos montes quebraram as forças de teu esposo, e acabo de o deixar deitado sobre as pelles hospitaleiras da tenda de Gisco. Apimano bebeu a cidra dos fortes, mas só bem tarde recuperará as forças. Elle reclama-te. Quando estiveres disposta a seguir-me, Halno te mostrará o caminho.»

— «Descança algum tempo, guia, e quando as forças te voltarem, verás como te acompanho os passos. Quero ir para junto de Apimano.»

Halno sentou-se debaixo de uma arvore e desatou as correias das sandalias. Euria, sentada a seu lado, contemplava-o cheia de impaciencia. O seu desejo era pôr-se immediatamente a caminho para ir para junto do esposo da sua alma. Apimano estava gravemente enfermo, era isto o que ella deduzia das palavras do velho. Se as forças o não tivessem abandonado de todo, como teria elle coragem para repousar na tenda de Gisco, a tão pequena distancia de casa, onde a esposa o esperava anciosa?

Para entreter a impaciencia que a devorava, Euria perguntou ao velho:

— «Estará Apimano ferido, guia?»

— «Ferido! exclamou o velho, encolhendo os hombros. Os caminhos estão seguros agora. A paz reina em todos os campos, e os rebanhos andam socegadamente nos pastos, sem que as legiões romanas os obriguem a fugir para as serras. Nas povoações, arrecadam-se as colheitas, e até os tributos se pagam de boa vontade. Não se falla em guerra. Venho do sul, e vi por toda a parte o socego. Porque havia Apimano de estar ferido?»

— «É o meu receio que exaggera os perigos, Halno. Vivemos n'uns tempos tão agitados, que não seria para admirar que d'um momento para outro rebentasse a guerra.»

— «É teu marido que o diz, Euria?» perguntou o velho.

— «Meu marido não a deseja, mas tambem não a teme. Quando o romano nos vexa, Apimano sabe cumprir o seu dever.»

— «Por Melkarth! Os romanos que o digam! Quando foi da guerra com Albino, teu esposo bateu-se como um heroe. Mas os tempos estão mudados, Euria, e o proprio Marte dos romanos não deseja a guerra, ao que parece. Por toda a parte as guarnições folgam, e deixam lavrar os campos em paz. Se assim fosse ha vinte annos, Euria, não teria eu agora de trilhar os caminhos sem descanço para não morrer de fome! Mas esses tempos eram bem crueis, e perderam de todo o meu pobre commercio!»

E o velho dizendo isto preparou-se para partir.

— «Vamos?» perguntou Euria vivamente, porque se sentia arder de impaciencia.

— «Quando quizeres, guiar-te-hei,» disse Halno. E sem esperar resposta poz-se a caminho.

Euria seguiu-o. Foi curta a viagem. Antes do anoitecer, a tenda hospitaleira de Gisco descobria atravez das arvores a alvura um pouco duvidosa dos seus pannos. Halno designou-a com o braço estendido á anciada esposa de Apimano, e affastou-se na direcção opposta sem proferir uma palavra.

A juvenil esposa hesitou. A tenda estava isolada n'uma clareira, e ouvia-se lá dentro um clamor de vozes estranhas, em que Euria julgou perceber a odiosa accentuação romana. Approximou-se assustada, e reconheceu que não se enganára. Na tenda havia romanos. Percebia-se claramente agora a lingua dos conquistadores, tão ingrata aos ouvidos lusitanos, tão odiosa aos ouvidos de Euria, que recordava ainda as phrases amorosas do tribuno Albo Papirio Victor.

N'este momento, Gisco, o carthaginez, assomou á porta da tenda, e vendo Euria, proferiu uma palavra que ella não comprehendeu, mas que fez cessar as vozes que partiam do interior da tenda.

—«Astarté te prolongue os annos, formosa Euria, disse elle, vindo ao encontro da joven. Teu marido reclama-te desde o declinar da tarde. Recebeste a nova de Halno?»

—«Apimano está na tua tenda?» perguntou Euria, manifestando na voz e no rosto o receio que a invadia.

—«Se te digo que teu marido te reclama! Chegou ao descahir da tarde, fatigado de uma longa viagem, e não poude dirigir-se a casa. Na tenda de Gisco, os lusitanos recebem sempre a mais leal hospitalidade. O viajante ao penetrar n'este abrigo está certo de encontrar o que precisa. Apimano vinha doente, mas o repouso bem depressa lhe alliviára as dôres, e quando o sol reapparecer no ceu poderá pôr-se novamente a caminho ao lado da sua formosa companheira. Euria, vem para junto de teu ésposo...»

—«Mas na tua tenda ha romanos!...» exclamou Euria, fitando no rosto de Gisco um olhar de desconfiança.

—«Por Melkarth! Gisco odeia o romano, o inimigo da sua raça e o oppressor da tua, formosa Euria! Mas os deuses protegem-no por toda a parte, e Gisco jámais ousará oppor-se á vontade dos immortaes. Na sua tenda ha logar para todos, á sombra da hospitalidade, desde que a vontade de Melkarth deixa permanecer n'este paiz as legiões italianas. A paz favorece o commercio, e Gisco tem uma larga provisão de cidra á disposição de quem quer compral-a. Apimano odeia os romanos, como tu, ou como eu, mas elle sabe que Melkarth ama o commercio, e protege os que o praticam. Debaixo dos pannos da minha tenda, não ha romanos nem lusitanos; ha viajantes fatigados que procuram repouso e cidra. Podes entrar, formosa Euria, sobretudo quando teu marido te reclama, e Melkarth te offerece protecção...

E Gisco, com uma affabilidade deveras seductora, abriu um dos pannos da tenda para dar passagem a Euria.

No emtanto, a bella esposa de Apimano continuava a hesitar. Aquellas palavras romanas que ouvira, aquellas vozes suspeitas, a insistencia de Gisco, a desapparição de Halno, e para dizer tudo quanto lhe agitava tumultuariamente o cerebro, a propria inverosimilhança da chegada de Apimano á tenda

do carthaginez, onde estavam romanos com elle, com elle, o intransigente e irreconciliavel inimigo dos odiosos conquistadores!—tudo isto augmentava os seus receios, dando-lhe como que o presentimento de um grave perigo a ameaçal-a. Gisco lia claramente esta hesitação e estes receios no olhar desvairado da lusitana, e mudou de tactica para vêr se d'este modo a estimulava.

—«Então, formosa Euria! exclamou elle, soltando uma gargalhada. Dir-se-hia que tens medo, tu, a esposa de Apimano! Receias entrar na minha tenda, onde os teus por tantas vezes tem vindo matar a sede, com a fresca cidra do meu fabrico! Apimano terá vergonha de ti, minha bella, quando eu lhe contar a tua timidez. Eu vou ter com elle, e por Astarté! vou dizer-lhe que a sua companheira treme de susto á porta da minha tenda, só porque ouviu a voz de um velho centurião de Graccho, que alli descança das fadigas dos caminhos...»

—«Gisco, asseguro-te que não tenho medo, uma vez que meu esposo está na tua tenda. Euria não teme os romanos, quando Apimano está ao lado d'ella. Conduze-me para junto de meu esposo!...»

—«Já era tempo, formosa Euria, e Apimano bem precisa dos teus soccorros, porque, vaes vêl-o, o pobre rapaz está bem doente!...»

Ao ouvir estas palavras, Euria entra na tenda do carthaginez, e d'ahi a pouco solta um grito de desespero, um grito horrivel, que os echos ao longe repetiram como um protesto solemne contra a mais infame traição, que jámais se commettera n'aquella região abençoada.

Eis o que ella vira:

A um canto da tenda, jazia por terra quasi sem vida o valente Apimano, solidamente algemado de pés e mãos, e horrivelmente ferido. Em frente d'elle, tres romanos, um dos quaes era o tribuno Victor, contemplavam a sua obra, e insultavam ainda o desditoso lusitano!...

—«Chegaste a tempo, formosa Euria, disse o tribuno com um sorriso infernal. Quiz que visses a minha obra, para que soubesses como eu me desfaço d'aquelles que odeio. Teu esposo está prestes a descer á lagoa Stygia. Quiz luctar commigo, e esmaguei-o. Agora nós, minha bella ingrata!...»

E sem que a juvenil esposa sahisse do doloroso espanto, em que a submergira aquelle horrivel espectaculo do marido quasi sem vida, o brutal romano apoderou-se d'ella, e auxiliado pelos companheiros e pelo infame Gisco, amordaçou-a, e depois de lhe ter ligado os braços e as pernas, atirou-a para junto do corpo de Apimano.

—«Gisco, disse elle ao carthaginez, aqui tens a recompensa promettida. Agora tu, Marco, vae buscar o carro que nos espera, e avisa os soldados que devem acompanhar-nos. A presa é magnifica, e eu quero conduzil-a sem demora ao acampamento.»

Emquanto o soldado corria a cumprir a ordem do chefe, Gisco, que estivera contando as moedas de ouro que o romano lhe dera em paga da sua traição, disse-lhe:

—«Os deuses premeiem a tua generosidade, Albo Papirio Victor, mas tu havias-me promettido outra cousa...

—«Levar-te commigo, carthaginez?! exclamou o tribuno, lançando um olhar torvo ao miseravel. Não me apraz a tua companhia, e por Hercules! estou sentindo desejos de te fazer vomitar por uma boa ferida da garganta essa alma negra e corrompida! Mas não se dirá que Papirio faltou á fé jurada, mesmo a um ente abjecto e desprezivel. Aqui tens este salvo-conducto. Apresenta-te ámanhã no acampamento, quando os clarins tocarem a aria de Diana, e lá te dirão o destino que te reservo!...»

—«Invoco essa fé jurada de que fallaste, generoso Papirio, e recordo as tuas promessas. Offereceste-me protecção e soccorro pelo que fiz em obediencia ás tuas ordens. Não posso depois d'isto permanecer n'este paiz, e desejava partir para Utica, nas primeiras galés romanas que de Gades passarem á Africa...»

—«E quem te diz, escravo, que não terás esse destino? Poderia matar-te, porque és um vil traidor ao soldo de quem te paga, mas, por Venus! lembro-me que concorreste para que essa mulher cahisse em meu poder, e este serviço, embora vil e infame, desarma o desprezo que me inspiras. Desprézo a tua infamia, mas utilisei-me d'ella para realisar o meu fim, e por isso satisfarei os teus desejos. Vae ao acampamento, que de lá seguirás para Gades com o primeiro comboio de tropas que o pretor enviar á Africa. Mas, cuidado, escravo! O que se praticou hoje aqui repugna aos meus sentimentos, e só póde ser attenuado pela paixão que esta mulher me inspirou. Nem uma palavra, porém, de tudo isto, se não queres que te mande deitar ás feras do amphitheatro, como um vil escravo criminoso!...»

—«Serei mudo como um tumulo, Papirio, e o meu proprio interesse m'o aconselharia, quando mesmo me tivesse esquecido da tua generosidade ou das tuas ameaças. Não sabes como os lusitanos se costumam vingar de quem os atraiçôa?...»

—«Por Hercules! Nem mais uma palavra!» bradou Papirio Victor, levando a mão á espada.

Fóra da tenda, ouvia-se o ruido do carro que Marco fôra buscar, e d'ahi a pouco o soldado vinha dizer ao chefe romano que as suas ordens haviam sido cumpridas.

—«Bem. Agora, disse o chefe aos seus companheiros d'armas, conduzam os prisioneiros para o carro, e não se tirem um momento só de junto d'elles. Eu e os soldados seguiremos o carro. Estamos a oito dos idos de setembro. Ámanhã devo partir para Roma com os legionarios que vão assistir ao triumpho de Graccho É mister que o escravo Apimano figure n'esse triumpho, se escapar das feridas que recebeu. A caminho!...»

Os soldados apressaram-se a cumprir as ordens de Papirio, e pouco depois os prisioneiros eram installados no vehiculo puxado por dois bois possantes, que tomou logo o caminho do acampamento romano, escoltado pelo tribuno e por uns quarenta velites.

Quando o rumor do comboio se perdeu ao longe, cahia a noite completamente, uma noite escura de setembro, de uma serenidade que contrastava de um modo bem frisante com a scena de violencia, de que acabava de ser theatro a tenda do miseravel Gisco...

O carthaginez, á luz mortiça de uma alampada de barro, contava novamente o preço da sua infame traição.

— «Seis *minas!* murmurava elle. O tribuno foi generoso! Ainda assim, arrisco a pelle devéras, e quem sabe, se elle cumprirá a sua promessa! Os negocios teem corrido bem, e se comsigo transportar-me á Africa são e salvo com o meu peculio, por Melkarth! poderei commerciar em larga escala e enriquecer ainda muito breve. Isto aqui está dando pouco, e os perigos augmentam de dia para dia. O pretor paga bem a espionagem, está contente com os meus serviços, mas se me descobrem os do paiz, terei de pagar bem caras as minhas proezas...»

O monologo foi n'este ponto interrompido por um assobio estridente, que resoou á entrada da tenda.

— «É Halno! murmurou Gisco. Vem pedir a sua parte nos lucros. Eu já te fallo, velha raposa astuta!...»

E Gisco, arrecadando cuidadosamente o seu ouro, correu á entrada da tenda.

— «Partiram?» perguntou o guia.

— «Julguei que os tinhas encontrado,» disse Gisco, soltando um profundo suspiro.

— «Não; venho de Brachara. Quiz saber se alguem havia dado pela falta de Euria.»

— «E que novas trazes, Halno?» perguntou Gisco muito inquieto.

O velho, a esse tempo havia entrado na tenda, e fôra sentar-se em frente de uma amphora de cidra.

— «Tranquillisa-te. Tens todo o tempo de que precisas para fugires á colera dos parentes e amigos de Apimano, quando elles souberem o que se passou. Por emquanto não ha suspeitas. Entrei em casa de Euria, e fallei largamente com Meratra, a velha mãe de Apimano...»

— «E Meratra não extranhou a ausencia da mulher de seu filho?...»

— «Soceguei-a a esse respeito, descança, e sem me comprometter, o que é melhor ainda. Disse-lhe que encontrára a mulher de Apimano dirigindo-se para junto de seu marido, que estava doente na tua tenda, Gisco. Meratra quiz logo vir para junto de seu filho, mas como lhe disse que Euria talvez só de madrugada se pozesse a caminho com Apimano, ella resolveu esperar até que o sol suba acima d'estes montes, mesmo porque precisava de tractar da creança, que Euria lhe confiára. Já vês que tens tempo para te pores a salvo. Agora vamos a contas...»

— «A contas?! suspirou tristemente Gisco. O romano nada me deu, Halno, e repelliu com desdem as minhas supplicas, ameaçando até de arrancar-me a vida! Que Melkarth o abomine! Antes eu não tivesse entrado n'esta intriga!...»

Emquanto Gisco se lamentava d'este modo, o velho guia meneava ironicamente a cabeça, e tinha nos labios um sorriso de desdem.

— «Halno conhece a tua avareza, Gisco, e o embuste das tuas palavras. O romano pagou os nossos serviços. Não duvido que quizesse matar-te como

eu ainda agora alli fóra esmaguei um sapo, que veiu ao encontro das minhas sandalias de couro, porque o romano conhece-te como eu te conheço, e sabe que não és menos nojento do que o sapo que esmaguei! Mas, pelo que respeita á paga, eu conheço Papirio, e nunca elle deixou de pagar os serviços de que precisa. Vamos a contas, repito...»

—«E's injusto para commigo, Halno! disse o carthaginez, procurando ganhar tempo. O romano deu-me este salvo-conducto para me apresentar ámanhã no acampamento, e a unica paga que dá aos meus serviços é conceder-me transporte nas galés que vão partir para a Africa. Vae ter com elle, e pede-lhe o que prometteu. Pode ser que sejas mais feliz do que eu fui...»

—«Não vou, descança. Promettestc-me duas *minas* para te avisar da chegada de Apimano, e para o conduzir á tua tenda, onde os romanos o esperavam ha dois dias. Quando o lusitano cahiu na embuscada, promettestc-me cincoenta *dinheiros* mais, para attrahir Euria ao laço que lhe armavam. Cumpri as duas missões, e venho exigir o ajustado. Recusas pagar-me os serviços, mas Halno, apezar de velho, tem força para te arrancar o ouro que lhe deves. Vaes dar-me o ajustado e mais cincoenta *dinheiros* pelo trabalho que me dás. Na minha edade as violencias são penosas, e eu não quero inutilmente arrancar este punhal da sua bainha de couro. Venha o oiro, Gisco!...»

E dizendo, o velho fez brilhar a lamina do punhal de ferro, á luz mortiça da alampada, com uma ligeireza de movimentos realmente bem pouco tranquillisadora para Gisco.

O carthaginez era cobarde, e viu que não podia luctar com o adversario, porque Halno, apesar de velho, conservava ainda os mesmos musculos de ferro de que Gisco tinha as mais vivas lembranças. Não era a primeira vez que o velho guia precisara de morrer á força para obrigar o miseravel a cumprir os seus ajustes. Gisco viu que não tinha remedio senão desfazer-se do dinheiro, e por isso soltando um profundo suspiro, apresentou a Halno duas *minas*.

—«Faltam ainda cem dinheiros...» observou Halno, conservando a mesma attitude ameaçadora.

—«Cem dinheiros! gemeu o carthaginez, contorcendo os braços com desespero. Mas tu queres espoliar-me de todo o meu peculio, Halno! O romano nem sequer me deu essas duas *minas*, juro-t'o por Melkarth! Vem commigo ao acampamento de Victor, e d'elle proprio saberás que digo a verdade...»

—«Poupa-me ás tuas lamurias, Gisco! Não se trata do romano agora. Deves-me cincoenta dinheiros do ajuste, e mais cincoenta da violencia que tenho de empregar para te arrancar das mãos esse ouro. Venha o dinheiro, se não queres pagar-me a divida com o teu sangue de traidor!...»

Gisco, assustado com as ameaças do velho, não teve remedio senão desfazer-se da quantia exigida.

—«Ahi tens, disse elle a Halno. Espolias-me de todo o peculio com que tencionava transportar-me á Africa! Juro-te que não recebi dinheiro de Victor, e esse que te dou é o fructo do meu commercio ha dois annos, depois que a tregua me permittiu levantar esta tenda, onde, graças a Melkarth, o commercio me tem corrido prospero...

—«Ó commercio! exclamou Halno, encolhendo os hombros com desprezo. Julgas que tenho a simplicidade de acreditar que esta horrivel beberagem te tenha dado as riquezas que possues? O teu commercio é de outra especie, amigo! Tu és de ha muito o fornecedor de escravos dos *magones* do acampamento romano. Tens entregado por traição aos conquistadores muitas lusitanas formosas, que a estas horas servem nos gyneceus aos prazeres devassos dos opulentos de Roma. O interesse é o teu deus, miseravel, e nunca deixaste de servir a quem te paga, qualquer que seja o serviço que de ti exijam!...»

—«E tu, Halno, não tens tomado parte em muitas d'essas transacções? Censuras-me o mesmo que praticas! Tem graça a censura, por Melkarth! Não és tu o guia dos romanos para as casas mais opulentas? Não tens indicado tantas as vezes aos chefes as veredas desconhecidas, que conduzem ás regiões ferteis do paiz?...»

—«Não o nego, mas não é o interesse que me inspira exclusivamente. Fui dedicado n'outros tempos aos lusitanos, e servi-os com a maior lealdade e desinteresse. Quando foi da morte de Hasdrubal, tinha eu quarenta annos, combati ao lado das guerrilhas vetonias contra o inimigo commum. Vivi com ellas nas montanhas, soffrendo privações e revezes, e batia-me desesperadamente, quando em frente de nós appareciam as legiões inimigas. Um dia, meu filho Kadorch foi sacrificado a Endovellico, porque os sacerdotes viam n'esse esforçado rapaz um competidor temivel. Não era o deus que pedia essa victima, era a colera, a raiva, o despeito d'esses miseraveis rivaes do joven carthaginez. Assisti ao sacrificio, vi mergulhar o punhal nas entranhas de meu pobre filho, no meio dos gritos de feroz alegria da multidão que cercava as aras. Quando as lavaredas devoraram o corpo inanimado de Kadorch, fiz a Melkarth um juramento terrivel... entregar aos romanos todos os lusitanos que podesse! E tenho cumprido esse juramento, trahindo sem cessar os lusitanos, guiando por toda a parte as legiões e os chefes, e fazendo derramar lagrimas de sangue a centenares de filhos d'essa raça odiada, vendidos como escravos aos contractadores do exercito. Tu és traidor pela sede de ouro que te devora: eu atraiçôo pela sede de uma vingança, que ha quarenta annos me tortura! Ahi tens a razão porque te auxilio nos teus contractos, miseravel mercador avarento!...»

—«Mas, Halno, observou Gisco ironicamente, ninguem dirá que é a vingança o unico mobil que te inspira! De todas as vezes que me tens prestado serviços, exiges a paga em bom ouro, com a mesma violencia de que ainda ha pouco me déste provas... Confessa que tambem amas o ouro, como verdadeiro crente do deus de nossos paes...»

—«Enganas-te, Gisco, o ouro não me seduz como a ti, porque não tenho a tua cobiça insaciavel. De bom grado o trocaria pela vingança, se podesse conseguil-a completa, a peso d'esse metal que te desvaira! O pretor pode dizer alguma cousa a este respeito, mas não preciso de te descobrir os meus segredos. Vamos ao que me interessa. Euria resistiu ao tribuno?»

—«Não teve tempo para isso. Foi amordaçada e ligada solidamente apenas entrou aqui. Apimano é que luctou como uma féra, quando foi surprehendido pelos romanos. Mas tudo foi inutil. O pobre rapaz ficou gravemente fe-

O rapto d' Euria

rido, e pelo estado em que o deixaram parece-me que o tribuno não conseguirá o seu desejo de o fazer figurar no triumpho de Graccho.»

—«Apimano é robusto, e não deixará sahir facilmente a alma, alentado como deve estar pelo desejo da vingança. Se elle podesse enviar um emissario ás tribus, os romanos teriam que vêr com elles, e Victor não teria tempo de partir para a Italia, nem de encontrar o premio da sua violencia nos braços da formosa Euria.»

—«Mas Apimano, ferido e algemado, não está em situação de se vingar, Halno, e nós podemos por-nos a salvo, antes que esta violencia seja conhecida das tribus. No acampamento romano ha bons postes preparados, e se Apimano quizer reagir contra os romanos, vel-o-hemos d'aqui a algumas horas crucificado. Assim se livrará Victor do seu rival, se elle quizer perturbar-lhe a posse de Euria...»

Mal o carthaginez acabára de proferir estas palavras, entraram na tenda tres homens, que vinham interromper bem desagradavelmente o colloquio dos dois cumplices. Tinham decerto ouvido atravez dos pannos toda a conversação, porque entraram com um impeto feroz, e atiraram-se a Halno e a Gisco, prostrando-os immediatamente por terra. Emquanto dois d'elles seguravam os miseraveis, que, tomados de pavor por aquella brusca apparição, nem ousavam soltar um grito, o terceiro, um joven lusitano de cabellos soltos, e de pescoço e braços musculosos, perguntou a Gisco:

—«De quantos homens se compunhá a escolta de Papirio Victor?»

O dono da tenda comprehendeu que era inutil mentir, por isso tentando salvar-se d'aquella perigosa situação a troco de uma confissão completa, respondeu com a voz suffocada pelo terror e pela forte pressão do lusitano, que o segurava pondo-lhe um joelho no ventre:

—«Quarenta *velites*... Valo!...»

—«Ha quanto tempo sahiram d'aqui?» continuou elle com a voz vibrante de colera.

—«Partiram ao cahir da noite. Apimano e Euria iam n'um carro puxado pelos bois de Hipagion, o siciliano que lavra o campo do tribuno. Eu estou innocente, Valo, e estava combinando com Halno o meio de prevenir a tribu...»

—«Silencio, miseravel! bradou Valo, que pela energia e resolução parecia chefe dos outros dois lusitanos.»

E dirigindo-se aos companheiros, disse-lhes:

—«Fiquem de guarda a estes dois infames, emquanto vou prevenir a nossa tribu. Volto n'um momento. O sangue romano ha de ainda esta noite lavar abundantemente a affronta que acabamos de soffrer!»

—«Parte descançado, Valo, que estes miseraveis não hão de ter tentações de se levantarem d'aqui.»

E o lusitano, que proferira estas palavras, lançando a mão a um dos pannos da tenda, arrancou-o n'um abrir e fechar d'olhos. Em seguida, partiu-o em largas tiras, torceu-as, e foi ligar fortemente com ellas os braços e as pernas do velho Halno, que não resistiu, porque o terror o immobilisara comple-

tamente. O outro lusitano seguiu-lhe bem depressa o exemplo, e Gisco foi tambem amarrado de pés e mãos. Concluida esta operação, os lusitanos encheram duas amphoras de cidra, e pozeram-se a beber, emquanto esperavam a chegada de Valo.

—«Com que então, velho Halno, disse um dos lusitanos, dirigindo-se ao guia, depois de ter refrescado as guelas com a cidra de Gisco, tu és ha muito tempo um vil traidor, que nós consentiamos na tribu, sem a menor desconfiança?...»

—«Eu sempre desconfiei d'elle, Eudo, disse o outro lusitano, largando a amphora completamente despejada. Por mais de uma vez estive a ponto de esmagar esta velha rapoza de Carthago, quando a encontrava pelos caminhos a guiar os passos dos romanos. Meu pae, a quem eu contava as minhas suspeitas, dizia-me, porém: «Canthro, no tempo de Hannibal, Halno combateu muitas vezes a meu lado, e vi-o ferir os romanos com furor, como um inimigo irreconciliavel d'essa raça. Halno não póde ser um traidor. Está velho, e talvez perdesse a rasão: respeita a sua edade e os serviços que nos prestou contra os romanos!...» Assim fallava meu pae, e eu, embora pensasse de differente modo, não me atrevia a desobedecer aos seus preceitos. Foi preciso ouvirmos esta noite da sua propria bocca a confissão das infamias d'esse miseravel embusteiro.. »

-«E' verdade, Canthro. Oh! mas a nossa vingança será cruel contra estes bufrões carthaginezes, raça de viboras, que ahi estamos alentando nas tribus, imaginando-os animados de um odio igual ao nosso contra os romanos, quando afinal o que elles pretendem é vender-nos ao ouro do inimigo.»

--«E a proposito de ouro, Eudo, não seria conveniente explorarmos a tenda de Gisco, para lhe tirarmos o dinheiro ganho á custa do nosso sangue e da honra das nossas mulheres?...»

—«Eu não quero manchar as mãos n'esse ouro infame, preço de tantas lagrimas dos nossos irmãos! Valo, ou qualquer dos chefes, decidirá o que entender a esse respeito. Pela minha parte, juro a Endovellico, não me aproveitar d'esse ouro maldito!...»

—«Nem eu, meu caro Eudo, disse Canthro, estremecendo de horror, mas talvez o chefe não pense d'esse modo. O ouro romano, depois da ultima tregua, começa a ser apreciado nas tribus, porque as necessidades vão augmentando, e estamos rodeados de miseraveis mercadores, como estes dois, que não acceitam outro genero a troco das fazendas que nos vendem. O chefe resolverá a este respeito. Aguardemos as suas ordens...»

—«Quando nas tribus se souber a funesta nova da violencia feita a Euria e a Apimano, os chefes soltarão o grito de guerra, e virão em soccorro dos nossos irmãos. Oh! a noite vae ser terrivel para os romanos!...»

-«Dou graças a Endovellico por ter d'este modo apressado o termo da tregua. Quando vejo os romanos na posse tranquilla dos nossos campos, sem que se levantem em massa os guerreiros contra elles, julgo-me um cobarde, e invade-me o desalento e a tristeza. As terras teem sede do sangue romano e até as searas se resentem da falta d'esse alimento benefico! Nossos paes fo-

ram mais felizes do que nós. Quando eram validos e robustos, como nós agora somos, nunca o romano assentou tranquillamente os seus arraiaes nas terras lusitanas. Soaria finalmente a hora da vingança contra os oppressores da nossa raça?...»

—«Parece-me que sim, Canthro, disse Euro, levando enthusiasticamente a mão ao cabo do punhal que lhe pendia da cinta. E' tempo de abrirmos os olhos, e de vermos claramente as traições romanas. Não é este o unico aggravo de que temos a queixar-nos contra esses odiosos tyrannos. Os nossos chefes alistados nas legiões romanas tem sido vilmente trucidados nos combates, quando são mandados para paizes distantes, contra a fé dos tractados, e contra todas as concessões que esses perfidos nos prometteram. E' tempo de acordarmos d'este lethargo indecoroso, a que se dá o nome de tregua!»

—«Então, que é isso, meu velho? disse Canthro, ao ver que Halno se estorcia em convulsões medonhas, fazendo esforços para se libertar dos laços que o prendiam. Não te afflijas, que em breve descançarás para sempre! Valo não tarda, para pôr termo á tua impaciencia...»

Como se estas palavras fossem uma evocação, ouviu-se n'aquelle momento um grande tropel nas proximidades da tenda de Gisco. Eudo chegou á entrada e soltou o grito de guerra dos lusitanos, que resoou sinistramente no silencio da noite. Respondeu-lhe d'ahi a pouco outro grito, não menos estridente, e Valo entrou na tenda, seguido de dois anciãos, que ostentavam ao pescoço o collar de conchas brancas dos chefes.

—«Aqui tendes os traidores,» disse Valo, indicando os dois miseraveis que se estorciam no solo da tenda.

—«Vão ser punidos immediatamente», disse um dos chefes.

—«Permitte-me uma observação, Megaravo», disse Eudo, curvando-se respeitosamente diante de um dos anciãos.

—«Falla!...» disse o chefe, acolhendo com bondade as palavras do moço lusitano.

—«Na tenda d'este miseravel traidor punico, deve existir muito ouro romano, accumulado á custa de infamias, desde que este homem é espião e cumplice dos nossos inimigos. Eu não ousei tocar n'esse metal maldito, preço do sangue e das lagrimas de tantos filhos da nossa raça! Queres que se procure esse ouro, Megaravo?»

—«Meu filho, disse o ancião, consultando primeiramente com o olhar o seu collega. Esse ouro, preço da infamia, é tão infame como quem o adquiriu, e vae soffrer o mesmo destino. As chammas vão incendiar este logar maldito, e devorar com as suas labaredas purificadoras os traidores e o preço da sua traição. Endovellico jámais terá de nos punir por havermos manchado as mãos com o ouro devido a tantos crimes!»

E tomando nas mãos tremulas a debil alampada que illuminava o recinto, o chefe approximou-se de alguns pannos da tenda, que se incendiaram no mesmo instante, ao passo que os lusitanos se affastavam para contemplarem aquella memoravel execução.

Foi um espectaculo imponente. Em volta da tenda incendiada, viam-se

milhares de guerreiros lusitanos, com os compridos cabellos atados com a fita dos combates, e empunhando as suas lanças e espadas, que scintillavam aos rubros clarões d'aquella fogueira enorme. Quando o incendio se extinguiu, e não restaram mais do que as cinzas fumegantes da tenda do carthaginez, e os corpos carbonisados de Gisco e Halno, a turba guerreira, até ahi silenciosa, entoou os seus hymnos de morte, em que havia contra os romanos sombrias palavras de guerra e de exterminio.

Pouco depois o silencio restabeleceu-se novamente, e as trevas occultaram os milhares de vultos, que a passos rapidos se dirigiam para o acampamento do tribuno Albo Papirio Victor.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

A tenda do tribuno levantava-se no centro do acampamento, e um veterano postado á entrada velava pela segurança do chefe, que ia ceiar lautamente com um seu collega, chegado n'essa mesma noite da guarnição de Salacia. Albo Papirio Victor devia partir no dia seguinte para a Italia com as tropas do seu commando, e o seu collega Licinio Probo viera despedir-se d'elle, como amigo e companheiro de armas, menos feliz do que Victor, a quem era permittido regressar a Roma, emquanto que elle tinha de permanecer por mais alguns mezes na Lusitania.

As forças acampadas, sob o commando de Victor, e que deviam comboiar para Roma alguns prisioneiros importantes, destinados ao proximo triumpho do pretor Graccho, compunham-se de quatro *manipuli*, sendo um de *velites*, ou recrutas, outro de *hastati*, ou soldados habituados aos combates, outro de *principes*, que eram os mais fortes e vigorosos, e outro finalmente de *triarii*, ou veteranos.

Emquanto as tropas repousam, alguns *hastati* rondam o acampamento, segundo as ordens de Victor, que tinha motivo para receiar alguma investida dos barbaros, com o fim de libertar os prisioneiros. E' verdade que a tregua com os lusitanos não fôra ainda quebrada, e que os prisioneiros que iam ser conduzidos a Roma pertenciam exclusivamente aos celtiberos; no emtanto, o tribuno queria estar ao abrigo de qualquer surpreza, tão frequente nas regiões que as suas tropas atravessavam, e demais a mais, podendo dar-se o caso de ser descoberta n'essa mesma noite a desapparição de Apimano e Euria.

Não era muito provavel essa descoberta da fraude do tribuno. Papirio Victor assim o julgava, porque rodeiara o acto traiçoeiro dos maiores mysterios. Apimano entrara despreoccupadamente na tenda de Gisco, a convite do astuto carthaginez, sem que nenhuma espia lusitana o visse dirigir-se para alli. Acommettido por uma infame surpreza, o valente luctador nem sequer teve tempo de soltar um grito. Papirio e os seus cumplices cahiram sobre elle de chofre, e a rapida lucta travada pelo desgraçado, em que elle fôra gravemente ferido, porque procurara defender-se com a sua coragem habitual, não tivera testemunhas extranhas á traição, nem podéra ser ouvida cá fóra. D'ahi a pouco, Euria fôra attrahida pelas suggestões dos dois miseraveis punicos, os

quaes pelo proprio interesse se absteriam cuidadosamente de revelar a infamia em que haviam tomado uma parte tão activa. Papirio julgava ter tempo sufficiente para sahir da Lusitania, sem que as tribus conhecessem a odiosa traição que lhes arrebatara um dos seus chefes mais aguerridos e estimados.

A noite estava ainda em principio, quando o tribuno Licinio Probo chegára ao acampamento, com uma pequena escolta de *hastati,* para se despedir do seu collega Papirio Victor. Encontrou-o junto da sua tenda, dando ordens relativamente aos dois captivos que trouxera da tenda de Gisco.

Trocadas as mais amigaveis saudações, Victor, que estava radiante, mandou logo preparar uma lauta ceia para celebrar a chegada do seu amigo.

—«Tragam amphoras!» ordenára Victor aos escravos, e d'ahi a pouco os dois amigos encontravam improvisado na tenda um pequeno *triclinium,* para o seu banquete nocturno. O solo foi n'um momento juncado de plantas aromaticas, e os escravos apressaram-se a trazer bacias de prata, cheias de uma agua perfumada, e toalhas bordadas com franjas de purpura.

Entre os escravos havia um joven grego, ainda imberbe, de rosto formosissimo, que foi ajoelhar-se diante de Probo, apresentando-lhe graciosamente a bacia das ablucções.

—«Não te conhecia este *lectisternator,* disse Probo examinando o escravo com uma grande complacencia de amador d'aquelle luxo moderno, que começava a ser introduzido nos costumes romanos. Ha muito que o adquiriste?» perguntou elle a Victor.

—«Comprei-o em Carthagena por vinte *minas,* haverá tres mezes, e alli o deixei por algum tempo entregue aos cuidados do magone Biton. Quando o pretor me communicou a ordem de partir para Roma, apressei-me a reclamal-o. Quero leval-o commigo para a Italia.»

—«Os deuses concederam-te grandes riquezas, oh Victor, e os prazeres convidam-te a uma vida menos agitada. Tencionas ficar em Roma?»

—«Tenciono, agora principalmente que realisei o meu desejo mais grato. Por Venus! Lembras-te, Probo, da ultima vez que me viste em Salacia? A minha mocidade extinguia-se devorada por um fogo interior que a consumia, e as Parcas não tardariam a quebrar-me o fio da existencia. Lia-se-me no rosto o soffrimento que me quebrantava, e varias vezes me perguntaste a causa occulta e mysteriosa que me roubara a alegria de outros tempos mais felizes. Disse-te apenas que me sentia morrer lentamente, e embora a tua amisade insistisse, não obtiveste de mim os pormenores que desejavas. Chegou finalmente a occasião de te contar tudo, oh Probo, e vaes conhecer uma historia bem singular.»

—«De ha muito que o estado em que te via, me inspirava grande cuidado, e foi até um dos motivos que me impelliram a vir despedir-me de ti, quando me constou a nova da tua partida para Italia. Falla, amigo, e por Pollux! não temas incorrer nas minhas censuras, por maior que tenha sido a tua fraqueza. Tambem eu fui escravo do amor, e tenho corajosamente supportado as suas crueldades.»

—«Escravo do amor, dizes tu! Oh! mas se soubesses que ha amores fa-

taes, que se nos apoderam da existencia como uma hydra, e nol-a torturam a cada instante, sugando-nos a mocidade, o valor, a energia, e até mesmo todas as outras qualidades apreciaveis do nosso ser! A historia que vou contar-te é uma d'essas sombrias obsessões do espirito, que nos parecem ser enviadas pelas divindades inimigas da paz do homem e do seu bem estar sobre a terra Ha dois annos, Graccho enviou-me com algumas tropas ás terras dos braccharos, que se haviam rebellado e que investiam os nossos postos, massacrando com a sua furia indomavel de barbaros, todos os romanos que encontravam. Foi ardua a tarefa, mas emfim consegui domal-os, occupei Brachara, e seguindo as instrucções do pretor, procurei ser humano para com os vencidos, celebrando com elles uma tregua nas mais razoaveis condições. Foi então que vi pela primeira vez Euria, uma formosa lusitana, e me senti preso dos seus encantos de uma maneira irresistivel. Tentei seduzil-a, empreguei mesmo para isso todos os recursos que se me offereceram, mas ella a tudo resistiu, porque amava de ha muito um joven da sua raça, com quem estava para casar. Não imaginas, oh Probo! quantos esforços empreguei para me desfazer do meu rival, alimentando a esperança de que, morto elle, a formosa Euria deixaria de ser indifferente ás minhas propostas. Tudo foi inutil. Apimano, o noivo de Euria, era um dos mais estimados chefes das tribus barbaras, e fazel-o desapparecer, seria excitar uma revolta contra nós, revolta terrivel, que eu de bom grado teria arrostado, mas que destruiria completamente o plano do pretor, e me faria incorrer no seu desagrado, por isso que o chefe me déra ordens positivas para conservar a tregua, e ganhar por meios brandos o respeito d'esses barbaros, que só nos accommettem, quando se falta á fé dos tractados. O meu supplicio começou então, oh Probo! Vi Euria passar para os braços de Apimano, depois de ter repellido com indignação as minhas propostas, presenciei mil vezes a felicidade dos dois esposos, e tive de fazer a maior das violencias ao meu caracter para suffocar nos mais profundos recessos do coração o amor, o odio e a raiva que me devoravam! Quantas vezes, alta noite, vagueei em torno da morada de minha amada, revolvendo na mente os mais sombrios planos de vingança! Quantas vezes pedi ás furias infernaes que alentassem o meu odio mortal, e me concedessem o triumpho completo da paixão que me escaldava o sangue! Quando o ciume ia armar-me o braço, a ideia do dever vinha de subito aniquillar-me. Bem sabes que laços de affeição e respeito me prendem a Graccho, e os deuses me preservem de eu desobedecer ao meu chefe, ou de causar por este amor infernal o menor damno á sua politica pacificadora.»

— «Mas emfim, tu partes ámanhã, vejo-te alegre e satisfeito, e não comprehendo, depois do que me disseste, o contentamento que te diviso no semblante...»

— «Ouve, Probo, o resto da minha historia, e verás a explicação da extranha alegria que notaste. Quando recebi do pretor a ordem de partir para Roma, comprehendi que não poderia resistir a esta separação. Por maior que fosse o meu tormento, ao ver Euria nos braços de um rival feliz, mais horrivel seria affastar-me d'esta região, sem que podesse tornar a vel-a. Esta ideia, obsediando-me continuamente, inspirou-me um plano, de que me envergonho,

mas que não poude deixar de pôr em pratica, porque a posse de Euria era o supremo desejo da minha vida, e mais facil me seria embeber a espada no peito, do que affastar-me dos logares que ella habita, e condemnar-me por esta ausencia a não a tornar a vêr. Por Venus! oh Probo! Luctei durante muito tempo. Todos os sentimentos honestos do meu animo travaram uma lucta horrivel com a paixão implacavel que me dominava, e a victoria coube a essa paixão funesta. Apimano e Euria, por uma traição que me repugna, mas que não podia deixar de pôr em pratica, estão ha algumas horas em meu poder...»

E Victor contou ao seu amigo o modo como lograra apoderar-se dos dois conjuges.

—«Dize-me, Victor, o que tencionas fazer de Apimano? Matal-o?!...»

—«Não, por Hercules! A morte não pagaria sufficientemente todos os supplicios que esse rival feliz me fez soffrer. Apimano, se escapar aos ferimentos que recebeu, figurará em Roma no proximo triumpho de Graccho, ou será vendido como escravo para ir morder brevemente a poeira do *spoliarium*, se o pretor não acceitar o ensejo que lhe proporciono de apresentar nas ruas de Roma um famoso chefe dos lusitanos, carregado de ferros...»

Probo guardou silencio, e Victor, como se sentisse remorsos da sua cobardia, mergulhou a fronte nas mãos, entregue a penosas reflexões. A este tempo, appareceram á porta da tenda os escravos, trazendo n'um enorme prato argenteo tudo quanto devia servir de preparação para o festim. Pratos adornados de hervas perfumadas, por entre as quaes se viam os ovos, os peixes, e pequenas taças cheias de um vinho misturado com mel.

—«Invoco a protecção de Baccho!» exclamou Victor, inclinando-se diante da imagem do deus, collocada no meio da meza.

O hospede repetiu a invocação, e derramando vinho sobre a meza, fez as libações do estylo.

—«Ha quanto tempo estiveste em Roma?» perguntou Victor a Probo.

—«Estive lá o anno passado nos idos de sextilis, por occasião das festas de Vulcano. Fui na legião de Sexto Niger, que regressava de Massilia. Poucos dias me demorei na cidade. Graccho reclamou-me logo para a Celtiberia, e quasi nem tempo tive para abraçar os amigos.»

—«Nos idos de Sextilis costuma haver combates no circo. Assististe a algum?»

—«Assisti. Havia quatro famosos gladiadores gregos, Tetraides, Lydon, Bombochides e Stratonices. Seis leões da Lybia, de uma belleza e magestade admiraveis, despertavam o enthusiasmo da plebe, e um d'elles devorou um escravo macedonio, que se atrevera a combater com elle, e que nem sequer poude soffrer-lhe a primeira investida.»

—«Por Hercules! Os macedonios são melhores para a guerra do que para o circo! Lembras-te, Probo, das nossas campanhas da Asia?...»

—«Se lembro! Foram rudes as pelejas por essas regiões adustas, mas tambem que bellos espolios trouxemos a Roma! E as nossas captivas! Em Roma causaram enthusiasmo as bellas gregas trazidas para os lupanares da cidade!... Eu não approvo nem desapprovo a tua ideia de levares para Roma a bella Eu-

ria, em todo o caso parece-me que encontrarias alli numerosas beldades, que bem depressa te fariam esquecer os encantos da tua lusitana selvagem!... Se te visses nos braços de Myrte, a bella corinthiana, oh Victor!... Que mulher aquella! Como o amor é doce nos seus labios... Por Venus! Ainda me sinto estremecer de volupia ao lembrar-me dos seus amplexos apaixonados!...»

— «Este amor fatal não poderia encontrar lenitivo nos braços tentadores das sereias gregas, meu caro Probo! A paixão que Euria me inspirou, só nos braços de Euria póde ser mitigada. Eu não podia viver longe d'ella, e arrostei com todas as censuras da propria consciencia, para a levar commigo para Roma. Esta mulher perverteu-me o caracter, e prevejo que me será fatal ainda, mas que importa? Tudo arrostarei corajosamente para a possuir... Vaes vel-a, Probo!...»

E o tribuno levantando-se, afastou uma das cortinas de purpura que dividiam a tenda, e deu uma ordem.

Pouco depois, dois escravos trouxeram para junto de Victor uma mulher, cuidadosamente embrulhada n'um manto de lã branca.

— «Euria, disse o tribuno, dirigindo-se á captiva, depois de ter dado ordem aos escravos para que a collocassem sobre um opulento divan que adornava a tenda, e que ficava em frente da meza do festim, a violencia de que usei para comtigo e para com teu esposo, encontrará no teu espirito uma explicação bem clara, porque sabes quanto te amo. Estás em meu poder, d'onde ninguem é capaz de te arrancar, mas tu és a dominadora suprema do meu animo, e se proferires uma palavra teu esposo será livre! Profere-a, Euria, e Apimano será conduzido immediatamente ás proximidades dos seus lares. Odeio esse rival, que me privou do teu amor, mas por tua causa deixarei de exercer sobre elle a minha vingança implacavel. Quero ser magnanimo para comtigo, e merecer o teu reconhecimento, deixando livre o captivo que o direito da força collocou á mercê da minha vingança... Desejas que Apimano regresse a Brachara?»

A bella captiva respondeu com um soberbo desdem estampado no semblante:

— «Nada te peço, e nada acceito de ti. Os deuses abandonaram-me nas tuas mãos, mas tanto eu como Apimano saberemos morrer corajosamente. Procede como entenderes, e não insultes a minha desventura, fallando-me d'esse amor infame, que só infamias é capaz de produzir!...

— «Offereci-te lealmente a vida de teu esposo, mas o teu desdem acaba de reabrir todas as cicatrizes ainda mal fechadas dos soffrimentos que uma louca paixão por ti me inspirou! Esqueci por um momento que a sorte te fez minha escrava, e que te devo fallar tão sómente como senhor, agora que estás em meu poder para sempre, agora que posso revoltar-me por minha vez contra a abjecta escravidão em que o meu amor me collocou durante tanto tempo. Tens coragem para morrer, dizes tu? Não se tracta de morte, ao menos para ti... nem para elle! continuou o tribuno, estremecendo de colera ao lembrar-se do seu rival. Esse barbaro da tua raça indomavel vae saber até que ponto chega a vingança de um romano, ferido por mil desdens que não póde nem

deve supportar! Apimano é meu escravo como tu, mas a sua escravidão será mais horrivel que a tua, descança! Para ti, as minhas caricias apaixonadas, todo o ardor da paixão que me devora, e a cujos arrebatamentos voluptuosos não tens remedio senão sujeitar-te, escrava! Para elle, os supplicios sem fim, a humilhação imposta aos escravos nos nossos soberbos prestitos triumphaes, os apupos da plebe, o latego dos histriões, e mais tarde a guela sangrenta das feras, nos jogos do amphitheatro! Eis o destino que reservo a teu marido.»

—«Mais horrivel é o que me preparas, mas os deuses do meu paiz não hão de permittir tal impiedade. Primeiro me darás a morte do que me verás sujeitar-me ás tuas caricias abominaveis!...»

—«Por Hercules! exclamou o tribuno completamente desvairado pelo desprezo que se traduzia nas palavras da lusitana, e que elle sentia fustigarem-lhe o rosto como se fossem um latego implacavel. Vês a audacia d'estes barbaros, Probo! Vês como elles ousam desafiar a colera dos romanos! Oh! mas tragam aqui o meu escravo lusitano! gritou elle a uma das cortinas da tenda. Quero vèr, se em presença dos supplicios que lhe reservo, esta mulher soberba ousará ainda insultar-me com o seu desdem! Has-de cahir supplicante a meus pés, exorando-me o perdão de teu esposo, mas será tarde, e vel-o-has immolado á minha colera terrivel!...»

E Victor media a passos largos o solo da tenda, presa de uma extraordinaria agitação.

Probo tentou serenal-o com algumas palavras sensatas, inspiradas pela amisade que lhe consagrava.

—«Ouve, meu caro Victor. A colera é uma pessima conselheira. Procura entregar-te por algum tempo ao repouso de que tanto necessitas. Amanhã, qundo os clarins tocarem no acampamento a aria de Diana, o teu excellente coração hade suggerir-te por força uma determinação acertada. N'esse momento decidirás o que deves fazer dos prisioneiros, porque Morpheu ter-te-ha serenado o animo tão agitado...»

—«O teu coração, Probo, inspira-te palavras de paz, porque está completamente exempto das paixões impetuosas que me devastam rudemente o cerebro. Se tu soubesses como soffro!... Mas, continuou elle, dominando-se ao vèr nos labios da captiva um sorriso de desdem, enganas-te, Probo, eu não soffro cousa alguma! Não vès como estou sereno e tranquillo?! É o meu orgulho que se revolta contra a ousadia d'essa mulher que é minha escrava, e que ainda esta noite hei de vèr rojar a meus pés supplicante, quando vir o supplicio do barbaro que me preferiu! Tragam o escravo, não ouvem?!» bradou elle affastando uma das cortinas da tenda.

Appareceu o joven grego, que no principio do festim viera trazer a Victor e ao seu hospede a bacia de prata das ablucções.

—«O teu escravo, disse elle ao tribuno, está muito doente, e delira n'este momento. Sporus, que lhe tem pensado as feridas, manda perguntar se o deve trazer aqui mesmo n'esse estado...»

Victor hesitou antes de responder. Pelas formosas faces da captiva deslisaram algumas lagrimas de dòr, ao ouvir as palavras do joven escravo. O tribuno

viu essas lagrimas, e commoveu-se. A raiva que lhe queimava o sangue dissipou-se como que por encanto.

—«Tens razão, Probo, disse elle abraçando o amigo. O teu conselho é prudente. Vae-te, continuou elle, dirigindo-se ao escravo, e dize a Sporus que deixe repousar o captivo. Esculapio não levaria a bem que se perturbasse o descanço tão necessario aos que soffrem.»

—«Victor, disse n'este momento a prisioneira, com a voz afogada pelas lagrimas, quizeste ainda ha pouco vêr-me humilhada a teus pés, implorando-te a vida de meu esposo. As tuas violencias não lograriam humilhar-me, porque as mulheres da minha raça não se intimidam facilmente com as violencias. O teu coração reage n'este momento contra a infamia que praticaste, desvairado pela funesta paixão que te domina. Dá largas aos bons sentimentos que pretendem invadir-te o coração, Victor, e não pratiques uma crueldade inutil. Deixa-me ir para junto de meu esposo moribundo, deixa-me recolher talvez o seu derradeiro suspiro. Não é a vida nem a liberdade que te peço! Deixa-me ir morrer ao lado de meu esposo. Podes alli matar-me, que eu propria te peço que me dês a morte!...»

—«A morte, dizes tu?! Mas eu não quero matar-te, Euria! Quero que vivas, para me veres constantemente a teus pés, escravo dos teus caprichos, rojando a fronte no pó, para te agradar. Arranquei-te dos braços de teu esposo, commetti uma vil traição, eu proprio o confesso, oh minha amada! Mas foi a paixão que me inspiraste, uma paixão louca e fatal, que me escaldou o cerebro e me fez commetter esta vilania! O amor no paiz em que nasci, nas margens perfumadas da bahia azul de Napoles, produz este impeto dominador que nos aquece o sangue e nos leva a destruir todos os obstaculos. Por Venus! formosa Euria, estás em meu poder, chamei-te ha pouco minha escrava, mas jámais houve no mundo escravidão mais invejavel que a tua! Vaes commigo para Roma, e alli não serás escrava, mas rainha. Apimano, se o quizeres, será livre, poderá voltar para a sua tribu, onde facilmente apagará o desespero de perder-te, revoltando-se contra o dominio romano, e assollando por toda a parte as nossas terras e as dos alliados! Vem, formosa Euria, deixa-me desprender-te os braços martyrisados pelos laços que os sujeitam, os braços que eu tanto desejaria vêr cingir-me o pescoço, como duas serpentes amorosas!...»

E o tribuno, ebrio de amor e de volupia, foi despedaçar as grosseiras cordas que até ahi ligavam os pulsos da captiva...

Euria não oppoz a minima resistencia, mas quando se viu livre, correu á meza, e mais rapida que o raio, armou-se de uma lamina de aço que estava junto dos restos das iguarias do festim.

—«Para traz, infame!» gritou ella, quando o tribuno ia enlaçal-a nos braços musculosos.

E antes que elle estupefacto podesse fazer um movimento, antes mesmo que Probo podesse deter-lhe o braço, a acerada ponta da lamina entrava no coração de Victor, que cahiu por terra, soltando um grito horrivel.

Ouvindo a voz afflictiva do chefe, o veterano de sentinella á porta da

tenda, correu em seu soccorro, e viu um espectaculo verdadeiramente tragico. O tribuno estorcia-se no solo nas convulsões da agonia, e Euria luctava corajosamente com Probo, que procurava desarmal-a.

N'este momento, ouviu-se um ruido indescriptivel lá fóra, um tumulto guerreiro, em que se distinguiam os gritos estridentes, que os lusitanos costumavam soltar nos combates.

— «Os barbaros!» exclamou o veterano, e correu para o acampamento para dar o grito de alarme. Era inutil. A onda numerosa dos invasores assaltara de surpreza os *hastati*, e como conhecedores do terreno que pisavam, transposeram n'um momento as trincheiras, massacrando na sua passagem os romanos somnolentos, que oppunham apenas uma resistencia fraca e desnorteada, tomados de improviso por aquelle assalto impetuoso, similhante á innundação de um grande rio.

D'ahi por alguns momentos, um grupo de invasores, a cuja frente vinham Valo, Eudo e Canthro, entrava de chofre na tenda do tribuno. No solo, Victor debatia-se nas derradeiras convulsões da agonia, e Euria luctava ainda com Probo como uma leoa, tendo conseguido feril-o nas mãos e no rosto. O amigo do tribuno estava furioso com a resistencia pertinaz da heroina, e soltava horriveis imprecações. A lança de Valo, varando-o de lado a lado, fel-o morder o pó ao lado de Victor, que nem sequer poude conhecer a chegada dos lusitanos.

—«Endovellico ouviu as minhas supplicas!» exclamou Euria, cahindo de joelhos, ao reconhecer os guerreiros da sua tribu.

—«Onde está Apimano?» perguntou Valo, com inquietação, depois de ter percorrido com o olhar todos os recantos da tenda.

—«Os deuses não permittiram que elle morresse ás mãos do romano, disse Euria soltando um suspiro de allivio. Está ferido, mas vive ainda!»

E Euria, dizendo isto, aflastou uma das cortinas da tenda do tribuno, patenteando um vasto recinto, onde sobre um leito de pelles jazia o valente luctador. Junto d'elle os escravos, tomados de pavor pela chegada dos lusitanos, tremiam convulsivamente, não ousando mover-se d'onde estavam.

Sporus, o escravo que tratava do ferido, conservava-se a seu lado, sem manifestar o menor receio. Era um velho ligure, de cabellos brancos, que exercia na tenda do chefe as funcções de medico, pela longa experiencia que tinha de tractar dos feridos. Não conhecia a lingua dos lusitanos; por isso, quando Valo lhe perguntou pelo estado do chefe, o velho guardou silencio.

Euria dirigiu-lhe a palavra em latim, depois de ter verificado que seu marido jazia mergulhado n'um profundo lethargo:

—«Sporus, perguntou ella, são graves as feridas de meu esposo?»

E uma inquietação mortal transtornava completamente o bello rosto da lusitana.

—«Não ha nenhuma mortal, respondeu elle. O que o doente precisa agora é de repouso. Graças a elle, em breve se restabelecerá. A prostração em que o vês, provém apenas do muito sangue que perdeu.»

—«Valo, disse Euria ao chefe lusitano. Este homem deve ser poupado,

porque é aos seus cuidados que devemos a vida de Apimano. Endovellico protege-o, e nem um só cabello da sua cabeça deve cahir! Quando ainda ha pouco, o tribuno Victor reclamava o prisioneiro para se regosijar com o soffrimento da victima da sua infamia, Sporus, com a sua palavra prudente, salvaguardou o repouso do enfermo que lhe fôra confiado.»

—«Este homem é sagrado para nós, Euria. Os romanos chamam-nos barbaros, mas apesar d'isso, nós conhecemos melhor do que elles os principios da justiça e da equidade. A devastação que levamos aos seus acampamentos, bem o sabes, é apenas um legitimo desforço contra as suas traições infames.»

E voltando-se para Eudo e Canthro, o chefe disse-lhes:

—«Fiquem de guarda ao repouso de Apimano e á tranquillidade de Euria, com os homens que nos acompanharam até aqui. Eu vou receber as ordens de Megaravo.»

Lá fóra, no acampamento, fôra em extremo facil aos lusitanos destroçar completamente o pequeno numero de soldados de Victor que ousara resistir á invasão. Não escapara um só, tanto dos que resistiram, como dos que, colhidos em profundo somno, passaram sem protesto do repouso temporario ao somno eterno. Os lusitanos estavam completamente senhores do campo, e segundo o seu costumes n'estas frequentes excursões aos acampamentos romanos, saqueavam as tendas, colhendo valiosos despojos. Os prisioneiros celtiberos, destinados ao triumpho de Graccho, apenas se viram em liberdade, combateram denodadamente ao lado dos seus libertadores, e occupavam-se, agora que já não era preciso pelejar, de se vingarem dos seus soffrimentos de ainda ha pouco, indicando aos lusitanos as tendas em que havia mais importantes riquezas.

Quando Valo veio ter com o velho chefe, que até alli dirigira sabiamente o ataque, e lhe trouxe a noticia do que se passára na tenda do tribuno, os gritos de guerra dos lusitanos foram substituidos por um cantico triumphal, de um rythmo poderoso, que retumbou no silencio da noite, entoado por milhares de vozes:

«O sangue romano innunda os campos, e Endovellico estremece de prazer ao ouvir o estertor dos inimigos moribundos!

«Quando o sol apparecer no horisonte, brilhará sobre as cearas vermelhas.

«Atraiçôa, atraiçôa, romano, para que as lanças mergulhem no teu corpo, para que a terra beba o teu sangue!

«Quando a luz descer sobre os campos, encontrará muito sangue derramado.

«Quantos eram ainda ha pouco os romanos? Quantos são agora depois do combate?

«O sangue romano innunda os campos, e Endovellico estremece de prazer ao ouvir o estertor dos inimigos moribundos!»

Apimano e Euria foram transportados novamente para Brachara, no mesmo carro em que o tribuno os trouxera ao cahir da noite para o seu acampamento. Quando o pesado vehiculo se poz a caminho, escoltado por uma numerosa phalange de guerreiros, o fogo devorava as tendas do acampamento ro-

mano, e n'essa enorme fogueira, distinguia-se a horrivel mole dos cadaveres dos legionarios.

N'esse mesmo dia, sob o commando de Valo, as tribus lusitanas foram acommetter os diversos postos romanos da região, e soltar o grito de guerra por toda a provincia.

Acabara a tregua, obtida por Graccho, á custa de affagos e de concessões, e a guerra implacavel contra os romanos ia continuar, por causa da infame traição de Victor e dos seus auxiliares odiosos.

.....................................................................

.....................................................................

Quando os romanos tiveram conhecimento da hecatombe assombrosa que lhes victimára dois tribunos e uma importante cohorte das suas tropas, quando a noticia da irrupção dos barbaros chegou á séde do governo, adoptaram logo medidas energicas para suffocar a rebellião. A pouco trecho, porém, conhececeram que os lusitanos, animados de um resentimento irreconciliavel contra os oppressores, estavam decididos a combater por toda a parte contra elles, e que a palavra de ordem em todas as tribus era a completa libertação do territorio.

Emissarios bracharos percorriam as tribus, soltando o grito da guerra santa contra os invasores. Apimano, completamente restabelecido das suas feridas, foi eleito commandante em chefe da insurreição, porque, além dos aggravos pessoaes que recebera dos romanos, era o mais habil cabo de guerra do seu tempo. Possuia o genio do commando, a affabilidade, que tanto prestigio dá aos chefes, uma prudencia nunca desmentida, e um valor acima de todo o elogio. Moço ainda, mas conhecedor dos recursos estrategicos do paiz e do valor das tropas, que de toda a parte corriam a alistar-se nas suas bandeiras, o general lusitano não tardou a ganhar a confiança das tribus, e a incutir-lhes a lisongeira esperança de libertarem as regiões lusitanas do jugo romano. A victoria coroou amplamente as primeiras escaramuças, e as tropas da republica, escorraçadas por toda a parte, começaram a evacuar o territorio rebellado, e a abandonar os pontos, que ha tantos annos occupavam.

A insurreição era geral d'esta vez. Tanto ao norte como ao sul da Lusitania, o espirito de revolta encontrou um eccho sympathico, e animou até mesmo os mais indolentes. O que até então faltára as tribus, havia-o agora— um chefe audaz e intelligente, que soubesse dirigil-as contra o inimigo, um habil cabo de guerra que lhes désse a disciplina de que tanto careciam, e consubstanciasse n'um plano uniforme o esforço e a valentia, tantas vezes malbaratados em pequenas revoltas facilmente reprimidas.

O pretor romano comprehendeu o perigo, e apressou-se a ir arrostar com elle antes que apresentasse um caracter mais sério. Conhecendo a aptidão de Apimano, não lhe quiz dar tempo para disciplinar os insurgentes, e resolveu acommettel-o o mais breve possivel, com um numeroso exercito de tropas escolhidas e disciplinadas, com que se lhe affigurava, poder reprimir facilmente o movimento.

Apimano, porém, estava precavido, e a sua actividade incansavel fizera verdadeiros prodigios. O seu genio militar dera aos contingentes de tropas das

diversas tribus, agremiadas sob a sua bandeira, uma disciplina severa. Affavel e paternal para com os soldados, não transigia jámais com a menor quebra de disciplina, e usava nos castigos uma severidade salutar, que lhe assegurava o cumprimento exacto das suas ordens. Antes de se apresentar com as suas tropas em frente do exercito romano, que marchava contra elle, exercitou-as em ligeiras escaramuças, para as habituar á peleja, e reprimir qualquer tibieza, de que déssem provas. A sua politica, além d'isso, era apontar aos soldados o romano como um tyranno odioso, que vinha impôr ás tribus o seu jugo de ferro, e reduzir á escravidão todos os habitantes do paiz. Apontava exemplos frizantes, a felonia dos conquistadores por occasião da ultima tregua, as infamias praticadas, os raptos frequentes, o estupro das virgens lusitanas, sobre as quaes os chefes e a soldadesca tantas vezes haviam saciado a sua infame e bestial volupia. Possuia uma eloquencia facil e persuasiva, que accendia o valor no peito de quantos o escutavam, e despertava a coragem em todas as fileiras, animando-as de um odio inquebrantavel contra os audazes conquistadores,

Foi assim que o general lusitano preparou e educou as suas tropas para a batalha decisiva, que pretendia ferir contra o exercito do pretor.

O encontro realisou-se nas extensas planicies banhadas pelo Munda, perto de Conimbrica. Era grande o receio do pretor, mas esse receio não tardou a converter-se n'uma inquietação terrivel, quando viu na sua frente, não algumas tribus barbaras e desordenadas, temiveis tão sómente nas frequentes escaramuças a que se entregavam, mas facilmente vencidas n'uma batalha campal. Apimano commandava um verdadeiro exercito, aguerrido, disciplinado compacto, que fazia frente ás tropas da republica, ostentando um brio marcial verdadeiramente inquietador.

Travada a batalha, os receios do pretor foram confirmados. O exercito barbaro levava a melhor sobre o exercito dos conquistadores do mundo, e desbaratava-o completamente, pondo em fuga desordenada as legiões tão habituadas á victoria, e que d'esta vez abandonavam aos barbaros o abundante despojo do seu acampamento.

O triumpho não fez perder a Apimano a serenidade de capitão consumado, que era a mais apreciavel das suas qualidades bellicas. Vendo que as suas tropas, ebrias pela alegria da victoria, se precipitávam sobre os ricos despojos, receiou que a sede das riquezas lhes affrouxasse o valor, e mandou incendiar o acampamento romano abandonado. Aos que, tomados de espanto, lhe representavam o rigor d'aquella medida que privava os soldados do premio devido ao denodo com que haviam pelejado, o general lusitano respondeu:

—«A maior das riquezas que podemos desejar é a libertação completa do territorio, e a destruição do dominio romano n'este paiz. A riqueza é o maior inimigo do soldado, e a pobreza a sua arma mais segura e invencivel. Os primeiros romanos que invadiram a peninsula estabeleceram facilmente o seu dominio sobre as nossas tribus, porque possuiam virtudes austeras e costumes simples, que lhes alentavam o esforço e lhes davam a certeza do exito em tudo o que tentavam. Os que hoje desbaratamos tão facilmente são soldados degenerados pela sede das riquezas, são ladroes vulgares, que por toda a parte en-

riquecem com os bens dos vencidos, e não os soldados antigos, pobres e esforçados. Por isso os vencemos! Querer imital-os agora, é destruir completamente a nossa obra. Destruamos o poder romano, libertemos o nosso territorio e a peninsula inteira, e seremos ricos e felizes! Todo aquelle que se apropriar de uma parte por menor que seja do despojo romano, consideral-o-hei como inimigo, e será immolado sobre o campo da batalha á colera dos nossos deuses!...»

E depois d'este discurso as tropas assistiram impassiveis á destruição completa do riquissimo despojo dos vencidos.

A noticia da derrota do exercito do pretor foi levada a Roma e causou alli uma grande inquietação. O senado nomeou logo outro pretor, que veio á Lusitania, acompanhado de um numeroso exercito para combater com Apimano. O general, a esse tempo, chamára ás suas fileiras mais numerosos contingentes das diversas tribus, fizera allianças valiosas, organisara prudentemente as suas forças, e quando o novo pretor veio dar-lhe batalha nas margens do Guadiana, teve a sorte do seu antecessor. As aguias romanas foram completamente derrotadas, e n'essa importante peleja ficaram por terra seis mil romanos, e outros tantos prisioneiros.

Esta importante victoria veio alentar o enthusiasmo das tropas lusitanas e inspirar ao general o plano de libertar completamente toda a peninsula do jugo romano. A Lusitania podia considerar-se livre d'esse jugo odioso, depois d'estas victorias do chefe, porque os romanos escorraçados por toda a parte não se atreviam a invadil-a novamente. Apimano celebrou então uma importante alliança com os vetones, e tendo reunido um numeroso exercito passou o Guadiana, apoderando-se de todo o territorio até ao estreito.

O poder de Roma estava fortemente abalado na peninsula, e Apimano tinha recursos para continuar por longo tempo as suas conquistas, e levantar por toda a parte o espirito abatido das povoações. Não o quiz assim o destino, que veio embargar-lhe os triumphos no vigor da vida, e quando estava concebendo os mais vastos planos. Foi morto por um tiro de seta na escalada de Blatophenice, ficando assim destruidas todas as esperanças dos lusitanos.

Morto Apimano, os celtiberos tentaram ainda conservar o terreno ganho pelo illustre chefe lusitano, e para isso nomearam general Caro, um romano que entre elles se refugiára, e que estava irritado contra a patria em consequencia de varias injustiças que soffrera. Era homem de grande valor e tino politico, de que deu sobejas provas, capitaneando as tropas celtiberas, e conduzindo-as por varias vezes á victoria com perdas terriveis para os romanos.

Como a revolta não desse mostras de terminar, o senado deliberou enviar á Hespanha o consul Quinto Fulvio Nobilior, com um exercito composto de trinta mil homens, cincoenta elephantes e seis mil cavalleiros numidas. Os celtiberos, sob o commando de Caro, destroçaram completamente o exercito consular. Em Numancia, os arvacos mataram seis mil cidadãos romanos no dia das festas de Vulcano. Faltava, porém, a unidade de esforços que distinguira o commando de Apimano, e dias depois o consul batido pelos celtiberos, batia por sua vez os lusitanos na Hespanha ulterior, repellindo-os com gravissimas perdas de toda a margem esquerda do Tejo.

Começa agora outra phase da conquista romana. As frequentes rebelliões e as perdas constantes dos exercitos da republica, haviam irritado o animo dos generaes romanos, e a guerra deixou de ser feita como até ahi, para adquirir um caracter de selvageria e crueldade indescriptiveis.

O fogo da revolta ateava-se por toda a Hespanha, e mais se alimentava á medida que ia augmentando a barbaridade dos invasores. Os lusitanos alliados com os vetones sahiam já do seu paiz e investiam as cidades romanisadas, estendendo as suas devastações até ao Mediterraneo. Carthagena, a antiga capital dos Barcas, era agora uma cidade romana, a capital do governo provincial, escolhida para esse fim, pela sua vantajosa posição, pela amenidade do seu clima meridional, e pela importancia do seu porto. Reinava na opulenta metropole hispanica uma corrupção espantosa.

Ao seu mercado de carne humana vinham as galés romanas trazer constantemente numerosas levas de escravas formosissimas, despojo das conquistas do Oriente, ou preza facil tomada nos portos do archipelago. Escravos gregos, vinham tambem alimentar este commercio sensual, onde a voluptuosidade romana encontrava mercadorias para todos os paladares.

Desde que Roma estendera as suas conquistas para fóra da peninsula italiana, o commercio dos escravos ia adquirindo de anno para anno um espantoso desenvolvimento. A principio, os prisioneiros de guerra, eram massacrados depois da victoria, ou passados á espada no proprio campo de batalha. Outros ainda, nas horas de repouso das tropas nos acampamentos, eram obrigados a combater uns com os outros, com grande gaudio da soldadesca, que ás vezes intervinha n'esses deploraveis combates, trucidando barbaramente os desgraçados. Os raros que escapavam a estas atrocidades, eram levados com as tropas, com algemas nos pulsos, e ligados por uma corda, cada qual ao soldado que o aprisionára. Quando as tropas chegavam a qualquer cidade, o general mandava logo chamar os negociantes de carne humana, chamados *mangones*, e vendia-lhes em globo o rebanho trazido da campanha.

De certo tempo em diante as guerras romanas eram uma verdadeira caça de escravos. Nas suas expedições as legiões da republica levavam sempre a mira posta em fazer escravos, que eram em seguida mandados em levas, solidamente escoltadas, para os principaes emporios commerciaes, onde havia mercados especiaes de carne humana. Por outro lado, navios romanos occupavam-se no trafico, e percorriam os mares da Asia, á caça de escravos de ambos os sexos. Negociantes romanos equipavam as suas galés para este commercio, disfarçado com apparencias bellicosas. Cada embarcação era tripulada por numerosos soldados aguerridos, e organisavam-se verdadeiras esquadras, que partiam muito a miudo dos portos de Italia e da Hespanha para o oriente.

No Epiro, haviam-se colhido mais de cem mil escravos. Mas esse numero collossal obtivera-se por occasião do saque das cidades opulentas d'essa região, depois da victoria de Pydna. Agora, a colheita era menos abundante, mas ainda assim offerecia grandes lucros. As frotas romanas do trafico cahiam de improviso sobre as cidades á beira mar, e captivavam os habitantes indefesos, homens e mulheres, que em seguida iam levar a Delos ou a Carthagena.

N'esta metropole hispanica, o trafico tinha um grande mercado, continuamente abastecido pelas razzias das legiões nas regiões barbaras dos hespanhoes e dos celtas, e pelos navios que vinham ao porto desembarcar a mercadoria, trazida das regiões orientaes.

O mercado fazia-se de tarde, n'um vasto recinto em que se levantava um tablado. Os escravos de menor preço eram expostos nús no tablado; os mais preciosos vinham em gaiolas, cuidadosamente cobertas com cortinas, para aguçar a curiosidade e a avidez dos compradores.

N'esse tablado ignominioso expunham os romanos os seus prisioneiros de guerra com uma corôa na cabeça, que indicava a sua proveniencia. Era uma galeria viva de typos de todos os paizes e de todas as edades, desde as creanças até aos velhos. Via-se alli o soldado robusto, victima dos azares da guerra, e cujo unico crime fôra defender o seu paiz contra uma dominação estrangeira, tão odiosa, por isso mesmo que a tal pena condemnava os habitantes. O valente soffria as maiores ignominias. Caiavam-lhe os pés, expunham-o completamente nú á curiosidade cruel das turbas, aguilhoavam-no pelas costas para o obrigarem a movimentos, que pusessem em evidencia o jogo da sua forte musculatura, insultavam-no, davam-lhe chicotadas, um opprobrio, indigno de um povo que se considerava então o mais civilisado do mundo, e que apodava de barbaros todos os outros povos!...

Vendiam-se escravos para todos os misteres: athletas para os jogos do circo, carne forte e robusta destinada ao spoliarium infecto, onde o lodo era feito de sangue e de detritos humanos por occasião d'esses espectaculos atrozes; musicos para aligeirarem as horas ociosas dos romanos opulentos; bestas de carga para os serviços rudes da agricultura, onde lavravam a terra e puchavam ás pesadas charruas; mancebos imberbes para os prazeres devassos dos senhores; rhetoricos, poetas, historiadores e curandeiros; porteiros, guardas do limiar dos palacios sumptuosos, onde faziam o papel dos cães, presos pela cintura por uma grossa corrente de ferro, com uma colleira ao pescoço, e tendo por missão defender a entrada e perseguir os maltrapilhos, que se approximassem do atrio.

Quando eram velhos e alquebrados, os *mangones* recorriam á astucia e a toda a especie de fraude para os *impingirem* aos compradores. Faziam-lhes desapparecer as gelhas da pelle, ungindo-os com azeite, pintavam-lhes o corpo para lhes dar um aspecto de mocidade e robustez, picavam-os no tablado para os tornarem espertos e ageis, obrigavam-os a pular, a pegar em pesos para mostrarem força e elasticidade de musculos. Toda esta comedia era acompanhada de um palavreado grotesco de charlatão, em que o vendedor fazia o elogio das qualidades dos pobres velhos, dos seus pulmões, da robustez da sua saude, do seu amor pelo trabalho.

Passada a cohorte numerosa dos escravos vulgares, o circulo dos compradores ficava restricto aos amadores opulentos, que não regateavam o seu ouro, comtanto que a mercadoria valesse a pena da despeza. Os *mangones* começavam então a descobrir as gaiolas uma a uma. Aqui, um escravo jonico, ostentava a belleza esculptural das suas fórmas de Adonis, e o seu rosto imberbe

de adolescente, tão mimoso á força de cuidados do *mangone*. Era delicioso para o leito, sabia todos os mysterios da volupia, todas as canções lasoivas da libidinosa Grecia, e prestava serviços muito mais apreciaveis do que os das mulheres! Nos seus braços delicados havia promessas de delicias capazes de estontear de todo os velhos ricaços depravados. O *mangone* d'esta vez não tinha de dispender muita rhetorica para fazer realçar a mercadoria. O escravo era disputado a peso de ouro, e lá vinha qualquer velho libertino cobrir o lanço, apressando-se a conduzir a casa a desejada compra, para se entregar aos prazeres bestiaes que eram o seu encanto...

Agora a mercadoria era de outro genero. Antes de a exhibir o *mangone* dirigia-se particularmente a cada um dos amadores ricaços, com grandes gestos de encomio, porque se tractava de obra muito fina! Viera de longe e custara muito a obter, mas que dinheiro tão bem empregado, uma maravilha! Iam vel-a, mas não olhassem ao preço. Fazenda d'aquella tudo merecia. Os amadores cochichavam, piscavam os olhos, e dirigiam-se pressurosos para junto de uma gaiola cuidadosamente coberta... O que iriam ver? E a impaciencia devorava-os!

O *mangone* procurava todos os meios de irritar a cobiça dos compradores, antes de lhes exhibir a mercadoria.

—«Deixa ver a tua deusa!» exclamava um banqueiro obeso.

—«A minha deusa pediu-me alguns momentos de espera, e eu quero fazer-lhe todas as vontades. É tão tentadora, que se eu fosse rico, jámais me desfaria d'ella. Mas, pobre de mim! os tempos estão difficeis para que um pobre negociante possa brindar-se com estas obras deliciosas da natureza!»

—«Libaste-lhe as primicias, ao menos?!» dizia um chefe de manipulo, soltando uma gargalhada homerica, que foi repetida em côro pelos amadores.

—«Eu não costumo depreciar as minhas mercadorias», respondeu o *mangone*. Se tivesse libado as primicias da escrava, faria o sacrificio á minha bolsa de guardar para mim esta maravilha. Quem a gosar uma vez, nunca mais a deixa, creiam!...»

—«Que dizes tu, homem? A posse produz o tedio. Licinio comprou o anno passado Gnoste, a mais bella filha de Creta, que as galés teem trazido a Carthagena, e oito dias depois vendeu esse prodigio a Cassio, com seis *minas* de abatimento...»

—«As cretenses são insipidas, oh Atilio! A minha bella não tem esse inconveniente. E' de Athenas, e foi educada por um philosopho na encantadora eschola das hetairas. Tem dezeseis annos apenas, mas o seu corpo mostra todo o desenvolvimento do de uma mulher feita. Vão vel-a, vão vel-a! *oh cives!*» bradou elle aos amadores.

E a turba cravava os olhos na famosa gaiola que continha a preciosidade tão gabada.

—«Vão vêr a mais bella mulher do mundo! bradava o *mangone*, erguendo lentamente a cortina para irritar a curiosidade dos compradores.. E' Phryné! Que digo? Phryné ficaria a perder de vista no confronto com a minha bella. Phryné era mais magra, e não tinha o seio irreprehensivel da joven

A venda de escravas

hetaira, que tão feliz tornará o seu possuidor. A propria Aspasia confessar-se-hia vencida. Se eu não receiasse despertar os ciumes de Venus, diria que ella é tão bella como a deusa do amor, ainda assim antes do nascimento de Cupido!...»

— «Apressa-te, Bulbo!» gritavam os mais impacientes.

— «Já vae, já vae! Deixem-me perguntar-lhe se está disposta a deixar comtemplar os seus encantos. Ella pergunta-me se tem de tirar a tunica... Por Venus, que deliciosa candura! Ah! que se eu não precisasse d'esse miseravel ouro que os teus encantos devem produzir-me, não te cederia a nenhum dos circumstantes! Não quer isto dizer que não sejaes dignos d'esta joia, *oh cives!* Mas sou homem, e como diz o nosso poeta, *nil humanum a me alienum puto!...*»

— «Então!» clamavam os compradores, desesperados com aquella tagarellice do *mangone.*

— «Está despindo a tunica... Não tem demora alguma, attenção, *oh cives!...*»

E a cortina correu-se finalmente, e Gnathenion, uma belleza esculptural, appareceu, deslumbrante de mocidade e cheia de provocações na sua graciosa nudez, aos olhos concupiscentes dos amadores...

— «Magnifica!» murmuraram elles extasiados.

E os lanços choveram impetuosos, enthusiasticos, disputando-se a palmos até attingirem sommas enormes, fabulosas. Sexto Victor arrematou-a emfim por quatrocentos mil sestercios, como quem diz mais de dezoito contos de réis!...

Não exaggeramos. Na *Historia da Republica Romana,* do distincto escriptor, o sr. Oliveira Martins, lê-se que Lutacio Catullo deu por Daphnis, escrava vendida em hasta publica, oitocentos mil sestercios, a bagatella de trinta e sete contos, sem regatear!...

Estas preciosidades eram só para os amadores opulentos; para os menos abastados, havia *fazenda* menos fina, mas em todo o caso muito tentadora. A Grecia e a Hespanha forneciam um grande contingente para os leilões. No mercado, havia um recinto reservado para a exhibição da plastica das escravas. Eram admittidos todos os que tinham aspecto de entendedores e de endinheirados.

Havia tambem um tablado, mas encoberto aos olhos do publico por uma cortina, que se corria sómente, quando o *mangone* tinha convidado um numero consideravel de compradores.

Era alli que se exhibiam as escravas, menos celebres do que a bella Gnathenion, mas ainda assim muito escolhidas entre a turba de mulheres destinadas ao prazeres dos que tinham dinheiro. Entravam n'estes lotes mulheres de todos os paizes, havia-as morenas, de olhos pretos como o azeviche, e louras de olhos azues vagos e scismadores. Vinham da Gallia, e da Hespanha, da Mauritania, dos confins do mundo conhecido, de toda a parte onde as legiões iam buscar presa e despojos, e as galés carne humana e mercadorias de outro genero.

Quando a cortina se corria, e appareciam aquelles corpos, tão provocadores na sua nudez, de bellezas tão variadas, os libidinosos compradores ficavam extasiados. A eloquencia do *mangone* acirrava-os ainda, descrevendo-lhes as seducções irresistiveis da mercadoria.

—«Soberbo lote, *oh cives!* gritava elle, fazendo admirar o encanto d'aquella visão lasciva. Seis Venus, não acham?! Esta morena, que tem na cutis o tom suave dos pampanos em outubro, veiu do sul, das regiões onde o sol requeima a terra com os seus beijos de fogo!...»

—«Quanto? Quanto?!» perguntavam de todos os lados os amadores.

—«Duzentas *minas,* uma bagatella! Foi quanto me custou em Utica.»

—«Manda-a a minha casa!» dizia um cavalleiro, muito conhecido pela sua prodigalidade.

—«Temos agora Nydia, uma bella syracusana, pouco mais de tres lustros, formosa como Hebe! Trezentas *minas.* Quem não possuirá a bella Nydia, a troco d'esta bagatella?... Vamos, *oh cives!* Quem quer possuir a syracusana?...»

—«Uma lusitana de fórmas opulentas! Quatro lustros... As lusitanas são pertinazes no amor e ardentes na volupia... Duzentas e cincoenta *minas!...*»

E a venda continuava, emquanto havia fornecimento de escravas, emquanto junto ao tablado a curiosidade e a lascivia prendiam aquelles homens sedentos dos prazeres da carne.

N'outro tablado, exhibiam-se grupos de raparigas de menos de tres lustros, que tinham tambem compradores especiaes, velhos devassos e impotentes, que se deleitavam torpemente com as caricias d'aquellas desgraçadas, industriadas para todos os prazeres nefandos. Havia até mesmo creanças de sete e oito annos, que se vendiam a tres e quatro *minas,* para crear e revender mais tarde por alto preço se fossem formosas. Havia quem se dedicasse a esta industria, tendo em casa viveiros de jovens escravas, o que constituia um commercio extremamente lucrativo.

Os jovens imberbes, destinados ao leito dos devassos, attingiam tambem preços fabulosos. Estes vinham principalmente da Grecia e fazia uma terrivel concorrencia ás hetairas, chegando ás vezes a ser cotados mais caro do que ellas. Da Grecia viera tambem para Roma e para as suas colonias este vicio infrene dos prazeres *contra naturam*, triste despojo da conquista romana d'esses paizes corrompidos do levante. Era cousa muito frequente pagar-se um n'esses mancebos por cem mil sestercios, perto de cinco contos de réis. Os *mangones* tinham freguezes certos para esta mercadoria, e ganhavam com ella rios de dinheiro. Os mais acreditados mercadores do genero eram os *mangones* gregos, que iam a Roma e ás cidades mais populosas da republica, vender lotes de carne humana nos mercados continuamente abertos para esse fim.

Os donos dos bordeis iam tambem a esses mercados fornecer-se de meretrizes, que alli se vendiam a baixo preço, como mercadoria avariada, que só podia ter aquelle destino. Eram o refugo da venda, as que tinham algum defeito physico, ou que já haviam saciado os prazeres brutaes das tripulantes das ga-

lés, ou dos *mangones*. Algumas vezes eram recrutadas na cauda dos exercitos do oriente, que todos elles se faziam acompanhar d'essa escoria humana, lodo abjecto em que se atolavam depois dos combates os soldados ainda cobertos do sangue dos pelejas.

Havia tambem lotes de mulheres de mais de seis lustros, já incapazes para o leito, que se vendiam por baixo preço, se eram proprias para qualquer officio. Dentre estas, as que sabiam tocar lyra, ou sabiam dançar nos banquetes obtinham por vezes elevadas cotações.

Tal era o mercado dos escravos em Carthagena, ou em qualquer das grandes cidades sujeitas ao dominio romano.

.......................................................................

.......................................................................

A insurreição da peninsula continuava, apesar de todos os esforços empregados pelos romanos para a dominar.

Os lusitanos elegeram general a Cesarão, antigo companheiro de Apimano, e dotado tambem de excellentes qualidades para o commando. Era valente, sagaz, possuia rara prudencia, e sabia conter as tropas na mais severa disciplina. O novo chefe invadiu a Betica com um numeroso exercito composto de contigentes de todas as tribus, e fez varias correrias nas terras dos alliados romanos, que nem sequer ousaram oppor-lhe resistencia.

Depois ter saqueado a região muito a seu salvo, resolveu entranhar-se na Lusitania para distribuir pelas tribus os importantes despojos que fizera. O pretor irritado veio sobre elle, e os dois exercitos encontraram-se junto do Guadiana. Foi dura a peleja, e de uma e outra parte se combateu com o maior denodo. Cesarão, temendo uma derrota, dividiu as suas tropas em dois corpos, e em quanto um d'elles fazia face aos romanos, o outro passava o rio com os despojos. O pretor dividiu tambem as suas tropas, quando conheceu o estratagema do chefe lusitano, mas esta diversão perdeu-o completamente. Logo que o general lusitano viu as tropas romanas divididas, reuniu as suas, e cahindo com impeto sobre os romanos, derrotou-os, matando cinco mil soldados do exercito do pretor e dez mil dos alliados. Depois d'esta victoria, recolheu-se á Lusitania.

O pretor, exasperado com a derrota que soffrera, reuniu bem depressa outro exercito formidavel, e invadiu com elle a Lusitania. Não esperava o general tão cedo pelos romanos, e inebriado com o triumpho obtido licenceara até as tropas. Quando as quiz reunir, não lhe deu tempo o romano, mas cahindo de chofre sobre o pequeno nucleo do exercito de Cesarão, derrotou-o completamente, passando ao fio da espada todos os soldados que encontrou no seu caminho. O proprio general lusitano pereceu n'essa carnificina.

Estes revezes não conseguiam domar o animo inquebrantavel dos insurgentes. Do norte descia d'ahi a pouco para as terras dos alliados romanos ao sul da peninsula uma força consideravel de lusitanos, sob o commando de um novo chefe, Canthero, que tinha como todos os da sua raça um odio irreconciliavel contra os romanos. O pretor havia-se retirado para cumprir um voto feito a Proserpina, quando as victorias de Cesarão o haviam collocado em grande aperto.

A invasão lusitana encontrou o territorio livre de romanos, por isso saqueou e assollou as povoações alliadas dos conquistadores, e só abandonou a Betica, quando o pretor correu sobre elle com o seu exercito numeroso e disciplinado.

Vendo-se Canthero perseguido de perto, e sem tropas sufficientes para resistir ao impeto dos inimigos, dirigiu-se ao estreito e passou á Africa com metade dos soldados do seu commando.

Ausente o chefe, as tribus lusitanas continuaram por algum tempo os seus assaltos contra as fortificações romanas, causando de vezes em quando sustos e revezes aos invasores. O fermento da revolta não se extinguia, e os generaes da republica não conseguiam pacificar completamente o territorio. Irritados com as constantes irrupções dos barbaros, que lhes dizimavam as tropas, redobravam de crueldade, apellando como remedio extremo para o terror.

E' por esse tempo que apparecem á frente dos romanos na Hespanha dois homens, cuja memoria ainda hoje tem contra si a execração da posteridade. São Lucio Licinio Lucullo e Sergio Sulpicio Galba.

Lucullo era consul. Mandado á Hespanha em 603, encontrou a região em bastante socego. Ainda assim, como era de indole cruel e queria a todo o custo enriquecer, deliberou atacar os vaccos, uma tribu independente e indomavel, que recusava tenazmente acceitar o jugo romano. A' frente das suas tropas foi saquear Cauca, reduzindo á escravidão todos os habitantes. Os vaccos defenderam-se com grande coragem, e causaram aos aggressores perdas enormes. No emtanto, esmagados pelo numero, foram horrivelmente massacrados.

Quando pediram quartel ao consul vencedor, Lucullo respondeu-lhes ferozmente que não fazia concessões. Todos os homens validos, encontrados com com as armas na mão, seriam passados ao fio da espada. Os velhos, as mulheres e as creanças seriam levados com o exercito como escravos!

E depois da peleja e da execução dos prisioneiros, no mesmo theatro do combate, onde corriam rios de sangue, a soldadesca teve ordem do chefe para saciar a sua luxuria nas mulheres captivas. Foi uma orgia horrivel aquella! A's canções da soldadesca infrene juntavam-se os gritos das mulheres, victimas d'aquelle furor libidinoso, os prantos afflictivos das creanças, e os rugidos da colera impotente dos captivos, solidamente agrilhoados a um canto de acampamento, d'onde os obrigavam a assistir á orgia monstruosa dos seus oppressores!

Depois da orgia, Lucullo mandou devastar os campos dos vaccos, e proseguiu a sua marcha pela região, onde o precedera já a fama da sua horrivel ferocidade. As campinas apresentavam por toda a parte um aspecto lugubre de desolação. Os habitantes fugiam espavoridos á approximação das legiões romanas, e as proprias cidades muradas, taes como Intercacia e Pallancia fechavam as portas, quando avistavam ao longe as tropas devastadoras. Lucullo encontrou apenas no seu caminho a desolação e a miseria, o exercito teve fome, e não havia em parte alguma recursos de que lançar mão. O consul contemplou por algum tempo a sua obra, que o collocava no mais difficil aperto. As tropas começavam a murmurar, e podiam revoltar-se. Lucullo comprehendeu o perigo, e ordenou a retirada.

No emtanto, o pretor Sulpicio Galba, seguindo o exemplo do consul, usava

para com os lusitanos da maxima repressão, massacrando por toda a parte as tribus revoltadas. Emquanto o exercito consular espalhava por todas as regiões a morte e a ruina, os lusitanos apavorados com a crueldade sem nome do chefe romano, contiveram-se. Mas logo que o consul operou a sua retirada apertado pela fome, os lusitanos sahiram dos seus reductos contra Galba e bateram-no com graves perdas.

No anno seguinte, Lucullo e Galba, com um exercito numerosissimo, chegaram á Lusitania, e começaram n'esta região uma verdadeira guerra de exterminio. A ferocidade romana excedeu então todos os limites. As tropas cahiam sobre as tribus, massacravam-nas, escravisavam-nas, levavam o incendio e a devastação a toda a parte, e quando irrompiam em qualquer povoação indefeza, passavam ao fio da espada todos os homens validos, assassinavam os velhos, e escravisavam as mulheres e as creanças, praticando n'estas pobres victimas as mais espantosas violencias. Empregavam todos os meios para exterminarem os habitantes. Attrahiam-nos com promessas fementidas, com tratados, para os obrigarem a depôr as armas, e quando os colhiam desprevenidos, massacravam-nos, ou reduziam tudo á escravidão. Apoderavam-se dos seus haveres, talavam os campos, incendiavam as povoações. Era uma guerra de rapinas e depredações, e as legiões deixavam na sua passagem uma lugubre esteira de mortes e ruinas. Lucullo e Galba logravam assim o seu intento, locupletarem-se á custa de tantas rapinas, e espalharem por todas as regiões da Lusitania um terror que elles julgavam salutar. Os dois generaes-salteadores estavam contentes da sua obra.

Foi por este tempo que appareceu na Lusitania um chefe, dotado das mais felizes disposições para o commando, o chefe mais audaz das tribus, o que mais longe levou o espirito de independencia dos povos da peninsula, o que mais reveses soube causar aos oppressores do territorio—Viriato, o grande heroe da antiga Lusitania, o Romulo da peninsula, se a perfidia não viesse aniquillar a sua obra, se a fortuna de Roma empallidecesse completamente, em presença do valor inquebrantavel do illustre chefe lusitano. É um escriptor latino quem o diz, Lucio Floro, que compoz um epitome da historia romana. Floro, esquecendo que era filho da região por cuja independencia Viriato combatera, exclama:

«*Si fortuna cessisset, Hispaniæ Romulus,* se a fortuna nos abandonasse, Viriato seria o Romulo da Hespanha!»

A fortuna abandonou-o, effectivamente, mas, no emtanto, o seu braço vingou por muito tempo a peninsula das crueis extorsões e das infames felonias dos salteadores romanos.

Sergio Sulpicio Galba continuava a sua obra de devastação e exterminio, mas, ainda assim, os lusitanos não depunham as armas. Alentava-os a ideia de vingarem os ultrages recebidos, e de libertarem o seu territorio d'aquelle jugo odioso.

Galba foi vencido em 604 e teve de retirar da Lusitania com as suas tropas horrivelmente dizimadas. Acolheu-se a Carteia, e mandando alli reunir grandes reforços, deixou decorrer algum tempo, para colher os lusitanos de

improviso. Conseguiu-o, entrando de chofre no paiz, e assolando-o completamente. As principaes cidades foram incendiadas pelo pretor, ebrio de coler e de carnagem. Os lusitanos, em tão dura crise, resolveram mandar embaixadores a Galba pedindo-lhe a paz, e sujeitando-se ás condições que elle impozesse, porque por mais duras que fossem, nunca seriam tão horriveis como as devastações e ruinas que as legiões espalhavam por toda a parte.

Sergio Galba era astuto, e decidiu lograr os lusitanos com apparencias de affabilidade, para mais facilmente os destruir.

Foi em Salacia, que recebeu os enviados das tribus lusitanas, com todos os respeitos e considerações que os romanos costumavam prestar aos embaixadores. Mostrou-se inclinado á benignidade, e foi com um sorriso de bonhomia que perguntou aos lusitanos o que desejavam.

—«Pedirmos-te a paz, oh Galba! Tu não nos fazes guerra como os outros chefes da tua nação, que se batiam comnosco, oppondo o ferro ao ferro, como de guerreiros para guerreiros. Tu tratas-nos como se fossemos feras selvagens, que a tranquillidade dos lares humanos obriga a exterminar completamente. Em presença das ruinas fumegantes das nossas cidades e da devastação completa dos nossos campos, resolvemos depôr as armas, e offerecer a paz, se é a paz que tu pretendes, se é a nossa resistencia que te irrita...»

—«Os deuses protejam os legados das tribus lusitanas, cuja valentia e esforço eu admiro, e cujo espirito de independencia sei devidamente apreciar. É bem cruel por certo a guerra que lhes tenho feito, mas as tropas da republica teem sido deploravelmente dizimadas na Lusitania, e os manes dos nossos soldados immolados pelo ferro dos vossos, clamam vingança e reparação. Além d'isso, o Senado quer terminar esta campanha ingloria tão prejudicial para a republica e para vós mesmos, que tendes os vossos campos talados, quando poderieis a estas horas estar colhendo d'elles os opimos dons de Ceres. É justa a vossa causa, reconheço-o, mas luctaes com o impossivel, porque as legiões da republica são innumeraveis e espera-vos a sorte infausta de todos os nossos inimigos. Roma não quer tyrannisar-vos, oh lusitanos! A republica deseja dar-vos a protecção indispensavel das suas leis e o dom benefico das suas instituições. A vossa resistencia despertou a colera do Senado, mas desde que vos mostraes animados de sentimentos benevolos para comnosco, acceito a paz que vindes propor, e acceito-a até sem condições ignominiosas para as tribus. De hoje em diante o pretor Sergio Sulpicio Galba deixou de ser o inimigo dos lusitanos, e o seu nome deixará tambem de ser proferido com horror nas vossas tribus valorosas. Ide, legados, tranquillisae as tribus com esta agradavel nova, e dizei-lhes que podem vir celebrar commigo um tractado de amisade!»

—«Galba, as tuas palavras farão esquecer os aggravos que nos tens feito. Onde desejas celebrar o tractado?»

—«Aqui mesmo em Salacia, legados. As tribus que venham tranquillas. Os meus soldados deporão as armas n'esse dia, que deve ser marcado com uma lapide branca. As tribus podem vir sem armas, acompanhadas das mulheres, dos velhos e das creanças. O tractado de paz, feito sob a protecção de Jano, ex-

clue qualquer apparato bellico. O dia da chegada das tribus pacificadas será um dia fasto para a republica.»

Os legados retiraram-se contentissimos com as disposições em que encontraram o pretor, e communicaram ás tribus as suas palavras de paz. Houve um grande regosijo por toda a parte, por isso que durava havia muito tempo aquella guerra de exterminio, e todos viam chegar com alvoroço uma era de paz e de prosperidade.

Viriato, consultado, pronunciou-se contra a ida sem armas aconselhada pelo pretor. Era conhecida a sua crueldade e avareza, e aquellas palavras de mel podiam muito bem occultar uma perfidia. Como, porém, facilmente se acredita no que se deseja, as tribus repelliram a desconfiança do moço guerreiro, e decidiram depor as armas para d'este modo manifestarem ao pretor toda a confiança que depositavam nas palavras de um dos chefes militares da grande nação romana.

Communicada a noticia da paz por todas as regiões lusitanas, de todas ellas vieram representantes assistir ao tractado solemne que Sergio Galba promettera. D'este modo reuniram-se em Salacia mais de trinta mil lusitanos, comprehendendo-se n'este numero muitas mulheres e creanças.

Não havia a menor desconfiança. Os campos apresentavam ainda recentes vestigios das crueldades e devastações do exercito de Galba, mas elle proprio o declarara, era a necessidade de acabar de todo com aquella guerra ingloria para a republica, que lhe aconselhava essas crueldades. Os tempos eram outros agora, e a paz, o supremo desejo do pretor ia inaugurar uma era de felicidade. E todos batiam as mãos de contentamento. Demais a mais, o pretor não impunha condições humilhantes, assim o declarára aos legados. Queria a paz, a tranquillidade das legiões e dos alliados, e estava mesmo disposto a beneficiar a sorte das tribus lusitanas, tão difficil em certas regiões asperas e montuosas. Havia na peninsula campinas fertilissimas, e Galba, á imitação de Sempronio Graccho, promettia terras ás tribus pacificadas, que precisassem de alargar o ambito da sua industria agricola.

Que mais queriam as tribus? Quando Viriato, e outros chefes prudentes manifestavam a desconfiança que tamanha e tão inopinada liberalidade lhes causava, as tribus não tardavam a significar-lhes o seu descontentamento. A republica romana era implacavel como inimiga, mas como amiga, como alliada, jámais faltava á fé dos contractos. A fé jurada dos romanos era uma coisa sagrada. Tinha altares em Roma, e em todas as cidades sujeitas ao seu dominio. Estava-se, por ventura, nos tempos da fé punica, tão fementida e traiçoeira? E ninguem queria ouvir conselhos a este respeito. As tribus marchavam para Salacia, cheias de confiança e de contentamento.

A' sua chegada, encontraram effectivamente as tropas romanas desarmadas. O pretor veio ao seu encontro com palavras de paz, e pediu-lhes que descançassem á vontade no seu acampamento, emquanto elle ia com os chefes regular as condições do tractado.

—«Essas condições, povos da Lusitania, explicou Sergio Galba, nada têem de indecorosas para vós. Depois que os vossos legados retiraram, pensei

na vossa situação, e comprehendi claramente os motivos da vossas frequentes rebelliões. Não sois felizes, lusitanos! As vossas regiões montanhosas não vos proporcionam uma vida facil como a de tantos outros povos da peninsula. Roma reconheceu o vosso valor e coragem, e está disposta a fazer em vosso beneficio tudo quanto fôr compativel com os principios da equidade que inspiram todos os actos da republica. Vou submetter a minha ideia á approvação dos vossos chefes, e se, como espero, ella fôr acceite, povos esforçados que eu aprecio, vereis mudar bem depressa o vosso destino. Esperam-vos a tranquillidade e o repouso, depois de tantos annos de adversidade e de combates!...»

Estas palavras de Galba foram acolhidas com alvoroço pelas tribus, e os chefes dirigiram-se immediatamente a conferenciar com o pretor.

A conferencia foi demorada, e durante ella, as tribus, sem a menor desconfiança repousavam no campo romano. As creanças folgavam, e soltavam alegres gargalhadas, as mães contemplavam com amor os jogos infantis, de que esses pequeninos seres estavam ha tanto tempo privados por causa dos sustos, e horrores da guerra. Os homens validos conversavam com os velhos, que lhes citavam casos remotos da generosidade romana, e especialmente os beneficios feitos a varias tribus pelo pretor Sempronio Graccho.

Viriato e tres companheiros, que não tinham querido assistir á conferencia dos chefes com o pretor, conservavam-se a distancia do acampamento, e sentiam como que o presentimento da catastrophe que se preparava.

—«Se a minha voz fosse ouvida, Minuro, as tribus não teriam vindo a esta conferencia, ou pelo menos teriam deixado as mulheres, os anciãos e as creanças em segurança, entregues ás tribus alliadas, e viriam armadas, como é dever de todos os guerreiros! Presinto uma traição horrivel, porque ha nos olhos do pretor um clarão sinistro, ao prometter ás tribus tranquillidade e repouso!...»

—«Tenho o mesmo presentimento, Viriato, respondeu Minuro, um dos amigos do joven chefe, e o seu companheiro fiel de combates. Quando o pretor fallava, pareceu-me ver sorrir de um modo sinistro Catullo, o velho centurião, que ainda ha pouco Aulaces feriu gravemente junto das margens do Durio.»

—«Parece-me prudente para a nossa segurança pessoal não nos adiantarmos muito d'aqui...» disse Dictaleão, o outro companheiro de Viriato.

—«A nossa segurança! bradou o joven chefe, encolhendo os hombros. Pensas talvez que é por causa d'ella que me affasto de logar onde presinto o perigo? Não é. Morreria de bom grado, junto das tribus, se o meu braço podesse defendel-as, ou vingar, quando menos, a morte de um só lusitano! Mas nada posso, amigos! Vim desarmado como todos, porque ninguem quiz ouvir as minhas palavras prudentes, e não quiz que me alcunhassem de fraco. Ficar, porém, junto das tribus para morrer de uma morte ingloria parece-me indigno do meu animo, e prejudicial aos interesses da nossa raça. Se a desgraça nos ferir, procurarei vingar os nossos irmãos, e a minha vingança hade ser terrivel para o romano, se á ruina dos nossos campos juntar ainda hoje a negra perfidia que me parece meditar!...»

—«Parece-me que te assustas sem razão, Viriato, disse Aulaces, O pre-

tor não ousaria praticar esta horrivel traição, que o proprio Senado repelliria com horror. Roma não permitte estas violencias. Com as armas na mão, em guerra aberta com as tribus, o romano é cruel e implacavel, mas tractando-se da paz, e vendo na sua presença os inimigos de hontem pacificos e desarmados, nem o pretor ousaria dar uma ordem cruel, nem os soldados a executariam. Lembra-te que as mulheres, os velhos e as creanças acompanharam os guerreiros de cada tribu, para assim mostrarem ao pretor que tinham toda a confiança nas suas palavras de paz...»

—«Tu não conheces Sergio Galba, Aulaces! Esse homem é um monstro de avareza e de crueldade. Roma não approvaria a sua perfidia, mas Galba é bastante poderoso para se defender perante o Senado, possue ouro em abundancia para comprar a consciencia dos seus juizes, e Roma é actualmente a cidade corrompida, onde tudo se vende a peso de ouro. Conheces as perfidias do pretor, e sabes como elle costuma mentir á fé dos tractados. A sua crueldade só eguala a de Lucullo, e ambos são bastante ricos para zombarem das deliberações do Senado. De mais a mais, esta guerra cança-o, e elle deseja terminal-a. A carnificina das tribus offerece-lhe um ensejo, e Galba não é homem para o desprezar!...»

N'este momento, no campo romano retumbaram toques festivos. As mulheres das tribus faziam soar os estridentes pandeiros. Os pifanos agudos modulavam as singelas canções das montanhas, e por toda a parte se organisavam danças e descantes. Os soldados romanos não tomavam parte alguma no alegre folgar das tribus. Assistiam sombrios e retrahidos, agrupados junto das tendas, como se esperassem uma ordem qualquer. Ninguem attentava n'esse retrahimento, porque os romanos eram naturalmente sombrios, quasi funebres. Não eram tagarellas e despreoccupados, como os gregos, um povo de comediantes, como os romanos desdenhosamente lhes chamavam: *Natio comœde est.* No acampamento romano, nas horas consagradas ao repouso das tropas, reinava quasi sempre um silencio completo.

Não assim os lusitanos. Alegres e expansivos, principalmente quando se faziam acompanhar de suas mulheres e de seus filhos, mais alegres se mostravam agora, tomando ao pé da lettra as palavras amigaveis do pretor, e julgando completamente terminada a épocha de luctas e de devastação que tinham atravessado.

Viriato e os seus amigos contemplavam com desalento aquelle folgar das tribus, e pelas faces do joven chefe, chegaram a correr algumas lagrimas, á ideia da horrivel hecatombe, que elle esperava de um para outro momento vêr começar. O presentimento da perfidia de Galba angustiava-lhe o coração nobre e generoso. A impossibilidade em que se encontrava de evitar aquelle perigo enchia-o de desespero, mas como poderia elle salvar os seus? As suas palavras não haviam sido ouvidas, os seus conselhos de prudencia tinham despertado a colera dos chefes. O destino cegara-lhes o entendimento! Elles, tão leaes e tão valentes, não podiam admittir a ideia de uma perfidia tão horrivel. Viriato não era menos leal e corajoso, mas conhecia melhor os romanos, á força de presenciar as suas crueldades sem nome. Desde que fazia a guerra aos oppresso-

res das suas tribus, conhecera em todos os chefes romanos uma perfidia excessiva. Vira-os muitas vezes mentir a fé dos tractados, massacrar as multidões indefezas, violar as virgens e as matronas, e soltar a soldadesca infrene sobre as ruinas fumegantes das cidades, para saciarem a torpe lascivia em todas as mulheres que encontravam chorosas e supplicantes.

E Galba não era um monstro de crueldade? Como se explicava uma tão subita mudança no caracter do pretor? Elle, que levava a todas as regiões da Lusitania uma guerra de exterminio, mostrava-se agora tão affavel, tão generoso, tão interessado no bem estar dos lusitanos! Viriato não podia acreditar n'aquella mudança, que considerava apenas como um ardil infame, para mais a seu salvo exterminar os illudidos lusitanos.

A tarde ia em meio. O pretor mandou annunciar aos lusitanos que os chefes iam tomar parte n'um banquete que se celebrava em sua honra para solemnisar o tractado concluido. Podiam folgar á sua vontade. Acabado o banquete, ordenaria ás suas tropas um exercicio militar em honra dos hospedes do acampamento.

Effectivamente, quando d'ahi a algum tempo o pretor sahiu da tenda, acompanhado dos chefes lusitanos e de um luzido e numeroso cortejo de officiaes, as tropas romanas receberam ordem para se armarem, e fazerem em presença das tribus um simulacro de batalha. Emquanto se preparavam para cumprir esta ordem do pretor, os chefes lusitanos dirigiram-se ás tribus e contaram-lhes o modo affavel como Sergio Galba os recebera, as concessoes favoraveis que lhes fizera, e quanto se interessava pelo seu bem estar.

—«Mas o pretor manda armar os soldados!» disse um velho lusitano, ouvindo o ruido de lanças e escudos que se fazia em todo o acampamento.

—«Galba prometteu regalar-nos com um exercicio militar feito por todas as tropas na nossa presença. É uma festa guerreira que elle dá em nossa honra».

—«Salvem-se! gritou n'este momento Viriato, dirigindo-se aos chefes. O pretor mandou armar as tropas para a carnificina! Salvem-se, tomem a fuga, emquanto a legião prepara as armas. Talvez tenhamos tempo ainda de passar o Tejo, e de nos collocarmos fóra do alcance dos romanos!...»

—«Visionario! exclamaram os chefes, queres que os romanos escarneçam da nossa cobardia? Foge tu, que te deixaste apossar de uma affrontosa desconfiança!...»

—«Fujo, para vingar as nossas tribus d'esta horrivel traição que as dizima!» bradou solemnemente Viriato, erguendo os braços para o ceu com desespero.

As palavras do moço lusitano impressionaram profundamente os chefes.

—«Quem sabe se esse valente rapaz não terá razão!» exclamou um d'elles pensativo. E os outros não puderam deixar de estremecer. Mas a fatalidade condemnára-os, e d'ahi a pouco, Viriato e as suas desconfianças, as suas palavras propheticas e solemnes, estavam completamente esquecidas. Os chefes tinham ido novamente para junto de Galba, e o pretor mostrava-se para com elles de uma affabilidade que lhes destruia todas as suspeitas.

Viriato, vendo que não podia abrir os olhos áquelles cegos, retirára-se novamente para junto dos seus amigos, não impellido pelo medo da morte, por isso que o joven chefe tinha coragem e abnegação bastante para fazer o sacrificio da vida ao lado das outras victimas da perfidia romana, mas porque desejava sobreviver á catastrophe com aquelles tres homens que alli estavam a seu lado, para que o seu depoimento, o seu protesto, e os seus gritos de vingança podessem abalar os echos da região, e levantar até mesmo as pedras dos caminhos e as feras das montanhas contra a espantosa traição do pretor romano!

Porque a traição era inevitavel... Viriato via bem todos os preparativos que se faziam para ella. A legião estava em armas, e Galba pedira aos chefes lusitanos que mandassem collocar a sua gente em frente dos romanos, para mais commodamente poderem assistir ao simulacro de batalha. Ora os romanos formavam em batalha em frente de um monte que limitava o acampamento, e fôra exactamente a base d'esse monte escarpado que o pretor designára ás tribus, como o ponto mais commodo para verem o espectaculo bellicoso mandado fazer em sua honra.

Não havia salvação possivel. Quando á voz do pretor, as tropas cahissem sobre aquella turba indefeza de homens, mulheres e creanças, nem um unico poderia fugir. Alli seriam todos esmagados, porque para maior segurança do seu plano, Galba mandára formar as tropas em semicirculo em frente da multidão despreoccupada.

Os clarins deram o signal para o começo das manobras, e o proprio Galba, rodeado do seu brilhante estado maior, era quem dava as vozes de commando. Os lusitanos contemplavam cheios de curiosidade as diversas evoluções da legião. As mulheres e as creanças extasiavam-se perante aquella massa escura de tropas, que manobravam silenciosamente, á voz do chefe, com uma precisão de movimentos imponente. O aspecto dos romanos era assustador. Severos e tristes, constituiam uma massa negra com as suas armaduras pesadas, de tom uniforme, onde apenas destacavam as cristas vermelhas dos capacetes, como enormes manchas de sangue...

A um signal de Galba, a legião cahiu sobre os lusitanos. E' indescriptivel o que se passou n'esse momento, porque teve a rapidez do raio o movimento que precipitou sobre aquella massa indefeza de espectadores as tropas romanas. Gritos espantosos, em que havia a raiva, o terror, a supplica e a surpreza, atroaram os ares. E as tropas encarniçavam-se na matança de um modo horrivel, sem que um só dos lusitanos podesse escapar á carnificina. Homens, mulheres e creanças tudo foi esmagado n'esse espantoso choque, vergonha eterna do monstro que assim calcava aos pés o direito das gentes e todos os principios de humanidade!...

Tal foi a catastrophe que Viriato previra, sem que podesse de fórma alguma impedil-a. [1]

---

[1] ...«Estes astuciosos discursos (de Galba) encheram de gratidão os animos dos lusitanos, que estavam sem suspeita de que estas especiosas apparencias de generosidade

Terminada a cruel hecatombe, exemplo unico na historia da villania de um povo, o pretor deu ordem para levantar o acampamento, e retirou-se do theatro da matança, dirigindo-se a Mertola, d'onde tencionava d'ahi a pouco ir atacar novamente os lusitanos.

Viriato, apenas as tropas romanas retiraram, foi com os seus amigos contemplar o quadro horrivel da traição romana! Era com os olhos marejados de lagrimas, e com suspiros maguados que os tres amigos viam aquelles tristes despojos das tribus. Corriam rios de sangue d'aquelle enorme montão de victimas. Os cadaveres, cobertos de lançadas, desfigurados, pisados, horrorosos, estavam ainda para maior barbaridade despojados quasi de todas as vestes, porque a avidez dos algozes não pudera resistir á infamia de reunir o roubo ao assassinio. Donzellas formosissimas apresentavam signaes evidentes da bestialidade dos romanos, feridas, exactamente nas partes mais delicadas, e que mais impressionavam aquelles monstros, ao despojarem-nas dos compridos vestidos e das joias com que se adornavam!

Foi, a esse espectaculo horrivel, que Viriato sentiu succeder á dôr que o invadira uma colera terrivel, que não tardou a fazer explosão.

— «Companheiros! exclamou elle, fóra de si. Juremos vingar esta espantosa monstruosidade!»

E mettendo as mãos nas feridas sangrentas do cadaver de uma donzella, bradou:

— «Por este sangue tão exempto de impureza, por este corpo insepulto, pelos manes d'esta virgem, companheiros! Juro offerecer o meu sangue á sua vingança, juro não desistir d'essa vingança, emquanto não me ferir uma desgraça como esta!»

Laymundo conta nos seguintes termos o terrivel juramento do chefe lusitano:

*«Intromissis dextris in vulnera cruentata virginum, ad haec verba, jurare illos compullit: — «Per nunquam fœdatum sanguinem, per insepultum corpus, per manes istius, corpus et sanguinem meum devoveam in ultionem, nec desistam, quin simili vulnere cadam.»*

Braz Garcia de Mascarenhas, no seu poema *Viriato Tragico*, descreve a horrivel matança dos lusitanos, e refere-se tambem ao terrivel juramento feito pelo moço chefe sobre os cadaveres sangrentos das donzellas.

Da catastrophe, diz o seguinte:

«Extranho caso, horrenda maravilha,
Que as entranhas dos montes abrandava!

---

encerravam a mais atroz perfidia. Mal estes povos credulos chegaram ao sitio aprasado para a conclusão do tratado, que tinham ajustado, cujas condições dictara o proprio Galba, logo se viram acommettidos e mortos sem piedade. Valerio Maximo diz que foram passados á espada nove mil, bem que Suetonio faça subir este numero a trinta mil.

«Por este modo, o romano zombou indignamente do direito mais santo e mais sagrado, salvando-se unicamente Viriato com poucos amigos seus.» *La Clede. Historia geral de Portugal,* Livro II, p. 103.

Abraçada com a mãe morria a filha,
E morto sobre o filho o pae ficava!
Mais presto morre o que mais se humilha,
Que a nenhuma crueldade perdoava,
Que cortam mais, por menos resistidos,
Os golpes dos covardes nos rendidos.

«Parecia que os montes se abalavam,
Movidos do confuso horror, que ouviam,
Que as pedras com piedade se abrandavam,
Que os bosques com espanto estremeciam,
Que os valles com gemidos retumbavam,
Que as feras a ser brandas aprendiam,
Emboscando-se humildes nas devesas,
Por não verem tão barbaras ferezas!...»

O juramento conta-o o mesmo poeta do seguinte modo:

...............................
........ ......................
«Acabada esta pratica, começa
O juramento, que as antigas gentes
Faziam para com mais confiança
Sollicitarem todos a vingança.

«Ajuntaram-se todas as donzellas,
Que estavam mortas de crueis feridas;
E cada qual mettendo os dedos n'ellas,
Com ceremonias hoje não sabidas,
Reverente jurava por aquellas
Almas já de seus corpos divididos,
De vingar o infeliz sangue innocente,
Ou cedo ou tarde, na romana gente.

Feito por todos este juramento,
Jura Viriato, e diz: «Pelas entranhas
«Que toco, renovando o sentimento
«Das minhas contra as infimas estranhas;
«Por este virgem corpo macillento,
«Victima exposta ás feras das montanhas,
«Pela alma já d'elle despedida,
«Pelo que padeceu na morte e vida:

«Juro que heide vingar nos aggressores
«Tão infame traição e aleivosia,
«Sollicitando os patrios defensores
«Contra toda a romana monarchia,
«Por fomes, sedes, frios e suores,
«Sem descançar de noite nem de dia,
«Até ver dos romanos o castigo,
«Sendo-lhe sempre acerrimo inimigo.

«Se algum dia mudar de pensamento,
«Ou affrouxar da furia vingativa,
«Me abrase o sol, me não refresque o vento,

«Seja-me o ceu cruel, a terra esquiva;
«Sobrem-me penas. falte-me o sustento,
«Á traição morra, ou de infamia viva,
«Junto padeça todos estes damnos,
«Se presto me não vingo dos romanos!...»

«Disse com ira; e logo com piedade,
Dos mortos sollicita a sepultura:
A todos a fez dar com brevidade,
Concluindo a traidora desventura.
A fama de tão grande atrocidade
Já de uma terra em outra se apressura,
E, com sussurradores estampidos,
Enchendo as bocas vae pelos ouvidos».
(Canto vi — Estancias 78, 79, e 101 a 103.)

Os proprios escriptores romanos verberam duramente a perfidia de Galba. Orosius diz:

«*Igitur in Hispania Sergius Galba pretor, lusitanos circa Tagum flumen habitantes, quum voluntarios in deditionem recepisset, per scelus interfecit. Simulans enim de commodis eorum se acturum fore, circumpositis militibus, cunctos inermes, incautos que prostravit. Quæ res Hispaniæ universæ, propter romanorum perfidiam, causa maximi tumultus fuit.*»

Valerio Maximo, no lib. IX capitulo *de perfidia*, diz tambem:

«*Servius quoque Galba, summae perfidiae. Trium enim Lusitaniæ civitatum convocato populo, tanquam de commodis ejus acturus, novem millia, in quibus flos juventutis consistebat, electa et armis exuta, partim trucidavit, partem vendidit. Quo facinore maximam cladem barbarorum, magnitudine criminis antecessit.*»

Valerio Maximo chama a Galba, Servio e não Sergio, como até aqui o temos denominado. Servio lhe chama tambem Cicero. Tito Livio dá-lhe os dois nomes, Servio e Sergio. Suetonio, porém, chama-lhe bem claramente Sergio, na seguinte passagem:

«*Familiam illustrarit Sergius Galba consularis temporum suorum eloquentissimus, quem tradunt Hispaniam obtinentem, triginta lusitanorum millibus perfidia trucidatis, Viriatini belli causam extitisse.*»

Pondo de parte estas digressões pelos livros antigos, que talvez se tornem bem pouco agradaveis ao maior numero dos leitores, voltemos a Viriato, que deixamos, no theatro da carnificina, pronunciando o seu terrivel juramento.

No dia seguinte, ao nascer da aurora, mais de dois mil lusitanos, chamados por Viriato das tribus mais proximas, renovavam o juramento do chefe, mettendo as mãos nas chagas sangrentas dos cadaveres das victimas, e promettiam a esses despojos sacrosantos vingar de um modo terrivel a perfidia dos romanos.

Procedeu-se em seguida á triste ceremonia do enterramento das victimas, no proprio local da catastrophe, onde se abriu uma enorme valla, destinada a recolhel-as.

Cumprido este piedoso dever, Viriato e os seus companheiros determinaram convocar os chefes de todas as tribus para uma reunião no templo de Endovellico, a que já n'outro logar nos referimos.

Antes, porém, de assistirmos a essa reunião dos chefes, vejamos de que modo Braz Garcia de Mascarenhas nos descreve o templo do famoso deus lusitano:

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Aquelle templo sumptuoso e rico
Do deus Cupido, a que então chamava
O romance vulgar Endovellico:
Outro tão opulento não se achava
Do aureo Tejo ao Cynifero Cayco,
Que em culto, devoção e bizarria,
A todos os antigos excedia.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Estribava o portado magestoso
Sobre doze columnas (tal a arte
Que inventou Polinoto artificioso
Inda o treslada) seis de cada parte;
Todas em proporção ao respeitoso
Entre o corinthio e dorico reparte
Com dez nichos de porphydos entre ellas,
Guarnecidos de varias pedras bellas.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Era o tecto de bella perspectiva
Com os deuses da van gentilidade,
D'elle humilhando a magestade altiva,
Ha de amor mais altiva magestade.
De cada qual a pompa respectiva
Ensinava do carro a gravidade,
Que eram, quantos havia alli pintados,
De peixes, aves e animaes tirados.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Pintados tanto ao natural estavam,
Que todos quantos de repente os viam,
Criam que os peixes pelo mar andavam,
Que pela terra os animaes corriam,
Que as leves aves pelo ar voavam,
Que os carros apoz todos se moviam,
Tudo causava um alegre espanto,
Que tanto engana a perspectiva, tanto!»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Nenhum engano na capella havia
Com haver n'ella mais de artificioso,
Que estatuas, ouro, prata e pedraria,
Tudo era natural, tudo ostentoso.
Nenhuma cousa alli contrafazia
Arte, ou painel, fingida ou mentiroso,
Dando a entender que amor, para perfeito,
Não ha de ser em nada contrafeito.

Estava a sua imagem collocada
Sobre uma pyramide lustrosa,
De reluzentes pedras marchetada,
Mui alta não, mas mui artificiosa.
A base, sobre que foi fabricada,
Era o altar de pompa magestosa,
Todo de estatuas peregrinas cheio
Com a de Venus sua mãe no meio.

Era a de Endovellico respeitavel,
Não só pela deidade que ensinava,
Quanto pela esculptura inimitavel,
Que vida ao morto simulacro dava.
Estava tanto aos olhos agradavel,
Que com razão os olhos occultava,
Porque, se inadvertido os descobrisse,
Matariam de amor a quem os visse.

Tinha na bocca um coração ardente,
Duas azas nos pés, côr de esperança.
Aljava com arpões do hombro pendentes,
O arco em uma mão, na outra a balança;
Significando que egualava a gente,
Que deseguala a prospera bonança
Da fortuna, que a muitos superiores
Tem egualado amor os inferiores.

Foi para este famoso templo que Viriato convocou os chefes das tribus lusitanas, que lhe foi possivel avisar em tão limitado praso. A noticia da horrenda perfidia do pretor espalhara-se por toda a região com a rapidez extraordinaria com que circulam todas as más novas. As tribus apressaram-se, portanto, a enviar os seus delegados a Viriato, porque, n'essa espantosa crise, era o moço heroe unanimemente considerado o salvador de todo o paiz.

Endovellico era o deus predilecto dos lusitanos. Nos dias prosperos e adversos era a elle que recorriam de preferencia, quer para lhe renderem graças pelos triumphos, quer para supplicarem a destruição dos inimigos. Os proprios romanos o veneravam, e lhe offereciam votos, porque lhe temiam a colera e a vingança. Temos a prova d'isso nas numerosas inscripções votivas que foram encontradas junto das aras do famoso deus lusitano, e algumas das quaes já citamos n'esta obra. Viriato para melhor excitar o patriotismo dos seus, decidiu congregal-os junto do templo, e interessar o fervor religioso na grande obra de libertação que planeara.

Baudio, o sacerdote de Endovellico, era parente proximo de Viriato, e associara-se da melhor vontade ao seu plano, preparando a imponente ceremonia religiosa, em que o deus deveria ostensivamente pronunciar-se contra os romanos. Apenas viu reunidos os chefes das tribus, o sacerdote declarou que era mister applacar a colera terrivel de Endovellico, sacrificando-lhe um romano, antes que a lua apparecesse pela terceira vez no horisonte.

Era difficil a empreza, porque as tropas romanas depois da carnificina

haviam-se retirado para longe, e só no acampamento de Galba poderia encontrar-se a victima exigida pelo sacerdote:

Viriato, n'essa conjunctura, tomou a palavra, e em presença de todos os chefes disse ao sacerdote:

—«Baudio, pedes tres dias para que a victima romana venha aplacar a colera de Endovellico. Serão cumpridos os teus desejos, sem que ninguem me auxilie na empreza que vou tentar. Eu proprio trarei a victima para junto das aras do deus indignado.»

—«Seguir-te-hemos, se assim o queres, Viriato,» disseram-lhe os chefes e os amigos.

—«Não, respondeu-lhe o moço chefe. Voto a Endovellico trazer-lhe a sua victima, sem que nenhum dos nossos arrisque a vida n'essa empreza. Jurei vingança em presença dos corpos mutilados das virgens lusitanas, e sustentarei o meu juramento. Ninguem me siga. Antes que a lua surja pela terceira vez no horisonte, estarei de volta, se Endovellico quizer secundar os meus esforços. Se não voltar, nomeae de entre vós o mais esforçado para o commando, e continuae sem treguas nem descanço a guerra contra os romanos! Guerra de morte aos oppressores da nossa raça, guerra intransigente e feroz, como a que elles nos teem feito! Que d'este solo livre desappareçam para sempre as legiões d'esse povo soberbo e perfido, que recorre á traição, quando não póde supplantar de outro modo os adversarios!»

E dizendo isto, Viriato montou n'um ligeiro cavallo de combate, e desappareceu, sem que ninguem podesse desvial-o da louca empreza a que ia aventurar-se.

.....................................................................

.....................................................................

Era noite. No acampamento de Galba, quinze dias depois da horrivel carnificina de Salacia, reinava uma animação extraordinaria. O pretor premiára o feito glorioso das legiões, concedendo ás tropas os despojos das victimas, e dando-lhes ampla liberdade para se entregarem á orgia, emquanto não chegassem os reforços que mandara vir da Betica a marchas forçadas.

Na tenda do pretor, celebrava-se o exterminio dos lusitanos com um banquete esplendido, em que tomavam parte além de Galba, os seus dois filhos os seus dois pupillos, filhos de Caio Sulpicio, e um lusido cortejo de chefes de manipulos.

—«Lucullo talvez venha ter comnosco, dizia Galba aos seus convivas. Deve ser grande a sua alegria, quando receber a mensagem em que lhe contei o desbarato dos lusitanos.»

—«Por Hercules! Esses barbaros receberam uma boa licção, e devem a estas horas ter desistido completamente das suas ideias de revolta!» disse Manlio Audax, chefe de manipulo, muito dedicado á familia Galba.

—«Não o creias, Manlio! Os lusitanos são pertinazes, e não desistem facilmente da guerra. Mas, por Jupiter! Hei de obrigal-os a desistir á força de exemplos de rigor e de intransigencia! Se ousarem assolar as terras dos alliados, ou investir com o nosso acampamento, levarei novamente o incendio a

toda a parte! Bem sei que não approvas esse rigor, Aulo Sulpicio, continuou elle, dirigindo-se a um dos seus pupillos, mas a minha politica é esta, e não sei debellar de outra fórma as constantes rebelliões d'esses barbaros!»

— «Diriges-me a palavra, oh Galba, e referes-te ao modo como costumo apreciar o que chamas a tua politica. Eu, no teu logar, não teria empregado estes extremos crueis, e procuraria antes captar o animo dos tribus pela benevolencia e affabilidade.»

— «És muito joven ainda, Sulpicio, e as tuas palavras procedem apenas da inexperiencia dos verdes annos. Estas tribus indomaveis não cedem a meios brandos, e só o terror póde supplantal-as. Antes da guerra de exterminio que resolvi fazer-lhes, de concerto com Lucullo, a benevolencia dos nossos antecessores não fez mais do que animal-as na sua rebellião, tomando por fraqueza o que era apenas generosidade da republica. Esta guerra ingloria para o povo romano não póde acabar de outro modo!...»

— «Galba tem razão, disse Caio Celer, um velho tribuno encanecido nas lides de Marte. Mesmo no tempo de Graccho, os lusitanos se levantaram em armas por mais de uma vez contra o pretor, e Graccho, bem o sabes, oh Sulpicio, nunca exerceu os seus rigores contra esses barbaros!»

— «A revolta é natural n'esses povos, uma vez que nós viemos invadir-lhes o territorio, e offender-lhes a sua liberdade. Ainda assim, a guerra no tempo de Graccho era uma guerra leal, e o pretor jamais teve de queixar-se de ataques no seu acampamento, a não ser quando, sem o seu consentimento, os nossos faziam nas tribus alguma violencia inutil. Póde ser que a minha inexperiencia não me deixe ver bem as cousas, mas quer-me parecer que a paz não seria difficil, uma vez que os barbaros fossem tractados de um modo mais compativel com a dignidade do povo romano ...»

— «E como entendes tu a dignidade do povo romano?» perguntou Galba, irritado por aquellas palavras do moço Sulpicio.

— «A dignidade do povo romano, oh Galba! — perdôa a minha ousadia, e não vejas nas palavras que profiro uma offensa á amisade paternal com que me tractas — não póde tolerar as violencias com que os barbaros teem ultimamente sido tractados. N'outros tempos mais felizes, os romanos, tanto na paz como na guerra, distinguiam-se pela mais severa moralidade. Vivendo todos de perfeito accordo, a cobiça era-lhes inteiramente desconhecida. O seu instincto de justiça, melhor do que hoje as leis, guiava-os com segurança no caminho da honra e do dever. Se havia rivalidades entre os cidadãos, essa rivalidade provinha apenas da virtude. Nossos paes eram magnificentes nas suas offertas aos deuses, economicos nas suas despezas particulares, e fieis ás leis da amisade. A audacia na guerra e a moderação apenas a paz renascia, taes foram para elles por muito tempo, os dois principios tutelares da sociedade e do estado ...»

— «És um rhetorico, meu querido Sulpicio! disse Galba, atalhando a verbosidade do seu pupillo. Mas dize-me, visionario: nossos paes procediam d'esse modo, quando tinham de luctar com inimigos perfidos e desleaes, com os carthaginezes, por exemplo?...»

—«Se houve excessos, não foi a elles por certo que a republica deveu o desenvolvimento do seu poder. Emquanto a justiça, a moderação e a actividade presidiram aos actos da republica, as suas armas submetteram-lhe grandes monarchas, e Roma fez a conquista de nações bellicosas e de povos poderosos. Carthago, a mais temivel rival da nossa patria, foi vencida. Todas as barreiras dos mares e dos continentes nos foram abertas, mas a posse de tantas riquezas desnorteou-nos completamente. A nossa missão, a missão do povo romano, não é nem pode ser devastar as regiões de que nos apoderamos, e reduzir á escravidão os seus habitantes. Essa missão tão nobre e tão fecunda é civilisar por toda a parte os povos, e dar-lhes as vantagens que nós proprios temos colhido do desenvolvimento das nossas luzes, e do influxo benefico das nossas instituições. Esta deve ser a politica da republica, oh Galba! e a tua intelligencia bem o comprehende!...»

—«Applaudo a bella theoria que apresentas, Sulpicio, mas como queres tu que se civilisem povos barbaros, que nos consideram como seus inimigos irreconciliaveis, e nos dizimam a cada passo as legiões? Esta peninsula em que nos encontramos agora está innundada de sangue romano!...»

—«A culpa é da nossa politica actual, oh Galba! Fomos um povo insensivel ás fadigas, aos perigos, ás crises e aos desastres. As riquezas, porém, fizeram-nos succumbir desgraçadamente. O amor do ouro veio suffocar o patriotismo. A cubiça vae fazendo desapparecer por toda a parte a honra, a probidade e as outras virtudes que cedem o passo ao orgulho, á crueldade e ao esquecimento dos deuses. O nosso fim é fazer dinheiro de tudo. A ambição torna necessaria a mascara da dobrez. A linguagem dos labios deixou de ser o eccho dos sentimentos do coração. A amisade e o odio têem apenas por fundamento o interesse...»

—«Pareces um discipulo de Catão, oh Sulpicio!» exclamou Galba com um sorriso contrafeito.

—«Desculpa esta ousadia, mas bem sabes que não costumo esconder o que penso. Consultaste a minha opinião, respondi!»

—«As tuas palavras não me offendem, meu caro Sulpicio, meu facundo declamador! Os annos não te deram ainda a dura experiencia, que dissipa como o fumo as doces illusões da mocidade. No meu logar, com os hombros vergados ao peso da edade, das decepções e de todas as amarguras do commando, farias como eu. Mas, deixemos por agora este assumpto, e bebamos. O exemplo salutar que dei aos barbaros assegura-nos o descanço por algum tempo, não te parece, Audax?»

—«Talvez no primeiro impeto do desespero algumas tribus ousem investir comnosco. Em todo o caso, a Lusitania em breve ficará completamente pacificada, porque os barbaros tem soffrido grandes revezes, e falta-lhes um chefe que possa reunir os elementos dispersos e desalentados, incutindo-lhes a unidade de operações, que n'outros tempos os caracterisava.»

Um grande rumor no acampamento veio interromper as palavras do velho chefe de manipulo. Era Lucullo, que chegava com as suas tropas, conforme a esperança manifestada por Galba.

O consul vinha furioso contra o pretor, não pela crueldade praticada, que não devia desagradar ao seu caracter barbaro e feroz, mas pelo receio de se vêr compromettido em Roma, onde o Senado não podia approvar de fórma alguma tamanha atrocidade.

Lucio Lucullo não queria sobretudo perder aquella mina riquissina da Hespanha, que o estava locupletando prodigiosamente. A façanha de Galba inquietava-o, e via amontoarem-se pesadas nuvens no horisonte.

Apenas chegou, e trocadas as primeiras saudações, Lucullo encerrou-se com o pretor na tenda, para uma conferencia, que elle declarou urgente e importante. Galba estava algum tanto inquieto. Esperava cumprimentos do consul, e ao contrario da sua espectativa, Lucullo parecia disposto a increpal-o. Porque motivo? pensava o pretor.

O consul não tardou a explicar a situação.

—«Galba, disse elle em tom desabrido, podias ser violento, podias ter massacrado os lusitanos, mas sem praticares a acção horrenda e sem precedentes, cuja fama vae dentro em pouco chegar a Roma, e causar a nossa ruina!»

—«És tu que me fallas d'esse modo, Lucullo! Enchem-me de assombro as tuas palavras! Mas eu não fiz mais do que seguir os teus preceitos e imitar os teus exemplos! Juntos fizemos a guerra contra os lusitanos, e a crueldade foi sempre a tua inspiradora. O teu plano n'esta guerra era destruir os barbaros, e reduzil-os á sujeição por meio do terror. Julguei interpretar bem os teus sentimentos, aproveitando o ensejo que me pareceu favoravel para exterminar um grande numero de guerreiros, que tanto mal podiam ainda fazer-nos!...»

—«Mas exterminassel-os em guerra aberta e declarada, o que te seria facil, depois de tantas victorias que sobre elles tinhas alcançado! Para que prometteste a paz e annunciaste tractados, attrahindo-os traiçoeiramente a um laço, confiados e sem armas? É isto o que me enfurece, porque o Senado vae criminar-nos por esta aleivosia, que desacredita o nome romano. Pesaste bem as consequencias que d'aqui poderiam resultar? Seremos chamados a Roma, accusados d'este crime monstruoso, e é tanta a indignação que lavra por toda a parte, que difficilmente poderemos justificar-nos. Os alliados vão dirigir mensagens ao Senado, reclamando contra a traição de Salacia, e forma-se uma liga contra nós, alentada favoravelmente por todos os que nos são adversos. Eis a situação em que nos encontramos por causa da tua deploravel imprevidencia! Teremos de comprar a peso de ouro poderosas influencias, se quizermos salvar a vida n'este negocio desgraçado!...»

—«Não esperava de ti essas censuras, Lucullo, nem julguei que o meio por mim adoptado para terminar com esta guerra dos barbaros podesse acarretar tão extranhas complicações. Mas, como sabes que vão retirar-nos o commando das legiões? Quem te avisou a este respeito?»

—«A inveja não dorme, Galba, e os nossos inimigos sabem que estamos riquissimos e por isso tratam de nos perder. De Carthagena chegaram noticias assustadoras. Preparavam-se mensagens ao Senado, contra o que elles chamam a nossa perfidia.»

— «Exaggeras talvez a gravidade da situação. E' de crêr que o Senado se não resolva a fazer-nos comparecer em Roma accusados dos crimes de que fallas...»

—«Não é essa a opinião dos que nos rodeiam, nem dos alliados. Reina por toda a parte a indignação contra os acontecimentos de Salacia. N'estes casos mais vale prevenir do que deplorar mais tarde a imprevidencia. Estou resolvido a entregar o governo da Hespanha a Maximo Emiliano, que se dispõe a partir para Carthago, e a apresentar-me em Roma, onde a minha presença e a alta influencia dos nossos amigos poderá conjurar mais facilmente o perigo. Approvas o meu plano?»

—«Approvo, Lucullo, e acompanhar-te-hei. O Senado não é muito escrupuloso, quando os accusados teem dinheiro, e nós temol-o aqui adquirido em abundancia. O ouro assegurar-nos-ha a impunidade, demais a mais, tractando-se apenas de violencias contra estes barbaros revoltosos. Seguir-te-hei a Roma, Lucullo!...»

Combinado este plano, os dois cumplices cuidaram logo de dispor os preparativos da partida. Deviam dirigir-se primeiramente a Carthagena, onde, entregue o governo, poderiam reunir as consideraveis riquezas, adquiridas á custa de tantas rapinas, e fazer-se de vela para a Italia, onde o ouro poderia comprar-lhes a absolvição de tantos crimes.

Horas depois d'esta curiosa entrevista dos dois chefes, no acampamento romano reinava o mais profundo silencio. Eram numerosas as tropas alli acampadas, porque ao exercito do pretor viera reunir-se o numeroso contingente da escolta do consul Lucullo. Os soldados que deviam partir ao outro dia em direcção a Carthagena, entregavam-se tranquillamente nos braços de Morpheu. As proprias sentinellas, cheias de confiança na ausencia completa de inimigos, afrouxavam a sua vigilancia habitual, e não eram insensiveis á fadiga das orgias successivas, com que o pretor deixara nos ultimos dias celebrar o *triumpho* alcançado sobre as tribus lusitanas.

Havia, no emtanto, alguem no acampamento que não estava a essas horas gosando as delicias do repouso. Era Aulo Sulpicio, o pupillo de Galba, a quem ainda ha pouco ouvimos, na tenda do pretor, expender ideias bem generosas e humanitarias.

Aulo era filho de Caio Sulpicio, ligado por affinidade á familia Galba, e que obtivera em 601 um commando na Hespanha, onde morrera n'um recontro que tivera com os vetones junto do Mediterraneo. Galba estimava muito aquelle parente e, por sua morte, encarregou-se da sorte do unico filho que lhe restava, o joven Aulo, de quem se declarou tutor, pela sympathia que lhe consagrava.

Desde a morte do pae, Aulo passara a vida ao lado de Galba, acompanhando-o em todas as suas campanhas na peninsula. Ao contrario dos homens que o rodeiavam, o joven romano sentia profundamente a corrupção da sua raça, e via com horror as rapinas e violencias a que tanto os capitães como os soldados se entregavam n'essa guerra de exterminio, em que a felonia, a traição e a perfidia faziam dos exercitos romanos, temiveis bandos de salteadores.

No meio d'esta serie ininterrompida de roubos e matanças, Aulo Sulpicio conservava impolluta toda a generosidade e toda a honestidade do seu caracter virtuoso. A corrupção não o contaminára ainda, como succedera a tantos outros da sua edade, que tinham vindo para o exercito do pretor, e que bem depressa se haviam tornado os satellites infames de todas as suas atrocidades.

Aulo evitava-lhes o contacto e a intimidade, e todas as vezes que podia, a sua linguagem severa e audaciosa verberava as infamias do pretor, como vimos ainda ha pouco, por occasião do festim que descrevemos.

Na cohorte do consul Lucullo, havia chegado n'esta noite ao acampamento um joven da mesma edade de Aulo Sulpicio, e como elle pertencente a uma familia distincta. De ha muito que uma sincera amisade unia aquelles dois rapazes, por tanto tempo ao lado um do outro no exercito de Galba, e tendo as mesmas idéas a respeito das atrocidades e traições que viam a cada passo praticar.

Chamava-se Lucio Statilio, o amigo do joven Sulpicio, e era dotado de uma intelligencia e valor excepcionaes. Educado n'aquella vida agitada dos acampamentos, fizera as suas primeiras armas ao lado do amigo na campanha contra os lusitanos, batendo-se como um heroe no fragor das pelejas, mas deplorando continuamente as traições e as atrocidades inuteis, e associando-se ao pupillo de Galba nas suas vehementes censuras contra a decadencia dos severos principios romanos, que tinham dado á sua patria uma supremacia incontestavel sobre todas as nações do mundo conhecido.

Statilio manifestára estas ideias durante a sua longa permanencia no exercito do pretor. Um dia Lucullo, que o protegia, reclamou-o para junto de si, e os dois amigos tiveram de separar-se, porque o pretor jámais consentiria em affastar do seu lado, embora para servir ás ordens de Lucullo, o filho de Caio Sulpicio, de cujo futuro se encarregára.

Havia mais de dois annos que Aulo não via o seu caro Statilio. Imagine-se a alegria com que o abraçára n'essa noite, depois de uma tão longa ausencia, que promettia prolongar-se ainda indefinidamente, porque no acampamento chegára a correr o boato de que Lucullo partiria para Roma, onde o chamava um commando importantissimo.

O animo generoso de Aulo ia soffrer uma grande e terrivel decepção! O seu amigo, depois d'aquelles dois annos de ausencia, voltava-lhe completamente transformado. Não era aquelle joven de sentimentos nobres e desinteressados que se associava completameete ás ideias do pupillo de Galba, e que tanto censurava o procedimento inhumano dos chefes. A convivencia com Lucullo corrompera-o completamente. Por isso, quando depois da effusão dos primeiros abraços, o joven Sulpicio se queixou amargamente da crueldade do seu tutor, e lamentou a espantosa tragedia de Salacia, Statilio atalhou-o, dizendo-lhe:

—«Foi um lição necessaria, meu caro Aulo! Esses barbaros não podem tratar-se de outro modo, pódes crêr!»

Aulo estremeceu de dolorosa surpreza.

—«Como! És tu que fallas, Statilio! são essas as ideias que te inspira a convivencia de Lucullo?...»

—«São as unicas ideias razoaveis, convence-te d'isso, meu pobre amigo! Deixemo-nos de utopias, proprias dos verdes annos e da inexperiencia. A unica politica do povo romano, na lucta em que se vê empenhado tão ingloriamente com os barbaros, é a de Lucullo e a de Galba. Converti-me a essa politica, apenas comecei a ter algum conhecimento do mundo, e hoje vejo os acontecimentos com frieza, sem me deixar dominar.

—«Não me digas isso, Statilio, que me despedaças o coração. A politica do povo romano, nos tempos aureos da republica, nunca foi esta atrocidade sem limites, esta cobardia, de que estamos dando funestos exemplos. Nossos paes, cuja memoria devemos venerar, porque foram grandes e justos e souberam engrandecer a sua patria, nunca tiraram aos vencidos senão a faculdade de prejudicar os romanos. Hoje a cubiça domina os planos dos chefes, e por uma cobardia miseravel chegamos a extorquir aos proprios alliados tudo quanto os heroes antigos depois da victoria costumavam até abandonar generosamente aos inimigos...»

—«Reconheço as tuas palavras de outro tempo, meu eterno sonhador! Reconheço essa eloquencia irresistivel, que antigamente me exaltava, e me fazia vêr os acontecimentos pelo prisma heroico da tua phantasia virtuosa. Livre, porém, da tua sympathica influencia, Sulpicio, o meu espirito avigorou-se nos duros combates da existencia, e começou a encarar friamente os factos. As tuas brilhantes utopias não logram convencer-me, digas o que disseres. Sou homem do meu tempo, eduquei-me na eschola das campanhas, comprehendi a intenção dos chefes, e adopto do coração a sua politica. Se te parece, deixemos para outra occasião a nossa contenda. Venho fatigado, e o espirito recusa-se a seguir-te nos meandros das fuas famosas utopias...»

—«Não pretendo converter-te ás minhas ideias, Statilio. Lamento a cegueira que veio toldar-te a razão antigamente luminosa, lamento a perda do amigo e companheiro de outros tempos mais felizes. Adeus!»

—«Como! Pois a divergencia das opiniões hade interpôr assim uma barreira de gelo aos nossos corações tão unidos e dedicados?! Aulo, a minha amisade é tão vehemente como n'outros tempos. A esse respeito, não mudei!...»

—«Eu não posso vêr o amigo e o companheiro, no discipulo das theorias de Lucullo. Separa-nos os corações uma barreira insuperavel, tu o disseste, Statilio. Adeus!»

E sem esperar a resposta do seu antigo amigo, Aulo Sulpicio retirou-se para o interior da tenda.

Statilio hesitou alguns momentos. O coração impellia-o a seguir o pupillo de Galba, e convencel-o á força de expressões carinhosas de que nunca deixára de lhe consagrar uma vehemente estima. Queria demonstrar-lhe a sua amisade, embora tivesse de sacrificar a esse sentimento algumas das suas modernas theorias, mas n'esse momento, Lucullo, que acabara de conferenciar com Galba, veio ter com elle para lhe dar algumas ordens relativas á proxima

partida do exercito, e o joven não poude realisar o seu desejo, porque, demais a mais, Lucullo annunciara-lhe que não teria o resto da noite livre.

Como se explica a mudança completa operada nas ideias de Statilio, desde a sua ida para junto de Lucullo? Galba era mais cruel talvez do que o consul, e comtudo Aulo Sulpicio, seu pupillo não se contaminára n'aquelle rasto de sangue que deixava na sua passagem o exercito do pretor... Lucullo, em tão pouco tempo, fizera do amigo do moço Sulpicio um sectario da sua politica, tão barbaro como elle, ou mais ainda, porque o fogo da mocidade dava-lhe impetos de furia que a debilidade do corpo gasto de Lucullo não lhe consentia.

O pretor era cruel por avareza. Era o desejo insaciavel das riquezas que lhe inspirava todos aquelles actos de ferocidade selvagem, que lhe temos attribuido. Chama-lhe um auctor latino o homem mais avarento do seu seculo, e com razão. Era esta a sua paixão dominante, que lhe cegava a intelligencia clara e lhe aniquillava todas as brilhantes qualidades de que era dotado, porque o pretor Galba foi um homem de raro merito e um orador eloquentissimo.

Lucullo era cruel como Galba, e tinha além d'isso o vicio da luxuria, que começava n'esse tempo a caracterisar os romanos opulentos e poderosos. Era um temivel corruptor da juventude, um monstro de sensualidade, um devasso. Statilio, moço ainda imberbe e formosissimo, captivára os sentidos depravados do consul, que fizera d'elle o seu favorito, o seu amante, sacrificando-lhe todos os mancebos de que possuia sempre numerosos grupos, escolhidos entre os escravos mais gentis, que pareciam mulheres, enfeitados, com joias preciosas, tendo brincos nas orelhas, os cabellos compridos e cahidos pelas costas, e no olhar requebros lubricos de uma torpeza indescriptivel!...

Eis o principal motivo da mudança de caracter do joven amigo de Aulo. Statilio estava irremediavelmente corrompido...

Quando d'ahi a pouco, o consul o mandou chamar á sua tenda, no bello semblante do mancebo notava-se uma sombra de tristeza. Impressionára-o desagradavelmente aquella discussão com Aulo Sulpicio. Passára-lhe pela mente, como uma doce visão aprasivel, a recordação dos dias felizes que vivera junto d'aquelle amigo da infancia, tão bom, tão virtuoso, de um caracter tão firme e inquebrantavel, que jámais se tería manchado no lodo abjecto em que elle agora vivia... Foi, portanto, com um tedio que não procurou disfarçar que Statilio recebeu as torpes caricias de Lucullo.

O consul estranhou aquella frieza, e disse-lhe como uma inquietação visivelmente desenhada no semblante:

— «O que tens tu, meu *divino?*»

Era assim que elle tratava o mancebo nos seus momentos de torpes expansões lubricas.

Statilio curvou a cabeça e não respondeu.

Lucullo cada vez mais inquieto com aquelle silencio, que se lhe afigurava de mau agouro para a satisfação dos seus prazeres devassos, levantou-se apressadamente e correu para elle com os braços abertos.

O mancebo repelliu-o com dureza.

— «Que significa isto?» perguntou o consul. Repelles-me, *occulissime?*

Era um termo carinhoso de que Lucullo se servia para com Statilio. *Occulissimus* queria dizer, *menina dos meus olhos, minha prenda...*

Revolta similhante torpeza, mas é precisamente a historia das torpezas romanas que temos o dever de apresentar n'este capitulo.

—«Deixa-me, Lucullo, se não queres que saia immediatamente d'aqui. Não estou hoje em disposições de receber as tuas caricias!...» respondeu elle com enfado.

—«Que subita mudança, meu divino! Ainda ha poucas horas durante a viagem me prometteste uma noite deliciosa! Porque faltas á tua promessa?»

—«Oh! Calla-te, Lucullo, calla-te, causam-me horror as tuas palavras!...»

—«Horror! exclamou o consul surprehendido. Mas a minha linguagem desde que te amo, desde que tu és o arbitro exclusivo do meu coração, tem sido sempre esta! E tu não tens sabido recompensar deliciosamente o meu carinho? Não tenho eu encontrado nos teus braços doçuras verdadeiramente divinas? Affasta a tristeza, meu divino, ou então conta-me a causa dos teus pesares! Vem para junto de mim, não me faças morrer com o teu desprezo!»

E o consul, ébrio de luxuria, rojava-se aos pés de Statilio, soltando suspiros lascivos de uma torpeza horrivel e monstruosa.

N'outra qualquer occasião, o moço romano, corrompido como estava, ter-se-hia prestado de bom grado a satisfazer os infames desejos do monstro. N'aquella noite, porém, obsediava-o a recordação das palavras de Aulo Sulpicio, e a entrevista com o seu antigo amigo e companheiro arrancara-o por alguns momentos ao entorpecimento moral que ha tanto tempo o dominava. Não exaggerara. As palavras unctuosas e melifluas do consul devasso inspiravam-lhe um horror invencivel. Por isso, repelliu-o indignado, e deixando-o cahido por terra, e revolvendo-se nas alcatifas preciosas que cobriam o solo da tenda, sahiu precipitadamente.

Precisava de respirar o ar livre. Aquella atmosphera de infamia asphyxiava-o.

A sentinella que velava á entrada da tenda, vendo-o sahir, ficou muito suprehendida, porque de certo nunca lhe succedera ver tão bruscamente interrompidas as noites voluptuosas do consul. Ainda assim, dirigiu-lhe a palavra:

—«O pupillo de Galba veio ha pouco procurar-te,» disse-lhe o soldado.

—«Aqui?! exclamou Statilio estremecendo. E que lhe disseste?»

—«Que estavas com Lucullo. Perguntou-me se passavas a noite na tenda do consul, e eu...

—«Acaba!» bradou o mancebo com impaciencia, vendo que o soldado titubeava.

—«Disse-lhe que era esse o costume, quando o consul, como hoje succedeu, te mandava chamar...» concluiu o *hastati* com firmeza.

O olhar de Statilio dardejou um relampago de colera, que a obscuridade não deixou ver ao soldado, mas que provavelmente não lhe causaria muito abalo, porque o *hastati* virou as costas com indifferença ao mancebo, e voltou tranquillamente para o seu posto.

Statilio hesitou. Que lhe queria Aulo? Uma reconciliação talvez! O amigo,

passado o primeiro momento de dolorosa contrariedade, vinha estender-lhe os braços, e fazer-lhe esquecer as duras palavras de ainda ha pouco. A affeição de tantos annos readquiria finalmente o seu imperio n'aquelle coração generoso e bom, e faria por certo esquecer qualquer divergencia de opiniões.

Era isto o que o moço romano pensava, mas ao mesmo tempo a consciencia da propria abjecção fazia-o hesitar. Devia correr para os braços de Aulo, depois de ter cahido nos braços devassos de Lucullo? Juntaria á sua infamia a hypocrisia, e apresentar-se-hia junto do seu virtuoso amigo, como se a corrupção do consul devasso não o tivesse aos proprios olhos manchado com um ferrete de ignominia?

Taes eram as ideias que o obsediavam n'esse momento, ao percorrer o campo romano, onde o silencio do repouso das tropas era apenas de quando em quando perturbado pelo grito quasi mechanico e somnolento do álerta das sentinellas.

Aulo devia estar na tenda do pretor, foi para alli que Statilio dirigiu maquinalmente os passos.

O seu amigo não podera adormecer, impressionado como estava pela conversação que tivera no principio da noite com Statilio. Na sua mente em fogo, agitava-se uma tempestade medonha. Era, pois, certo que a corrupção romana tudo contaminava, desde a massa anonyma dos escravos dos prazeres sensuaes, até ás intelligencias mais esclarecidas, e aos caracteres mais energicos?

Quem poderia suppor jámais que Statilio, tão nobre, tão leal, tão enthusiasta, se deixaria preverter d'aquelle modo? Porque as suas palavras accusavam um cynismo extranho, que a intelligencia penetrante de Aulo não podia attribuir simplesmente ao exemplo das barbaridades e das rapinas de Lucullo. A fama da vida dissoluta do consul e dos seus vicios nefandos espalhara-se pelos acampamentos romanos. Os soldados nas horas de folga cantavam sangrentos epigrammas contra os *mancebos* effeminados de Lucullo, doceis instrumentos dos vicios hediondos do devasso, e Aulo recordava-se agora de já em tempo ter ouvido o nome de Statilio n'esses descantes obscenos da soldadesca, mas a sua alma generosa não podéra acreditar o boato indecoroso, e para Aulo o companheiro de infancia conservava ainda, até aquella noite fatal, toda a pureza de uma alma generosa, toda a virtude de um caracter impolluto...

Era, pois, verdade, tinha razão a soldadesca desbragada! O consul tivera artes para corromper o nobre caracter do seu amigo, e Statilio, o leal e corajoso mancebo, convertera-se no instrumento infame das torpes delicias de Lucullo. *Proh pudor!* exclamava Aulo, com o coração dilacerado por tão pungente ignominia!

Houve um momento em que a sua alma justa e bem formada regeitou com indignação esta ideia esmagadora. Impossivel! Statilio não podia ter descido a similhante abjecção! Elle, antigamente tão nobre e tão virtuoso, teria encontrado no seu caracter austero e immaculado a coragem necessaria para resistir a todas as seducções. Os boatos da soldadesca, as suas canções infames eram uma calumnia horrivel. Statilio devia ser odiado no exercito pelo seu modo de pensar, tão diametralmente opposto á corrupção do maior numero.

D'aqui, a má vontade, a calumnia, sim, porque tudo aquillo não passava de uma atroz calumnia... Mas as suas palavras de ha pouco? O seu cynismo? Aquellas theorias tão crueis como as de Lucullo? E Aulo reflectia profundamente em tudo aquillo, sem poder resolver o cruel problema...

N'um impeto de generosidade, deliberou ir procurar o amigo, queria ouvil-o, queria que elle se justificasse de todas aquellas suspeitas. Sahiu da tenda com o cerebro em fogo, e dirigiu-se a uma sentinella, á primeira que encontrou.

—«Statilio onde estará a esta hora?» perguntou elle ao *hastati*.

—«Por Hercules! exclamou o guerreiro. Lucullo recolheu-se á sua tenda, e o joven favorito deve partilhar o seu leito. E' o costume todas as noites!»

—«Mentes! bradou Aulo furioso. É um boato infame, que não póde ter fundamento!»

—«De que serviria mentir? perguntou o soldado, tremendo de colera. Lucullo não occulta os seus amores com Statilio. Tenho-os visto muitas vezes abraçados, e beijando-se com ardor em presença das tropas. Interroga os escravos do consul, e elles confirmarão as minhas palavras!...»

Aulo não podia duvidar mais, e no emtanto, a sua amisade era tão vehemente que se dirigiu á tenda do consul, querendo illudir-se a si proprio. Suppunha-se sob o influxo de um pesadello, e desejava ter uma commoção bem forte que o despertasse. Foi então que interrogou a sentinella que velava á entrada da tenda consular... Era evidente a corrupção do seu amigo. Statilio a essas horas na tenda de Lucullo estava talvez deliciando a noite devassa do chefe, com as suas caricias torpes e nefandas....

—«Deuses! bradou o mancebo desvairado. Que extranha abominação a da nossa raça! Como eu invejo a rudeza barbara d'esses povos que opprimimos, como elles são mais dignos do nome de homens, do que estes romanos vis e depravados!...»

A febre escaldava-lhe o sangue, era-lhe completamente impossivel repousar. Percorreu as ruas do acampamento, onde reinava por toda a parte o silencio, e foi sentar-se no parapeito do fosso entregue ás mais desanimadoras reflexões. A preoccupação que o dominava não lhe deixou descobrir um vulto, que rastejando como a serpente, veiu collocar-se por detraz de uma arvore a pequena distancia d'elle, d'onde o espiava com o olhar brilhante, como o tigre indiano em presença da victima desprevenida, se prepara para a dilacerar nas garras...

Decorreram alguns momentos apenas. Aulo não fazia um movimento, engolfado nos seus pensamentos dolorosos, e pela sua parte o vulto mysterioso conservava-se egualmente immovel, quando de subito o ruido de passos ligeiros veiu fazer estremecer de surpreza tanto o romano como o desconhecido. Alguem se approximava d'aquelle ponto do acampamento, e não era aquelle por certo o ruido cadenciado dos passos da sentinella. Nas trevas da noite, lobrigou-se um vulto, e Aulo, temendo uma surpresa dos barbaros, levou a mão á espada, e tomou o passo ao nocturno passeante, que n'esse momento se approximava do ponto onde elle estava.

—«Quem está aqui a similhantes horas?» perguntou a voz de Statilio.

—«Elle!» murmurou Aulo, reconhecendo o seu amigo.

A sua primeira ideia foi não responder, e continuar a embargar-lhe o passo. Statilio, tomando-o por um inimigo, cravar-lhe-hia a espada no peito. Morrer assim obscuramente, sahir d'este mundo corrompido, era para elle a suprema ventura, agora que lograra conhecer bem a decadencia ignobil da sociedade em que vivia!

Mas Statilio não secundou esse desanimador plano. Apesar da obscuridade, advinhou a presença do amigo n'aquelle sitio, porque ainda ha pouco o soldado lhe contára a sua vinda á tenda consular.

—«És tu, meu querido Aulo?» perguntou elle, commovido, porque avaliava agora o desalento d'aquelle nobre caracter.

—«Sou eu effectivamente,» respondeu o pupillo de Galba.

—«Como! Tambem Morpheu te recusa esta noite os seus dons beneficos?...»

—«A vigilia é amiga da verdade, e eu prefiro o conhecimento dos factos, embora esse conhecimento me despedace a alma, ás illusões douradas que me offuscavam o intendimento...»

—«Não te comprehendo, meu caro philosopho, murmurou Statilio, perturbado com aquellas extranhas palavras do amigo. Dizias então...»

—«O mesmo que tu me disseste ha poucas horas ainda: A discussão fatiga-me, e prefiro repousar...»

—«Incommoda-te a minha companhia?» perguntou Statilio, maguado por aquella ironia acerada.

—«Incommoda, serei franco! Entre nós d'óra avante nada ha de commum. Seguimos destinos oppostos, e por isso qualquer approximação é inutil e fastidiosa!...»

—«O que! exclamou Statilio com o coração dilacerado. Quebras d'esse modo os estreitos laços de uma amisade fraternal por causa da nossa discussão a respeito dos barbaros! É pueril isto, meu pobre amigo! Deixa-me lembrar-te que se tractava apenas dos barbaros!...»

—«Os barbaros valem mais do que nós, que os perseguimos e roubamos, e lhes damos a cada passo o espectaculo indecoroso da nossa infame corrupção!...»

—«Tu não conheces os barbaros, meu amigo! A respeito de corrupção são como os romanos. Os seus deuses exigem como os nossos cultos e sacrificios impuros!...»

—«Porque esses deuses inspiram-se recentemente na corrupção que lavra na theogonia romana! Depois os nossos funestos exemplos, deviam necessariamente reflectir-se sobre os costumes dos povos que viémos conquistar. A corrupção d'elles é nossa obra, mas por mais espantosa que ella seja, não chega aos requintes infames da corrupção romana, de que tu offereces um triste exemplo, Statilio!...»

—«Eu?!» exclamou o mancebo, fulminado por aquellas palavras do amigo.

—«Tu! Magoaram-me as tuas cynicas palavras a respeito dos barbaros,

mas mais profundamente me rasgou a alma a noticia da tua infamia! Tu, um patricio, um moço intelligente e valoroso, escravo da luxuria do consul Lucullo! Tu, o seu *mancebo*, o instrumento d'essa torpe devassidão legendaria, que é o assumpto obrigado dos epigrammas da soldadesca!»

—«Aulo, repara que me offendes duramente, e que a nossa antiga amisade não me pode fazer esquecer a violencia d'esta affronta!» bradou Statilio desesperado.

—«Tambem essa amisade de que fallas não póde deixar de condemnar o espantoso aviltamento a que desceste! Irritam-te as minhas palavras... É a tua consciencia que se revolta contra a ignominia em que vives immerso, e de que não poderás sahir, jamais, porque és mais abjecto do que os miseraveis escravos condemnados ás torpezas dos senhores devassos, tu um patricio, um romano!...

—«Por Hercules! bradou Statilio, escumando de raiva. Nem mais uma palavra, Aulo, ou cravo-te este punhal na garganta!...»

—«Podes matar-me, que nem sequer me defenderei! Dilaceras-te-me tão profundamente a alma com a tua infamia, que podes completar a obra começada, arrancando-me a vida, mas até exhalar o ultimo suspiro has de ouvir a minha voz indignada, bradando-te: Infame, infame!...»

Statilio perdera completamente a cabeça. Tinha a consciencia da sua abjecção, comprehêndia toda a justiça das palavras do seu antigo amigo, mas o seu orgulho revoltava-se contra aquella censura, e a colera fervia-lhe no peito, desvairando-o, e levando-o ao derradeiro extremo.

—«Defende-te, Aulo, defende-te!» bradou elle furioso, e apertando nas mãos o cabo do punhal.

—«Fere, miseravel escravo de Lucullo! Não me defendo, vês? Offereço-te de bom grado este peito, onde durante tantos annos a tua amizade teve um culto ferveroso! Morrer é a suprema consolação das almas puras, que se vèem rodeadas de uma corrupção tão espantosa... Porque hesitas? Liberta-me do peso da vida, para me não forçares por mais tempo a presenciar a tua infamia!...»

Um grito horrivel resoou n'aquelle momento no silencio da noite. Soltara-o Statilio, vendo-se apertado subitamente n'uns braços de ferro, que o obrigaram a largar o punhal no momento em que, cego pela ira, se dispunha a craval-o no peito do seu amigo. Tão rapida foi aquella aggressão extranha, e tão poderosa a musculatura do aggressor, que o moço romano, sem poder fazer um movimento, sentiu-se arrastado nas trevas como se fôra empolgado por uma força sobrehumana, contra a qual se tornava inutil qualquer resistencia que empregasse. Aulo, tão surprehendido como o seu amigo, e sem poder explicar aquelle extraordinario successo, distinguiu apenas nas trevas um vulto negro que se affastava com rapidez phantastica, arrastando comsigo o corpo inerte de Statilio. Quiz gritar, mas a commoção e o terror do ignoto embargaram-lhe a voz na garganta, e no emtanto o vulto negro affastava-se consideravelmente, e chegando a um ponto distante, transpunha de um pulo a trincheira do acampamento.

O filho de Caio Sulpicio reagiu poderosamente contra o pesado torpor que o invadira, e correu na direcção que vira tomar ao mysterioso raptor de Statilio. Chegando á trincheira do acampamento, ouviu o estrepito de um cavallo, que partia a todo o galope, e chegaram-lhe aos ouvidos estas palavras, proferidas na sua lingua, com uma forte accentuação barbara, que lhe imprimia um cunho de espantosa ferocidade:

— «Os barbaros têem sêde do sangue romano! Guerra de morte aos perfidos oppressores!»

— «Os barbaros!» gritou Aulo Sulpicio no cumulo do espanto.

E correu immediatamente ao acampamento, despertando com os seus gritos de desespero as sentinellas adormecidas. D'ahi a um momento, todos os soldados estavam em armas, e o pretor Galba recebia a noticia de que os barbaros haviam penetrado no campo romano, apoderando-se á traição do joven Statilio.

Foi um alvoroço indescriptivel. Accenderam-se por toda a parte os fachos, as tropas corriam em todos os sentidos, e esquadrões de *velites* batiam as immediações do acampamento, em procura dos aggressores. Tudo inutil, porém. Ao amanhecer, os exploradores regressavam ao campo romano, onde reinava a maior inquietação, e declaravam não haver encontrado nem o menor vestigio da presença dos barbaros.

Ninguem podia explicar a mysteriosa desapparição de Statilio!...

---

# CAPITULO V

## SUMMARIO

Continuação das façanhas de Viriato.— A victima offerecida a Endovellico.— O sacrificio cruento.— Juramento terrivel.—Galba e Lucullo perante o Senado, accusados da sua horrivel crueldade contra os lusitanos.— A guerra sem treguas.—Derrotas dos romanos.—Ainda as mulheres lusitanas.—O que faz o amor.—Caio Lelio.— Maximo Emiliano.—Dictaleão, Aulaces e Minuro.—A infamia romana.— Morte de Viriato.—Pompas funebres do exercito lusitano.—A pacificação da Lusitania.—Costumes dos lusitanos ao tempo da morte de Viriato.—A romanisação da peninsula.—Cidades policiadas.—A civilisação romana.—Elementos corruptores.—Lupanares e prostitutas.—Prescripções sanitarias adoptadas pelas auctoridades romanas.—Os alcaiotes romanos.—Como se forneciam os prostibulos.—Os escravos e a sua procedencia.—Soffrimentos obscuros.

Para os leitores, não será tão difficil a explicação d'este mysterio, porque assistiram á partida de Viriato para o acampamento romano, e sabem que o chefe audacioso e astuto havia jurado trazer a Baudio a victima reclamada por Endovellico, para o sacrificio que devia tornar o deus propicio ás armas lusitanas.

O joven chefe voava atravez das campinas desertas e assolladas pelas devastações romanas, montado no seu soberbo cavallo de combate, d'essa possante raça equina das margens do Tejo, onde as eguas, no dizer dos escriptores latinos, concebem dos ventos as robustas crias que se apascentam nas lezirias.

Era commovedor o espectaculo d'essas vastas campinas devastadas, onde de longe em longe se descobriam as tristes ruinas das aldeias incendiadas pelos romanos. As terras abandonadas e sem cultura, ou n'alguns pontos completamente taladas pela passagem recente das tropas invasoras, indicavam bem claramente a guerra de exterminio, ferida havia tanto tempo na Lusitania, e que ameaçava destruir completamente essa região outr'ora fertil e abençoada.

Viriato contemplava com todo o desespero da sua alma generosa o aspecto funebre da região que percorria, e sentia cada vez mais entranhado no coração o odio contra os romanos.

O futuro chefe supremo dos lusitanos era a esse tempo moço ainda. Teria, quando muito, vinte e quatro annos. Era de elevada estatura e bem proporcionado de membros. Na sua physionomia sympathica desenhava-se exhuberantemente a energia e o valor. Tinha os olhos vivos e penetrantes, o olhar de aguia dos grandes capitães, as sobrancelhas fartas e fortemente accentua-

das, o nariz aquilino e os labios grossos. N'aquelle rosto viril todas as feições respiravam a audacia e a coragem. Ao contrario dos homens da sua raça, usava os cabellos curtos, e tinha-os naturalmente crespos. Vestia com uma simplicidade, que lhe conquistava a sympathia de todos, e sabia captivar os soldados com a sua palavra facil e eloquente.

Dotado de uma intelligencia superior e de uma força de vontade que supplantava facilmente todos os obstaculos, apesar da humildade da sua origem e de passar os primeiros annos da vida entregue a occupações modestamente obscuras, procurara adquirir uma instrucção superior ás dos outros mancebos da sua raça. Conseguira aprender com os veteranos das tropas lusitanas a lingua dos conquistadores, e chegara mesmo a fallar esse idioma odiado com uma perfeição, que não era de esperar de um rude filho do Herminio. Desejoso de saber, não poupou esforços para illustrar o espirito com todos os conhecimentos que lhe era possivel obter n'aqnelle tempo e no meio da rudeza semi-barbara dos habitantes das montanhas do occidente da peninsula, onde a cultura grega e romana nunca pudera penetrar.

Aos dezoito annos começára a guerrear contra os romanos, ferido por uma d'essas fatalidades da campanha desastrosa em que a sua tribu andava empenhada. O pae e os irmãos haviam-lhe confiado a guarda dos rebanhos, ao partirem para uma investida nas terras dos alliados da republica, desforço frequente a que os lusitanos recorriam depois de algum revez soffrido, ou de alguma traição romana. A investida havia-se mallogrado, e nem um só dos lusitanos poude regressar ás montanhas, porque os romanos haviam cahido sobre elles de improviso, exterminando-os até ao ultimo com essa crueldade feroz, que os caracterisava.

Quando Viriato soube da espantosa desgraça que lhe roubara os parentes queridos, o odio contra os romanos subiu de ponto n'aquelle peito varonil, e resolveu consagrar a existencia a uma lucta sem treguas nem piedade contra os oppressores da sua raça. Abandonou tudo quanto possuia, e foi logo aggremiar-se aos guerreiros da sua tribu que se dispunham a partir contra o inimigo. O valor do que era dotado e a excitação do odio que nutria no peito, de tal modo o fizeram distinguir nas primeiras expedições de que fez parte, que a poucos passos era considerado um dos mais distinctos chefes das tribus, e a sua opinião esclarecida começou logo a inspirar confiança nos lances mais ariscados. Na épocha em que o joven chefe nos apparece pela primeira vez n'esta historia, seis annos de combates ininterrompidos haviam precocemente amadurecido as excellentes qualidades da intelligencia e do caracter, e muitos dos principaes chefes o indigitavam para o conmando supremo dos lusitanos, agora principalmente, depois da catastrophe de Salacia, que dera um novo caracter á guerra contra os romanos, levantando o espirito das tribus, e associando-as unanimemente na ideia de repellir de todos os pontos da região os invasores.

Era esta tambem a suprema ambição de Viriato, inspirada pela ideia do seu acrisolado patriotismo.

A sua intelligencia superior abraçava perfeitamente as causas do insuc-

cesso das frequentes insurreições dos lusitanos. Não era o valor que lhes faltava, era o espirito de solidariedade, era a união. As numerosas tribus armadas tinham recursos sufficientes para repellir os romanos, se em vez de investidas parciaes houvesse um levantamento geral, que oppusesse aos invasores uma barreira invencivel. As tribus, independentes umas das outras, e tantas vezes mesmo inimigas, faziam a guerra sem plano definido, e por isso tantas vezes se viam esmagadas pelo numero mais consideravel das tropas romanas, disciplinadas, e dirigidas por generaes praticos e experimentados. Reunir esses elementos dispersos, como fizera Apimano com tão lisongeiros resultados, impôr a todas as tribus uma auctoridade necessaria e salutar, organisar um plano de campanha differente de tudo quanto até então se emprehendera, tal era a ambição de Viriato, e essa ambição via-a o joven chefe prestes a realisar-se, agora que a tragedia de Salacia acirrara por toda a parte o odio contra os romanos.

Taes eram os pensamentos que se revolviam na mente de Viriato, ao dirigir-se com uma audacia tão fóra do vulgar ao acampamento romano, para se apoderar da victima, digna de aplacar a colera de Endovellico.

Quem seria essa victima? pensava elle, ao passo que o galope infatigavel do seu soberbo cavallo o ia aproximando do quartel-general do pretor. Um soldado qualquer, o primeiro que surprehendesse adormecido junto das trincheiras do campo, seria indigno do sacrificio que se preparava. Endovellico exigia mais alguma cousa, e mesmo que o deus se contentasse com a primeira victima que lhe fosse offerecida, Viriato, pela sua parte, sentir-se-hia cheio de despeito com uma presa de tão pequena importancia. O rasgo de audacia que ia praticar merecia ser coroado do mais brilhante successo. Uma façanha heroica, extraordinaria, que assombrasse todos os chefes das tribus, e lhes fizesse conceber a mais favoravel idéa do seu valor e do seu heroismo, era o que precisava de praticar a todo o custo, e para isso tinha de apoderar-se de um grande personagem do exercito do pretor. O proprio Galba? Oh! mas isso seria um espantoso triumpho, e a sua imaginação, por mais rasgados que fossem os seus vôos, não ousava remontar-se a taes alturas! Depois, a proeza seria superior ás suas forças. Introduzir-se na tenda do pretor, aproveitando-se das trevas e da despreoccupação dos soldados, que julgavam os barbaros aterrados pela carnificina de Salacia, e incapazes de se aventurarem a uma investida, não seria difficil. Mas apoderar-se do chefe, arrancal-o vivo para fóra do acampamento, sem que o ruido da lucta despertasse a sua comitiva, nem désse o alarme ás sentinellas, era completamente impossivel!...

Tractasse-se apenas de assassinar o pretor, e Viriato arriscaria a vida n'essa empreza, seguro de a levar a cabo, embora o esperassem os mais terriveis supplicios. Mas Endovellico exigia uma victima que fosse exhalar o ultimo suspiro sobre as suas aras sangrentas; o deus queria ouvir o grito dilacerante do romano, ao sentir penetrar-lhe no peito o punhal sagrado do sacerdote, e Galba, o pretor, o general em chefe dos romanos, nunca poderia ser trazido vivo por um unico homem para fóra do seu acampamento, por mais feliz que fosse o plano de Viriato.

Era mister, pois, escolher outra victima. Mas qual? O chefe lusitano sou-

bera por um soldado da sua tribu, feito escravo pelos romanos, e que conseguira fugir um dia ao captiveiro, varios pormenores da vida intima de Sergio Galba. O escravo permanecera dois annos ao serviço do pretor, porque a esperança de recuperar a liberdade dera-lhe coragem para representar durante esse tempo o papel de espião, e inspirára confiança aos romanos, que utilisavam os seus serviços como guia da região. Um dia logrou escapar ao captiveiro, e voltando á sua tribu vingara-se da espionagem forçada, revelando aos chefes da sua raça tudo quanto podera observar no acampamento dos invasores.

Das revelações do antigo escravo colhera Viriato dados preciosos para a empreza a que se abalançara. Sabia os nomes de todos os que rodeiavam o pretor, e conhecia a profunda estima que elle consagrava ao filho de Caio Sulpicio. O joven Aulo seria uma presa magnifica. Patricio, aparentado com as mais illustres familias romanas, todas estas qualidades o tornavam precioso para o sacrificio. Além d'isso a affeição que o pretor lhe consagrava dava novo realce ao valor da presa. O soffrimento de pretor ao ver-se privado do seu pupillo seria horrivel, e Viriato antegosava já as torturas que o cruel romano devia sentir, e que seriam um começo de expiação da sua atroz perfidia contra os lusitanos!

E seria mais facil apoderar-se de Aulo? O escravo contara-lhe mais de uma vez as excentricidades do caracter do mancebo. O filho de Caio Sulpicio evitava o mais possivel tomar parte nos festins de Galba. N'essas occasiões, sahia da tenda e escolhia os pontos mais silenciosos do acampamento, para se entregar a longas meditações. Chegava ás vezes a passar a noite ao relento, e as sentinellas estavam de ha muito habituadas ás singularidades d'aquelle passeante nocturno, que trocava pelas trevas e pelo silencio as ruidosas alegrias das noites festivas do pretor.

Eis, portanto, a victima designada naturalmente para o sacrificio, e Viriato, tomada esta resolução, continuava a sua marcha pelas campinas devastadas, estudando prudentemente os meios de levar a cabo o seu plano.

O primeiro dia da viagem levou-o a tres milhas de distancia do acampamento. Conhecia perfeitamente todos os accidentes do terreno, e por isso embrenhando-se n'uma floresta, alli esperou que a noite se adiantasse, para a favor das trevas ganhar o ponto a que a dirigia. Os lusitanos, já o dissemos, eram sobrios, tanto ou mais do que os espartanos. Viriato cuidou primeiramente do seu bello cavallo, e depois que o viu refeito da fadiga d'aquella viagem a todo o galope, foi colher algumas glandes, que pendiam das frondosas carvalheiras da floresta, e esses fructos constituiram o seu singelo alimento, regado por alguns tragos de um regato de limpidas aguas que serpenteava na base de uma collina.

Quando lhe pareceu tempo adequado para a sua temeraria empreza, tomou o cuidado de envolver as patas do cavallo n'uma especie de musgo que encontrou apropriado para o intento, e dirigiu-se cautellosamente ao acampamento.

A noite ia alta, e as luzes do campo romano haviam-se pouco a pouco extinguido. Reinava um silencio profundo, quando Viriato chegou ás trinchei-

ras, sem que o mais pequeno rumor o trahisse. Habitualmente, a vigilancia dos romanos era grande nos seus acampamentos, porque a experiencia havia-lhes ensinado que n'aquellas campanhas contra os barbaros, as surprezas eram sempre temiveis, e a ellas deviam as tropas disciplinadas os seus mais espantosos desastres. No emtanto, depois da catastrophe de Salacia, o pretor julgára por muito tempo abatido o valor dos inimigos, ja antes d'isso extenuados pelos successivos horrores de uma guerra de exterminio, e vendo havia tantos dias a região completamente tranquilla, julgava-se perfeitamente defendido pelo mesmo terror que a sua crueldade inspirava.

Era por isso que o acampamento n'aquella noite affrouxara singularmente as suas precauções habituaes, e Viriato, depois de ter deixado o cavallo a pequena distancia da trincheira, poude facilmente transpol-o e introduzir-se no campo inimigo, sem ser presentido. De resto, a espessa escuridão da noite protegia-o, e o ousado chefe chegou mesmo a approximar-se da tenda do pretor.

Vagueando pelas immediações d'essa tenda, como a fera que no silencio da noite espreita a presa, prestes a cahir sobre ella e a dilaceral-a no primeiro ensejo, Viriato viu d'ahi a pouco sahir um vulto, que passou por junto d'elle, sem suspeitar do perigo que corria. Seguiu-o. Devia ser Aulo, pensava elle, segundo as informações que lhe dera o antigo escravo do pretor. Foi então que o ouviu interrogar um *hastati*, e que soube da presença de Lucullo no acampamento. Quando, d'ahi a pouco, o viu encaminhar-se á tenda do consul, e ouviu as perguntas que dirigiu á sentinella, o chefe lusitano estremeceu de colera, ao presentir essa espantosa corrupção dos invasores, que tornara os conquistadores do mundo os entes mais abjectos e vis que podiam imaginar-se.

O acaso parecia favorecer a empreza de Viriato. Aulo, em vez de regressar á tenda de Galba, dirigia-se para o ponto mais affastado do acampamento, e alli se dispunha provavelmente a passar algum tempo, entregue ás suas habituaes meditações.

Endovellico ia ser satisfeito. A victima estava prestes a cahir nas mãos do chefe lusitano!...

Na occasião, porém, em que Viriato ia cahir sobre o joven romano, appareceu Statilio, e o dialogo extranho dos dois amigos deu novo rumo ao plano do audacioso filho do Herminio. As palavras do pupillo de Galba foram uma revelação espantosa para o joven chefe. Havia então n'esse acampamento romano, tão corrompido e tão odiado, almas de rija tempera, que se revoltavam contra as infamias, e tinham a coragem de verberar os culpados! Viriato estava fremente de enthusiasmo ao ouvir aquellas palavras severas e cheias de justiça, e se não fosse o receio de perder-se, como elle saberia agradecer ao moço romano os sentimentos generosos da sua alma de rija tempera! Esse mancebo pertencia á raça odiada dos oppressores, mas, no emtanto, Viriato admirava-o, e applaudia no intimo do peito aquellas palavras generosas.

A victima não seria elle, não! Estava alli outra, de mais agrado para Endovellico, por isso mesmo que era um instrumento de graves torpezas que offendiam o poderoso deus das tribus lusitanas, deus do amor e da união na-

tural dos sexos para o fim utilissimo da procreação! Á morte o impio, o miseravel, que offendia com as suas torpezas a santidade do amor!

E, como vimos, no momento em que o punhal de Statilio ia cahir sobre o peito do virtuoso Aulo, Viriato cahiu sobre a sua presa e arrebatou-a para fóra do acampamento!...

Endovellico ia ter uma victima preciosa!...

.....................................................................................

.....................................................................................

O sol esmorece no horisonte, envolto em nuvens purpureas, que offerecem o aspecto horroroso de um immenso leito sangrento.

Ouve-se por toda a parte um espantoso côro de gemidos, e as multidões compactas e chorosas dirigem-se ao templo de Endovellico, situado além, n'aquella collina distante, por cima de cujo arvoredo espesso, como um tapete côr de esmeralda, destaca a alvura deslumbrante do sanctuario de deus lusitano.

Endovellico está irritado. Dil-o a voz austera do venerando sacerdote, e effectivamente a imagem do deus com os olhos vendados e os braços estendidos, parece pedir as victimas habituaes do seu rito sangrento e mysterioso.

Dentro em pouco a lua surgirá no ceu pela segunda vez, depois da partida de Viriato. O deus espera pela victima, e o pandeiro sagrado resoa no interior do templo, chamando as tribus á funebre ceremonia.

Baudio, o sacerdote de Endovellico, presidia a uma numerosa corporação de jovens, escolhidos em diversas tribus, e que se denominavam *servos do deus vendado*. Estes auxiliares do culto tinham a seu cargo receber as offerendas, que de toda a parte accudiam ao templo, e velar pelo respeito do recinto sagrado, onde ninguem podia penetrar, a não ser nos dias das grandes ceremonias expiatorias.

Para constituir esta corporação dos *servos do deus vendado,* escolhiam-se nas tribus as donzellas mais formosas e os mancebos de mais agradavel presença. Era aos quinze annos que se celebrava a sua consagração ao serviço do templo, e eram destituidos das suas funcções aos vinte, renovando-se d'este modo sem cessar o seu numero, para que o deus não tivesse em volta das aras senão a flor mais viçosa da mocidade das tribus.

O cargo de sacerdote era vitalicio, e só podia ser exercido depois dos quarenta annos. Quando o peso dos annos ou a doença impossibilitavam o chefe religioso de praticar os actos do culto, era elle ainda quem escolhia livremente o seu successor, que começava logo sob a sua direcção a exercer os deveres do sacerdocio, até que a morte, fulminando o supremo antistite, lhe desse a plenitude do seu importante cargo.

O sacerdote, o seu substituto e a corporação dos *servos do deus vendado* viviam continuamente no recinto do templo, sem contacto algum com os povos, a não ser nas ceremonias religiosas. Quando a edade expulsava do recinto sagrado algum dos auxiliares do culto, um juramento terrivel prestado com toda a solemnidade ante as aras do deus, impunha o mais absoluto sigillo ao que partia, comminando-lhe supplicios terriveis, se por acaso fosse revelar lá fóra os mysterios do culto que tivesse devassado. Em épochas mais remotas, os

que se consagravam ao serviço de Endovellico faziam, desde o momento em que penetravam no sanctuario, o sacrificio da existencia, por isso que a edade em que deviam deixar de exercer o seu ministerio significava para elles a perda da vida. O cutello sagrado penetrava-lhes no peito, no proprio dia em que completavam vinte annos. Com o andar dos tempos, no emtanto, este rito barbaro havia-se despido da sua horrivel ferocidade, e na épocha a que nos referimos os que a edade impedia de tomarem parte nos actos do culto, podiam voltar para as suas tribus, comtanto que se sujeitassem ao terrivel juramento.

Baudio teria cincoenta annos. Era um homem de elevada estatura, magro e anguloso, mas accusando uma actividade e energia prodigiosas. O rosto sombrio possuia linhas regulares e harmonicas que lhe davam um aspecto a um tempo attrahente e magestoso. Os olhos rasgados e negros tinham um brilho penetrante, que muitas vezes era velado por uma sombra de melancholia, como succede a quem vive privado do convivio dos homens na contemplação mystica das cousas da religião. A sua palavra grave e austera inspirava um respeito profundo, e nos dias das ceremonias expiatorias, quando ao consultar as entranhas palpitantes das victimas proferia os agouros anciosamente esperados, a sua voz grave e solemne parecia mais a voz de um deus do que a de um mortal.

Tudo estava prompto para o sacrificio, excepto a victima, que era esperada de um para outro momento. Ninguem ousava pôr em duvida o regresso de Viriato, e a realisação da sua promessa.

De mais a mais, a convicção de Baudio não dava logar a duvidas ou hesitações. O sacerdote mandara convocar as tribus para a solemnidade, e já no interior do bosque sagrado resoava o ruido estridulo do pandeiro. Em contacto intimo com o deus, cujos oraculos communicava aos simples mortaes, era evidente que o sacerdote conhecia de antemão o resultado da empreza do joven chefe a quem o ligavam os laços do parentesco, e por isso as aras seriam ainda essa noite regadas com o sangue romano, tão agradavel ao deus da Lusitania.

Quando a noite desceu de todo sobre a terra, Baudio mandou entrar a multidão no recinto sagrado. A vasta clareira destinada á cruenta ceremonia foi n'um momento invadida por muitos milhares de lusitanos, que se prostraram por terra, tomados de pavor, ao verem o vulto enorme do deus, illuminado pelos clarões avermelhados da fogueira, que ardia junto d'elle, elevando ao ceu os espessos rolos de fumo.

Era verdadeiramente tragico o espectaculo. Á luz vermelha da fogueira crepitante, Endovellico, soberbo de magestade, estendia os braços como que para reclamar a sua victima.

Junto da estatua do deus, o sacerdote empunhava o cutello sagrado dos sacrificios, em cuja lamina brilhante se espelhava o clarão sangrento do brazeiro. Por detraz de Baudio, revestido com as pomposas vestes sacerdotaes das grandes ceremonias, em que era obrigatoria a tunica talar branca, arrastando longamente pelo chão, e aberta de modo que deixava a nú os braços e as costas, formava a corporação dos auxiliares do culto, as donzellas envoltas em compridos mantos escuros, occultando-lhes cuidadosamente as formas gracio-

sas, os mancebos com o peito e os braços nús, e os compridos cabellos cahidos sobre as costas. Para lá da fogueira, estendia-se a multidão prostrada por terra e atroando os ares com os seus gemidos consternados, suffocados de quando em quando pelo ruido secco dos pandeiros ou pelas notas agudas dos pifanos dos *servos do deus vendado*...

A serenidade da noite realçava ainda a solemnidade terrivel da ceremonia, e cercava de um pavoroso mysterio aquelle culto verdadeiramente tragico, inventado para um povo barbaro e indomavel, porque nenhum outro poderia impressional-o mais profundamente, inspirando-lhe o heroismo quasi sobre-humano da sua intrepidez e bravura.

Os gritos e os ais elevavam-se do solo e subiam aos pés de Endovellico, similhantes a ondas de incenso. A voz magestosa do sacerdote, acompanhada das notas vibrantes do côro juvenil, dominavam por vezes essas ondas de sons plangentes, para applacarem com as suas preces sagradas a irritação d'aquella divindade terrivel.

Quando no horisonte um doce clarão veiu annunciar a proxima apparição da lua, Baudio mandou fazer o signal de silencio, e as preces, os gritos, as invocações, e as musicas sagradas cessaram immediatamente.

Foi n'esse momento de anciosa espectativa, e quando o disco da lua começava a brilhar no ceu, que se ouviu distinctamente o galope de um cavallo, na vereda que conduzia ao recinto do templo. A multidão ergueu-se do solo onde jazia prostrada, e soltou uma unisona e collossal exclamação de jubilo, ao ver surgir do escuro do arvoredo, no espaço illuminado pelas rubras irradiações da fogueira, Viriato, montado no seu possante cavallo de batalha, e trazendo diante de si solidamente ligada por cordas a victima que promettera ao grande Endovellico!

A um signal de Baudio, o silencio restabeleceu-se em breve, e Viriato saltando em terra entregou ao sacerdote a presa que fizera no acampamento de Galba.

— «Eis a victima, disse elle. Endovellico deve estar satisfeito! O romano, cujo sangue vae d'aqui a pouco avermelhar as suas aras sacrosantas, é Statilio, o favorito do consul Lucullo, um dos nossos mais crueis oppressores!»

As palavras do joven chefe foram acolhidas com uma formidavel explosão de enthusiasmo, e Baudio, desligando o desventurado Statilio das suas prisões, arrastou-o para junto do altar, onde d'ahi a pouco, apenas a lua mostrou no ceu a face luminosa em toda a sua plenitude, o cutello sagrado penetrou-lhe no peito, em presença de toda aquella multidão feroz, sedenta do sangue romano...

Terminada a tragica ceremonia, consummido nas chammas do brazeiro o coração do pobre Statilio, e pronunciado pelo sacerdote o agouro ha tanto tempo desejado, Viriato foi unanimemente acclamado chefe supremo das tribus lusitanas, agora mais do que nunca dispostas a fazer aos romanos uma guerra de exterminio.

Estava realisada a suprema aspiração de Viriato, e por isso, depois da acclamação, dirigiu-se ao altar, e mettendo as mãos nas entranhas dilaceradas

do cadaver de Statilio, renovou o seu terrivel juramento de Salacia, de não largar as armas, emquanto não visse libertada do jugo romano toda a região.

Roma tinha agora um adversario temivel, e nos combates que iam ferir-se os estandartes da poderosa republica teriam mais de uma vez de ser despedaçados ás mãos dos lusitanos, guiados á victoria por um chefe audaz e heroico.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

No emtanto, no acampamento de Galba, depois da desapparição mysteriosa de Statilio, e das infructiferas diligencias empregadas para o encontrar, o consul, sentindo profundamente a perda do favorito e suspeitando que os barbaros se tivessem approximado do acampamento, ordenou uma expedição por todas as immediações de Mertola, na qual foram ainda barbaramente assolladas pelas tropas romanas varias aldeias lusitanas, embora n'essas miseraveis povoações nenhum vestigio se encontrasse de preparativos guerreiros.

Satisfeita d'este modo a colera do barbaro capitão romano, levantou-se o acampamento, e foi dada ordem ás tropas para se dirigirem para Carthagena a marchas forçadas.

Pouco tempo depois do seu regresso á capital do governo romano da Hespanha, realisaram-se completamente as apprehensões de Lucullo. O Senado, indignado com o barbaro procedimento dos seus delegados, fazia-os substituir no governo da região, e chamava-os a Roma, para serem severamente punidos.

Lucullo e Galba, pela sua parte, contavam para conjurar o perigo com os recursos que a fortuna, adquirida á custa de toda a especie de depredações e rapinas, podia ministrar-lhes.

Chegados a Roma, procuraram annullar a má vontade dos inimigos, conciliando no proprio seio do Senado a benevolencia de grande numero de patricios. Não era difficil esta alliciação dos padres conscriptos. A corrupção que tudo invadira, não poupara tambem os proprios que deviam velar pela inteireza dos costumes, e o ouro avassallava por toda a parte as consciencias...

Lucullo e Galba tinham um adversario terrivel, contra o qual os seus meios de corrupção se tornavam impotentes. Era Marco Porcio Catão, o Censor, que abominava a perfidia de que fôra theatro a Lusitania, e foi o accusador severo do monstruoso crime praticado.

A indignação de que o austero censor dos costumes se possuira ao ter conhecimento da catastrophe de Salacia, fez uma explosão terrivel, quando os accusados compareceram em presença do Senado.

—«Padres conscriptos! exclamou elle, com a voz fremente de colera, eis em vossa presença os reus do mais espantoso crime que até agora tem sido praticado em nome do povo romano! Lucullo e Galba deshonram a republica! Punição severa para os impios, que conspurcaram com os seus crimes nefandos a dignidade e magestade do nome romano!...»

O censor fez em seguida a narração dramatica das barbaridades praticadas, e especialmente a da horrivel carnificina de Salacia. Ao ouvirem aquelles monstruosos crimes, os padres conscriptos estremeciam de horror, e os anciãos

venerandos inaccessiveis á corrupção moderna, e inspirados ainda nas virtudes austeras dos aureos tempos da sua mocidade, erguiam ao ceu os braços tremulos, chamando a ira dos deuses contra os auctores de similhantes infamias!

Lucullo e Galba viram-se perdidos. A corrente de indignação, levantada pelo discurso vehemente do censor, ameaçava invadir os proprios que haviam recebido o ouro dos corruptores. O consul sentia-se completamente aniquillado, mas Galba, orador eloquente e homem de talento, não desanimava tão facilmente.

A sua eloquencia e o seu ouro haviam de assegurar-lhe a impunidade, estava certo d'isso, se a coragem o não abandonasse n'aquelle lance difficil.

Pediu, portanto, licença ao Senado para se justificar, e quando obteve a palavra, orou nos seguintes termos:

—«Padres conscriptos! O meu accusador descreveu-me perante vós dotado dos mais preversos sentimentos e réu dos crimes mais nefandos. Tal accusação, feita por outro homem, seria sufficiente para excitar contra mim a vossa colera e fazer cahir sobre a minha cabeça a espada inexoravel da lei, mas o Senado conhece bem todo o azedume do caracter de Marco Porcio, e a susceptibilidade doentia do seu animo, que o faz vêr por toda a parte crimes nefandos, e o leva a denegrir accintosamente ainda as reputações mais immaculadas. É por isso que ouso erguer a cabeça depois da sua terrivel accusação, e tomar a minha defeza, n'esta grave assembleia, que tem o dever de conhecer a verdade, sem se deixar dominar por nenhuma prevenção.»

—«Falla, falla!» disseram muitos senadores, interessados na absolvição de Galba, por isso que tinham recebido valiosos dons do pretor.

—«Quando me foi confiado o governo da Hespanha Ulterior, encontrei a região completamente revoltada contra o dominio romano, e os povos em guerra aberta contra a republica. A insurreição estendia-se de um ao outro extremo, n'uma conflagração geral, que não nos consentia um momento de repouso. Era mister ser energico e adoptar providencias incessantes para debellar esse movimento dos barbaros, que ameaçava expulsar do paiz as tropas romanas. A guerra da Lusitania não pode deixar de ser uma guerra de exterminio, porque esses povos tomam como signal de fraqueza qualquer benevolencia da nossa parte. Conheço perfeitamente o seu caracter, e a experiencia adquirida n'essa campanha ingloria levou-me á conclusão de que deviam ser completamente postos de parte os meios brandos. Quando os poupavamos, os barbaros investiam por surpreza os nossos presidios, e massacravam cruelmente as tropas desprevenidas. Fallou-se n'este augusto recinto em carnificinas horriveis! Effectivamente, bem horriveis têem sido as que as tropas da republica têem soffrido d'esses barbaros! Acampamentos tomados de surpreza, presidios completamente destruidos, os alliados massacrados, as suas povoações incendiadas, uma devastação geral e horrivel, obrigaram-me, bem a meu pesar, a recorrer aos mesmos extremos, e a empregar por vezes processos que o meu coração condemnava! Mas, Padres conscriptos, a brandura seria n'este caso um crime mil vezes maior, porque esse sentimento daria novo alento aos barbaros, e talvez os meios de annullarem completamente na sua região o poder romano.

Seria atraiçoar vilmente os interesses da patria soffrer que os barbaros saciassem contra ella o odio que os domina. Derrotado por varias vezes, vendo o meu exercito horrivelmente dizimado, adoptei a resolução de incutir no espirito dos lusitanos um terror salutar, e a esse terror devo exclusivamente o triumpho que obtive...»

—«Mas a traição de Salacia! exclamou Catão indignado, ao vêr no rosto dos senadores a approvação das palavras do pretor. Essa traição atroz, essa carnificina sem exemplo, essa nodoa que enche de eterna vergonha o nome romano!...»

—«A traição de Salacia! Eis o grande e terrivel capitulo da minha accusação! Invoco o testemunho dos legionarios, para justificar esse acto de rigor. Os barbaros queriam apenas ganhar tempo para cahirem sobre nós, quando nos vissem desprevenidos, e a sua vinda ao acampamento não tinha outro fim senão conhecerem bem as nossas posições para facilmente nos atacarem. Foram mesmo surprehendidas a este respeito ameaças trocadas entre elles, e que as espias romanas vieram communicar-me. Não podia deixar de fazer o que fiz, Padres conscriptos, sob pena da minha fraqueza ser prejudicialissima á tran-tranquillidade e á honra da republica! Foi grande o numero de victimas, mas mais consideravel tem sido o dos romanos trucidados n'essa peninsula indomavel, onde o sangue da nossa raça tem avermelhado a terra ha mais de quarenta annos, e onde os manes dos cidadãos romanos pedem vingança contra milhares de traições de que teem sido victimas. Como homem, deploro o sangue derramado, como pretor, tenho a consciencia de haver cumprido o meu dever, e de ter salvaguardado os interesses da republica!...»

—«A republica romana não póde auctorisar esses exemplos crueis, e muito menos a traição e a perfidia que a deshonram... Padres conscriptos! bradou Catão, indignado. Esse homem é um vil traidor que nos envergonha, e deve ser punido. Não deis ouvidos ás suas palavras astuciosas! Reclamo contra elle a severa punição das nossas leis! Caia a espada da justiça sobre a sua cabeça e sobre a de Lucullo, seu cumplice. Galba e Lucullo roubaram os lusitanos, e assassinaram á traição em nome do povo romano, não os barbaros que nos faziam guerra, mas homens, mulheres e creanças, que vinham despreoccupdamente ao seu acampamento, inermes e confiados na lealdade do povo romano!...»

—«Padres conscriptos, esse homem amontoa as acusações sobre as nossas cabeças, pelo odio que nos consagra, a mim e a Lucullo! Não lhe deis ouvidos, se quereis ser justos e imparciaes. Em todos os meus precedentes commandos, tenho sido benevolo para os inimigos, porque não tinha de luctar com barbaros tão obstinados e vingativos como os lusitanos. N'essa região montuosa, a guerra não póde limitar-se á peleja campal, porque ao ardil e á traição temos de oppor recursos identicos. Lucullo, accusado como eu, lamenta n'este momento a perda do seu pupillo querido, Lucio Statilio, mancebo cuja nobre stirpe conheceis, e que lhe foi arrebatado pelos barbaros no meio do acampamento romano, para que possais conhecer bem até que ponto chegam a audacia e os estratagemas dos lusitanos...»

— «Como! atalhou um senador. O joven Lucio Statilio foi roubado pelos barbaros no acampamento!...»

— «Sim, Padres conscriptos, apesar da vigilancia das sentinellas, os barbaros vieram junto das nossas tendas arrebatar esta presa preciosa, e a sorte do desditoso mancebo esteve a ponto de caber tambem ao meu querido pupillo Aulo Sulpicio, o filho de Caio Sulpicio, que só a protecção dos deuses poude salvar. Crêde-me, Padres conscriptos! Esses barbaros não podem inspirar benevolencia, e os meus successores me justificarão. Só o terror poderá salvar o dominio romano n'essa região nefasta para as nossas armas. Conheço a historia da conquista romana n'esse paiz, e sei que todas as vezes que os nossos recorreram ao terror, os barbaros acolheram-se assustados aos seus inaccessiveis reductos, deixando em socego a região conquistada e as terras dos alliados. Podia ter errado, porque sou homem, mas em todo o caso, o erro proveiu da necessidade em que me vi de salvaguardar os interesses da republica e a vida dos soldados confiados ao meu commando. Sujeito-me resignado á sorte que me fôr destinada, e se fôr severa para commigo, aqui vos entrego, Padres Conscriptos, meus filhos e o meu pupillo! Protegei-os, e se a voz do velho pretor póde echoar nos vossos ouvidos justiceiros, nunca os envieis a essa guerra nefasta, onde os barbaros invadem os acampamentos de surpreza, e arrebatam a flor da juventude romana, para n'ella saciarem a sua vingança atroz e horrorosa!...»

O ouro de Galba fez mais effeito talvez do que os seus dotes oratorios, porque o pretor e o consul Lucullo foram absolvidos. A corrupção romana deu este deploravel documento do seu triumpho sobre a antiga austeridade dos senadores. Roma ficou deploravelmente enlameada n'este processo dos dois accusados, e absolvendo a infamia dos seus emissarios, a republica orgulhosa e omnipotente pôz-se ao nivel d'aquella espantosa crueldade e abjecção.

.......................................................................

.......................................................................

Quando na Lusitania se teve conhecimento da deliberação do Senado, a guerra contra os infames oppressores foi unanimemente approvada pelas tribus, e Viriato começou a fazer os seus preparativos de campanha, certo do appoio de todos os povos da região. Muitos dos alliados rasgaram os tractados com a republica, e correram a alistar-se nas bandeiras do chefe lusitano. Tal foi o desastroso resultado da politica miseravel dos romanos.

A absolvição de Galba e de Lucullo abriu os olhos a todos os povos da peninsula iberica, mesmo aos que até ahi mais dedicados se haviam mostrado aos romanos. Que confiança podia d'ahi em diante inspirar um povo, que tão indignamente quebrava a fé dos tractados, e trucidava habitantes inermes, que iam confiadamente collocar-se sob a protecção da lealdade dos senhores do mundo? O exemplo fôra salutar para todos. O que succedera aos lusitanos com o pretor Galba, podia succeder a todos os que confiassem na fé romana, mais perfida e desleal que a legendaria fé punica, tão stygmatisada pelos proprios romanos actualmente seus imitadores...

Facil seria, por certo, a Roma evitar o odio, que a sua politica errada

lhe concitou em todos os povos da Hespanha, se castigasse as barbaridades e rapinas de Galba e Lucullo. Não o fez, porém, e teve de se arrepender em breve do seu procedimento desleal e indigno.

Grandes foram os revezes experimentados pelas tropas romanas, depois que Viriato assumiu o commando supremo dos lusitanos.

Apenas o Senado soube da organisação militar da Lusitania sob o commando do novo general, procurou suffocar a todo o custo aquella revolta, que podia propagar-se a toda a Hespanha, e abalar deploravelmente o dominio romano na peninsula. Mandou, portanto, contra Viriato o pretor Caio Vetilio, com um grosso exercito, que no primeiro recontro levou de vencida as tropas do nosso heroe, a esse tempo nas terras dos carpetanos.

Desalentados com este revez, os lusitanos julgaram mallograda a sua tentativa de independencia, e dispunham-se a abandonar a guerra, mas Viriato conseguiu incutir-lhes coragem com a sua eloquencia persuasiva, e dirigindo um novo ataque contra as forças romanas, a victoria veio coroar os seus esforços. Os romanos soffreram d'esta vez uma derrota collossal, deixando no campo milhares de cadaveres, e fugindo em debandada para Carteia. N'essa memoravel batalha, o pretor Vetilio foi feito prisioneiro por um soldado lusitano, que de resto ignorava a importancia da presa que fizera.

Depois da derrota, Viriato soube pelas suas espias que o exercito romano ao tomar a fuga lamentava a morte do pretor. Para se certificar d'este importante successo mandou o general procurar o cadaver no campo da batalha, mas n'este momento, o soldado que aprisionara o pretor, veio á sua presença com o prisioneiro, um velho gordo alquebrado pela fadiga, que pedira ao captor que o conduzisse á presença do general.

—«Sou o pretor Caio Vetilio, disse elle a Viriato, e venho pedir-te a morte. Prefiro-a aos maus tractos que me dão os teus soldados.»

—«Terás a morte, velho, e vae dar-t'a esta espada no mesmo instante. Eu no teu caso faria uma supplica egual á tua. Não pódes ter quartel entre nós, porque são grandes os aggravos que temos da tua raça, e os nossos irmãos mortos á traição reclamam constantemente vingança!...»

E, ditas estas palavras, Viriato assassinou-o.

A morte de Caio Vetilio causou no exercito romano uma reacção terrivel. Ao desalento da derrota succedeu o mais ardente desejo de desforra. Sob o commando do questor, os romanos vieram dar novamente batalha a Viriato, mas a esse tempo a fortuna do nosso heroe havia-lhe attrahido de varios pontos da Hespanha reforços importantissimos, e o questor foi tambem derrotado.

Com os importantes despojos d'estas victorias acolheu-se Viriato á Lusitania, onde subiu de ponto o enthusiasmo e a confiança no chefe eleito pelas tribus. Nos altos das montanhas mandou o general collocar os tropheus das batalhas ganhas ás legiões e as insignias do pretor morto ás suas mãos. Viriato, considerado invencivel, era mais de que um general em chefe, era o rei da Lusitania; como tal o consideravam os seus compatriotas, e elle proprio acceitava o titulo com que o honravam. De 605 a 608 vae o periodo das suas mais brilhantes victorias, e a serie dos seus triumphos collossaes. Roma foi

reduzida na peninsula á ultima extremidade, e entre os pretores, consules e governadores por elle excessivamente derrotados, contam-se Caio Plaucio, Claudio Unimano e Caio Negidio.

N'estas memoraveis derrotas, em que o solo da peninsula ficava por toda a parte juncado de romanos, ha uma completa e digna desforra da traição nefanda de Salacia. O juramento solemne de Viriato sobre as feridas das donzellas victimadas pelo pretor Galba realisara-se completamente.

A ambição do chefe era libertar completamente a peninsula do jugo romano. Muitas das regiões da Hespanha se haviam associado á insurreição lusitana, adherindo enthusiastas aos planos libertadores de Viriato. O genio militar do heroe, as suas façanhas e victorias, a fortuna que o acompanhava em todos os commettimentos, faziam d'este homem o idolo dos povos ibericos, que vinham constantemente augmentar as fileiras dos seus exercitos aguerridos.

No emtanto, apesar das frequentes derrotas que soffriam, não deixavam os romanos de invadir a Lusitania, com uma pertinacia, que augmentava na mesma proporção dos desastres. Aquella guerra ingloria que tantos milhares de homens devorava todos os annos irritava a poderosa republica, e Roma sentia-se ferida no seu orgulho, ao ver a resistencia d'esses barbaros, que ousavam medir-se com ella, quando povos mais numerosos succumbiam.

Viriato realisára o que nenhum dos chefes que o haviam precedido lográra fazer. As tribus que até ao seu tempo se conservavam independentes umas das outras e faziam a guerra sem um plano definido, constituiram sob o seu governo uma nação, a que elle presidia, e de que era verdadeiramente o rei, acceitando mesmo este titulo que espontaneamente lhe foi dado pelos povos, gratos aos serviços por elle prestados. N'esta unidade de aspirações e de interesses fazia Viriato consistir a fortuna dos seus planos, e as adhesões, que a cada novo triumpho recebia da parte de varios outros povos da peninsula, faziam-lhe antever a possibilidade de acabar de vez com o dominio romano em toda a Iberia.

O espirito de patriotismo alentava as populações, e a historia conserva-nos rasgos admiraveis. Uma noite, os romanos apoderaram-se de subito de uma aldeia lusitana, cujos habitantes dormiam a somno solto, e aprisionaram toda a população. Segundo o costume, esses desgraçados assim colhidos de improviso e manietados, seriam levados pelas tropas para qualquer presidio romano, para serem vendidos como escravos. As mulheres mais bellas foram encerradas n'uma casa, emquanto o resto dos prisioneiros era atirado para um recinto fechado, onde a impossibilidade em que as algemas os deixáram, dera aos romanos a respeito d'elles a mais completa segurança.

As captivas, considerando no horror do destino que as esperava, resolveram fazer uma tentativa desesperada para se libertarem. Depois da sua façanha, os romanos entregaram-se á orgia, e finda ella, dormiram a somno solto, porque nada tinham a receiar. Uma das lusitanas arrastou-se para junto da companheira que lhe ficava mais proxima, e começou desesperadamente a roer as cordas que a prendiam, até a libertar de todo. Apenas esta se viu livre, foi despedaçar os laços que prendiam as outras, e sahindo todas logo em se-

guida, pelo silencio da noite, dirigiram-se ao sitio onde sabiam que estavam os paes e os maridos e procuraram dar-lhes a liberdade. O acampamento estava completamente adormecido, e por fortuna nem uma sentinella velava n'aquelle momento. Os lusitanos apoderam-se das armas romanas, e soltando o seu temivel grito de guerra cahem sobre os inimigos desprevenidos, fazendo n'elles uma espantosa carnificina.

Julgando-se investidos por forças consideraveis dos barbaros, os romanos nem sequer procuram defender-se. Fogem em debandada, e os lusitanos senhores do campo, acolhem-se ás suas montanhas, onde este feito foi celebrado com imponentes acções de graças aos deuses do seu paiz.

A historia de Osmia prova, no emtanto, que mesmo no coração de uma lusitana, póde o amor fazer esquecer os odios de raça e entorpecer a fibra patriotica.

Osmia era uma formosa lusitana, das margens do poetico Munda, filha de um chefe de tribu, e por muito tempo requestada pelos jovens mais esforçados do paiz. Depois de muitas hesitações, o pae, embaraçado pelo numero dos pretendentes, escolheu para marido da filha, não aquelle que ella mais amasse, mas o que lhe pareceu em melhores condições de fortuna. Celebrou-se o casamento, segundo o ceremonial usado na tribu, e Osmia, apesar de não ser feliz, resignou-se com a sorte, e procurou ser uma esposa casta e exemplar.

O marido, pela sua parte, esforçava-se quanto podia para a tornar feliz. Possuindo bens de fortuna, nada poupava para lhe agradar, e a vida de Osmia, se não fossem os soffrimentos que lhe torturavam o coração, podia ser invejada por todas as mulheres da sua tribu.

A esposa sacrificada não tinha antes do casamento uma predilecção definida por nenhum dos pretendentes que a requestavam. Podia dizer-se que o seu coração jámais se pronunciara. Soffria por se vêr unida a um homem que não amava, e não porque uma paixão impetuosa por outro homem lhe dominasse o coração.

N'aquelles tempos de guerras incessantes, as tribus estavam a cada momento ameaçadas de perigos terriveis. Um dia, os romanos cahiram de improviso na povoação em que Osmia vivia com seu marido, e todos os habitantes, sem poderem defender-se, foram feitos escravos.

Na divisão d'estes captivos, destinados aos prazeres ou ao commercio dos soldados, Osmia e seu marido couberam a um joven legionario romano, por nome Roscio, que se apaixonou vivamente da gentileza da sua captiva. O amor, porém, em vez de inspirar ao romano a ideia de se apoderar de Osmia com a brutalidade de um senhor, deu-lhe todas as delicadezas de um amante, e levou-o a pedir com palavras meigas e carinhosas o que podia obter pelo direito que tinha sobre a pessoa da mulher que escravisara. Roscio queria ser correspondido no sentimento que a bella Osmia lhe inspirara, e para o conseguir, recorreu a todos os requintes de seducção, despindo-se completamente dos modos bruscos e arrogantes peculiares aos homens da raça dos conquistadores.

O serviço do exercito chamou o joven Roscio a uma das cidades da Be-

tica, para onde levou comsigo Osmia e o marido. O amor aconselhava-lhe que se desfizesse do lusitano, vendendo-o como escravo a algum rico senhor, seu compatriota, mas o receio de offender Osmia, humilhando d'aquelle modo o seu orgulho, impoz-lhe o sacrificio de o conservar em seu poder, e o que é mais, de o tractar com todas as attenções, permittindo-lhe que fallasse com sua esposa, todas as vezes que desejasse.

Decorreram alguns dias, sem que o moço romano ousasse declarar-se á bella prisioneira, a não ser com o fogo do olhar e com os ternos suspiros que soltava na sua presença, todas as vezes que lhe fallava. Pela sua parte a captiva, que a principio nutria pelo romano o odio intransigente da sua raça contra os oppressores, sentia-se pouco a pouco dominada irresistivelmente pelas attenções do mancebo, e começava a encaral-o com complacencia, e a agradecer-lhe mesmo com effusão as attenções e cuidados de que era objecto. O amor não conhece odios de raça, nem quer saber de prejuizos ou prevenções. Rompe impetuoso como a lava, e despreza triumphante os maiores obstaculos. Um dia, Osmia reconheceu com dolorosa surpreza que amava loucamente o seu senhor.

Nos primeiros momentos depois d'esta funesta descoberta, os preconceitos em que fora educada revoltaram-se implacaveis no fundo do seu peito de lusitana, e Osmia pensou em morrer para não dar ás suas compatriotas o indecoroso exemplo de uma filha da sua raça, apaixonada doidamente por um romano! Mas o amor era a mais forte do que todas as considerações que a juvenil esposa podesse fazer, e Osmia, quando o romano por fim se declarou, não poude deixar de corresponder ao sentimento que inspirára.

Os felizes amantes passaram n'este doce enlevo de dois corações que se comprehendem uma serie de dias felizes, que decorreram rapidos como um sonho, e como elle se esvaíram. O marido, suspeitando d'aquelle commercio illicito entre a captiva e o senhor, sentiu-se devorado pela sêde da vingança, e um dia em que fallou com Osmia sem testemunhas, disse-lhe de subito, fusilando-lhe nos olhos relampagos de odio:

— «Conheces as leis da nossas tribus, Osmia?

— «Conheço...» balbuciou ella, tremendo áquellas palavras como o lyrio, açoitado pela tempestade.

— «Sabes então que a mulher tem de obedecer cegamente ao marido, livre ou escrava, no lar conjugal ou fóra d'elle?...»

— «Não me recuso a obedecer ás tuas ordens, falla!...»

— «És adultera. Tenho a certeza da tua deshonra. Devoraria silenciosamente o meu opprobrio, se tivesses cahido nos braços de Roscio, impellida pela desgraça que persegue a nossa tribu; se na tua condição de escrava não podesses eximir-te de obedecer aos caprichos do teu senhor... Mas tu foste livremente correr á tua deshonra e ao meu opprobrio. Roscio, longe de te violentar, respeitou-te. Mereces a morte!...»

— «Dá-m'a, não hesites! Confesso o meu crime, e para mais rapidamente armar o teu braço, e para lhe communicar até maior impetuosidade no ataque contra este peito desleal, dir-te-hei que amo o romano, como nunca tinha amado nenhum homem da nossa raça. Pertenço-lhe, sou sua escrava, mas a escravi-

dão verdadeira é a do amor que elle me roubou. Ouviste o que tinha a dizer-te. Agora mata-me!...»

— «Por emquanto, não. Deves-me obediencia pelas leis sagradas das nossas tribus, e ainda ha pouco declaraste que estavas prompta a obedecer ás minhas ordens. Reconheces este direito que me cabe de, em nome da religião do nosso paiz, te dar ordens e ser obedecido cegamente?...»

— «Não posso deixar de o reconhecer. Apesar de criminosa, sou lusitana, e não renego a religião de nossos paes!»

— «Pois bem, eis o que te ordeno: Esta noite, quando o teu senhor adormecer nos teus braços, prostrado pelas impias caricias que lhe dispensas, crava-lhe este punhal no coração. Invoco para te obrigar a isto a obediencia que me deves!...»

— «Não! Mata-me antes! Sou culpada, a culpada unica, bem vês! Roscio apoderou-se de nós pelo acaso da guerra, e tinha sobre mim o direito que lhe dava a conquista que fizera. Podia violentar-me, e não o fez. Talvez mesmo desistisse do meu amor, se eu me conservasse firme na virtude, e nos sentimentos que bebi com o leite materno. Já vês que sou eu a culpada unica, e é a mim que deves punir!...»

— «Não! contestou o marido, fremente de colera, ao ver a insistencia com que a formosa Osmia defendia o seu amante. Tens de obedecer ao que te imponho. Não quero punir-te de outro modo, porque tenho a fraqueza de te amar, apesar do teu crime. Oh! mas o teu cumplice deve morrer ás tuas mãos! Esta noite, quando o tiveres nos braços, tira-lhe a vida! Eis o que ordeno, em nome da vingança que os deuses nos impõem contra a mulher adultera!...»

Osmia, depois d'estas palavras do esposo justamente irritado, sentia o coração desfeito. Como poderia ella encontrar coragem para assim immolar barbaramente o amante, no proprio sanctuario do seu amor, culpado sim, mas vehemente e impetuoso, como todos os sentimentos da sua raça!

Aquelle dia foi para a pobre lusitana um longo e cruel supplicio. Encerrou-se nos seus aposentos, onde derramou torrentes de lagrimas, e milhares de vezes, ao levar a mão ao peito suffocado, e ao sentir alli occulto o punhal que o esposo lhe dera, esteve a ponto de procurar na morte o termo das suas desditas. Mas o preceito que lhe fôra imposto, e a que ella devia cega obediencia, porque os deuses da sua raça eram implacaveis contra a desobediencia ás ordens dos maridos irritados, obrigava-a a suspender o golpe, que podia libertal-a d'aquella angustia horrivel.

Chegou a noite, e o amante veio para junto d'ella, como costumava, terno e carinhoso como sempre, porque cada vez a amava mais apaixonadamente. A posse, longe de causar o tedio, como a tantos succede, augmentára ainda os requintes d'aquelle amor impetuoso. Osmia chorava amargamente nos braços do romano, e elle bebendo aquellas lagrimas da sua amada, que lhe causavam o doce enebriamento do nectar dos deuses, perguntava-lhe com interesse a causa do seu pesar.

— «Amas-me muito, Roscio?» perguntou-lhe ella cravando um olhar doloroso no rosto do romano.

—«Se te amo! Mas que tens, minha querida? Encontro-te lavada em lagrimas, como se te tivesse succedido algum grande infortunio! Oh! conta-me, conta-me a causa dos teus soffrimentos!...»

—«Tenho pensado no meu crime, respondeu ella, enlaçando-o nos braços, e sinto remorsos de ter faltado á fé prestada a meu esposo. Os deuses da minha raça não perdoam este sacrilegio, e sinto que a sua colera vae punir-me cruelmente!...»

—«Calla-te, minha querida Osmia, e não te deixes invadir por esses pensamentos sombrios! Os deuses não podem condemnar o teu amor! Se os povos da tua raça adoram deuses sevéros e inimigos dos homens, que prohibem o amor, esses deuses não são verdadeiros, crê; não passam de concepções terriveis de povos barbaros. A minha religião tem deuses mais benignos, que não condemnam o amor. Venus, tão bella como tu, attende propicia aos votos dos amantes, embora haja no seu amor circumstancias que os façam parecer culpados. Nem podia deixar de ser assim, continuou elle sorrindo, porque a deusa da belleza e do amor conhece bem as fraquezas do coração, ella que foi surprehendida pelo marido no momento delicioso em que Marte a apertava, nos braços vibrantes de prazer!...»

—«Os meus deuses são mais sevéros, meu querido Roscio, e não perdoam jámais áquella que faltou á fé jurada. A fogueira de Endovellico reclama a mulher adultera, embora seja da sua raça aquelle em cujos braços se perdeu. Sou mais culpada do que outra qualquer, bem vês, porque esqueci no extase d'este amor culpado que tu eras o inimigo irreconciliavel da minha raça!... A pobre Osmia deve pagar com a vida o crime que commetteu!...»

—«Mas tu não estás em poder dos teus, minha querida, e não ha leis nas tuas montanhas que possam vir arrancar-te dos meus braços! Estás longe da acção d'essas leis, louquinha. Amas-me, é quanto basta! Venus é mais poderosa do que Endovellico, e a deusa benigna protege o nosso amor!...»

—«Os culpados nunca poderão fugir á justa punição de Endovellico, e por isso a minha morte é inevitavel. Ouve, meu adorado Roscio, quero contar-te tudo. Meu marido, em nome da obediencia a que me obriguei para com elle, ligada por juramentos terriveis, quando unimos os nossos destinos, veio hoje impor-me o dever de te assassinar...»

—«Assassinar-me! Oh! o miseravel escravo que a minha benevolencia tem poupado, ousa revoltar-se contra mim! E tu, Osmia, ousarias cumprir essa ordem do barbaro ciumento?...»

—«Bem vês que não, disse Osmia, beijando apaixonadamente o seu amante, mas, desde o momento em que me recuso a obedecer a meu marido, sou duplamente criminosa, segundo as leis da minha tribu, e mereço a morte!...»

—«Deixa em paz as leis da tua tribu, Osmia, interrompeu o romano furioso. Essas leis a nada te obrigam, desde que estás em meu poder. Ha uma lei mais forte, a lei da guerra, que te considera propriedade minha, desde que te captivei. Bem sabes que nunca invoquei os meus direitos de senhor, senão hoje, mas esses direitos são fortes e imperiosos. Tu não podes ser castigada

senão por mim, porque todos os outros direitos cedem perante o que a lei me reconhece...»

—«Não, Roscio, enganas-te, fui culpada, mas, apesar d'isso, não posso desobedecer aos preceitos da raça a que pertenço...»

—«Queres dizer então que vaes matar-me?» perguntou Roscio, sorrindo d'aquella obstinação extranha, que não podia comprehender.

—«Não, meu querido amante, não teria coragem para tanto! mas como os meus deuses exigem uma victima, essa victima serei eu. Adeus!...»

E, dizendo estas palavras, Osmia cravou o punhal no coração, soltando um grito despedaçador.

Roscio quiz evitar aquella funesta resolução, que estava tão longe de esperar, mas foi-lhe impossivel. D'ahi a pouco, a gentil Osmia exhalava nos braços do amante o derradeiro alento.

Com o coração cruelmente dilacerado por aquella desventura, o romano mandou suppliciar o marido da pobre Osmia. O lusitano supportou o martyrio com um heroismo que assombrou os algozes.

.................................................................

.................................................................

Outra historia não menos tragica, mas muito mais digna do pudor e castidade das lusitanas, é a que vamos contar. E' Alladio quem cita este rasgo de heroismo, digno effectivamente de passar á posteridade.

Celebrava-se estrondosamente um noivado n'uma tribu lusitana.

A cidra circulava em abundancia na mesa do festim, e os convidados faziam honra ao banquete, em que reinava a maior animação.

Tentalo, o noivo, era um guerreiro valente, que se illustrára já por varios feitos, sob as ordens de Viriato.

Olia, a noiva, era a donzella mais encantadora da região, e fôra promettida, em recompensa do seu valor, ao joven guerreiro, da ultima vez que partira para a campanha contra os romanos.

Voltára coberto de gloria, e viera recordar a promessa que durante a lucta tantas vezes lhe alentára a coragem, porque amava a sua noiva com todo o fogo d'uma paixão impetuosa.

Pela sua parte, a lusitana correspondia do intimo da alma á paixão que inspirara. Tentalo era o joven mais esforçado da tribu, e distinguia-se além d'isso por uma figura sympathica e attrahente.

Poucos dias depois do seu regresso, celebrava-se com jubilo o auspicioso enlace, a que assistia toda a tribu.

Mas, n'aquelles tempos de luctas incessantes, a felicidade era uma cousa muito contingente.

As ceremonias religiosas, os banquetes nupciaes, as honras funebres dos lusitanos eram a cada passo interrompidos pela irrupção das tropas romanas.

Vivia-se na incerteza constante do logar onde se passaria a noite.

Não havia treguas como outr'óra, nem mesmo os romanos guardavam já para com os lusitanos a fé dos tractados.

Disputava-se o paiz palmo a palmo. Á derrota de hoje succedia a inves-

tida do dia seguinte, e de Roma, humilhada por aquella guerra interminavel e ingloria, partiam de quando em quando numerosos contingentes de tropas para a Lusitania.

No dia do banquete nupcial a que nos referimos, nada havia que fizesse suspeitar uma investida dos romanos.

A guerra tinha agora por theatro uma região distante, e aquella parte do paiz gosava ha mezes um socego completo.

Uma derrota, porém, das tropas romanas fizera tomar aquella direcção aos invasores, e de repente, quando menos se esperava, quando o banquete corria no meio de uma alegria e animação extraordinarias, um lusitano chegou offegante ao recinto consagrado ao festim, e pronunciou esta phrase terrivel:

— «Os romanos!...»

Foi um tumulto indescriptivel, mas niguem, nem mesmo as mulheres, soltou um grito, perante a imminencia do perigo.

Os guerreiros armaram-se a toda a pressa, porque a fuga era impossivel. Ficava ainda distante d'alli a montanha que podia proteger a tribu contra a invasão do inimigo.

D'ahi a pouco surgiam os romanos. Era um numeroso esquadrão de *velites*.

Travou-se o combate. A investida foi temivel, e a defeza verdadeiramente heroica.

Obraram-se de parte a parte prodigios de valor. Muitos romanos morderam rudemente o pó, derribados dos cavallos pelas fundas dos adversarios. Mas, nos lusitanos, houve tambem graves perdas causadas pelas lanças romanas!

Emquanto durou o combate, as mulheres e as creanças, a pequena distancia do theatro da lucta, esperavam anciosamente o desenlace, animando com os seus gritos o esforço dos guerreiros da sua raça.

Apesar de numerosos, os *velites* não levariam a melhor n'essa peleja, se a fortuna não os favorecesse, trazendo-lhes a tempo um novo reforço de combatentes.

Desde esse momento a resistencia dos lusitanos era completamente inutil. O numero esmagava-os. Felizes dos que tinham tido tempo de morrer, porque aos sobreviventes esperava-os o captiveiro!....

Homens, mulheres e creanças foram aprisionados pelos romanos, que ficaram completamente senhores da tribu.

N'essa noite, o triumpho teve a consagração habitual. Os captivos foram amontoados n'um recinto especial e bem defendido, depois de solidamente amarrados com grossas cordas. As mulheres mais jovens e formosas foram obrigadas a assistir á orgia dos vencedores.

Olia coube ao chefe das tropas romanas. Eis a sorte que esperava a gentil noiva, que por tanto tempo aguardára com anciedade o regresso do seu amado.

*Vae victis!*

A orgia foi espantosa, e as mulheres lusitanas, sacrificadas á lubricidade

dos romanos, pagaram com o corpo a mais dura de todas as contribuições de guerra, impostas pelos ferozes vencedores.

Olia não escapou ao cruel sacrificio. Nem a sua juventude, nem as suas lagrimas lograram commover o chefe romano. Foi nos braços odiosos d'esse inimigo da sua raça, que a pobre menina passou a sua noite nupcial, emquanto perto d'alli, Tentalo, o noivo, amarrado de pés e mãos no montão dos prisioneiros, rangia os dentes com desespero por não poder vingar aquella affronta!...

Ai dos vencidos!

Decorreram alguns dias. As peripecias da campanha levaram para longe d'alli as tropas romanas e os seus prisioneiros. Alguns d'estes foram vendidos, e outros conseguiram recuperar a liberdade, na occasião em que os vencedores da tribu foram atacados por algumas tropas lusitanas.

Tentalo entrou no numero dos que d'este modo recuperaram a liberdade.

Louco de dor pela perda da sua amada, fez todas as diligencias para a recuperar, mas, inuteis esforços, o raptor levara-a para muito longe d'alli, e o desgraçado não poude descobril-a!...

Perdida a esperança de a encontrar, o pobre moço queria ao menos vingal-a, e partiu para o exercito de Viriato.

Alli soube, passado algum tempo, que as tropas vencedoras da sua tribu acampavam n'esse momento nas margens do Tejo, onde o pretor havia estabelecido o seu quartel de inverno.

Como se a sorte que tanto o perseguira quizesse agora dar-lhe um tenue clarão de esperança, Tentalo viu com prazer que Viriato se dispunha a ir inquietar o pretor nas posições que estava occupando.

Nunca ninguem partiu com tanto enthusiasmo para uma campanha, como Tentalo. Se todos os lusitanos fossem animados do mesmo do sentimento, o pretor e o seu exercito seriam horrivelmente massacrados.

Mas, infelizmente, as tropas romanas eram numerosas, e Viriato depois de algumas investidas, em que houve de uma e outra parte grandes perdas, viu que todos os seus esfôrços seriam inuteis.

Como esperava, porém, consideraveis reforços, resolveu acampar a pequena distancia do campo romano, porque o pretor só queria defender as suas posições, e não investia com os lusitanos, senão quando provocado.

No encontro com os lusitanos os romanos fizeram alguns prisioneiros.

Um d'estes era da tribu da formosa Olia, e teve a fortuna de se encontrar com ella no acampamento. Graças á intervenção da captiva, o seu compatriota logrou escapar ao supplicio que o esperava, e conseguiu mesmo passar ao serviço do chefe por quem a lusitana fôra violentada.

Tiveram, portanto, os dois lusitanos ensejo para fallarem algumas vezes, e Olia poude saber por este modo, que Tentalo estava no exercito de Viriato, inconsolavel com a sua perda, e respirando uma vingança atroz contra o seu senhor.

A captiva informou-se o melhor que poude da posição de Tentalo no acampamento de Viriato, e o lusitano deu-lhe todos os esclarecimentos necessarios, por isso que no momento de ser prisioneiro combatia ao lado do noivo de Olia, de quem era companheiro e amigo intimo.

Uma noite, as sentinellas do campo de Viriato deram o signal de alerta, e pouco depois um soldado correu á tenda do chefe supremo para o avisar de que dois romanos se approximavam, enviados, ao que parecia, como parlamentarios.

O chefe deu ordem para que fossem introduzidos na tenda, e d'ahi a pouco, appareciam os parlamentarios na sua presença.

Eram um homem robusto e um rapaz muito novo ainda. Vestiam ambos o uniforme escuro dos soldados romanos. O joven trazia nas mãos um objecto envolto em pannos.

Viriato, maravilhado da chegada d'aquelles extranhos parlamentarios, que nem sequer usavam as insignias de officiaes, perguntou-lhes na lingua romana:

— «A que vêem aqui?»

— «Podes fallar a nossa lingua, senhor, disse o mais novo dos emmissarios, exprimindo-se correctamente no idioma rude e energico do paiz. Somos lusitanos!»

— «Como! exclamou o chefe, cada vez mais admirado da extranhesa do caso, o que significa então este disfarce?»

— «Um estratagema para podermos sahir do acampamento, respondeu o mais moço dos recem-chegados. O meu companheiro é um prisioneiro do teu exercito, eu sou Olia, de cujo infortunio deves ter conhecimento...»

— «Olia! exclamou o chefe lusitano. Parece que estavas para casar com um joven lusitano...»

— «Casei com elle, sim, mas a minha noite nupcial foi destinada ao mais horrivel dos supplicios. Depois de ter assistido a uma lucta cruenta, e de ter visto dizimada barbaramente a minha tribu, pertenci a um official romano, que sacrificou aos seus torpes desejos a minha virgindade, na propria noite em que ella devia ser offertada a meu esposo no thalamo nupcial,

— «E como conseguiste fugir ao captiveiro?»

— «Era o meu pensamento constante, senhor, mas precisava de empregar muita prudencia, para o poder realisar a salvo, e saciando a minha vingança...»

— «A tua vingança, Olia! E como a realisaste?»

— «Senhor, revelal-o-hei na tua presença, se me fizeres a graça de chamar aqui o teu valente guerreiro, que me foi dado por esposo. Desejo que elle assista á narrativa que vou fazer.»

— «Serás satisfeita,» disse Viriato.

E deu immediatamente ordem para que Tentalo, o noivo da gentil e exforçada lusitana, viesse sem perda de tempo á sua tenda.

Quando Tentalo appareceu, e poude reconhecer sob aquelle uniforme do exercito romano a sua noiva, o seu primeiro impulso foi correr para junto d'ella. Deteve-o, porém, o respeito devido ao chefe supremo, e a expressão de solemne gravidade que se lia no energico semblante da formosa captiva.

—«Tentalo, disse Viriato, vendo o embaraço penoso e a surpreza que se desenhava na physionomia do seu valente soldado. Olia conseguiu fugir do ar-

raial romano, e quer revelar na minha e na tua presença a vingança, que tirou, segundo parece, do homem que a fez prisioneira...»

—«A vingança! Como poude ella, uma fraca e debil mulher, exercer uma vingança, que só a mim cabia tirar do infame oppressor, que a violentou?»

—«Escuta, Tentalo. As mulheres da nossa raça não esquecem jamais os opprobrios de que são victimas, e sabem vingar-se, quando se lhes offerece um ensejo propicio. Os nossos deuses leram no meu coração o desejo de vingança, que me alentava, e dignaram-se satisfazer a grata esperança que unicamente me dava coragem de viver. O meu oppressor violentou-me, usando do direito que lhe concedia sobre mim o acaso d'estas luctas continuas, em que lusitanos e romanos andam ha tanto tempo empenhados...»

—«Miseravel!» exclamou Tentalo, sentindo a explosão de todo o odio e ciume que o devoravam, ao ouvir contar á sua amada a torpe violencia a que a sorte da guerra a condemnára.

Ella continuou:

—«Suppliquei-lhe compaixão, contei-lhe a histotoria do meu desditoso amor e das minhas nupcias tão dolorosamente terminadas. Foi surdo a todas as minhas supplicas.«—És bella, dizia-me elle, ebrio de luxuria, e manchado ainda com o sangue dos guerreiros da minha tribu. Has de ser minha!...» E fui realmente! O monstro violentou-me n'essa mesma noite, e cevou no meu pobre corpo a furia libidinosa que o invadira!...

—«Infamia!...» bradou Tentalo, quasi suffocado pela colera.

—«Mas a tua vingança?» perguntou Viriato com interesse e affabilidade.

—«Senhor, a minha historia vae brevemente concluir. De que serviria contar o supplicio lento e horroroso, que soffri, desde o dia fatal em que o destino me fez cahir no poder d'aquelle monstro, até hoje? É a historia de todas as captivas da nossa raça, victimas pela sua belleza e mocidade da volupia dos oppressores! Hoje, finalmente, o meu plano de vingança, ha tanto tempo meditado, teve ensejo de realisar-se. O valente que me acompanha podia finalmente secundar os meus exforços. Combinámos a hora de o realisar, e apenas obtive o disfarce que me devia dar passagem franca por entre os legionarios, esperei com impaciencia a chegada da noite. Quando as trevas chegaram finalmente, entrei na tenda onde o meu senhor dormia, e com uma coragem e resolução que só o odio ha tanto tempo accumulado no meu coração podia dar-me, dirigi-me ao leito e aqui tens, oh Tentalo, a prova da minha vingança!...»

E, dizendo isto Olia tirando os pannos que a occultavam, mostrou a Viriato e ao seu noivo a cabeça sangrenta e horrivelmente decomposta do romano!...

O chefe dos lusitanos ficou assombrado em presença d'aquella prova horrorosa da coragem da gentil captiva.

—«Olia! exclamou elle com a voz vibrante de enthusiasmo, és uma digna filha da nossa raça, e o teu feito merece uma digna recompensa. Vaes tel-a! Em primeiro logar, esperam-te os braços do teu noivo, que te ama loucamente, e tem praticado verdadeiros prodigios de audacia e de valor para te arrancar ao teu ignominioso captiveiro...»

— «Senhor, disse Olia, interrompendo o chefe, eu não tenho noivo! A mulher manchada pelo contacto infame do romano não póde pertencer como esposa a um homem leal e digno da sua tribu! Essa infeliz está para sempre perdida, não ha coragem, nem sentimentos nobres, nem razão alguma que possam rehabilital-a!... Deve morrer!»

— «Morrer! exclamou Tentalo, apavorado com aquelle sombrio desalento da sua noiva. Oh! não, não minha querida Olia! Tu foste victima das injustiças do destino, e o teu coração está puro, como no dia em que me deste em presença de toda a tribu o osculo virginal da tua promessa de fidelidade eterna!...»

— «Tentalo tem razão, minha filha. A violencia de que foste victima não podia manchar-te aos olhos dos teus, por isso que a tua alma conservou intacta a sua pureza e toda a candura dos seus nobres sentimentos!...» accrescentou Viriato, sentindo a maior admiração por aquella mulher energica, de animo tão varonil, e de alma tão nobre e generosa.

— «Obrigada por essas animadoras palavras, senhor, replicou a formosa lusitana, em tom que denotava uma resolução inabalavel. Tentalo é tambem bom e generoso, e o seu coração leal inspira-lhe o mais nobre procedimento; mas, apesar d'isso, Olia não póde viver, depois de ter sido a victima do furor libidinoso de um romano. O braço que decepou a cabeça do auctor da sua desgraça tem ainda a força sufficiente para concluir a obra de justiça! Vim aqui expressamente para declarar a Tentalo que nunca deixei de o amar, mas ao mesmo tempo para lhe dizer que não me julgo digna do seu amor. Ninguem procure dissuadir-me da resolução que tomei! Comprehendo que devo morrer, e vou morrer corajosamente. Tentalo, adeus! Encontrar-nos-hemos n'um mundo melhor, onde as nossas almas, livres de toda a mancha impura pelo crisol do sacrificio, continuarão os seus castos e purissimos amores!...»

E ao terminar estas palavras, a lusitana, antes que nenhum dos circumstantes podesse impedil-a, atravessava o coração com a lamina acerada de um estylete.

Tentalo recebeu nos braços o corpo da sua amada, que poucos minutos depois exhalava corajosamente o derradeiro suspiro.

— «Vae, meu exforçado luctador, disse Viriato enternecido, vae dar honrosa sepultura a esses restos de uma mulher heroica. Só os corações lusitanos sabem conceber e realisar estes rasgos admiraveis!...»

Tentalo aniquillado por aquella desgraça irreparavel, apressou-se ainda assim a cumprir o piedoso dever que o chefe lhe prescrevia.

.................................................................

.................................................................

Caio Lelio, cognominado o *Prudente*, veiu á Hespanha com um fortissimo exercito suster a serie dos triumphos de Viriato, que a esse tempo percorria toda a Ulterior, assolando os presidios romanos. Dotado de predicados que justificavam o seu cognome, o chefe estremava-se egualmente pela pureza dos costumes, qualidade rarissima a esse tempo nos magnates da republica, tão profundamente contaminada por todos os generos de corrupção.

Viriato, depois dos primeiros combates, conheceu que tinha na sua frente um adversario notavel, e resolveu conservar-se nos seus reductos da Lusitania, sem se aventurar a novas e arriscadas investidas.

Não foi longa a estada de Caio Lelio no governo da Hespanha. Chamado a Roma, foi d'ahi a pouco substituido no commando por Maximo Emiliano.

Este general, longe de ter a prudencia do seu antecessor, era extremamente supersticioso. Confiando a sorte das legiões mais da protecção dos deuses do que da seriedade e firmeza dos seus planos, ordenou grandes e apparatosos sacrificios a Hercules, nos quaes offereceu nas aras do deus algumas dezenas de victimas lusitanas.

Viriato, no emtanto, mais pratico e perspicaz, cahía de improviso sobre as terras occupadas pelos romanos, e saqueava-lhes as cidades.

Em Roma, apenas foram conhecidos os novos revezes das tropas da republica, o senado apressou-se a escolher uma novo chefe, que podesse acabar com aquella rebellião, tão prolongada e que estava inspirando serios cuidados. Dois pretendentes se apresentaram, Sergio Galba, o mesmo que havia deixado no governo da Lusitania tão odiosas tradições, e Lucio Aurelio Cotta, homem pobre e endividado, que desejava encontrar n'esse governo o meio de salvar as suas finanças, tão compromettidas.

O senado lusitano hesitou na escolha entre estes dois homens, que ambos se lhe affiguravam energicos, e dos quaes egualmente se temia. O grande Scipião foi consultado a este respeito, e com o patriotismo que o caracterisava, aconselhou ao senado, que a nenhum d'elles confiasse o governo tão cubiçado, a Galba por ser demasiado rico e avarento, e a Cotta por ser extremamente pobre, e como tal poder preferir o amor do lucro e das riquezas ao bom nome e ao prestigio da republica.

N'este meio tempo, Viriato ia reforçando o seu exercito, e alargando os dominios lusitanos, sublevando ao mesmo tempo contra a republica os *arvacos*, os *bellos* e outros povos da Hespanha. O seu poder dilatava-se a olhos vistos, e a victoria sorria ainda bella e carinhosa a todos os seus brilhantes exforços. De toda a peninsula lhe accudiam reforços, e Roma justificava pelos cuidados que este heroico inimigo lhe causava o epitheto de *Terror romanorum*, que os legionarios lhe haviam dado.

Contra este inimigo implacavel, o senado procurava lançar mão de todos os meios de exterminio. Veremos em breve como conseguiu desembaraçar-se d'elle, á custa da mais aleivosa traição.

A politica romana n'esta guerra de exterminio era barbara e cruel.

Caroba, um lusitano destemido e corajoso, commandava uma quadrilha de salteadores, como os romanos chamavam a todos os lusitanos, que os incommodavam nos seus presidios.

Diversas forças mandadas em sua perseguição haviam sido derrotadas. O commandante em chefe do exercito, furioso de se ver a cada passo atacado por aquelle bando de aventureiros, sahiu a campo com um grosso nucleo de tropas, afim de libertar o territorio d'aquelles guerrilheiros temiveis e audazes.

Caroba atreveu-se a dar batalha aos romanos, mas afinal, supplantado

pelo numero, teve de acolher-se a uma espessa floresta, onde os romanos lhe pozeram o mais apertado sitio.

A fome obrigou-os a render-se, e Caroba mandou por isso apresentar ao general romano as suas condições. Entregar-se-hia com os seus, se tivessem a vida salva; do contrario, combateriam até ao ultimo extremo, incendiando mesmo a floresta, para ficarem sepultados nas suas cinzas fumegantes.

O consul prometteu-lhe não o maltractar, e Caroba, confiado n'esta promessa, entregou-se com os companheiros.

No emtanto, apesar de haver dado a sua palavra, apenas colheu em seu poder o lusitano, o general mandou-lhe cortar as duas mãos.

Tal era a lealdade romana, de que temos dado no decurso d'esta historia as mais frisantes provas!

Não parou aqui a barbaridade do consul. Alguns chefes lusitanos, vendo que o general se mostrava disposto a seguir as pisadas de Sergio Galba, resolveram pedir um armisticio, e vieram ao acampamento representar-lhe contra aquellas medidas barbaras, que dariam apenas em resultado produzir em toda a Hespanha uma conflagração geral contra os romanos. Conta-se que o barbaro consul, sem respeitar o caracter dos embaixadores inimigos, os mandara mutilar, exactamente como fizera a Caroba. Este procedimento cruel e indigno, esta nova perfidia, exaltou novamente os animos contra o dominio romano, e de todas as tribus, mesmo das que até então se haviam abstido de tomar parte no exercito de Viriato, partiram para o exercito lusitano reforços importantissimos.

Os romanos viram então completamente perdido o seu dominio na Lusitania. O consul, na primavera seguinte, tentou uma lucta decisiva, e empenhou-se na campanha contra os lusitanos. Viriato veiu ao seu encontro, e tendo-o derrotado, obrigou-o a assignar um tractado de paz, pelo qual os romanos reconheciam de uma vez para sempre a independencia dos lusitanos, compromettendo-se a não tornarem a fazer-lhes guerra, abandonando-lhes todas as cidades, praças e logares fortificados, de que estavam senhores, e considerando-os d'ahi em diante como seus confederados. As condições imposta aos lusitanos era não transporem armados as fronteiras do seu paiz, nem inquietarem os povos visinhos, alliados dos romanos.

Este tractado não foi approvado pelo senado, que o considerou desairoso ás armas romanas e á dignidade da republica. O consul foi deposto, e nomeado em seu logar Quinto Servilio Cepio.

O novo consul, apenas chegou á Betica, quebrou o tractado e renovou a guerra, devastando a Lusitania. Accudiu Viriato a suster-lhe o impeto, mas o territorio estava fatigado de tão repetidas campanhas, e de toda a parte se erguiam clamores de paz.

O chefe resolveu satisfazer a aspiração dos seus compatriotas, e celebrar emfim paz vantajosa, que lhes assegurasse o repouso e a prosperidade, depois de tantas luctas.

Reuniu, portanto, o conselho dos seus generaes mais experimentados, dos seus amigos e companheiros de tantos annos de campanha, e expoz-lhes a si-

tuação. Tres dos seus amigos mais intimos, Dictaleão, Aulaces e Minuro foram escolhidos para discutir com o consul as condições do tractado de paz, de modo que fosse honroso para ambas as partes contractantes.

—«Em vós confio, amigos, disse-lhes o chefe. Tendes sido os meus companheiros fieis desde o dia em que pronunciei o meu terrivel juramento sobre os corpos barbaramente mutilados das virgens de Salacia. Sabeis o modo como tenho cumprido esse juramento, e quantas derrotas tenho infligido aos romanos. Poderiamos continuar a lucta, mas não será tempo de repousarmos, se conseguirmos uma paz honrosa e a independencia a que temos direito?»

—«É essa a minha opinião, disse Aulaces. A região está exhausta, depois de tantos annos de lucta incessante, e os romanos, que tantas perdas têem soffrido, não podem recusar-nos por muito tempo a quietação, de que tantos uns como os outros precisamos. A lição que demos a Serviliano em Erisana, obteve-nos o tractado de 613. A orgulhosa Roma não acceitou esse tractado, e o irmão de Serviliano, o consul actual Quinto Servilio Cepio, foi mandado para continuar a guerra. Podemos sustental-a, bem o sabeis, mas esta lucta incessante innunda inutilmente de sangue a região. Sou da tua opinião, Viriato. Se lograrmos obter um tractado honroso, melhor serviremos os interesses da patria do que com as armas na mão.»

Os tres emissarios partiram para o campo romano, munidos de plenos poderes, e foram recebidos com a maior affabilidade pelo consul.

—«Estou prompto a fazer um tractado de alliança com os lusitanos, e recebi mesmo para esse fim as convenientes instrucções do Senado, mas não posso entabolar as negociações sem que o vosso chefe me entregue todos os romanos traidores á republica, que praticaram o crime de passar para o vosso exercito. E' este o principal motivo porque o Senado não quiz rectificar o tratado de meu irmão Serviliano. Os traidores não devem ficar impunes, e sem que o seu castigo se effectue, não posso negociar tractados com os lusitanos.»

—«Mas esses romanos acolheram-se á protecção das nossas armas, e temos o dever de os defender e proteger», disse Aulaces.

—«Não ha dever de especie alguma para com traidores. Ide transmittir ao chefe as minhas palavras, e declarae-lhe peremptoriamente que não poderemos entender-nos, emquanto os traidores romanos gosarem da sua protecção.»

Os emissarios apressaram-se a transmittir a Viriato as palavras do consul, e o chefe reflectiu por alguns dias n'aquella proposta, que não sabia se era sincera, se encobria alguma d'essas perfidias tão frequentes nas negociações romanas.

Havia effectivamente nas fileiras dos lusitanos muitos transfugas do exercito da republica. Eram descontentes, perseguidos pelo odio dos magnates, facções que se agitavam nos acampamentos de Roma, e que ou pela ameaça dos supplicios, ou pelo odio, se bandeavam tantas vezes com os inimigos, combatendo ao lado d'elles contra a patria. Viriato aproveitava-lhes a experiencia, e o conhecimento dos segredos das operações romanas, e valia-se d'elles em muitos lances arriscados para lhes comprovar a lealdade. De varios tinha tido pro-

vas evidentes de má fé, e fazia-lhes expiar em crueis supplicios a sua felonia, mas da maior parte estava satisfeito, porque lhe haviam prestado serviços relevantes.

Por isso, o chefe lusitano hesitava. Não seria perfidia entregal-os á cruel sorte que os esperava, e isto em paga dos bons serviços que tinham feito aos lusitanos? Eram da raça dos oppressores, a sua perfidia contra a patria não inspirava demais a mais confiança, mas, em todo o caso, haviam-se acolhido á protecção da sua bandeira, e entregal-os assim, a uma simples intimação do consul, affigurava-se á alma nobre e generosa de Viriato uma singular falta de lealdade. O chefe convocou o conselho dos seus mais esforçados e nobres homens de armas, e ouvidas attentamente as suas opiniões, não teve que hesitar. O interesse dos povos da Lusitania aconselhava a entrega dos romanos, uma vez que esse acto assegurava negociações de paz, e o advento de uma nova era de tranquillidade.

De todos os pontos da região elevavam-se a esse tempo até Viriato clamores de paz, e ouvia-se em todas as tribus um sussurro de descontentamento. Em volta do chefe, revolviam-se além d'isso insidias e traições, movidas por ambiciosos mediocres, que não viam com boa sombra o prestigio do heroe e a serie dos seus audaciosos triumphos. Viriato já não confiava cegamente como n'outros tempos, na lealdade dos seus companheiros de combates. A insidia cercava-o, e prevendo o sombrio desenlace d'essa lucta de trevas e de intrigas, o heroe resolveu transigir, accedendo ao mesmo tempo aos desejos manifestados, pelas tribus. Os transfugas romanos foram entregues a Cepio, que praticou para com elles as maiores barbaridades, matando uns e mutilando outros horrivelmente.

Saciada d'este modo a sua vingança, o consul apressou-se a impôr novas condições humilhantes. Viriato quiz resistir, e mandou annunciar ao romano pelos seus confidentes, Dictaleão, Aulaces e Minuro, que preferia a guerra, implacavel, ardente, de exterminio, ás humilhações que os romanos pretendiam infligir-lhe.

Quando os tres confidentes chegaram ao acampamento, o consul Cepio recebeu-os com a maxima affabilidade, e mandou celebrar um banquete em sua honra.

Nas diversas conferencias com elles celebradas, o romano tivera ensejo de lhes estudar bem o caracter, e convencera-se que tratava com uns ambiciosos vulgares, de quem poderia tirar excellente partido.

-«Estimaes muito o vosso chefe?» perguntara-lhes elle com astucia.

—«Somos amigos e companheiros de Viriato, e admiramos o seu valor e o seu talento, dissera Dictaleão, mas ha no seu caracter uma temeridade cujos excessos não podemos approvar...»

—«Porque é a ruina do paiz...» accrescentara Aulaces.

-«As tribus estão descontentes com o prolongamento d'esta guerra, que nos empobrece e definha, transformando a nossa vasta e fertil região n'um extenso deserto coberto de ruinas por toda a parte...» concordava Minuro.

-«Tendes razão, amigos, dizia o consul. Viriato é um homem de valor

incontestavel, e somos os primeiros a fazer-lhe justiça a este respeito, apesar de sermos seus adversarios irreconciliaveis. Mas a republica recusará sempre transigir com elle, porque lhe conhece bem toda a ambição do caracter irrequieto. Na guerra que nos tem feito, só tem por alvo os seus interesses, e não o bem do paiz. Um dia vos arrependereis de o ter auxiliado!...»

—«Ha entre nós muito quem seja d'essa opinião, e comece a abrir os olhos a esse respeito...»

—«Pois bem, meus amigos, é mister esclarecer-vos completamente. Sabeis qual é o fim d'esse ambicioso? E' tyrannisar-vos. Se fizermos a paz que nos propõe, como ficará sem inimigos que lhe façam frente, voltará então os seus planos de ambição contra os proprios que o elevaram ao fastigio do poder. Sereis seus escravos, sorte que já vos teria pertencido, se não fosse a dura campanha em que andamos ha tantos annos empenhados...»

—«Por Endovellico! exclamou Dictaleão furioso. A amisade que me liga a Viriato seria immediatamente posta de parte, se eu tivesse a certeza da sua traição nefanda! Matal-o-hia, antes que elle podesse trahir os interesses da nossa querida patria!...»

Aulaces e Minuro associaram-se hypocritamente aos protestos de indignação do seu compatriota.

Cepio continuou:

—«Estaes a tempo de evitar a catastrophe que vos ameaça.»

—«Mas como?» perguntou Dictaleão com hypocrita ingenuidade.

—«Como?! Sacrificando esse homem á ambição que o devora. Dizeis-vos patriotas, andaes empenhados ha longos annos n'uma campanha furiosa contra nós, a quem accusaes de opprimir a vossa patria, e deixaes medrar entre vós o maior inimigo das vossas liberdades!...»

—«Cepio tem razão», disse Minuro.

—«Pois bem! disse Dictaleão. Convocaremos o conselho dos chefes, e elles deliberarão o que fôr mais util aos interesses da patria ...»

—«Não, atalhou Cepio. Não me parece ser esse o melhor caminho a seguir. Viriato domina com o prestigio do seu nome e das suas pretendidas victorias esse conselho supremo, e a voz dos chefes ser-lhe-hia sempre favoravel. Se em Roma se levantasse assim um inimigo das liberdades publicas, qualquer sincero patriota lhe tiraria a vida, em nome da suprema lei da salvação do estado. É assim que temos praticado sempre.»

Os tres emissarios entre-olhavam-se silenciosamente.

—«Se amaes sinceramente a vossa patria, não hesiteis, amigos! É o melhor serviço que lhe podeis prestar, este de a livrades quanto antes do tyranno que a escravisa. De resto, affirmo-vos que este feito heroico e sublime vos assegurará a amisade da republica romana, e apenas Viriato deixar de existir, assignarei comvosco um tractado, pelo qual, reconhecida a independencia da Lusitania, vos considerarei os seus legitimos representantes e chefes supremos, auxiliando-vos ainda com os meus soldados a fazer reconhecer por todo o paiz a vossa soberana auctoridade.»

—«Cepio, disse Dictaleão, ha nas tuas palavras muita verdade e expe-

riencia. Vamos partir para o acampamento, e pediremos aos nossos deuses que nos inspirem n'esta grave e difficil empreza de salvar a patria, ameaçada da mais horrivel e indigna tyrannia!»

Quando d'ahi a pouco os emissarios se retiraram, o consul Cepio tinha nos labios um sorriso infernal. Com as disposições que aquelles homens haviam mostrado, Roma não havia de temer por muito tempo o mais encarniçado dos seus adversarios!

.............................................................................

.............................................................................

Viriato esperava anciosamente os mensageiros. Era aquelle o ultimo passo que elle tencionava aventurar em favor da paz. Se a tentativa mais uma vez gorasse, o chefe recorreria novamente ás armas, embora tivesse de perder a vida n'essa ultima e decisiva campanha.

Cercavam-no por toda a parte as traições e as insidias, mas havia ainda uma cousa em que podia confiar tão cegamente como n'outros tempos, era no valor e na dedicação dos seus soldados. A sua *côrte* estava corrompida e desvairada pela ambição, mas para lá d'esse grupo bastante numeroso de intrigantes, havia o exercito, composto, como nos dias de triumpho da sua gloriosa carreira, de bons e sinceros patriotas, capazes de se sacrificarem até ao derradeiro alento pelo seu chefe querido e respeitado.

Se o consul não quizesse acceitar as suas condições, o heroico e genial cabo de guerra saberia cumprir o seu dever. Procuraria no estridor dos combates ou o triumpho completo da sua causa, ou então, a morte, como termo d'aquella epopeia de quatorze annos, que havia encetado movido pelo generoso sentimento da independencia do solo lusitano.

Os tres emissarios chegaram finalmente. Era noite, quando entraram na tenda do chefe, e tão quebrantados de animo pareciam, que Viriato presentiu apenas olhou para elles o mallogro da sua ultima tentativa.

— «O consul recusa a paz!» exclamou elle.

— «Recusa, respondeu Dictalcão. Foi inabalavel, apesar dos esforços que fizemos. Roma não se digna continuar comnosco as negociações da paz, salvo se nos sujeitarmos ás maiores humilhações!»

— «Combateremos n'esse caso até ao ultimo extremo. Antes a morte nobre e heroica, de que vêr a humilhação da nossa querida patria!... Saberei morrer por ella!...»

— «E a patria approvará o sacrificio a que estás disposto? perguntou Minuro, olhando fitamente para o chefe. O descontentamento reina por toda a parte. Nas tribus dizimadas e empobrecidas, ha muito que se deplora a continuação d'esta guerra fatal. Por varias vezes teem chegado aos teus ouvidos os clamores dos descontentes...»

«Embora! interrompeu Viriato, soberbo de energia e de patriotismo. O dever ordena-me que prosiga a obra encetada, e não haverá suggestões que me embaracem o caminho. Combaterei os romanos até á ultima extremidade, ainda que todos me desamparem!...»

— «Essa obstinação pode ser-te extremamente fatal, Viriato! observou

Aulaces com um sorriso sinistro. Os revezes offuscaram algum tanto o prestigio do teu nome. Analysa serenamente os factos... Reflecte, antes de adoptares uma resolução!...»

—«Dizes-me que reflicta! exclamou elle, vibrante de indignação. Não ha hesitações possiveis, meus amigos! Os nossos soldados estão animados dos sentimentos que me inspiram, porque para elles, para esses nobres e corajosos defensores da independencia lusitana, que tantas vezes teem levado o exterminio e a confusão ás fileiras romanas, a ideia da independencia não é uma coisa vã. Por ella derramarão até á ultima gotta do seu sangue, conheço-os bem, e quando se commanda soldados como os nossos, não pode haver hesitações no cumprimento do dever!... A minha resolução está tomada: combater até ao derradeiro alento pela libertação do nosso territorio!...»

Houve uma pausa. Os falsos amigos de Viriato não ousavam irritar aquelle nobre coração, aventando propositos desleaes e cobardes.

O chefe continuou:

—«Mas emfim, porque é esse desalento? Podemos sustentar por muito tempo a campanha. O inverno approxima-se, e com elle a impossibilidade dos romanos nos perseguirem no recesso das montanhas. Secundados por este poderoso elemento, faremos frequentes investidas nos quarteis dos invasores, e será bem rude para elles a nossa guerra de exterminio. Coragem, amigos! Os deuses hão de proteger-nos, porque é santo e nobre o pensamento que nos inspira...»

E á força de razões leaes e convincentes, o chefe esforçou-se ainda por incutir alento no animo dos seus amigos, bem longe de suspeitar das suas preversas e traiçoeiras intenções.

Nenhum motivo havia, de resto, para similhantes suspeitas. Dictaleão, Aulaces e Minuro haviam sido sempre os irmãos de armas, os companheiros e amigos dedicados de Viriato.

O primeiro estava ligado a Viriato por estreitos laços de parentesco. O chefe vira-o crescer a seu lado, orphão do agasalho e caricias da familia, porque o pae d'aquella creança, parente proximo do heroe, perdera a vida na guerra contra os romanos, e a mãe fôra vendida como escrava, victima do acaso sinistro das batalhas.

O orphão encontrára, porém, no heroico defensor da independencia lusitana todo o amparo e protecção de que carecia.

Desenvolvera-se alli, sob os olhares paternaes do heroe, n'aquella vida agitada de trabalhos e investidas, e bem cedo revelara o valor do sangue que lhe corria nas veias.

A ambição, porém, habilmente explorada pelo consul Cepio, prevertera-lhe o caracter, e o valente guerreiro, esquecendo os laços que o prendiam ao parente, ao amigo, ao protector e ao chefe supremo da sua patria, ia manchar-se no mais horrivel crime!

Aulaces, da mesma edade de Viriato, vivera sempre como elle n'aquella atmosphera de perigos e de combates, batendo-se com a maior coragem, ao lado do seu amigo, que o distinguia de todos os companheiros por uma affeição

especial. Era a elle que fazia as suas mais secretas confidencias, era a elle que revelava os seus planos e as suas aspirações.

Até áquelle dia uma lealdade ininterrompida jámais dera logar a Viriato para fazer do seu amigo um juizo desfavoravel.

Minuro, o mais velho dos tres confidentes de Viriato, era um chefe distincto e experimentado, de cujo conselho sensato e esclarecido o heroe por varias vezes se valera. Nos lances mais arriscados, tornara-se proverbial o sangue-frio d'aquelle homem, que tantas vezes n'aquelles quatorze annos de campanha se havia coberto de gloria. Quem supporia capaz de uma traição aquelle homem prudente e esforçado, que em tantos lances havia arriscado temerariamente a vida ao lado do chefe supremo?

Eis o que tinham sido até aquelle dia esses tres homens, que a ambição ia em breve transformar nos mais despreziveis e infames criminosos, depois de tantos annos de uma carreira honrosa e invejavel

Depois da conferencia, a que acabamos de assistir, Viriato mandou servir a refeição nocturna, para a qual convidara os tres amigos.

Foi acceite o convite com alvoroço. Era mister realisar o mais breve possivel o sinistro plano que haviam concebido.

A recompensa promettida pelo consul desvairara-os completamente.

Em quanto o chefe dava algumas ordens, os tres amigos, ficando por algum tempo isolados a um canto da tenda, discutiam rapidamente.

— «Depois da ceia, o ensejo é opportuno ...» dizia Aulaces.

— «Matal-o-hemos á traição?» perguntou Minuro, a medo.

— «A que chamas tu traição!» exclamou Dictaleão de mau humor. Se ha traidores entre nós, a Viriato cabe esse nome. É elle o unico homem da Lusitania que atraiçoa os interesses e a confiança da patria!...»

— «Tens razão, amigo, disse Aulaces. Lamentamos a sorte que vae caber ao chefe ambicioso, porque é a amisade que nos inspira este sentimento de commiseração. Mas acima d'estas considerações mesquinhas, ha o interesse sagrado da patria e a liberdade das nossas tribus, que esse homem pretende reduzir a uma escravidão muito mais cruel e sacrilega do que a dos romanos. Matal-o não é uma traição, é um dever!...»

— «Assim nol-o asseverou o consul, n'um momento de expansão generosa e muito para agradecer. Os romanos são melhores politicos de que nós, e vêem desassombradamente os factos, exemptos dos preconceitos que nos dominam.»

— «Esta noite, portanto, a Lusitania, graças á nossa dedicação e coragem ficará livre do seu tyranno. Se o braço vos cançar no momento supremo, tende confiança em mim. Immolarei tranquillamente o tyranno, com a convicção de praticar um rasgo de dedicação patriotica!...»

A chegada do chefe interrompeu este sinistro conciliabulo.

— «Meus amigos, disse-lhes elle cheio de nobre confiança, a noite vae adiantada, e precisamos de repousar. Vão servir-nos a nossa refeição frugal, e apenas lhe houvermos feito honra com o nosso rude appetite de lusitanos, levantar-nos-hemos da meza para nos entregarmos ao repouso indispensavel.

Não imitemos os romanos, que passam na orgia dos seus banquetes enormes o tempo que a natureza concedeu ao somno benefico e reparador ...»

N'este momento a meza do chefe estava devidamente preparada. Era singela a alimentação do heroe. Cabritos das montanhas, uma amphora de cidra, pão e algumas fructas, eis a que se reduzia o sobrio banquete, em que habitualmente reinava a mais despreoccupada alegria.

N'essa noite, porém, tanto Viriato, como os tres amigos, dominados por sombrios pensamentos, não fizeram muita honra áquelles alimentos tão modestamente preparados.

Quando se levantaram, Viriato despediu os convivas com as mais francas demonstrações da sua amisade leal e sincera.

— «Ámanhã discutiremos o que nos cumpre fazer, disse elle. A noite é boa conselheira, e confio que ha de inspirar-me uma resolução acertada ...»

D'ahi por algumas horas, os tres sombrios conspiradores voltavam á tenda do chefe.

As sentinellas deixaram-nos entrar livremente. Estavam de ha muito habituadas a vel-os chegar alli a qualquer hora da noite, para receberem ordens, ou para participarem ao chefe o que se passava no acampamento. Todos sabiam a confiança que Viriato depositava n'esses homens, e por isso nenhuma extranheza causou a sua volta á tenda do heroe.

Facil lhes foi, portanto, chegar junto do leito onde Viriato dormia, vestido e armado, como costumava sempre desde que encetara a sua campanha contra os romanos; facil lhes foi tambem, em presença do heroe, que dormia serenamente, escolher o sitio em que deviam mergulhar os punhaes traiçoeiros.

Primeiro foi Aulaces que lhe atravessou o coração: em seguida Minuro, e Dictaleão, por ultimo, trespassaram aquelle corpo generoso, que exhalou o ultimo suspiro, sem soltar um grito, passando insensivelmente do repouso transitorio ao repouso eterno.

Praticado este horrivel crime, os assassinos partiram espavoridos e dirigiram-se logo ao acampamento romano. Apesar dos deslumbramentos da ambição, não julgavam a vida segura entre os lusitanos, que tencionavam governar, logo que constasse a morte inopinada do heroe.

Quinto Cepio exultou quando teve conhecimento do resultado das suas habeis insinuações. A morte de Viriato parecia assegurar definitivamente a conquista da Lusitania, e por conseguinte o termo de uma lucta cruenta e ingloria, que tantas forças havia consummido á potente republica. Ainda assim, recebeu de má sombra os assassinos.

Quando elles instaram pelo auxilio promettido, Quinto encolheu desdenhosamente os hombros e disse-lhes:

— «Não espereis de mim o premio do vosso feito. Podeis permanecer no meu acampamento, onde tereis a vida salva, contra o furor dos vossos compatriotas. De resto, ao Senado cumpre premiar-vos. E quanto ao dominio que ambicionaes entre os lusitanos, parece-me que o melhor é desistirdes d'essa ideia. Viriato era demasiado querido de todos para que os seus assassinos pos-

sam inspirar sympathia e assumir poder egual ao d'elle nos mesmos logares onde o heroico defensor da independencia conseguira ser o rei, o chefe supremo . . .»

—«Mas bem vês que és injusto, Cepio! exclamou Aulaces desorientado. Tu proprio nos descreveste Viriato como um traidor, que era mister sacrificar á prosperidade da nossa patria!. . .»

—«Não! bradou o consul com voz formidavel, e que não admittia replicas. Os traidores sois vós!»

E accrescentou :

—«Pela minha parte, nem vos castigo, nem vos premeio. Permanecei aqui, se quizerdes, mas ainda assim, terei o cuidado de vos conservar a distancia da minha tenda, e sempre devidamente vigiados. Quem levanta mão traiçoeira contra o seu chefe e amigo, na propria tenda em que recebia a mais affavel e sincera hospitalidade, mais facilmente póde voltar-se contra um homem extrangeiro e inimigo. Soldados! disse elle voltando-se para a sua escolta, que assistia impassivel a esta conferencia, conduzi estes homens a logar seguro!. . .»

Excellente recompensa da cobardia vil e da traição nefanda d'aquelles miseraveis!. . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

A noite decorreu tranquilla no acampamento lusitano, onde todos se entregavam ao repouso, bem longe de suspeitar a horrivel catastrophe que succedera.

Quando a aurora estendeu na orla do horisonte o seu manto de purpura, como que para alcatifar com elle a passagem esplendida do glorioso astro do dia, Tentalo, o commandante da escolta que velava a tenda do chefe, admirou-se do silencio que ainda reinava no interior.

Viriato, mal as trevas começavam a dissipar-se, erguia-se invariavelmente do leito, e dava as primeiras ordens aos servidores mais dedicados.

—«Estará enfermo o chefe?» murmurou Tentalo.

E dirigiu-se immediatamente ao leito do heroe, porque junto d'esse homem extraordinario, que vivia nos acampamentos mais como soldado do que como chefe, ou como rei, todos tinham accesso prompto e facil, sem ser preciso recorrer a medianeiros.

Tentalo chamou-o com respeito e com interesse, suspeitando que a doença houvesse entrado alfim n'aquella organisação de ferro, que havia tantos annos luctava sem descanço para libertar a patria. Não obtendo resposta, e dominado por um lugubre presentimento, o official lusitano, collocou a mão no rosto do heroe, e soltou um grito de pavor. Esse rosto estava gelado como o de um cadaver! A madrugada ia pouco a pouco derramando sobre a terra a sua luz purissima. Tentalo affastou um dos pannos da tenda, e n'esse momento deparou-se-lhe o mais horrivel espectaculo. Viriato immerso n'um lago sangrento havia deixado de existir! Feridas horriveis rasgavam o peito do heroe, e n'uma d'ellas estava ainda cravado o punhal de um dos assassinos. Esse punhal tinha insculpido no cabo o nome do traidor a quem pertencia. Era o punhal de Aulaces!

Tentalo recordou-se então de ter visto entrar na tenda do chefe, a horas mortas da noite, os tres amigos e confidentes de Viriato, — Dictaleão, Aulaces e Minuro!

D'ahi por alguns momentos, a funesta nova da morte do chefe espalhava-se por todo o acampamento.

Não póde descrever-se a consternação que este facto produziu. Quando o sol surgiu radioso no horisonte, veio presenceiar um dos mais commoventes espectaculos de que ha memoria. Os soldados choravam como creanças, e ao passo que davam largas á dôr que os dilacerava, soltavam terriveis imprecações contra os miseraveis assassinos.

Do acampamento, a noticia da morte do chefe espalhou-se em breve a todas as regiões lusitanas. Nas tribus poucos homens validos haviam ficado, por isso que os deveres da guerra os haviam chamado para junto do chefe, mas as mulheres, os velhos e as creanças erguiam clamores dilacerantes, lamentando a morte do heroico defensor da sua liberdade, do homem que conseguira suster o impeto dos invasores, batendo-se denodadamente n'um recanto da peninsula contra o colosso que da Italia estendera os gigantescos tentaculos, para se apoderar de todas as regiões do mundo conhecido!...

A morte de Viriato significava para todos a perda da independencia do territorio lusitano.

Baudio, o sacerdote venerando, resolveu fazer aos manes do heroe honras funebres, dignas da sua memoria.

As tropas lusitanas estavam em frente do acampamento romano, mas ainda assim, os invasores não davam mostras de as inquietar no meio da sua profunda consternação. O nome de Viriato incutia tamanho espanto, que os romanos não ousavam investir com os seus adversarios, na occasião em que elles se dispunham a prestar as ultimas honras ao heroe que por tantos annos soubera guial-os no caminho da victoria.

Baudio mandou preparar uma enorme fogueira, em torno da qual o exercito veio formar em ordem de batalha. Reinava um profundo silencio nas fileiras, apenas interrompido de vezes em quando pelos toques dos lugubres instrumentos.

A ceremonia começou por alguns combates singulares, celebrados em honra dos manes do heroe.

Os guerreiros mais illustres, aquelles a quem o chefe consagrára mais profunda estima, vieram alli alternadamente provar forças, offerecendo os seus impetos mais applaudidos á memoria do chefe, de todos tão querido. Depois d'estes jogos, as sacerdotisas organisaram em frente da pyra funerea as suas danças sagradas.

Começava a descer a noite, e esperava-se apenas que o disco afogueado da lua surgisse no horisonte, para se realisar a parte mais sangrenta da lugubre ceremonia.

Quando a rainha da noite surgiu emfim no azul do ceu, com o rosto congestionado, vermelho, ameaçador, resoou no acampamento um clamor horrivel, feito de gritos dilacerantes e de exclamações de raiva. Era a expressão dolorosa

da saudade de um povo inteiro, a affirmação vehemente de que, apesar dos revezes constantemente soffridos, o genio lusitano protestava ainda pela independencia a que tinha direito!...

Começou então um desfilar horroroso de victimas pallidas e apavoradas, que se dirigiam conduzidas pelos sacerdotes para junto da pyra sagrada. Eram prisioneiros romanos, que iam ser immolados para que este sacrificio applacasse o espirito de Viriato.

Os desgraçados caminhavam lentamente, solidamente algemados e ligados dois a dois, entre duas fileiras de sacerdotes.

Chegados junto da fogueira, que desdobrava no azul sereno da noite as ondas acres e espessas do fumo dos oleos sagrados, Baudio entoou a melopeia lugubre dos sacrificios lusitanos, e n'esse momento as sacerdotisas entregaram-se a uma dança frenetica e voluptuosa, ostentando aos olhares amortecidos das victimas as formas opulentas de uma carnação soberba e provocante, uma tentação irresistivel!...

Os meandros d'essas choreias apertavam como os elos de uma serpente enorme as victimas algemadas, e irremessivelmente condemnadas ao sacrificio...

Baudio deu o signal do holocausto, e os punhaes mergulharam no peito de cincoenta victimas humanas, cujas entranhas foram logo consultadas pelos sacerdotes!...

Depois do sacrificio propiciatorio, Baudio, subindo a um tablado, fez a apologia do chefe assassinado, com palavras sentidas que arrancaram lagrimas a todos os circumstantes. Relembrou os feitos heroicos de Viriato, o seu valor, a sua dedicação pela patria, as façanhas que o haviam illustrado, e o terror que o seu nome inspirava aos inimigos da independencia lusitana. Baudio era eloquente, e o assumpto era de natureza a commover profundamente o auditorio.

Findo este discurso, o cadaver de Viriato, revestido com todas as suas armas, foi conduzido por um troço de guerreiros escolhidos, para junto da fogueira sagrada. Alli, foram feitas as libações, e depois do sacerdote haver invocado por tres vezes, segundo o rito, a alma de Viriato, vieram as chammas envolvel-o, emquanto o exercito volteava sem cessar em torno da pyra, que estava devorando os restos mortaes do mallogrado heroe.

Depois, as cinzas foram recolhidas n'uma urna preciosa, que mais tarde se guardou em soberbo mausoleu.

Taes foram as ultimas homenagens prestadas pelos lusitanos ao chefe glorioso, que fôra durante quatorze annos de lucta incessante o terror dos romanos.

Nos historiadores latinos encontra-se este grande homem descripto com caracteres odiosos. Quasi todos nol-o apresentam como um salteador famoso, que mais pelas astucias e estratagemas do que pelo merecimento proprio, conseguira apoderar-se do poder supremo. *Latro*, tal é o epitheto que esses historiadores parciaes lhe concedem a cada passo. A mesma designação se conserva em varias inscripções, como por exemplo esta, que foi descoberta junto de Vizeu:

*L. Æmil. L. Filio, confecto vulnere*
*Host. sub. Nigidio. Coss. cont. Viriatum latronem*
*Lanciens. quorum remp. tutaret. basim*
*Cum Vrna. et statuam in loco*
*Publico erex.*
*Honoris. liberal. que ergo.*

Que deve ler-se por extenso d'este modo:

*Lucio Emilio Lucii filio, confecto vulnere hostili sub Nigidio Consule, contra Viriatum latronem, Lancienses quorum rempublicam tutaret, basim cum Urna statuam in loco publico erexerunt, honoris liberalitatisq ue ergo.*

E em portuguez significa:

«Morto de feridas Lucio Emilio, filho de Lucio, em um combate, dado pelo consul Nigidio contra o ladrão Viriato, os lancienses, cuja republica defendia, lhe erigiram uma estatua em praça publica, e na base d'ella uma sepultura, em memoria da sua liberalidade.»

No emtanto, Roma apreciava devidamente o merecimento do heroe lusitano, e a prova cabal d'este facto temol-a até no procedimento do Senado e dos consules para com os miseraveis assassinos do chefe glorioso.

Dictaleão, Aulaces e Minuro, perdida a esperança de serem recompensados pelo serviço que imaginavam ter prestado com o assassinio de Viriato, resolveram acolher-se a Roma, onde esperavam obter uma recompensa. Dirigiram-se para esse effeito a Scipião Nasica, ao tempo consul, que os recebeu muito de má sombra, e lhes disse bastante indignado:

—«Roma presava muito o valor e o genio do vosso chefe, para premiar traidores indignos, que não trepidaram de manchar as mãos n'aquelle sangue generoso!...»

E voltou-lhe as costas com desprezo.

Dias depois, o Senado mandou-lhes intimar a ordem de sahirem de Roma sob pena de morte.

Tal foi o resultado que estes miseraveis obtiveram do seu crime!

Odiados dos seus compatriotas, desprezados dos romanos, viveram como párias em terra extranha, entregues aos mais duros misteres para não morrerem de fome. As grandezas que haviam sonhado, e que decerto lhe inspiraram a coragem do seu crime, dissiparam-se como o fumo, apenas o chefe exhalou o ultimo suspiro. O proprio que os alentara os desprezou, porque já sabemos o modo como Quinto Cepio os acolheu, quando cheios de esperança foram ao acampamento romano levar a noticia da morte traiçoeira do chefe. Tiveram o fim que a sua miseravel traição reclamava...

.......................................................................

.......................................................................

Tentalo, o nosso valente e infeliz lusitano, cujo drama já contámos, foi escolhido para chefe e successor de Viriato. Era destemido e corajoso, mas estava longe de possuir o genio do grande capitão a quem succedia. Quinto Cepio aproveitou-se logo da sua inexperiencia e falta de recursos, e desbaratou-o, obrigando a render-se á discrição.

A Tentalo succedeu Tantanio, que animado de um ardor, digno de melhor successo, se dispunha a ir conquistar Sagunto com as reliquias ainda temiveis do exercito de Viriato. Faltava, porém, a estes chefes improvisados a astucia e o genio do seu modelo, e cahiam miseravelmente.

Dois annos depois da morte de Viriato, a Lusitania estava pacificada. Os ultimos consules romanos que tiveram de sustentar a lucta com as reliquias do exercito do heroe do Herminio foram Decio Junio Bruto, Quinto Servilio Cepio, Lucio Cornelio Dolabella e P. Licinio Crasso.

Nem toda a Hespanha, porém, estava reduzida ao dominio romano. Na Celtiberia, os arvacos luctavam com tenacidade heroica contra as legiões da republica. Termancia e Numancia, sitiadas pelos romanos, resistiam com heroismo, mas, afinal, vendo a inutilidade dos seus esforços, determinaram capitular. Foi então que o famoso *vae victis*, que os romanos haviam herdado dos povos indomitos de alem dos Alpes, alentou novamente o fogo do patriotismo no peito dos defensores d'aquellas duas cidades fortificadas. Quando os romanos exigiram a entrega das armas, o orgulho deu novo impeto aos rendidos, e responderam:

— «Nunca! Só quando nol-as arrancarem com a vida!»

E continuaram tenazmente a lucta.

Um heroe celtibero, Megaravico, assumiu a direcção da guerra.

Realisaram-se verdadeiros prodigios. Os romanos, desesperados d'aquella resistencia pertinaz, reuniram tropas consideraveis, mas, ainda assim, Quinto Pompeu, commandante de um exercito, que era o quadruplo do exercito inimigo, foi duas vezes derrotado. Termancia foi a primeira que se rendeu, depois de uma defeza admiravel, mas Numancia resistia ainda, concentrando dentro dos seus muros gloriosos o espirito de independencia de toda a peninsula.

Scipião estava em frente das muralhas da cidade heroica com um exercito de sessenta mil homens, composto de soldados escolhidos e perfeitamente disciplinados, porque o consul á sua chegada começára por limpar o acampamento do lodo que o manchava. Só meretrizes havia n'esse exercito duas mil!

O consul impoz aos soldados o rigor de uma disciplina a que havia muito não estavam habituados, tornou o cerco mais apertado, e mandou levantar em torno da cidade uma muralha defendida por torres e por um fosso crivado de lanças. Depois d'isto, fechou o Douro com traves e correntes, para que os sitiados não podessem abastecer-se pela via fluvial.

Voltava de Carthago o glorioso consul, deixando conquistada, aniquillada, a soberba rival de Roma. Cingiam-lhe a fronte os louros d'aquella enorme victoria, e era mister que Numancia se rendesse, custasse o que custasse, para que esses louros triumphaes não soffressem um revez deploravel. O seu plano era infallivel. O rio, a salvação dos numantinos, estava cortado de um lado e outro por grossas traves eriçadas de lanças e rostros, impedindo o abastecimento da cidade. De resto, as ballistas derrocavam incessantemente as muralhas, e Numancia havia de cahir.

Mas, apesar d'esses formidaveis planos do consul, Numancia só cahiu

quando a fome prostrou os seus heroicos defensores. N'essa hora suprema, em que os braços decahiam sem forças, em que a coragem era impotente contra o supplicio indescriptivel da fome, os defensores, sublimes de dedicação e de heroismo, assassinaram seus filhos e as mães de seus filhos, para d'este modo os pouparem ás ignominias do captiveiro.

Sublime!

Quando entraram na cidade heroica, os romanos, convertidos agora de guerreiros em carrascos, massacraram cheios de raiva e de ferocidade as reliquias d'aquelle exercito, que havia tanto tempo dava ao mundo o exemplo da mais completa abnegação e do mais sublime patriotismo.

Era inutil, porém, a ferocidade dos conquistadores. Os numantinos, vencidos mas não subjugados, assassinavam-se, no furor de verem dentro dos seus muros o romano odiado!...

Scipião reservou apenas cincoenta numantinos, esqueleticos, verdadeiros espectros dos defensores de Numancia, para a consagração d'aquelle novo triumpho. Quando esses heroes foram decapitados, não restou um unico habitante da cidade, ainda ha pouco vibrante de patriotismo heroico, e agora uma ruina fumegante, como Corintho, como Carthago, como todas as nacionalidades que ousavam resistir aos medonhos tentaculos, d'esse povo gigantesco, que do norte da Italia se estendia a todas as regiões do mundo conhecido!...

........................................................................

Fallámos ainda agora das duas mil meretrizes, expulsas por Scipião da cauda do exercito romano. Este facto dá-nos uma amostra da corrupção dos costumes dos conquistadores do mundo, pouco tempo depois da morte de Viriato.

A libertinagem romana havia pouco e pouco penetrado nos costumes dos lusitanos. Exceptuando as tribus do norte, onde a vida era difficil e aspera, e por conseguinte menos propria para os requintes lubricos inventados pelos conquistadores, ou por elles trazidos das regiões da Asia reduzidas ao seu dominio, as cidades que mais em contacto estavam com elles, haviam-se deixado preverter pelo seu funesto exemplo.

Muitas das meretrizes do exercito romano eram lusitanas, na épocha a que nos referimos.

Havia tambem no exercito mancebos depravados, que na maior parte dos casos eram refens conservados no acampamento, e escolhidos entre as familias mais distinctas dos alliados da republica.

Scipião cita os costumes de Apocio, filho de um abastado senhor de Carthagena, que vivia junto de Sulpicio Gallo, de quem era o amigo e o companheiro inseparavel. Esse adolescente, notavel pela sua formosura quasi feminina, pintava as sobrancelhas, arrancava habilmente os cabellos que começavam a apparecer-lhe na barba, e tinha um especial cuidado em conservar as pernas lisas e brancas. Nos festins, vestido com uma tunica de amplas mangas, deitava-se no mesmo leito do seu amigo Sulpicio, e depois de embriagado praticava as maiores torpezas. Era o que ao tempo começava a chamar-se um *cinœdes*.

A tunica de mangas largas denominava-se *chyridota*, e fora importada da Syria. As mangas desciam ao longo do braço em vastas pregas, e cahiam sobre as mãos até á extremidade dos dedos.

Nas cidades lusitanas completamente romanisadas, os costumes libidinosos dos invasores haviam sido adoptados pelos homens ricos e opulentos, que chegavam a esquecer a lingua do seu paiz, para fallarem o latim, e para invocarem n'essa lingua as divindades lascivas trazidas do Lacio aos paizes conquistados.

Em Ebora, ao terminar da guerra da Lusitania, vivia um opulento lusitano, amigo dos romanos, e imitador sollicito de todas as suas torpezas e prodigalidades.

Os festins d'este homem tornaram-se tão celebres como os de Trymalcion, e são citados pelos auctores latinos, a cujo conhecimento chegaram. Para em tudo se mostrar romano, o renegado até o nome trocou por um nome dos inimigos da sua raça. Chamava-se Misicio. *Vivamus, dum licet esse!* era a sua maxima predilecta, que depois foi repetida por Trymalcion, seu émulo e imitador.

Misicio edificára um soberbo palacio junto do logar mais tarde occupado pelo templo de Diana. Alli celebrava as suas *commessationes*, ou festins nocturnos, em que os convivas praticavam as mais espantosas monstruosidades.

Durante o dia, o amphytrião e os seus convivas entregavam-se ao repouso. Os *comes*, ou companheiros de Misicio, bem careciam na verdade d'este repouso, para poderem supportar as fadigas lubricas das suas noites sensuaes.

Ao anoitecer, mandava-se chamar um corretor afamado, que era encarregado de fornecer a parte feminina dos commensaes. Meretrizes, conhecidas pelos seus delirios lubricos, eram acolhidas com enthusiasmo n'aquelle palacio, theatro das mais espantosas orgias.

Mas não eram as meretrizes as unicas mulheres que alli concorriam. Matronas notaveis pelo nascimento, ou pela posição de seus maridos, vinham muitas vezes associar-se aos prazeres devassos, onde depois de succulentos banquetes, regados de vinhos delicados, se praticavam as maiores torpezas.

As mulheres não se sentavam á meza. Esse costume romano obliterara-se como tantos outros dos tempos austeros da republica. Deitavam-se exactamente como os homens nos leitos dispostos em semi-circulo em frente das iguarias. A's vezes dois convivas de differente sexo reclinavam-se no mesmo leito, de modo que o homem tinha a cabeça encostada ao peito volumoso e arquejante de uma bella dissoluta, ébria de desejos, e escandecida pelos vinhos fortes e capitosos.

Chegava um momento em que o excesso dos prazeres amortecia o brilho do olhar dos convivas, em que os sentidos extenuados ficavam como que entorpecidos e dormentes. N'essa occasião, entravam os bailarinos dos dois sexos. Vinham quasi nús, e áquella apparição ruidosa, despertava-se do torpor, e ganhava-se novo alento para a voluptuosidade.

Começavam os bailados. Eram choreias lubricas, importadas da Asia e do Egypto. Primeiramente saltos desordenados, pantomimas obscenas, que se re-

feriam ao acto vergonhoso. Depois, passava-se a movimentos cadenciados; as bailarinas erguiam as pernas, faziam contorsões, soltavam gritos lubricos, incendiarios, aos quaes a concupiscencia dos convivas não poderia resistir.

E se resistisse, os bailarinos tinham um recurso infallivel. A um signal dado, as mulheres imprimiam ás nadegas ondulações voluptuosas, e cahiam por terra, dando todos os indicios de uma furia sensual irresistivel. Era então que os comparsas cahiam sobre ellas, imitando, alli, em presença de todos os convivas, exaltados, ebrios de vinho e de luxuria, as variadas torpezas dos faunos, insculpidos nos antigos vasos da Etruria.

A esposa do amphytrião não pode conter-se; levanta-se do leito para ver melhor aquelle espectaculo irritante, e as roupagens presas por um cinto verde, que ainda ha pouco desapertara para ingerir as pesadas iguarias do banquete, caem-lhe aos pés, patenteando as formas esculpturaes e deslumbrantes da matrona, em plena florescencia da sua belleza triumphal. Um dos convivas, ebrio de volupia, corre para ella, mas Leunia, a cortezã de fórmas opulentas, que tem devorado o patrimonio dos mais illustres mancebos da cidade, antecipa-se ao audacioso conviva, e vae tomar nos braços o corpo maravilhoso da matrona, cahindo com ella sobre o leito, onde não se ouvem senão os gritos lubricos das duas mulheres, cevando n'uma furia enorme o fogo da sua espantosa luxuria!...

—«Misicio, gritou a cortezã, passado algum tempo, desprendendo-se dos braços da matrona, deves-me uma taça de prata, sabes?...»

—«Porque, formosa Leunia?» perguntou elle em voz sumida e abraçado a um joven effeminado, que havia pouco chamara para o seu leito.

—«Pois não viste? Salvei tua esposa de um adulterio imminente. Encontrou nos meus braços o que os do teu amigo Vitulo lhe promettiam.»

—«Ah! Era Vitulo o audacioso! Deixassel-o, Leunia! Tractava-se apenas de uma restituição conjugal. Eu acabava de dar a Vitulo o que elle tencionava offerecer a minha esposa!...»

Vitulo, effectivamente, havia já n'essa noite partilhado o leito de Misicio. Era um effeminado muito querido do amphytrião pela sua belleza e condescendencia...

*Vivamus, dum licet esse!...*

.....................................................................

.....................................................................

*Impudicitia in ingenno crimen est, in servo necessitas, in liberto officium.*

Este principio define completamente os costumes romanos.

«A condescendencia impudica é um crime no homem livre, uma necessidade no escravo, um dever no liberto.»

Os homens livres, que possuiam abastados meios de fortuna, assimilavam bem depressa os costumes depravados dos conquistadores. Ligados com elles por allianças, mantendo constantes relações, commerciaes ou civis com os principaes cidadãos que a colonisação havia attrahido, considerariam uma vergonha affastarem-se dos costumes da raça dominadora, e ostentarem ao lado da sua corrupção uma auctoridade ridicula e extemporanea.

Ter os fóros e os prerogativos dos cidadãos romanos era para elles a suprema aspiração. Deviam, por tanto, mostrar-se dignos d'essas prerogativas, adoptando os costumes d'aquelles a quem pretendiam assimilhar-se, porque os seduzia a sua elegancia e a sua vida facil.

Tudo o mais seria barbaro e anachronico.

Começavam por pòr de parte a lingua do paiz. Esse idioma barbaro e rude abandonavam-no aos miseraveis escravos, que viviam sob o latego dos senhores, e eram demasiados broncos para se habituarem aos requintes d'essa linguagem harmoniosa e persuasiva, na qual os vicios eram designados por palavras amaveis e expressivas, que davam o maximo realce á sensualidade.

Depois da linguagem, a religião. O que valia effectivamente a theogonia lusitana, em confronto com essa religião romana tão complicada, tão rica, tão abundante em divindades beneficas e complacentes, que tinha deuses em aubn-dancia para todas as necessidades da vida, para a guerra, para o commercio, para o amor, para as orgias, para tudo quanto até ahi e era considerado nobre justo e sublime, e ao mesmo tempo para as deliciosas fraquezas humanas, que tornavam a vida uma serie inimterrompida de delicias?

Por isso, os ricos, os homens livres, os commerciantes abastados acceitavam de bom grado, essa civilisação romana, que tantos horisontes novos vinha rasgar ao bem estar, á commodidade e ao prazer dos povos barbaros. Em contacto permanente com os romanos, que exerciam n'esta região um dominio directo, mantido pela permanencia dos seus exercitos, os habitantes não podiam deixar de romanisar-se rapidamente, embora a conquista tivesse sido difficil para os invasores.

Deu-se com a peninsula iberica um facto curiosissimo. Mais difficil de conquistar do que outra qualquer das regiões que Roma avassalou e reduziu ao seu poder, foi no emtanto, a que mais depressa assimilou os costumes romanos, a que mais rapida e mais completamente se tornou latina.

Tentámos esboçar os costumes das classes superiores dos conquistados, e é tempo de fallarmos das outras classes.

Os soldados, á medida que a conquista se ia verificando, passavam de inimigos a alliados da republica, e eram assimilados aos exercitos romanos para combaterem nas regiões que a esse tempo se revoltavam contra o dominio dos senhores do mundo. Succedia agora com os romanos o mesmo que succedera com os carthaginezes. Nos diversos exercitos romanos das campanhas da Asia e da Africa iam importantissimos contigentes lusitanos, que se batiam com denodo pelos seus antigos inimigos, exactamente como os seus antepassados se haviam batido ao lado de Hannibal, depois de terem no seu paiz resistido valorosamente aos carthaginezes.

Os que, tendo mais alta comprehensão do patriotismo, resistiam com tenacidade á assimilação romana, eram barbaramente trucidados ou reduzidos á escravidão. Esse elemento irreductivel não era, porém, muito numeroso.

O resto das tribus, depois da conquista, começou a gosar o benefico influxo da administração romana.

Antes das invasoes do territorio, essas tribus, como por tantas vezes te-

mos dito, não tinham entre si um laço de solidariedade que as unisse, e que lhes desse o caracter fortemente accentuado de uma nacionalidade.

Guerreavam constantemente entre si, assolavam-se mutuamente, eram verdadeiros agrupamentos de selvagens, sem a menor noção de identidade de raça e de aspirações.

Vieram os primeiros invasores. Barbaros e selvagens como os povos que vinham conquistar, a rapina, o sangue e a devastação era toda a sua arte, e não introduziram o menor vestigio de ordem e de estabilidade.

Os phenicios e os carthaginezes, saqueando e roubando como os seus antecessores, introduzem apenas o commercio, mas não sabem estabelecer cousa alguma perduravel, com os elementos que encontram, ou com os que logram introduzir na região.

Aos romanos cabia esse importante papel historico. Roubam, saqueiam, assolam a região, exploram commercialmente as suas riquezas naturaes, assenhoreiram-se das suas minas riquissimas, que são o engodo da conquista e o pretexto da colonisação, mas ao mesmo tempo vão implantando por toda a parte as suas instituições, concedendo aos povos direitos, deveres e garantias, organisando os elementos de uma verdadeira sociedade.

Graças a esta obra civilisadora, as tribus lusitanas vão gradualmente sendo chamadas dos seus reductos inaccessiveis para o convivio de uma sociedade, corrompida, sim, até á medulla, mas fundada em bases solidas e perduraveis.

A assimilação dos naturaes aos romanos encontrou grandes resistencias, mas ainda assim dentro de poucos annos assumira um desenvolvimento enorme.

As mulheres lusitanas mantiveram por algum tempo o antigo odio aos invasores, e só escolhiam para esposos os homens da sua raça.

Esta resistencia, apesar de tenaz, devia terminar em breve. Conhecendo a, os romanos escravisavam e violentavam por toda a parte as indigenas, obrigados como eram pelas instigações da carne a reproduzir-se. As meretrizes abundavam, mas essa mesma abundancia produzia o tedio de caricias mercenarias, n'um paiz onde as mulheres eram formosas, e possuiam a irresistivel attracção do pudor.

A cada passo se renovava o rapto das Sabinas, por todas as regiões por onde passavam tropas romanas. A natureza encarregava-se, porém, de ir gradualmente destruindo os attritos, e de insensivelmente obliterar os odios das duas raças, postas em contacto durante tanto tempo na mesma região.

As novas Sabinas eram exactamente como as antigas. Depois do rapto e da violencia, congraçavam-se com os raptores, e enlaçavam-nos amorosamente nos braços, pagando-lhes caricias com caricias, n'uma facil conformidade com os factos consummados.

Depois, o confronto entre aquelles robustos romanos, ardentes no amor, conhecendo todos os segredos da voluptuosidade, adquiridos na sua odysseia pelas regiões onde a arte do divino Eros tinha cultores dedicados e intelligentes, com esses lusitanos quasi selvagens, vestidos de pelles e untados de substancias desagradaveis ao olfacto, não podia deixar de ser favoravel aos conquista-

dores. O odio de raça ia-se dissipando pouco a pouco, as cidades, e as aldeias augmentavam de dia para dia a sua população com os filhos de soldados romanos e de mulheres celtiberas e lusitanas, que dentro em pouco se entregavam com ardor ás caricias prolificas dos invasores. A conquista feita d'este modo era muito mais efficaz, do que a das armas dos legionarios!...

A raça lusitana, por causa da prolongada guerra a que se entregára, desde a chegada dos romanos á peninsula estava singularmente depauperada. Aquella infusão de sangue latino era quasi providencial.

Fallámos dos filhos dos soldados romanos e das mulheres peninsulares, que lhes cahiam nos braços, de boa vontade, ou em consequencia do direito da força. Os filhos d'essas mulheres (*hybridæ*) encontravam-se ao vir ao mundo n'uma situação realmente extranha.

Eram romanos, usavam os nomes de seus paes, fallavam a lingua do progenitor, mas, no emtanto, a lei não lhes concedia o fôro de cidadãos.

A principio, este phenomeno social passou desapercebido. Ninguem lhe previu as desastrosas consequencias. O tempo foi decorrendo, porém, e com elle chegaram as difficuldades da situação de uma classe numerosissima e importante.

Uma das consequencias mais graves que este estado de cousas trouxe á republica romana foi a revolta de Sertorio na Lusitania, baseada principalmente no descontentamento dos *hybridos*, que a esse tempo formavam já uma parte consideravel da população.

Como se vê, as mulheres lusitanas cada vez esqueciam mais os antigos odios das mulheres da sua raça contra os romanos.

Lembram-se ainda da pobre lusitana Olia, que, em tempo de Viriato, se deu a morte na presença do esposo da sua alma, só por ter sido violada, nas duras eventualidades da guerra, por um official romano?

Como vamos longe d'esses tempos austeros do bello sexo lusitano!

No emtanto, se o amor ia effectuando d'este modo a fusão das duas raças, as violencias romanas eram ainda frequentes, porque não haviam cessado completamente as resistencias.

Nas classes pobres era onde essas violencias principalmente se exerciam, produzidas pela espantosa corrupção dos romanos opulentos.

A imaginação licenciosa d'estes homens procurava sem cessar novos alimentos para a sua voracidade libidinosa, o que dava logar a um infame commercio, em que se empregavam muitos miseraveis de um e outro sexo.

A séde d'esse commercio torpissimo era nas cidades mais populosas. As suas victimas eram ordinariamente pobres donzellas, violentamente arrancadas ás familias pelos soldados romanos, e outras vezes compradas como escravas, ou alliciadas por qualquer meio, porque a imaginação dos *lenones*, alcaiotes, de ambos os sexos, era inexgotavel em expedientes.

O commercio, de resto, merecia alguma attenção, porque era immensamente lucrativo.

Chamava-se este commercio na lingua romana *lenocinium*, e era geralmente considerado como uma das fórmas mais infamantes da prostituição. A

propria lei lhes dava a qualificação de infames, sem que todavia os incommodasse no exercicio do seu repugnante commercio.

D'estes, tanto os homens como as mulheres, *(lenæ, lenones)* uns tinham estabelecimentos nas cidades, onde recebiam meretrizes, percebendo por esse acto uma avultada percentagem dos ganhos d'essas desgraçadas, outros preparavam e educavam para o repugnante commercio as escravas, fosse qual fosse a sua proveniencia.

Em Ebora, ainda muito antes de Sertorio, havia um alcaiote famoso, que andava de provincia em provincia recrutando a clientela dos dois bordeis da cidade.

Como o escandalo fosse enorme, a auctoridade romana teve de applicar a esse homem o rigor da lei, communicando-lhe a nota de infamia.

Ora, a este respeito, devemos repetir o que se lê na primeira parte da *Historia da Prostituição* de Pedro Dufour:

«A nota de infamia, que era commum a todos os agentes intermediarios da prostituição, do mesmo modo que aos condemnados em juizo, aos escravos, aos gladiadores e aos hystriões, feria de morte civil aquelles a quem alcançava pelo simples facto da sua profissão.

«Os que assim eram considerados não tinham a livre posse dos seus bens; não podiam testar nem herdar; não tinham a tutella de seus filhos; não podiam servir cargo algum publico, não eram admittidos em juizo a fazer accusações, nem a dar testemunho, nem a prestar juramento; não podiam apresentar-se, senão por tolerancia, nas festas solemnes dos deuses maiores; viamse expostos a todos os ultrages e maus tratamentos, sem poderem defender-se, nem mesmo queixar-se; finalmente, os magistrados tinham quasi o direito de vida e de morte sobre esses infames!...

«O que uma vez recebia a nota de infamia, nunca mais se lavava d'aquella nodoa, que se tornava indelevel. A lei não acceitava desculpa alguma, que podesse relevar alguem da degradação social em que uma vez incorrera.»

Apesar de tão terrivel pena, o commercio impuro praticava-se em larga escala, e ninguem lhe punha estorvos. O que succedia, tanto ás mulheres livres que se prostituiam, ou ás que alliciavam para este fim os incautos, era perderem o seu caracter de livres *(ingenuæ)* e passarem, perante a lei, a ser consideradas como escravas.

As prostitutas gosavam por esse tempo de uma liberdade que nenhuma lei inquietava. Como dissemos, só as livres, quer dizer as que por excesso de ardor sensual desciam das classes superiores até ao pelago da prostituição, é que ficavam prohibidas de regressar á classe d'onde haviam sahido, porque nenhuma circumstancia podia illibal-as da grande queda. De resto, tolerancia completa para o seu trafico obsceno, porque os romanos sabiam respeitar e zelar a liberdade individual, e entendiam que cada qual podia dispôr como lhe approuvesse do seu corpo.

O temperamento romano era ardente, lubrico e robusto. Os seus vicios precisavam de ser saciados muito a miudo. Por isso tanto em Roma como nas colonias nunca faltava uma multidão de mercenarios de ambos os sexos, que

estavam divididos em varias classes. As principaes eram as *meretrizes*, as *prostitutas* e os *cinœdes*.

Da historia da prostituição romana, sabemos já que a differença entre meretriz e prostituta era a seguinte:

«As *meretrizes* chamavam-se assim da palavra *merenda*, e dispunham de si apenas durante a noite.

«As *prostitutas* ou *prostitutæ* tiram o seu nome do *stabulum*, á porta do qual permanecem para fazer o seu commercio, tanto de noite como de dia.

Na mesma historia, accrescenta-se ainda a este respeito:

«Temos dados para crêr que estas duas classes de mulheres publicas, as que o eram só de noite, e as que tanto de noite como de dia exerciam o seu officio, deviam ter ainda outras differenças notaveis no seu genero de vida, no modo como se vestiam, e até mesmo na sua condição social. Assim, os escriptores latinos qne mencionam os registros em que os edis inscreviam os nomes das cortezãs, só fallavam das meretrizes, prescindindo de occupar-se das prostitutas.

«Effectivamente estas habitavam um domicilio fixo, e não tinham mais do que mudar de nome ou de trajos, pois perteneciam á infima plebe.

«As meretrizes, pelo contrario, exerciam tão honestamente como era possivel um officio deshonesto, e não inflingiam os regulamentos policiaes. Demais d'isto, podiam viver como mulheres honestas, *sub sole*, até á hora em que envoltas nas protectoras trevas da noite, iam para os lupanares, d'onde não tornavam a sahir senão de madrugada.

Os prostibulos das cidades romanas forneciam-se principalmente de escravas compradas nos mercados.

A peninsula iberica fornecia um grande contingente a este commercio, como já dissemos, mas as mais bellas filhas do paiz, corrompidas e alliciadas pela arte infame dos *lenones*, não iam para os prostibulos. Industriadas, segundo as exigencias da arte e da voluptuosidade, eram propriedade de uma especie de emprezario, que as cedia ás noites para os palacios da gente rica, para tocarem flauta, dançarem, ou fazerem pantomimas lubricas nos festins e nas orgias.

As *gaditanas*, principalmente, eram muito procuradas. Nenhumas outras, nem mesmo as voluptuosas *almeias* do levante, sabiam mais voluptuosamente menear os quadris, em movimentos intencionalmente expressivos e excitantes.

Curvando-se até ao chão, emquanto saracoteavam os quadris e faziam soar estridentemente as castanholas, estas mulheres adoraveis, que os romanos chamavam *saltatrices*, tornavam-se indispensaveis em todas as orgias, como um incentivo ardente para o entorpecimento dos sentidos.

Os *lenones*, encarregados de fornecer os prostibulos das infimas classes, iam muitas vezes aos acampamentos recrutar a sua mercadoria, que obtinham por baixo preço, depois de algum saque importante, quando os soldados haviam saciado n'estas pobres victimas a sua sensualidade feroz.

Esta mercadoria era ainda submettida á mais escrupulosa escolha. Tudo

quanto podia render dinheiro mais avultado era levado para os mercados de escravos. O que por alli não poderia encontrar venda, é que se destinava aos prostibulos mais degradantes e miseraveis.

Esses lupanares eram quasi sempre umas covas ou cellas abobadadas, chamadas *fornices*. E' d'aqui que vem a origem da palavra que designa o acto que se praticava n'esses medonhos antros do vicio. Era alli que se revolvia o lodo humano, apanhado por toda a parte onde o vicio e a miseria tinham feito victimas hediondas.

A horrivel prostituição, em cujo lodo infecto se revolvia a sociedade d'essa épocha, devia necessariamente corromper a saude publica.

Nos annaes de Roma, apesar do cuidado systematico com que sempre se procurou guardar a este respeito o maior silencio, encontra-se ainda alguma cousa sobre o assumpto, e relativa a uma épocha bastante remota.

Eis o que consta sobre o caso:

«No anno 568 da fundação de Roma, 187 antes de Christo, a *luxuria asiatica*, nome por que mais tarde a designou Santo Agostinho, na *Cidade de Deus*, foi trazida pela primeira vez á Italia pelo proconsul Cneio Manlio, que havia submettido a Gallo-Grecia, e vencido Antiocho, o Grande, rei da Syria. Cneio Manlio, desejoso de obter as honras do triumpho, que afinal não lhe foram outorgadas, trouxe para Roma uma multidão de bailarinas, flautistas, cortezãs, eunuchos, effeminados, e outros muitos infames auxiliares de uma libertinagem desconhecida até então na republica romana. Os primeiros effeitos d'esta prostituição execravel foram evidentemente umas enfermidades sem nome, que atacaram os orgãos da geração, e se propagaram ao povo, complicando-se gravemente umas com outras. A Syria era um foco permanente de peste, lepra e mal de Venus, *lues venerea*. Foi a este perigoso foco de corrupção physica e moral que Roma foi buscar novos prazeres e novas enfermidades.»

A medicina, sciencia a este tempo atrazadissima, o que deve consolar-nos até certo ponto do estado em que ainda hoje a encontramos, desprezava completamente essas enfermidades. No interior das cidades, não havia medicos. Da sciencia cultivava-se apenas o conhecimento de algumas plantas medicinaes e tolerava-se o emprego de algumas operações cirurgicas.

O cruzamento incessante de varias raças, os excessos da sensualidade, as guerras, as orgias eis outras tantas causas do recrudescimento das enfermidades venereas, importadas do oriente pelos romanos. O mal entregue a si proprio fazia estragos incuraveis, e devorava secretamente os enfermos.

E' de crêr que o desenvolvimento d'este flagello assustasse as auctoridades romanas nas diversas colonias da republica, e fosse a causa determinante de algumas medidas adoptadas, e que parecem não ter outra explicação. Assim, Scipião prohibe ás tropas romanas o sequito de prostitutas até ahi inseparaveis do exercito, que fazia guerra na Hespanha, e outro consul estabelece uma regra disciplinar, pela qual era prohibido aos soldados a copula com as prostitutas dos *fornices* e dos *stabula*, os mais temiveis antros da prostituição romana.

Um dos ramos da prostituição mais explorados, e que melhores proven-

tos dava aos *lenones* romanos, era a corrupção dos menores dos dois sexos. Empregavam-se n'este commercio homens e mulheres, que procuravam por toda a parte as pobres creanças, para saciarem a voracidade lubrica dos opulentos.

Estes soffrimentos obscuros das creanças constituem as paginas mais dramaticas da prostituição romana, que manchava com os seus horrores todos os paizes sujeitos ao dominio da poderosa republica, senhora do mundo.

Contam-se por muitos milhares as pobres victimas d'este commercio infame, sacrificadas aos caprichos dos velhos depravados, que dispunham de thesouros.

Havia creanças que desde os cinco annos eram industriadas nos mysterios d'esta prostituição abominavel.

---

# CAPITULO VI

## SUMMARIO

Nova phase da guerra com os romanos.—Os lusitanos procuram um chefe.—Sertorio.—Vida aventureira d'este romano.—As guerrilhas lusitanas.—Derrota de Lucio Fufidio sobre o Betis.—O governo de Sertorio.—Instituições do dictador.—Seu caracter.—«Aquelle que, peregrino, fingiu na cerva espirito divino...»—Alliança com os piratas.—A vida elegante em Ebora.—A pequena Roma.—O novo Hannibal.—Academia romana em Osca.—Os filhos dos nobres.—Hirtuleio, o mais arrojado dos capitães de Sertorio.—Invasão dos lusitanos na Betica.—A casa de Sertorio em Ebora.—A vida intima do dictador.—O amigo de Sertorio.—Vinda de Julio Cesar á Lusitania.—Destruição do templo do grande Endovellico.—Voto das matronas de Ebora ao templo de Venus procreadora.—O libidinoso calvo.—Templos lusitanos em honra de Augusto Cesar.—Novas divisões da Iberia.—Es-ado dos costumes n'esta época.—O martyrologio lusitano.—A Lusitania sob os imperadores romanos.—O christianismo.—Sua influencia nos costumes da peninsula.—A egreja lusitana.

PRECISAMOS de fazer uma resenha da politica da republica, para se comprehender claramente a intervenção de Sertorio nos destinos da Lusitania.

As attenções do povo romano estavam de ha muito voltadas para o Oriente, onde o augmento do dominio, conquistado ou herdado, causava serios pesadellos.

Ptolomeu, rei do Egypto, entregára no momento supremo de soltar o derradeiro suspiro, a Cyrenaica a Roma; mas a republica, em vez de tomar posse directa do legado, declarou livres as cidades gregas da peninsula, Cyrene, Ptolomaia e Berenice, dividindo entre ellas o territorio e guardando apenas para si uma suzerania nominal. Ora, é claro que similhante estado de cousas não podia deixar de causar uma anarchia tumultuaria. Dez annos depois, aquelles povos pediam a Roma uma posse effectiva que assegurasse a ordem.

Na Asia-menor o dominio romano, exercido sob a forma de protectorado, levantava geraes animosidades, mas os asiaticos limitavam-se a gemer sob aquelle pesado dominio, esperando que alguem viesse redimil-os.

Foi Mithridates, rei do Ponto, que se offereceu para libertador d'aquelles povos. Eis como o sr. Oliveira Martins, na sua esplendida *Historia da Republica Romana* (Tomo 2.º, pag. 108), descreve o vulto d'este Messias:

«Mithridates VI (620-91), por cognome *Eupator*, o Grande, nascera com esse destino. Rei do Ponto, aos onze annos, por morte de seu pae, assassinado em Sinope (631) teve logo que debater-se contra a mãe alliada aos regentes para o esbulhar do reino; andou homisiado e errante, fugindo aos punhaes dos sicarios que o buscavam para o assassinar. Cresceu temperado por esta vida

cruel que lhe formou em volta uma lenda mythica. Era um Samsão, um heroe ou um Deus. Por seu pae descendia de David, por sua mãe dos seleucidas. Tinha uma estatura gigantesca e com isso uma agilidade rara, e uma força de hercules. Montado era um centauro: andava quarenta leguas n'um dia; sabia guiar dezesseis cavallos emparelhados: tinha uma certeza absoluta no tiro. Barbaro nascido de uma civilisação desorganisada, o sultão do Ponto dava meças a quem quer que fosse quando se tratava de comer ou de amar: possuia um serralho provido com mulheres da Grecia e do Caucaso, da Persia, do Egypto, da Syria, de toda a parte. Era a um tempo supersticioso e sceptico, requintado e duro. Antiquario, tinha fama a sua collecção de anneis antigos, joias dos seus museus de *bric-á-brac* grego e persa. Litterato e artista, sustentava uma côrte de philosophos, de grammaticos, de poetas, de historiadores e musicos gregos. Vivia uma vida de festas e banquetes incessantes, apimentada por uma crueldade sanguinaria e por extravagancias lubricas.

«Assim foram os merovingianos da França medieval, cuja condição de barbaros civilisados é identica.

«Mandara matar sua mãe, seu irmão, a irmã que desposara e os seis filhos havidos d'ella. Olhava toda a gente como cães. Entretinha-se a cultivar e estudar venenos, para usar d'elles contra o proximo, e para estar seguro da hora e do modo de morrer. Fallava todas as linguas orientaes e tractava com os seus subditos de raças variadas, nos idiomas proprios. Com uma actividade incessante amontoava thesouros e alistava soldados: o seu proposito firme era tirar o Oriente a Roma.

«N'esta ideia intrigava por toda a parte, e celebrava-se o seu nome em toda a Armenia, em toda a Asia menor, e em todas as cidades do mar Negro, antigas colonias gregas cahidas na barbarie.

«Para se preparar e arredondar, conquistou a Colchida, a Crimeia e o Bosphoro, regiões de colonisação hellenica barbarisadas, dominando assim em toda a volta do mar Negro, que lhe davam ao anno duzentos talentos (222 contos de reis), largas provisões de trigo e abundante copia de soldados. Conquistou tambem a Armenia-menor, reduzindo-a a provincia do reino do Ponto. Alliára-se ao rei da Armenia, Tigrano, casando com sua filha Cleopatra e dando-lhe auxilio para debellar os parthios arsacidas.

«Quando se achou sufficientemente forte, lançou-se sobre a Asia-menor, que era a sua ambição immediata. Alliado ao rei da Bythinia, invadiu a Cappadocia e partilhou a com o socio da invasão em 92. Via-se poderosissimo. Tinha nos povos submettidos ao seu dominio um campo de recrutamento de tropas que se estendia desde o Danubio até ao Caspio e ao Caucaso: thracos, scythas, sauromatas, bastarnios, colchidas, iberos, compunham os seus exercitos. O Caucaso dava-lhe madeiras para as frotas commandadas por mercenarios syrios e phenicios. Para a invasão da Cappadocia, reunira dez mil cavallos, oitenta mil infantes e seiscentos carros de guerra scythas. As suas armadas, com os estaleiros em Sinope e nos portos da Crimeia, dominavam a navegação do mar Negro.

«Roma deixara-o expandir-se á vontade, mas quando o viu absorver a

Cappadocia decidiu-se a intervir: declarou então livre a Paphlagonia visinha, restaurou o reino da Cappadocia, pondo Ariobarzano no throno e nomeou Sylla governador da Cicilia para ir com um punhado de tropas executar as resoluções do Senado. Mithridates recuou, não ousando ainda declarar a guerra: era grande o prestigio do nome romano. Mas ao mesmo tempo que recuava, o rei do Ponto induzia o rei Tigrano da Armenia a atacar os romanos. Sylla bateu as suas tropas e foi n'uma correria até ao Euphrates. Pela primeira vez os romanos se encontraram face a face com os terriveis parthas, nunca vencidos. Sylla conferenciou com esses inimigos da Armenia, e restaurada apparentemente a situação da Asia-menor, voltou coberto de fama á Italia. Tudo isto se fizera durante o anno de 662.»

Intelligente e astuto, o rei do Ponto aproveitava habilmente todas as occasiões de poder prejudicar os romanos, embora simulasse ser-lhes affeiçoado. Quando os consules lhe declaravam guerra, depois de qualquer felonia, Mithridates não a acceitava, e declarava querer queixar-se a Roma da violencia que se lhe fazia, a elle tão amigo dos romanos, tão dedicado aos interesses da republica!...

E, no emtanto, ia captando sympathias por toda a Asia, alargando a esphera dos seus recursos, alliando-se a Tigrano, e apresentando-se na Grecia, como campeão da sua independencia do jugo romano, ao mesmo tempo que mandava emissarios ao Egypto e á Numidia, e tinha como certa por tractados secretos a acquiescencia da Syria, n'uma palavra a sublevação de todo o Oriente.

Os romanos viam os sinistros progressos do trama, sem poderem suffocal-o a tempo, por isso que estavam a braços com a terrivel insurreição italiana, que lavrava desde 663. E Mithridates conhecendo estes embaraços do inimigo, redobrava de actividade, e na primavera de 666 tomava a offensiva, destroçando primeiramente os bythinios, e em seguida os romanos, que fugiam diante d'elle, acolhendo-se apavorados a Pergamo, a Apamea, e a Laodicea, abandonando por toda a parte o campo ao temivel e astuto rei do Ponto.

Feliz e triumphante, Mithridates teve a suprema alegria de saber que Sylla tomava Roma, e accendia na cidade soberana e invencivel, o facho de uma das mais sanguinolentas guerras civis de que ha memoria. A noticia d'estes horrores veio dar-lhe novo prestigio. A Asia comprehendia finalmente que chegára o ensejo propicio para vingar antigos aggravos e oppressões, e por isso agrupava-se em torno da figura heroica do monarcha audacioso, acclamando-o voz em grita, salvador e protector de numerosos povos.

Quando o triumphador se apropinquava de Laodicea, a fortaleza abria-lhe espontaneamente as portas, e apressou-se a entregar-lhe os romanos que alli se haviam refugiado, juntamente com o general Quinto Oppio. Outras cidades seguiram o exemplo d'esta. Mytelene entregou-lhe tambem Manio Aquillio.

Foi espantoso o fim d'este general romano. Os de Mytelene amarraram-no a um jumento, açoitaram-no, vilipendiaram-no, e mandaram-no n'este deploravel estado aos arraiaes de Mithridates, estabelecidos em Pergamo.

O rei do Ponto, cruel como era, não quiz perder o ensejo de saciar no

pobre prisioneiro o seu odio a Roma. Foi recebel-o com o sequito dos seus generaes, e mandou formar o exercito para assistir á tremenda execução. Ao romano, que lhe supplicava o perdão, em nome dos antigos tractados celebrados, respondeu :

—«Queres piedade? Não sei para que a pedes. Tu querias ouro, era esse o teu sonho constante, e eu vou dar-t'o, muito, mais do que tu nunca sonhaste!»

E mandando vir do seu thesouro algumas barras do precioso metal, mandou-lh'as deitar derretidas nas guelas, para lhe saciar a avareza da raça, causa de toda aquella guerra de exterminio!...

Desvairado pela sede do sangue, aquelle principe cruel deu ordem, depois d'este pavoroso supplicio, para que n'um dia determinado fossem massacrados todos os romanos que havia na Asia, escravos ou livres, sem distincção de sexo nem de edade. Ordenou ainda que os cadaveres das victimas d'esta horrorosa hecatombe fossem expostos ás aves de rapina e ás feras das florestas, e os seus bens confiscados, sendo metade para os executores d'esta sentença, e metade para o thesouro real. Cruel e avarento, taes eram os predicados mais salientes do famoso rei do Ponto!

Esta espantosa vingança consolidou o poder de Mithridates, e locupletou extraordinariamente o seu thesouro, por isso que entre os romanos trucidados estava o monopolio das riquezas asiaticas. Os confiscos produziram-lhe muitos milhares de talentos, e o seu dominio alargava-se por toda a Asia e pelas ilhas do Archipelago, á excepção de Rhodes, a unica ainda fiel aos romanos, e onde Lucio Cassio conseguira refugiar-se contra aquellas espantosas reprezalias.

Depois de haver sujeitado ao seu dominio a Asia, o rei invadiu a Grecia, pela Thracia e Macedonia, que dividiu logo em satrapias, e occupou militarmente. Cahindo como um abutre sob a graciosa Delos, o emporio commercial romano, conquistou-a em tres dias, e mandou passar ao fio da espada vinte mil romanos, entre soldados e commerciantes. Foi um dia horrivel o d'esta medonha execução. O sangue corria em ondas vermelhas sobre aquella terra da poesia, illuminada pelo mais formoso sol do mundo, e os gritos afflictivos das victimas erguiam-se ao azul do ceu, como um protesto ardente contra tão espantosas monstruosidades!...

De ilha em ilha, de cidade em cidade, o exercito real levava a toda a Grecia o exterminio dos romanos, que eram trucidados aos milhares. Os gregos, pelo terror e pelo interesse, alistavam-se no partido do barbaro triumphador, que tomava ares de libertador do territorio, e repousava das suas tremendas carnificinas, arengando aos povos gregos, e promettendo-lhes os beneficios da liberdade. Não era orador, mas lá estava ao seu lado Aristion, o grego, seu escravo e seu amante, a cujas caricias torpes se entregava em publico, depois dos seus triumphos oratorios, que d'este modo recompensava. O repugnante rhetorico, ainda manchado d'estas copulas nefandas, subia á tribuna, e mesmo em Athenas, na cidade sagrada da eloquencia, no Areopago augusto, ouvia-se aquella voz nefanda, fazendo o panegyrico do amo, e apregoando as vantagens da sua alliança e amizade!...

Em pouco tempo, Mithridates tinha occupado Athenas, a Achaia, a Laconia, a Beocia, a Thessalia, a Grecia inteira!

Apezar das ondas de sangue que corriam nas ruas de Roma, a noticia d'estes horrores, e d'estes triumphos imprevistos, chegou ao conhecimento de Sylla.

O dictador estremeceu de colera, mas no primeiro momento hesitou.

Que havia de fazer?

Sahir da cidade, empenhar-se n'uma campanha contra o audacioso rei do Ponto, vencel-o, esmagal-o, vingar o nome romano, era o seu desejo. Mas Roma, que elle conquistára? Roma, que era agora o seu dominio tão invejado, e que aproveitando a sua ausencia se entregaria, como uma cortezã facil, nos braços do primeiro homem de genio e energia, que se lhe apresentasse?

Mal elle partisse, Mario voltaria, e a tyrannia dos avançados não se faria esperar tambem. Bem o sabia elle, e por isso hesitava. Mas ficar, seria uma vergonha eterna, porque só elle era capaz de punir o audacioso rebelde, o cruel inimigo da republica, que estava pondo a ferro e fogo todo o Oriente, e escarnecia do nome romano, massacrando tantos milhares de cidadãos.

O dictador poz de parte todas as duvidas e partiu para o Oriente. Na primavera de 667 desembarcava no Epiro, com trinta mil homens. Era um rasgo de audacia admiravel, porque estava sem dinheiro e sem navios. Roma, empobrecida, não lh'os podia fornecer.

Encarou serenamente a situação, e embarcou-se cheio de resolução n'essa aventura, de cujo resultado dependia a sua gloria, o seu futuro, e o futuro de Roma. A fortuna premiou-lhe a ousadia. Em pouco tempo, a Grecia novamente submettida aos romanos, fornecia-lhe recursos e viveres. Só Athenas, occupada por Archelao e Aristion, resistia tenazmente com o porto do Píreu. Sylla foi pôr-lhe um apertado cerco, que durou todo o inverno de 667 a 668.

Era energico o ataque dos romanos, e tenaz a resistencia dos sitiados. De parte a parte se praticavam prodigios de heroismo. Sylla mandou arrazar os bosques sagrados que cercavam a famosa cidade, os parques do Lyceu e os da Academia, para construir torres elevadas que dominavam as muralhas. Era tambem com os destroços d'esses bosques seculares, testemunhas de tantos mysterios do rito grego, que se aqueciam as tropas nas noites frigidissimas d'esse inverno, tão implacavel como o odio dos contendores. A destruição dos romanos não poupou tambem os templos, ricos de alfaias e de offerendas sagradas. Escasseavam os viveres, e era mister obtel-os, custasse o que custasse. Por isso nada se poupava. Epidauro e Olympia viram-se despojados das suas opulencias. Chegou até a vez de Delphos. Quando o enviado do general romano, entrou na cella mysteriosa do templo, para se apoderar das suas riquezas, a lyra do deus resoava lá dentro, ferida talvez pelo proprio Phebo, n'um carme doce e maguado!... O romano tremeu e hesitou, e n'aquella preoccupação de pavor religioso, escreveu a Sylla, contando os seus escrupulos. O dictador sorriu-se, e respondeu-lhe que nada receiasse. A resposta ironica alentou a coragem do enviado, e dissipou-lhe os fumos do terror religioso. Eram incalculaveis as riquezas do templo, e havia alli recursos para activar o ataque, e obter a victoria.

E Delphos, a mysteriosa mansão do louro Phebo, foi saqueada, e as suas riquezas lá partiram para o acampamento de Sylla, sendo preciso até fazer em pedaços o tonel de prata macissa, que não podia ser conduzido em nenhum carro, por maior que fosse. Muito complacente devia estar o deus n'esse dia fatal, porque, mesmo em presença d'aquelle nefando sacrilegio, a sua luz doirada não deixou um momento de illuminar a estrada, por onde partia para as immediações de Athenas o seu despojo sagrado!...

O cerco prolongou-se até março. A fome dizimara os sitiados, e um invencivel desalento diminuia-lhes já de ha muitos dias a coragem. Uma noite, Sylla ordenou uma investida temivel, e ao clamor estridente das trombetas, e á luz sinistra dos incendios que mandára atear em varios pontos, entrou em Athenas, entregando-se com os seus soldados, sedentos de sangue e de vingança, a um saque implacavel.

Correram ondas de sangue desde a Ceramica até ao Dypilo. A cidade foi incendiada, e o numero dos mortos assumiu proporções imprevistas. Praticaram-se atrocidades extranhas n'essa noite memoravel, cujo horror excede tudo quanto a imaginação dos poetas attribue ao inferno das mais pavorosas religiões antigas e modernas. Roma justificava bem a sua crueldade legendaria, cevando antigos odios e aggravos n'aquellas tropas de espectros, que tanto heroismo haviam desenvolvido na defeza dos seus lares!...

A victoria de Athenas não mudara a fortuna do general. O cynismo que lhe dava á physionomia cruel um riso sardonico ia-se mudando pouco a pouco em uma expressão odienta, que o tornava verdadeiramente espantoso. Mithridates assegurava-se de toda a Macedonia, fechando por alli a passagem aos romanos para a Asia. De Roma não podia esperar soccorro. Era precaria a situação financeira da republica, mas, que o não fosse, Sylla do mesmo modo estava perdido. Cinna, á frente dos avançados, era agora o senhor supremo da metropole, e na embriaguez do triumpho fizera demittir o general do seu commando, bania-o, arrazava-lhe a casa, saqueava-lhe o patrimonio. Dentro em pouco, passaria pela ignominia de ter de entregar o commando ao successor que Cinna lhe nomeára, a Marco Valerio Flacco, prestes a chegar ao Oriente. Sylla estava perdido, perdido sem remedio, na occasião em que conseguira segurar Athenas, e impor o prestigio do terror a toda a Grecia!...

A sorte protegia-o, porém, e a situação ia mudar dentro em pouco. Mas salval-o como? Dementando, como Jupiter costumava fazer aos que resolvia perder, o astuto rei do Ponto. Mithridates, resolvido a acabar com o romano n'uma batalha campal, mandou evacuar o Pireu, onde o grego Archelao resistia ainda, e mandou dirigir as tropas em columna cerrada ao encontro de Sylla. Funesta deliberação! Sem ella, Flacco, investido do commando das legiões do Oriente, encontrar-se-hia com Sylla junto de Athenas, e travaria com elle a guerra fratricida, que asseguraria o triumpho a Mithridates! .. Flacco já havia a esse tempo desembarcado no Epiro, e vinha a marchas forçadas sobre a Thessalia.

Mas a sorte guardava Sylla para novos horrores, e não queria inutilisal-o assim. Seria um erro deploravel, que pouparia rios de sangue romano, e

bom era que o sangue romano corresse, em desaggravo de tantos horrores por toda a parte praticados. As ruinas fumegantes de cem cidades, e os clamores de milhares de povos trucidados, não cessavam de clamar vingança ao destino contra os barbaros conquistadores.

Devia cumprir-se o decreto da sorte!...

Os dois exercitos, o romano e o de Mithridates, encontraram-se, pois, em Cheronea, e apesar das forças numerosas dos gregos e dos pontinos, Sylla ganhou victoria, uma victoria extraordinaria, mas que pouco influiu na sua situação difficil, porque não tinha navios, e não podia passar á Asia!...

Estamos longe do nosso assumpto, mas tão interessante é esta campanha, que não resistimos ao desejo de a contar até ao fim. Os leitores não nos levarão a mal esta digressão, que ainda assim não é de todo inutil para se apreciar a situação de Roma, na lucta que os lusitanos vão emprehender contra ella, sob o commando de Sertorio.

Depois da batalha, os dois exercitos romanos acampam um em frente do outro em Melitéa. Não iam dar batalha, porque Flacco temia a deserção das tropas para Sylla, de que já tivera uma amostra, vendo passar para o general seu competidor a guarda avançada do seu exercito. N'esta conjunctura, Flacco foi para a Macedonia, para passar á Asia pela Thracia. Sylla voltou para Athenas a esperar o novo exercito que Mithridates mandava á Grecia, exercito que Sylla destroçou em Orchomene em 669, n'uma matança legendaria, que por muitos seculos perpetuou na região a memoria dos seus horrores.

«Ficou lembrada a matança d'esse dia, diz um historiador. Os charcos tintos de sangue, o lago entulhado de cadaveres, attestavam o destroço humano, e, dois seculos depois, ainda os gregos achavam no lodo arcos e capacetes, pedaços de couraça e espadas de mistura com os ossos dos cadaveres.»

Esta serie de victorias aggremiára em volta de Sylla todos os emigrados de Roma, que procuravam escapar á dictadura feroz de Mario e á selvageria de Cinna.

Forte com estes contigentes, o general dirigiu-se para a Asia, hibernando na Thessalia. Precisava de navios, e encarregou Lucullo de lh'os obter, mandando-o partir para a Syria com esse fim.

N'este meio tempo, começavam a correr mal os negocios de Mithridates na Asia. Os povos resolviam insurgir-se contra os satrapas do rei do Ponto, e o rei, furioso por tantos revezes, desenvolveu uma energia extraordinaria, abolindo, todas as dividas, e armando em soldados todos os pobres, a arraia miuda até então esmagada e desprezada. Eram taes os horrores praticados pelos seus delegados, que pouco a pouco as regiões não tinham remedio senão reagir contra o seu dominio.

Por outra parte, Flacco sem prestigio entre os seus soldados, vê-os de um momento para outro rebellados á voz de Fimbria, seu official, que o destitue do commando e o assassina, marchando logo em seguida contra Mithridates, a quem ganha a batalha de Miletopola, deixando ainda assim escapar o rei para Mytelene.

Lucullo não perdera o tempo. Na occasião em que Fimbria ganhava esta

importante victoria, o enviado de Sylla chegava ás aguas asiaticas com a fronta syria.

Estava realisada a aspiração de Sylla. Á frota que organisara na Thessalia, reunia-se agora a frota syria de Lucullo, e permittia-lhe finalmente passar para a Asia na primavera de 670.

Mithridates e Archelao viam-se perdidos, e queriam negociar a paz. Havia, porém, dois generaes romanos, ambos fortes e poderosos. Com qual d'elles a negociariam? Na duvida, como a situação ficasse cada vez mais urgente, fizera propostas a ambos.

A Sylla prometteu Archelao em Delos auxilio para a guerra que ia haver na Italia. As condições de Sylla eram, porém, mais exigentes. Queria que as cousas voltassem ao estado em que se encontravam antes da guerra, a entrega dos prisioneiros e desertores, oitenta navios e tres mil talentos, como quem diz tres mil tresentos e trinta contos de reis.

Archelao, comprehendendo o desesperado da situação, annuiu, mas Mithridates, menos transigente rejeitou, recusando os navios, reclamando a Paphlagonia e allegando que se dirigiria a Fimbria, cujas condições eram menos onerosas.

Mas Sylla, impaciente, não era para estas delongas de negociações, e por isso declarou que ia continuar a guerra, deixando á sorte das armas a conclusão do tractado. Archelao, mais prudente de que o rei, empregou todos os seus esforços para se chegar a um accordo, e Mithridates afinal, convencido da inefficacia das suas tergiversações, não teve remedio senão acceitar, firmando a paz em Dardano.

Concluida a paz, Sylla continuou a sua marcha na Asia. Não se tratava agora de combater Mithridates. Era mister vencer Fimbria, esse aventureiro, que podia, agora que o caminho estava aplanado, transformar-se n'um competidor temivel.

Roma, entregue a uma dictadura nefasta, era a preoccupação constante do general. Urgia voltar para a Italia, como triumphador, mas por isso mesmo, não podia deixar atraz de si aquelle inimigo, que lhe amesquinharia os resultados, e se apoderaria de uma grande parte da sua gloria.

Fimbria, a esse tempo, acampara em Thyatira junto a Pergamo. Foi ahi precisamente que Sylla o foi procurar, assentando o seu arraial em frente do competidor.

Cahir sobre elle, apenas chegou, ter-lhe-hia sido facil, mas Sylla não queria agora matanças inuteis. Os soldados do general eram superiores em numero e avantajavam-se em disciplina aos de Fimbria, mas o maior perigo para este consistia na sympathia que o seu competidor inspirava ás suas tropas. As deserções não se fizeram esperar. Logo no primeiro dia, as fileiras de Sylla foram engrossadas com algumas centenas de desertores.

Sylla, além d'isso, fomentava-as, e rico agora com os recursos obtidos de Mithridates, começou a pagar bem aos que se apresentavam. Fimbria receiou uma debandade geral, e por isso apressou-se a ordenar o ataque. Os soldados, porém, recusaram-se a combater, e o pobre aventureiro, vendo-se abandonado,

fugiu para Pergamo, e desvairado por aquella decepção cruel, suicidou-se.

Morto o general, o exercito debandou. Nem para todos era Sylla sympathico. Alguns preferiram passar para Mithridates, outros fizeram-se salteadores e piratas, outros finalmente entregaram-se ao general victorioso.

Antes de partir para a Italia, Sylla lembrou-se que tinha ainda muito sangue a derramar, para que o rasto da sua funesta passagem ficasse ainda mais avermelhado.

Em primeiro logar, mandou trucidar muitos dos soldados que se lhe haviam entregado, e de cuja fidelidade suspeitava. Mesmo aquelles a quem perdoou, por um excesso de prudencia, não os levou comsigo para Italia. Deixou-os nas guarnições da Asia, sob o commando de Murena.

E os morticinios commettidos nos romanos antes da sua vinda? Haviam de ficar impunes?

Não era Sylla homem que esquecesse os reus d'esses attentados.

Havia quatro annos que esses morticinios crueis haviam sido praticados, e alguma desculpa mereciam tão deploraveis acontecimentos, porque grandes, enormes, haviam sido sempre as exacções dos romanos.

Mas poderia o barbaro general, que tanto sangue derramou durante a sua sinistra passagem na terra, conformar-se com similhante raciocinio?

Não. Era mister que corressem novos rios de sangue, era mister que entre aquelles povos finalmente submettidos se conservasse um terror salutar, que impedisse novas carnificinas.

Antes de partir, mandou matar os principaes reus d'esses morticinios. E como não podia matar toda a população, quiz deixar-lhe uma recordação terrivel da sua boa vontade de a esmagar. Restabeleceu os impostos, obrigando ao pagamento dos cinco annos em divida, levando a exacção até onde a sua avareza e cynismo a podiam levar.

Lucullo, bem conhecido pela sua ambição e barbaridade, ficou encarregado d'esta violenta cobrança, e só depois de ter regulado os seus negocios é que o famoso general partiu para a Italia.

Assim terminou esta campanha de Sylla na Asia, que deu novo alento ao futuro dictador.

Contamol-a, porque por ella podemos definir bem o caracter do homem a quem a peninsula iberica deveu a insurreição de Sertorio.

Vimos Sylla em acção, desenvolvendo todos os recursos do seu talento, no empenho de grangear nome que lhe abrisse as portas de Roma. Podémos avaliar bem o que valia essa politica romana, n'aquella épocha de decadencia da republica, no momento em que as instituições primitivas estavam proximas a baquear, impellidas por todos os aventureiros que surgiam, fortes para a lucta, e para a divisão da presa cobiçada.

Sylla é um typo curiosissimo, e cuja analyse muito interessa ao estudo dos costumes romanos do seu tempo. Por isso nos detivémos na contemplação d'esta physionomia, embora para isso tivessemos de interromper por um pouco o assumpto principal a que nos dedicámos.

........................................................................

Se os leitores quizerem conhecer melhor o caracter e a physionomia do famoso dictador, vejam este retrato, traçado por mão de mestre:

«Sylla fôra em rapaz um fidalgote devasso e arruaceiro, filho-familia perdido, como Roma principiava a produzir, e como cada dia produziria mais; como eram os nossos filhos segundos no seculo XVIII, toireiros, espadachins, rufiões, que ás vezes descambavam em bandidos. As aristocracias produzem esses fructos, quando se encontram decadentes, abatidas pelos burguezes capitalistas: os antigos instinctos da nobreza prevertem-se. O marquez de Pombal, antes do seu governo o tornar celebre, já dava que fallar em Lisboa pela sua vida desregrada... Sylla era neto de Publio Cornelio Rufino que fôra consul em 464 e em 467, na guerra de Pyrrho. A familia não dera posteriormente mais homens publicos.

«Era um rapaz loiro, com a pelle singularmente branca e uns olhos azues vivissimos. Havia o quer que fosse repellente n'essa face deslavada que traduzia todos os sentimentos, córando com facilidade, injectando-se de sangue, malhada de nodoas de panno ou melancholia. Passára a mocidade pelas tabernas, theatros e prostibulos de Roma; os bufões, os mimicos e os actores eram a sua sociedade favorita; e já em moço mostrava na libertinagem uma tendencia dura. Sem ser arrebatado era friamente cruel. Homem do mundo, frequentava os salões elegantes, vestia-se bem, fallava a primor o grego, tinha uma cultura perfeita e era requintado nas maneiras. As mulheres encantavam-se com a sua fama de devasso; os rapazes da moda tinham-no todos por amigo: sabia beber, sabia fazer ditos. Sem ser propriamente um bravo, não era todavia cobarde. Ria de tudo e até ás vezes de si proprio. Fallava com facilidade e alegrava a conversa com pilherias e anedoctas. Compunha farças e comedias para os theatrinhos particulares dos salões elegantes, onde a moda litterata, a imitação grega, reinava tanto como entre nós a franceza. Parece que cantava razoavelmente. Quinto Roscio, o Talma d'esse tempo, era o seu melhor, o seu mais intimo amigo. Nada tinha do caracter romano, severo e serio; e do temperamento latino apenas lhe restava a inclinação para os prazeres grosseiros da rua, de noite, nas orgias pelos theatros, pelas tabernas e prostibulos. Nas salas era um grego.

«Indolente e epicurista no sentido vulgar da palavra, não sentia ambições nem illusões: deixava correr os annos divertindo-se. O mundo affigurava-se-lhe uma farça de que nem sequer se incommodava em rir, porque entrava de boa vontade n'ella como actor. Religião não tinha; mas como fosse de mau gosto ser-se atheu, affectava um respeito aristocratico pelos cultos, cumprindo ironicamente todas as regras. No fundo, porém, era supersticioso como todo o homem que, sem aprofundar os problemas da existencia, a considera um jogo de azar; supersticioso, porém, de um modo intimo, quasi inconsciente e como que envergonhado, sem aquella fé rude e popular que Mario, por exemplo, punha nos vaticinios da prophetisa syria ou nos augurios do etrusco. Essas crenças eram boas para o povo. Mas, ao achar-se envolvido nas guerras e batalhas da segunda metade da sua vida, trazia sempre ao pescoço uma estatueta de oiro, de Apollo, fetiche tomado no thesouro de Delphos, e beijava-a então

ferverosamente com uma quasi-fé instinctiva. Quando na Grecia mandou saquear, porém, os templos sagrados, dizia a rir que não tinha medo, porque os deuses não deixariam de proteger quem trabalhava com o dinheiro d'elles. Com isto imaginava-se vagamente protegido por Aphrodite. O seu pensamento era obscuro, embora fosse culta a sua intelligencia, e, por isso, apezar da sua grande capacidade, não tinha genio.

«Não o tinha tambem porque a vontade, obliterada pelo scepticismo, não o impellia. Julgava-se um ser levado á toa pelo acaso: acreditava-se irresponsavel. Era um enfastiado (*blasé*). Nada ambicionava. O consulado não possuia encantos para elle, como para as seus collegas aristocratas: se não tinha ideias, ambições, nem planos de reformar o mundo! Succedia tambem não ser rico, e a relativa pobreza ajudava a sua indolencia. Um dia, porém, a cortezã Nicopolis deixou-o herdeiro dos seus bens, e isto, com a fortuna da sogra, enriqueceu-o. Por desfastio, pela rotina, que invariavelmente chamava os nobres aos cargos publicos mais tarde ou mais cedo, viu-se eleito (em 647) questor para o exercito que Mario commandava em Africa contra Jugurtha. Tinha então trinta e um annos, pois nascera em 616.

«Mario, o plebeu, que tomava as cousas a serio, recebeu mal o homem do mundo sceptico e amaneirado. Tractava com desdem esse rapaz que, sem o offender,—pois o general só tinha em conta a bravura rude,—lhe parecia desprezivel por ser futil. Via-se um romano de lei em frente de um greculo, e, guardadas as proporções, presenceiava-se outra vez a rivalidade antiga de Catão e Scipião. Catão feito Mario, Scipião feito Sylla, mostram bem o abatimento constitucional da republica encarnada agora em dois soldados.

«Porque Sylla, picado na sua vaidade de homem, propoz-se a ser tambem general. Exercitava-se nas armas, aguçava a sua intelligencia perspicaz, ganhando rapidamente aquelles dotes de rapoza e leão de que o consul Cerbo fallava. A astucia, o calculo, a frieza para preparar a acção, depois o denodo e a bravura para a empenhar, deram logo em Africa, especialmente no episodio da captura de Jugurtha que o poz em evidencia, a medida de capacidade do novissimo cabo de guerra. Mario não desprezava já o janota hellenisado—o *franchinote*, dizia-se entre nós no seculo XVIII, e odiava-o agora, vendo-o roubar-lhe a melhor metade da gloria da campanha jugurthina. A guerra dos cimbrios accrescentou-lhe a fama; todavia os salões, as mulheres, os theatros da capital tinham para elle mais attractivos do que as guerras e acampamentos.

«Em 661 foi eleito pretor e espantou Roma com as festas que deu; sobretudo a caçada de cem leões que lhe mandara o rei da Mauritania, foi celebrada como um *chic* novo na roda elegante, e acclamada enthusiasticamente pelr multidão ignara. Favoreceu-o a sorte, dando-lhe n'esse anno a complicação de Cappadocia invadida por Mithridates. Enviado á Asia sem grande trabalho, voltou coroado de louros. Era já um homem importante, e, como pertencia á aristocracia, os oligarchas contavam-no como seu para o opporem a Mario, o idolo dos democratas.

«Em 663 veio a guerra marsia começar a segunda metade da sua vida.

A força das cousas tinha-o arrastado, e a sua indolencia natural e aristocratica viu-se forçada a ceder. Sem se preoccupar com o odio quasi grotesco de Mario, á frente do seu exercito ia pouco a pouco definindo a sua posição. O mundo elegante d'onde sahia pedia-lhe que o remisse da tyrannia dos demagogos; a sua vaidade pessoal era excitada por mil agulhas; a crise romana reclamava um salvador. Que faria elle, homem sceptico e sem escrupulos, lucido mas sem genio: que podia fazer senão lançar-se no caminho preparado por Mario quando déra um caracter novo ás instituições militares? Passou a fazer a côrte ao soldado com a mesma arte de que usara com as mulheres, e conquistou as tropas como conquistára os salões. Do *leão*, nasceu um condottiere, que veio sobre Roma, tomou-a (666) e conquistou o consulado com a mesma espada com que exterminava os democratas. A' maneira que a idade crescia (tinha então 50 annos), á medida que se achava mais empenhado em luctas mais graves sem perder a ironia nem o sangue frio, ganhara uma crueldade acerba que vinha do seu desprezo pela vida alheia, da sua falta absoluta de transcendencia e de humanidade. Ainda assim, foi relativamente moderado no seu primeiro governo, e d'isso mesmo se queixava a aristocracia que, suppondo ter ganho n'elle um instrumento, via ter levantado um verdadeiro tyranno. Os murmurios eram consideraveis.

«Talvez tambem isto concorresse para o decidir a partir para a Asia contra Mithridates em 667... Tudo se conspirou para accentuar o typo ferino, desapiedado e satanico do general nos seus ultimos tempos. Tinham-no banido, tinham-lhe confiscado os bens: sua mulher, seus filhos, eram forçados a ir para a Grecia acolher-se debaixo da sua protecção. Deixavam-no primeiro sem meios, depois mandavam-lhe um substituto com um exercito para o combater e o perder. Assaltou-o uma furia tão grande como a de Mario, quando se viu banido em 666; mas como era frio, bem educado e despido de illusões, não mostrou coleras—dissimulou, fez-se raposa, até ao momento de poder largar o salto como um tigre. As malhas da sua face pareciam agora como as da pelle d'esse animal. Chamava-se a si proprio *felix*, o afortunado—ou o tigre, felino. Tudo quanto fazia era dirigido ao fim terrivel da sua vingança. Nos boletins das batalhas encobria os mortos que perdia, para ajudar a formação da lenda. Mandava diante de si uma legenda de terror. E comprava, seduzia o soldado por todas as fórmas, porque essa era a ancora da sua victoria final sobre Roma.

«Quando chegou, venceu, usando as manhas da raposa e a força leonina, mas a primeira noite que passou de novo em Roma não poude dormir—e com motivo. N'essa noite via-se rei, elle que não tinha ambições; via sobre os hombros o peso do governo, elle que, enfastiado sempre, não queria saber da arte de reger os homens, nem tinha inclinação nem genio para isso. Via, porém, o campo aberto á sua vingança e escogitava os ditos, as ironias e as crueldades ferinas, de que ia servir-se contra os inimigos. Das cogitações d'essa noite nasceu a chacina dos samnitas no circo Flaminino e o dito atroz ao Senado no campo de Bellona. Não se esquecera, porém, de trazer de Athenas devastada as obras de Aristoteles, como presente a Roma já incapaz de as en-

tender. E um dia que um poetastro lhe apresentou um panegyrico sordido e baixamente adulador, mandou-lhe dar uma gratificação do espolio dos vencidos, sob clausula, disse rindo, de não reincidir.

«Soberano, senhor da republica, pode affirmar-se que do odio antigo lhe ficasse só a fereza: vingava-se por se vingar, por distracção, por desenfado, com furia similhante á de Mario, com um cynismo franco, deliciando-se sem offender os ingenuos que instinctivamente supportam todas as coisas, emquanto lh'as não dizem pelos seus nomes. A crise romana fizera desabrochar-lhe o temperamento, amadurecendo tendencias de que tinha a semente mas que não chegariam a germinar, se tivessem sido outros os acasos da vida. Assim, tornou-se a imagem do supremo desdem presidindo á ordem romana como um Satan: desdem da honra e da virtude, desdem da gloria e do poder, desdem da vida alheia! Taes são os ultimos homens syntheticos que as aristocracias requintadas produzem. Salva a differença dos tempos e o sem numero de peias que a educação moderna põe á expansão da vontade, Sylla parece um Morny. Mario é a loucura taurina em que a brutalidade plebeia vem a dar tambem nas horas de crise desenfreada. Qual dos dois valerá mais?...»

.....................................................................

Não é nosso empenho contar agora as atrocidades da dictadura de Sylla, que encheu Roma de sangue, e espantou o mundo inteiro com os seus horrores. Apresentamos incidentalmente o retrato do dictador, para melhor se comprehender a situação tumultuosa da republica e a insurreição de Sertorio na Lusitania.

Sertorio é um aventureiro de genio, que consegue alcançar uma reputação invejavel, e valer-se d'ella para se elevar ao mais alto destino. Partidario de Mario, e inimigo implacavel de Sylla, emquanto o dictador procurava esquecer o tedio em Cumas, onde tinha uma côrte de amantes, actores, musicos e bailarinas, Sertorio batido na Hespanha pelas legiões de Sylla, acolhia-se á Africa, vencido mas não desalentado, para ruminar o seu plano de vingança.

Valente e astuto, eram legendarios os seus feitos. Nos primeiros annos da sua mocidade, foi advogado em Roma, onde a sua eloquencia pratica lhe grangeou no fôro grande auctoridade. Um dia interrompeu esta carreira, e partiu para a Gallia, onde egualmente se tornou distincto, praticando as façanhas que se podem lêr em Plutarcho. Conta-se que perseguido uma vez junto do Rheno, se deitára ao rio, atravessando-o a nado armado de couraça e escudo. São numerosos os seus rasgos tanto de astucia como de bravura n'essa campanha. Admirava-se a coragem que tivera de se fazer barbaro, para espiar no campo inimigo, illudindo completamente os gaulezes, por isso que conseguira aprender-lhes a lingua e os gestos, e se apresentava exactamente vestido como elles.

Mais tarde na Hespanha renovou com felicidade este rasgo de audacia quasi inacreditavel. As tropas romanas estavam em Castulo, onde se viram forçadas a assentar os quarteis de inverno. Os carthaginezes entram de subito na cidade, aproveitando um descuido das vedetas, e fazem uma carnificina horrivel nos soldados desprevenidos. Sertorio, acompanhado de alguns homens

resolutos, consegue envolver n'um circulo os invasores, passa-os ao fio da espada, e em seguida manda vestir aos soldados os depojos dos mortos. Graças a este estratagema, consegue entrar nas posições carthaginezas, onde é recebido como amigo e companheiro.

A sua inimisade com Sylla proveio da opposição que o futuro dictador creou á sua ambição de alcançar o tribunato. Por isso passou para o partido de Mario, e pretendeu na Hespanha sublevar os barbaros das regiões occidentaes. Repellido pelas forças de Sylla, acolhe-se ás Baleares, e passa mais tarde á Africa, onde tomou Tingis, com as tropas que se lhe haviam conservado fieis, e depositavam n'elle uma grande confiança.

Os lusitanos, esmagados pelo despotismo romano, procuravam um homem de valor que acceitasse o commando da insurreição que ha tanto tempo planeavam, e que já haviam mesmo começado, embora com diminuto exito. Sertorio, com o triumpho completo de Sylla, via perdidas as suas esperanças, via-se reduzido talvez para sempre á condição de rebelde, banido, com a cabeça posta a preço. O descontentamento d'este homem illustre, a sua primeira tentativa de insurreição dos povos hespanhoes contra o jugo romano, eram elementos seguros, com que os lusitanos contavam. Apressaram-se, portanto, a mandar emissarios a Africa, e Sertorio, apesar de a esse tempo haver alcançado n'aquella região um pequeno governo independente, acceitou as propostas dos lusitanos.

O novo general chegou á Lusitania em 675, e cuidou logo de organisar os elementos que encontrou. Haviam-se agrupado em torno d'elle uns tres mil romanos emigrados e desertores. Em breve estava formado um exercito numeroso, composto d'estes soldados e das guerrilhas lusitanas, organisadas e disciplinadas á romana. Com estas forças aventurou-se na sua campanha contra as tropas do dictador, desbaratando Lucio Fufidio sobre o Betis, e matando-lhe dois mil soldados.

Ha quem julgue pouco provavel ter Sertorio sido chamado pelos lusitanos, opinando outros que fossem os partidarios de Mario disseminados na Hespanha quem enviára emissarios a Sertorio. Seja como fôr, os lusitanos reconheceram-no como chefe, e correram de toda a parte a alistar-se nas suas bandeiras, o que produziu em Roma a mais desagradavel impressão.

Quinto Metello e Marco Domicio Calvino, enviados de Roma em perseguição do rebelde, tiveram um fim desastroso. O exercito de Sertorio, alentado por estas primeiras victorias, recebia expontaneamente novos reforços de guerrilhas lusitanas e celtiberas, e o general foi considerado unanimemente o o salvador da região.

O successo das suas armas e a boa disposição dos povos para com elle incutiram-lhe no espirito as mais elevadas ambições. Não era já o aventureiro de Tingis, que se alliava com os piratas da Cilicia e com os regulos africanos, sem um fim determinado, vivendo de planos que successivamente se desfaziam como sonhos, e que variavam de dia para dia. Agora era o chefe de uma região importantissima, que lhe dava elementos seguros para se bater com as legiões do dictador. A ideia da patria não se lhe apagava do animo, porém,

nem mesmo com os fumos da sua vaidade satisfeita. Considerava-se como um governador romano, presidindo uma colonia florescente, embora não reconhecesse o poder do seu inimigo odiado. Combatia contra os romanos, mas no seu espirito não havia a menor ideia de traição á patria; era ao dictador que elle pretendia ferir com as lanças dos seus soldados, procurando minar-lhe o poder, já que não podia arrancar-lhe a vida.

Nenhum dos partidos que em Roma se batiam era a esse tempo o seu partido. Todos o odiavam pelas qualidades do seu caracter, que o collocavam muito acima d'esses aventureiros vulgares e até do proprio Sylla, de cujo cynismo e perfidia tanto se distanciava. Havia n'aquelle sabino de genio predicados que lhe conciliavam a confiança e a dedicação dos povos. Os lusitanos adoravam-no pela sua nobreza e pela inteireza de todos os actos da sua vida. Tinham n'elle um cega confiança, porque o viam decidido a vingar aggravos, e embora fosse romano, a proceder para com os povos indigenas, segundo as normas da justiça que o seu coração lhe dictava.

A insurreição dos lusitanos provinha de causas, a que já por tantas vezes nos temos referido. A situação dos povos conquistados era extremamente difficil e penosa.

E o que os lusitanos odiavam mortalmente, o pesadello que os atormentava era a escravidão.

Junte-se a isto o descontentamento dos *hybridos*, de que já fallamos, e o descontentamento que produzia a politica tumultuosa da republica, á mercê dos caprichos sanguinarios dos dictadores, e comprehender-se-ha a popularidade de Sertorio, a facilidade com que elle logrou consolidar o seu poder na Lusitania.

O talento do chefe soube aproveitar-se perfeitamente de todos os elementos que se lhe offereciam.

No intervallo das suas primeiras victorias, que lhe haviam assegurado o dominio de uma importante provincia romana, Sertorio cuidou de a organisar, desenvolvendo notaveis predicados de homem de estado. Instituiu um senado, á similhança do de Roma, e dava ao seu governo uma feição inteiramente romana, modelando-o pela organisação da metropole.

Os commandos dava-os de preferencia aos compatriotas, mas ainda assim, conciliava a cada passo a amisade e a benevolencia dos indigenas, tendo para com elles toda a especie de attenções e benevolencias.

Em Osca, cidade notavel, e uma das mais florescentes da sua provincia instituiu uma academia importantissima, onde havia um cuidado especial no ensino do latim e do grego. N'isto mostrava-se decidido partidario das ideias novas, e queria a todo o custo romanisar o seu dominio, embora a força das circumstancias lh'o fizesse governar independentemente da metropole.

Um dos actos do seu governo que maior popularidade lhe concitou, foi a diminuição dos impostos até então exigidos pela metropole. Os lusitanos, vexados pelo fisco romano, poderam então respirar mais desafogadamente, e no intervallo das campanhas applicavam-se com affinco á agricultura, de sorte que o novo estado cada vez se tornava mais florescente.

Renascia por toda a parte a prosperidade, e os campos vestiam-se de messes productivas, depois de tantos annos de devastação. Adoçavam-se os costumes, por tanto tempo prevertidos pela corrupção romana, e pelos funestos exemplos de uma libertinagem atroz. Até as proprias tribus selvagens e irrequietas do norte iam aproveitando os beneficios d'aquella civilisação, que parecia ter tomado uma face benefica e até ahi completamente ignorada.

Governando um povo composto de tantos elementos heterogeneos, Sertorio queria agradar a todos, e conseguia-o, graças á sua fina politica e ao seu espirito preventivo. Conhecendo o caracter supersticioso dos indigenas, e a volubilidade das suas aspirações, quiz impor-se por um prestigio fundado n'essa mesma superstição. Fazia-se acompanhar de uma corça, que dizia ter sido presente de Diana, e que lhe mostrava o futuro. O formoso animal, que tão precioso lhe foi, conversava com elle, em presença do exercito, e o astuto capitão simulava escutar-lhe os conselhos e os vaticinios. Se decidia a guerra, se mandava aprestar as tropas para uma campanha, a corça predizia-lhe o bom exito da empreza, e força era que a valentia dos soldados justificasse o prenuncio. Tanto póde a superstição nos animos rudes, e a convicção do auxilio sobrehumano, que esta habil comedia inspirava ás legiões de Sertorio despertava um verdadeiro heroismo!

E' a este estratagema do sabino que allude o nosso grande epico, nos *Lusiadas,* quando diz que os lusitanos levantaram por seu capitão

*«...um que, peregrino,*
*«Fingiu na cerva espirito divino.»*

Todos os dias novos contingentes vinham augmentar o exercito de Sertorio. Da Africa trouxera comsigo muitos mercenarios que se batiam com denodo a seu lado pelo odio que tinham a Roma. Perpenna, seu amigo intimo, trouxera-lhe da Sardenha vinte mil homens aguerridos e disciplinados. Os mercenarios, os proscriptos de Sylla, os descontentes chegavam todos os dias á côrte do famoso governador.

Se nos primeiros tempos, houve da parte dos povos ibericos alguma indifferença por esse movimento insurreccional, que para muitos se afigurava apenas uma contenda entre generaes romanos, a solidez das instituições de Sertorio, a austeridade do seu governo e a disciplina que sabia dar ás tropas que serviam sob as suas ordens, depressa dissipou todas as hesitações. Lusitanos e hespanhoes começaram a associar-se ao destino do heroe, e a consideral-o como o chefe destinado á gloriosa empreza de constituir uma nacionalidade, modelada embora pela organisação romana, mas, no emtanto, capaz de se governar sem dependencias aviltantes da metropole.

Ao espirito independente dos povos da peninsula, á sua tendencia para a emancipação de tutellas extranhas, não podia deixar de sorrir o plano apparente do general rebellado.

E' de crêr que Sertorio, dil-o mesmo a historia, não tivesse precisamente a ideia de realisar este plano:

«Ainda que guerreasse com as armas, com o dinheiro e com as cidades de Hespanha, diz a historia, nunca cedeu aos hespanhoes porção alguma da auctoridade soberana. Romanos eram os capitães e governadores, como quem se propunha dar a liberdade aos seus sem augmentar em prejuizo d'elles o poder dos hespanhoes.»

Seria assim. O que é certo, porém, é que bem diverso era o sentir dos indigenas, ao confiarem cegamente na fortuna de Sertorio, e ao agruparem-se em volta d'elle na dura contenda travada com o colosso romano.

Ebora, no centro da Lusitania, foi a capital por elle escolhida para o seu dominio. Alli fundou o seu palacio, cujas ruinas subsistiram por muitos seculos, attestando a simplicidade do viver do grande homem que abrigara. A sua familia compunha-se de uma criada e de tres libertos, segundo se deprehende da seguinte inscripção, colligida por André de Rezende (*Antiquitates Lusitaniæ*, Tomo I, pag. 263):

LARIB. PRO
SALUTE, ET INCOLU
MITATE DOMUS
QUINT. SERTORII
COMPETALIBUS. LUDOS
ET EPULUM VICINEIS
JUNIA DONACE DO
MESTICA EJUS, ET
Q. SERTOR. HERMES.
Q. SERTOR. CEPALO.
Q. SERTOR. ANTEROS.
LIBERTI.

Eis o sentido da inscripção:

«Junia Donace, criada de Q. Sertorio, Hermes, Cepalo e Anteros, seus libertos, celebraram festas e jogos com os seus visinhos em honra dos deuses Lares para a salvação e conservação da sua casa.»

Outra inscripção, citada por Vasconcellos, e que elle diz ter sido encontrada nas visinhanças da cidade, dá testemunho da dedicação da referida criada pelo illustre senhor que servia. Demonstra essa inscripção que a mesma Junia Donace tinha cumprido um voto que fizera a Jupiter, para que o seu senhor vencesse Pompeu e Metello.

E' a seguinte:

JOVI OPTIMO MAXIMO OB PULSOS
A QUINTO SERTORIO METELLUM ATQUE
POMPEIUM, JUNIA DONACE CORONAM
ET SCEPTRUM EX ARGENTO MUNUS AD
TULIT, ET FLAMINIÆ PHIALAM CÆLATAM
HIERODULIS NAM DEDIT.

Ebora, sob o governo de Sertorio, tornou-se em breve uma segunda Roma, em tudo e por tudo modelada pela grande metropole, cuja miragem o governador via constantemente no exilio, apesar de toda a gloria e prestigio que o cercavam.

Sobrevivem aos embates de tantos seculos decorridos alguns dos monumentos mandados construir pelo chefe, outros desappareceram para sempre, mas no emtanto a historia conserva-nos a recordação de todas as opulencias da capital lusitana, que teve n'essa épocha tão remota os seus dias de gloria e esplendor.

Se evocarmos esses tempos ruidosos da historica cidade do sabino audacioso, pasmaremos do esplendor d'essa miniatura de Roma, se penetrarmos com os olhos cheios de curiosidade, atravez de tantos seculos que nos separam da vida movimentada e pittoresca da antiga Ebora, no bairro populoso que encerrava o Forum e o palacio modesto de Sertorio, sentir-nos-hemos deslumbrados.

N'esse bairro, encontravam-se lojas, luxuosamente decoradas, onde se ostentavam mercadorias preciosas, trazidas para alli de diversas partes do mundo romano, e expostas aos olhares dos transeuntes, com uma magnificencia ostentosa, de que nem sequer fazemos ideia.

Dentro dos muros da cidade havia como que a synthese viva e animada de todo o luxo e opulencia romanos. Era um microcosmo gracioso de todos os inventos destinados a dourar os ocios dos endinheirados.

N'uma vasta praça murmurava suaves queixumes uma fonte graciosa, em torno da qual se apinhavam os escravos com as suas bilhas vermelhas, que esperavam durante muito tempo a vez de se encherem do liquido crystallino. A multidão dos occupados ou dos ociosos crusava-se em todos os sentidos, com as suas togas de côres variadas, entre as quaes destacavam mais pelo contraste a purpura dos senadores e a alvura do trajo dos plebeus. Alguns paravam em frente da loja que mais os seduzia. Lusitanas de cabellos cahidos, envoltas nas suas tunicas de côres variegadas, atravessavam a turba com os seus cestos de fructas vermelhas, ou de flores, tão apreciadas n'esse tempo, ou mais ainda do que hoje, por isso que eram um elemento indispensavel dos actos do culto e dos banquetes dos poderosos.

Ouvem-se toques de trombetas, que fazem convergir os olhares da multidão para um ponto distante. E' um manipulo que passa. O tom sombrio dos uniformes mais faz realçar os rostos crestados dos soldados. Nas fileiras vêem-se representadas quasi todas as raças sujeitas ao dominio romano. Os italianos, graves e severos, marcham ao lado dos gaulezes de olhos azues, e rosto insinuante, do africano, tisnado pelo sol do seu paiz, do lusitano forte e musculoso, do pirata da Cicilia, que veiu recordar a Sertorio a sua antiga alliança, e combater sob as suas ordens. Os commandantes são romanos, vê-se bem no olhar altivo e dominador, que tem para todos os que não pertencem á sua raça um desdem esmagador.

Depois da passagem das tropas a multidão continúa o seu vae-vem, ora indolente, quando n'ella predominam os ociosos, ora agitada, quando se compõe quasi exclusivamente de homens de negocio.

Em volta da praça alinhavam-se os edificios de uma architectura pesada, mas quasi todos de vastas dimensões, porque era aquelle o local destinado á séde do governo e da administração do estado de Sertorio. Com esses edificios officiaes, entremeavam-se algumas habitações particulares, a cuja porta, logo pela manhã, se agglomerava um extranha cohorte de clientes, que vinham fazer a côrte aos ricaços ou aos altos funccionarios. Cada qual esperava resignadamente no atrio a sua vez de ser admittido, e emquanto esperava, formava grupos, discutindo as ultimas novidades de sensação, as noticias que chegavam de Roma, trazidas quasi todos os dias pelos emigrados, que o terror da dictadura, ou o descontentamento attrahia para junto de Sertorio. Muitas vezes esses clientes agglomerados junto das portas da gente rica, eram mendigos de tunicas cobertas de lama, e cahindo aos pedaços, ou libertos, distinguindo-se bem de todos os outros pelo gorro vermelho que traziam na cabeça, e pela humildade com que se curvavam diante do porteiro, ou de qualquer pessoa da casa, que encontravam na sua passagem.

Lá passa um romano opulento, um joven patricio, com o seu numeroso cortejo de escravos. Chega do interior da Hespanha na sua liteira, assentada nos possantes hombros de dois escravos celtiberos. O joven senhor recosta-se indolentemente nas flaccidas almofadas, e menêa desdenhosamente a cabeça, quando lança um olhar preguiçoso para o aspecto pittoresco da praça, que o enfada, a elle, que tem visto tantas cidades florescentes da republica e tem abusado de todos os encantos da deslumbrante civilisação romana. É Claudius, cognominado o *Dives,* pela importancia dos seus haveres, que elle dispende a plenas mãos no seu caminho, com a soberba indifferença de um perdulario, continuamente á procura de alguns instantes de prazer, embora tenha de os pagar a preços fabulosos.

A casa de Claudius era uma das mais elegantes da cidade, e o moço romano conseguira adornal-a com todas as maravilhas da civilisação da sua épocha. Raras vezes a habitava. Dominava-o imperiosamente o gosto das viagens. Tendo herdado uma fortuna consideravel, encontrara-se aos vinte e dois annos bello, deslumbrante, irresistivel, com uma saude de ferro e uma imaginação phantasiosa.

De resto, não tinha ambições elevadas.

Detestava a politica, embora a sua familia patricia tivesse produzido homens notaveis, que haviam consagrado a existencia ás complicações irritantes d'essa seductora sereia. Destituido, como era, da inspiração da gloria, ia passando a vida n'essa obscuridade tão commoda para os temperamentos voluptuosos, que, tendo o prazer por alvo, desprezam completamente qualquer occupação seria.

Vivera algum tempo em Roma, em Athenas, em Corintho, em Napoles, em todas as cidades de prazer, finalmente, onde se tornara legendaria a excentricidade do seu caracter. Um dia aborreceu-se da vida ruidosa d'aquelles grandes centros do vicio e da opulencia, e trazendo comsigo uma formosa escrava grega, viera a Hespanha, onde um seu parente tinha a esse tempo um cargo importante. De cidade em cidade, chegára a Ebora, e a vida agitada d'este

microcosmo, onde um homem de genio procurava reconstruir a imagem da metropole, conseguiu interessar-lhe a curiosidade.

Alli assentára, pois, o domicilio, conservando ainda a sua formosa grega, cujas caricias lhe acirravam os sentidos, embotados pelo abuso do prazer, em tantos annos de libertinagem.

Lycoris era um gracioso modelo d'essa opulenta belleza hellenica dos tempos aureos da raça, cujas fórmas vigorosas foram conservadas á posteridade nos marmores de Phydias e Praxiteles.

Havia muito quem invejasse a Claudius a posse d'essa mulher esplendida, que por mais de uma vez recebera propostas tentadoras. Ella parecia conservar-se fiel áquelle que a comprara por uma quantia fabulosa.

A manhã estava bastante adiantada, quando Claudius se apeou da liteira junto da porta de sua casa. Alguns ociosos que vagueavam junto do Forum, apressaram-se a vir ter com elle. A vida passava-se quasi sempre na rua. Os edificios publicos, os porticos, as ruas, os templos eram as verdadeiras moradas dos habitantes das cidades romanas.

Em Ebora, áquella hora, quasi toda a gente desoccupada vinha á praça principal saber noticias, e commentar os acontecimentos. Tudo se aproveitava para assumpto das conversações, e a chegada do joven Claudius não podia ser indifferente á curiosidade dos endinheirados, ou dos que não tinham destino para dar ao tempo que ia passando.

— «Por Jupiter, como vens bello, meu caro Claudius, dizia-lhe um poetastro muito em voga, que andava pelas casas ricas em procura de patronos que lhe saciassem o estomago. Onde te levou novamente a tua paixão pelas viagens?»

— «A Osca, meu Sallustio. Não foi longa a digressão. Diziam-me maravilhas d'aquella terra consagrada por Sertorio ao estudo das sciencias, e tive desejos de a visitar.»

— «E então?» perguntou Merennio, um dos mais famosos jogadores de Ebora.

— «Gostei, confesso. Osca é actualmente uma cidade curiosa, e a Hespanha vae dever-lhe grandes beneficios. Sertorio chamou para alli alguns sabios gregos e latinos, para educarem a mocidade lusitana, quer dizer, os filhos dos homens mais abastados da região. Pelo que vi, porém, parece-me que o estudo das sciencias é apenas um pretexto...»

— «Como! exclamou Lucio Vector, um dos circumstantes, que ouvia Claudius com a maior attenção. Achas então que Sertorio...»

— «Se não me tivesses interrompido já agora eu teria satisfeito essa tua curiosidade, disse Claudius, sorrindo. Sertorio precisava de se assegurar da fidelidade dos magnates lusitanos, que, como sabes, são extremamente voluveis, e por isso lembrou-se d'essa famosa ideia do instituto scientifico de Osca. Não são estudantes sómente esses pobres rapazes, que para alli convergem de todos os pontos da Lusitania, são refens. A' menor desconfiança, a juventude lusitana responderá com a cabeça pela volubilidade dos paes.»

— «Engenhoso plano!» disse o poetastro com um gesto de approvação. E continuou, depois de ter por algum tempo meditado:

—«Oh! mas esta ideia reservada destroe completamente a belleza e a dignidade do meu poema! Que pena, meus amigos!...»

—«Que poema?» perguntou Claudius, fingindo um interesse excessivo, porque não desgostava de disfructar aquelle filho espurio das Musas.

—«Pois não sabes? perguntou Sallustio com um gesto de recriminação. Quem ha hoje em Ebora, que não tenha conhecimento do poema que estou compondo em honra de Quinto Sertorio? Não sabes então que estou abrindo as portas da immortalidade ao novo Hannibal! É assim que eu denomino o meu heroe. Canto primeiramente as suas façanhas da Cimbria, a sua audacia na Gallia, e as proezas que praticou mais tarde na Hespanha. Depois...»

—«Felicito-te desde já pela tua obra, meu caro poeta, mas se tu nos contasses o assumpto á meza, achal-o-hiam todos muito mais interessante.»

—«Decerto, decerto, concordaram os amigos de Claudius, que não esperavam outra coisa, habituados á hospitalidade generosa do seu amphythrião.»

Entraram na vivenda de Claudius por um estreito vestibulo, de ladrilhos vermelhos, que conduzia ao *atrium*. A' porta um escravo gaulez, amarrado pela cinta a uma corrente de ferro, exercia as importantes funcções de cão.

—«*Cave canem!*» bradára mesmo o poeta Sallustio, rindo da sua facecia, ao passar em frente do escravo, que parou para olhar com humildade para os visitantes.

—«O cão não ladra aos amigos da casa», disse Claudius, e conversando ruidosamente, o amphytrião e os seus convivas entraram no *atrium* ou salão principal da casa, ricamente decorado.

Quando elles desappareceram no vasto aposento, o escravo teve um gesto de colera, e no seu olhar fusilou um relampago, que breve foi substituido pela sua habitual expressão de humildade, á chegada de uma mulher elegantemente vestida, que n'aquelle momento apparecia á entrada do vestibulo.

Era formosissima, e trazia os braços carregados de pulseiras, que destacavam brilhantemente a sua fulguração viva no tom lacteo da pelle. Era Lycoris, a bella escrava de Claudius.

—«Voltou?» perguntou ella em voz baixa ao escravo.

O gaulez inclinou-se com um sorriso humilde, e informou muito pressuroso que effectivamente Claudius acabava de chegar da sua viagem, e entrara com alguns amigos.

—«Perguntou-te alguma coisa, ou encontrou alguem da casa?»

—«Nada perguntou, nem estava ninguem no vestibulo», começou a responder o escravo, mas como n'aquelle momento ouvisse a voz de Claudius, chamando pelos escravos, interrompeu-se, e poz-se a olhar com curiosidade para Lycoris.

A formosa grega chegou á porta e fez um signal. Immediatamente, alguns escravos vieram ter com ella.

—«Vão, disse-lhes a grega, como quem acaba de tomar uma resolução definitiva. Quando elle perguntar por mim, digam-lhe o que lhes ordenei.»

Os escravos, sem proferirem uma palavra, desappareceram por uma das

portas lateraes dos aposentos que davam para o vestibulo, e que conduziam ao andar superior da casa, que lhes era destinado.

—«Lembras-te do que combinamos, Brisern?» disse a grega com meiguice approximando-se do gaulez.

—«Não esqueço nunca o que me dizem, nem o que me fazem, proferiu elle com voz cava, e com um relampago no olhar. Estou resolvido a cumprir o contracto, se tu me deixares realisar o meu desejo.»

—«Descança, terás a tua hora de prazer. E' preciso enganal-o!»

—«Enganal-o-hei», respondeu o escravo com uma resolução que ninguem lhe supporia, ao vêl-o na sua humildade habitual de ostiario.

—«Pois bem, aqui tens a carta, colloca-a em logar onde elle a veja bem.»

—«E quando serei recompensado?»

—«Dentro em breve. Aqui tens por conta do nosso ajuste.»

E dizendo estas palavras, a bella grega, de busto esculptural e cabellos opulentos, approximou o rosto esplendido da face crestada e aviltada do escravo, e osculou-o vivamente.

O gaulez cambaleou, como se tivesse recebido uma violenta pancada sobre a nuca. Entumesceram-se-lhe as veias do pescoço, e com o rosto congestionado e uma allucinação de desejos no olhar agora completamente transformado, pagou com usura aquella extranha caricia da formosa Lycoris.

—«Estás satisfeito?» perguntou ella naturalmente, desprendendo-se dos braços do gaulez, como se nada d'aquillo se tivesse passado.

—«Não! bradou elle, ainda vibrante de desejos d'aquelle contacto estonteador. Não! quero a posse completa, que tu me deves, e que ha tanto tempo me prometteste!»

—«Calla-te, disse ella ameaçando-o com a ponta de um dedinho rosado, que parecia feito de petalas viçosas... Mas eu quero provar-te que sou generosa, e por isso, vou dar-te outro beijo. O resto mais tarde, quando me tiveres dado provas da tua fidelidade e da tua intelligencia, porque tu és fiel e intelligente, não é verdade, Brisern?»

Esta pergunta foi proferida pela grega com o rosto novamente collado aos labios grosseiros do escravo.

Brisern não podia fallar. Aquella scena passava-se a um canto do vestibulo, e o gaulez cingia delirantemente o corpo de Lycoris. Se o poeta Sallustio podesse assistir a ella, teria um bello assumpto para os seus versos. Nunca a allegoria do fauno e da dryada fôra reproduzida com tanta fidelidade!...

—«Por agora tiveste uma amostra do que te espera, se eu ficar satisfeita comtigo.»

E tendo-se desprendido novamente do amplexo do gaulez, que respirava com violencia, como se aquellas caricias lhe estivessem estrangulando o pescoço musculoso, Lycoris poz-se a contemplal-o extasiada, como se aquelle homem rude fosse para ella o ideal da belleza varonil.

—«Origo acharia decerto extravagante o meu capricho, ella que não

póde supportar nem mesmo a vista de um homem grosseiro como tu, disse ella rindo-se. Mas que queres? Gosto devéras de ti, meu Brisern! Será loucura, continuou ella, como se quizesse desculpar aos proprios olhos aquella aberração. Dir-se-hia que me deste algum philtro magico, ou qualquer beberagem perfida, gaulez! E' superior ás minhas forças este capricho, e hei-de pertencer-te!»

E o seio arfava-lhe com violencia na lucta d'aquelles desejos que a desvairavam.

—«Vamos, disse ella com resolução, sacudindo a formosa cabeça, como que para afugentar o delirio sensual que a espicaçava. Primeiro o nosso contracto. Aqui tens este papyro! Colloca-o em sitio onde Claudius possa encontral-o facilmente. Agora até breve, Brisern!...»

E ligeira como a gazella, a graciosa Lycoris subiu a escada que conduzia ao pavimento destinado aos escravos.

O *atrium* era vasto e magnifico. A riqueza de Claudius e o seu bom gosto, desenvolvido pelas frequentes viagens, permittira-lhe adornal-o com uma elegancia perfeitamente distincta, que despertava a admiração de todos os visitantes da casa do *Dives*.

Ladeavam-no bellas columnas, enlaçadas de festões. No centro havia flores de côres variadas, tractadas com esmero. Na frente um pequeno jardim, onde por entre os vasos riquissimos se viam alguns marmores de muito merecimento, obra dos mais notaveis esculptores gregos.

Um pequenino templo, construido com um gosto delicado, dava a um recanto do jardim um aspecto extremamente pittoresco. Era dedicado aos deuses Penates, protectores d'aquella casa. Mal empregado templo, dirão os leitores, mandado coustruir pelo opulento Claudius a umas divindades que tão mal lhe guardavam a dignidade domestica, a avaliar pela scena que acabamos de presenciar!

A' esquerda das columnas havia dois *cubicula* ou quartos de cama; á direita abria-se o *triclinium* ou sala dos banquetes, para onde já Claudius e os seus amigos se haviam dirigido.

Era a parte mais cuidadosa e agradavelmente preparada de toda a casa. Ao fundo havia a porta que dava para o jardim, d'onde o perfume das flores invadia o delicioso aposento, e vinha inebriar os sentidos dos convivas. No centro uma meza de madeira polida com esmero, e ornada de phantasiosos arrendados de prata, tinha em volta os tres leitos de bronze incrustados de metaes preciosos, e cobertos de almofadas ricamente bordadas, que cediam voluptuosamente á pressão dos corpos. (1)

—«Bella casa, digna de tão opulento dono!» exclamou o poeta Sallustio, extasiado apesar de não ser aquella a primeira vez que alli entrava,

—«Não merece os teus louvores divinos esta modesta vivenda, oh meu poeta!» disse Claudius, para obrigar o poetastro a soltar os diques á torrente da inspiração.

(1) E. Bulver Lytton.

—«A tua modestia é verdadeiramente respeitavel, Claudius, mas apesar d'isso nunca deixarei de prestar o devido tributo de admiração a esta morada deliciosa. E se fosse só a casa! Ninguem te iguala em esplendor em Ebora. Os teus vinhos são os melhores que se encontram no mundo. Os teus cosinheiros são prodigiosos! Como elles transformam em ambrosia as vitualhas que nos servem! Oh Claudius! E a belleza da tua escrava, de Lycoris, tão formosa como Venus, e tão irresistivel como o Amor! Onde ha mulher que a exceda? Onde...»

Mas uma gargalhada de Claudius veio pôr um dique áquella torrente impetuosa.

—«Poeta, é cedo ainda para nos dizeres os teus versos. Não fizemos ainda as libações a Baccho, e nem eu, nem as minhas cousas, pódem servir de assumpto aos teus bellos poemas, quando só os deuses e os heroes são dignos d'elles!...»

O poetastro, tomando a serio aquelle delicado cumprimento, inclinou-se emquanto Claudius e os seus convivas reprimiam violentamente o riso prestes a fazer explosão.

Além de Sallustio, Claudius convidára para o festim Merennio, o jogador infatigavel, Lucio Vector, de quem tambem já fallámos, e que era um ocioso dotado de muito espirito, e um lictor chamado Sempronio Calidus, muito estimado na roda dos voluptuosos, pelas engraçadas historias de mulheres, que sabia contar como ninguem.

Claudius chamou os escravos, e deu as ordens necessarias para o festim. D'ahi a pouco voltavam trazendo em bandejas tudo quanto devia servir de introito á refeição mais succulenta que se estava preparando. Vieram em seguida as bacias de prata com a agua perfumada das abluções, e as toalhas bordadas de purpura do estylo.

O amphytrião fez a invocação á estatua de Baccho, posta no seu logar do costume ao centro da meza. Os convivas repetiram-n'a distrahidamente, e procedeu-se em seguida ás libações. Terminada a ceremonia, imprescindivel em todos os banquetes romanos, todos se reclinaram nos leitos, e d'ahi a pouco encetaram a refeição.

—«D'onde mandas vir este vinho?» perguntou Calidus, saboreando com delicias o nectar que um escravo lhe servira.

—«A amphora vae dizel-o, amigo», respondeu o dono da casa.

E fazendo signal a um escravo, este apresentou o rotulo de uma pesada amphora, cuidadosamente empalhada.

Era de Syracusa aquelle divino licor, e tinha uma respeitavel antiguidade.

— «Não o ha egual em toda a Hespanha!» exclamou Vector enthusiasmado.

—«Oh! mas a Hespanha tem outras coisas magnificas, disse Calidus, soltando uma estridente gargalhada. As mulheres d'este paiz são mais ardentes que o vinho de Syracusa.»

— É respeitavel a tua opinião, porque és entendedor do assumpto como ninguem, disse Claudius. E a proposito, sabes alguma novidade apetitosa, que possa alegrar a companhia?»

—«Já não ha novidades que interessem n'uma terra como Ebora, respondeu elle. Estas guerras incessantes matam os prazeres do amor. O que ha é escandalos, meus amigos!»

—«Escandalos! exclamou Claudius. Dar-se-ha caso que na minha ausencia, Ebora se tornasse uma cidade supportavel! Ora! não creio!»

E o moço romano teve um gesto de desdenhoso enfado.

—«Ha tres mezes que te ausentaste, não é verdade? Pois durante esse tempo não vieram a Ebora cortezãs que mereçam o trabalho da enumeração. Tudo mulheres vulgares, sem belleza e sem attractivos...»

—«Exaggeras, atalhou Sallustio. Chegou ha um mez de Castulo uma mulher lindissima, a Ipsytilla, que é uma verdadeira Aspasia. Por Venus! É preciso que o prazer te tenha embotado os sentidos, para não apreciares a esplendida belleza d'essa famosa cortezã!»

—«Deixa lá em paz a tua cortezã, poeta. A tua musa cega-te os olhos a ponto de não descobrires no rosto de Ipsytilla as pastas de carmim!... Fulvia, apesar de patricia, tem mais adoradores do que ella, e merece muito mais as homenagens que lhe tributam, e que ella acceita a cada passo. .»

—«Fulvia, a mulher de Hirtuleio, o chefe de manipulo?» perguntou Claudius.

—«Fulvia, sim... Que mulher, meu amigo! Que temperamento de fogo. As ardentes hespanholas têem muito que invejar a essa mulher deslumbrante, que pratica o adulterio, com uns requintes de voluptuosidade acirrantes, doidos, impetuosos. Que mulher!...»

—«Quem é agora o amante favorito?»

—«Todos! Não resiste a ninguem!... O marido supporta tudo aquillo com uma philosophia admiravel. Até um velho senador, Pictorius, foi visto com ella a horas verdadeiramente compromettedoras. Novos e velhos, todos lhe servem.. E apresenta-se com elles por toda a parte, nos passeios, nos templos! Um delicioso escandalo!...»

—«Mas Hirtuleio, homem grave, não terá coragem para se oppôr a essa vida desregrada da consorte?»

—«Oh! Hirtuleio, deixaria de ser homem grave, se o fizesse. Hoje as mulheres são tão livres como os homens. Invadiram tudo, as nossas occupações, os nossos negocios, o nosso viver licencioso, tudo! Excedem-nos, valem mais do que nós, em tudo quanto fazem ao nosso modo, creiam! Sertorio seria mais feliz nas suas emprezas, se em vez da corça, se deixasse inspirar por uma d'essas mulheres modernas, completamente emancipadas!...»

—«E não terá o governador alguma inspiradora mysteriosa, que o vá distrahir na simplicidade da sua casa do peso dos negocios publicos?..» perguntou Claudius.

—«Falla-se alguma cousa a esse respeito», respondeu Merennio, olhando fitamente para Claudius.

—«Ah! conta isso, conta! insistiu o opulento romano com curiosidade. Ha então uma intriga feminina na vida do nosso dictador?!...»

—«Boatos, boatos...» disse Sempronio Calidus, de mau humor, fazendo a Merennio em signal que o amphytrião não percebeu.

— «Ha mais do que boatos, continuou o primeiro. Sertorio fez uma conquista, uma famosa conquista...»

— «É romana a amante do chefe?...»

— «Não, é grega!...»

— «Grega?! Alguma cortezã chegada ultimamente, talvez.»

— «Não é cortezã. Dizem que é escrava de um patricio.»

— «De um patricio, dizes tu?!... perguntou Claudius, sobresaltado. Mas, facil é então descobrir a aventura de Quinto Sertorio. Quem são os patricios d'Ebora, que teem escravas gregas? Em primeiro logar, eu... Depois, continuou elle com um esforço penoso, Mancinus... Oh! mas a d'esse não é grega... Ah! bradou elle, como se o alliviassem de um grande peso, não me lembrava de Paulo Fugator, que trouxe de Chio duas escravas...»

— «E Bibax, e Flaccidus, e... tantos outros! observou Calidus, olhando com intenção para os convivas. Mas deixemos a aventura de Sertorio, que talvez não passe de um invento dos ociosos, e fallemos de Hirtuleio... Não... deixemos tambem em paz o chefe de manipulo, tão estimado de Sertorio. Fallemos de outros. Sabes, Claudius? No gyneceu de Vorax foi encontrado um homem!...»

— «Ah! sim!» proferiu vagamente Claudius, como se o seu pensamento estivesse agora muito longe d'aquellas peripecias escandalosas.

— «Não, acreditas? perguntou o lictor, interpretrando mal o sentido da interrupção do ricaço. Digo-te a verdade. Publius, o amante de Ruscila, vestiu-se de mulher e foi ter com ella ao gyneceu. O marido, avisado, foi surprehendel-os em adulterio flagrante. Que pensas que fez o valente Vorax? Seguiu á risca a significação do seu nome symbolico. Devorou tranquillamente a affronta, e continua a viver, como antigamente, com a irreprehensivel e digna matrona!...»

— «Venus tambem foi surprehendido por Vulcano com Marte, e apesar d'isso não perdeu a sua dignidade de deusa» observou o poeta Sallustio.

— «É admiravel essa tua observação, poeta, e acredita que nunca me occorrera a proposito de casos como este. Que falta faz aos humanos a inspiração das musas!...» disse o lictor, dando uma gargalhada, a que todos se associaram, á excepção de Claudius, que se conservava pensativo.

— «Ha sempre um indiscreto para avisar os maridos illudidos...» observou Merennio.

— «E os amantes, que se encontram no mesmo caso deploravel... replicou o lictor, olhando fitamente para Merennio. Eu penso de modo muito differente a respeito de tudo isso. Que as mulheres enganem os maridos ou os amantes, nunca me deu cuidado. É tão vulgar o facto, que nem vale a pena de o registar...»

— «E se soubesses que uma vil escrava, uma cousa comprada legalmente por seu senhor, como sua propriedade, commettia a perfidia de o trahir, o que te pareceria esse facto?» perguntou Claudius, com os olhos fitos na physionomia zombeteira do lictor.

— «Pensaria que a escrava estava no seu direito de se entregar áquelle

de quem gostasse, porque se o seu senhor lhe comprou o corpo, não lhe comprou nem lhe podia comprar o coração e a ardentia dos sentidos!...»

—«Extranha theoria, sabes?» murmurou Claudius.

E recahiu na sua penosa meditação.

—«És um desastrado, Merennio! bradou o lictor, voltando-se para o jogador. A tua historia dos amores de Sertorio veio espalhar a tristeza no rosto do nosso amavel amphytrião. Ora, nada ha mais deploravel de que um banquete, presidido por um amphytrião de rosto melancholico. Nem este velho syracusa já tem o delicioso sabor das primeiras taças!...»

—«Tens razão, disse Claudius, fazendo um violento esforço para dissipar a preoccupação que o dominava.

E voltando-se para os escravos, bradou-lhes:

—«Tragam outras amphoras de vinhos generosos!»

Os escravos apressaram-se a cumprir as ordens de seu senhor, e d'ahi a pouco o espirito dos vinhos capitosos punha na conversação dos convivas de Claudius uma verbosidade inexgotavel...

—«Chamem as escravas, *mehercle!*» bradou novamente Claudius como se quizesse aturdir-se. E reclinou-se voluptuosamente no leito, exemplo que foi logo imitado pelos convivas.

—«Dize-nos agora os teus versos, poeta! disse o dono da casa a Sallustio.

—«Não seria melhor esperar que o vate estivesse completamente embriagado?» perguntou o lictor sorrindo.

—«E' melhor! é melhor!» concordaram os outros convivas.

—«Pois bem, embriaga-te depressa, Sallustio, disse Claudius. Enchamlhe constantemente a taça. Baccho vale mais do que todas as musas, que o louro Apollo me perdôe a impiedade! Inspira-te, poeta, e falla-nos a linguagem dos deuses! Entôa um doce carme que nos delicie os ouvidos feridos pela noticia de tantos escandalos. Canta-nos a virtude, o amor puro, os suaves prazeres da natureza...»

—«Nada do que acabas de pedir é o assumpto dos meus versos! observou Sallustio, e bem vês que não posso agora improvisar, segundo os teus desejos...»

—«Qual é então o assumpto d'esses primorosos versos?...»

—«Os feitos de Sertorio...» começou Sallustio dispondo-se a começar a recitação.

—«Cantas tambem a sua ultima intriga amorosa com a tal grega?» perguntou Claudius, fazendo um violento esforço para sorrir.

E bebeu de um trago uma taça, completamente cheia de um phalerno, que tinha pelo menos trinta annos de edade.

—«Não costumo pedir inspiração á musa erotica do velho Anacreonte, respondeu Sallustio, sorrindo. A minha musa é a mesma que inspirou Homero e Ennio.»

—«Pois fazes mal em não travares conhecimento com as musas alegres e travessas dos velhos poetas do amor e da voluptuosidade! Deixa em paz a

severa Calliope, que não pode presidir á alegria de um festim com o seu carregado sobrecenho. Canta-nos o amor e a vida. Deixa-nos viver embalados pelas auras da volupia, que nos chegam d'esse poetico archipelago, animado pela presença de Venus, embora sejamos illudidos...» concluiu elle, estremecendo a seu pesar.»

—«Para a outra vez procurarei inspirar-me n'esses assumptos, que preferes. Mas hoje vou cantar-te os feitos do meu heroe...»

—«Não! bradou Claudius, soltando uma praga energica, que fez estremecer nas taças o precioso nectar côr de topasio. Não! Não quero ouvir uma palavra só a respeito d'esse heroe, tão mesquinho como os teus versos, sabes? Calla-te, ou então, por Hercules, mando-te azorragar desapiedadamente pelos meus escravos!...»

—«Claudius! disse Merennio olhando muito surprehendido para o dono da casa. Esqueces que Sallustio é teu amigo e teu conviva?»

—«E que me importam os amigos? Tenho-os eu porventura? Não é tudo quanto me rodeia uma illusão? Sim, uma illusão! Que é a amisade entre nós? Porque estaes recostado n'estes leitos, bebendo os meus vinhos capitosos, lisongeando a minha vaidade, e rindo talvez interiormente da minha credulidade, quando me adulaes, pelo ouro que possuo! Por Hercules! O que é tudo isto, senão uma illusão?!...»

Havia tanta exaltação nas palavras e no olhar do moço romano, que os convivas nem sequer se offendiam com aquelles insultos, e olhavam espavoridamente para elle.

—«Por Baccho! exclamou Merennio. O vinho de Syracusa toldou-te o cerebro, Claudius! Desconheço-te hoje!...»

—«Não foi o vinho! foram as tuas palavras!» murmurou o lictor ao ouvido do que acabava de fallar.

—«Quaes palavras?!» perguntou o jogador, sem comprehender cousa alguma.

—«Silencio!» murmurou elle novamente, ouvindo á porta do triclinio o ruido das escravas que chegavam.

O banquete prolongara-se por muitas horas, e os escravos, vendo que a tarde ia morrer dentro em pouco, haviam accendido os candelabros de um bico, e as tochas de cera da sala dos festins, obra de uma industria metallica bastante desenvolvida. Uma atmosphera pesada, em que havia um mixto de perfumes de flores, de vapores alcoolicos dos vinhos capitosos e de emanações irritantes de iguarias, fazia elanguescer o rosto dos convivas estirados nos leitos n'um abandono fatigado, que lhe tornava os movimentos difficeis e penosos.

A chegada das escravas era uma diversão imprescindivel d'estas solemnes *commessationes*, a que ellas vinham dar a nota voluptuosa com as suas danças provocantes, em que se ostentavam carnações frescas, que afogueavam de chammas de fogo sensual as faces dos convivas.

No gyneceu de Claudius, a que presidia não uma esposa casta, a matrona incorruptivel dos tempos aureos da republica, mas uma escrava formosa e dis-

soluta, havia como no de todos os ricaços d'aquella epocha, um grupo de *ambubaias*, de fórmas voluptuosas, especialmente destinadas ás danças lubricas dos festins.

Vinham quasi nuas, e as suas fórmas tentadoras postas em seductora evidencia pelo tecido tenuissimo que tão mal as occultava, prendiam os olhos dos convivas, desde que appareciam na sala, até que nos passos lubricos das danças, aquella carne deslumbrante se debatia em movimentos por vezes de um furor orgiaco, ou se estorcia nas contorsões languidas de um calculado desfallecimento amoroso....

Havia alguns instantes que o psalterio desferia as suas notas graves, casadas suavemente com o rutilo cascadear do pifano, imprimindo uma cadencia languida áquelles corpos deslumbrantes, quando Claudius, como se sahisse de um sonho, perguntou a uma das escravas que esperava a sua vez de entrar na dança, porque motivo Lycoris não viera ao *triclinium*.

A escrava, assim interrogada, approximou-se do senhor, e curvada, n'uma submissão que lhe punha bem em relevo as tentadoras saliencias do collo, murmurou algumas palavras ao ouvido do moço romano.

Claudius estremeceu, como se fôra ferido pela ponta de um agudo estylete, e levou os olhos á fronte, como se o tivesse queimado n'aquelle sitio um ferro em braza.

Este movimento passou desapercebido aos convivas, completamente absorvidos pelo espectaculo que presenciavam.

O amphytrião breve se recompoz d'aquella subita commoção que sentira, e recostando-se no leito, pareceu engolfar-se novamente na sua meditação.

A dança continuava, e a embriaguez dos convivas chegára ao seu auge, alimentada constantemente pelas taças de vinhos cada vez mais espirituosos, que os escravos não deixavam de servir. Recostados nos leitos com a cabeça descahida, e o olhar amortecido, não tinham força para articular uma palavra. O proprio Claudius passava insensivelmente da sua meditação prolongada, á pesada somnolencia que o vinho lhe produzia. A um signal de Merennio, os escravos que serviam á meza retiraram-se, e d'ahi a pouco, cada leito era occupado por uma bailarina, que procurava acirrar com os seus encantos aquelles homens fatigados do banquete, que já nem tinham forças para retribuirem as caricias quentes d'aquelles labios sensuaes, tão habituados a espicaçar a molleza das digestões penosas... Os candelabros e as tochas lançaram os seus ultimos reflexos moribundos sobre um montão de corpos, em que os braços das mulheres tinham em volta dos pescoços dos convivas, o aspecto de serpentes enroscadas ás suas victimas, depois de n'ellas terem saciado uma enorme voracidade...

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

E Lycoris?

Quando no dia seguinte se dissiparam completamente os fumos alcoolicos da orgia, Claudius, espicaçado pelo ciume, quiz averiguar o que se passára na sua ausencia.

A escrava fizera-lhe uma revelação terrivel. Era indubitavel agora a

traição da formosa grega. Mas quem era o audacioso que lhe roubara o seu thesouro?

Porque o *Dives* conhecia, ainda que tarde, a violencia do seu amor por Lycoris. O enfastiado, que se rira sempre da estabilidade de uma inclinação amorosa, deixara-se finalmente prender nos braços d'aquella sereia perigosa do Archipelago.

Era mais forte do que elle julgava aquelle amor, que o seu orgulho antigamente nem se atrevia a confessar. O ciume revelara-lhe a intensidade d'esse sentimento, e o *Dives* soffria, apesar dos seus thesouros e das suas magnificencias de um gosto requintado, elle que passara a vida sempre cheio de tedio, e libando com uma desdenhosa indifferença a taça do prazer.

Fôra n'uma das suas viagens á Grecia que a joven escrava lhe apparecera, disputada por numerosos pretendentes, que se digladiavam n'um leilão, a mãos cheias de ouro, para a possuirem.

O romano, captivado d'aquella deslumbrante formosura, cobrira todos os lanços, e fôra o vencedor dos pretendentes. D'ahi a pouco os braços da escrava recompensavam-no exhuberantemente da perda de tanto ouro, porque jámais Claudius, na sua carreira amorosa, encontrara mulher mais seductora.

Dominado pela prestigiosa volupia quo essa ardente grega desprendia do seu corpo admiravel, o romano conservava-se-lhe cada vez mais rendido e apaixonado. Trocaram-se os papeis então. Era a escrava, a dominadora, e elle a victima.

Por mais de uma vez, nas suas longas viagens, Clandius tivera occasião de suspeitar da fidelidade de Lycoris. Mas a qualquer recriminação que fazia, ella de tal modo sabia justificar-se, que as suspeitas dissipavam-se como os nimbos de uma manhã de maio aos primeiros sorrisos do sol, e a confiança renascia no espirito do apaixonado senhor.

D'esta vez, porém, as suspeitas de Claudius tomavam um caracter mais grave. Tivera de ausentar-se de Ebora, porque a sua indole irrequieta não podia affazer-se aos ocios da vida patricia, e precisava, de quando em quando, de emprehender uma viagem. Lycoris acompanhava-o quasi sempre nas suas excursões, mas na ultima não succedera assim, e como em Ebora não houvesse os perigos de Roma, ou de Athenas, para os costumes das mulheres galantes e de temperamento facilmente incendivel, Claudius de bom grado consentira em deixal-a na capital de Sertorio, entregue aos cuidados dos seus escravos.

Á sua chegada, porém, encontrava indicios evidentes de traição, primeiro nas palavras de Merennio, mais tarde nas revelações de uma das ambubaias.

O que se teria passado? Era o que o romano desejava conhecer a todo o custo, e para isso, dissipados os fumos alcoolicos, entrando na plenitude do seu ser, tractou de se informar.

Interrogou os escravos, mas foi mediocre o resultado d'este inquerito. Lycoris, segundo lhe disseram, havia desapparecido de casa, sem que ninguem soubesse para onde tinha ido.

Como os leitores devem ter comprehendido, Lycoris dominava todos os escravos de Claudius. Habituados a vel-o obedecer aos mais extravagantes ca-

prichos da grega, comprehenderam que mais lhes valera servil-a a ella do que áquelle senhor, que nas mãos da formosa dissoluta abdicára todo o seu poder e energia.

Claudius ia abrindo os olhos pouco a pouco, embora se sentisse dominado por um ciume feroz. As tibias declarações dos escravos punham-no agora de sobreaviso, a respeito da sua fidelidade, e começava a comprehender quanto se deixára illudir por aquella mulher perigosa.

Resolveu colher fóra de casa as informações de que precisava. Ebora era uma pequena cidade, onde a sua vida ostentosa e o luxo de que se rodeiava interessavam sobremaneira os habitantes, para que não passasse desapercebido qualquer escandalo que lhe dissesse respeito. Havia de encontrar quem lhe revelasse até de bom grado tudo quanto na sua ausencia tivesse succedido.

Ao dirigir-se ao jardim, onde floriam macissos de flores, quasi sempre rosas, lyrios e violetas, *a humilis viola,* de que nos fallam os poetas, porque os romanos não tinham ainda introduzido na jardinagem a cultura de outras especies, Claudius entrou n'um pavilhão, para onde tantas vezes nas tardes quentes vinha refugiar-se do bulicio das ruas estreitas da cidade, ou só ou acompanhado dos seus amigos, antes de chegar a hora dos festins. Outras vezes, em noites perfumadas, Lycoris vinha n'esse delicioso pavilhão conceder-lhe o supremo goso das suas caricias, ardentes como o sol da Grecia, divinas como os amplexos de Venus, nos bosques inaccessiveis de Delos, quando a deusa da volupia vinha ensinar praticamente a arte do poderoso Eros a algum mortal predestinado...

No pavilhão havia um leito de pennas, accessorio obrigado d'aquelle pequenino templo, em que tantas vezes se sacrificava ao amor. Claudius teve um estremecimento de colera, produzido por uma recordação que lhe atravessou o espirito, ao encarar n'aquelle movel, tantas vezes testemunha da sua ventura.

De subito, um objecto collocado sobre o leito, veio ferir-lhe os olhos. Era um papyro enrolado. Pegou d'elle com mão febril, e leu o que se segue:

«Lycoris escreve a Claudius o que não ousa dizer de viva voz ao seu senhor. Durante a fatal ausencia d'aquelle que possue o seu corpo, e reina sem competidor no seu coração, Lycoris foi visitada pela desventura, e os deuses abandonaram-na, como a luz dos seus olhos primeiramente havia feito.

«Oh! ao traçar estas lettras, Lycoris por mais de uma vez, sentiu desejos de cravar no peito a ponta aguda do estylete! De que lhe servia a ella a vida, sem as caricias ardentes do seu amado senhor! Lycoris é desgraçada. Attrahida a uma armadilha horrivel, foi manchada pela oppressão brutal de um extranho, que a ausencia de Claudius animou a este attentado. E Lycoris, cheia de confusão da sua desgraça, não ousa mais apresentar-se a Claudius. Prefere morrer!...

«Brisern, o ostiario, póde esclarecer Claudio a este respeito. Que os ouvidos do senhor ouçam as palavras do seu escravo, e que o generoso Claudius pronuncie a sentença d'aquella a quem ainda ha pouco tempo concedia a felicidade dos seus osculos.

«Foi na ausencia que Lycoris poude apreciar melhor a ventura que perdeu.

Banida dos olhares de Claudius, pelo crime que a manchou, a escrava nem ousa implorar misericordia. Claudius decidirá do seu destino, depois de conhecer uma desgraça que ella não ousa narrar-lhe, pela vergonha que a opprime.

«Lycoris divaga como uma louca em volta da casa de seu senhor, sem ousar transpor o limiar d'essa mansão adoravel, onde a felicidade lhe alentava a existencia antes do dia fatal que a perdeu. De dia, esconde-se nas trevas de um abrigo ignorado, onde as suas lagrimas correm n'uma torrente impetuosa. Não podendo supportar este martyrio, dirige-se a Claudius, e que o seu senhor conheça bem a sua resolução. Ella morrerá, se fôr necessario, e abençoará a ordem que a fará morrer.»

Claudius, durante esta leitura, que renovou por mais de uma vez, sentiu torturas inexprimiveis. Era, pois, verdade! Havia n'aquellas linhas a confissão de uma traição, embora a tivessem attenuado palavras habilmente preparadas!

Mas que parte poderia ter Brisern, o miseravel escravo gaulez, que elle trouxera de Massilia, em tudo quanto se passára? O guarda do vestibulo ao facto dos mysterios do gyneceu! Até que ponto chegava a vergonha da sua casa, que já o *cão*, o guarda do limiar, sabia primeiro que elle os escandalos da sua opulenta vivenda!

Hesitou por algum tempo em interrogar o escravo miseravel, parecia-lhe improprio da sua dignidade. Mas a reflexão modificou-lhe esta primeira e instinctiva repugnancia.

Se Lycoris não fosse culpada, se tivesse effectivamente sido victima de uma infamia calculadamente posta em pratica, durante a sua ausencia! A verdade estava na bocca do escravo... que baixeza haveria em recolhel-a? Não brotam flores vivissimas e brilhantes do seio das maiores impurezas?

A sua primeira resolução fôra sahir de casa pela porta reservada do jardim, e ir informar-se lá fóra ao bulicio da cidade do que se passára. Reflectindo, parém, por algum tempo, durante o qual o ciume e a raiva lhe haviam cavado na physionomia profundas rugas, decidiu-se a ir ter com o ostiario, e dirigiu-se ao vestibulo.

Brisern lá estava no seu posto habitual, passeando machinalmente diante da porta, preso pela sua cadeia de ferro.

Era um homem de alta estatura, e de um bello vigor, apesar dos martyrios que soffrera, desde que fôra aprisionado pelos romanos no campo de batalha, junto de Vannes, onde esse homem nos seus tempos de liberdade combatia com denodo pela independencia da sua patria.

Teria, quando muito, trinta annos. Era o mais soberbo modelo de uma estatua de Hercules, concebida por um esculptor grego.

A historia d'este escravo era a sombria legenda de todos os seus irmãos de infortunio.

Fôra comprado no campo da batalha, ferido ainda e todo coberto de sangue, por um velho *mangone*, ou contractador, que procurou logo domestical-o, segundo elle dizia, preparando-o para a escravidão que o esperava.

Mas Brisern era naturalmente indomavel, e resistiu a todas as suggestões do velho. Quando o chicoteavam, o captivo fazia poderosos exforços para despedaçar os grilhões que o ligavam solidamente. Soltava rugidos medonhos, e o *mangone* começou a receiar que a sua mercadoria não lhe desse grande ganancia.

—«Que pena! dizia elle enraivecido... Um Hercules d'estas proporções, se fosse docil, era pesado a ouro. Mas assim, bravio como uma féra, quem m'o comprará? Quem arriscará o seu dinheiro por um selvagem d'esta especie, que de um momento para outro assassinará o senhor, e incendiará a casa, se lhe der um ataque de furia?»

O velho *mangone* era, porém, matreiro como uma raposa, e resolveu pedir á astucia o que o emprego da força não lhe poderia obter.

Mudou, por isso, completamente de tactica.

Não desprendeu o captivo, porque isso seria o mesmo que preparar a propria morte.

Quem poderia domar aquelle homem, se lhe fosse restituido o uso dos braços?

Só matando-o, como quem mata um lobo damnado, mas o velho *mangone* não estava disposto a perder d'aquelle modo a sua fazenda.

Havia remedio para tudo.

De alguma coisa havia de servir a pratica de tantos casos d'aquella especie.

Começou por se mostrar interessado na sua sorte.

—«Pobre homem, dizia-lhe, commove-me o teu infortunio, e crê, que se fosse rico, de bom grado te restituiria a liberdade. Desejarias isto, não é assim? Ser livre, voltar para junto dos teus, que a estas horas combatem com os romanos! Oh! tu não odeias mais do que eu esses malditos! Sou grego, filho como tu de um paiz conquistado, mas que que queres?! Eu nada posso contra elles! Fiz-me commerciante, e assim me vou vingando placidamente, extorquindo-lhe o mais dinheiro que posso!...»

E, como o captivo o olhasse, muito surprehendido d'aquella linguagem, o *mangone* comprehendeu que tinha acertado no alvo e continuou:

—«Não imaginas o prazer com que te restituiria a liberdade, se fosse rico, e podesse perder o dinheiro que me custaste. Mas não posso, meu pobre amigo. Em todo o caso, vou propôr-te um contracto. Queres ouvir?»

—«Falla!» disse o captivo cheio de curiosidade.

—«Não é o primeiro que tenho feito com bons rapazes da tua raça. Eu gosto muito de gaulezes! Vocês são alegres e corajosos, e têem um horror á escravidão que eu comprehendo e approvo, apesar de negociar em escravos, mas que queres tu? Cada qual lança mão dos recursos que lhe apparecem n'estes tempos desgraçados, em que se não póde escolher a profissão que mais nos agrada...»

Interrompeu-se por um momento, para vêr o effeito que produzia, e perguntou ao gaulez:

—«De que terra és tu, meu rapaz?»

— «De Alré, perto do mar.»

— «Ah! bem sei, bem sei, na Bretanha!... Boa terra e boa raça! Comprei um dia um escravo d'esse mesmo sitio, com quem me entendi perfeitamente. Fomos muito amigos.»

— «Amigos!...» murmurou o bretão com incredulidade.

— É como te digo, rapaz. Fomos amigos, porque elle, apezar de ter cabeça rude, como todos vocês têem, veiu por fim a comprehender as minhas intenções, e a sujeitar-se ao que lhe pedi.»

— «E que lhe pediste?» perguntou o gaulez muito inquieto.

— «Uma cousa muito simples, o mesmo que te vou pedir a ti, embora te não custe tanto como a elle. Ora dize cá, tens filhos?»

— «Não! respondeu o bretão com voz sombria. Melhor me foi não os ter!...»

— «Melhor, muito melhor, dizes bem! Ah! os filhos, n'estas occasiões de guerras e de captiveiros, são um grande embaraço para os desgraçados! Foi até por causa dos filhos que o teu patricio soffreu terrivelmente.»

— «Conta-me essa historia», disse Brisern com curiosidade, porque os gaulezes, como é sabido, morriam por ouvir historias.

— «Queres sabel-a? Pois vou contar-te tudo, para tu veres como eu sei cumprir os meus contractos, e como elles aproveitam a quem está na vossa situação.»

E o *mangone,* bebendo uma taça de vinho das Gallias, porque estava frio, começou:

— «O escravo de que fallo era tão violento e arrebatado como tu, ou mais ainda, porque chegava a morder enraivecido a corrente de ferro que o ligava...»

— «Por Teutates! exclamou o gaulez, interrompendo o *mangone.* O escravo tinha razão!...»

— «Decerto, decerto, estava no seu direito de quebrar os dentes, mas deves comprehender que eu não podia ver estragar assim o meu dinheiro, porque não sou rico e este negocio de escravos tem muitos prejuizos. Por isso procurei convencel-o de que estava fazendo uma grande tolice, quando lhe passavam aquelles accessos de furia. E consegui que lhe passassem de todo...»

— «Morreu?...» perguntou Brisern.

— «Qual morreu! Eu não deixo assim morrer um escravo! Quando os compro, faço-os primeiramente examinar por um medico romano, e só dispendo o meu dinheiro quando elle me assegura que não ha perigo de accidentes graves, nas feridas que vocês recebem na guerra. Pelo resto, respondo eu! Mas queres ouvir a historia ou não queres?...»

— «Falla...»

— «Consegui que lhe passassem os ataques de furia, e que a razão entrasse emfim n'aquella cabeça gauleza, tão dura como as pedras. Um dia fui ter com elle, comecei a conversar amigavelmente com esse forte rapaz, porque era uma formosa estampa de homem, tão forte e desenvolvido, ou mais, do que tu, que és tambem uma das melhores compras que tenho feito...»

O gaulez soltou um rugido de colera.

—«Então que é isso, amigo! Tranquillisa-te e ouve até ao fim... Queres?...»

Brisern não respondeu. A ideia dos opprobios que o esperavam havia-lhe dissipado de todo a curiosidade.

—«Ah! não respondes?! Pois perdes talvez a liberdade com essa tua teimosia estupida de selvagem. Bem dizem os romanos que vocês são uma raça de barbaros, exactamente como lobos, que é preciso exterminar!... Ora ouve, bruto, e verás como isto te interessa...»

E o mangone, vendo que o escravo estava um pouco mais socegado, continuou:

—«A principio, o outro escravo estava exactamente como tu. Parecia um lobo apanhado na armadilha, que se enfurece, enfurece, até perder as forças, ou morrer de desespero. Que lucrava com isso? Nada, o mesmo que tu lucras com as tuas furias... Fiz-lh'o comprehender, embora com muito custo, mas a final era tão razoavel o que lhe propunha, que elle concordou. Fomos até dois bons amigos. Elle contou-me a sua vida...»

O gaulez deixava-se novamente dominar pela curiosidade. Mostrava-se agora socegado, e olhava fitamente para o narrador.

O mangone, verdadeiramente lisongeado pelo effeito das suas palavras, deteve-se um pouco para saborear o seu triumpho.

Brisern d'esta vez mostrou-se impaciente, e disse:

—«E essa historia?...»

—«Ah! Vês como te interessa o que estou dizendo! E ainda tu não sabes do nosso contracto!... Ora ouve o resto, e verás!...»

E continuou d'ahi a pouco:

—«O meu bretão tinha dois filhos, que haviam sido aprisionados tambem pelos romanos. A ideia dos soffrimentos d'essas creanças em poder do inimigo era o que mais o fazia soffrer. Não era por elle que mordia a corrente com o risco de partir os dentes, que lhe davam tanto realce ao rosto energico; não era por elle que se enfurecia como um lobo apanhado na armadilha. Elle contou-me tudo... Era com a ideia da triste sorte dos filhos... Vês? Cabeçudo como todos os bretões, aquelle homem só se mostrava reluctante, porque era pae...»

—«E porque era bretão, exclamou Brisern. Quem pode deixar de se enfurecer, ao vêr-se escravo, tendo nascido livre no paiz da sua raça?...»

—«Quem?! Elle, o meu valente escravo... Vaes ouvir, vaes ouvir!... Disse-me por mais de uma vez que se não fosse por causa dos filhos, soffreria resignado a sua sorte. Que lhe importava ser escravo, se fosse só, se se visse sem cuidados de familia na sua triste situação? A tudo se resignaria facilmente...»

—«Um bretão não podia dizer isso, exclamou Brisern novamente furioso. Mentes, velho, mentes!...»

E o captivo, esquecendo-se da corrente, deu um pulo para se atirar ao mangone. Mas não poude dar mais que dois ou tres passos. Os grilhões rete-

zaram-se de subito, e o desgraçado foi rolar por terra, ferindo-se na testa, e no rosto!

—«Por Mercurio! bradou o mangone, vendo aquella colera que tanto o podia prejudicar. Como tu és brutal, gaulez! Se continúas, obrigas-me a contar-te em vez da historia do teu compatriota, a historia mais interessante de um bom latego de coiro n'essas amplas espaduas!... Bruto! Tu és indigno dos prazeres da conversação, e por Hercules, se não fosses tão boa fazenda, podes crêr que te mandava rasgar a pelle!...»

E pondo-se fóra do alcance do bretão, o mangone encolheu os hombros com desprezo.

Decorrido algum tempo, como Brisern serenasse, o velho approximou-se novamente d'elle, offerecendo-lhe um panno para limpar o sangue que lhe escorria da fronte.

—«Ora vamos, meu rapaz! De que serve enfureceres-te a esse ponto, com grave risco de me causares um enorme prejuizo? Olha que me custaste uma quantia importante, e eu não estou disposto a perdel-a assim, sem graça nenhuma!... Voltemos á nossa historia, e d'esta vez não me interrompas, porque se me fazes zangar, applico-te uma boa correcção, e retiro-te as minhas sympathias...»

Brisern não respondeu. Estava como que attonito.

—«Ora dize-me cá, continuou o mangone em tom extremamente amigavel. Por Hercules, eu não tive culpa dos desastres da tua raça! Vivo de comprar escravos, é a minha profissão, e nada mais. Nunca te fiz guerra, não fui eu que te fiz prisioneiro. Encontrei-te no montão de escravos, vendidos pelos soldados, gostei das tuas fórmas robustas, do teu aspecto de touro, e comprei-te. Se eu não te fizesse esta honra, seria bem peior para ti, talvez. Irias cahir nas mãos crueis de algum mangone mais rico, e vendo-te tão desabrido, tão feroz, talvez te mandasse tirar a vida, ou te cedesse para o *spoliarium* dos amphitheatros, onde as garras dos leões acabariam para sempre com essas tuas investidas de fera...»

Callou-se por algum tempo, como que para deixar serenar o escravo, e d'ahi a pouco, disse novamente:

—«Quando te comprei, calculei bem o que tu eras, e cá estás inscripto na minha carteira de lembranças com todas as qualidades que possues: «Genio feroz e sombrio, porque não está habituado ao captiveiro, e porque é ainda muito novo. De raça gauleza-bretã, edade trinta annos, pode abrandar, se empregarmos alternativamente com elle a brandura e a violencia.» Conheci-te logo á primeira vista, porque eu tenho muita pratica de escravos. Oh! eu conheço a mercadoria como os meus dedos!...»

—«Heide abrandar, dizes! murmurou o escravo, fremente de raiva, e se eu resistir?...»

—«Não resistirás, porque o outro tambem não resistiu. Depois, eu conheço o officio, e sei empregar os meios convenientes. Não te convém resistir, repito. Mas, se assim quizeres, para que serve o *ergastulum*? Não sabes o que isto é, porque nunca foste escravo, mas eu vou dizer-t'o para teu governo. E'

um subterraneo, onde se encerram os que resistem, e ficam mansos como um cordeiro! E' o que te espera, se te mostrares recalcitrante!...»

Brisern, apesar de nunca ter sido escravo, conhecia de tradicção os horriveis supplicios d'esses antros medonhos, e por isso não poude deixar de estremecer.

O mangone percebeu o effeito que a sua ameaça produzira, e apressou-se a accrescentar:

—«Tenho amansado muitos escravos tão ferozes como tu. Pensas que te comprei, sem saber o que fazia? Como te enganas, amigo bretão! Eras talvez algum phrygio? Sabes o que isto quer dizer? As mercadorias da tua especie variam de genio, de paiz para paiz. Nós costumamos dizer na nossa profissão: Timido como um phrygio, idiota como um mouro, mentiroso como um cretense, indocil como um sardo, feroz como um dalmacio, meigo como um jonio, e obstinado como um gaulez-bretão. Não sabias isto? [1] Pois sabemol-o nós, e já contamos com os contratempos quando vos compramos...»

O mangone parou, para esgotar outra taça de vinho. Brisern sentia-se aniquillado, em presença d'aquella serenidade do mercador de escravos.

—«Mas, voltando á minha historia, agora que estás mais socegado. O maior desgosto do teu compatriota, como já te disse, era a ideia da sorte dos filhos. Elle sabia que as creanças captivas são mais infelizes do que vocês, porque algumas são vendidas aos *lenones* romanos, que as destinam aos prazeres devassos dos senhores opulentos. Ah! Quantas d'ellas de todos os paizes estão a estas horas horrivelmente prevertidas! Ha velhos riquissimos que as pagam a preço de ouro, para lhes aguçarem a sensualidade entorpecida. Tu não entendes nada d'isto, porque vocês, raça selvagem e bravia, nem sequer sabem avaliar o que é a voluptuosidade dos senhores romanos, que possuem muito oiro para dispender nos seus prazeres. Se tu algum dia fosses escravo n'uma casa opulenta, verias dezenas d'essas creanças, de um e outro sexo, com as faces cobertas de carmim, a fronte coroada de rosas, os vestidos fluctuantes bordados a ouro, tocando flauta e dançando nos banquetes, em presença de seus senhores, a quem divertem com as suas danças lubricas, e a quem dão prazeres divinos, que lhes foram ensinadas por mulheres dedicadas a esse officio... Tu não sabes nada, pobre selvagem!...»

Brisern arregalava os olhos, custando-lhe a comprehender aquellas monstruosidades.

—«Outros, continuou o mangone, sem se perturbar, como se estivesse contando a coisa mais simples d'este mundo,—outros são mais infelizes ainda, quando não possuem uma carinha bonita que lhe dê accesso junto dos velhos impotentes. Se são feias, ou disformes, vendem-nas aos ricos senhores, muito curiosos de ler o futuro nas entranhas palpitantes das creanças degoladas de fresco.

O contratador deteve-se um pouco para esgotar outro copo do espumoso vinho das Gallias.

---

[1] Wallon, *Historia do captiveiro na antiguidade.* Tomo II.

Brisern ouvia com dolorosa curiosidade a enumeração das miserias do captiveiro.

—«O teu compatriota, como te tenho dito, humanisou-se, humanisou-se e entendeu-se comigo ás mil maravilhas. Consegui obter qne elle e seus filhos fossem vendidos ao mesmo senhor, o que satisfez todas as aspirações do seu amor paternal e lhe assegurou uma existencia relativamente feliz no seu novo destino...»

—«Feliz! disse Brisern, com um sorriso de tristeza!...»

—«Duvidas?! Ah! o captiveiro é uma cousa bem desagradavel para vocês, pobres rapazes, arrancados pelos duros azares da guerra ao cultivo tranquillo dos seus campos, á vida placida do lar e ás alegrias da familia, mas, emfim, quando se compenetram da sua situação, quando se esforçam por obedecer aos seus senhores e tornarem-se-lhes bastante productivos, teem a vida segura, e a certeza de serem bem alimentados. A's vezes, ha senhores excentricos, quasi doidos, que exercem nos seus escravos inauditas crueldades, mas felizmente são raros. A maior parte, logo que o escravo saiba tornar-se-lhe util, recompensa-lhe essa utilidade, tractando-o com todo o cuidado. Bem sei que não é por humanidade que assim procedem, é o proprio interesse que os aconselha; mas tambem para vocês, pobres rapazes, o resultado vem a ser o mesmo, seja qual fôr o sentimento que o produza!»

—«Se queres beber, bebe! disse o mangone, d'ahi a pouco ao escravo, vendo que elle novamente cahia no profundo desespero, que a conversação até ahi conseguira algum tanto dissipar. Bebe, continuou elle, alegremente. Vocês aqui nas Gallias teem vinhos magnificos. É por isso que o vosso paiz despertou por tanto tempo a cobiça dos romanos.»

—«Malditos! bradou o escravo, rangendo os dentes com desespero. Os nossos deuses deviam tel-os exterminado!»

—«Os deuses, meu pobre rapaz, teem outras cousas em que pensar, e por isso não tractam d'estas pequenas questões dos homens. Os romanos dizem que o Olympo, a morada dos immortaes, é um logar de delicias, onde as divindades estão em festa permanente, provavelmente reclinadas em triclinios mais sumptuosos e convidativos do que os de Lucullo. Depois os deuses teem cousas que lhes absorvem muito tempo. Só em intrigas amorosas, armadas por Venus e por Cupido, passam elles uma grande parte da sua eternidade. Não admira, as deusas são tão provocadoras e appetitosas! Mas porque exterminariam elles os romanos, afinal? Vocês os gaulezes estão soffrendo agora o que Roma soffreu no tempo de Brenno. Como deves saber, esse guerreiro era um dos audaciosos chefes da tua raça, que conquistou a capital da republica e a poz a resgate, exigindo uma terrivel contribuição de guerra aos vencidos. Se a fortuna continuasse a proteger as armas da Gallia, e os vossos antepassados chegassem a consolidar as suas victorias na Italia, aconteceria aos romanos o mesmo que vos acontece agora, e vocês, os gaulezes que tão insoffridos se mostram no captiveiro, teriam sido no logar dos romanos tão crueis e sanguinarios como elles. Por isso não te queixes, meu rapaz. E' dura a tua sorte e a dos teus, bem sei, mas que se lhe hade fazer? Resignação, meu pobre

amigo, resignação! Segue o exemplo do teu compatriota, e a tua sorte não será das mais dignas de dó...»

—«Que devo fazer?» perguntou afinal Brisern, convencido da inutilidade dos seus protestos.

—«O leilão realisa-se d'aqui a oito dias. Se deres de mão a esse estupido desespero, és novo e robusto, estás na edade em que a saude e as boas côres breve se recuperam, e poderás no dia da venda apresentar um aspecto convidativo. Outra cousa ainda, e isso fará com que eu te indigite a senhores humanos que te tractem o melhor possivel e te tornem o captiveiro bastante supportavel. Deves deixar-te de inuteis bravatas, e perder esse olhar de lobo das serranias, que faria fugir de ti os homens de bom coração, a gente pacata, que sabe estimar os escravos, quando elles se mostram dignos da sua confiança. Estás por isto?»

«Brisern esteve algum tempo sem responder. Na sua mente travava-se uma lucta sombria e horrorosa, cujos violentos embates se traduziam nas scintillações do olhar e nos estremecimentos nervosos que lhe percorriam todo o corpo. Durou bastante tempo esta lucta, cujo termo o mangone esperava com inquietação. Quando uma especie de prostração indicou que ella havia terminado, Brisern encarou desvairadamente o velho contractador e disse-lhe:

—«Farei a diligencia por satisfazer os teus desejos...»

—«Ora ainda bem, meu rapaz, disse o mangone muito contente. Tu és a melhor compra que tenho feito, e has-de produzir-me bons lucros, estou certo d'isso. Por isso tambem, descança, hei de escolher-te o melhor dos senhores.»

—«Como poderás tu cumprir essa promessa, se eu tenho de ser vendido em leilão, e assim estarei sempre sujeito ao capricho do que offerecer melhor lanço?...»

—«A tua rude cabeça de gaulez é rebelde ás subtilezas da minha arte, meu pobre rapaz, disse o mangone com um sorriso compassivo a desabrochar nos beiços enrugados. Nós temos differentes camadas de publico, e vamos apresentando a cada uma d'ellas a mercadoria que lhe é mais propria. Ha uma variedade infinita n'essas camadas, e é até curiosissimo enumeral-as. Ora espera, que eu vou dar-te alguns esclarecimentos...»

Como bom e genuino gaulez-bretão, Brisern, apesar de todas as suas desventuras, não desgostava de ouvir contar coisas curiosas. As palavras do mangone acirravam-lhe esta caracteristica ingenua da sua raça, e como se tratava de coisas que nunca ouvira, o escravo sentia até dissiparem-se-lhe em parte as sombrias apprehensões da sorte que o aguardava.

Era isto o que o mangone desejava, para vêr novamente um aspecto sadio nas faces da sua mercadoria.

Por isso, depois de ter refrescado a guella com uma nova e copiosa libação, o velho contractador, continuou:

—«Mercurio inspira os que se dedicam de alma e coração ao seu serviço, e faz-lhe conhecer a indole dos seus clientes. Ha muitos, ricos e opulentos, que andam constantemente pelos leilões em procura de novos escravos e chegam ás vezes a adquirir dois ou tres mil...»

—«Para quê? perguntou o gaulez muito admirado. Pois esses homens teem onde empregar tantos braços?...»

—«Teem, eu te digo já. Esses homens são precisamente ricos e opulentos, graças a esses escravos que possuem. Alugam-nos, e vivem, engordam e enriquecem á custa do seu trabalho. Tudo quanto os escravos ganham é para o senhor, que assim naturalmente adquire em pouco tempo uma fortuna consideravel. Esse senhor escolhe-os de todas as profusões. Ha depois uns empreiteiros que os alugam ao senhor, e os exploram muito a seu salvo. Se tu não fosses um barbaro ignorante, dir-te-hia as palavras latinas com que um famoso comico de Roma falla d'esta industria... Mas sempre quero dizer-te o sentido d'ellas...»

E o mangone esteve um pedaço a vêr se se recordava das phrases, que desejava citar ao seu escravo. Afinal, sorrindo, como quem está muito satisfeito da sua illustração, disse-lhe:

—«O tal comico, representando um romano, que sabe viver e adquirir fortuna, diz pouco mais ou menos o seguinte: «Creei para meu proveito uma industria recreativa. Os almocreves teem machos que trazem albardas, eu sirvo-me de homens albardados, que são muito esforçados e vigorosos. Por mais carga que lhes ponham sobre os hombros, sempre podem com ella!» [1] O ganho d'estes escravos, que são verdadeiras bestas de carga, consiste apenas no que roubam. Já vês que é uma vida difficil e arriscada, porque surprehendidos em flagrante delicto de roubo, são rigorosamente punidos, horrivelmente mesmo, tanto pela pessoa a quem roubam, como pelo senhor, o responsavel civil de todos os seus actos, e que lhes faz pagar bem caros os damnos que lhes podem causar...»

—«Que horrivel sorte!» exclamou Brisern, estremecendo.

—«Tens razão, meu bom rapaz, disse-lhe o contractador, mas descança, eu conheço estes clientes, e quando elles apparecerem, terei o cuidado de te não mostrar. E' para outros que te reservo, se cumprires o que promettestę. Mas deixa-me fallar-te ainda de outra especie de clientes...»

Brisern arregalou novamente os olhos, cheio de curiosidade. Interessava-o tudo aquillo agora.

O mangone continuou:

—«Apparecem tambem nos leilões umas damas opulentas em procura de escravos para o seu serviço. São ordinariamente bellas e seductoras. Boas formas, tentadoras, olhos divinos, beiços sensuaes, vestidos soberbos, adornos sumptuosos. Vivem em palacios magnificos, rodeadas de um luxo que para ti, pobre rapaz vindo das penedias da Bretanha, seria um verdadeiro deslumbramento. Essas damas escolhem os escravos mais robustos e bem feitos... Tu estavas no caso de servir-lhe, com essa tua musculatura de Hercules, e por Adonis, ficarias bem contente com a tua sorte, se qualquer d'estas clientes te comprasse!...»

---

[1] Plauto, o *Duende*, 285.

—«É então para essas que tu me destinas?» perguntou o escravo com grande curiosidade.

—«Não, estimo-te demasiado, meu pobre moço, para te confiar aos cuidados d'essas damas. E nota que a tua vida correria cercada de todos os carinhos e affagos, nada te faltaria, boa meza, bons vestidos, bons leitos, sobretudo bons leitos e boa companhia...», continuou o mangone rindo ás gargalhadas.

—«Mas...» ia a objectar o gaulez.

—«Ha um *mas*, ha, meu pobre rapaz, disse o contractador, sorrindo maliciosamente, e é por causa d'esse *mas*, que eu me absterei de te mostrar a qualquer d'essas senhoras...»

—«O que é? Falle!» exclamou anciosamente o escravo.

—«Como estás impaciente, amigo! disse o velho contractador, rindo estrepitosamente. Dar-se-ha caso que, apesar dos teus desesperos de vencido, quizesses possuir as bellas patricias da raça conquistadora? E não terias mau gosto, meu rapaz! Ha romanas tentadoras e admiraveis!... Fulvia, por exemplo, uma das deslumbrantes patricias a quem tenho fornecido mais escravos, e que m'os paga por muito bom ouro, é uma Venus. Ainda hoje estive em casa d'ella. Se a visses, recostada nos coxins do seu *œcus*, a sala onde recebe as visitas, e rodeada das suas escravas, um bando gracioso de mulheres bonitas, em que vi a sua *perfumadora*, a sua *guarda-joias*, as creadas graves, encarregadas de a vestirem, as que lhe seguram o leque, as que lhe calçam as opulentas sandalias, as *cantoras*, as *embaladeiras*, as que levam o cofre dos perfumes e dos philtros, as andarilhas que levam e trazem mensagens, [1] e tantas outras! E deves saber que tanto a formosa patricia como as bellas escravas concedem os seus favores alternadamente aos Hercules ou Adonis, vendidos por mim nos leilões.»

—«Que dizes tu?...» exclamou Brisern assombrado.

—«Bem se vê que és um pobre barbaro ignorante, meu rapaz. De que te admiras? Do viver brilhante que não conheces? A vida romana é isto. Fulvia é uma mulher adoravel, e de bom grado te destinaria para os seus licenciosos caprichos, se a tua vida n'essas orgias encantadoras não corresse graves perigos...»

—«Pois ha perigos em satisfazer os desejos d'essas mulheres?» perguntou o escravo cada vez mais attonito das revelações do mangone.

—«Perigos gravissimos, como vaes vêr, continuou o velho. Mas não me interrompas a cada passo, meu rapaz, porque me fazes perder o fio do discurso, e deixa-me refrescar as guellas, se queres que te satisfaça a curisiosidade...»

E na guella insaciavel do mangone desappareceu n'um momento outra taça de vinho das Gallias.

—«Sympathisei comtigo, meu pobre moço, e por isso de bom grado te contarei o que vi e o que sei a respeito da minha poderosa cliente. Como ia

---

[1] Plauto, *O homem dos tres dinheiros*, vol. IX.

dizendo, Fulvia mandou-me hoje chamar ao seu bello palacio, porque essa dama é esposa de um dos consules, que não a perturba jámais nos seus caprichos, e que até lh'os satisfaz de bom grado, creio que para ella o deixar em paz... Se a visses! Que opulentos cabellos negros, e que olhos aquelles tão libidinosos. Vestia duas tunicas de seda, uma comprida e branca, bordada a oiro, e outra muito mais curta, de côr verde claro, bordada a prata; em logar de collete não tinha outra cousa além de uma rêde de ouro, igual á que lhe prendia os cabellos, e por entre as malhas d'esse tecido deslumbrante, viam-se-lhe os seios, os hombros e os braços, de uma alvura de leite. No pescoço tão roliço e gentil como o de Venus, vi-lhe um collar de grossas perolas e rubis, que valia uma fortnna. E nas orelhas, meu rapaz, nas orelhas, que formosos pingentes de diamantes, de esmeraldas e de carbunculos, que lhe desciam quasi até aos hombros!... Depois, pela abertura da tunica, viam-se-lhe as pernas, vestidas de meias côr de carne, e que lisas columnas do edificio consagrado a Venus, e onde tantos mocetões, robustos e viris como tu, têem encontrado prazeres innarraveis! Hein?! Que me dizes á minha libidinosa cliente? Convinha-te o seu serviço?!...» [1]

Brisern estava offegante. A descripção do velho mangone accordava-lhe a sua sensualidade impetuosa, e punha-lhe no sangue a ardencia da febre.

— «Porque não me dizes os perigos d'esse serviço?!» bradou elle com os olhos incendidos em sensualidade.

— «Ah! Ah! Ah! Como facilmente te enthusiasmas, meu rapaz, continuou o mangone. E ainda tu não a viste, como eu a vi esta manhã. Os pés de Fulvia assentavam n'umas riquissimas sandalias com sola de ouro fino, elegantemente presas com atacadores de seda verde, e desapparecendo sob um montão de pedras preciosas que as adornavam. Quando cheguei, encontrei-a, como já te disse, reclinada languidamente em riquissimos cochins orientaes. Uma das escravas servia-lhe um copo de velho vinho das Gallias, tão differente d'este que me tens aqui visto beber, como a minha cara engelhada differe da alvura deslumbrante e do aspecto juvenil d'aquelle fino rosto patricio. Ao ver-me, a dama, sorriu-me com bondade, porque Fulvia sabe apreciar os meus serviços, e n'esse momento, a escrava deixou-lhe cahir sobre a tunica de seda uma gota, apenas uma gota do precioso nectar... Que imaginas tu que succedeu á escrava, só por este ligeiro descuido?...»

— «Foi reprehendida talvez com algumas palavras duras», disse Brisern saindo a custo do seu extase libidinoso.

— «Por Venus! Fulvia nunca se incommoda a reprehender as suas escravas... A formosa dama emprega processos mais efficazes para com a sua criadagem. Bateu as palmas e chamou por dois escravos musculosos, dois chyprios, que ainda ha pouco mandei vir do Archipelago expressamente para ella. Os escravos — formosas estampas! — a um signal de sua ama, apoderaram-se da sua pobre companheira desastrada, descobriram-lhe os seios, seguraram-n'a, e

---

[1] V. Ovidio, Martial e Petronio, sobre os costumes das damas romanas.

approximaram-n'a da deslumbrante e encantadora Fulvia. Esta então pegou no novello, e...»

—«O novello! exclamou Brisern, estremecendo. O que queres dizer?...»

—«Ah! Tens razão. Um barbaro não pode comprehender estes requintes da civilisação romana. O novello, meu pobre rapaz, é um instrumento de tortura moderno, elegante, adoravel, pelo menos, é essa a opinião de Fulvia e das suas opulentas amigas. Imagina tu (1) uma haste de aço muito flexivel, tendo no fim uma chapa de oiro redonda, coberta por um novello de seda vermelha. A seda é atravessada por numerosas agulhas, que mostram os seus bicos agudos, separados uns dos outros a certa distancia ...»

—«E para que serve isso?» perguntou o escravo ancioso.

—«Ainda não descobriste, selvagem! exclamou o mangone com um sorriso diabolico. Eu te digo o que se passou. Os robustos chyprios apoderaram-se, como já te contei, da pobre rapariga, e approximaram-na da sua senhora, com o seio descoberto. Ninguem soltava uma palavra, porque, se houvesse a mais pequena manifestação de dó, o castigo seria prompto e terrivel. Ouvia-se distinctamente o ruido dos dentes da escrava, batendo uns nos outros de terror. Fulvia então pegou no novello com a mão direita, imprimiu á haste um impulso, e as puas de aço foram enterrar-se no seio da escrava, em cuja alvura de marmore não tardaram a apparecer as gotas de coral do seu sangue...»

Brisern estava atterrado. O espantoso horror d'aquelle barbaro supplicio tirara-lhe toda a energia.

—«Se tu visses n'esse momento, como o rosto da formosa dama estava radiante de prazer e de sensualidade!... continuou o velho. Não ha como o espectaculo do sangue para acirrar a sensualidade de uma patricia!... Dilacerando d'aquelle modo o peito da escrava, Fulvia estava vibrante de volupia. Os olhos tinham um brilho admiravel. Inclinava o rosto para a pobre rapariga, e offegante, com o seio a palpitar de luxuria, dizia-lhe: «Grita, grita, minha filha, meu thesouro!» E beijava-a, com ardor, soltando palavras entrecortadas, até que não podendo resistir á febre que a devorava, atirou para longe com o novello, e puxando-a para si, cevou com osculos ardentes n'aquelle seio ensanguentado o furor libidinoso que a invadira... O que se passou então, foi uma orgia suprema, de que tu não podes fazer ideia, e na qual, apesar da minha edade, tive de tomar parte, visto que havia alli muitas mulheres ebrias de luxuria, e um homem não podia por muito tempo ficar inactivo, n'aquelle templo de Venus, presidido por uma beldade lasciva, que nos instigava a todos ao prazer com os gritos que soltava, e com as loucuras a que se entregava, primeiro nos braços da escrava martyrisada, e depois, depois... nos dos chyprios, e até nos meus... Sim, apesar da minha edade, a formosa patricia, vendo o modo como eu me desforçava para com uma das suas escravas, que esmorecia de amor sob os meus amplexos, quiz vêr se me vencia... e conseguiu-o, tal foi o ardor com que me veio assaltar!... Oh! é

1 V. *Os Romanos*, por Desobry.

uma mulher adoravel aquella Fulvia, e bem rude deve ser a tarefa de satisfazer os desejos sem cessar renascentes n'aquelle corpo feito de lava!...»

A descripção d'esta orgia espantosa aqueceu o sangue do escravo a tal ponto, que parecia ter perdido a razão.

—«Velho, disse elle ao mangone, que estremecia tambem de voluptuosidade. Fallaste nos perigos que pode correr o escravo comprado por Fulvia para os prazeres de que me contas cousas admiraveis, e que eu estava bem longe de prever. Sejam quaes forem esses perigos, quero ser escravo d'essa mulher, ouviste?...»

—«O que! meu rapaz, pois queres arriscar a vida d'este modo?...»

—«Quero, disse elle com resolução. Disseste que me destinavas ao serviço de um senhor bom e humano, que me pouparia talvez os supplicios, mas que não deixaria de me tornar ainda assim a vida insupportavel. Prefiro ser vendido a Fulvia. Ao menos terei a minha parte de prazer, embora venha depois o soffrimento e a morte!... Se queres que siga á risca as tuas instrucções, vende-me a Fulvia. Do contrario, mostra-me-hei feroz e indomavel, e não só te farei perder o lucro que de mim esperas, mas até te assassinarei, no primeiro momento em que te approximes de mim. Desejas o ganho, não é verdade! Pois vende-me a essa romana!...»

O mangone reflectiu durante alguns instantes. Afinal, o escravo tinha razão, pensava elle. O essencial era tirar da sua mercadoria todo o lucro que desejava, e Fulvia, demais a mais cansada dos seus escravos actuaes, não deixaria de pagar por alto preço aquelle Hercules.

—«Serás satisfeito, meu rapaz», disse-lhe elle afinal.

—«Quando me venderás a Fulvia? Terei de esperar ainda pelo dia do leilão?»

—«É inutil. Vou agora mesmo fallar-lhe, e é possivel que ella queira adquirir-te mesmo antes d'esse dia.»

—Quanto mais cedo, melhor, velho! Dá-te pressa, se queres que eu seja docil ás tuas vontades.»

O mangone não precisava que lhe recommendassem a urgencia d'aquelle negocio. Não lhe occorrera ainda a ideia de vender o escravo a Fulvia, porque lhe parecia lucro infallivel cedel-o a qualquer emprezario ou alugador de servos, attentas as proporções colossaes da sua mercadoria. Mas esse negocio, pensando melhor, offerecia serios perigos. Quem lhe assegurava a docilidade do bretão? Podia para isso recorrer a qualquer beberagem, a um d'esses philtros magicos, tão usados pelos contractadores de escravos, que não só adornavam e remoçavam os pobres diabos, mas conseguiam ainda quebrar-lhes a energia.[1] Mas, se o escravo não fosse vendido com a rapidez que estes estratagemas exigiam? Se houvesse algum contratempo? Se n'um momento de furia inesperada e superior a todos os philtros, elle despedaçasse os membros, ou praticasse qualquer loucura?... Não seria melhor fazer-lhe a vontade, e vendel-o a Fulvia,

---

[1] V. *Historia de captiveiro na antiguidade*, por Wallon, t. II, cap. III.

se a lasciva romana, como era de esperar, quizesse augmentar o numero dos seus escravos favoritos com aquelle soberbo exemplar?

Feitas estas reflexões, o velho contractador disse ao escravo:

—«Está decidido, meu rapaz. Hoje mesmo fallarei a Fulvia e virei participar-te a tua sorte. E' de crêr que ella te compre, e serás feliz. Eu exaggerei um pouco os soffrimentos d'essa servidão, que nem mesmo existem quando o escravo possue elementos para agradar por muito tempo á sua senhora. Bem, seja como fôr, far-te-hei a vontade, e saberás d'aqui a pouco o que te espera.»

.....................................................................

.....................................................................

—«Vinho, tragam vinho para todos!» bradava a bella Fulvia, desgrenhada como uma bacchante.

Era noite. A opulenta patricia sahira do seu palacio, acompanhada dos escravos predilectos, d'aquelles que tomavam parte nas ardentes orgias a que habitualmente se entregava, e dirigira-se ao parque, assombreado por grandes arvores, annexo á sumptuosa vivenda, offerecida ultimamente por um dos seus amantes.

Fulvia consagrava algumas horas do dia ao amor que inspirava aos seus seus adoradores. Mas as noites, oh! essas eram exclusivamente por ella destinadas ás sessões mysteriosas da rotunda do parque, mysterioso ninho, onde a formosa impudica inventava de cada vez mais inebriantes e doidos prazeres.

Era de marmore branco esse delicioso templo, adornado de sumptuosas columnas, enriquecidas de festões de ouro, e sobrepujadas por elegantissimos capiteis. O chão escondia o marmore que o formava, sob um macio colchão, coberto de purpura. A espaços viam-se cochins de seda, amplos e commodos. Pinturas eroticas ostentavam entre as columnas as suas côres vivas e excitantes, representando scenas de uma voluptuosidade picante, que deviam inspirar muitos dos delirios d'essas festas lubricas. Grandes vasos de oiro esmaltado, copos revestidos de pedras finas, de uma riqueza perfeitamente oriental, cobriam amplos e elegantes aparadores de nacar, junto dos quaes jaziam enormes amphoras, contendo ondas de espumoso phalerno. Vinham de Sagunto essas amphoras, e das regiões mais afamadas o vinho que as enchia, e que devia incendiar o sangue dos actores da saturnal, logo que a dama désse o signal da orgia.

E esse signal já ella o déra:

—«Vinho! tragam vinho!» bradara a deslumbrante Fulvia, desgrenhada como uma bacchante, e recostando-se voluptuosamente nos cochins setinosos do seu throno, mais elevado que todos os outros, para d'alli dominar como Venus o voluptuoso combate dos sentidos.

Dois escravos chyprios apressaram-se a servil-a. Ao passo que um lhe apresentava a taça preciosa, o outro fazia espadanar da amphora um jarro de phalerno mais doce que o mel e mais ardente que o fogo. Fulvia contemplava extasiada as formas esculpturaes d'esses escravos, dois Adonis, de corpos brancos e lisos como o marmore de Paros, e de feições tão delicadas como as das bellas escravas que o rodeiavam.

—«Amphion, disse ella, dardejando a um dos escravos um olhar scintillante de volupia, emquanto esgotar esta taça, conta-me aqui ao ouvido algumas d'essas phantazias lubricas que tu inventas, e que tanto me instigam ao prazer.»

O escravo apressou-se a comprir as ordens da sua senhora, e cingindo-lhe com o braço nú o collo delicado collou os labios vermelhos ao ouvido da patricia.

Ao passo que o nectar lhe corria pela garganta sequiosa, Fulvia, imprimia ao corpo um movimento sensual, e os olhos scintillavam de prazer, ás palavras que o escravo lhe murmurava.

—«Vou recompensar-te, disse ella, acabando de beber e entregando a taça ao outro escravo. Dá-me os teus labios, Amphion.»

E collando os labios aos do escravo, assim permaneceu alguns momentos, cingindo-lhe amorosamente o pescoço, até cahir prostrada sobre os cochins, e soltar um grito lascivo, similhante ao de uma cadella, vencida pelo furor sensual do macho...

As escravas n'este meio tempo não estavam ociosas. Conhecedoras do ceremonial erotico d'aquelle templo mysterioso, despojavam-se pressurosas das poucas vestes que as cobriam, e quando Fulvia abriu os olhos, viu em torno de si a reproducção libidinosa dos frescos mais picantes que adornavam as columnas da rotunda. Escravos e escravas entregavam-se com ardor, mais simulado que real, por isso que a repetição frequente d'aquelles actos os havia embotado, a uma lucta amorosa, acompanhada de gritos excitantes.

—«Basta! disse Fulvia. Cançam-me esses furores contrafeitos e estudados. Não é isso o que me excita bastante. Quero sangue... Por Venus! Não ha entre vós quem saiba excitar fortemente a sua senhora?...»

Os escravos interromperam subitamente a comedia sensual, e nas suas physionomias á expressão forçada do ardor dos sentidos, succedeu bem depressa o terror e o espanto. Habituados aos caprichos da romana, bem sabiam que lhes pendia sobre a cabeça n'aquelle momento uma ameaça bem terrivel. Era mister que algumas vidas fossem sacrificadas, para que o prazer de Fulvia fosse completo.

E o rebanho humano cravava na caprichosa impudica olhares assustados, como as timidas ovelhas seguem com uma inquietação crescente os movimentos do lobo, prestes a assaltar o redil para as dilacerar.

Fulvia estava realmente assustadora de luxuria e de ferocidade. Desprendendo os cabellos das malhas de ouro da rede que os segurava, cahiam-lhe agora pelas costas núas como um manto negro, que mais lhe fazia realçar a alvura de marmore da epiderme. O olhar desvairado percorria as physionomias aterradas dos escravos, com a féra que escolhe uma victima.

—«Por Castor! bradou ella, rouca pelo furor libidinoso que a dominava. Que frieza de gelo n'estes corpos insensiveis! É preciso sangue, sangue, muito sangue!... Amphion, disse ella ao escravo chyprio, que estremeceu de terror, ao ver-se interpellado, tens ás vezes ideias lubricas que me excitam, mas repetes muito os teus devaneios, e canças-me. Mnemon já de ha muito que me enche de tedio: é um animal de boas fórmas, mas sem vida, uma estatua

como a de Marte. Se querem que lhes restitua o meu favor, combatam, e que um só seja o favorito. Um só, ouviram? Esse terá hoje ainda as minhas caricias e os meus braços, como recompensa do triumpho!»

E a romana fechou novamente os olhos, recostando-se fatigada nos cochins.

Os outros escravos respiraram, e um susurro approvador cobriu as palavras de Fulvia, que sorriu com desprezo e tedio d'aquella hypocrita manifestação.

Amphion e Mnemon, os dois chyprios, detestavam-se. Desde que haviam sido comprados pela opulenta Fulvia, a sua vida passava-se n'uma interminavel disputa. Cada qual pretendia supplantar o rival. Amphion, dotado de mais imaginação, inventava de vezes em quando scenas acirrantes muito do gosto da romana. Mnemon só tinha em seu favor, como dissera a sua senhora, a belleza esculptural das suas formas, e a robustez da sua compleição, que o fazia triumphar sempre do rival, mais fraco e delicado, e por isso facilmente extenuado pelo ardor sensual da insaciavel Fulvia.

A ordem do combate foi recebida por elles quasi com alegria.

—«Nús!» disse a romana, vendo que elles se preparavam para a lucta, enrolando no pescoço o manto de seda.

Os escravos obedeceram, e apresentaram-se no meio da rotunda em todo o esplendor da sua bella carnação, que destacava illuminada pela luz dos candelabros sobre a purpura que cobria o pavimento.

—«Insultem-se primeiramente», ordenou ella, como quem commanda as manobras de um exercito.

Os escravos começaram a desfiar um rosario de insultos, uns brutaes e contundentes, outros finos e acerados como pontas de punhaes.

—«Cobarde!» gritava Mnemon.

—«Mulherengo!»

—«Antes de pertenceres a Fulvia foste a mulher de Aperion!»

—«E tu, quantas vezes foste vendido em Roma aos senhores que rodeiam as cortezãs!»

—«Tens satisfeito os caprichos do escravo cosinheiro!»

—«Encontrei-te nos braços de um senhor junto ao templo do canal!»

—«Tu escarneces da nossa Fulvia. Dizes que a vaes achando muito velha!»

—«Elle! exclamou Fulvia, cheia de furor áquella revelação. Pois Amphion atreveu-se a insultar-me d'esse modo? Vamos, Mnemon, vinga-me, dilacera a carne infame do teu rival!...»

—«Este infame calumnia-me, Fulvia! bradou o escravo com desespero. As suas palavras venenosas tem por fim irritar a tua colera contra mim, poderosa senhora! Não o escutes!...»

E cego pela colera e pelo terror, Amphion accrescentou:

—«Senhora, não ouvirei mais as suas calumnias, vou arrancar-lhe a lingua traiçoeira!...

E atirou-se ao seu rival.

Foi horrivel o primeiro embate.

Não tinham armas, no emtanto, era tal a animosidade e o odio quasi selvagem dos dois antagonistas, que o sangue não tardou a correr-lhes do rosto e do peito, dilacerados por unhas tão fortes como garras de leão.

Fulvia, excitada por aquella lucta encarniçada, batia as palmas com delirio. As escravas faziam côro com a sua senhora, porque desejavam lisongeal-a.

Não foi duradouro o combate. Amphion, mais fraco e delicado do que o seu antagonista, foi em breve supplantado. As mãos nervosas de Mnemon cravaram-se-lhe na garganta, asphyxiando-o. O escravo soltou um grito rouco, bem depressa comprimido, e cahiu por terra, arrastando na quéda o competidor.

Estava morto, mas Mnemon, com o corpo cruelmente dilacerado, não poude gosar o seu triumpho. O sangue, que perdera e as dores atrozes que soffria, não o deixaram levantar: desmaiou, e a um signal de Fulvia foi levado para o parque por dois musculosos escravos, negros como o ébano.

— «Estou contente, disse Fulvia a uma das escravas. Nunca Amphion me pareceu tão bello como n'este momento em que o vejo alli sem vida. Não o levem ainda!...»

Os escravos negros, que haviam voltado, preparavam-se para remover o cadaver de Amphion.

Ao ouvirem, porém, estas palavras da romana, detiveram-se e cruzaram os braços no peito, á espera de novas ordens da sua senhora.

— «Vão buscar o novo escravo!» disse ella passados alguns momentos.

Os negros inclinaram-se e sahiram.

Na purpura que cobria o pavimento, destacava-se em toda a sua alvura lactea o corpo do desgraçado Amphion.

O sangue coagulara-se em varias partes d'aquelle corpo esculptural, pondo nodoas de um vermelho escuro na alvura da epiderme.

Era horrivel!

Mas Fulvia cravava n'esse cadaver o olhar incendiado. Aquella nudez da victima parecia attrahil-a com uma fascinação irresistivel.

E tão forte era essa fascinação que a dama romana ergueu-se dos cochins em que se recostava, e approximou-se do cadaver, devorando-o com o olhar.

Foi n'este momento que os negros voltavam, conduzindo o novo escravo, n'essa tarde comprado por Fulvia ao contractador Brachyas.

Era Brisern... metamorphoseado agora, porque perdera completamente o seu aspecto de ferocidade indomavel com os trajos do seu paiz.

Uma tunica de linho branco emmoldurava-lhe as fórmas robustas e correctas de Hercules grego. Sobre a alvura da tunica destacava o vermelho vivo do manto. Era costume rapar a cabeça dos escravos, mas o velho mangone, conhecedor dos caprichos da sua formosa cliente, deixara ao bretão a sua comprida cabelleira fulva, que cuidadosamente limpa e perfumada lhe cahia agora pelas costas.

Era soberbo o aspecto do escravo, e tal foi a opinião de Fulvia ao medil-o com um olhar apenas elle appareceu.

—«Approxima-te, disse ella, e não te assustes com a presença d'este cadaver.»

Brisern, ao ver o corpo ensanguentado de Amphion, não pode deixar de estremecer.

—«O que é isso? Tremes!» exclamou ella, rindo ferozmente.

O escravo bretão procurou retomar o sangue-frio. Recordou as palavras do mangone, e calculou n'um relance os perigos da sorte que escolhera.

Mas, afinal, para que a escolhera?

Ninguem o obrigára. O mangone queria vendel-o a um senhor humano, que lhe pouparia talvez os soffrimentos mais terriveis da escravidão, e elle recusára esse offerecimento, renunciara ao destino benigno que lhe promettiam, para possuir a romana, para tomar parte n'essas ferozes orgias que o desvairavam...

Teria medo agora? Medo?! Um bretão não conhece esse sentimento. Para elle a morte não é mais do que a passagem para novos mundos, onde successivamente se renasce. Na horrivel situação em que se encontrava, a morte seria para elle um beneficio.

—«Não tremo», disse elle, olhando fitamente para a romana.

—«És valente?» perguntou ella surprehendida d'aquella subita energia.

—«Não sei!» respondeu elle simplesmente.

—«Como! fez ella admirada da resposta. Disseram-me que fôras captivado na batalha, defendendo-te como um leão. É verdade isto?»

—«É!...»

—«E dizes que não sabes se és valente?»

—«Tracta-se, por ventura de combater? perguntou elle, continuando a olhar fitamente para a grande dama. Não sou eu aqui teu escravo?»

—«Tens razão em parte. Deves saber, porém, que o serviço a que te destino exige uma certa valentia ... por que se tracta ás vezes de combates ... Por exemplo, se eu investisse comtigo, julgas-te capaz de me vencer?»

—«Julgo», disse o escravo resolutamente, tendo no olhar um relampago de luxuria.

—«Vamos vêr isso, vamos vêr! disse a romana, rindo ás gargalhadas. Tirem d'aqui este cadaver e deitem-no ao canal», ordenou ella aos dois ethiopes.

E emquanto os negros executavam esta ordem, Fulvia voltava para o seu commodo cochim, onde se recostou languidamente.

—«Tencionas então vencer-me? disse ella novamente a Brisern. E em que fundas a tua presumpção? Tens algum philtro magico, trazido lá da tua região selvagem?»

—«Não, respondeu o bretão com firmeza, porque estava disposto a tudo, mesmo a morrer, contanto que tomasse parte n'alguma n'essas mysteriosas orgias, de que o mangone lhe fallára. Não trago commigo philtro algum, nem preciso d'elles. Ha uma cousa superior a esses philtros...»

—«Qual é?» perguntou a romana, cheia de curiosidade.

—«E' o ardor do sangue!...»

—«Approxima-te, approxima-te! bradou ella encantada com a resposta, emquanto os escravos se entreolhavam, maravilhados da attitude completamente insolita d'aquelle homem. Tens então muito ardor no sangue?! Vejamos, — e dizendo isto a romana lançava os braços em torno do pescoço musculoso de Brisern, que não poude reprimir um estremecimento de prazer ao contacto d'aquellas brancas serpentes gue o cingiam... — E' verdade, é de fogo o teu halito!... Deixa ver os labios!... Por Venus! Como és ardente, meu impetuoso selvagem!. .»

E Fulvia sentia-se rendida de prazer, porque o escravo, não podendo conter-se por mais tempo, cevava nos labios da romana a sede de osculos libidinosos que o devorava, desde que recebera as primeiras caricias d'aquella mulher de uma belleza admiravel.

—«Ainda não!» murmurou ella, desprendendo-se a custo das caricias do escravo.

E indicou com o gesto a uma escrava que lhe servisse vinho.

—«Disse-me o mangone que tu proprio pediras para entrar ao meu serviço... E' verdade isto?...»

—«O mangone não mentiu...» murmurou Brisern, extasiado.

—«Porque tiveste esse desejo?»

—«Porque elle me fallou da tua belleza, e do favor com que tractavas os escravos que te agradavam...»

—«E tinhas a certeza de me agradar?»

—«Não tinha, nem tenho ainda. Quiz sujeitar-me apenas a essa probabilidade!...»

—«Evohé! bradou Fulvia, batendo as mãos, ébria de luxuria e de vinho. Agradas-me devéras, selvagem, e por Priapo! Serás completamente feliz ainda hoje. Mas eu não quero só amor, quero tambem sangue!... Viste quando entraste aqui um cadaver. Era o do meu favorito. O teu sangue correrá tambem, logo que eu tenha esse capricho, e tel-o-hei dentro em pouco, porque tu proprio me disseste que tens o sangue ardente, e eu quero vel-o correr a jorros, como já hoje correu aqui... Tens valor para isso?...»

—«Tenho, respondeu Brisern. Não me importa morrer, uma vez que perdi a liberdade!... Mata-me hoje mesmo, se queres, mas entrega-te primeiro nos meus braços!...»

— «Evohé! gritou a romana. Não morrerás, meu Hercules, porque preciso das tuas caricias ardentes! Vinho, tragam vinho, entoem canções... gritem todos! Vamos celebrar as nossas nupcias, meu robusto selvagem, e se o teu ardor se conservar, se poderes saciar-me emfim de prazer, pelas Furias te juro que não morrerás!...»

E Fulvia, soltos os negros cabellos, cahiu nos braços do escravo, soltando gritos lascivos, dando o signal para uma orgia monstruosa, que durou até que as velas dos candelabros se consumiram, e o sol veio illuminar aquelle quadro da infrene dissolução do mundo romano!...

.......................................................

.......................................................

Fulvia cumpriu a sua promessa. O escravo bretão não morreu . . .

Os annos decorreram, e sabemos já que Claudius, o *Dives,* o comprára n'um leilão de escravos em Massilia, a Marselha dos nossos tempos, fazendo d'elle, pela sua robusta corpulencia, o seu *ostiarius,* o cão de guarda, encarregado de lhe defender o atrio contra as investidas dos malfeitores.

Sabemos tambem que o escravo não perdera ainda os instinctos de sensualidade, que lhe vimos manifestar na occasião em que o velho mangone lhe descrevia a espantosa corrupção romana.

A sua robusta apparencia de Hercules selvagem continuava a proporcionar-lhe conquistas entre as mulheres sensuaes que d'elle se approximavam.

Como Fulvia, a grande dama, cujos costumes dissolutos já contámos aos leitores, Lycoris, a formosa escrava de Claudius, não podéra resistir tambem ao capricho sensual que o escravo n'ella despertára.

E, ignorando completamente o que se passava entre os dois cumplices, era a esse miseravel escravo que o opulento Claudius ia, depois de uma longa hesitação, pedir esclarecimentos a respeito do mysterioso desapparecimento da mulher que tanto amava...

O escravo estava no seu posto, acorrentado pelo grilhão de ferro, esperando que o seu senhor o interrogasse.

—«Escravo, disse-lhe Claudius, fazendo um violento esforço para descer áquella humilhação de interrogar o *ostiarius.* O que sabes a respeito de Lycoris?»

—«Uma grande desgraça, meu senhor, respondeu submissamente Brisern, folgando interiormente do bom caminho que os acontecimentos haviam tomado... Durante a tua ausencia, a desgraçada foi victima de um terrivel sortilegio, e attrahida a uma infame embuscada.»

—«E conheces o auctor d'essa infamia?. . .» perguntou o *Dives,* estremecendo de colera.

—«Conheço, meu senhor, e vou contar-te tudo, se me permittes que falle...»

—«Vim aqui para te ouvir, e quero saber tudo,» disse Claudius.

—«Pois bem, meu senhor. Durante a tua viagem, Lycoris foi como sempre perseguida por alguns senhores de Ebora, mas a tua escrava resistia a todas as tentativas, como por tantas vezes tem succedido. Vagueavam junto d'esta porta dias inteiros os apaixonados de Lycoris, sem que nenhum se atrevesse a entrar, porque Brisern tem bons dentes, e não os deixaria profanar a casa na ausencia do seu senhor. Lycoris não apparecia jámais, nem eu lhe revelava tambem o que se passava, para a não sobresaltar. Um dia ouvi um dialogo que me interessou. Fallavam de Lycoris dois dos seus pretendentes, aqui mesmo junto da porta, e percebi que se desesperavam de não poder obter d'ella nem a menor concessão. Estavam furiosos, meu senhor, e percebi que projectavam vingar-se, attrahil-a talvez a qualquer armadilha terrivel, onde lograssem pela astucia ou pela força o que de outro modo não poderiam conseguir...»

Brisern olhou a furto para Claudius, que escutava anciosamente a sua narrativa, e continuou:

—«Estremeci ao ouvir algumas das palavras d'aquelles homens, e resolvi prevenir Lycoris, para que, precavida do perigo que a ameaçava, podesse mais facilmente evital-o. Mandei-a chamar ao meu cubiculo, e contei-lhe quanto ouvira. Ella respondeu-me serenamente que nada receiava, porque nunca sahiria de casa, e prevenida como estava, ninguem poderia aqui surprehendel-a. Aconselhou-me que redobrasse de vigilancia. Era desnecessaria a recommendação. E' o meu officio vigiar a casa de meu senhor, e affastar cuidadosamente d'ella todos os malfeitores. Desde que me comprou e me destinou a este encargo, o meu senhor pode comprovar a minha fidelidade...»

—«Continúa, disse asperamente Claudius... não é isso o que te pergunto!»

—«Bem sei, meu senhor, e vou contar tudo quanto a respeito de Lycoris posso dizer. Dois dias depois de a ter prevenido, vejo-a chegar ao atrio, disposta a sahir de casa. O meu officio é guardar a porta e não fazer perguntas, mas, ao vel-a, não pude deixar de lhe dizer:—«Cuidado, Lycoris, lembra-te que te perseguem!»—Não me respondeu, meu senhor, e partiu... Esperava a todo o momento vel-a regressar a casa, mas, meu senhor, a verdade é esta... Ella não voltou nem n'esse dia, nem nos outros...»

—«Miseravel! exclamou Claudius, vibrante de colera. E nada mais soubeste?...»

—«O meu senhor fallou, e eu devia callar-me. Mas a verdade é que, se Lycoris não voltou n'aquelle dia nem nos outros, as calendas de março não chegaram sem que ella se arrastasse até ao vestibulo da casa de meu senhor, arquejante e desgrenhada, quasi morta de vergonha e de terror. Vi-a apparecer, e senti uma dôr enorme ao contemplal-a n'aquelle estado... Nada devia perguntar, mas vendo-a sem coragem para entrar n'esta casa, disse:—«O que tens, Lycoris, soffres?—«Ella então olhou para mim, d'esta vez sem desprezo, como todos olham, e respondeu-me:

—«Brisern, tu és escravo como eu, e deves comprehender toda a miseria da nossa condição. Nós não somos creaturas humanas, somos mais desprezadas e miseraveis que os ultimos dos animaes...»—E chorava, meu senhor, ao dizer-me estas palavras de desespero, chorava como eu ás vezes chóro, quando penso na minha desprezivel condição!...»

—«Escravo, não me canses a paciencia! Sê breve, falla! Que te contou Lycoris?»

—«A tua escrava, meu senhor, a principio não podia dizer palavra, embargada pelo pranto. Quando, porém, logrou dominar a commoção que a suffocava, disse-me a causa das suas lagrimas. Ha uma infeliz que ella protege, e que havia muito tempo estava gravemente enferma. Lycoris, a seu pedido, foi vel-a, e por occasião d'esta visita, bebeu sem suspeitar de cousa alguma, um philtro magico, que devia produzir os mais funestos resultados. Eis o que Lycoris me contou:

«Resolvera não sahir do gyneceu, durante a ausencia do meu senhor, para evitar as perseguições que já por tantas vezes tenho soffrido. Para mim não ha outra alegria, que não seja a presença e o olhar do meu senhor, a quem perteaço de corpo e alma, porque o amo apaixonadamente.

«Um dia, porém, recebo um recado de Catella, a velha escrava de Apicio, que fôra serva do senhor Claudius, e que tanta affeição me consagrava. Estava enferma, e pedia-me que a soccorresse como costumava, dando-lhe ainda a alegria de a visitar, porque não desejava sahir d'este mundo sem me tornar a vêr. Este pedido contrariava a minha resolução, mas tambem que perigo havia para mim em ir a casa d'essa pobre mulher? Depois de uma prolongada lucta intima, resolvi acceder ao desejo da infeliz Catella.

«De resto, não me oppunha de modo algum á vontade do meu senhor. Elle nunca me prohibira sair na sua ausencia, porque tinha bastante confiança em mim, para me deixar inteira liberdade dos meus actos. Bom senhor, como lhe sou grata, e como é horrivel a minha dòr, ao pensar nos desgostos que vou causar-lhe!...

«Fui. Durante o caminho, notei que me seguia com insistencia um homem, que já por varias vezes me perseguira. Era o gladiador Sporus, tão popular na cidade, e que por tanto tempo foi o predilecto da esposa do general Hirtuleio.

«Ao chegar a casa de Catella, o meu perseguidor desappareceu. Esquecendo esta preoccupação, entrei, e fui encontrar a minha velha protegida, ao que parecia, gravemente enferma. Prestei-lhe os soccorros que a piedade me inspirára, e dispunha-me a partir, quando ella me disse:

—«Lycoris, sou pobre, mas lembrei-me de ti, e pedi a meu sobrinho, liberto de Sertorio, que me mandasse uma amphora de vinho para te refrescares em minha casa. O coração dizia-me que virias, e quiz provar-te assim que não me esqueço das tuas bondades.»

«A principio, recusei o offerecimento de Catella... Porque? Nem sei dizer-t'o, Brisern, mas parecia-me sentir um aperto no coração. Ella insistiu, porém, com tanta meiguice, que não me foi possivel recusar por muito tempo.

—«O meu estado não me permitte acompanhar-te a beber, minha querida amiga, disse-me ella sorrindo com muito carinho. Beberás só, até que eu me restabeleça, e possa secundar-te. Mas, por Baccho! meu sobrinho sabe fazer as cousas, e estou certo de que esse nectar deve reconfortar-te do trabalho e fadiga da tua amavel e generosa visita.»

«Que desconfianças poderia eu ter, Brisern? A velha fòra-me sempre dedicada. Quando o meu senhor Claudius me comprou, estava ella ao seu serviço, e interessava-se sempre pela minha sorte, com uma ternura verdadeiramente maternal.

«Bebi duas taças d'esse vinho, que bem depressa me escaldou o sangue, como se tivesse bebido fogo. Senti-me perturbada... a cabeça andava-me á roda, e não tive remedio senão deixar-me cahir sobre um movel almofadado, que havia no quarto de Catella. Perdera de todo a energia, não podia moverme, nem fallar, nem gritar, estava como que despedaçada á mercê da preversa tentadora, que d'aquelle modo pagava as minhas bondades e disvellos!

«Oh! foi bem horrivel o que se passou n'esse fatal momento, em que sem perder o conhecimento das cousas, me via incapaz de resistir a todas as violencias. A velha infame ergueu-se do leito em que jazia prostrada pela

doença, e com uma agilidade de que nunca a supporia capaz, correu á porta do aposento onde fez um signal qualquer. No mesmo instante, vi entrar o gladiador Sporus, que se dirigiu para mim, ebrio de luxuria...

«Quiz gritar, quiz repellir o infame, e não poude, Brisern! Perdera toda a energia! Aquelle vinho envenenado circulava-me ardentemente nas veias, prevertendo-me os sentidos, e aniquillando-me completamente as forças... O infame tomou-me nos braços, cobriu-me de caricias horriveis, e com um ardor bestial saciou em mim a sua furia libidinosa...

«Não sei quanto tempo durou aquella infamia, porque perdi os sentidos. Quando voltei a mim, era noite. Uma luz mortiça esclarecia debilmente o aposento... Estive por algum tempo sem consciencia do que se passara. A minha memoria entorpecida não se recordava de cousa alguma. Julguei-me a principio no gyneceu do meu senhor, e sentindo junto de mim o calor de um corpo humano, cheguei a crêr que seria o do meu adorado senhor, que tantas vezes passava a meu lado noites para mim tão deliciosas, em que me embriagava de amor com o fogo das suas caricias apaixonadas... Infamia, infamia, Brisern! Olho para o meu companheiro de leito, e vejo com doloroso espanto o miseravel gladiador!...

«Tinha o corpo macerado das suas violencias brutaes, e sentia uma prostração cruel em todos os membros. A indignação restituiu-me, porém, a energia, e ergui-me de um pulo. O gladiador dormia... Occorreu-me vingar a affronta que recebera... Olho em torno de mim, não havia mais ninguem no aposento. A infame proxeneta desapparecera... Procurei uma arma... não a encontro. N'esse momento, porém, vejo a um canto um enorme machado destinado sem duvida a partir lenha. Corro a elle, tomo-o nas mãos debeis e extenuadas pela obsessão que durante tantas horas soffrera... e volto para junto do leito. A fatalidade, porém, não me deixou realisar o meu desejo de vingança!...

«Alguns dos moveis do quarto, sem duvida por causa do esforço da lucta, ou da precipitação com que o gladiador se apoderara de mim, estavam cahidos por terra. Quando, armada do machado, me dirigia para o leito, tropeço e cáio, fazendo um ruido enorme. O gladiador accorda, senta-se no leito, vê-me caída por terra, com o machado ainda seguro na mão, e comprehende o meu designio. Estava perdida!...

«O monstro ergue-se impetuosamente e levanta-me nos braços, apesar dos meus gritos de desespero e da minha defeza, d'esta vez bastante energica... Que importava, porém, essa resistencia? Esse homem, dotado de força herculea, apoderara-se novamente de mim, e amordaçava-me para que os meus gritos não attrahissem alguma pessoa áquelle antro.

«A minha resistencia acirrara-lhe fortemente a sensualidade, e tive de soffrer novos ultrages, d'esta vez no pleno uso dos sentidos! Não se morre de desespero, Brisern! Se assim fosse eu teria morrido n'essa noite horrivel!...

«Quando esse cruel supplicio acabou, porque tudo acaba, mesmo o que é monstruoso e abominavel, fiquei extenuada, incapaz de fazer um movimento!... O gladiador deixou-me então, dizendo-me com uma risada insultante e feroz:

—«Venci-te, Lycoris, e satisfiz a peso de ouro o meu capricho por ti. Agora pódes viver descançada, nunca mais te perseguirei!...»

E dirigindo-se para a porta do quarto, disse:

—«Catella, vem tractar da tua amiga, que deve ter necessidade d'isso. A noite foi rude para ella e para mim!...»

«N'esse momento entra a horrivel proxeneta. O meu primeiro impulso ao vel-a, foi assassinal-a. Cheguei a lançar-lhe os braços ao pescoço engelhado, mas seria um crime gravemente punido e que nada poderia já agora remediar. Insultei-a, vomitei contra ella as mais crueis imprecações! A miseravel não dizia uma palavra, não fazia uma supplica... Estava impassivel!...

«Irritava-me aquelle silencio, agarrei-a desesperadamente por um braço:

—«Infame! disse-lhe com os olhos incendidos de furor. Quanto te deram por esta traição nefanda?...»

—«Por Venus, minha Lycoris, quiz que fosses feliz, mesmo a teu pesar. Meu sobrinho gostava de ti, andava apaixonado, fallava até em deixar-se matar, vencido pelo desgosto que o consummia, no proximo combate do circo. Quiz que elle tivesse a felicidade que desejava, e que te fizesse feliz tambem!...»

—«Feliz, dizes tu, monstro do inferno, repugnante xofrango, inspirada pelas Furias?! Ah! então, para ti esta violencia infame, foi um presente que me fizeste, um presente de felicidade?!...»

—«Escuta, Lycoris! Meu sobrinho é adorado por muitas damas patricias, que o disputam umas ás outras com furor! Muitas grandes damas se insultam e dilaceram cruelmente todos os dias por causa do valente Sporus. Todas essas mulheres opulentas teem sido possuidas por elle... Sabem-no todos. Pois, se depois de possuidas pelo meu heroe, ficam morrendo de amores por elle, como se explicará isto, senão pela felicidade que as suas caricias causam ás mulheres? Quiz que fosses feliz, Lycoris. Dize-me, não sentes nada, depois da noite que passaste? Não te sentes verdadeiramente feliz, como as opulentas patricias da cidade?...»

«Larguei o braço da repugnante proxeneta. Estaria louca? Tanto cynismo, depois do que se passára, parecia-me inadmissivel.

—«Ouve, disse-lhe eu, o teu senhor antigo foi sempre bom para ti. Eu propria tenho-te auxiliado nas tuas desgraças. O que te inspirou, pois, a fazeres esta affronta a Claudius e a contribuir d'este modo para a minha eterna desventura?...»

—«Sporus é meu sobrinho e sou doida por elle. Não haveria sacrificio que elle me pedisse que eu não lhe fizesse. Disse-me que tinha um louco amor por ti, e que morreria se não te possuisse. Ora, eu não quero que meu sobrinho morra, entendes?! Tens sido boa para mim, mas embora! Por Sporus faria tudo... tudo! Agora mata-me, se queres, visto que Sporus acaba de realisar o seu capricho!...»

—«Infame! disse-lhe eu. De que me serviria matar-te, se nada remedeio com este crime? Fizeste a desgraça da minha vida, não posso voltar para casa de Claudius... O que será de mim?!»

—«Ouve, disse a velha, parecendo commover-se com o meu desespero.

Se Sporus quizesse gozar-te mais vezes, conservar-te-hia aqui para os seus caprichos, emquanto me não matasses... Mas o gladiador disse-me:—«Satisfiz o meu desejo, e não quero saber mais d'essa mulher... Podes deixal-a sahir de tua casa!...» Já vês que nada mais tens a temer de meu sobrinho. Voltarás para casa, será o melhor que tens a fazer. Claudius, teu senhor, tudo ignorará. Quem lhe irá revelar o que succedeu, se ninguem tem conhecimento de coisa alguma! No emtanto, se queres permanecer aqui, pódes crêr que serei boa e affavel para comtigo, e que procurarei fazer-te esquecer pelos meus extremos a necessidade em que me vi de satisfazer o capricho do meu Sporus.»

«Reflecti n'estas palavras de Catella que me pareceram sinceras. Era extranha aquella ternura pelo sobrinho, mas infelizmente para mim, tivera bem deploraveis provas d'esse sentimento. Estava perdida... Voltar para casa do meu senhor ser-me-hia impossivel, embora elle ignorasse o que se passara... Resolvi ficar alli, e alli tenho estado... e porque não o direi? O monstro mentira a Catella, ou a infame velha, combinada com elle, representára uma nova comedia! Sim, porque elle voltou mais de uma vez, e eu, victima de algum funesto sortilegio, tive de ceder novamente aos seus caprichos!...»

—«Quando a desgraçada me contou a sua triste historia, meu senhor, disse Brisern a Claudius, perguntei-lhe porque não fugira d'aquelle antro. Respondeu-me que se julgava perdida para sempre e indigna de se apresentar n'esta casa, e que por isso não tentára sequer libertar-se do monstro que a enfeitiçára.»

Claudius, durante esta longa narração, soffrera o mais horrivel dos supplicios. Era, pois, verdade! A mulher que tanto amava, a sua escrava que por tanto tempo o dominára, estava manchada pelo furor brutal de um miseravel! Travava-se no seu espirito uma lucta medonha. Mas apesar de tudo amava Lycoris, e não se podia resignar a perdel-a para sempre...

E desculpava-a, e perdoava-lhe quasi, sentindo-se envergonhado d'aquella cobardia, que o rebaixava miseravelmente. Lycoris fôra victima d'uma traição infame... Era irrecusavel isto... Aquella narração do escravo não podia ser um embuste habilmente preparado...

E, sendo assim, Lycoris continuava a ser digna do seu amor... Iria procural-a, para lhe fazer esquecer á força de caricias o seu longo e cruel martyrio. Oh! E esse infame gladiador seria barbaramente suppliciado! Todo o sangue d'esse monstro para lavar tão cobarde crime!

—«Onde móra essa Catella?» perguntou elle ao escravo, quando esta resolução acalmou em pouco a tempestade que o agitava.

Brisern, que o observava com anciedade, reprimiu a custo um estremecimento de alegria. O seu poderoso senhor deixara-se vencer pela fabula, que tão habilmente, elle e Lycoris, haviam architectado.

E apressou-se a informal-o da morada da velha escrava, rindo interiormente da estupida credulidade do seu senhor.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

N'essa mesma noite, Lycoris voltava á sumptuosa habitação de Claudius.

Nunca a escrava se mostrára tão ardente e apaixonada para com o seu senhor.

A' força de caricias de fogo queria fazer-lhe esquecer a affronta que soffrera, e Claudius, que a adorava, deixava-se convencer por aquelle habil processo.

«Quero, dizia ella, enebriar-te de amor, e de peesia, em recompensa da generosidade de teu coração, oh meu senhor! Sou da terra da poesia, e as auras de meu paiz atravessam o espaço para me trazerem aos ouvidos os doces effluvios d'essa região poetica! Oh, meu amado, queres ouvir algumas das esplendidas estrophes, que n'este momento me accodem á memoria?»

E, como Claudius a contemplasse embevecido na deliciosa musica das suas palavras, ella foi buscar a sua lyra de ouro, e sentando-se aos pés do seu senhor, disse-lhe com um sorriso delicioso:

—«Gosto muito da linguagem do teu paiz, oh meu querido senhor! mas a do meu é mais propria para exprimir as arrojadas concepções dos vates. O meu divino Homero nunca poderia cantar n'esta linguagem soberba as doces fraquezas dos deuses, ou os arrojados commettimentos dos humanos. Gostas muito de Homero, não é assim? Qeres que te recite ao som da lyra alguns dos seus versos divinos?...»

—«Oh sim, sim! murmurou Claudius extasiado. Que a tua voz inspirada me transporte o pensamento para bem longe d'estas miserias terrenas! Eleva-me a alma ás regiões divinas onde pairam as musas do teu poeta predilecto!...»

—«Ouve então, vou recitar-te o episodio de Circe na *Odysseia*. E' Ulysser que falla nos versos sublimes do velho rapsodo.»

E, dedilhando a sua lyra de ouro, a gentil escrava começou:

## CIRCE

«Os meus companheiros atravessam a floresta, e chegam a um profundo valle, onde, formado de marmore brilhante como o sol, domina em toda a sua imponente magestade o soberbo palacio da famosa Circe.

«Viam-se á entrada lobos e leões, hospedes ferozes das florestas, domesticados pelos seus encantos. Longe de se precipitarem com furor sobre os meus companheiros, vagueavam em torno d'elles, e affagavam-nos, agitando as caudas eriçadas. Bem como quando o dono sáe de um banquete, os cães domesticos e fieis correm para elle e o acolhem com vivas caricias, ao verem que lhes traz algum bocado appetitoso, assim esses lobos e esses leões de garra mortifera acariciavam os meus guerreiros, aterrados da presença e do aspecto d'esses monstros da floresta.

«Deteem-se os meus companheiros ás portas do palacio, e prestam o ouvido encantado aos melodiosos accordes soltados pela bella deusa, ao passo que sob as suas mãos surgia n'uma grande tela um bordado, maravilhoso pela sua finura e graça, obra brilhante como as das deidades do Olympo.

«Um dos chefes dos meus arrojados companheiros, o valente Polites, tão amado por mim, que lhe respeitava a prudencia e o valor, tomou n'aquelle momento a palavra:

—«É de uma mortal ou de uma deusa a doce voz que retumba n'este palacio, e nos encanta com a sua divina melodia? Meus amigos, vamos conjural-a a apparecer-nos.»

«Assim fallou Polites, e as vozes dos companheiros do chefe chamam n'um grito unisono a dona d'aquelle palacio magnifico. Ella vem immediatamente abrir a porta, e convida-os a entrar no seu recinto. Insensatos! Todos sem hesitar lhe seguem os passos. Só Euryloco, suspeitando uma armadilha, fica prudentemente fóra do palacio...

«A deusa conduz estes guerreiros a uns aposentos onde se repousa languidamente. Prepara-lhes por sua mão uma bebida, em que o leite coagulado, a flor da farinha e o mel fresco se ligam com um vinho de uma doçura encantadora. Destilla n'essa agradavel bebida um veneno, que por um encanto invencivel deve apagar-lhes do espirito a recordação da sua patria. Apresenta-lhes a taça... elles bebem, e a deusa, ferindo-os logo com a sua varinha, precepita-os n'um profundo curral...

«Oh subita metamorphose! Os meus companheiros têem agora a cabeça, a voz, a figura de porcos! Estão eriçados de sedas, mas conhecem-se ainda, porque a este respeito o seu juizo não soffreu nenhuma alteração. Choravam, presos no curral immundo...

«Circe lança-lhes com desprezo hervas e glandes, o alimento devorado, com avidez, pelo animal que grunhe no lodo...

«Euryloco vôa á praia, impaciente de nos annunciar a sorte desastrosa dos companheiros. Não póde proferir uma palavra. Traz o coração ferido de uma dôr profunda e os olhos innundados de lagrimas. Presagiando a mais terrivel catastrophe, dominados pelo espanto e pela inquietação, supplicamos-lhe por muito tempo que rompa aquelle silencio afflictivo. Elle falla emfim, e faz-nos conhecer o nosso infortunio:

—«Segundo as tuas ordens, nobre Ulysses, atravessamos a floresta. Ao fundo de um grande valle encontramos um bello palacio de marmore. Alli, ao passo que entretecia um bello bordado, uma mortal, ou antes uma deusa, fazia chegar aos nossos ouvidos cantos celestes...

«Os meus companheiros chamam-na, a porta abre-se, apparece a deusa, e a sua voz lisongeira offerece-nos um asylo... Imprudentes! Todos a seguem! Só eu, prevendo uma traição, fico fóra do palacio. Todos os compa-

nheiros succumbiram. Em vão, com os olhos fitos na porta, fiquei por longo tempo á sua espera!...»

«Disse. Suspendo do flanco o terrivel gladio. Sobrecarrega-me o dorso o peso do meu arco, e ordeno ao narrador que me guie meus passos a esse palacio encantado. Elle cáe a meus joelhos e abraça-os:

—«Não vás a esse logar funesto, homem intrepido! Não me obrigues a seguir-te a esse antro! Sei que não trarás comtigo nenhum dos companheiros que perdemos, sei que vaes correr á propria perda! Fujamos com aquelles que nos restam. Talvez seja ainda tempo de escapar ao perigo com que este dia de maldição nos ameaça!...»

—«Fica tu junto do navio, Euryloco, respondi-lhe. Não penses senão em passar as horas em banquetes. Quanto a mim, irei só. A invencivel necessidade dá-me esta lei!...»

«Dizendo isto, affasto-me da praia. Entrando no valle, approximo-me do palacio da formidavel encantadora. De subito, o deus armado da vara de ouro, Mercurio, apresenta-se a meus olhos sob a fórma do mais bello dos mortaes. Na sua barba, floresce apenas uma ligeira pennugem. Entrando na adolescencia, encanta pela sua frescura e pela sua graça. Toma-me pela mão, e diz-me:

—«Onde vaes, desgraçado, tu que sem conhecer esta perigosa morada, percorres só, e com passo temerario, estas florestas e estas montanhas? Teus companheiros, pelo poder de Circe, soffreram a mais vergonhosa metamorphose: como porcos immundos, estão encerrados em sombrios curraes. Vens livral-os? Ah! Teme que o regresso seja interdito a ti proprio! Receia ficares detido n'esse palacio com todos aquelles cuja perda deploras... Tranquillisa-te... compadeço-me da tua sorte, e quero arrancar-te a este perigo funesto.

«Acceita esta planta salutar e dirige ousadamente os teus passos ao palacio de Circe. Conhece os artificios perniciosos da encantadora.

«Preparar-te-ha uma bebida, na qual destillará succos magicos. Serás superior ao encanto, tal é a virtude d'essa planta maravilhosa.

«Escuta ainda. Quando Circe te ferir com a sua comprida vara, corre para ella com o gladio na mão, como se quizesses arrebatar-lhe a vida. Pasmada d'esta audacia, quererá conquistar-te com a sua belleza, e offerecer-te-ha o coração. Não desprezes o amor de uma deusa, se quizeres obter a libertação dos teus companheiros e os soccorros, necessarios á tua viagem. Mas obriga-a a jurar-te pelo juramento terrivel dos immortaes que não terás a soffrer da sua parte uma perfidia. Receia bem que depois de te haver desarmado, ella não avilte a tua coragem!...»

«Assim fallou Mercurio, e arrancando do seio da terra essa planta, deposita-a nas minhas mãos. Faz-me conhecer as suas virtudes. Essa planta é negra pela raiz, mas a flôr tem a alvura do leite. *Molly* é o nome que lhe dão os deuses. E' difficil aos homens descobril-a, mas não pode occultar-se aos olhos dos immortaes.

«Mercurio, atravez das espessas florestas da ilha, ergue o vôo para o Olympo. Dirijo-me á morada de Circe. A cada passo, o coração palpita-me, agitado por mil cuidados...

«Chego á entrada do palacio da deusa, detenho-me, e faço resoar a minha voz. A deusa ouve-a, abrem-se as portas, e ella apparece, convidando-me a entrar no seu asylo.

«Infundi-lhe no animo uma pesada tristeza. Convida-me a subir ao solio deslumbrante, e os pés repousam-me n'um estrado. A sua mão apresenta-me n'uma taça de ouro uma bebida, na qual ella destillou os seus magicos venenos. Acceito a taça e bebo, mas o encanto não produz effeito. A deusa fere-me com a sua varinha:

—«Vae, diz ella, vae para o lodo do curral, onde te espojarás junto dos teus companheiros!...»

«Fallava ainda, quando, armado da minha espada, me precepitei sobre ella, como que para a immolar. Ella solta um grito terrivel, cáe a meus joelhos, as lagrimas innundam-lhe as extremidades das palpebras, e solta dos labios estas palavras:

— «Quem és tu? Qual é o teu paiz? Quem te deu o dia? Pois bebes este licor e triumphas do encanto! Nunca mortal algum poude resistir a estes venenos, desde que a taça lhe tocou a extremidade dos labios! Um coração invencivel palpita no teu seio... Não posso duvidar, estou vendo na minha presença esse Ulysses, famoso pela sua prudencia, e cujo navio, segundo Mercurio me tem dito, deve á volta de Troya aportar ás minhas praias. Embainha a tua espada... venceste uma deusa! Ella offerece-te o coração... Que o amor possa expulsar das nossas almas a desconfiança!...»

«Taes foram as suas palavras. Mas eu sem ceder á sua doçura appresso-me a responder-lhe:

—«Oh Circe! Immortal beldade, como queres tu que a minha alma se abra aos sentimentos da confiança e do amor, se transformaste os meus companheiros em vis animaes? As tuas palavras lisongeiras e o teu amor não serão antes um novo artificio para me reteres n'este palacio, para me despojares das minhas armas, enervar a minha coragem e confundir-me entre os mais cobardes

dos mortaes? A felicidade que me destinas não logrará deslumbrar-me... Queres saber, oh deusa, o que exijo de ti para tranquillisar a minha desconfiança? O inviolavel juramento dos immortaes!...

«Ella profere esse terrivel juramento. Depois que a sua bocca o proferiu, cedo á ventura que uma deusa me concede...

«A deusa era servida por quatro nymphas, sahidas das fontes, dos bosques e dos rios sagrados, que levam ao Oceano o tributo da sua onda. Uma lança sobre os leitos de repouso véus de linho e tapetes de purpura; outra prepara uma meza de prata, onde colloca açafates de ouro. A terceira trazendo brilhantes taças, derrama n'uma urna preciosa um vinho delicado e odorifero. A quarta vae procurar a limpida agua das fontes e preparar o banho.

«Uma grande chamma brilha pouco depois debaixo de uma enorme tina. A agua geme e ferve. Uma nympha conduz-me ao banho... Sinto com delicias correrem torrentes de agua tepida sobre a minha cabeça e sobre todo o meu corpo, até ficar plenamente livre do abatimento que me restava de tantas penas e trabalhos.

«Depois que o banho e um perfume unctuoso me reanimaram, a nympha apresenta-me uma tunica de uma extrema belleza, e um manto rutilante. Conduzindo-me novamente á sala, offerece-me um assento soberbo. Os pés repousam-se sobre um estrado.

«Uma outra nympha dirige-se para mim, segurando um jarro de ouro, e derrama sobre as minhas mãos agua das fontes, que vae cahir n'uma bacia de prata.

«Servem-me as mais delicadas iguarias, e a deusa instiga-me a saciar-me. Mas todos esses manjares me eram odiosos. Estava immerso n'uma profunda meditação. Minha alma absorta no sentimento das desgraças que soffrera, presagiava-me outras não menos terriveis.

«Circe viu a minha sombria tristeza.

—«Ulysses, disse-me ella, porque motivo deixas devorar o coração pela tristeza, porque perdes o uso da palavra, e não levas aos labios nem alimento nem bebida? Receias ainda alguma nova traição? Ah! Affasta do teu animo a desconfiança! Não ouviste proferir á minha bocca o juramento mais inviolavel?»

—«Oh Circe! repliquei eu... Que homem no meu logar, a não ser desprovido de todos os sentimentos de humanidade, poderia deliciar-se com esses alimentos, e com essas bebidas que me offereces, antes de ter obtido a libertação dos seus companheiros, e gosado a doçura de os tornar a vêr! Instigas-me

a tomar parte n'este festim, movida por uma amisade sincera? Restitue-lhes a liberdade. Que os meus amigos appareçam novamente ante meus olhos!»

«Apenas fallei, a deusa sahiu, levando nas mãos a sua varinha. Abriu a porta do curral, e tirou d'alli os meus companheiros, similhantes a porcos atolados em lodo e fel-os entrar na sala.

«Olhava para elles enternecido d'aquella miseria, emquanto Circe andava de fileira em fileira, ungindo-os com um oleo magico.

«De subito, desapparecem de todos os seus membros as sedas de que os revestira uma bebida funesta, e todos elles retomam a primitiva fórma, mais jovens, mais fortes e mais bellos!... Reconhecem-me no mesmo instante, e cada um d'elles voa aos meus braços. Gritos e soluços em que havia o mais delicioso encanto retumbam no meio dos nossos abraços. O palacio, no seu profundo recinto, é abalado por aquelle unisono terrivel. A propria deusa se commove.

—«Filho de Laerte, prudente Ulysses, disse a generosa Circe, porque te demoras? Corre á praia!... Approxima o teu navio da minha enseada, e depois de teres depositado nas grutas todos os apparelhos nauticos e todos os teus thesouros, volta aqui e traz comtigo os teus restantes amigos, tão queridos ao teu coração!

«Disse. Minha alma é deveras generosa para não se abrir á confiança. Precepito os passos para a praia e encontro perto do navio os meus companheiros, sepultados na mais sombria dor. Rios de lagrimas corriam-lhes dos olhos...

«Bem como quando as vaccas, ao recolherem das pastagens ferteis, arrastando as têtas carregadas de leite, entram á noite nos seus estabulos, e as jovens crias, cheias de alegria, se precepitam ao seu encontro... tudo salta, nenhum cercado póde retel-as, todas ellas correm em torno de suas mães, soltando longos mugidos; — assim os meus companheiros correm ao meu encontro e rodeiam-me com grandes gritos... Todos elles choram de alegria! Já lhes parece estar no seio d'esses rochedos d'Ithaca, onde nasceram e foram creados!...

«No meio da embriaguez dos seus transportes, irrompem-lhes dos labios estas palavras:

—«Oh favorito de Jupiter! Sim, o teu regresso inspira-nos tanta alegria como se nós entrassemos n'este momento nos lares onde recebemos a vida! Mas falla, conta-nos a deploravel morte de todos os nossos companheiros!...»

—«Approximem o navio da praia, disse-lhes eu com uma voz serena e

persuasiva; apparelhos nauticos e riquezas depositem tudo nas grutas, e sigam-me promptamente á morada sagrada de Circe. Encontrarão lá os companheiros de taça em punho, entregues ao prazer de um festim, onde nada falta aos seus desejos.»

«Executam promptamente as minhas ordens. Só Euryloco pretende reter a multidão dos companheiros:

—«Oh desgraçados! diz elle, onde quereis ir? Que ardor vos arrasta á propria perda? Pois quereis ir ao palacio de Circe, que nos transformará a todos em animaes immundos, ou em lobos e leões, para guardarmos, oh dura necessidade! as portas da morada em que é rainha? Esqueceu-vos já o antro de cyclope, onde foram encerrados os nossos amigos que seguiram os passos de Ulysses? A sua cega audacia precepitou-os na mais horrivel das mortes!...»

«Disse. No primeiro tranporte do meu furor, a longa espada que estava suspensa de meu flanco vem armar-me o braço, e apesar da estreita alliança que unia este chefe á minha casa, disponho-me a fazer rolar a sua cabeça a meus pés. Os companheiros accodem, e cada qual esforça-se por me serenar:

—«Alumno dos deuses! exclamam elles, deixemos, se te apraz, deixemos este chefe na praia; que elle guarde o navio. Deixemo-l'o. A nós pódes tu conduzir-nos á augusta morada de Circe!»

«Dizendo isto, affastam-se commigo do navio. O proprio Euryloco abandona a praia. Segue-nos, arrastado pelas minhas duras ameaças.

«Entretanto, os meus companheiros, retidos no palacio de Circe, haviam-se refrescado no banho, e, perfumados de essencias e cobertos de bellos vestidos, estavam reunidos n'um festim.

«Ao vêr d'este modo os seus amigos, renasce em todos os companheiros a recordação das suas desgraças. Interrogam-se, descrevem uns aos outros, por meio de mutuas narrações tudo quanto soffreram desde a sua partida d'Ithaca. As lagrimas começam de novo a correr, rebentam novos soluços, e o palacio resôa com aquelles clamores de maguadas queixas.

—«Filho magnanimo de Laerte, diz-me então a deusa, interrompei essas lagrimas. Conheço os infortunios que todos vós soffrestes sobre o mar, e todos os males que barbaros inimigos vos fizeram soffrer em terra. Mas sus, amigos! Gosae amplamente no meu palacio o repouso e a abundancia até haverdes recuperado as forças e a coragem, que vos animavam ao partirdes dos rochedos d'Ithaca. Abatidos, consternados, tantas viagens, tantos trabalhos e revezes estão sempre presentes a vossos olhos. O vosso coração parece eternamente fechado á alegria!...»

«Esta voz restitue a serenidade aos nossos animos.

«Passámos n'esta morada um anno inteiro. O repouso, a abundancia, os mais doces presentes das vindimas dissipam a recordação dos nossos males e reanimam as nossas forças. Mas, quando as horas trouxeram o fim d'este praso, quando tantos dias e noites desappareceram, os meus companheiros chamando-me de parte, disseram-me:

—«Insensato! Não será tempo ainda de pensares na tua patria, se o ceu permitte que tornes a ver o teu palacio e os campos de teus paes?...»

«Não foi em vão que proferiram estas palavras. Apenas a noite substitue o sol e obscurece o palacio, apenas os meus amigos, que se haviam retirado aos seus aposentos, dormem protegidos pelas sombras benevolas, dirijo-me ao aposento onde repousa a deusa.

«Aproveito aquelle instante favoravel, e imploro-a supplicante. Ella presta um ouvido attento ás minhas supplicas.

—«Oh Circe! digo-lhe eu, cumpre os teus juramentos, e digna-te enviar-me para a minha patria. Sinto-me arrastado pelo meu coração e pelos meus companheiros. Apenas hoje te retiraste, elles rodeiaram-me, derramando lagrimas de saudade, e o aspecto do seu desespero despedaça a minha alma.»

«N'esse momento sáe dos labios da deusa esta resposta:

—«Filho generoso de Laerte, parte, se assim o queres! Não esperes, porém, respirar tão cedo o doce ambiente da tua patria! Chama-te outro caminho! É mister que desças ao temivel imperio de Plutão e de Proserpina, para consultares a sombra de Tiresias, esse propheta de quem Thebas ouviu outr'ora os oraculos, e que, privado da vista, tinha o espirito tão lucido e previdente. Por favor de Proserpina, esse morto é o unico dotado de uma rara sabedoria, em quanto que n'esse logar de trevas não se agitam senão vãos phantasmas...»

«A estas palavras, o meu coração é despedaçado pelo desespero. Innundo o seu leito com as minhas lagrimas. A vida é para mim um fardo insupportavel. Não quero vêr mais a luz do sol.

«Depois de haver dado livre curso á minha dor, disse-lhe emfim:

—«Circe, que piloto me guiará n'essa viagem tão perigosa? Nunca navio algum chegou á sombria morada dos mortos!»

—«Ulysses, respondeu-me a deusa, não esperes encontrar um guia. Ergue o mastro do teu navio, e com as vélas pandas, abandona-te seguro ao

sopro de Boreas. Quando houveres transposto o imperio de Neptuno, verás uma praia baixa, de facil abordagem, assombreada por altos choupos, estereis salgueiros, e outras arvores, negras florestas de Proserpina.

«Detém o teu navio n'essa praia, orlada dos profundos abysmos do mar, e tu entra então na horrivel morada dos mortos ...

«Encontrarás alli um elevado rochedo, onde o Cocyto, rolando lentamente do leito do Styx, e onde o Phlegeton inflammado, encontrando-se e confundindo as suas aguas, cáem eternamente no Acheronte com um ruido espantoso.

«Dirige-te para esse rochedo, nobre heroe, e cavando uma profunda e larga cova, faz em torno d'ella a todos os mortos effusões de leite misturado com mel, de vinho puro e de agua das fontes, branqueando estas effusões com a flor da farinha.

«Invoca depois por muito tempo as sombras, compromette-te por um voto solemne a sacrificar-lhes em Ithaca, ao teu regresso, uma novilha esteril, a maior e a mais bella que existir nas tuas offerendas preciosas, emquanto que em honra exclusivamente de Tiresias, correrá o sangue de um cordeiro negro, a flôr do rebanho.

«Depois d'estas supplicas e d'estes votos, dirigidos ao povo sagrado dos mortos, immola uma ovelha e um cordeiro negros, dirigindo a sua cabeça para o Erebo. Tu, voltado para o lado opposto, olharás para o vasto mar.

«Bem depressa se reunirá a multidão innumeravel das sombras. Então ordena aos teus companheiros que despojem e abrasem as victimas degoladas. Que elles invoquem os deuses infernaes, o invencivel Plutão e a terrivel Proserpina!...

«Mas tu, armado do teu gladio, ousa affastar do sangue das victimas os espectros, sombras ligeiras dos mortos, até que a do Propheta se eleve diante de ti do seio do imperio tenebroso. Que o seu oraculo te sirva de guia! Que elle te indique o teu caminho e o meio de voltares, através das ondas, para a tua patria!...»

«Apenas a deusa acabara de fallar, a Aurora appareceu no seu throno radioso. A deusa adorna-me com uma tunica e um manto, que lançam um brilho vivissimo.

«Ella envolve-se tambem n'um vestido, de que nada pode igualar a finura e a belleza, e que lhe fluctúa até aos pés, tão deslumbrante como os raios do dia.

«Uma facha de ouro aperta-lhe a cintura, cinge-lhe a cabeça uma tiara preciosa.

«Corro por todo o palacio. A minha voz affectuosa excita o zelo dos companheiros:

—«Meus amigos, cessae de saborear as doçuras do somno! Partamos, a augusta Circe nol-o permitte!...»

«A estas palavras, apressam-se a seguir-me. No emtanto, não logro levar commigo, nem mesmo d'estes logares, todos os meus companheiros!

«Um d'elles, um joven, chamado Elpenor, que não tinha ainda mostrado nem muito valor nem prudencia, havia adormecido longe dos seus amigos, no tecto do palacio, onde subira para acalmar, pela frescura do ambiente, o fogo de que o excesso do vinho o inflammara, queimando-lhe as veias. Accordado subitamente com o tumulto dos companheiros, que apressavam com ardor a partida, levanta-se. Na perturbação e impaciencia, que o accommettem, precepita-se d'aquella altura, e vem esmagar a cabeça sobre o sólo!... A sua alma vôa logo para o sombrio imperio.

—«A esperança sorri em vossos olhares, lhes digo então, vendo-os approximar. Julgaes ir para a vossa patria, para os vossos ditosos lares... Circe traçou-nos uma derrota bem differente, meus amigos. E' preciso descermos á morada de Plutão e de Proserpina para consultarmos a sombra de Tiresias!»

«Empallidecem de terror os fortes companheiros. O ar retumba com os seus gritos. Lançam-se por terra, arrancam os cabellos, revolvem-se na poeira...

«De que servem, porém, ao desgraçado as lagrimas e os gemidos?

«Trespassados de tristeza e derramando abundantes lagrimas, dirigem-se para a praia. Encontramos as victimas presas ao sombrio navio... lá estavam a ovelha e o cordeiro negros...

«Circe precedera-nos com um vôo rapido. Quando os deuses querem ser invisiveis, que mortal descobrirá os vestigios dos seus passos?...» [1]

Quando Lycoris acabou de recitar este encantador episodio do divino Homero, Claudius extasiado deu-lhe um osculo de fogo, que se prolongou por muito tempo.

—«Vês, Claudius, como os homens são injustos para com a deusa, que soube conceder a Ulysses os mais innefaveis dons de uma suavissima hospita-

---

[1] Homero, *Odysseia*, canto IX.

lidade! Accusam a encantadora das maiores perfidias, e no emtanto, ella concedeu ao filho de Laerte e aos seus fieis companheiros venturas innarraveis! O mundo é sempre facil em criminar o sexo a que pertenço. Circe era deusa, mas no seu coração divino havia thesouros de amor, que ella amplamente prodigalisava...»

—«Como tu, minha divina Lycoris. És como Circe, dominas-me, transformas-me, e succede-me ás vezes a sorte dos companheiros de Ulysses por ella metamorphoseados em animaes vis e despreziveis; e por Mercurio! Eu não possuo a planta salutar que me poderia fazer rir dos teus sortilegios!...»

—«Tens, meu doce amado, tens, é o meu amor impetuoso, doido, que mesmo quando te rendes á discrição te tornar para mim sagrado e inviolavel. Não estás convencido d'isto?»

—«Tu de tudo me convences, sereia! Lembras-te do canto d'essas tentadoras do teu Homero?»

—«Queres que t'o recite agora tambem, para veres se podes comparar-me com ellas?»

—«A poesia grega tem na tua voz um realce surprehendente. Delicia-me ouvir-te, Lycoris. Dize-me esses versos, dize!»

—«Não são tão longos como os que acabas de ouvir. Ulysses navega no alto mar com os companheiros. Um vento prospero enfuna as velas. Estão passados muitos perigos, mas outros restam ainda, e um talvez o mais terrivel se todos, se não fossem as advertencias salutares d'essa Circe tão calumniada, seriam por certo

AS SEREIAS

«O navio galga ligeiramente a liquida planicie. O vento e o piloto dirigem a veloz carreira.

«No emtanto, Ulysses, com o coração perturbado por invenciveis receios, dirige-se aos companheiros n'estes termos:

—«Oh! meus amigos! Não basta que eu saiba os oraculos emanados da bocca de Circe, é mister que vol-os revele. Sabei, pois:

«Ou procuramos evitar a morte que nos espera, ou então será fatal a nossa perda.

«Temos de fugir agora dos prados floridos e da voz encantadora das sereias. Só eu posso ouvir os seus cantos, mas para isso é mister que me ligueis por laços fortissimos ao mastro do meu navio.

«Se eu vos conjurar para que me liberteis, se vol-o ordenar mesmo, longe de escutar as minhas palavras, robustecei ainda as minhas prisões.»

«Emquanto fallava, o navio vôa e approxima-se da ilha das sereias. De

subito, o vento cáe. O ar é calmo, o mar tranquillo. Uma divindade embala docemente, encanta e adormece as ondas.

«Immediatamente os companheiros levantam-se, colhem as velas, lançam-nas para o fundo do navio. Cada qual retoma o seu logar, a onda espuma debaixo dos remos.

«O perigo urgia. Eu então, armado de um ferro cortante, apresso-me a dividir em fragmentos uma grande massa de cera. Meus dedos nervosos comprimem-nos. Amollecidos dentro em pouco pelos meus esforços, e pelos fogos que nos dardejava felizmente o rei da luz, corro aos companheiros. Os ouvidos de cada um d'elles são alternadamente revestidos com aquella substancia.

«Prendem-me ao mastro do navio; fortes algemas ligam-me as mãos e os pés...

«Em seguida, tendo-se novamente sentado nos bancos, perturbam as ondas com o choque impetuoso dos remos.

«Quando nos achavamos affastados da praia apenas ao alcance da voz, as sereias, não ignorando a approximação do navio, entoam um canto harmonioso:

— «Oh famoso Ulysses, gloria da Grecia, vem deter aqui o teu navio, e presta ouvido attento á nossa voz! Feliz o nauta que passa ao longo d'estas margens! Nunca partiu d'aqui sem ouvir os doces accentos que saem dos nossos labios. E esses accentos encantaram-no!...

«Ouvindo-os, regresso umais instruido para a sua patria. Nada é ignorado por nós! Sabemos todos os trabalhos que os Troyanos, e vós, oh Gregos! soffrestes pela vontade dos deuses nos campos famosos d'Ilion... Nós sabemos tudo quanto acontece n'este vasto imperio!»

«Taes são as suas palavras, acompanhadas de um encanto celeste. Desejo prolongar o meu extase. Os signaes dos meus olhos ordenam aos meus companheiros que me livrem dos laços que me prendem. Todos elles, porém, precipitam-se com maior ardor para os seus remos.

«Euryloco e Perimede correm para junto de mim, apertam e redobram os meus laços. Longe d'estas margens perigosas vae correndo ligeiro o navio.

A distancia rouba-me pouco a pouco o doce canto das sereias. Emfim, deixo de ouvir as suas palavras e a sua voz.

«É então que os meus companheiros restituem a mim liberdade, e a si proprios o ouvido...» [1]

---

[1] Homero, *Odyssea*, canto XII.

Festim romano

Claudius, quando Lycoris acabou de proferir as ultimas palavras d'esta inimitavel rapsodia, esquecera completamente os desgostos que soffrera. Para elle, n'esse momento, a infame historia contada por Brisern não passava de um mau sonho, que em breve se dissipára á luz do olhar da sua amada.

E esse olhar era puro, como se nada se tivesse passado, como se a formosa grega nunca soffresse as caricias brutaes de um gladiador...

— «Sereia! disse-lhe elle, cingindo-a amorosamente nos braços. Enfeitiçaste-me, encontrando-me desprevenido. O teu Ulysses estava solidamente amarrado para resistir á tentação. Eu tive a desgraça de te cahir nos braços sem tomar a menor precaução contra os teus perigosos encantos.

Decorreram algumas horas deliciosas para Claudius. Nunca a formosa Lycoris desenvolvera para com o seu senhor maiores recursos de voluptuosas caricias. Queria fazer esquecer a sua aventura á custa de thesouros de volupia, e conseguira-o, porque, cedendo ao poderoso encanto que d'ella promanava, Claudius mal se recordava já dos seus recentes soffrimentos.

.................................................................

Na opulenta morada do *Dives*, realisava-se dias depois um lauto festim dissoluto, como só os romanos sabiam organisal-os.

Um distincto poeta portuguez descreve n'estes bellos versos uma d'essas orgias, que nunca mais lograraram reproduzir-se:

### FESTIM ROMANO

Vae alta a noite. Os pallidos convivas
Sentados em redor de lauta meza,
Por amphoras de prata cinzelada,
Bebem da Grecia os deliciosos vinhos.
Novo Lucullo, o amphytrião sublime
Da velha Roma as tradições respeita,
Quanto ao luxo de opiparos banquetes
E á opulencia das salas deslumbrantes.
Em tablados de purpura se movem
Ithyphallicas danças priapescas,
Simulando na mimica selvagem
Do deus da selva os lubricos amores.
Trinta escravas da Jonia semi-núas
N'aquelle ambiente de lascivia exhalam,
De envolta com os perfumes do Levante,
Tepido aroma de infernaes volupias.
Candelabros de bronze e serpentinas
Do luzente metal que a Hespanha envia,
Vasos da Etruria e porphyros da Grecia
De precioso lavor e finos traços;
Rendilhados florões, marmóreas grutas,
De magestosa, olympica grandeza,
Fazem da immensa quadra envolta em luzes
Digna mansão de um jupiter romano!

Vae alta a noite. A orgia deslumbrante
De fogos e metaes, de amor e riso,

Convertera-se emfim á lei suprema
Dos orientaes, assyricos banquetes.
Perpassam como lividas phalanges
No turbilhão dos sordidos amores,
Vultos de Aspasia, ignobeis sybaritas,
As cortezãs e os capitães das hostes.
O pretoriano audaz inclina a fronte
Nos seios nús da virginal patricia,
E ao velho senador circumdam braços
De esculptural belleza e formosura.
Caza-se ao longe o estrepito das danças
Ao retenir metallico dos beijos,
E aos espamos do amor mal comprimidos
Os arrancos da morte: era espantoso!
Vinte algozes de laminas sangrentas
Arrancam das entranhas palpitantes
De outros tantos escravos o segredo
De uma volupia mais: — a dor e o sangue!...

Ergueu-se o amphytrião de taça em punho
Limpando ás negras, setinosas tranças
De varonil matrona, os labios roxos,
E os cem convivas estacaram quedos.

— «Por Jupiter! clamou, Petronio mente!
Pois quem ousa affirmar que as nossas damas
Valem da Grecia as cortezãs lascivas,
Ou da Germania as lubricas amantes?!...
Vergonha eterna! As gerações famosas
Das orientaes, phantasticas orgias,
Dormem no eterno pó do esquecimento,
Não ha calor que as estimule á vida!
Mas, se forçando as urnas funerarias,
Podessem resurgir de novo em Roma,
Córariam de pejo ao ver tão frias
As vossas noites de volupia, oh damas!
Vêde o meu bando de gentis escravas,
Vêde Xanthós, a lesbica bacchante,
Como vae desparzindo em nossas almas,
Thesouros mil de incognitos ardores...
Verdugos, preparae as tinas persas,
O cavallete, a roda, as púas de aço;
Trucidae lentamente e de tal sorte
Que se sintam morrer os meus escravos!
Quero um festim de sangue e de volupias,
Em requintes sensuaes, connubio ardente
Das viboras do amor entrelaçados
Ás serpentes da gula e da lascivia...
Belluarios, correi; soltae das jaulas
Os meus fieis, intrepidos molossos...
Porque foges, Lucrecia? O cão das Gallias
Tem por instincto a adoração das bellas...
Patenteia-lhe a alvura do teu collo,
Ou a firmeza elastica das pômas,

Elle virá lamber-te as regias plantas,
Por ti soltando eroticos gemidos...
Como a deusa do amor, Xanthós é grande
Na arte sublime de inventar prazeres;
Pois saibamos tambem se é mais fogoso,
Mais acirrante o ardor da virgindade.
Seja a innocente, a candida Lavinia,
Quem dispute a victoria á escrava grega,
Se não prefere conceder primicias
A mim, seu pae, o vencedor do mundo!»

Sorriu-se a grega ao satyro mostrando
Do marmoreo salão n'um fresco altivo,
Duas sensuaes, eroticas bacchantes
Em voluptuoso enlace confundidas.

—«Sou de Lesbos, senhor! Xanthós exclama
Da Venus grega ás attracções sublimes
Mil vezes despertei, collada a fronte
Nos seios nús das cortezãs famosas.
Sou de Lesbos, senhor, e tanto monta
Dizer que adoro as perfeições da carne,
Quer na pujança athletica dos hombros,
Quer na feminea correcção dos membros.
Se concedo um valor, um preço enorme
Do nubio ardente á mascula rijeza,
Não menos aprecio o ardor das virgens,
E a languidez dos saphicos amores...
Lavinia é bella! a encantadora ingénua
Deve albergar nos seios opulentos
Os mananciaes da hysterica volúpia
Das tribades gentis da patria minha!..
Por ella o nubio, o rei dos gladiadores,
Votaria aos leões, ás feras brutas..
Oh deixa-nos, senhor! dar vida e alma
D'aquelle quadro ao licencioso thema!...»

Calou-se a grega, a hellenica bachante,
Da eburnea espadoa a tunica rojando;
E ao vel-a núa, prorompendo em bravos:
Ao leito, ao leito, os cannibaes bramiram!...»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

O festim de Claudius não teve esta variante lubrica da descripção do poeta, porque seria impossivel encontrar entre o elemento feminino do convivio as appetitosas primicias, tão apreciadas da libidinosa Xanthós. Em todo o caso a orgia da casa do *Dives* teve peripecias, cuja rudeza lubrica melhor será não revelarmos aos leitores.

Alta noite, quando os fumos alcoolicos se dissiparam algum tanto no cerebro de Claudius, o opulento romano estendeu os braços em procura da sua Lycoris, que havia cingido a si nos delirios sensuaes da noite, emquanto os

convivas se entregavam desafogadamente ás caricias mercenarias de algumas dezenas de escravas formosissimas.

Mas Lycoris não estava junto do seu senhor... Debalde Claudius a procurou no leito, debalde procurou descobril-a entre aquelle montão de carne fatigada, que enchia o *triclinium*, offerecendo o mais extranho espectaculo que póde phantaziar a imaginação delirante de um hysterico. Fórmas opulentas patenteavam por toda a parte a sua nudez soberba, á frouxa luz dos candelabros agonisantes, mas Lycoris não ostentava o seu corpo esplendido no meio d'aquella triumphal exposição da carne tentadora.

Onde iria ella? perguntava Claudius a si proprio, completamente aturdido por aquella desapparição mysteriosa. E esta ideia, agitando-se no seu cerebro, acabou por lhe dissipar de todo a embriaguez da orgia.

Uma vez fóra do prodigioso encanto que a belleza de Lycoris n'elle operava, Claudius podia reflectir á sua vontade. As suspeitas da infidelidade da escrava iam renascendo pouco a pouco, alentadas pelo calor da febre, que uma lucta intima lhe puzera agora no sangue. Enganal-o-hia ella? Seria uma engenhosa perfidia aquella longa historia que Brisern lhe contara?

Um turbilhão de ideias desencontradas, e sobretudo os acicates do ciume espicaçavam aquelle organismo tão submisso, quando o amor o dominava, mas tão orgulhoso tambem, quando presentia uma humilhação. Concertou o desalinho do trajo, e saltou do *triclinium* abaixo. Precisava de reagir contra aquelle predominio humilhante da escrava, embora para isso tivesse de a esmagar.

Os convivas dormiam profundamente, esmagados pela orgia espantosa em que haviam tomado parte. Não os despertou. Os escravos, terminados os seus serviços, repousavam provavelmente tambem. Reinava na casa um silencio profundo, apenas interrompido de quando em quando pelo resonar vehemente de algum dos companheiros de prazer do amphytrião, ou pelos tristes pios das aves nocturnas, que vinham esvoaçar contra as janellas debilmente illuminadas, que deitavam para o jardim.

Da sala das *commessationes* não era grande a distancia que mediava ao vestibulo, parece-nos que o dissemos já. Havia o *atrium*, e d'alli partia logo um vasto corredor que conduzia á entrada principal do edificio. Claudius, ardendo em febre, devorado pelo ciume que novamente o invadira, chegou ao *atrium*, e dispunha-se a dirigir-se d'alli á parte da casa destinada aos aposentos dos escravos, quando lhe pareceu ouvir um rumor de vozes. Detido subitamente por aquelle vozear insolito, eis o que ouviu em sua propria casa, onde era senhor absoluto, e como tal altamente odiado e infamemente trahido:

Brisern, o miseravel ostiario, era n'aquelle momento mais feliz do que nunca fôra o opulento senhor, cujo ouro espalhado a plenas mãos lhe dava a posse de uma escrava tão deslumbrante como a formosa Lycoris.

Mais feliz, porque estava possuindo esse thesouro de volupia, que fôra espontaneamente entregar-se-lhe, dominada por uma paixão irresistivel, em quanto que para o orgulhoso senhor não tinha senão caricias fementidas e phrases estudadas!

Os dois amantes trocavam as mais ardentes caricias, entregando-se com-

pletamente descuidosos do perigo que os ameaçava, ao impeto da paixão sensual que os attrahira um para o outro.

Lycoris representava n'aquelle momento uma das aberrações sensuaes com que um vento de loucura agitava as mulheres do seu tempo. Era frequente não só nas escravas depravadas mas até nas mais elevadas matronas aquella predilecção para com os mais abjectos servos, cosinheiros, ostiarios, etc. Os gladiadores estavam tambem muito em moda. Frementes de enthusiasmo, ao verem os seus feitos de bravura nos colyseus, as matronas não tardavam a introduzil-os nas suas alcovas mysteriosas, onde se entregavam cheias de paixão a esses braços musculosos, ainda manchados de sangue, e cobertos da poeira avermelhada da arena!...

Mais tarde a corrupção feminina em Roma devia inventar mais espantosas torpezas. Mais tarde, quando no throno dos Cesares se fosse sentar essa imperial impudica, em cujos hombros nevados ainda hoje se descobrem os vergões do temivel latego de Juvenal, já não bastariam homens robustos ás infamissimas matronas, ébrias de luxuria. Messalina seria eclipsada pela phantasia lubrica das suas infernaes imitadoras, e a scena de Lycoris com Brisern, a que o opulento Claudius está assistindo, louco de furor e de ciume, seria um delicado idyllio, comparado com estas aberrações de que falla Juvenal:

> «*Tunc prorigo more impaciens tunc* femina
> *Et toto periter repetitus clamor ab antro* simplex
> *Jam fas est admittere viros! dormitat adulter!*
> *Illa jubet sumpto juvenem properare cucullo,*
> *Si nihil est serius incurritur, abstuleris opem*
> *Servorum, veniet conductus aquarius. Hic si*
> *Queritur, et desent homines, mora nulla per ipsam*
> *Quominus imposito clumen submittat Asello.*»

O *Burro de Ouro* de Apuleio descreve bem claramente estas monstruosas aberrações, que nos abstemos de traduzir. Deixemos o casto véu do latim a encobrir tão repugnantes torpezas.

Voltando á scena que estavamos contando aos leitores.

Claudius ouviu por muito tempo os eccos d'aquella traição abominavel, que de um momento para o outro lhe dissipou todas as illusões. A sua consciencia, bem desperta agora, mediu o fundo abysmo de enganos a que aquella mulher o conduzira, graças á mais infernal das astucias. E ao accordar d'aquelle longo e aviltante torpor, o mancebo sentia-se sem forças para fulminar os infames! Queria correr para elles, esmagal-os, tinha colera e indignação para isso; mas o choque violento que recebera, aquelle subito desabar das suas mais gratas illusões aniquillava-o. Queria andar e não podia, queria soltar um grito de indignação, e a voz affogava-se-lhe na garganta.

E, cousa singular, tinha n'aquelle estado desesperador a nitida percepção das cousas! Ouvia todas as cariciosas palavras que a infame prodigalisava ao seu cumplice. Ouvia-lhe os gritos lascivos, as supplicas, proferidas por entre palavras impregnadas de doçura, quando o musculoso bretão ia fraquejar no

combate. Todas essas palavras vinham escaldar-lhe os ouvidos, como se fossem jorros de chumbo derretido, e no emtanto, a prostração que o invadira cada vez era maior, a pouco e pouco os joelhos vergavam-lhe, e chegou um momento em que não podendo suster-se mais, cahiu desamparado no solo soltando um grito de desespero.

O que então se passou foi verdadeiramente horrivel. Interrompidos no seu commercio sensual por aquelle ruido insolito, e por aquelle grito que lhes chegou aos ouvidos tão inopinadamente, os dois cumplices soltaram-se dos braços um do outro, e consultaram-se por algum tempo com inquietação.

Lycoris, habituada ás constantes traições, era mais audaz do que Brisern. Sahiu de junto d'elle, e dirigiu-se, ligeira como a gazella, á sala do festim. No caminho tropeçou n'um obstaculo, e poude verificar até pelo tacto que era um corpo humano, mas a sua prudencia e sangue-frio habituaes não se desmentiram. Deter-se, seria fornecer elementos que a comprometteriam. Entrou na sala com uma habilidade consummada, e viu com alegria que ninguem havia ainda accordado. Os fumos do alcool pesavam como montanhas n'aquelles cerebros completamente embrutecidos!

Lycoris, á luz dos mortiços candelabros, dirigiu-se ao leito de Claudius. Estava deserto e quente ainda. O opulento senhor havia-o abandonado poucos momentos antes, pensava a escrava, e por isso fôra elle quem soltára aquelle grito ao cahir por terra no pavimento do atrio. Tudo ouvira, pois, murmurava Lycoris!

—«Que importa! continuou ella. O meu philtro tirar-lhe-ha para sempre a memoria. Assim m'o assegurou *Myralis,* a famosa thessaliana!»

E depois de reflectir por alguns momentos, Lycoris dirigiu-se correndo para o vestibulo do edificio, tendo-se munido de uma vela de cera, qne tirou de um dos candelabros.

Claudius jazia por terra sem fazer um movimento. Lycoris deteve-se junto d'elle, poz-lhe a mão na fronte e sorriu.

—«Myralis não me enganou! disse ella. Agora dorme. Um somno pesado e frio como a morte, eis as suas palavras. Dorme, poderoso Claudius! Quando acordares, terás perdido a memoria e o juizo! Tolo! Porque não calafetaste os ouvidos para não te deixares perder pelos cantos da sereia?!...»

E ao dizer estas palavras, o formoso rosto da escrava estava completamente transformado. Tinha uma tal dureza no olhar, e uma tão atroz contracção nos labios, que mais parecia uma das Eumenides de que a gentil e alegre rapariga, a quem pouco antes ouvimos recitar os bellos versos de Homero, ao som dos accordes melodiosos da sua lyra de ouro e de marfim!...

Claudius, depois de enormes exforços, completamente inuteis, perdera os sentidos, e um suor frio viera innundar-lhe o rosto desfeito. Lycoris contemplou-o por algum tempo. Em seguida, foi chamar Brisern, que se anichara no seu cubiculo, cheio de inquietação e de terror.

—«Queres vêr o que resta do teu senhor, pobre escravo que tanto tens soffrido, a este como a outros muitos? disse-lhe ella pondo-lhe a mão no hombro, e sorrindo-lhe com meiguice. Vem commigo.»

E como elle hesitasse, olhando-a aterrado, ella beijou-o com amor, e accrescentou:

—«Vem, meu doce Hercules, quero dar-te um instante de felicidade, em troca do prazer que me déste ainda ha pouco. Vem gosar com o aniquillamento do teu senhor!...»

Brisern então apressou-se a seguil-a, e viu o que não esperava, porque Lycoris, escolhendo-o para instrumento dos seus prazeres, jámais lhe revelava os seus segredos ou os seus planos tenebrosos.

Assim, foi com verdadeiro assombro, que o escravo viu cahido por terra n'aquelle sitio, onde estava longe de o suppor, o poderoso Claudius.

— «Está morto?» perguntou elle em voz baixa á sua cumplice.

— «Ainda não. Dorme, e ou não accordará nunca, ou se accordar, jamais poderá recordar-se do que ouviu...»

— «Do que ouviu! exclamou Brisern apavorado. Elle ouviu o que nós estavamos fazendo?» inquiriu elle estremecendo de terror.

— «Não te assustes, meu esforçado luctador, disse-lhe ella rindo. O teu senhor nunca poderá ter ciumes de ti!...»

E, pondo o pequenino pé calçado n'uma formosa sandalia sobre o rosto de Claudius, a escrava continuou:

—«Já não temos senhor, vês? Este que tinhamos, e que tanto nos intimidava quando nos entregavamos ao nosso amor, acabo de o inutilisar completamente. Ajuda-me a transportal-o para o *triclinium*, antes que os convivas despertem. Depois te contarei tudo. Temos ainda uma grande parte da noite para consagrarmos ao nosso amor e aos nossos planos!...»

Brisern tomou nos braços robustos o corpo inanimado do seu senhor, e apressou-se a leval-o para a sala das *commessationes*, onde reinava profundo silencio. A atmosphera d'aquelle aposento, saturada de emanações alcoolicas, pesava como chumbo sobre aquelles corpos inanimados. Lycoris designou com um gesto a Brisern o leito de Claudius, e o colosso foi alli depôr o corpo do seu senhor.

—«Vem, disse ella, cingindo com um braço o peito do escravo. Temos ainda algumas horas de prazer!»

Os dois amantes voltaram ao cubiculo do ostiario, transformado em opulento thalamo, pelo maravilhoso poder de Eros. Foi alli que a formosa Lycoris, collando os labios voluptuosos ao ouvido de Brisern, lhe contou todos os pormenores do seu attentado.

O seu comportamento desregrado durante a ausencia de Claudius devia necessariamente transpirar. Não se fallava em Ebora n'outra cousa, e não tardaria o momento de algum amigo officioso vir informar o opulento patricio dos boatos que corriam.

Era imminente o perigo, e urgia conjural-o.

D'aqui a fabula primeiramente architectada, e que lograra serenar as desconfianças de Claudius. Mas não bastava essa fabula, que o primeiro contratempo destruiria com facilidade. Era mister estar precavida contra essa eventualidade, e por isso Lycoris recorrera ao auxilio de uma habil feiticeira da

Thessalia, a esse tempo na cidade, e que mediante algum ouro, fornecia toda a especie de philtros magicos a quem lh'os ia pedir.

Fora um d'estes philtros que Lycoris fizera beber ao seu amante durante esse grandioso festim. Vimos o effeito poderoso do philtro, que operou perfeitamente no momento em que o opulento Claudius ia surprehender a infamia da sua amante. O subito despertar de Claudius, no meio do somno fatigado que se havia succedido á orgia, fôra o primeiro symptoma do veneno. Era uma especie de mal-estar, de inquietação e desasocego, que reunido ás suspeitas de infidelidade de Lycoris, o obrigara a saltar do leito, para a procurar, conservando-o desperto a elle só, no meio de todos os seus convivas, que dormiam profundamente.

Os passos que déra desde a sala do festim até ao vestibulo, a inquietação que o devorava, e a commoção violenta que soffrera ao descobrir a infame traição da escrava, auxiliaram poderosamente o effeito do veneno. As forças abandonaram-no, e depois de um violento esforço, cahiu por terra, aniquillado e perdendo completamente os sentidos.

Se não morresse, Claudius jamais recobraria a razão. Em qualquer dos casos, Lycoris não teria de soffrer o castigo da sua perfidia. As suas aventuras galantes, e depravadas mesmo, ficariam completamente impunes.

Essas aventuras eram verdadeiramente escandalosas. Aquella fabula, contada a Claudius por Brisern, occultava bem a dissolução da escrava, que fôra espontaneamente entregar-se ao gladiador mais acclamado, só porque ouvira dizer que esse hercules era invencivel nos combates do amor.

Havia em Ebora uma patricia, de quem ja tivemos occasião de fallar, Licinia, a esposa do general Hirtuleio, o amigo intimo de Sertorio.

Licinia entregava-se a todos quantos a requestavam. Antes de Lycoris ter aquelle capricho pelo gladiador, este era o amante predilecto da patricia.

Fôra por occasião das festas da *Bona Dea*, celebradas todos os annos com uma pompa deslumbrante. No templo da deusa reuniam-se as principaes damas d'aquella pequena Roma, a exemplo do que se praticava na grande metropole da republica.

A dissolução dos costumes reinava triumphante na cidade de Sertorio, apesar dos esforços empregados pelo dictador para a impedir, e dos exemplos de austeridade por elle dados quotidianamente no seu tracto intimo, e na sobriedade do seu viver.

Licinia fôra a essas festas n'uma sumptuosa liteira, e caso verdadeiramente escandaloso, e que fornecera um assumpto obrigatorio a todos os commentarios dos ociosos! — estivera conversando com extrema galanteria com o gladiador á entrada e á sahida do templo.

Houve até quem visse roçar levemente os labios carminados da patricia pelo rosto adusto do Hercules, houve quem notasse apertos de mão trocados, e sorrisos que continham, de certo, as mais deliciosas promessas.

Lycoris passava n'esse momento, e viu aquelle indecoroso espectaculo de uma matrona affrontando publicamente o pudor conjugal, trocando beijos, sorrisos e promessas com um miseravel gladiador.

Olhou para o Hercules, que já ouvira admirar a tantas outras, e agradaram-lhe aquellas formas musculosas e promettedoras. Teve um capricho,— entregar-se-lhe n'esse mesmo dia, e humilhar alli mesmo a orgulhosa patricia, roubando-lhe o amante na sua presença.

Licinia era formosa, mas a sua belleza, comparada com a de Lycoris, soffria bastante no confronto.

Licinia era de fórmas delicadas, tendo no conjuncto uma deliciosa morbidez; Lycoris tinha na opulencia das fórmas toda a graciosa magestade da Venus Calipygia, e na deliciosa côr da epiderme o fogo ardente do sol do seu paiz. Nos olhos profundos e estonteadores da escrava descobria-se a limpidez cerulea das aguas do Mediterraneo. Era a mulher mais formosa e deslumbrante que a esse tempo existia em Ebora.

O gladiador estava todo embevecido no doce encanto dos amores da sua formosa patricia, quando Lycoris foi direita a elle, e pegando-lhe do braço conseguiu affastal-o da liteira de Licinia.

Pasmado d'aquella subita apparição, o gladiador deixou-se conduzir sem dizer uma palavra.

—«Vi-te combater na arena, e admirei o teu valor, disse-lhe ella, dirigindo-lhe um olhar de fogo. Que te parece, sou formosa?...»

—«Por Venus, minha bella, és admiravel!...» balbuciou elle, ainda perturbado por aquella insolita interpellação.

—«Gostarias de me possuir?!» perguntou ella, acompanhando a pergunta de uma fugitiva caricia nas faces de colosso.

—«Por Eros! que pergunta! bradou o gladiador com o rosto congestionado de volupia. Morderia de bom grado o pó da arena, se antes d'isso te tivesse nos meus braços!...»

—«Pois bem, meu caro, serei tua hoje mesmo com uma condição...»

—«Qual é? Falla, minha deusa, luz dos meus olhos! Que pretendes?...»

—«O ardor das tuas palavras assegura-me da sollicitude em que cumprirás os meus desejos, mas tem cuidado, póde ser que te peça uma cousa bem difficil e bem penosa para ti!...»

—«Pede o que quizeres. Tenho ouro, se ouro desejas; sou valente, se precisas de meu braço para vingares alguma injuria!...»

—«Não se tracta nem de ouro nem de valentias. Sabes que sou escrava... Pois queria mesmo n'esta qualidade supplantar uma patricia a quem amas, e que te ama. Concedo-te os meus encantos, se romperes immediatamente com essa orgulhosa dama que te requesta desaforadamente na presença de todos. Escolhe, pois, ou satisfazer immediatamente este meu capricho, ou renunciar para sempre á minha posse!...»

O gladiador contemplou por alguns instantes a graciosa Lycoris, tão seductora no seu voluptuoso abandono, vibrante de orgulho ao fazer aquella proposta, que nem por um momento duvidava que fosse acceite, tal era a confiança que tinha na sua belleza triumphante!...

Houve alguns momentos de lucta, mas a victoria de Lycoris não ficou por muito tempo duvidosa. O gladiador olhou para a liteira, d'onde a soberba

patricia inquieta com toda aquella demora, lhe fazia signaes incessantes, e olhou para a bella escrava que estava unida a elle, esperando a sua resposta, tão confiada nos thesouros de velupia que vinha alli offerecer para satisfazer um capricho de mulher, que nem lhe passava pela cabeça que podessem ser recusados.

O confronto foi favoravel a Lycoris. O gladiador abraçou-a, e disse-lhe:

— «Onde te encontrarei?...

— «Seguir-te-hei desde já para onde quizeres, respondeu-lhe Lycoris, mas tens de cumprir a condição por mim exigida. E' mister que insultes de tal modo a dama que nos está olhando com desconfiança, que ella fique bem convencida que a desprezas, e que me fizeste o sacrificio d'essa poderosa rival.»

— «És cruel, por Venus! exclamou o colosso, mas és tão bella, que me dominas completamente, e terei de fazer-te a vontade. Que devo fazer?...»

— «Dirige-te junto da liteira, e dize positivamente a essa dama que não lhe tens amor. Accrescenta que não me conhecias ha alguns momentos, mas que tanto admiras a minha formosura que tudo sacrificas para me possuir!... E depois d'isto volta-lhe as costas com desprezo, e vem ter commigo!...»

O gladiador hesitou por algum tempo. Aquella formosa patricia fizera d'elle ha muitos dias o seu amante predilecto. Amava o com intensa paixão, havia-lh'o provado tantas vezes! Mas a escrava era tão bella, accendera n'elle um tão extranho fogo sensual, que o colosso afinal, tomou uma resolução energica, e approximou-se da liteira, onde Licinia o esperava com impaciencia, já muito ciumenta d'aquella conversação tão prolongada do seu amante com uma mulher bonita.

— «Quem é essa mulher? perguntou-lhe, vibrante de colera, quando elle se approximava da liteira.

O gladiador, em vez de responder a esta pergunta, recitou, ou antes balbuciou a lição que Lycoris acabara de lhe ensinar.

A escrava acercara-se algum tanto da liteira para gosar plenamente o seu triumpho.

Não se imagina bem o furor da orgulhosa patricia, ao ouvir aquella audaciosa e insultante declaração do seu querido gladiador. Foi com as faces congestionadas que cuspiu contra elle as maiores insolencias, fallando até em mandal-o matar pelos seus escravos.

— «Quanto a ti, vil serva meretricia, terás em breve noticias minhas!» bramiu ella como uma leôa ferida, dirigindo um gesto de ameaça á extravagante rapariga.

Lycoris ria até ás lagrimas, vendo o furor da patricia, e apoderando-se do braço do gladiador, disse a Licinia, indicando-lhe o seu novo amante:

— «E' a mim que elle ama, a mim, orgulhosa patricia! Augmenta as tuas doses de arrebiques; e inventa novos cosmeticos, se queres conservar os teus amantes, poderosa dama!...»

E partiu com o gladiador, emquanto Licinia devorava aquella terrivel affronta.

Esta leviandade de Lycoris devia ter para ella funestas consequencias, como d'aqui a pouco iremos ver.

Licinia, ferida no seu amor e no seu orgulho, tractou de urdir pacientemente a teia da sua vingança. A primeira victima foi o gladiador, morto traiçoeiramente dois dias antes da chegada de Claudius a Ebora. Quatro homens apoderaram-se d'elle uma noite, quando se recolhia a casa, e apunhalaram-no de subito, sem que o pobre colosso podesse fazer uso da sua força prodigiosa.

Não se desprezava impunemente o amor de uma patricia. Não se lhe offendia d'aquelle modo o orgulho e a vaidade feminil, sem que se incorresse n'um perigo bem terrivel.

Licinia logrou saber dentro em pouco quem era a audaciosa escrava que se atrevera a competir com ella, e a provocal-a de um modo tão insensato. Soube-o, mas sobre-esteve na vingança, porque desejava que ella fosse bem completa, bem terrivel! Suppondo que ella amasse doidamente o gladiador, o seu primeiro acto de represalia foi mandal-o assassinar. Era apenas o principio da vingança. O resto sabel-o-hemos depois.

Morto o gladiador, Lycoris que ignorava os projectos de vingança de Licinia, sentiu-se livre de um grande compromettimento. Foi então que urdiu aquella fabula, contada por Brisern a Claudius, visto que nunca poderia averiguar-se a verdade, desapparecendo aquella testemunha. Claudius, embora ouvisse fallar nas relações da sua escrava com similhante homem, tudo explicaria pela narrativa de Brisern.

O perigo não deixava de existir, porém, porque as aventuras da leviana Lycoris eram numerosas. Mas, como contava desfazer-se de seu senhor, esperava destruir assim todos os elementos de tormenta que o seu procedimento agglomerára contra ella.

Vejamos agora o que succedeu no dia seguinte á orgia que descrevemos.

Os convivas foram pouco e pouco despertando da sua embriaguez, quando o sol innundou com os seus raios brilhantes a sala das *commessations*.

Só Claudius não despertava. Livido como um cadaver, jazia no *triclinium*, cingido pelos braços de Lycoris, que se fingia adormecida junto d'elle.

Não causou extranheza aquelle prolongado somno do amphytrião, por isso que a orgia fôra bastante rude, e não era a primeira vez que o opulento Claudius, rendido de fadiga e prostração, dormira até bastante tarde, sem que se despedisse dos seus convivas.

Cada qual tractou de retirar-se o mais silenciosamente possivel, para não perturbar aquelle repouso do seu amigo.

Lycoris, logo que todos sahiram, ergueu-se do *triclinium* e foi fallar com Brisern.

— É mister, disse-lhe ella que venha aqui immediatamente a feiticeira da Thessalia. Móra perto d'aqui. Vê se a chamas, antes que se descubra o estado de Claudius.»

D'ahi a poucos momentos, entrava na sala do festim a lugubre feiticeira.

Era uma horrivel velha alta e magra, de rosto encorreado e côr de bronze. A cara repugnante estava emmoldurada por fartos cabellos grisalhos. Vestia uma tunica preta, apertada na cintura por uma larga tira de couro.

—«Que queres?» perguntou ella, com uma voz aguda e penetrante como o som de ferros que se entrechocam.

—«Claudius bebeu o teu philtro, e não acordou ainda. Que devo fazer agora?»

E Lycoris apontava para o corpo inanimado do seu senhor.

A velha aproximou-se do leito e examinou o mancebo, com um sorriso medonho, que lhe contrahia os labios delgados.

—«Não morreu, murmurou ella, pondo-lhe a mão no peito. Nem morrerá d'este philtro. É pena! continuou, como se fallasse comsigo propria. Eu tinha-o votado ao Erebo, mas será de outra vez, porque nunca faltarão mulheres para o trahirem, a este orgulhoso senhor, que ama as suas escravas e se deixa dominar por ellas. Viverá, e pelo estado em que o vejo ha de lembrar-se de tudo, mas só d'aqui por muitos dias...»

—«Não foi isso o que me disseste primeiramente, velha!» exclamou Lycoris muito contrariada.

—«A culpa foi tua, que não me explicaste bem o temperamento d'este homem. Julguei que se tractava de um dissoluto gasto pelos prazeres. Foi assim que preparei o philtro que fez perder a vida a Tibultio, o escravo predilecto de uma dama romana, quando ella se cançou das suas caricias, e o que fez perder a razão a Centenino, o pretor da Morcia, quando a formosa Gnathenion o julgou perigoso para os seus interesses. Tanto um como o outro estavam gastos e enfraquecidos. Este, pelo contrario, está na força da vida. Devias ter-me dito isto mesmo, porque d'esse modo o meu philtro seria infallivel...»

—«Mas, se lhe desses outro agora?» lembrou Lycoris, olhando timidamente para a velha feiticeira.

—«Impossivel, minha bella! Impossivel! Só passado algum tempo accederia aos teus desejos, porque os meus philtros necessitam de muito vagar para se prepararem. Entram n'elles substancias rarissimas. Aconselho-te outra cousa, visto que o philtro não deu o resultado desejado...»

—«O que é?» inquiriu Lycoris impaciente.

—«O meu officio não é exclusivamente vender philtros. Entretenho o commercio de Eros, e a divindade protege-me nos meus negocios. Hontem á noite, um pretoriano que parte para a Lybia veio procurar-me, para lhe indicar uma mulher de que precisa, porque acaba de lhe morrer uma bella escrava que possuia. Não póde gastar algumas minas na compra de uma beldade oriental, mas, como parte ámanhã mesmo, convir-lhe-hia qualquer *negocio difficil,* como elle diz, e como tu deves ter percebido já...»

—«Que especie de negocio é esse?» perguntou a escrava muito admirada.

—«Como! Pois não percebeste ainda?! A tua situação, segundo tu propria me contaste, é um pouco difficil. Trahiste o teu senhor, e como elle não morreu, como vae mesmo d'aqui a dias recuperar a memoria, lembrar-se-ha de tudo quanto se passou, e hade pedir-te contas do que fizeste. Essa historia do gladiador chegar-lhe-ha brevemente aos ouvidos, e então, oh treme de imaginar sequer o que te espera! Estes romanos são excessivamente crueis, bem o sabes... Esperam-te os maiores supplicios, porque o amor de Claudius por

ti dissipar-se-ha inteiramente, e pódes crêr que elle terá coragem de ver despedaçar a tua opulenta carnação grega, nas púas de ferro dos instrumentos de supplicio...»

Lycoris estremeceu, e fez-se tão pallida como a estatua de Venus que adornava um dos cantos da sala dos *commessationes*

—«Começas então a perceber! disse a horrivel, velha sorrindo com finura. O meu valente Marte encarregou-se de ti, e tractará de eximir-te ao castigo que te espera, pondo entre ti e a colera de teu senhor uma distancia respeitavel, que elle não procurará transpôr, fica certa d'isso. Acceitas?...»

—«Acceito, disse resolutamente Lycoris. E devo partir desde já para tua casa?»

—«Para não despertar suspeitas, porque os amigos de Claudius não tardarão a apparecer por ahi, deves permanecer n'esta casa até á noite. Logo que as trevas desçam, irás procurar-me, e lá encontrarás o teu novo amante...»

—«E agradar-lhe-hei? perguntou Lycoris, livre de todas as suas funestas preoccupações, e por isso dando novamente largas ao seu bom humor. Quererá elle quando me vir, arrostar os perigos do audacioso roubo que vae commetter?...»

—«Bem sabes que tens recursos para fazer morrer d'amores quantos te vêem, disse a velha sorrindo, coisa que mais hedionda ainda a tornava. Está ajustado, até ao anoitecer, mas não faltes, porque o meu Marte tem de partir necessariamente em praso fixo.»

—«Lá estarei, segundo combinamos n'este momento. Conta commigo, tanto mais que não posso demorar-me n'esta casa nem um dia além de hoje, como vês...»

—«Bem, está concluido o nosso ajuste, e logo nos veremos novamente.»

A velha retirou-se, e Lycoris absteve-se de revelar a Brisern o pacto que acabava de celebrar. O seu apaixonado amante seria um obstaculo para a realisação d'esse plano.

Durante o dia, Claudius conservou-se n'uma prostração que todos attribuiam ao cançasso da noite precedente, porque Lycoris, installando-se junto d'elle, não deixava entrar pessoa alguma no seu aposento, com receio de que essa grave prostração attrahisse os amigos do joven patricio, e os fizesse recorrer a um medico habil, que tudo descobrisse.

Assim decorreram as horas até ao anoitecer...

Quando as trevas desceram sobre a cidade de Sertorio, Lycoris sahiu resolutamente de casa de Claudius, sem ter um olhar de compaixão sequer para com esse homem tão gravemente doente por sua causa, e que tanto a havia amado. O colosso Brisern não lhe mereceu tambem, apesar dos seus caprichos sensuaes, uma simples despedida. Era de marmore o coração d'aquella formosa corrompida, creatura formada n'um meio dissoluto, incapaz de qualquer impulso bom e generoso. Tudo n'aquelle ente era dissolução e perfidia, postas continuamente ao serviço de uma sensualidade extranha e infernal!...

A velha thessaliana morava n'uma d'essas escuras e tortuosas ruazinhas da cidade de Sertorio, no bairro primitivamente destinado á prostituição. Foi

para alli que a gentil Lycoris se dirigiu sem hesitar, entrando desassombradamente no dedalo de viellas que constituiam esse bairro de bem temivel reputação.

A casa da feiticeira era velha e miseravel, digno antro d'aquella furia infernal. Era alli que ella dava os seus oraculos, e realisava os seus contractos nefandos, em que muitas vezes uma das partes contractantes era algum rico senhor romano, dissoluto e depravado, que alli ia fornecer-se de nova mercadoria para consumo dos seus prazeres torpissimos.

Lycoris chegou á porta, que encontrou aberta, e entrou. Do antro surgiu logo a horrivel velha, fazendo desabrochar nos labios encarquilhados o mais repugnante dos seus sorrisos lugubres.

— «Não veiu ainda o teu Marte, minha querida Venus, mas crê que não se demorará. Oh! tu és muito bella para fazeres esperar um namorado. Senta-te, e aguarda alguns momentos. Conversaremos ambas, se quizeres...»

Lycoris não respondeu. Assustava-a agora o lugubre aspecto d'aquelle antro temeroso, onde nunca entrara de noite.

— «Tremes? perguntou-lhe a velha *saga*, tomando-lhe da mão. Não te assustes. Bem sei que o teu ardor sensual prefereria encontrar aqui desde já, em vez d'esta velha repellente, montão de annos e de rugas desagradaveis, um homem forte e vigoroso que te enlaçasse nos braços, cheio de ardor e de volupia... Bem sei tudo isso, porque já passei por todas essas sensações e por todos esses desejos...»

E, como Lycoris olhasse para ella com espanto, ao ouvir assim fallar do amor atravez de uns labios lividos e asquerosos, a *saga* continuou:

— «Imaginas que não fui bella? Ah! Ah! Ah! casquinou ella n'uma gargalhada que fazia erriçar os cabellos, pelo que era estridente e horrivel. Fui tão bella como tu, e n'estes braços descarnados, a esse tempo, tão setinosos e torneados como os teus, sentiram espasmos de volupia muitos jovens, tão ricos e formosos como os que tens cingido a ti nos prazeres supremos que Eros nos concede, porque os deuses quizeram dar aos pobres humanos uma parcella, embora diminuta, dos seus gosos immortaes! Emquanto não chega o teu amante, se queres ouvir a minha historia, parecer-te-ha mais rapido o tempo que decorre n'esta sombria morada, onde os beijos do amor são substituidos pelos gritos agudos das aves agoureiras... Queres?...»

— «Falla!» murmurou Lycoris, que não tinha forças para resistir á fascinação lugubre que aquella mulher quasi sobrenatural estava sobre ella exercendo.

—«Sabes como se gerou Venus, a mãe divina de Eros, que nós os gregos fazemos presidir a todos os prazeres sensuaes, porque todos foram por elle creados? Tu deves conhecer essa lenda poetica, porque tens na fronte e no olhar os indicios de uma grande intelligencia...

«Vou repetir-te agora essa lenda graciosa, ensinada pelos deuses aos poetas do nosso paiz brilhante, onde as musas alegres se entretem a fallar com os homens e a ensinar-lhes os mysterios das cousas do Olympo.

«O mundo nascera do Cháos, bello e deslumbrante, e n'esses divinos

tempos, que nunca mais voltarão, as creaturas tinham encantos que hoje não se conhecem mais.

«Os animaes e os homens cobriam a terra, cresciam, multiplicavam-se, mas faltava-lhes em todos os actos que praticavam um não sei quê... Não eram felizes. Homens e animaes cobriam a terra, mas a terra não tinha sorrisos, nas ramadas das florestas não havia doces murmurios, da garganta das mulheres não sahiam gorgeios crystallinos...

«Havia uma especie de sombria tristeza a envolver a creação inteira. Era o lucto das coisas, sem que podesse explicar-se o motivo d'esse lucto...

«O sol illuminava a terra, e banhava nas ondas de ouro da sua luz todos os seres creados, mas essa luz não era brilhante; as aguas espreguiçavam-se ao longo dos continentes, mas não murmuravam queixas maguadas... as flores embellezavam os prados, mas não tinham brilho nem perfumes, e até as louras abelhas fabricando o mel não tinham os alegres zumbidos, que são a canção amorosa do seu agradecimento pelos rescendentes dons que as corollas lhes offerecem.

«Um dia todo este enorme desalento se dissipou como que por encanto. Na esplendida luz de um dia de estio, quande o sol chegava ao seu zenith, Venus sahia radiosa e sorridente da espuma do mar azul do nosso paiz deslumbrante...

«O sol dourou então a terra com o esplendor do seu brilho eterno, as aguas desdobrando-se em ondas espumosas entoaram um hymno de amor; as flores enviaram á deusa os seus suavissimos perfumes, as abelhas interromperam a sua faina incessante, e zumbiram alegremente, saudando esses perfumes desconhecidos; nas ramadas ouviram-se pela primeira vez os hymnos melodiosos de milhares de cantores alados; das gargantas juvenis soltaram-se canticos tão doces e harmonicos como os mais delicados gorgeios das aves da floresta.

«Tudo quanto tinha olhos olhou e viu a deusa, emergindo radiosa do seu leito de alva espuma, e extasiados d'aquella radiosa apparição, todos os corações principiaram a pulsar anciosamente.

«Depois, ao hymno melodioso, succedeu um grande e prolongado silencio.

«Então a deusa, ainda como que assombrada do mysterio do seu nascimento, sentiu-se deslumbrada pelo fulgor do sol, que lhe mordia os membros delicados. Circumvagando os olhos pela paisagem deslumbrante que a cercava, decidiu-se a penetrar no abrigo das florestas tranquillas, cujos sombrios rumores a convidavam, similhantes ás vozes do mar. E logo um numeroso cortejo de namorados e de cantores começou a seguil-a, envolvendo-a em desejos, em fremitos e em caricias...

«Sorridente e meiga, resignada já aos contactos importunos, caminhava passivamente, e o espectaculo d'essa alegria, que ella propria exhalava, lhe bastava. Por muito tempo assim caminhou, n'uma especie de somnolencia, que já não era o nada, mas que ainda não era a vida...

«Comtudo, no fundo do seu ser, e cada vez mais imperiosamente, vibra-

vam as exigencias de uma aspiração, cuja natureza e cuja origem não sabia determinar. Debalde estendia a mão para as arvores carregadas de fructos, ou molhava os labios na agua pura das fontes; debalde cedia ás sollicitações de todas as suas curiosidades novamente excitadas: debalde por duas vezes foi mãe...

«O seu coração conservava-se obstinadamente virgem e o mesmo appetite vivia n'ella cada vez mais imperioso, mais vago. A sua estada no mundo tornava-se cada vez mais triste, e a deusa cada dia se mostrava mais desdenhosa da vida.

«Então os que a amavam começaram a padecer, e tiveram medo que a morte a empolgasse.

«Ora, uma manhã que o seu amante desesperadamente inclinado por cima da sua cabeça a via dormir, sentiu uma indizivel magua pezar-lhe no coração, e o pobre moço percebeu que das suas palpebras inchadas e vermelhas corriam lagrimas pela primeira vez. E essas lagrimas cahiam uma a uma sobre aquellles lindos olhos fechados, sobre aquellas divinas faces pallidas, sobre aquelles labios em sorriso....

«De subito, a deusa abriu os olhos com desusado brilho, as faces rosaram-se-lhe, e humedeceram-se-lhe os labios. Elle contemplava-a extasiado, e sentindo-se feliz com esta transformação, cessou de chorar...

«A deusa, porém, recolheu um novo sorriso prestes a desabrochar-lhe nos labios formosissimos, e disse-lhe com ardor:

— «Oh! mais, mais!...»

«E levantando-se sobre o cotovello, a filha do mar bebeu avidamente as primeiras lagrimas do homem!...

«N'essa manhã, Eros foi concebido. E emquanto o homem poude chorar, pediu-lhe ella lagrimas! E creou o seu divino filho com um leite todo impregnado d'esse liquido amargo!» [1]

— «Como é bella essa poetica allegoria!» murmurou Lycoris, dominada pela doce melopeia da *saga*, que se havia transfigurado para fallar d'aquellas cousas do seu paiz.

— «Ouve, disse novamente a velha. Eros comprehendeu aquella avidez de sua mãe, e desde o primeiro dia em que poude retezar o arco, tractou de ferir os corações até ás lagrimas para que todas as mulheres podessem saciar n'essas lagrimas a sede que as devora. Tambem eu na minha esplendida mocidade bebi torrentes de lagrimas... Chegou a minha vez de as derramar, quando os meus amantes me pagaram a sua divida de todo o desprezo que lhes consagrei. Hoje essas lagrimas, de ha muito que se estancaram!...

«Fui amante de um poderoso rei lá d'esses paizes do Oriente, que não via em mim a escrava dos seus caprichos, porque o verdadeiro escravo era elle, sim, apesar do seu sceptro privilegiado, esse tyranno temido, era o escravo de todos os meus caprichos.

---

[1] Mounet Sully: -*La Buveuse de Larmes.*

«Fui-lhe offerecida como um delicioso brinde por meu pae, velho cortezão, que me tivera nos seus ultimos annos de uma deslumbrante escrava nubia. Tinha eu n'essa epocha quinze annos, e era o mais bello botão de rosa, que jàmais logrou desfolhar um monarcha do oriente. Felizmente para mim, não foi a esse tyranno odiado que entreguei as minhas primicias. Industriada por uma das mais celebres cortezãs da Thracia, dois annos antes d'esta offerta que me despedaçou o coração, já eu havia libado os gosos do amor nos braços de um joven nubio, que foi o meu primeiro e o meu unico amante. Os outros possuiram-me apenas o corpo, sem que eu me associasse jàmais aos prazeres que a tantos proporcionei.

«O acaso das batalhas fez-me passar ao poder de outro monarcha, alguns annos depois de ter sido a favorita do primeiro a quem fôra offerecida. Decorreram mais alguns annos e fui descendo na escala social, de fórma que ao apparecerem-me os primeiros cabellos brancos, era escrava de um templo egypcio, onde exercia as funcções de *almeia*. Foi alli que aprendi os sortilegios de que disponho, e que me permittem, n'esta edade avançada, obter os recursos necessarios para viver.

«E' simples a minha historia, como vês, e ao contar-t'a quiz apenas mostrar-te como uma mulher, pelo menos tão bella como tu, póde chegar a ser o que sou n'este momento. Dize-me, não seria preferivel morrer em plena mocidade, do que chegar a este aviltamento, depois de se ter passado por todas as phases da desgraça?!...»

--«Oh! de certo, de certo! exclamou Lycoris estremecendo. Eu preferiria a morte de bom grado!»

—«Os deuses te ouçam... Que elles se amerceiem de ti, enviando-te o repouso antes que possas conhecer bem todas as miserias de uma vida amargurada! Quem sabe mesmo, se n'este momento, continuou ella, com um sorriso enigmatico, estarás mais perto do que julgas d'esse repouso que ainda agora te desejei!...»

—«Que queres dizer?!» perguntou a escrava, assustada com a intenção lugubre d'aquellas palavras.

A velha não respondeu, mas como se obedecesse a uma evocação dos seus sortilegios, um novo personagem appareceu de subito no antro da *saga*.

Era um escravo nubio de fórmas herculeas, que tinha no semblante uma repellente expressão de ferocidade.

O nubio não disse uma palavra. A um signal da velha feiticeira, apoderou-se da formosa Lycoris, e antes que ella podesse soltar um grito, ou fazer uma supplica, amordaçou-a solidamente.

Feito isto, soltou um assobio estridente, signal previamente combinado. porque no mesmo instante, uns seis escravos de diversas raças, entraram de tropel na morada da *saga*, e dispozeram-se a receber as ordens do nubio.

— «A minha poderosa senhora envia-te aqui o preço ajustado, e encarrega-me de te agradecer o serviço que lhe prestaste, disse o nubio á feiticeira. Vamos, continuou elle, dirigindo-se aos companheiros, conduzam esta mulher segundo as ordens que receberam!...»

Seria impossivel descrever o terror que se apoderou da pobre Lycoris, ao vêr-se no poder d'aquelles homens. Começava a comprehender o espantoso perigo que a ameaçava!...

.....................................................................

Licinia estava mais formosa do que nunca, mollemente recostada nos coxins de um elegante aposento do seu palacio, alguns dias depois do rapto de Lycoris pelo escravo nubio em casa da velha thessaliana.

Elegantemente vestida, a desdenhosa patricia mostrava o semblante, de ordinario fatigado pelos excessos, animado de uma desusada alegria.

Algumas escravas estavam junto d'ella, attentas á menor palavra, ao menor gesto da sua caprichosa senhora. Bem sabiam as pobres servas que o menor descuido seria barbaramente castigado, que a falta de attenção a uma ordem dada seria um crime imperdoavel.

Eram assim as damas romanas, sempre barbaras e crueis para com os seus escravos; eram assim, e seguiam escrupulosamente o procedimento de seus maridos.

A mais simples falta era punida com os mais horriveis castigos. A cada passo se encontram nos auctores latinos frisantes provas dos mais inacreditaveis requintes de barbaridade.

Plauto falla do aguilhão destinado a espicaçar os escravos morosos. Era um páo guarnecido de uma ponta, que punham em brasa, applicando-a sobre as differentes partes do corpo dos miseraveis retardatarios.

Os porteiros viviam acorrentados como cães de guarda. Já assim encontrámos Brisern, e Petronio cita-nos frequentes vezes este barbaro costume, fallando-nos do rigor com que os romanos tractavam estes miseraveis.

Havia precauções mais horriveis, e muito mais humilhantes ainda. Pollion diz que para os escravos padeiros fôra inventada uma machina em forma de roda, que se mettia no pescoço do escravo para que elle não podesse levar a mão á bocca e provasse a farinha.

Um certo Anaxarco, segundo o auctor da *Historia do captiveiro na antiguidade* (Tomo I, p. 227) açaimava o escravo que fazia pão para que elle não o manchasse com o seu halito.

Os escravos fugitivos, segundo Petronio (*Satyras*, vol. II, pag. 79) soffriam um castigo bem cruel:

«Então Eumolpo, já excitado, cobre-nos todo o rosto de grandes lettras, com que ordinariamente se marcam os escravos fugitivos.»

Havia supplicios horriveis. Veja-se o que a este respeito nos diz Plauto (Tomo IX, pag. 305):

«Fizeste ainda ha pouco a experiencia da minha brandura e da minha bondade; interroguei-vos ambos com grandes chicotadas emquanto estavas no supplicio. Toma cuidado agora, não vos faça estalar os ossos!»

N'outra das suas peças, diz o celebre auctor comico de Roma, fallando de um escravo:

«Quando te pendurar um bom peso de cem libras nos pés, e estiveres com as mãos algemadas...»

Apuleio descreve n'estes termos um terrivel supplicio:

«Ordenou que o untassem de mel desde os bicos dos pés até á cabeça, e que o ligassem a um carvalho occo, cuja cavidade servisse de habilitação a enxames de formigas. Logo que os insectos sentiram o suave cheiro do mel, que exhalava aquelle corpo, pegaram-se a elle, dando-lhe pequenas mas numerosas picadas. Assim o fizeram expirar nos tormentos de uma lenta agonia, devorando-lhe as carnes e as entranhas, até que o infeliz se fizesse cadaver descarnado, e que não existisse d'elle mais do que um esqueleto preso áquella arvore.»

Por mais monstruosos que fossem estes supplicios não egualavam ainda assim os que eram reservados pelas damas patricias ás suas rivaes, quando essas rivaes eram escravas.

Licinia recebera de Lycoris um d'esses sangrentos insultos que uma mulher jámais esquece. Mesmo em nossos dias, em plena civilisação, vemos a cada passo horriveis tragedias, movidas pelo ciume, em que uma rival exerce as mais crueis vinganças contra a adversaria que lhe cae nas mãos. Calcule-se. pois, que espantosas monstruosidades uma dama orgulhosa e soberba praticaria, quando lhe cahisse nas mãos uma rival odiada, e esse rival fosse uma miseravel escrava, de cuja vida ninguem viria pedir-lhe contas!

Por isso, a soberba patricia estava radiante. Chorára lagrimas de sangue por causa d'essa audaciosa escrava; que tivéra o arrojo de lhe irrogar publicamente a mais espantosa humilhação que na sua vida recebera, mas as Eumenides que ella tantas vezes invocára haviam-lhe sido propicias, e chegára alfim a hora da vingança!

Os candelabros do aposento estavam apinhados de velas perfumadas, e Licinia vestira-se com esmero para se mostrar á sua rival em todo o esplendor da sua formosura e da sua opulencia. Agora que a tinha em seu poder, e que estava segura de a fazer morrer nas mais horriveis torturas, não poupava cousa alguma que lhe tornasse a morte o mais cruel que possivel fosse.

—«Está tudo prompto?» perguntou ella a uma das escravas.

E como recebesse uma resposta affirmativa, bateu as palmas.

A este signal, os escravos que vimos em casa da velha thessaliana entraram na sala, conduzindo Lycoris, a desditosa Lycoris, pallida e desfeita, porque bem sabia a sorte horrivel que a esperava, ao ver-se em poder da soberba patricia que humilhara.

—«Então, miseravel escrava! bradou Licinia, quando a sua victima cahiu prostrada no pavimento. Estás finalmente em meu poder! Desfalleces agora, tu que ainda ha poucos dias tão insolente te mostravas, quando me roubaste o meu amante! Que é feito da tua ousadia e da tua insolencia?!...»

E Licinia, congestionada pelo furor, ergueu-se de subito dos molles coxins em que se recostava. Lycoris jazia por terra a seus pés, semi-louca de terror. A romana pisou-lhe o rosto formoso, que ficou todo ensanguentado d'aquella brutal violencia.

—«Qual de nós precisa agora de arrebiques e de cosmeticos para se mostrar formosa aos olhos dos seus amantes? Responde, tu, verme da terra, que

tiveste a audacia de atirar este insulto ás faces de uma mulher da minha raça! Responde!...»

E, completamente desvairada, a romana cevava n'aquelle corpo inanimado a colera que por tantos dias abrigara no peito...»

—«Não basta isto! não basta! exclamava ella, ébria de furor. E' preciso que este corpo miseravel que ousou disputar-me um amante seja dilacerado fibra por fibra! Escravos, bradou ella em voz rouca, tragam todos os instrumentos de supplicio, que fiz preparar para esta miseravel!...»

Renunciamos a dar as minuciosidades dos incomportaveis tormentos da pobre Lycoris. Este barbaro espectaculo encheria de horror todas as pessoas que nos lêem. Diremos apenas que foi lento, bem lento o supplicio da escrava, e que ao findar aquella monstruosa tragedia, os escravos auxiliares de tão barbara vingança não recolheram senão um informe montão de carne dilacerada, tudo quanto restava da deslumbrante escrava do opulento Claudius!...

.................................................................................

.................................................................................

Detivemo-nos mais de que desejavamos n'este episodio, porque pretendemos esboçar assim os costumes dos romanos da Lusitania no tempo de Sertorio. O nosso empenho foi demonstrar que a vasta corrupção romana se estendia a toda a parte, e que apesar dos esforços empregados pelo illustre dictador para a conter, essa corrupção invadia todas as classes da sociedade, porque chegára a ser uma das caracteristicas mais salientes do orgulhoso povo-rei.

Levar-nos-hia muito tempo, e affastar-nos-hiamos singularmente do nosso proposito, se contassemos agora todas as peripecias das luctas do Sertorio com Pompeu e Metello, os seus triumphos e os seus revezes. Muitos dos generaes que o seguiam distinguiam-se pelo seu valor e pela sua tactica nos combates. Havia entre elles, porém, muitos ambiciosos, e quando lhes pareceu conhecer bem os planos do chefe, quando alguns revezes vieram incutir-lhes os receios de uma reviravolta da fortuna, apressaram-se a conspirar abertamente contra elle.

Um dos mais habeis capitães de Sertorio era Perpenna, seu amigo intimo, aquelle em quem o dictador (chamamos-lhe assim) até certo tempo mais confiou. Começou a pôr em duvida a sua dedicação, quando lhe chegou aos ouvidos que o seu amigo murmurava da sua estrategia, e amesquinhava por toda a parte o valor dos seus planos. Seria Perpenna um rival?

Sertorio procurou observar cuidadosamente a attitude do seu antigo amigo, e não tardou a convencer-se de que não eram exaggeradas as suas suspeitas. Perpenna é que lhe não deu tempo, porém, para mais demorados estudos do seu caracter, porque no anno de 682 desfazia-se do rival odiado, assassinando-o em Osca, n'um banquete.

Morto o dictador, Pompeu, que só d'elle receiava, e só temia a sua popularidade, viu bem depressa confirmados os seus calculos. Se quasi todos os generaes de Sertorio lhe criticavam os planos e a estrategia, o que é certo é que, depois da sua morte, nenhum teve capacidade para ganhar uma batalha.

Facil foi, portanto, a Pompeu suffocar a insurreição, e um dos actos que mais honraram a sua memoria foi o supplicio por elle mandado inflingir a Perpenna. Accrescentemos ainda que este miseravel assassino pretendia salvar a vida entregando a Pompeu a correspondencia do seu antigo chefe e amigo. Pompeu não só não lhe perdoou, mas nem mesmo quiz aproveitar-se d'essa nova traição. Com uma generosidade na verdade bem singular para aquelle tempo, mandou queimar todos os documentos, onde bem facil lhe seria descobrir numerosas traições dos seus concidadãos.

Assim terminou a insurreição da Lusitania, pelo menos a mais geral e prolongada. De outras tentativas nos conserva a historia ainda bastantes provas, porque o dominio romano não era tão agradavel, que povos do caracter dos lusitanos o recebessem d'ahi ávante sem protestos. No emtanto, depois de Sertorio, a lucta contra os conquistadores perdeu pouco a pouco essa intensidade que tantas preoccupações havia causado á grande republica.

Pouco tempo depois da morte de Sertorio e da pacificação da Lusitania, Caio Julio Cesar governava a Hespanha Ulterior. Uma tentativa de revolta obrigou Cesar a accudir com as suas tropas, destroçando completamente os rebeldes.

Mais tarde, a Lusitania foi ainda o theatro da guerra entre Cesar e Pompeu. Dos lusitanos, a esse tempo já quasi completamente assimilados pelos romanos, uns seguiam o partido d'este ultimo, outros o do futuro dictador perpetuo.

Deu isto logar a uma serie de devastações no solo da Lusitania. E' por essa occasião que Cesar destroe o templo do famoso deus Endovellico, apoderando-se de todas as alfaias do culto e até mesmo da estatua de prata da divindade lusitana.

No primeiro tomo da *Historia da Prostituição,* Pedro Dufour apresenta-nos um excellente esboço da vida dissoluta do grande capitão. Completaremos agora aqui a descripção d'esse aspecto do caracter do grande homem, transcrevendo o que a tal respeito se encontra n'um dos mais conscienciosos e eruditos historiadores modernos:

«Era um homem alto, esbelto, branco, de olhos negros e vivos que penetravam como dardos até o intimo coração da gente, pallido e um tanto gasto pelas dissipações da sua vida de rapaz. As mulheres adoravam-no, e elle não se descuidava de pôr o amor d'ellas ao serviço da sua paixão politica.

«Presava-se muito, e magoava-o o ser calvo; barbeado sempre a primor, puxava com arte sobre a testa os poucos cabellos que lhe restavam, arrastava a toga com donaire e as franjas da laticlavia cahiam-lhe graciosamente sobre as mãos. Fallava bem, n'um tom singelo e despretencioso, naturalmente, sem rhetorica mas com atticismo. Escrevia melhor. Sabia o que se sabia no seu tempo, sem affectação de pedantismo escholar, nem effeitos artificiaes de estylo como Cicero; tinha comtudo sua ponta de vaidade litteraria e picava-o a voga do assassino dos catilinarios, a quem detestava, misturando uma ponta de inveja a muito desprezo.

«Ganhára durante o pretorado da Hespanha uma doença grave; ataques

epilepticos que o assaltavam de vez em quando, affligindo-o muito; mas se nunca fôra dado a bebidas, agora redobrava de sobriedade, entregando-se com ardor a todos os exercicios corporaes para tonificar os nervos.

«Dormia ao ar livre, andava dias a fio a galope a cavallo, procurava por todos os modos conservar o corpo, manter forte a attitude externa e ao mesmo tempo cultivar o espirito, porque todo elle, a sua força e as suas faculdades, era o instrumento de um ideia firme e decidida. Vivera primeiro n'uma casa modesta do bairro de Subura; vivia agora na *Regia*, sobre a Via-Sacra, á bocca do Fôro, que era o palacio dos summos-pontifices. Do janota de outr'ora fez-se um grandissimo personagem.

«Se muitos podiam ainda medir-se com elle, em influencia, Crasso, Pompeu, Lucullo, Metello, por exemplo, —nenhum, entre os homens que vão figurar na tragedia final da republica, nenhum senão Catão, merece oppor-se-lhe como typo historico. O antagonismo antigo de Scipião e do velho Catão reproduzia-se com a mesma nitidez, accentuado, porém, pela evolução rapida do organismo politico romano durante o intervallo de seculo e meio.

«Cesar é Scipião cabalmente definido, Scipião fôra um Cesar enbryonnario. O Catão de agora é uma resurreição do antigo, uma copia fiel, uma reproducção pensada e voluntaria. E no antagonismo dos dois typos está o eterno antagonismo politico do espirito doutrinario e do espirito pratico, da ideia e da realidade, do dogma e do facto, do direito e do utilidade, da moral e da razão-d'Estado, n'uma palavra. Como homem, Cesar é um criminoso, mas Catão é um visionario. Toda a vida, a vida politica das sociedades, gira sobre esta antinomia fundamental.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Como aranha industriosa, Cicero trabalhava incessantemente no urdir da teia de anecdotas, de ironias, de calumnias e verdades, ora contadas em segredo, ao ouvido, ora escriptas em cartas que partiam de sua casa ás nuvens, denunciando em Cesar o amante do rei da Bithynia, o cumplice de Catilina, isto, aquillo, aquell'outro.

«Os demagogos por seu lado não poupavam esse que, alliado agora a Pompeu, consideravam um transfuga. Corriam de mão em mão os libellos diffamatorios de um Aulo Cecinna e os versos picarescos e mordazes de Philotau. Um certo Octavio chamava em publico *rei* a Pompeu e *rainha* a Cesar. A lenda dos casos obscuros da Bithynia na mocidade do consul andava em todas as boccas. Licinio Calvo compunha pasquins; Dolabella chamava a Cesar *taboa interior do leito real*, e *rival da rainha;* Curio chamava-lhe estrebaria de Nicomedio, bordel da Bithynia; Clodio por seu lado não poupava Pompeu e da tribuna perguntava em altos brados quem era o *soberano intemperante? quem o homem á procura do outro homem? quem o que coçava a cabeça com um dedo só para não desmanchar o penteado primoroso?*

«E a multidão em grita, ás gargalhadas, respondia: «É Pompeu!»

«O proprio Bibulo, voltando de casa, onde fôra lavar-se e mudar de roupa, vingava-se tambem chamando ao collega *rainha de Bithynia,* declarando *feria-*

*dos* todos os dias, dizendo que o seu consulado era como o templo de Castor e Pollux, que o povo só conhecia por Castor. Pollux era elle — o Ninguem!

«E a populaça ria dizendo-se sob o consulado de Julio e de Cesar, dois consules n'uma só pessoa...

«Toda esta guerra perfida e cobarde revertia, porém, em beneficio de Cesar, porque nada impressiona tanto um povo que perdeu o respeito como a voga, o andar em todas as boccas, o ser accusado, o ser temido.

«Depois, na opposição contra Cesar, havia ditos, não havia ataques, senão os de Bithynia, sem valor, por serem excessivos e provavelmente calumniosos. Havia ironias, não havia odios, e n'estes casos o riso, augmentando a intimidade, consolida a influencia.

«Um povo incapaz de respeito sómente segue aquelles com quem ri. Por tudo isto, Cesar não provocava odios.

«Já Roma talvez nem tivesse força para odiar: e em todo o caso não odiava Cesar que foi querido das turbas, elle que tinha o condão de encantar as mulheres. Geralmente as duas qualidades andam a par, porque o povo, como povo, é feminino.

«Não odiava, porque sentia em Cesar uma natureza espontanea, *humana*, capaz de colera, sem ser capaz de furias bestiaes como a de Mario, nem de odios inveterados como os de Sylla. Cesar tinha os impetos de um homem de coração, a arte de um homem de intelligencia e a bondade de um sceptico.

«Cicero contava que elle frequentemente repetia os versos de Euripedes que dizem:

«Se para reinar é necessario violar o direito, faça-se; mas em regra respeite-se a justiça».

*Nam si violandum est jus, regnandi gratia*
*Violandum est: aliis rebus pietatem colas.*

«A votação das leis Julias deu-lhe o poder supremo. O casamento de sua filha Julia com Pompeu apertou ainda mais os laços da alliança. Elle proprio, Cesar, casava em terceiras nupcias com Calpurnia, a filha de Piso. Já n'estas allianças como que *dignasticas*, começava a desenhar-se a nova feição monarchica da politica romana. Ligado aos poderosos, Cesar, para quem o anno consular era apenas o meio de obter no seguinte (lei de Sylla) um proconsulado ou commando militar provincial e um exercito, obteve com effeito a Gallia cisalpina com tres legiões pelo prazo de cinco annos.

«Aos quarenta e dois de edade, ia emfim começar uma vida nova, crear soldados, alcançar prestigio e dinheiro — com que havia de cahir sobre Roma e conquistar essa amante seductora e esquiva, derrubando-a amorosamente sob o seu peito, enlaçando-a em seus braços, não para a matar, mas para a fazer feliz, vencendo-a com os seus beijos protectores.»

Fica admiravelmente traçado o retrato do grande homem, com todos os seus defeitos e virtudes.

A accusação das torpezas da Bithynia funda-se no seguinte facto:

Um dia Curio accusou-o na tribuna de ser *o marido de todas as mulhe-*

*res e a mulher de todos os maridos.* Instado a explicar esta grave e extranha accusação, o consul declarou que Cesar na sua mocidade se sujeitara aos caprichos torpissimos e contra a natureza do rei da Bithynia. Esta vergonhosa queda de Cesar levantou tão escandaloso ruido que o nome do conquistador ficou manchado aos olhos de todo o mundo com um indelevel opprobrio.

Cicero n'uma das suas cartas dá pormenores do caso:

O joven Cesar, segundo elle diz, fôra conduzido por uma escolta de guardas pretorianos á camara do rei da Bithynia. Vestia por essa occasião uma toga de purpura, e deitara-se n'um leito de ouro. Foi n'essa noite memoravel que o illustre e glorioso descendente de Venus, não teve escrupulo de perder a sua virgindade nos braços do devasso rei Nicomedio. Lá o diz Cicero bem claramente: *floremque œtatis a Venere orti in Bithynia contaminatum*...

Não lhe poupavam as mais sangrentas allusões.

Um dia, como Cesar se arvorasse em defensor de Nisa, filha de Nicomedio, Cicero interrompeu-o com um gesto de desgosto, dizendo-lhe:

— «Põe similhante assumpto de parte. Demasiado sabemos aqui tudo quanto recebeste de Nicomedio, e o que lhe deste a elle tambem!...»

Havia em Roma uma especie de histrião, que tinha a liberdade de dizer quanto lhe approuvesse, porque passava por louco. Este homem ousou um dia saudar Cesar com o titulo de *rainha*, dando a Pompeu o titulo de *rei*...

Cesar não se incommodava com isso. Estes gracejos augmentavam a sua popularidade.

A historia do caso da Bithynia tinha a cada passo novas variantes. C. Memenio contava a quem queria ouvil-o que vira em tempo o joven Cesar, servindo á mesa de Nicomedio, confundido com os eunuchos do rei.

Os soldados, pela sua parte, augmentavam a cada passo a historia escandalosa do seu famoso capitão. Quando, depois da submissão das Gallias, Cesar subia ao Capitolio, ébrio de triumpho, os coros dos seus guerreiros entoavam o famoso canto:

«Cesar submetteu as Gallias; Nicomedio, submetteu Cesar. Cesar triumpha por haver submettido as Gallias, mas Nicomedio não triumpha por haver submettido Cesar!»

Outro canto famoso d'esse dia de triumpho é o seguinte:

*Urbani, servate uxores, mœchum calvum adducimus;*
*Aurum in Gallia effutisti, et hic sumpsisti mutuum.*

«Cidadãos, guardae vossas mulheres, porque trazemos o libertino calvo. Gastaste na Gallia todo o ouro que pediste a juros em Roma!»

E' vasta a serie das suas conquistas amorosas, quasi tão vasta e importante como a das outras conquistas do famoso capitão. Entre as rainhas, de cujos amores gosou, contam-se duas bem illustres, — Eunoe, mulher do rei da Mauritania, e Cleopatra, rainha do Egypto. D'esta ultima teve um filho que pretendeu deixar por herdeiro da sua gloria.

Os annos não logravam enfraquecer os ardores sensuaes do grande capitão. Chegou esse ardor a ser uma especie de doença, uma monomania lubrica.

Desejava todas as mulheres, e abalançou-se mesmo a redigir um projecto de lei, que felizmente se envergonhou de apresentar á sancção do senado. Por este projecto reservava-se o direito de casar com quantas mulheres quizesse, para ter todos os filhos que lhe fosse possivel gerar! Era insaciavel o grande homem nos jogos do amor, caprichando até em se mostrar singularmente devasso para justificar a sua origem, porque se dizia descendente de Venus.

Commandados por um homem tão dado aos prazeres da carne, os soldados romanos seguiam-lhe de boa mente os exemplos libidinosos. A chegada de Cesar á Lusitania marca o começo de uma nova era de dissolução de costumes Na cauda dos seus exercitos caminhava sempre um enxame de prostitutas, recrutadas em todos os paizes. As proprias lusitanas forneciam a esse enxame numerosos contingentes.

Nas principaes cidades, onde a civilisação romana lográra implantar-se, começaram por essa epocha os bordeis a perder o seu caracter clandestino para se ostentarem escandalosamente com toda a sua crapulosa indecencia. As leis romanas tudo toleravam, e por isso os traficantes da prostituição entregavam-se livremente ao seu commercio.

Havia entre os lusitanos uma certa classe, a dos endinheirados, que assimilavam de bom grado a civilisação romana e viviam muito em contacto com os conquistadores, imitando os seus costumes e a sua devassidão, que muitas vezes excediam, como succede sempre a todos os imitadores. Os romanos desprezavam esses entes hybridos e abjectos, que perdiam a propria dignidade para viverem na intimidade dos conquistadores. Mas que lhes importava a elles esse desprezo? Eram ricos, podiam viver desafogadamente, e agradava-lhes aquella liberdade de costumes, que lhes proporcionava prazeres deliciosos, por elles anteriormente ignorados!

Facil era, portanto, aos romanos consolidar o seu poder, quando encontravam por toda a parte tão submissos auxiliares. Os soldados de Cesar e dos rivaes do famoso capitão não encontravam já a antiga resistencia lusitana, que n'outros tempos tantos milagres de patriotismo operára, e tantos revezes causára á conquista romana.

Estava aplanado o terreno, onde tantos obstaculos se levantavam antigamente. Os romanos consideravam já os lusitanos como um povo vencido. Já vimos como Cesar ousou destruir o templo de Eudovellico, sem que esta violencia levantasse as revoltas que um seculo antes teria inevitavelmente produzido.

Porque a este tempo os lusitanos não tinham já o acrisolado sentimento de patriotismo, que fizera d'elles um povo de heroes sob Apimano e Viriato, e mesmo nos tempos de Sertorio, homem habil e consummado politico. Jámais este astuto romano attentou contra as crenças religiosas dos lusitanos. Pelo contrario, lisongeava essas crenças, e vendo-os tão propensos a agouros e coisas sobrenaturaes, julgou favorecer esta tendencia com a fabula da corça inspiradora.

Julio Cesar conhecia perfeitamente o terreno que pisava, e como excellente politico, entendeu dever impedir qualquer revira-volta da opinião. Foi

assim que deu ás mais importantes cidades lusitanas os privilegios das colonias e municipios do direito romano.

O tractado de paz celebrado por elle com os lusitanos em Beja foi recebido com agrado pelos povos conquistados. Em harmonia com este tractado, a cidade recebeu do famoso capitão romano o nome de *Pax Julia*. Outras cidades foram quasi ao mesmo tempo por elle dotadas de grandes honras e privilegios, recebendo tambem titulos que recordavam a generosidade e o nome do grande capitão. Assim, Ebora teve o nome de *Liberalitas Julia*, Mertola, o de *Julia Mirtilis*, Santarem o de *Julium præsidium*. Lisboa acolheu honrosamente o famoso romano, e por isso recebeu o nome de *Felicitas Julia*.

A consecução do privilegio de municipio romano era tida como uma grande honra, e empregavam-se grandes esforços para obter similhante privilegio. Honra vã e facilmente illudida nos seus effeitos, mas que possuia o singular condão de consolidar o dominio romano, muito mais efficazmente do que todas as violencias e supplicios.

O famoso direito de cidadão romano despertava a ambição de todos os povos. O *civis romanus sum*, pronunciado com a emphase de um povo que se julgava o senhor do mundo, foi mais util por vezes ao desenvolvimento da conquista romana do que as armas dos seus mais illustres capitães. Com esta honra vã acharam meio de alliar com a republica os povos vencidos, que não deixariam de se rebellar novamente, e ganhavam novas allianças para o caso de qualquer revolta d'esses povos.

Em que consistia este direito? Roma, edificada no Lacio, via-se rodeada de povos que a todo o transe se oppunham ao augmento de territorio dos romanos. Feriram-se duras batalhas no inicio do estado romano, e os irrequietos filhos do Lacio pouco adiantaram por meio das armas.

Surgiu então o plano de alliança com esses povos indomaveis, que deu os melhores resultados. Os inimigos da vespera foram transformados em alliados e amigos, permittindo-lhes os romanos o servirem nas suas legiões, aspirarem ás magistraturas, e a todas as honras e empregos do Estado. Estes povos, já tornados romanos pelo privilegio chamado *jus Latii*, requereram depois a prerogativa de poderem ter voto na creação dos magistrados de Roma, do mesmo modo que os demais cidadãos d'esta cidade; e os romanos, embora lhes custasse bastante, viram-se obrigados a conceder-lhes este novo privilegio, que se denominou *Jus civium romanorum*.

Este direito estendeu-se depois a toda a Italia, tomando o nome de *Jus italicum*.

Os cidadãos romanos, que sahiam do metropole ou das cidades alliadas para irem povoar alguma colonia, canservavam este direito com o nome de Colonia, e regiam-se em tudo como os cidadãos de Roma. Os que haviam conseguido o direito de municipio conservavam as suas leis e costumes, embora tivessem menos privilegios e immunidades.

Costumavam ainda os romanos dar mais ou menos amplitude a este *Jus* de Colonia e ao direito de Municipio. Povos havia que o obtinham amplamente, outros alcançavam apenas o nome, a honra, sem proveito immediato, como se-

ria, por exemplo, ter os mesmos privilegios dos cidadãos romanos, servir nos exercitos da republica, exercer os cargos mais importantes da cidade, e ultimamente ter o direito de votar nas assembleias publicas a respeito dos negocios do estado.

Deslumbrados por estas honrarias, os lusitanos, quer dizer as classes mais illustradas, receberam este favor dos romanos com o mesmo respeito e gratidão que os outros povos haviam manifestado. Entraram, portanto, em communhão de interesses com o povo romano, e tomaram parte como soldados em todas as revoluções que perturbaram a republica. Muitos d'elles obtiveram cargos importantes e tiveram quinhão em todas as dignidades do estado.

E' questão muito controversa a da epocha em que foi concedido ás cidades da Lusitania este privilegio. Uns dizem que Cesar foi o primeiro a conceder-lh'o, outros afirmam que o famoso capitão apenas lh'o restituiu pelo haverem perdido em consequencia das suas frequentes rebelliões. Era esse o systema seguido pelos romanos.

Inscripções antiquissimas provam que foi Cesar quem concedeu á cidade de Ebora o direito municipal. Entre ellas ha uma que vem citada em Resende, e que diz o seguinte:

DIVO JULIO
LIB. JULIA EBORA
OB ILLIUS IN MUN.
E MUN. LIBERALITA
TEM. EX D. D. D.
QUO JUS DEDICATIO
NE VENERI GENETRI
CI CESTUM MATRONAE
DOMUM TULERUNT.

Prova-se por esta inscripção que a cidade erigiu uma estatua em honra do *divino* Cesar pela liberalidade com que concedeu o direito municipal a esta cidade por um decreto dos decuriões. No dia d'esta dedicação as damas da cidade, as castas matronas, levaram um presente ao templo de Venus Procreadora.

(Resende — *Antiquitates Lusitaniæ*, T. I, pag. 269.)

O voto das matronas á Venus Procreadora explica-se pelo parentesco de Cesar com a deusa, segundo a tradição gentilica. A familia Julia remontava a sua origem a Eneas, filho de Venus e de Anchises.

Estamos chegados á formação do imperio. A corrupção attinge n'esta epocha o seu auge, e essa corrupção lavra triumphante por todo o mundo romano. A Lusitania não escapou, por tanto, ao flagello, e nos costumes dos seus habitantes encontra facil acolhimento a orgia romana, que desvairava o mundo inteiro e produzia as mais espantosas monstruosidades.

Não eram já só as classes mais adiantadas que se mostravam eivadas d'essa nefasta gangrena social. A corrupção tudo invadira. Esqueciam-se as

antigas tradições austeras, o pudor desapparecera da terra, cobrindo as faces de vergonha. Andava-se á toa n'essa temerosa corrente de devassidão, em que todas as honestidades se afundavam, em que todo o pundunor desapparecia, sem que ninguem pretendesse salval-o. Sentimento de patriotismo, amor da independencia, odio ao estrangeiro victorioso tudo isso se puzera de parte como incommodo e antigo. *Vivamus*, gosemos a vida, amemos, como dizia Catullo:

*Da mî basia mille, deinde centum*
*Dein mille altera, dein secunda centum.*
*Deinde usque altera mille, deinde centum,*
*Dein, quum millia multa fecerimus,*
*Conturbabimus illa, ne sciamus.*
*Aut ne quis malus invidere possit,*
*Quum tantum sciat esse basiorum!...*

«Dá-me tu mil beijos, depois cem, depois mil, mais cem ainda, por cima outros mil, e no fim um cento...

«E quando nos tivermos abraçado um ao outro muitas mil vezes, baralhemos a conta para esquecermos o numero, e para que os ciumentos não tenham um pretexto de nos invejar, quando souberem os beijos que trocámos!»

Pediam-se impossiveis ao prazer, e introduziam-se nos costumes as mais inverosimeis monstruosidades. Nunca a prostituição foi mais fertil em inventos sensuaes e infames do que n'essa épocha, nunca os seus annaes tiveram de registrar mais pavorosas infamias.

Os crimes sensuaes contra a natureza excederam então os casos mais repugnantes de que temos até agora fallado. Os homens eram victimas do furor sensual dos *machi* romanos, exactamente como as mulheres, ou talvez mais do que ellas ainda. Virgilio em Roma escrevia idyllios aos seus amantes obscenos, idyllios que eram recitados a cada passo pelos amadores d'este genero libidinoso. Cada magnate tinha os seus escravos predilectos para este commercio infame, fazendo uma espantosa concorrencia ás mulheres, que começavam já a ser tractadas com desprezo pelos que se entregavam a esses prazeres preferidos.

A' noite nas ruas mais frequentadas das grandes cidades o exercito numeroso da prostituição começava as suas operações, a exploração do homem, empregando para isso todos os requintes da sensualidade. Cortezãs de todos os paizes investiam os transeuntes, perseguiam-nos com os seus convites, ou com os seus insultos desbragados quando elle resistia. A cada canto surgiam mancebos effeminados offerecendo os seus serviços, e muitas vezes esses provocadores dos vicios e da sensualidade dos transeuntes eram creanças da mais tenra edade, como já temos dito ao descrever os requintes de corrupção do povo romano.

Escusamos de dizer se o espirito de independencia dos lusitanos se conservou no meio d'esta vasta corrupção que tudo invadia e asphyxiava. Os leitores terão a prova frisante do contrario, quando souberem que nas principaes cidades da Lusitania se elevaram templos a Augusto Cesar, considerado como

deus pelos mesmos povos, que tão intransigentes e indomaveis se haviam encontrado nos tempos austeros de Apimano, Viriato e Sertorio!...

Templos a Augusto, esse Cesar invalido, como lhe chama um historiador! Deploravel cegueira dos lusitanos, triste decadencia de uma raça que por tantos seculos soube resistir aos mais poderosos exercitos do mundo!

Como démos o retrato de Cesar, pediremos ao mesmo illustre historiador o retrato do sobrinho do grande homem:

«O sobrinho de Cesar, seu herdeiro adoptivo, estava em Apollonia quando foi assassinado o tio. Immediatamente adoptou o nome de Caio Julio Cesar Octaviano, e partiu para a Italia.

«Era um rapaz de dezenove annos (nascera em 691) baixo, magro, franzino. Tinha no rosto uma expressão seductora de meiguice doentia, com um olhar vivo e brilhante a que affectava dar uma energia olympica; tinha os dentes raros, pequenos e agudos como um roedor, os cabellos aloirados em anneis, os sobrolhos ligados no alto do nariz agudo e aquilino e era mais trigueiro do que alvo. Tinha o corpo coberto de bretoejas e dartros e trazia ligada a coxa e perna esquerda da qual claudicava; no index da mão direita soffria de uma paralysia occasional, e padecia de calculos na bexiga que lhe provocavam dores intensas.

«Era um Cesar invalido, um deus arruinado da saude: perfeita imagem da Roma actual nascida da devassidão da antiga, acabada ainda com o temperamento sadio e robusto do pae adoptivo de Augusto, que apenas soffria da epilepsia—como a republica.

«Franzino, doentio, cobria os achaques e os vicios sob um methodo e uma gravidade apparente; e cobria-se vestindo quatro tunicas debaixo da toga espessa, agasalhando com forros de lã o peito, as coxas e as pernas. Não podia supportar o sol nem de inverno, e por isso tinha de deixar de trazer a cabeça descoberta á moda romana e usava um chapeu de abas largas. Viajava sempre em liteira, parando com frequencia; banhava-se raras vezes, porque a sua natureza enfezada não soffria violencias. Era um imperador invalido — eis ahi como acabava a antiga força romana! Mas era um Cesar prudente, meticuloso, pontual, grave, hypocrita e sobretudo *fino*. Como não tinha memoria deixou-se de orar; escrevia tudo, lia sempre; e d'esse modo o improviso não podia prejudical-o. Até as conversas apontava em notas, para saber as perguntas que devia fazer.

«Tinha a voz fraca e tão surda, que para se dirigir ao povo fallava por elle um arauto. Era supersticioso, tinha medo dos agouros e dos trovões. Contra os raios, trazia sempre comsigo como amuleto uma pelle de veado marinho, e escondia-se debaixo de qualquer abobada, tranzido de horror, lembrando-se de quando fôra de uma vez assombrado por uma faisca.

«Nas primaveras, com o rebentar das arvores, aggravavam-se-lhe os dartros da pelle e os medos da imaginação: via milhões de phantasmas horriveis e chimeras medonhas. Andava sempre preoccupado com os medos dos sonhos. Toda a sociedade perdida acaba nas loucuras do susto chronico dos deuses, expressão inconsciente de um remorso que se torna constitucional.

«Não se comprehendia como Cesar tivesse escolhido esse fructo pecco e enfesado para seu successor, apesar de ser seu sobrinho. Sexto Pompeu chamava-lhe effeminado, e Marco Antonio dizia que obtivera de Cesar a adopção prostituindo-se-lhe. Lucio dizia mais que na Hespanha fizera outro tanto a Aulo Hircio por trezentos mil sestercios (13:875$000 réis). Calumnias ou verdades, estas accusações mostram o estado dos costumes e a conta em que era tido.

«Mais tarde, uma vez nos jogos publicos o povo inteiro applaudiu, indicando-o malevolamente, quando o actor, alludindo a um sacerdote de Cybele, declamava o verso que dizia:

*«Viden ut cinœdus orbem digitus temperet!»*

«Vêde este debochado a governar o mundo inteiro!»

«Dizia-se que sobretudo gostava de virgens.

«Antonio, na sua rudeza brutal, não podia tomal-o a serio, e todos lhe negavam a unica qualidade ainda restante do antigo caracter romano — a bravura. Passava por cobarde, e era cruel como toda a gente medrosa. Mas era audaz, calculador a frio, sem escrupulos, excessivamente intelligente. Via-se n'elle um representante do genio italiano como appareceu nos tempos modernos — um precursor dos principes de Machiavel.»

Citavam-se varias anecdotas a respeito dos costumes do imperador. Um dia, no meio de um festim, levou da sala da meza para um aposento immediato a mulher de um consul, apesar do marido ser do numero dos convidados. Quando d'ahi a pouco ambos voltaram á sala, depois de haverem dado tempo aos commensaes para esgotarem algumas taças em honra de Cesar, a matrona trazia as orelhas incendidas e o cabello despenteado. O marido, como quasi sempre succede em casos taes, foi o unico a não perceber cousa alguma.

E apesar d'isso este imperador promulgou leis severas contra o adulterio!

Era muito inclinado a colher as primicias da virgindade: *ad vitiandas virgines promptior*. Mandavam-lh'as de toda a parte, e dizia-se até que sua propria esposa era a primeira a introduzil-as no leito do imperador....

De que serve, porém, fazer aqui a biographia escandalosa de Augusto Cesar? N'outra parte d'esta obra encontrarão os leitores mais amplos pormenores d'esses escandalos.

No emtanto, os imperadores romanos que lhe succederam procuraram escurecer a celebridade devassa do sobrinho de Cesar. São conhecidas as orgias monstruosas de Tiberio no seu antro de Capreia, e as loucuras espantosas de Caligula.

Claudio, cruel e sanguinario, não chegou a tantos excessos de torpezas, mas em compensação a impudica Messalina, sua esposa, deixou nos annaes do imperio romano uma eterna mancha de vergonha.

Nero foi um digno émulo de Messalina. Nunca a purpura imperial rojou mais pelo lodo das torpezas do que no reinado d'este monstro, que deu ao mundo o exemplo das mais repellentes corrupções.

Os amantes de Nero são citados pelos historiadores. O grave Suetonio falla-nos do seu casamento com Sporus.

Outra paixão do imperial infame eram os gladiadores. Vem aqui muito a proposito a descripção esplendida de um dos episodios dos amores torpissimos do imperador, devida a um poeta que se compraz por vezes na pintura d'estas scenas da dissolução romana, o sr. Freitas e Costa:

### O HEROE DA ARENA

I

Correra tudo ao circo. A' voz dos pretorianos
No vasto amphitheatro agrupam-se os romanos:
Disputa-se um logar; o mesmo ardor inflamma
A plebe, o cavalleiro, a cortezã e a dama...
O sangue vae correr; na humedecida arena
Prepara-se a tragedia, a formidavel scena,
Tão familiar, tão grata aos hystriões do imperio,
Como ao romano antigo a guerra ao celtiberio.
Na orchestra o senador de longas barbas brancas
Nostalgico contempla as trinta portas francas
Da vomitoria immensa, e nas quatorze filas
Da ordem cavalleira as languidas pupillas
Das netas dos heroes inflammam-se aos olhares
Da turba ignota e vil dos rudes populares.
Era um gaudio feroz! Nas ultimas galeras
Tinham chegado a Roma as collecções de feras,
E o povo em densas mós, em massas delirantes,
Correra a victoriar na arena os elephantes.

Aos urros colossaes dos ternos pachydermes
Gelavam-se de espanto as multidões inermes
E os miseros christãos no ergástulo encerrados
Brandiam contra os ceus os membros torturados.
Era o supremo horror da tragica epopeia
Do imperio a desabar... Depois de lauta ceia,
Propercio, um candidato illustre e cavalleiro,
Citára o povo á festa, ao bellico terreiro,
E o povo triumphante em jubilos sorria,
Julgando-se maior que as pompas d'esse dia!

No bronzeo pedestal, dos césares campeiam
As signas imperiaes: mil flammulas ondeiam
Dos ventos ao sabor no pódium gigantesco,
Por toda a parte um luxo enorme, principesco,
De purpuras e oiro e estatuas se condensa,
Como um tributo pago áquella turba immensa
Por um rico senhor cem vezes millionario.

Ha no centro do circo um portentoso aquario,
De jacarés povoado e tubarões famintos,
Dez monstros collossaes, phosphoricos, retintos
Da negra côr da morte e, em rapidos cardumes,
Exhalando os clarões de enormes vagalumes.

Em nautica refrega á flor das aguas vagam
Tri-remos d'alto bôjo, e os tristes que se affogam
Cortados pelo ferro, encontram na agua escura,
Nas fauces d'algum monstro aberta a sepultura.
Nero, o sombrio heroe dos feitos legendarios,
Recusa tenazmente a vida aos arenarios,
E, aos requebros sensuaes das gregas prostitutas,
Dos ganimédes vis, dos Mouros dissolutos,
Ordena que os plutões, herculeos, vingadores,
Esmaguem a martello a fronte aos vencedores...

E Espártacus não surge á frente dos escravos,
A' frente dos heroes, dos seus setenta bravos?!...
Ninguem disputa aos ceus a immorredoira gloria!...

«Espártacus é um heroe no pantheon da Historia!»
.................................................

III

Honisono clamor da populária ruda
Do tetrico guerreiro a apparição sauda.

Se o genio da estatuária em moles de granito
Quizesse esculpturar a fronte d'um precito,
Na horrenda catadura, esquálida, sombria,
Do tenebroso athleta o molde encontraria.
Seu rosto sepulchral, biparte-o fundamente
Da barba até á fronte o sulco d'um tridente.
Cobrem-lhe o largo peito enormes cicatrizes,
Das garras dos leões phantasticos matizes,
Boccas por onde a morte em prélios truculentos
Intentára arrancar-lhe os ultimos alentos.
Beijam-lhe a espadua herculea os seus cabellos soltos
Como as crinas d'um elmo, e formam-lhe revoltos,
Uma hedionda couraça os longos pellos ruivos,
A voz—uma blasphemia articulada em uivos—
Nos animos aviva, inflamma a conjectura
De ser um cannibal a horrenda creatura!..
Enlevam-se d'amor as virginaes patricias...
E Nero, o proprio Nero! as languidas caricias
Das cortezãs, ao vel-o extactico repelle...

Nos hombros semi-nús a ensanguentada pelle
D'um buffalo trazia, em seu robusto collo,
Suspensa da correia, a aljava a tiracollo
Despedia os clarões metallicos das settas.
Na dextra, a immensa clava, a maça dos athletas,
Athletico brandia:—a espada recta e longa
De hispanico modelo á esquerda se prolonga,
Affeito na montanha, em sanguinosas brigas,
A espedaçar d'um golpe as frontes inimigas,
Sómente no vigor dos musculos assenta
Seu plano de victoria, e escudos e ornamenta,
E malhos e broqueis e finas redes ducteis,

Coxates e braçaes... dispensa-os por inuteis.
Pozeram-lhe defronte um bando de guerreiros
Das insidias da arena os rábulas primeiros,
Os principes da esgrima, os velhos luctadores.

Encara-os friamente o rei dos gladiadores
E á imperial tribuna os olhos levantando
Saúda a Magestade, e ao sanguinario bando
De subito arremette... Em rábida peleja,
De settas e farpões, indómito os vareja...
Mas antes que ao temor succeda a persistencia
De tal maneira ao grupo affronta a resistencia,
Que, em meio d'essa mó brandindo a herculea maça,
Co'as peças da armadura os craneos despedaça.

Fugiam d'arrancada uns doze combatentes,
Reliquias d'esse bando heroico de valentes,
E como se na lucta, em poderoso assalto,
Sobre elles desabasse um muro de basalto,
Assim da herculea maça um choque formidavel
Detem, retalha, esmaga, a turba miseravel...
Do intrépido gaulez a mão cruenta, avara
Do morticinio a clava ao grupo arremessára...

Das ondas d'esse mar de sangue e d'armas rotas,
Ergueu-se lentamente um gladiador do Eurotas,
E, sopezando a maça, ao vencedor convida
De singular combate á nova e estranha lida.
Não hesita o gaulez e, em rapido sarilho
Floreando a enorme espada, o ultimo caudilho
Derriba exangue aos pés. A lamina possante
Fendera a maça, o elmo, o craneo do gigante.
Mas ao vigor do golpe a espada férrea e dura
Deixára-lhe nas mãos—sómente a empunhadura!...

Chovem aos pés do athleta as joias consulares,
As gemmas da patricia, os limpidos collares,
E Nero, d'esse feito heroico arrebatado,
Co'o manto lhe arremessa um beijo apaixonado...

IV

Ribombam pelo espaço, energicas, potentes,
As notas marciaes das turbas refulgentes.

O intrepido gaulez, cuja brilhante espada
Fendia, ao lampejar de cada cutilada,
Capacetes de heroes e craneos de pantheras,
Aguardava tranquillo o arremetter das feras.

Ao mavorcio clangor da pretoriana tuba
Moveu-se a corrediça; um leão de negra juba,
Despótico senhor dos montes africanos,
Galgou d'um salto o fosso. Os pávidos romanos
Tremiam só d'ouvir-lhe a voz altisonante

Na arena a ribombar como um trovão distante.
Confiado no vigor athletico dos braços,
O peito a descoberto, as armas em pedaços,
O invencivel heroe das Gallias cisalpinas
Moveu-se contra a fera; em contracções felinas
Do salto a força mede, o impeto calcula...

Mas subito o leão distende a garra e pula.

Co'um murro collossal vibrado em plena fronte,
Como se alli pousasse o pé d'um mosthodonte,
Do craneo espedaçado o encéphalo jorrando,
Derriba aos pés o athleta o monstro miserando.
No vasto amphitheatro um cantico de gloria
Do gladiador saúda a esplendida victoria,
E Nero enthusiasmado ao seu real thesouro
Pede e vota ao gaulez cem mil sestércios d'ouro...
..............................................

Desce á arena o poeta e sem que nada hesite
Com gesto affabil, brando, ao gladiador transmitte
Do seu real patrono uma proposta infame...
Do Collyseu fugindo e ao palrador enxame
Das cortezãs que a fama em seu redor apinha,
De Nero, o pederasta, aos outros se encaminha
N'um carro triumphal o vencedor da arena.

V

Desmaia no horisonte a lampada serena
Das noites, e o rumor phrenetico da orgia
No palacio de Nero a instantes recrescia ...

Ja tinham succedido aos licenciosos jambos
De hellénico sabor os rudes dithyrambos,
E as facécias d'alcouce aos rendilhados threnos
Das boccas juvenis das cortezãs de Lemnos,
Quando em meio da festa a immensa claridade
D'um vasto incendio abrasa os muros da cidade.

N'um rictuo de cruel, feróz, contentamento,
Do cesar se confrange o rosto amarellento.
Petronio ás Musas brinda, ao Fogo á rubra côma
Da meretriz do Imperio, a calcinada Roma.
E emquanto o incendio lavra as cúpulas e morros
Da cidade immortal, circula a plenos jorros
Nas taças o licor da companina vide ...

Cerrando a egregia mão do victorioso alcide
Com elle á alcova desce, e ao panorama horrendo
Da consternada Roma os olhos distendendo,
Como o tigre ensaiando em tremulos gorgeios
Um madrigal á pomba, assim dos sevos seios
De Nero, o algoz do mundo, em trinos se desata
De torvo epithalamio a limpida volata:

«Se para celebrar teus sanguinosos dramas
Veste a noiva de Nero a púrpura das chammas,
Alma gemea da minha, arrasta-me aos baldios,
Da tua impura essencia aos barathros sombrios,
E saberei então — em lagrimas immerso —
Beber por uma taça o sangue do Universo!»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Do hercúleo sodomita aos ascorosos beijos
Inflammam-se do monstro os lúbricos desejos.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

E quando o sol rompia acereijado e lindo,
Da rubra côr do incendio as frágoas colorindo,
Negrejava o perfil d'esse guerreiro... austero,
Nos braços sensuaes, torpissimos de Nero!...»

Temos consagrado largo espaço á pintura dos costumes romanos, e é tempo de nos approximar-mos de épochas mais modernas.

Resumindo, pois, o que nos resta a dizer d'essa corrompida civilisação dos soberbos dominadores do mundo:

Vimos que a corrupção se espalhou aos povos lusitanos, onde imprimiu todos os funestos effeitos que temos apontado.

A peninsula iberica, uma vez pacificada, facilmente assimilou os costumes romanos.

Como diz um dos nossos mais notaveis historiadores, «a occupação romana arrancou a Hespanha da Africa para a Europa; fez de um povo semi-barbaro e quasi-nomada, como o seu irmão das costas fronteiras pelo sul, uma nação, no sentido europeu da palavra, — isto é, uma reunião de homens congregados por um systema de instituições fixas e geraes, e unidos, não só por um pensamento moral, mas tambem por laços de ordem civil, politica, militar, intellectual.

«O caracter d'esses laços com que a occupação ligou a Hespanha era romano, procedia do fundo de ideias dos povos indo-europeus; e por isso o dominio que agora termina, além de ter dado fórma e constituição exterior á nação, revelou-lhe uma ordem de sentimentos e noções que ella assimilou, e que para todo o sempre a affastaram do systema de povos a que pela raça parece ter primordialmente pertencido. Á vida *berbere*, ou barbara, succedeu uma existencia socialmente culta: a aldeia é uma cidade, e a tribu foi absorvida no seio de um estado.»

Onde quer que se formava um nucleo d'essa civilisação na peninsula, lá estava uma pequena imagem de Roma com toda a sua corrupção social, com todo o desbragamento dos costumes da metropole.

A lingua latina tornou-se a lingua nacional da Hespanha. No pantheon de Roma figuram muitos homens notaveis hespanhoes, desde os Senecas até Trajano, e comprehendendo, entre os dois illustres escriptores e o notavel imperador, uma pleiade em que avultam Marcial, um dos mais notaveis poetas da lingua do Lacio, Lucano, Columella, Quintiliano, Silvio Italico e Balbo.

D'esta romanisação da peninsula provém o seu destino futuro. Foi um

edificio laboriosamente construido, mas tão solido ficou, que apesar de ser derruido, as proprias ruinas bastaram para evitar qualquer regresso ao estado de barbarie primitiva da peninsula.

Encontramo-nos agora com o christianismo, que vae ter tão notavel influencia nos costumes, que vae ser o dique fortissimo d'essa onda de corrupção que invadira a sociedade romana.

Não foi facil a implantação das novas ideias religiosas. Custaram ellas muito sangue e assignalaram-se tambem por heroismos admiraveis. O martyrologio lusitano apresenta-nos exemplos admiraveis, que importa relembrar, para que ao lado dos heroes do vicio, surjam tambem de vez em quando, como suaves evocações, os vultos sympathicos dos heroes da virtude.

Mas extenso em demasia vae o capitulo, e é conveniente dal-o por findo. A seu tempo tractaremos dos martyres lusitanos, e da salutar influencia que a sua fé admiravel exerceu nos costumes depravados dos desgraçados tempos em que viveram.

---

# CAPITULO VII

## SUMMARIO

Dez seculos obscuros de historia da Lusitania. — A ultima insurreição dos montanhezes do Herminio. — Lusitanos celebres. — Fama de extraordinaria belleza das mulheres de algumas das regiões lusitanas. — A fé christã e os seus heroes. — Transformação do mundo romano. — Os barbaros do norte. — Seus costumes. — Os exterminadores. — Terror dos povos lusitanos á approximação dos barbaros. — Violencias e devastações horriveis. — O turbilhão humano. — Os Suevos. — Os Godos. — Os Vandalos. — Lutas entre os barbaros. — A monarchia gothica. — Suas instituições. — Costumes d'esta epocha. — Corrupção da côrte dos reis godos. — A filha do conde Julião. — A vingança. — Tarik, o vingador da affronta. — Invasão dos arabes. — Violencias dos invasores. — As virgens christãs. — A hecatombe. — O califado de Bagdad. — O califado de Cordova. — O rei das montanhas. — Christãos e Arabes. — As mulheres mussulmanas. — Costumes d'esta epocha. — Trezentos annos de lucta. — Os mosarabes. — Instituições arabes. — A Egreja. — Fim da historia da velha Lusitania.

Os leitores devem ter acompanhado de toda a sua sympathia esses bravos habitantes das montanhas do Herminio, tão indomaveis e tão ciosos da sua liberdade.

Emquanto outros povos da região lusitana acceitam, ou soffrem resignados o dominio extranho, os filhos do Herminio resistem tenazmente contra todas as invasões, e mostram em todos os tempos o seu odio intransigente contra quaesquer dominadores.

Para elles, a felicidade consiste apenas na posse indisputada dos seus recessos, e dos alcantis por onde apascentam os numerosos rebanhos. Logo que apparece quem lhes dispute um retalho de terreno, descem da serra, ébrios de furor, ciosos da sua santa independencia, e fazem pagar bem caro aos conquistadores a audacia das suas investidas!

Foi sempre admirada a valentia d'estes heroes da independencia, e nos annaes de Roma encontramos ainda hoje claramente manifestado o apreço em que pelos maiores cabos de guerra d'aquella nação era tida a bravura lusitana.

A ultima insurreição mais geral, de que os habitantes do Herminio foram heroes, refere-se ainda ao tempo em que Julio Cesar esteve na Lusitania. Fugimos para a narrar aqui á ordem chronologica, mas afigura-se-nos conveniente inaugurar com uma narrativa dos feitos epicos dos nossos antepassa-

dos, este capitulo, que abrange a historia, embora succinta, de dez seculos da velha Lusitania.

O amor proprio de Cesar sentia-se vivamente despeitado com a resistencia tenaz dos filhos das montanhas.

Emquanto que outros povos da região se iam pouco a pouco sujeitando ao vencedor e á sua fortuna raras vezes desmentida, os obstinados montanhezes resistiam a todos os esforços dos conquistadores. Nem as derrotas, nem os castigos barbaramente infligidos aos prisioneiros, nem a devastação das tribus que cahiam em poder dos romanos logravam abater-lhes a resistencia.

Cesar, furioso, resolveu empregar contra esses temiveis rebeldes todos os seus recursos. Elle proprio á frente de uma das suas mais aguerridas legiões marchou contra elles, decidido a exterminal-os. Veteranos exercitados n'esta lucta contra os barbaros, não se cançavam de lh'os apontar como o mais perigoso fermento da insurreição lusitana. A historia, e Cesar conhecia-a bem a fundo, lá estava tambem evocando a cada passo a memoria gloriosa de Viriato, como uma ignominia para o valor romano. Era mister, pois, por muitas razões, acabar com aquelle fermento revolucionario.

A grande difficuldade para Cesar era desalojar os barbaros dos seus quasi inacessiveis retiros. Era astuto, porém, como poucos, o grande capitão, e a experiencia dos combates havia-lhe dado qualidades admiraveis, ás quaes deveu o rapido desenvolvimento da sua fortuna. Embora soubesse que não era grande a solidariedade entre os do Herminio e as outras tribus, não ignorava por outro lado que o animo aguerrido d'aquelles povos não lhes consentiria o repouso, desde que vissem em lucta com os romanos as tribus mais visinhas das suas montanhas.

Dirigiu, portanto, a sua investida contra os vetones, e foi de uma crueldade feroz contra esses desgraçados povos, que facilmente derrotou. Mandou passar ao fio da espada todos os prisioneiros, incendiou-lhes as aldeias, entregou á soldadesca desenfreada e sequiosa de orgias as mulheres das tribus, n'uma palavra, a brandura tão preconisada do grande capitão desappareceu por aquelle tempo, para ceder o passo a uma crueldade tão sanguinaria como a do feroz Galba, que tão horrivel memoria deixára entre os lusitanos.

Quando os do Herminio souberam pelas suas espias, incançaveis em seguir a pista do inimigo, do que se estava passando no paiz dos seus visinhos, prepararam-se logo para acommetter os invasores. Era o mesmo espirito cioso de liberdade que sempre os animara, e que lhes fazia esquecer o proprio perigo, quando se tractava de combater os romanos, e de os affugentar das regiões lusitanas.

Desceram, pois, das montanhas como um turbilhão de feras, e cahiram de chofre sobre o campo romano. Esperava Cesar a arremettida, e por isso repelliu-a com denodo, mandando ao mesmo tempo executar uma manobra, pela qual era impossivel aos do Herminio a retirada para as suas montanhas.

Era n'essa rapida retirada que consistia a prodigiosa estrategia dos montanhezes. Quando o inimigo resistia, por não ser colhido por elles de improviso, os filhos do Herminio sacrificavam algumas centenas de guerreiros á sal-

vação commum, e emquanto esses martyres se deixavam massacrar, o grosso das suas tropas punha-se fóra do alcance da perseguição, para se recolher ás montanhas, onde ninguem podia ir perseguil-os.

A astucia de Cesar destruiu-lhe d'esta vez as vantagens do seu habitual estratagema, e quando quizeram operar a retirada acharam o caminho cortado. Começou então uma lucta desesperada, mas as tropas do grande capitão levavam a melhor sobre os pobres barbaros, que tiveram de fugir em debandada, não para o seu retiro tão querido e tão seguro, mas sim para o littoral, tendo na sua frente a perspectiva de uma longa marcha por extensos tractos de terreno desolado, e no seu encalço as numerosas legiões de Cesar, que não affrouxava na sua perseguição.

Durou muitos dias esta retirada heroica das tribus aguerridas. Quando chegaram ao sitio onde hoje é Peniche, construiram á pressa vastas jangadas, e conseguiram, graças a este recurso, refugiar-se nas ilhas Berlengas.

O general romano pretendeu não os deixar em repouso nem mesmo n'aquelle derradeiro asylo. Mandou proceder immediatamente á construcção de jangadas, ás quaes confiou o melhor das suas tropas aguerridas.

A fortuna de Cesar não acompanhou, porém, os soldados da republica n'esta cruel perseguição. Desencadeou-se um temporal medonho que tornou difficil o commettimento. Alguns dos soldados conseguiram ainda desembarcar nas Berlengas, mas quando esperavam pelos companheiros, a força das ondas arrebatou-lhes as jangadas, deixando em terra, soldados bem pouco numerosos para arrostarem o valor dos montanhezes. Alli encontraram, pois, a morte, lavrando os lusitanos com este morticinio o seu derradeiro protesto contra o dominio romano!

Com effeito, d'esta épocha em diante, a resistencia lusitana foi gradualmente afrouxando, e dentro de pouco tempo toda a região se affez ao seu novo destino. Havia, é certo, de vezes em quando, descontentamentos que se traduziam por terriveis reprezalias contra as violencias dos conquistadores, mas uma politica mais sensata da parte d'estes não tardava a desfazer os attritos, e a civilisação romana tinha tempo de ir amadurecendo a sua obra de assimilação, mil vezes mais efficaz do que a força das armas.

A politica de conquista cedeu o passo á conquista de assimilação. Vimos como Sertorio foi sem o querer, por isso que era um inimigo implacavel do governo romano, um dos mais importantes agentes d'essa obra civilisadora. A brandura de Cesar, brandura calculada para alliciar sympathias e popularidade, secundou esta obra de assimilação, á qual a administração imperial deu mais tarde uma grande latitude.

Assim foi que deixou de haver lusitanos, para haver tão sómente romanos da provincia hespanhola, membros convictos e dedicados da grande nação dominadora do mundo, interessando-se na politica d'essa nação, alistando-se nas facções que a dilaceravam, regosijando-se com as prosperidades e soffrendo com as desventuras da mãe commum.

Este facto explica o desenvolvimento que temos dado n'esta obra á historia da prostituição romana, que era a historia da prostituição lusitana, por

isso que a corrupção se apossara dos costumes indigenas, do mesmo modo que a civilisação havia modificado esses costumes.

Desappareceram completamente as virtudes austeras dos tempos primitivos, suffocadas pelos vicios aprendidos na eschola attrahente dos conquistadores. Para as classes privilegiadas abriam esses vicios novas fontes de prazeres requintados; para os desherdados da fortuna eram elles apenas a origem de novos e terriveis soffrimentos. Mas esses soffrimentos eram communs a todos os infelizes que faziam parte do mundo romano, quer fossem lusitanos, quer pertencessem aos outros povos reduzidos ao dominio do povo-rei pelas suas legiões invenciveis.

A religião do povo lusitano foi egualmente assimilada pela mythologia romana. Vimos como Julio Cesar destruiu o templo de Endovellico, sem que essa violencia levantasse grandes protestos da parte dos indigenas. A demorada occupação dos invasores já então havia produzido os seus naturaes effeitos. Foi-se pouco e pouco obliterando da memoria do povo a recordação dos antigos deuses e dos seus extranhos ritos, em presença de uma religião facil e sensual, que affogava e fevorecia todas as tendencias para o vicio.

Multiplicavam-se os templos dos deuses romanos por toda a região lusitana. Venus tinha principalmente um culto muito ferveroso, porque o rito da deusa não differia muito do da Astarté phenicia, ou mesmo do do antigo deus predilecto da tribus indigenas. Estava este rito em perfeita harmonia com as tradições antigas, e por isso era em breve acceite, sem despertar nenhuma especie de reluctancias.

A adulação das classes mais illustradas, e que estavam em conctato immediato com os conquistadores, erguia a cada passo templos aos heroes de Roma, crendo ser d'este modo agradavel ao povo dominador. É assim que vemos citada nos historiadores romanos a edificação de templos lusitanos a Augusto, e até ao proprio Tiberio! Em Braga havia um templo dedicado a este imperador, com a seguinte inscripção:

ISIDI AUGUST. SACRUM
LUCRETIA FIDA SACERDOS
PERPETUA ROM. EI AUGUST.
CONVENTUS BRACAR.
AUGUST. D.

Titus Celico Tripes, Fronto Marco e Lucio, filho de Tito e neto de Celico, foram mais tarde os restauradores do altar dedicado a Isis Augusto.

No templo onde estava este altar foram encontrados quatro versos latinos, citados por Faria, que são os seguintes:

*Aspice quam subito marcet quod floruit ante!*
*Aspice quam subito quod stetit ante cadit!*
*Nascentes morimur, finisque ab origine pendet.*
*Ipsaque vita suæ semina mortis habet!*

São sentenciosos estes versos, que podemos paraphrasear do seguinte modo:

«Vê como tão depressa murcha o que era tão florescente! Vê como tão depressa cáe o que tão orgulhoso se elevava! Nascemos para morrer, e o fim ameaça-nos desde a primeira origem. A propria vida traz comsigo o germen fatal da morte!...»

A sacerdotiza de que nos falla esta inscripção romana pertencia á ordem dos Flamines, sacerdotes instituidos por Numa Pompilio, e que os romanos introduziram na Lusitania, depois da sua pacificação, assim como introduziram outras instituições.

Eram estes sacerdotes por extremo considerados, e tinham grande prestigio. Havia na ordem mulheres que exerciam egualmente as funcções sacerdotaes, reinando entre ellas a principio uma castidade e cordura respeitaveis. Com o andar dos tempos, a dissolução romana nem estas elevadas funcções poupou, e documentos ficaram que nos attestam a profunda corrupção do corpo sacerdotal.

Um historiador apresenta-nos o seguinte exemplo d'esta enorme corrupção:

Haviam chegado a uma cidade da Hespanha algumas cortezãs gregas que pela sua belleza pouco vulgar auferiam grandes lucros. Um flamine resolveu explorar a mercadoria em proveito da corporação e attrahiu-as ao templo, com grandes promessas. Estabeleceu-se logo no recinto sagrado um vasto bordel, onde podiam sacrificar todos os que pagassem a somma convencionada. Foi enorme a concorrencia dos sacrificadores, e o culto prosperou a olhos vistos, graças áquelles potentes auxiliares, que melhor attrahiam os fieis do que o fariam os mysterios do culto.

Cita o mesmo historiador uma cortezã celebre do tempo de Trajano, e que diz ser lusitana. Chamava-se Bicia, e distinguia-se pela belleza esculptural das suas fórmas. Teve em Roma numerosos apaixonados, e deu brado pelos seus escandalos. Teve, porém, um fim tragico; morreu envenenada, segundo o auctor suppõe, pela vingança de uma dama romana, a quem a cortezã enlouquecera o marido. São frequentes os documentos de lances por egual dramaticos, em que o ciume representava o principal papel.

Citam-se alguns lusitanos celebres. Um d'elles foi Voconio, natural de Ebora, prefeito de duas cohortes, uma lusitana, outra vetonica, e tribuno da legião italica. Vamos vêr de que modo se immortalisou este descendente dos antigos lusitanos.

No tempo de Trajano rebentou uma pequena insurreição na Lusitania, em consequencia da qual o imperador teve de adoptar medidas bastante rigorosas. Voconio, condoído das desgraças da sua patria, impetrou a clemencia do Cesar, e obteve-a pelo muito credito de que gosava pelos serviços prestados. Tão vehemente foi a defeza dos interesses lusitanos, tomada por elle em Roma, perante o Senado, que a cidade de Ebora resolveu erigir-lhe na praça uma estatua com a seguinte inscripção:

L. VOCONIUS L. F. QUIR.
PAULO ÆD. Q. II. VIR.
UT. FLAM. ROM. DIVORUM
ET AUG. PRÆF. COH. I.
LUSIT., ET COH. I. VETTO-
NUM. LEG. III. ITAL. OB.
CAUSAS UTILITATIS Q. PUBLI-
CAS. APUD ORDINEM AM-
PLISS. FIDELITER, ET CONS-
TANTER DEFFENSAS. LEGA-
TIONE QUA GRATUI-
TA. ROMÆ PRO R. P. SUA
FUNCTUS EST.
LIB. J. EBORA PUBLICE IN FOR.

«*Liberalitas Julia*, Ebora mandou erigir no Forum esta estatua em honra de Lucio Voconio Paulo, filho de Lucio, edil, questor, decemviro, Flamine dos deuses e cesares romanos, prefeito da primeira cohorte dos lusitanos e da primeira cohorte dos vettones, tribuno da terceira legião italica, em razão dos interesses da sua patria, que gratuitamente defendeu com muita constancia e fidelidade, perante o Senado.»

Outro lusitano illustre, que mereceu egual homenagem aos seus concidadãos, foi Q. Cecilio Volusiano, filho de Quinto, ao qual foi levantada uma estatua de marmore em Ebora, com uma inscripção em que se celebravam os seus feitos e assignalava a muita estima em que era tido o seu valor.

Cita-se tambem Caio Antonio Flavio, soldado da legião de Augusto, que recebeu em Roma do senado uma corôa de ouro, em premio das suas acções heroicas. E não era só pelo valor que os lusitanos se distinguiam; em tempo de Trajano, o lusitano Marco Arterio foi muito conceituado como esculptor distinctissimo.

Vemos com que extremos de amisade eram tractados os lusitanos. Senhores de toda a região, os romanos já não exerciam as crueldades dos tempos d'essa tenaz e heroica resistencia, á qual consagrámos uma grande parte d'este livro. Para elles os lusitanos pacificados passaram a ser compatriotas, e como taes os consideravam e tratavam. As duas raças misturaram-se insensivelmente, e para isso contribuiram muito, como era natural, as mulheres.

A peninsula iberica teve sempre na extremada formosura das suas mulheres um grande attractivo para os estrangeiros. E' legendaria a fama d'essa belleza, que sustenta facilmente o confronto com os paizes mais previlegiados sob este ponto de vista. Como as suas irmãs das outras regiões da peninsula, as lusitanas tinham no brilho do olhar e na deliciosa frescura da sua pelle um raio do sol de fogo das Hespanhas, e a doçura inebriante d'este clima excepcional. D'aqui as seducções que essas bellas mulheres exerciam nos corações dos conquistadores do paiz, e que não foi um dos elementos menos importantes da admiravel assimilação romana.

Como hoje ainda succede, as mulheres do littoral lusitano eram as mais formosas do paiz, e era entre ellas que os conquistadores escolhiam de preferencia ou as suas esposas ou as suas amantes. A principio, essa escolha não se fez sem grandes perigos para os inflammaveis filhos de Roma. Mais tarde, porém, a longa permanencia dos conquistadores, a força do habito e os germens de corrupção que a sua civilisação ia semeando por toda a parte, destruiram todos os attrictos, e as ligações sexuaes entre romanos e lusitanas passaram a ser uma cousa trivial e naturalissima.

A escravidão foi um auxiliar importantissimo para a frequencia d'essas ligações. Foi elle que violentamente anniquillou o pudor e os odios da raça. Quem era rico, comprava aos contractadores de escravos as mulheres que mais lhe agradavam. Já vimos como n'esses mercados de escravos se recrutava a população dos lupanares, e como alli iam procurar instrumentos de sensualidade todos os que podiam pagal-os a peso de ouro.

A região era fertil na producção d'este mercadoria de carne humana, e os mercados estavam continuamente bem fornecidos. Havia apenas a difficuldade da escolha entre essa grande profusão de escravos de todas as edades, e representando todos os typos peninsulares.

Diversa era a condição da mulher dos campos da da mulher das cidades. Esta achava-se mais á mercê da corrupção, e mais facilmente se deixava vencer por ella. As damas romanas, vindas da Italia com os funccionarios ou com os colonos, ostentavam descaradamente os seus vicios e as suas corrupções. Dando a moda ás lusitanas, estas senhoras viam facilmente imitados os seus vicios e as suas maneiras dissolutas por todas as indigenas, a quem a posição ou a riqueza permittiam hombrear com ellas.

A politica romana, pela sua parte, contribuiu para esta propaganda de costumes faceis, chamando os lusitanos aos convivio dos dominadores romanos, e dando-lhes direitos em tudo eguaes aos dos cidadãos da grande cidade. Assim, a pouco trecho, entre lusitanos e romanos nos grandes centros civilisados pequena ou mesmo nenhuma era a differença a estabelecer. Os barbaros civilisavam-se. Esqueciam a sua religião, os seus antigos costumes, o seu modo de trajar, os seus nomes até, e passavam em tudo a copiar servilmente os romanos. Barbaro que em harmonia com as tradições do seu paiz usasse o nome de seus antepassados, via-se obrigado, para não offender a prosodia romana, a abandonar esse nome aspero e difficil de pronunciar, para adoptar outro mais euphonico. Alguns que, mais aferrados ás suas tradições, queriam absolutamente conservar o nome antigo, viam-se obrigados a antepôr-lhe algum pronome latino, que suavisasse a pronuncia difficil do primitivo, e lhe désse o caracter romano. E' assim que os Vancorios, os Antheros e os Brigiterios, nos apparecem nas inscripções latinas precedidos dos nomes romanos Marco, Quinto, Caio, e quejandos.

As lusitanas que se dedicavam á vida facil e proventosa de cortezãs, punham de parte com os sentimentos do pudor, ou com as reliquias do antigo odio aos invasores, os nomes que recordavam as tradições do seu paiz e a virtude austera das suas antepassadas. Assim, as Olias, as Eurias, as Reniberias,

passavam a ser Floras, Fulvias, ou a tomar entre os nomes gregos algum que trouxesse á idéa dos seus frequentadores as doces caricias das gentis sereias do Archipelago.

Era completa a transformação. O mundo romano tudo assimilára, e os costumes corrompidos do grande povo campeavam com toda a sua escandalosa licença tanto nas margens civilisadas do Tibre, como por toda a parte onde as aguias romanas tinham descido o vôo audacioso.

Nos campos, a sensualidade era menos requintada, mas ainda assim a corrupção não deixava de existir. As rudes montanhezas com o andar dos tempos haviam tambem esquecido as suas tradições de austeridade. Não tinham já os antigos escrupulos, que cousa alguma lograva conservar. Pacificada a região, os seus indomaveis companheiros, que antigamente as levavam aos combates, e lhes communicavam a sua bravura inquebrantavel e o odio ao oppressor, eram agora escravos dos romanos, ou partilhavam com elles a fertilidade d'aquelle solo, que por tantos seculos resistira ao dominio extranho. O exemplo da população masculina não tardou a fructificar. A terra concedia de bom grado as suas riquezas inexgotaveis aos audaciosos invasores... Que muito que os braços das lusitanas se abrissem tambem, cheios de caricias, para concederem o tributo do prazer a esses robustos romanos, crestados pelas suas incessantes campanhas através do mundo conhecido?!...

Esta harmonia, que reinava, depois de tantas luctas, entre os indigenas e os conquistadores, foi perturbada por um acontecimento imprevisto, e que veio reaccender os antigos odios.

No reinado de Tiberio, o velho imperador devasso e sanguinario, que espantou o mundo com as suas extranhas atrocidades, Christo prégou a sua doutrina admiravel nas terras da Palestina, e sellou esse grito sacrosanto da emancipação humana, com o seu sangue generosissimo.

As palavras sublimes do celeste amigo dos opprimidos encontraram facilmente um echo em muitos corações, ainda não de todo corrompidos. E mesmo nos que se haviam deixado contaminar do virus impuro d'aquelles tempos de torpezas, a palavra suave do Mestre da Galileia, cahindo como um balsamo redemptor, effectuou as mais admiraveis conversões. Exemplo, a Magdalena, a bella peccadora triumphante, que pisava com a setinosa epiderme do seu pésinho adoravel as frontes mais orgulhosas do seu tempo, prostradas na sua passagem, n'uma intensa e extatica adoração! A formosa peccadora, ouvindo um dia as palavras celestes de Jesus, renunciou á sua vida triumphal, e seguiu por toda a parte o Deus dos que soffrem, escrava do seu verbo inspirado, feliz de contemplar por entre lagrimas a visão suavissima d'aquelle pallido e bello mancebo de Nazareth!...

Peccadores de outra especie, assassinos, ladrões, incestuosos, agglomeravam-se em torno do joven Mestre para ouvirem a doce nova, que vinha doirar-lhes com um sorriso de esperança a sua vida miseravel e desesperada. E foi cercado de todas as adorações dos opprimidos, de todas as sympathias dos desherdados da sociedade, dos párias, dos escravos, das victimas, que o pallido Filho de Maria, proferiu as suas palavras divinas, destinadas a transfor-

mar a face do mundo, a fazer ouvir a grande voz da Justiça no concerto unisono de todos os egoismos!...

As palavras do Martyr sublime, regadas com o seu sangue generoso, não tardaram a fructificar. Do Oriente veio mais uma luz, que foi pouco a pouco penetrando as espessas camadas de torpezas e de crimes, amontoadas desde tantos seculos. A corrupção imperial sentiu um deslumbramento de pavor, ao descobrir essa luz brilhante. E nas camadas dos opprimidos essa luz dourou como um sorriso de esperança as miserias obscuras de tantas legiões de desesperados!

A palavra sublime da emancipação era trazida de região em região por dedicados obreiros do bem, que eram tambem desherdados, como aquelles a quem se dirigiam. Não lhes cobria os hombros a purpura dos sacerdotes romanos, não vinham acompanhados de cortejos deslumbrantes. Eram simples e pobres, despretenciosos, mas persuasivos. Fallavam a linguagem dos humildes, e as suas palavras eram facilmente comprehendidas. Acompanhava-os por toda a parte a sympathia dos que soffrem, e que viam de subito raiar uma alvorada de esperança nas trevas da sua existencia.

As primeiras prédicas dos Apostolos foram recebidas com alvoroço pelas multidões dos opprimidos.

O enviado chegava a um logar para annunciar a *Boa-Nova,* e para logo se via rodeiado de numerosos bandos de servos e de miseraveis, que nunca tinham ouvido na sua vida uma palavra de affecto e de carinho, e para os quaes n'esses dizeres ingenuos de um homem rude como elles, havia como que uma alvorada de paz e de liberdade. Parecia-lhes que iam emfim despedaçar-se as algemas que ha tantas gerações lhes torturavam a carne. Deixaria de haver senhores... todos os homens iam ser irmãos. Para prégar esta doutrina admiravel, descera do ceu á terra um mensageiro divino! Não podia, pois, deixar de ser. Estava chegada a hora da emancipação dos desherdados, raiava alfim após tantos seculos de trevas espessas uma luz purissima e consoladora!...

A nova crença radicava-se profundamente n'aquelles espiritos rudes e ingenuos, que começavam a antever tempos mais ditosos. Em volta do apostolo ia avultando o bando dos proselytos. As mulheres não eram a menor força d'este auditorio embevecido, que tambem para ellas havia palavras de conforto n'aquella doutrina nova e inesperada. O enviado citava as palavras dulcissimas de Jesus para com as peccadoras do seu tempo; para com Magdalena, que inundava os pés do divino Mestre com as lagrimas purificadoras do arrependimento; para com a adultera, a quem perdoava o seu peccado, recommendando-lhe apenas que não tornasse a commettel-o.

Havia então perdão para todos os crimes, que eram uma fraqueza humana, e não uma maldição da sorte... Do fundo abysmo em que os miseraveis se debatiam no lodo das torpezas sociaes, que não eram em summa obra sua, podiam erguer-se os olhos para o ceu, onde sorria clemente o olhar do deus das misericordias infinitas... E, regenerados só pelo luzir d'esta esperança risonha, milhares de infelizes comprehendiam toda a abjecção do seu viver antigo, e seguravam-se fortemente á ancora de salvação que se lhes apresentava.

Quando o verbo suavissimo do Christo chegou á Lusitania, trazido pelos rudes mas convictos mensageiros da *Boa-Nova,* foi como que um clarão de esperança que raiou subitamente nas trevas de uma sociedade agrilhoada ao vicio por laços demasiado antigos.

Começaram os primeiros christãos a aggremiar-se occultamente para cecebrarem os mysterios purissimos do novo culto. Dentro em breve a santidade d'essas reuniões ia dar pasto aos mais crueis boatos ácerca dos costumes dos recem-convertidos.

.......... ..........................................................

Felicitas-Julia estava no apogeu da sua prosperidade. A magnificencia romana povoara a cidade lusitana de verdadeiras maravilhas architectonicas, as quaes, reunidas ás que Sertorio levantára, davam áquelle microcosmo romano um cunho de sumptuosidade admiravel. Os edificios publicos, o *Forum,* os porticos, os banhos, os templos, ostentavam essa severa e grandiosa architectura, que tinha o cunho de magestade do povo dominador de todo o orbe.

A multidão animava esses logares, onde todos os cidadãos viviam quasi exclusivamente. N'aquella épocha vivia-se mais no *Forum* ou nos edificios publicos do que em casa. É o que succede ainda hoje nas nossas cidades modernas mais populosas, onde raros são os que vivem isolados d'essa corrente mundana que invade todos os logares publicos, onde se vae fazer ostentação da opulencia ou do poderio, onde os que se julgam no direito de se fazerem admirar ou invejar, nunca se recusam a uma exhibição que tanto os lisongeia.

Entre a multidão que se crusava em todas as direcções, composta de homens das differentes classes sociaes, sigamos um joven lusitano, vestido á moda romana, como era costume de todos os seus compatriotas, desde que a Lusitania fòra completamente submettida ao dominio romano, desde que a politica do imperio lograra suffocar todas as insurreições.

O joven lusitano tinha feições muito regulares, mas que passariam desapercebidas, se o brilho febril dos seus olhos pretos e rasgados não lhe puzesse no semblante um não sei quê de extranho, que obrigava os mais indifferentes a affirmarem-se n'aquelle olhar inquieto e dominador.

Dir-se-hia que o mancebo não vivia a mesma vida banal e indifferente dos seus comtemporaneos. A avaliar por aquelle olhar extranho e tão differente do dos outros frequentadores do *Forum,* havia n'aquelle temperamento um fervor e uma paixão excepcionaes.

Chamava-se Lucio Rollio e passára como todos os mancebos do seu tempo a primeira mocidade nos prazeres faceis da populosa cidade romana. Era rico, e o ouro abria-lhe na senda do vicio horisontes vastissimos. Rodeado de amigos da sua edade e de um exercito de clientes, tornara-se notavel pelos seus escandalos. A belleza das suas escravas, que elle recrutára em todos os mercados da peninsula, fazia a inveja de outros menos endinheirados.

Um dia — metamorphose extranha — Lucio abandonara de subito essa vida de prazeres ruidosos para se entregar a profundas meditações. Deixando o seu palacio da cidade, onde costumava celebrar com os amigos ruidosas *commessationes,* que lhe havia grangeado uma fama invejavel de dissoluto e

perdulario, acolhera-se á solidão de uma quinta compestre, a menos sumptuosa de quantas possuia. Ninguem penetrava n'aquella solidão, e quando de longe em longe Lucio apparecia em Felicitas Julia, fugia systematicamente de todos os seus antigos amigos.

Qual seria a razão d'esta metamorphose?

Vamos dizel-a dentro em breve.

No dia em que nos encontramos com Lucio no *Forum* da populosa cidade romana, havia festa solemne no templo de Diana. Uma procissão ia percorrer a vasta praça quadrada, e a multidão apinhava-se para presenceiar o vistoso espectaculo.

Lucio, detido no seu caminho ao acaso pela onda dos cidadãos, não poude deixar de assistir ao desfilar do prestito religioso. Ao vêr aquelle espectaculo, o moço lusitano teve um sorriso de tão pronunciado desdem, que todos quantos n'aquelle momento o viram não puderam furtar-se a um movimento de espanto. Não surprehendia o facto, ainda assim. Varias seitas philosophicas, importadas do Oriente, tinham espalhado por todas as regiões do imperio as suas duvidas e os seus sarcasmos contra a religião official.

Havia mesmo nas classes inferiores muitos miseraveis que, filiados nas seitas modernas, blasphemavam a cada passo contra o culto dos deuses. Mas nas classes superiores eram mais raros esses dissidentes, e por isso mais extranheza causava o sorriso de desdem do moço Lucio.

A procissão terminou, e o lusitano continuou o seu caminho. De subito, chegou-se a elle um mendigo, que lhe fez um signal mysterioso, agitando os dedos no espaço. Lucio inclinou-se com respeito, repetiu o signal mysterioso, e seguiu o desconhecido coberto de andrajos.

O mendigo atravessou algumas ruas mais populosas, sem prestar a menor attenção ao confuso movimento que as enchia. Lucio seguia-o silenciosamente, de cabeça curvada, e olhos semi-cerrados, entregue a profundas reflexões. No semblante habitualmente triste, apagara-se de todo o traço de desdem, que ainda ha pouco manifestára ao vêr desfilar a vistosa procissão pagã.

Ao sair da cidade, o mendigo parou, porque acabava de encontrar outros dois desconhecidos, tão miseravelmente vestidos como elle. Repetiu-se o mesmo signal mysterioso do primeiro encontro, e todos seguiram o velho que continuava o seu caminho silenciosamente.

Algumas casas de campo orlavam a estrada seguida pelos mysteriosos personagens. Era para aquelle lado que os habitantes da cidade haviam organisado os seus passeios de todas as tardes, quando o sol descia no horisonte, e deixava reinar na athmosphera que abrazára uma frescura deliciosa. A'quella hora, porém, brilhava elle no zenith, e por isso a estrada conservava-se deserta, não havendo por tanto curiosidades indiscretas a perturbarem o passeio d'aquelles quatro homens de tão extranho aspecto.

O velho mendigo, que parecia ser o guia dos mysteriosos passeantes, desappareceu de subito n'uma densa azinhaga, que desembocava na estrada. Um a um os outros desconhecidos penetraram tambem n'essa vereda sinuosa e coberta por espessas ramadas, que afinal os conduziu a uma casa velha e quasi

arruinada, perdida no labyrintho de folhagem que a tornava quasi inaccessivel.

Chegando á porta d'essa velha morada, o mendigo parou, e aguardou os companheiros. Quando elles chegaram junto d'elle, repetiram-se os signaes mysteriosos e o guia venerando bateu tres pancadas regulares á porta da habitação. Esta abriu-se immediatamente, e Lucio e os mendigos entraram.

O velho subiu uma escada tortuosa e quasi arruinada, e deteve-se diante de uma porta cuidadosamente fechada. Bateu então outras tres pancadas, e proferiu estas palavras:

—«Que a paz seja comvosco, meus irmãos!»

Uma voz respondeu do interior a esta saudação:

—«Quem procura entrar?»

—«Fieis!»

A porta abriu-se immediatamente.

N'uma vasta sala, sem mobilia nem outros adornos, que não fosse um crucifixo grosseiramente esculpido, estavam reunidas trinta a quarenta pessoas, pelo menos. Estavam sentadas em semi-circulo, e guardavam completo silencio.

A' entrada dos quatro personagens de que fallámos, os circumstantes ergueram os olhos e não proferiram uma palavra, sequer. O velho, antes de se sentar, foi ajoelhar devotamente em frente do crucifixo suspenso da parede que ficava para o oriente da habitação. Imitaram-no os outros tres recem-chegados, que alli se conservaram por bastante tempo, mergulhados n'uma prece ferverosa.

Quando esta prece terminou, o velho dirigiu-se para o semi-circulo dos fieis, onde tomou logar, e o mesmo fizeram os outros recem-chegados.

—«Irmãos, que noticias trazeis?» perguntou um veneravel ancião de barcas brancas, dirigindo-se aos que haviam acabado de tomar logar n'aquelle grupo.

—« O espirito continúa a descer sobre os que vivem na cegueira, e as conversões succedem-se, meus irmãos.»

—«Assim seja!» disseram em côro todos os fieis.

—«Homens e irmãos, continuou o velho, os tempos approximam-se! O verbo de Deus acabará por illuminar com a sua luz de ouro as cegueiras terrenas. Ha muito quem queira ver, ouvir e comprehender!...»

—«Assim seja!» disse novamente o côro.

Havia gente de varias raças e climas n'aquella assembleia mysteriosa, mas em todas as physionomias se notava uma quietação perfeita, uma serenidade admiravel, como se alli não tivessem que fazer as paixões terrenas. E no emtanto, estavam representadas varias classes sociaes, altos cargos do estado, officiaes com os seus capacetes dourados, commerciantes, proprietarios, mancebos ricos, exactamente como Lucio, e pobres mendigos, como o velho que primeiramente entrevimos nas ruas de Felicitas Julia.

E, cousa singular, se n'aquella assembleia havia alguem, para quem os outros companheiros manifestassem mais alguma consideração e respeito, era

esse velho, coberto de andrajos, e de apparencia tão miseravel. Foi elle, que depois de um silencio, consagrado por todos sem duvida a uma oração de graças pela propagação da doutrina, tomou novamente a palavra:

—«Espera-se hoje aqui um novo irmão, que vem procurar o doce balsalmo da verdade. É uma intelligencia robusta, que se sentia aniquillada nas trevas do erro grosseiro. Deus illumine do mesmo modo todos os que precisam da sua luz...»

—«Assim seja!...»

—«Esse novo irmão vem acompanhado de uma peccadora, que procura regenerar-se... Não devem tardar, a hora da iniciação approxima-se.»

Como se respondessem a estas palavras do veneravel ancião, tres pancadas cadenciadas resoaram na porta da casa.

—«Eil-os chegados», disse o velho.

E todos os assistentes se conservaram immoveis.

—«Que a paz seja comvosco!» disse uma voz no exterior.

—«Assim seja! E a paz com quem?...»

—«Com os fieis!» responderam, e a porta foi immediatamente aberta.

Um homem e uma mulher entraram, seguidos de um introductor, pertencente á assembleia, que fôra quem proferira aquellas palavras de paz.

O recem-chegado vinha modestamente vestido, quer dizer, não trazia o trajo sobrecarregado de ornatos que tanto se usavam a este tempo entre os romanos, fosse qual fosse a classe a que elles pertencessem. Era um homem de elevada estatura. Uma fronte ampla e despida de cabello imprimia-lhe ao semblante uma severa magestade. Não era romano. A côr tisnada da pelle filiava-o antes nas raças orientaes do que nas europeias. Teria quarenta e oito annos, e o seu rosto accusava uma energia e resolução pouco vulgares.

A sua companheira tinha as graças seductoras de uma mulher do meio-dia. Tinha no olhar a limpidez do azul do suave ceu da Italia, e nas faces a frescura das rosas do seu paiz natal. Mas algum grande desgosto a dominava, por certo, porque trazia nas faces avelludadas recentes vestigios de lagrimas, e o seio de pomba arfava-lhe, em movimentos convulsivos.

—«Bem vindos sejaes, seja qual fôr o sentimento que vos conduza ás nossas reuniões, oh meus irmãos! disse o ancião veneravel. Humildes somos, e bem pequeno é por emquanto o numero dos nossos adeptos, mas encontrareis aqui apenas corações bons e generosos, dedicados á causa do bem. Ouvi as nossas preces, vêde as nossas lagrimas de arrependimento, tomae parte no sacrificio que celebramos, em que não temos victimas nem grinaldas de flores, mas em que depositamos no altar as nossas almas, cheias do espirito de Deus!...»

O ancião ergueu os braços para o céo, e continuou em voz repassada de uma alegria inneffavel.

—«Não vos perguntamos d'onde vindes, nem quem vos conduziu aqui. A vossa presença nos basta, porque ella nos indica a vossa boa vontade. Assisti ás nossas ceremonias singelas, e vêde as offerendas que fazemos ao Deus vivo. Estas offerendas são as tentações vencidas e os peccados resgatados por

um sincero arrependimento. Se isto vos agradar, não percaes tempo nos desvios mundanos! Preparae-vos quanto antes para a grande e terrivel viagem das trevas á luz, das afflicções á felicidade, da corrupção terrena, á immortalidade celeste!... E' hoje o dia consagrado ás nossas devoções! Costumam ser nocturnas as nossas reuniões, mas a santidade d'este dia aqui nos juntou mais cedo... Vêde e ouvi tudo... E grande será a nossa felicidade, se n'este dia podermos juntar ao nosso pequeno rebanho mais duas ovelhas desgarradas nos sombrios desvios do peccado!...»

—«As vossas palavras exigem da minha parte uma declaração franca, disse o recem-chegado, em voz firme, apenas o ancião se calou. Consagrei ao estudo uma grande parte da minha vida, e encontrei sempre esse caminho esteril e desanimador. Havia em minha alma um grande vacuo, para o qual jámais logrei encontrar consolações sufficientes. A sciencia satisfazia em parte a minha ambição, mas as alegrias que ella me proporcionava jámais foram completas. Tive desde a infancia um sonho, a cuja consecução me consagrei de alma e coração. Era esse sonho a divinisação da virtude, a verdade eterna, que sempre me fugiu. Procurei-a nos ritos mysteriosos das diversas religiões; desci ás cavernas mais profundas, onde encontrei homens que haviam consagrado a vida inteira á descoberta dos segredos dos immortaes. Oh! Mas esses segredos não passavam de loucas ou perfidas chimeras! Esses homens que a principio se me haviam afligurado em communicação com os seres do mundo sobrenatural, não passavam de miseraveis impostores, ou de fanaticos ensandecidos. Procurando sem cessar a verdade, fui o ludibrio dos erros mais grosseiros... Fallaram-me na nova crença, e disseram-me maravilhas da vossa doce quietação, da sublimidade dos vossos principios, da fraternidade que entre vós existe... Virei encontrar aqui a realisação do meu sonho de tantos annos? Não sei; vim ao meio de vós, e se é licito a quem se apresenta aqui pela primeira vez repetir as vossas consoladoras palavras, direi como acabo de vos ouvir—Assim seja!...»

Acabando de proferir estas palavras, o desconhecido saudou a companhia e sentou-se a um canto do aposento.

Ninguem levantou os olhos para a joven que com elle viera, mas, como se julgasse do seu dever fallar, ella disse em voz melodiosa como um canto de ave:

—«Não vejo mulheres n'esta reunião, apesar de me terem dito que tambem ellas costumam vir aqui... Por isso ignoro se...

—«Nada temas, minha filha, atalhou o veneravel ancião. Não é esta a hora habitual das nossas reuniões. Escolhemos a noite de preferencia para a celebração dos nossos mysterios, e é então que nossas irmãs em Jesus véem com seus filhos, seus maridos, ou seus irmãos tomar parte nos ritos que praticamos. Esperal-as-has aqui, se quizeres...»

—«Eu não temo senão causar-vos desprazer com a minha vinda, ou perturbar com a minha presença aqui as preces a que vos vejo entregues. Uma vez, porém, que me ordenaes que fique, ficarei...»

—«Nada te ordenamos, minha filha. Aqui não ha senhores que ordenem,

seja o que fôr. Somos todos irmãos e eguaes, e se ha jerarchias só a edade as conserva, e só a ella se tributam algumas homenagens. Pódes fallar á tua vontade, se quizeres...»

— «Oh! sim! Preciso de dizer-vos a que venho! Sou uma desgraçada victima da corrupção do mundo. É tão degradante a minha vida, que de bom grado me livraria do seu pêso insupportavel, se uma companheira de infortunio não me tivesse dito que encontraria aqui um balsamo ineffavel para a cura da minha alma enferma! Ella apontou-me o seu exemplo... Tão desditosa como eu, julga-se agora bem feliz. Deixou de estar algemada á infamia em que vivia, e hoje diz-se regenerada e satisfeita com a sua sorte, praticando o bem, mostrando-se caridosa para com todos os infortunios, derramando lagrimas compungidas sobre todas as miserias...»

A joven calou-se e olhou para os circumstantes. Encontrou-lhes nos semblantes uma tal benevolencia, que, retomando novo alento, continuou:

— «Escuso de vos declarar minuciosamente os meus infortunios. Sou uma pobre cortezã, ou antes uma victima da depravação dos homens. Fui condemnada desde a infancia a este viver infame, a que me tenho prestado por habito, por indifferença, sem que nunca me tivesse sentido feliz nem sequer orgulhosa, mesmo quando via disputados os meus favores pelos mais opulentos senhores, nossos compatriotas. Reconhecia bem a abjecção da minha profissão... mas como poderia fugir-lhe? Onde me seria possivel fazer-me esquecer, a não ser attentando contra a propria vida, ou esperando que a velhice me desfigurasse para sempre? Finalmente, quando eu me sentia mais desanimada, quando ia talvez encontrar a primeira das soluções de que fallei, deparou-se-me na minha antiga companheira uma esperança de rehabilitação. Ser-me-ha concedida, como a ella?»

— «Minha filha, disse-lhe o ancião, bem vinda sejas a este logar, onde o ceu te conduziu, decerto. O arrependimento lava todas as culpas, e expia todos os crimes. Encontrarás aqui a paz de que precisas!»

— «Que felicidade! exclamou a pobre rapariga, batendo as mãos de contente. Mas... disse ella, depois de um momento de hesitação, o vosso Deus digna-se perdoar ás cortezãs, e vós, homens honrados, sujeitar-vos-heis a viver junto d'ellas, não se tratando de prazeres e de depravações!...»

— «Sim, minha filha, disse o ancião com bondade. O nosso Deus tudo perdôa. Elle perdoou á Magdalena os escandalos da sua vida peccadora, logo que as lagrimas do arrependimento lhe aljofraram as faces... Nós seguimos os principios divinos de Jesus; o nosso perdão é completo para todos os peccados, quando o peccador reconhece os seus erros... Que importa que tenhas sido cortezã? Já o não és, se é sincera a tua compuncção. Agora és nossa irmã, és uma christã!...»

E ao dizer estas palavras, pelas faces do ancião resvalaram lagrimas.

O homem que alli entrára pouco antes, em procura da verdade, que jámais lográra encontrar nos ritos vãos das differentes religiões da terra, sentiu-se tambem commovido em presença d'aquella moral suave.

— «Meus irmãos, emquanto não chega a hora das cerimonias do nosso

culto, disse o ancião, podeis ir para onde vos aprouver. Podeis permanecer tambem n'este recinto, onde eu e alguns de meus irmãos nos conservaremos em oração.»

Poucos foram os que sahiram. Muitos d'elles voltaram-se para o crucifixo e absorveram-se na contemplação d'aquelle emblema do martyrio do divino Mestre.

Quando as sombras da noite envolveram a terra, a casa mysteriosa foi-se pouco a pouco enchendo de novos fieis. Homens, mulheres e creanças representavam alli todas as classes sociaes. Ao lado do escravo, via-se o funccionario publico, ao lado da opulenla matrona, sentava-se a mendiga coberta de farrapos. E todos aquelles sectarios da doutrina do Martyr do Calvario se consideravam irmãos, e como taes se tractavam, esquecidas completamente as distincções sociaes, que fóra d'aquelle recinto tão profundamente os separavam.

O philosopho que viéra em busca da verdade, sentia-se abalado até ao fundo da sua alma. Nunca essa filha do céu se lhe havia mostrado tão esplendida como n'aquelle augusto recinto, illuminado pelos intensos e vividos clarões da fé!

Por isso, dirigindo-se ao veneravel ancião, que presidia ás ceremonias do novo culto, disse-lhe extremamente commovido:

— «Achei o que procurava. Sou christão!»

— «Assim seja! disse o sacerdote de Jesus, levantando as tremulas mãos sobre a cabeça do novo convertido. Não precipites, porém, a tua resolução, meu irmão! Assiste até ao fim das nossas ceremonias, e consulta a tua consciencia depois de teres visto e ouvido tudo...»

— «Assistirei, mas a minha resolução está tomada. Quero pertencer á vossa fé...»

— «E não receias enganar-te? Não será cedo ainda para te decidires? Nós vamos celebrar os nossos ágapes. Nunca ouviste dizer que esta ceremonia encerra orgias monstruosas? Nunca te descreveram os filhos de Jesus como uns impios e uns espantosos blasphemos, que praticam em nome do seu Deus attentados iniquos contra o pudor das mulheres e das creanças?...»

— «Sim, tenho ouvido propalar essas calumnias, mas nunca lhes dei credito, e não foi a curiosidade de comprovar o valor d'essas asserções, que me trouxe aqui... De tudo quanto vi até agora, nasceu-me a convicção de que sois incapazes d'essas torpezas. Declaro-me christão, e quero partilhar a sorte de todos os que se filiam n'esta santa crença...»

— «Sabes que não é muito tentadora para as almas receiosas a perspectiva que offerece a profissão de fé da nossa religião? Os pobres cegos que vivem immersos na superstição, declaram-nos guerra sem treguas. Teem sede do nosso sangue! A populaça, mais selvagem ainda do que aquelles que a governam, só se satisfará, quando nos vir completamente dilacerados nas garras das féras. E depois, é tão facil ao povo e ás auctoridades saciar em nós a sua sede de sangue! Bem vês que não tomamos precauções. Proferida a palavra de paz, esta porta abre-se a todos os que se apresentam. Vieste assistir hoje á nossa reunião. Que segurança te exigimos? Nenhuma. Entraste, viste o que fazemos,

ouviste as nossas crenças, vaes assistir ás nossas ceremonias, e não te pedimos segredo... não é assim, meus irmãos?...»

Um murmurio approvador acolheu estas palavras do ancião.

— «Vês confirmado pelos nossos irmãos o que acabo de te dizer. Pódes denunciar-nos, se quizeres. Pedimos-te até que o faças, se esse fôr o teu desejo. Entrega-nos á multidão sedenta do nosso sangue, accusa-nos, calumnia-nos, enfurece contra nós as turbas!... Estamos muito acima da morte. Iremos com alegria ao encontro das garras dos leões, e dos instrumentos de tortura. As nossas almas saberão libertar-se da obscuridade do tumulo. Tudo quanto para um criminoso é a morte, para um christão é a eternidade!...» [1]

— «Meus irmãos, continuou, depois de uma pausa, o venerando sacerdote. Este homem vem aqui como um observador. Permitta Jesus-Christo que sáia de junto de nós completamente convertido! As suas palavras assim o declaram, mas nós não queremos só palavras, qneremos que os actos do convertido estejam em perfeita harmonia com as suas declarações. A nossa religião é isto que vês. Amamo-nos uns aos outros, temos palavras de paz e de conforto para todos os afflictos, estendemos os braços a todos os que véem para nós, descrentes das perturbações e das miserias do mundo. Todos somos irmãos em Jesus, todos somos iguaes sob a cruz dos nossos soffrimentos. Queres vêr como é geral a todos esta crença, como está arreigada em todos os corações a doutrina do nosso Deus?...»

E voltando-se para um dos fieis, o ancião perguntou-lhe:

— «Qual é a imagem unica, que todos nós veneramos?»

— «A cruz!» respondeu sem hesitar o interrogado.

— «Quaes são os mysterios da nossa crença?» perguntou elle a outro dos circumstantes.

— «Este livro», respondeu o crente, indicando um pequeno rolo de pergaminho que tinha na mão.

— «O Evangelho! A Boa-Nova, a palavra de Jesus...»

— «Qual é o fundamento da doutrina que professamos?»

— «O amor de Deus e o dos nossos similhantes.»

— «Qual é a nossa moralidade?»

— «A nossa vida!...»

— «O que eramos todos nós antes de sermos christãos?»

— «Peccadores.»

— «Quem nos chamou á vida, do lethargo em que jaziamos?»

— «A palavra divina.»

— «Quem nos purificou do peccado de origem?»

— «O baptismo.»

— «Qual é o principio das nossas reuniões?»

— «A fraternidade.»

— «Meu irmão, continuou o ancião, voltando-se para o philosopho. Acabas de ouvir a essencia da nossa crença. Resta-nos dizer-te qual é o texto da

---

[1] Sir Edward Bulwer Lytton.

nossa lei. Approxima-te, meu irmão, disse elle ao fiel que tinha nas mãos o livro do Evangelho. Tu és fóra d'aqui um escravo, mas n'este recinto és livre como nós, e livre serás no ceu, porque alli os ultimos serão os primeiros. Desenrola o teu manuscripto, e explica-nos a lei de Jesus.»

O escravo desenrolou o pergaminho, e tendo-o beijado devotamente, leu o que se segue:

«Eu sou o pão e a vida. Se qualquer comer este pão, viverá eternamente.

«O espirito é o que vivifica; a carne para nada aproveita: as palavras que eu vos disse são espirito e vida.

«O reino dos ceus é similhante a um pae de familia, que ao romper da manhã saiu a assalariar trabalhadores para a sua vinha.

«E feito com os trabalhadores o ajuste de um dinheiro por dia, mandou-os para a sua vinha.

«E tendo sahido junto da terceira hora, viu estarem outros na praça ociosos.

«E disse-lhes: Ide vós tambem para a minha vinha, e dar-vos-hei o que fôr justo.

«E elles foram. Sahiu, porém, outra vez junto da hora sexta, e junto da nona, e fez o mesmo.

«E junto da undecima tornou a sahir, achou outros que lá estavam e disse-lhes: Porque estaes vós aqui todo o dia ociosos?

«Responderam-lhe elles: Porque ningum nos assalariou. Elle então disse-lhes: Ide vós tambem para minha vinha.

«Porém, lá no fim da tarde, disse o senhor da vinha ao seu mordomo: Chama os trabalhadores, e paga-lhes o jornal, começando pelos ultimos e acabando pelos primeiros.

«Tendo chegado, pois, os que foram junto da hora undecima, recebeu cada um seu dinheiro.

«E chegando tambem os que tinham ido primeiro julgaram que haviam de receber mais: porém, tambem estes não receberam mais do que um dinheiro cada um.

«E ao recebel-o murmuraram contra o pae de familia,

«Dizendo: Estes que vieram ultimos não trabalharam senão uma hora, e tu os egualaste comnosco, que aturámos o peso do dia e da calma.

«Porém, elle, respondendo a um d'elles, disse-lhe: Amigo, eu não te faço aggravo. Não convieste tu commigo n'um dinheiro?

«Toma o que te pertence e vae-te, que eu de mim quero dar tambem a este ultimo tanto como a ti.

«Visto isso, não me é licito fazer o que quero? Acaso o teu olho é mau, porque eu sou bom?

«Assim, os ultimos serão os primeiros e os primeiros os ultimos, porque serão muitos os chamados e poucos os escolhidos.»

Um profundo silencio acolheu as palavras do livro santo. O philosopho curvava a fronte pensativa ante aquella moral tão nova e tão santa, que pela primeira vez ouvia.

—«Dá-me o livro santo, meu irmão, disse o velho ao escravo. Deixa-me lêr a passagem em que o nosso Salvador perdoou á Magdalena as suas culpas.»

E tomando o Evangelho, lançou um olhar paternal á pobre mulher perdida, que alli viera em procura da regeneração da sua vida infame, e disse-lhe:

—«Ouve, minha filha, ouve as palavras de perdão de Jesus Christo, a uma peccadora tão infeliz como tu:

«E rogava-lhe um pharizeu que fosse comer com elle, e havendo entrado em casa do pharizeu se sentou á meza.

«E no mesmo tempo uma mulher peccadora que havia na cidade, quando soube que estava á meza em casa do pharizeu, levou uma redoma de alabastro cheia de balsamo:

«E pondo-se a seus pés por detraz d'elle, começou a regar-lhe os pés com lagrimas, e enxugava-os com os cabellos da sua cabeça, e beijava-lhe os pés e ungia-lh'os com o balsamo.

«E quando isto viu, o pharizeu, que o tinha convidado, disse lá comsigo fazendo este discurso: Se este homem fòra propheta, bem saberia quem, e qual é a mulher que o toca, porque é peccadora.

«Então, respondendo Jesus, disse-lhe: Simão, tenho que te dizer uma cousa. E elle respondeu: Mestre, dize-a.

«Um credor tinha dois devedores. Um devia-lhe quinhentos dinheiros, e o outro cincoenta.

«Porém, não tendo elles com que pagar, remittiu-lhes elle a ambos a divida. Qual o ama, pois, mais?

«Respondeu Simão, e disse: Creio que aquelle a quem o crédor perdoou maior quantia. E Jesus disse-lhe: Julgaste bem.

«E voltando-se para a mulher, disse a Simão: Vês esta mulher? Entrei em tua casa, não me déste agua para os pés; mas esta com as suas lagrimas regou os meus pés, e enxugou-os com os seus cabellos.

«Não me déste um osculo, mas esta desde que entrou não cessou de me beijar os pés.

«Não ungiste a minha cabeça com balsamo; e esta com balsamo ungiu-me os pés.

«Pelo que te digo: Que perdoados lhe são muitos peccados, porque amou muito. Ao que menos se perdoa, menos se ama.

«E dizia-lhe a ella: Perdoados te são os teus peccados.

«E os que comiam alli começaram a dizer entre si:

«Quem é este que até perdoa os peccados?

«E Jesus disse para a mulher: A tua fé te salvou. Vae-te em paz!...»

—«Minha filha, repito agora estas palavras do divino Mestre. Foi a fé que te salvou. Não tornes a cahir em peccado. Preserva no bem.»

Estas doutrinas eram n'aquelle tempo extranhas e novas, mas produziam o mais singular effeito n'aquellas almas retemperadas pelo infortunio, e descrentes das grandezas terrenas.

Quando a leitura do livro sancto terminou, algumas creanças dirigiram-se

para o ancião, como pombas que se acolhem assustadas á protecção de algum roble de folhagem espessa. O sacerdote acariciou-as sorrindo com bondade angelica. E seguindo esse exemplo de amor, todos aquelles homens, de physionomias tão diversas, se sentiram commovidos. Para alguns o sopro da adversidade havia crestado completamente a alegria, mas n'aquelle momento as suas almas rudes e boas abriram-se n'um impeto de carinho, e as pobres creanças encontraram por todos os lados mãos para as acariciarem e labios para as oscularem. Então o velho, desenrolando novamente o manuscripto, ensinou-lhes a proferir essa prece admiravel, que ainda hoje os labios de nossos filhos balbuciam, e que encerra a expressão de todos os nossos desejos e de todas as nossas necessidades.

Era um bello espectaculo o d'aquelle velho acariciando as creanças, segundo os preceitos divinos de Jesus, que tambem disséra um dia, aos que procuravam affastar de junto d'elle aquelle bando chilreador, que lhe seguia por toda a parte os passos:

—«Deixae vir a mim essas creancinhas!»...

A iniciação das creanças nas assembleias dos primitivos christãos era um doce costume, que foi seguido religiosamente por todos os discipulos do Martyr do Calvario.

Esse uso tão poetico e sympathico deu origem a terriveis e calumniosos boatos contra a santidade das assembleias religiosas.

Dizia-se—diziam-no os implacaveis adversarios do christianismo nascente—que as pobres creanças eram dolosamente attrahidas a essas assembleias para serem immoladas. Accrescentava-se que os christãos fabricavam com o sangue d'essas tenras e innocentes victimas os sortilegios com que enfeitiçavam os seus adversarios!

Boatos mais infames ainda circulavam a este respeito entre os pagãos. Dizia-se que nas assembleias nocturnas se praticavam grosseiras monstruosidades, e torpezas sem nome, ás quaes as creancinhas serviam de auxiliares!

Assim se procurava desvirtuar um uso que se inspirava nos sublimes principios do amor do proximo, insertos no Evangelho...

Mais tarde a Egreja triumphante não teve pejo de empregar contra os seus adversarios as mesmas armas nefandas. Foi assim que ella accusou os judeus, proclamando do alto da cadeira evangelica pela voz dos seus ministros, que esses sectarios da religião antiga attrahiam as creanças ás synagogas para secretamente as immolarem!

Mas não antecipemos os acontecimentos. Teremos infelizmente muito tempo para vermos degenerados os principios purissimos da moral evangelica, e renegada a doutrina de Jesus por aquelles mesmos que se diziam seus discipulos e ministros!...

Teremos occasião de assistir a escandalos monstruosos, praticados pelos proprios ministros do Martyr, que disse um dia: «Ai do mundo, por causa do escandalo!...»

.................................................................

A assembleia dos christãos realisou os seus pios mysterios, e o philoso-

pho sentiu ao fim d'aquella noite o coração innundado de um balsamo bemdito. Chegára emfim para elle, depois de tantas decepções amargas, a hora de comprehender e sentir a verdade, que procurara em vão por muitos annos!

Quando o velho sacerdote o veio abençoar, quando os seus novos irmãos em Christo lhe vieram dar o abraço e o osculo da paz, o philosopho deu largas ao pranto, que por tanto tempo lhe suffocára o coração. Sentia-se renascer, graças áquella crença pura. Amava finalmente a humanidade, em nome do celeste amigo dos homens, morto n'um supplicio infame pela felicidade do genero humano!...

.......................................................................

Tal era a vida dos primeiros christãos. Vejamos agora outra phase d'essas pias aggremiações de homens, a sua coragem heroica em meio das perseguições.

Um dia aquella mesma assembleia foi de subito invadida pelos soldados do Cesar. A' frente da cohorte, vinha um magistrado. Transpirára lá fóra o segredo d'aquella reunião religiosa, e a lei vinha cahir com todo o seu cruel rigor sobre as cabeças dos culpados, dos impios que, no dizer dos pagãos, se entregavam alli á pratica das maiores abominações, e desafiavam com as suas blasphemias a colera dos deuses.

A assembleia não manifestou o menor sobresalto á chegada da força armada. Muito ao contrario, aquelles homens austeros, e aquellas mulheres puras, ou purificadas pelo arrependimento, exultaram no fervor da sua fé, por poderem dar publico testemunho da sua crença, por poderem manifestar no meio dos supplicios a firmeza dos seus principios!

—«Quem é o chefe d'esta reunião sediciosa?» perguntou o magistrado.

—«Não temos chefes; somos todos irmãos aqui. No emtanto, se é preciso que alguem falle em nome de todos, eu fallarei!» disse serenamente o venerando ancião, que era o chefe espiritual dos fieis.

—«Porque se reunem aqui clandestinamente?» interrogou a auctoridade.

—«Para servirmos o nosso Deus,» respondeu elle com uma coragem admiravel.

—«E quem é esse Deus?»

—«Jesus-Christo!...»

—«A lei não reconhece esse Deus» disse severamente o magistrado. Confessem o seu erro, e preparem-se para sacrificar aos deuses do imperio romano.»

—«Não faremos sacrificios a esses vãos simulacros. Adoramos o Deus vivo, aquelle que morreu na cruz para remir a humanidade!...»

—«Veremos se os tormentos os farão mudar de opinião!»

Esses tormentos eram verdadeiramente horriveis; no emtanto, não logravam intimidar aquellas coragens intemeratas.

Os ferros em braza, as masmorras humidas e sombrias, as garras das feras, os insultos, eram impotentes para suffocar o ardor da fé. Os christãos faziam voluntariamente o sacrificio da vida, em nome do Martyr do Calvario.

Por maiores que fossem essas torturas, os christãos comparavam-nas com os soffrimentos do divino Mestre, e o computo das torturas do Crucificado era sempre superior a todos os maryrios. Morrer era afinal um bem, porque lá estava na outra vida a recompensa da constancia dos martyres.

Os pagãos, estupefactos com o heroismo das suas victimas, davam tractos á imaginação para inventarem um meio de quebrar aquellas resoluções invenciveis. Cada novo requinte de tortura era inutil, porém. A fé christã era superior o tudo.

Uma imaginação infernal não tardou, porém, a excogitar uma tortura, que embora não quebrantasse a fé robusta dos christãos, lhes era comtudo mil vezes mais dura de supportar do que todos os outros martyrios.

A castidade era a divisa dos primeiros christãos. E foi exactamente a esta virtude que se dirigiram os attaques mais temiveis dos pagãos.

As virgens christãs eram condemnadas ao supplicio do lupanar.

Quando a pobre victima se recusava a sacrificar aos idolos, quando esgotados todos os meios persuasivos, ella persistia na sua fé inquebrantavel, os erozes magistrados não hesitavam em envial-a para qualquer antro do vicio e da libertinagem, onde a esperavam os mais horriveis ultrages. Recebida com apupos pela plebe vil, sempre disposta a insultar todas as fraquezas, a pobre virgem era arrastada núa ao antro a que a destinavam, e alli não tinha remedio senão soffrer todos os opprobrios!

A morte não se fazia esperar, como remedio de tantos males, mas anes d'ella que horrivel martyrio!

Admiremos a constancia dos martyres n'essas provas terriveis! De um ado a abjuração e o bem estar, porque os romanos, quando o animo fraquejava aos fieis, quando ellas, receiando a sorte que as esperava, se sentiam desfallecidas, terminavam logo todos os supplicios, e davam ao apostata as mais agradaveis compensações. Do outro lado, o opprobrio, os insultos, as ferozes torpezas de uma populaça infrene e dissoluta... E, ainda assim, raros eram os apostatas. Virgens de quinze annos, ou de menos edade ainda, mostravam-se mais heroicas do que os velhos legionarios do imperio! Ter coragem no campo de batalha, onde o amor da gloria e o enthusiasmo bellico pode incendiar o sangue, e communicar ao guerreiro um ardor febril, é muito em verdade; mas o que será saber resistir a todas as suggestões do poder, o que será desprezar as torturas physicas e moraes, e tanto sobre o brazeiro, como no lupanar, erguer a fronte, cheia de resignação, e affirmar a crença christã, e isto não um homem, cheio de vigor e de coragem, mas uma fraca mulher, uma pobre creança!...

Admiremos a constancia dos martyres n'essas provas terriveis!

Vêde estes dois exemplos admiraveis:

—«Velho, diz o magistrado romano a um venerando sacerdote da nova religião. Velho, abjura os teus erros, e sacrifica aos deuses!»

—«Não conheço outro deus, senão o Supremo Creador do ceu e da terra. Regeito todos os outros, que não passam de vãos e ridiculos simulacros.»

—«Toma sentido, velho, vaes ser submettido á tortura! Obedecerás en-

tão á lei, quando as tuas carnes estiverem retalhadas... Toma sentido, reconhece os teus erros, emquanto é tempo!...»

—«Tu é que estás immerso no erro; é a ti que mister se torna reconhecel-o e abjural-o. Jesus falla-te pela minha bocca, e conjura-te a que o ames e confesses!...»

—«Recusas sacrificar aos deuses?

—«Recuso!»

—«E os teus companheiros, continuou o magistrado, dirigindo-se a dois mancebos que estavam junto do ancião?...»

—«Interroga-os tu proprio», disse elle serenamente.

—«Mancebos, abandonae a vossa crença criminosa, deixae de adorar este louco, junto de quem vos encontraram em oração...»

—«Nós não adoramos este homem, atalhou um dos jovens diaconos. Estavamos prostrados junto d'elle, quando nos prenderam, adorando o nosso Deus, o unico Deus, o Eterno Creador do mundo. É a esse Ente infinito que dirigimos as nossas preces e homenagens!...»

—«Recusaes sacrificar aos deuses?...»

—«Recusamos! Não reconhecemos senão o nosso Deus!...»

Perante aquella obstinação heroica, o magistrado enfurecido mandou submetter a horriveis torturas os tres confessores da fé christã. Mas, n'essas torturas horriveis, os martyres glorificavam o Senhor, e tinham palavras de amor e fraternidade para os seus verdugos.

Uma peccadora recem-convertida ao christianismo é conduzida á presença do magistrado.

—«Como! Pois tu segues tambem a doutrina d'esses criminosos?» bradou furioso o funccionario.

—«Sou christã!» respondeu ella dignamente.

—«Confirmas assim o que é essa crença, e o que valem as reuniões d'esses impios! Tu, uma cortezã, és um digno ornamento das orgias mysteriosas a que frequentemente se entregam os que se dizem christãos!...»

—«Tive a fortuna de abrir os olhos á verdadeira luz, e de encontrar n'essa religião consoladora o perdão das minhas culpas. Se eu quizesse viver em orgias, não precisava de me dirigir ás assembleias christãs...»

—«Ora vamos, isso não é serio! Tu vaes declarar desde já que foi para te pores em evidencia, por moda, que te filiaste n'essas assembleias impias! Abjura os teus erros e as tuas velleidades, e vae-te em paz!»

—«Não tenho erros a abjurar senão os do meu passado. Sou christã!...»

—«Não prolongues por mais tempo a comedia, disse-lhe com impaciencia o magistrado. Eu não posso tomar a serio as tuas affirmações. Uma mulher da tua especie não merece credito. Vou mandar-te fustigar desapiedadamente, se não me declaras desde já que essa tua mudança de crenças não passa de uma velleidade galante...»

—«Pódes fazer o que quizeres; estou á tua mercê; pódes dirigir-me os teus sarcasmos mais crueis, ou infligir-me os supplicios que inventares... Nada abalará as minhas crenças. Sou christã, e o maior favor que pódes fa-

zer-me, é obrigar-me a morrer pela minha fé, confessando a doutrina do divino Mestre!...»

Julgando vencer facilmente aquella reluctancia, o magistrado mandou fustigar a peccadora. O sangue espadanava-lhe das carnes nacaradas, mas no meio do supplicio, a martyr erguia os olhos ao ceu e bemdizia o Senhor. Quando os algozes cansaram, o magistrado interrogou-a novamente. Atravez dos gemidos que as dilacerantes dores lhe causavam, a martyr persistiu na affirmação da sua crença!...

Era christã!

Havia animos menos firmes, que succumbiam á violencia das torturas, e renegavam a fé que professavam.

Mas eram raros esses fracos proselytos. O maior numero resistia heroicamente a todas as crueldades.

Foi enorme o numero de mulheres christãs condemnadas ao terrivel supplicio da prostituição publica.

A exaltação da fé inventava piedosas lendas, que serviam para incutir novo alento ás jovens confessoras.

Assim, dizia-se que muitas das infelizes condemnadas a este barbaro supplicio encontravam nos prostibulos anjos que lhes defendiam a castidade.

Outras eram, segundo a lenda, preservadas do martyrio, porque o brilho da aureola que lhes cingia a fronte affastava os mais audaciosos dissolutos.

A verdade, porém, era que nunca o supplicio deixava de se realisar com todos os seus humilhantes e infames pormenores.

Fosse qual fosse a edade da martyr, ninguem a podia livrar do cruel supplicio.

Contam-se casos repugnantes. Damas de avançada edade, que eram presas como christãs, não podiam eximir-se a irem para os prostibulos servir de pasto á crueldade feroz das turbas. E' claro que n'estas condições as pobres senhoras soffriam mais crueis martyrios do que as jovens.

Poupar-lhes-hiam ao menos a castidade? perguntarão os leitores.

Não, meus amigos. Por muito afflictivos que fossem os insultos, por muito barbaros que fossem os outros martyrios, ellas tudo soffriam de bom grado, com tanto que as poupassem ao ultimo de todos os ultrages, á perda da sua virgindade.

Mas os algozes não completariam assim a sua obra.

Os frequentadores dos alcouces compunham-se da mais vil escoria social. Era sempre facil encontrar n'essa escoria quem, ao menos por excentricidade, ou por cynismo, quizesse desflorar as velhas virgens do Senhor.

Via-se então um horrivel espectaculo. Essas pobres velhas arrebatadas por mãos vigorosas, eram arremessadas aos leitos, e alli miseraveis devassos inflingiam-lhes por entre crueis sarcasmos a ultima das ignominias.

Custa a crêr como o terror d'este horrivel supplicio não lograva apavorar umas debeis mulheres, como ellas perante esta ignobil perspectiva não sentiam fraquejar a sua fé. A propria castidade, a virtude que ellas mais presavam, era o pretexto de um sem numero de horrores.

Os homens soffriam muitos e bem crueis supplicios. Era exposta a terriveis provas a força do seu animo e o vigor das suas convicções, mas onde tinham elles de supportar tão crueis ignominias? Que valiam os soffrimentos physicos perante esta espantosa tortura moral?...

Cousa admiravel! Apesar d'este martyrio sem nome, o numero das mulheres que abraçavam a fé christã crescia de dia para dia de um modo assombroso.

A espantosa crueldade do martyrio dava novos alentos á fé. A terrivel repressão mais fortemente propagava a palavra divina dos apostolos.

Bellos tempos esses de fé viva e robusta, tão differentes d'esta inercia e pusillanimidade do seculo em que vivemos!

Havia requintes de crueldade inaudita!

Servia, aos sessenta annos de edade, abraçou o christianismo.

Seus filhos Victor e Paulo, e sua filha Corinna, seguiram o seu exemplo. Iniciados na fé por um velho presbytero, deram-se á pratica de todas as virtudes christãs, e principalmente a velha matrona era a providencia de todos os pobres da cidade.

Mas tinha inimigos Servia. Teve-os sempre a virtude...

Um d'esses miseraveis, para quem a vida placida e tranquilla dos bons é sempre motivo de invejas, foi denunciar a austera matrona e seus filhos aos magistrados romanos.

O crime de que accusava aquella familia era a profissão da religião christã.

Não se fez esperar o resultado da traiçoeira denuncia. Servia e seus filhos, cuidadosamente vigiados, foram surprehendidos á sahida de uma assembleia christã.

Conduzidos á presença do magistrado, e interrogados sobre a sua vida, declararam corajosamente que professavam a religião do Martyr do Calvario.

— «Renuncia a essa crença funesta que tantas victimas tem causado. És rica, és geralmente estimada e respeitada. De que te serve perseverar n'essa crença fatal? Não me obrigues a violencias que deploro, tractando-se de pessoas da tua edade e da tua posição. Abjura o teu erro!...»

O magistrado era um velho amigo d'aquella respeitavel familia, e foi com um tom de sincera compuncção na voz que assim se dirigiu á illustre matrona.

— «Sou christã, respondeu ella singelamente. Quando abracei a minha fé, fiz de antemão o sacrificio da propria vida. Podes sujeitar-me a todas as torturas, a minha convicção é inabalavel...»

— «Admiro a tua firmeza e a tua coragem, Servia, mas deploro profundamente que tão mal empregues esses predicados. És uma anciã, e na tua edade, o corpo alquebrado não terá forças para resistir á violencia das torturas. Pensa bem. Contentar-me-hei com uma palavra apenas. Declara-me que abjuras o christianismo, e mandar-te-hei em paz com teus filhos!...

— Agradeço-te a compaixão que te inspira a minha sorte, mas não proferirei uma palavra, que significaria uma falta de convicção que não tenho. Fiz

o sacrificio da vida ha muito tempo, e desejo vivamente o martyrio. Sou christã, e christã morrerei.»

—«E teus filhos? perguntou-lhe o magistrado consternado.

—«Meus filhos são christãos como eu, mas eu não quero roubar-lhes a gloria da sua confissão. Interroga-os, e elles te responderão.»

—«Mancebos, disse-lhes o magistrado, em vez de persistirdes na vossa obstinada crença, reuni os vossos exforços aos meus para convencerdes vossa mãe a mudar de resolução. Não vos fallo só por vós, que sois moços e creio que tereis a coragem do soffrimento. É por ella que vos convido a renegar essa fatal mania! Lembrae-vos tambem de vossa irmã, que é uma creança, e que o vosso exemplo arrastará aos mais infamantes supplicios. As ordens do imperador são terminantes... Sabeis o que a espera, a essa pobre creança, e tambem a vossa velha mãe?»

—«O que é?» perguntou Victor, tremendo.

O magistrado exultou. Aquelle joven parecia disposto a deixar-se commover.

—«Seja qual fôr a sua sorte, nada podem os decretos de Cesar contra a alma de um christão, atalhou o outro irmão com uma energia admiravel. Victor, a hesitação n'este caso é uma tibieza deploravel. Lembra-te das palavras divinas de Jesus!...»

—«Meu filho, disse a veneravel matrona, nada receies por nós. Esta vida transitoria não pode senão duplicar-nos as venturas da outra vida por meio do soffrimento. Coragem, Victor, coragem!...»

—«Tel-a-hei por mim, minha mãe. Oh! mas tu e nossa pobre irmã, terão de soffrer immensas torturas!...»

—«Dizes bem, mancebo! accudiu o magistrado, disposto a valer-se d'aquella arma que o amor filial lhe fornecia. E mal tu imaginas ainda todo o horror da sorte destinada a tua mãe e a tua irmã. Os decretos são peremptorios. A obstinação d'essas infelizes conduzil-as-ha ao lupanar...»

—«Ao lupanar!» bradou Victor horrorisado, emquanto Servia e sua filha cobriam o rosto com as mãos.

—«Sim, mancebo! Era esta horrivel sorte que eu queria evitar-lhes. O que custa afinal uma palavra apenas? Uma só me basta. Digam-me que abjuram a sua crença, uma ceremonia apenas, e deixal-os-hei ir em paz, recommendando-lhes que se occultem, que sejam prudentes, que não dêem de óra avante ensejo a novas denuncias. Podem mesmo sahir da cidade por algum tempo, recolhendo-se a qualquer das suas propriedades mais affastadas, até que cheguem tempos melhores. Isto o que custa? Vamos, meu caro Victor, junte os seus pedidos aos meus, e contribuia para salvar sua mãe e sua irmã da ignominia!... Falle!...»

—«Minha mãe, balbuciou o pobre moço, fazendo um violento esforço para fallar. Não será bem horrivel o supplicio que a espera, assim como a minha desgraçada irmã!»

—Meu pobre filho, mais horrivel é para mim a tua tibieza, respondeu Servia, já de todo reposta da sua commoção. Queria ver-te mais christão...»

— «Engana-se, minha mãe, engana-se, protestou vivamente Victor. Sou christão, e saberei arrostar pela minha fé todos os supplicios! Mas não é de mim que se tracta n'este momento, é de si, é de minha pobre irmã! Oh! que espantoso e horrivel supplicio! Se não fosse senão a morte, mas a infamia, a devassidão, a torpeza! E é minha mãe na sua edade avançada, e minha irmã uma creança, que hão de ser condemnadas a esse horror! Oh! salvem-se! salvem-se!»

— «Não, meu filho, tu é que pertendes perder-nos com as tuas suggestões de fraqueza! Cala-te, ordeno-t'o, em nome do nosso divino Salvador, que manda obedecer áquelles que nos deram o ser, áquelles a quem a edade confere o direito de serem ouvidos! Eu e tua irmã acceitaremos todas as provas e todos os soffrimentos em nome de Jesus!...»

O mancebo deixou pender tristemente a cabeça para o peito. Aquellas santas e heroicas palavras de sua mãe tiravam-lhe a coragem de responder.

— «Qual é então a tua ultima palavra, Servia?» perguntou o magistrado com desalento, vendo que fôra inutil a intervenção generosa do filho da marona.

— «Sou christã!» respondeu corajosamente aquella mulher sublime.

— «E tua filha?» perguntou o magistrado.

— «Pergunta-lh'o a ella. Ella responderá o que a sua consciencia lhe dictar.»

— «Abjuras a tua crença, donzella?»

— «Sou christã!» respondeu simplesmente a pobre menina, olhando resolutamente para o magistrado.

— «É uma loucura!» exclamou elle perdendo de todo a serenidade perante aquella heroica obstinação. Vão arrepender-se de não terem seguido os meus conselhos!»

E voltando-se para os dois mancebos, disse-lhes:

— «Continuam no seu erro, ou estão dispostos a abjurar essa fé ridicula?»

O irmão mais velho respondeu:

— «Sou christão, e tudo soffrerei pela minha fé.»

— «E eu tambem! accrescentou Victor. Um momento de fraqueza fez-me proferir palavras, que bem desejaria nunca me tivessem sahido dos labios. Uma debil mulher envergonhou com o seu valor a minha tibieza. Não succumbirei mais, senhor, sejam quaes forem as torturas que nos reserves! Estou prompto para o martyrio!...»

— «Tel-o-hão, como desejam!» bradou o magistrado furioso.

E apressou-se a dar as suas instrucções aos algozes. Servia e sua filha foram açoitadas no pretorio. Os dois irmãos soffreram provas terriveis.

Quando, depois d'estes primeiros supplicios, os martyres foram conduzidos a uma lobrega prisão infecta, o magistrado quiz tentar um derradeiro exforço para os salvar. Aquella constancia inspirava-lhe uma admiração e uma sympathia illimitada.

Dirigiu-se, portanto, á prisão, e exforçou-se por vencer aquella espan-

tosa coragem. Empregou os mais calorosos argmentos, recorreu a todos os effeitos da sua eloquencia.

Tudo foi inutil, porém. A confissão da fé christã cada vez irrompia mais fervorosa d'aquelles labios resignados:

—«Somos christãs, e christãs morreremos!» diziam a mãe e a filha, pallidas e abatidas pela tortura, mas cheias de coragem santa e sublime.

E não foi possivel ao magistrado convencel-as.

—«Mas então, disse elle, sentindo-se dominado a seu pesar por aquella admiravel constancia, nem o lupanar as intimida?...»

—«Não, respondeu a respeitavel matrona. Sou velha, e provavelmente os meus algozes contentar-se-hão com alguns insultos, que desde já lhes perdôo. Quanto a minha filha, a pobresinha não escapará tão facilmente ao degradante supplicio. Mas embora! O austero sacerdote, que nos iniciou na fé christã, citou-nos a este respeito palavras consoladoras, que nos serão um escudo fortissimo nos mais temerosos lances. Muitas vezes elle nos disse, citando-nos a auctoridade dos mestres da fé divina:

«A virgindade está no corpo: a pudicicia no espirito. Mesmo quando a primeira é arrebatada, a segunda fica residindo onde estava.»

«A violencia jámais logra corromper o coração da mulher christã.»

«Uma virgem pode estar prostituida e não manchada.»

—«Ainda hoje esse santo homem, que tu conheces e admiras pela austeridade dos seus costumes, nos dizia, confortando-nos e animando-nos a persistir na nossa fé:

—«Minhas filhas, um dos nossos mais preclaros mestres, um santo, escreveu ha pouco ainda: ([1])

«Tudo quanto se póde fazer do corpo e no corpo pela violencia, tudo isso não mancha a pessoa que soffre a violencia sem poder resistir-lhe. Se a pureza d'esse modo perecesse, não seria então uma virtude do espirito, mas sim uma qualidade do corpo, tal como a belleza, a saude e os outros bens transitorios.»

—«Mas tudo isso, observou o magistrado abalado por aquella inquebrantavel resistencia, não as eximirá do supplicio imposto pela lei. De dia para dia recebo as mais terminantes ordens para augmentar as perseguições. Vão, pois, ser conduzidas ao lupanar...»

—«Faça-se a tua vontade,» exclamou com uma resignação sublime.

Este genero de supplicio, tão horrivel e tão barbaro, era como que um meio extremo, inventado pelos pagãos para deter o espantoso numero de conversões que a cada passo se operavam, mesmo entre as matronas mais distinctas. Dizia-se a principio que a fé christã era um monstruoso rosario de torpezas. A calumnia feria os primeiros christãos com a sua baba peçonhenta, e acoimava-os das mais grosseiras infamias. A dar credito aos boatos implacaveis que corriam, nas reuniões mysteriosas dos discipulos da fé christã praticavam-se orgias monstruosas, em que o furor sensual nem respeitava sexos nem edades.

A lei que condemnava as christãs ao supplicio do lupanar fundava-se

---

[1] Santo Agostinho: *Adversus Julianum.*

n'uma antiga lei romana que prohibia suppliciar uma virgem, e que por isso a entregava á degradação. Nos primeiros tempos dos martyres, era o algoz obrigado a desflorar as virgens que os magistrados lhe entregavam.

D'este uso antiquissimo, fez-se com o tempo uma applicação mais geral e mais degradante. Em vez de ser o algoz o encarregado da desfloração das virgens, estas eram entregues aos lupanares da cidade, onde deviam ser publicamente violadas.

Pierre Dufour diz a respeito:

«O sacrificio aos deuses, que era imposto a todas as mulheres accusadas de christãs, não era para ellas mais do que a prostituição, ou pelo menos o caminho que mais directamente á vergonha e ao opprobio conduzia, porque a maior parte dos deuses gentilicos pareciam ter sido inventados para deificar as paixões sensuaes dos povos e para promover a libertinagem com permanentes e irresistiveis seducções.»

E, sobre a corrupção gentilica, escreve S. Clemente de Alexandria:

«Os gentios, renunciando a todo o sentimento de modestia e de pudor, teem em suas casas quadros, em que os deuses estão representados no meio dos mais infames transportes e excessos de sensualidade; adornam os seus quartos de dormir com estas obscenas pinturas, e teem como uma especie de piedade a mais monstruosa depravação. Do seu leito podem estar contemplando a imagem de Venus e da ave que vôa em volta de Leda. Quanto mais impudico é o quadro, mais excellente parece. Os deuses em todas as suas impurezas, eis os modelos das vossas sensualidades; eis as ideias infames que tendes dos vossos deuses; eis a doutrina criminosa que vos ensinam e que elles praticam comvosco. Commetteis a fornicação e o adulterio com os olhos e os ouvidos, antes de os commetterdes realmente, ultrajaes a natureza do homem e aniquillaes a divindade, em todas as vossas indignas e infames acções!»

Mesmo que o supplicio infligido ás martyres christãs se limitasse ao sacrificio feito ás divindades gentilicas, essas castas mulheres julgariam manchar a sua pureza, approximando-se dos altares, onde se ostentavam divindades que lhes offendiam o pudor e lhes ensinavam o peccado com todas as suas obscenas provocações.

Mas este supplicio não bastava á imaginação depravada dos algozes. Era preciso mais ainda, e vamos vêr até que ponto chegava a cruel phantazia d'esses monstros.

Servia, a pobre mãe christã, foi a primeira victima conduzida ao lupanar. O magistrado, forçado a esse extremo de crueldade pela lei, e pelas suggestões dos que o rodeiavam, quiz vêr ainda assim se a fraqueza ou a hesitação da mãe poderia salvar os filhos.

Havia na cidade um lupanar famoso, administrado por um velho liberto, que auferia d'este commercio torpissimo um lucro collossal. Era alli onde os dissolutos da épocha encontravam sempre mais escolhido fornecimento de prostitutas, recrutadas com esmero em todos os mercados, e cujos corpos se vendiam por preços elevadissimos.

Foi para alli que conduziram Servia, emquanto sua filha, desfeita em lagrimas, ficára na sombria prisão, á espera de egual destino.

A veneravel matrona foi recebida no lupanar com vaias e apupos horriveis. Fora annunciada a sua chegada com bastante antecedencia, e por isso esperava-a alli um numero consideravel de dissolutos.

O magistrado déra secretamente as suas instrucções a um emissario. Este não devia perder um momento de vista a matrona, e quando lhe notasse na physionomia um symptoma de desalento, tinha ordem para lhe propôr a abjuração da sua fé, e uma vez acceita a proposta, devia immediatamente resgatal-a d'aquelle inferno.

Servia, ao vêr-se rodeiada de todos aquelles dissolutos, que lhe dirigiam os mais crueis epigrammas, sentiu-se singularmente abalada na sua coragem. Não tendo forças para arrostar aquelles olhares insolentes, a casta matrona fechou os olhos, e sentou-se a um canto do lupanar, emquanto as lagrimas lhe corriam pelas faces maceradas.

Aquella turba dissoluta, porém, tinha vindo alli para gosar um monstruoso espectaculo, e não estava por esse motivo disposta a abandonar a presa que a lei lhe entregára.

—«Formosa luz dos meus olhos, disse um joven romano, affastando-lhe as mãos com que ella cobrira o rosto, deixa-me contemplar as tuas feições adoraveis!...»

Servia não oppoz a menor resistencia, mas o seu olhar, velado pelas lagrimas, fitou-se no rosto do seu interlocutor com uma tal expressão de supplica e de dôr, que o audacioso mancebo não ousou insistir no seu proposito.

—«Incommodas-me com essas lagrimas, velha feiticeira», disse elle largando-lhe os braços.»

—«Pois a nossa Venus chora?... perguntou em tom de escarneo um soldado. Vou enxugar-lhe os prantos!...»

E, mais brutal do que o outro, o filho de Marte tomou Servia nos braços e dirigiu-se com ella para um comprido escabello que ficava junto de uma larga janella do lupanar.

—«Tens alguma cella desoccupada?» perguntou o brutal ao *lenone*.

—«Tenho, se pagares o preço que vou inscrever no cartaz da minha bella,» respondeu elle com um sorriso diabolico.

—«E qual é então esse preço? volveu o soldado, soltando uma gargalhada. Vê lá não me arruines! Daria muito dinheiro para possuir os encantos d'esta Venus, mas actualmente estou n'uma grande miseria. Queres dois *asses?*»

—«Dois *asses!* Atreves-te a offerecer similhante quantia pelas primicias d'esta divina hetaíra? Meu amigo, podes largal-a, que não serás tu o possuidor. Occorre-me uma ideia. Vou fazer um leilão da minha Venus, que me pertence, desde que a lei a confiou aos meus cuidados!...»

—«Approvo a tua ideia, Eunobio!...»

—«Magnifica ideia!» bradou outro dos assistentes.

—«E' approvada por unanimidade!» disseram os outros em côro.

—«Ao leilão, ao leilão!...»

Servia, quando as palavras do *lenone*, a libertaram momentaneamente dos braços do soldado, deixara-se cair prostrada pelo desalento sobre o escabello, e cobrira novamente com as mãos o macerado rosto.

O emissario do magistrado julgou opportuno o ensejo, e approximando-se d'ella, disse-lhe:

—«Servia, é tempo ainda! Abjura essa crença que te conduz a estas torturas! O prefeito quer salvar-te. Tenho lá fóra vinte homens armados que, a um signal meu, entrarão n'este lupanar, e varrerão com as suas lanças todos estes infames dissolutos! Vamos, declara-me que estás prompta a sacrificar aos deuses!...»

Servia não respondeu. O seu olhar embaciado pelas lagrimas ergueu-se para o ceu com uma resignação sublime. Dos labios sahia-lhe, apenas murmurada, uma prece fervorosa...

—«Queremos um leilão com todas as formalidades!» bradava a este tempo um mancebo.

—«Sim, sim,» confirmavam os outros.

—«Precisa-se um estrado!...»

—«Temos o escabello!» lembrou o soldado.

E dizendo isto, tomou novamente Servia nos braços, para a levantar do miseravel banco, onde pouco antes a collocára.

A casta matrona não oppoz a menor resistencia, e como o soldado a largasse subitamente, cahiu por terra, desamparada, sem poder conter um debil gemido que a dôr d'aquella violenta queda lhe arrancára.

Ninguem se importou, porém, com esse gemido, porque reinava em todo o lupanar uma febre de preversidade extranha e imperiosa. As proprias prostitutas alentavam o enthusiasmo dos dissolutos, praguejando, gritando, rindo decompostamente, sob o menor pretexto, e apresentando alvitres cada qual mais extranho e cruel.

O escabello foi arrastado para o meio da casa, e uma das prostitutas foi cobril-o com uma especie de manto de lã grosseira.

—«Está prompto o estrado!... exclamou um dos dissolutos. Agora tu, Eunobio, apresenta-nos a tua mercadoria!...»

—«Mas núa, ouves?» accrescentou um companheiro.

—«Sim, sim, núa, disseram os outros em côro. Queremos examinar á nossa vontade essas fórmas opulentas!...»

—«Frescas e avelludadas como as de Venus Aphrodita», concluiu o soldado.

Este cruel gracejo produziu uma explosão de gargalhadas.

—«Decerto, decerto!...» disseram alguns por entre frouxos de riso.

—«Cidadãos, disse o *lenone* com uma seriedade imperturbavel, que produziu em todos os circumstantes um effeito hilariante, cidadãos, vão ser cumpridos os seus desejos, mas antes d'isso deixem-me ir dizendo algumas palavras em louvor da minha nunca assaz elogiada nympha! Interrogue-a algum dos circumstantes, e verá confirmadas as minhas asserções. Essa mulher é virgem na sua religião.»

— «Virgem!» exclamaram estrondosamente aquelles demonios.

— «Perguntem-lh'o, perguntem-lh'o, ou antes deixem que eu a interrogue a este respeito. Estão por isto?...»

— «Falla, falla, Eunobio!...»

— «Formosa nympha dos bosques, começou o infame proxeneta, dirigindo-se á veneravel matrona. Chamo-te assim, porque ouvi contar que foste encontrada com os teus debaixo de copadas arvores, onde exercias o teu culto mysterioso. Não é verdade que fizeste voto de castidade?...»

Servia não respondeu, porque nem sequer ouvira estas palavras. O seu espirito estava bem longe d'aquelle inferno. Elevara-se ás regiões purissimas que a sua religião lhe fizera antever tantas vezes, e dirigia preces fervorosas ao Deus por cujo amor soffria tantos ultrages.

Não recebendo a resposta desejada, o *lenone* approximou-se da matrona, e collocou-lhe no hombro a sua mão grosseira.

Os circumstantes haviam formado um apertado circulo em volta da desditosa.

— «Não ouves?...» insistiu o *lenone.*

Servia estremeceu e o seu olhar fitou-se no rosto hediondo do homem que a interrogava.

— «Que me queres?» perguntou ella em voz debil, como se accordasse de um profundo lethargo.

— «Pergunto se a tua religião te obriga á castidade?...» repetiu o infame.

— «A minha religião reprova todas as torpezas», respondeu nobremente a matrona.

— «Ouvem?» disse o *lenone* aos circumstantes.

E dirigindo-se novamente a Servia, continuou:

— «És então virgem?...»

— «Sou viuva de Porcio, deves sabel-o, respondeu ella com tranquillidade. Tenho tres filhos, que são christãos como eu, e que n'este momento soffrem talvez o martyrio pela sua fé!...»

— «Mas desde que és christã tens-te abstido cuidadosamente dos prazeres da carne, não é certo?» insistiu o *lenone,* soltando uma gargalhada.

Servia não respondeu áquella ultrajante pergunta, e o seu espirito alheou-se novamente nas suas piedosas meditações.

— «Bem vêem, disse o infame para os circumstantes, é como se fosse virgem! Ha vinte annos, pelo menos, que deixou de sacrificar a Venus. Isto duplica-lhe o valor, não lhes parece?...»

— «Bem te entendo, velha raposa, disse o soldado rindo, o que tu queres é obter da tua presa o maior lucro possivel. Pois bem, começa o leilão. Veremos até que ponto chega a coragem dos circumstantes!»

— «Vamos então começar!...»

E dirigindo-se á pobre mulher:

— «Vem para aqui, formosa nympha!...

A matrona não se moveu. Conservava-se alheia a tudo quanto se passava em torno d'ella.

O *lenone* repetiu o convite, e d'esta vez em termos mais desabridos.

—«Vamos, salta para cima d'este estrado! bradou elle designando o escabello.

E, como Servia se conservasse immovel, o miseravel correu para ella, mas foi interrompido por alguns clamores, soltados pelos assistentes.

—«Assim não!»dizia um muito indignado.

—«Faltas ao nosso ajuste!...»

—«Núa, núa!...»

—«Queremos admirar essas fórmas opulentas!»

—«Ah! querem que a dispa?! disse o *lenone*, encolhendo os hombros com indfferença. Não sei se deva fazer-lhes a vontade. Recebi algumas instrucções....

E interrompeu-se, porque n'esse momento approximava-se d'elle o emissario do magistrado, que lhe disse ao ouvido:

—«Arranca-lhe os vestidos!...»

Era esta a derradeira esperança de salvação com que o commissario contava. Parecia-lhe que a matrona, ao receber aquelle cruel ultrage ao seu pudor de mulher, de mãe de familia, de anciã veneravel, não teria forças para permanecer n'uma fé que a expunha a similhante ignominia.

—«Bem, bem, vou fazer-lhes a vontade!..disse o *lenone*, depois de ter recebido as instrucções que o animavam a proseguir n'aquelle infame gracejo.

E, batendo no hombro de Servia, o miseravel disse-lhe em tom sarcastico:

—«Formosa nympha dos bosques, se tens amor ás vestes que te encobrem os encantos, aconselho-te que as tires com todo o cuidado. Do contrario, terei de t'as arrancar violentamente, porque as pessoas, que vão disputar a tua posse, querem primeiramente ver a mercadoria!...»

Servia estremeceu. D'esta vez ouvira e comprehendera o sentido d'aquellas palavras infames, e o seu pudor revoltou-se contra a abjecção a que os miseraveis iam expol-a. Durou segundos que para ella foram seculos a lucta ingente que se travou no seu espirito. Quando essa lucta terminou, a sectaria inabalavel da religião do Crucificado havia levado de vencida todas as debilidades e todas as reluctancias da mulher.

—«Façam o que quizerem!...» disse ella, resignada.

—«Não queres então despir-te?» perguntou o *lenone*.

A matrona não respondeu. Erguia os olhos para o ceu, e offerecia ao seu Deus todos os horrores d'aquelle espantoso holocausto...

—«Bem, vou despir-te eu mesmo, disse o *lenone* em tom de mofa, e confesso-te que jamais logrei um momento de tanta ventura. Se tivesse de arrancar o cinto ás tres Graças, não me julgaria tão ditoso!.

E o infame dispunha-se a arrancar os vestidos da matrona, quando o emissario lhe bradou:

—«Espera!...»

E, emquanto os circumstantes o contemplavam com espanto, o emissario sahia principitadamente do lupanar.

Passado um momento, os assistentes encolheram os hombros com indif-

ferença, e lembrando-se que estavam alli para gosarem até ao fim aquelle cruel espectaculo, começaram a impacientar-se.

—«Vamos a isto, *lenone*, porque esperas?...»

—«Arranca o cinto á tua Venus!...»

—«Não nos faças morrer de desejos!...»

—«Apressa-te, homem!...»

O *lenone*, porém, com uma simples phrase conteve todas aquellas impaciencias:

—«A auctoridade prohibe-me que continue, e não continuarei, emquanto não receber novas instrucções,» disse elle em voz baixa.

—«Aquelle homem que sahiu d'aqui é a auctoridade?...» perguntou um dos assistentes no mesmo tom.

—«E' um enviado do prefeito. Dependo d'elle, e nada faria sem o seu consentimento. Aconselho-os até a que deixem essa desgraçada, emquanto eu não souber o destino que pretende dar-lhe o prefeito.»

—«E' o melhor, é, dizes bem», concordaram os dissolutos...

—«Isto tambem é um divertimento e mais nada,» disse um d'elles. E' sempre assim, quando para aqui mandam estas parcas. Se fosse uma christã bonita e nova, isso então era outro caso...»

—«Querem saber uma cousa?» disse mysteriosamente o *lenone*, chamando para um canto do lupanar os dissolutos.

—«Falla, homem! Que mysterios são estes?»

—«Parece-me que ainda hoje aqui teremos melhor fazenda...»

—«Alguma christã bonita e joven?...»

—«Isso mesmo, meus caros freguezes,» confirmou o lenone.

—«E porque suppões tu isso, meu velho?» perguntou com interesse um mancebo, pondo amigavelmente a mão no hombro do *lenone*.

—«Porque ouvi dizer que esta provecta matrona tem uma filha lindissima, que se obstina, como ella, em não querer sacrificar aos deuses.»

—«Por Venus e Marte! bradou o soldado. Vamos ter hoje aqui o que se chama uma fortuna?!...»

—«Cala-te, valente archeiro lusitano, disse o *lenone*, dando-lhe uma pancadinha amigavel na pança. E' melhor não dar por ora com a lingua nos dentes!...»

—«Eunobio tem razão!» concordou um dos dissolutos.

—«Esperemos que venha esse mysterioso personagem.» disse outro.

—«Devemos confessar, observou o soldado, que o prefeito não desempenha em tudo isto um papel muito honroso e lisongeiro...»

—«Ora essa!... disse um homem de meia edade, que até então não proferira ainda uma palavra. E porque te parece isso?...»

—«Pois é claro! Se elle, em harmonia com a lei, teve de condemnar mãe e filha a vir para aqui; porque as não mandou logo ambas? D'este modo, era mais completo o divertimento que nos proporcionava, e cumpria melhor a lei...»

—«E sabes, por ventura, se emquanto a mãe veio para aqui, não iria a filha para outra parte?...»

—«Não é provavel, insistiu o soldado. O lupanar de Eunobio é o maior, o mais afreguezado, e mais proprio para isto do que outro qualquer da cidade...»

—«Não me falta freguezia, isso não... disse o *lenone*. Mas tambem o publico bem sabe que não encontra n'outra parte mulheres como as que tenho aqui. A proposito, já repararam bem n'essa bella gaditana, que hoje aqui entrou pela primeira vez?...»

E, dizendo isto, o *lenone* expunha aos olhares libidinosos dos circumstantes uma formosa trigueirinha de formas opulentas e maneiras provocantes, que n'esse momento saía de uma das cellas do lupanar.

— «Eu já a tinha visto, mas hoje é dia de festa no lupanar, e por isso guarda lá para outra vez as mercadorias, que com tanto afan procuras exaltar-nos.»

— «É melhor, é melhor!» disseram algumas vozes.

— «Olha, Eunobio, tu deves observar as tradicções do teu officio. N'estes dias de festa solemne, em que pela primeira vez uma mulher sacrifica a Venus no recesso dos prazeres a todos concedidos, põe de parte a habitual sovinaria, e vae collocar por ahi alguns ramos de louro...»

— «É a tradicção, Eunobio, e não tens remedio senão seguil-a, gritaram todos. Vamos, avarento proxeneta, gasta alguns *asses* com este luxo obrigatorio!...»

— «Tu nos esfolarás mais tarde para te indemnisares d'este dispendio...»

Eunobio resmungou algumas pragas, mas não ousando contrariar os desejos dos frequentadores, apressou-se a ordenar alguns preparativos.

Era um uso immemorial no lupanar, tanto em Roma como em todas as colonias.

Quando alguma pobre rapariga inexperiente vinha pela primeira vez, bom grado ou mau grado, sacrificar a Venus n'aquelles templos obscenos, a festa era obrigatoria.

Em que consistiam essas manifestações festivas?

Dizem-nol-o os historiadores dos costumes mais ou menos intimos do povo romano.

Pendurava-se á porta d'aquelle templo da devassidão uma lampada que derramava nas proximidades uma luz de um brilho desusado. Enfeitava-se de ramos de louro a porta do horrivel sanctuario, constituindo estes ramos um ultrage ao pudor publico, por isso que permaneciam alli por muitos dias.

Ás vezes, consummado o sacrificio, o heroe d'aquella farça repugnante paga a peso de ouro, sahia do lupanar coroado de louros. Fôra um conquistador, na verdade, e ia muito satisfeito do seu triumpho, chegando até mesmo a fazel-o celebrar ao som de varios instrumentos musicos, executados por *artistas,* de um e outro sexo, addidos como orchestra a esse estabelecimento.

O edil tolerava estes abusos, que constituiam um ultrage tanto mais violento aos bons costumes, por isso que os noivos conservavam, especialmente na classe popular, um costume analogo, adornando tambem com ramos de louro a porta da sua habitação no dia immediato ao da celebração das bodas.

Juvenal diz a este respeito:

*Ornentur portas et grandi janua lauri.*

E Tertuliano, para provarmos quanto esse uso estava generalisado, diz tambem, fallando da mulher gentilica, que contrahia casamento, e celebrava por esse motivo as festas tradiccionaes:

«Ousa sahir d'essa porta, decorada com grinaldas e lanternas, como de um antro de libertinagem publica, acabado de inaugurar...»

D'esta passagem do erudito e energico doutor da Egreja, deprehende-se um facto importante para a comprovação do assumpto de que nos occupamos:

Que a inauguração ou a abertura de um lupanar era tambem pretexto para festas, luminarias, ornatos de ramos de louro, etc.

Não possuimos nos documentos que nos legou a antiguidade classica uma descripção completa do lupanar romano. Apenas em Petronio, o libidinoso auctor do *Satyricon,* se encontram alguns dados mais positivos. Sabemos, no emtanto, que as prostitutas occupavam cellas numeradas, tendo além d'isso um rotulo, onde se lia o preço do *meretricium,* ou commercio infame. Tudo isto, porém, se encontra amplamente explanado n'outra parte d'esta obra, para que seja mister agora reproduzir n'este logar o que tanto estudo e averiguações custou a Pedro Dufour.

Deixámos o *lenone* Eunobio entregue aos preparativos da festa reclamada por todos os freguezes do seu lupanar, e já d'ahi a pouco alguns ramos de louro pendiam das portas e janellas, emquanto os assistentes se entretinham em conversações libidinosas com as prostitutas, que estavam disponiveis.

Outras conservavam-se nas suas cellas, sobre cujas portas, cuidadosamente cerradas, se lia o lettreiro tradiccional:

OCCUPATA

Venus devia estar satisfeita. As suas sacerdotisas não descuravam os actos do culto obsceno da deusa dos prazeres sensuaes, tanto dos mais requintados, como dos mais abjectos e grosseiros.

E Servia?

A casta matrona fora quasi esquecida. O divertimento brutal interrompido pela ordem peremptoria do emissario do magistrado, que ainda não havia desistido de proteger aquella infeliz familia, deixara-a para alli exhausta de forças, e alheia a tudo quanto se passava em torno d'ella.

Servia pedia a morte ao Deus misericordioso, a cuja religião se consagrára com todo o ardor de uma fé viva e inabalavel. Era essa prece sentida e commovente, balbuciada pelos seus labios tremulos, que a absorvia de todo, e a conservava no meio d'aquella saturnal infrene n'um extasi profundo e tão salutar para o seu pudor e para os seus ouvidos castissimos.

E não era só por ella aquella prece ardente e fervorosa. Era por seus filhos, submettidos egualmente a crueis torturas; era por todos os seus irmãos em Christo tão horrivelmente perseguidos, que deixavam a cada passo a carne

nas torturas incomportaveis dos supplicios, e por essas pobres virgens christãs condemnadas com toda a sua pureza immaculada ás terriveis provas porque ella estava passando!...

Ouviria o Deus das misericordias infinitas aquella prece de uma alma pura e santa?

Vamos sabel-o.

No meio d'aquella celeuma produzida pelos preparativos da horrivel festa ninguem fizera reparo em um novo freguez do lupanar, que se reunira aos outros, e se conservava silencioso entre elles.

Era um velho, e o seu aspecto veneravel causaria extranheza a quantos n'elle attentassem. Havia outros velhos alli, mas n'esses rostos abatidos pela edade liam-se claramente os vestigios indeleveis da devassidão, ao passo que na austera physionomia do recem-chegado divisava-se toda a serenidade de uma vida tranquilla, e todos as caracteristicas de uma alma justa.

Mas ninguem reparara ainda em tal, e nem o ancião, ao parecer despreoccupado, procurava dar na vista.

Aproveitando-se da animação que reinava no lupanar, e que absorvia completamente todos aquelles dissolutos, ao ponto de os fazer esquecer de todo da sua victima, o velho recem-chegado approximou-se de Servia, e collocando-lhe a mão na fronte, fez um signal mysterioso, que obrigou a virtuosa matrona a erguer os olhos muito surprehendida para elle.

—«Tem fé, pobre martyr!» murmurou o ancião, em voz commovida.

—«Não me abandonou ainda, meu irmão, disse ella com um sorriso angelico. Estou pedindo ao Senhor que me poupe a este duro transe, mas se a sua vontade a elle me sujeitar, saberei supportal-o!...»

—«Deus ouvirá as tuas preces, martyr! Procurarei salvar-te. Soube ha pouco a triste nova da tua vinda para este inferno, e venho salvar-te. Coragem!...»

—«Tel-a-hei!...»

E os dois nada mais disseram, mas o olhar que trocaram deixou-os completamente satisfeitos.

Haviam-se comprehendido.

Decorreu algum tempo até á chegada do emissario do prefeito. Quando entrou no lupanar, ouviu-se á porta o ruido de uma cohorte, e pouco depois, a filha de Servia entrou acompanhada de alguns curiosos que o acontecimento havia attrahido.

A matrona ergueu os olhos, e ao vêr a filha, não poude reter um grito de desespero. Toda a sua coragem estava prestes a naufragar perante aquelle angustioso lance — a filha assistindo á ignominia da mãe, a mãe tendo de assistir talvez á vergonha da propria filha!

E que filha aquella! Lucia fôra sempre o enlevo da extremosa matrona. O esposo adorado, Porcio, morrera muitos annos antes na guerra do Oriente, e a virtuosa viuva encontrara-se em frente de dois berços — o d'aquella candida menina, de oito mezes de edade, e o de Victor, o filho mais novo, de dois annos apenas, dois anjos a illuminarem com os seus celestes sorrisos aquella

tristeza sombria da pobre esposa, privada do companheiro querido da sua existencia. O outro filho tinha a esse tempo seis annos.

Servia educára cuidadosamente os penhores d'aquelle mallogrado enlace, e embora a esse tempo não conhecesse ainda a purissima moral christã, deralhes sempre exemplos da mais inconcussa honestidade. A sua casa era uma das mais respeitadas d'aquella cidade. Porcio fôra sempre um cidadão de vida exemplar, e como tal estimado por quantos o conheciam.

Um dia, as praticas eloquentes de um antigo amigo da casa haviam illuminado o espirito da matrona, radicando-lhe no coração aquella persuasiva doutrina. Servia fez-se christã, e seus filhos, recebendo a educação que a excellente mãe tão cuidadosamente lhes ministrava, não tardaram a abraçar a mesma fé.

Mas os tempos da perseguição haviam chegado. Em torno dos sectarios da religião do Crucificado, agitavam-se inimigos implacaveis. Primeiro, a calumnia vil desembestara contra elles os mais odiosos dardos; em seguida, as torturas physicas vieram substituir as torturas moraes, e, a pouco trecho, os martyres da fé viram raiar a era difficil das mais duras provas.

Já os leitores sabem o que succedeu á casta matrona e a seus filhos, até ao momento em que vamos encontrar a pobre mãe e a debil e candida menina no horrivel lupanar de Eunobio-

Servia, sempre resoluta até áquelle momento, sentia-se agora fraquejar. A prova a que se via exposta era superior ás forças humanas.

O ancião, que já entrevimos como uma apparição celeste n'aquelle infame prostibulo, ao vêr entrar a innocente filha da matrona, approximou-se novamente de Servia, e repetiu-lhe a mesma palavra de conforto, que já lhe ouvimos:

—«Coragem, minha filha!»

—«E, como poderei tel-a agora, se vejo alli minha pobre filha para assistir ao meu horrivel supplicio! Se Deus me enviasse a morte!...»

—«Deus não te desamparará n'esta dura provação. Confia n'elle, Servia, que vaes ver dentro em pouco manifestar-se a sua bondade infinita!...»

Ditas estas palavras, o ancião approximou-se do emissario do perfeito, e disse-lhe:

—«Se eu tivesse uma communicação importante a fazer ao magistrado que te envia, e pedisse como condição indispensavel o addiamento d'este infame supplicio, poderias tu participar-lhe esta minha proposta, e fazer com que o magistrado a attendesse?...»

—«Conforme, disse o emissario, olhando com desconfiança para o seu interlocutor. Desejaria primeiramente que me dissesse de que se tractava, para poder aquilatar a importancia do caso.»

—«Pois bem, tracta-se da manutenção da ordem publica, da revelação de uma insurreição grave, que eu conheço, e que póde ser atalhada a tempo, se as minhas palavras forem attendidas. Dize isto ao prefeito. Elle conhece-me, e sabe perfeitamente que só tem a esperar da minha bocca a verdade.»

—«Mas, se deixo aqui estas mulheres, quem poderá conter por mais tempo a impaciencia de toda esta gente?...»

— «Podes ir descançado; ninguem emquanto eu aqui estiver ousará tocar-lhes!...»

— «Confias demasiado, ao que parece, na tua auctoridade,» disse o emissario com um sorriso de duvida.

— «Eu não tenho auctoridade alguma, enganas-te. Confio, porém, nas palavras que vou dizer-lhes, porque a compaixão e a piedade não estarão de certo completamente obscurecidas n'estes espiritos desvairados pelas paixões!...»

— «És tambem christão?» perguntou o emissario, carregando o sobrolho.

— «E se o fosse, não poderia do mesmo modo apontar o perigo imminente ao perfeito? disse o ancião com um sorriso de bondade. Vae, meu amigo, continuou elle com affabilidade, vae dizer ao magistrado que Eulogo tem cousas bem graves a communicar-lhe.»

— «Um novo addiamento no comprimento da lei póde ser-me censurado...» observou o interlocutor do ancião.

— «Nunca é tarde para este horrivel supplicio, e pode sel-o para a segurança dos magistrados da cidade...»

— «Porque não vaes tu proprio fallar com o prefeito?» perguntou o emissario, olhando fitamente para o ancião.

— «Queres saber porque? disse elle. Vê como toda essa gente se impacienta. Vê os olhares de torpe lascivia que dardejam sobre essa pobre menina. Não serias capaz de os conter com todos os teus soldados, que alli fóra aguardam as ordens que possas dar-lhes. Duvidas? continuou elle, vendo deslisar no rosto do emissario um sorriso de descrença. Eu conheço melhor as paixões humanas do que tu proprio, e leio no coração de todos estes homens como n'um livro aberto!...»

— «E, apesar d'isso, julgas-te capaz de os conter durante a minha ausencia!...»

— «Julgo, e não é a vaidade que me inspira estas palavras: é ainda o conhecimento que tenho do coração do meu similhante. Pódes, portanto, satisfazer o meu pedido, se ligas a devida importancia ás palavras que me ouviste proferir...»

O emissario reflectiu por algum tempo. Por fim, olhando fitamente para o ancião, disse-lhe:

— «Não sei porque, mas vejo nas tuas palavras uma convicção que me impressiona favoravelmente. Comprirei os teus desejos. Aguarda-me, pois, aqui, e cumpre o que disseste com respeito a estas mulheres. A tua vida responde por ellas, porque te farei vigiar cuidadosamente...»

— «Descança, meu amigo, ninguem tem mais empenho do que eu em livral-as das aggressões dos libertinos, e repito que ninguem lhes tocará!...»

Esta conversação entre o velho protector de Servia e o emissario do prefeito celebrara-se a um canto do lupanar, emquanto os circumstantes não os perdiam de vista um momento, suspeitosos do prolongado colloquio. Gritos de impaciencia, pragas horriveis faziam-se ouvir de vez em quando, mas eram brevemente suffocados pelos mais sensatos, porque esses suspeitavam que ia alli passar-se alguma cousa extraordinaria.

E bem extraordinaria, de certo. Mal o emissario do prefeito sahiu, com grande espanto de alguns dos circumstantes, e antes que elles tivessem tempo de se recobrar d'esse espanto, o ancião conduziu a mãe e a filha para junto uma da outra.

Em seguida, fez um signal, e cousa devéras assombrosa, mais de metade dos circumstantes, obedecendo a esse signal, vieram postar-se silenciosamente em volta das duas mulheres, encobrindo-as aos olhares libidinosos dos outros homens, um punhado de libertinos apenas, porque aquella multidão que enchia o lupanar, compunha-se de um grande numero de christãos, convocados para aquelle antro impuro, não pelo espectaculo que se annunciára, mas sim pelo desejo de livrar d'aquelle duro transe as martyres da perseguição pagã!...

Assim se explicava a confiança que transluzia das palavras do ancião. Os christãos não contavam supplantar os seus perseguidores pela força numerica, ou pelas luctas que travassem para defender os martyres da sua fé. Contavam, sim, dominal-os pela sua constancia, pela sua união e solidariedade no perigo, e pelos exemplos de austéra virtude, que n'esses perigosos lances costumavam dar-lhes.

—«Meus irmãos, dizia n'aquelle momento o ancião, impregnando as suas palavras de uma emoção divina. Uma lei cruel, inflige a estas mulheres o mais horrivel dos supplicios. Não procuraram ellas evital-o, mas o seu Deus ha de protegel-as e amparal-as. Vêde, continuou elle, dirigindo-se aos libidinosos clientes do lupanar, confundidos e assombrados de se verem em tão limitado numero. Uma d'ellas é uma austera matrona, vergada ao peso dos annos e do infortunio; a outra, é uma pobre creança debil. Se a lei é cruel, sel-o-heis vós tambem, meus irmãos? Quem ousará manchar com os seus insultos cobardes, estas duas victimas indefezas?... Se algum d'entre vós para isso tiver coragem, tel-a-ha tambem para passar sobre os nossos corpos, que estão servindo de muralha a estas infelizes crerturas!...»

Ninguem se moveu, ninguem ousou soltar uma palavra, um gracejo, uma obscenidade perante aquella magestade senil, que alli se manifestava n'aquelle antro impuro, como sobre um solio resplandecente. E muitos d'aquelles homens, quasi todos elles, afinal, começaram a sahir a occultas do lupanar, como se aquelle inesperado espectaculo os aterrasse.

Quando o emissario voltou, reinava no lupanar o mais profundo silencio.

—«O prefeito espera-te, e recebi ordem para conduzir novamente ao carcere estas duas mulheres», disse elle, maravilhado de encontrar a tal ponto realisadas as promessas do ancião.

—«Vou seguir-te», respondeu unicamente o protector das duas desventuradas.

E dirigindo-se para ellas disse-lhes:

—«Coragem! Julgo havel-as preservado d'este horrivel supplicio. A morte espera-as, mas, pelo menos, não terão a deshonra a cruciar-lhes horrivelmente o martyrio!

—«Bemdito seja o Salvador!» murmurou a santa matrona, erguendo os olhos ao ceu, e abraçando a sua pobre filha.

—«Animo, minhas filhas, continuou o ancião. Por mais duras e difficeis que sejam as provas terrenas que lhes estão reservadas, a recompensa celeste excedel-as-ha amplamente!»

........................................................................

N'essa mesma noite, o venerando ancião dirigia-se á presença do prefeito, que o aguardava impaciente.

—«Prometteste fazer revelações, disse elle, apenas o viu entrar. Falla!...»

—«Fallarei, disse serenamente o ancião, nem para outra coisa venho aqui. Tiveste a complacencia de sustar na iniqua ordem do supplicio de Servia e de sua filha, e fizeste bem, porque talvez d'essa resolução dependa a tua vida...»

—«Não pretendas illudir-me, velho! exclamou o prefeito, sentindo-se dominar pela ira. Se foi a um estratagema que recorreste, terás de arrepender-te duramente. Sei que és christão, e irás tambem para o supplicio!...»

—«Sou christão, não o nego, e estou prompto a receber o martyrio pela fé que abracei. Na minha edade, a morte não intimida aquelle que tem a consciencia tranquilla. Mas não se tracta agora de mim; é de ti e dos teus que devo occupar-me... Sabes que a noite passada as vedetas dos muros da cidade ouviram um rumor extranho, que as obrigaram a prevenir os chefes?...»

—«Sim. Disse-se que eram os christãos sahindo das suas reuniões secretas, e recolhendo ás suas moradas pelos caminhos mysteriosos que ainda não logrei descobrir...»

—«Não eram os christãos, mas a elles deves o poder escapar ao perigo que te ameaça. Eram os escravos, que celebram reuniões secretas, e que vão esta noite mesmo acommetter a cidade...»

—«Dizes a verdade, velho? bradou o magistrado, impressionado por aquella imprevista revelação. Ou empregas um subterfugio de tua invenção para zombar da minha credulidade?...»

—«Nunca invento coisa alguma. Dos meus labios sáe apenas a expressão da verdade. Eu e meus irmãos celebramos effectivamente reuniões no recesso das montanhas, onde a curiosidade ou a perseguição não possa ir perturbar-nos no exercicio do nosso culto. Regressavamos hontem do nosso occulto asylo, quando podemos involuntariamente ouvir o que se trama nas trevas, emquanto os magistrados dormem a somno solto, ou passam o tempo a praticar as mais monstruosas crueldades...»

—«Poupa-me ás tuas censuras, velho! Dize-me só o que ouviste!...»

—«Disse-o já. Esta noite a cidade será atacada pelos escravos...»

—«E são numerosos esses conspiradores? Não virão todos elles encontrar a morte, ao cahirem de improviso no meio das minhas cohortes, que julgam desprevenidas?»

—«Assim estariam decerto as tuas tropas, se não fosse o meu aviso... Agora, se queres que te revele todos os pormenores da conspiração, é mister que celebres um pacto commigo...»

—«Um pacto! E de que se tracta, dize!...»

—«Darás a liberdade ás duas pobres mulheres que tanto tens martyrisado, e deixar-nos-ha em paz no exercicio do nosso culto, que não perturba a ordem e a tranquillidade publica!... Acceitas?...»

O magistrado reflectiu durante algum tempo. Era contra todas as recommendações imperiaes o que o ancião lhe propunha. Chegavam a cada passo ordens severissimas, que obrigavam os magistrados a refinar n'aquella perseguição incançavel contra os christãos. Mas tambem, por outra parte, era deveras importante o serviço que aquelle homem lhe prestava, e a justiça exigia que elle fosse recompensado. Uma nuvem, porém, veiu toldar-lhe o semblante.

—«Velho, disse elle, com os olhos a fuzillarem ira, tenho ouvido dizer que a tua religião aconselha a caridade mesmo para com os inimigos. E' isto verdade?!...»

—«Assim é. Para nós todos os homens são irmãos!»

—«Mentes, velho, mentes! bradou o prefeito no auge da colera, emquanto o ancião olhava para elle estupefacto. Tu tiveste conhecimento exacto da horrivel carnificina que se preparava, e que talvez seja obra tua e dos teus, e nada me dizias! Assim, se o interesse não te demovesse, deixarias assassinar covardemente alguns milhares de homens valentes e corajosos, que hypocritamente apellidas de *teus irmãos!...*»

—«Perdôo-te as injurias que me diriges, disse tranquillamente o ancião. Embora me não acredites, dir-te-hei lealmente o seguinte: Vinha prevenir-te do que se tramava para que podesses salvar a cidade dos excessos dos revoltosos, quando soube que a tua ordem iniqua e cruel arremessara a um prostibulo duas pobres mulheres, tão respeitaveis, uma pela austeridade da sua vida, e outra pela candura dos seus verdes annos. Em presença d'este horrivel crime, que por ordem tua ia commetter-se, esqueci tudo, e corri ao lupanar de Eunobio com alguns dos meus irmãos, para impedir com elles aquelle infame supplicio. Alli recordei-me das sombrias ameaças que ouvira, e quiz aproveitar em favor d'aquellas debeis mulheres a revelação que o meu Deus de certo me fizera. Eis o motivo porque te pedi a suspensão do supplicio e porque vim agora á tua presença!...»

Eram tão sinceras as palavras do venerando ancião, que o magistrado deu-se por convencido.

—«Velho, disse elle alguns instantes depois, é grave o que me propões mas grande é tambem o serviço que me prestas. Pois bem! Cumpro os teus desejos. Servia e todos os seus serão livres ámanhã, e deixar-vos-hei em paz, emquanto presidir aos destinos d'esta cidade... Estás contente?...»

—«Agradeço-te. O teu coração é bom, e eu sei perfeitamente que só a lei e a obediencia que deves aos teus podem obrigar-te a violencias...»

—«Podes fallar então, meu amigo!...»

O ancião revelou todas as circumstancias do trama que se preparava, e foi assim que Servia e seus filhos foram salvos.

Com que extasi de inneffavel alegria não se prostaram no outro dia perante a cruz do Martyr do Golgotha aquellas duas pobres martyres, tão mi-

lagrosamente livres do espantoso supplicio a que haviam sido condemnadas!...

.......................................................................

.......................................................................

Nem todos os martyres eram, porém, tão milagrosamente protegidos como Servia e sua filha, nem todos os prefeitos eram tão humanos como este que acabamos de apresentar ao leitor.

O martyrologio lusitano conta alguns d'estes horriveis supplicios.

A narração da agonia de uma virgem, condemnada a este horror, confrange todos os corações bem formados.

Eis como uma testemuuha occular, um padre da Egreja perseguida, conta este supplicio, quasi inacreditavel:

«Se a virgem não encostava a fronte no altar de Minerva, e não pedia perdão á deusa de ter abraçado a crença christã, era immediatamente enviada ao lupanar, insultando-a a plebe impudicamente por todo o caminho.

«Todos os libertinos vinham ao encontro da desgraçada victima, disputando-se o direito de a ultrajar *(novum ludibriorum mancipium petat.)* Gritavam-lhe que parasse ao voltar de cada esquina, mas a virgem apressava o passo, desviando a vista sempre com o receio de que algum depravado lhe puzesse a mão para affrontar publicamente o seu sexo *(ne petulantius quisquam verendum conspiceret locum)*; e sob a ameaça d'este perigo, apressava-se a pôr a sua virgindade ao abrigo do lupanar, como se alli devesse estar segura! Nada mais commovedor do que este quadro da santa pudicicia christã!...»

.......................................................................

.......................................................................

Dissémos bastante ácerca dos martyres christãos, da sua constancia na fé e dos supplicios inauditos a que essa mesma constancia os votava.

É tempo de acabarmos por uma vez com a pintura da corrupção romana, de que esta perseguição cruel foi um dos symptomas mais evidentes. Antes d'isso, porém, seja-nos permittido evocar um scena libidinosa do imperio romano, traçada por mão de mestre.

Será ella o remate do trabalho que consagramos n'esta obra a essa prostituição requintada, cuja narração, ainda hoje, que vão decorridos tantos seculos, nos dá fremitos de voluptuosidade.

## LIGURINO

«Horacio, o grande auctor das Odes, o panygerista de Domiciano, o poeta predilecto do erudito Mr. Walkenaer que foi o seu biographo, o apaixonado amante da bella Cynara, da voluptuosa Lyce, da seductora Cloé e da irresistivel Glycere, havia terminado as suas aventuras amorosas nos braços da languida Lyde.

«O inspirado poeta sentia-se exhausto por uma existencia eivada de orgias e prazeres. Os seus cabellos estavam brancos, os labios descorados, a tez macilenta, o olhar amortecido, e todo o systema nervoso cançado e gasto, por

aquelles excessos voluptuosos d'uma vida desregrada e sensual, deslisada desde a mocidade nos seios brancos e tépidos das mais bellas cortezãs romanas.

«O seu estro havia cantado todos os gozos e todos os prazeres, todas as sensualidades e deboches, todas as mulheres formosas e attrahentes, todos os desregramentos e voluptuosas loucuras.

«Desilludido do mundo e das mulheres, farto d'uma vida repleta de gozos e licenciosidades, o grande poeta não se podendo subtrahir á influencia desmoralisadora dos costumes do seu seculo, e dominado por uma alta phantasia luxuriosa, apaixonou-se loucamente por Ligurino, joven afeminado, egual a tantos outros que quasi levaram a Roma o esquecimento dos homens pelo bello sexo.

«Contando apenas 16 annos, Ligurino era o prototypo do homem-mulher, na mais completa accepção d'este classificativo termo.

«Bem fornido de carnes muito alvas e rosadas, macias e flexiveis, completamente desprovidas de cabello, arrancado pelos maravilhosos segredos das desconhecidas pomadas depilatorias, bastante usadas entre os romanos, de olhar sensual e terno, labios vermelhos e humidos como os de uma mulher bonita, sempre perfumado e penteado no requinte da sensualidade, dotado d'um temperamento mais espontaneo e lascivo que o de Messalina; este exotico typo de homem-mulher, sensivel aos beijos e ás caricias, tendo toda a doce voluptosidade d'uma corteza emerita, constituiu a ultima depravação do notabilissimo poeta.

«Horacio sentia-se morrer lentamente nos braços lascivos do bello *mignon*, a sua lyra enodoara-se assim como as suas cans com aquelle amor repugnante e torpe, mas o animo do poeta prevertido e sensual extasiava-se na luxuria febricitante, que lhe proporcionava aquelle debochado indigno.

«Esquecido das suas bellas tradições apaixonadas com as mais encantadoras cortezãs romanas, olvidando as suas odes em que tinha cantado o seu amor e as suas victorias, esquecendo a fama gloriosa que lhe circumdava o nome, o velho poeta votou os seus ultimos annos áquella paixão libidinosa e excitante, que o acompanhou ao tumulo.

«Vamos, pois, contemplar por um momento o grande poeta romano, n'um dos seus opiparos banquetes, em que a sensualidade tinha á mesa o logar de honra e elle alardeava, sem pejo dos homens e das mulheres, a paixão devoradora que alimentava pelo seu amante!

*
* *

«Os convivas semi-nús empunham as taças de ouro transbordando phalerno, e as fructas rolam sobre a mesa á luz viva das tochas presas em collossaes *phalus* de bronze dourado.

«Sobre os leitos de marfim, as cortezãs deixam a descoberto as fórmas brancas e palpitantes, onde chovem beijos ardentes d'um sensualismo extraordinario.

«Escravos obedientes trazem aos convivas corôas de rosas e leite.

«As ostras abrem sobre pratos de ouro a sua concha denegrida, os limões espalham no salão um bello perfume acre, e um enorme pavão assado abre sobre a trempe de prata o leque estrellado da sua bella cauda multicor, onde as luzes se reflectem em cascatas de crepusculos luminosos.

«As tunicas abrem-se impudicamente, os leitos rangem a espaços, o vinho corre em abundancia, as flores cobrem a mesa, e os convivas começam a ceder ao uso bacchico do seu tempo.

«Soltam-se canções obscenas d'uma ampla e clara lubricidade de phrase, os gestos acompanham a palavra, as mulheres perfumadas e brancas como açucenas, de frisadas cabelleiras louras presas por valiosos diademas de perolas e diamantes, com os seios e as pernas nuas, reclinam-se nos braços dos convivas que lhes entornam nas brancas coixas aveludadas, as suas taças de ouro cheias de vinho de Coryntho d'uma bella côr de topazio.

«Nos olhos negros d'aquellas bellas mulheres no viço da juventude e da formosura, brilha a chamma lubrica da embriaguez e do desejo.

«Aquellas carnes duras e macias, quentes e provocantes, palpitam tremulas sob a impressão lasciva de beijos impuros e torrentes de vinho.

«As paredes brilham á luz amarellada e vivida das tochas, e os convivas fitam a turva e desvairada vista nos quadros que as ornam.

«A mythologia grega apparece em todos elles d'uma forma libidinosa e phantastica.

«Satyros musculosos, de riso sardonico e chifres de ouro, saltitam em frondosos bosques de carvalhos no encalço de brancas nymphas voluptuosas e ternas.

«Algumas tem cahido sobre monticulos de relva, e os deuses dos bosques, abraçando-as, apresentam n'um desmando de licenciosidade artistica o enorme priapo, disposto a saciar a luxuria indomavel d'aquelles delicados corpos.

«N'outros, o Jupiter Olympico, devasso e aventuroso, apparece ás suas bellas Leda e Danae, e os extremos luxuriosos da sua omnipotencia revelam-se nitidamente em bellas e vivas cores.

«Em todos os quadros e retabulos, o amor da carne existe admiravelmente desenhado por aquelles pintores eroticos da Roma devassa e pagã.

«A's vezes a phantazia do artista librava-se a dar ao apparelho da geração as mais caprichosas e estrambeticas formas. Similhando passaros, peixes, arvores, urnas, tripodes, e até homens, o eterno *phalus* dos romanos, de proporções giganteas, alli se via como um aphrodisiaco visual a despertar os sentidos no organismo lubrico d'aquellas mulheres irresistiveis.

«A' cabeceira da mesa, em leito de prata e seda, Horacio, o amphytrião, reclina-se mollemente nos braços niveos de Ligurino.

«O afeminado mancebo veste tunica aberta como as cortezãs mais impudicas; as sandalias são douradas, bordadas a perolas, deixando a nú as pernas muito alvas e roliças, assetinadas e macias como arminho; tem o rosto imberbe coberto por essa pomada especial que as magas preparavam para amaciar e embranquecer a epiderme, dando á cutis uma côr alva pallida que tanto agradava aos libertinos romanos.

«Os cabellos negros e frizados rescendiam ás mais finas essencias, e no seu olhar suave e calmo, esbatia-se uma sensualidade voluptuosa que competia em luxuria com a das bellas cortezãs que se assentavam á mesa d'esse festim lubrico.

«Horacio, abatido e quebrantado pelos annos e pelos excessos, não cessa de afagar o seu amante, que no seio erotico da embriaguez e sem consciencia do seu sexo, por mais de uma vez tem attingido espontaneamente o extasis, á imitação d'aquella bella cortezã grega, que se jactava de subir ao ideal do amor, com umas simples oscillações de nadegas!

«Um escravo corôa de rosas a fronte ampla do poeta.

«Horacio empunha a taça e os seus labios tremulos cantam ainda uma ode ao amor e ao prazer.

«Todos os commensaes escutam attentos a phrase inspirada do grande poeta, e os fumos da embriaguez parecem evolar-se perante o sublime talento do improvisador.

«Horacio canta o amor, de que elle fôra um dos mais mimosos predilectos, allude por vezes ás suas ternas amantes, evoca os deuses, e termina por cantar egualmente a promiscuidade dos sexos n'esse desvairamento de paixão sensual, que lhe envergonhou perante a posteridade as suas cãs e a sua gloria.

«Ligurino procura agradecer com requintes de lubricidade o amor do poeta, e os commensaes erguem as suas aureas taças repetidas vezes no meio d'uma alegre canção a Baccho.

«Os escravos servem agua de rosas; abre-se ao fundo uma porta, e seis auletridas entram na sala embocando as suas flautas.

«São todas jovens e formosas, irrequietas e sensuaes, como convinha a festins em que predominava a embriaguez e o amor.

«Vestem apenas umas tunicas de gase tão transparente, que atravez d'elle se lhe vêem todos os relevos das brancas fórmas.

«A sua musica é alegre e original, d'uma melodia encantadora.

«Emquanto uma toca, as demais dançam voluptuosamente, deixando contemplar de fugida os provocantes segredos da carne.

«Os convivas sentem-se irritados por aquella dança d'uma lascivia extrema. As mulheres deixam apparecer, á viva luz das tochas, o branco aveludado das coixas e dos seios, e os homens cobrem-nas de sensualidades e provocações.

«Contam-se historias incriveis referentes ao *phalus* e ao amor lesbico, e alguns bebem o phalerno no extremo do ventre da sua commensal, outros exhaltam os gosos sensuaes que provocam as *fellatrices;* o vinho escalda os cerebros e accende os desejos, já se não come nem bebe, mas a carne desejosa e irritada, pullula sequiosa de prazer.

«Ligurino cahe como uma cortezã da via Appia nos braços tremulos de Horacio, que não se envergonha de se utilisar da prostituição do miseravel.

«Todos se abraçam n'um phrenesi de goso, e o calor d'aquelles corpos excitados e ardentes accentua fortemente o cheiro acre dos oleos e pomadas que untam os cabellos e a cutis das cortezãs.

«As auletridas não cessam de dançar e tocar, sempre com aquelle sorriso provocador que lhes era peculiar, a demorar-lhe nos labios escarlates

«Alguns convivas debatem-se nas derradeiras convulsões do goso.

«Os escravos tinham-se retirado, e as tochas ardem brilhantemente allumiando como outros tantos sóes aquella extraordinaria scena da devassidão romana.

Ligurino exerce no seu amante o nefando exercicio de *fellatore* e Horacio sente que as forças cada vez lhe faltam mais.

«Os philtros irritantes de que usam alguns dos presentes, fal-os comparar em resistencia aos faunos e satyros que se vêem nos quadros das paredes. As mulheres não cançam com aquelle ardor quasi sobre-humano.

«O pudor fugiu da sala do festim.

«Sente-se o ciciar dos beijos, o rasgar das tunicas, o ranger dos leitos, e os gemidos afogados d'aquelles ebrios amorosos.

«Uma nuvem de espessa volupia tolda a intelligencia dos circumstantes.

«Horacio afaga mansamente o seu Adonis, que o provoca, com a brancura das suas nadegas e braços, e o ardor espontaneo do seu organismo, que se esvae n'uma epilepsia amorosa, apoz um momento de doces e ternas caricias.

«As auletridas cessam de dançar e exhibem n'um cumulo de excitação sensual as praticas irritantes do amor lesbio.

«O deboche augmenta de intensidade, e em pouco tempo o vicio terrivel da sodomia apossou-se de todos aquelles homens, perdidos por uma vida de desregramentos incriveis.

«Horacio dorme no seio de Ligurino, e os escravos apagam as luzes.

«Vinha rompendo a manhã.

«Passado o fogo ardente d'aquelle desvairamento, os convivas sentaram-se de novo á meza, e quando deu a hora nona, os seus excessos e devassidões recomeçaram com mais intensidade.

«O festim durou dois dias e duas noites, durante as quaes o somno, o amor e o vinho reinaram n'aquelle luxuoso salão.

«Horacio, porém, tinha-se retirado no fim da primeira noite.

«O grande poeta sentia-se cançado e incapaz de brilhar como outr'ora n'aquellas grandes luctas de Venus.

«Recolhera-se ao leito, e a seu lado reclinava-se adormecido e formoso, como uma auletrida tentadora, o seu amante Ligurino.

«O grande poeta começava a morrer para os gosos, antes de morrer para o mundo.

«A indifferença e o aborrecimento precederam-no no tumulo.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Antes de historiarmos a invasão dos barbaros, seja-nos licito com as palavras de um dos nossos mais distinctos historiadores (demos-lhe agora só este titulo, visto que como historiador o citamos,) consolidar e definir bem al-

gumas ideias sobre a organisação da sociedade iberica, per esta épocha.

É estudo curioso, e que nos vae servir no decurso d'esta obra para assentar factos importantissimos.

«O municipio romano offerece á observação do historiador um dos dous typos genericos em que todas as sociedades saidas do estado nomada e fixadas sobre a base indespensavel da cultura da terra, vem a moldar-se. São esses dois typos o systema beneficiario ou aristocratico, e o systema municipal, que diremos democratico á falta de melhor modo de definir o nosso pensamento. N'um caso a sociedade constitue-se sobre a idéa e sobre o facto de uma protecção pessoal, no outro sobre o regimen de um systema de garantias juridicas. N'um caso a terra é a propriedade sagrada do protector investido de uma auctoridade paternal; no outro caso a terra é a propriedade commum dos municipes em cuja assembléa está a origem da auctoridade. Além, a forma de apropriação da terra dá logar á creação de uma aristocracia de raça; aqui a aristocracia compõe-se apenas dos altos magistrados e dos poderosos.

«Se a principio vemos entre os romanos differentes ordens de classes, segundo os direitos de privilegio que os distinguem, o facto é que essas excepções se obliteram rapidamente, ao passo que o proprio do regimen aristocratico, cujo principio vital é a excepção, cada dia tende a affirmal-a de um modo mais categorico. O systema da propriedade municipal, desenvolvendo-se espontaneamente no seio da anarchia da Edade-média já livre da tutella imperial, veio a apparecer com os caracteres de uma democracia pura nas republicas da Italia; em quanto o regimen aristocratico, encontrando-se em circumstancias identicas, foi-se affirmando e definindo cada vez mais, até produzir o systema feodal.

«Nas sociedades de hoje encontramos ainda duas nações cujos exemplos actuaes esclarecem as considerações anteriores. A aristocracia ingleza, embora despojada de muitos dos seus privilegios, mantem ainda o essencial para caracterisar o systema, a posse das terras e a hereditariedade dos cargos. O imperio russo apresenta-se-nos como uma fiel reproducção do machinismo social e administrativo romano — sem aristocracia, na acepção historica da palavra. A aristocracia russa é, como era a romana, composta do essencial da sociedade, magistrados civis e militares *(tchin)*, ricos, e homens celebres nas artes e nas lettras; sem leis que garantam, nem a hereditariedade dos cargos, nem a da riqueza. Esta aristocracia que melhor diriamos magistratura social, preside a uma vasta democracia baseada, juridicamente, na egualdade civil (miseravel desde a abolição da servidão), administrativamente em um systema municipal, e economicamente no regimen de cultura individual e de propriedade communal collectiva.

«Esses traços essenciaes da communa russa são os dos municipios romanos. O *mihr* é uma reproducção da curia.

«O problema social que surge logo que a fixação da sociedade obriga á exploração de um limitado espaço de terreno, foi, portanto, resolvido pelos romanos de um modo inteiramente diverso do que o foi prosteriormente pelas raças germanicas, ao estabelecerem sobre as ruinas do imperio democratico as

instituições democraticas ou consanguineas proprias do estado barbaro em que se achavam. Este facto historico é a nosso vêr o primeiro de grande importancia, quando nos cumpra avaliar o alcance da romanisação da Hespanha. É fóra de duvida que a ella deveu Peninsula a sua incontestavel superioridade como nação organisada, no concerto das nações feodaes da Europa da Edade-média. O municipio antigo creava cidadãos; e a sua acção foi tão profunda e duradoura que poude resistir á influencia das idéas aristocraticas germanicas, mais tarde dominantes em toda a Europa central, e poupar a Hespanha ao duro trabalho da resolução de um systema feudal acabado e completo como os da França ou de Inglaterra. Contra a natural tendencia dos conquistadores godos veio a levantar-se de um lado as forças das classes-medias filhas das instituições romanas, do outro a tradicção imperial e monarchica, mantida pelo clero romanisado, — essa tradicção que satisfazia a ambição pessoal dos reis godos, coarctando a avidez dos seus caudilhos.

«Causas geraes, que não vem ao nosso intuito determinar agora, tinham feito com que em Roma fosse gradualmente succedendo ao governo de magistrados e leis, o governo de generaes inspirados pelas urgencias da rasão-de-Estado, quando o não era pelas ordens do capricho ou do vicio. Perante esta transformação de natureza do dominio romano, por força se havia de alterar o caracter dos municipios. O systema de cultura individual e propriedade collectiva da *curia*, primitivamente nascido da necessidade de repartição equitativa das terras e da constituição de uma molecula fixa administractiva e fiscal, impunha aos *curiaes* a responsabilidade solidaria do pagamento dos impostos. Assim, ha muitos seculos, surgia o embaraço com que hoje lucta a organisação communal da Russia. Fixada pela lei a quota de imposto de cada parcella de de terreno, determinado o numero de parcellas da communa, os municipes eram solidariamente responsaveis pelo pagamento da somma total. Claro está que, dados terrenos ferteis e uma agricultura reproductiva, a distribuição do imposto não é gravosa. Succeda, porém, o contrario; fiquem terras por cultivar, e a solidariedade dos *curiaes*, para com o fisco, tornar-se-ha n'um systema de extorsões violentas. Depois diremos os modos porque as leis romanas obtemperavam a este risco, dizendo desde já que ainda n'isto a moderna communa russa reproduz o antigo municipio.

«Lembremo-nos agora de que este vicio essencial ao systema é aggravado por más condições economicas; que a arbitrariedade, o despotismo, o desperdicio e todos os vicios da administração imperial romana introduzem a desordem no seio da machina municipal, ao mesmo tempo que elevam até quantias excessivas as sommas dos impostos. São estes os motivos que tornam a situação dos municipes, ou *curiaes,* verdadeiramente miseravel, ao mesmo tempo que as regalias e independencias dos municipios vão desapparecendo diante das invasões de um poder cioso de mando, e avido de dinheiro.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Que eram os *curiaes?* Que era a *curia?*

«Curia dizia-se a assembleia de todos os proprietarios—quer nascidos no

municipio (*municipes*), quer forasteiros domiciliados (*incolæ*)—que possuissem mais de 25 geiras (*jugera*) de terra. A qualidade de curial não era facultativa; porque dada a propriedade, o proprietario era desde logo inscripto no cadastro, a que os romanos chamavam *album curiæ*. Dissémos antes que nos municipios havia um systema de propriedade collectiva e cultura individual, e allegámos o exemplo actual da communa russa: agora fallamos de proprietarios. Esta apparente contradicção, desapparecerá desde que ao vêr o modo porque o direito de propriedade individual se coarctava nos municipios, reconhecemos que o ponto de vista da legislação, era garantir a unidade da molecula social e não a independencia da propriedade individual. Não será, pois, collectiva a propriedade, se juridicamente a encararmos; mas sem duvida é como se o fôra, social e economicamente.

«O proprietario não podia deixar de fazer parte da curia, solidariamente responsavel pela administração municipal e pela somma total da contribuição territorial imposta ao municipio. Adscripto, o proprietario não podia por um acto de vontade sahir d'essa condição, sem licença das auctoridades administrativas.

«Se, negada a licença, preferia deixar a lavoira, o encargo de imposto correspondente a essa area abandonada ia augmentar *pro rata* o imposto anteriormente pago pelas outras propriedades municipaes, se por ventura a curia não achava quem de graça quizesse tomar conta do terreno com a responsabilidade da quota respectiva de contribuição.

«O curial não podia habitar fóra da cidade, nem entrar em nenhuma das ordens superiores, (isentas dos encargos municipaes, embora seus membros fossem proprietarios) sem ter percorrido todos os logares do concelho, desde o de simples membro da curia até ao de primeiro magistrado. Quando o christianismo recrutava para a egreja, já reconhecida como instituição, os seus clerigos, esses homens saíam principalmente da classe media; mas o curial não podia ordenar-se, sem primeiro ter encontrado quem por elle tomasse conta do logar deixado vago na assembleia municipal.

«Este systema de coacções, tendentes todas a manter de pé a collectividade proprietaria no municipio, ia além da vida dos seus membros. Quando a herança de um curial cahia em alguem extranho á curia, ou quando donzellas ou viuvas proprietarias casavam com homens de fóra, o municipio confiscava em favor da propria massa um quarto da totalidade dos bens. Tres quartas partes da propriedade dos curiaes fallecidos sem filhos tinham egual destino. E se, em vida, a tyrannia das disposições que opprimiam o proprietario, o levavam a tentar eximir-se pela fuga a uma situação intolerante, a curia e o castigo confiscava-lhe os bens. Disposições similhantes, e em muitos casos identicas, constituem a sorte do membro da communa russa; e a simples observação d'ellas nos mostra que o tornarem-se um systema de garantias, ou uma séde de oppressões, depende do facto da riqueza da terra, ou do valor dos seus productos lhe tornarem a lavra appetecida ou aborrecida, fonte de lucros ou causa de ruina.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Além das garantias economicas prestadas pelo municipio á sociedade, que especie de garantias dava, porém, elle aos curiaes seus membros?

«Pessoalmente constituiam-os n'uma classe collocada acima do commum dos homens livres. Entre outros privilegios, esse facto isentava-os dos trabalhos de minas, da polé, de serem queimados vivos, e de outras penas quasi tão barbaras reservadas para os plebeus. Elles eram *optimo jure,* no meio de uma massa de plebeus ou privados *(privati)* que constituiam o ultimo termo da escala dos homens livres ou ingenuos. No topo d'essa escala achavam-se os *clarissimi*, a quem era licita a propriedade sem nenhum dos encargos, que ella acarretava aos curiaes. Constituia esta aristocracia cinco ordens: a dos senadores, a dos officiaes palatinos, a do clero, a dos militares das cohortes ou policia, e a dos officiaes superiores do exercito.

«No principio do v seculo são estas as tres ordens em que se dividem os subditos livres do imperio.

«Collocado entre o proletariado dos *privati* e a aristocracia dos *clarissimi,* comprehende-se com quanta ambição o curial esperaria o momento de passar d'essa classe intermediaria para a superior, quando hoje, que para o direito civil não ha classes, vemos o desejo com que o burguez olha para as distincções vãs, restos de causas mais valiosas, que adornam as fardas da fidalguia. Com effeito, o curial adquiria o direito de accesso á aristocracia do *tchin* romano desde que, tendo exercido todos os cargos municipaes, entrava n'uma ordem especial, a dos *honorati.*

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

«Economicamente, o municipio dava aos seus membros uma protecção effectiva, tornando-se como que uma sociedade mutua de seguros de vida, por garantir as subsistencias aos curiaes caídos em miseria. Politicamente, o municipio era uma republica; e quem tiver considerado o systema de traços anteriormente expostos, concordará em que não podia deixar de o ser. Funcções sociaes tão eminentemente graves, só podiam exercer-se com uma organisação politica absolutamente independente. Assim o era com effeito a dos municipios , nos seus typos superiores, antes das reformas centralisadoras da administração imperial. Roma não pôde resolver um problema social que o imperio russo apresenta de novo na téla da historia: o desenvolvimento organico de uma nação militar e agricola por meio de uma authoridade absoluta, governando uma vasta democracia, que era um systema de instituições municipaes— ou para dizermos á moderna o *self-governement* na economia e na administração a par da centralisação absoluta na politica e nas instituições superiores da nação. O futuro dirá se o nosso tempo consente ao imperio de hoje o que ao imperio romano não foi dado.

«Os historiadores encontram no systema dos municipios hespanhoes, ao expirar da republica, tres typos. No primeiro e perfeito, commum ás cidades de *jus italcium,* e por isso isentas do imposto de capitação, os *duumviros* são electivos como os consules de Roma. No segundo, já os magistrados municipaes

não são electivos e a jurisdicção cabe a um *rector*, ou administrador romano. No terceiro, finalmente, ha ainda a *curia*, mas não ha magistrados, a não darmos esse nome ao decurião, que é o primeiro inscripto no *album* e o presidente da assembleia.

«Na curia estava a origem da auctoridade municipal: era como o poder legislativo das modernas constituições. A convite do *duuviro*, do *edil*, do *rector*, ou *pretor* (segundo os typos anteriormente expostos), a curia reunia-se em assembleia e deliberava por maioria de votos. A repartição das terras communs, a do imposto, a fazenda municipal, eis as suas principaes attribuições. A administração exercia-se por via dos magistrados—*ædilis curator, dictator, praetor, duumvir*—cabendo ao primeiro a repartição das terras, ao segundo a das finanças, emquanto as tres ultimas designam com diversos nomes um só cargo: o de *maire*, ou presidente das nossas modernas camaras municipaes. Além dos magistrados havia empregados: o *susceptor* ou escrivão, os *irenarchas* ou regedores, os *curatores* ou officiaes de diligencias, *scribæ* ou amanuenses, notarios.

«Com o tempo, isto é, durante o IV seculo, apparece um novo cargo municipal, o *defensor*. Era eleito por todos os burguezes e cumpria-lhe defender a curia, advogando-lhe os direitos perante os poderes superiores, contra as prepotencias da auctoridade administrativa provincial—*praesidens, legatus*, etc. O cargo de defensor, oriundo dos municipios do terceiro typo, a cuja curia faltavam magistrados que a representassem, passa, com a decadencia do systema municipal, para os do segundo, e afinal até para os do primeiro, substituindo os duumviros. E com a desorganisação da machina administrativa romana, os laços de cohesão e protecção da curia tornaram-se uma tyrannia intoleravel. A solidariedade no pagamento do imposto veio a ser a ruina gradual de todos os que conseguiam successivamente escapar á pobreza: fugir a esse destino era impossivel, pois quem nascera na curia, na curia tinha de acabar. Frequentemente os curiaes fogem, escondendo-se no exercito ou afogando-se na onda negra da escravidão, mas ahi mesmo a administração imperial vae buscal-os, forçando-os a conservarem-se n'uma condição de homens livres, peior e mais dura do que a milicia, do que a escravidão até.

«Se de facto, porém, a centralisação administrativa dos imperadores tinha de minar pela base as regalias politicas dos municipios; se o regime interno da curia era em muitos casos oppressor, como as leis o provam; se o curial suspirava constantemente por sair d'essa condição, ou para satisfazer a ambição natural, ou apenas para fugir a vexames intoleraveis: é facto que não devemos confundir, como muitos historiadores tem feito, a decadencia, já por muitos motivos inevitavel, de uma instituição, com o desapparecimento de uma classe. Se as exacções fiscaes dos imperadores aniquilam a curia, reduzindo-a a simples machina para a cobrança do imposto predial, não se segue por isso que façam desapparecer inteiramente da Hespanha a classe dos proprietarios livres: essa classe media que nós veremos surgir apoz cataclysmos proximos, logo que a sociedade volte a apresentar um estado de quietação relativa.

«Parallelamente á ruina do systema municipal e á decadencia da classe media pelo fisco imperial, formara-se na Hespanha, como no seio de todas as sociedades viciadas na sua constituição, embora opulenta na sua economia, uma forte minoria de ricos, possuidores dos *latifundia* peninsulares, senhores de toda a riqueza movel, gente devassa e moralmente invalida como herdeira da cultura classica pervertida. E ao lado d'ella havia a immensidão dos escravos que nos campos tinham mudado de condição, transformando-se em colonos ou servos-da-gleba, especialmente depois que Diocleciano regularisa, por via de leis, a situação nova creada pelas necessidades do tempo e pela alteração das idéas antigas ácerca da escravidão.

.................... ... ................ .........................

............. ..................... ............................ ..

«De tudo o que, no decurso d'esta árida descripção, deixamos narrado, mal de nós se o leitor não chegou comnosco a esta conclusão : a occupação romana, arrancou a Hespanha da Africa para a Europa; fez de um povo semi-barbaro e quasi nómada, como o seu irmão das costas fronteiras pelo sul, uma nação, no sentido europeu da palava—isto é, uma reunião de homens congregados por um systema de instituições fixas e geraes, e unidos, não só por um pensamento moral, mas tambem por laços de ordem civil, politica, militar, intellectual. O caracter d'esses laços com que a occupação ligou a Hespanha, era romano, procedia no fundo de ideias dos povos indo-europeus; e por isso o dominio que agora termina, além de ter dado fórma e constituição exterior á nação, revelou-lhe uma ordem de sentimentos e noções que ella assimilou e que para todo o sempre a affastaram do systema de povos a que pela raça parece ter primordialmente pertencido. A' vida *berbere* ou barbara succede uma existencia socialmente culta : a aldeia é uma cidade, e a tribu foi absorvida no seio de um Estado.

«Quando os factos de ordem politica e a estabilidade da organisaçãe romana da Peninsula, não bastassem a provar esta asserção, teriamos ainda provas mais decisivas—por exemplo, a lingua latina que se tornou nacional, e os numerosos hespanhoes que figuram no pantheon da historia romana, Porcio Latro, de Cordova, advogado em Roma ; os dois Senecas ; Marcial, de Bilbilis ; Lucano, Columela, Quintiliano, Silvio Italico ; Balbo, de Cadiz, o primeiro estrangeiro consul em Roma, e a quem foi concedido o triumpho ; Trajano, de Sevilha, finalmente, o primeiro dos imperadores não-italianos. O latim dos poetas de Cordova, levados a Roma por Metello, depois de vencido Sertorio, foi gabado por Cicero. O mestre apenas o achou um tanto pesado e com sabor forasteiro : *pingue quiddam, adque perigrinum.*

«A romanisação da Hespanha foi o facto capital da historia da sociedade peninsular. O edificio está constituido : póde arruinar-se, mas ficarão d'elle as tradições, para impedir que a nação jámais volte ao estado anterior de berberie primitiva.

«Como membro do Imperio, a Hespanha soffre as consequencias de commoções a que era alheia, mas que por se darem no coração do gigante vem affectal-a. A dissolução gradual da machina romana dissolve a organisação pe-

ninsular. Os godos que foram a Roma, passam os Pyreneus e invadem a mais bella das provincias occidentaes do Imperio. Essa ruina que os povos germanicos de certo não causam —pois vinha de longe e oriunda de motivos eternos —são elles, porém, quem a consumma.

«Nos ultimos seculos do Imperio, comtudo, e como uma prova mais e um symptoma da sua decomposição, formára-se a sociedade christã a que a Egreja deu o caracter de um Estado no Estado. Cederemos agora a palavra a um historiador celebre.

«Existe um corpo de sacerdotes que tem as suas riquezas, jurisdição propria, constituição sua: n'uma palavra, um governo inteiro que é em si uma sociedade completa, instrumentada com todos os meios de existencia, independente da sociedade dentro da qual vive, mas exercendo sobre ella a sua influencia. Tal é o estado em que a Egreja christã apparece no principio do v seculo... Os bispos e os clerigos tornaram-se magistrados municipaes, e do imperio romano quasi só resta o regime municipal... Apenas o clero é moralmente forte e vivo: por isso veio a ser omnipotente.»

«Estas palavras com que o historiador (Guizot) descreve as linhas principaes da historia da Europa, a nenhuma parte melhor cabem do que á Hespanha. Já em 313, no concilio illiberitano, se reunem 19 bispos, 36 presbyteros e muitos diaconos; em 380 no de Saragoça, em 400 no primeiro de Toledo, o clero hespanhol reunido é um verdadeiro parlamento nacional que se não limita á discussão das questões ecclesiasticas. E' elle, que no meio da dissolução geral, toma o leme da administração abandonado pela auctoridade civil annullada pelas desordens e sedições militares.

«A Hespanha passa de tal fórma da mão dos romanos para as dos hespanhoes; e o governo de clero nacional na decadencia do Imperio, essas juntas de prelados e doutores sob a presidencia do mais digno ou do mais velho, são o primeiro esboço das futuras côrtes nacionaes.

«O esboço, dizemos, e não são mais do que isso. Sob as formulas religiosas christãs conserva-se um positivo paganismo.

«No tempo de Constantino, a Hespanha não contava ainda egreja alguma christã. A mudança da religião foi um acto governativo, e que por isso não affectou intimamente o organismo intimo da sociedade.

«Mais tarde, no tempo da conquista arabe, apesar do poder intolerante e absoluto do clero visigodo, ainda o christianismo e o paganismo apparecem combatentes; ainda os bispos fulminam ameaças e tomam medidas rigorosas contra os adoradores dos falsos deuses; ainda no vi seculo o bispo de Merida, Masonio, converte numerosos pagãos. As classes populares viviam no seio do polytheismo tradiccional ou do fetichismo primitivo, as classes cultas eram scepticas, e o clero, a quem a desordem das crises successivas confiára o poder, era politico.

«Esse clero, hespanhol pelo sangue, é romano pela educação; e o papel que desempenhou foi o de manter, ao lado dos novos invasores, a tradicção da antiga cultura, e os restos truncados das velhas instituições.

«A Hespanha romana dissolvia-se; a Hespanha moderna, a Hespanha

original e caracteristicamente individualisada, não podia apparecer ainda. Era necessario que a dissolução fosse até ao fim, para que de todos os elementos desaggregados a natureza podesse crear um ser inteiramente novo.»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Chegamos agora a essa famosa invasão dos barbaros, avalanche humana que se precipitou sobre o imperio romano, perturbando e confundindo essa sociedade decadente e corrompida que temos apresentado aos leitores.

Quem eram esses povos que tiveram tão grande influencia no destino da Europa?

Vae dizer-nol-o, com o seu seguro e illustrado criterio, o mesmo auctor que até aqui temos citado:

«Já nós greco-latinos tinhamos attingido os limites da nossa capacidade intellectual, produzindo os typos classicos da philosophia e da arte na Grecia, os das instituições e do direito em Roma, — expressões summarias que os tempos modernos não fizeram nem podiam fazer progredir, embora o progressso das acquisições praticas posteriores tenha sido real. Já o occidente da Europa era, póde dizer-se, o que é, quando para além do Rheno e do Danubio, n'uma escura confusão, os barbaros ondulavam trilhando essa terra da Scythia, fadados a proseguir para oeste na derrota que traziam do oriente. Da collecção das raças aryanas tinham-se destacado antes e successivamente os italo-grego-celtas, cuja civilisação se desenvolvera no coração do Mediterraneo, estendendo-se para a Hespanha e para as Gallias. Restavam os windo-teutões, ou slavos e germanos — estes enfrentando com a Europa greco-latina, aquelles na rectaguarda, pelas planicies confinantes da Asia. Já a este tempo a familia germanica apparecia dividida em quatro ramos:

«(1) Godos, nos confins da área germanica ás fronteiras slavas; (2) os Saxões, na zona maritima do Rheno ao Elba, bordando o oceano germanico e o Baltico; (3) Allemães, ao sul, entre o Danubio e o Maine; (4) os Frankos, a occidente, nas raias da Gallia.

«Taes foram os povos que um concurso de causas mais ou menos conhecidas precipitou sobre a Europa latina, destruindo a unidade do Imperio, substituindo o governo romano por principes e aristocracias germanicas, — sem destruir o caracter do sangue das nações: antes permittindo que as variedades ethnicas comprimidas e abafadas pelo romanismo, constituindo-se em estados independentes, produzissem typos varios e espontaneos com os materiaes da civilisação anterior: lingua e instituições. Já é inacceitavel, como dissemos, a antiga ideia de um cataclismo theatral que fazia da «invasão dos barbaros» um acto dramatico, suppondo exterminadas as populações hespanholas e gallo-romanas, suppondo em toda a parte destruidas, com a gente, a lingua e as instituições. Ao contrario d'isso os *barbaros* apparecem em geral como conservadores: apenas confiscam o poder politico, as terras e as riquezas. Leis, lingua religião, acceitam tudo dos vencidos. O facto de que as invasões dos barbaros se estendem por um periodo de tres seculos, e as varias maneiras porque essas

invasões tem logar, explicam o caracter das conquistas. Se, com effeito mais de uma vez se viram as nações arrancando lentamente como uma onda compacta e irresistivel, uma onda de gente armada trazendo comsigo as familias, as bagagens, apoderando-se des valles e florestas abandonadas; se mais de uma vez se observou ainda a fórma natural das emigrações, foram mais frequentes as correrias de tribus armacas, verdadeiros e féros exercitos, trucidando e saqueando. Mas além d'estas duas fórmas mais dramaticas de invasão, importaram por muito outras fórmas mais comesinhas provenientes do proprio estado de decomposição do governo romano e da vastidão do Imperio. Para fructificar regiões vastas e despovoadas, acalmando ao mesmo tempo a cubiça dos barbaros fronteiriços, os soberanos de Roma doavam terras, transplantavam colonos. Para servir ás guerras demoradas, incessantes e longinquas, ou para entre si debaterem o imperio, os generaes romanos assoldadavam os barbaros como mercenarios, e os exercitos sublevando-se substituiam no mando pelos seus chefes naturaes os romanos.

«Ao mesmo tempo que por estas varias formas a onda teutonica avançava sobre o Imperio, as revoluções e movimentos internos da Allemanha, determinados pela compressão dos slavos do Oriente, davam logar a deslocações incessantes das varias tribus. Assim os godos sob cuja hegemonia viviam todos os ramos teutonicos de leste, desde a Scandinavia até ao mar Negro, foram desapossados da sua aréa, hoje russa, pelos slavos e pelas posteriores e terriveis correrias dos hunos. A compressão exercida assim pelos slavos e mongolicos, e o concurso de motivos e maneiras com que no Imperio se pedia a invasão, determinam um movimento expansivo que enche a historia de mais de tresentos annos. No III seculo da nossa éra, além dos godos de leste, de quem já fallamos, a confederação saxonia, occupava a região de entre o Rheno e Elba, prolongando-se para a Dinamarca: a oeste ficavam-lhe as tribus frankas, cruzadas com os celtas na região da Belgica; os allemães assentavam nos districtos de sudoeste, no alto Rheno, tendo por norte os burgondios e por oriente os suabios.

«1. Os GODOS, no ultimo quartel do IV seculo, apparecem no baixo Danubio, com o nome de Wisigodos, ou do occidente, penetrando na Thracia d'onde veio até á Gallia, fundar o reino da Aquitania no V seculo e, passando os Pyreneus, apossar-se da Hespanha inteira. Antes de terem substituido a authoridade romana n'esta provincia do Imperio, já os vandalos o assolavam, e foi para os expulsar, alliados aos romanos que os Wisigodos desceram os Pyreneus. Os vandalos de familia goda, segundo a opinião geral, mas que Latham considera slavos, tinham descido á Hungria em 166: tinham em 406 passado pela Gallia á Hespanha. Vinte annos depois eram expulsos para Africa d'onde em 455 vem á Italia queimar Roma. Esmagada em 534, essa tribu de correrias celebre, sumiu-se perdeu-se, deixando apenas como memoria um nome expressivo—vandalismo.

«Os ostrogodos, ou do oriente apparecem na segunda metade do IV seculo na Bulgaria, d'onde passam em 480 á Italia governando-a por quasi um seculo. De stirpe goda eram tambem os gepidos que pelo anno de 400 appare-

cem na Hungria e ahi demoram independentes até á data da conquista lombarda, na segunda metade do VI seculo.

«Dominados os wisigodos em França pelos Frankos de Clodwig, destruida em Hespanha a monarchia pelos arabes, esmagados os vandalos, os godos occidentaes acabam sem deixar vestigios apreciaveis no sangue das populações. O movimento dos orientaes não teve melhor exito.

«Laivos, correspondentes aos da Hespanha e da França austral, ficaram na Illyria, na Italia (herulos, rugios, ostrogodos) na Hungria, na Moldavia (gepidos), e diz-se existirem ainda restos vivos na Criméa; mas em parte alguma ficou dynastia, governo ou estado godo: apenas o seu antigo domicilio scandinavo conservou autonomia.

«No oriente da Germania antiga foram substituidos pelos slavos, e forçados a espalhar-se pela Europa occidental; em toda a parte tiveram uma vida e um poder ephemeros.

«2. Melhor foi a sorte dos FRANKOS. Do baixo Rheno, onde os viu o seculo III, avançaram gradualmente, e no meiado do seguinte tinham a Gallia retalhada em pequenos reinos seus. Na esteira dos frankos, ou precedendo-os, a Gallia fôra invadida tambem por allemães e godos: os burgundios, os thuringios, os wisigodos da Aquitania.

«Em 487, Clodwig, depois de fundar a monarchia franceza ou franka, submetteu todos os pequenos estados, creando uma dynastia, que reinou até ao nosso tempo, e que nos conflictos actuaes das fórmas do poder politico é ainda pretendente.

«3. Se na Gallia os frankos fundaram um estado duradouro, governando as populações gallo-romanas sem as germanisar, os *Saxões* que além de habitarem o dominio propriamente dito da Westphalia, além de constituirem o puro coração da Allemanha, occupavam (friscios, jutos, anglos) a região maritima do Weser e do Elba, da Hollanda á Dinamarca; os saxões crearam essas nações puramente germanicas no continente, e germanisaram a Inglaterra. Em 450, os anglo-saxões invadem as ilhas britannicas, submettem as populações celtas (se por ventura já não havia lá tambem germanos) impõem-se como numero, como governo e como lingua, condemnando o gael e o cambrio á triste sorte de dialectos, e a familia celta á condição de provincial e subalterna.

«Em livre campanha navegavam, pirateando, combatendo, mercadejando pelo mar do norte, os anglo-saxões do continente e das ilhas, com os *northmen,* norueguezes, dinamarquezes, de sangue scandinavo ou godo. Esses *northmen* ou normandos, vandalos do mar, cujas façanhas ficaram celebres, desceram em 911 nas costas da França, creando um estado seu, que seculo e meio depois (1066) passou o canal e impoz aos anglo-saxões a aristocracia e as leis com que tem vivido até hoje. Transportada para Inglaterra a Normandia, o pequeno estado da França maritima, foi depois encorporado na monarchia dos frankos.

«4 Resta-nos pois a familia dos ALLEMÃES, cujo nucleo de entre o Danubio e o Maine, batido pelos frankos em 496 deu de si os suabios e os suissos. Na

familia allemã se incluem os bavaros que Carlos Magno incluiu na monarchia dos frankos; incluem-se n'ella os thuringios historicos, denominados hermunduri por Tacito e que desde o v seculo occupavam a margem esquerda do Danubio, indo até ao Elba e ao Harz, fronteira dos saxões. No seculo vi, ao embate de slavos e frankos, os thuringios perdem a autonomia. Outro tanto succede aos lombardos que em 574 descem ao valle do Pó, fundando a Lombardia,—reino destruido pelos frankos dois seculos mais tarde—e vão tambem para oriente assentar sobre o Danubio junto a Vienna.»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Citaremos ainda esta passagem:

«A destruição da unidade do imperio romano em 476, a invasão e a fixação dos barbaros, o esboço das nações da Europa moderna, tudo concorria para alterar de um modo mais ou menos grave a pureza do sangue das populações primitivas já baralhadas com os primeiros aryanos, depois com os celtas, depois latinisadas, agora trilhadas em todas as direcções pelas levas ou pelos exercitos dos teutões. Confunde-se o sangue, penetram-se, retalham-se as áreas ethnicas. No momento em que Carlos magno tentou a restauração do imperio uno sob a soberania germanica, a Europa apresentava o aspecto de uma confusão de gentes e de uma desordem politica. Depois, gradualmente, no decorrer dos numerosos seculos em que as nações modernas se foram constituindo, todos os elementos se fundiram de um modo mais ou menos cabal, idiosincrasias dos povos occidentaes appareceram differenciadas. Mas na éra de Carlos-magno a Italia do sul está cruzada de italo-gregos com muitas das invasões serracenas já iniciadas, e a do norte cruzada de lombardos, sobre celtas, sobre etruscos. Na Hespanha a confusão não é menor: ha iberos, ha celtas no occidente, ha suevos e Wisigodos mas Asturias, ha a camada de semito-hamitas, arabes e berberes que depois da batalha de Chryssos repelliram para Oviedo a antiga côrte de Toledo; ha paganismo antigo, christianismo e islamismo; falla-se latim, falla-se arabe. No sul da França assentaram os iberos, os ligures, os celtas, os gregos de Massilia, afinal os godos da Aquitania e os frankos governando uma população burgundia. Na Borgonha, na Suissa occidental, na Saboia e no Piemonte apparecem restos de celtas e slavos. Na Gallia central os frankos reinam sobre os gallos-romanos, na Bretanha sobre os celtas-armoricanos.

«Povoando, ou dominando os povoadores celtas, italos ou slavos, do Atlantico ou Adriatico e da Italia á Scandinavia, toda a Europa foi um momento teutonica. Mas essa onda refluiu breve, e os limites da área germanica do continente ficaram inscriptos entre o Rheno e o Elba, entre o Danubio e o Maine, com os Alpes por fronteira. Pouco importa que em 862 a Russia tivesse uma dynastia allemã; pouco importa que a Austria-Hungria reine dynasticamente sobre slavos; pouco importa que a dynastia dos frankos reinasse na Gallia e na Lombardia, e que as nações modernas da Hespanha busquem na stirpe goda os seus principes. A' medida que a commoção dos povos e dos estados acalma, que o temporal passa, e que os ares bonançam, vae rebentando

espontanea a flôr do genio nacional-ibero-latino na Hespanha, gallo-romano na França. Na Galliza, em Portugal, na Bretanha, reverdece a arvore celtica.

«Para além do estreito, em Galles, na Irlanda, na Escocia, o celta conserva-se tambem ao lado do teutão; mas na Inglaterra, embora dominada pela conquista scandinava dos normandos, succede ao anglo-saxão o que ao gaulez succede em França. A Inglaterra é germanica de sangue, de genio, de lingua, sendo o unico dos dominios conquistados durante a historia conhecida pela gente teutonica, especialmente saxonia.

«Deixando ao lado as peninsulas scandinava e dinamarqueza tomadas pelos godos aos finnios lapões indigenas, área natural do ramo norte ou scandinavo dos teutões, entramos com o Rheno, no coração, no dominio proprio da raça—ahi onde a historia a encontra já domiciliada. Ladeada a leste pelos slavos da Polonia e da Hungria, tem a oeste, para lá da Hollanda, o belga celto-germano, o burgundio francisado, e os *allemani* da Suissa. Os Alpes fecham-lhe pelo sul o caminho do Mediterraneo. A área teutonica, por sangue, cultura e lingua, inclue pois a Inglaterra e a Suecia-Noruega, a Dinamarca, o imperio allemão (excluida a parte slava da Prussia) e um pequeno pedaço da Austria com uma parte da Suissa. São cem milhões de homens occupando o centro e o norte da Europa, e cincoenta dominando em metade da America. São além d'isso os colonisadores da Australia, e governam duzentos milhões de indios.»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Mas voltemos aos barbaros que invadiram a Peninsula iberica, visto havermos até agora consagrado largo espaço ás suas origens historicas.

Digamos, em primeiro logar, o que era a religião d'esses barbaros.

Falla a este respeito o illustre auctor do *Systema dos Mythos religiosos:*

«A inferioridade das mythologias indo-europeias, quando comparadas ao typo medico, inferioridade que é maior entre os Weudes ou slavos do que entre os germanos, e entre os italianos do que entre os gregos, parece achar-se em relação directa com o grau de desenvolvimento que cada um d'esses povos attingiu antes de christianisado.

«Mas parece tambem que todos elles, no decurso das suas migrações, como que se engolpharam na barbarie, vindo apparecer na Europa n'um estado quasi selvagem como constituição, e mais ou menos degradado como mythologia. A mythologia slava era um animismo só comparavel ao dos selvagens remotos. Ao passo que o aryano da India cahia na degradação pelo encerramento de um cyclo, o slavo, ou nunca saira do estado selvagem, ou regressara a elle no decurso das suas migrações atravez da Asia, com destino á Europa.

«Os slavos orientaes parece que nunca chegaram a ter sacerdotes nem templos: tinham apenas logares sagrados e feiticeiros; os lithuanios apresentam, comtudo, já um esboço do sacerdocio digno de tal nome; e entre os prussos existia um «kriwe» ou «griwe», especie de patriarcha, habitando sósinho um recinto sagrado «romowe» onde se guardavam imagens dos deuses e d'onde partiam as encyclicas e pastoraes. O culto primitivo dos slavos é o fetichismo, proprio do estado animista da mythologia. Os amuletos, compostos de toda a

especie de fetiches, tomam sempre a fórma de um botão, de um fecho, de uma rede: servem para *prender* o espirito protector — o anjo-da-guarda — afim de que elle defenda o portador, dos espiritos inimigos! Os oraculos, para conhecer o tempo, o resultado das cearas e das guerras, e o destino da vida, têm sempre o caracter de *sorte* genuinamente animista. Os sacrificios fazem-se á margem de um rio, ou sob a arvore sagrada que é de preferencia o carvalho. As ceremonias têm uma efficacia magica: nas festas estivaes os servios vasam ainda hoje baldes de agua sobre uma rapariga adornada de folhas de arvores: assim pedem ás «mulheres do céo», os espiritos das nuvens, que lhes dêem chuva.

«São espiritos as nuvens, espiritos os astros e o ar e todas as cousas— segundo a regra do animismo, ácerca do qual não é mistér fatigar de novo o leitor. Dos espiritos astraes saem deuses — *devas,* dizem os lettos, usando ainda a propria palavra aryana; *bogu,* os slavos. Sobranceiro a todos, no firmamento, está o novo Indra que é Perun ou Perkun, deus do trovão, cujos raios dispersam os demonios, ferindo-os e derramando-lhes o sangue em chuva sobre a terra. Em sua honra ardia perennemente uma fogueira de carvalhos. O empyreo é numeroso, sem ser novo, nem crêdor de observações singulares. Os lithuanios têm dois soes: Patrimpo, o diurno, alegre e jovial, e Pecollos, o escondido. Os cazaes de mythos astraes formigam: Dazhbog, o deus do dia, é filho de Svarog, o do firmamento crepuscular: Lado é esposo de Lada—uma é a mulher, mãe de todas as estrellas do céo, e o outro, o homem, é a Lua, cujo sexo, como se sabe, é masculino por via de regra no animismo.

«O ar, a agua, as arvores, o fogo, a casa, são o habitaculo dos espiritos que enchem o ambiente phantastico da imaginação do slavo. O inverno é duro n'essas regiões geladas: é mau Koshchei, o seu genio. As molestias andam errando levadas pelas velhas e pelos homens hediondos. A noite povoa-se de bruxas e feiticeiros que affectam em vida a fórma dos lobis-homens, e depois da morte a dos vampiros que vão sugar o sangue aos que dormem. Um medo obscuro inunda a sombra da noite e a pallidez dos invernos. Nos pinhaes sussurrando com o vento ouvem-se os lyeshis, demonios-do-bosque, e os deuses da tormenta que têm nos furacões o cortejo nupcial e nos redemoinhos as danças do noivado. Nos charcos, nos rios e nas lagoas que o inverno gela e que ás vezes fendendo-se engolem, na agua transparente, traiçoeira, enganadora, mas maravilhosa e mystica, espelho onde se vê o que não existe, vivem os vodvannís com o seu rei Morskoi, um *tsar* rodeado de cysnes, de filhas, com a côrte das rusalkas traiçoeiras. Mas para defender a choça de todos os perigos, habita lá dentro o domovoy, espirito da casa e do lar, protector e amigo dos homens e dos animaes domesticos. É o Agni slavo, e tem como voz o canto do gallo que afugenta os demonios da noite sombria, annunciando a volta da manhã luminosa.

«Não se imagine, porém, que ao romper do dia resplende a luz n'essas vastas steppes que o slavo habita. De inverno o ar é pardo, o sol côr de ocea, e no espaço frio tremem descendo como farrapos os nevões. O chão é um lençol branco, as arvores, as casas, comoros n'um oceano de neve. O vento le-

vanta ondas brancas jogando com essa poeira frigida como faz na Arabia com a areia ardente: os temporaes da steppe são como os do sahará, e as columnas de neve queimam como as de areia.

«É pelo meio d'esse ar torvo que as almas dos finados vão, vém, errando nas suas viagens indefinidas, sem que os actos da vida sejam motivo para um destino de premio ou castigo, sem que em si propria a existencia ultra-tumular diffira da existencia real. Se o cadaver foi enterrado, o reino da alma é o mundo inferior; se foi queimado, ella sobe no fumo para o ar; mas nem o céu nem o inferno (*inferior*), nem Rai nem Peklo, correspondem ainda a lugares de premios ou penas. Ás vezes o cadaver queima-se ou enterra-se n'um barco: então a alma segue viagem com destino a Buvan, a ilha do sol. Mas, d'onde quer que resida, vém constantemente ao mundo, pairando nos ares, apparecendo aos vivos que tremem d'ella e repetem festas e sacrificios para a propiciar. As almas são como deuses, desde que existem na especie imaginada para as divindades. Vêem-nas como um lume vago que o deus do raio accendeu, como uma estrella que fulge no céu, como um vapor, um sopro d'ar, uma sombra—como tudo o que é sensivel sendo incorporeo; vêem-nas porém egualmente animando as aves cujo vôo tem o quer que é de singular ou espiritual, e os insectos alados—dushickas, «alminhas»; vêem-nas ainda nos ratos fugitivos, e, relacionando ratos, estrellas e almas, chamam á via-lactea, estrada dos mortos, o «caminbo dos ratos».

«Por um dado tempo a alma ficou junto do cadaver, balouçando-se no ar livremente; depois larga para o seu mundo, «Nava», o mundo dos deuses, das almas e dos mortos, ou jornadeando a pé pela via lactea ou pelo arco-iris ou indo por mar ao seu destino.

«A imaginação slava não terminou a viagem; a mythologia d'esses povos não saíu da edade animista. Achavam-se ainda perdidos no turbilhão phantastico dos espiritos, quando veiu do Occidente o christianismo impôr-lhes leis e crenças estranhas.

2.

«Outrotanto aconteceu aos germanos e scandinavos: nem era maior a lucidez da sua visão. O culto era uma magia, o sacerdote,—«éwarto», aquelle que sobe a éwa», lei divina e humana,—o sacerdote era um mago. A prece era uma evocação, o sacrificio uma seducção: os deuses, em rudimento, obedeciam aos exorcismos e encantos dos sacerdotes feiticeiros, das prophetisas como Veleda e Ganna. Theoria de penas e premios ultra-tumulares não existia, ou era um esboço apenas em via de extracção do dualismo metereologico. Coalhado o ar de almas, a terra estava innundada de bruxas—volva—e os rios, as fontes, as arvores, as pedras habitadas por genios.

São o oriente e o occidente; são o vento do sul, de leste, de oeste; são as brisas constantes ou caprichosas, voando asperas ou fagueiras.

São os furacões impetuosos que destroem; são as forças adstringentes e expansivas que se chocam e se combinam no fundo da terra.

São os germens activos que fecundam o humus e dão ás arvores a sua folhagem; são as fórmas e côres mudaveis e todos os genios poderosos do ar.

São as gotas leves, as torrentes as cataractas, os ribeiros que serpeiam e os orvalhos que reluzem.

São as neves, as geadas e o gelo; são as vagas estrepitosas.

«Não se ouve n'este sussurrar dos genios do *Edda* um movimento mais vivo? Não se sente que deixámos a charneca fria e nua pelas terras da Germania umbrosa, da Gallia sarjada de rios fertilisantes? Os genios que tremem nos farrapos de neve, rugindo no cascalhar das ondas, são os que habitam para além, na Scandinavia, tranzidos de frio, ao clarão das auroras phantasticas pelo meio da noute fatigante.

«Para áquem do Baltico a natureza ri, o bosque viçoso sussurra, os rios não gelam de inverno. As arvores são altares, templos as florestas, offertas os fructos da terra. Nas ceifas dá-se aos deuses um molho de espigas; nas macieiras deixam-se cinco ou seis fructos como offerta; nas arvores penduram-se corôas e festões de flôres: as terras da Hesse pagam aos deuses a renda de um ramo de lyrios.

«Entremos na floresta sagrada. Os carvalhos nodosos, sempre verdes com a sua folhagem rendilhada por onde a luz passa como n'um crivo, distribuem no ar uma chuva de scentelhas de sol. Tremem com o vento as ramarias sussurrando com vozes divinas, e assim treme a poeira de luz que allumia a clareira do bosque. O ar vive, palpita e falla; nos altos ramos das arvores, bordando no céu uma renda mysteriosa, pousam os deuses invisiveis; dos troncos rugosos pendem as pelles e as cabeças dos animaes sacrificados no altar. A gente entra no sanctuario embriagada de religião, e ouve e sente em si o viver dos espiritos sagrados. E' uma gente barbara e ingenua: tão forte quanto simples, com a imaginação afinada para os sonhos e invenções das idéas inconscientes, com o braço nu, musculoso, prompto para a carnagem das batalhas. Innocente e forte, sanguinario na candidez, poeta com mãos de lavrador e soldado, é este o aryano, que passou das faldas do Himalaya para os bosques da Germania.

«Em volta do tronco do maior dos carvalhos está o *fanum*, segundo o denominou Tacito, o *pàr*, como elles, indigenas, dizem. É uma cella de toros cosidos com vimes, cobertos de ramos: uma choça. Ha imagens lá dentro? Tacito dizia que não; a erudição de hoje (Grimm) affirma que os germanos já tinham passado do culto dos fetiches para o dos idolos. Em volta do templo a gente que entra vem depôr as offertas: os caçadores trazem as primicias do matto, os pastores cavallos, bois, carneiros, os lavradores trazem fructos, espigas, flores em corôas e grinaldas. E' mistér alimentar os deuses para que nos protejam! Os pratos de Berhta e de Hulda estão sobre a meza, e, ao vasar o copo da cerveja espumante, não se esqueça o homem piedoso de cuspir um trago no chão — para Zemylene, a deusa da terra! Nas festas sponsalicias da Norwega, Thor despeja as taças de cerveja com os convivas; assim o contam as sagas.

«Assim agora, tambem rodeando o altar, a cerveja espumante, avermelhada com o sangue da victima, passa de mão em mão nos vasos sagrados. A victima — um cavallo, pois esse era o animal preferido nas solemnidades, — jaz estendida e morta sobre o altar: fôra presa da ultima batalha, abandonado por algum chefe caído na lucta... O sangue derramado punha a sua côr em tudo — nos vasos sagrados com que eram ungidos, na cerveja das libações, na face agreste, nos peitos e nos braços nus, da gente que o sacerdote aspergia ritualmente. A luz coada pelas franjas dos carvalhos vinha pousar sobre essa nodoa vermelha engastada no viço da floresta, e o cheiro acre da carnagem, o halito de calor das entranhas despedaçadas, subiam como incenso aos deuses invisiveis no seu throno aereo de ramaria verde e murmurosa.

«Já o sacerdote, como um carniceiro, partia em pedaços a rez, e as urnas aqueciam sobre as fogueiras: a carne cozia-se, não se assava; das caldeiras untadas de sangue o sacerdote repartia pelo povo os retalhos abençoados, guardando para alimento dos deuses o figado, o coração e a lingua. A pelle com a cabeça, ficava pendente dos galhos das arvores como os estandartes da victoria que se collocaram depois nas naves dos templos. Gotejando sangue, baloiçando-se ao vento, a pelle da victima ia augmentar o numero d'essas sanefas singulares que adornavam a clareira do bosque dos carvalhos sagrados.

«Se o cavallo era a rez escolhida para os sacrificios solemnes, o homem era a victima nos momentos graves. Matavam-se inimigos captivos, escravos comprados para o altar, ou criminosos: porém nas grandes afflicções os deuses reclamavam victimas puras. Assim á maneira dos *diabateria* dos gregos, os frankos, ao atravessarem um rio, immolavam mulheres e creanças. Contra a lepra, emparedavam-nas; e nos momentos extraordinarios eram sacrificados os filhos dos proprios reis, como succedeu a Thoro, como Oen, o velho que successivamente offereceu nove filhos a Odhin para que lhe conservasse a vida; eram sacrificados os monarchas em pessoa, como Domaldi que os suecos immolaram da afflicção de uma fome.

3.

«Entre o céu vedico e o germanico — visto atravez das tradições e lendas e pelos *Eddas,* biblia commum de teutões, scandinavos e normandos — são graves as differenças. A mythologia germanica manifesta um estado mental superior ao dos slavos, mas nem por isso comparavel em pureza idealista ás remotas invenções aryanas. A migração com as suas cruezas, o contacto com outros povos, a natureza, finalmente, da Europa nevoenta que habitam, altera nos germanos a qualidade mythogenica.

«Distinguem-se ainda os deuses da antiguidade aryana, mas em pequeno numero e subalternos. Diaus vê-se em Tyr que para certas tribus, como os suabios e semnones, é ainda o mytho supremo do ar e da luz, mas que no Edda baixa á condição de deus de espada e das luctas fraternas: a espada é a representação mythica do raio, e a lucta a das tempestades metereologicas. Em Fiorgyn encontra-se o paradigma nacional do Perun ou Perkun slavo, nos *et-*

*fes* e nos *mares* acaso os ribhavas e os maruts da mythologia vedica; mas nenhum d'esses, nem Tyr nem Fiorgin, nem os mares, tem papel preponderante. A soberania mythologica passa a Odhin e a seu neto, Thorr, deuses puramente germanicos, inventados já como deuses e não por uma subjectivação de mythos astraes primitivos. As mythologias secundarias, ramificadas de um tronco commum, á maneira de todas as dos europeus, formam-se já n'um periodo avançado de evolução.

«Não se perde entre os germanos o antigo nome de divindade, Deva, mas as designações genericas, puramente germanicas, de «oesir» e «vanir» predominam. Os deuses são principes ou soberanos entre os aesir ou divindades. Estas são o opposto das potencias maleficas da natureza representadas como gigantes — jotunn, os devoradores, thurs, os bebedores, que eram venerados com violencia e terror e propiciados com sacrificios humanos. Entre os gigantes e os aesir-vanir collocavam-se as tres classes de elfes, genios indecisos entre o bem e o mal, ambiguos, semi-humanos na sua fórma de anões—«lios» os da luz, «soart» os negros, «dock» os sombrios. Sombra e negrume viviam no seio da terra.

«Sobre este alicerce de espiritos naturaes que, se por um lado nos aesir-devas se prende a concepção idealista aryana, por outro, nos alfes, raia com o animismo slavo; n'este cortejo de genios palpitantes na terra e no ar, destacam-se as divindades já individualisadas. Freyer ou Fro, que tem na mão a espada da virtude, é o deus do céu brilhante, origem da vida e da fertilidade, e creador — tanto quanto esta noção era compativel com o idealismo ingenito dos aryanos. No seio dos aesir tornou-se o deus da paz e do amor. Sua irman, Vana Freya, «a dama», esposa de Njordr, deus do mar, mytho da terra ou da lua, torna-se a Venus formosa e fecunda do empyreo germanico, roubando a Frigg o lugar ao lado de Odhin, o deus eminente de quem Tyr-Tiw-Ziu (diaus) passa a ser apenas um *filho,* quer dizer, um aspecto.

«O principio de unidade mythologica de um povo guerreiro está no deus das batalhas—em Indra, em Odhin. Na pessoa d'elle vém reunir-se todos os traços caracteristicos da moral e da força, subordinando a si os mythos dos elementos. Odhin-Wuotan-Wodan é a sabedoria que rege o mundo, o general supremo: é «sigtyr», o deus, «sigfodr», o pae da victoria, é «vigsigor», o vencedor. Identificar a sabedoria com a victoria, a força com o saber, o combate com a curiosidade e o estudo, eis o proprio do pensamento de uma gente em cujo cerebro fervem as ideias de envolta com o ambição do imperio. Sentado no Hlidskialf, o seu throno, Odhin vê e governa o mundo, servida pela força ardilosa de Geri e de Freki, os dois lobos, guiado pela cogitação e pelo pensamento de Huginn e de Muninn, os dois corvos que lhe poisam nos hombros. O Walhalla a que preside está na cidade santa de Asgard, ahi onde tem o seu throno, rodeado dos aesirs n'uma gloria similhante áquella em que se representam os deuses christãos entre nuvens de anjos.

«Á frente d'esses, como um archanjo, primeiro entre os aesir ou *âsa* por excellencia, *âsabrâg*, está Torr-Donar-Thunar, cuja voz é o trovão. O seu olhar é o relampago e o raio — o de Odhin é o sol. Vive nas nuvens, rega com a

chuva os campos dos lavradores humildes, amaciando os ardores do verão e domando as potencias más do inverno. O servo adora-o: o guerreiro adora Odhin—deus dos nobres e senhores.

«Descidos á condição de maus, vêem-se os deuses remotos, mythos da noite selvagem e do inverno funesto. Assim cae Loki (de *lukan*, fechar, seg. Grimm), o que monta o cavallo das ventanias frigidas, Svadilfari, para se collocar á frente de todos os demonios: o lobo Fenrir, a serpente Midhgardh, e Hell, a deusa da treva inferior ou nocturna, aquella que ainda hoje denomina o inferno. A crise do pensamento, determinada pela passagem da vida agricola que condemna os deuses da noute, vê-se retratada no drama mythico de Baldr que é ao mesmo tempo o esboço de um Genesis, e uma theoria do Peccado. A crise determina a constituição de um dualismo, pois que todos os aesir tomam parte na contenda mythica: Odhin bate-se com Fenrir, Tyr contra Managarm, Thorr contra a serpente de Midhgardh, Heindall contra Loki—o pae dos monstros.

«O crepusculo dos deuses, *Ragnarok,* foi a tragedia de Baldr-Baldag, o deus branco do dia. O novo empyreo começava com um novo estado do povo. Ao mesmo tempo que os deuses emergiam da noite, sahiam os selvagens da sua barberie. Esses tempos remotos appareciam-lhes escuros de crimes, e para além d'elles collocavam uma edade primitiva de innocencia — a edade ideal, vencida pela mentira e pelo roubo. O crime dos crimes foi a morte de Baldr, o melhor e o mais sabio dos aesir — como um Attis germanico, ou um Jesus, se Jesus, que existiu, fosse um mytho e não um heroe (como um Alexandre ou um D. Sebastião) em quem o povo imprime as feições mythicas. Loky, o nocturno é o assassino de Baldr. Do crime vem as trevas d'um inverno obscuro de tres annos, e uma guerra feroz. Os deuses tinham dominado os gigantes, mas estes quebraram as cadeias e Loki gerou n'uma gigante os monstros que fazem do mundo um cháos de peccados, e destroem a humanidade. Ella resuscita com Baldr que volta do mundo inferior com os aesir purificados; e o mundo dividido em dois, o mal e o bem, reconquista a paz na ordem e na virtude.

«A erudição attribue a influencias persas este mytho que dá ao systhema das invenções germanicas um caracter de moral subjectiva desconhecida á mythologia infantilmente optimista dos aryas. A mortalidade dos deuses revela uma percepção mais profunda, e põe acima da representação puramente intellectual do mundo exterior uma força eminente. Se os deuses tambem morrem é porque o phenomeno da morte acordou na mente germanica ideias mais profundas do que as do animismo primitivo dos aryas. O mytho de Baldr exprime o nexo das percepções do mundo externo e do mundo interno, e um rudimento de theoria dualista simili-persa. Para além do turbilhão de deuses do céo, para além do formigueiro das almas da terra, da noite, dos bosques, dos sonhos, presente-se alguma coisa—a necessidade de um principio de unidade que o semita definiu tragicamente no seu mytho abstracto do Deus voluntario.

«O europeu esboçou de um modo vago o mytho de uma força obscura, indeterminada, a que o latino chama Fatum, o grego Moira, o teutão Norn.

As norns germanicas são tres: Urdhr, o passado; Verdandi, o presente; Skuld, o futuro. São como as Parcas dos latinos, que tecem a vida e cortando o fio determinam a morte. O lugar obscuro que occupam no corpo da mythologia mostra quanto é rudimentar ainda o pensamento da morte, mas o seu apparecimento, na nebulose das ideias, prova que o problema da existencia, desapercebido como tal pelo aryano, começa a formular-se no cerebro do europeu.

«Quando a invasão do christianismo fez abortar a mythologia germanica, o Fado teutonico foi absorvido pela Vontade do deus novo tomado dos semitas. A Europa moderna passou a existir, mythologicamente, da combinação dos dois mythos eminentes. A invenção teutonica não poude pois desenvolver-se: não degenerou, abortou.

«Quanto custou a deitar por terra a arvore mystica de Ygdrasil, viu-se no caracter particular do christianismo germanico medieval, e nos trabalhos que teve Carlos Magno para derrubar o colosso de Ermensul.

«Para que o povo entrasse no templo de Christo, foi mister que o sacerdocio collocasse os novos altares no logar dos antigos—nas clareiras dos bosques umbrosos tintos de sangue, com as colgaduras de pelles de victimas, pendentes das ramos dos arvores.»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Abertas as portas dos Pyrineus á innundação dos barbaros, elles descem como uma torrente caudalosa, e assollam a Peninsula em 411, em que as primeiras levas, obedecendo a uma attracção fatal, appareceram em volta das cidades e povoações peninsulares.

Como no famoso festim de Balthazar, a orgia d'essas populações degradadas e entorpecidas pela exhuberancia dos prazeres, foi de subito interrompida pelos pavorosos gritos de guerra das hordas invasoras. No primeiro momento, ninguem se assustou. Os ricos imaginavam poder entrar em transacção com os barbaros, comprando-lhes a peso de ouro o repouso e a segurança. Era o systema seguido até então para com elles pelos imperadores e pelos magnates romanos. Os honorianos estavam encarregados das fronteiras, e talvez esses barbaros, que entravam de accordo com elles, podessem facilmente acceitar a transacção.

O povo miseravel e exhausto não se assustou tambem, ao saber da approximação dos barbaros. Por mais ferozes que elles fossem, por mais duras que fossem as suas extorsões, o que era tudo isso em comparação do que já se soffria ha tantos seculos?

Os escravos, pela sua parte, exultavam. Mudavam apenas de senhores, e tinham ainda a consolação suprema da vingança, vendo soffrer os tyrannos que ha tanto tempo os esmagavam.

Mas os ricos egoistas, o povo oppresso, e os escravos esmagados pela espantosa tyrannia dos senhores, enganavam-se.

Essa irrupção dos barbaros era um cataclismo medonho, que ia mudar a face das coisas, produzindo a mais espantosa conflagração que até agora tem presenciado o solo da Peninsula!

As ondas temerosas da invasão, descendo dos Pyrineus, alastraram-se por toda a Peninsula. O choque foi tremendo. Os barbaros pisavam finalmente uma terra onde encontravam pasto abundante para cevar a sua fome de gosos. E, decadencia deploravel, á sua approximação, nenhuma resistencia se levantava. As cidades, onde reinava o prazer e a orgia, conservavam as suas portas escancaradas, e nem um guerreiro sequer vinha embargar o passo aos invasores. Franco o accesso por toda a parte! E os barbaros precipitavam-se ávidos de goso no meio d'essas populações decadentes, massacrando-as horrivelmente, anniquillando-os em poucas horas, praticando scenas de exterminio, de que ainda hoje a historia nos conserva, apesar de decorridos tantos seculos, todo o legendario horror!...

Propagava-se por todas as regiões o terror da invasão, mas esse temeroso rebate não inspirava actos de coragem, nem o menor vislumbre de defeza. Dentro em pouco, sem resistencia, deixando atraz de si a ruina e a devastação, as differentes tribus achavam-se senhoras da Peninsula, fixando-se os vandalos e suevos na Galliza e na Castella Velha; os álanos na Lusitania e na Catalunha, que tomou d'elles o nome, *Gothalani*, e os silingos na Andaluzia.

Foi horroroso o exterminio, e quasi providencial o consideram os chronistas, como que para assignalarem bem evidentemente a passagem do antigo ao novo dominio.

Digamos alguma cousa a respeito dos costumes d'estes barbaros, e para isso vamos penetrar no acampamento dos suevos, ao norte da Lusitania, junto das margens do poetico rio Minho. Era alli que se reunira um espantoso numero d'estes indomaveis filhos do norte.

O acampamento dos suevos occupava uma extensa facha de terreno onde as tendas se amontoavam n'uma grande desordem. Havia tambem algumas barracas, toscamente construidas, o que dava ao campo o aspecto informe e tumultuoso de uma cidade selvagem e gigantesca. Os carros de guerra, abrigados atraz dos entrincheiramentos construidos de terra e reforçados por troncos de arvores, constituiam vastas moles, junto das quaes se apinhavam os barbaros. Numerosos cavallos, magros, de pello erriçado, estavam presos ás rodas dos carros, e soltavam de vez em quando agudos relinchos, emquanto roiam a casca das arvores, ou tosavam a relva viçosa, que por toda a parte os rodeava.

Os barbaros, apenas vestidos com algumas pelles de animaes, tinham um aspecto feroz e repugnante. Eram de uma sordidez medonha, e tinham um olhar estupido, bestial, quasi desvairado, quando encaravam na esplendida paisagem que os cercava, tão differente das duras regiões d'onde vinham, e cuja miseria os obrigára a procurar paizes mais ferteis. Estavam quasi todos deitados, de papo para o ar, recebendo esses raios abrazadores do sol peninsular, que os convidara e attrahira do interior das suas espessas e sombrias florestas. E, acalentados pelos raios d'esse sol benefico, os suevos estavam contentes e cantavam em côro os seus barditos lugubres, hymnos de uma theogonia selvagem, aprendidos nas selvas sombrias da bocca dos seus austeros sacerdotes.

De subito, resoou o som agudo de uma trombeta. Haviam aprendido com o exercito romano a servirem-se d'este instrumento para se reunirem, e para os signaes de guerra e da vida do acampamento. E ao ouvil-o, resoou por todo o campo um grito d'uma alegria feroz. Era o signal da principal refeição d'aquelle dia.

Os barbaros dirigiram-se para uma vasta clareira, juncada de ossos esbranquiçados. Era alli que o banquete se preparava. Horrivel banquete, porque as iguarias eram todas compostas de carne humana! E' Idacio, o chronista da invasão, quem nol-o affirma. Os suevos e os alanos banqueteavam-se com os cadaveres dos seus prisioneiros. Assim nol-o contam os mais eruditos e minuciosos historiadores.

Alli foram abatidas algumas dezenas de victimas. As mais novas e tenras destinavam-se ao regalo dos chefes. Eram tres esses chefes, que n'este momento vem saido da sua tenda, maior do que as dos outros barbaros, e mais esmeradamente construida. Compõe-se de dois corpos distinctos, um destinado ao dormitorio dos chefes, outro ás audiencias não solemnes, porque essas teem logar na clareira, em presença de todos os soldados. Era o antigo costume dos povos barbaros do norte.

Os chefes eram de elevada estatura, mas a de um d'elles, principalmente, era colossal. Vinham caminhando pausadamente na direcção da clareira, e quando chegaram junto dos seus homens de guerra, resoou um clamor medonho, a saudação d'aquelles barbaros aos que tinham sobre elles direito de vida e de morte. A um signal do colosso, feito depois de haver consultado os outros dois chefes com o olhar, fez-se um profundo silencio, para se ouvirem as palavras de commando, proferidas n'uma lingua aspera e guttural, em harmonia com os costumes dos que a fallavam.

Os tres chefes tinham grandes barbas avermelhadas, untadas bem como os cabellos com uma substancia gurdorosa. No alto da cabeça, os cabellos, atados com uma trança de couro, formavam como que um penacho, que por uma abertura dos capacetes lhe vinha depois cahir sobre os hombros, similhando as crinas de um cavallo. Na testa e nas faces, viam-se-lhes grosseiras pinturas, uma especie de tatuagem, muito em uso n'aquelles povos, e que nos chefes era obrigatoria, como symbolo da auctoridade suprema. Representavam essas pinturas aves extranhas, serpentes e signaes mysteriosos, feitos com uma tinta indelevel.

Das orelhas pendiam-lhes chapas de ouro pesadas e grosseiramente fabricadas, que iam cahir-lhes sobre os hombros. No pescoço viam-se collares de prata, dando duas ou tres voltas, e chegando-lhes até ao peito descoberto.

Vestiam tunicas de linhagem, e por cima d'ella casacões de pelles de fera. As polainas subiam-lhes quasi até á cintura, presas a um cinturão largo de coiro, d'onde pendiam, de um lado uma comprida espada e do outro um machado de pedra cortante. Largas cintas de pelle cortida se lhes encruzavam sobre as polainas, desde o calcanhar até acima do joelho. Encostavam-se a meias lanças, armadas de ferros agudos, e tinham no semblante um ar de gravidade feroz.

Não nos deteremos nos pormenores d'esse banquete horrivel, em que aos gritos das victimas da voracidade dos monstros vinham juntar-se os clamores ferozes d'essas feras insaciaveis.

Quando elle findou, os barbaros começaram a fazer os seus preparativos de marcha, e dentro em pouco levantaram o acampamento para se dirigirem sobre uma povoação que demorava a seis horas de marcha d'aquelle local por ellas escolhidas.

Eram numerosos. Levados n'uma correria impetuosa, á frente os chefes, montando os seus potros magros, mas velozes como o vento, cobriam a margem poetica do Minho, devastando na sua passagem indomita aquelles terrenos ferracissimos. Nada se poupava, nem cearas, nem arvores de fructo!...

Do alto dos muros da pequena povoação, houve quem visse ao longe na planicie o revolutear do turbilhão humano, mas quem o poderia suster? A população, aterrada, nem por sombras procurou defender-se. Soltou um clamor de angustia, a que breve respondeu o grito de guerra dos barbaros, e a onda arremetteu indomavel contra a pequena povoação, onde se passaram scenas verdadeiramente horrorosas!

Primeiro a matança de todos qnantos apparentavam uma ligeira sombra de resistencia; em seguida, os horrores da assolação e do incendio, porque os barbaros reduziam a cinzas todas as povoações que punham a saque. E era aos rubros clarões do incendio, que essas feras humanas saciavam a sua avidez de prazeres, violando todas as mulheres, e despedaçando-as em seguida, depois de n'ellas haverem cevado o seu furor bestial! Era este o costume, acabada a orgia espantosa...

Depois da assolação, outras calamidades. As horriveis matanças deixavam montões de cadaveres insepultos, d'onde se espalhava a peste, que ia continuar a obra de exterminio dos barbaros.

A devastação produzia ainda a fome; a fome produzia os mais espantosos horrores.

Idacio refere casos horrorosos de mães que devoravam os proprios filhos, no delirio d'este novo flagello!

Porque não resistiria a Peninsula rica e populosa a essa invasão? Porque a supplantaria o numero dos barbaros? Não é essa a unica razão d'esta assombrosa apathia. O egoismo dos ricos havia condemnado a uma insupportavel miseria as classes inferiores; tirara-lhes completamente o brio e a coragem, e por isso á chegada dos barbaros essa grande massa de população estava como que insensivel e apathica. Morrer de um modo, ou de outro, era o mesmo, afinal. Resistir para que?

Depois, nota-se n'esta resignação apathica a influencia da Egreja, a esse tempo preponderante na consciencia popular. A Egreja considerava a invasão dos barbaros como um castigo de Deus, contra as atrozes perseguições dos pagãos, e por isso não estorvava, antes applaudia todos esses horriveis exterminios.

—«Que importa para um christão, exclama Orosio, deixar este mundo de um modo ou outro?» ........................................

A Egreja, não fomentando o patriotismo dos seus crentes, e applaudindo mesmo a destruição da sociedade romana, tinha em vista um fim mais elevado, segundo os seus interesses espirituaes. A sociedade romana, corrupta e sceptica, era um obstaculo á propagação do christianismo. De dia para dia se notava uma diminuição no proselytismo religioso, diminuição justificada pelas commodidades e confortos da religião pagã, e pelos duros transes a que expunha os fieis a sua obstinação na fé christã. A ruina, pois, d'essa sociedade corrompida era um bem para a propagação da fé.

—«E' o castigo de Deus! bradavam os padres da Egreja. Chegou a hora da justiça. Esses barbaros veem vingar o nosso martyrio de tantos seculos!...»

E, ao mesmo tempo, procuravam dominar essas tribus, rudes e ingenuas, ameaçando-as e seduzindo-as com as maravilhas do novo culto, cheio de attractivos.

Houve povoações que escaparam aos flagellos da invasão, graças á intervenção dos sacerdotes. A Egreja com as suas pompas, que já a esse tempo o christianismo perdera a sua simplicidade e pureza primitivas, fallava á imaginação rude e impressionavel dos barbaros, e os mysterios do culto catholico fascinavam esses rebanhos humanos.

Outras vezes, os padres catholicos procuravam alliar-se com os chefes barbaros, e baptisavam-nos para, intimidados pelo terror supersticioso dos deuses da nova religião, conquistarem em proveito da Egreja, que de bom grado acceitava a presa.

—«Que importa morrer de um ou outro modo?» dizia Orosio, e d'ahi a pouco repetiam esta phrase as miseras povoações esmagadas pelos barbaros, coniventes com os sacerdotes, que assim iam consolidando o seu poder, locupletando-se á custa dos miseraveis indefezos, ignominiosa e vilmente escravisados...

Dil-o a historia imparcial; dizem-no essas conversões milagrosas dos chefes barbaros, feitas com o intuito de mais facilmente cevarem a sua fome e a avidez de thesouros que os animava, trazendo-os de longes terras em procura de prazeres.

Como estamos longe dos primeiros tempos christãos, que já tentámos descrever aqui! Como são differentes dos santos discipulos do Martyr os que na epocha a que nos vamos referindo se mancommunam com os chefes barbaros, contra os seus compatriotas opprimidos, contra as ovelhas fieis do seu rebanho.

A onda ingenua dos barbaros começou a acceitar as novas divindades que os sacerdotes offereciam á sua fé grosseira, e as conversões não tardaram a operar-se, desde que esses sacerdotes souberam empregar *uma mise-en-scène* apropriada para estontear os barbaros.

Os bispos catholicos eram já n'esse tempo artistas eximios n'estas phantasmagorias theatraes.

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Albino vivia em uma das cidades da Peninsula, santo e venerado como tal pelos seus fieis, que o haviam eleito bispo, de simples diacono que era, por isso que a austeridade de seu viver os dominava, e lhes impunha o dever d'esta eleição.

N'esse tempo a Egreja não havia ainda imposto aos seus padres esse absurdo preceito do celibato, e Albino vivia com sua esposa, que conservara em sua companhia como mulher legitima, depois da sua eleição ao episcopado, dando-lhe o povo tambem a ella a denominação de *bispa*, que ainda se encontra nos velhos manuscriptos.

São frequentes na historia da Egreja factos d'esta ordem, embora alguns auctores demasiado orthodoxos e respeitadores das conveniencias, asseverem que as esposas dos sacerdotes que eram chamados ao episcopado deixavam de ter com seus maridos ligações carnaes, e que ficavam apenas sendo suas irmãs espirituaes.

Deixemos palrar esses subtis doutores. A bispa, de quem fallamos, continuou a viver carnalmente com seu esposo, e a prova é que a sua prole augmentou consideravelmente no espaço de alguns annos. Deus não costuma fazer dons d'esta especie aos que vivem castamente como ingenuos e puros irmãos espirituaes!...

Era formosissima esta mulher, e o bom do bispo sempre austero e exemplar, como a religião a esse tempo não lhe prohibira ainda o preceito do *Genesis — Crescite et multiplicamini,*—jámais lhe fôra infiel, nunca a trocára por outra.

As honrarias costumam, porém, preverter ainda os mais honestos caracteres, e o bispo, crescendo em fama por entre os seus fieis, e vendo-se venerado e celebrado em todos aquelles contornos, deixou-se possuir pelo demonio da ambição, e começou a phantasiar novas commodidades fartas, novos predominios.

De chefe espiritual, lembrou-se de ser chefe temporal, e para isso tractou de adquirir propriedades e servos, exactamente como qualquer dos opulentos hispano-romanos do seu tempo.

E conseguiu-o, porque o povo, crendo-o de boa fé, e lembrado da provada santidade do seu viver, não se oppoz áquelle engrandecimento temporal, antes o favoreceu, prestando-se todos de bom grado para alargar o patrimonio do santo homem, que todos supunham ser o patrimonio do Senhor e dos desherdados.

Quando chegaram os barbaros, Albino era um chefe espiritual rico e poderoso.

Mas, além d'estes predicados, era audacioso e intelligente. Vendo que precisava de empregar um recurso energico, a não ser expoliado pelos invasores, o santo homem preparou um acontecimento providencial, uma comedia, um milagre...

Em que consistia esse milagre? Vão sabel-o já, porque é um caso curiosissimo.

O chefe da tribu dos alanos, acampára perto da cidade onde dominava

o bispo Albino, e preparava-se para cahir de chofre sobre ella com as suas hordas, como já tinha feito por outras partes. Mas Albino era demasiado intelligente para não empregar a tempo os esforços necessarios, afim de conjurar o perigo, quando havia tanto tempo estava pensando no meio de o affastar de si e dos seus.

Vestiu-se com os seus trajes religiosos dos dias solemnes, e acompanhado dos seus presbyteros e diaconos, do mesmo modo paramentados; dirigiu-se ao acampamento dos barbaros, apezar da forte opposição dos seus diocezanos, que queriam a todo o custo evitar aquelle sacrificio, pela affeição que tinham ao santo homem.

—«São inuteis as vossas advertencias, meus filhos, dizia-lhes o prelado. Morrer de uma fórma, ou de outra, mais cedo, ou mais tarde, o que importa? Talvez o nosso Salvador se digne humanisar o coração do chefe barbaro, e tornal-o propicio aos nossos rogos. Talvez mesmo eu tenha a ventura de o converter á nossa santa fé. Posso morrer, é certo, mas isso que importa, se não conseguir evitar a sorte que nos ameaça?... Deixae-me, pois; é Deus que me inspira!...»

E o prelado dirigiu-se, como anteriormente acabamos de dizer, ao campo dos barbaros.

A' sua chegada, os alanos que nunca tinham visto as pompas catholicas, ficaram attonitos. As imagens do culto, o perfume dos thuribulos, a melopeia religiosa, e o aspecto firme e austero dos sacerdotes, fallaram á sua imaginação rude e impressionavel, e o chefe correu a prostrar-se aos pés do magestoso sacerdote, que lhe fazia recordar os velhos padres das florestas do seu paiz.

O bispo era instruido, e havia muito que por alguns prisioneiros romanos, quasi milagrosamente livres do poder dos barbaros, que os empregavam como guias, aprendera a lingua selvagem do norte, ou pelo menos as palavras sufficientes para se fazer comprehender. Conseguiu, assim, entabolar uma especie de conversação com o chefe, na qual a mimica suppria a defficiencia das palavras.

—«Vens conquistar a nossa cidade e estabelecer-te n'ella, como os teus eguaes teem feito por outras partes? Vens assentar n'esta região o teu dominio tão temido?»

—«Sim,» respondeu-lhe o chefe.

—«Pois bem, poupa as tuas violencias, porque todos estamos promptos a receber-te de braços abertos. E' o nosso Deus que te envia, assim o cremos de bom grado!...»

—«O vosso Deus!» exclamou o barbaro attonito, porque estava longe de esperar estas palavras.

—«Elle proprio, confirmou o prelado. Mandou-me ao teu encontro para te offerecer a soberania d'esta região, porque o meu Deus protege-te e quer que tu sejas feliz e poderoso como o mais soberbo dos reis. Posso proporcionar-te o meio de dilatares os teus dominios, e o meu povo auxiliar-te-ha com uma grande dedicação. Elle reconhece-te como seu soberano, logo que eu te

unja a fronte com o balsamo divino, que deve dar-te o direito de reinar sobre nós... Escolhe, pois, oh chefe! Ou acceitas o que te proponho, ou então terás de realisar a tua conquista violenta, passando sobre os nossos cadaveres, e sobre a divina imagem do meu Deus, que apresento a teus olhos, esperando a tua resolução! Pensa, chefe dos álanos, e crê que da tua resolução depende talvez a tua propria grandeza!...»

O chefe reflectiu por algum tempo, olhando apavorado para o santo homem que proferia aquellas palavras, em que havia como que uma ameaça divina que atterrava o seu animo supersticioso. Os barbaros, que elle consultava com o olhar, estavam egualmente apavorados. Aquelle homem fallava a sua linguagem, empregava as suas palavras, e tinha a coragem de vir alli ao acampamento fazer propostas ás temiveis hordas, diante de cujo impeto todos fugiam assustados. Evidentemente era um Deus que o enviava, embora elle desconhecesse essa divindade.

Não se fez esperar por muito tempo a resolução do chefe. Curvou a fronte aos pés do sacerdote, emquanto, admirados do procedimento do chefe, os álanos se conservavam silenciosos

O prelado ungiu-o com todas as pompas do culto, e os barbaros indomaveis ajoelharam aos pés da cruz. Estava vencida a horda invasora, graças á eloquencia facil do bispo.

Orgulhoso da sua victoria, o prelado disse ao chefe dos alanos, com um sorriso de triumpho:

—«Meu filho, todos nós te reconhecemos como nosso rei. És o enviado do ceu para fazeres a felicidade d'este povo, e pódes vir com os teus guerreiros, porque todos te esperam com alegria, e te reconhecem por seu senhor. Ámanhã sereis solemnemente baptisados, e o Senhor conceder-vos-ha em troca da vossa obediencia a felicidade e a riqueza. A caminho, se vos apraz seguir-me ainda hoje.

D'ahi a pouco, levando o bispo e os sacerdotes á sua frente, as hordas barbaras entravam na cidade; e o povo, encantado por aquelle milagre do virtuoso prelado, corria ao encontro dos alanos, prostrando-se humildemente na sua passagem.

O chefe barbaro dera as mais rigorosas ordens aos alanos, que d'esta vez respeitaram escrupulosamente tudo quanto encontraram na passagem. Caso extraordinario, na verdade!

Assim se realisou a occupação da cidade do bispo Albino, sem perda de uma gota de sangue.

Mas o plano do astuto prelado não se effectuára ainda completamente. Os barbaros sujeitaram-se a receber a baptismo, e a seguir todas as instrucções do bispo. Era preciso mais, comtudo. Era preciso dominal-os pelo terror, visto que tão doceis se mostravam. Era preciso reduzil-os á mais passiva obediencia, tirar-lhes, n'uma palavra, todas as velleidades de revolta, quando se dissipasse o milagroso prestigio.

Tornava-se indispensavel um novo milagre.

.................................................

É noite. O bispo recebe na sua morada o chefe dos barbaros e os seus *fieis*. Assim chamavam os reis alanos aos seus sub-chefes guerreiros, de que mais tarde fizeram condes, duques e outras especies de titulares. O santo homem quiz dar um banquete ao seu filho dilecto em Christo, e áquelles que o chefe honrava com a sua confiança.

Corre o vinho em profusão, e os barbaros, alegres e contentes, faziam honra á hospitalidade do seu bispo, porque se julgavam obrigados a considerar o santo homem como seu chefe espiritual, desde que haviam recebido as aguas purificadoras do baptismo.

A bispa, mulher formosissima, como já dissemos, tomára logar á mesa do banquete, e os olhos de aguia do chefe barbaro não podiam arrancar-se d'aquelle collo de marfim, que ella ostentava, conscia da sua belleza,á luz dos candelabros.

Estava deslumbrado o bom do chefe, e este extase sensual não escapára á penetração do santo homem. Talvez o aproveitasse ainda para a realisação completa dos seus planos.

— «Meu rei, dizia-lhe Albino, deixa-me dar-te este nome, que o nosso Salvador te concedeu pela minha bocca, desde que foste ungido e sagrado, desde que as aguas do baptismo, que recebeste, te purificaram de todos os peccados anteriores... Meu rei, tens seguido até agora os meus conselhos, e assim não tardarás a ter a recompensa que mereces. Serás um poderoso rei n'este paiz, e os teus dominios abrangerão immensos territorios. Mas é mister para isso que te lembres do que deves á Egreja, tua protectora, que tanto póde augmentar o teu poder...»

—«Não me esqueço d'ella, disse o barbaro sem tirar os olhos da formosa bispo...»

—«Veremos se é sincera a tua promessa. A capital do teu estado não póde ser esta cidade...»

—«Porque?...» perguntou o barbaro vivamente, presentindo alguma cilada.

—«Porque esta cidade pertencerá exclusivamente á Egreja, de que tu fazes parte agora...»

—«Mas tu disseste-me, bispo, que esta cidade era minha!» exclamou o chefe, erguendo-se de chofre, ameaçador e terrivel.

—«Tua é, não o nego, porque tu, desde que recebeste o baptismo, fazes parte da Egreja, e d'este modo tens quinhão em tudo quanto lhe pertence. Mas ouve o que vou dizer-te, meu filho! A Santa Egreja não póde estar á mercê dos acasos das batalhas. Precisa de um terreno neutro e tranquillo, onde possa exercer o culto, sem receios nem contrariedades. Por isso esta cidade, sob a tua protecção, ficará sendo a séde da Egreja, e eu o seu humilde chefe...»

—«Traição, bispo, traição! exclamou o barbaro. Não foi isso o que me disseste. Esta cidade pertence-me e aos meus fieis. Saqueal-a-hemos, destruiremos tudo, mas será nossa, e só nossa! Não é assim, companheiros fieis, que me ouvis?...»

—«Assim é!» bradaram os fieis do chefe, erguendo-se, e lançando mão das compridas lanças.

O bispo sorria tranquillo em presença d'aquella exaltação, que elle até muito de proposito provocára.

O chefe estava furioso e temivel. Tinha o aspecto de um javali. O rosto onde o nariz se recurvava como o bico de uma ave de presa, scintillava de colera, e os olhinhos encovados estavam medonhos de furia. O bispo não se assustou, porém.

Albino, pelo contrario, sorria-se satisfeito, e continuou com a maior tranquillidade:

—«Não te exaltes, meu rei. E' tua a cidade, mas eu preciso d'ella para exercer o culto. E' Deus que o quer!...»

—«Sabes que o teu Deus é muito exigente, e que me cança demasiado a paciencia! Não terás a cidade. Primeiro a reduzirei a cinzas e com ella todos os habitantes!»

—«Tal não farás, meu filho, porque Deus não o quer, e não pódes ir contra as suas determinações...»

—«Isso veremos!»

E preferindo estas palavras com voz cava, o chefe empurrou violentamente um sacerdote que n'este momento lhe offerecia com insistencia uma taça de vinho.

D'esta vez, o bispo ergueu-se solemne e magestoso, e com voz vibrante de indignação, bradou ao barbaro:

—«Miseravel! Queres condemnar a tua alma ao fogo eterno? Não sabes que quem põe mão violenta n'um ungido de Deus, n'um sacerdote, não tem perdão para tão espantoso crime!...»

O barbaro estremeceu perante a violencia d'esta apostrophe, e com os olhos desvairados, e a face pallida não ousou proferir uma palavra. Estava dominado.

—«Eu não posso livrar-te do castigo que o teu nefando crime merece. Só Deus o póde fazer, e elle não está disposto a esquecer este execrando ultrage!...»

—«Santo patrono! exclamava o chefe aterrado, que hei-de fazer? que hei-de fazer?...»

—«Não sei, meu filho, és um grande peccador, e só muita humildade e arrependimento te poderá salvar!... Deus, justo e misericordioso, é que hade decidir da tua sorte...»

E o bispo deu algumas instrucções em latim aos seus famulos, affectando erguer ao ceu mãos supplicantes. Os famulos sahiram precipitadamente do aposento.

O chefe continuava atterrado. D'ahi a pouco, um relampago veio illuminar com a sua luz azulada aquella scena, e um trovão medonho estallou nos ares. Albino escolhera bem a occasião. Estava imminente uma grande tempestade, ao começar aquelle banquete.

—«Ouves, meu filho? Deus troveja nas alturas contra o teu sacrilego attentado! A voz do Altissimo pede-te contas do teu crime!...»

O chefe e os seus fieis, presa de um terror supersticioso tremiam como varas verdes.

—«Santo patrono! bradou o chefe. Affasta de mim o castigo que me espera. Estou por tudo, estou por tudo! Salva-me! Serei sempre o teu servo mais humilde!...»

E ajoelhava-se contricto aos pés de Albino, supplicante e miseravel... Mettia dó!...

—«Não sei se poderei salvar-te, meu filho! O teu peccado é terrivel, porque fôras ungido pelo senhor, e havias entrado pouco antes no seio da santa Egreja! Eu vou orar por ti; assim Deus ouça as minhas preces, e attenda ás minhas lagrimas.»

N'este momento entravam os famulos.

—«Está tudo prompto?» perguntou-lhes o bispo em latim, sem os fitar, e como se dirigisse effectivamente uma prece fervorosa ao Deus das misericordias infinitas.

—«Sim, meu senhor», respondeu um d'elles, como se recitasse uma prece do ritual.

—«Bem, eu darei o signal, quando fôr tempo», disse o bispo, conservando-se na mesma attitude.

Novos relampagos e trovões vieram augmentar o pavor d'aquelles credulos barbaros.

—«Santo patrono, estamos perdidos! Perdão, perdão, faze com que Deus escute as tuas preces, visto que és um santo!... Roga ao Senhor que me perdôe este peccado!...»

—«Estou orando, meu filho! Mas Deus está extremamente irritado, e nem sei se as minhas humildes supplicas poderão applacar a sua divina colera!...»

—«Tu dizes que o Senhor falla comtigo, não é verdade!»

—«Sim, meu filho, Deus vae participar-me os seus designios!...»

E, passados alguns momentos, como um trovão espantoso estallejasse novamente nos ares, Albino continuou:

—«Nada posso fazer, filho! Tens de soffrer um duro castigo do teu grande peccado! Deus não quer applacar-se! Acabo de saber que é muito grande a sua colera!...»

Os barbaros, credulos e ingenuos como creanças, começaram a soltar gritos dilacerantes. Indomaveis, habituados á guerra e aos combates, á lucta incessante, aos horrores e crueldades da conquista, tremiam agora como debeis plantas, em presença da colera da divindade. Traziam das suas florestas esse terror supersticioso do poder sobrenatural, contra o qual não ousavam rebellar-se. O bispo sabia-o perfeitamente, e contava aproveitar esse sentimento para a realisação dos seus fins ambiciosos. Era uma lição proveitosa que evitaria muitas reluctancias!...

—«Meu filho! —e d'esta vez o bispo tinha na voz um tom severo—Deus condemna-te ao inferno, e vae abrir a terra debaixo dos teus pés para te tragar e aos teus, porque todos vós sois réus de grandes violencias contra os sacerdotes do Eterno!...»

—«Perdão, perdão, santo patrono!...» bradava o desgraçado, desvairado pelo terror.

—«Tem piedade de nós, santo homem!» exclamavam os outros barbaros.

—«Não sou eu que vos condemno, é o Senhor! Eu de bom grado vos perdoaria o ultrage que me fizeste na pessoa do meu sacerdote, mas Deus não quer que este crime fique impune. E' o que elle acaba de revelar, a mim, humilde servo das suas vontades, que consagrei a vida inteira ao seu santo serviço... olha!...»

Ouviu-se um grande ruido no lagedo do pavimento, e uma das lages do mosaico patenteou aos pés do chefe uma extensa abertura, d'onde saíam formidaveis turbilhões de fumo, que derramavam pelo aposento um fortissimo cheiro de enxofre.

—«Fogo! exclamou o barbaro, quasi louco de terror. A terra abre-se! O que é isto, santo patrono?!...»

—«É o inferno que vae tragar-te, meu filho! Tu assim o quizeste. Disse-te, quando te ministrei o baptismo, quaes eram os teus deveres para com a Egreja do Senhor, e tu tudo esqueceste!...»

—«Mas eu estou arrependido, santo patrono! Pede a Deus que me perdôe!... Eu não quero ir para o inferno!»

—«Salva-nos, o chefe a tudo se sujeita!» bradavam os outros barbaros desvairados.

—«Vou orar ao Senhor novamente. Mas primeiro dize-me: A cidade ficará pertencendo exclusivamente á Egreja?...»

— «Sim, santo patrono! gemeu o chefe. Manda fechar o inferno, que já não é preciso!»

—«Só Deus póde fazel-o, meu filho!... Defender-nos-has contra todas as aggressões?...»

—«Sempre, sempre!...»

—«Dar-nos-has um quinhão de tudo quanto d'aqui ávante conquistares?...»

—«O que tu proprio exigires!...»

—«Bem; é sincero o teu arrependimento, e Deus ha de ouvir a minha prece. O que vou pedir-lhe desde já é que retire dos teus pés esse abysmo horrivel, prestes a tragar-te. Prostrae-vos por terra, meus filhos, e orae tambem ao Senhor!...»

Os barbaros obedeceram apavorados, e o bispo deu nova ordem aos famulos.

Pouco a pouco, as labaredas sinistras cessaram, e a lage voltou ao seu logar.

Os barbaros estavam maravilhados do poder do santo homem, a quem o proprio Deus obedecia!

—«Pódes tranquillizar-te, meu filho. Deus perdoou-te a meus rogos o teu crime, mas tem cautella! Se peccares novamente, o Senhor será inexoravel!...»

—«Afianço-te, santo patrono, que jámais me revoltarei», disse o chefe, erguendo-se e saccudindo os membros ainda entorpecidos pelo terror d'aquella commoção.

E, depois de uma pausa, continuou:

—«Santo patrono, tenho outro peccado, de que me accusar. Queres ouvir-me?...»

—«Falla, meu filho, falla», disse o bispo, muito admirado d'aquella inesperada revelação. Commetteste alguma outra violencia que eu ignore? Insultaste alguns dos nossos padres?...»

—«Peior do que isso, santo bispo!...»

—«O que! Dar-se-ha caso que assassinasses algum sacerdote do Senhor!...»

—«Peior, muito peior!...»

—«Falla, filho, falla!» disse o bispo começando a inquietar-se seriamente com aquelle caso.

—«Santo patrono, já esta noite aqui mesmo te fiz uma offensa. Ergui os olhos para a santa mulher que te pertence, e desejei-a na minha torpeza indigna!...»

—«O que! Pois tens ainda esse peccado sobre ti!» bradou o bispo, fingindo uma indignação, que estava longe de sentir. Por isso Deus estava tão irritado contra ti ainda agora, a ponto de abrir o inferno debaixo dos teus pés!...»

—«Não poderás fazer com que Deus me perdôe tambem esse peccado?...» balbuciou o barbaro novamente apavorado.

—«Vou orar ao Senhor, meu filho. Mas a noite vae adiantada, e preciso de me recolher. Retira-te, e ámanhã te direi o que o Senhor me inspirar a este respeito.»

—«E o inferno não me tragará a mim e aos meus pobres e innocentes companheiros?...»

—«Não, Deus conceder-me-ha essa graça. Retira-te, meu filho, e não receies. Posso assegurar-te que o Senhor terá compaixão de ti, perdoando-te novamente...»

—«Obrigado, santo patrono, obrigado!...» exclamou o barbaro beijando as mãos do bispo.

E retirou-se com os seus fieis, levando todos o rosto alterado pelo terror que os dominava.

N'essa mesma noite, Albino, recolhendo-se aos seus aposentos, conferenciava com a formosa bispa, que o esperava no leito, anciosa por saber o que se tinha passado com os barbaros, depois do *milagre*, a que não quizera assistir.

O bispo informou-a circumstanciadamente de tudo quanto se passara, e a formosa bispa riu ás gargalhadas do terror dos barbaros, e da alegre comedia, tão primorosamente representada por seu esposo, habil em toda esta especie de artimanhas

—«Estou encantada com os excellentes resultados que a tua intelligen-

cia tem sabido obter. E's um homem habil, meu esposo!... E's digno do logar a que foste chamado. Que perspicacia e que finura!... Como eu te admiro, meu querido!...»

—«Faço quanto posso para não ser esmagado por esse turbilhão humano arremessado sobre a nossa pacifica região. Como sabes, a vida não é de todo má para os que possuem recursos, e seria pena perdel-a ás mãos d'esses barbaros indomaveis...»

—«Indomaveis, não, bem vês... Tu conseguiste facil e promptamente domal-os!...»

—«Alguma coisa fiz, mas muito resta ainda que fazer, minha esposa querida...»

—«Como! Pois não estás satisfeito!...» exclamou a bispa, sorrindo com finura.

—«Não. Quero assegurar de uma vez para sempre o triumpho completo da egreja sobre esses selvagens. Quero que nunca possam revoltar-se contra o meu poder, e para isso, preciso de ti, minha querida!...»

—«De mim?! Não te comprehendo! Que posso eu fazer, pobre mulher, quando a tua intelligencia e perspicacia tão excellentes resultados tem produzido?...»

—«Podes servir-me de muito... Ouve. O chefe barbaro, que me chama seu santo patrono, que se humilha contricto na minha presença, não é insensivel aos teus encantos. Não reparaste ainda nos olhares de fogo que te dardeja?...»

—«Reparei... O selvagem não deixou de me fitar durante o festim, e bastante tenho rido a esse respeito esta noite, quando me lembro dos ternos olhares d'esse bandido...»

—«E' mister saber tirar o mais seguro partido d'essa paixão do chefe barbaro, comprehendes?...»

—«Não, francamente. Extranho até a tua linguagem. O que queres dizer?...»

—«Que o teu pudor não se alarme, minha formosa esposa! Não me farás a injuria de me suppor capaz de te entregar ao barbaro, para esse monstro, feio como um javali, saciar no teu corpo adoravel a sua sensualidade feroz de urso indomavel!...»

—«Oh! não te creio capaz de similhante affronta. Seria para mim o mais horrivel dos supplicios! Eu podia lá consentir em ser acariciada por esse monstro, meu Deus!...»

—«Mas quem te falla em caricias taes? Não exaggeremos, não demos largas á phantasia. Amo-te como sabes, e até agora, encontrando nos teus braços a satisfação de todos os meus desejos sensuaes, nunca te fui infiel, apesar de possuirmos aqui formosas escravas, e de haver entre os nossos curiaes mulheres deslumbrantes... Eu vou chegar ao assumpto de que nos vamos affastando...»

—«Falla, querido esposo», disse a formosa bispa, sentindo-se muito mais tranquilla.

—«Ouve. O barbaro confessou-me ainda ha pouco o peccado execrando de ter lançado sobre ti olhos cubiçosos...»

—«Como! Pois elle ousou confessar-te esse peccado?... Acho engraçada a confissão!»

—«Ousou, porque estava no auge do terror, o pobre homem, graças a esse inferno que mandei preparar pelos meus famulos, e que correu ás mil maravilhas. Vendo que as minhas orações haviam applacado a colera divina, o chefe receiou novos castigos, e quiz livrar a sua consciencia ingenua e timorata de um grande perigo, contando-me o que lhe parecia um peccado extremamente odioso.»

— «Consciencioso barbaro!» exclamou a dama rindo, apenas isto ouviu, ás gargalhadas.

—«Com effeito, o chefe é homem de consciencia, pelo que vemos, e podemos fazer d'elle alguma coisa. Fui muito feliz. Podia ter encontrado outro mais esperto, e n'esse caso seria preciso recorrer a estratagemas bem difficeis. Ouvindo isto, lembrei-me de recorrer ao teu auxilio, para ser mais completo o nosso dominio.»

—«Estou prompta a auxiliar-te. Desenvolve o teu plano, meu querido esposo, mas lembra-te que eu não quero as caricias do barbaro. Causa-me horror só a ideia de vêr submettido o meu pobre corpo ao seu rude e feroz contacto!...»

—«Descança, elle é docil, logo que se lhe falle no inferno; será facil obrigal-o a conter os seus impetos. Lembra-te, porém, que quanto maior fôr o seu peccado, maior será depois o arrependimento, e por conseguinte, mais rendosa a expiação.»

—«Queres n'esse caso que eu o seduza?...»

—«Justamente, minha querida...»

—«Que devo fazer para isso?...»

—«Vou dizer-t'o.»

E o bispo, despojando-se dos seus habitos, tomou logar no leito, junto do corpo adoravel d'aquella mulher de fórmas opulentas, que o cingiu amorosamente nos braços, murmurando-lhe ao ouvido:

—«Amo-te. És intelligente, és habil, e tudo farei para te ser util, meu senhor!...»

Um beijo de fogo foi a resposta dada pelo sacerdote a este lisongeiro cumprimento da sua ardente companheira...

.................................................................

Quaes fossem as instrucções do astuto bispo a sua esposa, é facil conjectural-o.

O chefe barbaro era agora, depois d'aquella excellente licção, o mais submisso filho da Egreja. Os seus homens tractavam os habitantes da cidade mais como alliados e irmãos do que como conquistados e vencidos. Propagara-se entre os novos convertidos o salutar terror do inferno, e nenhum d'elles ousaria praticar actos que podessem desagradar ao seu bispo, que todos consideravam como um representante de Deus.

Pela sua parte, o santo homem não impunha aos barbaros preceitos difficeis de cumprir. A região era rica, e havia o bastante para todos. As mulhelheres não eram muito difficeis, e abundavam para as necessidades dos invasores. A experiencia do que succedera n'outras partes era sufficiente para evitar inuteis resistencias. Por isso todas se deixavam amar dos barbaros, e voluntariamente se entregavam aos sacrificios amorosos que elles bem a miudo lhes exigiam.

Milagroso o poder do bispo! Como elle transformára quasi n'uma festa continua, o que n'outras regiões proximas d'alli não fóra senão uma horrivel e atroz carnificina!...

No meio, porém, d'este deleitoso ocio das suas hordas, o chefe barbaro estava triste e desalentado.

Não escolhera ainda mulher, porque a formosa bispa havia-o deslumbrado, e tornara-o indifferente a outra qualquer beldade.

Occultava cuidadosamente este sentimento, envergonhava-se d'elle, como de um crime, mas nem por isso conseguia arrancal-o do coração. Era superior a todos os seus escrupulos e terrores, era superior ás suas mais sensatas resoluções.

O bispo dera-lhe um aposento magnifico dentro da sua residencia, pretextando que os dois poderes, o temporal e o espiritual, deviam residir no mesmo edificio, para mais facilmente se communicarem, ao mesmo tempo que desejava completar a educação religiosa do seu amado e temido filho em Christo.

Um novo perigo para aquelle temperamento demasiado inflammavel do chefe.

—«Santo patrono, dizia elle um dia ao bispo, baixando os olhos na sua presença, como um criminoso diante do seu juiz. Santo patrono, o Senhor perdoar-me-hia o meu novo peccado?...»

—«Meu filho, a misericordia do nosso Deus é infinita. Pelos avisos que tenho do ceu, o Senhor está disposto a perdoar-te, se o tèu arrependimento fôr sincero!...»

—«É sincero, e bem sincero, patrono! Mas queres que te diga uma coisa? Por maior que seja a minha resolução, de vezes em quando o peccado vem novamente perseguir-me. O que será isto?...»

—«Isso, meu filho, é o demonio que quer perder a todo o custo a tua alma...»

—«O demonio! Mas quem é esse que tu chamas demonio, e que assim me persegue?...»

—«É o maior inimigo de Deus, meu filho. Todo o seu empenho constante é perder as almas, e destruir o effeito da força divina... É accarretar almas para o inferno.»

—«Mas Deus consente que o demonio destrua assim a sua obra?... Terá elle medo d'esse inimigo?»

E o barbaro, áquella idéa que lhe abalava tão profundamente a sua crença ingenua no poder de Deus, olhou com inquietação para o bispo! Começava a duvidar algum tanto...

—«Meu filho, a tua ignorancia desculpa até certo ponto as heresias que proféres. Deus, o Senhor absoluto e ommipotente de todas as cousas, não póde ter medo, e é Elle proprio que permitte ao seu inimigo, o demonio, que persiga as creaturas para as experimentar na sua fé. Tudo quanto o inimigo faz é por ordem expressa de Deus. Resistir-lhe é ganhar o ceu, porque só alli tem entrada os que logram vencer as constantes e temiveis armadilhas do demonio.»

—«E quem se deixa vencer por ellas?...»

—«Ai d'elle, porque a terra abrir-se-ha sob os seus passos, e será arremessado ao abysmo, onde ha chóros e ranger de dentes, onde o demonio e a legião dos seus satellites se apossarão para todo o sempre do desgraçado que fraqueja!...»

—«Mas, santo patrono, eu não quero ir para o inferno. Tenho medo do demonio! Que heide fazer?...»

—«Resistir-lhe, meu filho, fugir das tentações que elle te fizer constantemente...»

—«Meu patrono, antigamente o demonio não me perseguia. Foi só depois que tu me deste o baptismo, que comecei a soffrer esta perseguição. A minha antiga religião era melhor do que esta!... Alli não havia estes perigos constantes.»

—«Não blasphemes da santa religião, que por tua felicidade abraçaste, meu filho!... Se o tentador não te perseguia antigamente, era porque que estava certo de que lhe pertencias, e por isso não precisava de se incommodar. Hoje, o caso é differente... Hoje, o baptismo arrancou-te ás suas garras, e por isso elle te persegue, para novamente se apossar de ti... Eis o motivo.»

—«Dizes bem, santo patrono, hade ser essa a razão... Mas elle não me deixa um instante... Que heide fazer para lhe fugir?... Como evital-o?»

—«Tendo coragem para não succumbir... Mas dize-me, como é que o inimigo te persegue?...»

—«De muitos modos. Traz-me sempre diante dos olhos tua santa esposa, a bispa, não como a vejo de ordinario, mas núa, com o seu corpo tentador despojado completamente das suas vestes, e ás vezes parece-me que a santa mulher me estende os braços e me chama para junto de si. Fecho os olhos, mas em vão! Continúo a vel-a, cada vez mais bella e mais seductora... Meu Deus, como heide resistir a isto, se o meu desejo era roubar-t'a, santo homem, e leval-a commigo para bem longe d'aqui, para a possuir á minha vontade!... E' um grande peccado este desejo, não é, meu salvador, meu querido e santo patrono?...»

—«Grande, por certo, meu filho! Comprehendo quanto soffres, porque vejo n'isso a tentação implacavel do inimigo. E' elle que te põe diante dos olhos essa visão, porque a minha santa companheira não póde excitar desejos. E' a casta mãe de meus, filhos, e a sua existencia anda inteiramente consagrada ao serviço do senhor. Foge da tentação meu filho! Approxima-te de minha esposa, falla-lhe! Verás como o seu olhar puro e as suas palavras recatadas te curam d'esse desvairamento...»

—«Não será peior tudo isso, patrono? Não seria melhor fugir-lhe, e procurar não a vêr?...»

—«Julgo que não, meu filho. O tentador apresenta a teus olhos minha esposa, como uma mulher seductora. Vê-a de perto, e convencer-te-has de que não é assim. Não ha mulher mais casta. Á ameaça da tua chegada á nossa pacifica região, ella julgando que Deus não nos permittiria fazer ouvir aos invasores a sua doutrina santa e consoladora, resolvera matar-se, para não cahir em poder das tuas hordas, que decerto não lhe poupariam a sua castidade. E' uma verdadeira christã, meu filho. Convencer-te-has, conversando com ella.»

—«Farei o que me aconselhas, patrono, farei; mas o perigo é grande para a minha alma, sinto-me perseguido pelo horrivel tentodor, e receio succumbir...»

—«Deus não o permittirá, meu filho, crê. Olha, ella ahi vem. Falla-lhe á tua vontade, emquanto eu vou orar ao Senhor, para que te livre das tentações do inimigo!...»

Effectivamente a bispa entrava n'este momento na estancia, onde o astuto prelado conferenciava com o chefe dos barbaros. Vinha elegantemente vestida, na singeleza dos seus trages quasi ecclesiasticos. Uma toga branca, uma chlamyde, e os cabellos, negros como o ebano, atados com uma espessa trança de ouro.

Nunca o barbaro a vira tão formosa!...

Como resistir-lhe, se o demonio lhe apresentava cada vez mais attrahente e provocador aquelle perigo.

O barbaro estremeceu, ao vel-a. Apesar de tudo quanto o bispo lhe dissera, aquella mulher fascinava-o irresistiveimente.

A bispa, industriada por seu esposo, aprendera o sufficiente da lingua dos álanos, para se fazer comprehender. A expressão insinuante e persuasiva da sua physionomia encantadora, faria facilmente o resto, que não era difficil, aliás.

—«Meu esposo, o santo bispo, encarregou-me de te convidar para o banquete d'esta noite, disse ella na sua voz encantadora, que dava á lingua aspera do norte um encanto estonteador. Junto ao d'elle o meu pedido. Acceitas?...»

—«Acceito, balbuciou o barbaro, sem ousar olhar para ella, e sentindo penetrar-lhe a epiderme toda a magia que se exhalava d'aquelle corpo de fogo.

—«Agradeço-t'o, senhor, continuou ella. Eu e meu esposo folgamos de vêr participar das nossas refeições, a ti, o ungido do Senhor, a quem Elle escolheu para nosso rei!...»

—«Enganas-te, eu não sou rei» brudou o barbaro desvairado, e sem se atrever a contemplal-a.

—«Não te comprehendo, senhor, disse ella innundando-o de todo o fulgor dos seus olhos esplendidos. Meu esposo ungiu-te com o balsamo divino, que confere em nome de Deus o supremo poder aos seus eleitos. Es verdadeiramente o rei d'este povo!...»

—«Sou então o rei, dizes! exclamou o barbaro, rangendo os dentes. E que rei! Ha um inimigo que me persegue sem descanço, e não posso destruil-o, nem vêl-o sequer... E sou rei!... Não tenho o que desejo. Se alguem me encommoda e o esmago, levanta-se contra mim o inferno. Sáem chammas do fundo da terra para me tragar, e se quero que essas chammas não me abrazem, tenho de me ajoelhar humilde e arrependido aos pés de teu esposo... Sou rei, dizes, e nem sequer posso olhar para ti!... Sim, sinto que não te posso ver!»

—«E porque?» perguntou a formosa bispa com meiguice, approximando-se do chefe barbaro. A sua voz era dôce como o murmurio de um arroio! Do seu olhar fuzillavam philtros perigosissimos!...

—«Ah! Tu perguntas porque? Porque esses olhos que me contemplam, porque esse corpo que me deslumbra não são teus, é o demonio que assim os torna bellos e irresistiveis para me tentar! E, se por acaso os vejo, se por acaso cravo n'elles o olhar, o tentador desvaira-me, e arremessa-me logo aos abysmos do inferno! Vês que rei eu sou! Vês de que me serve o poder a que te referes?»

—«Mas, senhor, o que ha em mim que assim te perturbe? Não sou eu uma pobre mulher innoffensiva? Vivo tão longe de ti, senhor! Que mal posso fazer-te?...»

—«Oh! muito, nem tu calculas! Perdes a minha alma, desfazes o baptismo que recebi, arrastas-me para o abysmo, e nem sequer me segues alli, porque és santa, porque teu esposo, que é amigo de Deus, não te deixaria lá graças ás suas orações! Se ao menos me seguisses, que me importava o inferno! Serias minha alli! Mas assim... Oh! vae-te, vae-te, que me fazes cahir no inferno!...»

—«Senhor, não comprehendo as tuas palavras, e até me parece estar sonhando. Que quer isto dizer?»

—«Pois não comprehendeste ainda? Não sabes que te desejo, que não posso fugir de ti, que me sinto prestes a enlouquecer quando te vejo, e que ao mesmo tempo, não ouso approximar-me de ti, porque me perco, porque o demonio me estende as garras, attrahindo-me para o inferno! E dizes que sou rei! De que me serve sel-o assim, desgraçado como sou? O ultimo dos alanos que me acompanharam a este paiz tem já a sua esposa, é feliz nos seus braços... Eu não tenho ninguem, e se desejo ter aquella que me seduz, precipito-me no inferno!... Acabo de contar-te o que me tortura!... Não comprehendes ainda?...»

—«Vejo, senhor, que o demonio perde a tua alma, inspirando-te essas palavras que me offendem. Eu, a esposa do santo bispo Albino, não posso ouvil-as por mais tempo. Saio immediatamente...»

E a formosa bispa fingiu um terror que estava longe de sentir.

Estratagema feminino!

—«E que te peço eu desde que vieste aqui? Pois não vês que me perdes! Eu tenho lá culpa do que te digo, se é o demonio que me obriga a dizer tudo isto? Vae-te, vae-te, porque eu não quero ir para o inferno. Vês-me aqui

de joelhos, estou pedindo a Deus que me livre d'este perigo, e me salve das garras do tentador!...»

—«E Deus ha de ouvir-te, oh rei, porque as tuas intenções são puras, porque tu não desejas revoltar-te contra os seus santos preceitos. Escuta, quero auxiliar-te na dura lucta que estás travando. Esta noite procura-me fóra da residencia, na frondosa matta que conduz ao local onde os fieis costumam reunir-se. Alli te esperarei, e juntos pediremos a Deus que te livre para sempre d'estas durissimas tentações...»

—«Pois sim, irei ter comtigo... Mas dize-me, nada receias de mim? Nada?!... Confias na minha prudencia junto de ti?...»

—«Confio em Deus; Elle me guardará!...»

—«Seja como dizes, esperar-te-hei!...»

—«Bem, agora retira-te, e não desesperes. Encontraremos juntos um meio de evitar estes perigos constantes.»

E a formosa bispa acompanhou estas palavras de um olhar fogoso, que fez estremecer o barbaro de volupia. No emtanto, apesar da paixão que o dominava, obedeceu e retirou-se.

A bispa seguiu-o com os olhos, emquanto murmurava meneando a formosa cabeça:

—«Senhor bispo, meu esposo, apesar da sua astucia, parece-me que fez mal em me aventurar n'este plano. Receio muito que o ardor d'esse selvagem me incendeie! Tanto mais qne não será muito difficil, porque eu não sou de gelo!... Acautelle-se, senhor bispo, acautelle-se!... A praça não tardará a render-se!»

Este soliloquio foi interrompido pela chegada de Albino. Vinha saber o que se passára, isto apparentemente, porque assistira occulto á scena que acabamos de descrever.

—«Então?» perguntou elle sorrindo. Como se portou esse apaixonado barbaro!»

—«Se o ouvisses! Que linguagem apaixonada! É bem certo que o amor de tudo triumpha, como diz esse doce poeta romano que tantas vezes me tens lido. Como elle triumphou d'esse barbaro, polindo-lhe a linguagem aspera, e inspirando-lhe ideias elevadas... Tu não imaginas, meu querido e bom amigo!...»

—«Dar-se-ha caso que te deixasses vencer, minha querida, por esse urso do norte?...»

—«Não digo tanto, mas impressionou-me bastante a sua linguagem, em que a paixão que lhe inspirei lucta com o terror religioso. Causa dó esse pobre homem!...»

—«Lamenta-o agora, se te parece!... O nosso fim é dominal-o, é tornal-o nosso escravo submisso, por que só assim poderemos resistir ás suas extorsões, e viver tranquillos n'este paiz. A este respeito, dou-te carta branca, contanto que me ponhas esse urso aos pés completamente submisso e domesticado..»

—«E dize-me, meu amigo, perguntou a formosa bispa, lançando os bra-

ços roliços em volta do pescoço de seu esposo, não terás agora ciumes de mim?...»

—«Louquinha! disse o bispo affagando-a, como posso ter ciumes de ti a proposito d'esse urso bravo! Tu não podes amal-o. Comprehendes o meu plano, e sabes que nos inspira o desejo de conquistarmos para sempre o descanço, a tranquillidade e o bem estar. Julgo-te incapaz de uma fraqueza, mas mesmo que a tivesses, o resultado completo dos nossos desejos tornal-a-hia desculpavel. Eu não sou um tyranno, bem sabes!... E agora muito menos o seria!»

—«Como! Desculparias uma fraqueza minha, se ella se tornasse necessaria, como dizes, para o nosso plano?...»

—«Decerto, minha querida, decerto. O fim justificaria os meios, e seria creancice por uma questão egoista de ciume comprometter um futuro que tão risonho antevemos. Faze o que te aprouver!...»

A bispa desprendeu os braços que tinha lançado em volta do pescoço de seu esposo, e quedou-se pensativa por algum tempo.

—«Que tens?» perguntou-lhe o bispo carinhosamente, lançando-lhe um meigo olhar.

—«Estou pensando no quanto póde a ambição, visto que esse sentimento absorve todos os predicados nobres e delicados. Antes de te deixares dominar pela sede das riquezas e pela cobiça do poder, Albino, tu não serias capaz de pensar de similhante modo!... Não te julgava a tal ponto corrompido!... Causas-me dó!»

—«Agradeço-te a compaixão, mas deves lembrar-te de uma cousa, minha querida. E' que mais digna de dó seria a nossa sorte, se esse barbaro podesse abrir os olhos e conhecer a sua força. N'esse caso, esmagar-nos-hia sem piedade. Consegui até agora dominal-o pelo terror supersticioso do inferno, mas se nas suas correrias de ámanhã elle escapar a esse terror? Se a chegada de novos barbaros nol-o afastar d'aqui, como poderemos resistir-lhe mais tarde? Pensas que esta influencia será duradoura? Nem sempre teremos uma tempestade como o de outro dia á nossa disposição, bem sabes. Os teus encantos são a cadeia que elle não ousará quebrar, porque essa é agradavel, e a natureza humana só se revolta contra os jugos que ella considera difficeis de supportar!...»

—«Bem, farei quanto fôr possivel para evitar uma fraqueza, mas se n'esta lucta perigosa, porque vou brincar com o fogo, me sentir desfallecer, não terei remorsos, visto que tu me incitas...

—«Escusas de tel-os. Apresenta-me essa féra completamente domada, e nunca te lançarei em rosto os meios a que tiveres de recorrer para o fim que te propões...»

—«Está combinado, meu esposo. Esta noite terei uma entrevista com o barbaro junto do nosso templo.»

—«Serás a nova Judith, se conseguires vencer esse Holophernes, mas não leves a imitação do teu modelo biblico ao ponto de cortares a cabeça do barbaro. Precisamos que elle viva...»

—«Viverá, descança! Não se morre de amor, quando a paixão que nos devora se satisfaz!...»

—«Demonio!» exclamou o bispo muito jovial, abraçando a galante esposa.

A épocha admittia esta dissolução de costumes. Entre os hispano-lusitanos o adulterio era um acontecimento tão vulgar, que nem mesmo admittia reparos. Os proprios maridos, ou incitavam como este bispo as esposas ao crime, quando d'ahi lhes podia provir interesse, ou supportavam philosophicamente o caso, quando elle se dava sem a sua intervenção. A corrupção do imperio chegára a este extremo!...

Porque havia de ter escrupulos a formosa bispa, se seu esposo não os tinha?

Demais, estava achando gosto á aventura. Aquelle ardor do barbaro promettia-lhe uma variante deliciosa na monotonia do seu viver. A principio, horrorisara-a a idéa d'aquelles amores, porque o chefe affigurara-se-lhe muito mais selvagem e feroz; mas quando o ouvira cantar aquelle hymno de voluptuosas palavras, quando vira até que ponto aquella natureza energica se deixára vencer dos seus encantos, começou a desejal-o. D'aqui á queda o caminho não era longo...

Oh! a bispa não era uma virtude austera, não! Quantas vezes se deixára cahir nos braços de algum joven curial de robustas fórmas, que trabalhava nos seus extensos dominios! Se as densas ramadas das quintas episcopaes contassem os seus delirios amorosos! Se os echos dos arredores repetissem os seus gritos lascivos, ao sentir junto do peito o busto musculoso de um joven bem ardente e bem apaixonado! Se o senhor bispo soubesse d'estas pequeninas infidelidades da sua casta esposa!

E a bispa reflectia n'aquella extranha situação? Vel-a-hia o esposo de bom grado nos braços de outro homem?

—«Quem sabe! pensava ella agora, depois das palavras que lhe ouvira... Talvez não tivesse ciumes! Tem-nos por acaso d'esse barbaro?... Não é o primeiro a incitar-me?...»

Decididamente, a virtude era uma coisa ephemera aos olhos ambiciosos do opulento bispo Albino...

—«E o caso é, continuava ella, que o barbaro não é tão horrendo como eu julgava! Que ardor aquelle! Como elle me olhava!... Poderei resistir-lhe logo? Oh! será difficil, bem difficil, meu Deus!...»

E, passados alguns momentos de reflexão:

—«Tambem, que importa! O Senhor ha de perdoar-me esta falta, visto que ella redundará em beneficio e tranquillidade para as suas ovelhas! Succeda o que succeder, pois!»

E alegre, descuidada, leve como a gazella, a formosa bispa dirigiu-se ao jardim, onde andou colhendo flores até que o sol declinou completamente no horisonte.

..........................................................................

—«És tu, senhora?» pronunciou uma voz em lingua barbara, sahindo

da espessura da matta que cercava a opulenta e formosissima residencia episcopal.

—«Sou eu... respondeu uma voz feminina, na mesma lingua, mas d'esta vez suavisada pelo timbre encantador da formosa bispa. Estás disposto a seguir-me?...»

—«Estou, para isso vim!... Não me prometteste auxiliar-me n'esta lucta que me devora? Foi isto o que me disseste ainda esta tarde. Cumprirás a tua promessa?...»

—«Segue-me, meu rei, disse a bispa. Procuremos um logar onde possamos conversar á vontade. Havemos de encontrar um meio que possa restituir-te o repouso e a tranquillidade. Será difficil, mas com boa vontade tudo se consegue. . Vem.»

O barbaro seguiu a formosa mulher, que o foi guiando pela matta até uma cabana, onde costumava abrigar-se o ostiario do templo, quando alguma tempestade o surprehendia no caminho. Era o melhor dos asylos para aquella singular conferencia.

—«Entremos aqui, disse a bispa ao companheiro. A noite está humida, e póde fazer-me mal este nevoeiro. Aqui podemos conversar sem que ninguem nos ouça. Que pretendes então?...»

—«Mas bem o sabes tu, disse-lhe o barbaro, supplicante. Quero que me ensines o meio de evitar este soffrimento. Eu não quero ir para o inferno, e vejo-me condemnado a esse supplicio, se Deus não me protege. Tu és santa, visto que tens por esposo um homem a quem o proprio Deus obedece. Deves canhecer um meio de me salvar...»

A bispa olhou para elle, e viu-o tremer de volupia ao seu contacto.

Esse ligeiro fremito sensual incendiou-lhe o temperamento.

—«Conheço, e dir-t'o-hei, se te quizeres sujeitar a todas as condições que te dictar. Ouve. E' preciso que obedeças sempre cegamente a meu esposo...»

—«Não lhe tenho obedecido eu? E' Deus que o ordena, e eu não quero desobedecer a Deus.»

—«Deixar-nos-has a cidade, como prometteste ha pouco tempo a meu esposo?...»

—«Deixal-a-hei. Ha muitas outras para onde poderei levar as minhas hordas.»

—«Mas nós precisamos que nos defendas contra os outros chefes que poderão vir assaltar-nos...»

—«Estou prompto. Nenhum outro virá perseguir-vos, sabendo que eu vos protejo...»

—«Bem. A Egreja precisa de recursos para pode celebrar o culto do Senhor. Dar-nos-has uma parte de tudo quanto d'aqui em diante por ahi conquistares?...»

—«A que tu exigires...»

—«Eu por mim nada exijo. Meu esposo se encarregará d'isso a seu tempo, descança...»

—«Pois bem, salva-me do inferno, e teu esposo peça o que quizer...»

—«Mas poderei eu salvar-te? Meu esposo é que tem poder para isso, porque é elle quem falla com o Eterno, é a elle que Deus attende. Eu sou uma pobre mulher, simples, ignorante e tranquilla, que não se atreve a invocar o Senhor...»

—«Mas tu disseste-me que encontrarias um meio de me salvar! Falla... falla! Não vês que me sinto perder junto de ti!...»

E o barbaro tremia, porque a formosa bispa encostava-se a elle, e queimava-o com a sua respiração ardente. Sentindo junto de si aquelle corpo encantador, o barbaro fazia esforços enormes para conter-se... Mas em vão procurava reprimir-se.

—«Ouve, meu rei, dizia-lhe ella com meiguice, ha um meio de evitar o teu soffrimento, e Deus não levará a mal que o empreguemos, porque tu estás disposto a cumprir todos os preceitos do santo bispo, seu amigo. Não receies o inferno, eu te livrarei d'elle... Ama-me á tua vontade, porque o inferno para ti é esse tormento que te devora. Aqui me tens, meu rei e senhor, sou tua!...»

O que se passou, depois d'isto, facilmente se imagina. Diremos apenas com o grande épico: O que foi aquella scena da cabana, entre o barbaro fogoso e a formosa bispa, sequiosa de caricias:

> Melhor é experimental-o que julgal-o,
> Mas julgue-o quem não póde experimental-o!...

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Talvez muita gente incredula ache devéras extraordinaria a facilidade com que lhe apresentamos um barbaro, acceitando o christianismo, convertendo-se sinceramente á nova fé, e humanisando-se d'este modo em tão curto espaço de tempo...

E' a historia que nol-o conta, e a razão não pode tambem revoltar-se contra os factos por ella apontados.

O christianismo não era para os barbaros uma religião tão nova e tão extraordinaria, que elles ou não comprehendessem, ou recusassem feroz e tenazmente.

Ouçamos o que a este respeito nos diz o illustrado auctor do *Systhema dos Mythos religiosos:*

«... Da cooperação dos factores historicos — a piedade israelita, a eschatologia egypcia, o idealismo hellenico, e a universalidade ou catholicismo da abstracção latina — do amalgama de elementos formulados pelas civilisações mediterraneas, unificadas politicamente pelo imperio romano, sahiu um corpo novo de mythologia theologica, ou uma religão — a christã, cujo verbo vae abafar o desenvolvimento das mythologias nacionaes dos slavos, celtas e germanos, á

maneira que esses povos forem entrando com o decorrer dos tempos modernos, no seio da civilisação occidental europeia.

«Generalisação summaria e não synthetica, o christianismo tem sido e será por muito tempo o assumpto de theorias oppostas e egualmente fundamentadas. Terão razão os que virem n'ella uma religião da Morte, porque toda a eschatologia egypcia, com o tribunal de Osiris, entrou no seu crédo. Terão razão os que virem n'ella a compuncção prophetica de Israel, porque a alma de Jehovah e o messianismo compozeram a figura do Pae e do Filho, dando á divindade um caracter a Vontade creadora, causa e architecto do Universo. Terão razão, tambem, os que affirmarem a supremacia do idealismo classico, porque o Filho, messias, é com effeito o Verbo, isto é, a Ideia absoluta, revelando-se ao mundo na fórma, e portanto, no pensamento humano.

«Não errarão, finalmente, os que, encarando sobretudo a constituição da Egreja e as praticas e os principios de moral affirmarem que o stoicismo latino, a moral social, o instincto juridico e o pensamento catholico são os traços originaes da religião nova.

«Tudo isto é assim; todas as opiniões são sustentaveis, pela razão allegada de que o christianismo amalgamou historicamente sem fundir syntheticamente essas conclusões dos pensamentos nacionaes congregados. D'ahi veio a sua força de expansão e a sua inconsistencia theologica. Pulverisado em seitas até ao momento em que, tornando-se religião official do Imperio, pôde mandar em vez de convencer, o christianismo incluia em si tantas egrejas quantas nações, e em cada uma d'ellas dominava o principio mais sympathico ao temperamento ethnico.

«Servindo a todos na sua modalidade excessiva, tornou-se ubiquo em torno do Mediterraneo, até que o islamismo lhe roubou as costas austraes, scindindo essa região do gremio europeu em que o dominio romano a fizera entrar.

«Chegados, pois, a este momento em que todas as linhas da nossa viagem convergem a um ponto—pois tudo converge para o centro mediterraneo do mundo—achando no pensamento eminente, acabada a evolução da mythologia, já nos seus tres momentos metaphysicos (animismo, naturalismo, idealismo), já na série das fórmas constantes que, partindo das representações ingenuas, seguem pelas divinisações para acabar no humanismo; chegados, pois, a este momento, e observando uma regressão universal formulada nos mythos novos do christianismo, que conclusão devemos adoptar?

«Desde o começo notamos que na construcção espontanea das mythologias ha duas origens parallelas—a astral e a psychica. O homem primitivo animisa os astros e os phenomenos metereologicos que vê, e os sonhos e as sombras que *imagina vêr:* d'ahi sahem os olympos e a eschatologia, as theorias da vida e da morte, evolvendo-se parallelamente, chegando umas vezes a fundir-se n'uma religião synthetica (como no Egypto e na Judéa), mantendo-se outras vezes separadas e em graus diversos de evolução—como entre os indo-europeus. As syntheses porém não trazem a paz, trazem a morte—ao Egypto, afogado em sonhos eschatologicos; e á Judéa suffocada pela Vontade esmaga-

dora do seu Deus. Por outro lado, o idealismo, chegando na esphera da mythologia astral a mostrar o vazio dos céus ou o humanismo das ideias mythicas, pára na esphera da mythologia psychica sem poder sahir do estado animista na interpretação da Morte; vindo-lhe d'esse desequilibrio a desorganisação e o regresso evolutivo que, depois de produzir o desvairamento orgiaco, se consolida no christianismo.

«Parece-nos a nós, presentes os documentos adduzidos, que a theoria d'estes casos está na propria natureza das duas grandes regiões de mythos — os reaes e os phantasticos: as invenções achadas para explicar o que se *vê*, e aquellas que explicam o que se *julga vêr*. O Egypto e a Judéa reduziram tudo á allucinação, descobrindo a unidade na morte ou animista ou psychologica. O idealismo classico, por virtude da superioridade constitucional d'esse pensamento, genio ou *vis* intima da raça entre todas eminente, não podia enlouquecer. A sua definição humanista da mythologia astral era um primeiro termo da evolução do espirito critico. Dissipando as nuvens do ar, não podia comtudo dissipar ainda as sombras da allucinação e do sonho. Vendo que a mythologia das cousas reaes ou visiveis era uma ficção, não possuia ainda saber sufficiente para vêr tambem que eram illusões subjectivas os mythos das cousas suppostas. Póde fazer do céu phantastico um firmamento astronomico, mas não podendo varrer dos ares as almas dos mortos nem os deuses da visão, inventou o mytho das Idéas para os conceber. E' muito maior a difficuldade de analysar e definir as illusões do nosso pensamento, do que as supposições da nossa vista; e o estado mental que deu de si o regresso ao animismo com a obliteração da sciencia e da philosophia antiga, é sem duvida alguma uma possibilidade actual ainda—embora seja muito maior e mais forte o alicerce de saber positivo que temos para estribar o nosso pensamento.

«A superstição rebenta no seio da propria sciéncia, e o fetichismo viça dentro da religião herdeira dos semitas e dos gregos. Umas paginas de exemplos documentarão estas affirmações, completando o circulo do nosso estudo.

«Todos os povos tem, qualquer que seja a religião que reconheçam, um conjunto de superstições archaicas: na Europa moderna essas superstições, residuo de mythos, já remotos durante a Antiguidade, são as do animismo, porque o christianismo, admittiu no seu seio, mudando-lhes os nomes para mais tarde lhes mudar o significado, todos ou quasi todos os elementos mythologicos das religiões que o precederam concorrendo para o constituir. Em mais que um caso, porém, o fetichismo dos ritos antigos passou tal qual para os novos: assim no Russilhão as reliquias de S. Galderico são mergulhadas, como outr'ora a imagem de Cybele, para obter chuva; assim o phallus dos cultos genesiacos é venerado n'uma capella de S. Vito, junto de Schwitzerhoff, e para não ir mais longe nem fatigar o leitor com exemplos de um caso sabido, citaremos apenas os «testiculos de S. Gonçalo» que se vendem como pãesinhos bentos na romaria de Amarante.

«S. Vito foi o herdeiro dos templos dos Hermes, substituindo-se-lhes no culto; a Virgem tomou o lugar de Ceres; na Allemanha, o Christo, S. Miguel ou S. Martinho succederam a Odhin, e a Donar S. Pedro ou o proprio Jesus;

Fró foi supplantado por S. André, S. Estevam, S. Nicolau. Nossa-Senhora herdou o culto de muitas deusas, S. Gertrudes o de Gerdha, etc. n'esse templos da floresta que os missionarios, não podendo destruir, sanctificavam adaptando-os á religião nova.

«De Loki fez-se o demonio, e, ao lado dos anjos que se filiam nas *idéas* platonicas e nas *virtudes* latinas, os genios obscuros da terra e do ar passaram a cohorte dos espiritos infernaes. Pela porta do inferno, que não é a Hades grego, mais sim um Tartaro desenhado com feições egypcias principalmente, os *jenii* entraram no corpo da mythologia neo-mediterranea ou christan, com um caracter negativo. Hecate era tambem o demonio que apparecia de noute nas encrusilhadas e que as *casulae* evocavam nos *fana* consagrados aos velhos deuses. A Antiguidade pela bocca dos seus philosophos condemnara como *van* a magia, e a Egreja pela bocca dos seus doutores condemnava-a como *infernal*: n'isto se vê o grau d'essa crise que, como todas as crises sociaes, exacerbando as tendencias mystagogicas, conturbando a pureza do pensamento, desequilibrando a balança da ordem ideal, fazem reviver os archaismos mythicos.

«No inferno se congregaram todos os elementos do mythologia eschatologica dos antigos, e dos genios, lares, penates, manes, fizeram-se demonios. Os heroes foram archanjos, diabos os deuses chtonicos e os do céu nocturno. A alluvião de gnomos das mythologias celto-germanicas deu o maior contingente ao inferno da imaginação popular: os trolls, kobolds, elfes, ondinas, nix, da Allemanha e da Scandinavia: os follets, goblins, lutins, da França: os brownies e cluricannes da Escocia e Irlanda: os dussii (*deuce*, demonio) e os nikr, nick, da Inglaterra, onde hoje ainda o povo chama ao diabo *old nick*.

«Transformadas nos nomes muito mais do que na expressão, as mythologias neo-aryanas da Europa, christianisadas, tornavam-se subalternas do monotheismo psychologico semetico e da eschatologia egypcia com que os doutores da Egreja construiam o edificio theologico do christianismo. Sobre a structura dos mythos espontaneos, vistos agora pelo povo com uma côr nova, assentava a structura dos mythos «do pensamento» — deus, verbo, idéas, juizo-final, peccado-original, redempção, etc. isto é, a herança aggregada do hellenismo, do semitismo e da religião dos egypcios.

«O recrudescimento da *superstição*, ou dos stratos inferiores da mythologia, nas epochas de decadencia ou reconstrucção social, é um facto já indicado por nós mais de uma vez, já estudado na Antiguidade, e que se repete na Europa morderna quando na Renascença os progressos do pensamento começam a desconjuntar o systema da combinação christan. Observa-se então uma série de phenomenos regressivos: vêem-se mythos de representação grosseira e o fetichismo correlativo tomarem o lugar dos mythos do pensamento ou racionaes; e do seio da religião herdeira do hellenismo saem por degeneração os fetiches theologicos — os bentinhos, as medalhas, as imagens, as cruzes e a hostia. Como os áugures de Roma na decadencia, parece que tambem na Roma de Leão x os padres, consagrando, diziam com uma ironia abjecta, *es et panis manebis!* Encerrado, assim, um circulo historico, o sacerdote sceptico, verda-

deiro charlatão, vale menos que o feiticeiro com o seu charlatanismo simples e ingenuo.

«Dadas estas explicações summarias, excluamos do quadro do nosso estudo os mythos «do pensamento» no christianismo, productos da consciencia individual que pertencem á theologia ou á philosophia, e entram por isso na esphera da historia propriamente dita. N'essa que nós chamamos prehistoria, isto é, na esphera do collectivo, do espontaneo e do inconsciente, ficam-nos os mythos da imaginação, factos de sobrevivencia ou de regressão. E das observações summariadas resulta que o systema d'esses mythos na Europa moderna se póde dividir em quatro grandes categorias: *a)* os animistas primitivos; *b)* os tradicionaes indo-europeus, suffocados e condemnados pelo christianismo; *c)* os christianisados; e *d)* os que nascem por degeneração da propria religião nova.

«Destrinçar em cada exemplo a parte que compete a cada um d'estes elementos, é trabalho que não cabe, senão de um modo grosseiro, nos limites nem no quadro do nosso estudo: a perspicacia e o saber de quem lê poderão supprir, comtudo, muitas vezes a deficiencia do texto.»

Voltemos agora aos godos, de que nos affastámos, para dar ideia ao leitor da religião d'estes povos, e das metamorphoses porque elle foi passando:

Feita a conquista, segundo o Monge de Silos, toda a raça goda, soltas as redeas do governo, começou a inclinar o animo para a lascivia e soberba.

O nosso grande historiador, Alexandre Herculano, descreve assim a traços vigorosos as caracteristicas d'estes conquistadores da peninsula iberica:

«A raça dos wisigodos, conquistadora das Hespanhas, subjugara toda a peninsula havia mais de um seculo. Nenhuma das tribus germanicas, que, dividindo entre si as provincias do imperio dos cesares, tinham tentado vestir sua barbara nudez com os traços despedaçados mas esplendidos da civilisação romana, soubera como os godos ajunctar esses fragmentos de purpura e ouro, para se compôr a exemplo do povo civilisado.

«Leudwighild expulsára da Hespanha os derradeiros soldados dos imperadores gregos, reprimira a audacia dos frankos, que em suas correrias assolavam as provincias wisigothicas d'além dos Pyrineus, acabára com a especie de monarchia que os suevos tinham instituido na Gallecia, e expirara em Toletum, depois de ter estabelecido leis politicas e civis, e a ordem publica nos seus vastos dominios, que se estendiam de mar a mar, e ainda, transpondo as montanhas da Vasconia, abrangiam uma grande porção da antiga Gallia narbonense.

«Desde essa épocha a distincção das duas raças, a conquistadora ou goda e a romana ou conquistada, quasi desappareceram, e os homens do norte se haviam confundido com os do meio-dia em uma só nação, para cuja grandeza contribuira aquella com as virtudes asperas da selvagem Germania, esta com as tradicções da cultura e policia romanas.

«As leis dos cesares, pelas quaes se regiam os vencidos, misturaram-se com as singelas e rudes instituições wisigothicas; e já um codigo unico, escripto na lingua latina, regulava os direitos e deveres communs, quando o arianismo, que os godos tinham abraçado o evangelho, se declarou vencido pelo catholicismo, a que pertencia a raça romana.

«Esta conversão dos vencedores á crença dos subjugados foi o complemento da fusão social dos dois povos. A civilisação, porém, que suavisou a rudeza dos barbaros, era uma civilisação velha e corrupta. Por alguns bens que produziu para aquelles homens primitivos, trouxe-lhes o peior dos males, a preversão moral.

«A monarchia wisigothica procurou imitar o luxo do imperio que morrera, e que ella substituira. Toletum quiz ser a imagem de Roma. Esta causa principal, ajudada por muitas outras nascidas em grande parte da mesma origem, geraram a dissolução politica por via da dissolução moral.

«Debalde muitos homens de genio revestidos da auctoridade suprema tentaram evitar a ruina que viam no futuro: debalde o clero hespanhol, incomparavelmente o mais allumiado da Europa n'aquellas épochas tenebrosas, e cuja influencia nos negocios publicos era maior que a de todas as outras classes juntas, procurou nas severas leis dos concilios, que eram verdadeiros parlamentos politicos, reter a nação que se despenhava. A podridão tinha chegado ao amago da arvore, e ella devia seccar: o proprio clero se corrompera por fim. O vicio e a degeneração corriam soltamente, rota a ultima barreira.

«Foi então que o celebre Ruderico se apoderou da corôa. Os filhos do seu predecessor Witiza, os mancebos Sisebuto e Ebbas, lh'a disputaram largo tempo; mas, segundo parece dos escassos monumentos historicos d'essa escura época, cederam por fim, não á usurpacão, porque o throno gothico não era legalmente hereditario, mas á fortuna e ousadia do ambicioso soldado, que os deixou viver em paz na propria côrte, e os revestiu de dignidades militares.

«D'ahi, se dermos credito a antigos historiadores, lhe veio a ultima ruina na batalha do rio Chryssus ou Guadalete, em que o imperio gothico foi aniquillado.

«No meio, porém, da decadencia dos godos, algumas almas conservavam ainda a tempera robusta dos antigos homens da Germania. Da civilisação romana, ellas não haviam acceitado senão a cultura intellectual, e as sublimes theorias moraes do christianismo. As virtudes civís, e sobretudo o amor da patria, tinham nascido para os godos, logo que, fixando o seu domicilio nas Hespanhas, possuiram de paes a filhos o campo agricultado, o lar domestico, o templo da oração, e o cauterio do repouso e da saudade.

«N'estes corações, onde reinavam affectos, ao mesmo tempo ardentes e profundos, porque n'elles a indole meridional se misturava com o caracter tenaz dos povos do norte, a moral evangelica, revestia esses affectos de uma poesia divina, e a civilisação os ornava de uma expressão suave, que lhes realçava a poesia.

«Mas, em fim do seculo setimo, eram já bem raros aquelles em que as tradições da cultura romana não haviam subjugado os instinctos generosos da

barbaria germanica, e a quem o christianismo fazia ainda escutar o seu verbo intimo, esquecido no meio do luxo profano do clero, e da pompa insensata do culto exterior.

«Uma longa paz com as outras nações tinha convertido a antiga energia dos godos em alimento das dissenções intestinas, e a guerra civil, gastando essa energia, havia posto em logar d'ella o habito das traições cobardes, das vinganças mesquinhas, dos enredos infames e das abjecções ambiciosas. O povo esmagado debaixo do peso dos tributos, dilacerado pelas luctas dos bandos civis, prosituido ás paixões desregradas dos poderosos, esquecêra completamente as virtudes guerreiras dos seus avós: as leis de Wamba, e as expressões de Erwig, no duodecimo concilio de Toletum revelam quão fundo ia n'esta parte o cancro da degeneração moral das Hespanhas.

«No meio de tantos e tão duros vexames e padecimentos, o mais custoso e aborrecido de todos elles para os effeminados descendentes dos soldados de Theoderik, de Torsemund, de Theudes e de Leudwighild era o vestir as armas em defensão d'aquella mesma patria, que os heroes wisigodos tinham conquistado para a legarem a seus filhos; e a infamia que a lei impunha aos que recusavam defendel-a era preferida pela maioria do povo aos riscos gloriosos dos combates, e á vida fadigosa da guerra.»

Ainda n'outra passagem diz o mesmo auctor, a proposito do dominio dos godos na peninsula:

«Pretendendo fixar a acção (do *Eurico*) que imaginei n'uma épocha de transição — a da morte do imperio gothico, e do nascimento das sociedades modernas da Peninsula, tive de luctar com a difficuldade de descrever successos e retratar homens, que, se por um lado pertenciam a épochas que nas recordações da Hespanha tenho por analogas aos tempos heroicos da Grecia, precediam immediatamente por outro a épocha a que, em rigor podemos chamar historica, ao menos em relação ao romance. Desde a primeira até á ultima pagina do meu pobre livro, caminhei sempre por estrada duvidosa traçada em terreno movediço; se o fiz com passos firmes ou vacillantes, outros que não eu, o dirão.

«Conhecemos talvez a sociedade wisigothica melhor que a de Oviedo e Leão, que a do nosso Portugal no primeiro periodo da sua existencia como individuo politico. Sabemos melhor quaes foram as instituições dos godos, as suas leis, os seus usos, a sua civilisação intellectual e material, do que sabemos o que era tudo isso em seculos mais proximos de nós.

«O esplendor dos paços, as formulas dos tribunaes, os ritos dos templos, a administração, a milicia a propriedade, as relações civis são menos nebulosas e incertas para as eras gothicas que durante o longo periodo da restauração christã. E com tudo o reproduzir a vida d'essa sociedade, que nos legou tantos monumentos com as fórmas do verdadeiro romance historico te-

mol-o por impossivel, ao passo que representar a existencia dos homens do undecimo ou dos seguintes seculos será para os que o tiver estudado, não digo facil, mas sem duvida possivel.

«Qual é a causa d'isto?

«E' que nós conhecemos a vida publica dos wisigodos e não a sua vida intima, emquanto os seculos da Hespanha restaurada revelam-nos a segunda com mais individuação e verdade que a primeira. Dos godos restam-nos codigos, historia, litteratura, monumentos escriptos de todo o genero, mas os codigos e a litteratura são reflexos mais ou menos pallidos das leis e erudicção do imperio romano, e a historia desconhece o povo. O gothicismo hespanhol, ao primeiro aspecto, parece mover-se. Palpamol-o: é uma estatua de marmore, fria, immovel, hirta. As portas das habitações dos cidadãos cerram-nas os sete sellos do Apocalypse: são a campa da familia: — a familia goda é para nós como se nunca existisse.

«Não cabe n'uma nota o fazer sentir esse não sei que de magestade *esculptural* que conserva sempre a raça wisigothica, por mais que tentemos galvanisal-a, nem o contrapôr-lhe as gerações nascidas durante a reacção contra o islamismo, que surgem e agitam-se e vivem quando lhes applicamos a corrente electrica e mysteriosa, que partindo da imaginação vae despertar os tempos que foram do seu calado sepulchro.

«D'esta differença, que é mais facil sentir que definir, nasce a necessidade de estabelecer uma distincção nas fórmas litterarias applicadas ás diversas épochas da antiga Hespanha, a romano germanica, e a moderna.

«O periodo wisigothico deve ser para nós como os tempos homericos da Peninsula.»

Citámos as palavras do nosso grande historiador, porque além de nos fornecerem ensejo para deixarmos aqui um esplendido quadro dos tempos gothicos, servem tambem para escudados na sua opinião auctorisadissima, dizermos aos leitores quanto é difficil apresentar-lhes uma succinta analyse dos costumes dissolutos d'essa remota épocha.

A phantasia poderia supprir a falta de dados exactos, mas preferimos pol-a de parte desde o momento em que nos achamos prestes a chegar ao limiar da edade moderna.

Durante o dominio dos visigodos, a prostituição passou por varias alternativas. Umas vezes vemol-a tolerada, outras perseguida, outras terminantemente prohibida.

Ahi damos, em succinto resumo, o que podemos saber a este respeito.

Depois da queda do imperio romano, os barbaros, que haviam repartido os seus despojos, deixaram-se conquistar por sua vez pelos attractivos e encantos do vicio, e entregaram-se com furor aos prazeres faceis de uma sociedade corrompida.

A influencia de um clima novo, o fogo do temperamento d'esses homens primitivos, a violencia e impetuosidade do seu natural arrastaram-nos, pouco depois da conquista, a todas as desordens dos costumes de uma sociedade decadente.

As leis romanas, cujo espirito havia sobrevivido á ruina do imperio, foram impotentes, apesar da sua severidade—e n'esta obra já por varias vezes apontamos algumas d'essas leis, que eram quasi sempre lettra morta — foram bem fragil dique á torrente das paixões desencadeadas e revoltas.

Nas cidades populosas a prostituição assumiu proporções horriveis. Os costumes corromperam-se como não havia exemplo em eras extinctas. Essas cidades eram um vasto e infrene lupanar, uma orgia espantosissima!...

Muitos dos monarchas godos fomentavam pelo seu exemplo esta enorme dissolução.

Raros eram os que se propunham diminuir-lhe os terriveis effeitos.

Subiu ao throno Reccáredo, denominado o *Catholico,* em 586, e este monarcha resolveu pôr um dique á torrente dissoluta.

Homem energico e corajoso, perante a gravidade do mal, tomou providencias violentas.

A sua primeira medida foi prohibir absolutamente a prostituição, sob as mais rigorosas penas.

N'essa lei celebre, encontram-se as seguintes disposições:

A rapariga e a mulher, nascida de paes livres, convictas de se entregarem á prostituição e de excitarem á libertinagem, eram castigadas pela primeira vez com trezentos açoites e expulsas ignominiosamente da cidade.

A reincidencia castigava-se com egual pena corporal, e depois d'ella a culpada era entregue a um homem indigente, que devia empregal-a em trabalhos penosos e servís, sem lhe permittir que se apresentasse jámais na cidade.

Em consequencia d'esta medida foram arrancadas aos prostibulos muitas desgraçadas, que depois de serem fustigadas na praça publica, iam para os campos, onde sob o azorrague dos senhores a quem as entregavam, e que eram quasi sempre uns miseraveis especuladores, se entregavam ás mais pesadas fainas da agricultura, sem obterem d'esse trabalho outra recompensa além do magro alimento, que tantas vezes disputavam aos cães e aos cevados!

Os paes, cumplices da conducta irregular de suas filhas, e convictos de tirar algum lucro da sua libertinagem, recebiam cada qual cem açoites.

A escrava, que se dedicava publicamente á libertinagem, recebia trezentos açoites, e era logo enviada a seu senhor, para ser expulsa da cidade, ou vendida para qualquer ponto remoto, d'onde nunca mais podia sahir.

O senhor, que se recusava a acatar estas disposições da lei, recebia em publico cincoenta açoites, passando logo a escrava a ser propriedade de um homem, designado pelo rei, pelo conde ou pelo juiz, com prohibição expressa de nunca mais apparecer na cidade.

Se o senhor havia consentido na conducta escandalosa da escrava, e se

provava haver recebido d'esta algum lucro, recebia o mesmo castigo da culpada, trezentos açoites.

Este decreto promulgado especialmente para reprimir a prostituição nas cidades, comprehendia tambem as mulheres de vida escandalosa que infestavam as aldeias, as villas e os campos.

Os juizes, convencidos de incuria ou venalidade, eram castigados com cem açoites e trinta soldos de multa.

A severidade exaggerada da lei é um symptoma da gravidade do mal.

Muito corrompidos deviam estar os costumes n'esta épocha para ser necessario adoptar providencias tão energicas e sevéras!

O desterro perpetuo, e, em caso de reincidencia, a perda da liberdade, succediam-se á pena corporal, e ainda assim, pelas providencias adoptadas pelo rei Recaredo, comprehende-se que nem o mais ignominioso castigo se reputava bastante forte para destruir o vicio tão profundamente arraigado.

Um commentario apenas a esta lei:

O senhor que auctorisava a libertinagem da sua escrava era mais severamente castigado do que os paes que traficavam com a desgraça de sua filha.

N'esta determinação da lei de Reccáredo, não domina já o espirito da legislação romana. O que se conhece n'ella bem claramente é o influxo christão dos concilios.

Para os paes, a vergonha devia ser o maior castigo do crime, emquanto que só uma pena infamante podia proteger a honra da escrava, victima indefeza da vontade absoluta e dos despoticos caprichos do seu senhor.

O escravo, pois, graças á salutar influencia do christianismo, começava a ser mais do que uma cousa, á mercê de todas as arbitrariedades d'aquelle a quem pertencia.

........ ....... ............................................ ..... .......

Antes de contarmos a nova invasão que se avisinhava, a dos arabes, seja-nos permittido, segundo o methodo que temos seguido, definir o estado das differentes classes na peninsula, durante o dominio godo.

A authoridade civil estava subordinada á ecclesiastica. O poder absoluto dos reis protegia a Egreja, e recebia d'ella a santificação de que precisava para se tornar acceite e temido das massas populares.

A monarchia era electiva. Foi sempre assim, emquanto a guerra occupou estes povos. Na paz este systema obliterava-se por vezes, mas ainda assim foi sempre admittido como principio até ao desmoronamento do imperio.

Para a eleição, reuniam-se grandes assembléas. Estas assembléas, foram a origem dos parlamentos da Inglaterra.

A' medida que a monarchia wisigothica se nacionalisava, a essas assembléas succederam os concilios. São estes d'aqui em diante as assembléas nacionaes, occupando-se não só de assumptos religiosos, mas tambem de questões politicas e administrativas. O clero facultava á nação estas assembléas, e a authoridade do monarcha era por ellas coarctada bastantes vezes.

Ouçamos o sr. Oliveira Martins:

«Desde o reinado de Reccáredo (586-601) até o de Witiza (701-10) immediato predecessor do infeliz Ruderico, reuniram-se dezeseis concilios nacionaes a que presidiam os metropolitanos da Hespanha—Toledo, Sevilha, Merida, Braga, Tarragona e Narbona. O facto de ser o rei quem convocava os concilios quando o julgava necessario, está mostrando que a missão d'elles se reduzia a esclarecer e a sanccionar com a sua authoridade moral os actos do corôa. A força do clero na esphera politica provinha da consideração que a corôa lhe dispensava: e esta ganhava, com a adhesão da Egreja, uma authoridade superior á da força. O concurso de taes circumstancias faz com que a monarchia visigothica adquira uma soberania e uma independencia então desconhecidas do commum dos reis na Europa.

«Por ventura os concilios viriam com o tempo a transformar-se em verdadeiras assembléas nacionaes, se a invasão sarracena não tivesse abreviado os dias do imperio dos godos. Effectivamente, desde o V convocado por Suintila (621-31) apparecem os nobres reunidos ao clero na assembléa; sendo verdade, porém, que esta regra não se realisa em tados os concilios posteriores, embora a partir do VIII seculo não haja mais excepções.

«Os nobres congregavam-se com o clero, por convite do rei, e não por direito de classe. Tão pouco a intervenção do povo era regular. Tudo o que a esse respeito se póde dizer, é que as sessões do concilio eram publicas: e imaginar uma representação ou intervenção das classes populares é illusorio, porque o povo nem deliberava, nem votava, nem sequer era regularmente convocado. Como diz um *canon*, o povo assistia, não para prestar suffragio, mas «para defender a fé commum, até com armas, se tanto fosse mistér».

«Vimos o papel da monarchia perante essa especie de parlamento, se assim é licito chamar aos concilios. Apoiados sobre a auctoridade moral do clero, os reis, embora não reconheçam poderes independentes nos barões, têm tambem na *Aula regia* uma instituição por via da qual conseguem aggremiar junto a si os principaes dos nobres, e derivar em proveito proprio a força de que elles dispõem, partilhando ou affectando partilhar uma soberania que não consentem ver dividida.

«O *Officium palatinum* ou *Aula regia* fôra creado no imperio romano por Diocleciano; e do Imperio os godos tinham recebido a instituição, conservando-lhe o caracter e até o proprio nome. A *Aula regia* compunha-se dos principaes officiaes da côrte, dos magistrados superiores do governo, civis e militares, e além d'isso dos favorecidos pela escolha do rei. No seu seio se encontravam as duas aristocracias—a burocratica dos romanos e a militar dos godos—reunidas em volta do throno. Especie de Conselho-de-Estado, a *Aula regia* exercia pela categoria dos seus membros uma influencia activa e permanente nas decisões do rei; chegando até a impôr-se-lhe, como succedeu quando levou a cabo a deposição de Wamba (672-80).

«Entre outras causas, porém, a falta de homogeneidade que necessariamente devia dar-se na reunião dos nobres hispano-romanos e godos, e a faculdade absoluta que o rei tinha de chamar para o seio da *Aula* qualquer que

favorecesse com a sua escolha, tiravam força politica a este corpo. Com effeito, a fidalga assembléa desce ao ponto dos reis introduzirem até servos no seio d'ella, como se vê quando o concilio XII declara que só os *fiscaes* (adeante definiremos esta expressão) poderiam exercer officios palatinos, com exclusão de todos os outros servos e libertos.

«Collocada entre estes dois poderes do Estado — o Officio-palatino e os Concilios — a monarchia tinha naturalmente indicada como marcha politica a dominação de ambos, oppondo-os um ao outro, aproveitando dos conflictos, e levantando sobre elles o fundamento de uma auctoridade soberana. Ainda n'este ponto são os Concilios que dão a originalidade politica á Hespanha, depois de lhe terem dado a superioridade social. São elles os ponderadores da influencia d'esses nobres — que em França, depois da queda dos carlovingianos, gradualmente usurpam a auctoridade real e por fim a absorvem de todo.

«A administração dos visigodos, ao contrario, reproduz nos seus traços geraes a romana: é o systema de uma centralisação e regime semi-militar do tempo do antigo imperio. No reinado de Reccáredo (586-601) apparecem as fronteiras da Hespanha confiadas aos duques, similhantes aos antigos *legati augustales*, governadores que reunem a auctoridade civil e militar. Eram cinco estes *duces limitanei*: de Cantabria, de Carthagena, de Merida, da Lusitania e de Narbona. A administração civil das cidades era confiada aos condes *(comes civitatum)* sob a auctoridade superior dos duques. O conde nomeava os *vicarios* ou juizes, os *vilicos* ou regedores das aldeias *(pagi)* — e das suas funcções nos municipios teremos occasão de fallar quando tratarmos d'estes ultimos.

«Além dos concilios e da *aula regia*, corpos a que, usando de uma expressão moderna, chamaremos consultivos, havia junto ao monarcha um conselho permanente. Copiado no antigo imperio romano, era composto dos officiaes da casa do rei, d'aquelles a que propriamente se póde chamar ministros-de-Estado, e dos que partilhavam dos dous caracteres — como veiu succedendo até nossos dias, em quanto as revoluções contemporaneas não separaram o erario regio da fazenda nacional. Assim o *comes thesaurorum* era a um tempo almoxarife e ministro da fazenda; o *c. patrimoniorum*, uma especie de ministro do imperio: *c. notariorum*, similhante a um procurador geral da corôa; o *c. spathiorum*, general em chefe das guardas do rei (cousa diversa do exercito, que então se formava com os contingentes da nobreza e dos concelhos): o *c. scanciarum*, mordomo-mór; o *c. cubiculi*, camareiro-mór; o *c. stabuli*, estribeiro-mór; e finalmente o *c. exercitus*, ministro da guerra.

«Se a administração dos visigodos não offerece tamanho interesse como o que os concilios dão á sua constituição, as alterações que a invasão germanica produz na condição das pessoas e no modo de ser das classes, tornam esse estudo o mais importante para a verdadeira comprehensão da historia ulterior da Hespanha.

«Duas grandes categorias dividem a população: os livres (*ingenui*), e os não-livres (*servi*); e dizemos assim porque foi principalmente na condição

dos antigos escravos que o facto da invasão goda exerceu uma influencia mais profunda.

«Vemos os ingenuos ou livres divididos em duas classes — nobres, e não-nobres. Começando pelos primeiros, observámos que o facto da invasão e a fórma do dominio conservaram juxtaposta a antiga aristocracia burocratica e militar dos romanos e a aristocracia goda. A primeira, naturalmente reduzida pela expropriação das duas terças partes dos terrenos de que os godos se apossaram depois da conquista, perdia a importancia todos os dias: os funccionarios despedidos e os proprietarios expropriados iam passando á condição vulgar, sem perda da liberdade.

«Porém, depois da conversão de Reccáredo e da promulgação do codigo visigothico (649), a sociedade unificada permittiu uma fórma de nobilitação de nova especie aos hispano-romanos que constituiam o grosso da população onde o clero se recrutava. A Egreja era o novo destino aberto á classe media para adquirir fóros de uma nobreza, que hombreava com a nobreza militar dos godos. A aristocracia ecclesiastica reproduzia os caracteres da antiga aristocracia romana; porque, segundo se sabe, não tinha por base a stirpe, mas sim o individuo, ou o cargo eminente em que elle se achava investido. Conhecedores da natureza da acção da Egreja no meio da sociedade goda, apenas carecemos dizer que, apesar de assentar n'uma origem diversa e de partir de uma tradição anterior, a aristocracia ecclesiastica não revindicava para si fóros exclusivos, antes reconhecia na nobreza militar dos godos um facto real sobre que apenas pretendia influir, moralisando.

«A nobreza goda distinguia-se da nacional, burocratica e ecclesiastica, não tanto nas funcções militares dos seus membros — pois vimos que os militares romanos tambem eram nobres — como no systema da apropriação e transmissão das terras, systema radicalmente diverso do romano, conforme n'outro lugar tivemos já occasião de observar. Além do systema havia o facto da disparidade da riqueza predial, pois que os godos, ao tomarem posse da Hespanha, tinham apropriado a si dous terços de todas as terras por direito de conquista. A clientela militar, que descia desde o rei até ao buccellario por uma escala de transmissões beneficiarias, constituia o modo de distribuição das terras, e era a base dos direitos de suzerania de uns e da vassalagem de outros, nos successivos graus d'essa escala. A hereditariedade do beneficio, mais ou menos contestada, mais ou menos dependente de confirmações vitalicias, era, e nem podia deixar de ser, a base do systema. A aristocracia romana fôra politica, a visigoda é territorial: por isso uma fôra vitalicia, em quanto a outra é essencialmente hereditaria, quaesquer que sejam as infracções accidentaes ou locaes á pura realisação do principio. Uma recrutava-se permanentemente no seio do povo; a outra, vinculada á terra, constitue atravez dos tempos uma verdadeira casta. E como a propriedade é o alicerce do systema das instituições, podemos dizer que a sociedade romana era em essencia uma democracia, ao passo que a sociedade goda é tambem em essencia uma aristocracia.

«Se quizermos proseguir o nosso exame, passando dos caracteres intimos, que determinam a existencia da classe, aos seus aspectos exteriores, encon-

tramos fazendo parte do collegio da nobreza goda, além d'essa *aula regia* que já estudámos e cujos membros têem officialmente os titulos de *optimates* e de *primates palatii*, as authoridades locaes superiores designadas pelo titulo de *majores loci*: os duques, os condes, os gardingos — especie sobre que os eruditos não têem podido chegar a um accordo — e, no fim d'esta escala, os *leudes* ou lidos do rei.

«Nem a todos os godos domiciliados na Hespanha, por grande que ella fosse e por limitado que devesse ter sido o numero dos primeiros, coube porém a fortuna de obter uma parcella de propriedade na divisão das terras confiscadas. Isso creou, ao lado da grande classe media hispano-romana, uma pequena porção de população goda, livre mas não-nobre: eram os *bucellarios*. Offereciam a um barão rico e poderoso o serviço do seu braço, sob a condição de beneficio. Eram para os nobres o que os lidos eram para os reis: eram quasi nobres, provavelmente homens sem meios, habituados á vida guerreira, e por isso incapazes de se sujeitarem ao regime do trabalho dos agricultores hispano-romanos.

«D'estes ultimos se formava a grande massa da população livre. O nome de *possessores* designava, não só os proprietarios livres, como os *primati*, denominação cujo valor determinámos ao estudar o municipio romano. A propriedade livre, mas não-nobre, distinguia-se da aristocratica no facto de estar onerada, não só com os tributos militares, como com a capitação territorial ou jugada (*jugatio*, herdada dos romanos — e que, apesar de se dizer capitação, continuava a ter como base a unidade de área de terra e não o individuo ou cabeça. As terras exploradas por este regime constituiam as *tertiae romanorum*; e além de serem as unicas tributadas, seus donos e todos os não-proprietarios, artifices e trabalhadores, quer livres quer servos, isto é, a massa inteira da população não-nobre, estavam sujeitos a uma contribuição pessoal (*humana capitatio*), chamando-se Censo ao conjuncto das duas capitações, a territorial e a pessoal.

«Agora que observámos a condição em que a conquista collocou a classe media hispano-romana, é o momento de vermos a influencia d'esse facto sobre a instituição-mãe da mesma classe. E' opinião assente que a invasão goda, em vez de continuar n'este ponto a acção da administração imperial, como que restaurou as instituições municipaes. Quaesquer que tivessem sido as attribuições do conde godo que vem tomar o logar do *rector* romano; quaesquer que tivessem sido as alterações no regime interno do municipio — e sobre este ponto variam as opiniões — é facto que a curia, base elementar do edificio municipal, volta a adquirir muito do que tinha perdido em importancia.

«Um facto anteriormente apontado como uma das causas da decadencia da curia, não póde mais dar-se, por virtude das proprias condições originadas das conquistas. Vimos que nos tempos romanos a ambição do curial era conseguir ter desempenhado a serie inteira dos cargos municipaes para assim poder passar á condição dos *honorati*, entrando no seio de uma aristocracia que lhe conferia todos os privilegios e isenções. Embora o desejo, o curial não póde

agora sair da sua condição. As portas da aristocracia fecharam-se; a nobreza é uma casta, já não é uma classe; e para ter ingresso n'ella, á falta da origem de sangue, ha um caminho unico — o da Egreja.

«Entre as diversas categorias dos *ingenui* ou livres, até agora enumeradas, e as diversas especies de servidão que a seu tempo estudaremos, encontramos os colonos — classe que não pertence, nem á primeira nem á segunda das duas divisões da população; mas entre ambas, como uma transição, tanto póde ser considerada uma quasi-liberdade de servos, como uma quasi-servidão de homens livres. Se a historia nos diz que o colonato já no tempo do Imperio começava a ser uma fórma de emancipação incompleta dos servos, tambem nos diz que as crises das invasões fizeram descer á condição de colonos muitos homens livres. O facto é que a classe apparece agora com uma importancia nova; e o nome de *plebei* que no tempo dos romanos, conjunctamente com os de *privati*, designava a massa dos proletarios, designa agora já especialmente os colonos. Colono é aquelle que cultiva o campo alheio, livre quanto á pessoa, mas adscripto á terra que agricultа. O colonato caracterisa-se mais pelas relações do dominio do senhor ou patrão sobre a terra possuida pelo *lido*, do que sobre a pessoa d'este. Se a instituição, por um lado, parece ir filiar-se no systema de beneficio e protecção da propriedade goda, é facto que ella já existia sob a administração romana; e por isso vemos applicar-se o systema de colonato, não só ás *sortes* godas priviligiadas com a isenção de tributos, como ás *tertiae* tributarias deixadas aos hispano-romanos.

«Fórma de servidão mitigada, ou fórma rude e incompleta ainda de propriedade, o facto é que sob o regime feodal o colonato se obliterava na Europa: ao passo que se desenvolvia na Peninsula, tornando-se o principal instrumento de abolição da servidão. De tal modo surgia um novo motivo de primazia da Hespanha entre as nações européas da Edade-media; e mais tarde, na éra da Renascença, ella era a primeira de todas na scena politica, porque, já completamente acabada na sua elaboração interna, se achava capaz de exercer uma acção dominadora sobre o mundo.

«Falta-nos agora descrever a condição das classes servas. Qualquer que tivesse sido a acção das doutrinas dos philosophos antigos condemnando a escravidão como um facto contra a natureza, é provado que a condição real dos escravos se fôra tornando gradualmente supportavel. Verdade é, porém, que, em principio, o escravo romano era uma *cousa*, ao passo que o escravo godo, embora muito inferior aos *lidos* ou *plebei*, embora sem jurisdicção, era já um homem — como que um *menor* — voltando a escravidão a ter um caracter domestico. Assim se caracterisara tambem a escravidão entre gregos e romanos, quando a epocha do desenvolvimento particular d'essas sociedades fôra correspondente á epocha do desenvolvimento da sociedade germanica no momento da sua dessiminação pela Europa occidental. Primeiro as guerras, dando uma nova origem á escravidão, depois a industria, accrescentando uma segunda, fizeram obliterar o caracter domestico que em toda a parte é o primitivo.

«Entre os godos é o mistér ou officio que exprime genericamente a con-

dição servil: evidente prova da feição domestica da servidão. As leis designam sempre os servos pelos nomes de *ministeriales*, d'onde se fez a palavra mesteiraes, synonimo de artifices no portuguez da Edade-media. Effectivamente o servo *idoneo*, ou bom, é o mecanico e o artifice; os trabalhadores ruraes são *viliores*, infimos, rusticos, e para elles ha uma designação especial: *mancipii*. São a abjecção da abjecção.

«Differentes caminhos levavam, durante a paz, á condição de servo. O primeiro era o nascimento, e os outros as diversas fórmas de queda da condição livre: a insolvabilidade, ou a servidão fingida com o fim de o homem livre obter, vendendo-se, um preço indevido.

«Assim como a sociedade dos livres tem uma aristocracia, assim tambem succede á sociedade dos servos. O liberto ou *manumisso* é um dos typos d'essa nobreza; mas a verdadeira expressão d'ella está nos servos fiscaes, cuja situação effectiva é frequentemente superior á dos colonos e até á dos bucellarios. Os servos fiscaes eram os cobradores e escrivães da fazenda do principe. Encontrámol-os na *aula regia;* e acabando por dizer que até lhes era concedido o possuir outros servos da categoria infima dos *mancipii,* temos demonstrado a existencia da aristocracia.

«Julgamos ter percorrido toda a serie de problemas e phenomenos historicos, suggeridos pela constituição da monarchia visigoda. Pensamos ter descriminado, quanto nos limites d'este trabalho cabe, o que no systema de revoluções e instituições se deve considerar como pertencendo ao movimento de dissolução da Hespanha romana, e aquillo em que já apparecem elementos para a futura constituição da Hespanha moderna. Estas duas correntes seguem parallelamente o seu caminho atravez das épochas do dominio godo. Fatal, inevitavel, como é a primeira, só mais tarde a segunda poderá, livre e independentemente, avançar no sentido de um progresso positivo.

«A monarchia visigoda, como reproducção artificial que em parte era da monarchia imperial romana, cáe a pedaços, victima da corrupção interna, do virus desorganisador que actúa com maior energia ainda no rude e forte barbaro. Carlovingianos da Hespanha, já o dissemos, os reis godos têm de ceder aos novos invasores o sceptro mal seguro em suas mãos impotentes. A dissolução do Imperio antigo tem de consummar-se.

«Apesar de uma certa melhoria nas condições de algumas classes, as chagas fundamentaes da épocha romana, isto é, a propriedade condensada em grandes massas, a escravidão, a servidão geral que adscrevia á gleba os colonos, e os curiaes á propriedade, a voracidade fiscal: tudo se manteve e em parte se aggravou. O povo miseravel por-ventura esperara da Egreja a redempção: os escravos, fiados na doutrina caridosa do Evangelho, tinham talvez esperado a alforria: mas o clero, tornando-se governo, reconsiderara, e logo que empunhou o sceptro desposou as doutrinas inimigas. Santo Isidoro de Sevilha, que por tanto tempo dirigiu os concilios de Toledo e foi «gloria da Egreja catholica» reproduz as antigas theorias naturalistas de Aristoteles e de Cicero ácerca da escravidão, e a condição dos servos, se n'um sentido melhora, é todavia mais onerosa, pois ás obrigações antigas se juntam agora os servi-

ços pessoaes que principes e senhores visigodos implantam com o seu dominio.

«Os bispos regentes dos reis, os clerigos seus confessores, levando pelo terror do inferno os barbaros infantis e corrompidos, governando nos concilios que presidem á nação, nada fizeram no sentido de melhorar a sorte d'ella. Apenas fundaram uma nova theoria do Estado—a theocracia. Rodeado dos seus fidalgos, o rei vinha humildemente ajoelhar deante dos padres do concilio, implorando com soluços e lagrimas que interviessem por elle perante Deus para lhe inspirar leis sabias. Constituida a fé como suprema virtude civica, appaceu a intolerancia feroz como missão principal do governo; e sobre todas as chagas da sociedade imperial romana, que pelo menos era sceptica, lavrou o cancro da perseguição dos judeus, formalmente declarada (616) no reinado de Sisebuto, impondo aos sectarios de Moysés a conversão ao christianismo. A repressão da revolta de 694, tramada de accordo com os judeus marroquinos e cujo pensamento era fazer da Hespanha um Estado mosaico, lançou na fogueira da intolerancia religiosa o novo combustivel da vingança politica.

«Eis ahi o reverso da medalha de grandeza que antes esboçamos. Eis como todos os elementos sociaes conspiravam para a queda do carcomido imperio visigodo.

«Os judeus ardiam n'uma insurreição surda; os servos, na apathia da miseria negra, eram indifferentes á nação; os proprietarios eram inimigos irreconciliaveis de um regime que provava ser incapaz de os salvar. E era com esses servos armados que se formava a maioria da peonnagem do exercito do rei Rodrigo!

«Por isso os doze mil homens de Taric bastaram para conquistar a Hespanha.

«Os novos barbaros, que se avisinhavam para a avassallar não vêem do Norte: são um punhado de arabes á frente de nm exercito de berberes. Esta circumstancia que determina uma nova transfusão de sangue africano nas veias do corpo peninsular, faz com que a Hespanha siga uma historia diversa, d'aquella que as segundas camadas de invasões prepararam á Europa central.»

Eis-nos, pois, chegados á invasão arabe, que vem encher de novas ruinas o solo da peninsula tão duramente provado por tantas carnificinas.

Fallaremos tambem d'esta invasão, para irmos acompanhando passo a passo as transformações politicas por que foram passando os habitantes, tanto da Lusitania, como do resto da peninsula.

Interessa-nos, primeiramente, saber as causas da invasão. Uma d'ellas, a mais forte, sem duvida, foi a tentação que n'esses povos barbaros produzia a riqueza e a benignidade do clima das regiões que tão proximas lhes ficavam. Depois, o mussulmano queria a todo o custo dilatar os seus dominios, e aproveitando-se das dissenções que lavravam no imperio godo, lembrou-se de cahir de chofre sobre esse imperio que se desmoronava.

Devemos dizer tambem que seria difficil, senão impossivel, aos arabes

realisar este seu sonho de conquista, sem os auxilios que do proprio imperio lhes provinham. Os descontentes eram muitos. Entre elles avultam os judeus, perseguidos constantemente, e desejosos de conquistar o seu socego e tranquillidade.

Elemento importante pelas suas riquezas, esta raça desprezada fundava a sua esperança nos invasores africanos por isso que a religião dos novos invasores era mais tolerante do que o christianismo godo.

A primeira tentativa não teve resultado. O duque Theodemiro obrigou os arabes, que pretendiam aportar a terras de Hespanha, a fazerem-se de vela novamente para os seus antigos dominios.

E, no emtanto, a propria imminencia do perigo não lograva pôr cobro ás orgias infrenes d'aquelle imperio decadente. Na côrte de Toledo, os godos entregavam-se a todos os excessos dos prazeres, emquanto as caravellas arabes abriam as brancas velas já perto das costas de Hespanha.

Havia apenas alguns espiritos previdentes, que conheciam a gravidade do perigo, e viam contados os dias do imperio godo.

A visão do presbytero de Carteia, n'essa obra prima o *Eurico*, de Alexandre Herculano, symbolisa as sensatas previsões d'esses espiritos lucidos.

Não resistimos ao desejo de transcrever aqui essas bellissimas paginas do livro do nosso grande escriptor:

«O somno, ou a vigilia, que me importa esta ou aquelle? As horas da minha vida são quasi todas dolorosas, porque a imaginação do homem não póde dormir.

«Para o povo ignorante e impiamente credulo, a noite é cheia de terrores; em cada folha que ranje na selva, elle ouve um gemido d'alma que vagueia na terra: em cada sombra de arvore solitaria que se balouça com a aragem, sente o mover de um phantasma; as exhalações dos brejos são para elle luzes de demonios, allumiando folgares de feiticeiras.

«Mas quando jaz no leito do repouso, o seu dormir é tranquillo. Ao cruzar os umbraes domesticos esses terrores vãos sumiram-se com os objectos que os geraram. A sua alma parece despir-se da phantasia grosseira, como o corpo que se despe da stringe aspera que lhe resguarda os membros.

«Não assim eu.—Quando as palpebras cerrando-seme escondem o mundo das realidades, os olhos do espirito volvem-se para o mundo das existencias ideaes. A's vezes a felicidade e a esperança vem consolar-me então; muitas mais porém, os sonhos maus me perseguem; e por bem alto preço me sahem os instantes de ventura transitorios, trazidos por visões consoladoras.

«Esta foi para mim uma noite cruel, uma noite horrenda entre as mais horrendas. Ainda o suor frio que me corria da fronte se não seccou: ainda o coração parece mal caber no peito, e o pulso bate, desordenado e violento.

«Terribilissimos foram os sonhos que Deus mandou ao presbytero; mas por ventura mais terrivel é a sua significação.

«Disse-me voz intima, que esse doloroso espectaculo a que assistiu a minha alma, é, oh Hespanha, o mysterio dos teus destinos.

«Esta foi a visão.

*

* *

«Eram as horas das trevas profundas. Sem saber como, eu achava-me no viso mais alto do Calpe: traspassava-me a medula dos ossos o vento frio da noite, e parecia-me que os membros hirtos se me haviam pregado no topo da penedia.

«Eu olhava fito ante mim e os meus olhos rompiam a escuridão do horisonte, como se a luz do sol o allumiasse.

«O espectaculo phantastico e espantoso que se passava n'esse espaço insondavel fazia-me erriçar os cabellos, que o norte me açoutava com o sopro gelado.

«Eis o que eu vi n'essa hora de tremenda agonia, depois de estar alli alguns, não sei se instantes ou seculos.

«O mar cessou de agitar-se e rugiu como metal fervente, destinado para a feitura de estatua collossal, que resfriasse de subito na caldeira immensa.

«E era horribilissimo vêr convertido em cadaver, de todo immobil e mudo o oceano: aquelle oceano que ha mais de quarenta seculos, nem um só dia deixou de revolver-se e bramir em torno dos continentes, como o tigre ao redor da rez que jaz morta.

«O sibillar das rajadas tambem cessou completamente. Parado sobre a face da terra, o ar era similhante ao lençol do finado, a quem recalcaram a juba que o cobre—frio, humido, pesado—sem ranger, sem movimento, cosido sobre o peito onde acabou de bater o coração e o jogar compassado dos pulmões.

«Então muito ao longe, uma vermelhidão tenuissima foi avultando pouco a pouco, derramando-se pelo horisonte e repintando-se na aboboda immensa dos ceus.

«Depois esse clarão sinistro reverberou-se na terra: as cimas agudas, dentadas, tortuosas, alvacentas das fragas marinhas, tinham-se abatido e livelado como os cerros informes de neve amontoada, que, derretidos nos primeiros dias de estio, vão, despenhando-se, formar um largo chão. e morto na caldeira mais funda do valle fechado.

«Tudo a meus pés, era um plaino uniforme, ermo, affogueiado, como a atmosphera que pesava em cima d'elle: e além jazia o cadaver do mar.

«Eu, o Silencio e a Solidão, era quem estava alli.

*

* *

«Subitamente n'aquelle vasto horisonte, até então puro na sua luz horrenda, dois castellos de nuvens cerradas e negras começaram a alevantar-se, um da banda da Europa outro do lado da Africa.

«Os bulcões conglobados corriam um para o outro, e multiplicavam-se vomitando novos castellos de nuvens, que se diffundiam fluctuando ennoveladas com fórmas incertas.

«E aquellas montanhas vaporosas e negras rasgaram-se de alto a baixo, em fendas similhantes a algares profundos, e os seus fragmentos informes e cambiantes vacillavam tremulos em ascenção diagonal para as alturas do ceu.

«Ao approximarem-se, os dois exercitos de nuvens se prolongaram um em frente do outro, e toparam em cheio. Era uma verdadeira batalha.

«Como duas vagas encontradas no meio de grande procella, que, tombando uma sobre a outra, se quebram em cachões que espadanam lençoes de espuma para ambos os lados, antes que a massa violenta se incorpore na mais possante, assim aquellas nuvens tenebrosas se despedaçavam derramando-se pela immensidão da abobada affogueada.

«Então eu cri ouvir muito ao longe um choro sentido misturado com gritos agudos, como os do que morre violentamente e um tinir de ferro como o de milhares de espadas batendo em cima de milhares de elmos.

«Mas este ruido ferveroso alongou-se e cessou, os bulcões alevantados da banda d'Africa tinham embebido em si os que subiam da Europa, e desciam rapidamente para a parte dos campos gothicos.

«Depois senti lá embaixo na raiz da montanha um rir diabolico. Olhei. O Calpe esboroava-se em redor de mim, e os rochedos sobre que eu estava sentado vacillavam nos seus fundamentos.

«Despertei. Tinha os cabellos hirtos, e o suor frio manava-me da fronte aquecida por febre ardente.

«Senhor, senhor! foste tu que déste a lêr á minha alma a ultima pagina do livro eterno, em que a providencia escreveu a historia do imperio godo?

«Contam-se coisas incriveis d'esses povos que assolam a Africa, e se chamam os arabes, e que em nome de uma nova crença pretendem apagar na terra os vestigios da cruz. Quem sabe se aos arabes foi confiado o castigo d'esta nação corrupta?

«Já as nossas praias foram visitadas por elles; e para os repellir foi necessario que desembainhasse a espada o illustre Theodemiro, o ultimo guerreiro talvez que mereça o nome de neto dos godos.

«Terra, em que eu nasci, se o teu dia de morrer é chegado, eu morrerei comtigo. Na porcella que se alevanta d'Africa, deixarei submergir meu debil esquife, sem que esses gemidos que ouvi se vão ajuntar aos meus gemidos. Que me importa a vida ou a morte, se o padecer é eterno?»

Não se fez esperar o perigo. Logo no anno seguinte ao da primeira tentativa, sete mil arabes tomavam Carteia, e d'alli se estendiam pela Hespanha.

Pedimos ainda ao grande historiador portuguez o quadro da invasão.

«Theodemiro! Theodemiro! — Um dia tremendo se approxima em que a Hespanha deve ser o tumulo da raça goda. Em sonhos antevi esse dia e apoz o

sonho a medonha realidade ahi se alevanta diante de meus olhos. Carteia está deserta, como as demais povoações visinhas. Apenas eu ouso demorar-me nas immediações do Calpe, porque sei passo a passo todas as veredas que guiam ao topo dos desfiladeiros, tendo-as regado muitas vezes com minhas lagrimas, tendo-lhes muitas mais confiado a historia de minhas agonias. Ermos, como os povoados, os campos sorriem no vecejar das cearas, no florescer dos pomares, no murmurio das fontes; mas similhante sorrir consterna, porque o homem desappareceu do meio d'esta scena formosa, e o ruido da vida converteu-se em silencio de morte. «Os arabes!» Eis o grito que soa por toda a parte; e esta palavra maldita é como a peste quando passa: seguem-n'a o susto e o espanto. A vileza do coração humano surge após ella em toda a hediondez do seu aspecto. O terror acabou com os mais santos affectos e até com o seu amor filial e paterno: cada qual busca salvar-se a si proprio. Os netos dos nobres godos converteram-se n'um bando desprezivel de covardes e egoistas. Ha tres dias ao romper da manhã um grande numero de velas branquejava sobre as aguas do Estreito: vinham do lado de Septum. Corremos á praia. Dentro de poucas horas ellas entraram na Bahia de Carteia. Algumas entestaram com a Ilha Verde. Via-se distinctamente o reluzir das armas; e alguns soldados que tinham ajudado a repellir os primeiros saltos dos africanos nas costas d'Hespanha reconheceram logo os trajos e armas dos arabes. Entre elles, porém, divisavam-se muitos godos pelas armaduras pesadas, pelos largos ferros dos frankisks e pelos steringes mais curtos que as amplas vestiduras dos filhos do Oriente. D'ahi a pouco toda a frota velejou para o lado do Calpe, e quando anoiteceu as faldas da montanha appareceram allumiadas por muitos fachos. Os arabes tinham desembarcado.

«A anciedade era indisivel. Demudadas as faces olhavamos uns para outros. Elles tremiam por si: eu pela sorte de Hespanha. — Mas porque entre esses que pareciam inimigos se achava tão avultado o numero dos godos? Esta pergunta significava a nossa derradeira esperança. Ao entenebrecer, alguns barqueiros sairam ao largo e vogando surdamente, foram espiar a frota. Tomando os atalhos mais curtos eu encaminhei-me sósinho para o Calpe, cujo vulto gigante rodeado de fachos ao sopé, negrejava no topo sobre o chão alvacento do ceu limpo de nuvens, onde a lua passava tranquilla embargando com o seu clarão pallido o scintillar das estrellas.

«Era alta noite quando cheguei á montanha. Subindo pelas quebradas, salvando precipicios, cosendo-me com as fragas tartuosas, descendo pelos leitos das torrentes, cheguei a um rochedo contiguo á planicie que das raizes da serrania vae morrer no rolo do mar na costa oriental da bahia. Era ahi que os arabes desamparando a frota se haviam acampado. Comprimindo o alento, approximei-me insensivelmente de uma tenda mais vasta alevantada juncto do penhasco a que eu chegara sem ser percebido. Por uma fenda que deixaram as telas mal unidas do pavilhão descortinei o que se passava no interior á luz das tochas, que tinham nas mãos dois ethiopes, cujos rostos negros contrastavam com a brancura das suas roupas alvas. Assentado no chão com os braços crusados, um arabe mancebo parecia escutar attentamente um guerreiro

godo que em pé no meio de outros dois tinha as costas voltadas para mim Com espanto e ao mesmo tempo com alegria percebi que se exprimia em romano rustico, o qual d'alli a pouco vi que o moço arabe fallava como se fosse a propria linguagem. — Comecei então a escutar attentamente.

—«Tarik — dizia o godo — ámanhã ao romper d'alva importa que todos estes penhascos empinados sobre nossas cabeças se coroem de teus soldados, e que não tardes em fortificar essa estreita passagem que une o promontorio do Calpe com o resto do continente. E' aqui, n'estas serras inacessiveis que deves esperar o resto dos liberdadores da Hespanha, é d'aqui que tu deves sair com os teus irmãos do deserto para quebrardes o sceptro do tyranno Ruderico. Se a sorte das armas nos fôr contraria, esperaremos n'este logar novos soccorros d'Africa. Septum nos fica fronteiro, e Septum entreguei-to eu...»

—«Tarik não o deixou continuar: como o leão pulando subitamente dos juncaes da Mauritania, o moço arabe poz-se em pé com o gesto colerico e exclamou:

«Wali dos christãos! quem te fez crêr que Tarik podia ser vencido? Vi em sonhos o propheta de Deus, que me disse que a Hespanha curvar-se-ha ao Coran:—e Mahomed não mente! Ainda sem ti eu me teria arrojado sobre o imperio godo e a minha lança o faria cahir a meus pés moribundo, quando Sebta me tivesse fechado as portas, quando todos vós, os godos, estivesseis unidos contra mim. Deus é grande e Mahomed o seu propheta!»

«As palavras violentas do arabe me revelaram quem era o guerreiro godo. Juliano capitaneava como nós uma tiuphadia na guerra contabrica e era um valente soldado. Sabia que elle fôra elevado á dignidade de conde de Septum, e que ahi se cobrira de gloria, repellindo os inimigos do imperio, que já tinham tentado conquistar aquella provincia. Como e porque atraiçoou a terra natal? Odios civis o levaram a tanta infamia, segundo entendi de suas palavras. Parricida e fratricida a um tempo, busca vingar-se talvez de bem poucos de seus irmãos, esmagando-os debaixo das ruinas da patria. A memoria d'este malaventurado será maldita e réproba das gerações remotas!

«Juliano parecia querer responder ao mancebo, quando um soldado entrou com um rolo de pergaminho na mão, e entregando-o a Tarik, proferiu algumas palavras em arabe. Tarik olhou então para Juliano com um sorriso, e estendendo-lhe a dextra, lhe disse em voz mais baixa.

—«Wali de Sebta! — perdoa-me este impeto como me tens perdoado tantos outros. Bem sei que não pódes comprehender o que é a fé viva de um mussulmano na protecção de Deus: mas eu seria réu do inferno se duvidasse um instante das promessas do Propheta. O judeu Zibulon acaba de chegar com essa carta do que vós chamaes bispo de Hispalis. Lê-a, e dize-me que novas ha de Ruderico.»

«Juliano desdeu o nó da carta e leu. Batia-me o coração de furor, mas procurei tranquillisar-me. Importava-me muito conhecer o que ella continha, para que não houvesse de prestar toda a attenção possivel ás palavras do conde Juliano.

—«Ruderico — disse este, acabando de correr com os olhos o rolo de per-

gaminho—entregue aos banquetes e festas, não acredita que o dia da vingança amanhecesse para a Hespanha: todavia, logo que a noticia indubitavel da nossa vinda retumbar sob os tectos dourados dos paços de Toletum, elle convocará os seus numerosos soldados, as suas tiuphadias veteranas, e arremessar-se-ha contra nós, porque, Ruderico era dissoluto e perverso, mas nunca foi cobarde. O prudente Oppas pensa como eu, que importa fortificar-nos no Calpe. Aconselha-o a sciencia da guerra, e se como crente, confias no teu propheta para contar com a victoria, como capitão deves seguir os conselhos da prudencia humana. Tambem eu espero no Deus das batalhas—proseguiu o conde com um tom de mofa, e batendo no punho da espada;—tambem eu tenho a minha providencia: mas a aguia quando se arroja sobre a presa tem já construido o seu ninho no penhasco da montanha, e as penedias do Calpe devem ser o ninho das aguias que pairam sobre o throno de Ruderico, para lh'o despedaçarem entre as garras sanguinolentas.»

«Tarik ficou por alguns momentos callado e pensativo.

—«Seja como te aprouver:—disse por fim.—Busca no exercito os melhores artifices arabes, e com elles e com os teus godos alevanta esses valles, em que põe sua confiança o teu coração descrido.»

—«Houve um tempo em que não o foi:—replicou Juliano com o accento da colera misturada de indignação e tristeza:—mas Witiza dorme debaixo d'uma lousa o somno da eternidade; e o seu assassino chama-se o rei dos godos, e folga e ri assentado no throno que lhe deu a traição e o perjurio. Tarik, o teu propheta inspira-te em sonhos; mas a vingança é mais segura inspiração, porque é o sonho perenne do homem desperto, quando vê assim falhar a justiça do céu, se é que n'elle ha justiça.»

«Proferindo estas palavras blasphemas, Juliano sahiu da tenda. Tarik bateu as palmas, e um guerreiro ethiope, cujos olhos lhe reluziam sanguineos na pretidão do rosto, entrou com os braços cruzados e ficou immovel e curvado diante de Tarik. Pareceu-me que este lhe ordenava o que quer que fosse: mas fallava na sua linguagem barbara, e não o pude intender.

«Sabia de mais qual era a situação e quaes os accidentes do solo, por todos os desvios do Calpe para que não percebesse que a minha demora n'aquelles sitios podia tornar-me impossivel a sahida. A defensa do promontorio consistia unicamente em cortar com vallas e covas o isthmo que o liga ao continente. Juliano começaria talvez a alevantar as tranqueiras n'essa mesma noite, era por tanto necessario partir.

«Quando atravessei a serra pelos trilhos mais curtos e escusos, conheci que o meu receio foi bem fundado. Parando no topo de uma penedia, d'onde se divisava ao redor quasi toda a montanha, vi centenares de fachos que vacillavam correndo tortuosamente pelas ladeiras, sumindo-se, tornando a apparecer, retrocedendo! O todo d'aquella illuminação terrivel estendia-se em volta da montanha, formando uma extensa meia lua, cujas pontas cresciam para o isthmo, ao passo que se approximavam uma da outra estreitando o cume da serrania.

«Era visivel que alguem, practico nas apertadas gargantas, nas sendas

intrincadas do promontorio guiava os barbaros: era necessario fugir, não porque me importasse o morrer, mas porque talvez a Providencia me guiara á tenda de Tarik para que as Hespanhas fossem salvas, se é que ella não escreveu irrevogavelmente a sua condemnação no livro dos eternos destinos.

«Theodemiro, vê que a traição é similhante ao veneno recentemente bebido, que gira nas veias e ainda não apparece no aspecto, está por toda a parte, e até penetra no sanctuario.

«E' necessario esforço e vigilancia, já que as dissensões civis quizeram que os golpes do frankisk godo hajam de se vibrar sobre a fronte dos godos que combatem ao lado do estrangeiro infiel; já que a perfidia pode abrir as portas das nossas cidades aos africanos sem que estes tenham de passar por cima dos cadaveres de seus irmãos para se assenhorearem d'ellas. Cumpre que avises Ruderico. Em Hispalis está Oppas, e Oppas tem comsigo numerosos clientes, que por ventura entregarão aos invasores a mais formosa e opulenta entre as povoações da Betica. Não tardará que os arabes desçam do Calpe e se derramem pelas provincias da Hespanha como uma torrente. Ha dois dias que vagueio quasi só nas immeditações de Carteia, não se passa uma hora sem que os navios d'Africa venham vomitar na bahia novos esquadrões de soldados. Similhantes aos estos do mar é rapido o seu ir e voltar. Dentro d'oito dias bem custoso seria resistir a Tarik com todo o poder do imperio, quanto mais divididos os godos em dois bandos, um dos quaes pelejará ao lado dos inimigos.

—«Dir-t'o-hei, duque de Corduba: tambem eu não amo Ruderico; porque a memoria de Witiza nunca morrerá no coração do seu antigo Gardingo. Sei por que meios Ruderico subiu ao throno, que não obteria pela eleição dos godos. Mas não é a sua corôa que os filhos das Hespanhas teem hoje que defender: é a liberdade da patria: é a nossa crença; é o cemiterio em que jazem os ossos dos nossos paes; é o templo e a cruz, o lar domestico, os filhos e as mulheres, os campos que nos sustentam e as arvores que nós plantamos. Para mim, de todos estes incentivos, apenas restam dous: o amor da terra natal, e a crença do evangelho. No dia do combate, Eurico despirá a stringe innocente do sacerdocio e vestirá as armas para defender estes objectos queridos dos seus derradeiros affectos, que tambem esses, que ainda se enlaçam ás illusões e esperanças, como a hera ás ruinas, se erguem para pelejarem batalhas tremendas, porque o serão por certo as que nos aguardam; e oxalá que os meus tristes sonhos sejam desmentidos pelo esforço dos guerreiros godos: oxalá que não esteja para bater a derradeira hora do dominio da cruz n'esta terra do occidente, regada pelo sangue de tantos martyres.»

«De Mellaria, aonde me acolhi com grande numero dos moradores de Carteia e dos seus arredores, continuarei as minhas correrias nocturnas para as bandas do Calpe, com os homens mais ousados que quizerem acompanhar-me, até que os arabes desçam da sua guarida, e seja inutil o vigia-los; até que chegue o dia em que os desgraçados como eu achem na morte honrada das pelejas o repouso das amarguras da vida, se é que além de morrer ha o repouso do espirito.»

O conde Juliano, de que se falla n'estas admiraveis paginas, tinha segundo se diz motivos mais serios para trahir os seus. Ruderico violentara-lhe infamemente uma filha, por elle deixada n'aquella dissolução da côrte entregue, de boa fé, aos cuidados paternaes do chefe dos godos.

Ao saber do odioso attentado, que lhe custara a vida da desgraçada creança, Juliano jurara vingar-se, e foi deveras temivel a sua vingança. A invasão veio affogar em sangue e em ruinas fumegantes a orgia do imperio.

Os horrores d'esse temporal de barbaros, desencadeados com toda a sua selvageria sobre a peninsula hispanica, foram espantosos.

Vejamos este episodio interessantissimo, que nos relata o grande historiador que acabamos de citar:

«O mosteiro da Virgem Dolorosa estava situado n'uma encosta, no tôpo da extrema ramificação oriental das que a dilatada cordilheira dos Nervasios estende para o lado dos campos gothicos. A pouca distancia do valle, onde se viam as ruinas de Augustobriga, caminho de Legio, no meio de uma solidão profunda, aquella silenciosa morada de virgens innocentes achava-se convertida em praça de guerra. Edificio sumptuoso, construido no tempo de Rekkaredo, as suas grossas muralhas de marmore pareciam na verdade quadrellas de castello roqueiro; porque na architectura dos godos, a elegancia romana era modificada pela solidez excessiva do edificar germanico ou saxonio, que os rudes visigodos do tempo de Theodorik e de Ataulph haviam introduzido no meiodia da Europa. Os restos dispersos das tiuphadias da Gallecia, tinham-se encerrado em todas as povoações e lugares fortificados, ou por qualquer modo defensaveis, e os habitantes dos povoados, acolhendo-se ahi com elles, deixavam desertas as suas moradas, incertos do dia em que veriam reluzir ao longe, as lanças dos agarenos, que já devastavam o norte da Lusitania, e pareciam encaminharem-se para o lado de Tude. Os muros fortissimos d'aquelle vasto edificio, as suas portas tecidas de ferro e de carvalho, as estreitas frestas, que apenas lhe deixavam penetrar no interior uma luz duvidosa, os tectos ameiados, e finalmente os fossos profundos, que o circumdavam, tudo o tornava acommodado para uma larga defensão. Com algumas decanias de veteranos, que no meio do terror geral pudéra ajunctar, o quingentario Atanagildo se havia acolhido ahi, e com elle um grande numero dos mais abastados habitantes d'aquelles contornos. Protegido pela visinhança das serras das Asturias, ainda livres, Atanagildo cria que o mosteiro fortificado seria sempre inexpugnavel barreira contra a violencia e cubiça dos arabes. Occupados em submetter e pôr a saque as opulentas cidades do meio-dia, contentes com as veigas feracissimas da Betica, da Lusitania e da Carthaginense, e com o sol quasi africano que as aquecia, que viriam elles buscar nas brenhas intractaveis e frias da Gallecia e da Cantabria? Seriam apenas algum troço dos inquietos e selvagens bereberes os que já se derramavam por estas partes; mas contra esses eram de sobra os tiros de catapulta arrojados das torres do mosteiro, e as carteias e frechas despedidas d'entre as ameias, que lhe cingiam a fronte como

a coroa de um rei gigante, e que não podiam ser derribadas pelos mangoaes brutescos, unicas armas dos broncos e semi-nús montanhezes do Atlas.

«No centro do immenso edificio erguia-se o templo monastico, peça quadrangular, construida de cantos enormes de marmore arrancado das pedreiras inexgotaveis, que se estendem desde os Nervasios até ás cercanias de Legio. No exterior do templo, do meio d'um vasto pateo, que o rodeava, viam-se negrejar na sua cinta de estreitas cellas as vestiduras severas das monjas cuja oração continua, quer em commum no santuario, quer na solidão das suas breves moradas, só era interrompida por somno curto dormido sobre a dura enxerga da penitencia. Esta parte do mosteiro era a que ellas unicamente occupavam havia alguns dias. Os seus claustros pacificos e saudosos onde nunca soára o ruido tormentoso da vida, onde nunca as dolorosas realidades do mundo haviam penetrado, salvo nos sonhos passageiros e dourados de algum coração mais ardente, restrugiam com o bater das armas, com o amontoar das provisões, com o carpir dos que abandonavam seus lares, com a violenta e brutal linguagem da soldadesca. No meio d'aquella vasta mole de marmore, em que os sons discordes reboovam, echoando soturnos nas arcadas e corredores profundos, o templo, aonde se acolhera a quietação monastica, era como um oasis frondoso e abrigado por seus palmares no meio do deserto, que o sôpro infernal do simùm revolve, fazendo redomoinhar nos ares aquelle oceano de areia fervente.

«Era ao anoitecer de um dia de novembro. Por entre o nevoeiro cerrado, que alevantando-se do valle visinho trepava pela encosta, deixando apenas livres as negras agulhas dos cerros lá no viso da montanha, a custo se divisavam as ameias e muralhas á luz baça do crepusculo, refrangido em ceu pardo e humido. A brisa morna de oeste, gemia nos troncos dos castanheiros nús, nas ramas esguias dos pinheiros bravos, e as passadas monotonas dos vigias ao longo dos adarves formavam um concerto accorde com o aspecto melancholico do ceu e da terra.

«A esta hora duvidosa entre a claridade e as trevas, uma numerosa cavalgada atravessava o ribeiro no fundo do valle, e se encaminhava para o mosteiro da Virgem Dolorosa. Dez cavalleiros, cujas barbas alvas lhes cahiam sobre o peito, sahindo por baixo das redes de ferro, que lhes serviam de gorjal, rodeavam uma dama, cujo rosto occultava o comprido véu, que pendente do retioio lhe descia sobre o alvo amiculo mas cujos meneios airosos, e talhe esbelto revelavam n'ella o viço e as graças da edade juvenil. Seguiam-na alguns pagens desarmados, cujos rostos imberbes já haviam sulcado de rugas o temor e desalento, que se pintavam em todos os semblantes n'esta epocha desastrada. Vadeado o rio, a cavalgada se encaminhou por uma senda tortuosa, que ia dar á entrada do mosteiro, aonde, ao que parecia, desejavam chegar antes que de todo se fechasse a noite. Ao approximar-se aquella comitiva, os vigias conheceram que eram godos — provavelmente alguns desgraçados, que vinham buscar o abrigo de seus muros fortificados; — e as grossas portas não tardaram a abrir-se para recolherem mais esses pobres fugitivos.

«Apenas os recem-chegados, atravessando o atrio escuro do fundo portal

sahiram á cerca interior, o que parecia mais auctorisado entre os velhos cavaleiros pediu para fallar a sós com Atanagildo. Levado o ancião á torre onde o quingentario habitava, não tardou este em descer á cerca, no meio da qual, ainda a cavallo e sem erguer o véu, a dama desconhecida esperava rodeada dos seus. Com todos os signaes de respeito, Atanagildo dirigiu-lhe algumas palavras em voz submissa e tomando a redea do palafrem, guiou-o para uma porta contigua ao frontespicio da egreja. A um signal seu a porta abriu-se, e um vulto negro de monja appareceu no limiar d'ella.

«O quingentario, tomando pela mão a desconhecida, e apresentando-a á monja, disse-lhe:

—«Veneravel Chrimhilde, acolhei entre as puras virgens, que vos obedecem, uma das mais nobres donzellas de Hespanha: é por uma noite apenas, que ella vos pede abrigo: ámanhã ao romper d'alva partirá para Legio.»

—«Amanhã ou depois, que importa? replicou a monja, cujo semblante austero descobria não tanto a decadencia dos annos, como os vestigios da penitencia:—emquanto Chrimhilde reger o mosteiro da Virgem Dolorosa, nunca a hospitalidade será recusada n'elle ao que a implorasse. Emquanto a virtude da nobre donzella tiver um fiador tal como vós, esta achará sempre em mim o carinho de mãe e nas escolhidas do Senhor, que me alevantaram do meu nada ao tremendo ministerio de sua abbadessa, encontrará o amor e o agasalho d'irmãs para com irmã querida.»

«Dizendo isto a boa abbadessa tomou pela mão a desconhecida, e internando-se com ella pelas arcadas que diziam para o interior do edificio, allumiadas escassamente pelas lampadas turvas, que de espaço a espaço, pendiam das abobadas achatadas, e desappareceu aos olhos de Atanagildo.

«A noite vae no seu fim, a campa do mosteiro dá o signal do terceiro nocturno. Subitamente o sanctuario illumina-se, e os vidros de mil côres jorram nas trevas exteriores a claridade dos candelabros e tochas, como de dia transsudam a luz do sol no ambito interior da egreja: esto perpetuo de resplendores, que ora descem do ceu para a terra, ora tentam, subindo da terra para as alturas, desfazer o manto das trevas. N'uma extensa fileira, a cuja frente vem a veneravel Chrimhilde, as monjas entram no côro, e tomando para um e outro lado, param voltadas para o altar. Junto da abbadessa, uma donzella de branco, sobresáe entre as monjas vestidas de negro, não tanto pela alvura dos trajos, como pela formosura: e todavia, são formosas muitas das virgens, que a rodeiam, pela maior parte ainda no viço da vida. E' a nobre dama recemchegada, á qual, nem o cançasso da trabalhosa jornada, nem o habito dos commodos do mundo, poderam impedir, acompanhasse na oração aquellas que o tracto de poucas horas já lhes fazia amar como irmãs. Chrimhilde prostra-se com a face no chão: as monjas e a dama vestida de branco seguem o seu exemplo. Atravez d'esses labios innocentes, que beijam o pavimento do templo, murmuram durante alguns instantes as orações submissas. Depois a abbadessa ergue-se, e pouco a pouco, aquelles semblantes, que cobre uma pallidez d'ineffavel repouso e brandura, vão-se alevantando da terra, com os olhos voltados para o ceu, similhantes a anjos de marmore ajoelhados em roda de um

tumulo que surgissem pouco a pouco, animados por vida repentina, e cheios de saudade da morada celeste, enviassem aos pés do Senhor o seu primeiro suspiro. Então a psalmista começa a entoar um dos hymnos sacros do presbytero de Carteia, que havia pouco se tinham introduzido no ritual gothico, e as demais monjas responderam em córos alternos. O hymno santo e piedoso dizia assim:

«As azas da tua providencia, oh Senhor, despregam-se por cima da terra, e o justo desgraçado acolhe-se debaixo d'ellas.»

«Porque ahi moram os santos contentamentos: esquecem as dores da vida; vive-se á luz da esperança.»

«Confiado em ti, o fraco não receia as tyrannias do forte; o humilde ri das soberbas do poderoso.»

«Quem revelou aos pequeninos e oppressos esta divina guarida? Quem nos ensinou a esperar? Quem a ser felizes pela fé no meio das agonias?»

«O seu peso é suave, porque sob elle os espinhos da existencia, que ensanguentam os membros do peregrino sem repouso, chamado homem, convertem-se em prado macio de relva e boninas.»

«Que reine para sempre a cruz!»

«Erguei-a sobre todos os pincaros das serranias, gravae-a em todas as arvores dos bosques, hasteae-a sobre as rochas maritimas, estampae-a nas muralhas das cidades, na fronte dos edificios: apertae-a ao coração.»

«E depois que o genero-humano se postre, e adore n'ella a redempção, que nos trouxe o Ungido de Deus.»

«A cruz triumphará eterna!»

«N'este momento aquellas vozes harmoniosas cessaram, como se de subito nos labios de todas as monjas se houvesse posto o sello da morte. A porta do templo, aberta com violento impulso, rangêra nos gonzos de ferro, e um velho ostiario viera cahir de bruços sobre as lagens do pavimento, soltando o grito doloroso, que por tantos milhares de boccas diariamente se repetia na Hespanha: «Os arabes!»

«O brado confuso dos vigias, misturado com o tinir do ferro, respondeu como um uivar de feras ao grito do ostiario: as faces pallidas das virgens empallideceram ainda mais.

«A alvorada começava a repintar na terra a claridade do sol, escondido ainda no oriente: os godos com as armas nas mãos coroavam as ameias. Do alto de uma das torres Atanagildo observava a campanha, e a fronte se lhe entenebrecia com um veu de tristeza.

«N'aquella noite muitos nobres senhores de terras tinham chegado ao mosteiro, vindos da banda de Legio. Um exercito innumeravel d'arabes apparecera subitamente na vespera junto aos muros da cidade, que logo fôra acommettida pelos pagãos. Era o que sabiam. Fugitivos desde o apparecimento dos inimigos, apenas ao anoitecer haviam enxergado para aquella parte um clarão grande, e duradouro. Se eram as almenaras dos arabes, se o incendio de Legio, não o podiam resolver; só sim que seria resistir por largo tempo cidade tão mal defendida a tamanha copia d'infieis, que não tardariam a derra-

mar-se para o lado do mosteiro, proseguindo nas suas devastadoras conquistas pela Gallecia e Tarraconense.

«Era esta negra prophecia dos fugitivos, que se tinha verificado ao romper da manhã. Atanagildo do alto da torre principal vira ao longe um vulto negro, que descia dos outeiros, onde já allumiava tudo a luz oriental, que surgia. Esse vulto assimilhava-se a serpe monstruosa, que rolando-se do monte para a planicie em collos tortuosos, se lhe reflectissem nas duras conchas os raios solares; porque n'aquelle corpo gigante havia um continuo e rapido scintillar. Atanagildo percebera o que era, e por isso a tristeza lhe obscurecia a fronte.

«Como a faisca electrica, o terror se espalhara no mosteiro apenas se dissera, que os arabes se aproximavam. Mais de um coração de guerreiro batia apressado como o do pobre ostiario, que buscára na piedade de Deus o amparo, que mal podia esperar das grossas muralhas do forte e immenso edificio; do pobre ostiario, que, sem o saber, fôra desmentir o hymno triumphal da cruz diariamente derribada dos altares nos templos profanados da Hespanha.

«Dentro em breve o exercito do Islam se approximára a tão curta distancia, que facilmente se destinguiam os numerosos e brilhantes esquadrões dos filhos do deserto, e as turbas indisciplinadas dos berebéres. Tambem os arabes tinham observado o reluzir das armas atravez das ameias do mosteiro. A hoste inteira parou no valle, e alguns cavalleiros se encaminharam pela senda tortuosa, que findava na ponte levadiça contigua ao grande portal, e erguida desde que pelos fugitivos constára que os mosselemanos se avisinhavam.

«Quando o quingentario conheceu que os arabes paravam no fundo do valle, o seu coração generoso verteu sangue com a lembrança de que todo o esforço dos soldados, que coroavam os adarves do mosteiro, por muito que houvera sido, não fora bastante para salvar os desgraçados, que tinham buscado abrigo á sombra d'aquellas muralhas. Vendo, porém, o desalento pintado nos semblantes dos mais valorosos, a ultima esperança varreu-se lhe da alma. Todavia esperou com rosto seguro a chegada dos cavalleiros, que subiam a encosta.

«Estes se approximaram emfim. Pelo seu aspecto e trajo via-se que na maior parte eram godos. Com as espadas nas bainhas, pareciam virem em som de paz: tambem dos muros nem uma pedra só sibillava nos ares contra elles.

«Pouco antes de chegarem ao fosso profundo que circumdava o edificio, um cavalleiro que parecia o principal d'aquelle pequeno esquadrão, adiantando-se aos mais veio topar com a estrada da ponte, e olhando para as muralhas, onde reluziam immoveis as armas dos christãos, bradou: — «Atanagildo!»

«Ao ouvir aquella voz o quingentario empallideceu: com visivel anciedade voltou-se para um centenario, que estava junto d'elle, e disse-lhe:

—«Mandai descer a ponte, e dai passagem franca a esse cavalleiro, que proferiu o meu nome: mas a elle, unicamente a elle!»

«O centenario obedeceu. D'ahi a pouco as armas do guerreiro tiniam por as escadas da torre. Apenas subiu ao terraço, encaminhou-se para Atanagildo, e estendendo-lhe a dextra exclamou:

—«Meu irmão!»

«O quingentario, em cujas faces pallidas passara um relampago de vermelhidão, recuou e com voz affogada respondeu:

—«Atanagildo teve um irmão: mas esse morreu para elle, porque entre elle e Suintila está a cruz quebrada aos pés dos pagãos: está o céu e o inferno. A minha herança é a ignominia do vencimento, os ferros de escravo e as promessas do Christo; a tua as riquezas, a victoria e a maldicção de Deus. Não troco os nossos destinos, nem quero a amisade do precito. Arrepende-te, abandona os infieis, e então Atanagildo te apertará ao peito, e te dará aquelle nome tão suave da infancia, o santo nome de irmão.»

—«Estás louco!—replicou Suintila—Porém, não foi para disputar comtigo que vim aqui. Vim para te salvar. Olha para o valle: áquella hoste innumeravel que lá vês poucas horas poderão resistir estes muros mal guarnecidos. Abdelazziz, o invencivel emir d'Africa, é quem a capitanea: Legio cahiu hontem em nosso poder, e de parte nenhuma póde ser soccorrido. O bispo d'Hispalis, e o conde de Septum, que vem comnosco, offerecem-te o mando de um dos seus esquadrões. Os arabes pedem aos godos que os seguem fidelidade ao estandarte do califa, não á crença do Islam: pódes guardar tua fé. Eis o que Suintila alcançou a teu favor. Estas velhas muralhas e as donzellas encerradas n'estes claustros, que Abdelazziz soube serem pela maior parte formosas, e que elle destina para enviar ao Kairwan, são o preço vil da tua salvação. Suintila aconselha-te que o entregues: porque apesar das injurias, ainda se não esqueceu de que é irmão de Atanagildo. Resolve e responde: que devo dizer a Juliano e Oppas, a quem supliquei para ser mandado aqui?»

—«Dize-lhe—atalhou o quingentario, cujos olhos faiscavam de indignação—que eu respeito a vida de um arauto, ainda quando este é um miseravel renegado como tu, ou como elles, aliás não seria Suintila que lhes levaria minha resposta. Dize-lhes, que as suas infames offertas, são para mim tão abominaveis como elles. Dize-lhes que antes de um sacerdote sacrilego, e de um conde traidor poderem estampar o ferrete sacrilego da prostituição na fronte das innocentes virgens do Senhor, terão de passar por as ruinas d'estes muros e dos cadaveres dos seus e meus soldados. E, tu, renegado, sáe d'aqui! Possa eu nunca mais vêr-te o rosto, e esquecer-me na hora de morrer de que n'essas veias gira o sangue de nossos nobres e generosos avós.»

—«Como te approuver, meu irmão!—replicou Suintila; e um sorriso lhe deslisou nos labios descórados por mal disfarçada colera. Proferidas estas palavras, desceu as escadas da torre.

«A cavalgada que lenta subira a encosta, descia rapidamente, emquanto Atanagildo vizitando os muros exhortava os guerreiros da cruz a pelejarem esforçadamente.

«Quando estes souberam quaes eram as intenções dos arabes ácerca das virgens do mosteiro, a atrocidade do sacrilego lhes afugentou dos corações a

menor sombra de hesitação. Sobre as espadas juraram todos combater e morrer como godos. Então o quingentario, a quem parecia animar sobrenatural ousadia, correu ao templo. Era necessario que as monjas soubessem qual o futuro que as aguardava. Resignado a acabar defendendo-as, Atanagildo nem por isso esperava salval-as das mãos dos agarenos. Dolorosa era a nova, mas cumpria não lhe esconder o seu destino.

«As mulheres e os velhos que tinham vindo buscar azylo no mosteiro, enchiam já o templo, em cujas abobadas murmuravam e repercutiam os gemidos e as preces. Rompendo pela multidão o quingentario encaminhou-se para o côro e chamou por Chrimhilde, que com as monjas acompanhava o povo nas suas orações fervorosas. A abbadessa approximou-se das rexas douradas que a separavam do guerreiro.

—«Chrimhilde, disse Atanagildo em voz baixa — é necessario valor! Dentro de poucas horas sobre os muros do mosteiro da Virgem Dolorosa estará hasteado o pendão dos infieis, e eu terei deixado d'existir, porque jurei sobre a cruz d'esta espada ficar sepultado debaixo das ruinas d'elle. O exercito dos arabes é irresistivel, e a unica esperança que me resta é que o Senhor acceitará o meu sangue, derramado em seu nome, como um testemunho da minha fé.»

—«Os infieis—accudiu a abbadessa, procurando dar ás palavras que proferia um tom de firmeza, que o tremulo da voz lhe desmentia—contentar-se-hão talvez com as riquezas aqui amontoadas imprudentemente, e com a posse d'estes lugares. Se é isto o que pretendem, saiamos, e cedamos ao culto de Mohamed o templo de Deus vivo, já que para o salvar seria inutil todo o sangue que se vertesse. Com as virgens esposas do Senhor buscarei os ermos das serras do norte, e como as monjas primitivas ahi acharemos a paz e o repouso, emquanto o pae celestial nos não chama á nossa verdadeira patria.»

—«Prouvera a Deus, veneravel Chrimhilde—tornou o quingentario—que nos fosse licito desamparar estes muros: deixar só entregues ás profanações dos infieis, a pedra e o cimento! Mas uma atroz mensagem acaba de me ser mandada por quem, como eu, devia horrorisar-se d'ella. Repelli-a porque se me offereciam vida e honras a troco de perpetua infamia. Agora resta-me unicamente o morrer como godo, e como soldado da cruz.»

—«E qual era essa mensagem? — perguntou a abbadessa anciosamente. Em nome de quem vinha ella?»

—«Do bispo d'Hispalis, e do conde de Septum; de um sacerdote e de um nobre. O preço da nossa liberdade era a prostituição das nossas filhas queridas, das monjas consagradas á Virgem Dolorosa, que esses malaventurados destinam para saciar as paixões brutaes d'aquelles a quem venderam a nobre terra de Hespanha. Para o obter cumpre-lhes, porém, passar por cima dos membros despedaçados dos guerreiros que povoam estas muralhas. Pela cruz assim o juramos todos. Havemos de cumpril-o.»

«As palavras de Atanagildo vibraram no coração de Chrimhilde, como vibra o primeiro dobre pelo finado, que ainda jaz em seu leito de derradeira agonia, na alma do filho querido que resa chorando ajoelhado ao pé d'elle.

Recuou aterrada, e volvendo para o ceu os olhos enxutos, porque a afflicção lhes estancára as lagrimas que despontavam, ficou por alguns momentos com as mãos erguidas, como implorando uma inspiração de cima. Pouco a pouco, porém, as suas faces se tingiram da côr da vida, o sorriso da esperança lhe rodeou os labios, e as lagrimas, consolo supremo das maiores magoas, e tambem expressão eloquente dos contentamentos mais intimos, lhe rebentaram com força, e lhe orvalharam a negra estamenha do habito.

—«O martyrio! o martyrio! — murmurou a abbadessa. — Oh Christo! bemdicto seja o teu nome!»

—«O martyrio, sim: — interrompeu o quingentario — mas depois do sacrilegio: mas depois que as victimas da corrupção dos traidores tiverem sido arrastadas para longe da Hespanha, e depois que nos harens do oriente houverem sido polluidas pela sensualidade brutal dos conquistadores. Eu, ao menos, não verei esta ultima offensa á crença sacrosanta de nossos paes...»

— «Ide: — proseguiu a abbadessa, que parecia não o haver escutado embebida em meditação profunda: — Quando os infieis se approximarem, enviae-lhes mensageiros de paz. Que vos deixem acolher ás montanhas com essa multidão de infelizes, que vieram buscar o abrigo d'estes muros. Não cureis das monjas da Virgem Dolorosa, nem receeis por ellas. Achei um meio para as salvar da sorte medonha que as ameaça. Desamparae-nos; porque o archanjo do esforço é o nosso defensor. O meu arbitrio será acceite pelas escolhidas do Christo: sel-o-ha, porque o Senhor m'o inspirou. Nada mais preciso dizer-vos.»

«E de feito o seu olhar e gesto era de uma inspirada: mas n'esse olhar e gesto, havia o quer que era selvagem e tetrico, misturado com alegria suave, como em ceu que varre o noroeste as nuvens tenebrosas remendam o azul purissimo do firmamento, d'onde, atravez d'ellas, jorram torrentes de luz.

—«Mas o juramento? tornou tristemente o quingentario. —Devo respeitar o vosso segredo; todavia parece-me licito duvidar da efficacia dos meios que imaginaes para vos salvardes das mãos mussulmanas.»

—«O vosso juramento é inutil — accudiu Chrimhilde — e eu vos escuso d'elle. A resistencia só servirá para arrastardes comvosco ao sepulchro os velhos inermes e as creancinhas innocentes. Ide, e abri pacificamente as portas aos pagãos. Se tanto é preciso, eu vol-o ordeno. Atanagildo, um dia nos veremos no ceu.»

«Ditas estas palavras com toda a firmeza de uma resolução inabalavel, a abbadessa affastou-se da rexa, e encaminhou-se para o meio das freiras, que entretanto haviam estado immoveis, com os olhos cravados no pavimento. O quingentario ficou por alguns momentos pensativo; depois, agitado pela lucta cruel dos affectos e pensamentos oppostos, que tumultuavam no seu coração, atravessou vagarosamente o templo e desappareceu.

«Ao signal de Chrimhilde, as monjas sahiram do coro: a donzella vestida de branco, ao lado da veneravel abbadessa, apertava-lhe a mão entre as suas: mas os seus meneios eram firmes como os d'ella, e mais do que os d'ella altivos.

«Desde que a ultima freira passou, as preces misturadas de soluços que sussurravam na egreja, converteram-se n'um som unico de choro perdido, como se a unica esperança houvesse desapparecido com ellas.

«A campa do mosteiro bateu tres pancadas com largos intervallos: é o signal que convoca as monjas a capitulo. Para lá se encaminham. A donzella que n'esta noite chegára as acompanha tambem ahi. Entraram. As pesadas portas da casa capitular rangem nos gonzos cerrando-se, e o correr dos ferrolhos interiores robôa ao longe, pelos corredores monasticos. Ao mesmo tempo a ponte levadiça cáe sobre o fosso que rodeia as muralhas do immenso edificio: um cavalheiro se arroja sosinho ao meio dos esquadrões do Islam que já subiram a encosta, e pede para fallar com o conde de Septum em nome de Atanagildo. Dentro de poucos instantes, eil-o que volta, o os mosselemanos param a curta distancia. Então um grande numero de creanças, de velhos e de mulheres, sahindo como corrente comprimida do portal profundo do mosteiro, atravessam por o meio de duas fileiras de soldados de Juliano e de guerreiros arabes, que vieram collocar-se aos lados da ponte.

«Esta multidão desordenada ondea, separa-se, apinha-se de novo para tornar a espalhar-se, até que desappareça ao longo no caminho das montanhas. Apoz ella, cobertos com os seus saios de malha, mas sem armas, os soldados de Atanagildo seguem com o rosto melancholico as mesmas trilhas, por onde se vae escoando a turba, até, que tambem como esta se derramam pelas selvas densas dos montes e pelos barrancos escarpados, que retalhando os Nervasios dão passagem atravez d'elles para as regiões septemtrionaes da Hespanha.

«Apenas o quingentario, que fora o derradeiro a atravessar a ponte levadiça, volvendo ainda os olhos arrazados de lagrimas para aquella santa morada, desceu a encosta, as duas fileiras de soldados se arremessaram ao fundo portal, cujas abobadas pela primeira vez reboaram com os gritos disformes de homens desenfreados, e o edificio solitario respondeu-lhes com um silencio lugubre. Diante d'elles estavam patentes as immensas arcarias e escadas, os longos corredores, os pateos espaçosos. Lá no centro do templo solitario, com as portas abertas de par em par, amostra-lhes aos olhos avidos as suas riquezas, ao passo que parece querer velar ao sol, com as cores sombrias das vidraças das estreitas janellas, o espectaculo das profanações, de que na sua existencia secular vae ser theatro e testemunha pela primeira vez.

«Como o tufão rugindo se abysma nas galerias tortuosas de mina extensa e profunda, assim os godos renegados e os mosselemanos que o seguem de perto se precipitam dentro do mosteiro. Pelas arcadas e corredores, pelas sallas e aposentos, ouve-se o rir e bradar desentoado, o ruido de passadas rapidas, o tinir das armas, o estourar das portas. Arabes, mouros, soldados godos da Tingitania misturam-se, disputam, ameaçam-se, dividindo o sacco. Os scheiks e os capitães do conde de Septum vedam-lhes unicamente a entrada das habitações interiores, onde a riqueza do templo lhes promette á cubiça mais avultada presa. Elles sós se encaminham para essa parte e desapparecem nos claustros monasticos, onde não ouvem outro signal de vivos, senão o som

de seus pés, e a espaços o tinir das proprias armaduras que roçam pelos pilares de marmore.

«Suintila, o deshonrado irmão do virtuoso Atanagildo, era do numero dos capitães que haviam primeiramente penetrado no claustro solitario. Tinha-se adiantado mais, e descia por uma escadaria lobrega que terminava, segundo parecia, n'uma quadra allumiada por muitas tochas. Esta circumstancia que lhe excitava viva curiosidade, o obrigou a apertar o passo. A meia descida parou. Crêra ouvir um cantico entoado por muitas vozes accordes, que a espaços era interrompido por gemidos dolorosos. Escutou: não se enganava! Então o terror começou a apossar-se d'elle e porventura teria retrocedido, senão sentira que alguem mais o seguia. Eram dois scheiks, e um centenario do conde de Septum, que o acaso guiára para aquella parte. Interposto entre o clarão avermelhado que sahia do subterraneo e os tres que se approximavam, Suintila fez-lhes signal de silencio, e continuou a descer mansamente até chegar á porta que dava da escadaria para o aposento illuminado. Então conheceu onde estava. Era um desses logares mysteriosos e santos, que a primitiva architectura religiosa construia debaixo dos templos—templos tambem, mas da morte, porque ahi sobre os altares repousavam as cinzas dos martyres, e aos pés d'elles os fieis que obtinham para ultima jazida uma pouca de terra, onde ainda fosse affogar-lhes as cinzas o sussurro longinquo das preces, e o perfume dos sacrificios. —Suintila achava-se na crypta do mosteiro da Virgem Dolorosa. O clarão que vira era o de muitos lumes, accesos em lampadarios gigantes e reverberando nas stalactites penduradas das juncturas de marmore: era o reflexo das tochas que ardiam diante dos crucifixos, unicas imagens que se viam sobre as aras nuas. Em cada um dos tumulos das monjas antigas, enfileiradas ao comprido dos muros, negrejavam apenas uma data e um nome. Era o que restava para memoria de muitas virtudes n'aquelles annaes do mosteiro, n'aquella chronologia de pedra. O sepulchro da viuva d'Hermeneghild, o desgraçado irmão de Rekkaredo, elevado mais que os outros á entrada do templo subterraneo, similhava um throno de rainha em palacio de sombras, porque o ambiente grosso e frio, e o halito das sepulturas revelavam que ahi era o imperio da morte.

«As torrentes de luz, que innundavam esta morada de terror não permittiram a Suintila enxergar no primeiro volver de olhos os objectos que estavam ante elle. Espantado, tentava descobrir no meio d'aquella resplendecente solidão algum vulto humano, quando os cantos e gemidos, suspensos momentaneamente, romperam de novo: primeiro as vozes harmoniosas: depois o gemido intimo, doloroso, affogado; logo outra vez o silencio.

«Os dois scheiks e o centenario tinham chegado ao pé de Suintila. Animados uns pela presença dos outros, encaminham-se para o grande tumulo, e d'alli olham para o logar d'onde haviam soado os canticos. Eis o temeroso espectaculo, que teem diante de si.

«Grossas e altas cancellas de roble separam do resto do templo um extenso recinto sem sepulchros immediato ao altar principal: uma cruz agigantada se ergue no topo; por um e outro lado d'aquelle espaço além das grades negrejam duas fileiras de moujas: muitas estão de joelhos e debruçadas sobre

o primeiro degrau do altar; em pé, entre as duas fileiras, uma d'ellas, cujos olhos desvairados reluzem á claridade das tochas, e cujo aspecto severo infunde uma especie de terror, tem na mão um punhal, cujo ferro sem brilho parece tincto em sangue. Junto da monja um vulto de mulher vestida de branco, sobre-sáe no meio das virgens cobertas de lucto: unido ás grades que defendem a entrada d'aquelle recinto um velho cujas melenas e longa barba lhe alvejam sobre os hombros e peito está de joelhos com os braços estendidos atravez da balaustrada: agita-o uma convulsão horrivel de pavor, que lh'embarga na garganta os sons articulados, e só lhe consente murmurar um ruido confuso semelhante ao respiro ancioso de agonisante. Um dos dois córos de freiras começou a entoar de novo os psalmos: a monja do punhal estende a mão ordenando silencio. Vae fallar. Suintila a ponto de arremessar-se para aquelle lado pára e escuta as suas palavras. São lentas e lugubres como as de um espectro, que se alevantasse de algumas das campas derramadas ao longo da Crypta. Dirige-as ao vulto branco que está ao seu lado.

—«Ainda uma vez, nobre dama, attendei ás supplicas do velho bucellario que tenta salvar-vos. Para vós ha esperança na terra: a nossa mora no ceu. Quando os infieis souberem que ainda existe em Hespanha quem possa comprar com ouro o vosso captiveiro ou vingar com ferro a vossa affronta, respeitarão a pureza da nobre virgem. A nós, que não temos ninguem no mundo, resta-nos unicamente o tremendo arbitrio que o Senhor nos inspirou. O martyrio não tardará a cingir-nos a fronte de uma aureola de gloria: os anjos de Deus nos esperam.»

—«A minha resolução, veneravel Chrimhilde, é acabar junto de vós e de nossas irmãs. O meu animo sairá como o d'ellas, illeso da ultima prova que o Christo nos pede na vida. Como ellas darei sem hesitar testemunho da cruz. O velho bucellario de meu pae mente á propria consciencia quando affirma que os infieis respeitarão a pureza de uma donzella goda: a infamia tem sido escripta por elles na fronte das familias mais illustres da Hespanha: o cutello ou a prostituição é o que os arabes offerecem á innocencia: eu escolho o cutello: a morte vale mais que a deshonra. Por ventura para a evitar me guiou o Senhor ao mosteiro da Virgem Dolorosa.»

«Seja feita a vontade do Altissimo!»—respondeu a abbadessa, levantando ao ceu as mãos, entre as quaes apertava o punhal.

«Depois de um momento de espantoso silencio, Chrimhilde disse, voltantando-se para o lado esquerdo: «Hermentruda, approximae-vos!»

«Uma das monjas saiu d'entre as outras, e veiu ajoelhar aos pés da abbadessa: as suas companheiras ajoelharam tambem voltadas para o altar e o hymno que Suintila escutára ao descer para a crypta, murmurou de novo n'aquellas curvas abobadas.

«Como lá no horisonte o sol tremulo e sereno se reclina ao fim da tarde no seio tenebroso dos mares, assim o canto melancholico e melodioso das virgens foi pouco a pouco enfraquecendo até expirar no cicio de orações submissas. Apenas cessou de todo, um gemido de agonia, agudo e rapido, soou junto da abbadessa. Aos olhos de Suintila figurou-se que o punhal de Chrimhilde

descera duas vezes sobre a monja que estava a seus pés. Um brado de colera e horror sahindo involuntariamente da bocca do godo restrugiu pelo templo. Crêra o renegado que Hermentruda havia sido assassinada. Pareceu-lhe então claro o sentido das palavras mysteriosas que ouvira. As monjas fugiam ao captiveiro do harém pelo ádito do sepulchro. Elle assistia a uma scena horrenda de suicidio, e o braço mais robusto de Chrimhilde apenas era o instrumento cego movido por todas essas vontades conformes para morrer.

«Mulher ou demonio, detem-te!»—bradou Suintila correndo com os sheiks e o centenario para o recinto fechado, e procurando abrir as fortes cancellas que lhe embargavam os passos.

Embebidas no seu drama cruel, nem as monjas, nem Chrimhilde volvem sequer os olhos para os quatro guerreiros, cujas armas reluzem ao fulgor das tochas. Hermentruda não está morta! Ergueu-se. Tem a cabeça descoberta, os louros cabellos esparzidos, o collo nú. Bem como o aspecto do formoso archanjo da luz no dia em que, rebelde, a espada de fogo lhe estampou na fronte a condemnação eterna, o seio e o rosto da monja, suavemente pallidos, estão sulcados por betas escuras, que serpeam por aquelle gesto como as viboras estiradas ao sol sobre um busto grego tombado entre as ruinas do antigo templo pagão. E' que similhantes ao nordeste frio e agudo, que passando pela bonina viçosa lhe desbarata os encantos, os fios do punhal de Chrimhilde correram por lá violentos e rapidos, e n'um momento anniquillaram a formosura da virgem.

«As grades fechadas interiormente balançam aos empuxões de Suintila; mas não cedem.

—«Okba, brada o godo a um dos scheiks, correi! Chamae os mais robustos zenetas, e os negros de Takrur armados d'essas achas a cujo primeiro golpe, nunca resistiu elmo de bronze. Prestes! chamae-os aqui. Abdelazziz deve ter chegado. Que venha! Mulher infernal que lhe vae destruindo peça a peça os despojos mais ricos, os que elle destinava para si e para o Khalifa. Que venha salval-os! Que venha! Prestes, scheik de Hoara!»

E emquanto o scheik galga a extensa escadaria, os tres tentam muitas vezes fazer estourar os grossos ferrolhos, que resistem ás suas diligencias. Arquejando, Suintila abandona a tentativa inutil. Ameaça Chrimhilde, as injurias acompanham os ameaços: seguem-nos as supplicas, as promessas, e logo de novo as pragas e as affrontas. Baldado é tudo. Chrimhilde lançou ao renegado um olhar de compaixão, e conservou-se em silencio.

«Mas os canticos cessaram de todo: as monjas sahem successivamente de ambos os lados e vem ajoelhar aos pés da abbadessa: vem despir as galas de formosura e comprar á custa d'ellas a pureza da virgindade e a palma do martyrio. Cada vez mais rapido range o punhal nos collos purissimos das virgens do mosteiro. O gemido, que expira comprimido pela constancia, já se prende com o que a dôr e a fraqueza mulheril arrancam do seio das victimas ao descer do primeiro golpe; e a fileira das que se vão debruçar sobre os degraus do altar cresce d'instante a instante, ao passo que raream as outras duas.

«A terrivel sacerdotisa parou. Está o seu braço cansado de tão longo sacrificio? Não! Braço e animo são robustos, porque os fortalece o espirito do Senhor. E' que o momento supremo da morte se approxima. A mourisma jorra subitamente pelo portal estreito, como o rio caudal na caverna que se lhe estendia debaixo do leito, e cuja abobada fendeu tremor de terra.

«Os guerreiros negros das tribus de Takrur á voz de Abdelazziz, que os precede, precipitam-se contra as solidas cancellas do logar vedado; vinte machados ferem a um tempo nas grades fortissimas do roble que gemem sob a furia dos golpes, e mal resistem ás pancadas violentas dos negros possantes, aos quaes redobra os brios a presença do emir, cuja colera feroz resfolga em maldições e blasphemias.

«Entre as monjas e os arabes bem curta distancia medêa; e todavia, lá no mais pequeno recinto, onde soam os gemidos de dores atrozes, onde só ri uma esperança—a da morte—ha paz intima, ha o ceu: aqui na vasta crypta onde a ebriedade de facil triumpho, a riqueza dos despojos, o futuro de uma larga existencia de gloria e deleites sorriem na mente dos infieis, está o furor insensato, está o inferno. O evangelho e o coran estão frente a frente no resultado das suas doutrinas. E' sublime a victoria do livro do Nazareno.

«Os golpes de machado redobram: as trancas afeiçoadas do roble começam a estoirar nas suas juncturas. A ultima freira fôra já curvar-se junto aos degraus do altar: a donzella, vestida de branco, vae ajoelhar aos pés de Chrimhilde, exclamando:

—«Para mim tambem o martyrio! Salvae-me do opprobrio!»

—«A tua constancia, na dura prova de agonia porque tens passado, te purificou. Sê uma das monjas da Virgem Dolorosa, e vae com tuas irmãs receber a corôa de martyr.»

«O ferro, porém, que descia sobre o collo da donzella foi cair com a mão de Chrimhilde aos pés da cruz gigante do altar. Um revez do alfange de Abdelaziz lh'a cerceára: as solidas grades do roble estavam despedaçadas.

«A abbadessa vacillou, e ao cair só pôde murmurar: «Jesus receba a minha alma!...»

«Foram as suas palavras extremas: um segundo golpe lhe atalhou na garganta o derradeiro suspiro.

«As freiras ergueram-se e encaminharam-se para o logar em que jazia o cadaver destroncado da abbadessa. Ajoelharam junto d'elle com a face voltada para a turba dos infieis. Os rostos inchados e manando sangue eram disformes e horriveis.

—«Ao menos tu serás minha! — bradou o emir, lançando mão ao braço da donzella vestida de branco, a quem o terror d'esta scena rapidissima tornára immovel como uma d'essas estatuas que parecem orar sobre os sepulchros nas cathedraes da edade-média. «Filhos valentes de El-Sudan, conduzi-a á minha tenda. As outras que as azas do anjo Asrael se estendam sobre os seus cadaveres!»

«D'ahi a poucas horas a crypta estava em silencio. As monjas da Vir-

gem Dolorosa jaziam desoladas em volta da veneravel Chrimhilde, e as suas almas puras abrigavam-se no seio immenso de Deus.»

Aqui finda a bella narrativa de Alexandre Herculano, com que enriquecemos este capitulo da nossa historia.

Continuemos agora, depois d'este sublime episodio, e procuremos ser o mais breves possivel, porque muito nos resta ainda que contar, e o espaço vae-nos escasseando.

O exercito de Ruderico foi derrotado na batalha chamada de Chryssus ou Guadalete.

O rei, fraco, dominado pelos vicios e corrupção da sua época, perdeu a vida n'essa batalha memoravel. Os irmãos e filhos de Witiza, bandearam-se com os invasores, esperando que estes lhe déssem o throno, mas a monarchia wisigothica tinha os seus dias contados.

Essa batalha fôra o seu tumulo.

Toda a peninsula foi facilmente conquistada, sem lucta. A monarchia goda desappareceu como uma cousa ephemera que era.

Depois da peninsula wisigothica, temos agora a peninsula arabe.

Pouca importancia tem para o plano do nosso trabalho esta phase nova da peninsula, por isso, passaremos por ella o mais rapidamente que pudermos.

Não houve grandes violencias para esta transformação.

«Implacaveis, diz um historiador, quando se tractava de submetter resistencias que não cediam senão á força, foram benignos e protectores para com todos os que reconheciam a sua auctoridade. A conquista não foi decerto uma calamidade.

«Apenas no meio-dia, onde se tivera de empregar a força, a propriede foi confiscada e ainda assim com excepção do districto de Santarem, Coimbra e outros.

«Na metade norte de Hespanha, que toda, pode dizer-se, se submetteu por capitulação, os naturaes, se perderam os bens moveis, conservaram, porém, as terras, ganhando o direito que antes não tinham de as alienar.

«No proprio meio-dia, porém, em toda a área das terras confiscadas, os servos conservavam-se quaes estavam; e como o quinto de todos bens pertencia ao Estado, só quatro quintas partes das terras foram distribuidas pelos soldados. Os servos, nas terras d'estes, pagavam aos donos quatro quintos das colheitas; mas nas do Estado (*khoms*) pagavam apenas um terço.

«Como impostos, todos os propietarios ficaram sujeitos á contribuição do Kharadj, que era proximamente de vinte por cento, e abrangia todos, mussulmanos e christãos; mas sobre estes pesava além d'isso a capitação (dizihed) que era de 48 dirhems (180 reis) para os ricos, 24 para os remediados, 12 para os proletarios, e da qual isentava a conversão ao Islam.

«As mulheres, os estropiados, os mendigos e os escravos não pagavam.

«Nestas condições, os arabes, scepticos e interessados em conservar os rendimentos do thesouro, eram naturalmente tolerantes. Com effeito, não houve revoltas na nação subemettida, porque a invasão, sendo até certo ponto um bem para as classes miseraveis, amparou o desenvolvimento da classe média; e

ao mesmo tempo que o islamismo se mostrava mais benigno para com os seus escravos do que o fôra o catholicismo toledano, dava aos escravos dos christãos o direito de se libertarem ou que, fugindo, se fizessem musulmanos.

«Além d'isto os arabes consentiam aos vencidos o regerem pelos seus usos e leis por meio de condes e juizes nacionaes, consentindo-lhe tambem o exercicio da religião christã, livremente praticada e publicamente professada; e por este systema preparava a formação de uma população hybrida, que, sob o nome de mosarabes, é um dos principaes phenomenos d'esta nova época da historia peninsular...»

Duas raças rivaes havia n'estes novos occupadores da peninsula; a dos berberes e a dos arabes. Os primeiros consideravam-se e com razão os primeiros conquistadores, os primeiros e os verdadeiros. A elles coubera por certo, o mais rude exforço. Os arabes, commandados por Musa, haviam chegado, quando todas as difficuldades estavam aplanadas; e no emtanto, a parte mais opima da presa fôra a que lhes coubera em partilha. Para elles tinham sido tambem as terras mais ferteis. Assim, emquanto os arabes se estabeleciam na Andaluzia os berberes eram desterrados para a Mancha, para a Extremadura, para as montanhas de Leão, das Asturias e da Galliza, cabendo-lhes ainda o encargo de defeza da fronteira contra os christãos.

D'aqui numerosas insurreições, que teriam decerto aniquillado dentro em pouco o dominio mussulmano, se os Osmaidas, expulsos do Kalifado, não tivessem vindo submetter ao estandarte do Propheta as diversas raças que esse mesmo estandarte conduzira á conquista das Hespanhas.

O Kalifado de Cordova foi, pois, o fortissimo nucleo que logrou consolidar em Hespanha o dominio arabe.

O perigo foi tambem util para a congregação de todas as forças arabes.

D'onde partia esse perigo? Do centro das Asturias, onde logo desde os primeiros tempos da occupação Pelayo encetara a gloriosa empreza d'uma conquista systematica, e de uma restauração da antiga monarchia christã.

Não deixára pois de haver um rei christão, um temivel rei, o rei das montanhas, que descia com os seus companheiros fieis sobre os arabes, e fazia n'elles espantosas carnificinas. Era um Romulo, rodeiado de companheiros dedicados, fortes e ferozes, como os lobos das serras, e cahindo como elles de chofre sobre a presa desprevenida.

Essa obra lenta, começada logo em 718 e dirigida por Pelayo até 737, foi contiuuando persistentemente até que Zatos, annos depois, reduzia o dominio mussulmano a bem pequenas proporções.

A tolerancia mussulmana, embora não fosse expressa nas leis dos invasores, consentiu aos christãos o exercicio da sua religião. Continuou a haver templos de Christo n'esta terra de Hespanha, onde o crescente parecia dever ter derribado para sempre a cruz.

E' verdade que houve alternativas, e que muitas vezes a perseguição produziu martyres. Mas, em todo o caso, os christãos nem sempre tiveram razão de queixa. Não faltaram mesmo as allianças entre as duas nações tão differentes. O primeiro emir de Hespanha desposou a viuva do infeliz Ruderico, e

mais tarde Affonso VI toma por esposa a sarracena Zaida, de Sevilha. Os costumes da peninsula sob a dominação sarracena, podiam fornecer uma grande copia de dados precisos para esta historia, se não estivessemos dispostos a acabar o mais depressa possivel a historia da velha Lusitania.

A corrupção oriental, trazida pelos califas, não tardou a propagar-se n'este solo fecundo em todos os grandes extravios das paixões.

A prostituição desenvolveu-se largamente, e foi mister reprimil-a com severidade por mais de uma vez, para lhe atalhar os perniciosos effeitos.

Não tendo havido, por assim dizer, alteração de regimen religioso ou civil das populações hispano-romanas, os vicios que infestavam essas populações antes da conquista arabe foram-se desenvolvendo, graças aos elementos que lhe traziam as novas raças, pouco escrupulosas em pontos de moral e de pureza de costumes.

Os vencidos, demais a mais, assimilavam de bom grado os costumes da raça vencedora. Costumes faceis e attrahentes, sobre tudo no ponto de vista, em que os estudamos, dada a polygamia, isto é, a faculdade de possuir até certo ponto legitimamente todas as mulheres, que se podessem sustentar.

A raça mosarabe provém d'esta assimilação de costumes.

Prova-se por documentos historicos, de incontestavel authenticidade que christãos e arabes crusavam. Esse crusamento era mais frequente entre os servos, que os arabes protegiam e tractavam muito melhor do que faziam os wisigodos.

Os christãos, assim assimilados, chegavam a perder o conhecimento da lingua patria, e foi por isso que os bispos reconheceram a necessidade de mandar traduzir para o arabe os evangelhos.

Uma prova da facilidade com que os christãos abraçavam os costumes dos musulmanos, é que a circumcisão chegou a tornar-se geral entre elles. Não havia differença nos costumes, nos nomes e na linguagem fallada. Só a religião os distinguia e differençava.

Eis-nos chegados ao fim da historia da velha Lusitania, e terminal-a-hemos com as mesmas palavras com que o sr. Oliveira Martins terminou o seu prologo da nova época, que vamos tambem estudar.

«Assistimos á formação da raça, e depois á constituição da sociedade. Vimos como a civilisação romana trouxe para o gremio da Europa uma população que tudo leva a suppôr filiada em origens diversas das arianas, embora já modificada pela sua fusão com os celtas. Vimos o caracter das instituições fundamentaes d'essa sociedade radicar-se de um modo que, resistindo, atravessa todas as catastrophes da dissolução.

«Vimos o apparecimento do christianismo, dando á Hespanha unidade moral, quando os romanos lhe tinham dado já a unidade social, a lingua, e a cultura litteraria e scientifica. Vimos, depois, a primeira época da dissolução trazer para o lado das ideias antigas a aristocracia de sangue com a hereditariedade do dominio que a caracterisa, e coexistirem os dois systemas politicos e os dois regimens correspondentes de apropriação da terra. Vimos na mesma occasião juntar-se ao fundo de ideias classicas uma somma de sentimentos ger-

manicos, peculio dos invasores. Vemos, finalmente agora o modo porque terminou o movimento da dissolução da Hespanha antiga com a invasão sarracena; e acreditamos que d'ella não ficou vestigio apreciavel, nem nas instituições, nem nas ideias da população da peninsula: concorrera para isso a tolerancia, a diversidade da religião, e o caracter artificial da cultura arabe.

«A verdadeira influencia da occupação sarracena consiste na direcção que por causa d'ella toma a vida nacional da Hespanha moderna. Nascendo no seio dos combates, na desenvoltura dos acampamentos, o seu caracter obedece mais á lei da natureza espontanea do que aos dictames das antigas tradições, romanas ou germanicas.»

---

# HISTORIA DA PROSTITUIÇÃO EM PORTUGAL

## SEGUNDA PARTE

### A prostituição moderna

## CAPITULO I

SUMMARIO

Falla-se, em guisa de prefacio, do que tem sido a prostituição, legalmente considerada, nos diversos estados da Peninsula, e sobretudo em Portugal.— A legislação relativa ao assumpto.— Curiosidades.

Antes de pedirmos á historia seria, grave e reflectida, tudo quanto, relativo ao nosso escabroso assumpto, ella procura encobrir nas suas paginas conspicuas, seja-nos licito, em guisa de prefacio d'esta segunda parte da nossa obra, apresentar uma synthese do estado da prostituição nos diversos estados de Hespanha, e sobretudo em Portugal, bem como da legislação que a ella se refere.

Depois d'este rapido esboço, embrenhar-nos-hemos nas paginas da historia, relatando o que ella nos offerecer de mais notavel a respeito da prostituição em Portugal.

Fallámos do dominio arabe, e vimos a influencia que esse dominio exerceu na população hispano-romana.

Quando os vencidos reconquistaram aos mouros uma parte do seu antigo territorio, ao passo que a lucta se tornava menos encarniçada, os dois povos puzeram-se em contacto e exerceram um sobre o outro mutua influencia.

No emtanto, o influxo dos arabes foi mais directo. Os costumes corrompidos do Oriente, os habitos faustuosos de luxo e de voluptuosidade introduziram-se insensivelmente nos povos christãos.

A propria cavallaria andante, da qual os modernos pretenderam fazer uma especie de confraria religiosa, consagrada á honra e ao amor platonico, não foi um obstaculo contra o desenvolvimento das paixões brutaes.

O christianismo não poude obstar completamente a essa lucta desenfreada da sensualidade.

A corrupção dos costumes ganhou terreno de dia em dia e os seus progressos foram rapidos.

A prostituição reppareceu sob todas as suas formas e com proporções tanto mais assustadoras, quanto deixára de ser vigiada, como entre os arabes, pela lei, ou auctorisada e regulamentada por estatutos e ordenações.

Estamos em plena Edade-Media, na épocha do estabelecimento das communas.

Os primeiros conselhos municipaes de Hespanha datam de remotas épochas; e está demonstrado que alguns d'esses conselhos remontam ao seculo XI, e na sua maior parte, quando menos, ao seculo XII.

Os povos passaram muito cedo a tractar das suas liberdades, e occuparam-se em defender as suas franquias contra as ambições tyrannicas dos nobres e dos grandes. A esta origem antiga dos municipios hespanhoes, devemos attribuir o caracter de independencia que os distingue.

No emtanto, n'estas corporações municipaes, sempre em lucta aberta contra os grandes e os ricos, tractava-se mais de estabelecer e affirmar direitos do que de elaborar regulamentos de policia urbana e de salubridade publica. Nas suas ordenações não se encontra documento algum relativo á prostituição, o que permitte suppor que a libertinagem publica não era tolerada pela lei.

Esta hypothese parece-nos muito verosimil, por quanto a maior parte das ordenações municipaes do seculo XV, que a miudo se limitam a reproduzir a legislação anterior, prohibem em absoluto a prostituição, e applicam penas sevéras contra as mulheres ou individuos que favorecerem ou causarem a dissolução dos costumes.

As ordenações de Huesca, antiquissimas, fazem menção de um magistrado, chamado o *Pae dos Orphãos,* cujas principaes funcções consistiam em velar pelos costumes publicos, em perseguir a libertinagem sob todas as suas formas, e em expulsar ou fazer expulsar das cidades as mulheres de mau viver.

O prior e os jurados das cidades municipaes tinham os mesmos direitos d'aquelle inspector geral dos costumes publicos.

Podiam tractar as mulheres de má vida como os vagabundos, e expulsal-as das suas communas.

O concubinato era perseguido e castigado com egual severidade.

Os que viviam n'esta especie de matrimonio imperfeito, os amancebados, incorriam em penas arbitrarias, que era permittido aos magistrados infligir-lhes, salvo a morte, a mutilação e o desterro por mais de dois annos.

Estas medidas rigorosas dizem claramente quaes eram as desordens e a corrupção da epocha.

Sendo no emtanto peor o remedio que o mal, as desordens em vez de diminuirem foram crescendo com a applicação rigorosa das ditas medidas.

A libertinagem particular succedeu á libertinagem publica e a prostituição clandestina tomou desmedidas proporções.

O trafico publico das cortezãs converteu-se n'um commercio vergonhoso, alimentado pelas medianeiras e proxenetas.

O typo d'estas mulheres infames, que tiveram n'esta época a sua edade de oiro, figura na maior parte dos antigos romances, canções e poemas dramaticos.

Tambem o encontramos nos velhos codigos da Edade-Media, e especialmente na compilação de leis publicada em 1260 pelo rei Affonso, o sabio, sob o titulo de *Sete partidas:*

«Alcouveiras, diz o Codigo Affonsino, são uma especie de gente de que vem muito mal ao mundo. Porque por más palavras prejudicam aos que as acreditam, e os induzem ao peccado da luxuria.

«Por isso nos titulos anteriores a estes, fallámos em todas as maneiras de fornicação. Queremos dizer n'este (*Partido* VII, *Titulo* XII, *de los Alcahuetes*) o que são os alcouveiros, que são ajudadores do peccado. Que damnos nascem d'elles, quaes são seus feitos. Quem póde accusal-os. Ante quem; que pena merecem, depois que lhes fôr provada a alcouvice.

«*Leno,* em latim, quer dizer em romance o mesmo que alcouveiro, o que engana as mulheres, instigando-as a fazer maldades com os seus corpos.

«Ha cinco maneiras de alcouveiro.

«A primeira é a dos villões-ruins, que guardam as p..., que estão publicamente na p..., tomando parte no que ellas ganham.

«A segunda é a dos que andam empregando manejos e desencaminhando as mulheres, que estão em suas casas, para as entregarem a varões, por alguma coisa que d'elles recebem.

«A terceira é, quando os homens tem em suas casas captivas ou outras moças, para fazerem maldade dos seus corpos, recebendo d'ellas o que assim ganharem.

A quarta é, quando o homem é tão vil que é alcayote de sua mulher.

«A quinta é, quando alguem consente que alguma mulher casada ou outra de boa familia, faça fornicação em sua casa por alguma coisa que lhe dêem, embora não sirva de medianeiro entre elles.

«E nasce muito grande erro d'estas coisas ou d'outras taes. Porque, por maldade d'elles, muitas mulheres que são boas se tornam más. E ainda as que houverem começado a errar, fazem-se com as provocações d'elles peores.

«E ainda erram os alcoveiros, em si proprios, andando n'estas preversas manobras, e obrigam a errar as mulheres, impellindo-as a fazer maldades com os seus corpos, e ficam depois deshonradas por isso, e ainda que isto não se dê, levantam por estes factos, entre ellas, contendas e muitos desaccordos e até mortes de homens.

«Aos alcouveiros pode accusar cada qual do povo, ante os julgadores dos logares onde fazem estes erros, e depois de lhes ser provada a alcouvice, e se forem villões como acima dissemos, devem expulsal-os da cidade, a elles e ás taes p...

«E se alguem alugar as suas casas, sabendo-o, a mulheres más, para fazer n'ellas p..., deve perder as casas para a camara do rei, e além d'isso deve pagar dez libras de oiro.

«Outrosim, dizemos, que os que tem em suas casas captivas ou outras moças para fazerem maldades dos seus corpos por dinheiro que tiram do ganho d'ellas, que se forem captivas devem ser forras, assim como dissemos na quarta partida d'este livro, no titulo dos aforramentos dos servos, nas leis que fallam a este respeito.

«E se forem outras mulheres livres, aquellas que assim tiverem e tirarem interesse da p..., que assim as obrigaram a fazer, devem casal-as e darlhes dotes aquelles que as induziram a fazer tal erro, e se não quizerem ou não tiverem com que o fazerem, devem morrer por ello.

«Outrosim, qualquer que serve de alcayote a sua mulher, dizemos que deve morrer por ello.

«Esta mesma pena deve ter o que servir de alcoviteiro a outra mulher casada ou virgem, ou religiosa, ou viuva de boa fama, por alguma coisa que lhe dessem ou lhe promettessem dar.

«E o que dizemos n'este titulo, tem logar com as mulheres que trabalham em questões de alcouvice».

Não podemos censurar a severidade d'estas leis.

Nenhum rigor nos parece excessivo contra os vergonhosos agentes de tão infame corretagem.

A Egreja, tão inexoravel como a lei, recusava ás vezes a absolvição, até mesmo no leito da morte, aos que houvessem favorecido a libertinagem, ou por qualquer fórma a tivessem alimentado. (*Concilio de Elvira*, canon XII).

Apontemos como um progresso, a indulgencia e a sollicitude do legislador para com as victimas d'este immundo trafico.

O mesmo codigo cobre d'infamia as proxenetas, e em geral todos os medianeiros. Deve saber-se que a infamia n'aquelle tempo produzia como outr'ora na legislação romana uma especie de morte civil.

A infamia não perturba, porém, os que d'ella vivem.

Nem essa pena, nem o desterro perpetuo, nem a confiscação, nem a propria pena de morte, puderam pôr obstaculo a este officio lucrativo e vergonhoso

As proxenetas associaram-se ás mulheres de má vida, e as desordens resultantes d'essa associação deviam ter sido bastante consideraveis, como o demonstra a pragmatica de Henrique IV, o impotente, rei de Castella, promulgada em Ocaña que prohibe ás prostitutas o terem rufiões, sob pena de receberem publicamente cem açoites e de perderem os seus vestidos, cada vez que incorrerem em contravenção.

Castigava-se o rufião pela primeira vez com cem açoites, da segunda vez era condemnado a desterro perpetuo, e da terceira morria na forca.

As armas e os vestidos do culpado eram confiscados e divididos entre o denunciante e o juiz.

Toda a pessoa, qualquer que fosse a classe a que pertencesse, podia por sua propria auctoridade prender o rufião, e leval-o em continente ao tribunal, para lhe fazer applicar as penas estabelecidas.

O texto da pragmatica explica esta severidade, e justifica-a, representando os rufiões, não só como corruptores dos costumes, mas tambem como factores de desordens que compromettiam a segurança e a tranquillidade publicas.

Eis o motivo porque a lei tractava com analogo rigor as mulheres que empregavam como auxiliares estes agentes subalternos da prostituição.

A pragmatica, que acabamos de citar, recorda pelas suas disposições outra que mais tarde, em 1507, foi dictada em Napoles, e que diz assim:

«Tendo em tempo passado Sua Magestade mandado fazer provisões e pregões, para que n'este seu reino não podesse pessoa alguma de qualquer nação ser rufião, e porque nenhuma meretriz ou dama de qualquer classe podesse ter rufião publico ou secreto...

«Querendo Sua Illustrissima Senhoria que esta ordenação se observe á lettra, para tornar este reino livre de tal abominação, ordena e manda:

«A todos os rufiões que teem mulheres por sua conta, seja qual fôr a nação a que pertençam, que no praso de dez dias, depois da publicação da presente lei, saiham e partam d'esta cidade de Napoles e d'este reino, não podendo voltar a elle sem licença expressa de Sua Magestade ou do referido illustre Vice-Rei. As referidas meretrizes, ou mulheres que mercadejam com o seu corpo, não devem de qualquer modo publico ou secreto ter rufiões, sob pena de serem ignominiosamente fustigadas em Napoles ou em outro qualquer logar d'este reino onde se encontrem, e de serem perpetuamente expulsas do dito reino, e marcadas ainda por cima na fronte.»

Vê-se que se havia operado uma grande transformação.

O medianeiro, transformado em rufião, era apenas um corretor de libertinagem, ganhando ordenado nas casas das prostitutas, o que prova que toda a provocação na via publica era prohibida, e que a excitação, mesmo indirecta, não estava exempta de castigo.

Ainda assim, estas medidas rigorosas não produziram o bem que d'ellas se esperava, ou não tiveram effeito muito duradouro, por quanto em 25 de novembro de 1552, Carlos V, Dona Joanna e o principe Dom Filippe promulgaram em Monzon uma nova pragmatica, com o titulo de: *Augmento de penas contra os rufiões*. A's penas impostas por Henrique IV, accrescentavam-se a exposição á vergonha publica e galés perpetuas.

Esta nova lei foi confirmada por Filippe II em 13 de Maio de 1566. Repetimol-o: não podemos deixar de applaudir as rigorosas disposições d'estas leis inexoraveis.

Devia-se esta satisfação á moral e ao sentimento de dignidade humana, ultrajadas por homens tão vis que se rebaixavam a um nivel mais infimo do que o das prostitutas. Quanto á propria prostituta, a lei concedia-lhe uma certa protecção, devida ao seu sexo, se não á sua profissão.

A violencia exercida contra uma mulher de má vida era castigada como qualquer acto de violencia feito contra um membro da sociedade.

E' verdade que o castigo não estava determinado de uma maneira previa.

A mulher dissoluta não podia queixar-se de ter sido seduzida; o tribunal não lhe acceitava a queixa.

O rapto e a violação de que fosse objecto uma mulher de costumes escandalosos só expunham o culpado ao castigo previsto para o delicto de injuria.

Os juris-consultos, educados nas tradições severas do direito romano, julgavam que a mulher dissoluta era indigna da protecção das leis.

Affonso, o Sabio, foi mais indulgente, como o demonstram certas disposições do seu codigo.

As mulheres publicas encarceradas não se misturavam de modo algum com os homens. Estavam presas em separado.

O mesmo codigo assegurava á cortezã o salario que o seu officio lhe produzia.

Prohibia tambem ao que de ante-mão tivesse pago o prazer sensual, reclamar a somma entregue, se a mulher se negasse a cumprir a sua promessa.

A mesma lei tracta de justificar esta disposição singular, dizendo que a torpeza vem do que compra o peccado e não do que o vende e recebe o seu preço: *turpitudo versatur solius dantis.*

Era esta uma tradição da legislação romana que distinguia subtilmente a vergonha do officio da legitimidade do salario:

«Se o officio de cortezã é vergonhoso, dizia Ulpiano, nem por isso deve taxar-se de vergonhosa a percepção do salario que se tira d'este officio.»

Pela nossa parte, preferiamos ver n'isto uma recordação da lei evangelica, sempre indulgente para com a peccadora, mas sempre inexoravel para com o corruptor, que manchava e profanava uma creatura de Deus.

«Dinheiros, diz o codigo de Affonso, o sabio, partida v, titulo xiv, ou outros dons dados por algum homem a alguma mulher que seja de boa fama com a intenção de fazer maldade do seu corpo, embora ella prometta fazer o que se lhe pede, e receba o dinheiro ou os dons por este motivo, se todavia não quizer fazer o que prometteu, o outro não pode pedir-lhe o que lhe tiver dado, nem ella é obrigada a restituir coisa alguma.

«E isto porque a torpeza tanto lhe cabe a elle por dar aquelles dons, como a ella pelos haver recebido.

«E por isso, visto que em ambas as partes houve torpeza, maior direito ha na coisa que foi dada sobre tal motivo ao que a possue do que ao que a deu.

«O mesmo se entende, se alguem der dinheiro a alguma má mulher para *roussar* com ella. Porque, depois lhe haver dado o dinheiro, não lh'o poderia tornar a pedir, porque a torpeza veiu da sua parte sómente: por isso não o deve cobrar.

«Se a mulher commette grande erro em jazer com homens, não faz mal em acceitar o que lhe dão. E por isso em receber não ha torpeza da parte d'ella.»

Affonso, o Sabio, cingindo-se ás palavras do propheta Isaias, prohibia aos sacerdotes que recebessem offerendas que viessem de tão impura origem (partida I, titulo IX), mas permittia empregar em esmolas o producto da prostituição.

Assim, pois, as cortezãs arrependidas podiam resgatar as suas faltas por meio da caridade.

Esta disposição do Codigo Affonsino, conforme com o espirito das leis juridicas, é favoravel á opinião dos juris-consultos, que pretendiam, segundo os principios da lei romana atraz citada, que a Egreja não podia cobrar dizimo das mulheres publicas.

É verdade que os adversarios d'esta opinião podiam considerar este dizimo como uma esmola forçada, destinada ao resgate das peccadoras.

O mesmo codigo applicava a nota d'infamia ás prostitutas, e não permittia por conseguinte que estas mulheres fossem instituidas legatarias em prejuizo de parentes directos ou collateraes do testador.

A mãe podia desherdar sua filha, em punição da sua má conducta, mas perdia este direito, se ella propria tinha sido cumplice dos seus desvarios, ou quando a sua propria conducta não fosse regular, recuperando-o no emtanto, quando o arrependimento a chamasse de novo á vida honesta e aos costumes exemplares.

O pae, como bem se comprehende, tinha o mesmo direito, limitado, não obstante, por uma pequena clausula em que o legislador deixa entrever ingenuamente a indulgencia, que n'estes climas ardentes obtinha uma falta, cuja causa se attribuia com demasiada facilidade a um impulso irresistivel da natureza.

«Outrosim, quando o pae quizer casar sua filha e a dotar segundo a riqueza que tiver, ou segundo o que lhe pertencer a ella e áquelle com quem a quizer casar, se ella, não querendo obedecer á vontade do pae, disser que não está disposta a contrahir matrimonio, ou depois d'isto se entregar á vida de má mulher, em p..., seu pae poderá desherdal-a por este motivo.

«Mas, se o pae protelar o casamento de sua filha, de maneira que ella passe da edade de vinte e cinco annos; se a referida filha depois d'isto fizer erro, fôr inimiga do seu corpo, ou casar contra a vontade de seu pae, não poderá desherdal-a por este motivo, pois foi elle o culpado do erro por ella praticado, visto haver tardado tanto em casal-a. (Partida VI, titulo VII.)

Prova singular da libertinagem desenfreada e da profunda corrupção d'aquella epocha!

A desordem dos costumes era geral em todas as classes sociaes.

O proprio Codigo permittia o concubinato, prohibindo sómente aos homens nobres e de boa raça tomar por concubinas (barregans) mulheres de ordem inferior, taes como escravas, manumissas, creadas de estalagens, mediadoras, n'uma palavra a toda a mulher de condição vil ou entregue á libertinagem, assim como os filhos d'estas pessoas suspeitas. Tal é o quadro resumido da prostituição na Hespanha na Edade-media.

As leis foram impotentes contra a corrupção dos costumes publicos.

Nem o espirito da legislação romana nem o influxo do Christianismo poderam conter a desordem que em vão tentaram reprimir. A immoralidade é vivaz e contagiosa, e nunca é mais terrivel do que quando se occulta.

Os seus perniciosos effeitos latentes são muito mais deploraveis do que o escandalo da libertinagem publica. Quem poderá sondar em toda a sua profundidade a depravação de um povo entregue completamente á prostituição clandestina?

Tal foi a sorte da Hespanha no fim da Edade-media. Foi esta a epocha das alcoviteiras e dos medianeiros, e esta epocha durou muito tempo porque abrangeu até ao fim do seculo XVI.

A litteratura contemporanea reproduziu o typo de tão infames corretores e contou a historia do seu vergonhoso commercio. Nos fins do seculo XV appareceu a *Celestina,* livro celebre e singular, que tem o titulo tão profundo e apropiado de tragi-comedia.

Effectivamente o tragico e o comico, o terrivel e o burlesco, o riso e o pranto tocam-se a cada momento, e confundem-se n'esta obra, quadro fidelissimo dos costumes da epocha.

Tão deploravel era a corrupção, tão profundo o relaxamento, que os codigos antigos chegavam a regular o numero de barregans que podia ter um presbytero.

O clero, como se vê, não tinha sabido escapar ao contagio do exemplo, os ministros do Evangelho tinham imitado os costumes corrompidos e a polygamia dos mouros.

Os mosteiros de homens e de mulheres foram infestados pela corrupção geral.

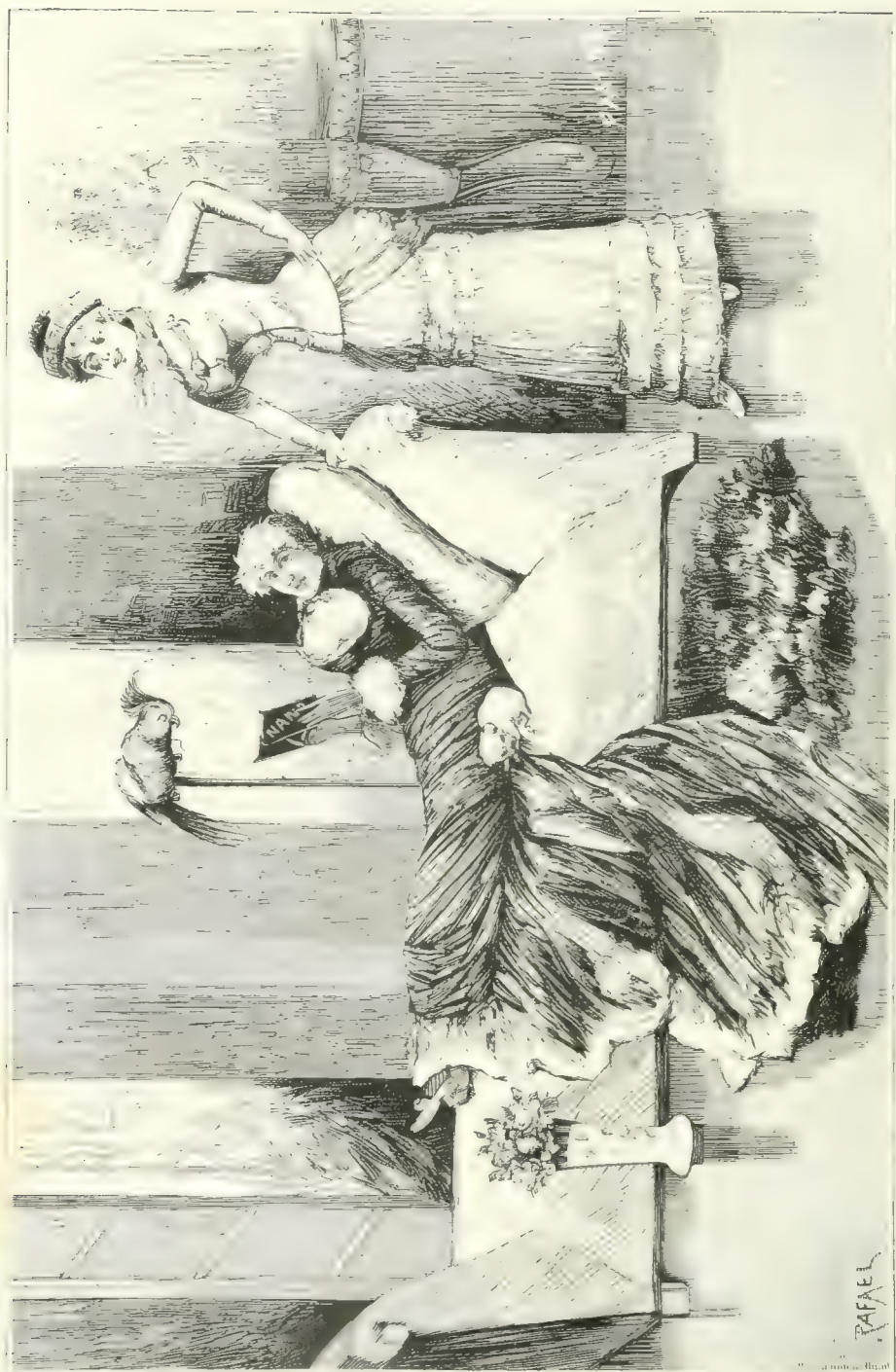
As alcoviteiras penetravam com egual facilidade no interior das casas, e na solidão dos claustros; a verdade é que os frades lhes davam bastante que fazer.

O auctor da *Celestina* representa-nos a sua heroina vendendo raparigas aos abbades, percorrendo os mosteiros onde tinha muitas relações, e tudo quando diz sobre este caso justifica plenamente o famoso appellido que lhe dá de Trota-Conventos.

Recorda-nos ao mesmo tempo as difficuldades de toda a especie, os obstaculos grandes que tem que vencer santa Thereza, quando tentou introduzir uma reforma nas communidades religiosas onde a agitação e os escandalos da vida mundana tinham substituido desde muito tempo o recolhimento e os exercicios de piedade.

A tragi-comedia de *Calisto e Melibeia* tinha pelo menos um fim moral.

Serviu de modelo a um grande numero de obras do mesmo genero, mas estas imitações não tiveram exito egual. O seu numero consideravel serve tão sómente para demonstrar a profunda corrupção da epocha.

Os ultimos d'estes livros, a Thebaida, a Hippolita, a Seraphina, impressos em Valença em 1513 precederam tres annos apenas o advento de Carlos V ao throno de Hespanha. Assim, não devemos admirar-nos de vêr este principe promulgar em 1532 o decreto conhecido pelo nome de *Lei Carolina,* commi-

Suggestões de uma leitura galante

nando penas contra os medianeiros que impelliam a juventude á libertinagem e offereciam asylo seguro á crapula.

Os culpados podiam ser desterrados ou expostos á vergonha publica. Em certos casos, cortavam-se-lhes as orelhas e eram açoitados com varas. Se o medianeiro era o pae, a mãe, ou o esposo da victima, era castigado com a pena de morte.

No principio dos tempos modernos o numero dos medianeiros diminuiu consideravelmente.

Este typo, tão frequentemente reproduzido na litteratura hespanhola, transformou-se insensivelmente, tornou-se o que os hespanhoes chamam uma *dueña,* o que foi muito peior.

A *dueña* era a maior parte das vezes uma especie de medianeira domestica, que de boa vontade favorecia, mediante paga, as fraquezas da virtude, bem susceptivel de cahir, cuja vigilancia lhe estava confiada.

Pela sua parte o proxeneta tornou-se rufião, e entrou ao serviço das prostitutas por salario. Mais tarde transformou-se em escudeiro e começou a servir as mulheres galantes.

Curiosa e interessante seria a historia d'estas metamorphoses dos agentes da libertinagem, que serviam com tanto zelo, e tão efficazmente alimentavam a prostituição clandestina.

Quando esta fez espantosos progressos, quando o vicio sahiu do lupanar para penetrar no seio das familias, quando a corrupção ameaçou invadir tudo e tornar-se geral, comprehendeu-se que o systema de prohibição absoluta e até de repressão demasiado severa da prostituição publica tinha produzido effeitos contrarios aos que se desejava obter, e que as medidas de legislação sobre este caso tinham sido mais perniciosas do que uteis e salutares.

Reconhecido este mal como necessario, ou quando menos inevitavel, sentiu-se a necessidade de o regularisar para o limitar e impedir que se propagasse.

Uma severidade exaggerada, intempestiva e por conseguinte transitoria, devia produzir uma tolerancia forçada, ou melhor diremos, uma culpavel indifferença.

Era mister que a prostituição fosse um ramo da administração publica, submettida a leis formaes, a estatutos e a regulamentos precisos.

Esta reforma urgente começou no ultimo terço do seculo XV e proseguiu com um zelo verdadeiramente intelligente.

A prostituição publica, regularisada e governada, sob a direcção da vigilancia da auctoridade soberana, foi submettida a uma legislação fixa, que se manteve em vigor, com leves modificações, durante mais de seculo e meio, até ao decreto de abolição de Filippe IV em 1623.

Este periodo da historia da prostituição em Hespanha é o que nos interessa mais, e o que se nos affigura mais importante. Desde este tempo em diante, o legislador organisava o serviço dos costumes ou intervinha de uma maneira directa e efficaz para vigiar a moralidade publica e para precaver e reprimir as desordens. Inspirava-se além d'isso nos conselhos da hygiene e pedia

á policia medica as suas luzes e os seus recursos. Esta intervenção da medicina é d'um grande progresso: a hygiene e a moral publica são inseparaveis e solidarias.

E' preciso dizer tambem, que essa intervenção se tornaria indispensavel por causa dos terriveis estragos da enfermidade venerea, que n'aquella epocha tomou fórmas de uma verdadeira epidemia.

A organisação pessoal da prostituição publica em Hespanha remonta á segunda metade do seculo xv.

E' innegavel que foi submettida a regulamentos precisos, sendo o anno de 1486, antes da descoberta da America, o da expulsão definitiva dos mouros.

Se se examinassem com cuidado os archivos arabes anteriores a estas epochas, é provavel que se attribuisse a esta instituição uma origem mais antiga.

O texto das ordenações municipaes de Sevilha e de Granada, publicado alguns annos depois da conquista provaria demasiado que a organisação das casas publicas datava de uma grande antiguidade e era geral na Andaluzia, porque se encontra estabelecida não só nas duas referidas capitaes da Hespanha arabe, mas além d'isso n'um grande numero d'outras cidades menos importantes como: Malaga, Seoja, Ronda, Ablama, Marbella.

Depois da tomada de Malaga em 1487, os reis catholicos deram de propriedade a Alonso Janez Fajardo, chefe da mesa do palacio, as casas publicas (*mancebias*) das cidades que acabamos de citar, accrescentando a este dom mais adiante as das cidades conquistadas successivamente, como Velez, Malaga, Almeria, Almunecar, Cadix, Raza e Granada.

Este servidor, tão generosamente dotado por estes senhores, recebeu além d'isso auctorisação para fundar casas publicas de prostituição nos dominios do governo sem que nenhuma auctoridade o podesse impedir de usar livremente de tão singular previlegio nem oppôr obstaculo algum ao exercicio dos seus direitos.

As mulheres estabelecidas nas suas casas deviam pagar-lhe as suas despezas de aluguer e outros tributos, como se praticava já em Sevilha, segundo o decreto real de Salamanca de 4 de dezembro de 1486.

Todas as cidades da Andaluzia, de alguma importancia, tinham por conseguinte casas de prostituição, auctorisadas e vigiadas.

A prostituição publica, organisada e regulamentada por estatutos e ordenações especiaes, não tardou a estender-se ás cidades principaes do meio-dia da Hespanha, assim como tambem ás do littoral dos dois mares, desde Valença até Cadix, e ás fronteiras de Portugal. N'algumas cidades da Andaluzia, as casas publicas têem sitios determinados e edificios especiaes.

A maior parte d'ellas estavam fóra dos muros da cidade.

Encontram-se todavia algumas excepções.

As *Conversaciones historicas de Malaga*, publicadas em 1792 por Garcia de Seña, fazem menção de uma grande casa de prostituição, que continha cem mulheres publicas, e que foi installada na rua dos *Doce Revoltos*, segundo a concessão feita a Fajardo.

Esta casa soffreu com o andar do tempo outras mudanças até fins do seculo passado.

N'esta épocha edificou-se um hospital no sitio que occupava o referido estabelecimento.

Indicamos este facto curioso para provarmos que as casas d'esta indole tinham tambem a sua historia, e uma tradicção de antiguidade bastante respeitavel.

Os estatutos e regulamentos especiaes que regiam a prostituição não eram em geral senão as ordenações urbanas das cidades municipaes, approvadas ou modificadas pelas leis de Hespanha depois da conquista.

Estas ordenações geraes, compilação das disposições relativas a todos os ramos da administração municipal, eram na sua maior parte uma collecção de regulamentos particulares, alguns dos quaes diziam respeito á policia interior.

Entre estes ultimos figuram os regulamentos das casas de prostituição.

E, coisa rara! só se encontram regulamentos d'esta classe nas legislações urbanas ou codigos municipaes das cidades da Andaluzia, e da parte meridional do littoral.

Em quanto ás cidades do interior submettidas á denominação arabe, não parece que tenham tolerado a prostituição; prohibiam-na, pelo contrario, sob severissimas penas, como se vê do conteúdo das ordenanças de Huesca e da instituição do Padre de los Huerfanos ou inspector geral dos costumes publicos de que temos fallado.

N'estas cidades interiores o espirito da legislação romana tinha prevalecido sob a indulgencia de que davam exemplo os arabes, sem que os costumes tivessem ganho muito com tal severidade.

Mais adiante, algumas d'estas cidades modificaram o seu viver e tomaram das legislações urbanas das cidades meridionaes as principaes disposições, que regulam a prostituição publica.

No emtanto, nunca a prostituição foi tolerada no norte da Hespanha, nem sobretudo nas Provincias Vascongadas.

A vida sobria e frugal dos habitantes d'estas provincias e seus costumes severos e patriarchaes preserveraram-nos muito tempo dos perniciosos effeitos das corrupções.

Ainda hoje póde observar-se um contraste assombroso entre a estatura esbelta e a constituição robusta dos descendentes dos cántabros, e a apparencia doentia da raça misturada que habita as provincias do sul.

Verdade é tambem que este contraste se explica em parte pela influencia profunda do clima e do temperamento.

Interrompemos aqui as nossas reflexões: o exame do regulamento relativo á organisação da prostituição publica nos ministrará muito mais que nós podiamos fazer.

Em 17 de Junho de 1502 deu-se ordem em Toledo de reunir em um só volume as ordenanças de Sevilha.

Este trabalho foi definitivamente terminado em 1519 e impresso em 1526 e 1527 em um volume.

Entre os trinta e sete titulos que contem, ha um relativo ás concubinas e ás mulheres de má vida (mulheres barregans e deshonestas).

Extrahimos as seguintes disposições:

«Nenhuma concubina em geral e em particular as dos padres, nem as mulheres de costumes suspeitos ou escandalosos podiam usar vestidos roçagantes, nem veus, nem adorno algum dos que usam as mulheres honestas.

«A mesma prohibição se estendia ás mulheres publicas que corriam o mundo.»

Estas medidas reproduzidas depois com algumas modificações pertencem a uma legislação mais antiga.

O Codigo de Affonso, o Sabio, prescrevia já ás mulheres de má vida um toucado de côr de açafrão, como signal evidente do vil officio que exerciam.

Tendo sido julgado, porém, insufficiente este signal, ordenou-se ás prostitutas que usassem na cabeça um pente brilhante, sob pena de confiscação dos seus bens e de uma multa de cincoenta maravedis.

Era tambem prohibido ás mulheres mundanas, sempre sob a mesma pena, usar oiro, perolas, vestidos de seda e ataviarem-se segundo o uso das damas de alta roda.

Igualmente estavam sujeitas até no interior de suas casas de crapula ás leis sumptuaria que regiam o luxo das mulheres de boa familia.

Devemos dizer sem embargo que estas leis eram mal observadas, assim como veremos mais adiante, ao occupar-nos da grande casa de prostituição de Valença

Finalmente, era prohibido ás mulheres de costumes galantes exhibirem-se em publico em carruagens, carros ou liteiras, e servirem-se nas egrejas de almofadas, cochins, ou tapetes.

Tornaremos a fallar n'estas leis que pertencem aos tempos de Filippe II e de Filippe III. Só as mencionamos agora, afim de mostrar que, nas cidades onde a prostituição publica estava organisada e vigiada, se perseguia com grande zelo a prostituição clandestina.

Pretendemos demonstrar tambem que esta, apparecendo sempre quando se suprimem as casas publicas, já não tinha razão de ser.

Eis aqui porque a mesma lei que tolera as cortezãs nas casas de prostituição era implacavel contra as mulheres galantes, que semeiam a corrupção e illudem a vigilancia da auctoridade; eis aqui tambem porque a mesma lei queria que as prostitutas legalmente auctorisadas se distinguissem por signaes particulares para poderem ser reconhecidas.

As ordenações de Sevilha dizem expressamente que só as mulheres publicas podem frequentar as casas de prostituição.

Esta medida de exclusão, junta ás precedentes, provaria sufficientemente, embora os factos não o declarassem de um modo positivo, que, depois da organisação da prostituição publica, existiam ainda casas particulares, onde a prostituição clandestina continuava em exercicio.

Está demonstrado effectivamente que existiam casas de entrevistas, chamadas *mosteiros*, onde se reuniam mulheres de mau viver.

A dona da casa, a *mayorala*, tinha o titulo de abbadessa, e recebia uma retribuição dos freguezes do seu convento.

Seria este nome tirado da gerarchia do clero regular, uma parodia burlesca e impia, ou então uma satyra sangrenta dos costumes das communidades religiosas?

Seja como for, estas casas clandestinas eram o ponto de reunião das entrevistas de casadas e solteiras.

Succursaes da libertinagem publica, serviam tambem de ultimo asylo ás mulheres correctoras da prostituição.

Toda a mulher, solteira ou casada, surprehendida nos referidos logares suspeitos pagava uma grande multa e recebia em publico vinte açoites.

A abbadessa era castigada com o maior rigor: cincoenta açoites pela primeira contravenção, cem pela segunda. A' terceira, cortava-se-lhe o nariz, e assim mutilada, expulsavam-na ignominiosamente da cidade.

As casas clandestinas ou abbadias eram confiscadas e vendidas em leilão.

Estas penas corporaes parecem-nos hoje muito severas, mas a intenção da lei era excellente em principio.

Uma vez que as casas publicas de prostituição eram legalmente autorisadas, tornava-se necessario que todas as mulheres que traficassem com o seu corpo estivessem submetidas á vigilancia immediata da lei: assim o exigiam a moral e a hygiene.

Os signaes particulares, os distinctivos que faziam reconhecr as mulheres de má vida impediam-nas de se entregarem a uma existencia errante e vagabunda, e por conseguinte de augmentar as desordens da libertinagem.

Assim, era prohibido aos estalajadeiros, taberneiros e donos de tascas de receberem nos seus estabelecimentos prostitutas, e bem assim emprestar-lhes ou alugar-lhes roupas para se vestirem ou para dormirem.

Analogas medidas se encontram na maior parte das outras grandes cidades.

Esta iniciativa da lei na vigilancia da prostituição, que d'este modo ficava circumscripta aos mais estreitos limites legaes, era um progresso notavel.

As ordenações relativas á casa publica de Sevilha, foram confirmadas e rectificadas em Madrid por Filippe II em 7 de Março 1571, de accordo com a revisão do Conselho municipal e do cabido da mesma cidade, e impressas em Sevilha em 13 de Maio de 1570.

Dizem assim, traduzidas litteralmente da lingua latina:

«O alugador da casa publica, apresentar-se-ha ao corregedor ou ao *Ayuntamiento* do povo, e sendo homem apto para este caso, jurará observar as leis seguintes:

«1.ª Que não admittirá nenhuma mulher casada, nem filha alguma do povo, nem de negro, nem de negra.

«2.ª Que as admittidas entrarão sem dividas.

«3.ª Que se proverão de commestiveis na praça, e no caso do alugador as fornecer, nada lhes poderá levar além da taxa ou posturas.

«4.ª Que de oito em oito dias virá o medico ou o cirurgião para obser-

varem o seu estado de limpeza. A esta visita sanitaria sujeitar-se-ha a noviça ou a nova inquilina.

«5.ª Que se estiverem infeccionadas, ou padecerem de qualquer outra enfermidade, nenhuma se curará em casa, mas será conduzida sem demora ao hospital.

«6.ª Que cada uma dará todos os dias ao alugador um real de prata pela hospedagem, cama e outros moveis necessarios.

«7.ª Que na Semana Santa não trabalharão no seu officio, e se alguma delinquir, será açoitada na praça publica juntamente com o alugador, se elle lh'o houver consentido.

«8.ª Que não usarão vestidos talares, nem sombrinhas, nem luvas, nem chapins, mas sim uma mantilha para os hombros, curta e encarnada.

«9.ª Que não usarão habitos de nenhuma ordem religiosa, nem almofadas, nem tapetes nos templos, nem sahirão com pagens, nem terão creada de menos de quarenta annos.

«10.ª Que estas leis, depois de escriptas n'uma taboa, estarão patentes na *mancebia,* para conhecimento de todos. E ultimamente, para zelar a sua observancia, nomear-se-hão regedores cujo cargo durará apenas quatro mezes.»

A recompilação das ordenações de Granada foi publicada em 1592, mas as disposições relativas, especialmente á prostituição, remontam ao anno de 1539 e formam o titulo 124 da compilação, debaixo d'esta denominação: *Ordenanza del Padre de la Mancebia.*

Tal era o nome do alugador da casa da prostituição, e que especulava alli em seu proveito.

Vamos dar por curiosidade o texto d'essa ordenação:

«Tituto 194:—Don Carlos, pela Divina Clemencia, imperador sempre augusto, rei de Allemanha, Dona Joanna, sua mãe e o mesmo Don Carlos pela graça de Deus, reis de Castella, de Leão, das duas Sicilias, etc., etc.

«Tendo chegado ao nosso conhecimento, que por parte do conselho, da justiça e dos 24 cavalleiros, escudeiros, officiaes e homens bons da cidade de Granada, nos foi apresentada uma informação, dizendo: «que em vista da desordem que existe na mancebia da mesma cidade, por parte da pessoa que a tem a seu cargo, tanto pelo mau tratamento que se faz ás mulheres de má vida que alli estão, quanto por os excessivos preços que lhes leva pelos mantimentos e coisas que lhes dá, taes como comidas, pousadas, camisas e outras coisas», e para remedio d'isto tendes feito certas ordenações uteis e necessarias e me supplicaes as mandemos applicar e confirmar, para que d'aqui em diante sejam cumpridas e executadas, e sobre isso providenceiem, como se fossem nossas, os do nosso conselho, vistas as ditas ordenações, que são do theor seguinte:

«Na muito nobre e digna cidade de Granada, aos dois dias de novembro de mil quinhentos e trinta e oito annos, os mui magnificos senhores, estando Granada no seu cabido e no seu *Ayuntamiento,* segundo é uso e costume, disseram que são informados da desordem que tem feito o *Padre*, que é actualmente da mancebia d'esta cidade, assim como das más comidas que dá a comer ás mulheres, que estão e vivem na referida mancebia, assim como o

excessivo preço que lhes tem levado e leva pela comida e pousada que lhes dá, e outras coisas que o dito *Padre* pratica nas mulheres da dita mancebia, com grave offensa de Deus Nosso Senhor, e em damno e prejuizo das referidas mulheres; depois de terem discutido sobre isto, a fim de proverem e remediarem, accordam e ordenam que o *Padre* actual e todos quantos d'aqui ávante o forem da referida mancebia, cumpram e guardem as ordenações seguintes:

«1.º—Ordenaram e mandaram que d'aqui em diante, o *Padre*, que é ou fôr da mancebia, dê a cada uma das mulheres que alli residirem, um quarto com a sua cama, convem a saber: dois bancos, um enxergão de palha, um colchão de lã, dois lençoes, uma manta, um travesseiro, um roda-pé, uma cadeira, uma chave para o quarto e uma vella cada noite, de dois maravedis. Por tudo isto deve levar e levará vinte maravedis por dia e nada mais, e é obrigado de oito em oito dias a dar-lhe lençoes lavados e travesseiros. Não fazendo isto, incorre na pena de dois mil maravedis por cada vez que fizer o contrario, applicados d'esta maneira: a terça parte para o que denunciar e accusar, e a outra terça parte para o juiz que o sentenciar, e finalmente a outra terça parte para os rendimentos d'esta cidade. Isto, pela primeira vez, e pela segunda a pena dobrada, applicada do mesmo modo, e além d'isso o castigo de cem açoites, sem que d'alli em diante possa mais exercer o referido officio.

«Outrosim, disseram que em consequencia das informações que tem a respeito do *Padre de la mancebia* dar de comer ás referidas mulheres más comidas, a preços excessivos, chegando essas mulheres a adoecer, além dos outros damnos que padecem, ordenam e mandam que desde já e d'aqui em diante seja obrigado todos os dias a dar-lhes a cada uma duas libras de pão, e meia libra de carne, sendo esta metade de carneiro e a outra de porco, meio quartilho de vinho em cada comida, e além d'isso segundo a épocha, tanto de berças como nabos, ou outras hortaliças, o que seja necessario, e se lhes dê fructa no principio da comida, salada e rabanos. Tudo isto se lhes deve dar preparado e temperado pelo preço de vinte e cinco maravedis por dia, sob pena de pagar dois mil maravedis, applicados como já dissemos; e pela segunda vez a pena será dobrada.

«Outrosim, ordenaram e mandaram que se as referidas mulheres, além da comida e ceia quizerem trazer para comer ave, cabrito ou outra carne, a poderão trazer, ou mandal-a buscar por quem melhor quizerem ou poderem. E se quizerem que o referido *Padre* lh'a traga, não lhe deverá levar, pela trazer e guizar, mais do que a quinta parte do que custar, contanto que essa quinta parte não se eleve a mais de dois mil maravedis, sob as mesmas penas acima expostas.

«Outrosim, ordenaram e mandaram que nos dias de peixe se lhes dê seis maravedis de peixe e de ovos, com fructa e saladas, segundo a épocha, e sob a mesma pena.

«Outrosim, ordenaram e mandaram que d'ora ávante nem o *Padre* nem a *Madre* possam alugar ou vender a qualquer das referidas mulheres alguma roupa de linho; e não só sob a mesma pena, mas ainda com perda do que lhes tivessem vendido ou alugado.

«Outrosim, ordenaram e mandaram, por quanto são informados de que as referidas mulheres, pelo motivo de darem ou emprestarem aos seus rufiões ou outras pessoas, se empenham, e individam para com o referido *Padre* e *Madre*, quer por emprestimo, quer por empenho, quer d'outra maneira ainda, não se possam obrigar, nem obriguem, nem sejam obrigadas a pagar mais do que a somma de cinco reales, e se lhes tiver sido emprestado somma maior, incorra na pena já referida, e perca o excesso d'esta quantia, a não ser que tenha sido dado com o fim de se curar de alguma enfermidade, tendo, n'este caso, de fazer declaração d'ella com duas testemunhas.

«Outrosim, ordenaram e mandaram que d'ora ávante o referido *Padre* e *Madre* não exijam dinheiro algum ás referidas mulheres, para o creado que tem o cuidado de abrir e fechar as referidas portas, e se elle quizer ter creados que lhes pague com o seu dinheiro.

«Outrosim, ordenaram e mandaram que d'aqui ávante e o referido *Padre* e *Madre* abram a porta da referida mancebia, quando sair o sol, e a fechem quando se fechar a porta de Vivarrambla.

«Outrosim, ordenaram e mandaram que as referidas mulheres e cada uma livremente sem por isso dar ou pagar cousa alguma ao *Padre* da referida mancebia, possam lavar suas camisas ou outra qualquer roupa branca, e dal-a a lavar fóra a quem quizerem e por bem tiverem, e se quizerem que o *Padre* ou a *Madre* a lavem ou façam lavar, estes não lhe levem por cada camisa mais de quatro maravedis, um maravedi por um lenço ou uma touca, o mesmo por toalhas ou pannos, sob as mesmas penas.

«Outrosim, ordenaram e mandaram que d'aqui ávante o *Padre* ou a *Madre* que forem da casa da referida mancebia, não se atrevam a receber ou acolher na referida casa nenhuma das que alli vêem ganhar, sem que primeiramente o façam saber á justiça e deputados d'esta referida cidade, para que ordenem ao medico da cidade que veja se está atacada de bubões, e se os tem ou já os teve, com juramento feito a este respeito pelo referido medico, para que, se resultar que ellas estejam affectadas, os tiverem ainda ou já os tiverem tido, nem se lhes consinta permanecer nem ganhar na referida mancebia, sob pena de, se o referido *Padre* ou *Madre* receberem a dita mulher, e a deixarem ganhar sem o darem a saber á justiça nem aos deputados, pagarão pela primeira vez quinhentos maravedis de multas, pela segunda pena dobrada e trinta dias de carcere, e pela terceira a referida pena e desterrados da cidade pelo tempo de um anno.

Outrosim, ordenaram e mandaram que de qualquer das mulheres, vindas á sua mancebia para ganhar, no caso do medico declarar que está sã, não possa levar nem leve mais de doze maravedis, e o escrivão quatro maravedis. E por cada visita não leve o medico mais de seis maravedis, e o escrivão quatro.— *Miguel Ruiz.*»

«Accordamos que deviamos confirmar pelo tempo que fosse da nossa vontade estas ordenações, comtanto que as penas n'ellas contidas, sejam sómente quinhentos maravedis e não outra pena de açoites, carcere ou desterro, ou outra coisa qualquer n'ellas contidas; comtanto que os maravedis, que pela

ultima ordenação se mandam cobrar das referidas mulheres, para o medico e escrivão que as visitarem quando entrarem na mancebia, assim como as visitações que a justiça e deputações lhes façam, não se peça, nem cobre coisa alguma, por este motivo, das referidas mulheres, e se pague ao medico e escrivão dos rendimentos da mesma cidade o que fôr justo, e que devemos ordenar por esta nossa carta, e por tal motivo.

«Tudo isto tivemos por bem, e por isso, pelo tempo que a nossa mercê e vontade assim o quizerem, confirmamos e approvamos as referidas ordenações, que n'ella vão contidas, para que o seu conteúdo se guarde, cumpra e execute, com as moderações de penas e additamentos aqui junto declaradas.

«Mandamos aos do nosso conselho, presidentes e ouvidores das nossas audiencias, alcaides da nossa casa e côrte, chancellarias e outros juizes e justiças quaesquer, assim da cidade de Granada, como das outras cidades villas e logares dos nossos reinos e senhorias, e a cada um e a qualquer d'elles em seus logares e jurisdicções, que guardem, cumpram e executem, e façam guardar, cumprir e executar essa nossa carta e o que n'ella se contém, e não vão contra o teor e fórma d'ella, nem desleixem ou consintam que se desleixe de maneira alguma o que mandamos dar n'esta nossa carta, sellada com o nosso sêllo.

«Dada na cidade de Madrid, aos dois dias do mez d'agosto do anno do senhor de mil quinhentos e trinta e nove annos—Doutor Vivara.—Doutor del Corral.—Doutor Escudero.—Licenciado Alardo de Peñalosa.—Licenciado Briseño.—E eu, Rodrigo de Medina, escrivão da camara de suas cesareas e catholicas magestades a fiz escrever por seu mandado, com approvação dos do seu conselho. Registada, Martin de Bergara.—Martin Ortiz, por chanceller.»

«Pregão:—Na cidade de Granada e praça de Vivarrambla, aos doze dias do mez de agosto de mil quinhentos e trinta e nove annos, por voz de Pedro Marquez, pregoeiro publico, se apregoou esta provisão de suas magestades, d'est'outra parte contida, sendo testemunhas Alonso de Carrian Fiel, Juan Rodriguez, Pedro Mejia e outra muita gente que alli estava, visinhos de Granada e forasteiros.

«E depois d'este acto, no mesmo dia, mez e anno, á porta da mancebia, que está extra-muros da mesma cidade, por voz de Martin de Paramo, pregoeiro publico, se apregoou a referida provisão de suas magestades, estando presentes Martin Sanchez e sua mulher, *Padre* e *Madre* da referida mancebia, sendo testemunhas Vicente de Espejo, Juan de Yodar e Morales Alvañir, e muita outra gente que alli estava.

«Foram feitos perante mim, Diogo Perez de Avila, escrivão de suas magestades, os referidos pregões.»

E' digno de louvor o espirito humanitario que dictou este regulamento aos magistrados de Granada. E' sensato, util e notabilissimo.

Os interesses da hygiene encontram-se acertadamente respeitados, assim como os da moral, e por um sentimento de dignidade assás delicado, para não dizermos commovedor, esta lei assegura certas garantias á liberdade individual das mulheres cabidas, que, abjurando todo o pudor, vendendo o corpo a

esses infames empreiteiros da libertinagem, pareciam haver renunciado a toda a ideia de independencia.

Alguma cousa ha, no emtanto, que nos parece exceder ainda a humanidade e sensatez d'estas medidas, é a cordura das modificações que lhes impoz o conselho real de Carlos v.

Notaremos, entre todas ellas, a que prescreve á municipalidade a obrigação de pagar as visitas do medico e do escrivão dos fundos da cidade.

Esta disposição é notavel, e para sentir é mesmo não ter sido adoptada em todos os paizes, onde a prostituição publica é legalmente tolerada e submettida a regulamentos especiaes.

Na maior parte das grandes cidades da Allemanha, Belgica e França, ainda em nossos dias, a mulher paga directamente a visita do medico inspector. Os honorarios variam, segundo a classe da prostituta.

Não só a disposição da citada lei hespanhola é mais justa, mas é tambem mais moral e mais digna. Eleva o homem de sciencia aos olhos da cortezã, e põe-no ao abrigo de qualquer suspeita de corrupção, ou de culpada complacencia.

Notemos, além d'isso, como uma cousa importantissima, que a *casa publica* estava situada fóra da cidade, precaução cordata, tão favoravel para a moral, como para a salubridade publica.

Limitamos aqui estas reflexões e estes louvores, e citamos apenas o facto de Carlos v, por haver reconhecido a cordura e a opportunidade das medidas tomadas pelo conselho de administração de Granada, ordenar que fossem observadas em todas as cidades do seu reino, como se deprehende do proprio texto do decreto da sua approvação.

Filippe II acolheu favoravelmente e realisou o projecto de seu pae.

A policia, que havia nas casas publicas de prostituição das grandes cidades da Andaluzia, estendeu o seu benefico influxo ás de Castella, por decisão tomada em Sevilha em 15 de maio de 1570.

Esta decisão comprehendia tambem as ordenações relativas ás mancebias e ás mulheres publicas, promulgadas em Sevilha em 7 de maio de 1553, e que fazem parte das ordenações municipaes de Salamanca, compiladas em 1619 e impressas na mesma cidade em 1658.

O emprezario, o tal *Padre da mancebia* de Salamanca, era nomeado pelo consistorio, ante o qual prestava juramento e promettia observar fielmente as ordenações.

Era-lhe prohibido formalmente emprestar dinheiro ás suas *educandas*, ou ser fiador das suas compras.

A infracção era castigada com uma multa de mil maravedis. Em caso de reincidencia, duplicava-se a multa, e o culpado era desterrado da cidade por quatro annos, tendo previamente recebido a correcção paternal de duzentos açoites.

Estas penas são muito mais severas do que as das ordenações de Granada. Havia no emtanto motivo para isso.

Os emprezarios das casas publicas especulavam com as miserias das pros-

titutas, e depois de as haverem reduzido a uma penuria extrema, ministravam-lhes soccorros que mais as escravisavam á sua dependencia immediata.

Os emprestimos forçados, que contrahiam as cortezãs, tinham por hypotheca a sua propria liberdade. Imagine-se por isto como esses indignos crédores seriam implacaveis!

Por isso a mesma ordenação prohibe aos referidos *Padre* ou *Madre da mancebia* venderem coisa alguma, ou darem de comer, quer seja ás pessoas de dentro, quer ás de fóra. A infracção era punida com a multa de 600 maravedis e seis dias de carcere. A reincidencia tinha multa dobrada e dois annos de desterro.

Um cirurgião, designado pelo conselho municipal, estava encarregado de visitar as prostitutas todos os oito dias.

Se o homem de sciencia encontrava alguma enferma, dava parte aos deputados do conselho que a faziam immediatamente trasladar para o hospital.

O *Padre da mancebia* não podia admittir em sua casa mulher alguma sem o medico a ter revistado, nem tambem conservar em casa as que estivessem doentes, porque n'esse caso tinha obrigação de prevenir os deputados.

A infracção rendia-lhe mil maravedis de multa e trinta dias de carcere: no caso de reincidencia a pena era dobrada.

O aluguer do quarto, mobilado e preparado convenientemente, não podia exceder um real por dia.

A casa devia estar fechada nos dias santos, nas quatro temporas, nos dias de jejum e nas vigilias.

A prostituta surprehendida em contravenção recebia cem açoites e o *Padre da mancebia* a mesma data.

Era prohibido ás prostitutas percorrer as ruas de noite, e sahir de casa depois do sol posto.

A contraventora racebia cem açoites, pena egualmente applicada ao *Padre da mancebia.*

O trajo, prescripto para as mulheres publicas, era uma mantilha amarella sobre os hombros.

As que se vestiam de outro modo pagavam uma multa de trezentos maravedis, e confiscavam-se-lhes os trajos illegaes.

Todas estas medidas eram menos indulgentes do que as que vimos adoptadas na Andaluzia.

De resto, nenhum compromisso podia obrigar a prostituta a permanecer na casa publica. Podia-a deixar a todo o tempo sem que até as proprias dividas fossem um obstaculo á sua partida.

O compromisso era voluntario, mas nenhuma mulher podia ser admittida na classe das prostitutas, se estivesse endividada.

Era tambem prohibido receber nas mancebias mulheres casadas ou solteiras, nascidas na cidade, ou mulatas, ainda que fosse na qualidade de creadas.

Finalmente, era prohibido aos creados dos juizes manterem mulheres nas mancebias, ou estarem em relações com ellas.

O contraventor era condemnado a cem açoites e a quatro annos de galés pela primeira vez.

A reincidencia castigava-se com duzentos açoites e galés perpetuas.

O juiz, convicto de complicidade ou de simples consentimento, era condemnado a uma multa de cem mil maravedis, e á perda do seu cargo.

Estas severissimas ordenações deviam estar patentes no interior e no exterior da mancebia, sob pena de dois mil maravedis de multa e de oito dias de prisão.

Em 1571, no dia 18 de janeiro, um artigo addicional auctorisou João Arias, proprietario da casa publica de Salamanca, a proceder á nomeação do padre da mancebia, por leilão publico sob a approvação do conselho.

O padre e a madre não podiam admittir ao seu serviço creados ou creadas, a quem chamavam *putero* e *puteras*, menores de quarenta annos.

Toda a casa estava debaixo da vigilancia immediata de commissarios especiaes, nomeados pela auctoridade local.

Dissemos o sufficiente para dar uma ideia da policia que regulava a administração das casas publicas nas principaes cidades de Hespanha.

Esta organisação, a nosso vêr, valia a pena de ser estudada cuidadosamente e escripta com todas as minuciosidades. Mas, se o leitor tiver curiosidade de saber o que era um estabelecimento d'esta natureza, vamos satisfazer o seu desejo.

Para isso ouçamos a narração tão interessante como ingenua de um viajante francez do seculo XVI, Antoine de Lalaing, senhor de Montigny, que visitou a Hespanha em 1501, no sequito de Fillipe, o Formoso, rei de Castella.

Eis aqui em que termos descreve este fidalgo francez o maravilhoso bordel de Valença:

«Depois de ceiar, os dois fidalgos, em companhia d'outros da cidade, foram vêr o famoso logar das mulheres publicas, que é tão extenso como uma povoação, cercado de solidas paredes, e fechado apenas por uma porta.

«Em frente d'esta porta via-se levantada uma grande forca, para os que commettessem algum damno ou crime no interior.

«A' entrada um empregado convida os visitantes a deixarem ficar as bengalas ou armas que levarem comsigo, e diz-lhes que se quizerem confiar-lhe todo o dinheiro que levarem, lh'o restituirá intacto á sahida; mas se os viajantes não accederem a isto, e durante a noite os roubarem, roubados ficarão.

«No referido logar ha tres ou quatro ruas cheias de casitas, cada uma das quaes encerra varias raparigas ricamente vestidas de veludo e seda.

«O numero d'estas mulheres é de trezenias, e os seus aposentos estão preparados com bastante gosto.

«O preço que alli voga é de quatro dinheiros da sua moeda: em Castella só se paga quatro maravedis: e não póde exigir-se maior somma por cada noite.

«Ha tambem alli varias tabernas e locandas.

«Por causa do calor não se póde vêr este logar tão bem de dia como de

noite; ao escurecer, pois, estão as raparigas sentadas no humbral das suas portas, com uma bella lampada pendurada em frente, afim de melhor serem vistas.

«Dois medicos, delegados e pagos pela cidade, visitam uma vez cada semana as raparigas, para no caso de encontrarem alguma atacada de enfermidades sujas ou secretas, as separarem immediatamente das outras.

«Se a mulher, que se encontrar enferma, fôr da cidade, as auctoridades tem disposto logar conveniente para as curarem á sua custa; mas se fôr extrangeira, mandal-a-hão para onde ella quizer ir.

«Escrevi o que acabam de lêr, porque nunca ouvira fallar de disposições policiaes tão acertadas em logares tão infames.»

Essas disposições eram excellentes na verdade, e a organisação d'este singular estabelecimento deixava pouco a desejar.

Tudo alli estava disposto de modo que as desordens que se dessem eram faceis de remediar.

A auctoridade local desenvolvia grande zelo e intelligencia para manter e aperfeiçoar esta organisação modelo.

Entre outros regulamentos relativos á administração interior da referida colonia de prostitutas, os jurados de Valença publicaram em 20 de julho de 1552 um bando destinado a reformar os abusos de auctoridade que praticavam os donos da casa.

Prohibiu-se-lhes expressamente adiantarem dinheiro ás mulheres publicas, as quaes d'esta sorte se embrenhavam cada vez mais no vicio, forçando-as, quando haviam renunciado á prostituição durante a semana santa, ou em tempo de jubileu, a voltar ao logar publico para começarem de novo o seu officio e poderem assim pagar as suas dividas.

E' preciso confessar que em nenhum outro paiz, as coisas d'esta natureza se passavam em tão boa ordem.

Seria bom saber se o uso de dar assim a libertinagem d'arrendamento era geral em toda a Hespanha.

Faltam-nos documentos que nos esclareçam sobre este caso.

Pensamos no emtanto que esta organisação só se estendia á região da Hespanha reconquistada recentemente aos moiros, assim como a algumas das grandes cidades do littoral e ás mais consideraveis da Catalunha e de Castella.

Notemos de passagem a força do antigo costume, ainda existente n'aquella épocha, de receber dizimos até da propria libertinagem. A Egreja não se esquecia dos seus antigos privilegios, e o clero nada perdia com a fundação de tão singulares conventos.

E' positivo que as casas de prostituição organisadas como as de Valencia deviam produzir consideraveis redditos, e que as mulheres que contribuiram para a sua prosperidade, poderiam em rigor pagar patente; mas estava reservado á nossa épocha este progresso.

A propria prosperidade d'estes estabelecimentos foi a causa primordial da sua ruina.

O luxo das mulheres publicas, a maior parte das quaes tinham ricos trens, tornou-se desmedido e contagioso.

Tal foi o motivo das leis sumptuarias de Filippe II e de Filippe III (18 de fevereiro de 1575 e 3 de janeiro de 1611).

São as seguintes:

D. Filippe II em Madrid, por Pragmatica de 18 de fevereiro de 1575.

*Prohibição de terem as mulheres publicas creadas menores de quarenta annos e escudeiros; de usarem habito religioso, almofadas e tapetes nas egrejas.*

«As mulheres que publicamente são más de suas pessoas, e ganham por isso n'estes nossos reinos, não podem trazer nem trarão escapularios nem outros habitos religiosos, sob pena de perderem o referido escapulario ou outro qualquer habito, além do manto e da primeira roupa ou saia que trouxerem debaixo do referido habito: o que mandamos se venda em hasta publica, e não se deixe de modo algum nem por nenhum preço á parte, nem se use de moderação nenhuma na taxa do seu preço, e assim vendidos se appliquem em tres partes eguaes, á nossa camara, ás obras pias e ao denunciador.

I. «Outrosim, para que com o seu exemplo não se criem facilmente outras peccadoras, mandamos que taes mulheres não possam ter nem tenham ao seu serviço creada menor de quarenta annos, sob pena de serem as amas desterradas por um anno preciso, e pagarem dois mil maravedis applicaveis do mesmo modo em tres partes eguaes; e queremos que do mesmo modo sejam desterradas as creadas menores de quarenta annos, que as servirem, por um anno preciso.

II. «Outrosim, mandamos que taes mulheres não tenham a seu serviço nem se façam acompanhar de escudeiros, sob pena de ellas e elles serem castigados, como as amas e creadas do capitulo precedente.

III. «Outrosim, mandamos que taes mulheres não levem ás egrejas ou logares sagrados, almofada, cochim, alfombra ou tapete, sob pena de tudo perderem em proveito do aguazil que fizer a tomadia.

«Tudo isto queremos que se guarde, cumpra e execute, como n'essa lei se contém, ficando em sua força e vigor as outras leis do nosso reino, que fallam dos trajos e vestidos e outras coisas pertencentes ás referidas mulheres publicas, na parte em que não forem contrarias a estas.»

D. Filippe III. Pragmatica em Madrid a 3 de janeiro de 1611.

*Prohibição ás mulheres publicas de se servirem de carroagens, liteiras ou cadeirinhas.*

«Mandamos que nenhuma mulher que publicamente fôr má do seu corpo, e ganhar por isto, possa andar de carroagem, de coche, de liteira, ou de cadeirinha n'esta côrte, nem em outro logar d'este nosso reino, sob pena de quatro annos de desterro para cinco leguas da côrte ou de qualquer outro logar e sua jurisdicção, onde andar de coche, carroagem, liteira, ou cadeirinha

pela primeira vez; e pela segunda, será exposta á vergonha publica, e condenada ao referido desterro.

*Prohibição de usarem as mulheres publicas, oiro, perolas, sedas, etc.*

«Mandamos que as mulheres, que publicamente são más e ganham por isto, não possam trazer nem tragam ouro, ou perolas, ou sedas, sob pena de perderem a roupa de seda e com ella tudo quanto trouxerem, e os enfeites de seda que trouxerem; emquanto aos bordados e guarnição de oiro, entenda-se o que está prohibido geralmente como se deve entender, pois muita mais razão ha para ser comprehendida n'essa prohibição esta especie de gente.

«Faça-se entender do mesmo modo que o que está prohibido geralmente a todas as mulheres, a respeito dos seus trajes e vestidos, não pode tambem ser usado pelas referidas mulheres publicas, nem em sua casa nem fóra d'ella, mas o que particularmente se lhes prohibe a ellas, não se ha de entender dentro de suas casas, mas sim fóra d'ellas, como sempre se tem interpretado, e isto, para evitar toda a especie de calumnias, fraudes e transtornos.»

Vê-se pelo texto d'estas leis, destinadas a reprimir os escandalos da libertinagem publica nas grandes cidades, que o officio de prostituta devia ser bastante lucrativo.

A garridice, a affeição pelos adornos e atavios, o amor do luxo, tão natural nas mulheres novas, devia fazer contagioso o exemplo e dar novos elementos á prostituição.

Esta não tardou a transbordar da cidade para os campos, e em principios do seculo XVII, viram-se andar raparigas de povoação em povoação para fazer trafico do seu corpo.

O immortal Cervantes introduz logo no principio do seu *Dom Quichote* duas d'essas raparigas vagabundas, ás quaes designa com o nome de *mujeres del partido*. A lei, impotente para reprimir a desordem, passou bruscamente da severidade ao rigor.

Não se tratava já de pôr limites aos escandalos da prostituição, julgou-se cortar o mal pela raiz, tomando medidas extremas contra a propria prostituição, resolvendo-se abolir de uma vez para sempre as desordens e abusos que nunca se tinha podido corrigir.

Eis a pragmatica dictada n'este sentido por Filippe IV, em 10 de fevereiro de 1623, no terceiro anno do seu reinado:

LEI VII. D. FILIPPE IV EM MADRID POR PRAGMATICA DE 10 DE FEVEREIRO DE 1623 NOS CAP. DE REFORMAÇÃO.

*Prohibição de mancebias e casas publicas de mulheres em todos os povos d'estes reinos.*

«Ordenamos e mandamos: que d'aqui ávante em nenhuma cidade, villa, ou logar d'estes reinos se possam permittir, nem se permittam mancebias nem

casas publicas, cujas mulheres ganhem com seus corpos, e as prohibimos, e ordenamos e mandamos que se acabem as que houverem, e encarregamos os do nosso Conselho tenham particular cuidado na execução, como tratando-se de uma coisa muito importante, e as Justiças que cada uma em seu districto as execute, sob pena de, se em alguma parte as consentirem, por este mesmo facto os condemnamos á privação de officio e a cincoenta mil maravedis, applicados por terças partes: Camara, juiz e denunciador, e que o contido n'esta lei se ponha por capitulo de residencia.»

D'esta sorte, a prostituição publica foi legalmente prohibida em Hespanha. Dizemos prohibida e não abolida, por que ha na sociedade males necessarios, abusos inevitaveis, que é mais facil moderar do que destruir, como certas enfermidades, que é perigoso curar e que a arte se limita a tratar com palliativos, receiando com razão que uma cura intempestiva dê logar a mais graves symptomas.

Não parece que o decreto do joven monarcha fosse seguida á lettra.

Em todo o caso, não teve immediata execução, assim como prova a nova ordenação publicada em 1661 quatro annos antes da morte de Filippe IV, prescrevendo a reclusão das mulheres publicas da capital, na Galera.

LEI VIII. D. FILIPE IV EM MADRID POR PRAGMATICA DE 1661.

*Recolhimento das mulheres perdidas da Côrte e sua reclusão na Galera.*

«Por differentes vezes tenho ordenado se procurem recolher mulheres perdidas, e vejo que nas relações confiadas aos alcaides não se me dá conta do modo como isto é executado. Como por isso tenho entendido que cada dia cresce o numero d'ellas, d'onde resultam muitos escandalos e prejuizos á causa publica, dareis ordem aos alcaides, para que cada um nas suas jurisdicções, tracte de as recolher, visitando os pontos onde vivem. As que se encontrarem solteiras e sem offiicio n'essas moradas, e todas as que se encontrarem no meu palacio, nas praças e ruas publicas, e forem da mesma qualidade sejam presas e levadas á casa da galera, onde estarão o tempo que lhes fôr conveniente e do que cada um fizer, me dará conta nas relações que d'aqui em diante me ha de dirigir com toda a minuciosidade.

Nem as galeras nem os asylos abertos para as peccadoras arrependidas contribuiram para a extincção da libertinagem.

Aquelle rigor excessivo teve o resultado que devia prever-se: a inneficacia das medidas repressivas e a transformação inevitavel da prostituição publica, vigiada, em prostituição clandestina.

No emtanto, a grande maioria do clero applaudia e elogiava a cordura e a opportunidade do decreto, como se póde verificar nos livros dos P. P. Jeronymo Salsedo e João Cabrera, sobre o *Governo de um bom rei,* e no *Governador christão,* do P. Marques.

Os jesuitas triumpharam e com razão. Haviam trabalhado para as ruinas das casas publicas com uma especie de encarniçamento.

Era o centro das suas operações Granada, e a mancebia d'esta cidade o alvo constante dos seus ataques.

Já desde o anno de 1610 haviam conseguido fechar aquella casa nos dias de festa e de vigilia e durante toda a quaresma.

Em vão os senhores Pedro Zambrana e Fajardo, donos da mancebia, reclamaram, adduzindo os direitos que as ordenações de Sevilha lhes concediam; os jesuitas tinham pela sua parte o arcebispo D. Pedro de Castro, e por sua intervenção obtiveram de Filippe III o que pretendiam.

Este primeiro triumpho, deu-lhes audacia e quizeram, animados de um santo zelo pela maior gloria de Deus, ou quem sabe, se em consequencia de rivalidades antigas, entre prostitutas e sodomitas, prégar a conversão aos peccadores e ás peccadoras. Mas os magistrados intervieram para moderar o seu ardor. Queixaram-se os bons padres de haverem sido maltractados pelos agentes de policia urbana, formularam seus aggravos por intervenção de um dos membros da sociedade, o padre Bartholomeu Alvarez de Prad e insinuaram muito a proposito pela voz do procurador fiscal, o licenciado Francisco de Alarcão, que a occasião era excellente para a suppressão das casas publicas de prostituição em toda a extensão do reino e particularmente na cidade de Granada. O auctor d'esta allegação, mixto de theologia e de direito canonico era tambem um membro da sociedade, o Padre Jeronymo Velasquez. Isto acontecia em 1622.

Quando foi da apparição do decreto de Filippe IV, que foi publicado, como sabemos, no anno seguinte, redobraram os jesuitas de zelo e foram poderosamente secundados pelos arcebispos e pelos bispos.

Estes desenvolveram muito ardor e muita actividade para a execução do real decreto.

Cedendo o conselho municipal de Malaga ás instancias e reclamações do seu bispo, fez evacuar as mancebias e expulsou as prostitutas com os agentes que estavam a seu serviço (*puteros* e *puteras*) por decisão de 5 de maio de 1667.

Nas principaes cidades do meio-dia, assim como em Malaga, o zelo intempestivo ou exaggerado dos prelados era paralysado pelos membros do conselho; estes sem alentarem a prostituição, toleravam-na sensatamente, querendo com isto evitar maiores desordens e pôr a salvo o pudor e a honestidade das solteiras, das casadas e das viuvas indigentes.

Mas, por ultimo, os bispos levaram a sua ávante e a casa publica de Malaga, supprimida em 1680, foi destruida depois, e no sitio que occupava não tardou a levantar-se o hospital de S. Julião e o convento de S. Pedro de Alcantara.

D'este modo o mesmo solar serviu successivamente de theatro aos excessos de libertinagem e ás obras de caridade.

Ainda assim, muito tempo depois da publicação do decreto de 1628 discutiu-se sobre a oppurtunidade das medidas tomadas por Filippe IV.

Assim, pois, vemos um membro da Academia dos aspirantes de Saragoça publicar em 1627 em nome da Sociedade, de que formava parte um escripto so-

bre a questão de saber, se era ou não conveniente o restabelecer a mancebia na dita cidade. Nem os theologos mesmo estavam de accordo sobre a questão.

Em quanto uns dirigiam memoriaes ao rei, supplicando que fizesse desaparecer as casas publicas das meretrizes, outros escreviam em sentido contrario, para tranquillizar a consciencia do rei, aconselhavam a seguir sem escrupulo algum o exemplo dos reis seus predecessores, que até então haviam auctorisado as casas publicas da prostituição.

Numerosos foram os escriptos de uma e outra parte, e não se passava dia algum sem que apparecessem novos memoriaes.

Limitamo-nos a indicar estes debates—que não são de curto interesse e que provam mais uma vez, se necessario for, que em Hespanha desde a auctoridade soberana dos Concilios o clero tem tomado em todas as epochas parte activa em todas as questões politicas, administrativas e sociaes, e que tem exercido sobre as decisões do governo um influxo mais ou menos directo mas sempre efficaz e incontestavel.

Diremos unicamente que em 1680 um frade menor da ordem da Observancia, o padre João do Olmo, publicou em latim uma summa de theologia moral para sustentar e defender o que é licito e permittido tolerar as mulheres publicas, em todas as partes onde não se pode de outro modo evitar maiores males.

Este principio era tão rasoavel como politico, mas abstiveram-se de fazer menção d'elle, ou mesmo de o applicarem.

Em 1696, os alcaides da Côrte e villa de Madrid reuniram-se para estudarem as causas dos damnos e escandalos, que occasionavam as mulheres vagabundas, perdidas e de mau viver, e o estado da *Casa Galera,* e de outros estabelecimentos de reclusão de mulheres.

O mal era manifesto e reconhecido. Ignoramos, porém, que medidas se tomaram, e que reformas se operaram.

Em todo o caso, umas e outras foram inifficazes ou de curta duração, por quanto em 1704, por acta ractificada em 24 de maio, o conselho decidiu que os Alcaides da côrte fariam prender para as metter na Galera, as mulheres mundanas que apparecessem em bandos nos passeios publicos, causando alli desordens e escandalos.

Estas medidas coercitivas, a miudo repetidas, ficaram sem effeito.

Bem depressa a lei foi impotente contra os progressos da corrupção e a um rigor intempestivo e inneficaz, a uma policia mesquinha e inutil, succedeu a mais culpada negligencia. Desde aquella epocha o serviço dos costumes publicos foi nullo, ou pouco menos.

«As provincias imitaram a incuria da capital. Os regulamentos mundanos fingiram um desdem hypocrita limitaram-se a fazer reviver injustamente as disposições severas e antigas da legislação romana contra as mulheres de má vida.

Em fins do seculo XVIII, em 1795, o medico Cabarrus, dirigiu ao principe da Paz, Manoel Godoy, um projecto de reforma, e extrahiu da sua correspondencia, artigos curiosos em 1792.

Não analysaremos este projecto, que entre certas disposições rasoaveis, contem medidas pueris, e em que o auctor abusa desmedidamente da pena de deportação.

Este documento só nos interessa, por isso que n'elle se reconhecem como necessarias a prostituição e o estabelecimento das casas publicas, e se indica a intervenção da hygiene e da policia medica.

No reinado de Fernando VII, os auctores de um projecto de lei organica propozeram um premio para a melhor memoria de policia medica a respeito dos meios mais directos e seguros de conter e impedir o contagio geral e tão funesto da syphilis, e pediram por esse motivo que a prostituição fosse completamente prohibida e perseguida, ou que as casas publicas fossem legalmente autorisadas, regulamentadas e reduzidas para diminuir o mal.

Em 1822 appareceu o projecto de salubridade publica das côrtes, em que se tratou de restabelecer as casas da prostituição, isto é de as auctorizar legalmente.

Um só oppositor fez naufragar o projecto: foi um medico, o doutor Garcia.

«Hoje, dizia o notavel hygienista, D. Pedro Filippe Manlau, em 1847, a utilidade das casas publicas auctorisadas é talvez poblematica, mas confiamos que a solução legal será negativa.

«Se as casas publicas de prostituição existissem ainda hoje em Hespanha, talvez não fosse preciso supprimil-as e deviamos contentar-nos em reformal-as, segundo as indicações de Cabarrus, conformando-nos como os progressos da epocha.

«Mas suprimidas felizmente estas coisas ha dois seculos, e attendendo ao que se passa nas capitaes estrangeiras que as teem, seria absurdo retrogradar para a Edade-media, e separar-nos indefinidamente da observancia dos preceitos da arte e da moral.»

Não queremos discutir o valor d'este modo de vêr, que não nos parece muito em harmonia como o progresso, e abster-nos-hemos de seguir o auctor, no desenvolvimento da sua ideia favorita.

Tambem não examinaremos as conclusões do doutor D. Ramon Lopes Mateo, citadas complacentemente pelo mesmo escriptor.

Contentamo-nos de as transcrever.

«Quereis que o mal venereo diminua entre nós? Diminui o numero de mulheres publicas. Diminui as causas positivas e negativas que determinam a sel-o.»

Isto chama-se argumentar poderosamente, e nada poderia oppor-se a razões de tal força.

Desgraçadamente, o rifão lá diz: «Quem muito abarca...»

A melhor resposta que poderiamos dar a esses reformadores seria expor o estado da prostituição em Hespanha antes de 1866 (epocha de que data o Regulamento vigente na actualidade).

O leitor verá logo se as casas publicas tinham sido supprimidas felizmente.

Antes de indicar reformas sociaes, é preciso para isso estudar os factos, acceital-os taes como são, e não se embrenhar uma pessoa contra as regras

do bom senso e da philosophia positiva nas especulações transcendentes, attribuidos por Santo Agostinho tão sensatamente para o mundo ideal da «Cidade de Deus»:

«Suppremi-as e introduzireis a desordem em toda a parte.» O que se passava então confirma por desgraça a profunda verdade d'estas palavras.

A prostituição, quasi desconhecida nas pequenas localidades, florescia nas grandes cidades nos portos de mar e nas praças fortes, onde haviam numerosas guarnições.

Não se exercia nas casas publicas auctorisadas legalmente, mas era, de facto, tolerada, e não estando submettida a nenhuma vigilancia praticava-se sem registro e por conseguite com toda a liberdade.

O serviço dos costumes, antigamente tão bem organisado, não existia havia mais de dois seculos; a lei tinha esquecido o seu dever, e a corrupção, entregue a si mesmo, aproveitara-se d'ella para engrandecer o seu dominio.

Nem a administração nem a policia se preoccupavam de tal coisa.

Não havia Filippe IV prohibido a prostituição publica?

De que servem, pois, os regulamentos, os estatutos, e as medidas que reclamam imperiosamente a moral e a hygiene?

Estava esquecido o principio fundamental da politica e da legislação romana, que queria que a saude do povo fosse a suprema lei: «*Salus populi suprema lex esto.*»

Progressistas e moderados tinham esquecido os primeiros elementos do cathecismo social.

O grande principio era então conquistar o poder, manter-se n'elle por todos os meios possiveis, e enriquecer-se quanto antes.

O povo era ignorante e docil: os que viviam da sua cegueira conservavam-n'o na sua miseria, e abstinham-se muito de corrigir estes defeitos.

O mal vinha de cima, mas o paciente era o rebanho.

Que importava á gente sensata um nome ou uma côr politica?

Tratava-se de uma coisa muito differente dos interesses de um homem, de um throno ou de uma dynastia.

O enfermo desejava a cura: A Hespanha pedia leis sabias e reformas uteis; porque d'ahi devia nascer o progresso e só com estas condições.

Era preciso sair do imprevisto para entrar na realidade; era preciso renunciar aos projectos que não teem demora e lançar-se no positivo, que é o caminho do futuro

Antes de correr, é preciso aprender a andar, e para andar com passo seguro é mister cingir os rins e não temer as difficuldades, nem a longitude do caminho.

Perdoar-se-nos-ha tudo quanto acabamos de dizer, quando se souber, sobre o assumpto de que tratamos, que não pudémos arranjar dados precisos nem documentos officiaes.

Tudo quanto com certeza sabemos, tocante ao estado de costumes em Hespanha é que o numero de individuos accusados por attentados contra o pudor, em 1845, se elevava a 862.

Imagine o leitor, em presença d'esta cifra o numero real dos culpados que não tiveram de dar contas á justiça.

Em quanto á prostituição publica, nenhum documento justificativo nos permitte produzir dados sobre os quaes possamos raciocionar.

Vemo-nos reduzidos a simples conjecturas.

Nem sequer o Codigo penal nos subministra artigo algum, que possa illuminar-nos e servir-nos de guia.

Concebe-se a impossibilidade em que nos encontramos de fazer um quadro geral, exacto e completo, do estado da prostituição em Hespanha n'aquelle tempo.

A' falta de dados positivos temos de contentar-nos em expor succintamente, segundo notas manuscriptas tomadas em Madrid o que passava na capital.

O estado da prostituição em Madrid, em 1856, data em que se tomaram estas notas, permittir-nos-ha comprehender, ou quando menos deixará advinhar, o que era nas outras capitaes importantes da Peninsula.

O recenseamento, operado em 1853, avalia em 270:000 habitantes a população em Madrid. Esta cifra comprehendia a população fluctuante e os estrangeiros, cujo numero era bastante consideravel.

A prostituição praticava-se em ponto grande e com tanta maior facilidade, quanto é certo que a vigilancia directa ou immediata da policia sobre as mulheres, que traficavam com o seu corpo, era nulla ou pouco menos.

Toda a mulher solteira ou casada que queria prostituir-se por dinheiro, era senhora de o fazer sem ter que dar contas á auctoridade da sua conducta; podia dispor do seu corpo sem condições nem formalidades prévias. Nem por sombras necessitava solicitar uma auctorisação qualquer, nem muito menos reclamar da policia um livrete, ou fazer-se inscrever no Registro. Nada de vigilancia real, e por conseguinte, impossivel toda a estatistica.

A policia, tão perspicaz em todas as questões que a interessam de perto ou de longe, e muitas vezes até n'aquellas que não lhes dizem respeito, não mostrava zelo nenhum, ou para melhor dizer nenhuma intelligencia n'este ramo importante da administração publica, tornado d'este modo uma das suas attribuições mais accessorias.

Como se está longe do tempo em que o pae dos orphãos exercia em plena actividade as suas funcções de inspector dos costumes publicos!

Mas, como se estava mais longe ainda da previdente tolerancia e da philantropica sollicitude das ordenações do seculo XV e XVI!

Não só na epocha a que nos referimos agora a lei tolerava de facto a prostituição, mas até a favorecia permittindo as maiores desordens, não oppondo obstaculo algum aos progressos incessantes da libertinagem, em quanto não houvesse escandalos capazes de perturbarem completamente a tranquilidade publica.

A auctoridade local dispunha-se a tomar medidas de rigor e de repressão, só quando o numero de mulheres publicas, que se mostravam nas ruas ou nos passeios era excessivo, ou então quando a enfermidade venerea, propagada com demasiada actividade, fazia estragos consideraveis, e feria um grande numero de victimas entre as tropas da guarnição.

Era mister que os hospitaes regorgitassem de enfermos e não podessem receber quantos sollicitavam entrar, para que a policia pensasse em corrigir o mal que não sabia precaver.

Eis aqui em que estado se encontrava em Madrid em 1856 o serviço da moral e da salubridade publica.

Difficil é, na verdade, comprehender uma incuria tal, sobre tudo n'um paiz onde a enfermidade venerea está tão geralmente espalhada, e se mostra ainda hoje sob formas assustadoras.

Assim, pois, em Madrid, havia dois seculos e meio, as mulheres publicas não eram registadas n'um livro de matricula, nem a auctoridade civil, como tão pouco a administração municipal, submettiam periodicamente e de uma maneira regular á inspecção de um medico, designado para esse fim, as mulheres de todas as classes, que traficavam publicamente com o seu corpo.

Imagine-se, se é possivel, o numero d'essas mulheres infectas.

Mas poderia calcular-se este numero, nem sequer approximadamente, quando nem sequer se póde calcular o das prostitutas?

As notas manuscriptas já citadas calculam em mil o numero das mulheres que em 1856 se entregavam ostensivamente á prostituição.

Isto não passa de ser evidentemente um *minimum* approximado.

Duzentas d'estas prostitutas viviam em concubinato, e formavam a classe das amancebadas.

Julgamos que esta cifra é muito limitada e isto por varias razões.

A relação entre os dois sexos são muito mais faceis nas cidades hespanholas em geral, e em Madrid, em particular, são por demasiado estimulantes e livres.

Accrescente-se a isto que os progressos da miseria nas classes medias, devido em parte á ruina das fortunas particulares nas guerras civis, augmentando cada dia pela renovação de empregados tão frequentes n'este paiz, onde as mudanças politicas se succedem rapidamente, e onde todos os partidos sobem successivamente ao poder.

Estes transtornos, periodicos no pessoal das secretarias de Estado, riscam do orçamento um numero consideravel de funcionarios, que se encontram de repente sem emprego e sem meios de subsistencia.

Uma tal instabilidade nos principios politicos e nas coisas do governo, é uma causa de miseria tanto mais efficaz, quanto é certo que fomenta e mantem a emprego-mania, que tem sido desde o principio d'este seculo uma das pragas mais deploraveis de toda a peninsula Iberica.

Além d'estas, um grande numero de circumstancias, que o governo conhece, mas que nunca remedeia, arrastavam á prostituição publica ou á libertinagem clandestina grande numero de raparigas e mulheres miseraveis, que não encontravam no seio da sua familia nem na sua terra, recursos necessarios para acudirem ás primeiras necessidades da vida, e menos ainda ás phantasias da moda, ao gosto pelos atavios, e aos caprichos da garridice.

Os povos dos arredores de Madrid ministravam e ministram ainda á capital um contingente enorme de raparigas seduzidas e mesmo abandonadas.

Estas infelizes, para fugirem á vergonha de uma primeira falta, cáem nas desordens da libertinagem, e traficam com o seu corpo para ganhar a vida.

As mulheres amancebadas habitavam então, e habitam hoje ainda, em casas particulares, sós ou com a sua creada, vivendo n'uma especie de concubinato temporario e imperfeito.

Em rigor estas mulheres não pertencem á classe das prostitutas propriamente ditas, mas geralmente acabam tarde ou cedo por figurar n'essa classe.

As mulheres publicas, que se prostituiam por dinheiro, e viviam d'este officio, sempre segundo as referidas notas manuscriptas, eram em numero de 600.

Dedicavam-se como hoje ao exercicio da prostituição em casas de tolerancia, dirigidas por mulheres, que de humano só teem o rosto, designadas no codigo de Affonso o Sabio, pelo energico qualificativo de alcouveiras, que, como se sabe, se conservou sem soffrer alteração alguma, e se applica ainda, como stigma de vergonha, ás vis creaturas emprezarias da libertinagem.

Regra geral: estas donas de casa eram e são prostitutas insignes, que exploram tanto mais as noviças, quanto sabem por experiencia todos os segredos do officio, e conhecem a dedo o seu negocio.

As ditas matronas são, por conseguinte, de certa edade...

Assim as designava o vocabulario popular com a exacta, veridica e rude classificação de: alcoveira e p... velha.

Estas mulheres preversas que accumulam assim os fructos do serviço, depois de se terem jubilado exploram á sua vontade as desventuradas que se submettem á sua entendida direcção.

Em cada casa de prostituição encontrava-se um numero determinado de raparigas, variando de quatro até oito ou dez (o mesmo succede actualmente.)

A dona da casa sustenta-as, aloja-as, veste-as e ministra-lhes n'uma palavra o necessario para viverem, e sobre tudo para se ataviarem.

Ás vezes accrescentam a este salario obrigado um supplemento em dinheiro, que depende das condições do contracto, e que varia necessariamente, segundo o producto, o valor, ou a voga da mercadoria...

Hoje, em regra, o costume consiste em a pensionista repartir com a dona da casa o producto da prostituição. As raparigas n'este caso, occorrem á sua subsistencia, com os lucros. Resulta d'aqui, que sendo relativamente diminutos os lucros, das pensionistas, estas ficam completamente á discrição das suas exploradoras infames, que lhes subministram por preços exaggerados todos os objectos, e d'aqui uma consequencia fatal, a divida, que n'estas casas de libertinagem é um facto quasi sem excepção.

Por isso as desgraçadas, tendo necessariamente de augmentar os seus lucros, são obrigadas a phantasiar os mais lubricos attractivos, a sujeitarem-se a todos os caprichos dos freguezes!

E são realmente espantosos esses caprichos! Entrae em qualquer das casas de prostituição da peninsula, e assistireis a scenas realmente revoltantes!

Vêde as velleidades impuras de alguns dos frequentadores: o que exigem das prostitutas a exibição das suas formas no que chamam quadros plasticos,

que recordam pela sua obscenidade dos jogos antigos de Flora e Priapo na devassa Roma.

Em algumas das casas ha ás vezes apenas duas ou tres pensionistas. Para augmentar, porém, o rendimento do infame commercio, as alcoviteiras levam para alli, aos seus freguezes as mulheres faceis que elles desejam.

N'este caso, se o numero de internas é limitado, o das externas é grande em demasia.

Esta classe de externas, entregue durante o dia na sua maior parte a trabalhos proprios do seu sexo, nas officinas ou armazens são quasi todas modestas costureiras, lavadeiras, operarias de fabricas de tabacos etc.

Ás vezes, não precisam medianeiras para arranjarem os seus negocios. Encontram-se na rua com os freguezes, e levam-nos para essas casas, onde da paga que recebem dão á patroa uma taxa estipulada. Calcula-se que á força de seducções forçadas o pobre freguez tem de contribuir com outra parte para esta remmeração da hospedeira.

Depois de haverem terminado d'este modo o seu trabalho, as *honradas* operarias dirigem-se para suas casas, ahi pela meia noite muito socegadas da sua vida. Alli espera-as a familia, que muitas vezes recebe sem escrupulos o dinheiro ganho de modo tão infame!...

Não calcularemos aqui o numero d'estas perigosas sereias, porque todos os dados estão áquem da verdade.

São legião estes monstrosinhos do vicio, uma das chagas sociaes mais funestas, por isso que continuam a sua obra de devastação, quasi sempre ignoradas da policia.

Além d'estas classes já citadas, ha ainda um numero indeterminado de prostitutas, calculado ha trinta annos em 200, mas que hoje ascende a alguns milhares, e que andam de noite pelas ruas, passeios e praças publicas, permanecendo a maior parte das vezes ás esquinas e recantos mais escuros da cidade.

É alli que se entregam á prostituição, sob as mais asquerosas e repugnantes fórmas, taes como os animaes quando copulam em campo raso.

Algumas d'estas mulheres, que os antigos denominavam *scortae erraticae,* quando são menos miseraveis, ou quando conservam ainda um resto de pudor, levam os transeuntes, que conseguem *pescar,* a casas de prostituição da ordem mais infima, que lhes servem de albergue temporario, mediante uma retribuição á patroa d'esses antros.

N'esta ultima classe, a prostituição allia-se á mendicidade.

Quando a corrupção chega a estes limites, o mal é realmente profundo se não é incuravel de todo.

Eis os dados que pudemos colligir a respeito da prostituição n'esta épocha.

....................................................................................................

....................................................................................................

Seria curioso fallar tambem das casas de reclusão para as prostitutas, dos asylos abertos para as arrependidas, dos hospitaes para a cura das enfermidades

venereas e dos hospicios dos expostos. Estabelecimento benefico e do qual tantos resultados esplendidos promanaram, mereceu sempre a consideração de todos os homens sensatos, e interessados nas questões de moralidade.

A casa, denominada da *Galera*, data do seculo XVII.

Vimos que Filippe IV destinára este estabelecimento para as cortezãs, arrastadas pela policia.

A organisação do estabelecimento soffreu algumas modificações em 1696, e posteriormente ainda.

As prostitutas, que querem renunciar á libertinagem podem entrar nas *Arrependidas,* convento fundado em 1771, casa de reclusão voluntaria, onde as mulheres são senhoras de sahir, quando lhes apraz, ou por haverem renunciado completamente á sua vida escandalosa, ou por desejarem tornar a exercel-a.

Não succede o mesmo com outro estabelecimento mais serio e digno, fundado em 1587 e reorganisado em 1623, por occasião do decreto de Filippe IV.

Esta casa, que tomou o nome indicador do fim a que se destinava — *Recolhidas* — era um logar de reclusão decente, ou de refugio para as mulheres que desejavam voltar novamente á vida honesta.

Não eram alli admittidas senão as prostitutas que haviam rennnciado ao seu officio.

Taes arrependidas não podiam sahir d'alli senão para casar, ou para entrarem n'um convento e professarem.

Recebiam-se alli tambem as mulheres ou raparigas de costumes escandalosos, cujas loucuras e tropelias a familia pretendia castigar e impedir, de maneira que o recolhimento era ao mesmo tempo casa de correcção.

Nos registros, encontram-se cousas curiosas. Referiremos uma que diz respeito a certa familia nossa compatriota.

No anno de 1630 entrou alli uma portugueza: Maria Dias do Souto, sobrinha de um respeitavel ecclesiastico da provincia da Beira. Menina muito nova ainda, teve pelas inacreditaveis desordens da sua conducta de ser entregue á correcção d'aquelle respeitavel estabelecimento.

O padre Souto, riquissimo beneficiado de uma das diocezes portuguezas, fôra enviado a Madrid, então côrte de toda a peninsula, por negocios ecclesiasticos de grande ponderação.

Acompanhou-se o respeitavel sacerdote da sua familia, composta de uma irmã, já bastante edosa, e de uma sobrinha, nova e bonita, orphã de pae, um official do senhor duque de Bragança, e irmão do padre Souto.

Maria Souto era dotada de um temperamento ardentissimo. O vicio corrompera-lhe o sangue, incendiando-lh'o. Já por varias vezes, antes de sahir da sua tranquilla morada para se dirigir com seu tio á côrte hespanhola, tivera o que costuma vulgarmente chamar-se varias *escorregadellas*. E não era escrupulosa em demasia a leviana rapariga: Qual! Os objectos, não diremos dos seus affectos, que seria profanar sentimentos, mas sim dos seus desejos, eram quasi sempre homens de baixa condicção, e ás vezes o primeiro que se apresentava.

O padre Souto, e sua virtuosa irmã, por muito tempo de boa fé, não

poderam deixar de conhecer aquellas leviandades que os envergonhavam. Esforçaram-se por chamar a transviada sobrinha ao bom caminho, mas tudo foi inutil. Prevendo escandalo mais graúdo, que cobrisse para sempre de opprobrio uma familia respeitavel, aproveitaram a ida a Madrid, para se livrarem do incommodo e perigoso tropeço.

Foi assim que Maria Souto se viu completamente impedida das suas loucuras sensuaes, no piedoso e exemplar estabelecimento, de que temos tão largamente fallado.

As mulheres ou raparigas da especie d'esta, que acabamos de apresentar ao leitor, eram encerradas em salas á parte, sem terem a menor communicação com as arrependidas.

Nos fins do seculo xv, quando a syphilis se manifestou sob uma forma epidemica, sendo por esta causa considerada como uma enfermidade nova, as disposições policiaes da prostituição em Madrid já fallavam nas visitas periodicas e regulares das mulheres publicas.

Ignora-se o anno a que deve referir-se a instituição de salas especiaes, destinadas ao tractamento das mulheres acommettidas de syphilis.

O certo é, porém, que varios medicos, nomeados pelo municipio, procediam com regularidade á inspecção das cortezãs, recebendo estas no hospital da capital os cuidados necessarios ao seu estado.

Em 1552, o veneravel Anton Martin fundou em Madrid o hospital de S. João de Deus, servido por irmãs d'esta ordem, cuja congregação organisou posteriormente em Hespanha um grande numero de estabelecimentos analogos.

Este hospital, dedicado especialmente ao tractamento das enfermidades venereas e cutaneas, póde—porque existe ainda hoje—receber trezentos enfermos de um e outro sexo.

Em 1853, o numero de doentes curados era de 2:857. Hoje esse numero triplicou, pelo menos.

Na maior parte dos hospitaes civis e militares, ha salas destinadas ás enfermidades venereas.

Em Madrid, segundo curiosos dados, que temos presentes, e que vão auxiliar-nos, quando fallarmos do que se passa de fronteiras a dentro, a fecundidade das prostitutas não é grande. Aqui ha vinte e tantos annos, as mulheres d'esta especie, que tinham filhos, levavam-nos ao que lá chamavam *Inclusa,* ou casa das creanças abandonadas.

Este estabelecimento, devido á caridade dos fieis, remonta ao seculo xvi.

Uma dama, viuva, por lhe haver morrido o esposo, proprietario opulento, n'um enorme desastre, foi a primeira que se votou de alma e coração a esta obra humanitaria. Os primeiros donativos foram concedidos por ella, e foi tambem por ella advogada a ideia generosa.

No meio do seculo actual, a *Junta Provincial de Beneficencia,* tomou este caritativo estabelecimento a seu cargo, e confiou os serviços d'elle ás irmãs da caridade.

E' alli que são recolhidas todas as creanças depositadas na *Roda,* expostas nos logares publicos, n'uma palavra, abandonadas por seus paes, legitimos ou não.

Em 1853, foram alli recolhidos 5:000 expostos. Quadruplicou este numero nos nossos dias!

Dadas estas succintas notas da prostituição hespanhola, publicaremos ainda a titulo de curiosidade um regulamento d'esta prostituição, publicado em 1865:

«Artigo 1.°—O governo da provincia de Madrid, comprehende uma secção geral de hygiene, destinada á vigilancia e á repressão da prostituição, sob a direção de S. E. o senhor Governador.»

Mais abaixo, artigo 9.°, lê-se o seguinte:

«Devem ser inscriptas ou registradas todas as mulheres que vivam actualmente do commercio do seu corpo.

«Estas mulheres, continúa a ordenação que vamos citando, dividem-se em duas classes, — prostitutas que teem domicilio fixo em casas toleradas, e mulheres que tem domicilio particular, exercendo a prostituição n'este domicilio, ou em casas toleradas. Chamam-se prostitutas livres, ou isoladas.

«As donas das casas toleradas e as suas creadas estão comprehendidas na primeira cathegoria. E, sob este titulo, ficam sujeitas a todas as obrigações que o regulamento impõe ás prostitutas.

«As creadas das prostitutas livres serão egualmente inscriptas, mas isto apenas no caso de exercerem a prostituição com suas amas.

«A inscripção é sempre voluntaria, sem atenuar a responsabilidade civil ou criminal em que uma terceira pessoa tenha podido incorrer, nem prejudicar em coisa alguma os seus direitos.

«No momento da inscripção, a prostituta receberá um livrete, segundo o modelo official, e que a lei publica.

«Este livrete conterá a indicação clara dos resultados das visitas sanitarias.

«A rapariga, que antes da inscripção declarar ter sido seduzida, ignorar as consequencias do acto que praticou, e manifestar ao mesmo tempo desejos de querer viver honradamente, será entregue á sua familia, ou enviada a um estabelecimento, onde esteja ao abrigo do vicio e da má sorte.

«Cada inscripção ou matricula será seguida de uma informação administrativa destinada a verificar as declarações da prostituta, e a reunir as informações, que se julgarem necessarias, relativamente ao grau de preversão em que essa mulher se encontra.

«As prostitutas matriculadas ficam sujeitas ás visitas ordinarias e extraordinarias, previstas pelo regulamento, e além d'isso ás que prescrever a auctoridade administrativa, assim como todas as medidas destinadas a reprimir os males physicos e os escandalosos resultados do seu infame officio.

«E' prohibido ás prostitutas frequentar os logares publicos, os passeios, á hora da maior concorrencia, e darem-se a conhecer pelo que são, ou causarem escandalo com a sua presença.

«E'-lhes igualmente prohibido apparecerem nas ruas com trajos que possam fazel-as notar, ou as distingam d'entre as mulheres honradas.

«Não podem andar juntas mais de duas, nem demorarem-se a conversar com os homens. E' claro que a lei não lhes consente do mesmo modo estacionarem á porta ou nas saccadas das suas casas, para attrahirem por este modo os transeuntes, ou, n'uma palavra, commetterem qualquer acto susceptivel de offender a moral e a decencia publica.

«A mulher, que pretender abandonar a prostituição e entregar o seu livrete, deve dirigir este pedido ao chefe de policia, ou ao governador civil, especificando n'esse pedido, ou requerimento, os seguintes pontos:

«Que tem desde algum tempo em diante uma vida regular.

«Que deixou de ter especie alguma de relações illicitas.

«Que conta com meios certos de subsistencia.

«E, finalmente, deve designar uma pessoa decente, que possa abonar de alguma forma a sua boa conducta.»

Aqui fica, em breve resumo, o estado da prostituição em Hespanha, desde tempos bastante remotos até á actualidade. Faltava-nos bosquejar este assumpto curioso, e que nos póde servir de termo de comparação ao estudarmos o que mais directamente nos interessa.

Raras são as fontes a que podemos soccorrer-nos, para a explanação do estado da prostituição em Portugal, atravez das diversas edades. Para que os leitores possam avaliar as difficuldades com que luctamos, vamos transcrever a este respeito as palavras de um medico abalisado, que nos precedeu n'este arduo estudo.

Eis o que elle diz na sua curiosa obra—*Da prostituição na cidade de Lisboa*:

«Quando entre nós se instituiu o Conselho de Saude Publica do Reino, pelo Regulamento, que faz parte do Decreto de 3 de Janeiro de 1837, o qual lhe deu a inspecção e fiscalisação superior em todos os objectos da competencia da Hygiene Publica e Policia Medica: além de outras muitas attribuiçoens, immensos erão os assumptos, que a ley punha a cargo desta repartição, nova entre nós, e organisada de diversos elementos, que desde os mais antigos tempos até então estavam dispersos por differentes authoridades; erão na verdade infinitos os trabalhos, que logo se offerecêrão ao Conselho (de quem tive a honra de ser nomeado Vice-Presidente), e que exigião ser regulados com urgencia: mas não era possivel organisar n'hum momento o que de seculos estava desorganisado: só o tempo, o zelo pelo bem publico, e o cuidadoso estudo d'hua sciencia nova entre nós he que podia ir remediando as necessidades, que a todo o o momento renascião.

«Entre os immensos assumptos da competencia da Hygiene Publica he seguramente hum dos mais importantes o estabelecer os meios de obstar á desenvolução dos contagios, e sua propagação quando já existentes; entre estes he sem duvida o *Virus Venereo* hum dos mais teriveis, que mais estragos e victimas tem feito nas presentes, e vai causar ás futuras geraçõens, e que pelos seos progressos, e marcha espantosa, que segue nesta cidade, e em outras de Portugal, devia merecer a mais zelosa e efficaz consideração da parte do Conselho, como a merece de todo o philantropo.

«Foi este talvez o mais importante de todos os objectos, de que o Conselho logo lançou mão depois de sua installação em 19 de Janeiro de 1837. Pois que não ignorava elle a facilidade com que o *Virus Venereo* se propagava, nada obstando legal e efficazmente á sua marcha crescente, pela falta absoluta da necessaria policia, a que deviam sugeitar-se as prostitutas, terrivel vehiculo da propagação de um tal contagio; não ignorava tambem o Conselho, que era este hum assumpto absolutamente despresado entre nós, e nunca tratado segundo as regras de hua bem entendida Policia Medica, faltando-lhe por isso todos os indispensaveis esclarecimentos para o desempenho deste tão interessante objecto com todo o conhecimento de causa; e por tal motivo não ignorava finalmente o conselho, que nunca existindo entre nós, como existe em muitas Naçoens, hum regulamento, a que as prostitutas se devessem sugeitar, grandes difficuldades deveriam apparecer na execução das acertadas medidas policiaes, que elle devia estabelecer; ellas irião chocar antigos habitos, inveterados costumes, que sempre he difficil, e ás vezes imposivel destruir.

«O Conselho, porém, sem attender senão á sua missão, e ao bem da humanidade, me encarregou de procurar os meios de obstar á propagação deste terrivel veneno, devendo apresentar não só as mais efficazes medidas policiaes, a que deviam sujeitar as prostitutas, mas que se julgassem necessarias para obstar a propagação. Não sem grande receio do seu desempenho me encarreguei deste laborioso e desgostante assumpto, começando a lavrar hum campo, perfeitamente inculto entre nós até hoje, cheio de abrolhos e espinhos e absolutamente incognito, nada havendo que nos indicasse sua natureza, e os passos mais acertados a dar para a sua cultura.

«Mas como devia eu desempenhar esta missão do Conselho de Saude sem me instruir inteiramente do estado da prostituição publica desde os nossos mais antigos tempos até hoje? Que individuos, ou que repartiçoens do Estado me darião, senão todos, ao menos alguns esclarecimentos?.... Segundo o abandono, em que este objecto esteve sempre entre nós, eu não julguei dever consultar senão a Intendencia Geral da Policia da Corte e Reino, e Hospital de S. José; só a Intendencia, depois que se instituio, tinha a seo cargo esta miseravel classe da sociedade para a reprimir, e para a castigar, seo unico fim e o Hospital, aonde ião ellas findar a carreira de seos dias, estragadas por esta infame profissão, e consumidas por hum veneno, que nunca se pretendeo competentemente atalhar, pois que n'este objecto só entre nós se attendia á Moral, e nunca á Saude Publica; e mesmo quanto á primeira os meios, de que se lançava mão, nunca forão os mais adequados.

«Investiguei estas Estaçõens, nada pude obter: a Intendencia Geral da Policia estava abolida, seo cartorio tinha passado para a Administração Geral de Lisboa; eu pedia esclarecimentos, o Conselho de Saude os sollicitava á Administração, eu, segundo o lugar que occupava, não era hum homem obscuro, a quem se negassem, o conselho era hua Repartição do Estado, montada por hua ley, e a quem todas as outras deviam ajudar, e soccorrer em objectos sanitarios; nada se obteve pela confusão, em que tudo estava; assim se respondeo!!......; no Hospital não havia a necessaria estatistica já desde antigos tempos compe-

tentemente recolhida, nada d'aqui pude colligir. Eis-me, pois, isolado em hum mundo incognito, cercado de embaraços, e difficuldades, que pretendi vencer com a coragem, que em mim produzia o amor da humanidade, e do meu paiz. Procurei (aonde me pareceo) alguns esclarecimentos, que julguei necessarios, não me poupando a trabalhos, a incommodos, e a despezas; huns m'os occultavão, outros se rião, e outros censuravão: na classe das prostitutas, em que eu os devia investigar, o que fiz sempre por interpostas pessoas, que eu presumia de sua confiança, não se encontra (senão rarissimas vezes) a franqueza e a ingenuidade, especialmente em objectos, que ellas presumião ser-lhes prejudiciaes, como sempre tinha sido pratica e costume em o nosso paiz.

«Apesar de todos estes obstaculos, apresentei ao Conselho de Saude o resultado de meos trabalhos em 14 d'Agosto de 1837, com um projecto de Regulamento policial e sanitario para as prostitutas. Não me importou a censura, mesmo a dos homens instruidos, eu lamentei seu modo de pensar; e perguntarei ao menos intelligente de todos os homens, se será, ou não, util atalhar os males, que ao genero humano causão os progressos do *Virus Venereo?* ninguem será tão estupido, ou tão barbaro, que me responda, que não: pergunto mais, se he possivel conseguir isto sem estudar e observar as prostitutas? se me responderem affirmativamente, eu lhes asseverarei, que tem cahido todas as theorias, que tem sido inventadas nos gabinetes dos Naturalistas, quando senão tem investigado a propria Natureza, e quando as bases e fundamentos de taes theorias não são extrahidas da experiencia, e da observação; se as prostitutas de Londres, de Paris, de Bruxellas, de Berlim, etc. tem todas por officio a prostituição, seu caracter, seus costumes, seus habitos, etc. etc., muito differem, e eu estava no ponto mais occidental da Europa, eu estava em Lisboa, o assumpto era respectivo a este local; perguntarei finalmente, se o homem, que se votou não só a estas investigaçöens, mas a todas as que exige a Hygiene Publica, e a salubridade das povoaçöens, e aquelle, que affronta terriveis exhalações, objectos desgotantes, que sacrifica suas commodidades, seu tempo, e seu dinheiro a procurar o bem do semelhante, merece a pouca consideração, ou a censura, que só no meo entender he filha da mais estupida ignorancia? Os homens sensatos que nos julguem: respeitamos os prejuizos, mas lamentâmos sua miseria e sua cegueira.

«O Conselho de Saude Publica approvou os meos trabalhos, e na conformidade da ley, sendo objecto da sua competencia, enviou o Regulamento, que eu lhe apresentei, á presença do Governo, afim de se dignar approva-lo, se o achasse em termos, e pôr-se depois em execução, como ordena o Codigo Administrativo: o Regulamento, porém, exigindo medidas legislativas, foi pelo Governo sugeito á deliberação das Camaras, ordenando estas, que se ouvisse a sua Commissão de Saude Publica, aonde ainda existe. Appareceo entretanto hum Programma da Academia Real das Sciencias de Lisboa, (de quem me honro de ser *Socio livre*, annunciado na sessão publica de 15 de Maio de 1838: sendo hua das questoens apresentadas — *O methodo de atalhar a propagação da syphilis nas casas publicas de psostituição, estabelecendo regras policiaes regulamentares &c. &c.* Eu, pela posição, que occupava naquella respeitavel

Corporação Scientifica, podia entrar neste concurso; eu profundei então mais o assumpto, fiz novas investigaçoens, e depois de lhes dar maior desenvolução, apresentei minha Memoria para o concurso de 1839. Não havendo entretanto sessão publica em o dito anno, como o programma indicava, e tendo-se passado quasi um anno sem que visse este negocio decidido, pretendi retirar da Academia o meo trabalho, resolvido em todo o caso a tratar d'este importante assumpto, não em os curtos limites de hua simples Memoria, mas com toda a amplitude, que me fosse possivel, segundo as idéas, que pude posteriormente adquirir pelos esclarecimentos, que d'alguas repartiçoens, e individuos pude obter.

«A necessidade de ser bem desempenhado este trabalho he mais que evidente, nem eu tenho o orgulho de o satisfazer; elle he seguramente o primeiro neste genero em o nosso paiz, porque o feito em 26 de Julho de 1836 pela Academia Real das Sciencias he summamente defficiente [1], e não me consta de outro anterior, nem posterior áquelle. Eu mesmo, devo fallar francamente, não o apresento senão como hum *ensaio*; penna mais habil, e que maior copia d'esclarecimentos possa obter, melhor poderá, ou mesmo agora, desempenhar o assumpto, no que eu mui contente ficarei por maiores bens poderem resultar á humanidade; ou, se por ventura se pozerem em vigor alguns Regulamentos policiaes sanitarios, os futuros tempos poderão fornecer seguros dados, em que melhor assente hum tratado d'esta ordem.

«Quanto a mim, por me ter encarregado de escrever sobre tal objecto, julgo ter dado rasoens assás convincentes para responder a alguns fanaticos, ou hypocritas, que por ventura tenhão a meo respeito algum desfavor; este assumpto he dos mais importantes da Hygiene Publica, elle pertence ao Conselho de Saude; este me incumbio de tal missão; e he quanto basta. Devo entretanto asseverar, protestar até, a todos os que me lerem, que eu — 1.º como homem livre serei imparcial em tudo quanto expozer, elogiando ou criticando, como eu entender: 2.º como homem religioso, e que me considero com sufficiente moralidade, usarei quanto puder da necessaria modestia, e da compativel com a nossa lingoagem, e com os nossos costumes: 3.º finalmente

---

[1] «A Memoria, que apresentei ao concurso da Academia Real das Sciencias, tinha só por unico fim a resolução do problema, que consta do programma da mesma Academia: eu pretendi retira-la pela razão exposta, não para novamente tratar do objecto especial do programma, mas sim da Prostituição em geral na cidade de Lisboa, e de tudo quanto a este assumpto tivesse referencia; não me foi, porém, concedido retirar a minha Memoria, apesar dos fundamentos, com que o requeri, o que me não serviu de obstaculo para o começo da obra, que tinha emprehendido, e que hoje publico; por ella alguem verá a defficiencia dos trabalhos apresentados pela mesma Academia em 26 de Julho de 1836, em resposta ao que lhe foi ordenado em Portaria do Ministerio do Reino de 2 de Maio do mesmo anno, além de nos não conformarmos com muitas das disposiçoens expressas no seu projecto de regulamento; poderiamos aqui expòr os fundamentos da nossa opinião a este respeito, entretanto nós os omittimos, por não fazermos uma vastissima nota, tendo de apresentar o referido projecto, e a elle fazer depois nossas reflexoens, o que faremos comtudo, se a isso formos obrigados.»

que, como tudo quanto pertence ao bem da humanidade e á Sciencia já não he nosso, deve-se aos homens, e á mesma Sciencia, eu exporei francamente o que ella ordena, o que exige o bem da sociedade, em que vivo, e o que requer esta classe tão desgraçada como miseravel, que me tem dado occasião assim a alguns estudos e meditaçoens, como a outros penosos trabalhos para melhorar sua infeliz sorte, em proveito não só da Moral Publica de hua Nação, que sempre foi eminentemente religiosa, como da Saude Publica do Reino, de cuja fiscalisação e responsabilidade sobre mim carrega hum de seos principaes elementos: deste modo tenho exposto os principaes fundamentos do meo esboço sobre a Prostituição na Cidade de Lisboa.

«Resta finalmente dizer, que sobre a presente materia que hoje publicamos, muito desejámos apresentar os necessarios documentos para corroborar muitas de nossas opinioens, não tanto em relação á parte legislativa do nosso paiz, mas especialmente emquanto á parte administrativa pelo que toca á Hygiene Publica, e á Moral; como, porém, tal objecto nunca mereceo ser regulado entre nós, nada possuimos, que nos possa fornecer as sufficientes luzes, para em presença d'hua statistica, expormos qual foi o estado destas miseraveis em todos os tempos da Monarchia até hoje: e he para notar, que havendo tantos escriptores na parte historica, e geographica não só relativamente a Lisboa, mas a todo o Portugal, assim nacionaes como estrangeiros, e tratando elles em suas obras até de mui insignificantes cousas de Lisboa no meio de preciosas noticias, nada ou quasi nada nos digão do que então se devia saber, e transmittir á posteridade sobre esta classe de seus habitantes; talvez elles julgassem fazer algum serviço á Religião e á moral Publica nada dizer de tal gente, a quem alguas das leys desde o principio da Monarchia inflligião a pena da mais activa perseguição, e até da proscripção.

«He com effeito hum facto, que nunca em Portugal se olhou para as prostitutas com tão notaveis vistas de tolerancia legislativa, como pelo apparecimento do Codigo Administrativo de 31 de dezembro de 1836, á excepção do Alvará de 25 de Dezembro de 1608 no Art. 22, nesta ley existe um espirito de tolerancia, como no referido Codigo; ellas foram sempre reputadas como uns entes escandalosos á Moral, prejudiciaes á Saude, perigosas e nocivas á Sociedade, e como taes pouco mais ou menos perseguidas, aferrolhadas em prizoens, ou exterminadas; ha só d'isto documentos. Como, pois, nós pretendemos expor não só o estado preterito e presente da prostituição em Liaboa quanto nos foi possivel saber a tal respeito, como nossa opinião sobre marcha futura a seguir á sua parte policial e sanitaria, e o respectivo Regulamento que lhes devia servir de ley para se pôr, tanto a Moral Publica, como a saude, a abrigo dos repetidos choques, que ellas lhes causão, accomodaremos a nossos antigos habitos e costumes o que ha de melhor, e mais accomodavel a nós, em as Naçoens estrangeiras, em que a policia está no seu maior incremento. Se minha consciencia me diz, que eu com isto faço algua cousa, he hum facto, que a experiencia me prova, que resta ainda muito a fazer; eu encetei a obra: quem vier prosiga com coragem, e lhe prestará muitos aperfeiçoamentos, que ella exige: eu recolhi bem pouco dos escriptos dispersos, que ligeiramente to-

ção no assumpto, sobre o qual he seguramente a primeira obra que apparece em nosso paiz. [2]

«Eis o que tinhamos a dizer previamente nesta Introducção á Obra, que publicamos, e que será dividida em tres partes: na 1.ª Parte trataremos de tudo quanto he relativo ás Prostitutas, e ao Virus Venereo; na 2.ª Parte de tudo quanto he relativo ás Casas Publicas de prostitutas: na 3.ª Parte, finalmente, de tudo quanto diz respeito á Legislação antiga e moderna, e aos Regulamentos policiaes, e sanitarios. Cada hua d'estas Partes será dividida em differentes Sessoens, Capitulos, e Artigos, segundo o objecto respectivo, como veremos.»

Ao mesmo livro curioso vamos ainda buscar novos dados relativos á prostituição em Portugal.

A raridade d'esta obra interessante e a competencia do medico, seu auctor, obrigam-nos a uma larga e inevitavel transcripção, visto escasseiarem tanto para esta obra os elementos n'este paiz.

Ouçamos um pouco o auctor a quem pedimos informações, e desculpemos-lhe, pelo que diz respeito á antiguidade, as ingenuidades que tantas vezes nos offerece. Conservamos, a titulo de curiosidade, a orthographia do original.

Eis como elle entra no escabroso assumpto, que todos os outros escriptores tanto receiaram:

«Nesta Primeira Parte, tratando-se das prostitutas, e de tudo quanto lhes

---

[2] Eu consultei muitos escriptores antigos e modernos, não só sobre Lisboa, mas sobre todo o Portugal; elles sobre esta tão miseravel, e despresivel, como desmoralisada classe da sociedade quasi nada nos dizem; quando a respeito de outras capitaes, e Naçoens da Europa tanto se tem escripto sobre o presente assumpto desde os mais antigos tempos até hoje, com especialidade a respeito de Paris, e de toda a França; alli ha muitos escriptos sobre a parte historica das prostitutas, sobre medidas de policia a tomar a seo respeito quanto á moral, e quanto á saude publica, sobre a sua legislação antiga e moderna, assim nacional, como mesmo a estrangeira: tem-se tambem apresentado em todos os tempos ás authoridades competentes hua infinidade de medidas regulamentares, como cada hum as tem entendido em beneficio da sociedade; finalmente escriptores tem havido naquelle paiz sobre assumptos mui differentes historicos, estatisticos, &c. que tem tambem tocado no objecto de que tratamos: quanto porém a nós os differentes escriptores quasi nada, ou nada interessante nos dizem, tenhão elles escripto sobre a historia, população, costumes publicos, &c. Portanto se a alguem por agora parecer a nossa obra pouco interessante (por pouco extensa) quanto ao *constitutum*, repare bem nos motivos aqui expostos, e no texto, e assevero, que me fará justiça por sua deffiiciencia; achará, entretanto, em nosso entender, o que indispensavel se julgar quanto ao *constituendum*, do que nós absolutamente carecemos em o nosso paiz, se pertendermos ir a par das Naçoens illustradas do mundo, quanto á civilisação, e moralidade publica.

«Se eu expressamente declaro, que he a primeira obra, que apparece entre nós sobre a prostituição na cidade de Lisboa, eu digo a este respeito o mesmo, que em occasião analoga disse o Author das *Festas e Cortezans da Grecia*—«Esta erudição he frivola sem «duvida; mas o titulo pelo menos não póde enganar, *il ne promet, que des riens*. Em re«sultado a mais grave erudicção se reduz quasi sempre a nada; se esta obra não fizer senão «confirmar esta verdade, não será ella ainda inutil.»

he relativo, nós lhes deveriamos consagrar hum Capitulo especial, em o qual apresentassemos o resultado do exame do estado actual de alguas de suas funcçoens, e a influencia, que não só sobre ellas tem sua infame profissão, mas tambem a natureza e gráo d'alteração morbosa, que ellas soffrem em consequencia do exercicio da mesma profissão. He necessario ter estudado de perto, e com a devida attenção esta, a mais miseravel classe da sociedade, para se colherem os sufficientes dados, que nos conduzão a vistas geraes sobre o assumpto de que tratamos: a minha posição medica, já de largos annos, nunca me permittio hum estudo reflectido a seo respeito, vi-me por isso obrigado a consultar os facultativos dos hospitaes e das prisoens, os quaes eu presumi serem os unicos, que me poderião fornecer os sufficientes factos para estabelecer com a possivel exactidão tudo que dissesse respeito ás consideraçoens physiologicas e pathologicas sobre as prostitutas: por isso que os Clinicos destes estabelecimentos erão os unicos do nosso paiz, que taes dados nos poderião ministrar: pois que até hoje ainda não estão as prostitutas inscriptas na policia, nem sujeitas ás visitas sanitarias, como ordenão os Regulamentos nas cidades da Europa, aonde elles existem.

«Não correspondeo entretanto o resultado á minha expectação, em quanto ás consideraçoens physiologicas: pois que os Clinicos somente encarregados do tratamento das molestias, com que estas mulheres se recolhem ao hospital, ou de que são acommettidas em as prisoens, não prestão a devida attenção, e a que seria precisa, ás circumstancias, em que se achão alguas das suas funcçoens, que tem sido, ou não, modificadas, pelos deboches, e exercicio da prostituição. Era por conseguinte preciso estudar hum objecto novo, ao que alguns se prestarão, e a cujos esclarecimentos eu sou devedor de hum grande numero de consideraçoens abaixo referidas.

«Geralmente fallando, as prostitutas em Lisboa não se fazem notaveis nem por hum excesso de nutrição, nem por um excesso de magreza; apparecem mui raros casos destes dous extremos; nem qualquer d'elles se desenvolve tão pouco em hua idade determinada. Alguas prostitutas existem muito nutridas sem que tenhão de idade 25 annos, outras depois desta idade com igual nutrição se encontrão: tambem algumas ha bastantemente magras antes e depois da referida idade de 25 annos. O que de ordinario se observa nas prostitutas de Lisboa he que ellas tem muito boa disposição, e são sufficientemente nutridas e com boa côr; isto tem lugar tanto nas de 1.ª como nas da 2.ª ordem, e bem assim nas da 3.ª, segundo o luxo e ostentação, com que se tratão: porém mais nas duas primeiras, do que na ultima: algumas das causas n'isto influentes são communs a todas; outras ha privativas a cada hua das ordens.

«Não merece nosso credito a opinião daquelles, que julgão ser a gordura e boa nutrição das prostitutas filha do uso frequente das preparaçoens mercuriaes em consequencia de suas enfermidades venereas: não he possivel que os conhecidos effeitos do mercurio em nossa economia produzão a nutrição, mas sim hum estado, que a deve impedir: este excesso de nutrição he sómente filho das circumstancias especiaes, do regimen, e dos meios hygienicos, de que elles usão, e que na realidade conduzem a tal fim.

«As prostitutas de 1.ª e 2.ª ordem, para que conservem o devido aceio e limpeza tomão de ordinario grande numero de banhos mornos; além d'isto, como o diremos em outro lugar, estas mulheres não se applicão com assiduidade, e permanentemente, a genero algum dos serviços, que são proprios do sexo feminino em geral; ellas tem hua vida sem actividade alguma, antes estão entregues a hua inteira occiosidade; ellas usão de muitos alimentos, e sufficientemente nutrientes: demais as prostitutas bem pouco, ou nada, são mortificadas, e consumidas por affecçoens moraes, de ordinario nenhum tempo empregão em cogitaçoens sobre a sua sorte futura, e sobre os meios de subsistencia nos tempos, que se devem seguir: tambem as prostitutas tem maior numero de horas de repouso, e de somno, do que as outras pessoas, pois que de ordinario se levantão da cama ás nove ou dez horas da manhã.

«Por conseguinte hua vida ociosa; bons alimentos, nutrientes, e abundantes; tranquillidade d'espirito: divertimentos; banhos; &c. &c. tudo isto deve produzir nas prostitutas da 1.ª e 2.ª ordem hum mui sufficiente gráo de nutrição: muitas destas causas tem tambem lugar para as da 3.ª ordem, nestas porém o uso immoderado do vinho lhes produz a côr do rosto, que ellas apresentão ordinariamente, além de terem hum sufficiente gráo de nutrição, o que se devisa ainda nas mais baixas desta ordem, e que habitão assim á Esperança na Travessa do Pastelleiro, Ruas das Madres, e de Vicente Borga, &c. como no Bairro Alto nas Travessas dos fieis de Deos, do Poço da cidade, &c. & c., e bem assim as das Ruas do Capellão, da Guia, e da Amendoeira atraz da Rua dos Cavalleiros: estas bachantes, habitantes de todas estas ruas mais immundas da cidade, e de outras muitas, nós as devisamos ordinariamente mui gordas e nutridas.

«Deve comtudo advertir-se, que não he raro encontrar-se entre as prostitutas muitas dellas, que pela sua idiosincrasia particular apresentem hum certo gráo de magreza aliáz consideravel; isto mesmo pode ter lugar quando ellas tenhão alguns padecimentos chronicos de qualquer ordem que sejão; e tambem se pode encontrar especialmente nas mais baixas das prostitutas, quando ellas abandonem o necessario tratamento das molestias venereas, e adquirão hum notavel gráo d'intensidade, que a final as leva á sepultura consumidas e mirradas, extenuando-se lentamente por largos tempos.

«*Alteração da voz.* — He hum facto innegavel, que muitas das prostitutas apresentão húa voz muito grossa, e muita rouca; que se assemelha á do mais grosseiro homem; mas isto não constitue hum caracter particular, e como sendo resultado da prostituição, pois que estes sons roucos, de caracter viril, e bastantemente desagradaveis, mui raras vezes os divisamos nas prostitutas da 1.ª e 2.ª ordem, algumas das quaes tem bastantes bellezas, maneiras delicadas, e attractivos que passarião por pessoas, além de bem educadas, de húa ordem elevada. Esta alteração da voz he mais frequente, e quasi que exclusiva da mais baixa ordem das prostitutas, o que he bem facil de observar a quem as escuta assim nas suas frequentes rixas e desordens, que tem húas com as outras nas ruas, que habitão, como quando estão nas tabernas, e em estado de embriaguez, muitas d'ellas então apresentão esta notavel alteração na voz.

«He tambem hum facto innegavel, que esta voz rouca e varonil não apparece nos primeiros annos da vida devassa das prostitutas, ainda que ellas se entreguem a todo o genero de deboches, de libertinagem, e de devassidão, e ainda mesmo de idade mui nova; nas prostitutas da mais baixa ordem, e que habitão as ruas immundas acima mencionadas, e nas quaes he mais frequente esta alteração da voz, ella se não encontra até aos 20 annos de idade, mas sim aos 25 e mais annos.

«Não he seguramente a prostituição a causa deste phenomeno, de que tratamos, pois que então elle deveria em todas encontrar-se, e muito mais naquellas, cuja vida fosse mais dissoluta, e libertina, como muitos o tem pensado, e o attribuem á sua maior lascivia, e habitos de deboche: não he nem nas mais moças, nem nas mais devassas, que isto se encontra; e ainda que esta voz rouca se observe em todas as ordens destas mulheres, ha circumstancias especiaes, que a fazem mais frequente, como naquellas que mais abusão de liquidos espirituosos, e que mais se embriagão, bem como naquellas, que mais sugeitas estão ás intemperies da atmosfera, e aos rigores do inverno pela sua pobreza e miseria: muitas contrahem repetidos catharros, que desprezão, o que tudo contribue para o apparecimento do som alterado e rouco de sua voz. Nós observamos a estas miseriveis vagabundas pelas ruas, em noites de inverno, expostas ao frio e chuvas, mal reparadas, cheias de catharro, e tambem de vinho.

«*Côr dos cabellos, dos olhos— seo talhe.*—Hum escriptor sobre a prostituição em hua das mais notaveis capitaes da Europa foi tão minucioso nas consideraçoens physiologicas sobre as prostitutas, e na descripção da historia natural desta porção do sexo feminino, que apresenta hum quadro estatistico da côr dos cabellos, das sobrancelhas, e olhos, bem como do talhe das prostitutas: ninguem esteve ainda para este fim em mais favoraveis circumstancias, do que Parent-Duchatelet a respeito de Paris: pois que elle sobre 12:600 mulheres publicas poude numerar, e extremar aquellas, que tinhão os cabellos e olhos pretos, castanhos, louros, &c, numerando aquellas, que erão habitantes dos campos ou das differentes villas e cidades da França, bem como as das tres differentes zonas, em que devide a França para este fim, ou seja a do Norte, ou a do meio dia, ou a Meridional; tudo o mesmo fez a respeito do seo talhe. Seria curioso apresentar hua estatistica igual a respeito das prostitutas na cidade de Lisboa, nunca porém houve, nem ha aonde ir tirar documentos para comprovar isto, mas observa-se, que estas mulheres, sendo de differentes pontos de Portugal, ou das provincias do Norte ou do Sul em relação á Estremadura: d'estas existentes em Lisboa não se faz seo grande numero notavel por esta variação: se apparece hua ou outra com os cabellos louros &c., e os olhos azues &c., o mais frequente e ordinario he terem os cabellos assim côr de castanha, como pretos, e tambem os olhos pretos, &c.; nem as provincias referidas entre nós são tão distantes huas das outras para o Sul, que determine hua notavel influencia em quanto á côr dos cabellos, &c. ou em quanto ao seo talhe, que nada de distincção extraordinaria tem em attenção ás naturaes d'esta cidade, ou mesmo ás de todo o Reino.

Esperando...

«Sendo a menstruação hua funcção mui importante, e assaz influente na saude das mulheres, he de interesse o conhecer a influencia, que sobre tal funcção tem o officio de prostituta. Na falta de repetidas observaçoens proprias, as pessoas, a quem eu me devia dirigir para obter os necessarios esclarecimentos sobre este assumpto, ou sendo empregadas nos hospitaes, ou nas prisoens, não me fornecerão aquelles, que eram indispensaveis para fixar hua regra geral a tal respeito: huns me disserão, que nada de notavel tinhão encontrado e que a mestruação nas prostitutas seguia a sua marcha regular como nas outras mulheres; outros que as prostitutas erão sugeitas a grandes perdas uterinas no tempo da menstruação; outros, porém, que as prostitutas de ordinario são mui pouco menstruadas, o que na realidade assim acontece, e que depois por outras vias pude verificar.

«He exacta esta ultima opinião, e acontece ás prostitutas na cidade de Lisboa o mesmo, que em Paris; muitas estão 2, 3, 4, e mais mezes e ás vezes hum ou dous annos sem lhes apparecer a menstruação, sem que por isso muito se incommodem em sua saude: entretanto esta falta não constitue hum caracter geral, e mesmo muitas dellas tem regularmente suas menstruaçoens em sufficiente copia, porem a maioria são pouco menstruadas. Se tivessemos em Lisboa hua casa de Convertidas, ou de refugio, convenientemente estabelecida, nós ahi poderiamos observar, se o mesmo lhe acontecia que no Bom Pastor em Paris, para onde vão muitas das prostitutas arrependidas, e quasi sempre com faltas na menstruação; a qual nem por isso naquella casa se torna a restabelecer. Eu tenho tratado de algumas destas mulheres ou em suas enfermidades venereas, ou em outras, de que tem sido acomettidas, eu tenho consultado outros facultativos, que as tem tambem tratado, e tenho alem disto podido obter alguns esclarecimentos das *donas de casa*, tudo tem concorrido para se decidir, que as prostitutas são em geral muito menos menstruadas do que as outras mulheres; ha muitas excepçoens, mas em geral acontece o que fica referido.

«He facil achar a razão sufficiente desta falta nos excessos, a que estas mulheres se expõem, e a que se não poupão no tempo da menstruação, nas intemperies da athmosfera, que afrontão nessas occasioens, expondo-se alem disto a outras desordens, que lhes podem até causar a supressão completa, como são as lavagens repetidas mesmo em agoa fria, e ás vezes com esta impregnada de substancias aromaticas, e adstringentes lá para os seos fins, de que fallaremos em lugar opportuno.

«As prostitutas na cidade de Lisboa, em quanto á sua fecundidade, não apresentão nada de notavel, que as distinga das que existem nas outras capitaes da Europa. Alguns erradamente julgão, que as prostitutas são mui fecundas, isto he, que devem produzir grande numero de filhos; outros dizem, tambem erradamente, que ellas são quasi estereis: nenhua destas opinioens he exacta; o que a observação mostra he que ellas são pouco fecundas, e Duchatelet achou a fecundidade na proporção de 1:000 para 6, o que entretanto não se pode estabelecer como regra fixa, porque em muitos casos ella he maior.

«Pelo decurso do anno vão algumas prostitutas para o hospital de S. José

no estado de prenhez: ellas quasi sempre encobrem o seo officio, e se desfarção de ordinario inculcando-se como creadas de servir, como filhas honestas e pobres que forão illudidas por hum amante, etc., etc. Se as prostitutas fossem inscriptas na policia, tendo destas hua exacta relação, poderiamos pelo menos achar hua proporção entre este numero e o daquellas, que ao hospital vão no estado de prenhez; isto mesmo não era hua nota exacta de sua fecundidade, pois que muitas dellas neste estado poderião ter o seo parto aonde bem lhes conviesse; e alem disto nem todas as concepçoens chegão ao termo, podendo ter lugar os abortos, que são frequentissimos nesta classe de gente. Nós porém não podemos achar esta proporção por falta das respectivas notas, podemos somente asseverar com os facultativos do referido hospital, e outros que consultei, que no decurso do anno ahi vão alguas prostitutas no estado de prenhez; isto que demonstra a nossa asserção, e a proporção, que achou Duchatelet, com o numero provavel das prostitutas na cidade de Lisboa.

«Nestas mulheres são frequentes os abortos, e he mui facil acreditar isto, porque perfeitamente sabemos, que ellas trabalhão de ordinario por meios directos para os produzir, de que eu tenho sido informado: além disto estas mulheres apesar de conceberem, e de progredir o seo estado de prenhez, ellas nem interrompem o seo officio, nem se poupão ás desordens e intemperancas, que elle traz comsigo, e parece até incrivel, que ellas em tal estado possão resistir a excessos de toda a especie sem que immediatamente se desmanche o fructo da concepção; o que na realidade por taes motivos se verifica repetidas vezes, como me consta de muitas *donas de casa*, unica via, por onde no estado actual, em que se acha a policia das prostitutas entre nós, poderemos obter alguns esclarecimentos sobre este e outros muitos objectos, relativos a estas mulheres. Sabemos tambem que alguns dos excessos, a que ellas se entregão são hum resultado do appetite do ganho, pois que ellas em taes occasioens são mais procuradas por alguns, bem como acontece áquellas, que se fazem notaveis por alguma circumstancia extraordinaria, como he por exemplo, hua mulher muito alta, hua outra muito baixa, esta ou aquella cor de carne, hum certo signal [1].

«He mui frequente nas mulheres publicas o terem o seo amante, isto he, hua pessoa, a quem mais particularmente dediquem sua affeição; e he de ordinario a estes seos amantes, a quem ellas attribuem as concepçoens, que contrahem: de ordinario as prostitutas tem hum capricho particular em gozarem de hum amante, ainda que grandes lucros d'elles não recebão: ha até muitos, com que ellas distribuem dos seos ganhos, porém sempre a estes attribuem a origem de seos filhos, e o que estamos dispostos a acreditar. Parent-

---

[1] «Com todas estas notabilidades apparecem prostitutas em Lisboa, e com outras mais: fui informado, que hua dellas da 2.ª ordem, e que depois passou ás da 1.ª, tinha debaixo de hum dos peitos hum unico cabello do comprimento de hum ou dous palmos, que por tal occorrencia se fazia notavel. Outra existia, que habitava na Travessa da Palha, muito procurada por seo talhe hum tanto elevado e elegante, e por hum defeito que tinha no olho direito &c.»

Duchatelet refere, que em o numero de 403 mulheres publicas, 213 declarárão, que nunca tinhão tido nem amantes, nem filhos, 123 que tinhão tido seus amantes, e filhos, 31 que tinhão tido amantes sem nunca terem tido filhos. e 25 que nunca tinhão tido amantes apesar de terem tido filhos, e finalmente que 8 erão casadas, e a seos maridos attribuião os filhos, que ellas tinhão tido. Devemos por tanto concluir, que as prostitutas são mais aptas para a fecundação, do que se pensa, mas he preciso para isto hua reunião de certas circumtancias, e hum verdadeiro estado intellectual e moral, extranho ao exercicio do seo officio. Se porém este estado de prenhez não chega ao termo, he porque ellas põem em pratica manobras criminosas para abortarem, e para o mesmo fim se expõem a excessos, e praticão abusos extraordinarios, o que nellas he mui frequente.

«Ha tambem mulheres publicas (porém raras), em quem he extraordinaria a fecundidade: tem-me notado algumas nesta cidade, que não obstante datar de poucos annos seo officio,tem tido já alguns filhos, e húa dellas, que depois foi entretida por hum sugeito, tinha hum filho em cada anno; quasi todas estas infelizes creaturas, resultado destas unioens illicitas, são entregues á roda da Mizericordia: a duração, porém, de sua existencia quasi sempre he mui curta, quasi todas findão sua ephemera carreira no primeiro anno de sua vida, quando contra seos dias se não attenta logo no primeiro de sua existencia.

«Poderiamos, como tem feito alguns escriptores, tratando das consideraçoens physiologicas sobre as prostitutas, notar alguns casos particulares, em que nellas apparece húa extraordinaria desenvolução do *clitoris,* e mesmos dos *pequenos labios*, &c. &c., e que relação tem isto com seo officio, e com suas paixoens libidinosas: entretanto como nós não temos grande copia de factos a respeito das prostitutas de Lisboa, sobre tal objecto, não poderemos avançar húa opinião exacta, nem assegurar com Parent-Duchatelet a respeito das de Paris, que esta maior desenvolução nenhuma influencia tem em sua maior lascivia, nem em sua mais activa libertinagem.

«Trataremos n'este art. dealgumas enfermidades, para cujo apparecimento, e desenvolução tem huma notavel influencia o officio das prostitutas. Que existe esta influencia he innegavel; e tanto se dá em as prostitutas, como nos differentes artistas e obreiros, que estão sugeitos aos incommodos de saude, que lhes causa o exercicio de seos officios; á infamia da sua libertinagem, e depravados costumes ellas tambem ajuntão não poucos males, que lhes origina sua profissão, e dos quaes estarião isentas, se ellas seguissem hua vida commum e honesta. Só nos hospitaes nós poderiamos obter uma certa copia de factos, que nos pozesse em circumstancias de desenvolver amplamente esta materia; nós alguns obtivemos dos respectivos facultativos, e de alguns outros, que particularmente as tem tratado, o que tudo reunimos á nossa propria observação; tempo virá entretanto, em que este assumpto possa ser mais largamente desenvolvido, quando depois de terem os competentes regulamentos policiaes, as prostitutas se sujeitem assim ás visitas sanitarias, como a hum regular tratamento nos hospitaes respectivos.

«A syphilis e a sarna são as duas enfermidades, a que mais sugeitas estão

as prostitutas, e pode dizer-se, que ambas ellas, e especialmente a primeira he privativa de seo infame e depravado officio, e he dellas tão propria, como he a colica metallica para aquelles, que continuamente trabalhão nas preparaçoens de chumbo, como diz Duchatelet. As prostitutas, especialmente as da mais baixa ordem, estão frequentemente atacadas de sarna, a sua immundicie, hum máo despreso absoluto em seo tratamento, etc., lha faz protrahir, e he nellas eterna; nos hospitaes ellas se observão, quasi sempre, com esta molestia, ainda que não se dirijão lá, senão com o fim de se tratarem de outras enfermidades, que sempre se tornam mais graves com tal complicação. Nas prostitutas da 1.ª e 2.ª ordem he mais rara a sarna: o seo aceio e limpeza, os desejos dos seos lucros as fazem logo curar hũa molestia incommoda, e nojenta, e com ella as *donas das casas* as não consentirião.

«Emquanto á syphilis, em lugar competente trataremos deste assumpto, que reservamos para lugar especial.

«*Perdas uterinas* — Nas consideraçoens physiologicas sobre as prostitutas, quando tratámos de sua menstruação, dissemos, que ellas estavão sugeitas a hũa diminuição notavel nesta funcção; que em geral ellas erão pouco menstruadas: entretanto se pode duvidar de que estão algumas dellas sugeitas a consideraveis perdas uterinas: hum dos facultativos do hospital asseverou tê-las muitas vezes encontrado: era porém de opinião, que estas metrorragias, ou perdas sanguineas uterinas, erão, no maior numero de casos, consequencias de lesoens organicas do utero, ou de degeneraçoens verificadas no mesmo utero; affecçoens, que podião ser, ou não ser, provenientes de infecção syphilitica, acrescentando a final, que os excessos dos prazeres venereos, hũa diathese cancrosa, tumores polyposos, ulceras carcinomatosas, etc. podião produzir evacuaçoens de tal ordem.

«Entretanto a observação dos medicos da prisão das prostitutas em Paris, onde existem ordinariamente de 400 a 500, lhes provou que erão nellas frequentes as perdas uterinas, mas que não erão provenientes de alguma lesão do utero: a autopsia mostrou em alguns casos não haver lesão algua organica, nem mesmo se apresentárão vestigios alguns d'inflamação n'essas partes. Attribuião elles estas perdas uterinas ao seo officio, e aos deboches delle resultantes; pois que taes perdas se observavão na idade de 14 a 15 annos, em que he raro ellas encontrar-se nas outras mulheres.

«*Abscessos dos grandes labios — fistulas recto-vaginaes.* — Na espessura dos grandes labios são frequentes os abscessos ordinarios, elles tem hua marcha regular, e se terminão como em as outras mulheres. Hum dos facultativos do Hospital de S. José me referio, que elle tinha frequentes vezes observado nos grandes labios tumores com o caracter inflamatorio, que terminavão no maior numero de casos pela resolução, ou tambem pela suppuração, mas que não he rara a terminação pela induração, adquirindo então o labio lesado o caracter elephantiaco. O rompimento da septo recto vaginal tem acontecido algumas vezes, porem somente nos casos de excessiva inveteração do virus venereo, e provindo de ulceras com o caracter phagedenico e corrosivo com a séde na mucosa vaginal.

«No tabique recto-vaginal, que nas prostitutas he muito delicado, tambem apparecem os abscessos ordinarios, que degenerão em fistulas de difficil cura, que ás vezes são mui estreitas, e não lhes põem obstaculo ao exercicio do seo officio: os Medicos da prisão das prostitutas em Paris conhecião trinta com estas fistulas: ellas erão ás vezes filhas de cancros venereos, e asseverão, que taes fistulas quasi sempre coincidem com a tysica pulmonar, erão ás vezes tambem acompanhadas d'engurgitamentos endurecidos nos grandes labios, que chegão a um volume enorme, que lhes embaraça o seu officio, e que as obriga a recolherem-se a hum asylo a terminar sua infeliz existencia.

«*Cancro uterino.*—Serão as prostitutas mais dispostas, do que as outras mulheres, aos cancros uterinos? sobre esta questão de pathologia ha dissidencia entre os Medicos: o que mais se aproxima da verdade he, que as prostitutas não estão ao abrigo de serem atacadas do cancro, mas que he mais raro, do que parece fazel-o acreditar o seo officio. Sabemos, que estes cancros só apparecem em hua idade quasi determinada, e que na mocidade são muito raros; além disto o officio de prostituta é hum estado passageiro, que ellas deixão logo que podem; e quando a sua idade permitte mais o seo apparecimento, he então que ellas tem deixado a prostituição. Alem disto esta molestia tem-se muitas vezes encontrado nas communidades religiosas, e aonde a virtude e a moral tinhão o seu imperio. Não nos alargaremos mais sobre este objecto; diremos apenas que entre nós tem-se observado o mesmo que na França, facultativos, com quem tenho fallado a consultal-os sob este objecto, me tem notado alguns casos de cancros uterinos nas prostitutas, mas estes não são em numero tal, que nos indique, que he esta húa molestia propria do seu officio.

«Tem alguns escriptores notado como proprias das mulheres publicas algumas outras enfermidades, entre estas são não só a alienação mental, mas tambem differentes convoluçoens, e affecçoens espasmodicas. Não temos entre nós factos para estabelecer algua cousa de positivo a tal respeito, nada se tem recolhido, se se tem observado; por isso tratando das prostitutas na cidade de Lisboa callaremos o que a este respeito se tem verificado em as outras Naçoens, pois que não é este nosso objecto, por não serem factos nossos: notaremos pois agora só as molestias congeniaes, que as não impedem do exercicio do seu officio, e tambem daquellas, que lhes são communs com os outros individuos.

«*Molestias congeniaes*—Encontrão-se na cidade de Lisboa prostitutas com molestias congeniaes, que apezar de as tornarem muito defeituosas, ellas não deixão de ser procuradas, e exercer o seu vil officio; ha algumas cegas de hum olho, mesmo assim são procuradas, hua conheço eu do olho direito, que apesar de ter esta feição hum tanto defeituosa, ella tem hua forma elegante, e he muito procurada; ha húa outra idiota, e estupida quasi de nascença, que tambem exerce o officio.

«Além das molestias congeniaes ha outras prostitutas, que pela côr da sua pelle parece que devião repellir a aproximação d'hum Europeu, apesar disso ellas são procuradas: na Travessa do Pastelleiro á Esperança havia em o anno proximo passado hua casa de 4 prostitutas pretas, outra na rua do Sali-

tre, ha algumas outras em outros pontos da cidade; na Rua do Capellão existem duas prostitutas, que são mulatas e alguas pretas etc. etc. As mulheres publicas de Lisboa não se fazem notaveis, como as de Paris, por huma constituição escrophulosa, a maioria d'ellas são filhas das provincias do Reino, e não apresentão o predominio de um temperamento limphatico, apesar de muitas o terem.

«*Molestias communs.*—Que diremos nós das molestias communs, que atacão tambem as prostitutas, como os outros mais individuos? Era bem possivel satisfazer a este quesito; porque ás da 2.ª ordem, apesar de terem já um pequeno luxo, as *donas de casa* não permittem de ordinario, que em casa sejão tratadas de suas enfermidades, sem que ellas lhes paguem extraordinariamente, e como não lhes he possivel, sendo as molestias de mais longa duração; por tal motivo algumas são obrigadas a recolherem-se ao hospital: e as da 3.ª ordem são humas miseraveis, que logo lá se vão introduzir; assim havendo huma statistica exacta e regular daquelle hospital, facil seria, apresentando-a, vir no conhecimento das enfermidades communs, a que ellas estão mais sujeitas; entretanto nós não temos tal statistica, de que algum proveito possamos tirar neste objecto particular: nem mesmo depois de estar em vigor o Regulamento, que faz parte do decreto de 3 de Janeiro de 1837, que no seo Art. 30 obriga a apresentar esta statistica ao Conselho de Saude Publica do Reino.

«Na presença desta defficiencia de documentos, eu tenho consultado alguns facultativos d'aquelle hospital, e mesmo a outros que as tem tratado em algumas de suas enfermidades, d'elles tenho colligido o mesmo, de que eu ha muito estava persuadido, que as prostitutas estão sujeitas como as outras pessoas ás enfermidades communs, e especialmente ás affecçoens de peito, ás irritaçoens gastro-enteriticas, etc. Eu tenho conhecido alguas, que tem succumbido á tysica pulmonar, que nellas quasi sempre he mais rapida pelas desordens e abusos, a que se expoem, e pela falta do devido tratamento em tempo competente. He preciso entretanto confessar, que não obstante a existencia de tantos abusos, e tantas irregularidades, sua saude resiste mais ás alteraçoens, que elles lhe deverião originar, e além disto ordinariamente as molestias communs não parecem nellas mais graves; o que se observa he que as prostitutas, especialmente as mais baixas, se expõem a tão notaveis excessos de toda a especie, que parecem ter hum corpo de ferro para lhes resistir.

«Estas consideraçoens nos obrigão a tirar para as prostitutas de Lisboa as mesmas conclusoens, que Duchatelet tirou para as de Paris: pois que vendo-se um grande numero de obreiros, que trabalhão em suas artes e officios, que lhes causão muitas molestias, sendo por isto muitos delles insalubres, não he decisivamente insalubre o officio de prostituta. Muitos obreiros tem hũa vida sedentaria, e se extenuão com trabalhos para exercer seos officios, e provêr ás suas necessidades: ás prostitutas não acontece do mesmo modo, ha mais a lamentar a falta de saude dos outros, do que a destas. Mas para tirarmos um resultado mais exacto seria preciso, que as prostitutas seguissem por toda a sua vida o seo officio, mas não he assim, elle he hum *momento de passagem*, elle he *hum episodio da sua vida;* torna-se por isso impossivel fixar

com exactidão nossas idéas a este respeito, e só expor o que se passa durante a sua libertinagem, e sua vida devassa.

«Este capitulo he de muita importancia, pois que não poderemos bem estabelecer os devidos regulamentos policiaes sanitarios, e concorrer para as reformas e melhoramentos, que ha a fazer sobre as prostitutas, sem bem as conhecer, e para bem as conhecer é preciso estudar os seus habitos e costumes, os seus gostos, as suas boas ou más qualidades, e em fim tudo que lhes for relativo. Talvez seja este o objecto mais desconhecido e mais obscuro sobre a historia das prostitutas em Lisboa; pois que se d'estas mulheres nada se tem transmittido em forma desde os antigos tempos até hoje, muito menos se nos diria sobre este assumpto especial, para o qual seria preciso estar em contacto immediato com ellas para de perto as estudar e conhecer: por conseguinte quando as prostitutas obrigadas pelas leys policiaes, a comparecerem perante a administração, os empregados de saude, os tribunaes de correcção, nos hospitaes especiaes, nas casas de refugio, etc., e ahi se estudarem seos costumes e habitos, nós poderemos então com perfeito conhecimento de causa saber a seo respeito o que muito agora conviria dizer com a devida amplitude; por isso pouco diremos sobre esta particularidade das prostitutas, e só o que nos tem sido fornecido por informaçõens, que temos sollicitado das *donas de casa,* e de pessoas que estão habituadas a estar com ellas em contacto mais immediato.

«Muitas são as causas, que influem em geral sobre o caracter, costumes e habitos dos povos; não se póde duvidar, que elles são differentes nas differentes nações, entre as causas influentes hũa dellas he sem duvida o clima, além desta ha outras, como a diversa forma de governo, a educação, que se tem dado aos povos, etc. Por conseguinte neste assumpto especial podem muito diversificar as prostitutas em Londres, em Paris, em Bruxellas, ou em Lisboa, nem tambem nós devemos ajuisar do caracter de todas as prostitutas pelo que apresenta o bando das mais miseraveis e das mais baixas desta classe de gente, a quem a educação e a posição, em que se achão, fazem apresentar mui differentes costumes. Este capitulo será dividido nos seguintes artigos, e começaremos pelos seus sentimentos religiosos, moralidade, e boas qualidades.

«Portugal foi sempre um paiz eminentemente religioso, para o que muito concorreo sempre a forma de governo, que teve desde os mais antigos tempos; por isso a educação religiosa foi sempre dada exemplarmente em todas as classes do povo portuguez, e transmittido de pais a filhos o devido respeito a todos os actos religiosos, e não menos efficazmente nas baixas classes do povo, das quaes sahem as prostitutas com mui raras excepçoens; por isso posso asseverar, que não se encontra nestas mulheres publicas em Lisboa o que dizem ter hũa ignorancia profunda em os objectos religiosos, havendo algumas, que apenas tinhão o conhecimento e o sentimento da Divindade. Não he assim das mulheres portuguezas, ellas todas não só tem hum inteiro conhecimento e sentimento da Divindade, mas ellas estão instruidas nas praticas ordinarias do culto externo; sabem perfeitamente que ha dias sanctificados, em que se deve ouvir missa, sabem muito bem, em que tempo se devem confessar e receber

a communhão; que devem rezar; que devem tratar com respeito e veneração os actos publicos da Religião, os seos Sanctos, os ministros do culto: ellas tem tambem hum perfeito conhecimento de que devem ter um resultado futuro das boas ou más acçoens praticadas neste mundo durante a vida, etc., etc.; nada disto he por ellas ignorado, a nenhuma com tal ignorancia me consta se tenha encontrado, antes a muitas se encontrão até instruidas em as oraçoens, e doutrina christan. Mas he seo fado; miseraveis, ellas desmentem tudo com as suas torpezas!!

«Com effeito (as da 1.ª e 2.ª ordem) no recinto de suas casas, em sua plena liberdade, e na companhia dos máos sugeitos, que as frequentão, não se poupão a pronunciar palavras indignas e obscenas, contrarias aos bons costumes, e aos preceitos religiosos, a mofarem até destes preceitos, a maioria dellas não os executando apezar de os conhecerem. Parece incrivel, que alguas das mulheres destas duas ordens, postas nas ruas, e mesmo ás janellas muitas vezes, com grande impostura de honestidade e de decencia publica, sejão em suas casas tão deshonestas e desbocadas, que ferem, e até enojão a muitos dos que as frequentão, mas encontrão-se alguas excepções. Em quanto porém a essa relé das prostitutas, que divagão á noite pelas ruas da cidade, ellas não tem pejo de pronunciarem essas palavras obscenas e indecentes huas para as outras, ou para os libertinos, que as procurão e as acompanhão, ou isto nas ruas que habitão, ou pelas outras, que frequentão.

«Em quanto se verifica o que fica referido, he justo dizer, que do seo coração não estão riscados os sentimentos religiosos, ha muitas, que desenvolvem em differentes occasioens até muita devoção. Eu conheço hua *dona de casa*, que tem hum bem arranjado Oratorio com hum crucifixo, e varias imagens de Sanctos; de ordinario em todas as noites nelle se acende hua luz, e ella vai rezar suas devoçoens, em o que hua, ou outra das mulheres, que tem em casa, a accompanhão: neste Oratorio hua das raparigas, que tinha em casa em 1837, acendia de quando em quando hua vela á imagem ou de Nossa Senhora das Dores, ou á de Sancta Maria Magdalena: em outras muitas casas se verifica o mesmo.

«Sei tambem, com toda a segurança, de hua *dona de casa*, que tinha com o officio de prostituta em sua companhia hua sua filha, e mais hua ou duas raparigas, e cuja filha esteve mui perigosa em hum parto laborioso, e tanto ella, como suas companheiras, estavão dispostas, se o mal progredisse, a ministrar-lhe todos os soccorros espirituaes, para cujo recebimento ella estava com devoção. Será para mim sempre memoravel a maneira, como se portou hua destas mulheres das mais elevadas da 2.ª ordem, que vivia só em sua casa, e que em consequencia de abusos e indiscripçoens praticadas em seo indigno officio me chamou para a tratar de hum violento catharro, que logo passou a hua peripneumonia, e ella se poz em perigo; fallei-lhe então em soccorros espirituaes, o que em sua alma fez hua violenta impressão, e a que me disse estava prompta, no meio de hua torrente de lagrimas; julguei não dever exacerbar mais o seo estado, como vi no dia seguinte assim ter acontecido: porém a molestia foi a passos largos marchando a hua feliz terminação.

«Depois de completamente restabelecida, lhe perguntei, porque a tinha tanto afligido aconselhar-lhe eu o lançar mão dos soccorros espirituaes? ella me respondeo (proprias palavras suas)—: «Ha tres ou quatro annos que me não confesso, conheço o mal, que tenho feito, mas para que heide eu ir confessar-me? para que heide eu ir mentir, e por isso escarnecer do ministro do culto? eu não posso por agora tirar-me desta miseravel vida, e não me confesso emquanto della me não tirar, para o que trabalho: se me confessasse quando estive doente, tinha ja findado esta má vida, não sei o que teria sido de mim; nem então a minha casa devia vir hum parocho e muito menos o Sacramento; se isto acontecesse, estavão acabados meos deboches ainda que morresse de fome, &c.».

«Consta-me que muitas existem destes sentimentos; muitas dellas vão sempre á missa quando o tempo o permitte, algumas ha, que vão á confissão: ellas prostrão os joelhos em terra quando passa alguma procissão, ou o Sacramento para algum enfermo, ellas dão signaes de adoração. No hospital não recusão os soccorros espirituaes, ellas os abração ardentemente, segundo me consta. Muitos factos existem a este respeito, e que por mais me não alongar os não repito, mas que todos provão terem ellas hum sentimento religioso, que não está inteiramente riscado do seo coração. Eu conheci hua da 1.ª ordem, que sempre se portou com decencia publica, e que era muitas vezes observada, das casas fronteiras á sua, andar á noite a passear em hua salla com huas contas na mão a rezar. Esta mulher no principio do anno de 1840 se recolheo a hum convento: eu estou bem certo, que se em Portugal houvesse hua *casa de refugio,* bem organisada, a ella concorrerião muitas prostitutas.

«Quem passar pelas ruas das Madres, de Vicente Borga, do Pastelleiro, ou pelas ruas da Amendoeira, da Guia, do Capellão, ou por outras que taes, quem fôr mesmo á noite a certos sitios da cidade, como á Ribeira Nova, Caes do Sodré, ou passar pela Travessa da Palha, e pelas da Assumpção, de Santa Justa, ou for ao Rocio &c. &c.; e escutar o que estas miseraveis, que frequentão aquelles lugares, dizem algumas vezes huas para as outras, ou para os máos sujeitos, que as acompanhão, e a ellas se chegão; então nos persuadimos que n'ellas está riscado até o mais pequeno sentimento de pejo e de vergonha; entretanto nem por esta ralé das prostitutas devemos medir a todas as outras, nem mesmo nestas, apezar de seos deboches e desenfreada libertinagem, devemos asseverar, que está completamente riscado todo o sentimento de pejo.

«Pois que nós, observando-as mais de perto, vemos que estas vagabundas pelas ruas, fora do caso de embriaguez, não soltão estas palavras quando passão algumas pessoas, que ellas julgão hunestas, e muito menos quando estas pessoas são do seo sexo, ou mesmo se as julgão estar pelas janellas: eu tenho observado, que huas reprehendem a indiscrição das outras, quando soltão estas palavras impudicas e obscenas. Nas ruas acima referidas estas mulheres travão-se com razoens huas com as outras, ellas descompõem-se; se injurião reciprocamente, e se por acaso vão ás mãos, e rasgão seos vestidos, e descobrem seos peitos, ellas tem logo muito cudado de os cobrir, ou o fazem ás outras quando isto observão. Esta mesma ralé das prostitutas nas ruas immundas, que habitão,

não praticão publicamente de dia qualquer acção indecente com os libertinos e vadios, que as procurão, quando presumem ser observadas por pessoas honestas.

«Em quanto ás da 1.ª e 2.ª ordem, ou áquellas, que vivem sós e isoladas em suas casas, ou em forma de collegio, quando de dia sahem fora, affectão decencia e húa certa honestidade, e nunca pretendem parecer aquillo, que ellas são, especialmente na presença das pessoas honestas do seo sexo, a quem ellas pertendem imitar nesta decencia e honestidade, mas que os intelligentes facilmente conhecem pelo seo andar e maneiras, ou pelas creadas, que ás vezes as accompanhão; algumas, porém, quando vão sós, ou com outra companheira, e apparecem nos passeios, ou praças publicas, ellas se apresentão vestidas com decencia e segundo o gosto mais moderno, e ás vezes com luxo, fingindo quanto podem grande honestidade, para que as confundão com as outras do seo sexo, e não sejão como taes reconhecidas.

«Podemos finalmente asseverar, que apezar de muito debochadas as prostitutas da 3.ª ordem não perdêrão inteiramente os sentimentos de pejo, e de vergonha: e he justo confessar, que nós não observamos nas prostitutas em Lisboa nem mesmo nas mais baixas desta classe as torpezas, e as indignidades, que os differentes escriptores nos referem a respeito de Londres e Paris, e mesmo os viajantes, que tem ido a esses paizes. Haverá entre nós mais moralidade? não permittirão taes escandalos nossos antigos costumes? he possivel que seja; mas he tambem um facto, que a tal respeito os costumes em Paris estão muito melhorados pela Administração, em relação ao que se passava em mais antigos tempos.

«*Boas qualidades.* — Não póde duvidar-se de que as prostitutas estão persuadidas de que são todas tidas, e tratadas pelas pessoas honestas, não só com hua pura indifferença, mas até com despreso, e que ellas se julgão huns entes abandonados por todo o mundo, e entregues á sua miseravel sorte: ellas confessão isto, e quando alguns desgostos, e desordens domesticas as cercão, exclamão contra o seo estado, e exprobrão contra quem foi a causa de sua má vida, e de ordinario a attribuem a alguem, que a isso as induzio, e enganou, ou ao descuido e frouxidão de quem as governava, como diremos quando tratarmos das causas da prostituição publica em o nosso paiz. Ellas persuadem-se que não desafião a commiseração de pessoa alguma em attenção á sua vida libertina, e escandalosa, e he sem duvida esta hua forte razão, que as obriga a ajudarem-se, e soccorrem-se mutuamente. Esta boa qualidade têm as prostitutas humas para com as outras, e este espirito de reciproca caridade transcende muitas vezes ás outras pessoas, a ponto de fazerem todo o bem que podem, é as vezes mais do que lhes he possivel.

«A doente, de que fallei no §. antecedente, era de ordinario tratada por duas companheiras suas no officio, e tinha das outras frequentes visitas com promessas de socorros, nada lhe faltava, e isto com efficaz diligencia. Consta-me ter lugar muitas vezes este procedimento das prostitutas huas para com as outras quando se achão doentes, e he então que as companheiras se esmerão em lhes prestar seos serviços. Ora no estado de molestia quasi sempre são

depresadas e expulsas pelas *donas de casa,* as prostitutas de Paris, como diz Duchatelet, por que então ellas lhes não dão interesses, occupão-lhes os quartos, e fazem-lhes despezas: e então ou ellas devem pagar, e fazer as despezas do tratamento, ou logo recolher-se ao hospital, excepto em os casos pouco frequentes de hua ou outra mulher, de quem pelos dotes da sua formosura esperão ainda lucros, e não querem perder. Entre nós não acontece isto: as da 1.ª ordem tratão-se sempre em casa, as da 2.ª tambem he o ordinario serem pelas *donas de casa* tratadas em casa, e depois lá lhes vão pagando pouco e pouco, salvo quando he mui prolongada a molestia; e as miseraveis da 3.ª lá vão todas ter ao hospital, por nada terem senão miseria: tocaremos n'este objecto quando tratarmos das *donas de casas.*

«As prostitutas tambem se soccorrem mutuamente com vestidos, quando delles absolutamente carecem, e especialmente quando se encontrão em estado de miseria. Eu fui informado com verdade, de que hua rapariga estando com outras em hua das principaes casas da 2.ª ordem, e se tratava com muito aceio, e até com algum luxo; hua molestia venerea a fez vender quasi todos os seos fatos até que se recolheo ao hospital; sahindo do qual se foi metter por falta de fatos com as prostitutas do Bairro-Alto, aonde chegou a ponto de não ter hum vestido: entretanto suas antigas companheiras a chamárão, todas se cotisárão cada hua com hum traste seo, e sahio perfeitamente vestida, e bem fornecida; ella porem continuou, e continua ainda, com a mesma ralé das prostitutas contra a vontade das outras.

«Eu tenho observado muitas vezes, que ellas aos mendigos, que andão pelas ruas invocando em voz alta a caridade dos fieis, lanção das janellas suas esmolas, e alguas tão avultadas como as pessoas, que tem para isso as possibilidades, que ellas não tem. Ellas mesmas em suas casas dão esmolas aos pobres, que ahi lhas vão pedir, e mesmo algumas as envião a familias, que sabem ter necessidade de soccorros.

«Parent-Duchatelet, tratando deste objecto, diz que as prostitutas em Paris além destas boas qualidades tem outras muitas; pois que geralmente fallando as mulheres solteiras, que infelizmente se achão nas circumstancias de ser amas, desempenhão melhor este serviço do que as mesmas casadas (o que custa a crer), e são ellas para com muitas familias a estas preferiveis para a creação dos seos filhos; mas diz elle que as prostitutas ainda merecem mais estima para o mesmo fim, e que tem ellas esta bella qualidade; estimão muito os filhos, que crião, empregando nelles todos os seos cuidados e disvellos. Diz que o estado de prenhez as não inquieta ordinariamente, e que outras o estimão ardentemente, pelo prazer de serem mãys, e terem um filho, a quem ellas amão extremamente. Não he porem isto o que entre nós geralmente se observa, segundo as informaçoens, que pude colligir: as prostitutas são ordinariamente pouco fecundas, e muito se desgostão quando se achão no estado de prenhez, que diligenceião muitas vezes desmanchar para se livrarem de hum fardo, que as opprime, e incommoda; ellas em geral abandonão seos filhos á roda dos expostos; se húa ou outra os cria he levada por vista d'interesse qualquer, e não por extremo de amor, nem este ellas mostrão na sua creação: ha algumas

excepçoens a esta marcha geral e ordinaria; e de alguns factos, se bem que raros, eu fui informado, em que algumas prostitutas mostrárão hum vivo interesse no estado de prenhez, e hum extremo amor de seus filhos, que com muito prazer creárão, e educárão, mas são mui raros estes casos, e ordinariamente se verifica o que a seo respeito fica dito; no entanto hum facultativo de todo o conceito me notou ter tratado hua prostituta de hua *peritonite*, que elle mais attribuio ao estado de desgosto, e de inquietação, que lhe motivou a perda do filho, fallecido aos oito dias de nascido, e com que ella esteve em perigo.

«He, porém, um facto, que ellas mutuamente se soccorrem quando se achão no estado de gravidez: e quando tem o seo parto são pelas outras efficazmente ajudadas, e soccorridas, como o recemnascido: entretanto he isto raro, porque quando o parto está proximo, ellas se recolhem ao hospital, aonde elle tem lugar e algumas *donas de casa* a isto obrigão as prostitutas, porque de ordinario ellas são ambiciosas, e sem grandes lucros não fazem bem algum ás mulheres que tem em casa.

«Algumas das que conservão seos filhos, e os educão, quando elles já são grandes cuidão quanto podem de lhes occultar seo indigno officio; algumas educão bem os filhos, que tem, e põe muita reserva no exercicio da libertinagem, para por elles não ser observada; eu conheci hua prostituta em Coimbra que tinha possibilidades, mandou educar hua filha, no Convento de Pereira, no campo d'aquella cidade: outras muito mais os educão, vivem com elles, e não lhes occultão o seo officio.

*Defeitos particulares das prostitutas.* —Hum dos grandes defeitos, que se encontra nas prostitutas das mais baixas he de ordinario hua extrema immundicie, ellas não tem cuidado em lavar seo corpo, nem tão pouco seos fatos, ellas os vestem çujos e immundos, e ainda que se rasguem, muitas d'ellas assim os trazem: são quanto é possivel desmazeladas e çujas; quando estão no interior de suas casas e fóra das vistas do publico então se observão bem estes seos defeitos. Não acontece porém assim ás da 1.ª e 2.ª ordem, e muito menos ás da 1.ª: ou por necessidade do ganho, ou por inclinação, quasi todas são aceadas em seo corpo e vestidos, que os tem sempre nos arranjos da moda, e do luxo. Podemos asseverar ser isto antes devido á necessidade, que tem, de obter seos lucros, do que a hum cuidado especial seo, porque geralmente fallando ellas são descuidadas a todos os respeitos; se abandonassem esta limpeza e este trem, não serião frequentadas senão por aquelles, que procurão as da mais baixa ordem, como lhes acontece, quando por qualquer causa, que lhe faz perder seo aceio e luxo, ellas se abandonão, e passam para a cathegoria da ralé; muitas se observão ahi com estas metamorphoses: vêem-se mais prostitutas, que vivião aceadas, e com luxo nas casas de 2.ª ordem, passarem ás immundas do Bairro Alto, e da rua das Atafonas, do que o inverso. Estas metamorphoses ás vezes são rapidas, e só se explicão porque contrahem o vicio da embriaguez, ou o mal venereo, cujo curativo abandonão: em 1837 vi hua mulher passar da rua Oriental do Passeio publico para a travessa do Conde de Soure, e hua da rua do Loreto para a rua das Atafonas em mui poucos mezes pelos motivos acima expostos.

«Hum dos resultados que a falta do aceio e limpeza do corpo e vestidos produz nas prostitutas mais baixas, he, além de terem em abundancia nojentos insectos, conservarem a sarna quasi que constantemente; em grande parte d'ellas he quasi habitual, o que não admira, supposta a sua immundicie, que não depende tanto da sua pobreza, como do seo natural desmazello, e abuso do vinho, e mais liquidos espirituosos.

«Húa notavel intemperança em as comidas e bebidas he outro defeito proprio das prostitutas, em húas porém he mais frequente, do que em outras: todas ellas, seja qualquer que fôr a ordem a que pertenção, comem a toda a hora o que lhes parece, e o que se lhes proporciona; e são na realidade todas ellas glotonas, e apesar de que as da 1.ª e 2.ª ordem amem as bebidas espirituosas, mui raras vezes nestas se divisa a embriaguez, a não ser em alguma occasião extraordinaria, este defeito não lhes he habitual, como de ordinario acontece ás mais baixas prostitutas, em quem a crapula he hum habito, que se verifica logo que possão obter o sufficiente vinho e os outros liquidos embriagantes; ellas são a estes vicios arrastadas (grande numero de vezes) pelos máos sujeitos e libertinos, que as frequentão, e que de ordinario são os soldados marujos, e creados de servir; os quaes todos presumem, que a prostituta, quando não quer beber vinho, he porque está infectada do *Virus Venereo*, ellas, porém, para lhes mostrar que tem completa saude, o bebem frequentes vezes, e por isso muito se embriagão.

«Estas mulheres são de ordinario mentirosas, fingidas e colericas; como muitas dellas tem-se evadido á authoridade paternal, ou á dos parentes, que as dominavão, ou &c., para seguir sua vida dissoluta, e libertina, occultão isto quanto podem, mentindo descaradamente sobre suas progressas circumstancias, adquirindo por isso um habito, que a muitos outros respeitos lhes he muito prejudicial em grande numero de casos, ou seja de húas para as outras, ou para com as *donas das casas*, ou para com os máos sujeitos, que as frequentão, o que occasiona repetidas desordens; são por isso muito fingidas e dissimuladas, o que entretanto mais se encontra nas raparigas, do que nas de maior idade. A colera he tambem nellas húa paixão dominante, e hum defeito habitual; ellas facilmente tem rixas húas com as outras, e he de ordinario por ciumes; ellas se batem, e ha notaveis desordens, a ponto de ferimentos até consideraveis; isto porém só se observa entre a ralé das prostitutas, mas a colera por motivos dos ciumes, ou outros, he propria de todas, ainda que ella não chegue a ponto, de que se batão as da 1.ª e 2.ª ordem; he entretanto em todas esta paixão objecto de momentos, porque ellas logo se reconcilião, e contrahem novas relações amigaveis.

«Esta ultima circumstancia nos leva a dizer, que ellas são summamente voluveis, e inconstantes; tem húa extrema mobilidade d'espirito; nada fixão; e em nada são permanentes, por isso pouco cuidado lhes dá a sua sorte futura. São ellas dotadas de húa extrema loquacidade, e a ponto, que ás vezes nada se entende com ellas, quando muitas se achão reunidas em húa sala; este caracter voluvel, que as acompanha, as obriga a estarem sempre a mudar de casa, quando estão reunidas em collegios; algúas ha, que nem hum mez

ahi párão, andam em continuas mudanças, e assim passão sua debochada vida.

«*Trabalhos, em que se occupão, etc.*—As prostitutas de todas as ordens em nada se occupão durante os intervallos do exercicio de seo officio; he esta a sua marcha ordinaria; nós vemos as da 1.ª e 2.ª ordem frequentes vezes ás janellas sem fazerem cousa alguma, e só provocando, e deligenciando o exercicio de sua libertinagem, he este o caracter geral das prostitutas o serem desmazeladas; mas deve tambem attender-se, a que as *donas das casas*, quando existem em collegios, as obrigão a pôr-se ás janellas, e não gostão quando ellas se retirão para o interior, ainda quando estejão incommodadas: ha porém algumas, que mesmo ás janellas tem as suas costuras, ou bordados, mas fracos serviços são estes; algumas ha, que nos intervallos referidos cosem, bordão, engomão, fazem os seos vestidos, &c., mui raras vezes se applicão á leitura, e só d'algumas novellas; nellas não são frequentes, antes rarissimas as leituras obscenas e lascivas, estas de novidade alguma lhes servirão, por isso as abandonão, nem he a leitura sua paixão dominante, e húa ou outra com ella se entretem; pois que a sua educação foi de ordinario mui grosseira, e hua grande parte dellas não sabe ler, nem escrever, ha porém excepçoens. Podemos dizer em geral, que as prostitutas de todas as ordens nada fazem durante o exercicio do seo officio, ellas se abandonão a húa perpetua ociosidade. As da 1.ª e 2.ª ordem, comem, bebem, dormem, saltão, cantão, brincão, e cuidão de se divertir ao seo modo, jogão as cartas húas com outras, vão passear quando lhes convém &c. &c.; as da 3.ª ordem fazem o mesmo, e além disto passam grande parte do seo tempo nas tabernas proximas, ou á noite quando vagueião pela cidade, e ahi se embriagão com os máos sujeitos, que as frequentão. Eis em que se entretem as prostitutas no entrevalo do seo officio, no qual de ordinario são mais occupadas desde a tarde até avançar pela noite; e a respeito destes habitos das prostitutas não se encontra em Lisboa a extrema diversidade, que se observa em Paris e Londres.

«*Se imprimem figuras no seu corpo.*—Era mais usual em nosso paiz nos antigos tempos, que alguns homens de certa cathegoria, como soldados, marinheiros, alguns homens do campo, e mesmo da classe baixa das cidades e villas, imprimissem no corpo, e de ordinario nos braços e no peito differentes figuras, especialmente a de um crucifixo, a imagem de Nossa Senhora, e hum chamado signo de Salomão &c.: as prostitutas da 3.ª ordem, que vivem com os soldados, e com os marujos, os imitão, e adquirem estes costumes, algúas tenho eu observado com estas figuras, impressas no ante-braço; húa vi eu, que tinha nove coraçoens atravessados por húa seta, outra um ramo de flores, outra que tinha as letras iniciaes do nome de hum soldado, que dizião ser seo amante, &c.: entretanto não he este hum costume mui frequente nas prostitutas da 3.ª ordem, antes são bem raras as que se encontrão com estes signaes, que só tem este habito no bairro da Esperança, e nas Ruas do Capellão, e da Guia, ou no Bairro Alto; e não me consta que as da 1.ª e 2.ª ordem tal cousa pratiquem.

«*Mudança de nomes*—He hum facto innegavel, que as prostitutas de 1.ª

ordem, e especialmente as da 2.ª ordem occultam o seo proprio nome, e o mudão para outro; he hum costume mui ordinario nestas mulheres, e não podemos dizer, se nos antigos tempos elle existia entre nós, mas podemos asseverar, que elle existe hoje, e impunemente ellas usão desta mudança, porque não estão sugeitas ás authoridades em consequencia de regulamentos policiaes a seo respeito, não são por isso obrigadas a dar o seo proprio nome para serem pela policia vigiadas. Fui informado por pessoa, que tinha conhecimento de causa, que de muitas sabia, que usavão de nome supposto, e que o seo occultavão, porem que muitas destas usavão dos seguintes nomes suppostos — Amalia — Augusta — Candida — Carlota — Carolina — Conceição — Emilia — Guilhermina Julia — Lauriana — Leolpoldına — Lucrecia —, e Maria José muitas dellas.

«O motivo mais forte, e geral, que as tem obrigado a mudar de nome, he o dezejo de se fazerem desconhecidas, e occultarem os paizes de donde são naturaes, e as familias, a que pertencem: não duvido, que existão alguns outros motivos, que obriguem em especial a esta ou áquella a encobrir seo nome, e a apresentar-se com hum outro supposto; talvez intrigas, desordens, e travessuras particulares nas casas, em que vivem com outras, as obriguem a esta mudança de nomes, mudando de habitação, como alguem diz; mas eu duvido, que isto tenha lugar em Lisboa, hua cidade muito comprehensivel, e as *donas das casas* tem sufficientes ralaçoens huas com as outras, para que essa mulher, que mudou de nome, seja encontrada; julgamos pois ser isto devido a alguns restos de pejo, e á vergonha da sua familia, e de pessoas do seo conhecimento, occultando se a ellas com a mudança de nome; he tambem certo, que em outras isto senão verifica, mas se o fazem he pela moda, ou porque entendem não dever gostar de seos nomes proprios e lhes parecer hum outro mais bonito. Eu conheço hua mulher, que se chama Leocadia, a qual embirrava com tal nome, e hoje todos a conhecem por Augusta; hua outra chamada Catharina he hoje conhecida por Candida etc.

«He tambem hum antigo habito e costume das prostitutas em Lisboa, como o costuma ser em todas as partes — o ter a maioria dellas o seo amante e protector: — devemos porém advertir, que a tal respeito não são identicos os costumes destas mulheres em todas as partes, e os das prostitutas em Paris diversificão a respeito de Lisboa: aquellas, (especialmente as da 1.ª ordem), que naquella cidade tem grande luxo e ostentação, e que seguramente são as menos numerosas de todas, e em toda a parte, tem hum capricho particular em ter o seo amante, e diz-nos Duchatelet, que de ordinario são os Estudantes de Direito, e de Medicina, como os Advogados ainda rapazes: ellas não lhes dedicão sua amizade em attenção ao dinheiro, que delles esperem receber, antes ellas os presenteão, e outras os vestem e sustentão, e tanto que grande numero de rapazes vivem em Paris com estes indignos meios de subsistencia.

«Esta generalidade não se observa em Lisboa nas prostitutas da 1.ª 2.ª ordem; todas ellas estimão ter o seo amante, e protector, e na realidade hua grande parte os tem sem serem daquella cathegoria dos de Paris, e tambem com a differença, que a maior parte delles contribuem com hua quota para ellas, das quaes nada recebem senão os seos favores, e a preferencia; alguns

amantes ha entretanto, que nada dão, e outros, ainda que poucos, que dellas recebem para se vestirem e sustentarem; mas he preciso dizer, que isto só se póde encontrar nas da mais elevada cathegoria, pois que ás outras lhes faltão os meios para taes despezas.

«Não obstante isto, as mais baixas das prostitutas tambem tem os seos amantes e protectores, aos quaes dedicão húa extrema affeição, que passa muitas vezes a hum excesso frenetico, que ellas manifestão, quando por causa de ciumes tem com elles suas desordens; são estes extremos sempre observados apezar delles as tratarem pessimamente, e até com pancadas, e ás vezes ferimentos, e nem por isso os abandonão. Ellas caprichão em ter estes amantes e protectores, que servem para as defender, e com quem ellas ameação as outras, e mesmo aquelles, que as maltratão: nas antigas Madragoa e Cotovia, e mesmo agora no Bairro Alto, e no da Esperança não havia, por tal motivo, poucos ferimentos, e até mortes. Estes protectores muitas vezes as acompanhão de dia aos passeios, e á noite quando andão vagando pela cidade, provocando á libertinagem. Tem-se visto repetidas vezes duas mulheres sahirem do Bairro d' Alfama para a Rua da Alfandega e Terreiro do Paço com os fins referidos, levando cada húa dellas o seo protector, que de algúa distancia as seguião, e guardavão, sendo húa dellas em certa noite muito insultada por hum homem dos que as costumão procurar, custou-lhe húa facada tal insulto, evadindo-se tanto ella como o seo protector ás diligencias da policia.

«As mulheres desta 3.ª ordem tem necessidade destes protectores, pelo desprezo e opprobrio, que soffrem, pelas injurias e insultos, que todos lhe dirigem, e pelo abandono, em que se achão de todo o mundo: e he na realidade este hum motivo, que as obriga a ter hum amante e protector, mas são com elles muito infelizes, e de ordinario muito mal recompensadas, e todos ou quasi todos lhes são ingratos; he isto o que de ordinario acontece a estas mulheres mais baixas, que tem os seos amantes, costume, que não é tão geral em Lisboa, como em Paris.

«Entre os habitos e costumes das prostitutas ha um genero especial da mais depravada libertinagem, e contra a natureza, que tem húas com as outras e dos quaes fallão a maior parte doa Escriptores sobre a prostituição; estes habitos depravados, e contra a natureza mais se observão nas prisoens, e casas de correcção: he dahi que todos esses Escriptores tem tirado os necessarios esclarecimentos para dizerem, quaes são os costumes destas mulheres a tal respeito. Teremos porem nós a colligir algua cousa sobre tal objecto? Quem iria fazer estas observaçoens ao Limoeiro? quem as iria fazer neste lugar e nos differenetes tempos entre nós? quem as examinaria na Cordoaria, que por muito tempo lhes serviu de casa de correcção? de certo que ninguem, e por isso nós nada sabemos nem da prisão publica, nem da casa de correcção: nem tão pouco sabemos com fundamento, em que idade, e em que circumstancias este execrando vicio, e depravado genero de libertinagem mais acommettia as mulheres publicas: os Escriptores dos outros paizes nos dizem algúa cousa, mas o que diremos nós das que existem, e tem existido em Lisboa?

«Duchatelet nos diz, que he nas prisoens, que tem mais frequentemente

lugar este vicio vergonhoso, e que ha bem poucas das presas, que a elle possão resistir, quando a prisão se prolonga álem d'anno e meio, ou dous annos, e que he de ordinario na idade de 25 a 30 annos, e quando ellas ja tem de officio 6 ou 8 annos, que ellas se entregão a este genero de libertinagem, e se as mais novas a elle se dão he porque são ja victimas das outras, e por ellas seduzidas, de maneira que ha poucas prostitutas velhas, que não sejão das —*Tribades*;—he assim que em Paris se costuma chamar á mulheres entregues a este genero de deboche contra a natureza.

«Apezar das nossas deligencias para obter pelos caminhos, que nos erão possiveis, os precisos esclarecimentos sobre esta materia, bem pouco podémos colligir; sempre se encontrou hua absoluta repugnancia em se declararem, e denunciarem húas ás outras, nem as *donas das casas* satisfazião convenientemente a taes perguntas. Hũas asseveravão, que era mui raro este costume entre as prostitutas de Lisboa, e que mui raras vezes se verificava, outras porem dizião o contrario, mas não achámos nestas solidos fundamentos ás suas asserçoens, e tanto que só pudémos obter dous factos a este respeito.

«Em húa das casas publicas da Rua da Prata (quando ahi se toleravão) existião quatro raparigas, duas das quaes (de 20 annos ou mais) sempre forão muito amigas, e sempre dormião juntas, havendo já alguns mezes que ellas estavão daquella casa; húa dellas em consequencia de desordens, que teve com húa das outras, vio-se na necessidade de sahir do collegio, para o que muito concorreo a *dona da casa,* porque della não gostava, e poucos lucros nella perdia; a sua amiga porem infallivelmente quiz sahir com ella, apezar de ser contra a vontade da *dona da casa:* explicando todas ellas este procedimento unanime pelo genero da libertinagem, e de vicios vergonhosos, a que se entregavão; a mesma amizade continuou em a outra casa, para onde ellas tinham ido.

«Húa *dona de casa* na Travessa da Palha tinha húa filha prostituta e mais duas raparigas na sua companhia, todas tres formando esse pequeno collegio, e todas tres se sabia, que tinham os seos amantes, que pagavam mensalmente húa quota para a casa, o que não obstava, a que ellas recebessem as mais visitas do costume: a dona da casa tinha outra filha, que constava viver honestamente, e que visitava sua mãi e irman de vez em quando. Em húa destas occasioens, em que vinha visita-las, húa das outras duas instou vehemente com ella a que dormisse na seguinte noute em sua companhia, para o que lhe offerecia o melhor vestido, que quizesse, ou vesti-la toda de novo com algum luxo, pois que ella vivia pobremente, mas com honestidade, ao que ella se recusou, sabendo das preversas inclinaçoens, e indignos fins, para que taes offertas, e convites lhe erão feitos por aquella componheira de sua irman.

«Se me tenho estendido hum pouco sobre os costumes e habitos das prostitutas entre nós, he por ser importante para a administração. e para os amigos da ordem, e da moral, bem conhecer estas particularidades a respeito de taes costumes destas mulheres; esta importancia melhor se conhecerá avançando nós mais no estudo deste objecto.»

O nosso auctor vae tractar de um assumpto por igual curioso. Vae dizer-nos como no seu tempo, isto é nas primeiras quatro decadas do seculo

actual, se procurava remediar a desgraçada condição das prostitutas nas cidades de Lisboa e Porto.

Ouçamol-o com a attenção que se deve a quem não duvidou arrostar com todos os prejuizos e preconceitos da sua épocha para estudar, como medico e moralista, esta repugnante mas inevitavel chaga social.

Diz elle:

«As prisoens, e casas de correcção, em que são mettidas as prostitutas, em consequencia de seos delictos contra as leys e regulamentos em vigor, são húa das causas, em nosso entender, muito influentes na diminuição do *Virus Venereo*, não só porque as prostitutas, que ahi são mettidas doentes do mal venereo, são immediatamente tratadas, mas porque ellas em taes casas o não adquirem, nem por isso o propágão. Em todas as Naçoens cultas da Europa existem estas casas de correcção, porque em todas se tem conhecido a necessidade de sua existencia; esta necessidade deve ser-nos ser mais urgente; por isso que nunca estando as prostitutas sugeitas a medidas regulamentares, se estas se forem pôr em execução, como a ley ordena, devem ser mui frequentes nos primeiros tempos as suas infracçoens, e repetidas por isso as occasioens de as metter na casa de correcção; e se em alguns paizes ha prostitutas, que tem ido 20, 30, 40, e mais vezes a taes casas, talvez entre nós não se verifique menor numero de vezes, ainda que em geral nós não supponhamos as prostitutas em Lisboa tão desmoralisadas, como em algumas outras capitaes da Europa, como os Escriptores nos referem.

«Em Lisboa existe legalmente húa casa de correcção para as prostitutas, mas ella não tem actualmente este uso, e podemos dizer, que ella não prehenche os devidos fins; ou que não existe, que valle o mesmo. Por portaria de 8 de Novembro de 1814, foi ordenada no Estabelecimento da Cordoaria, junto a Belem, húa casa de correcção, denominada de Santa Margarida de Crotona, para o fim *de serem alli admittidas até sessenta mulheres prostitutas;* e isto com o designio de *ampliar e substituir a antiga casa da Estopa, estabelecida no Arsenal Real da Marinha.* Esta portaria he acompanhada de hum chamado Regulamento, no qual se determina, que haja húa Regente e naquella casa de correcção, húa porteira, e outras mulheres, encarregadas da direcção daquella casa, e bem assim hum capellão, hum thezoureiro, &c. &c., devendo ser o Medico e Cirurgião, da Cordoaria, os do serviço da casa de correcção; no mesmo Regulamento se estabelecem os ordenados para todos os empregados; tudo o mais, que elle contém, he respectivo á parte fiscal; e nenhúas disposiçoens pude encontrar nelle relativas á parte policial, e correccional. Como porém esta casa ficava sugeita em tudo ao Intendente Geral da Policia, elle era quem a seo modo a dirigia, como bem entendia, e julgava.

«Não podemos expôr os bens, que resultarão deste estabelecimento pelo decurso dos tempos, em que as mulheres publicas alli forão introduzidas, porque nem estes esclarecimentos forão então publicos, nem sua historia transmittida aos tempos futuros, nem tal casa merecia o nome de *correcção*, mas sim de prisão, como he hoje a prisão publica do Limoeiro, em que ellas são mettidas. Como as prostitutas não erão permittidas, nos differentes tempos ou

queixas á Intendencia Geral da Policia, ou o escandalo publico, por ellas dado, ou outra qualquer causa, obrigava á prisão de hum certo numero, maior ou menor, erão conduzidas para a Cordoaria, e alli empregadas debaixo de prisão naquelle estabelecimento, sem que se tirasse o proveito de húa casa correccional; até que finalmente se perdêo esse uso, e hoje pelos seos delictos são levadas ao Limoeiro.

«Como Lisboa e Porto são as duas cidades, em que existem as prostitutas em maior numero, necessita-se em cada húa dellas de húa *de correcção*. Estou bem persuadido, de que muitos, sem attender aos beneficios, dellas resultantes, mas só ás despezas, que ellas podem dar, e em hum tempo, em que só se diz, que em tudo se devem fazer economias, dirão elles, que não estamos para taes despezas; porém estas mulheres podem e devem trabalhar na casa de correcção, e mui poucos serviços ellas farão, se ao menos não ganharem para se sustentar, o que tem lugar em muitas casas de correcção, existentes em muitas Naçoens cultas do mundo. Deve pois em taes casas haver officinas, em que ellas se empreguem, segundo o genero de serviço, para que forem aptas, e em que se quizerem empregar; o que tudo deverá ser marcado nos regulamentos internos, e taes casas dirigidas por mulheres de probidade, de caracter firme e austero.

«São indispensaveis as mulheres com este caracter, e moralidade, que rejão, e dirijão o estabelecimento; porque se nós ajuizarmos do que se passa entre nós, a respeito de prostitutas, tal caracter se torna indispensavel, porque as mulheres publicas são muito turbulentas, de hum caracter inquieto, propenso a desordens, e immoral; e se forem ellas tratadas com brandura, só dellas se poderão obter abusos, e nenhúa correcção; porque vem o ócio, e deste em taes mulheres resultão as desordens, a inquietação, palavras obscenas, gritarias; ás vezes ferimentos, e mortes; he pois indispensavel muita severidade com ellas.

«Os meios correccionaes são extensivos aos exercicios religiosos na França a elles se sugeitão as prostitutas mui voluntariamente, e entre nós deve o mesmo acontecer, e já isto se verificava na Cordoaria; estes reunidos aos trabalhos, a que ellas se devem sujeitar quotidianamente, e com a moral austera das Regentes deve ter grande influencia em seo espirito, para que se emendem e arrependão da vida prostituta, e sigão a honesta, ou se recolhão ás casas de Refugio. Na França estiveram por muito tempo as religiosas á frente destes estabelecimentos, mas a experiencia provou, que a estas erão preferiveis as mulheres casadas, ou mesmo as solteiras, que erão adornadas de hum caracter severo, e de húa moral austera.

«Nós neste artigo só nos limitamos a expôr a necessidade, que ha entre nós de estabelecer casas de correcção para as prostitutas, não tanto como meios influentes na diminuição do *Virus Venereo*. Não nos occuparemos por agora com os seos regimentos internos, estes são destinados a marcar-lhes os generos de serviços, e as suas horas, como as de se levantarem, deitarem, comerem, recreio, exercicios relegiosos, &c. &c., nem tão pouco os differentes castigos, como meios correccionaes; entre estes he usado a pratica do *tambor*, ou

de húa roda, movida por húa pessoa andando dentro della, e a que os Inglezes chamão=*Treadmill*=, e a este respeito uniremos nossa opinião á de hum sabio, e mui probo Medico da França, que victoriosamente repellio as indiscretas criticas de hum dos mais famigerados Jurisconsultos, e dos mais respeitaveis daquella Nação, que infundadamente, e sem conhecimento de causa, dirigia aos Medicos em objectos de sua exclusiva competencia, por pertencer á Dynamica, e á Hygiena Publica. Mas he para notar, que hum Legista, aliás bem respeitavel, e cujo nome tem feito tanto estrondo na França, se mettesse a censurar os Medicos em objectos alheios da sua profissão juridica, sem ao menos dar húa prova de ter estudado as sciencias Medicas.

«A propagação do *Virus Venereo* está na razão directa da prostituição publica: se esta terminar, finda a propagação da syphilis, e como as casas de refugio terminão a prostituição publica, ellas são hum poderoso meio, que influem na diminuição do *virus syphilitico*. A historia de todas as Naçoens he fertil em documentos, que provão a utilidade da existencia das Casas de Refugio, ou das mulheres convertidas; he pois evidente, que taes casas são hua poderosa atalaia, que sustenta a Moral e a Saude publica. A segurança de achar hum asylo, que as sustente o resto de seos dias, livres dos graves incommodos, que repetidas vezes são motivados pela libertinagem, he hum poderoso attractivo, que obriga as prostitutas a abandonar sua vida devassa, cercada de vicios, e depravados costumes, e que hum dia lhes póde causar remorsos, e desejos de a abandonar para seguirem a vida commum e honesta, que as Casas de Refugio lhes offerecem; e que tem sido sempre instituidas, e sustentadas por hum espirito de caridade e beneficencia, de que nem todos os homens se achão destituidos, seja qualquer que fôr a politica, e a moral dos tempos.

«Hum respeitavel Medico nos diz «*que o triunfo da moral sobre prostituição tem algúa cousa de prodigioso*» referindo-se á Casa de Refugio de Bruxellas, á qual faz extremos elogios. Algúas destas Casas na França, e especialmente a do Bom Pastor, são o documento vivo o mais incontestavel, que os Governos devem ter sempre presente, para sustentar a moral, e promover a diminuição da prostituição dos povos, cujos destinos lhes forão confiados. Nunca faltárão em todos os tempos espiritos fortes e cheios de virtudes, que por sentimentos religiosos se encarregassem de cathequizar, a converter á moral estas infelizes creaturas, abandonadas á devassidão publica; mesmo em Senhoras mui respeitaveis se tem encontrado hum tão energico amor do proximo, que corrião ás prisoens, onde estavão encarceradas as prostitutas, e ahi as aconselhavão abandonar a libertinagem, pintando-lhes os horrores de seos vicios, e semeando de flores a estrada da virtude e da honestidade; estas mesmas Senhoras se pozerão na França á frente das Casas de Refugio, e virão com hum prazer verdadeira religiosos os sazonados e deliciosos fructos, que colhêrão de suas fadigas.

«Parece, que foi a Imperatriz Theodora a primeira, que instituio estas casas de penitencia, que depois forão estabelecidas em muitos paizes da Europa. Quando seo marido Justiniano publicou hum decreto assaz extenso contra o deboche publico, ella quiz então imitar o zêlo, que seo marido tinha pela pureza

dos costumes. Esta mulher impudica, que dos assentos de hum theatro subio ao throno dos Cezares com o desprezo das leys, fez mudar em húa casa de penitencia hum antigo palacio situado sobre o Bosphoro, do lado da Azia. Ella dotou esta casa de Refugio, tornou-a magnifica, e commoda para adoçar a sorte, e o desgosto do captiveiro de quinhentas mulheres publicas, que ahi fez encerrar. Mas, ou porque ellas preferissem a morte a húa vida isenta de crimes, seja pela novidade do castigo, ella excitou a desesperação nellas, e o maior numero se precipitou em o mar durante a noite.

«He muito antiga na França a data da instituição destas casas, a primeira foi instituida nos primeiros annos do seculo 13.°, ella foi fundada por Guilherme 3.°, Bispo de París, e chamou-lhe *casa das filhas de Deos;* nos differentes seculos posteriores forão outras fundadas em differentes pontos da França, até que a Revolução as extinguio todas para novamente serem instituidas por Decreto Imperial de 26 de Dezembro de 1810.

«Temos entretanto húa nota mui importante a fazer, a respeito destas casas de Refugio, e que he preciso ter em muita consideração em quanto ás suas condições hygienicas, e em quanto aos seos regulamentos internos. Nós observamos, que he espantosa a mortalidade nas Casas de Refugio, e he preciso attender a isto: nós achamos na França húas taboas bem exactas, que são as de *Duvillar;* ahi vemos húa pessoa morta por cada 75 na idade, em que as prostitutas são recolhidas no Bom Pastor; vemos entretanto nesta casa que de 245 ahi recebidas no espaço de 5 annos, morrêrão 50. Ora, segundo as taboas de Duvillar, a mortalidade he de 1 sobre 75, mas aqui acha-se ser de 1 sobre 10 logo he extraordinaria a mortalidade. — *(Parent-Duchatelet).*

«As causas productoras desta mortalidade não existem de certo no edificio, pois que elle tem todas as condiçoens hygienicas necessarias; são bons os alimentos naquella casa, tem os devidos passeios, não são penosos nem os exercicios religiosos, nem os trabalhos, tem o devido repouso nocturno, &c.; as enfermidades de que ellas possão ir atacadas para a Casa de Refugio, de certo não são disto a causa, porque o mesmo não acontece ás outras prostitutas. Ha pois aqui húa outra casa, e esta parece ser devida á passagem subita vida dissipada, e na flôr de seus annos, para húa tão austera; o que nella produz hum notavel transtorno, e desafia tiros de sangue para a cabeça e para o pulmão, e morrem muitas da tysica pulmonar. A interrupção dos habitos venereos he muito prejudicial a estas mulheres; he preciso muito respeitar quaesquer habitos, especialmente os desta ordem, e em taes idades, em que as paixoens obrão irresistivelmente. He tambem muito provavel, que a vida sedentaria, e o trabalho d'agulha muito para isto concorra, no entanto tambem estamos convencidos, de que se estas casas fossem construidas em o campo, e fóra das cidades, isto deveria concorrer para a menor mortalidade.

«Existe em Lisboa hua casa de convertidas, com o titulo de casa da Piedade, ou de Nossa Senhora da Natividade, na rua do Passadiço desta cidade, com o fim de nella se recolherem as prostitutas arrependidas. Esta casa he mui antiga, o seo compromisso foi confirmado por Alvará d'El Rei D. Filippe, em 6 de Março de 1592; tinha já havido outra no tempo d'El Rei D. João III, esta

porém foi instituida em 28 de Dezembro de 1587. Consta que a primeira casa de Refugio, ou das convertidas, fôra estabelecida no Alto das Chagas, a qual fôra destruida pelo terremoto de 1755; forão depois estas mulheres occupar hum estabelecimento á Boa Morte, dahi forão para o Rego, e de lá para a Calçada de Santo André, até que finalmente forão para a Rua do Passadiço, onde hoje existem. Em os antigos tempos muitas prostitutas se admittião nesta casa, hoje, porém, nenhuma nella se admitte, e só alli existem huas quatro ou cinco, e já de avançada idade.

«O compromisso desta casa foi confirmado por El-Rei, como se disse, e authorisado pelo Cardeal Alberto Archiduque, e Sobrinho. He mui extenso este compromisso, e tem excellentes providencias, e medidas regulamentares mui acertadas, e ha por isso nelle a aproveitar muitas cousas, que se podem accommodar aos tempos actuaes. A seo respeito só diremos; — que elle estabelece hua Mesa com hum Provedor, Escrivão, Thezoureiro, e dez membros: — deve tambem haver hum sollicitador, e hum capellão; só póde ser Provedor hum fidalgo, e de alta gerarchia, mui chegado ao Rey, que só tinha mando neste estabelecimento. Deve esta casa ter hua Regente, mulher de hua mural pura, de mais de 40 annos, e leiga; hua porteira da mesma idade e costumes, e ambas ellas de fóra do estabelecimento, e tambem alli deve haver enfermeiras, &c., e os cargos proprios da casa. Havia alli tambem hum Medico, hum Cirurgião, hum Barbeiro, e hum Capellão, &c.

«Estas mulheres, que entrávão na casa das convertidas, podião depois casar, e ir servir, se ellas tinhão dado provas de bons costumes, e sincero arrependimento, sendo em tal caso muito protegidas pelo estabelecimento para taes fins, e para os quaes erão tambem mandadas para o Ultramar, com especial recommendação aos Governadores. Ellas tinhão na casa differentes officinas de cozer, fiar, bordar, &c., e tambem lhes ensinávão a cosinhar, amassar, varrer, &c., emfim todo o serviço de hua casa, na hypothese de que o ignorassem; o preço modico de seos trabalhos erão para quem os fazia. Erão seguidos á risca os exercicios religiosos; tinhão suas horas de recreio, com sufficiente tempo de repouso nocturno; e finalmente havia alli medidas mui importantes, que aproveitar no tempo presente.

«Esta casa tinha, em outros tempos, fundos assaz sufficientes para a sua sustentação—tinha ella 12 moios de trigo pelo Almoxarifado de Torres Novas, 200$000 reis pelo Conselho da Fazenda, o que tudo foi abolido pela novissima legislação. Tem ella tambem huns padroens reaes de 2:400$00 réis, e cujo rendimento annual he hoje mui limitado. Estas mulheres estão hoje mui necessitadas, e parece que simplesmente vivem de esmolas, e a não ser a philantropia do Padre Blancard, que sollicita esmolas dos seos conhecimentos, e bem assim algũas pessoas caritativas, que as favorecem, ellas morrerião de fome, e para suas pequenas commodidades muito concorre tambem hum Procurador, que ellas tem, que não deixa de lhe promover alguns soccorros e dellas nada recebem em quanto a ordenados, nem tão pouco o Capellão, e nem o Medico que as trata por caridade.

«O Governo deveria ter para com esta casa a devida consideração, da qual

se faz tão credora: e nas actuaes circumstancias da prostituição publica em Lisboa, e da sua tolerancia, he indispensavel arranjar húa casa de refugio, e dar-lhes os devidos meios de subsistencia. [1]

«No Porto ha hum recolhimento desta natureza, (segundo somos informados por pessoa mui digna). Tem esta casa o titulo de Nossa Senhora do Resgate e Livramento. Húa corporação d'homens piedosos, denominados *Apostolos*, porque pregavão pelas ruas o terço, pedindo esmolas para os enfermos &c., que por instituição tinhão os *Padres do Oratorio*, annexa a si, intitulada dos *Congregantes*, supprião, e dirigião o referido recolhimento, no qual se recebião as prostitutas convertidas. Depois de extincta a Congregação, e dispersos os Congregantes, hum devoto tomou conta daquelle estabelecimento, elle começou a sustenta-lo, por meio de subscripçoens de caridade, que abre no principio do anno pelas pessoas do seo conhecimento; e segundo existem mais, ou menos fundos, assim se recebem mais ou menos. Os referidos *Apostolos* comprárão o edificio, que he menos máo, e parece por isso pertencer aos proprios da Nação.

«Ha em Braga hum recolhimento, chamado de São Gonçalo, para as prostitutas arrependidas, e que tambem se chama *das Convertidas*; tem numero cer-

---

[1] «Não devemos passar em silencio a noticia de húa casa de convertidas de mui recente instituição, que nos foi transmittida por hum mui respeitavel Padre Congregado da extincta Casa do Espirito Santo de Lisboa, o Sr. V. F. de S. B.—Certa mulher, chamada Maria do Carmo, casada com um catraeiro de Pampulha, ambos de muito bons costumes, e que vivião em húa pequena casa da Rua da *Cova da Moura*, nas horas vagas do serviço de sua casa, esta mulher se empregava em doutrinar algumas meninas, e as ensinava a lêr, e a cozer &c,; depois da morte de seo marido, que teve lugar em 1820 ou 1821, soube que certa mulher amancebada com hum homem, se desejava retirar desta escandalosa vida, mas temia a falta de subsistencia, e o genio do homem, que era feroz e destemido. Maria do Carmo levada por hum zèlo verdadeiramente religioso, desprezando os perigos, a foi buscar, e a sua casa a conduzio, a doutrinou, e sustentou com seo trabalho, e esmolas que buscava.

«O bom resultado desta empreza a animou a retirar da vida libertina a mais algúas, que erão tidas como prostitutas, e que lhe constou desejavão tal vida abandonar, se tivessem meios de subsistir, o que conseguio com prospero resultado. Foi então que esta mulher devota, e toda entregue a hum dos grandes serviços da Religião, emprehendeo estabelecer húa casa de Convertidas; consultou para este fim dous Padres das Necessidades; o seo director o Padre J. T..., reprovou o seo projecto; e o mui illustrado Padre F. G..., tamdesapprovou suas intençoens, o que muito a chocou, por gozar este ultimo Padre o conceito publico de hum sabio.

«Entretanto esta mulher não desanimou, em nada se esfriou o seo zêlo, consultou o mui instruido Fr. F. do C., frade Dominico, que lhe louvou seo zêlo, a persuadio ao seo intento, e se offereceo para ajuda-la, para pedir esmolas, e prestar auxilios, o que desempenhou; foi tambem esta mulher consultar o Padre Leonardo Brandão, Congregado de Braga, e hospede no Espirito Santo, homem instruido, eloquente, e apostolico. Este Padre approvou o seo projecto, prometteo ajuda-la, e dirigir a casa, o que poz logo em pratica.

«A casa de Maria do Carmo era mui pequena, o Padre Brandão allugou húa outra defronte, e na mesma rua, e lhes deo hum creado para as servir, e então se forão na casa admittindo mais prostitutas convertidas, depois de darem húa prova de desejos de conversão; elle não queria a ociosidade naquella casa, e lhes deo mestras para as ensinar a costura, &c., além de lhes dar regulamentos para os exercicios religiosos, sendo dellas Re-

to de mulheres, que só se admittem; e no tempo dos antigos Arcebispos, recebião húa pequena esmola diaria, que faltou, e hoje sustentão-se á sua custa. [1]

Promettemos fallar ainda n'este capitulo da legislação referente ao nosso assumpto. Como, porém, demos maior desenvolvimento a outros artigos, tractaremos de tão importante materia em capitulo especial.

---

gente Maria do Carmo, a quem chamávão Mãy: e o Padre Leonardo Brandão deo a este Instituto o nome de *Servitas*, ou *Convertidas de Nossa Senhora das Dores*: para o qual muita gente concorria com avultadas esmolas, sollicitadas por este Padre, e por outras pessoas.

«Augmentavão-se as convertidas, a casa era mui pequena, arrendou-se outra á *Boa Morte*, para onde se mudárão, ao pé do Largo do Monteiro: foi então que o Padre Brandão deo parte ao Ordinario deste Instituto, e creio, que desde então com licença Apostolica, e de Sua Eminencia começárão a ter missa em casa. Motivos occorrêrão (que nao refiro, por mais larga não fazer esta narração) de andarem estas Recolhidas sempre em continuas mudanças; pois que ellas da *Boa Morte* passárão para húa casa do Conde da Cunha, ás *Chagas*, e diz-se, que ahi he que o seo Director lhes deu o titulo de *Servitas*, obtiverão ahi algumas protecçoens respeitaveis, entre ellas foi de S. Ex.ª a Marqueza das Minas, que até lhes quiz dar fundos para comprarem húa casa, o que comtudo se não effeituou. Desse ponto forão para a *Bombarda*, dahi forão para defronte da Pena na *Calçada de Santa Anna*, de donde passárão para o *Cabeço de Bola* por detraz da *Bemposta*, e finalmente para o palacio do Marquez de Valença, no *Campo Grande*, aonde em 1833 derão o ultimo adeos ao seo Padre Director, Leonardo Brandão, que foi chamado a Braga, e se retirou para a sua Diocese, pois que elle era Bispo de Pinhel, e que falleceu em 1836 ou 1837, ficando entretanto pela sahida d'este seu director o sr. Padre Manoel Carvalho fazendo as mesmas funcçoens. (N'outro lugar trataremos do estado actual desta casa).

«Em quanto á casa das Convertidas da Rua do Passadiço, o Conselho de Saude Publica, para ella requereo os necessarios soccorros ao Governo, ao que elle annuio, dando as ordens para este fim ao Administrador Geral. Tambem o mesmo Conselho julgou haver necessidade de ser authorisada esta Instituição publica por húa ley, e nesta conformidade fez hum projecto, que subio ao Governo em 5 de Março de 1840, sobre as bases do que teve lugar na França em 26 de Dezembro de 1810. Sobre todos estes objectos, se podem consultar os *Annaes do Conselho de Saude Publica do Reino, pelos Vogaes* &c. &c. Tom. 3.º, Parte 2.ª, pag. 3; e Tom. 5.º, Parte 1.ª, pag. 74.»

[1] «Ha muitas casas de Recolhidas em o nosso paiz, que alguns confundem com as das Convertidas; estas são de mulheres, que erão publicas, erão prostitutas; as outras são onde se recolhem ou mulheres casadas, por infidelidades verdadeiras, ou presumptivas, ou mulheres solteiras, por um erro em que cahírão, &c. &c.»

# CAPITULO II

## SUMMARIO

A legislação portugueza ácerca da prostituição.—Antes do estabelecimento da monarchia.—Leis romanas.—Leis godas.—Os imperadores Theodozio e Valente e a prostituição.— O codigo de Alarico.—Penas graves —Grande severidade.—Omissão d'este assumpto na penalidade dos seculos XII e XIII.—Lei contra as barregans de clerigos.—D. Affonso III e as barregans da côrte.—Leis de D. Affonso IV.—Leis de D. João I.—D. Affonso V e D. João II.—As côrtes de Evora.—O trajo das mancebas de clerigos e as leis d'estas côrtes.—D. Manuel.— Brandura para com as prostitutas no reinado de D. João III.—Disposições legaes nos successivos reinados.—As leis modernas.

Maior espaço do que podemos dispensar-lhe n'este logar merecia o assumpto de que vamos occupar-nos. Somos forçados, todavia, a abreviar este trabalho, e por isso limitar-nos-hemos a um succinto estudo da legislação nacional, na parte que se refere ás prostitutas.

Antes do estabelecimento da monarchia pouco temos por averiguado, além do que já expendemos n'outro logar. Nos tempos do dominio romano, estiveram necessariamente em vigor aqui as suas disposições legaes a respeito dos costumes publicos.

Nos tempos do dominio barbaros, é de crêr, e nós mesmos já alludimos a esse facto, que este importante assumpto não fosse descurado.

Theodozio e Valentiano promulgaram sobre a prostituição leis importantes, que estiveram em vigor por toda a peninsula.

As leis dos godos eram severas, como já dissémos, muito mais até do que as dos romanos.

O codigo de Alarico, por exemplo, era severissimo. Havia alli penas terriveis contra a prostituição. Prescreve prisão, centenares de açoites, desterro, etc., não só contra as prostitutas, mas tambem contra os senhores, quando eram escravos, e se prostituiam em seu proveito, e mesmo contra o juiz, quando elle se mostrava tibio ou connivente.

Quanto á legislação portugueza, demos a palavra ao dr. Santos Cruz:

«A nossa legislação nos primeiros seculos da Monarchia he muito irregular, e confusa, e até desses tempos existem muitas leys sem data, e muitas, de que duvidão alguns juris-consultos. A Ordenação Affonsina foi a primeira collecção regular que appareceo da nossa legislação; existião muitas leys antes

deste Codigo, mas poucas destas nos dão húa idéa clara do objecto, de que tratamos; e todas ellas bem mostrão o que era a machina social nesses tempos obscuros da Monarchia Portugueza.

«De toda a legislação patria, que veio ao meu conhecimento, e sobre a qual consultei homens doutos, e entendidos desta cidade, que tiverão a bondade de me ouvir, e escutar, e cujos esclarecimentos proveitosamente abracei, eu nenhuma ley acho de maior tolerancia, e mais explicita do que o Codigo Administrativo; algúas houve nos differentes tempos, que esta tolerancia indicarão, porem a maior parte rigorosamente prohibião a prostituição, e contra ella fulminavão penas. Até ao principio do seculo 14.°, não achei alguma ley, que eu deva mencionar particularmente sobre as meretrizes: ha, porem, algumas disposiçoens legislativas sobre *mancebias* nos seculos 12.° e 13.°, que os nossos compiladores não apresentão com suas datas, e que são as seguintes.

## SECULO XII

«Em todo este este seculo eu não pude encontrar senão húa disposição legislativa, que tem algúa relação com o presente assumpto; em 1170 se ordenou o proceder-se com prisão contra as *barregans dos Clerigos;* e não acho no escriptor mais circumstancia algúa, nem tão pouco o mez, e o dia della.

## SECULO XIII

«N'este seculo só pude encontrar duas disposiçoens legislativas; húa que apparece sem data, mas que entendo eu ser adiante do anno de 1275, do Sr. D. Affonso 3.°, que tem o N.° 8, a qual prohibe *que o homem casado dè algúa cousa á sua barregan;* e húa outra com o N.° 18 que prohibe *as barregans na Côrte.*

«Nestes dous seculos nada mais achei que tivesse algúa relação com o objecto de que tratamos, e nada sobre prostitutas, nem as pessoas, que consultei me indicarão mais algúa legislação.

## SECULO XIV

«Húa ley sem data do Sr. D. Affonso 4.° com o N.° 73 apparece neste seculo, e que ordena—*que as meretrizes vivessem em bairros separados da outra gente, e trouxessem signaes, e divisas para se distinguirem das mulheres honestas e honradas.*—Esta ley perdeo o vigor e cahio em abuso: então os procuradores nas Cortes d'Elvas, da era de 1399 (anno de 1361) entre os 90 Capitulos, ou Artigos, cuja confirmação pedirão a El-Rey o Sr. D. Pedro 1.° foi o 15.°, em que rogavão se pozesse em vigor aquella disposição decretada pelo Sr. D. Affonso 4.° sobre as *aberrayaadas*, e meretrizes, a que o Sr. D. Pedro respondeo—«*tragam suas vestiduras como as poderem avèr, porque perderião muito em os pannos que teem feitos, e nos adubos, qne em elles tragem.*» —Donde concluimos, que neste seculo houve húa ley de tolerancia para as

prostitutas, mas vivendo em bairro separado, e com hum distinctivo particular, que foi abolido pelo Sr. D. Pedro 1.º [1]

## SECULO XV

«Quasi no meio deste seculo referem os nossos Jurisconsultos, que os Procuradores em Cortes proposerão, e o Sr. D. João 1.º approvou em 2 de Janeiro de 1433—*que os amancebados não fossem presos antes de provado, e julgado o crime.* [2] A primeira collecção de nossas leys foi a ordenação Affonsina, que provavelmente foi publicada em 28 de Julho de 1446, no tempo do Sr. D. Affonso 5.º, ou sendo Regente o Sr. Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, como Curador, e Regedor destes Reinos. Esta Ordenação no Liv. 5.º Tit. 16 trata das *alcoviteiras, e das alcayotas,* e lhes impõe graves penas. Estas casas são seguramente as casas *d'alcouce:* neste livro tambem se infligem penas múi severas ás *mancebias*, e aos variados crimes desta ordem, segundo as particulares circumstancias das pessoas: vemos que nesta Ordenação não existe principio algum de tolerancia; ha aqui prohibição e perseguição. [3]

«Nas Côrtes d'Evora (no tempo do Sr. D. João 2.º) e ahi, começadas em 12 de Novembro de 1481, e findas em Vianna d'apar d'Alvito em Abril de 1482, existe o Cap. 31 sobre o presente objecto. Ahi se pede a El-Rey em linguagem bem livre—*item.* «Seja Vossa Mercê de mandardes, que estas taees «molheres não viuão amte as molheres casadas, e onestas de boom viver: E «lhes seja asignado lugar onde viuam e as vãao buscar os que com ellas qui-«serem fazer cama com molheres de partido e danadas, onde nom tenham rra-«são de teerem conversaçom com as boas. E os que lhes alugarem as casas «antre boa vizinhança, e de boom viver que as percam para vós, e ellas sejam «presas e degradadas fóra da cidade, ou villa, ou lugar e seos termos por huum «anno per os Juizes com os Vereadores na Camara das ditas cidades e villas, «e em isto nos fareis mercee.» [4]

«Tambem ahi ha hum—*Capitollo do trajo dos crerigos e que não tenham mancebas* —No qual se dizem os fundamentos do capitulo, e continua — «seia vossa mercee de recomendardes a seos prellados que lhes ponham regra no seo viuer e em seus trajos, etc. e nam tenhão mancebas, suas armas seam lagrimas etc. e nam ponhão scamdalo ao povo etc. E isto que se diz dos crerigos se deve fazer nos frades Relligiosos e relligiosas etc.»—Ao que ElRey respondeo — «que ha por muy bem o que apontão etc.» E quanto aos mancebos «que já tem sobre ello provydo etc.» [5]—Nas Cortes celebradas em Lisboa a

---

[1] «Memorias para a historia, etc. das Cortes Geraes, etc. pelo Sr. *Visconde de Santarem*—Parte 2.ª pag. 14, dos *Documentos* para servirem de provas, etc.»

[2] «A obra citada do Sr. *Visconde de Santarem*—Parte 2.ª pag. 22.»

[3] «Ordenação Affonsina, edição de Coimbra de 1786—Tom. 5. pag. 52. (L. 5. T. 16.)

[4] «A obra citada do Sr. *Visconde de Santarem* a pag. 107 dos *Documentos* para servirem de prova, etc.»

[5] «A mesma obra citada do Sr. *Visconde de Santarem* pag. 240.»

11 de Fevereiro de 1498, no tempo do Sr. D. Manoel no Cap. 39 se trata — «sobre as molheres de maao viver e das moças que dão a seu maao huso»—E no Capitollo 44.º se trata — «das mancebas dos clerigos, e omes cazados.»— ElRey ordenou — *que fossem viver* a outra parte fora da conversação e vesinhança das boas molheres com *pena d'açoutes e degredo,* e as mancebas dos Clerigos, e dos homens cazados *sejão açoutadas e degredadas* etc. [1]

## SECULO XVI

«A Ordenação Emanuelina appareceo no principio deste seculo, e dizem fora acabada em 11 de Março de 1521. Esta Ordenação tambem no Liv. 5.º e no seo Tit. 29 trata das *alcoviteiras,* e daquellas, que em sua casa consentem que *as mulheres fação mal de seu corpo*: erão-lhes impostas rigorosas penas, graduadas segundo as circumstancias das pessoas alcovitadas, ha casos em que era imposta a pena de açoutes publicos com baraço e pregão, outros de degredo perpetuo para a Ilha de S. Thomé, e outros em que era imposta a pena ultima.

«Tambem existe hum Alvará com data de 8 de julho de 1521, no qual o Sr. D. Manoel ordena, que—«toda a mulher que em Lisboa fôr comprehen- «dida, e se provasse, que com o seo corpo ganhava dinheiro publicamente, «não se negando aos que a ella quizessem ir fóra da mancebia, fosse preza, e «degredada por 4 mezes para fóra da cidade, e pagasse 1$000 réis para o ac- «cusador» [2]. Já porém no tempo do Sr. D. João 3.º se usou de algua brandura para com as meretrizes, como vemos do Alvará de 12 de Junho de 1538, no qual se ordena—«que os Corregedores, ou Juizes de Crime de Lisboa não «recebessem querellas das mulheres solteiras, que se dissesse ganhavão di- «nheiro fora da mancebia, e que por taes querellas nem as prendessem, nem «as vexassem, mas as demandassem ordinariamente pela pena.» [3]

«São entretanto estas mulheres logo tratadas com todo o rigor no Alvará de 9 de Novembro de 1559, [4] que fallando nas mulheres da Ilha de S. Thomé ordena—«que as mulheres pnblicas não vivão entre a gente honesta, e que se- «jão expulsas para fóra das povoaçoens, e condemnadas, se voltassem, em 10 «cruzados, e no dobro se reincidissem; e degradadas para fóra da Ilha, pela «terceira vez, e presas devião ser conduzidas a este reino.»—Tambem ordena o mesmo Alvará — «que estas mulheres vivendo fóra das povoaçoens não ad- «mittão em suas casas, nem dêem pousada a mercadores, ou passageiros, aliás «terião as mesmas penas, e os que lá ficassem.»—Neste Alvará tambem se in-

---

[1] «A mesma obra citada do Sr. *Visconde de Santarem* pag. 627, 309, e 312.»

[2] «Por hum Alvará de 8 de Julho de 1521: fol. 11 do liv. 3—Duarte Nunes de Leão, Col. das leys etc. pag. 594.

[3] «Alv. de 12 de Junho de 1538: fol. 121 do liv. 3.—D. N. de Leão, Col. das leys, pag. 591.

[4] «Alv. 9 de Novembro de 1559: fol. 169 do liv. 4.º—D. N. de Leão, Col. das leys pag. 595.

fligem penas para os homens casados, e para os clerigos amancebados, por serem pequenas as que até ahi tinhão, e se não evitar o mal ; além dellas tinhão a pena de 10 crusados, e 20 pela reincidencia, e pela 3.ª vez embarcados para este reino os amancebados fóra de casa, e os *teudos e manteudos* das portas para dentro he duplicado a pena etc. Prohibe tambem que os capitaens dos navios conduzão as ditas mulheres para o reino de *Congo,* ou quaesquer outras terras dos gentios, e lhes impoem penas; e finalmente que as taes mulheres não usem de saias e panos abertos por diante da cintura para baixo, a modo das gentias, e lhes impoem multas.

N'este seculo, de que tratamos, existem alguas leys contra os amancebados; como he a de 28 de Maio de 1533, que ordena se proceda contra as mulheres casadas, que estão *abarregadas* na cidade de Lisboa; e outra igual do mesmo tempo, e da mesma materia para a cidade d'Evora: não sendo porém seos maridos *escudeiros de linhagem,* e d'ahi para cima [1]. Hum outro Alvará datado de 16 d'abril de 1550, que ordenou se não recebesse querela d'homens ou mulheres moradores, ou stantes no lugar aonde estivesse a Côrte, que não erão Cortezãos, nem costumão andar na Côrte, por dizer que estavão abarregados nella &c. [2] E finalmente, outro datado de 30 de Março de 1546, que prohibe aos rendeiros da Alcaidaria de Lisboa trazerem homens ou requerentes alguns, que querelassem de pessoas por *barregueiros,* e mancebas de Clerigos, com penas se assim o não fizessem &c. [3].

«Húa das disposiçoens legislativas deste seculo, que tem húa intima relação com o assumpto, de que tratamos, he sem duvida aquella, que ordena se estabeleça húa Casa de Convertidas para receber as prostitutas arrependidas da sua vida devassa e libertina, e que pretendam seguir o caminho da honestidade e da virtude; he esta ley o Alvará de 6 de Março de 1559 d'El-Rei D. Filippe, que confirma o compromisso da Casa de Refugio, ou das Convertidas de Nossa Senhora da Natividade, instituida em 28 de Dezembro de 1587, no tempo d'El-Rei o Senhor D. João III. Esta casa, como já dissemos no seo lugar competente, existe hoje na rua do Passadiço desta cidade [4].

## SECULO XVII

«He esta a segunda epocha conforme a nossa distribuição, e que começa no principio do Seculo 17.º com a Ordenação do Reino, que ainda hoje vigóra em infinitas das suas disposiçoens. Foi esta Ordenação publicada em 11 de Janeiro

---

[1] «Alv. de 23 de Maio de 1533: fol. 120 do liv. 3—obra citada de D. N. de Lião pag. 592.»

[2] «Alv. de 16 d'Abril de 1550: fol 87 do liv. verde—a obra citada de D. N. de Lião pag. 593.»

[3] «Alv. de 30 de Março de 1546: fol. 33 do liv. 5—a obra citada de D. N. de Lião pag. 593.»

[4] «Este Alv. está junto ao Compromisso manuscripto, que me foi mostrado; e existe no archivo daquella casa.»

de 1603, e toda a legislação anterior a ella, com pequenas excepçoens, foi derrogada e annulada pela ley de confirmação do Senhor D. João IV, com data de 28 de Janeiro de 1643.

«Nesta Ordenação existem varias disposiçoens legislativas sobre as meretrizes, alcoviteiras, &c.: no Liv. I.° Tit. 73. §. 4, se incumbe aos quadrilheiros o saber se em suas quadrilhas existem *casas d'alcouce... alcoviteiras...* &c., e dar parte dellas ás Justiças para serem punidas. Na mesma Ordenação Liv. 5. Tit. 32 se fulminão terriveis penas contra os alcoviteiros, e contra aquelles, que em suas casas consentem que as mulheres fação mal de seos corpos, o que varia segundo as pessoas. Na Ordenação do Reino não existe principio algum de tolerancia; aqui existe húa rigorosa prohibição, e penas severas: o mesmo se verifica em o Regimento dos quadrilheiros, datado de 12 de Março de 1603, e no §. 5 lhes he ordenado, que examinem se ha casas de alcouce, d'alcoviteiras, e de mulheres, que para fazerem mal de si recolhem publicamente homens por dinheiro; e que disto dêem parte ás Justiças para serem punidos os delinquentes [1].

«Estou persuadido, que a ley mais moderada, e que envolve mais tolerancia a respeito das meretrizes em toda a legislação antiga, he o Alvará de 25 de Dezembro de 1608, Alvará, em que se accrescentou a jurisdicção dos Corregedores do Crime, e do Civel de Lisboa, e se lhes fez repartições dos bairros. Neste Alvará se determina em o § 21, que cada hum dos Julgadores em seu bairro tire as devassas geraes da Ordenação, e tambem de seis em seis mezes dos amancebados, assim homens como mulheres, das alcoviteiras, e dos que dão, ou consentem alcouces em suas casas &c. &c., procedendo contra os culpados como for de justiça. No § 22 deste Alvará se ordena que as mulheres solteiras, que vivem publica e escandalosamente entre a outra gente de bom viver, e com escandalo da visinhança, se fação despejar e passar ás ruas publicas ordenadas pela ley: se houverem porém outras mulheres, que não sejam tão publicas e escandalosas, e que tenhão mais resguardo em seo viver, dissimulará com ellas. — Aqui existe um principio de tolerancia, mas he elle logo desmentido pelo § 39 do mesmo Alvará, que authorisa o Julgador do bairro, em que viverem quaesquer prostitutas, *a passar ordem de prisão contra ellas, quando lhe conste por testemunhas, que taes mulheres são publicas, e que se não negão aos que por dinheiro a ellas querem ir: porque nestas falla a ley sómente.* [2]

«Julgo, que a legislação deste seculo relativa aos *Peccados publicos, e escandalosos* tendo algúa relação tambem com o assumpto, de que trato, aqui a devo referir. Existem duas Cartas Regias, húa de 20 de Setembro de 1624, ~

---

1 «Ordenação do Reino Liv. 5. Tit. 32.—*Dos alcoviteiros, e dos que em suas consentem as mulheres fazerem mal de seos corpos.* — Regimento dos Quadrilheiros, de Março de 1603. §. 5: Collec. 1.ª das leys extravagantes Tit. 73. — Regimento dos drilheiros. — Indice Chronologico de João Pedro Ribeiro, pag. 1.ª»

2 «Alvará de 25 de Dezembro de 1608. — Collec. 1.ª das leys extravagantes, Tit. 49. — Dos Corregedores &c. — João Pedro Ribeiro, Indice Chronologico pag. 19.»

outra de 22 de Setembro de 1626, nas quaes se recommenda a averiguação dos peccados publicos, e escandalosos; pertencia ao Juiz da Chancellaria esta jurisdicção que foi abolida pelo Alvará de 2 de Junho de 1625, por ter passado para os Corregedores dos bairros da cidade de Lisboa pelo Alvará de 25 de Dezembro de 1608. Referirei finalmente algúas das disposiçoens deste seculo sobre *mancebias*, não obstante as mulheres, que estão n'este caso serem as que chamo—*entretidas*—no lugar em que dellas fallo nesta obra. Deste objecto trata a Ordenação Filippina, a quem impoem severas penas no Liv. 5.º Tit. 27, 28, 29 e 30; existe tambem húa Provisão de 2 de Dezembro de 1640 sobre o mesmo assumpto. [1]

## SECULO XVIII

«Até hum pouco mais do meado deste seculo a legislação sobre a prostituição continuou da mesma maneira, que estava estabelecida no seculo anterior, estando os Corregedores dos bairros da cidade incumbidos de sua repressão na conformidade das leis, que então vigoravão; foi porém isto alterado com o Alvará de 25 de junho de 1760, pelo qual se creou a Intendencia Geral da Policia da Côrte e Reino, pondo-se pelo §. 4 do dito Alvará debaixo da inspecção superior deste Supremo Magistrado todos os delictos, cujo conhecimento pela anterior legislação pertencia aos Corregedores e Juizes de Crime dos bairros de Lisboa, e por tanto a prostituição publica debaixo da sua inspecção e superior fiscalisação. [2]

«Em 26 de Setembro de 1769 appareceo hum Alvará, que derrogou algúas das anteriores leys sobre concubinatos; este Alvará prohibe tirar sobre elles devassa pelo perigo da infamia, a que quaesquer inimigos podem expor a gente honesta, casada ou solteira; mas exceptua elle as concubinas teudas e manteudas (na forma da Ordenação), sendo com geral e publico escandalo. [3]

«Appareceo em 27 d'Abril de 1780 hum aviso celebre, e que fez epocha, da Intendencia Geral da Policia, que foi como circular dirigida a todos os Ministros criminaes dos bairros de Lisboa, no qual, entre outras muitas cousas, lhes he ordenado—que as meretrizes achadas pelas rondas nas tabernas, lojas de bebidas, e casas do povo, fossem conduzidas á casa de correcção de Santa Margarida de Crotona, e notificadas para não apparecerem nas Praças do Commercio, d'Alegria, da Figueira, e do Rocio; na Ribeira Nova, Caes de Santarem e Passeio Publico.—Este edital indica húa ley de tolerancia; he bem entendido,

---

[1] «Cartas Regias de 20 de Setembro de 1624, e de 22 de Setembro de 1628.—Collec. 2.ª dos Decretos e Cartas ao Liv. 1.º Tit. 14. N. 1.º e 2.º pag. 449.—Alvará de 2 de Junho de 1625 col. 1.ª liv. 1.º Tit. 14. N. 1.º pag 285.—Sobre mancebias a Ord. do Reino nos TT. citados, e Provisão de 2 de Dezembro de 1640; Indice Chronologico de J. P. Ribeiro, pag. 104; e a mesma obra—sobre os *peccados publicos*—a pag. 72, 74, e 81.

[2] «Alvará de 25 de Junho de 1760.—J. P. Ribeiro.—Ind. Chron. Parte 2.ª pag. 48.—Appendix das leys estravagantes pag, 306.

[3] «J. P. Bibeiro, Ind. Chron., Parte 2.ª, pag. 35.»

que as prostitutas sejam presas, quando encontradas em tabernas, mas prohibidas de apparecerem nos lugares acima referidos, he mal entendido, porque ha muitos outros lugares da cidade em identicas circumstancias, e se ellas se tolerão, só o depotismo as póde prohibir de comparecerem aqui ou alli (lugares publicos) portando-se com decencia. [1]

«Ha mais algúa legislação neste seculo, que tem húa relação muito directa com o assumpto, de que tratamos, não só ampliando mais a authoridade do Intendente Geral da Policia da Côrte do Reino em certos objectos da sua competencia em quanto á parte policial, mas tambem em quanto á repressão de húa das causas da prostituição publica, de que fallámos já em seo lugar competente. Está no primeiro caso o Alvará de 15 de Janeiro de 1780, no qual se regula novamenta e amplia a jurisdicção do Intendente Geral da Policia, e se revoga o Alvará de 5 de Fevereiro de 1771 sobre as visitas das cadêas: e está no segundo caso a Carta de Lei de 19 de Junho de 1775, que occorre á alliciação, seducção, e corrupção dos filhos familias d'ambos os sexos; no § 1.° desta ley se diz — «que ficão incursas no crime de rapto por seducção, todas «as pessoas, contra as quaes se provar, que alliciárão, sollicitáram, e corrom- «pêram as filhas alheias, que vivem em honesta educação em casa de seus «pays, parentes, tutores, ou curadores, ou *seja sómente por fim libidinoso,* ou «para conseguirem... casamento &c. &c.» — Tem isto referencia ás alcoviteiras, e muita gente está neste caso em Portugal; a alliciação, e a seducção he hum dos meios de recrutar pora o infame officio da prostituição publica. [2]

## SECULO XIX

«Como a nossa legislação antecedente não era expressamente tolerante, e só tinha em algumas epochas algumas disposiçoens de brandura e moderação para com esta gente, em quanto aos meios repressivos, estes ficárão pelo Alvará de 1760 (25 de Junho) a cargo dos Intendentes Geraes da Policia, e por isso estes Ministros usavão dos meios, que elles julgavão convenientes, e como elles os entendião, para reprimir a prostituição publica; já fizemos vêr alguns destes no aviso circular de 27 d'Abril de 1780; no principio deste seculo apparecêrão outros, entre elles he o mais notavel a Ordem da Policia de 22 de Maio de 1807, que no §. 5.° ordena a todos os Corregedores—«que sejão vigiadas «as casas publicas das meretrizes, por serem ellas asylos dos vadios, recepta- «culo de furtos, e eschola de libertinagem: mandando lançar fóra das terras as «meretrizes publicas, e escandalosas que fação insupportaveis aos seus visinhos por «suas torpezas e nocivas á Saude Publica—» a mesma ordem determina—«que se «prendão as que estiverem no primeiro caso, e afiancem a sua emenda, e as que «estiverem no segundo caso manda, que se mettão no hospital para se cura-

---

[1] «J. P. Ribeiro—obra citada, Parte 2.ª pag. 136.»

[2] «J. P. Ribeiro, obra citada—Parte 2.ª pag. 134 &c.; e a pag. 114. Collecção respectiva das leys &c. &c.»

«rem, ou na cadêa, como melhor convier á economia, e que com aquellas, «que não forem tão escandalosas haja disfarce e moderação, na conformidade «do Alvará de 25 de Dezembro de 1608, §. 22.—»

«Tambem no principio do presente seculo e com data de 8 de Novembro de 1814 appreceo húa portaria, que ordena o estabelecimento de húa *casa de correcção* na Cordoaria, para que sejão alli admittidas até 60 mulheres prostitutas, como substituição da antiga casa da Estopa, ficando subordinada ao Intendente Geral da Policia da Côrte e Reino, que a seo modo dirigio tal estabelecimento, bem como elle entendia; e de que já tratamos em lugar competente. Era, por tanto, o Intendente Geral da Policia da Côrte e Reino quem, depois de estabelecida, dirigia a policia das prostitutas em Portugal, até que se estabeleceo o Governo Constitucional Representativo, em que foi substituido este Tribunal terrivel e tremendo, pela nova Repartição Publica, a quem foi confiada a policia em geral em todos os objectos relativos á Moral Publica; como vemos do Decreto N° 23 de 16 de Maio de 1832, que instituio a Prefeitura; no mesmo Decreto Art. 45. §. 8. se ordena, que incumbe ao Prefeito — «exercer por «si, e por seos delegados a *policia geral* da provincia, a respeito das pessoas e «das cousas nas suas relaçoens, com o bem commum dos moradores.» — No mesmo decreto Art. 71. §. 2.° fica incumbido aos Provedores dos Concelhos — *reprimir as offensas dos costumes e moral publica.* —Entretanto estas disposiçoens abolírão a Intendencia Geral da Policia; mas não se disse até hoje como estes Magistrados devião exercer estas funcçoens, ou não se lhes derão os devidos Regulamentos.

«Este decreto de Prefeitura foi derrogado pelo de 18 de Julho de 1835, fundado nos Art. 5.° 6.° da Carta de ley de 25 de Abril do mesmo anno; e então se deo nova forma á Administração Publica, e se instituirão os Governadores Civis, e os Administradores dos Concelhos, aos quaes pertenceo pelo Art. 59. §. 15 do decreto de 11 de Setembro de 1836, que mudou o nome de Governadores Civis para Administradores Geraes, ordena no Artigo 4.° que as Authoridades Administrativas se regulem interinamente pelo referido decreto de 18 de Julho de 1835: não se lhes deo entretanto o modo de *reprimir* taes actos, não se lhes derão regulamentos. Eis o que me consta neste seculo de legislação sobre o presente objecto, até á publicação do Codigo Administrativo.

«A terceira epocha, que nos proposemos, he marcada pela publicação do Codigo Administrativo em 31 de Dezembro de 1836, até hoje; curtissimo he por agora este espaço de tempo, e elle só se faz notavel para o assumpto, de que tratamos, pelo Artigo 108, §. 6. do mesmo Codigo, no qual se ordena, que he da competencia do Administrador Geral — «cohibir a devassidão publica, e «o escandalo causado pela immoralidade e dissolução de costumes das mulhe- «res prostitutas, inhibindo, em quanto o Governo não publica regulamentos «especiaes, que ellas permaneção junto aos templos, passeios publicos, praças, «ruas principaes, estabelecimentos d'instrucção publica, recolhimentos, &c; e «fazendo punir judicialmente aquellas, que se não sugeitarem a esta regra; bem

«como aquellas, que por seos máos exemplos, vicios, e torpezas se tornarem «escandalosas, e indignas de avisinharem com familias honestas e recatadas.» —Tambem o Codigo Administrativo impõe algúas obrigaçoens a este respeito aos Administradores dos Concelhos, e aos Regedores de Parochia; mas o mais essencial he o Art. referido.

«Pertence, pois, ao Administrador Geral, em quanto o Governo não publica os regulamentos, fazer-lhes retirar sua habitação dos lugares acima indicados, a ley não lhes fixa local para residencia, mas fixa-lhes lugar para a não residencia; pelo decurso desta obra bem se tem observado, qual he a minha opinião sobre qualquer destes objectos; no entanto como o Governo ainda não publicou os Regulamentos, apezar de lhe ser já proposto hum á sua approvação pelo Conselho de Saude Publica; o Administrador Geral de Lisboa publicou em os Editaes de 5, e 23 de Maio de 1838 os lugares, em que se não permittia a residencia das prostitutas: e desde então até hoje não sei de nenhúa outra disposição nem legislativa, nem regulamentar sobre este assumpto. Tal he em summa a legislação do nosso paiz desde o principio da Monarchia, sobre o presente assumpto; não tenho a honra de ser legista, e isso me releva as faltas, que eu houver commettido.

## REGULAMENTOS POLICIAES

«Cada hum dos Governos das Naçoens tem por hum incontestavel dever não só conservar, quanto possivel for, a saude publica, mas tambem proteger a moral; nunca porém será possivel conseguir estes dous fins, tão essenciaes para manter a ordem publica na sociedade, quando, havendo hua ley de tolerancia das prostitutas, estas se não reprimão, quanto possivel fôr, nos males que causão á moral e á saude: são os Regulamentos quem preenche este duplo fim, são elles que a ley acima referida ordena se fação. Nestes Regulamentos só se tem em unica consideração a moral e a saude publica, devendo conter medidas policiaes, a que as prostitutas se devem sugeitar, e efficazmente cumprir; e quando, tolerando-se-lhes seo infame, aviltante officio, a elles senão queirão sugeitar, o deverão abandonar e seguir o caminho da honestidade; aliás serão rigorosamente punidas.

«Nunca entre nós taes Regulamentos existirão, porque nunca entre nós existio hua ley de tolerancia das prostitutas; e ainda que pareção isto indicar, alguns artigos do Alvará de 25 de Dezembro de 1608, outros do mesmo Alvará lhes parecem ser oppostos. Muitos dos Ministros, que nos differentes tempos servírão d'Intendentes Geraes da Policia da Côrte e Reino, talvez se persuadissem da necessidade da tolerancia das prostitutas; se assim foi, elles nunca apresentárão algum regulamento em forma, nem este nome se póde dar ás diversas medidas consignadas em varios Editaes, e Ordens da Intendencia, que se publicavão; muitas das quaes erão ineptas, e mostravão a profunda ignorancia neste objecto dos Ministros da Policia, que as ordenava. Nada pois nós temos aprendido de nós mesmos sobre este assumpto, desde os tempos passados até hoje, porque nunca taes medidas em forma existírão; vemo-nos por isso na precisão de lançar

mão do que tem parecido bom em as Naçoens illustradas da Europa, e que seja accommodavel, e exequivel em o nosso paiz.

«Eu tenho visto algumas medidas policiaes, que muitas pessoas, aliás instruidas, do nosso paiz, tem julgado dever-se pôr em pratica; tenho achado alguns destes chamados Regulamentos, bastantemente, deficientes, outros com medidas inexequiveis. Eu não pretendo censurar pessoa alguma, nem direi no que elles são defeituosos; só trato de apresentar hum, que eu penso abraçar todas as hypotheses, ou pelo menos a maioria, e cuja execução em o nosso paiz he muito possivel: bem sei, que deve haver difficuldades a vencer, e poucas não serão em hum objecto inteiramente novo entre nós, e especialmente quando se trata de alterar ou reprimir antigos habitos e costumes em pessoas de hua classe tão ciosa da sua liberdade, com já dissemos, e que a muitos respeitos as hade muitas vezes ferir no seo orgulho e amor proprio.

«A policia das prostitutas fica a cargo da Administração Publica pelo Codigo Administrativo, e o Art. 109. §. 6 ordena já húa disposição regulamentar, que he a prohibição da sua residencia em certos lugares das povoaçoens. Já em lugar competente tratámos deste assumpto, e parece-nos, que elle, não obstante ter sempre, e em todos os tempos, merecido a attenção dos differentes Governos do Mundo, não se torna tão digno de húa tal consideração, se para elle olharmos como devemos. Pois que as prostitutas não devem de modo algum permitir-se pelas ruas com suas libertinas e desordenadas acçoens provocadoras, nem com estas ellas se devem permittir ás janellas, ou ás portas de suas habitaçoens; a prostituição deve-se encadear no interior das casas, ella não deve passar nem transcender além de seos muros, e então ellas não escandalisão o publico; em tal caso habitem aonde quizerem; porque mesmo a exclusão da residencia das prostitutas de certos lugares offende gravemente a moral de muita gente, e com isto não se protege a moral publica: porque se permittem os mais cultos religiosos em casas sem forma exterior de templos? Sem distinctivo externo quem dirá que nesta casa habitão prostitutas, se a prostituição estiver encadeada dentro de seos muros? Bem se vê pois, e nós já o dissemos, que logo que ellas não provoquem, nem escandalisem, está resolvido o problema quanto á moral publica; e logo que ellas sejão visitadas pelos Facultativos, e se obriguem a curar-se, resolveo-se tambem quanto á saude publica: eis ao que se deve attender nas medidas regulamentares.

«Os Regulamentos devem ser sempre fundados nos disposiçoens das leys, e contra ellas nada podem os mesmos ordenar: por tanto a policia das prostitutas deve ficar a cargo da Administração Publica; mas a Hygiene Publica, e a Policia Medica estão a cargo da Repartição de Saude Publica do Reino pelo Decretó de 3 de Janeiro de 1837, e as medidas de policia Sanitaria, que se vem consignar nos Regulamentos, são objectos da competencia da Hygiene Publica; deve por conseguinte a inspecção, e fiscalisação policial destas mulheres, pertencer ás duas Repartiçoens do Estado—Administração Publica—e Conselho de Saude Publica do Reino; á primeira a policia geral, e á segunda a sanitaria exclusivamente a cada húa no seo ramo, e a mais ninguem. He esta a expressão das leys, e he por isso sobre taes bases, que devem fundar-se os Re-

gulamentos das prostitutas, apartando-se destes principios alguns Regulamentos, nelles se cometêo húa falta insanavel, porque são oppostos ás leys, ou pelo menos não são a sua expressão.

«Tambem, sem hum exacto conhecimento das prostitutas, ellas não podem ter a devida e seria fiscalisação; por isso assim todas ellas se devem inscrever, ou matricular-se na Administração Publica para obterem a devida licença, como igual licença deve obter quem quizer estabelecer taes casas, e dirigil-as, como são as *donas de casa,* assim chamadas: e para o exercicio da Policia Sanitaria deve disto ser sabedor o Conselho de Saude, e por isso a Administração deve de tudo dar-lhe conhecimento. Por tanto deve no Regulamento marcar-se a forma da matricula assim das casas como das prostitutas, ou queirão viver sós ou collegialmente; tambem as obrigaçoens, a que tanto ellas como as *donas de casa* ficão sujeitas; e o serviço interno das mesmas, a que tambem se deve sujeitar quem as frequentar, pondo sancção penal a todos os transgressores.

«Eu entendo, que, como ellas julgão ter o seo commodo particular em se sujeitarem ao seo aviltante e indigno officio, devem tambem ter o incommodo de se sujeitarem a tudo quanto proteja os commodos geraes da sociedade, e por isso devem ellas pagar a qnem as fiscalise, contribuindo com hua quota mensal; devem pois ellas contribuir, este he o termo proprio, chamem-lhe pagar o *bilhete de residencia,* ou o que quizerem, ellas devem contribuir.

«Sei que em alguns paizes (por exemplo a França), são os Medicos exclusivamente os encarregados da policia sanitaria das prostitutas, mas eu não acho fundados motivos para que em o nosso paiz não sejão os Cirurgioens encarregados deste serviço, a quem se deve dar hum ordenado annual sufficiente e equivalente a tão penoso serviço, os quaes entendo eu, que devem ser propostos pela Repartição Central de Saude Publica, na conformidade das leys, e approvados pelo Governo. Para que com tal serviço se consigão todos os fins uteis, que he atalhar quanto possivel for a propagação do *Virus Venereo,* devem todas estes Facultativos formar duas juntas de igual numero dos Cirurgioens, cada hua dellas presidida por hum Facultativo Medico ou Cirurgião, como Delegado do Conselho de Saude Publica, a quem devem estas Juntas dar conta de seos trabalhos não só para a formação da Statistica Medica, mas para quaesquer providencias, que for preciso dar-se, &c., e bem assim para a formação da Junta permamente de consultas gratuitas; o que tudo deve ser expresso no Regulamento.

«Além disto as *vagabundas pelas ruas,* e as casas, a que chamamos de *passe* ou de *alcouce,* devem ser rigorosamente prohibidas; são duas pestes da sociedade, são muito nocivas á moral, e perjudiciaes á saude publica; se se quizerem porém admittir as cassas de *passe,* devem ellas ter hua fiscalisação sanitaria, sem a qual não podem nem devem tolerar-se. O exercito, a navegação, e o charlatanismo muito concorrem para a propagação do mal venereo, por isso devem no Regulamento ser consignadas medidas policiaes a seo respeito: como tambem deve elle conter medidas as mais energicas possivel contra a charlatanaria nestas molestias, que he ainda mais nociva, do que o mesmo *Virus Venereo.*

«Ora estas ultimas medidas, que he preciso tomar-se, são contra as causas, que influem na propagação da syphilis; mas como ha causas, que obstão á sua propagação, devem existir no Regulamento medidas, que favoreção estas ultimas, como são as relativas aos hospitaes para as molestias venereas, para as Juntas de consultas gratuitas, casas de correcção para as prostitutas, casas de refugio, ou das mulheres convertidas [1], que todas tem hua directa influencia na diminuição do *Virus Venereo*.

«Tenho dado húa idéa mui geral dos principaes objectos, que ha a fixar no projecto de Regulamento, que apresento, e o qual deve descer a muitas especialidades; não será possivel talvez apresentar a todas, mas poderá a experiencia mostrar quaes das medidas nelle prescritas são exequiveis, e quaes as inexequiveis, bem como as que faltão, e que nelle devem ser consignadas. Húa fiscalisação policial, inteiramente nova entre nós, só o tempo poderá mostrar o que mais lhe convem, mas na realidade a estas medidas estão sujeitas as prostitutas de muitas Naçoens, e a Administração não julga dever muda-las, por dellas ter tirado os melhores resultados.»

N'outra parte d'esta obra, Pierre Dufour apresenta-nos um curioso projecto de reforma da prostituição. Tambem em Portugal houve quem se occupasse d'este aasumpto. Foi o doutor Santos Cruz, que elaborou o seguinte

---

1 «Por occasião de tratar das casas de Refugio das prostitutas convertidas, em a segunda parte desta obra, nós demos húa idéa de húa nova casa desta especie, existente em Lisboa, e intitulada as *Servitas* ou *Convertidas de Nossa Senhora das Dores:* esta casa não está authorisada legalmente, mas está tolerada, e o Governo tem della conhecimento, como tambem a Administração, e a authoridade Superior Ecclesiastica. Estas convertidas existião em o Campo Grande n'hum palacio do Exm.º Marquez de Valença, entretanto pela entrada do exercito constitucional em Lisboa, e sahida do realista, quando este pertendeo acometter a cidade, e se construirão as linhas de fortificação, ellas se retirárão do Campo Grande para um palacio do Exm.º Marquez de Penalva, sito na Rua de Rilhafolles, quasi ao pé de um Recolhimento que alli ha, e aonde existem actualmente.

«Estas mulheres diz-se serem hoje vinte e tantas, e estão ainda debaixo da direcção da sua mãy e fundadora Maria do Carmo. Estas mulheres nenhuns fundos tem para a sua sustentação, e vivem sómente de esmolas, para as quaes muito concorre o seo actual Padre Capellão, o sr. Padre Manoel Carvalho. Em outro tempo já existirão quarenta e tantas no Recolhimento, hoje ha só o numero referido, nem mais podem admittir, porque não tem com que passar. He muito pouca a mortalidade nesta casa, comparada com a do Bom Pastor em Paris; o que dependerá não tanto do local, sustento e rigor da disciplina, como da idade da sua entrada, ao que se não attendia; agora porém, me dizem, que existem as referidas, e que são de 30 a 35 annos, e só ha duas de 50 e tantos.

«O Padre Leonardo Brandão foi quem deo os Regulamentos a estas *Servitas;* e me consta, que elles só prescrevem a regra para os exercicios religiosos, as horas de levantar, de jantar, de trabalho, de recreio, e de deitar; ellas fazem algum serviço para fóra, de que recebem muito modicas quantias. Tem hum capellão, hum Medico, e Cirurgião, tudo gratuito.»

# PROJECTO

DE

**Regulamento policial e sanitario para obviar aos males causados á moral e á saude pela prostituição publica**

---

## TITULO PRIMEIRO

Das prostitutas e das casas publicas de prostituição.— Serviço interior das mesmas casas.—Visitas sanitarias, etc.

### CAPITULO I

DAS PROSTITUTAS E DAS CASAS PUBLICAS DE PROSTITUIÇÃO; SUA MATRICULA, BAIXA, ETC.

Artigo 1.° Nenhuma casa publica de prostitutas, qualquer que seja o seu numero, ou ordem a que pertençam, será estabelecida sem licença das authoridades administractivas locaes.

§ 1.° Esta licença será conferida pela administração geral nas capitaes, e seus termos, dos districtos administractivos, e nas demais terras do reino pelos administradores dos concelhos.

§ 2.° Da licença conferida, as authoridades administractivas darão immediatamente parte á repartição de saude publica, ou aos seus delegados, remettentendo-lhes o mappa n.° 10, de que trata o artigo 2.°

§ 3.° Não será concedida a licença para se estabelecerem taes casas nos sitios vedados na conformidade da lei.

§ 4.° Será cassada a licença concedida, se a repartição de saude publica deliberar que não convém, sem risco da saude, o estabelecimento de qualquer casa n'esse ponto.

§ 5.° A casa, que se estabelecer sem esta licença será immediatamente fechada, e seu *dono*, ou *dona* multada em... E não tendo com que pague será presa por tantos dias até prefazer a multa na razão de... por dia.

§ 6.° A mesma licença será requisitada, quando houver mudança de qualquer casa de um local para outro, e as mesmas penas, expressas no § antecedente, terão os que assim o não cumprirem.

Art. 2.° O *dono* ou *dona* de casa, que a pretender estabelecer declarará na administração o nome da rua, numero da porta e andar; e tambem o numero das prostitutas, o nome de cada uma, sobrenome, idade, estado, naturalidade, filiação, ultimo domicilio, e que tempo ha que exerce a prostituição, ficando assim satisfeito o mappa n.° 9. Esta declaração será tambem feita por qualquer mulher, que queira estar só em sua casa.

§ 1.° Nenhuma *dona de casa* consentirá, que sem as referidas declarações exista alguma mulher em sua casa, nem mesmo a titulo de irmã, tia, prima, ou qualquer parentesco.

§ 2.° Nenhuma *dona de casa* consentirá, que qualquer das mulheres se retire de sua casa voluntariamente, ou por ella obrigada, sem que dous dias antes o vá declarar á administração, apresentando o mappa n.° 12.

§ 3.° Os *donos* ou *donas* de casa, que faltarem ao cumprimento do que se ordena n'este artigo serão multados em..., e cada uma das prostitutas, que estiverem em casa em... e as prostitutas, que estiverem sós em suas casas serão multadas em..., na falta de meios a pena do artigo 1.° § 5.°

Art. 3.° No acto da matricula será lido o paesente regulamento a toda e qualquer *dona de casa,* que quizer estabelecer uma casa publica de prostitutas; e depois que ella declare querer-se conformar e sujeitar ás suas disposições, se fará a matricula, e se lhe dará a carta, que consta do mappa n.° 11.

§ unico. Tambem será lido este regulamento a qualquer prostituta, que se quizer matricular, depois que ella faça as declarações expressas no art. 2.° e depois de protestar sujeitar-se ás suas disposições.

Art. 4.° A administração, quando o julgue conveniente, se informará da veracidade das declarações, feitas pelas prostitutas no acto da matricula, as quaes poderá tirar do local de suas naturalidades ou residencias, mandando-se intimar seus parentes, ou as pessoas debaixo de cujo dominio ellas estiverem, para as reclamar querendo; e até que se obtenham as devidas informações poderá o administrador retel-as em uma *casa de correcção.*

§ unico. Feita a matricula se lhe dará um certificado, sem o qual não será admittida em alguma casa publica.

Art. 5.° Antes de completos os 18 annos de edade não se matriculará mulher alguma como prostituta.

§ 1.° Tambem se não admittirá mulher alguma á matricula para seguir a vida de prostituta, sem que apresente um certificado do cirurgião das visitas do local aonde residir, que declare estar sã, e cuja data deve ser do dia antecedente á matricula.

§ 2.° Se alguma mulher se encontrar exercendo o officio de prostituta antes da edade marcada n'este art., será mettida na prisão por espaço de... e depois inscripta.

Art. 6.° Ficam estabelecidas pelo presente regulamento tres cathegorias, ou ordens de prostitutas: 1.ª, 2.ª e 3.ª—segundo o seu luxo e ostentação, de que se fará nota no assento da matricula.

§ 1.° As *donas de casa* contribuirão mensalmente, as da 1.ª ordem com...; as da 2.ª ordem com...; as da 3.ª ordem com...; cada uma das prostitutas contribuirá mensalmente, as da 1.ª ordem com...; as da 2.ª com...; e as da 3.ª com... Se as prostitutas estiverem sós em suas casas, as da 1.ª ordem contribuirão com..., as da 2.ª com...; as da 3.ª com..., tudo mensalmente.

§ 2.° Estas quantias serão no fim de cada mez entregues na administração, e quando a isto se falte, as devedoras serão presas até que paguem a quota devida.

Art. 7.° Toda a prostituta, que pretender seguir a vida honesta, deixando a libertinagem, assim o declarará (ou a *dona da casa*) na administração, apre-

sentando a competente nota no mappa n.° 12: por motivo nenhum, qualquer, que elle seja, poderá ella ser mais retida em taes casas. A administração d'isto dará parte immediatamente á repartição da saude publica.

§ unico. As prostitutas, que, depois de terem abandonado a devassidão publica, entrando em a vida honesta, voltarem á antiga prostituição, serão mettidas na *casa de correcção* por espaço de...

## CAPITULO II

### Do serviço interior das casas publicas de prostitutas, e sua policia em quanto á saude e á moral

Art. 8.° As *donas de casa* são obrigadas a ter em suas casas o presente regulamento, que lhes será dado pela administração no acto da matricula; e que deve estar publico a quem o quizer lêr.

§ 1.° Devem tambem as *donas de casa* ter um registro do serviço interior da mesma casa, da entrada ou sahida recente de qualquer mulher, e do dia e hora, em que foi visitada pelo respectivo facultativo.

§ 2.° Deverão ellas tambem ter umas instrucções com simplicidade e clareza, dadas pelo facultativo visitante na fórma do art. 23, §. 4.°, as quaes indiquem a forma da molestia venerea local, e que podem ser vistas por quem alli concorrer; cada uma das prostitutas deve d'ellas ter um inteiro conhecimento.

Art. 9.° As *donas das casas* são obrigadas a ter nos quartos todos aquelles preparos, que se tornam indispensaveis para o competente aceio e limpeza, como agua limpa, toalhas lavadas, etc., etc

Art. 10.° Devendo cada uma das prostitutas ter conhecimento da fórma externa da molestia venerea, nenhuma d'ellas consentirá, que as pessoas que alli concorrem, e se acharem doentes, d'ellas se sirvam: aliás serão multadas na quantia de..., e terão de prisão...

§ 1.° A prostituta que se achar doente, e consentir que d'ella se sirvam, e communicar a molestia venerea, será multada em...; e terá de prisão... depois de curada no hospital respectivo.

§ 2.° Nenhum individuo se recusará a ser examinado pela prostituta, de que se quizer servir, aliás esta se recusará; e se estando doente, usar de astucias ou meios violentos para d'ella se servir será preso por...; e multado em...

Art. 11.° Toda a provocação á devassidão pelas prostitutas fica rigorosamente prohibida tanto nas janellas, como nas portas, ou ruas, aonde só deverão apparecer com toda a decencia. As janellas devem estar guarnecidas de gelosias ou cortinas; e ás portas nunca ellas devem estar assentadas.

§ unico. As portas das casas publicas poderão estar abertas de inverno até ás nove horas, e de verão até ás dez.

Art. 12.° As *donas de casa* nem consentirão desordens em suas casas, nem que pessoa alguma ahi seja ultrajada; e quando isto se verifique serão ellas multadas em...; e os delinquentes punidos na conformidade das leis.

§ unico. Quando em taes casas houver motins, que incommodem a visinhança, e se derem motivos de escandalo publico, havendo bem fundadas queixas a este respeito, serão as *donas de casa* multadas em..., pela segunda vez no dobro, e pela terceira fechada a casa, e terão de prisão...

Art. 13.° Nenhuma *dona de casa* deverá maltratar as prostitutas, que tiver em sua casa, nem com pancadas, nem tel-as fechadas nos quartos; nem as expulsarão violentamente para fóra das mesmas casas sem darem parte á administração, devendo então apresentar o mappa n.° 2; pela falta de cumprimento d'esta disposição terão de multa...

Art. 14.° Não se permittirá nas casas publicas de prostitutas a venda de vinho, ou de outros quaesquer liquidos espirituosos, aliás serão multados os seus *donos* ou *donas* em... e serão fechadas.

Art. 15.° Se alguma das mulheres publicas se achar pejada, a *dona da casa* d'isto dará parte á administração, aliás será multada em...; e se se verificar algum infanticidio será fechada a casa, e se procederá na conformidade das leis.

Art. 16.° Nenhuma das casas publicas de prostitutas, poderá servir de *casa de passe:* a *dona de casa,* que n'isto consentir, será multada em...; e cada uma das mulheres, que estiverem na dita casa, em... se o não denunciar na administração.

## CAPITULO III

### Das visitas sanitarias das prostitutas

Art. 17.° Nenhuma das prostitutas ou vivam sós e isoladas em suas casas, ou reunidas com as outras, se recusará ás visitas sanitarias, feitas pelos facultativos competentes, aliás será multada em... e presa na *casa de correção* por espaço de...; e recahindo esta escusa em estado de molestia venerea será duplicada a pena.

§ unico. Estas visitas terão logar de tres em tres dias.

Art. 18.° Para o cumprimento do artigo antecedente haverá o necessario numero de cirurgiões, que serão propostos pelo conselho de saude publica do reino preferindo sempre os das novas escholas medico-cirurgicas, e que serão approvados pelo governo.

§ unico. O mesmo conselho de saude marcará o numero de prostitutas, cujas visitas ficarão a cargo de cada cirurgião para o mais exacto cumprimento de suas funcções. A administração fará a mais commoda distribuição das casas publicas para se preencherem as visitas do numero das mulheres a cargo de cada um dos facultativos.

Art. 19.° Os cirurgiões, incumbidos das visitas sanitarias das prostitutas as farão com todo o cuidado e empregarão sempre o—*speculum uteri*—para mais segura observação.

Art. 20.° Finda a visita, o cirurgião declarará no mappa segundo o modello n.° 13 o seu estado de saude, o dia e hora da visita, o que elle assignará. Se o cirurgião pozer uma data anterior ou posterior ao dia ou hora, em que a visita fôr feita, será demittido do seu emprego.

Art. 21.º A nenhuma das prostitutas da 1.ª e 2.ª ordem se permittirá o tratarem-se em casa de suas enfermidades venereas; este tratamento só deverá ser feito no hospital especial: mas as da 1.ª e 2.ª ordem só o poderão fazer com licença das juntas de que trata o artigo 22.º, e devendo dar-lhes uma sufficiente garantia de seu exacto tratamento.

Art. 22.º Os facultativos, que não cumprirem com efficacia e probidade as suas funcções, poderão ser suspensos pelo conselho de saude publica, partiticipando-se esta ao governo para ordenar o que fôr de justiça.

§ unico. Se algum dos facultativos se impossibilitar de exercer as suas funcções por molestia temporaria ou permanente, ou por qualquer outro motivo, isto será communicado por via do presidente da junta sanitaria ao conselho de saude para prover como fôr conveniente ao bem do serviço.

Art. 23.º A metade d'estes cirurgiões, que será marcada pela repartição de saude publica, formará uma junta, chamada sanitaria, que será presidida por um facultativo, proposto pelo mesmo conselho de saude, e approvado pelo governo: e a outra metade formará outra junta do mesmo modo.

§ 1.º Estas juntas terão um secretario, por elles eleito á pluralidade de votos: ellas se reunirão uma vez por semana; cada vogal dará parte dos seus trabalhos, dos melhoramentos que se observaram, e das providencias que se exigem, as quaes segundo a sua natureza assim serão levadas ou ao conhecimento do conselho de saude, ou da administração publica.

§ 2.º As juntas farão um relatorio mensal dos seus trabalhos, que será enviado á repartição de saude publica, para proceder como convier, e que devem fazer parte do relatorio annual da mesma repartição para o governo.

§ 3.º O conselho de saude publica formará um relatorio especial, e interno para a direcção das referidas juntas em todos os objectos da sua competencia.

§ 4.º Cada uma das juntas formarão umas instrucções que sejam simples e claras, sobre a fórma externa da molestia venerea, e que cada um dos cirurgiões deve entregar a cada uma das prostitutas, como se diz no artigo 8.º § 2.º

§ 5.º Cada um dos vogaes da junta sanitaria terão o ordenado annual de —$— O presidente e secretario terão além d'este a gratificação annual de —$— O que será pago na administração por meio de folhas mensaes, processadas pelo secretario da junta, e assignadas por elle, e pelo presidente.

## CAPITULO IV

### Das casas d'alcouce e das que os francezes chamam de «passe»

Art. 24.º As *casas d'alcouce*, ou d'alcoviteiras, aonde se reunem homens e mulheres de fóra para a devassidão e libertinagem, como até hoje tem existido, ficam rigorosamente prohibidas; se alguma continuar, seu *dono* ou *dona* será multado em... e terá de prisão... além de ser a casa fechada.

Art. 25.º Podem tolerar-se as casas a que os francezes chamam de *passe*, ficando sujeitas na sua policia á administração, e na parte sanitaria á re-

partição de saude publica, seus *donos* ou *donas* cumprirão tudo quanto fica expresso nos artigos anteriores d'este regulamento, applicado para as casas publicas de prostitutas, e que a estas fôr applicavel.

§ 1.º D'estas casas só se permittem duas ordens segundo a sua ostentação, 1.ª e 2.ª Os donos ou donas da 1.ª pagarão mensalmente...; os da 2.ª a quantia de...; estas quantias serão entregues na administração, como se verifica para com as outras casas, e com as mesmas penas para as outras estabelecidas.

§ 2.º Logo que se estabeleça qualquer casa de *passe*, o conselho de saude publica do reino proporá os meios que mais efficazes se julgarem, e quanto possivel accommodados aos nossos costumes, para a sua fiscalisação sanitaria.

## CAPITULO V

### Das vagabundas pelas ruas

Art. 26.º As vagabundas pelas ruas, ou aquellas prostitutas, que especialmente de noite andam pelas ruas provocando os homens á devassidão, e n'ella consentindo, ficam expressamente prohibidas.

§ 1.º As que forem encontradas com taes provocações, ou n'ellas consentindo, serão mettidas na prisão, e ahi estarão por espaço de...; serão visitadas pelo facultativo do seu districto depois de presas, e se se acharem doentes da molestia venerea será dobrado o tempo da prisão: como tambem será dobrado esse tempo, se ellas se acharem embriagadas, ou mesmo nos lugares em que a lei prohibe a sua residencia.

Art. 27.º Sendo estas prostitutas as que ordinariamente frequentam as tabernas, ficam ellas todas prohibidas de ahi entrar, ou em outras lojas de bebidas espirituosas para ahi estarem reunidas em grupos com os homens a embriagarem-se.

§ 1.º Toda a mulher publica, que ahi fôr encontrada será retida na prisão por... e se se achar embriagada seja dobrado o tempo da prisão.

§ 2.º Os donos das lojas de venda de vinho, e outros liquidos espirituosos, que ahi consentirem estas mulheres a embriagar-se, serão multados em... e se ahi permittirem desordens, ou provocação á libertinagem, serão punidos segundo a leis de policia correccional.

# TITULO SEGUNDO

### Medidas policiaes, relativas ao exercito, e á marinha

## CAPITULO I

### Disposições policiaes, relativas ao exercito

Art. 28.º Na conformidade das leis e regulamentos militares continuarão os cirurgiões do exercito a visitar os orgãos sexuaes dos soldados dos differentes corpos, a que pertencerem.

§ unico. Estes cirurgiões serão obrigados a encher um mappa, cujo modelo lhes deve ser envido pela repartição de saude publica, e depois de cheio mensalmente o remetterão ao conselho de saude do exercito para este o remetter tambem mensalmente ao conselho de saude publica, bem como remette as relações necrologicas.

Art. 29.° As visitas sanitarias aos soldados e aos officiaes inferiores terão lugar todas as semanas: e se repetirão tres dias depois, se houver alguma duvida sobre o estado de saude dos visitados.

§ unico. Aquelle soldado, ou official inferior, que recusar ser inspeccionado fica sujeito ás penas, que os regulamentos militares lhes impozerem.

Art. 30.° Logo que qualquer soldado se ache acommettido do *Virus Venereo* será enviado ao hospital para ser tratado com a mesma caridade, como se fosse acommettido de outra qualquer molestia: todo o rigor para com elle fica expressamente prohibido, nem nota alguma se porá no livro mestre por tal motivo.

Art. 31.° As lavadeiras, vivandeiras, ou outras quaesquer mulheres, que vivam com os soldados, e frequentem os quarteis da tropa, á excepção das casadas, serão tambem visitadas todas as semanas pelos mesmos cirurgiões dos respectivos corpos, e logo que se achem accommettidas do mal venereo serão enviadas ao hospital para serem tratadas.

§ unico. Se a estas visitas se não quizerem sujeitar, serão presas na casa de correcção por. . ., e ahi visitadas, e se estiverem doentes, terão o dobro da prisão depois de tratadas.

Art. 32.° Aquelle soldado, que sahir do seu corpo com baixa, licença, ou destacado a certa distancia, e por certo numero de dias, será previamente inspeccionado pelo cirurgião do corpo, e se se achar doente será primeiro tratado no hospital, feito isto, o commandante do corpo o empregará no mesmo, ou em outro destacamento, se tiver este seguido o seu destino, ou em outro qualquer serviço militar.

§ 1.° Os que forem com licença ou baixa, chegando ao logar do seu destino, se apresentarão ás auctoridades administrativas para serem visitados pelo mais proximo facultativo, e ellas o mandarão curar no mais proximo hospital, se estiver accommettido do mal venereo.

§ 2.° Se, indo com licença, o soldado a isto se recusar, a auctoridade administrativa dará parte ao commandante do corpo a que pertencer, para ser punido segundo as leis militares; e se fôr com baixa, será preso, e punido correccionalmente.

§ 3.° Os differentes facultativos, que d'estas molestias tratarem, depois de findas, darão d'ellas uma parte circumstanciada; sendo no districto administrativo de Lisboa, ao conselho de saude, e sendo nas provincias aos seus delegados.

## CAPITULO II

### Disposições policiaes relativas á marinha

Art. 33.° Depois de ter livre pratica pela estação de saude nos differentes portos do mar, qualquer embarcação nacional, ou estrangeira, que a elles

chegar; o facultativo respectivo examinará os orgãos sexuaes da equipagem da mesma embarcação, a cujo commandante dará um certificado de assim o ter cumprido, declarando o numero de doentes, se os houver, como a natureza da molestia venerea.

§ 1.º O commandante da embarcação sem este certificado não deixará pôr pé em terra a ninguem da equipagem.

§ 2.º Os doentes, sendo portuguezes, serão conduzidos ao hospital para serem tratados; sendo estrangeiros, serão curados a bordo antes de porem pé em terra, ou enviados ao hospital, se assim o requerer o commandante, pagando a despeza.

§ 3.º Para com as embarcações de guerra nacionaes e estrangeiras, se usará da mesma pratica, estabelecida para com as outras visitas sanitarias; é sufficiente um attestado do facultativo de bordo, rubricado pelo commandante, em que declare se estão ou não accommettidas da molestia venerea; e se procederá depois na fórma do § 2.º d'este artigo.

Art. 34.º As embarcações mercantes portuguezas em suas viagens ou para as nossas possessões ultramarinas, ou para paizes estrangeiros, levarão cirurgiões a bordo segundo era sua antiga pratica.

§ 1.º Estes cirurgiões voltando aos portos de Portugal, e continuando a ser cirurgiões dos mesmos navios para outras viagens, serão obrigados a visitar semanalmente a sua equipagem para serem curados no hospital aquelles marinheiros, que se acharem accommettidos da molestia venerea: e se não continuarem, o commandante dará parte á estação de saude competente para prover como convier.

§ 2.º Estes cirurgiões darão parte das molestias venereas, que observarem na equipagem, á repartição de saude publica.

Art. 35.º Nem os militares da marinha, nem pessoa alguma da equipagem de qualquer embarcação se poderão eximir das visitas, de que trata o artigo 10.º § 2.º do presente regulamento.

## TITULO TERCEIRO

Disposições sobre os estabelecimentos, destinados ao tratamento das molestias venereas [1]

### CAPITULO I

DOS HOSPITAES OU CASAS DE TRATAMENTO DAS MOLESTIAS VENEREAS

Art. 36.º Será estabelecida uma casa de tratamento para as molestias venereas, assim em Lisboa, como no Porto, e onde mais forem precisas. Sua

[1] Perfeitamente conhecemos, que no presente regulamento vão consignadas medidas, que não são propriamente regulamentares; existem aqui algumas disposições organicas, e existem outras muitas medidas, em que é necessario intervir o poder legislativo, como é para a formação das casas de tratamento, das casas de correcção, das de refugio, etc., para o estabelecimento das contribuições, que devem pagar as prostitutas, etc., etc.:

localidade, exposição, e mais circumstancias necessarias para a sua salubridade serão indicadas pela repartição de saude publica.

§ unico. Em quanto se não estabelecem estas casas de tratamento, os doentes d'estas enfermidades serão tratados nos hospitaes existentes, em enfermarias separadas das outras, e para este fim destinadas unicamente.

Art. 37.º Os doentes ahi entrados declararão seu nome, edade, estado, e naturalidade, ao director nas casas especiaes de tratamento d'estas molestias, e sendo nos hospitaes, aonde haja doentes d'outras molestias, a quem costuma tomar taes assentos.

§ unico. Não será permettido publicar-se os nomes d'aquellas pessoas, que ahi vão tratar-se pela primeira vez.

Art. 38.º Logo que estejam estabelecidas as casas especiaes de tratamento de molestias venereas, poderão estas ahi ser observadas pelos lentes de clinica com seus discipulos; não terá, porém, lugar esta observação n'aquelles doentes, que pela primeira vez ahi entrem acommettidos d'estas molestias.

Art. 39.º O conselho de saude publica, como lhe cumpre, apresentará um regulamentos para o regimen medico, policial e economico d'estas casas para ser approvado pelo governo.

## CAPITULO II

### Das juntas de consultas gratuitas

Art. 40.º Será estabelecida em Lisboa, Porto, e aonde mais convier, uma junta composta de medicos, cirurgiões, e pharmaceuticos, não só para ser consultada gratuitamente em todas as molestias, com especialidade nas venereas, mas tambem para serem dados gratuitamente os medicamentos, de que os pobres necessitarem.

§ unico. Logo que este estabelecimento se leve a effeito segundo a organisação, que o governo julgar dever ter; o conselho de saude publica proporá á approvação do mesmo governo um regulamento especial para a direcção de seus trabalhos, e tudo o mais que lhe pertencer.

Art. 41.º Este estabelecimento se corresponderá directamente com o conselho de saude publica do reino, não só para este prover nas suas exigencias, como para representar ao governo, quando exceder suas attribuições. Apresentará ao mesmo conselho mensalmente uma estatistica das molestias, sobre que for consultado, com suas observações.

Art. 42.º Em quanto se não estabelecem as juntas indicadas no art.

---

entretanto n'este presente projecto de regulamento existem consignadas todas aquellas medidas, que eu julgo necessario pôr-se em pratica para obviar quanto fôr possivel os males, assim á moral, como á saude publica, no caso da tolerancia das prostitutas; e tanto que nos consta, que um projecto de regulamento quasi identico a este (de que fui redactor), apresentado pelo conselho de saude publica ao governo, este o fez enviar á camara dos srs. deputados.

40.°, servirão para este fim as juntas sanitarias, de que trata o art. 23.°; as quaes ficam provisoriamente obrigadas a terem quotidianamente dois dos seus vogaes na casa do seu estabelecimento, para serem gratuitamente consultados sobre quaesquer molestias, e especialmente nas venereas.

§ unico. O conselho de saude publica formará um regulamento especial para a direcção dos trabalhos d'esta junta especial.

Art. 43.° Além do que ordena o art. 32.° do regulamento, que faz parte de decreto de 3 de janeiro de 1837, os facultativos do reino serão obrigados de tres em tres mezes a enviar ao conselho de saude, ou aos seos delegados nas provincias, uma relação das molestias venereas, que trataram, sua natureza, meios empregados para o seu curativo, e resultado final; sem que indiquem os nomes dos doentes d'ellas acommettidos.

## TITULO QUARTO

Dos meios repressivos da prostituição publica, e da charlatanaria nas molestias venereas

### CAPITULO I

Das casas de correcção

Art. 44.° Em quanto se não estabelece uma casa de correcção para as condições necessarias, continuará a que para este fim foi estabelecida na cordoaria com o titulo de *Santa Margarida de Crotona,* e lhe serão feitos os indispensaveis melhoramentos para servir de prisão correccional das prostitutas.

§ unico. Além do regulamento especial, que lhe foi dado por portaria de 8 de novembro de 1814 sobre a organisação dos empregados d'aquella casa; formar-se-hão outros especialmente correccionaes, segundo os nossos usos e costumes, que apresentará o conselho de saude publica á approvação do governo.

### CAPITULO II

Das casas de refugio, ou das convertidas

Art. 45.° Far-se-hão os devidos melhoramentos na antiga casa de convertidas de Nossa Senhora da Natividade, da rua do Passadiço d'esta cidade: e outras se estabelecerão aonde se julgarem convenientes.

§ unico. Os antigos regulamentos d'aquella casa serão novamente refundidos, e accommodados aos tempos actuaes.

### CAPITULO III

Do charlatanismo

Art. 46.° Toda a pessoa, que applicar, ou vender quaesquer remedios para o tratamento das molestias venereas, sem estar legalmente auctorisada, será multada em... além das penas das leis.

Art. 47.º A repartição de saude publica do reino fará imprimir annualmente uma lista de todos os individuos, legalmente auctorisados a exercer quaesquer dos ramos da arte de curar, da qual se darão os necessarios exemplares ás auctoridades administrativas, e aos pharmaceuticos para seu conhecimento.

§ 1.º Aquelle pharmaceutico, que applicar remedios, ou consentir, que na sua botica se proporcionem para estas enfermidades sem receita de facultativo, legalmente habilitado, será multado em... além das penas da lei: e pela reincidencia lhe será fechada a botica.

§ 2.º Os officiaes e agentes de policia declararão ás auctoridades administrativas aquelles individuos, que souberem que applicam remedios sem estarem legalmente habilitados.

## TITULO QUINTO

### De algumas disposições geraes

Art. 48.º Haverá na administração uma repartição, que terá a seu cargo quanto fôr relativo a este ramo do serviço publico.

Art. 49.º Haverá tambem agentes de policia para as differentes diligencias, que lhe forem incumbidas, e subordinados á administração publica.

Art. 50.º Não só os agentes de policia, mas quaesquer dos empregados n'este serviço, que forem convencidos de terem transgredido os seus deveres, tolerando abusos, favorecendo a prostituição, prevaricando, ou de qualquer outra maneira, além de dimittidos, serão punidos na conformidade das leis.

Art. 51.º Em quanto não houver medidas legislativas especiaes para o presente serviço publico, seguir-se-hão as formulas das leis de policia correcional, e quaesquer outras, em tudo que tiverem relação e disserem respeito á transgressão das medidas, consignadas no presente regulamento.

§ unico. As auctoridades administrativas, formando os respectivos autos com a reunião dos necessarios documentos, os apresentarão ás auctoridades judiciaes para a verificação das multas e mais penas estabelecidas.

—

Taes são as medidas policiaes, e sanitarias, que eu julgo indispensavel dever estabelecer-se para obviar os males, que estão imminentes tanto á moral, como á saude publica, em consequencia da imperiosa necessidade que tem todos os governos de tolerarem as casas publicas de prostituição.

Tenho d'este modo findado a minha obra; conheço que tem imperfeições, mas inevitaveis hoje; a experiencia me ensina, que ha ainda muito a investigar para o seu complemento; no emtanto, eu a termino, como terminei a minha memoria, que tive a honra de apresentar á academia real das sciencias de Lisboa.

*.......Si quid novisti rectius istis,*
*Candidus imperti, si non, his utere mecum.*
Hor. Epist. 6.ª Liv. 1.º V. 67.

O dr. Santos Cruz termina d'este modo o seu projecto de regulamento, no qual, como já se notou n'esta obra, ao transcrever-se o projecto de regulamento de Retif de la Bretonne, ha coisas uteis e aproveitaveis, e completas inutilidades tambem.

Não foi este o unico escriptor portuguez que se occupou do nosso assumpto.

Temos presente uma obra que se intitula *Historia da Prostituição e policia sanitaria no Porto, seguida de um ensaio estatisco, dos dous ultimos annos, tabellas comparativas, etc.*, publicado na cidade invicta por Francisco Pereira d'Azevedo, medico cirurgião e inspector de saude pelo governo civil do Porto. N'este trabalho, em que predomina a boa vontade de ser util, o auctor diz, em guisa de prefacio:

«Não espere encontrar o leitor n'esta obra as bellezas d'um discurso, as flores d'uma rhetorica aprimorada, ou as lindas peripecias de um romance com todos os seus magnificos episodios melodramaticos, que ora arrebatam e seduzem, ora embaraçam e vedam o espirito impaciente de chegar ao magestoso e pathetico final. Nem tão pouco se pense que um ardente desejo de escrever para o publico, o que hoje é moda, me incitou a traçar com a penna as mal coordenadas phrases de um assumpto em historia, tão difficil de tratar como repugnante é por vezes á moral, mas o respeito e amor ás coisas da minha terra natal me animaram a dar conhecimento ao mundo do que ella é e do que vale nas cousas pequenas. Assim se julga geralmente que a prostituição é cousa de pouca monta, e não merece a attenção e consideração publica, devido isto ás ideias que a palavra encerra que ha impossibilidade de a extirpar da sociedade. Todas as nações a contem e em todos os tempos existiu, mas todos os povos a legislaram mais ou menos, e a todo o mundo mereceu sempre attenções; e hoje que a illustração capricha nos melhoramentos moraes e materiaes de sociedade, não deve o homem voltar costas ao enojo, que lhe causa uma classe para cujo estado elle tambem concorreu.

Portanto invoco os esforços da mesma sociedade e dos poderes publicos não por differentes, mas como o principal motor da machina social, a quem a administração publica incumbe da vigilancia e zelo da moral e sanidade dos povos, para ao menos attenuar os dois grandes males, *Prostituição e Syphilis,* já que a sua extincção é impossivel.

Sinto e lamento que todos os districtos do reino não contenham ao presente um ramo de policia sanitaria montado como actualmente no Porto e Lisboa, mas sirvam ao menos os exemplos das suas primeiras cidades de incentivo para despertar nas pessoas competentes os cuidados e melhoramentos, que a saude publica em geral merece, e ainda não goza em todo Portugal, e muito especialmente d'este ramo de policia.

Os resultados da creação e desenvolvimento de este ramo sentem-se ao longe, assim como sensivel nos é a sua falta nos districtos provinciaes.

Foi mais uma razão para que eu publicasse a historia da policia sanitaria no Porto, fazendo collocar ao alcance de todos o que é pela maior parte

ignorado, e tambem tentar á cubiça do seu estabelecimento em outras cidades. Divide-se este trabalho em tres partes:

Na primeira, relata-se um resumo historico da prostituição em geral e suas causas, as mais sensiveis, illustrado o texto por notas. Julguei de utilidade descrever os usos, habitos e costumes na actualidade, apesar de repugnantes, para afferimento do grau de moralisação por que esta parte da sociedade tem passado com as reformas regulamentares.

Na segunda parte, acham-se apontados todos os regulamentos e circumstancias mais essenciaes, que respeitam ao Porto, acompanhados d'um resumo historico geral. Procurei nas diversas repartições publicas, tanto quanto em minhas forças cabia, os documentos que por ventura podesse haver; mas n'algumas os obstaculos, cada vez maiores, faziam fallecer o animo á mais paciente e fleugmatica creatura, tornando-lhe o desejo de saber em aborrecimento de todos e desprezo de tudo. As informações exactas de pessoas fidedignas, e os documentos authenticos existentes, comprovam a veracidade d'esta parte da historia. Demorei-me na prophylaxia, para ter occasião de apresentar o que mais commummente tinha encontrado pela pratica da inspecção, e em referencia aos signaes physicos ou sensiveis das especies venereas mais vulgares, anteriores ou presentes.

A terceira parte é sómente um ensaio estatistico, pelo qual se vê o movimento annual das prostitutas com relação á matricula e á inspecção, o termo medio das affectadas, e o confronto da prostituição nas cidades européas.

Era n'esta parte o devido logar onde competia estabelecer uma resenha estatistica dos venereos, que affluem aos hospitaes civis e militares.

A proporção do contagio deve de certo ser favoravel para a guarnição militar na actualidade, em quanto que o resto da população da cidade necessariamente ha de soffrer muito mais. Ao certo não se pode alcançar coisa alguma a este respeito, nem mesmo é facil obter esclarecimentos, pela invencivel difficuldade de conseguir os relatorios medicos dos hospitaes, e pouca confraternidade que ainda ha entre os collegas.

Confiado, porém, na benevolencia do leitor, e animado pelos melhores desejos de ser util, espero que estes mal accurados esforços meus possam satisfazer, estimulando ao mesmo tempo quem, com mais proficuidade litteraria, deseje n'esta especie lidar.»

O esclarecido medico prestou grandes serviços á hygiene e á moral, não só com a publicação d'esta obra, como entregando-se a grandes e infatigaveis locubrações no mesmo sentido.

O seu livro presta um valioso subsidio ao nosso, na parte em que o auctor se occupa desenvolvidamente da prostituição no Porto.

Estudam-se alli as diversas cathegorias das desgraçadas, e os seus costumes, por uma fórma desconhecida n'este paiz, onde similhante assumpto tem sido cuidadosamente posto de parte pelos nossos escriptores.

A obra do dr. Azevedo foi tão pouco vulgarisada, que podemos apresental-a quasi como uma novidade aos nossos leitores.

«A prostituição clandestina, diz elle, exerce-se evitando sempre a vigilancia da policia, e para melhor alcançar este fim, acoberta-se com uma profissão licita. Assim, pois, a mulher é costureira, luveira ou chapeleira, trabalha em calçado, vende louça, porcelanas, quinquilherias, fructas, etc.

Póde-se bem conceber, que este é o primeiro grau da prostituição em geral, e n'este plano social, a mulher fazendo do seu corpo um commercio illicito e contra-moral, essencialmente similhante ao segundo grau ou prostituição publica, não merece menos o nome de prostituta ou meretriz.

Todavia podem as apparencias enganar, pois que esta especie se encontra nas diversas classes da sociedade, e se apresenta em mui variadas gradações; e, para que a honra ou a honestidade d'uma mulher não seja prejudicada deve attender-se a que, em toda e qualquer circumstancia, a condição necessaria é o escandalo e offensa moral. Portanto, aquella que por um mal calculado passo abandona a casa paterna, ou que por obstaculos ao matrimonio pretende encobrir a sua quebra de honra, ou emfim por um capricho estouvado a que são geralmente mui atreitas as mulheres, se entrega a um só homem, e lhe é fiel por mais ou menos tempo, estas relações, supposto não sanccionadas pelas leis civis nem canonicas, não merecem certamente o nome de prostituição, e n'este caso a mulher apenas será manceba ou barregã. Se, porém, a mulher mesmo barregã se entrega a diversos homens para se prostituir a occultas, querendo illudir com apparencias de honestidade, deve-se considerar no primeiro gráo, e chamar-se-ha então prostituta clandestina.

A differença, pois, entre a prostituição clandestina e a tolerada ou publica, consiste tão sómente na immunidade das penas e mais obrigações a que está sujeita policialmente a segunda.

Julgo que no Porto deverá ultrapassar o triplo do numero das inscriptas as mulheres d'essa especie, e não se deve entender por este facto que deixe de ser reprimida convenientemente e conforme as disposições regulamentares de 1860.

Em todas as cidades, as mais populosas e mais bem policiadas em todos os ramos, a prostituição clandestina é sempre em maior numero, se attendermos aos meios de disfarce de que lança mão, occultando-se assim por diverso modo, razão mui sufficiente de embaraços para bem se reconhecer.

Em geral as prostitutas clandestinas receiam o chamamento á administração, e por isso temem a entrada nas casas d'alcouce, que o regulamento só concede a mulheres inscriptas. Sabe-se, porém, que para encontrar este accidente alguns libertinos alugam casa propria, ordinariamente escriptorio ao rez da rua, offerecendo d'este modo as garantias de segurança que ellas exigem.

O receio e temor á acção da policia, que astuciosamente exaggeram, é um meio especulativo necessario a melhores interesses, e de que se servem tambem para impôr honestidade e virtude.

O proceder d'essas mulheres, não sujeitas a uma visita periodica e regular, não lhes permitte gosar por muito tempo as vantagens d'um lisonjeiro estado de sanidade com relação ao virus syphilitico, o que, sendo obvio simplesmente á razão, a pratica o verifica todos os dias, pois é mui raro que á

inspecção sanitaria appareça uma mulher d'estas em bom estado. Accresce demais a circumstancia de que não sendo obrigadas a tratamento, se reservam para o ultimo caso, como se deve presumir do muito tempo que gastam depois na cura. E' n'esse grau que mais se faz sentir o proxenetismo, exercido sempre por prostitutas velhas e abandonadas pelo mundo.

A prostituição clandestina é tres vezes prejudicial á sociedade:

1.º Porque sendo o preludio, como lhe chama Jeannel, á prostituição publica, fornece-lhe o maior contingente.—2.º Porque fóra do alcance das medidas sanitarias, o contagio da syphilis faz-se em demasia.—3.º Porque estabelece o exemplo vivo da immoralidade, condemnado como delicto por todos os codigos.

Todas estas circumstancias e as demais, como poder este grau ser tambem exercido por sexo differente, como acontece em algumas cidades grandes, e variar até no modo, são razões de sobejo, para que a repressão, já como meio moral, já como meio hygienico, seja imposta com todo o rigor possivel, offerecendo por outro lado uma garantia segura á honra da mulher, que prefere uma vida laboriosa mas honesta, aos vergonhosos ganhos d'uma vida de crapula, de miseria, de ociosidade e devassidão.

Considerando, porém, o melindroso do assumpto, como melindroso é tudo quando se trata da honra ou honestidade da mulher, concluiremos que a acção policial, devendo ser sempre limitada pela prudencia em tudo, n'esta especie o deve ser sobremaneira.»

Esta especie de prostituição é hoje, como sempre, a mais perigosa, por isso que se alastra por toda a parte, e enodôa todas as classes sociaes.

As familias mais illustres pagam-lhe muitas vezes o seu infame tributo. Vemol-a profanando o lar domestico, envergonhando os titulos e as tradicções de antigas familias, constituindo um exemplo nefasto, e factor dos mais perigosos e dissolventes escandalos.

A chronica ligeira da sociedade moderna descreve os symptomas fataes d'esta horrivel peste com as côres mais brilhantes e seductoras.

Mais tarde volveremos a este assumpto, estudando-o e consagrando-lhe a attenção que se deve prestar sempre a tudo quanto contribue para a decadencia das sociedades.

Por agora, seguiremos outro rumo, fallando das desgraçadas que o vicio algema a um supplicio infame, e que a elle são tantas vezes arrastadas pelos exemplos que vêem de regiões elevadas.

O que são essas infelizes é obra da sociedade. Apontar o mal e o erro, é talvez promover-lhes o correctivo necessario.

## A VIDA DA PROSTITUIÇÃO NO PORTO

«As meretrizes, como quasi todas as classes da sociedade, manifestam certos usos, habitos, costumes e até um modo particular de viver em relação á sua profissão e pessoas do seu trato; e com quanto sejam communs a esta classe,

em todos os paizes, os habitos da prostituição, não tem em todas as terras o mesmo grau de extensão e libertinagem, que, dependente de certas circumstancias, varia na razão directa do numero das casas em geral, e no modo como se manifesta em particular. O aviltamento do mister e a isolação, a que são condemnadas pela sociedade estas mulheres, são caracteres geraes em toda a parte; porém os seus vestidos, o andar, as suas maneiras mais ou menos affectadas, as palavras quasi sempre impudentes, e, emfim, um todo particular as denunciam bem individualmente, como já passaremos a examinar, quanto o assumpto o permitta, sem repugnar a moral.

Consideradas administrativamente, as meretrizes no Porto formam duas cathegorias, patrôas e raparigas; porém dividiremos estas ultimas em dois grupos, que passo a descrever separadamente: — *raparigas apatroadas e raparigas isoladas.*

## I

### Raparigas apatroadas

As raparigas apatroadas vivem em casas toleradas ou licenciadas, de ordinario em viellas, ruas estreitas e mais escusas do grande transito. Habitam de preferencia o lado oriental e sul da cidade, e com certeza é o seu bairro aristocratico o da Sé, primeiro bairro administrativo.

As casas de toleradas, em numero de trinta no Porto, são todas habilitadas por uma licença passada pela administração do respectivo bairro, e por isso chamadas casas de tolerancia; não são permittidas, antes condemnadas as casas de *somno* ou de *passe* [1].

Em relação á época e luxo actual são ainda bem pouco aceadas as casas de tolerancia, e pode dizer-se que algumas das melhores são apenas mobiladas.

No geral não conteem mais do que o necessario para a limpeza, que n'estes ultimos annos a policia tem com instancia exigido e bastante conseguido d'esta gente mal habituada em costumes, como em geral as classes d'onde procedem. São regidas e administradas por mulheres edosas, que em outros tempos tambem exerceram os misteres da prostituição ou por uma rapariga mais antiga e de confiança, que representa de dona de casa, a qual o regulamento de policia chama *Patrôa,* e o uso vulgar *Tia.*

As patrôas quasi todas vivem amancebadas, e raras são as casadas; quer os amantes, quer os maridos, não teem importancia alguma na administração da frascaria; nunca apparecem, e a sua intervenção nas alterações ou desordens é-lhes interdita.

Muitas vezes se torna causa de graves dissensões entre ellas o proxenitismo, sobretudo quando intentam por este meio a acquisição de raparigas apatroadas em outras partes.

Não é raro, pois, servirem-se de proxenetas para recrutarem mulheres mais commoda e economicamente. Admittem d'ordinario toda e qualquer, tendo

[1] Isto succedia em 1860. E' preciso não esquecermos a data.

sempre em consideração os dotes da esthetica, condição essencial para a voluptuosidade. A novidade attrahe sempre, e para melhor engodo, procuram-lhes vestuarios proprios, mas quasi sempre em discordancia com os seus costumes e linguagem, e com um todo desharmonioso, e ás vezes até ridiculo.

Observam, porém, a maior circumspecção n'este mister, quando se estende a favorecer a corrupção d'outras mulheres, collocando-se o mais que pódem a salvo das disposições penaes impostas a este commercio illicito, chamado no fôro lenocinio, e esquivam-se sempre á admissão das que o seu estado virginal poderia assaz comprometter.

Votadas ao desprezo publico, temem todas as manifestações insultantes, que evitam por um procedimento relativamente honesto, tranquillo e reservado. Endurecidas pelo vicio e pelo espectaculo continuo das torpezas humanas, são essencialmente aváras em materia d'especulação: e não ha por tanto uma só rapariga, que lhes não deva no momento da sahida, que lhes não *prégue o cão,* ou não seja pelo menos o roubo o motivo para queixas.

Todas conhecem mui bem as diversas manifestações syphiliticas, pelo uso continuado do exame corporal das raparigas. Porém em presença da policia simulam uma ignorancia completa, tanto no conhecimento da molestia como do estado de saude de qualquer que apparece affectada.

Muitas jactam-se de curar bem a syphilis, o que para algumas é mais uma especulação. Subtrahem quando pódem as affectadas de comparecer ao exame de saude, e desculpam-se, dizendo: fugiu, foi para a terra, etc.

Aos frequentadores certos, tratam bem, segundo a sua liberalidade, importando-se pouco com a cathegoria da pessoa. Para os forasteiros e não habituados, pretendem passar por damas de certa jerarchia, logo auctorisada por uma fabula affirmada por mysterios e um orgulho andacioso.

Para mais se fazerem valer ufanam-se de relatar uma clientela de pessoas reputadas, e não teem duvida em as nomear pelos seus mais conhecidos appellidos, affectando contar com uma decidida protecção de personagens illustres.

As raparigas alojadas nas casas de tolerancia vivem em communidade; nunca mais de sete; usualmente comem juntas e recolhem-se tarde.

As casas de tolerancia, de ordinario situadas em beccos e viellas, são escuras, velhas, frias, humidas, e em geral d'um aspecto lugubre.

Todos conhecem muito bem, por isso escuso descrever, as tortuosas e mal calçadas viellas de Penaventosa, S. Sebastião, Aldas e Escadas das Verdades, pertencentes ao antigo burgo; e assim outras da cidade nova, como Barredo, escadas dos Guindaes, rua dos Banhos, calçada da Esperança, a celebre Viella da Neta, etc. Podendo, comtudo, residir em qualquer rua, escolhem de preferencia os logares da cidade de menos transito, e os edificios antigos e arruinados, pela modicidade dos alugueres e visinhanças de menor importancia social, ficando d'este modo menos sujeitas a mudas frequentes e forçadas.

Deve notar-se que a população e o commercio, tendo hoje augmentado consideravelmente n'esta cidade, teem obrigado as classes menos abastadas a alojarem-se nos bairros mais retirados do centro, e por esta rasão a prostituição

tem-se deslocado das principaes ruas, tendo escolhido a peripheria ou limites da cidade, onde as habitações mais commodas são tambem mais economicas.

Estas casas, em geral pouco confortaveis, são mobiladas em relação com as forças da Patrôa ou do seu abono, e por tanto, á excepção de um lavatorio e commoda com o competente espelho ornado de figurinhas de porcelana e alguns cosmeticos, e o leito que nas casas mais aceadas é de madeira, e n'outras é de ferro, objecto obrigado e da maior importancia no estabelecimento, tudo o mais não merece menção especial. O quarto porém da Patrôa é sempre o mais bem mobilado e onde se observa mais ordem. São servidas estas casas por mulheres velhas, ou uma das raparigas a quem a pouca fortuna no seu mister reduziu ao estado de servente.

As raparigas levantam-se ás 9 ou 10 horas da manhã, almoçam em seguida, entreteem o resto da manhã no arranjo e limpeza do seu quarto. Lavam-se; porém, infelizmente ainda entre ellas não estão em uso os banhos geraes; pentêam-se, caprichando em largas tranças de cabello, de que formam o principal adorno da cabeça, aromatisam-se, e as menos dotadas pela natureza pintam-se e contrafazem-se, pelo que todas consomem uma boa parte dos seus haveres em espiritos, cheiros, pomadas, carmins, fitas, enfeites e outros objectos de toucador.

Todos estes serviços ellas fazem em habitos menores até á 1 hora da tarde, hora habitual do jantar. Comem abundamente e em communidade, excepto a Patrôa, que, por via de regra, come só ou com o seu predilecto. Depois calçam-se e vestem-se, ainda mesmo que não tenham de sahir.

No que mais presumem é no penteado e no calçado, fazendo sempre por imitar a ultima moda; raras usam enfeite na cabeça para melhor segurar o penteado, e no vestuario em geral fazem depender a elegancia da simplicidade.

As botinhas são sempre o mais apuradas e de côr ordinariamente azul ou verde, que não deixa de contrastar bem sobre a meia d'algodão mui branca e justa á perna, apertada por ligas de seda, que não poucas vezes se vêem pelas compridas borlas de remate.

De resto um grande *merinaque* e um vestido de cassa mui comprido, a rastos, estufado por saias muito gommadas, que mais parecem cartão do que paninho, prefaz todo o seu luxo domestico.

Se vão a passeio, o que não pode ter logar sem a devida venia da Patrôa, nunca podem sahir todas ao mesmo tempo, nem tão pouco menos de duas.

Na rua e nos passeios publicos trajam mui decentemente e algumas até luxuosamente; ricos vestidos de seda, elegantes chapeus da melhor casa de modas, custosos *manteletes*, etc., tudo alugam até á camisa para um passeio de tarde em certos dias! o maior numero, porém, usam sobre um bom vestido de seda ou fazenda, um casaco ou capinha de panno e uma mantinha de mosselina côr de flôr d'alfazema, na cabeça, disposta com certa graça, em logar do lenço de seda que poucas mulheres hoje usam por ir perdendo de moda. Emfim, todas em diverso grau se confundem n'um domingo á hora da musica no jardim publico com as mulheres honestas das diversas classes, o que lhes custa

mui caro pela exorbitancia dos alugueres do fato. Algumas ha que alugam até a roupa da cama aos dias, porém o fato é mais vulgar ser alugado por meios dias, e pagam conforme o estado da roupa:

| | | | |
|---|---|---|---|
| Um vestido de seda | 240 | até | 1$200 |
| » » de fazenda | 160 | » | 500 |
| » » de chita | 40 | | |
| » par de brincos d'oiro | 60 | | |
| » casaco de panno preto | 240 | | |
| » chapeu | 320 | » | 500 |
| » guarda-sol | 120 | | |
| » capote | 120 | | |
| » saia branca (a 1.ª vez) | 60 | (as outras) | 30 |
| » par de botas | 60 | | |
| » par de meias, lenços, camisas | 20 | | |
| » lençol | 40 | | |
| » travesseiro | 20 | | |
| » cobertor | 120 | | |
| » colcha | 40 | | |

e outros objectos mais em proporção.

Tudo alugam, tudo pagam, mesmo as menores cousas, por um preço louco, e parece que para as mais desgraçadas mais voraz se torna a usura.

Na rua e nos passeios publicos procuram sempre attrahir por qualquer extravagancia, por um sorriso provocador, um olhar lascivo ou algumas palavras ao escapar pelos transeuntes. Affectam maneiras delicadas, mas sempre deixam entrever a vileza do seu mister.

O andar é precipitado, e com a mão levantam um pouco o vestido adiante para se verem as extremidades das roupas brancas e os pés sempre bem calçados.

Em casa passam o tempo em frioleiras e pieguices, sem se occuparem em trabalho proprio ao seu sexo: fumam charuto ou cigarro por galanteria, fallam de amantes, de divertimentos e golodices.

Tambem por passa-tempo se entreteem com cartas de jogar estendidas e passadas em forma d'adivinhação. Este entertenimento, que a principio lhes serve para mofa, mais tarde, e quando não é possivel a exploração do seu corpo, serve-lhes de ganha-pão. Tornam estas adivinhas do passado, do presente e do futuro: algumas ha que vivem da cartomancia, e se prestam ao mesmo tempo para alcofa. De resto, ás portas e ás janellas, como objecto d'amostra, passam a maior parte do tempo cantando ou fallando alto, para attrahir a attenção dos que passam.

A policia, um pouco mais rigorosa n'estes ultimos annos, tem contribuido bastante para a repressão de provocações e escandalos na rua, d'uso vulgar n'outros tempos.

Á noute ceiam cêdo e de garfo, pelas oito ou nove horas, depois reunem-se na sala de recepção que poucas casas de tolerancia tem, d'ordinario mais singelamente mobilada para receber o publico. Ahi se vêem muitas vezes os destroços do dia antecedente, resultados de brinquedos brutaes, como cadeiras par-

tidas pelo encosto ou pelas pernas, figuras de porcelana quebradas, etc. Passam o tempo em palestras com os frascarios, e a sua linguagem sempre enfatuada e cheia de periphrases umas vezes pomposas outras vezes rasteiras, nada exprime de real. Muitas ha que fazem gala d'intrometter na conversação palavras d'uma lingua extranha pilhadas a ouvido, mas muito mais se lhe sente o sestro de usar d'uma gyria especial.

Assim chamam

| | |
|---|---|
| Ao venereo ............................... | *feno ou mofo* |
| » hospital ............................... | *quinta* |
| » vestido ............................... | *farpela* |
| » capa ............................... | *toalha* |
| » casaco ............................... | *plaustra* |
| » roupa branca ... ........................ | *fardilha* |
| » dinheiro ............................... | *lettra*, etc. |

Em geral os seus costumes e maneiras mais bruscas e atrevidas do que delicadas, tornam-as tão insupportaveis como estupidas. Emfim, a falta d'educação e instrucção n'estas mulheres repugna com o espirito e a illustração por forma tal, que n'estas casas só reina o materialismo, a devassidão e algumas vezes a embriaguez.

Apezar, porém, da sua abjecção, não são estas mulheres tão depravadas no seu fundo, que n'ellas sejam inteiramente extinctos os sentimentos de bondade e compaixão. São sempre promptas a soccorrer as companheiras na doença ou na desgraça, fazem esmolas aos pobres e muitas ajudam a existencia dos parentes com parte do obulo da sua prostituição.

Manifestam algumas um cynismo que lhes não é natural e nem por isso lhes nasce d'alma, mas que julgam ser a merecida paga do desprezo a que são votadas. O instincto religioso vence n'ellas a voluptuosidade sensual; assim o attestam o respeito aos logares sagrados e a escrupulosa reserva da sua vida particular na Semana Santa e dia de desobriga annual.

Raras vezes apparecem no theatro, e quer nos camarotes, quer na sala, toda a decencia e comedimento lhes é exigido pela policia, que as obriga a sahir em caso contrario. Não consta, porém, que uma só vez tivesse logar a seriedade e gravidade no modo de se comportar nos espectaculos. A entrada para os camarotes das ordens chamadas *nobres* é-lhes vedada.

Algumas vezes passam a noute fóra, mas mais frequente é o passarem-n'a acompanhadas no proprio collegio.

Em qualquer dos casos não ha inconveniente; a differença consiste só na retribuição, que usualmente é o dobro d'um passe. [1]

Não é facil entre nós encontrar raparigas que se prestem a *quadros vivos* ou á ficção d'abjectas obscenidades, como consta serem frequentes em outras partes.

---

[1] Um *passe*, em linguagem meretricia, traduz-se pelo verbo *arranjar*.

Todavia as manifestações d'actos *contra-naturam* muitas as apresentam, e diz-se que algumas satisfazem com a mais revoltante impudicicia todos os caprichos d'immunda luxuria.

Quasi todas as casas de tolerancia tem uma clientela particular, que se denuncia pelo maior ou menor luxo das raparigas e do aspecto do seu estabelecimento.

Os frequentadores, retribuem os seus serviços, conforme o apreço que lhes merecem, e segundo a sua generosidade; porém d'ordinario a gratificação nunca é menor de meia corôa ou uma corôa em prata.

As raparigas pagam á Patrôa 240 réis diarios para prato, n'outras partes mais, segundo o ajuste e a abundancia da mesa, e mais a terça parte do que ganham para luzes, quarto, lavagem de roupa, etc, e vestem do resto.

Obtém das Patrôas uma estima e consideração em relação com a maior ou menor sorte que as acompanha na vida da prostituição; o favor do publico é o regulador. Todas as vontades e exigencias se cumprem, todos os obsequios e caricias se dispensam, emquanto a exploração é favoravel: porém, se pelo contrario a fortuna lhes é adversa, a exploração é impossivel, e as patrôas as despojam das vestes d'enfeite, para lhes afivelar o negro avental da cosinha, passando d'est'arte a servente interna, ou procuram desfazer-se d'ellas por qualquer modo ou pretexto. N'este ultimo caso as raparigas passam d'ordinario á classe das isoladas.

As raparigas apatroadas, regra geral, devem quanto vestem e muitas vezes o que comem, porque o luxo e a gula, vicios inherentes á prostituição, tornam-nas desregradas e imprevidentes.

O mister e a vontade propria lhes impõe a necessidade d'um vestuario elegante e attrahente desde o momento da sua admissão nos *collegios*, o qual lhes é abonado pela Patrôa na *contrabandista*. Esta fornece todo o necessario a esta miseravel gente, por um desconto semanal ou amortisação á divida, que varia regularmente entre dez tostões e dous mil réis. Este abono e as exigencias, que de dia para dia augmentam a divida sempre difficil de solver entre raparigas e Patrôas as constituem sujeitas por tal fórma á casa, que, para sahir, o recurso extremo é só a fuga. A principio tudo corre bem, muito mais se a fortuna ajuda; porém, mais tarde, as cousas complicam-se, os embaraços apparecem, e o desconto convencionado começa a deixar de se pagar. Desde então a perseguição é certa em casa, no hospital, na rua, nas prisões, em toda a parte, finalmente, onde possa ser encontrada.

N'estas circumstancias vendem ou empenham o fato, e, quando já nem esse recurso têem, valem-se da fuga.

Não frequentes vezes acontece tomarem similhante deliberação, que por ultimo resultado vem a ser um *cheque-mate* certo na bolsa da Patrôa, que tem de satisfazer á contrabandista as prestações que abandonou.

Por estes e outros inconvenientes que taes não lastimo a sorte das Patrôas, contrabandista, usurarias, etc., que especulam com a prostituição.

E' com certeza o demasiado interesse a unica mira, d'esta cafila, e por isso póde dizer-se afoutamente que os lucros correspondem a cento por cento,

porém ainda que algumas, vezes a perda n'estes negocios seja real, não contestam judicialmente, o que faz presumir illegalidade nos contractos.

Póde bem julgar-se quanto custa a vida material a esta miseravel gente.

A' segunda feira ajustam contas com as Patrôas, assim como com os credores, vulgarmente mulheres, que n'esse dia esperam á porta a satisfacção do contracto. Muitas vezes similhante satisfação se não dá, e d'ahi resultam graves disputas, doestos e até scenas indecorosas.

E' portanto para ellas a segunda feira um dia tão importante, como o da visita sanitaria em que esperam anciosas o vecredicto do inspector, a quem hoje respeitam sobremodo.

Muitas raparigas por interesse se entregam a um amante, que lhes sustenta o luxo, e são por isso chamados em linguagem meretricia *amantes de lettra,* por quem soffrem vivos ciumes, contestações e até rixas violentas. Os exemplos, porém, de dedicação por elles, que algumas pretendem manifestar simulando syncopes, accessos de loucuras e suicidios são o mais das vezes um calculo.

Além d'este genero de amantes, cujos retratos ellas fazem gosto de conservar em exposição entre os quadros de decoração do seu quarto, ha uma outro a quem estas desgraçadas se dedicam de coração e a quem soffrem todos os caprichos. Constantemente vigiadas no seu infame commercio, são por maus tractos muitas vezes obrigadas a repartir com elles parte dos seus lucros.

Não é a pederastia um vicio vulgar entre ellas, porém algumas ha que apresentam signaes evidentes.

Talvez concorram para a propagação d'este pessimo habito as poucas commodidades que alguns collegios tem para comportar o numero que algumas vezes apresentam.

Todas pertendem illudir a policia sanitaria e encobrem umas as outras; porém, uma vez indispostas, tornam-se vingativas, e esperam a occasião para fazer mal por queixas, denuncias e mentiras.

Algumas adoptam um pseudonymo para mais se fazerem conhecer e distinguir; mas tanto Patrôas como raparigas são quasi todas conhecidas por apellidos, com que o vulgo as denomina, procedentes ou do modo de vida anterior, ou de circumstancias mui particulares a cada uma.

Emfim o carnaval é o maior divertimento de toda esta gente, pelo qual sacrificam a saude e os interesses, individando-se muito. Invadem mascaradas os salões publicos onde encontram entrada franca, e até ás 2 horas da manhã em folguedo extremo esgotam as forças que a miudo animam a expensas dos galans, com quem depois entreteem o resto da noute. O resultado final d'estes excessos e divertimentos são as molestias—tisica e syphilis.

## II

### Raparigas isoladas

As raparigas isoladas, sujeitas a si mesmo, guiam a sua propria exploração, mas não conservam todos o mesmo espirito de ordem e de calculo na

sua vida particular o que bem se deixa ver pelas differenças de gradações e de meios.

Procedentes a maior parte das casas de tolerancia, onde encetam a carreira da prostituição, apresentam os mesmos costumes, que as raparigas apatroadas, porém, mais livres e desenfreados. Sujeitas como estas ao mesmo regulamento policial, podem residir em qualquer rua emquanto o seu proceder se não torna escandaloso, pelo que então a policia, além da imposição de penas correccionaes, as obriga a mudança forçada de residencia.

Esta medida tem efficazmente contribuindo para a moderação dos costumes d'ellas, e extincção completa d'alguns, que n'outros tempos se tornavam offensivos da moral publica.

Entre as raparigas isoladas notam-se algumas, poucas, que vivem com luxo, vestem sumptuosamente, e apresentam-se com garbo e elegancia. Muito praticas e conhecedoras do mundo, conservam um proceder reservado, e teem um regimen de vida particular que as torna mais consideradas, e por isso se reputam em mais. Teem uma clientela escolhida e de certa ordem, e póde dizer-se que fazem a transição á prostituição publica.

Outras, e é o maior numero, vivem somenos. Alojadas em casas pequenas ou andares terreos, occupam o tempo em costura ou alguns dos mysteres proprios ao seu sexo.

Sempre á janella e com as portas abertas, deixam vêr todo o interior da casa, cujos moveis, na razão da sua phantasia e meios, as denunciam por um todo peculiar.

Essas raparigas estabelecem-se á custa d'um peculio amontoado nas casas de tolerancia, depois de cançadas la exploração em beneficio sempre das Patroas, que ellas abandonam de mui boa vontade.

Mas nem sempre acontece assim. A maior parte tomam este designio com a protecção d'alguem, ordinariamente amante affeiçoado, que intervem no seu estabelecimento e as ajuda n'essa empreza, tão ardua, quando não tem meios sufficientes, pela falta de credito e garantia para com os usurarios, de toda a especie de quem se valem quasi sempre, e a quem devem até a camisa.

E' a usura e o *prego* uma grande especulação obrigada á prostituição, que esgota até os ultimos reaes da meretriz, que por via de regra nada é seu, sendo ella de todos.

Muitas são as raparigas e sobretudo as apatroadas, que para sahirem a passeio ou apresentarem-se á visita, alugam todo o fato desde o chapelinho até ás botas, e por um preço excessivamente grande.

Os usurarios, além do fato, alugam-lhes roupas de cama, moveis, e todos os objectos de decoração de salas, assim como lhes recebem qualquer objecto em caução de uma quantia, sempre inferior á metade do seu valor real, que emprestam com uma usura ruinosa.

Quasi todas as raparigas isoladas affectam um modo de vida honesto, por cujo pretexto andam continuadamente na rua para melhor fazerem as suas conquistas.

Frequentam, quando se lhes proporciona occasião, as casas de tolerancia mais reconditas, cujas donas lhes recebem uma gratificação nunca inferior a 120 réis e ahi pertendem illudir os frascarios, occultando a sua verdadeira condição e representando segundo o seu vestuario de singela costureira, creada grave *desarrumada* ou mesmo de lavradeira dos suburbios.

Em casa conservam a porta aberta até alta noute, e recebem as visitas de qualquer, ainda mesmo não frequentador. Acontece, porém, mui frequentemente alguns adeptos inclinarem-se um pouco em seu favor, e dentro em pouco tempo estabelecerem por convenção ligações amorosas. D'ahi ciumes, rixas e desgostos. Mas é isto mesmo que desgraçadamente no homem vence a prudencia, e o desarma, consentindo por fim a ser arrastado ao vexame e algumas vezes ate á ignominia publica.

Portanto, estas relações, sempre perniciosas ao homem, collocam a prostituta sagaz n'uma posição favoravel, quando sabe gastar com sobriedade, o que é mui pouco commum entre as mulheres d'esta classe.

O luxo e a gula roubam-lhes tudo.

Algumas mais previdentes reunem um capital e estabelecem casa de tolerancia; tomam raparigas e tornam-se Patroas: outras preferem viver com luxo na ociosidade e promovem antes a sua irradiação, pedindo a isempção aos seus deveres para com a policia.

Raras são as que casam, e quando isso acontece, a eliminação do nome no registro é definitiva, e a mulher fica inteiramente desobrigada para com a policia sanitaria.

N'esta ordem das isoladas vêem-se muitas prostitutas, que em escala descendente tocam a meta da infelicidade e da miseria.

Vivem umas pelas *tascas* ou em *ilhas* [1], outras não tem domicilio certo, e vêem-se perto dos quarteis militares, ou acoitam-se de dia nas pedreiras e logares ermos. De tamancos ou completamente descalças, usam camisola e

---

[1] Uma ilha n'um continente parece paradoxo, mas é uma realidade. Assim chamam a pequenas habitações reunidas dentro de muros com uma porta commum para a rua. Ordinariamente estas ilhas constituem uma viella sem sahida, ornada por duas fileiras de casas ao rez do chão, occupadas por gente pobre, operarios, trabalhadores e artistas. Este genero de habitações, refractarias a toda a hygiene, e situadas em ruas nos extremos da cidade, lado oriental e occidental, contém uma população grande, mas desgraçada; de dia ás portas e na rua se vêem figuras pallidas e magras de mulheres e crianças mal vestidas, tomando o sol ou dobando algodão, aonde se conta por novidade ou entretenimento a felicidade de uns e a desgraça de outros para melhor esquecer a miseria propria.

Por essa occasião se póde observar e avaliar a população demasiada que estas ruas, aliás bem situadas, direitas e largas, contém. As muitas habitações mesquinhas, frias e humidas, por se encontrarem algumas abaixo do nivel dos terrenos proximos, encerram familias numerosas, que pelos seus poucos meios não podem sustentar uma limpeza sufficiente; e assim a accumulação de gente e reunião de fogos em mui circumscripto espaço, e outras circumstancias mais, todas desfavoraveis á hygiene publica e individual, podem dar logar e origem a molestias graves, ou mesmo entreter em épocas epidemicas a affecção dominante.

Eis a razão porque este genero de edificação é de todos o peor, não só para a saude publica, mas tambem para a policia.

saia ou um simples vestido velho e sujo, que lhes cobre o corpo, sendo n'esta especie proverbial a carencia de roupas brancas. N'algumas servem-lhes de camisa immundos farrapos que abrigam a indecorosa pelle e simultaneamente asquerosos insectos.

A exposição constante ao tempo, as molestias e os vicios alteram a physionomia d'estas mulheres d'um modo indiscriptivel. Em geral são idosas, feias e immundas e muitas d'ellas apresentam na pelle do ante-braço um desenho a tinta azul de cruzes, rozetas, etc. Passeiam de noite nas ruas e praças publicas de maior transito, pelo que soffrem frequentes vezes a pena de prisão; fumam o seu cigarro para se fazerem conhecer, ou dirigem-se ao viandante e pedem *dez reizinhos*.

E' muito para lastimar que, apesar de todos os exforços da policia, se encontrem de mistura com estas vagabundas creanças de mui tenra edade na mais degradante miseria, e completamente perdidas na libertinagem [1].

Não é sem razão que estas mulheres são lucifugas; os seus vestidos, sordidos andrajos, exhalando um cheiro repellente, a voz rouca e a physionomia estragada, compõem um todo d'aspecto hediondo, que tornam estes seres tão repugnantes quanto desgraçados. Contentam-se com uma pequena moeda de prata por salario, e são mui dadas ás bebidas espirituosas.

---

[1] Era para desejar um asylo que recolhesse estas creanças vadias e inteiramente corruptas, onde o trabalho e o exercicio espiritual fortificasse o corpo e distrahisse o espirito do vicio, onde a educação physica e moral, salvando-as da miseria e do desprezo, transformasse estes pequenos seres desventurados em mulheres prestantes a si e á sociedade.

Eis pois o que logrou o ex.^mo sr. conde da Ponte, creando um estabelecimento d'este genero no Porto, em 1853, quando governador d'este districto. Foi para este effeito alugada uma casa na rua de Traz da Capella das Almas, onde foi inaugurado o pequeno asylo de raparigas abandonadas; porém as pequenas proporções e commodidades que uma simples e pequena habitação, como esta era, poderia offerecer a uma tal instituição, obrigou s. ex.^a a transigir com o administrador do Recolhimento das mulheres convertidas, que consentiu em que as raparigas abandonadas fossem habitar parte do seu recolhimento, sem detrimento das velhas alli alojadas.

Foi primitivamente instituido este Recolhimento das velhas, debaixo do titulo de Recolhimento das mulheres convertidas, sob a invocação de N. Senhora do Resgate e Livramento, por Antonio Lourenço de Jesus, fabricante de sedas em 1813, n'uma casa dentro d'um quintal situado ao lado occidental da rua de S. Jeronymo.

Diz-se que este bom cidadão, por desvarios na sua mocidade, desprezando uma mulher com quem manteve relações amorosas, indirectamente fôra causa da sua prostituição. Mais tarde, este resultado do seu proceder leviano fez-lhe peso na consciencia, e querendo expurgar-se do atroz pesadêlo, a expensas suas e d'almas caritativas deu origem a um agasalho para o ultimo quartel da vida d'aquellas desgraçadas, que arrependidas e cançadas na libertinagem e devassidão em que cahiram voluntariamente, se dedicassem ao culto divino, retirando-se para sempre do mundo, a passar vida sobria e penitenciária.

Inaugurou, pois, com sete mulheres este estabelecimento de beneficencia, que incendiando-se em 1820, mudou para a rua Direita, hoje de Santo Ildefonso, para uma casa que comprou com a ajuda de pessoas caridosas. Tractou durante a sua vida esse consciencioso homem com desvello, caridade e amor, esta pia instituição, que por sua recommendação passou depois da sua morte a ser administrada por cavalheiros zelosos na piedade,

Apesar, porém, d'estas circum ancias, não deixam de ter o seu amante a quem soffrem maus tratos, e que ( )or via de regra soldado, jogador da *vermelhinha*, [2] cavalheiro d'industria, ı ratoneiro.

A crapula, a miseria e a falta de meios necessarios á vida conduzem estas desgraçadas ao total desleixo do physico e do moral, sujeitam-nas a um aviltamente improprio da especie humana. Os maus tractos, as pancadas e as enfermidades, são outros tantos infortunios que pezam sobre estas infelizes, cuja vida é um complexo de isolamento e miseria, de vicios e torpezas.»

Depois d'estas considerações vem a proposito fallar de uma das causas mais fataes da miseria das prostitutas. E' a syphilis, o velho ou moderno flagello dos libertinos.

«Qualquer, pois, que seja a fonte da syphilis, ou ella fosse importada como novidade, o que não merece de se crêr, ou ella já existisse para recrudescer no fim do seculo XV com novas fórmas e resultados ameaçadores, terriveis e até fataes, o que é verdade é que só desde então começou a ser temida e conhecida pelo nome que hoje tem, de *mal-venereo*.

Propagou-se por toda a parte esta horrivel molestia, desfigurando muitos

---

até que em 1853, reunindo-se-lhe a instituição do ex.^mo^ conde da Ponte, começou a ter a denominação de Asylo de raparigas abandonadas, sob a invocação de Resgate e Livramento.

E' esta casa administrada por uma commissão de piedosos cavalheiros, que ao mesmo tempo lhe sollicitam as esmolas e donativos para a sua sustentação.

O numero de raparigas fixado pelos seus estatutos é de 30, podendo no futuro ser ampliado segundo as forças pecuniarias; é para sentir que este humanitario estabelecimento, podendo como habitação comportar um maior numero, não possa satisfazer as necessidades reclamadas presentemente pela insufficiencia de meios, pois segundo consta não tem por fundos senão a caridade e por bens de raiz mais do que o predio que occupa. No emtanto, gloria ao seu instituidor, que arrancou do abysmo esses entes desventurados, que ora são perfilhados pela caridade; e honra seja feita ás commissões administrativas pelo zelo e abnegação com que dispensam cuidados e meios a esta benefica e humanitaria instituição, que além do pessoal empregado no serviço interno já contém um numero superior ao marcado nos seus estatutos; e praza aos bons que ella possa no futuro admittir todas as desgraçadas nas condições de o ser, como eu penso que assim acontecerá.

[2] O jogo da vermelhinha faz-se com tres cartas, duas pretas e uma vermelha, collocadas sobre a meza com a estampa para baixo; o que adivinha qual d'ellas é a vermelha ganha no jogo, e por isso lhe deram o nome da vermelhinha.

Consiste, pois, este horrivel jogo na prestidigitação ou manobra manual e rapida com que voltam as tres cartas, illudindo os espectadores, que, além do ganho, têem gloria em adivinhar, e por isso se tentam sempre com grave prejuizo seu. Este jogo é exercido por homens de mui baixa condição, ociosos e vadios, que por este meio enganam os incautos e ignorantes, lavradores, operarios e artistas. Apparecem nas feiras d'anno na provincia e terras pequenas, porém a sua petulancia leva-os tambem ás principaes cidades, onde muitas vezes são presos e condemnados como vadios, que assim os considera o Codigo Penal no artigo 264.º e os condemna em seis mezes de prisão, sendo depois entregues ao governo para lhes fornecer trabalho; artigo 256.º do mesmo Codigo.

e matando mais nas torturas das dôres osteo-copas, que simultaneamente com os tuberculos, pustulas e demais manifestações da pelle, consomem as infelizes atacadas.

O contagio facil, a hediondez do mal e a consequencia fatal, quasi certa infundiam horror e susto a quantos presenceavam os accidentes da desastrosa epidemia, e os doentes pereciam abandonados pelos amigos, pelos medicos e até mesmo pela familia: em Strasburgo foi prohibido a todos—*cabarétières, aubergistes, chirurgiens, baigneurs, de traiter ces malades ou de les recevoir; que les hospitaux, les leproseries mêmes leur furent fermés; que toute la communication avec eux fut interdicte aux citoyens; qu'enfin ceux qu'étaient sans ressources succombèrent en grand nombre dans les rues et dans les campagnes.*

Eis as proprias palavras do *Diccionario das Sciencias medicas*, que mostram bem claramente o estado de infortunio e bem digno de compaixão a que eram necessariamente votados os individuos infectados, os quaes se affastavam de todos os recursos da medicina e da caridade.

Estes infelizes, assim desprezados e sem abrigo, acabavam nas ruas de fóme e de dôr, sem allivio nem consolação ao menos do parente ou do amigo.

Que pavorosa desolação não deveria ser!

O mesmo acontecia em outras partes que em Strasburgo, e passando o seculo XVI como o mais philantropico e menos rigoroso, em França lutou debalde o parlamento por mais de vinte annos com a administração de diversos hospitaes, cujo fim principal é prestar soccorros a doentes para que ao menos os pobres fossem recolhidos e tractados, considerando-os como seres soffredores e desprotegidos, e não como exclusivamente culpados do seu estado. Pois era tal o desprezo com que se olhavam estes individuos, que não tinham admissão em hospital algum, e quando por fraude tivesse um desgraçado transposto as portas, era expulso com infamia depois de castigado.

Foi só no começo do seculo XVII que as meretrizes mereceram alguns cuidados, sendo admittidas a tratamento, e assim mesmo não as consentiam senão nas prisões; mas que tratamentos barbaros, que cuidados tão desconsoladores e deshumanos!

Todos os pedidos, todos os mandados da authoridade não eram ouvidos nem satisfeitos pelas administrações dos hospitaes, e quando forçadas por circumstancia maior a receberem alguns venereos, dentro em pouco eram postos na rua. Emfim, cançados os magistrados de recorrer inutilmente á caridade d'estes estabelecimentos, e reconhecendo a necessidade de pôr termo a caprichos e prejuizos de nocivas consequencias, resolveram montar um hospital especialmente para venereos, onde recebiam os doentes pobres, e assim mostraram mais humanidade e caridade do que aquelles que a deviam ter por obrigação.

Mais tarde, porém, destruidas já em parte pela pratica as apprehensões, começaram alguns hospitaes a abrir as suas portas aos syphiliticos.

Todavia, com tal reserva o faziam, que as delongas na admissão faziam perder o animo e a esperança dos que procuravam ahi evitar a morte certa.

A falta de hygiene nas enfermarias d'estes doentes, a pouca consideração por elles, e o atrazo dos conhecimentos medicos n'esta especie, permittiam ainda

Uma cortezã portugueza do seculo XVI

uma grande mortalidade nos hospitaes, e só no fim d'este seculo é que se conheceram verdadeiros progressos na therapeutica e hygiene d'esta molestia.

O escandaloso philosophismo do seculo XVIII, imperando com todas as forças da molevolencia em França, dava largas á perversão dos costumes, e favorecia por isso em muito o contagio d'essa horrivel molestia, que produzia serios e inevitaveis estragos na humanidade já bastante afflicta.

Então sufficientemente animados os governadores do Estado d'um espirito de compaixão pelos funestos acontecimentos de um tal estado, tentaram, d'accordo com os medicos, isolar os individuos affectados, para assim diminuir a quantidade dos agentes activos do contagio.

Nasceu d'aqui a ideia de submetter as meretrizes a uma inspecção. A execução, porém, d'esta medida, encontrou difficuldades, como todas as cousas ao principio as tem, que não permittiram levar a effeito um projecto tão proveitoso a toda a humanidade.

O temor das iras do povo, que a julgava fautora do vicio, e por tanto mais nocivo do que proveitoso, foi talvez, o principal obstaculo.

A demasiada licença do seculo, dando logar á corrupção e ao escandalo, obrigou o Directorio executivo de França em 1796 a sollicitar a repressão das mulheres publicas, opprobrio do seu sexo e flagello do outro.

Em 1800, reconhecendo o consulado a necessidade da inspecção sanitaria já projectada e de muito planeada, tornou-a efficaz pela creação da prefeitura de policia, e impoz-lhe uma taxa como antigamente em Athenas e Roma era estabelecida, o que tudo a opinião publica reprovou, por entender que assim se protegia a immoralidade.

Mais tarde, o profeito Mr. de Belleyme, conseguiu uma conveniente repressão, e foi desde então que começou realmente a policia medica a vigiar periodicamente a sanidade das meretrizes.

Estabeleceram uma casa, sob o titulo de *Dispensaire de Salubrité*, onde as raparigas ainda hoje recebem gratuitamente conselhos e medicamentos em circumstancias peculiares, pelas quaes não entram no hospital, e as despezas da inspecção eram feitas á custa da receita das visitas demiciliarias ou particulares, como entre nós.

Em 1828 foi abolido este imposto, e todas as despezas começaram a ser abonadas pelos municipios. Tem hoje todas as cidades da França, da Belgica e dos outros paizes este ramo de policia mui bem montado, e se em Portugal não podemos dizer outro tanto com referencia a todas as cidades, ao menos estamos a par d'estas nações, pelo que toca ás principaes cidades de Lisboa e Porto, como vamos vêr resumidamente com relação á primeira e circumstanciadamente pelo que diz respeito á segunda.

O que acabamos de observar nas outras nações e mais particularmente em França, pode-se dizer que em Portugal a prostituição mereceu similhante consideração da policia, sem comtudo transluzir da legislação, a este respeito, a exageração do despotismo e acção barbara dos seculos proximos, e seguintes á grande epidemia.

Talvez o genio da nação e a moderação dos legisladores concorressem

para a satisfação de medidas policiaes, convenientes sempre ao estado e á época, sem o desforço contra um mal digno da tolerancia e compaixão de todos.

Assim pois se vê:

«Nos alvarás de 8 de julho de 1521 e 12 de junho de 1538; ordenação liv. 1.º, tit. 22, § 4.º, tit. 24, § 38.º, e 2 de junho de 1570, que designam as ruas de Lisboa em que as mulheres publicas podem habitar, repetido no alvará de 25 de dezembro de 1608, §§ 22 e 39, cuja legislação ainda vigora: nas ordens da intendencia geral da policia de 27 d'abril de 1781, e 22 de maio de 1807, § 5.º, que sujeitam as meretrizes á visita da inspecção; a serem presas e tratadas nos hospitaes ou nas cadeias quando forem encontradas doentes; a serem expulsas das terras as que dão escandalo ou resistem á policia; e a viverem nas ruas que lhe forem designadas.»

«Em quanto ás ruas em que lhes foi prohibido habitar em Lisboa, podem vêr-se os editaes de 6 de maio de 1848 (D. G. 112), de 6 de agosto e 8 de setembro de 1857, (D. G. 196), 28 de outubro e 13 de novembro de 1852 (D. G. 261 e 274), 22 de maio de 1854 (D. G. 124), e 1 de dezembro de 1856 (D. G. 286).

«Por edital de 14 d'agosto de 1844 ordenou o governador civil de Lisboa que se fizesse a matricula de todas as prostitutas da capital, que lhes fosse prohibido habitar em certas ruas, que fossem sujeitas a uma visita sanitaria periodica, etc.

«Estas disposições caducaram, em virtude da revogação do decreto de 18 de setembro de 1844, lei organica da repartição de saude.

«Foi de novo regulado este serviço por edital de 30 de julho de 1858, (D. G. 181), supprimindo-se a designação das ruas em que as prostitutas deviam habitar, ficando ao arbitrio da policia conceder-lhes a habitação em qualquer rua.

«A visita sanitaria das meretrizes é feita em Lisboa em dispensarios pelos sub-delegados technicos do conselho de saude publica. (Port. de 25 de maio de 1859).

«As meretrizes encontradas doentes devem ser mandadas apresentar no Hospital de S. José, acompanhadas de uma guia, em que se indique a especie de molestia que padecem, e ser recebidas no hospital em vista d'este documento, sem nova visita de inspecção no banco, hão de ser tratadas na enfermaria da syphilis, e não podem ter alta sem estarem completamente curadas, ainda que a peçam.

(Port. de 17 de março de 1846, 16 d'agosto de 1861, ao hospital de S. José.)

«Aonde não houver hospitaes podem as meretrizes doentes ser obrigadas a curar-se na cadeia, se preciso fôr.

(Port. de 18 de setembro de 1856, collecção de leis, supplemento, pag. 54.)

Nada ha escripto sobre a historia da prostituição com referencia ao Porto, e as medidas regulamentares de policia e sanidade das meretrizes são dos nossos

dias, e portanto, tão contemporaneas, que só poderemos apontal-as aqui segundo informações e alguns documentos archivados que a custo consegui.

No anno de 1843 manifestava-se o virus syphilitico na guarnição militar da cidade por forma tal, que o general sollicitou do Governador do Districto providencias que attenuassem o contagio na soldadesca.

Consultado immediatamente o Delegado de Saude, ordenou S. Ex$^{a}$. o Sr. Conde de Terena, então Governador, que fossem arroladas as prostitutas e sujeitas a uma inspecção. Encarregou-se o digno Delegado de saude do Districto o Ill$^{mo}$. Sr. João Vieira Pinto da instituição d'este ramo de policia, procedendo desde logo á inspecção das mulheres que as Administrações iam matriculando.

Por muito tempo foram sujeitas ao exame de sanidade regulamentar sem que uma medida regulamentar designasse um regimen em relação com a moral ou a prophylaxia da syphilis mais do que a matricula e a inspecção, como se vê na seguinte advertencia servindo então de regulamento:

«Nenhuma mulher poderá residir mais de 24 horas n'esta cidade, sem «se haver matriculado na Administração do Bairro em que fixar a sua residen- «cia; e em seguida se deverá apresentar immediatamente ao respectivo facul- «tativo encarregado da inspecção sanitaria. A falta de matricula, e d'apresen- «tação todos os oitos dias á inspecção, a de deixar de participar qualquer mu- «dança de residencia ao Administrador do respectivo bairro, e, finalmente, a «infracção de qualquer determinação, que lhe fôr communicada a bem da boa «ordem, será punida com todo o rigor das leis.»

Era esta a primeira norma regulamentar de policia sanitaria com que foi installada a inspecção das meretrizes. Passado pouco tempo, começou esta a ser exercida por facultativos civis mas devidamente authorisados pelos administradores dos bairros, a quem compete vigiar a prostituição, segundo o artigo 249.°, §§ 7.° e 9.° do *Codigo Administrativo,* esta nova funcção, que demasiadamente sobrecarregava o digno delegado, já bastante pesado dos negocios da delegação de saude a seu cargo, e que elle só exerce, devendo todo este serviço ser antes repartido por uma *commissão de tantos technicos quantos os bairros,* do que entregue a uma só pessoa, embora incansavel.

N'uma delegação de saude importante como a do Porto não póde um só funccionario attender simultaneamente a tão variadas circumstancias, como muitas vezes apparecem d'immediato expediente n'esta repartição, onde qualquer demora prejudica sempre os interesses do commercio, da industria, ou do particular.

Por tanto, são a todos os respeitos mui dignos da attenção e consideração do conselho de saude publica e do governo, as delegações de saude em geral, que as suas muitas attribuições incumbidas a uma só pessoa não permittem no presente facilidade d'acção e execução, pelo modo como estão montadas, e exigem uma melhor recompensa os funccionarios d'esta ordem que deva até certo ponto authorisar uma independencia relativa.

Era n'esse tempo mui limitado o numero das prostitutas sujeitas á inspecção, e apesar de gratuita no seu começo necessitava-se da força para as compellir e obrigar ao exame, que todas procuravam evitar pela ideia do ve-

xame que se lhe apresentava pela palavra *inspecção*. A execução, porém, d'esta medida, era uma necessidade reconhecida por todos; todavia dava nascimento ao patronato que a difficultava grandemente. Mais tarde o numero já crescido das meretrizes obrigou a estabelecer duas cathegorias em relação á inspecção, e assim esta se chamava geral ou particular, segundo o logar onde se fazia.

A primeira era gratuita, como ainda hoje, e a segunda feita no proprio domicilio custava 160 réis por cada visita.

D'estes unicos proventos se faziam as despezas d'inspecção e se pagavam os ordenados de um facultativo e de um cabo, ambos nomeados para o serviço de policia sanitaria.

Assim se conservaram as cousas por alguns annos, porém a pratica mostrou a necessidade de estatuir normas regulamentares mais energicas, que designassem ao mesmo tempo o serviço medico e o policial.

Começaram a ter vigor pelo anno de 1853 as disposições, cujo modelo, fielmente copiado, é o seguinte:

## REGULAMENTO SANITARIO DAS MERETRIZES DO PORTO

Art. 1.º Nenhuma mulher publica poderá residir mais de 24 horas dentro da cidade, sem que tenha aberto matricula na respectiva administração do bairro em que fixar a sua residencia.

§ 1.º E' mulher publica toda aquella que fizer profissão habitual do seu corpo por estipendio ou paga.

Art. 2.º Toda a mulher publica é sujeita á inspecção sanitaria.

§ 1.º A inspecção é geral ou particular.

§ 2.º A geral terá logar todos os oitos dias n'uma casa para isso destinada e será gratuita.

§ 3.º A particular será na habitação das meretrizes que assim o requererem ao respectivo magistrado do bairro, pagando por cada visita 160 réis.

§ 4.º Na Semana Santa não ha inspecção.

§ 5.º Nenhuma patrôa das casas toleradas poderá jámais consentir em sua casa mulher alguma publica, sem que esta tenha ido previamente colher da administração do bairro o respectivo livro de matricula.

Art. 3.º Toda a meretriz terá um livro de matricula, que receberá gratis na administração do bairro em que residir.

§ 1.º Este livro conterá todos os signaes da matricula, altura, filiação, naturalidade, etc.

§ 2.º Toda a meretriz apresentará ao facultativo da inspecção o livro de que tracta o § antecedente, em cujas paginas o mesmo facultativo declarará por escripto o estado da inspeccionada.

§ 3.º Sendo desfavoravel á meretriz o resultado da inspecção, dará immediatamente baixa ao hospital, requesitando o cabo da inspecção a respectiva guia da administração, e quando der alta do hospital apresentar-se-ha ao facultativo com a guia que de lá trouxer rubricada pelo fiscal.

Art. 4.° Toda a meretriz póde passar da revista geral para a particular e vice-versa.

§ 1.° Para ter logar porém esta concessão, é mister licença do magistado do local em que residir a meretriz.

§ 2.° A passagem não poderá ter logar senão com antecipação da visita.

Art. 5.° E' permittido á meretriz eliminar o seu nome do registro existente na administração em que residir, dando-se os seguintes quesitos:

§ 1.° Em caso de casamento.

§ 2.° Quando prove que se não verificam as disposições do § 1.° do art. 1.°

§ 3.° Quando fixar a sua residencia fóra do concelho do Porto.

§ 4.° Quando passe a ser theuda e mantheuda primitivamente por qualquer individuo.

§ 1.° As disposições d'este quesito nunca poderão verificar-se, sem que a pessoa que se encarregar da manutenção da meretriz assigne termo na administração onde ella residir.

Art. 6.° Nenhuma meretriz poderá mudar de residencia, mudando de bairro, sem previa licença do Magistrado do local em que residir.

Art. 7.° Nenhuma meretriz poderá jámais faltar á inspecção sanitaria, salvo allegando motivo justificado.

Art 8.° Todas as meretrizes que alterarem ou transgredirem o disposto em cada um dos artigos e seus paragraphos d'este regulamento, serão punidas correccionalmente com a pena de desobediencia.

Foi verdadeiramente este o primeiro regulamento de policia sanitaria que appareceu a regular a inspecção e dar força de lei aos actos policiaes, sobretudo pelo que dizia respeito aos facultativos então mui embaraçados na execução das medidas hygienicas e de policia, que as prostitutas n'esse tempo altamente dissolutas não respeitavam. Era este regulamento tão singelo e modesto que não continha assignatura alguma a auctorisal-o. Apesar, porém, de não ter procedencia conhecida, foi posto em pratica, e deu o resultado ha muito tempo desejado.

Appenso sempre ao livreto da inspecção, era logo seguido d'outra pagina onde se inscrevia o nome, naturalidade, edade, estado, filiação e signaes particulares da mulher a quem pertencia, depois da matricula feita na respectiva administração. Passados tres annos, appareceu outra edição d'este mesmo regulamento, com os seguintes accrescentes:

Ao artigo 2.° mais um §: —«Toda a dona de casa tolerada que infrin-«gir o disposto no § antecedente pagará uma multa a arbitrio do magistrado, «que reverterá em beneficio d'um estabelecimento de caridade, ou soffrerá a «pena de prisão d'um a tres dias.»

Ao art. 4.° mais um §: —«Toda a meretriz que por desleixo ou propo-«sito estragar este livro, será obrigada a pagar a quantia de 240 réis por um «outro novo, revertendo esta quantia em beneficio de um estabelecimento de «caridade.»

Ao § 1.º do art. 5.º mais o seguinte: — «E dê para um estabelecimento «de caridade uma esmola a arbitrio do magistrado.»

Já se vê que este augmento ao regulamento não é mais do que a imposição de penas, cuja falta muito era para notar n'um regulamento: pois pode dizer-se que não ha regulamento possivel sem penas.

O resultado d'estas quantias tinha uma applicação humanitaria, e vinha a servir para ajuda da sustentação do asylo de raparigas abandonadas onde se recolhiam algumas das raparigas infelizes, que a auctoridade entendia se poderiam ainda aproveitar com o regimen de vida mui differente n'aquella casa.

Foi por esta occasião elevado o preço das visitas particulares a 240 réis, e reforçado o serviço por mais um cabo; tinha esta edição mais correcta e augmentada o cunho official, que lhe dava a assignatura dos tres administradores dos bairros então em serviço.

Deve-se, porém, notar que a execução d'este regulamento, pelo que diz respeito tanto ao serviço medico como policial, estava toda entregue aos facultativos visitadores, debaixo de sua responsabilidade e d'accordo com os administradores que n'elles depositavam confiança, o que muito contribuiu para um certo grau de moralisação das prostitutas, consideração e respeito aos inspectores.

Frequentes vezes se dava a circumstancia de perderem ou inutilisarem o livreto as raparigas que o deviam apresentar no acto da inspecção, e n'este caso, até obterem outro, era declarado o seu estado sanitario n'um cartão, cujo modelo era o seguinte:

## INSPECÇÃO SANITARIA — DISTRICTO DO PORTO

**MATRICULA GERAL N.º . . .**

*Nome*
*Filiação*
*Estado*
*Naturalidade*
*Edade*
*Residencia*
*Estado sanitario*

Até setembro de 1860 vigoraram estas medidas e foram diversos os facultativos encarregados d'este serviço policial e sanitario. Porém n'este mesmo mez e anno, sendo governador do districto s. ex.ª o sr. visconde de Gouvêa, querendo bem attender ás conveniencias que necessariamente traz um bom regulamento, assim como diminuir as probabilidades de infecção, garantindo tanto quanto ser possa a humanidade do contagio syphilitico, e em conformidade com o disposto no artigo 227.º, § 4.º, do codigo administrativo, reformou o regulamento sanitario, ampliando-o e modificando tanto o serviço medico como policial, pela fórma como se poderá vêr na seguinte e fiel copia:

## Regulamento policial e sanitario das meretrizes do concelho do Porto e do de Villa Nova de Gaya

Querendo regular a policia sanitaria das meretrizes por fórma que sejam devidamente attendidos os interesses da saude pubtica, adoptando-se ao mesmo tempo outras provisões que a experiencia tem aconselhado e são tendentes a minorar os males, de que é causa a prostituição, tenho por conveniente mandar observar os seguintes artigos:

Art. 1.º E' considerada como meretriz a mulher que facilita o goso do seu corpo a differentes homens, mediante paga em dinheiro ou uma retribuição qualquer.

Art. 2.º São toleradas todas as meretrizes que se sujeitarem ao presente regulamento. As que não se submetterem a elle, ou que o administrador respectivo julgar incorregiveis serão expulsas dos concelhos do Porto e Villa Nova de Gaya, ou entregues ao poder judicial, conforme as circumstancias e segundo as prescripções legaes.

Art. 3.º Nenhuma meretriz poderá residir dentro do concelho do Porto, ou do de Villa Nova de Gaya mais de oito dias sem se matricular no registo geral estabelecido na secretaria do 2.º bairro, e alli assignar termo de se sujeitar a todas as disposições d'este regulamento, que lhe será lido no acto da matricula.

Art. 4.º Além das meretrizes que publicamente se apresentam como taes, são tambem obrigadas a matricula todas as mulheres que os respectivos agentes de policia encontrarem nas casas toleradas, exercendo a prostituição e bem assim as que por tres vezes forem tratadas de venereo no hospital, salvo se perante a auctoridade allegarem motivos attendiveis para o contrario.

Art. 5.º A matricula das meretrizes consiste na inscripção do nome n'um livro para esse fim destinado, no qual se especificará o estado, edade, filiação, naturalidade, signaes caracteristicos, ultimo domicilio, época em que se votaram á prostituição, e profissão anterior, apontando-se na casa das observações quaesquer outras circumstancias mais, que sejam interessantes para a historia da prostituição no Porto.

§ unico. No acto da matricula devem as matriculadas apresentar certidão d'edade, e sendo expostas, um documento correspondente passado pela roda aonde foram creadas.

Quando não poderem apresentar estes documentos legalisarão aquella circumstancia por meio de uma justificação verbal ante o respectivo administrador.

Art. 6.º Não serão admittidas á matricula as menores de dezeseis annos. Quando os administradores dos bairros ou de Villa Nova tiverem noticia de que alguma rapariga n'estas circumstancias se entrega á vida da prostituição, darão immediatamente ordem para ser restituida aos paes, ou a qualquer parente, que se responsabilise pelo seu bom comportamento futuro, aconselhando-a a abandonar a carreira da perdição em que foi lançar-se; ou promoverão que seja recebida em algum recolhimento publico de beneficencia.

Art. 7.º Na occasião da matricula receberá cada uma das matriculadas um livro contendo todas as circumstancias designadas no art. 5.º, o qual servirá para depois se notar o resultado da inspecção sanitaria a que ficam obrigadas.

Este livro custará 120 réis e terá impresso nas primeiras paginas este regulamento.

Art. 8.º Póde requerer-se, e será concedida, a eliminação do nome do livro de registo, allegando-se e provando-se algum dos seguintes casos: — 1.º casamento — 2.º bom comportamento, e ter meios para viver honestamente — 3.º molestia organica que impossibilite de continuar na vida da prostituição.

§ 1.º Quando apenas se allegar mudança de residencia para fóra do concelho, ou bairro, ou que passam a ser theúdas e mantheúdas, tomar-se-ha nota d'isso sem comtudo se eliminar o nome da matricula. A mancebia não será attendida, quando fôr com menores de vinte e cinco annos não emancipados, homens casados ou soldados.

§ 2.º Passando a ser theúdas e mantheúdas, é necessario que o individuo que toma a seu cargo a manutenção, assigne termo na administração do bairro aonde a meretriz reside, responsabilisando-se pelo comportamento futuro d'ella, e a dar parte logo que esse a mancebiace, devendo mostrar que possue meios para a sua sustentação.

§ 3.º A meretriz que mudar de residencia, mudando de bairro, com licença do respectivo magistrado administrativo, deverá immediatamente apresentar-se ao administrador do bairro para onde vae residir de novo.

Art. 9.º As meretrizes, cujo nome fôr eliminado do registo, ficam durante dois mezes sujeitas á vigilancia da policia, para se verificar a verdade do fundamento allegado, e quando se reconheça ter havido fraude, abrir-se-ha de novo a matricula.

Art. 10.º E' expressamente prohibido ás meretrizes: — 1.º entrar nos jardins publicos da cidade e nos theatros: — 2.º estacionar nas ruas e praças publicas, formando grupos ou entretendo conversas deshonestas: — 3.º apresentarem-se em trajos offensivos do pudor: — 4.º permanecerem á porta da casa ou ás janellas de maneira indecente: — 5.º procurar ou attrahir a attenção dos transeuntes com palavras ou acenos escandalosos: — 6.º divagarem de noite pelas ruas.

§ unico. Exceptuam da prohibição do n.º 1.º as que tiverem assignado o termo de fiança de que tracta o art. 12.º

Art. 11.º As meretrizes podem residir em quaesquer ruas da cidade, em quanto o seu mau procedimento não tornar necessario removel-as para os sitios destinados ás incorregiveis; não serão comtudo toleradas ao pé de collegios de educação, na visinhança dos templos, proximo das escolas e dos grandes estabelecimentos publicos, dos quarteis dos soldados, das hopedarias, nem da habitação dos funccionarios superiores.

Art. 12.º As meretrizes que assim quizerem residir fóra dos locaes designados para as incorregiveis, prestarão fiança idonea, e assignarão termo, em

que se obriguem a conservar fechadas as vidraças ou os rotulos das janellas, e corridas as cortinas, tanto de dia como de noite, a não residirem em andares terreos, a não escandalisarem a visinhança com palavras deshonestas, arruido ou canto de qualquer ordem.

Quando as meretrizes viverem associadas em commum, haverá sempre uma com o titulo de patrôa, que responda pelo socego, e boa ordem das mais que estiverem debaixo da sua direcção, e bem assim pela observancia das prescripções d'este regulamento.

Art. 13.° As mulheres que pretendem ser patrôas dirigirão um requerimento ao administrador do bairro respectivo, declarando o nome da rua aonde se vão estabelecer e o numero da porta; —quantas meretrizes vão ter debaixo do seu regimen e direcção, nome, edade, filiação e naturalidade de cada uma, e os artigos do contracto com estas celebrado.

Art. 14.° A licença será concedida pela auctoridade respectiva á face de documentos, que mostrem ter a impetrante mobilia e utensilios necessarios ao bom regimen, aceio e salubridade da casa; que não é dada á embriaguez nem tem caracter turbulento: e depois de assignar termo, em que se responsabilise a observar á risca as disposições d'este regulamento, sujeitando-se a todas as penas n'elle comminadas.

§ 1.° Pelo alvará de licença pagar-se-hão 4$800 réis, que devem entrar no cofre competente.

§ 2.° Os administradores dos bairros, e o do concelho de Villa Nova de Gaya, acompanhados dos respectivos inspectores, procederão a syndicancias periodicas, nas casas das meretrizes, para verificarem se ahi se encontram as condições de aceio e limpeza reclamadas pela hygiene, e prescriptas nas instrucções dos facultativos, procedendo no caso d'infracção contra as transgressoras, nos termos e em harmonia com este regulamento.

Art. 15.° As patrôas são responsaveis pelas desordens ou crimes commettidos nos estabelecimentos debaixo da sua direcção, e pelo estado sanitario das meretrizes que tiverem em casa, com relação ao virus venereo, e cumprelhes tambem dar parte da sahida, entrada ou mudança de domicilio de qualquer meretriz que esteja em sua companhia, e bem assim da cessão ou trespasse que pretendam fazer do estabelecimento.

Art. 16.° Nem as patrôas nem as meretrizes matriculadas podem ter na sua companhia, a titulo de parentas ou amigas, mulheres menores de 50 annos, ou suas proprias filhas, de qualquer edade que sejam. Quando não tiverem meios de sustentar e educar estas em casa separada, procurar-se-ha que sejam admittidas na Asylo das raparigas abandonadas.

Art. 17.° Os administradores dos bairros, ou os seus agentes, podem a toda a hora entrar em casa de qualquer meretriz matriculada, para exercerem a fiscalisação que as leis policiaes e este regulamento determinam.

Art. 18.° Além das casas consentidas pela auctoridade, nos termos dos artigos 12.° e 13.°, nenhuma outra poderá estabelecer-se, sob pena de procedimento contra quem a houver estabelecido.

As casas de alcouce aonde a occultas se reunem homens e mulheres para

se entregarem á prostituição, ficam absolutamente prohibidas, da publicação d'este regulamento em diante.

Art. 19.º Nas casas em que as meretrizes exercerem a prostituição, empregar-se-hão os meios prophylaticos e preventivos do virus venereo, indicados nas instrucções respectivas que fazem parte tambem d'este regulamento.

Art. 20.º Qualquer mulher que não tendo meios conhecidos de subsistencia receber em sua casa visitas de diversos homens, considera-se suspeita, e n'essa qualidade será chamada perante o administrador do bairro respectivo para justificar o seu comportamento, e quando o não faça satisfactoriamente será intimada para a inspecção sanitaria, considerando-se como meretriz para todos os effeitos d'este regulamento.

Art. 21.º Todas as prostitutas inscriptas no registo são obrigadas á inspecção sanitaria, como meio de se verificar se estão ou não contagiadas do virus venereo.

Art. 22.º A inspecção é geral ou particular.

§ 1.º A geral é gratuita, e tem logar uma vez cada semana, nas casas para esse fim destinadas, nas segundas, quartas e sextas-feiras, para o que se formarão tres turnos de meretrizes, com relação áquelles dias, e ás casas de inspecção mais proximas da sua residencia.

§ 2.º A particular effectua-se na residencia das prostitutas, quando assim o requererem ao respectivo administrador do bairro, pagando para o cofre especial d'este ramo de policia, por cada visita, sendo uma só em casa independente 240 réis, sendo duas ou tres 200 réis cada uma, sendo mais de tres 160 réis.

§ 3.º As meretrizes que forem á inspecção geral não podem apparecer nas ruas de transito em grupos de mais tres, nem trazer á vista o livro de que trata o art. 7.º

§ 4.º Nas ruas de transito proximo ás casas da inspecção, andarão patrulhas nos dias acima declarados, ás horas competentes, para fazerem que as meretrizes não escandalisem o publico, quando passarem, com palavras ou gestos indecentes.

§ 5.º Nos dias santificados ou de grande gala, e na Semana Santa, não haverá inspecção, passando para os immediatos.

§ 6.º A inspecção sanitaria incumbe a tres facultativos, nomeados pelo governador civil, e que terão uma gratificação paga pelo cofre especial.

Art. 33.º Formar-se-ha uma junta policial e sanitaria, composta dos 3 administradores dos bairros, e do de Villa Nova, do delegado de saude e dos tres inspectores sanitarios, de um facultativo do hospital requisitado á Santa Casa da Misericordia, e presidida pelo governador civil.

§ unico. Esta junta reune-se mensalmente e tracta consultivamente de todos os meios de melhorar este ramo de policia.

Art. 24.º As patrôas são obrigadas a assistir por turno á inspecção das meretrizes, juntamente com o facultativo competente, no dia que lhes fôr designado.

Art. 23.º No acto da inspecção devem as meretrizes apresentar impre-

terivelmente o livro que lhes houver sido entregue por occasião da matricula, para n'elle ser declarado o seu estado sanitario, com designação do dia e hora em que teve logar a inspecção.

Art. 26.° Quando pelo exame, a que procederem os facultativos, se conhecer que alguma meretriz está infeccionada de venereo, dará immediatamente entrada no hospital da Misericordia para ahi ser convenientemente tratada, levando uma guia, que o cabo d'ordens requisitará na administração do bairro competente.

§ 1.° Esta mesma guia deve acompanhar tambem a meretriz, quando sahir do hospital curada, trazendo então a rubrica do fiscal.

Art. 27.° No concelho do Porto haverá duas casas para a inspecção de todas as meretrizes, inclusivè as do concelho de Villa Nova.

Art. 28.° E' permittido passar da inspecção geral para a particular, e vice-versa, precedendo licença do administrador do respectivo bairro. A licença será concedida, uma vez que se sollicite com antecipação de dois dias.

Art. 29.° As meretrizes são todas obrigadas a tratarem-se nas enfermarias do hospital da Santa Casa da Misericordia, segundo as prescripções dos facultativos, e os regulamentos privativos da casa.

Art. 30.° As meretrizes não podem voltar a exercer o seu mister, sem terem estado o tempo necessario na casa d'observação, para que a cura se consolide.

Art. 31.° Emquanto se conservarem na casa de observação tem as meretrizes rigorosa obrigação de se sujeitarem ao regimen e prescripções hygienicas aconselhadas pelos facultativos do hospital, e além d'isso, cumprelhes tambem desempenhar os trabalhos proprios do seu sexo, e em relação ao seu estado, que lhes forem incumbidos pela administração do mesmo hospital.

Art. 32.° Não podem as meretrizes pertencentes á inspecção geral sahir da casa da observação senão nos dias da visita, para serem conduzidas pelo cabo d'ordens, afim de se averbar no livro proprio o seu estado sanitario, conforme prescreve o art. 7.° d'este regulamento.

Art. 33.° As prostitutas que forem julgadas incuraveis não poderão mais residir na cidade, ou Villa Nova, salvo recolhidas em algum hospital, ou asylo de beneficencia.

Art. 34.° Os facultativos encarregados da inspecção sanitaria das prostitutas, receberão d'ordenado 20$000 réis mensaes, por meio de folhas processada nas respectivas administrações

Art. 35.° E' dever dos facultativos, cuja commissão lhes impõe a maior responsabilidade, proceder ao exame sanitario das meretrizes com escrupulo, empregando as cancellas e os instrumentos proprios, de modo que haja toda a segurança do seu resultado.

Art. 36.° E' prohibido aos facultativos da inspecção examinar qualquer mulher infeccionada de venereo, que não esteja na matricula das meretrizes, mas que deva como tal considerar-se, ou mesmo tratal-a de qualquer molestia, sem dar parte ao administrador respectivo para a mandar incluir no registo.

Art. 37.° Além das visitas feitas semanalmente ás meretrizes, são os

facultativos competentes obrigados a fazer todas as mais que lhes forem encarregadas pelos administradores dos bairros.

Art. 38.° Aos mesmos facultativos incumbe igualmente confeccionar no fim de cada mez um mappa do movimento e estado sanitario das meretrizes, com todos os esclarecimentos e informações necessarias para o relatorio annual, que fica a cargo do delegado de saude do districto.

Art. 39.° Não é permittido aos facultativos inspectores delegarem em outros o desempenho das suas funcções. Quando por qualquer motivo se impossibilitem, communical-o-hão immediatamente, para se providenciar, como o caso o pedir.

Art. 40.° Os facultativos inspectores das meretrizes são auxiliados no desempenho das suas funcções por quatro cabos de policia, nomeados pelos respectivos administradores, com a denominação de *cabos d'ordens*.

Art. 41.° Os cabos d'ordens tem a seu cargo: — 1.° Acompanhar os facultativos inspectores á casa da inspecção geral do bairro e ás das meretrizes a quem se conceder licença para serem inspeccionadas no proprio domicilio. — 2.° Acompanhar ao hospital as meretrizes infeccionadas de venereo, e á casa das visitas as que regressarem curadas da casa de observação. — 3.° Receber e entregar na administração do bairro os honorarios das visitas particulares. — 4.° Apresentar aos facultativos a relação organisada nas administrações das meretrizes sujeitas á inspecção geral e das que tiverem requerido inspecção no proprio domicilio. — 5.° Fazer saber ás meretrizes, que estão n'este ultimo caso, o dia e a hora em que hão de ser visitadas. — 6.° Conduzir em custodia á casa da inspecção as meretrizes que a isso se recusarem. — 7.° Executar todas as ordens que lhes forem dadas em observancia do presente regulamento.

Art. 42.° O ordenado do cabo d'ordens será de 6$000 réis mensaes pagos pela fórma indicada no artigo 34.°

Art. 43.° Toda a meretriz que deixar de inscrever-se na matricula conforme ordena o artigo 1.°, incorrerá na multa de 3$000 réis.

Art. 44.° Na mesma pena incorrerá a que pela primeira vez deixar de comparecer á inspecção sem causa justificada.

Art. 45.° A patrôa que receber e acoitar em sua casa para exercerem a prostituição mulheres que não estejam matriculadas, pagará a multa de 6$000rs.

Art. 46.° Toda a pessoa que estabelecer casa de prostituição sem licença da auctoridade, incorrerá na multa de 20$000 réis.

Art. 48.° A meretriz que de proposito ou por desleixo, perder o livro que lhe tiver sido dado na occasião da matricula, deverá sollicitar outro immediatamente, pelo qual pagará 240 réis, ficando sujeita á multa de 1$000 réis no caso de ser encontrada sem elle na occasião da visita.

Art.° 48.° A meretriz que mudar de casa sem dar parte ao administrador do bairro incorrerá na multa de 1$200 réis.

Art. 49.° A patrôa que fizer trespasse ou cessão do seu estabelecimento sem o participar á auctoridade competente, como prescreve o artigo 14.°, pagará 2$400 réis de multa.

Art. 50.º A meretriz que faltar á inspecção sem allegar motivo justificado, será procurada immediatamente e submettida a ella. Sendo encontrada em perfeito estado de saude, pagará de multa 3$000 réis, e verificando-se estar infeccionada, será demais conduzida em custodia á respectiva enfermaria.

Art. 51.º A meretriz que consentir que d'ella se sirva algum homem doente de venereo, ou que estando ella affectada se prostituir, occultando essa circumstancia, incorrerá na multa de 3$000 réis.

Art. 52.º Nenhum individuo poderá recusar-se a ser examinado pela prostituta de que pretender servir-se. E quando se recuse e procure por meios astuciosos servir-se d'ella, estando doente, pagará 20$000 réis de multa, além das despezas do curativo da mulher que infeccionar.

Art. 53.º As casas de prostituição aonde se der jogo prohibido, ou se praticarem desordens serão fechadas temporariamente, ou mesmo supprimidas, se assim parecer conveniente.

Art. 54.º A patrôa da casa aonde se fizerem disturbios e desordens, ou se praticarem quaesquer actos que dêem escandalo publico, incorrerá na multa de 2$400 réis pela primeira vez. Se reincidir, ser-lhe-ha demais mandada fechar a casa.

Art. 55.º A patrôa que maltratar com pancadas as prostitutas que tiver na sua companhia incorrerá na multa de 4$800 réis.

Art. 56.º Nenhum proprietario poderá alugar casas a meretrizes, sem saber da auctoridade competente se ellas são incorrigiveis, e como taes intoleraveis fóra dos sitios que lhes estão designados. O que contravier esta disposição será autoado e entregue ao poder judicial, para ser punido conforme o alvará de 25 de junho de 1760, § 8.º

Art. 57.º Toda a meretriz ou patrôa que excitar, favorecer ou facilitar a devassidão ou corrupção de qualquer menor de 25 annos, para satisfazer os desejos deshonestos d'outrem, será punida com prisão de tres mezes a um anno, e multa correspondente, na conformidade do art. 406.º do Codigo Penal.

Art. 58.º As meretrizes que forem encontradas nas ruas e praças publicas, nos passeios ou espectaculos, ou ás janellas e portas de suas casas, provocando os homens a virem prostituir-se com ellas, incorrerão na multa de 2$400 réis, e serão levadas em custodia á presença do administrador respectivo para as advertir e corrigir.

Art. 59.º As que nos logares designados no artigo antecedente forem encontradas praticando actos deshonestos e offensivos do pudor, ou que divaguem de noite pelos logares publicos, provocando os homens, serão immediatamente presas e entregues ao poder judicial para serem punidas na conformidade das leis, ou conduzidas para fóra do concelho, segundo as circumstancias.

Art. 60.º A patrôa que se recusar a assistir ao exame das meretrizes juntamente com o facultativo competente no dia marcado para a visita, na fórma do art. 24.º, pagará 8$400 réis de multa.

Art. 61.º A patrôa que subtrahir á visita da policia, ou tratar em sua casa escondidamente alguma meretriz infeccionada de venereo, pagará de multa 4$800 réis.

Art. 62.º A patrôa que receber em casa, para fins libidinosos, qualquer mulher menor de 40 annos, que não esteja inscripta no livro das meretrizes, incorrerá na multa de 3$000 réis.

Art. 63.º As meretrizes que se evadirem do hospital, ou da casa de observação, serão processadas por desobediencia, e postas fóra do concelho.

Art. 64.º As transgressões das providencias contidas n'este regulamento para as quaes não são designadas penas, serão punidas com as que a lei impõe a quem desobedece aos mandados da auctoridade.

Art. 65.º Por cada reincidencia nas contravenções do presente regulamento, se augmentará um terço da multa.

Art. 66.º As multas serão cobradas administrativamente, não havendo contestação das pesssoas, que n'ellas tiverem incorrido; havendo-a, serão entregues ao poder judicial, para soffrerem a pena de desobediencia á auctoridade, além dos mais procedimentos que os regulamentos de policia auctorisam.

Art. 67.º O producto das multas e dos emolumentos, estabelecidos nos artigos antecedentes, será enviado de quinze em quinze dias ao governo civil para com elle se satisfazer no fim de cada mez a despeza creada por este regulamento, o remanescente será destinado para os melhoramentas convenientes n'este importante ramo de administração publica.

No fim de cada anno se publicará no boletim a conta geral de toda a receita e despeza.

Porto, 1 de setembro de 1860.

O Governador Civil,

*Visconde de Gouveia.*

Com respeito ás donas de casa de que tem fallado n'esta obra o dr. Azevedo, poderemos accrescentar alguma cousa, fundando-nos em duas auctoridades. Uma é de Parent-Duchâtelet, que diz a paginas 147 da sua *Historia da Prostituição:*

«*Uma dona de casa* é a mulher que por officio, por interesse, por arte, e ás vezes até por necessidade, especula com a corrupção publica, com os gostos depravados que a libertinagem faz nascer.

«O seu lucro e a sua propria existencia baseiam-se na libertinagem dos outros. Sustenta-se de depravações e infamias.

«E' ella que anda na piugada das raparigas, cujo rosto poderá agradar aos libertinos. Para as fazer cahir no laço, rodeia-as de todas as seducções capazes de as attrahir. Uma dona de casa é essencialmente a correctora da mocidade, a causa de todos os vicios. A casa d'estas mulheres é um asylo aberto á mocidade imprudente, que tanto se aborrece da tutela de seus paes. E' o ponto de reunião de todos aquelles a quem as paixões vergonhosas fazem sahir dos limites do dever; finalmente é uma escola d'escandalo, onde até as creanças vem fazer o triste tirocinio da prostituição.

«Eis o que é uma dona de casa, e no entanto tão corrompida está a sociedade, que a existencia d'estas mulheres é até certo ponto necessaria e a ad-

ministração publica, no proprio interesse do bem, deve cercal-as de toda a protecção.

«São por tanto um mal necessario.»

O dr. Santos Cruz, na obra citada, falla tambem largamente d'estas mulheres e dá a seu respeito curiosas informações, que passamos a transcrever:

«Em todas as cidades populosas em que ha tolerancia das casas publicas da prostituição, as suas regentes ou donas de casas pertencem ordinariamente a 4 classes, cujas occupações exerciam antes d'entrar n'este escandaloso ramo d'industria.

«A primeira é das mulheres que estiveram por conta de homens ou amancebadas com algum sujeito, e que por certos motivos interromperam essas relações.

«Estas mulheres adquiriram alguns meios, ou mesmo não os adquirindo dedicaram-se a este novo trafico.

«A segunda classe é a das antigas prostitutas, que no verdor da mocidade conseguiram economisar alguma quantia, com a qual d'esta maneira se estabelecem mais a seu commodo, o que lhes assegura os meios de subsistencia para o resto de seus dias.

«A terceira classe é das mulheres que foram creadas de servir das prostitutas. Estas creadas fazem muitas vezes contractos com as donas das casas para estabelecerem uma outra n'este ou n'aquelle ponto debaixo d'aquella dependencia, ou mesmo estas creadas se estabelecem sobre si, conforme lhes é possivel. Estas mulheres são d'ordinario boas donas de casa, por isso que tem pratica d'estes estabelecimentos e conhecem os homens que as tem frequentado.

«Em França a Administração prefere-as ás outras mulheres, por isso que n'ellas encontra garantias para a tranquillidade e ordem interior das mesmas casas.

«A 4.ª classe é das mulheres casadas que ás vezes tem filhos.

«Nunca foram prostitutas nem suas creadas. No entanto lembram-se de seguir este mau modo de vida por amor do lucro.

«Pertencem ordinariamente á mais baixa classe da sociedade; costumam reunir a estas casas uma taverna, casa de pasto ou outra cousa simillhante, onde recolhem as prostitutas e os sujeitos que as frequentam.

«Em Lisboa póde enumerar-se uma 5.ª classe, e é a das prostitutas que põem uma casa e continuam n'esta o seu officio libertino e devasso em companhia d'outras que chegam a perverter suas filhas, a quem fornecem casa para a libertinagem.

«Entre nós as donas de casas costumam pretencer a todas as classes acima referidas.

«Algumas que foram amancebadas por certo numero de annos e hoje tem uma casa publica de prostitutas, a cuja frente se collocam como regentes ou donas.

«Algumas interomperam estas antigas relações, outras continuaram com ellas durante o estabelecimento. Umas vieram da provincia tendo lá interrompida essas amisades; outras tinham-nas mesmo na cidade.

A maior parte das donas de casa foram prostitutas antes d'este novo officio, para depois se estabelecerem com este *modo de vida,* tendo algumas para isto as sufficientes posses, e outras foram ajudadas por suas amigaveis relações.

Estas são as que tem as suas casas no melhor arranjo, e as que tem maior numero de mulheres de 2.ª ordem.

D'estas, raras são as que foram creadas de servir em taes estabelecimentos, e são ordinariamente das mais baixas das prostitutas. Com tudo existia uma casa entre as principaes da 2.ª ordem, situada n'uma das principaes ruas da cidade, que lhes não tinham sido vedadas. Esta casa tinha 3 raparigas até 20 annos de edade, uma d'estas era *dona de casa* e outra filha da creada; desligaram-se d'esta congregação e hoje a creada tem um estabelecimento de prostituição, sendo a sua filha uma das principaes personagens; a outra retirou-se para a companhia d'uma irmã, que até então viveu d'um modo decente, hoje existem em casa entregues á prostituição.

Ha algumas mulheres casadas que usam d'esta industria; são ordinariamente da mais infima classe, não obstante isto, algumas casas publicas ha sustentadas por maridos e mulheres; não habitam porém as ruas em que maior numero de prostitutas residem, mas n'outro ponto mais retirado da cidade, e pertencentes á 2.ª ordem e tambem á 1.ª

Tivemos occasião d'observar algumas viuvas, que lançaram mão d'esta industria; n'uma das ruas mais habitadas pelas prostitutas existe uma casa publica, cuja dona era casada com uma pessoa de representação da cidade, e por fallecimento do marido poz este estabelecimento, entre cujas mulheres se contam suas filhas. Vemos que na cidade as *donas de casa* pertencem a todas as cathegorias acima referidas, porém o maior numero tinham já sido prostitutas.

A opinião que as *donas de casa* fazem de si, e o caracter e torneio de seu espirito, é exactamente o mesmo em toda a parte onde ha d'esta gente, com pequenas variantes.

Estas mulheres, quer tenham sido prostitutas, ou só amancebadas, ou mesmo nem uma nem outra cousa, são sempre altivas e soberbas para com as miseraveis, que estão em sua companhia e sob sua dependencia.

A respeito d'estas consideram-se a uma certa distancia e até exigem uma cega obediencia; algumas *donas de casa* julgam que não é vergonhoso o exercerem a sua industria.

Estas mulheres, ordinariamente, não tratam bem as prostitutas que tem casas e muitas são as queixas que estas miseraveis fazem; pois que as *donas de casa* não pretendem senão que as suas subordinadas lhes trabalhem muito e adquiram bastantes lucros, aliás ellas sem piedade nem commiseração as expulsam de casa: ellas obrigam-nas a estar frequentemente á janella, seja qual fôr o tempo, estejam ou não incommodadas, parece-lhes mal quando as raparigas fatigadas de estar á janella repousam um pouco, e se sentam n'uma cadeira no interior da casa.

Finalmente ellas olham para as infelizes que tem em suas casas como

*bestas de carga,* que devem trabalhar muito para ganhar, sejam quaes forem os meios a empregar.

As *donas de casas* são tambem muito irrasciveis; a rivalidade entre ellas é terrivel, já por verem outras prosperarem mais do que ellas, já pelo facto das raparigas as abandonarem para irem para outras casas auferir melhores interesses, e por tal motivo procuram por todos os meios vingança.

As *donas de casas* não só tractam com altivez e soberba as mulheres que tem em sua companhia (com raras excepções) mas ellas não soffrem, que se lhes falte ao respeito, que ellas exigem, e segundo a consideração e opinião qne ellas de si mesmas formam; querem tambem ser muito respeitadas pelos que frequentam as suas casas, e até soffrem com desespero as humilhações que lhes causam as auctoridades quando são chamadas por qualquer motivo.

No nosso paiz o caracter, as qualidades, e o espirito das *donas de casa* são o mesmo que temos dito e que observamos n'outras nações, o que é confirmado pela experiencia de quem de perto as tem observado e pela confissão das prostitutas, quando querem ser imparciaes; este modo altivo observa-se-lhe tambem, quando por alguns motivos de policia, ou por outros, ellas são chamadas perante as auctoridades, a que se verifica raras vezes em comparação do que se passa nas nações em que ellas estão sujeitas ás medidas regulamentares, e aonde se póde vêr o seu caracter pelas reclamações e petições que dirigem ás auctoridades por diversas razões, em que pertendem mostrar a immensa distancia que as separam das prostitutas, e que tendo entrado em seu novo officio, ellas dão um documento de corrigirem os seus *officios antigos*, e seguirem o caminho da *decencia!!!*

Entremos na investigação dos meios, que as *donas de casa* põem em pratica para adquirir e recrutar as differentes mulheres, que tem sob o seu governo e dependencia nas casas publicas de prostituição, e bem assim dos ajustes e contractos, que as mesmas *donas de casa* fazem com taes mulheres; o que tudo soffre as duas variantes nas differentes noções, e dependem de certas especialidades, que lhes são proprias.

São muitos os meios, de que se servem as *donas de casa* para recrutar as prostitutas; das chamadas inculcadeiras de creadas; ajustam-se com algumas inculcadeiras (que mais se dedicam a este fim, do que ao arranjo de creadas) que se disfarçam com este nome, e seduzem as differentes raparigas que convencem com promessas, e com vantagens futuras, e as entregam á devassidão e á libertinagem: ha um grande numero d'estas mulheres em Lisboa, e algumas pomposas inscripções em suas portas, como inculcadeiras de creadas de servir ou amas de leite.

Ha *donas de casa* que recrutam algumas mulheres para os seus estabelecimentos; primeiro tiram informações, e quando encontram alguma da vantajosa acquisição, põem em pratica todas as astucias para as seduzir até com offertas, o que muitas vezes conseguem; isto dá-se geralmente com as creadas de servir, com as vendedeiras ambulantes, algumas *saloias* dos arrabaldes, que costumam vir á cidade regularmente para certos fins, e mesmo outras das provincias, que para aqui vêm de novo.

As proprias *donas de casa* tem mulheres encarregadas d'estas pesquizas a quem pagam e chamam tambem inculcadeiras.

Consta-me que tem além d'isso correspondentes e diversos no reino, encarregados tambem d'esse recrutamento, embora não seja este o melhor meio das suas acquisições.

Ha algumas *donas de casa* em Lisboa que não tractam de pôr em pratica meio algum directo d'adquirir e recrutar mulheres para os seus estabelecimentos de prostituição; como se portam com as mulheres, que ahi tem, dando-lhes bom sustento, e apresentando-lhes outras commodidades, ellas facilmente mudam de outras, aonde as não encontram, e vão para essas e nunca por isso ellas deixam de ter aquella quantidade, que querem; fazendo bem conceituar as suas casas a todos os respeitos, nunca lhes faltam nem concorrentes, nem mulheres, que as habitem. Não é seguramente nas casas publicas que ordinariamente se começa a perder a honestidade e entrar na prostituição, esta já existe n'aquellas mulheres, que para ahi vão: faltas anteriores muitas vezes as impellem a entrarem em taes casas.

Em Paris é geralmente nos hospitaes que se recrutam as mulheres para as casas publicas; as *donas de casa* tem emissarios em todos elles para este fim.

No *hospital dos Venereos* são prostitutas, que ahi vão curar-se de seus males as incumbidas d'este recrutamento que facilmente conseguem; nos outros hospitaes são mulheres velhas, que facilmente são admittidas por qualquer incommodo de saude, e ahi procuram aquellas que lhes convem para as casas publicas.

Pois que nos differentes hospitaes ha mulheres da provincia, aonde são acommettidas de males venereos, e onde se não querem tratar, por isso se mettem n'uma *diligencia* e recolhem-se a qualquer hospital sem acusarem seus males, e vão depois de curadas abraçar a opinião e seguir as rogativas de taes mulheres, attendendo á vergonha de voltar ao seu paiz, e á miseria, e privações de que se acham rodeadas. Estas velhas são bem recompensadas pelos seus serviços, e mais ou menos segundo a natureza da sua acquisição, esses salarios chegam muitas vezes a 50 francos (8$000 réis) e 4 ou 5 por semana em quanto a mulher se conserva no hospital, alem d'um vestido, chale ou outra qualquer prenda.

Vem do extrangeiro muitas mulheres para Paris curar-se do virus venereo, e são estas as que as referidas mulheres recrutam pelos hospitaes.

Algumas *donas de casa* de Paris tem homens assalariados, que se dirigem aos differentes pontos da França para este vil e escandaloso commercio, e especialmente dirigem-se aos paizes industriaes aonde ha muita gente empregada, que com menos dificuldade recrutam para seus estabelecimentos.

As mesmas *donas de casa* marcham para differentes pontos como são: Ruão, Havre etc: algumas cidades da Flandres, como Bruxellas, etc.

Os melhores meios d'attrahir a si as mulheres publicas são principalmente o fausto, e a grandeza das suas casas.

Os contractos que as donas de casa fazem com as prostitutas que teem

os seus estabelecimentos são quasi sempre os mesmos em todas as casas. Estes contractos verificam-se ordinariamente nas de segunda ordem, porque as de primeira estão sós em suas casas, ou vivem junctas duas ou tres, o que é muito raro. As de terceira ordem, se vivem reunidas mais de uma, lá se arranjam como entendem sempre miseravelmente, outras teem donas de casa. Quanto porém as de segunda ordem, essas mulheres são obrigadas a dar a metade dos seus lucros ás donas de casa, e a outra metade é destinada aos seus vestidos e outros arranjos de que careçam. As donas de casas porém são obrigadas a sustentar as mulheres e a darem-lhes cama, e é a isso que se limita a sua obrigação.

Entretanto as donas de casa exigem das mulheres, que teem por sua conta nas casas publicas, um rigor no serviço, como se fossem bestas de carga, pretendendo apenas que trabalhem, segundo a phrase propria.

Quando estas desgraçadas se encontram doentes, e se vêem impossibilitadas por muito tempo de lhes fazerem serviços são martyres, quando não possuem sufficientes meios de se curarem.

Algumas donas de casa consentem-nas em casa n'esse estado, e este consentimento é filho dos lucros que essas mulheres lhes teem dado, e da esperança que teem de continuarem a prestar serviços depois de melhorar, em attenção á sua belleza e ás suas graças, emfim ás suas qualidades que as tornam muito procuradas. Esses contractos são sempre verbaes e findam logo que as prostitutas o querem, e n'isso teem uma completa liberdade, coisa que as prostitutas amam mais que tudo; e de certo que nenhuma outra classe da sociedade ama tanto a liberdade como essas mulheres; pode dizer-se que é essa a sua unica riqueza. Estes contractos são filhos d'antigos habitos e costumes, e transmittem-se de geração em geração.

Os contractos ordinarios das donas de casa com as prostitutas de Lisboa reduzem-se ao seguinte: sustentam-nas, dão-lhes cama, e criada para o seu serviço e as mulheres dão-lhes em compensação metade dos seus lucros. Entretanto muitas donas de casa são demasiado exigentes para com as desgraçadas a quem dirigem e exploram. Querem que as mulheres as presenteem e de vez em quando lhes deem o seu vestido, chale, lenços, etc, e levam muito a mal quando não recebem, alem da exigencia de um serviço rigoroso emquanto ao seu trafico. Obrigam-nas a estar sempre á janella, a empregarem todos os modos imaginarios para adquirirem e attrahirem freguezia, como ellas dizem, e qualquer mulher que não esteja n'este caso é despedida. Este rigor de serviço obriga algumas mulheres a pôr em pratica meios nocivos durante a menstruação, a qual ás vezes fazem parar, e são por isso origem para si proprias de graves enfermidades. Tambem estes meios nocivos são por algumas empregados, quando se acham occupadas, lançando mão de meios abortivos para se livrarem de um estado que ás vezes muito as incommoda e lhes faz parar seus lucros.

Não nos consta qus sejam em Lisboa tão frequentes, como em Paris, alguns outros contractos que fazem as donas de casa umas com as outras, para se ministrarem mulheres umas ás outras, quando d'ellas ha necessidade.

E' uma especie de aluguel que em muitas casas d'esta classe se faz em Paris, tal é a baixeza a que a depravação dos costumes obriga esta miseravel gente, a deshonra do sexo feminino! E' costume em Paris pedir-se a uma casa visinha as mulheres necessarias, quando apparece mais gente n'aquella casa e isso mediante uma convenção e ajuste; tambem se consente e contracta que estas mulheres sahiam das casas por dois ou tres dias ou para o campo ou para outra parte, com um sujeito qualquer mesmo extrangeiro, por certo preço fixo e determinado, regulando entre 20 a 100 francos por dia, segundo a formosura e a riqueza ou a elegancia dos vestidos das mulheres. Esta sahida só póde durar 3 ou 4 dias, em consequencia das visitas sanitarias em que as mulheres devem comparecer.

Entre nós tambem ás vezes existem estes contractos, mas uns são muito mais raros, e outros pelo contrario mais frequentes, podendo até prolongar-se por mais tempo, visto as prostitutas de Lisboa gozarem de mais liberdade que as de Paris. N'esta nossa capital as prostitutas podem fazer taes contractos sem auctorisacão das *donas de casa.*

Em Lisboa tambem algumas *donas de casa* não só recebem metade dos ganhos, que as mulheres suas subordinadas podem adquirir pelo seu officio, mas chegam a ser tão ambiciosas e exigentes que não consentem que essas desgraçadas aufiram exclusivamente qualquer offerta ou prenda que os seus amantes lhea dêem, tanto em fatos como em joias. De ordinario essa dadiva é avaliada, e a mulher tem que lhe dar a metade do seu valor.

Algumas vezes as *donas de casa* tambem servem de fiadores dos fatos que as mulheres compram ás contrabandistas. Estas usurarias vendem-os por alto preço, partilhando os lucros com a *donas de casa.* Eis uma das causas mais conhecidas da miseria das desgraçadas prostitutas.

Os amantes das *donas de casa*, são habitualmente por ellas sustentados. Algumas teem mais do que um, e quando isso acontece, os estabelecimentos estão sujeitos a desordens frequentes, chegando até alguns, em certos casos, a fechar-se.

Os amantes das *donas de casa* são de ordinario das classes mais baixas da sociedade. Alguns habitam nas mesmas casas e ahi dormem. O mais habitual, porém, é não viverem alli, como se costuma dizer de *casa e pucarinho.*

Os escriptores francezes referem que muitas das *donas de casa* em Paris educam perfeitamente seus filhos, havendo n'este ponto rarissimas excepções. Quando podem, estas mulheres manda-os para os collegios d'educação, prohibem-lhes que vão a suas casas, e fazem quanto possivel por que elles ignorem a sua posição. Algumas, segundo é fama, chegam a cazal-os muito bem dando-lhes bons dotes.

Não acontece o mesmo no nosso paiz.

As *donas de casa* dão ordinariamente muito má educação a seus filhos e o mais frequente é abandonarem-nos. Quando os criam, conservam-nos em sua companhia desde a mais tenra edade, e pouco lhes importa que venham a conhecer as suas torpezas e o seu officio libertino.

Este pernicioso costume condemna-os á mesma immoralidade.

O estado não deve permittir creanças nas casas publicas de prostitutas, por que isso será consentir um germe funesto de immoralidade.

Todas as casas publicas de prostitutas têem creada para o seu serviço, havendo até nas de 1.ª ordem mais de uma d'estas serviçaes. As de 3.ª ordem não têem creadas por isso que os seus poucos lucros não chegam para taes dispendios.

Creados são mais raros n'estes estabelecimentos, embora haja alguns que os tenham.

São quasi sempre antigas prostitutas, que já pelo seu officio não podem obter meios de subsistencia, as que se costumam empregar no serviço de casas publicas como creadas.

Ha entretanto entre estas serviçaes algumas, que sempre tiveram vida honesta e que por certas circumstancias foram servir esta gente.

D'estas muitas servem sem se preverter, mas outras, e é o maior numero, quando são bonitas, terminam aquelle serviço entregando-se á prostituição juntamente com as amas.

As creadas das casas publicas tem por serviço habitual empregarem-se nas cosinhas; tambem varrem as casas e ás vezes as esfregam; algumas empregam-se no arranjo dos quartos, quando as prostitutas não querem tractar d'elles. Ha casas em que as prostitutas são obrigadas a tractar dos seus quartos e a vestirem-se e a enfeitarem-se umas ás outras.

Acontece tantas vezes descambarem as creadas de casas publicas em prostitutas, principalmente quando são novas, que o melhor seria a policia inscreve-l-as juntamente com as amas, por isso que exercendo ellas o officio de prostitutas, e não tendo a devida fiscalisação, podem propagar o virus venereo, e apparecerem os inconvenientes que tantas vezes se tem deplorado.

Uma fonte tão impura tem sido a origem de grandes fortunas em muitas cidades notaveis na Europa. Em Lisboa não se encontram tão grandes fortunas, adquiridas pela exploração das casas publicas.

Os lucros adquiridos pelas donas de casa em Paris são extraordinarios, chegando a deixar a seus filhos sommas superiores a cem e duzentos mil francos.

Houve n'aquella cidade uma dona de casa, que além de comprar quatro predios, deu a sua filha cem mil francos de dote, quando a cazou com um official da Legião d'honra pertencente á guarda imperial. Ha casas publicas em Paris que ganham diariamente mil a mil e duzentos francos.

Estudemos agora outra causa da decadencia da raça humana.

A molestia que affecta todas as classes da sociedade e que mais estragos faz sendo tão susceptivel de se reproduzir no mesmo individuo como de o lesar para sempre, é indubitavelmente a syphilis, *Proteo,* por excellencia de todas as enfermidades do corpo humano. Para preservar pois a humanidade d'este terrivel e contagioso virus se instituiu a inspecção sanitaria das mulheres publicas como medida preventiva. Na verdade que esta molestia quasi desappareceria com a execução d'esta medida, muito proveitosa já como mostram a pratica e os factos, se ella fosse adoptada em todas as cidades do reino, o que não é muito difficil nem muito dispendioso.

Segundo consta, só em Lisboa e Porto se acha devidamente montado este ramo de policia e muito seria para desejar que nas outras cidades se estabelecesse como definitiva esta medida, de que sómente em casos extremos lançam mão. Demais, devendo considerar-se beneficios resultantes uma regalia que todas as povoações tem direito a fazer, porque se não instituirá a policia sanitaria nos diversos districtos, e muito principalmente em Coimbra e Braga, onde concorrem ao estudo numerosos mancebos, cuja idade é incentivo ás demasias, e o estudo propenso a ellas: quando as despezas d'este ramo de policia se podem fazer á custa d'uma contribuição directa, que a prostituição pague para a sustentação da mesma policia, como no Porto?

Se estas medidas fossem adoptadas por todas as terras maiores de Portugal, as vantagens que d'ellas resultam não se limitariam só á localidade, mas tambem muito lucrariam as outras povoações, onde vão procurar fortuna as mulheres que seguem a vida deshonrosa.

Por outro lado a prostituição clandestina em muito maior numero sempre acobertada com a honestidade fallaz d'uma profissão, e a salvo d'acção da policia é um foco poderoso d'entertenimento da syphilis, para cuja multiplicidade ella mais concorre do que a publica.

Segue-se pois d'aqui: 1.º que a falta de policia sanitaria nos outros districtos e a prostituição clandestina são as fontes perennes d'onde mana um constante contagio: — 2.º que só a inspecção sanitaria, os meios preventivos que sigam as instrucções adoptadas para uso das raparigas com sequestração das infectadas, são a verdadeira prophylaxia da molestia venerea. Na actualidade o serviço da inspecção é feito por tres facultativos inspectores, authorisadas por nomeação do Governo Civil, e tres cabos de ordens ou agentes de policia, nomeados pelos Administradores, cujos ordenados são pagos como determinam os art.os 34.º e 42.º do regulamento: este pessoal é egual ao n.º de Bairros da Cidade, para que cada um foi nomeado com exclusão do serviço nos outros. Porem a junta de policia sanitaria do 1.º d'Abril de 1863, julgando de conveniencia publica fazer-se o serviço medico por seu turno, decidiu que a inspecção nos tres Bairros fosse alternada todas as semanas pelos tres inspectores.

Foi na verdade uma das melhores deliberações da junta pelos bons resultados que se tem obtido d'este modo como o serviço medico hoje é feito, e bom seria que o serviço policial soffresse a mesma alteração, porque entre os agentes de policia e as meretrizes se estabelecesse uma maior intimidade que augmenta sempre com a estabilidade ou permanencia d'aquelles nos mesmos Bairros, podendo d'alguma sorte prejudicar-se os effeitos policiaes.

Os facultativos inspectores tem por obrigação fazer o exame de sanidade das meretrizes, manter a disciplina na inspecção, e sustentar o cumprimento dos art.os do regulamento com referencia á inspecção.

Cada inspector responde por si e por seus actos, e corresponde-se directamente com os Administradores e em junta com o Governador Civil.

Os cabos d'ordens são obrigados a todo o serviço de inspecção e a executar as ordens de policia sanitaria por indicação administrativa.

Consiste a inspecção em reconhecer por um exame corporal o estado sa-

nitario das toleradas, afim de remetter ao hospital da Misericordia, e reter em tratamento até á cura, aquellas que se apresentarem com manifestações syphiliticas.

Divide-se a inspecção em duas cathegorias, geral e particular, tendo logar a primeira n'uma casa propriamente estabelecida, como abaixo veremos, e a segunda no domicilio das raparigas que o requerem.

Antes de 1860 fez-se sempre o serviço d'inspecção geral de todas as mulheres que a ella pertenciam, ao sabbado; porém então havia grandes inconvenientes, já porque a casa, que era d'aluguer, não comportava o grande n.º, já porque a difficuldade em vencer a reluctancia dos visinhos era grande, tornando-se ao mesmo tempo o serviço medico muito pesado para um só facultativo, que tambem tinha a seu cargo a inspecção domiciliaria, ás quartas feiras para o 1.º Bairro, ás quintas feiras para o 2.º Bairro, e ás sextas feiras para o 3.º Bairro.

Excepto na Semana Santa, eram e ainda são obrigadas todas as raparigas inscriptas á inspecção a que tem obrigação de comparecer todos 8 dias e segundo a cathegoria e o dia respectivo marcado no § 1.º do art.º 22.º do regulamento: depois de 1860 foi o serviço medico repartido por tres facultativos e dividido pelos dias de cada semana da fórma seguinte:

Geral.... { A's segundas-feiras para o 1.º bairro.
A's quartas-feiras para o 2.º bairro.
A's sextas para o 3.º e Villa Nova de Gaya.

Particular { A's terças-feiras para o 1.º bairro.
A's quintas-feiras para o 2.º bairro.
Aos sabbados para o 3.º bairro.

Se ha dia santificado, passa ao immediato, e d'esse modo ha todos os dias serviço medico para os facultativos visitadores, tocando a cada um dous dias seguidos de cada semana em bairros alternados, e a cada inscripta uma só visita por semana. A inscripção geral faz-se hoje n'uma casa sobre a estação e arco da Porta Nobre contigua á margem direita do rio Douro; é gratuita, e por isso pertencem a ella as raparigas mais infelizes, de menos meios, e as nocturnas.

A casa de inspecção propriamente dita consta d'um salão de 11,ᵐ 50 de comprido e 5,ᵐ 60 de largo, todo circumdado de janellas, que o illuminam sufficientemente.

Offerece este salão todas as vantagens para o serviço medico, pela sua grandeza e situação, que não permitte observar a entrada nem tão pouco o que se passa no seu interior pela grande altura acima das propriedades visinhas. Este salão é dividido ao meio por uma grade de madeira pintada, servindo a primeira secção de sala d'espera, para o que é ornada de bancos e cabides, e a segunda secção de gabinete de inspecção, e contem algumas cadeiras, mesas com pertences de escriptorio, lavatorios, estantes para o archivo em separado dos bairros, e um canapé estufado mais alto e mais curto que o ordinario, cir-

cumdado por um largo biombo. A's 10 horas da manhã abre-se a casa d'inspecção e na primeira divisão da sala esperam as raparigas o momento da visita: são ahi vigiadas pelo cabo d'ordens do respectivo bairro, em quanto os outros esperam, um no hospital, o outro na prisão do Aljube, a sahida das raparigas que tem d'acompanhar á casa d'inspecção. Só ás 11 horas da manhã é que tem logar a despedida do hospital e a saida das prisões, e por isso só a essa hora ou pouco antes é que póde começar o serviço d'inspecção.

Depois da chegada do facultativo visitador o silencio substitue um murmurio chaotico, quasi infernal, produzido por um grande numero de mulheres, cuja degradação lhes permitte encarar com ridiculo desprezo qualquer admoestação ou castigo. Só a presença d'uma pessoa muito respeitada poderá conter os excessos das embriagadas, que algumas vezes desalinham da ordem.

O inspector, pois, de pé e ao lado do camapé, espera uma a uma todas as raparigas, que se mostram dentro do biombo, n'uma posição similhante á que se faria tomar a uma mulher em trabalho de parto.

O exame com relação só á vulva não é sufficiente, porque as manifestações syphiliticas que ahi se desenvolvem, frequentes vezes se propagam ao anus, ou ahi mesmo uma infecção geral mal debellada se manifesta n'esta parte por excrescencias, ragadas, cristas mucosas ulceradas, pustulas humidas, corrimentos, etc, que se tornam cousa de frequentes reincidencias do cancro, vegetações, ou mesmo entertenimento d'ulceras na vulva.

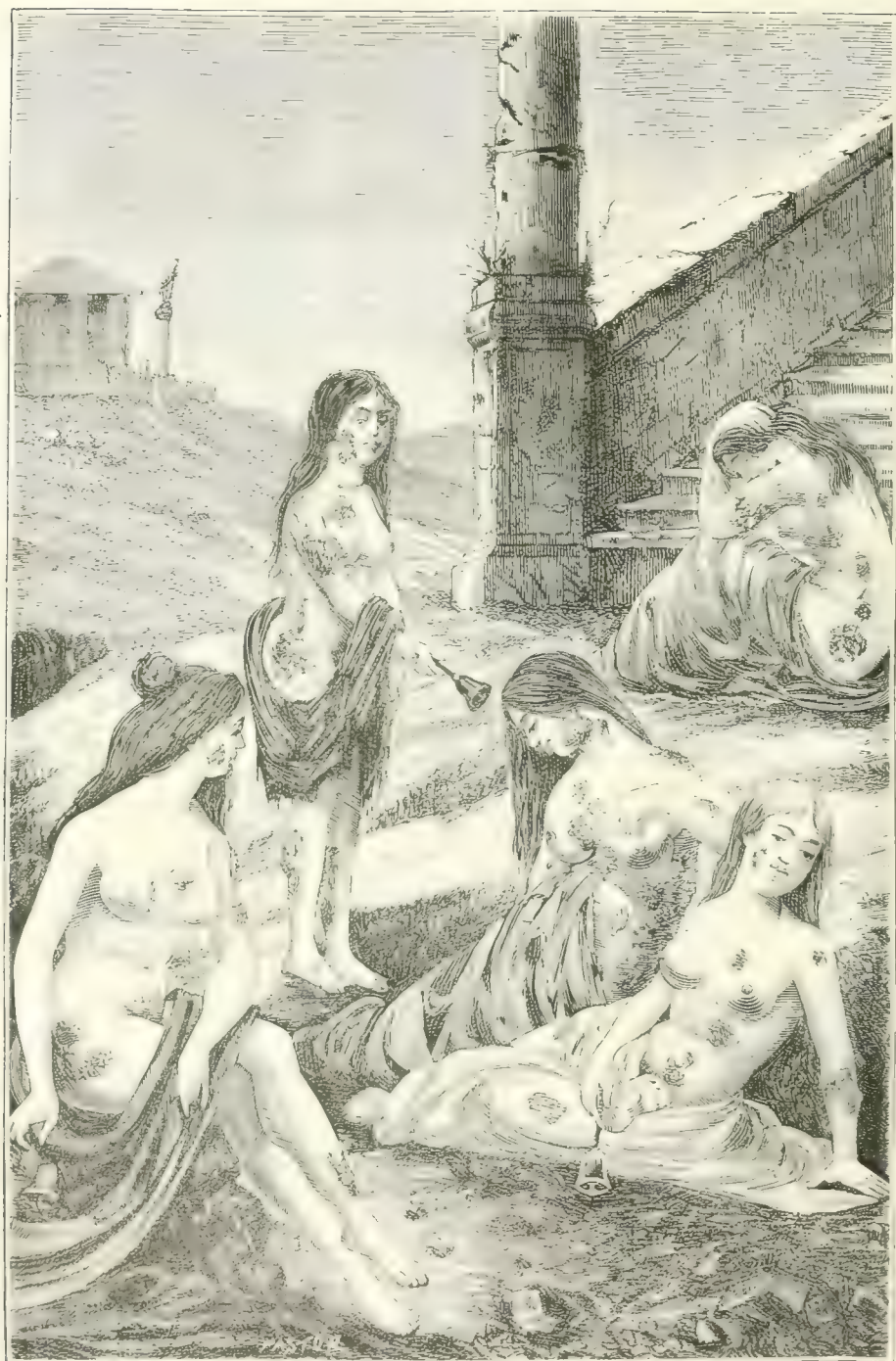
Em Bordeus vae este exame mais longe, pois não prescindem do *speculum uteris* m todas as visitas, excepto para aquellas mulheres cujo estado o inhibe, como menstruação, metrite chronica, etc; e do *speculum oris* para o exame das fauces. Não quizeramos tambem tão prolixo exame que faria suppôr contagiosas as affecções syphiliticas secundarias, e n'este caso não deveriam passar em claro todas as formas cutaneas, passando hoje como certo pelas modernas experiencias da syphilisação que além das fórmas primarias não póde haver infecção e o contagio só póde ter effeito por acção immediata.

Assim, portanto, o exame sanitario devendo ser sempre rigoroso deve tambem limitar-se aos orgãos sexuaes e suas visinhanças, como virilhas e anus. E' o que na actualidade se pratica entre nós, sendo de uso excepcional o *speculum*.

Depois d'este exame nenhuma rapariga póde sahir sem lhe ser entregue o livro competentemente rubricado pelo facultativo e chancellado a tinta l'impressão com alguma das tres palavras, *limpa, menstruada ou suspeita,* tendo aos lados marcados o anno, mez, dia e hora em que foi visitada, como mostra a formula seguinte:

11 h.
4 Limpa 3
64

*Assignatura do inspector.*

A' medida que o inspector vae aviando os libretos, as raparigas vão sahindo, a excepção das que tem por chancella, *suspeita,* que são alli retidas

As leprosas na gafaria

para serem enviadas ao hospital acompanhadas por um cabo d'ordens e uma guia d'entrega assignada pelo respectivo Administrador, em que se designa o nome naturalidade e residencia de cada uma em especial, para quando houverem de sahir, serem entregues as mesmas guias então rubricadas pelo fiscal do hospital, pertencentes ás raparigas que o cabo d'ordens tem d'acompanhar á casa d'inspecção para o inspector verificar a cura.

Para a inspecção geral de cada bairro prepara-se todas as semanas uma relação com o movimento do hospital de todas as raparigas a ella pertencentes e representadas por numeros de policia e de inspecção, na qual se nota a apresentação por um signal, sendo certo que não o havendo existe uma falta, cujo motivo é declarado em observações. As mulheres que faltarem sem causa justificada são prezas ou multadas de castigo, e teem de soffrer o exame na proxima e seguinte inspecção geral.

Deve-se porém notar que o maior numero das prisões tem sempre logar de noute por vadiagem nas praças publicas, e são portanto as mais desgraçadas aquellas a quem mais vezes o seu infortunio leva ao carcere.

Das mulheres que frequentam a inspecção geral póde-se dizer com certeza que mui poucas se vestem com limpeza, e talvez um terço se apresenta com andrajos e farrapos tão immundos e asquerosos, que affectam o olfato menos delicado, tornando-se repellente á vista a propria pelle.

E' n'este caso que os inspectores tem forcejado por conduzir á limpeza, ao menos do corpo, estas desgraçadas para quem todas as admoestações tem sido até hoje innefficazes.

Termina este serviço pela confecção d'um resumo semanal do movimento do hospital e d'inspecção das inscriptas de cada bairro, que os inspectores são obrigados a mandar ao Delegado de Saude, a quem compete publicar a estatistica annual.

No dia seguinte ao da inspecção geral se faz a visita particular nas casas toleradas ás raparigasa patroadas e tambem a algumas isoladas que arequerem.

Esta visita, em quanto ao exame corporal, é feita do mesmo modo que a geral, e só de particular o fazer-se no proprio domicilio das raparigas, e pagar-se no acto, segundo o numero de commensaes.

As patroas são obrigadas a assistir com o inspector á visita, para aprenderem a conhecer os diversos modos porque se manifesta o virus syphilitico que este lhes indica com algumas explicações de momento.

As raparigas encontradas doentes são no fim da visita immediatamente conduzidas ao hospital com as mesmas formalidades já ditas.

Não é raro encontrar-se mulheres que dissimulam as affecções locaes. E para este fim servem-se dos causticos adstringentes e acidos, pelos quaes o mais das vezes promovem abcessos e indurações dos grandes labios, inflammação da mucosa vulvar, e algumas vezes ulcerações muito difficeis de combater.

Algumas tem levado á perfeição a dissimulação, empregando uma solução grosseira de gomma arabica e carmim, com que enchem as ulcerações e

corrozões da vulva, pintando todo o resto da superficie da mucosa para de certo modo apparentar uma côr uniforme. [1]

Mais de uma vez algumas tenho encontrado n'este estado, que se denuncia logo pela tosca execução, e a outras com manchas recentes de nitrato de prata nos dedos, que a precipitação não deixou immunes.

Todas temem e receiam a entrada no hospital, e por isso tentam todos os meios, ou a fuga antes da visita, o que é mais commum, ou a dissimulação; porém as mais bisonhas choram, invocam os santos ou praguejam, gritam, e por fim lançam-se por terra, que parecem endiabradas, ou fingem querer precipitar-se das janellas.

O temor da isolação dá margem a este desafogo.

Porém, o que é para lamentar ainda, é que a limpeza não seja tanta quanta parece deve ser, pois a par d'um desordenado regimen de vida e costumes, mantêem pouca limpeza do corpo, d'onde lhes provém erupções cutaneas, erysipela, furunculos e outras enfermidades da pelle, que podiam prevenir com alguma temperança e o uso de banhos geraes.

Em toda a exploração o grande lucro está na pequena despeza. Todas as raparigas obrigadas a este exame pagam no acto da visita o estipulado, segundo as condições do § 2.º do artigo 22 do novo regulamento, que o inspector faz constar á respectiva administração por uma relação expecialmente impressa. Talvez fosse a razão de pagar tanto menos, quanto maior fosse o numero de commensaes o centralisar por fórma de collegios as rameiras isoladas. É na verdade de facil execução a policia nas casas dos *collegios*, e a responsabilidade de todos os actos recahindo sobre uma pessoa *a patrôa,* certamente produz melhores effeitos. Todavia as mulheres d'esta ordem reunidas, não favorecem a moralidade, e os maus costumes, que algumas tem, parece contagiarem as outras; d'ahi o escandalo e a perversão em muito maior auge que as conduz a uma grande devassidão.

Com distincção se tem occupado muitos escriptores, já querendo uns prevenir os accidentes secundarios e terciarios da syphilis, já outros pertendendo a immunidade do contagio. Difficil tarefa é para um novel clinico qualquer dos pontos, e sendo o primeiro mais proprio para memoria de syphilographia, limitar-nos-hemos tão sómente a ennnciar as opiniões mais abalisadas sobre o segundo, com as reflexões que a pratica nos suggerir, em relação á policia medica.

Poder-se-hia ainda suppôr que a prophylaxia em geral da molestia syphilitica levada ao apuro teria o inconveniente de proteger ou favorecer a immoralidade, como se julgava nos seculos anteriores; porém o bom senso e a illustração da actualidade a reconhece como um beneficio á humanidade, e uma

---

[1] Em França levam este disfarce ao apuro que uma industria póde ter: — Cobrem as ulcerações com uma preparação que consiste em um bocado de tripa córada de vermelho.

Ces preparations à la visite qui se payaient de 3 à 5 francs, sont faites, le plus souvent, par des sages-femmes et même par des medecins.

garantia á castidade e virtude, muitas vezes victimas d'um mal vergonhoso, ao qual devem sempre ser estranhos. Nada até hoje tem concluido os hygienistas das suas experiencias com relação á syphilis, senão o saber-se que ainda não existe um preservativo absoluto e seguro. Certamente o melhor de todos seria não se expôr.

Reconhecida ha muito e por todos como um mal necessario a prostituição, claro é que toda a vigilancia se torna precisa, para que o mal não augmente em quantidade e muito menos em qualidade.

N'este sentido se estabeleceu a inspecção, e para que fossem bem efficazes estas medidas tem lembrado distinctos medicos a execução da mesma para com os fréquentadores das mulheres publicas, evitando d'este modo o expol-as ao contagio.

Não se póde na actualidade admittir uma tal idéa, que, além das difficuldades a vencer, não produz vantagem, e basta para responder-lhe o retrospecto dos seculos XVI e XVII, em que nem o exilio nem a exposição publica da prostituição, nem o azorrague e o desprezo minguavam da molestia.

São as mulheres publicas obrigadas a observar e ter sempre patentes nas casas de tolerancia as instrucções hygienicas do theor seguinte:

## INSTRUCÇÕES

### A que se refere o artigo 19.º do regulamento de 1 de setembro de 1860

1.º Deverá haver em casa de todas as patrôas um livro, rubricado pelo administrador do bairro em que se inscreverão os nomes das collegiaes, o dia da sua entrada para o collegio, e bem assim as roupas e objectos qne trouxeram ou que durante a sua estada adquiriram, a fim de lhes serem integralmente entregues no acto da sahida.

§ unico. N'este livro se lançará tambem o estado sanitario de cada uma das meretrizes depois da visita effectuada.

2.º Em cada collegio deverá haver impreterivelmente tantas camas quantas forem as collegiaes para evitar que duas ou mais se sirvam da mesma cama, e bem assim uma tina ou canôa para os banhos geraes.

§ 1.º Em todos os quartos haverá a mobilia seguinte: — Uma cama completa, uma mesa, duas cadeiras, um lavatorio com jarro e bacia, sabão e esponja, um toucador e pentes, uma bacia para os lavatorios baixos, e uma borracha, um vaso para despejo das aguas sujas.

§ 2.º Haverá mais em cada quarto uma garrafa com agua de cal ou vinagre aromatico para as lavagens antes e depois do coito, uma garrafa com agua, e o copo correspondente, uma toalha de mãos, e outra para a limpeza baixa.

§ 3.º Além dos objectos e roupa mencionada nos artigos ancedentes são obrigadas tambem as patrôas a ter a roupa branca necessaria para o serviço e aceio do seu collegio, devendo tanto a do corpo como a da cama ser mudada, regularmente, todas as semanas, e accidentalmente quando fôr preciso.

§ 4.º Na limpeza, e arranjo da casa cumpre ás patrôas ser muito caute-

losas em mandar logo ao levantar remover, despejar, e lavar os vasos, varrer as casas, devendo as camas ser feitas meia hora depois de arejados convenientemente os quartos e as roupas.

Outro sim devem as patrôas — 1.º mandar lavar as meretrizes todas as vezes que tenham tido copula, não consentindo que se entreguem a qualquer individuo sem esta precaução, e fazer-lhes tomar um banho geral ao menos uma vez por semana. 2.º Impedir que as meretrizes tenham copula durante o tempo da menstruação ultimo periodo da gestação, quando gravidas, e durante todo o mez do parto. 3.º Obrigar as meretrizes a passarem um exame minucioso a todos os homens antes da copula, ensinando-as a conhecer as diversas manifestações syphiliticas.

Na occasião de se levantarem, e de deitarem inspecionarão as patrôas as suas collegiaes para verificarem o estado sanitario d'ellas, dando parte á auctoridade competente logo que as encontrem infeccionadas.

5.º São signaes suspeitos de infecção venerea toda a vermelhilhão ou pus no membro ou na parte interna dos labios, toda a escoriação, ferida, vegetação n'aquella região ou em o anus, tumores nas virilhas, ou mesmo grande sensibilidade ao menor toque; uma certa côr lactea da muscosa mesmo quando limpa induz corrimento gonorrhoico se a paciente o não tem habitual.

Para se conhecer a infecção venerea o melhor modo é, além da inspecção occular, passar um panno branco e fino pelas partes suspeitas; pois havendo inspecção sahe logo manchado de pus do corrimento das feridas, ou escoriação.

6.º As patrôas que não observarem á risca o disposto n'estas instrucções pagarão uma multa de 4$800 réis pela 1.ª vez, 9$600 réis pela reincidencia, podendo ser-lhe mandado fechar o collegio, se assim se tornar necessario em vista da gravidade dos factos ou ommissões.

---

Sendo a limpeza a base e principio fundamental de toda a hygiene, necessariamente deveriam estas instrucções fundamentar-se n'isso; porém este principio só não obsta ao contagio que a approximação dos sexos sempre favorece, e que n'esta occasião se deve defender. Para este fim tem-se aconselhado muitos meios, a maior parte inuteis por inefficacia, e outros por falta de cumprimento.

A limpeza é incontestavelmente o melhor meio aconselhado, mas se a limpeza é o que menos se conhece n'estas casas! e quem se proporia a fazel-a cumprir? Só as patrôas, como mais interessadas, podem e devem obrigar as raparigas debaixo da sua direcção; porém o pouco conhecimento dos resultados d'estas insinuações e a sua propria educação não permittem colher os beneficos effeitos que são de esperar dos meios propostos.

Para o sexo forte tambem se tem aconselhado muitos meios, alguns até que repugnam á moral e que a hygiene regeita por perigosos.

O mais efficaz é a inspecção occular de que o individuo mesmo inexperiente deve servir-se, e no caso de duvida abster-se.

Para se fazer, porém, a inspecção occular deve-se prescindir dos signaes racionaes que toda a mulher publica indica falsamente em presença da especulação, e portanto deve-se ter em consideração só os signaes physicos, como são as côres da mucosa vulvar e o modo como esta se nos apresenta á vista já pelas excreções, já pelos signaes physicos das differentes manifestações apparentes ou curadas.

As côres passam por muitos variantes desde o branco leitoso e baço até o vermelho escuro: porém podem referir-se a quatro principaes: branca, rosada, vermelha e cyanica, podendo todas estas apresentar-se nas diversas mulheres, sobretudo d'esta classe, em circumstancias especiaes, sem se dever traduzir como um resultado dependente da infecção venerea.

Muitas alterações pathologicas e sobretudo aquellas que impõem ao sangue a sua dyscracia são capazes de promover a côr lactea em todas as mucosas e por tanto na vulvar da mesma fórma. Um temperamento demasiadamente lymphatico, escrofulas, a chlorose, a dysmenorrhea, a anemia, a diarrhea chronica, e emfim todos os agentes, que physica ou chimicamente actuam sobre o sangue, alterando-o nos seus elementos constituintes podem determinar o descoramento das membranas mucosas.

Verdade é que algumas vezes coincide com esta côr um corrimento, mas geralmente este é mais vezes lencorrheico do que blenorrhagico, e muito especialmente nas mulheres, cuja constituição arruinada ou superada por um temperamento lymphatico apresenta as mucosas bocal e palpebral tambem descoradas. Então este corrimento tambem chamado flores brancas procede do utero, e suppre em alguns casos os menstruos. É quasi sempre branco: não é contagioso, nem inflamma ou excoria as partes que banha.

A côr rosada é de toda a mais natural e algumas vezes apparece picotada por pequenos pontos vermelhos, o que acontece ás raparigas ainda bisonhas sempre por falta de limpeza da parte. O mesmo succede á mucosa prepucial com accumulação do semegma que por tempo a sua acrimonia irrita, e produz as balamites. Não se deve pois confundir este estado da mucosa vulvar com o começo do cancro.

O vermelho cereja, que a vulva muitas vezes apresenta, póde depender de variadas circumstancias, sem comtudo se poder referir a syphilis, como por exemplo: o coito recente, excessos do mesmo, ou de bebidas estimulantes, a applicação d'acidos e adistringentes fortes, e onanismo a que algumas se dão e se manifesta por uma exaltação de sensibilidade do clitoris e vesiculas brancas e transparentes, por sobre o meato urinario, cicatrizes extensas e recentes, etc.

Porém, de todas as procedencias, a peior é a blenorrhagia, supposta não infectante, como diz Ricord, quando não é acompanhada de cancro.

A abundancia e côr d'esta fluxão differem nos diversos individuos e em diversas épocas. A principio branca e pouco copiosa, toma em pouco tempo a côr amarella e até verde, crescendo sempre em quantidade, para depois do periodo inflammatorio, passar outra vez á côr branca, tornando-se menos espessa e menos abundante, chegando mesmo a ser intermittente por largos periodos

algumas vezes, o que no homem mui frequentmeente succede por intervallos de 24 horas com a *gota matutina*, a que os francezes chamam *gota militar*.

Emfim a côr rubra encontra-se durante os primeiros mezes de gestação; e, á medida que esta progride, a vulva e a vagina ganham o vermelho escuro que nos ultimos mezes se torna violaceo. Este estado da mucosa é devido ao embaraço da circulação no baixo ventre, do qual é causa da acção mechanica o utero repleto. Esta hyperemia é de tal ordem que algumas vezes se formam varizes nos grandes labios e acabam por se romper, dando logar a tumores sanguineos sub-cutaneos, que mais tarde se abrem e dão sahida a uma sorosidade negra, de mistura com coagulos do aspecto de carvão vegetal. Infere-se, pois, d'aqui que um individuo não pratico não pode fazer uma idéa perfeita do estado sanitario de uma mulher, pela simples inspecção occular e deduzir resultados seguros de factores vagos para elle, como as cores e as excreções d'uma mucosa.

No emtanto, são signaes physicos e como taes são os melhores, mas tão, sómente um tacto medico mui experimentado pela pratica póde tirar a verdade, que em muitas circumstancias as raparigas tentam dissimular, e os signaes racionaes então são todos negativos, e o diagnostico terá de se basear só e exclusivamente sobre aquillo que se vê.

*Quaes são, pois, as deducções que se deverão tirar das côres anormaes com referencia á syphilis, e como se poderá distinguir as principaes manifestações da molestia venerea na vulva e circumvisinhanças?*

É geralmente sabido por todos que a côr typica de uma mucosa deve ser de rosa secca, mas uniforme e egual em todos os pontos da sua superficie.

Portanto é claro que faltando esta condição, um trabalho morbido se estabelece nos pontos da mucosa, cuja côr se alterou; o que acontece sempre que apparece um ponto mais vermelho como uma placa resultante da cura recente de um cancro ou ulcera venerea.

Esta placa, ou antes cicatriz, póde ser deprimida ou elevada em relação ao resto da superficie da mucosa: no primeiro caso, é signal certo e constante de cancro ou ulcera que se curou, no segundo de vegetação cauterisada.

Não é só na mucosa vulvar, que estes dois modos porque a syphilis se manifesta deixam por muito tempo e em alguns casos para sempre vestigios bem distinctos. Tambem na entrada da uretra ella se localisa e imprime caracteres que a rebeldia ao tratamento e os estragos produzidos tornam indeleveis. O cancro venereo corroe umas vezes o meato uretral em toda a sua superficie circular e interna por modo tal, que depois da cura, a uretra se torna fundibilifórme: outras vezes corta-a na sua porção inferior e no sentido da linha media, ou grande eixo, e fórma uma rima com dois pequenos labios.

Quando, porém, a fórma venerea é a vegetante, o tuberculo que sobrepõe a uretra torna-se branco e duro, excedendo sempre o volume natural; outras vezes a vegetação prende-se á sua porção interna e imita perfeitamente uma producção polyposa que, depois d'um pequeno desenvolvimento, estacionasse. Este estado não impede a sahida natural das urinas, nem tão pouco exsuda liquido purulento, ou de qualquer outra natureza.

Tambem a uretra da mulher, no que tem de visivel, denuncia a blenorrhagia anterior e já curada, por uma fita côr de cereja madura que se estende pela porção inferior e ao longo d'este canal. Já se não verifica outro tanto no canal vaginal.

Todos estes vestigios de contagio e infecção podem promiscuamente offerecer-se ao observador, ou como resultado de diversas manifestações syphiliticas n'estes logares, ou como d'uma só, quando esta fosse o cancro, unica e verdadeira fórma, segundo Ricord, d'infecção geral.

Eis-aqui, pois, quaes os signaes de sypihlis que eu tenho verificado pela pratica do exame occular nas mulheres publicas, e que com certeza posso asseverar como verdadeiros e constantes durante muitas vezes, e alguns susceptiveis de se conservar toda a vida, considerando-os, porém, resultantes d'um trabalho morbido não existente, e já curado sem possibilidade de transmissão de syphilis.

Do mesmo modo se devem considerar as excoriações que se apresentam no orificio vulvar simplesmente vermelhas, e como se se destacasse n'aquelles pontos da mucosa a pequena porção do epithelio que lhes falta, cujo diametro nunca excede o da cabeça d'um alfinete, deixando brilhar apenas na sua superficie uma exsudação transparente e limpida.

Estas excoriações nada tem de semilhante aos cancros venereos, nem na fórma, nem na sua natureza: porém esta disposição de certas mulheres contrahirem na mucosa vulvar estas alterações, depende sempre d'uma diatheses que d'ordinario lhes provém de contagios anteriores.

Todavia já por differentes vezes tive occasião de observar estas excoriações em pessoas que nunca soffreram de syphilis, porém n'estas coincidia tambem uma disposição proveniente d'um vicio geral, como herpetico, sarnoso ou escrufuloso que sa traduzem no exterior por botões de pelle, herpes, impigens, prurido, enfartes glandulares, etc., acompanhando as excoriações, cujo desapparecimento só tem logar depois de um tratamento apropriado ao meio geral.

Não se pense, comtudo que é facil distinguir pela simples inspecção occular um corrimento simples do contagioso, uma excoriação d'um cancro ou uma adnite escrofulosa d'um bubão syphilitico, quando tudo está a desabrochar, quando estes phenomenos pathologicos se apresentam no estado rudimentar e que os seus caracteres então se confundem.

E' n'este estado que a pratica, em caso duvidoso, temporisa para o tratamento, e todos o podem fazer menos uma verdadeira policia sanitaria que tem sempre em vista prevenir a transmissão do agente virulento.

Muito mais difficil se torna para o observador, quando tem a abster-se do conhecimento dos signaes racionaes que, indicados com quem tenha a dissimulação, apenas dão um resultado ou a confusão ou a negação.

Portanto, desprevenidos de todas as reflexões por parte da pessoa em exame e sem auxilio do *speculum* vejamos *se se poderá bazear um diagnostico só sobre signaes physicos e positivos, isto é, distinguir as manifestações contagiosas das que o não são, prescindindo de toda e qualquer consideração sobre o estado anterior*.

De todas as manifestações primarias de syphilis na vulva, é com certeza a blenorrhagia aquella que mais nos póde enganar pela grande paridade com a leucorrhea. Póde-se até asseverar que sem observação e sem o auxilio dos signaes racionaes, será difficil o seu diagnostico para ser feito de primeira intuição, quando não haja uma grande pratica d'estas molestias nas mulheres.

A blenorrhagia na mulher póde estabelecer-se na uretra, na vagina ou no collo do utero. É sempre contagiosa quando tem o seu nascimento na uretra: então é pouco abundanle o corrimento, e até é necessario, para verificar a sua existencia, percorrer-se a extremidade do dedo indicador por sobre o canal uretral, de dentro para fóra, obrigando d'este modo uma gota de puz a alcançar o meato urinario. Se o corrimento desce pela vagina, póde muito bem confundir-se com a leucorrhea ou flores brancas, qne tambem apparecem á rima d'egual procedencia e com caracteres sensiveis quasi similhantes.

A leucorrhea coincide sempre com o lymphatismo ou uma constituição arruinada, com depreciação de forças e magreza; o corrimento é copioso e branco, raras vezes d'outra côr, as nodoas sobre roupa branca são da mesma côr do corrimento, e quando muito recentes apresentam o caracter mucoso.

A leucorrhea torna-se muitas vezes um estado habitual da mulher. Não produz dôr ou ardencia na sua passagem; e a mucosa vulvar mostra uma côr lactea dependente do estado geral e não da affecção local.

A blenorrhagia póde manifestar-se na mulher mais possante e nas melhores condições da saude. O seu corrimento é d'ordinario pouco abundante e ardente na sua passagem, variando na côr segundo os periodos, mas amarellado na chronicidade, deixando nodoas da mesma côr sobre o panno branco e d'aspecto purulento. A mucosa vulvar torna-se rubra no periodo agudo, mas nunca lactea senão nas mulheres d'uma constituição enfezada. Na uretra produz dores, frequentes desejos de urinar no periodo agudo, deixando por fim vestigios na mucosa que só muito tarde desapparecem.

Ainda um corrimento se nos póde apresentar provindo de scirrho, cancros, polypos ou ulcerações do collo uterino; n'este caso a purgação é saniosa, algumas vezes raiada de sangue e sempre fetida, porém só o *speculum* póde bem determinar a sua procedencia.

O cancro venereo pronuncia-se por um ponto deprimido na mucosa vulvar ou vaginal, de fundo branco, sujo ou cinzento, cujas bordas são vermelhas, espessas e ordinariamente circulares, podendo ser recortadas de diversas maneiras sem irritar ou alterar o resto da superficie.

Apanhado entre os dedos pollegar e indicador offerece, ou a molleza do resto do tecido, ou uma dureza quasi scirrhosa; e assim se diz duro ou molle. O cancro molle, depois de certo desenvolvimento, estaciona, podendo mesmo passar a ser duro. Quando isto acontece, promette ser rebelde. Outras vezes desapparece para reincidir ou mudar de fórma e de logar.

Raros são os roedores e muito menos os gangrenosos: estes denunciam-se por um ponto negro que augmenta sempre e em pouco tempo, e produz grandes estragos: aquelles são sempre de bordas recortados, e vão alargando o seu campo, roendo os tecidos pelos angulos reintrantes. Estes dois ultimos são

de todos os peores pelas lesões que promovem e deixam de si signaes perpetuos.

As excoriações apenas se manifestam por pequenos pontos de fundo vermelho sem depressão nem dureza. O seu aspecto nada tem de suspeito, e a pequena superficie excoriada exsuda uma lympha branca e transparente. Não são contagiaveis e desapparecem com facilidade pelo descanço e limpeza da parte. Em algumas mulheres são percursores dos menstruos.

As vegetações contrariamente aos cancros fazem saliencia e apparecem com diversas fórmas, como: pontas d'agulha, cristas, amoras, ou pequenos botões esponjosos, destacando todas as variedades do resto da mucosa por uma côr branca.

Outras então são d'aspecto mucoso e assemelham-se aos polypos, porém differem d'estes nos pontos d'inserção que vem a ser sempre as entradas das vias genito-urinarias e pregas do anus, em quanto que os polypos, tendo um crescimento mais lento, desenvolvem-se no interior das cavidades, como utero, bexiga e recto.

Nas virilhas podem apparecer as adnites escrofulosas ou syphiliticas. Umas e outras atacam os mesmos tecidos e nos mesmos planos; porém as primeiras não são contagiosas, e as segundas são o pronunciameuto da infecção, quer ellas sejam já uma consequencia, quer o seu desenvolvimento coincida com o apparecimento de blenorrhagia ou cancro.

O unico caracter differencial que a pratica me tem constantemente dado é que a adnite escrofulosa é de ordinario muito acompanhada pelos ganglios visinhos apenas entumecidos, deixando espaços d'uns aos outros e dando ao tacto a sensação que produziria um rosario de contas: e no bubão a sensação que se experimenta é outra; o tumor é duro e pastoso, susceptivel de se circumscrever nos dois lados correspondentes á coxa e abdomen, e para os outros lados prolonga-se o entumecimento não como rosario, mas como uma corda que se estende por toda a verilha e vae desapparecer áquem da corda iliaca, de fórma que os vasos lympaticos e ganglios do mesmo plano tudo é atacado para formar o bubão venereo, adelgaçando para a extremidade de fóra.

Este estado só se póde observar bem no primeiro septenario e alguma vezes ainda no segundo; mais tarde, pois, as dimensões do tumor não permittem sentir a corda gangliar.

Tambem o anus offerece affecções venereas, como ragadas e alterações, tuberculos nas mucosas e vegetações, corrimentos e fistulas seccas ou humidas, que quasi sempre são o resultado d'inspeção geral, podendo algumas d'estas molestias desgraçadamente tambem provir de relações *contranatura*. O pouco cuidado de limpeza e a proximidade da vulva quando affectado de venereo, sobretudo da blenorrhagia, favorecem muito pelo escurro das humidades contagiosas que a atravessaram n'um plano motivando o apparecimento d'algumas molestias venereas n'esta parte.

São estes os conhecimentos praticos de syphilis anteriores ou actual que se devem á observação, e sem os quaes a inspecção occular pratica ou não pratica nada vale como meio prophylatico.

Em circumstancias especiaes acontece que estes signaes se confundem e não se apresentam ao observador na fórma que deixamos indicada como typica.

Não deve por isso julgar-se que a inspecção occular não é o melhor meio, antes ao contrario é o mais seguro quando é acompanhado da experiencia e da razão. Porém a inspecção occular nem sempre póde ser praticada para com todas as mulheres, ou por inexperiencia, ou por recusa formal, ou o pudor o não consente e a occasião se precipita.

Eis chegada a occasião do uso dos agentes pharmocologicos, e cuja efficacidade muitos medicos tem authorisado como optimos achados para a prophylaxia das molestias venereas.

Seria innumera a lista, que me dispenso d'apresentar, de todos os conselhos, receitas e formulas que desde Lafranc até os nossos dias tem apparecido.

Os resultados negativos d'uns e d'outros tem provado que ainda se não inventou meio algum, que podesse gosar dos foros de verdadeiro e efficaz preservativo.

Consta, porém, que Luna Calderon inventou um preservativo excellente e infallivel que experimentou em si mesmo no hospital dos venereos em Paris com o melhor resultado, fazendo a innoculação do puz virulento na mucosa prepucial, e depois a applicação do seu invento. Mas Luna Calderon morreu com o seu segredo, e á humanidade só lhe resta esperar outro Luna.

Mais tarde mr. Langlebert enviou á academia de medicina de Paris, em 1851, uma formula, cuja base é o sabão molle de potassa, que elle julga efficaz, sendo applicada seis minutos depois da innoculação do virus.

O remedio de Langlebert ainda não é considerado como infallivel.

Muitos doutores emfim tem querido disputar a efficacidade dos inventos e experimentos seus; e de tudo isto se tem concluido que os causticos potenciaes, os acidos e os adstringentes são os agentes pharmacologicos que podem ter applicação na hygiene privada da syphilis. Assim mr. Malapert aconselha a solução do sublimado: Mr. Rodek o perchloreto de ferro: Mr. Ricord recommenda a cauterisação: outros gabam o vinho aromatico.

Em Inglaterra ainda hoje se usa lavar com agua ligeiramente caustica por alguns gráos d'alcali fixo e sabão, fazendo mesmo os homens uma injecção d'esta solução na uretra, depois do coito; o que é má pratica, tendo em consideração a facilidade que tem a mucosa uretral em se inflammar.

Na Belgica é dever nas casas de tolerancia o ter nos quartos um frasco com oleo ou azeite, e uma garrafa com solução branda do sub-carbonato de soda.

Em Bordeus foi prescripto ás mulheres publicas o uso d'uma agua cuja formula é a seguinte:

| | |
|---|---|
| *Alumen cristalisado* ................................ | 1 k. 500 grammas |
| *Sulfato de prot. de ferro* ................................ | 100 » |
| *Sulfato de cobre* ................................ | 100 » |
| *Alcooleo aromatico comp* ................................ | 60 » |
| *Agua da fonte* ................................ | 100 litros |

Esta agua, chamada hygienica tem um consumo extraordinario, e o seu preço de venda é de 10 centimos por libra: e deve-se notar que a differença nos preços de custo e venda faz a remuneração d'um empregado que tambem tem a obrigação de a preparar e distribuir.

Muitas outras preparações se poderiam indicar, como meios prophylaticos, porém todas tendem ao mesmo fim, adstringir e detergir.

Para melhor se julgar dos meios pharmacologicos tidos como prophylaticos deve-se observar a sua acção antes e depois da innoculação do virus syphilitico. Para o primeiro caso temos as experiencias feitas por mr. Ricord, que consistiam na inoculação do virus misturado com um acido concentrado, para mostrar que o contagio se não fazia.

Porém attenda-se que, se este resultado negativo se dá, é devido á acção physico-chimica que os acidos concentrados manifestam, quando se encontram em contacto com os corpos organicos mesmo no estado elementar, e não a alguma virtude ou propriedade especial neutralisadora dos effeitos do contagio, que por ventura se lhe podesse attribuir. Para o segundo caso, temos as experiencias de mr. Langlebert, que tinha por fim prevenir pelo seu preparado um pouco caustico os resultados da innoculação do virus, seis minutos anteriormente feita.

Todavia d'estas nada se póde concluir, porque ainda não são tidos por seguros os meios por elle propostos á academia de Paris; e demais, como se poderia julgar assim efficaz a acção dos agentes empregados por Langlebert depois da introducção do virus na economia humana, a não ser como especifica, isto é inexplicavel? Fosse muito embora especifica ou inexplicavel a acção d'este invento, que pouco importava para a pratica, mas fosse certa, infallivel e preservadora da molestia venerea, porque então a humanidade muito teria a louvar Langlebert.

Emfim, a applicação de muitos meios pharmacologicos, antes e depois da innoculação do virus, tem mostrado que os acidos concentrados, os causticos potenciaes e os adstringentes fortes são os agentes capazes de neutralisar ou destruir o principio activo do virus, quando no seu emprego se lhes conserva toda a sua força e actividade.

Com quanto em theoria isto seja assim, descendo de experiencias a uma pratica vulgar, as cousas mudam de feição, porque o modo d'obrar dos acidos e dos causticos sobre os tecidos vivos, é sempre desorganisando-os, portanto a sua applicação como prophylaxia é impossivel sem uma diluição conveniente.

A diluição diminue a força d'acção sobre o virus, e o effeito que se deseja não se póde lograr.

Porém, ainda suppondo que uma diluição possa vencer a actividade do principio virulento, figuremos o puz sobre a mucosa genital nas duas circumstancias mais naturaes em que esta se podesse achar.

Suppunhamos primeiramente que a mucosa está illesa e conserva a sua integridade e o puz apenas deposto ainda não atravessou, nem se encontra em contacto immediato com o organismo mas tão sómente com o epithelio.

É evidente que a applicação dos acidos ou dos causticos em fórma liquida para arrastar comsigo o virus, e a acção produzida é então puramente mecanica, mas sufficiente para salvar do contagio.

N'este caso, não só estão os acidos e os causticos, mas os adstringentes, o vinho e o vinagre aromaticos, e todas as soluções brandamente acidas ou alcalinas.

Portanto, se a acção preservadora é só mecanica, nada mais facil do que encontrar um meio suave e simples, que as possa substituir a todas; é a agua um meio simples que encontra facilmente, mas d'ordinario desprezado pela vulgaridade e, na falta d'esta a propria urina.

O bom successo do emprego d'estes meios no presente caso, só está dependente da promptidão e exactidão da lavagem da parte.

Figurando agora a hypothese, em que na mucosa genital de ferida ha selução de continuidade, o puz venereo é promptamente absorvido, e ninguem poderá dizer até que ponto se deve fazer a cauterisação para obstar aos seus temidos effeitos.

Deve-se notar que n'este caso a lavagem é o mais das vezes insufficiente, e com razão terão aqui applicação os meios apontados por Ricord: porém poderão elles ir tão longe como o virus?

Quem poderá assegurar-nos que a sua acção seja sem perigo? Eis o momento, em que teria logar o emprego d'um preservativo como o de Luna.

Seria necessario que estes meios atacassem na totalidade o virus absorvido e diffendido pelo organismo. Seria necessario empregal-os taes como Ricord os misturava ao virus antes da innoculação, e n'este estado não poderiam elles atravessar os orificios absorventes com egual velocidade, attendendo á reacção propria e natural dos tecidos vivos que tendem sempre a defender sua integridade, oppondo-se tanto quanto lhes é possivel á acção desorganisadora d'estes corpos.

Mas apezar de todos os exforços da natureza, os tecidos humanos, quando em contacto com estes agentes, tem de ceder ás suas leis physico-chimicas, e a sua destruição é inevitavel. Destruição que não póde ir longe sem perigos para o individuo, e que se não póde dizer seja total para o puz virulento.

Concluindo, pois, pode-se affoutamente assegurar que nenhum meio é preservativo da molestia syphilitica, nem tambem se póde contar com a efficacia dos apontados depois que se der o contagio.

Os conselhos que se tem offerecido como prophylaticos tem sido sempre em relação a tres tempos: antes, depois, e no momento do acto venereo.

Os mais uteis são. antes do coito examinar bem as partes que devem conservar toda a sua integridade sem alteração sensivel de continuidade, côr e excreções. Portanto toda a ferida ou arranhadura de fundo pardo, cinzento ou sujo, é suspeita: toda a excrescencia branca ou vermelha em suppuração, induz virulencia: uma purgação vaginal lactecente ou amarellada, espessa e baça, não merece confiança, e é sempre de má natureza a que correr pela uretra; a fluxão menstrual deve ser respeitada, e n'este estado particular da mu-

lher, deve-se abster: um tumor duro e sensivel de fórma alongada na virilha, é suspeito.

Este exame que pertence ao 1.º tempo, é certamente o melhor conselho; porém é sempre desprezado, ou por falta de verdadeiros conhecimentos, ou pelo receio de offender ao pudor, ou pela precipitação ou sustentação da illusão. As loções antes do contacto carnal são de má pratica, pelas condições a que sujeitam a parte, livrando-as do inducto sebáceo que naturalmente encapa as mucosas genitaes e as defende d'absorpção; muitos hygienistas até recommendam n'estas conjuncturas o uso das unções com um corpo gorduroso, como azeite, oleo d'amendoa ou banha preparada.

Toda a esfoladura ou excoriação simples favorece a absorpção; n'este caso manda Ricord fazer cauterisação com a pedra infernal.

Pelo que diz respeito ao segundo tempo nenhum conselho póde haver, e tudo o que poderia dizer-se não passaria d'ousado pedantismo, que a sã razão regeita.

É depois do acto que todos os cuidados preventivos se devem tomar, e toda a promptidão e boa execução são a condição necessaria e util de prevenir o contagio.

N'esta occasião, a lavagem deve ser minuciosa e feita com os adstringentes de preferencia, como vinho, vinagre aromatico e na falta de qualquer meio, a agua da fonte fria com uma solução de sabão. O melhor e mais economico meio prophylatico é uma solução de acetato de chumbo crystalisado, 1 oit. e meia para uma libra d'agua da fonte, e é de necessidade, seja qual fôr o meio empregado, que a lavagem seja em acto continuo.

Será sempre bom urinar para que esta excreção faça a lavagem da uretra; no caso de não poder fazer-se, a solução do acetato é sempre muito conveniente. A mulher não deve desprezar estas condições de limpeza, fazendo loções eguaes e lavando tambem a vagina com a agua d'acetato de chumbo.

Todos os cuidados de limpeza a que finalmente se limita a hygiene privada, não são sempre uma sufficiente caução, pois seria muito feliz aquelle para quem a immunidade proviesse exclusivamente d'elles. No emtanto, é verdade que muitas pessoas, e particularmente as raparigas quando se dão aos cuidados de limpeza e tem a sufficiente sagacidade para conhecer da sanidade do homem, o que só aprendem depois de certo tempo no exercicio da prostituição se conservam muitos annos e algumas toda a vida sem contrahirem infecções novas. Deve-se pois ter sempre em lembrança que todas as precauções são precisas e todas se resumem n'este principio geral da hygiene—*limpeza*.

As affecções syphiliticas, que mais frequentemente se manifestam na prostituição publica, e portanto que mais a conduzem ao hospital, são por ordem de sua frequencia as seguintes:

| | |
|---|---|
| Cancros........................ | da vulva |
| Escoriações e ulcerações ............ | |
| Vegetações ........................ | |
| Corrimento vaginaes ................ | |

| | |
|---|---|
| Placas mucosas e pusutlas sêccas...... <br> Abcessos e pustulas supperantes....... | dos grandes labios |
| Corrimentos...................... <br> Vegetações mucosas e ulcerações...... | da uretra |
| Vegetações e placas mucosas......... <br> Pustulas sêccas.................... <br> Ragadas e corrimentos.............. | do anus |

Adnites inguinaes e ulcerações no collo do utero.

De algumas manifestações syphiliticas, que acabamos de vêr, nem sempre é facil aos facultativos visitadores o fazer um diagnostico certo e positivo da sua natureza contagiosa, pelo exame exclusivamente ocular.

Todos os estados morbidos em geral são d'um difficil diagnostico positivo, quando as condições, em que se manifestam, são o começo ou principio do seu desenvolvimento, dadas as complicações que mui frequentemente as acompanham, ou mesmo apparentam uma natureza que não tem.

Assim succede quasi sempre com os corrimentos vaginaes, com as adnites inguinaes e o maior numero de affecções, herpeticas.

Deverá, portanto, em caso duvidoso a policia sanitaria temporisar?

Em qualquer dos pontos, virilhas, anus, vulva, vagina ou uretra, que se manifeste um estado normal, em pequena ou grande escala, e sobretudo sendo supporante, não deve existir duvida para fazer entrar no hospital uma mulher, qualquer que seja a natureza da affecção local, porque approveita sempre depois d'algum tempo d'observação, com um tratamento apropriado, embora não sendo syphilis.

E', pois, debaixo d'esse ponto de vista que se funda o principio estabelecido, regulamentar e pratico, d'obrigar as raparigas a entrar no hospital, logo immediatamente depois da visita, quando encontradas doentes.

#### Accidentes secundarios e terciarios sobrevenientes no exercicio da prostituição por syphilis constitucional ou LUES VENEREA

Placas humidas da pelle dos grandes labios e contorno do anus.
Dartros papulosos da face.
Syphilides pustulosas, exanthematosas, escamosas, etc., dos membros.
Roseola venerea.
Hypertrophia dos grandes labios.
Fistulas dos grandes labios (sequencia d'abcessos mal tratados).
Dôres osteo-copas e arthrites venereas.
Raras ophtalmias e exostoses, e muito menos carie dos ossos.

De todos estes accidentes venereos os mais frequentes na prostituição são os que se manifestam na pelle, e sendo a sua causa principal a syphilis, ordinariamente os determinam a pouca limpeza e os excessos do regimen. Procurando-se examinar estas affecções nas raparigas, algumas por boa fé, outras maliciosamente, respondem logo: isto é *bicho*, força ou acrimonia de sangue!

Quizeramos ensaiar alguns dados estatisticos certos e positivos sobre a questão da esterilidade, ainda mui obscura, e fecundação nas meretrizes; porém a falta de elementos precisos, que a observação e a creação d'uma estatistica circumstanciada e obrigatoria, sobre a especie, haveria de vir a esclarecer,

nos não permittem mais do que enunciar as causas mais conhecidas até o presente, e o que pelo exercicio pratico temos alcançado sobre a prostituição.

São ainda um grande mysterio da natureza viva as causas dos dous phenomenos—esterilidade e fecundação, e por isso mesmo uma excitação continua á curiosidade humana.

Quanto prodiga a natureza foi na concessão das faculdades occultas dos sexos, quanto mesquinha se mostrou em signaes reveladores. E talvez fosse a razão o ter especialmente imposto á mulher o encargo da procreação e conservação da especie humana, por onde ella nos offerece tantos pontos d'observação, respeito e admiração, que nos fazem prejulgar que a missão da maternidade não lhe foi em vão confiada.

Se a geração, pois, é um acto sobrenatural, sublime, e só na mulher a natureza julgou aptidão para a guarda do cofre de tantos mysterios insondaveis, sobre a reflexão dos quaes para a intelligencia humana, como não reconhecer devia a obra e celestial a mulher! como diz o nosso mui illustrado poeta e historiador, o sr. A. Herculano, na introducção do seu mui apreciado livro, «O Presbytero»:—*E porque não seria ella na escala da creação um annel da cadeia dos entes, presa d'um lado á humanidade pela fraqueza e pela morte, e do outro aos espiritos puros pelo amor e pelo mysterio? Porque não seria a mulher o intermedio entre o ceu e a terra?*

A mulher, portanto, se apreciavel se torna, quer pelo lado physico, quer moral, deve-o certamente á propriedade fecundadora.

A fecundação é uma natureza sempre nova, que nos dilata de prazer e admiração quotidiana, que nos produz sempre commoções novas e deleitosas: a fecundação, emfim, é sempre um bem para a sociedade e para a familia. Assim Rachel, debulhada em lagrimas, exclamava aos pés do amado esposo: —*Dá-me um filho ou me verás acabar!*

(Genes. cap. xxx).

Não menos se compraz a medicina com a fecundação; é para ella ainda um segredo; mas tem n'ella o prazer do estudo, e por isso mesmo bemdirá sempre as mães que exclamarem como Lia, jubilosa por seis filhos que deu á luz:—*Deus me agraciou com o melhor dote.* (Genes.)

Encarnada, porém, desde a creação universal, esta portentosa funcção na humanidade, havia necessariamente de ficar sujeita ás contigencias e anomalias da vida humana.

Portanto, as molestias, as deformidades e os vicios, são as causas constantes ou temporarias da negação á concepção conhecida em todos os tempos debaixo do nome de — esterilidade.

Por muito tempo se confundiu a esterilidade com a impotencia: mas contestado este ponto em direito muitas vezes para a separação de conjuges deu logar á distincção, que a medicina legal encontrou, baseando-se nas causas.

A impotencia, pois, consiste na impossibilidade physica á conjuncção dos sexos, e a esterilidade na inaptidão á geração ainda mesmo consummado o acto venereo.

A duas classes se reduzem as causas da esterilidade, locaes e geraes:

quer ellas resultem de vicios de conformação ou de situação, ou de molestias dos orgãos geradores; quer ellas dependam d'um estado geral anormal, ou da disposição particular d'um temperamento ou systema, que de certo modo influenceie sobre o utero e ovarios, e lhes perverta o seu funccionalismo natural.

Estas ultimas são as chamadas causas sobrenaturaes dos antigos.

Qualquer, porém, d'estas causas, póde tornar-se temporaria, e só em quanto os obstaculos physicos não são attenuados pela arte, ou essa influencia não seja desviada pela sciencia, ou a edade mesmo o venha modificar.

Está sabido, depois de Prevost e Dumas, que no homem a esterilidade depende da ausencia dos espermatozoarios no licor prolifico, embora elles representem activa ou passivamente nas scenas intimas da fecundação. E a não existir alguma deformidade congenita ou adquirida nos orgãos sexuaes, esta é com certeza a causa principal da esterilidade no sexo forte.

A disposição, porém, toda interna dos orgãos geradores na mulher não nos permitte muitas vezes o verificar a lesão causadora da esterilidade, ainda mesmo não obstando á copula; portanto muito mais difficil se torna para o observador designar rigorosamente o logar e a qualidade.

Tem-se vagamente attribuido as causas de esterilidade no sexo fragil á suppressão ou ausencia de menstruos, á plethora, polysarcia, flòres brancas, cachexia, vicio escorbutico ou venereo, vicios exteriores, abusos de bebidas alcoolicas, aversão pronunciada ao sexo masculino, uma vida libertina, etc.

De todas estas causas, sem exceptuarmos mesmo a primeira, nenhuma é permanente, se não existe lesão organica ou falta d'algum dos orgãos geradores internos. Assim tambem se póde asseverar que a sua existencia não influe poderosamente sobre a concepção, porque, apesar de qualquer d'ellas, exemplos bastantes se vêem de gravidação. E diz Foderé, (Dicc. das Scienc. Medic.) que se alguma molestia ou influencia grande se póde exercer sobre o utero efficazmente para a inaptidão á geração eu esterilidade, é com certeza o cancro ou schirro.

Porém tem-se geralmente acreditado que as mulheres no exercicio da prostituição são estereis, mas conhecido ha muito que ellas produzem, não é difficil, depois dos principios postos, explicar-se o facto.

A existencia d'orgãos especiaes n'uma integridade normal são os elementos physicos da geração, e o bastante para se acreditar na possibilidade de gravidar esta classe.

E supposto não haja estatistica positiva no Porto, ácerca do assumpto, podêmos talvez, sem receio d'errar, estabelecer a proporção de 10 % de mulheres fecundadas, e de 3 a 4 % das que completam a gestação: o que nos prova que a esterilidade n'esta parte da sociedade é tão sómente relativa.

Ora, a duvida que ainda se offerece a todos quantos teem estudado a esterilidade na prostituição publica vem a ser se ella consiste nas causas que nos parece devem actuar n'estas mulheres, segundo as condições d'um genero de vida inteiramente differente, ou se ellas procedem de fóra, e portanto obram indirectamente.

No maior numero de raparigas entregues á devassidão, já vimos que a sua edade não ultrapassa os vinte annos no começo d'esta vida turbulenta, desregrada e cheia de vicios, que principiam por lhes embotar a moral e acabam por lhes gastar o corpo.

A esse tempo e n'uma edade toda de illusões está o utero sujeito a uma excitação constante, e o seu modo de funccionar quasi puramente nervoso desvia-se da regularidade necessaria aos actos naturaes da fecundação. Razão porque se diz que as nymphomanas são estereis.

Na labutação de uma vida corrupta e de abusos de toda a especie se succedem sérias lesões, que lhes marcam perpetuamente vestigios indeleveis, e pelas quaes a perversão na situação ou no funccionalismo especial dos orgãos reproductores se torna causal da esterilidade.

Assim se tornam estereis as mulheres, em quem se nota uma anteversão d'utero que collando o *focinho de tenca* á parede posterior da vagina, não dá passagem ao licôr prolifico, assim como o endurecimento, o cancro, schirro ou polypo, e aquellas em quem a procedencia do mesmo orgão, que se denuncia á vista pelo arrastamento á vulva da mucosa vaginal, não permitte o coito.

Não será talvez mesmo difficil de admittir a existencia d'uma atrophia de utero ou ovarios, em algumas mulheres, procedente da dissolução de costumes, vicios, privações e molestias. Não se pódem com certeza verificar estas lesões senão depois da morte; mas, reconhecidas, tem-se um signal certo da esterilidade durante a vida.

Emfim cada uma d'estas lesões, que frequentemente se realisam na prostituição, são evidentemente as causas principaes da privação da primeira e mais sublime funcção da mulher.

Bernardin de Saint-Pierre deu grande importancia á necessidade dos contrastes no caracter moral e physico, pela falta das quaes elle pretende explicar e ter achado a causa da esterilidade em certas uniões. Por isso recommenda a alliança d'uma mulher loura com um homem trigueiro, etc.

Para o caso presente não colhe a theoria dos contrastes, supposto ella tenha por fundamento uma razão mui natural para o matrimonio.

*Foderé (Dicc. das Scienc. Medic., art. Esterilidade)* diz que *os signaes propicios para a fecundação estão dependentes dos attributos que caracterisam o sexo feminino — 1.º nascimento de desejo na época da puberdade: 2.º apparição conveniente de menstruos: — 3.º sensação voluptuosa na conjuncção conjugal.*

Quantas vezes se vêem exemplos do contrario, assim como mulheres em quem faltam todos estes attributos, e se tornam notaveis pela sua fecundação!

Em outra parte diz o mesmo author: — *Uma altura mediana, bôa côr, carnes succulentas com peitos bem formados, saude real, caracter jovial e costumes puros, são as condições que presagiam uma feliz posteridade.— Aquelle que, pois, julgue uma felicidade a procreação, deve evitar para companhia algumas d'essas mulheres esguias, magras e pallidas, affectadas e morosas, que se pavoneam de espirituosa e desdenham das cousas pequenas. Se não são totalmente*

*estereis estas mulheres, depois de haverem um ou dous filhos, são muito peores mães do que as primeiras.*

Pelas condições d'organisação geral na mulher, Foderé nada conclue de positivo sobre a esterilidade, e só deixa entrever uma decidida antipathia para com as mulheres altas e magras, que elle mesmo confessa terem a possibilidade de gravidar.

As molestias e as lesões até profundas do systema nervoso não são causas de esterilidade. Quantas mulheres tisicas em terceiro grau nós vemos levar uma gestação ao fim! Quantas crianças nascem com graves affecções syphiliticas, dartrosas, etc.!

Emfim, para que a concepção se dê na casta humana, não obstam as paixões nem se torna necessaria a presença dos affectos d'alma.

Nas condições mais abstractas do espirito, assim como no meio da mais viva colera, a acção reproductora pode-se realisar.

Está sabido que uma mulher concebe, apezar da aversão a certo homem, e os exemplos de gravidação depois d'uma violencia nol'o provam.

Ninguem ignora tão pouco que o mesmo succede n'um estado de perfeita narcotisação, de embriaguez ou mesmo quando anesthesiada pelo chloroformio.

Resumindo, portanto, de todo o exposto, deduziremos os dous seguintes corollarios:

1.º—Que a concepção, medicamente olhada, é uma acção vital sómente sujeita ás leis geraes da creação, e ligada ás condições dos corpos organisados, mas independente do estado moral e consciencia dos individuos.

2.º—Que nenhum signal certo se pode obter, se não colhido nos orgãos geradores, e como os principaes se acham fóra do alcance dos nossos sentidos, e ate outras vezes da melhor e mais minuciosa observação, não pode ainda a sciencia com segurança satisfazer a curiosidade humana, e reconhecer com certeza durante a vida a esterilidade na mulher.

O mais deploravel e mais vergonhoso estado na sociedade é incontestavelmente a perversão da moral do genero humano, é o abandono de si mesmo, é, emfim, a prostituição.

As razões, que se apontam, imputam-se geralmente á mesma sociedade. Não duvido que a uma má constituição social esteja inherente esse mal, mas então havemos de confessar que até hoje não houve sociedade bem constituida. Não devo entrar n'esta questão d'estatistica demasiado transcendente, mas o que é verdade é que a uma perfeita civilisação ainda nenhum paiz chegou. Entretanto todas as causas, que dependem da constituição social, devem-se considerar como secundarias, e não é preciso recorrer a estas, para explicar o incremento ou a diminuição d'este mau estado; se attentarmos ás epocas anteriores e as compararmos. Na antiguidade a religião pagã, independente mesmo da constituição social dos Gregos e Romanos, favorecia, pela pratica dos sacrificios aos deuses da impudicicia, tanto o desenvolvimento da prostituição, que a repu-

blica se obrigou a reprimil-a com leis especiaes; e tomando outra epoca mais adiantada, por exemplo, o reinado de S. Luiz de França, vemos o grande mal da sociedade diminuir progressivamente, e á medida que a lei do Nazareno restabelecia a moralidade e adoçava os costumes com praticas religiosas, baseadas na evangelica doutrina do Crucificado. Eis um paralello de convencimento, que se pode tomar em outras epocas mais, para com afouteza bradarmos que a primeira e mais forte causa está na falta de conhecimentos moraes e de boas praticas. E' portanto esta causa que mais se deve combater pela educação e instrucção, tanto litteraria como professional, acompanhadas sempre de praticas moraes e religiosas, favorecendo sempre as instituições creadas e promovendo mesmo o estabelecimento d'outras, que tendam a illustrar e moralisar um povo, condição principal para o elevar á altura d'uma verdadeira civilisação. Todas as mais condições, sob que se estabelece a sociedade, por melhores que sejam, nunca produzirão um efficaz resultado, sem o cumprimento da condição principal, educação, instrucção e trabalho, meios convergentes ao foco, bons costumes. Remontando ainda aos tempos antigos, vemos o despotismo, o ouro e o luxo dos grandes senhores atropelar atrozmente a pudicicia das classes inferiores em fortuna, direitos e fóros civis.

As mulheres feudaes e escravas, por tanto sujeitas ao poder e á corrupção, eram vexadas sem mais recurso do que a esperança na protecção e liberdade, que nem sempre obtinham.

Ainda hoje se nota este genero de prostituição nos paizes onde a escravidão é permittida: e na Turquia, China, Japão, Sião, etc., o uso de harens e a polygamia consentida por lei n'estes paizes, e por todos os governos mussulmanos d'Asia e Africa, são talvez o estorvo principal para que a prostituição não toque no seu zenith.

Na edade media, ainda subjugada e dividida a Europa pela alta aristocracia, era o estado celibatario em que viviam os senhores feudaes, uma causa poderosa da devassidão, a que simultaneamente davam logar o capricho, a opulencia e a ociosidade.

D'ordinario a pudicicia do pobre é comprada pelo ouro do opulento.

O luxo não contribue menos para a prostituição, obrigando o sexo fragil, sempre amante e cioso do bello e do elegante como da sua formosura, a compromelter-se com sacrificio da sua honra e virtude. Por outro lado os menos abastados preferem viver no celibato ou em concubinato, para se esquivarem ás consequencias onerosas do matrimonio. Emfim, o celibato e a prostituição resultam de certas condições sociaes; por isso os militares, marinheiros, estudantes, etc., são sempre rodeados por um certo numero de cortezãs e mulheres *mundanas,* que apparecem em todas as terras frequentadas pelos celibatarios, como praças de guerra, portos de mar e cidades das grandes escolas.

Nas capitaes, onde reside a aristocracia imperante, e nos grandes centros de commercio e riquezas, agglomeram-se sempre massas desiguaes em fortuna d'individuos d'ambos os sexos, e tornam-se estes logares ao mesmo tempo commodos da vida e dos prazeres: portanto ahi a indigencia, mais sujeita á corrupção, tende facilmente á libertinagem.

Hoje, uma das fontes mais vulgares d'este contagio d'immoralidades, é a extensão das fabricas e estabelecimentos commerciaes, onde se observa uma inevitavel disposição á prostituição pela promiscuidade dos dous sexos, de que se servem nos trabalhos em grande ponto; como acontece nos districtos manufactureiros do algodão em Inglaterra, e da seda em França.

Antigamente, todo o commercio em geral era assignalado pelos legisladores como causa de corrupção, porque as nações mais commerciantes tem mostrado em todos os tempos a maior dissolução de costumes. O mesmo se observa nos povos maritimos e insulares, comparados com as nações agricolas e continentaes, que conservam por mais tempo uma simplicidade de costumes original.

Independentemente das causas geraes de desmoralisação, que acabamos de vêr, deve-se accusar ainda um extremo enfraquecimento das crenças religiosas e os vicios naturaes da vaidade e preguiça, juntos a mil exemplos de corrupção, até no centro de muitas familias: felizes ainda se a prostituição respeita os laços de sangue, ou se se limita a um só sexo. D'ahi a propagação perpetua da syphilis, deterioração da especie humana, consequencia de vicios vergonhosos e de miseria.

A prostituição recruta os seus adeptos entre as classes inferiores da socredade, como artistas, operarios, proletarios, lavradores etc., que tambem fornecem uma grande quantidade de filhas illegitimas.

Primeiro a necessidade, depois a preguiça, e e final, o exemplo as precepitam.

As mulheres, cuja profissão era servir como creada, costureira, fiadeira, etc., são as que fornecem maior numero á prostituição. Os proventos e salarios d'estas profissões, d'ordinario pequenos, não permittem satisfazer ás exigencias do luxo, por que se deixa seduzir a maior parte d'estas desgraçadas. A vadiagem, como pretexto, as más companhias, consequencia certa d'aquella, a dependencia nas fabricas, o mau exemplo, o ocio, os vicios e diversas outras circumstancias, são causas predisponentes e determinantes ao mesmo tempo da devassidão. E por isso não nos devemos admirar de ver nas nossas praças, de dia, e sobretudo de noute, entes infelizes e de tenra edade, como a filha desamparada, a orphã e a exposta, que principiando pela mendicidade, se corrompem, passando no caminho da deshonra a experimentar a fome, o roubo, a embriaguez, e, por fim, os horrores da prostituição; é a venda da honra da filha, e depois a exploração pela propria mãe.

Tudo isto nos leva a acreditar que a prostituição é um recurso da vida para os desamparados da fortuna, a quem a sociedade tem a lamentar e soffrer como um cancro incuravel.

Todavia, n'esta vida de immoralidades e vicios, o que mais digno se torna d'observação é que a mulher libertina não lega como herança a sua profissão á filha. A prostituta pela decadencia da formosura chega á epoca dos desenganos; então detesta a prostituição, e se não tiver o arrependimento, ao menos deseja não ser conhecida como tal, sobretudo pelos filhos, a quem educa honestamente e prepara um futuro, tornando-se a melhor vigia do seu proceder.

D'estas mulheres conheço eu uma, que sustenta e educa fóra de si uma filha com a maior reserva.

O maior numero de mulheres, inscriptas no livro do registro de policia sanitaria do Porto, procede de familias de baixa condição: começam ordinariamente por servir ou empregar-se n'alguma fabrica, onde de mistura com homens se occupam de diversos misteres. Ahi mesmo travam relações amorosas, que dentro em pouco terminam pelo concubinato; a mulher, julgando ter melhorado de sorte, e que póde bem assim prover á sua sustentação, deixa portanto de ser assidua no trabalho, e em breve se deixa vencer d'uma ociosidade enganadora. O salario do artista, sendo relativamente tão mediocre, não póde por muito tempo sustentar a falsa posição d'ambos: este começa a achar onus n'esta associação; a mulher, á força d'escandalos foge, procura asylo, e já lhe não é dado senão em casas suspeitas. Ahi empenha e vende até o ultimo lenço; a miseria vem apoz, e eil-a na ladeira da prostituição. Se n'este estado é acompanhada por filhos, abandona-os á caridade publica, e mesmo lhes impõe a obrigação quotidiana de adquirir uma somma para o sustento de todos. Desde este momento sente a necessidade d'arrimo e procura um homem que lhe entretenha a existencia, sem se importar com a qualidade de pessoa, o que ella pretende vem a ser meios, dos quaes tem absoluta carencia. Portanto anda, passeia, e ao acaso deixa-se levar pelo primeiro homem que lhe falla na rua, na praça, ou no passeio.

Este julga-a já desmoralisada, e a conduz á carreira nefanda, cumprindo brutalmente os actos naturaes. A mulher ainda deseja fugir á vigilancia da policia, cobrindo-se com o véo da prostituição clandestina, e propõe-se ao concubinato, passa-se o tempo e não o consegue; as necessidades da vida urgem e a entrada no prostibulo, com inscripção do nome no registro policial, é o começo da sua prostituição publica ou tolerada, unica taboa de salvação em taes conjuncturas.

E' na verdade a agglomeração d'individuos nas fabricas dos diversos ramos d'industrias, que produz a reducção dos salarios, e leva as raparigas industriaes a crueis sacrificios para a sustentação da sua honra.

D'outro lado, os trabalhos agricolas, bastante pesados no nosso paiz e pouco rendosos no estado actual, são voluntariamente abandonados por muitas mulheres, que procuram nos centros da população uma melhora de fortuna. D'ahi resulta a accumulação, e portanto a depreciação. Assim, em Busan, a superabundancia dos homens dá logar a uma prostituição do seu sexo.

Não tem a prostituição publica o seu nascimento só nas causas apontadas, e uma mui attendivel não deixarei de lembrar, que vem a ser os bailes publicos, sobretudo em tempo de carnaval.

E' para aqui, que devemos olhar: nos bailes do carnaval, aonde a illusão é tudo e o devaneio da mocidade mais se faz sentir, se nos affigura uma belleza, uma deidade uma mascara, que tanto encobre a prostituta como a barregã, a casada ou a donzella; a todas se falla a mesma linguagem pervertida e licenciosa; e a mulher mesmo honesta julgando-se a salvo com o disfarce attende e escuta, finge-se, facilita-se e acaba por se corromper.

E' sempre por este tempo, que muitas mulheres bem conceituadas até então começam a prostituição clandestina, ou mesmo passam a exercel-a publicamente, de sorte que findo o carnaval o registro de policia se enriquece com mais alguns nomes.

A mulher industrial e o artista a troco, mesmo de grandes sacrificios, não deixam perder occasião d'este genero de divertimentos tão perniciosos nas suas consequencias para todas as classes, mas muito principalmente para as laboriosas, que fornecidas de poucos meios expõem-se ás eventualidades d'uma posição precaria.

Consomem nas festas do carnaval o melhor do seu minguado salario semanal, que devia prover as necessidades da familia, e pela fadiga indispõem o corpo ao trabalho nos dias seguintes.

D'ahi a irreparavel perda de meios pecuniarios e tempo, cujas consequencias são semelhantes ás do ocio, que, como elle, dispõem sempre a todas as contingencias viciosas.

Eis aqui, pois, uma poderosa causa, que tanto determina como predispõe á prostituição, e sem querer arrogar as prerogativas de reformador, lembrarei, o que muito seria para desejar, que os administradores de fabricas, chefes de familia e artistas em geral, nunca deixassem perder aos seus operarios a segunda-feira. Não quero prégar o direito do trabalho, mas a assiduidade nos estabelecimentos industriaes é um meio moral e de repressão á embriaguez, ao jogo e á libertinagem. Todos sabem que a segunda-feira é o verdadeiro domingo do artista, e fazendo este as vesperas em orgias e bailes, o cansaço não lhe permitte aptidão ao trabalho no dia seguinte. Ora com uma pequena pena imposta pelo dono ou administrador do estabelecimento ao artista que faltou na segunda feira, este se cohibiria de divertimentos, que além de prejudiciaes a si mesmos, dão um grande contingente, tanto á prostituição publica como á clandestina.

Apezar, porém, de todos estes grandes males, susceptiveis d'alguma attenuação — mas subsistindo ainda como causas da devassidão, concorrerem muito para a desgraça do bello sexo — o mau exemplo e os maus costumes, mais difficeis de combater, dispõem por isso mais ás más intenções.

Não me esforçarei a demonstrar o que é de primeira intuição, mas sómente noto como prova d'esta irrefragavel verdade, que algumas mulheres sem falta do necessario e até do luxo tem, com chymerico pretexto, abandonado seus lares para se entregar ao mundo. E ainda em sentido contrario não faltam exemplos de mulheres tão dedicadas á sua honra, que tem preferido a miseria, a fome, e algumas até a morte.

Finalmente, considerando a prostituição na sociedade como uma enfermidade do moral, assim como o estado anormal na economia organica é a enfermidade do physico; debaixo d'esta relação mui natural, concluiremos, que as causas da prostituição podem ser tantas como os elementos morbidos: porém, recapitulando as principaes sao: o despotismo, a ociosidade, a opulencia, o luxo, a preguiça, a miseria, a carencia d'illustração, e civilisação, que conduzem os povos á corrupção de costumes, cujo resultado mais tarde é a decadencia d'um estado, e a constituição d'uma plebe ignobil e perigosa, aspirando

a inverter a fórma social d'um paiz, para se crear uma existencia reputada.»

Relativamente aos logares habitados pelas prostitutas em Lisboa, diz o dr. Santos Cruz, já citado:

«Quando tratámos do numero das prostitutas, e da sua distribuição pela cidade, fallamos em alguns objectos que poderiam ter aqui logar; entre estes, apresentámos alguns mappas, o primeiro dos quaes marcava as ruas dos diffeerentes districtos da cidade, que a authoridade administrativa tinha determinado não deverem ser habitados pelas mulheres publicas, e os outros mostravam as ruas em que ellas hoje residiam; sobre este objecto temos inteiramente satisfeito no lugar indicado. Advirta-se entretanto que esta prohibição não foi satisfeita rigorosa e completamente, porque algumas vezes ainda as vêmos apezar de raras, n'estas ruas prohibidas; ellas existem na rua da Prata (e lá havia uma casa de vagabundas, na rua do Largo do Corpo Santo existia outra casa, na de S. Julião, na rua nova do Carmo, do Telhal etc., etc., finalmente, é facil, depois de confrontar os mappas, vêr quaes foram estas excepções.

Isso prova, que não obstante as leis, e o rigor, com que ellas podem ser executadas, houve sempre uma tendencia natural das prostitutas a habitar com preferencia antes certos bairros, do que outros, antes certas ruas, e certas casas d'essas mesmas ruas, do que outras, e até certos andares d'essas mesmas casas.

Isto observa-se em Paris, onde ha casas que de seculos são habitadas por estas mulheres e esta constancia tambem entre nós se observa; por esta e por muitas outras razões facilmente concluiremos as difficuldades, que devem occorrer em levar a effeito exacto e rigoroso o fixar-lhes um local exclusivo para a sua residencia; como diremos adiante estes são os dous assumptos que vamos tratar.

Devemos advertir que as mudanças das *casas toleradas* são frequentes, e especialmente d'umas para outras casas da mesma rua, e mesmo esta mudança dá-se mais vezes ainda nas mulheres d'uns para outros collegios, ou mesmo d'estes para viverem sós e isoladas em suas casas.

Não duvidamos por isso de que algumas casas que referimos não contenham hoje o numero de prostitutas que notámos, e este seja maior ou menor, e mesmo que hoje não sejam habitadas; casas haverá em que isto aconteça, porque as prostitutas mudam constantemente, sem que n'isto intervenha a authoridade como tem logar em outras nações.

Assim que todas as prostitutas sejam obrigadas a inscreverem-se na policia e que sem esta formalidade, nenhuma se permitta na sua libertinagem; so então será facil saber-se com certeza o numero d'estas mulheres e o local de sua residencia. Pertender, porém, saber o lugar de habitação e seu numero sem taes auxilios, tudo quanto se disser será hypothetico, e apresentámos este estudo depois de termos feito grandes exforços e difficeis investigações para a sua probabilidade. Sempre na segurança de que algumas devem faltar no numero apontado, como já dissemos n'outro logar.

Dos mappas que apresentámos, colligimos quaes os districtos, quaes as

freguezias, quaes as ruas por ellas mais habitadas, e quaes as differentes ordens n'estes ou n'aquelles pontos.

Pelo mappa n.º 10, vemos que a população de cada um dos districtos não é proporcional ao numero das prostitutas que n'elles habitam, pois que o maior numero d'ellas habitam o 3.º districto: e sendo o 5.º o mais populoso, tem menos de metade das prostitutas do que tem o 2.º 3.º e 4.º

Observámos tambem além d'isto que a população do 1.º districto sendo menor que a do 4.º (comprehendendo só a cidade e não o termo) conta sómente 26 prostitutas, ao passo que o 4.º tem 200, ou vezes mais do que o 1.º; e o 2.º districto apresenta mais de sete vezes, e o 3.º districto quasi nove vezes; o 5.º quasi quatro vezes, e finalmente o 6.º pouco mais do 1.º

Vê-se, pois, que as prostitutas estão distribuidas pelos differentes districtos da cidade sem relação alguma com a população.

O mesmo mappa numero 10 representa o numero das prostitutas de cada districto e a população respectiva a cada um, só em quanto á cidade, sem incluir o seu termo: e tambem mostra a relação dos habitantes para ellas.

Assim a população do 1.º districto é de 24:127 habitantes, e tendo só 26 prostitutas, está cada uma d'ellas em relação de 927 dos habitantes; no 2.º districto attendendo ao numero de prostitutas, e á sua população, está na relação de 160; no 3.º districto na de 159; no 4.º districto de 112; no 5.º districto de 465; e finalmente no 6.º districto de 793.

Tambem observamos pelo mesmo mappa, que o maximo das prostitutas é de 221, e o minimo é de 26, sendo o termo medio de 127; e como a população da cidade de Lisboa (não comprehendendo o termo) é de 182.000 habitantes está uma na relação de 238 habitantes.

Vemos pelos mappas respectivos que, descendo a cada freguezia, o maior ou menor numero de população nada influe no maior ou menor numero das prostitutas, que as habitam. Se assim fosse, nenhuma contaria mais prostitutas do que a freguezia de Santa Izabel, que tem 20.638 habitantes, quando as prostitutas ahi são em tão pequeno numero: depois d'esta devia seguir-se a de Santa Catharina que conta 12.594 habitantes, e depois d'esta Santos-o-Velho que contem 10.017 em que existe maior numero de prostitutas, porém muito menor do que na freguezia da Encarnação, e na do Soccorro, cuja população é consideravelmente menor.

Confrontando a população de cada uma das freguezias com o numero de prostitutas que as habitam, poderiamos achar facilmente a relação, em que está cada uma d'ellas para os seus habitantes; no emtanto omittimos este pequeno calculo, o que não é difficil achar-se, á vista dos mesmos mappas. Concluimos, pois, que ha n'isto uma irregularidade extrema; e a estatistica da população e das prostitutas não dá de si alguma relação constante.

Observamos mais que as freguezias da Encarnação, e do Soccorro são as duas mais habitadas por esta gente e tambem pela mais baixa ordem d'ellas; depois d'estas duas freguezias segue-se a de Santos-o-Velho, e de S. Nicolau; porém se as que habitam a 1.ª são a ralé das prostitutas, as que habitam a 2.ª são pertencentes á 2.ª ordem, e algumas da 1.ª. Finalmente as freguezias de

Santa Justa, Martyres, e Mercês são as que a estas se seguem, porém as prostitutas da 2.ª ordem são as que habitam pela maior parte as duas primeiras freguezias, e as da 3.ª ordem, ou as mais baixas d'esta gente, são as que habitam a terceira freguezia.

Vemos igualmente que as prostitutas preferem umas a outras ruas das mesmas freguezias, observamos pelos mesmos mappas que as prostitutas de 2.ª ordem preferem antes as ruas dos Correeiros (Travessa da palha), dos Sapateiros (Arco do Bandeira), dos Canos, das Gaveas e principalmente a travessa da Palha que tinha então 56 prostitutas. Vemos tambem que as da 3.ª ordem preferem a travessa dos Fieis de Deus, as ruas das Atafonas, e das Madres. Igualmente observamos, que na distribuição das casas publicas das prostitutas por estas ruas, as da 3.ª ordem senão reunem ás da 2.ª, nem d'ordinario nas ruas proximas de qualquer dos bairros da cidade, pois que as da 2.ª ordem habitam na travessa da Palha, rua do Arco do Bandeira, na cidade nova, como tambem na rua dos Canos, na das Portas de Santo Antão, e em todas estas não se observa uma casa de miseraveis de 3.ª ordem, nem tão pouco na rua das Atafonas, do Capellão, Guia etc., que estão nas immediações umas das outras é facil encontrar uma casa de 2.ª ordem; nem na rua das Madres, de Vicente Borga etc., no bairro na Esperança, não se encontram senão das de 3.ª ordem.

O que se nota n'esta cidade a respeito da reunião das prostitutas da mesma ordem entre si, e não com as outras de differente ordem, nas mesmas ruas, e nas suas immediações observa-se quasi em Paris, comtudo ha uma notavel excepção entre nós no Bairro Alto e n'outros pontos aonde não só nas mesmas ruas, mas n'outras proximas, e que se crusam, existem prostitutas da 1.ª ordem e especialmente da 2.ª ordem, como tambem as das mais baixas prostitutas. E assim mesmo na rua das Gaveas existem algumas casas de 2.ª ordem, e ser esta rua crusada pelas travessas dos Fieis de Deus, do Poço da Cidade, etc., aonde habitam as de 3.ª ordem. Tambem observamos no Bairro Alto prostitutas de 2.ª ordem misturadas com as de 3.ª nas mesmas ruas, como na travessa da Espera, dos Fieis de Deus, e bem assim n'outros pontos como na calçada da Gloria, rua do Salitre, etc., etc.

A diversidade dos pontos de habitação das differentes ordens das prostitutas (além de procurarem sempre as casas mais ou menos commodas segundo as posses) sendo ao que parece a causa não só o antigo habito de residirem ellas em certos bairros da cidade, e em certas ruas d'esses bairros, apesar d'algumas d'ellas lhe terem sido vedadas pelos dous editaes da Administração Geral de maio de 1838, mas tambem a maior concorrencia, e a frequencia de passagem. Sendo um facto innegavel que as ruas do Ouro, da Prata, Augusta, Nova do Carmo, e da Palma, do Loreto, Larga de S. Roque, Boa Vista, Calçada do Ferrigial, etc., eram pelas prostitutas as mais habitadas antes de lhes serem vedadas, e são tambem estas ruas talvez as mais frequentadas da cidade.

Devemos tambem notar que é um facto e um resultado d'uma constante observação, que as mulheres publicas de 1.ª e 2.ª ordem habitam de ordinario os primeiros andares das casas, desprezando os outros superiores: Parent-Du-

chatelet apresenta n'este genero uma estatistica muito curiosa e minuciosa a respeito do numero das prostitutas, que habitam differentes andares das casas de Paris.

Entre nós, porém, isto é mais regular: poucas d'estas mulheres habitam os 2.$^{os}$ andares das casas, e d'ahi para cima é raro serem por ellas habitados os outros, além d'isso preferem sempre os andares, que tem janellas de sacada; as prostitutas mais inferiores habitam ordinariamente as lojas d'essas pequenas casas das immundas ruas das Madres, Capellão, das Trinas etc. É evidente a razão d'essa preferencia, e outra não me parece senão a mesma, que as obriga a estarem constantemente á janella, com o fim de serem observadas, de provocarem os homens mais facil e commodamente, conforme as maneiras de que usam.

Tal é o modo segundo o qual estão repartidas as casas publicas das prostitutas pelo interior de Lisboa, com aquella exactidão, que me foi possivel obter, segundo as informações que recolhi. Esta divisão pela cidade representará em todas as épocas os gostos e os costumes d'essa classe? Presumo que não, porque consta-nos que antigamente estas mulheres habitavam com preferencia, e em maior numero especialmente as da 3.ª ordem, as ruas da Madragôa, dos Mastros, a Cotovia, etc., e suas immediações, e as de 2.ª ordem a rua dos Cavalleiros, etc.; hoje as mais infimas habitam as ruas do Capellão, das Atafonas, o Bairro Alto, etc. As de 2.ª ordem antes dos editaes de maio de 1838 habitavam em maior numero por toda a rua direita do Arsenal, Corpo Santo, S. Paulo e Boa Vista, como tambem nas ruas novas da Palma e do Carmo, Loreto, Larga de S. Roque, Calhariz, etc., e além d'essas as das Portas de Santo Antão, lado oriental do Passeio Publico, etc. Hoje todas estas lhes foram vedadas, e por isso viram-se na necessidade de escolher outras, e são aquellas, que ja notámos, e em que hoje habitam; ficando comtudo algumas nas ruas prohibidas, e tendo-se mudado para lá outras.

Ainda que as prostitutas estivessem já de largo tempo sujeitas a matricula, mesmo assim, descrevendo a distribuição das prostitutas por Lisboa, esta não podia ser feita com rigorosa exactidão.

É um facto, e póde passar como um principio, que ha certos pontos da cidade que tem uma notavel attracção para as prostitutas; outros ha, que tem em si uma certa força repulsiva, e é muito razoavel o pensar que estas mulheres se estabelecem e se conservam sómente nos logares em que auferem mais interesses. Ha muitas freguezias da cidade em que nos não constou existir uma casa publica de prostitutas, e se uma ou outra ahi existiu eram estas em numero tão diminuto, como senão existissem; é isso seguramente um resultado da escassez de lucros, que a sua residencia ahi lhes póde causar, por isso taes bairros as repelliam. De que dependerá a falta de interesses em taes pontos? Não posso attribuil-a á moralidade dos seus habitantes, e aos mais austeros costumes, de que elles sejam adornados, como diz Duchatelet a respeito d'um quarteirão da cidade de Paris — a Ilha de S. Luiz — aonde se não encontra uma prostituta, mas com muita probabilidade a serem estes bairros distantes, e remotos dos pontos, aonde ha o principal movimento da população, sendo por isso

sitios poucos frequentados pelos outros habitantes da cidade, e muito menos pelos individuos de fóra, e pelos extrangeiros.

Não ha cousa que seja mais frequente de dizer-se, nem que pareça mais simples de executar-se, do que desterrar e isolar as prostitutas para certos bairros das cidades para ahi residirem, e não ha cousa que na pratica apresente mais difficuldades. Toda a gente diz — obriguem-se as mulheres publicas a habitar n'um bairro da cidade, e não se permitta, que habitem outros. — Todos os que dizem isto lavram n'um erro, e não calculam os inconvenientes da execução. Estas pessoas, embora possuidas das melhores intenções, persuadindo-se da diminuição do escandalo da prostituição, vê-se claramente que não estudaram os costumes e habitos d'estas mulheres, e não attendendo aos enormes males resultantes da prostituição claudestina, só consideram a prostituição nas casas publicas.

Desde os tempos mais remotos em differentes nações tem-se sempre desejado isolar as prostitutas dos outros, e a experiencia sempre mostrou a inutilidade de taes medidas.

Um dos mais antigos regulamentos sobre prostitutas, que se conhece, é o do Senado de Veneza em 1300, em que fixava um logar para estas mulheres, mas com o tempo abusou-se d'esta medida.

Luiz o Grande assignalou em Paris ruas particulares para a residencia das prostitutas, e impoz as mais severas penas contra os infractores d'estas disposições. Tudo isto, com o tempo, se tornou inutil, porque ellas logo abusaram. Entre nós, apesar de nunca serem toleradas, comtudo nos tempos mais antigos eram ellas mais perseguidas, quando se atreviam a habitar as ruas principaes, as praças e outros logares mais publicos; tinham uma necessidade absoluta de se occultarem, e de usarem da prostituição clandestina.

Apesar de que a repetida observação tem mostrado que esta medida, é inexequivel, não só porque d'ella se abusa, mas porque produz muitos inconvenientes, no emtanto trataremos n'esta parte não só da questão — se é ou não util fixar um logar para residencia das prostitutas, mas tambem trataremos dos sitios em que ellas devem habitar, e bem assim dos inconvenientes da agglomeração de muitas casas e da fusão de duas. E finalmente da concessão que a administração póde dar aos proprietarios e rendeiros, para a prohibição d'estas casas na sua visinhança.

Ao tratarmos d'este assumpto, podemos fazer os seguintes quesitos—as casas publicas das prostitutas podem permittir-se em qualquer ponto d'uma cidade, onde convenha a qualquer estabelecel-a? Deve-se-lhes marcar lugar para a sua habitação? Ha logares ou proximidades em que não devem permittir-se? Quanto ao nosso paiz, devemos conformar-nos com a actual legislação em vigor, a qual não indica, que se lhes marque local para ella habitarem, mas exclue as prostitutas de habitar certos pontos, como são as proximidades dos templos, dos passeios publicos, das praças, das ruas principaes, estabelecimentos de instrucção, recolhimentos etc.

Os regulamentos na França tem sido nos differentes tempos mais ou menos rigorosos, segundo a maior ou menor severidade dos prefeitos de policia,

que lhes prohibem a habitação n'este ou n'aquelle ponto. N'aquelle paiz tem-se prohibido a sua residencia na proximidade dos templos, seja qual fôr o culto religioso, dos collegios d'educação d'ambos os sexos, marcando-se-lhes as distancias; tambem se tem prohibido na proximidade das hospedarias de certa ordem, da habitação de grandes dignatarios, dos logares onde ha grandes reuniões, de mercados, dos quarteis, mesmo dos corpos da guarda, etc. E no tempo de Napoleão foram as medidas a tal respeito mais rigorosas, porque parecia que elle tinha uma especie de horror á prostituição publica.

Entre nós, apesar de termos uma lei de tolerancia para as prostitutas, mas á qual até hoje não démos os devidos regulamentos, pozemos em pratica a mais insignificante das medidas, que aquelles devem causar, que foi o marcar-lhes os logares em que não devem habitar. Com effeito, quando tratarmos de obviar o escandalo feito á moral e os prejuizos feitos á saude publica pelas prostitutas, não é senão uma insignificante medida o apartal-as de certos logares; pois que n'esses em que habitarem, ahi podem ser escandalosas, ahi podem como quizerem destruir a saude de milhares de individuos, se outras medidas se não pozerem em execução para atalhar tão grandes males. Só a esta prohibição, é que foi dirigido o edital do Administrador Geral, datado de 5 de maio de 1838, reunindo-se a outro de 22 do mesmo mez e anno; n'estes dous editaes estão marcadas as ruas dos differentes districtos, que ellas não podem habitar.

Temos a notar que muitas das ruas, que foram isemptas de ser habitadas por estas mulheres, não as julgo merecedoras de tão alta dignidade, como são as do Telhal, dos Remedios, de Santa Barbara, e especialmente no bairro Alto as ruas dos Calafates, d'Atalaya, da Barroca, travessa da Espera. etc., se as compararmos com as ruas do Crucifixo, dos Sapateiros, dos Correeiros, e dos Douradores, na cidade nova, nas quaes ellas podem habitar livremente. E tambem não sabemos porque fatalidade estas ultimas ruas não foram isemptas, quando o foram as travessas, que as cortam perpendicularmente, ou que as crusam, como a de Santa Justa, d'Assumpção, da Victoria, de S. Nicolau, etc. Mas emfim assim o ordenou a authoridade competente, e ella estava no seu direito.

O escandalo ás pessoas honestas e os insultos á moral publica, que de ordinario causam as prostitutas, tem feito com que em muitas nações e nos differentes tempos sejam ellas obrigadas a residir unicamente em certos bairros, e serem prohibidas de outros. Entre nós só depois do Codigo Administrativo é que se poz em vigor esta medida. Ora, se as prostitutas em Portugal dão motivo ao escandalo publico, e por isso é preciso fixar-lhes logar para a sua residencia, é porque nunca lhes forneceram regulamentos policiaes, a que ellas se devessem sujeitar e por cuja infracção ellas fossem rigorosamente punidas.

Quando estas mulheres forem obrigadas a não chegar á janella simplesmente para serem vistas, e para provocar os que passam ao deboche, quando se prohibirem rigorosamente as vagabundas pelas ruas, etc., estou bem seguro de que as casas publicas não darão escandalo publico á moral, porque um severo castigo hade cohibil-as, e então não será preciso nem marcar-lhes loga-

res para habitarem, nem prohibil-as de outros: porque supponho que os regulamentos serão fiel e inteiramente executados.

Além d'isso, todo o cidadão tem direito, não só á sua reputação, mas tambem a que a sua moralidade não seja ferida por menos conceituada no publico.

Se houvesse em Lisboa um bairro deserto de habitantes, e então se ordenasse que n'elle e só n'elle residissem as prostitutas, não reprovava tanto, como o mandal-as para aquelles aonde as ha, ou, o que vale o mesmo, exceptuar muitas ruas, praças, etc. da sua habitação, no que indirectamente se lhes marca local. Ora estas mulheres não se querem nos pontos excluidos, ou porque insultam a moralidade dos que passam, ou dos que n'elles habitam; nem diremos tambem que as familias que habitam este ou aquelle ponto da cidade são mais honestas, e tem costumes mais puros do que as outras; isto seria melindrar muita gente.

Por isso não nos podemos conformar com tal prohibição.

Os que passam pela rua dos Correeiros, dos Sapateiros etc., (em que se permitte habitar as prostitutas) não passam repetidas vezes pelas travessas de Santa Justa, da Victoria, d'Assumpção, etc., (a ellas vedadas)? Ninguem dirá a blasphemia, de que só por estas travessas passa gente honesta, e não por aquellas ruas, nem que os habitantes das ruas dos Douradores, dos Sapateiros, e dos Correeiros são desmoralisados e deshonestos, e por isso se mandam para a sua proximidade as prostitutas, e mesmo em tal caso não seria possivel habitar a casa d'uma esquina, que tem face para uma rua prohibida e para outra que o não é. D'aqui vemos os inconvenientes que estas medidas de policia trazem comsigo.»

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

Até aqui as considerações do observador clinico, a quem tão valioso subsidio devemos n'estas minuciosas informações do escabroso assumpto que tratamos.

Para findarmos com estas questões, de bem contestavel utilidade, diremos apenas o seguinte: Actualmente, em Lisboa, Porto, e nas cidades onde a corrupção dos costumes tem dado á prostituição o mais largo desenvolvimento, não ha ruas expressamente destinadas ao domicilio das desgraçadas victimas da libertinagem publica. Isso foi tempo! Hoje encontram-se por toda a parte, escolhendo de preferencia as ruas mais frequentadas, aquellas onde mais rendosa lhes póde ser a *racolage*.

Um livro recente, a *Prostituição em Paris*, pelo dr. A Corlieu, contém interessantes informações, algumas das quaes reproduziremos aqui, porque o assumpto d'ellas é tão applicavel á grande metropole franceza, como á nossa capital, tão verdadeiro para a França, como para o paiz em que vivemos.

«Todos os auctores que se têem dedicado ao escabroso assumpto da prostituição, consideram a questão sob diversos pontos de vista.

«Embora eu tenha lido por necessidade todas as obras francezas relativas a este assumpto, confesso não me despertarem muito interesse livros d'esta especie, que, em geral, raro attingem o fim esperado pelos leitores.

«Litteratos, moralistas, estadistas e medicos, da prostituição têem largamente fallado. Cada qual considerou a questão sob o seu ponto de vista particular, guiado por um pensamento mais humanitario do que pratico.

«Uns procuram entreter o publico por uma leitura attrahente mas insalubre. Repellimos toda e qualquer solidariedade com esses que taes.

«Outros analysaram apenas a questão social. Quizeram saber porque motivo e porque modo cáem no lodo as pobres raparigas—fim honesto e moral, certamente, — mas nem por isso poderão impedir-lhes as quédas, assim como jamais se impediram os crimes. É preciso supportar o mundo tal como elle é, com as suas escorias, e todos os volumes, que a similhante respeito se escreverem, serão, diga-se o que se disser, livros vãos. Ha manchas em todas as cousas, ha estigmas em toda a parte.

«Que os escriptores, os romancistas, por exemplo, dramatisem a mulher que cáe; que infiram da sua quéda um argumento contra a sociedade actual; que se guindem a philantropos, e procurem d'est'arte uma celebridade passageira. Nós nada temos com isso.

«Movidos por excellentes sentimentos, quereriam, se não esgotar, pelo menos deter esta corrente, que vae engrossando de anno para anno, por mais esforços que se empreguem, por mais livros que se escrevam.

«Outros auctores consideraram a prostituição sob o ponto de vista administrativo. Um livro moderno, *La Prostitution à Paris et à Londres,* de Lecour, é um modelo n'este genero: faz auctoridade no assumpto, e com razão.

«Na qualidade de medicos, nada temos que vêr com a administração; todavia somos obrigados a tomar com ella uma especie de soaidariedade. E' a administração que deve basear-se em nós, e não nós nos seus trabalhos.

«Desgraçadamente é esta segunda hypothese que tem prevalecido até agora. Importa, porém, que o medico se emancipe de uma vez para sempre da tutella administrativa.

«Depois de muitos outros, o doutor Martineau, a quem a sua posição em Lourcine põe em contacto diario com estas doenças especiaes, estudou a questão como medico e como philosopho, na sua obra *La Prostitution clandestine,* Paris, 1885.

«Este estudo, diz este escriptor, abraça os mais diversos problemas, levanta as mais ardentes questões sociaes. Toca em todos os ramos da organisação dos Estados, tem numerosos pontos de contacto com as questões do salario, do trabalho, do luxo, da situação da mulher na sociedade. Refere-se sobretudo á liberdade individual, tão cara a cada um de nós.

«O doutor Martineau indica o mal, e propõe o remedio, mas a sua palavra será sempre «a voz clamando no deserto.»

«Não seguiremos o mesmo plano: queremos affastar-nos de todos os utopistas. Ha aqui uma grande questão social, que comprehendemos, mas que não é do nosso dominio.

«Do estudo que fizemos da prostituição e da syphilis, resulta para nós:

«Que as mulheres publicas são verdadeiros focos de infecção syphilitica;

«Que as prostitutas *insubmissas* são a todos os respeitos mais perigosas do que as outras, obrigatoriamente submettidas ás revistas medicas;

«Que estas visitas não são nem sufficientemente frequentes, nem completas;

«E que só por uma vigilancia mais activa se logrará diminuir a frequencia e a gravidade da syphilis.

«A prostituição é velha como o mundo: é um mal que não se destruirá, mas que é preciso sugeitar a regulamentos, digam o que disserem os sectarios da liberdade incondicional.

«Para nós algumas mulheres cáem porque devem cair: obedecem a uma especie de fatalidade.

«Contra estas nada ha que fazer, não ha remedio possivel: estas mulheres sabem o que fazem, sabem para onde vão, mas obedecem ao seu mau instincto, á fatalidade.

«Outras cáem por preguiça, por miseria, por desgostos, por abandono, por falta dé trabalho, por salarios insufficientes.

«Estas mulheres pódem ser novamente conduzidas ao bom caminho. Existem sociedades caritativas e humanitarias que não teem outro fim senão a rehabilitação d'estas mulheres. Citamos algumas: As sociedades do Bom-pastor, de Nossa Senhora da Misericordia, das Resgatadas de S. Lazaro, das Diaconisas Protestantes de Paris, a Obra Protestante de S. Lazaro, o Refugio para as raparigas israelitas.

«A caridade, como se vê, é de todas as religiões.

«Uma das maiores desgraças da prostituição é a propagação da syphilis, que attinge o homem na sua pessoa e na sua progenitura.

«As nossas pesquizas referem-se apenas aos accidentes syphiliticos da mulher, pondo de parte, e muito de proposito, os accidentes venereos, taes como: blenorrhagias, cancros molles, urethrites, ulcerações do collo e outras affecções, que ellas são expostas a contrahir no exercicio da sua profissão.

«Segundo as pesquizas de Lecour, o numero de prostitutas clandestinas em Paris eleva-se a 30:000.

«Parece-nos esta cifra abaixo da verdade. Não poderá jámais conhecer-se com exactidão, porque a prostituição clandestina mostra-se e occulta-se por toda a parte, no theatro, nos bailes publicos, nos hoteis de primeira ordem e nas tascas immundas, nas fabricas, nas officinas, nos wagons de caminho de ferro, nas casas de commercio de perfumarias, luvarias, livrarias, nas lojas de quadros e antiguidades, nas cervejarias, nas corridas de cavallos, nos elegantes *oito mollas* e nos tramways.

«Estas mulheres chamam-se legião.

«As casas de tolerancia vão-se embora, diz Lecour, mas esforçam-se para renascer sob apparencias que augmentam os riscos sanitarios, sem diminuirem o escandalo... Nada mais perigoso sob todos os pontos de vista, do que este genero de casas de prostituição disfarçada.»

«Ha insubmissas e insubmissas, desde a grande *horisontal* até á abjecta *pedregosa,* e a policia não tem acção senão sobre as mais desgraçadas; em com-

pensação curva-se reverente diante da grande insubmissa. Nas rusgas feitas pelos agentes, não se vêem senão jovens principiantes, muitas vezes cobertas de farrapos, pobres vagabundas das ruas, e nunca raparigas elegantes.

«Estas raparigas, apenas curadas, não tardam em geral a entrar na prostituição regulamentada.

«A diminuição do numero das casas de tolerancia, e do numero de raparigas n'estas casas derrama naturalmente na circulação publica um numero maior de prostitutas iusubmettidas. É facto incontestavel. A prostituição desloca-se.

«Se todas as raparigas submettidas pódem fornecer uma estatistica sanitaria, não succede o mesmo com as insubmissas, cujo numero não se conhece, e das quaes não se prendem senão as de baixa cathegoria. Em media, o numero das prisões das insubmissas eleva-se em Paris a pouco mais de duas mil por anno.

«As mulheres que contam já muitos annos de serviço no mister de prostitutas são um pouco rebeldes, á syphilis ou pelo habito das mucosas, ou pela syphilisação, ou por tomarem maiores precauções.

«M. Schperk, que em S. Petersbourgo fez indagações a este respeito, verificou que a maior frequencia dos accidentes syphiliticos se observa nas raparigas de quinze a vinte annos, em seguida de vinte a vinte e cinco, e finalmente dos vinte a cinco a trinta; o que M. Schperk attribue a causas mechanicas nas que começam, condições que tornam os orgãos externos mais vulneraveis.

«As probabilidades de infecção são, portanto, muito maiores com as raparigas do que com as velhas, as quaes, quando são syphilisadas, chegam a maior parte das vezes ao periodo das manifestações terciarias, ou das manifestações secundarias não segregantes. Nas prisões das insubmettidas, as jovens que começam são quasi sempre as affectadas de syphilis.

«A séde de predilecção dos accidentes syphiliticos nas mulheres publicas é nas partes genitaes, onde se verificam em media trez vezes por 100 casos; depois nas partes perigenitaes, anus etc. 25 vezes por 100, e emfim na cavidade buccal, labios, lingua, pharynge etc. 20 vezes por 100. Os accidentes dos bicos do peito são extremamente raros.

«Dois systemas estão em presença na questão da prostituição, a liberdade e a regulamentação.

«Uma dama ingleza J. E. Buthler fez uma campanha em favor da liberdade da devassidão venal, não só por escripto, mas tambem por discursos em reuniões publicas. Pretende fazer escola e tem raros mas vigorosos partidarios.

«Um antigo conselheiro municipal de Paris, hoje legislador, tomou de ponta a administração da prefeitura, e fez-se o advogado das insubmissas, o campeão das idéas de Miss Buthler, em um livro que lhe dedicou.

«N'este livro que fez muito ruido, M. Yves Guyot combateu vigorosamente a prostituição regulamentada, e apoiou-se em algarismos, para demonstrar a superioridade das insubmissas sobre as submettidas, no ponto de vista sanitario, quanto á syphilis.

«Em quanto a nós e servindo-nos dos mesmos algarismos, achamos que M. Yves Guyot caiu n'um erro grave.

«Em quanto ás raparigas submettidas, sabe-se sempre sobre que algarismos se opera, visto que o seu numero é conhecido.

«Tomemos como exemplo um anno qualquer, 1879; ser-nos-ha facil estabelecer uma estatistica exacta:

Em 1879, havia em Paris 3.582 raparigas submettidas, assim repartidas:

| | |
|---|---|
| «Em casas | 1.109 |
| «Raparigas isoladas ou de livrete | 2.473 |

«Sobre este numero de 3.582, em 1879 foram mandadas 956 para S. Lazaro, por:

| | |
|---|---|
| «Syphilis | 546 |
| «Doenças venereas não syphiliticas | 177 |
| «Ulcerações do collo | 146 |
| «Sarna | 72 |
| «Doenças diversas | 16 |

«Em 1875, houve 589 syphiliticas; em 1876, 510; em 1877, 418; em 1878, 473.

«Quando as raparigas submettidas são presas por vaguearem, perseguirem os transeuntes na via publica, ou por outros motivos, são enviadas ao deposito e visitadas no dia seguinte pela manhã.

«Em geral são estas raparigas as mais perigosas no ponto de vista da syphilis.

«Em 1879, prenderam-se 306 raparigas, que foram enviadas ao deposito, e sobre essas 306 raparigas, verificaram-se 178 casos de syphilis, isto é, mais de metade. No mesmo anno as raparigas isoladas forneceram 246 casos de syphilis, ou 22,18 por 100, ou 1 sobre 4,5.

«Esta cathegoria de raparigas do Deposito é fornecida em maioria pelas raparigas isoladas, e por algumas raparigas das casas toleradas, que d'ahi sahiram por qualquer motivo.

«Sabendo-se que o numero de raparigas submettidas era em 1879—3.582, póde-se então estabelecer exactamente a cifra proporcional das doenças syphiliticas por cathegorias de mulheres.

«Estamos, com todos os espiritos esclarecidos e praticos, nas fileiras dos que querem a regulamentação da prostituição.

«A' sua frente collocam-se Parent-Duchâtelet, Jeannel, Mireur, Armand Desprès, Garin, e atraz d'elles vêem todos os medicos que tomam a peito a hygiene publica.

«Quasi todas as nações, de resto, reconheceram a importancia e a necessidade da regulamentação, e a obra de Perent-Duchâtelet, completada por Trebuchet e Poirôt-Duval, expõem o estado da prostituição nos differentes paizes.

«No congresso medico internacional de Paris de 1877, estudaram-se as

medidas prophylaticas relativas á propagação das doenças venereas, e medicos de Paris, de Bruxellas, de Londres, de Lyon, Troyes, Charleroi, Munich, Hamburgo, Christiania, etc. tomaram parte na discussão, e expozeram as suas doutrinas, que, differenciando-se em pontos accessorios, são unanimes emquanto á regulamentação. Se ha erro, admittindo que alguem se engane, mais valeria have-lo com tão boa e sabia companhia.

«É sómente no ponto de vista da hygiene publica e social, que julgamos dever encarar a prostituição.

«Offerece-se-nos esta questão cheia de embaraços e de difficuldades, que dependem de diversas causas.

«Não pretenderemos refutar todos os argumentos especiaes, que, n'um fim que ignoramos, se procuram fazer prevalecer para demonstrar, sob o ponto de vista da hygiene, a superioridade da mulher livre sobre a mulher submissa. Os proprios algarismos por nós apesentados demonstram a inexactidão de similhante affirmativa. Alguns medicos quereriam tornar as donas de casas responsaveis pela saude das suas pensionistas. Quem se responsabilisará pela saude das raparigas de livrete?

«A prostituição regulamentada tem os seus adversarios, á frente dos quaes se colloca M. Yves Guyot, que pede a suppressão das visitas medicas, e dos dispensarios. O senhor Guyot é muito radical nas suas reivindicações.

«Na Belgica, em sessão de 27 de novembro de 1886, da Academia de Medicina, M. Moeller pediu a suppressão da prostituição regulamentada; no entanto a sua voz não encontrou eccho algum.

«Estamos longe de acceitar estas ideias, e contentamo-nos de pedir reformas. Até hoje tudo se tem limitado a girar no mesmo circulo, ou quasi a mesma cousa.

«A policia, como dizia o prefeito Delaveau, em 1823, não auctorisa a prostituição, mas vigia-a, e emprega todos os meios possiveis de tornar esta vigilancia efficaz.»

«A policia faz o que póde, mas não faz tudo o que deve. A necessidade d'uma regulamentação formal impõe-se; têem sido propostos muitos meios mais ou menos applicaveis.

«É sobretudo a prostituição clandestina que seria preciso reprimir.

«É este o dever dos administradores officiaes, que tem por missão occupar-se da hygiene e da saude publica.

«Declaramo-nos partidarios convictos da regulamentação *refeita, revista e corrigida,* não segundo as ideias da administração, mas em harmonia com um plano emanado dos medicos do dispensario e de alguns syphiliographos, reunidos em commissão especial, plano que seria submettido á approvação do conselho de hygiene e de salubridade do Sena, emquanto não se creasse uma direcção geral de saude publica.»

Lecour estabelece as seguintes conclusões, e expande algumas ideias aproveitaveis, que poderiam ser seguidas mesmo entre nós.

«As visitas *hebdomadarias*, diz elle, são insufficientes, pelo que respeita á duração da evolução do cancro.

«Lancereaux queria uma visita ás casas de toleradas *de dois em dois dias*, o que não seria pratico.

«Ricord propõe uma visita *de tres em tres dias*.

«Alfred Fournier, Crocq, E. Bertherand, Mangeot, Langlebert, Belhomme e Martin, etc. *pedem duas visitas por semana*.

«O exame por meio do *speculum* não devia ser praticado sómente de quinze em quinze dias, mas sim em todas as visitas.

«Não é aos medicos do dispensario que se deve attribuir a culpa, dizem M. M. Belhomme e Martin; estes medicos executam o regulamento á risca. A culpa é toda do regulamento, é contra elle só que deve encarniçar-se a critica.»

«Em Hamburgo, em Berlim e Bruxellas, fazem-se duas visitas por semana com o *speculum*.

«As visitas ás raparigas isoladas, *feitas de quinze em quinze dias*, são igualmente insufficientes.

«Entre estas raparigas, ha algumas que têem relações sexuaes mais frequentes do que certas raparigas das casas toleradas, porque as procuram, e deve, portanto, convir-se que duas visitas por mez não são sufficientes.

«Notemos além d'isso que muitas d'ellas procuram evitar essas visitas.

«Precisava-se, pelo menos, de uma visita completa em cada semana. A grande frequencia das visitas é uma garantia para a hygiene publica e privada.

«Creação de um hospital especial, independente da prizão de S. Lazaro, mas dependente da Prefeitura, para o tractamento dos doentes do Dispensario da salubridade.

«Obrigação para as prostitutas syphiliticas sahidas do hospital de se apresentarem todos os cinco ou seis dias no Dispensario, para ahi soffrerem uma nova visita sanitaria completa, até á desapparição absoluta de toda e qualquer manifestação syphilitica.

«A nomeação dos medicos, em vez de depender do arbitrio da auctoridade civil, deveria ser feita por concurso.

«Em todas as casas de toleradas, devia ser affixado um regulamento de policia sanitaria, elaborado pelos medicos do Dispensario.

«É urgente tornar a policia das raparigas submettidas menos rigorosa, e mais severa a das insubmissas.»

.................................................................

.................................................................

Actualmente, em Lisboa e Porto, o serviço sanitario das prostitutas é insufficiente, quanto ao numero e quanto ao cuidado, que n'elle se emprega.

Os regulamentos estão atrazados, impossiveis, ronceiros. A policia não cumpre o seu dever, e o resultado é o desenvolvimento da syphilis, desenvolvimento espantoso, que está sendo um perigo terrivel para a sociedade portugueza!

Muito de proposito temos n'esta obra explanado as ideias sensatas dos especialistas do assumpto, para que da comparação do que se faz lá por fóra com a criminosa incuria da nossa terra, resalte o muito que resta a fazer no sentido de precaver a sociedade contra tão graves perigos.

E' verdade que temos n'este paiz abençoado a maravilhosa tisana Assis, e Faro, a Meca dos syphiliticos, lá recebe todos os annos as numerosas caravanas das victimas do desleixo e da indifferença administrativa.

Póde a administração publica mandriar á vontade. A tisana tudo salva!

Tudo?!... Oxalá que assim fosse! Mas, apesar do *réclame* e do mysterio, essa pobre tisana cada vez vae estando mais desacreditada.

Os leitores sabem o que é essa maravilhosa panaceia.

Um medico italiano foi o inventor ou, pelo menos, o modificador d'esta sublime tisana. Por sua morte legou o seu *segredo* a um honrado barbeiro de Faro, o sr. José Maria Assis, ainda hoje vivo, mas aposentado com optimos proventos no seu glorioso mister de salvador da humanidade syphilisada.

Hoje a famosa exploração do invento está a cargo de dois medicos prestantes, que se destinam a Cresos n'um praso muito curto, por isso que sabem fazer render a *coisa*, mais do que seria permittido a simples salvadores da humanidade afflicta!

Basta dizer que os romeiros pagam as tisanas a preço de 3$000 reis. Calculando-se o numero dos romeiros da Meca portugueza em 300, approximadamente, e tomando quasi todos elles a tisanna por 30 dias, é facil calcular quanto rende o segredo, e até que ponto uma ideia d'estas póde fazer-se render n'este mundo sublunar.

Syphilisae-vos á vontade, pobres victimas de Venus! A tisana responde pelo termo dos vossos soffrimentos. Ficaes perfeitamente limpos, ainda que não seja senão nas algibeiras!

Imagine-se o que será uma perigrinação á Meca portugueza, depois de se conhecerem os commodos e confortaveis meios de communicação, facilitados aos romeiros pustulosos:

Temos em primeiro logar os vapores da carreira do Algarve. Os romeiros dirigem-se ao escriptorio da empreza, na Travessa de S. Nicolau, onde uns empregados extremamente delicados dão logo o panno da amostra da excellente viagem que espera os desgraçados.

Ninguem sabe quando o vapor chega, e muito menos quando parte. E ai d'aquelle que o pergunte, porque um olhar severo de qualquer dos senhores empregados é capaz de o fulminar!

Depois, o vapor, um calhambeque impossivel, o Gomes III, IV, V, ou qualquer outro d'essa terrivel dynastia de carcassas, quasi contemporaneas da arca de Noé, e menos commodas ainda assim do que a vasta construcção do venerando amador do summo da parreira...

Verdade seja que, em assumpto de bicharia, qualquer do Gomes póde disputar primasias com a famosa arca salvadora das diversas raças!...

O syphilitico tem tres classes á sua escolha, ou antes á escolha da sua algibeira. A terceira é uma succursal do inferno, ou antes uma resurreição infame da antiga Côrte dos Milagres. Imagine-se aquella agglomeração repugnante de pustulosas victimas, ostentando no rosto, no pescoço, nas mãos, os signaes bem visiveis do funesto contagio, encerrada n'uma especie de porão, humido e obscuro, onde só se ouvem gritos dolorosos e imprecações violentas! Os pas-

sageiros são alli tractados muito peior do que os pacificos ruminantes, transportados para os talhos da soberba Albion, a bórdo dos enormes paquetes inglezes. A segunda classe, se não offerece o repugnante espectaculo da que acabamos de descrever, é quanto ao asseio e ás commodidades mais indispensaveis, uma completa irrisão. Não é grande a travessia, por fortuna, porque, se o fosse, ai dos desgraçados syphiliticos, que morreriam de frio e de fome, antes de tocarem com os pés cheios de borbulhas nas plagas bemaventuradas da Meca das tisanas!

Mesmo a primeira classe, oh Pae da vida! póde considerar-se uma pocilga infecta e nauseante. Depois, uma ordem admiravel! O passageiro indaga do cosinheiro, que é, pelos modos, quem exerce a bordo as funções complexas da cosinha e da disciplina, do assado e da direcção das cousas, onde é o seu beliche, e fica descançado, ao receber uma indicação, que lhe promette poder repousar algumas horas os lassos membros; mas qual! ao dirigir-se para lá, encontra o logar tomado, e por mais que reclame tem de passar a noite sentado n'uma cadeira, porque houve alguem mais feliz que se lhe apropriou do leito desejado!...

E que noite a bordo do pesado calhambeque! Balanços espantosos, acompanhados de um ranger de madeiras pôdres, ameaçando desconjuntar-se a cada embate do helice nas ondas irritadas... A cerração do mar augmenta o terror do pobre passageiro, que espera de um momento para o outro ir visitar as profundezas do oceano, em consequencia de algum espantoso abalroamento.

Que noites de travessia! que horriveis noites!

A' chegada a Faro, cidade quasi africana, o syphilitico vê-se perseguido por uma turba-multa de indigenas, que lhe apregoam aos ouvidos n'essa lingoagem rapida e tumultuosa os diversos hoteis da localidade, quer dizer, as gafarias modernas, onde a tisana Assis vae operar os seus assombrosos effeitos, a 3$000 por dia e por cabeça.

Hoteis curiosos aquelles, onde um enxame de syphiliticos soffrem resignadamente a quarentena do tractamento, comendo cousas insipidas, e passando as estopinhas, nas violencias das colicas!

Quem escreve estas linhas nunca soffreu de syphilis, e por isso nada teve até agora que penar n'essas temiveis gafarias da Meca portugueza. Relata apenas a odysseia de um pobre amigo, que já por duas vezes foi sugeitar-se ao difficil tractamento... sem experimentar senão allivios passageiros.

Da primeira vez, applicava ainda a energica tisana o bondoso e collossal José Maria Assis. O nosso amigo, depois de tomar corajosamente *trinta tisanas*, não se curou, porque... fôra cedo de mais.

Da segunda vez, a abençoada panaceia não lhe restituiu a saude, porque... era tarde.

E ainda, apesar do insuccesso da cura, do desperdicio de algumas dezenas de mil réis, e do martyrio incomportavel que soffreu, correu o grave perigo de ser infeccionado de lepra, porque no hotel estava um leproso, que comia á mesma meza dos syphiliticos, e se servia das roupas do uso commum do hotel!

Incomparavel tisana, remedio milagroso, mil perdões pela irreverencia, mas eu não creio em ti! Creio apenas no benefico effeito do clima de Faro para lenitivo das terriveis dôres osteocopas, no resultado do regimen alimenticio durante os dias de tractamento; ma quanto á energia que te attribuem para destruir o virus, oh, quanto a essa, tisana amiga, temos conversado!

---

A Meca do occidente recebeu haverá um anno a piedosa visita de uma romeira, que fôra por muito tempo um dos mais esplendidos specimens da formosura portugueza.

Chamava-se Marina, e deshonrada em edade demasiado tenra por um sacerdote libidinoso da pequena cidade de L***, fugira pouco depois para a capital, onde um official do exercito abrira os braços áquella pomba ferida, que tanto precisava de carinho e protecção.

Em pouco tempo, outros braços se abriram á vaporosa nympha, sem que o filho de Marte, embora soubesse d'aquellas fragilidades, tivesse coragem para a repellir. E, de canivetada em canivetada no ligeiro contracto de mutuo carinho, que ambos se haviam jurado, Marina despenhou-se no abysmo da prostituição publica, sendo em pouco tempo uma das *horisontaes* mais em voga de Lisboa.

A senhora D. Antonia Moreno, popularissima dama, em cuja casa hospitaleira sempre encontraram facil guarida as loucas mariposas fugitivas, não tardou a fazer a esta o interessado réclame que devia pol-a em voga.

Marina, esbelta e graciosa, podendo rivalisar com vantagem com as mais salerosas filhas da ardente Hespanha, foi durante muito tempo a peccadora da moda, n'este meio acanhado de Lisboa. Fizeram por ella as suas economicas loucuras os doidivanas mais abastados da Havaneza, e velhos conselheiros gastos disputaram a lanços de duas libras a graça de lhe desabotoar em noites de ardores forçados o peitilho da camisinha de dormir.

Um dia, Marte, que lhe descerrara completamente os horisontes sensuaes de Lisboa, veio novamente mudar-lhe o destino, encarnando-se no vulto mediocremente bellicoso de um coronel do exercito portuguez.

O coronel, recentemente nomeado para um regimento da provincia, foi depositar aos pés da formosa Marina o seu coração, ainda facilmente inflammavel, e querendo possuir sem competidores aquella mulher esplendida, offereceu-lhe a rehabilitação do seu passado escabroso, levando-a como sua esposa para uma pequena cidade ignorada, n'um recanto da provincia da Beira.

Cançada da vida ruidosa a que o vicio a arrastára, a feliz *cocotte* acceitou logo a lisongeira proposta.

O casamento celebrou-se sem apparato n'uma aldeia das proximidades do Bussaco. A noiva, levada para tão longe do meio ruidoso, onde as suas loucuras tinham dado epocha, apresentou-se na pequena egreja campestre com uma candura que lhe conceitou as sympathias e as bençãos da pobre gente da aldeia, que fôra assistir áquelle auspicioso enlace. A classica flôr de larangeira destacava a sua alvura de neve nos cabellos d'ebano da peccadora, e aquelle sym-

bolo da pureza virginal das noivas não protestou de fórma alguma contra a profanação a que o sugeitavam.

Os noivos, depois da ceremonia, partiram para a cidade beirã, onde estava o regimento do novo coronel.

Era um bom homem, afinal, aquelle velho militar. Sob os cabellos brancos que lhe ornavam a cabeça, não havia adormecido ainda a labareda das paixões sensuaes, mas era esse o seu unico defeito. Marina, se o seu temperamento lascivo a não estivesse de continuo incitando a novos desvarios, poderia ser completamente feliz, com o homem que a rehabilitára. Não o foi, porém. De curta duração foi essa rehabilitação superficial. O escandalo não tardou a entrar com ella no lar domestico do homem, que soldara indelevelmente o nome áquella creatura para sempre perdida.

O lodo que se apodera da alma d'estas creaturas não consente que n'ella vegete a flôr dos nobres sentimentos.

Um dia, o coronel surprehendeu-a nos braços de um esbelto alferes, na propria alcova conjugal. O velho nem sequer reagiu contra aquella affronta. A peccadora effeminara-lhe o caracter e quebrara-lhe de todo a energia. Fingiu não vêr o que era bem visivel, só para não perturbar a quietação de que tanto necessitava.

Calou-se, mas o seu silencio auctorisou o desenfreamento das paixões da adultera, e, a pequeno trecho, além da infamia da sua conducta aquella mulher perdida tyrannisou a vida inteira do homem que lhe déra o nome.

Elle soffria em silencio todos as ignominias, sentindo-se incapaz de qualquer revolta contra o monstro que o dominava. Fôra o seu destino aquelle supplicio. Não tinha coragem para o saccudir dos hombros, entorpecidos pela edade e pelo soffrimento.

Por aquelle tempo, o general commandante da divisão viéra áquella pequena cidade inspeccionar o regimento. Zeloso no cumprimento dos seus deveres militares, o pobre coronel recebeu o seu superior com todas as honras prescriptas pela ordenança, e viu-se obrigado a convidal-o para um jantar de ceremonia, ao qual, segundo a praxe, devia assistir toda a officialidade do regimento.

Em casa do coronel, nada se fazia, porém, sem o beneplacito de Marina, e ella, fosse por que motivo fosse, não recebera de boa sombra a noticia d'aquelle jantar.

Dois dias antes d'elle se realisar, o coronel combinou com sua esposa o que devia fazer-se. Ella, muito amavel e complacente, acceitava todas as indicações, e propunha mesmo alvitres muito rasoaveis.

—O jantar, ás seis horas, não é verdade, filha? dizia-lhe o coronel, dulcificando as fallas.

—Ás seis em ponto, está claro.

—Quarenta e oito talheres...

—Não, cincoenta, observou Marina. Convida-se o juiz e o delegado.

—Pois bem, eu vou fazer os convites. O resto confio-o ao teu cuidado. Não poupes dinheiro, bem vês que tem de ser. Não podemos fugir a esta despeza.

—Decerto, decerto. Não te dê cuidado.

Esquecendo os seus intimos desgostos, o coronel estava satisfeito. O seu superior seria obsequiado em sua casa. Houvesse o que houvesse debaixo d'aquellas telhas, as aparencias seriam salvas.

Na vespera, o coronel, não notando no pessoal da casa movimento algum extraordinario, arriscou esta observação:

—Não esqueças, filha, que o jantar é ámanhã.

—Não esqueço... Ora! que ideia! Descança, menino, que isso tudo está a meu cuidado.

—Mas parece-me que ainda não se comprou nada...

—Ora adeus! Tens alguma coisa com isso? Eu encarrego-me de tudo, e é quanto basta.

Absorvido completamente pelos seus deveres militares, o coronel tinha necessidade de acreditar n'estas palavras. E como duvidaria, tractando-se de um caso, tão simples, afinal?

No dia seguinte realisava-se uma revista do regimento, que devia prolongar-se até perto da hora marcada para o jantar. Quando o coronel, o general, os officiaes, todos os convidados emfim, regressaram d'esse exercicio militar, traziam um excellente appetite, que devia fazer as devidas honras ao jantar, segundo a crença de todos, prestes a ir para a meza.

Ninguem contara, porém, com os caprichos de Marina. Esta mulher venal quizera fazer ao bom homem que a tirara da lama, o que ella chamava uma partida.

Foi alegre e estrepitosa a irrupção dos convidados em casa do coronel. O exercicio militar correra perfeitamente, e o general ficara satisfeitissimo do aspecto bellicoso das tropas e da precisão irreprehensivel das manobras. O jantar ia coroar esplendidamente aquelle dia tão bem passado já...

O jantar... Mas que jantar? Marina não preparara cousa alguma. Disse-o cynicamente ao coronel, quando elle, já inquieto pelo aspecto frio e silencioso da casa, lhe veio annunciar que os convidados esperavam.

—Não ha jantar, meu amigo, não estou para massadas. Arranje-se como pudér!...

Um raio que n'aquelle momento cahisse aos pés do velho militar não o deixaria mais attonito e estupefacto.

N'um relance abrangeu toda a extensão do seu miseravel infortunio. Viu o opprobio que aquella mulher lançava sobre o seu nome honrado, sobre as suas cãs veneraveis, e sobre o seu prestigio de chefe militar, e soltando uma imprecação em que explodia toda a raiva que o dominava, dirigiu-se ao seu quarto, e sem a menor hesitação, sem a minima reflexão, fez saltar os miolos com um revolver.

Tal foi o epilogo da vergonhosa paixão, que acommettera aquelle homem honrado no ultimo quartel da vida!

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

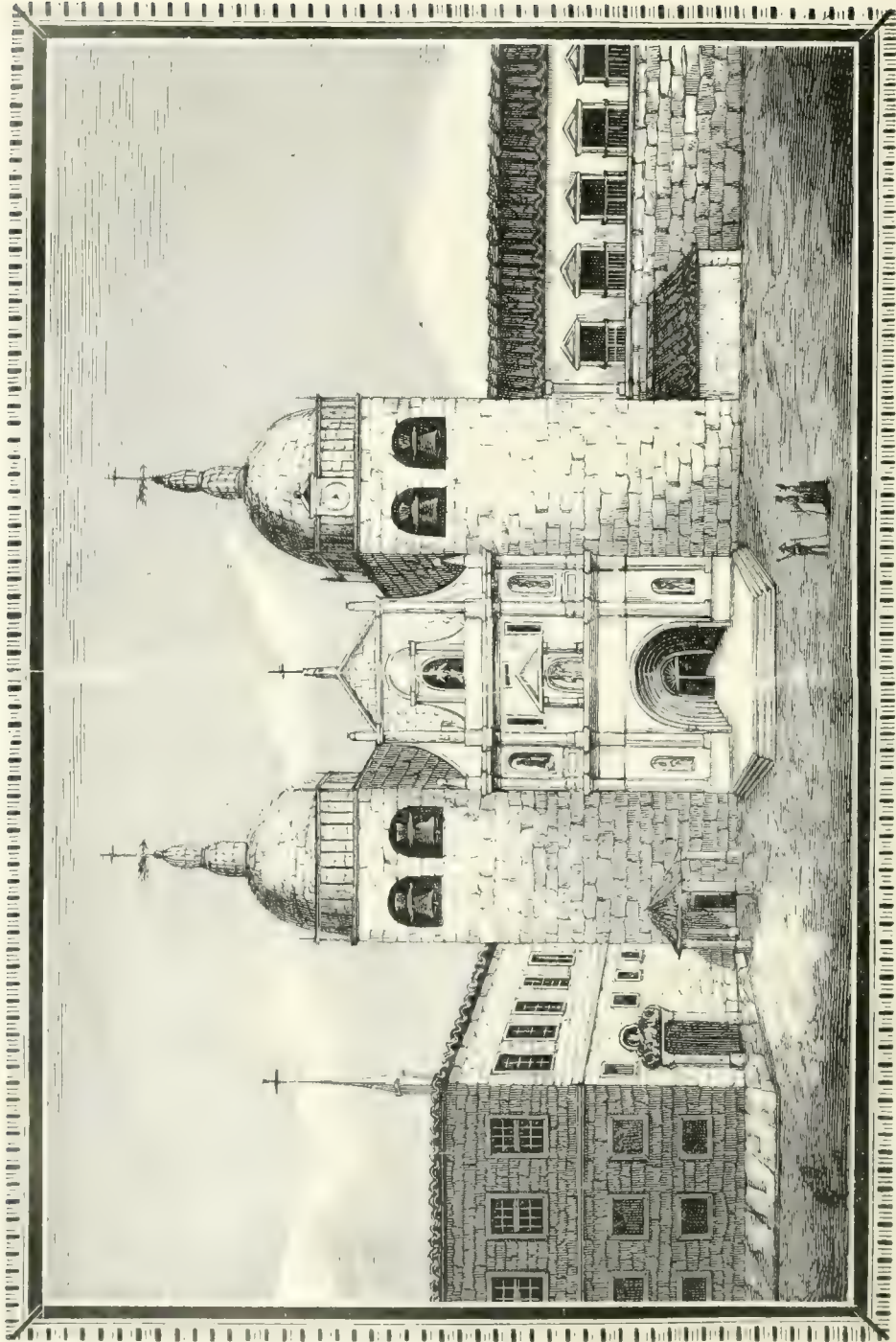
É possivel que a peccadora se arrependesse amargamente das torturas moraes que infligira ao velho coronel, ao vêr-se repellida com desprezo por

toda a gente honesta. O que é certo é que a morte do honrado homem a lançou novamente no despenhadeiro da miseria e do vicio ignobil.

Andou de mão em mão, emquanto teve uns restos de formosura. Por fim, o vicio fez d'ella o que faz de todas as miseraveis da sua especie.

Ao ver-se perdida, e sem recursos, porque um funesto contagio lhe roubára para sempre os attractivos, Marina foi a Faro. Mas a tisana Assis foi impotente contra os deploraveis estragos do mal que lhe saturava o organismo.

Teve a morte que merecera. Succumbiu n'um miseravel catre do hospital, corrupto finalmente o corpo, porque a alma já de ha muito se corrompera!

---

A Sé de Vizeu

# CAPITULO III

## SUMMARIO

A prostituição historica.—Castidade dos nossos escriptores.—A linguagem pornographica atravez dos tempos.—Costumes dos nossos antepassados.—Agulha em palheiro.—Fernão Lopes e os seus termos expressivos. —As velhas chronicas.—As mulheres galantes, de que resa a historia portugueza.—As côrtes dos reis portuguezes. —Autos de Gil Vicente.—Personagens torpes.—O que pensava a côrte.—Os serões do Paço.—O Trinca-fortes.— Uma revista picaresca atravez dos seculos.—Conclusão.

A OBRA que emprehendemos vae proxima do seu termo, e, no entanto, bem poucos subsidios temos dado para uma historia completa da prostituição em Portugal. A culpa não é nossa, ainda assim, é da castidade seraphica dos nossos escriptores antigos, que deixaram obstinadamente no escuro tudo quanto poderia esclarecer-nos a respeito dos costumes galantes dos nossos antepassados.

Se folheamos as velhas chronicas, encontramos a cada passo pormenores circumstanciadas dos combates, dos meios de defeza, dos costumes bellicosos dos maiores. Dizem-nos minuciosamente esses velhos alfarrabios os feitos heroicos dos defensores da independencia patria, contam-nos as proezas dos nossas Oliveiros e Roldões, mas quanto ao culto que esses homens fortes prestavam á deusa Venus, guardam o mais prudente e cautelloso silencio.

Arida e escabrosa é por certo a empreza de contar o que os escriptores coevos calaram. Ainda assim, respigando cuidadosamente no pouco que encontrarmos, faremos quanto estiver ao nosso alcance para contentarmos a justa curiosidade do leitor.

Na *Chronica do Condestabre* diz-se:

«Antiguamente foi costume fazerem memoria das cousas que se faziam, assi erradas, como dos valentes de nobres feitos. Dos erros porque se d'elles soubessem guardar: & dos valentes & nobres feitos aos bõos fezessem cobiça auer pera as semelhantes cousas fazerem.»

Dos erros a que se refere o circumspecto chronista, fizemos nós meditada leitura, em busca de documentos que nos ajudassem no nosso empenho. Debalde procurámos n'elles o que precisavamos saber, que o casto escriptor só teve em vista assumptos para nós destituidos de interesse.

De discursos moraes e litterarios, estamos fartos, e bem fartos, para que os apresentemos aqui ao leitor. Procuraremos explanar outras fontes, certos que tiraremos d'ellas mais substancioso proveito.

No inicio da historia portugueza, apparecem-nos duas mulheres bellas e levianas, cujos retratos vamos dar a largos traços. Não inventamos, e por isso podemos dizer com o velho Fernão Lopes:

«He nossa entençom curtamente fallar, nom come buscador de novas razões, per propria invençom achadas, mas come aiuntador em hum breve moolho, dos dictos dalguns que nos prouguerom.»

D. Affonso VI de Leão, uma especie de Henrique VIII de Inglaterra, foi um principe sobremaneira propenso a loucuras amorosas. Cinco ou seis esposas legitimas teve elle, além de numerosas concubinas. D. Urraca, segundo alguns auctores, era sua filha legitima, e fundam-se para isso n'uma bulla de Gregorio VII, em que o pontifice lhe ordenava que se separasse de sua esposa, por ella ser parente de outra mulher que tivera, e considerando esta esposa incestuosa a mãe de D. Urraca. O que está, porém, claramente averiguado, é que D. Tareja, ou D. Thereza, casada com o conde Henrique burguinhão, era sua filha illegitima, havida de uma nobre dama, por nome Ximena Nunes, ou Muniones.

Herdeira da corôa de Leão e Castella, de caracter ardente e de uma sensulidade em perfeita harmonia com o seu tempo, D. Urraca teve numerosos amantes, chegando a causar enormes escandalos. São bem conhecidas as suas relações adulteras com os condes Gomes Gonçalves e Pedro de Lara, alternada ou simultaneamente seus amantes. D. Thereza, por morte do conde Henrique, seu marido, seguiu as pisadas de sua irmã, quanto aos amores. Era formosa, segundo o testemunho dos seus contemporaneos, e rodeava-a um enxame do apaixonados barões. D'entre todos escolheu o moço conde de Trava, Fernando Peres, que amou apaixonadamente, a ponto de o querer substituir no governo de condado ao filho que lhe restava de seu matrimonio com D. Henrique.

Ao cerrar os olhos no repouso eterno, o velho conde, no dizer do chronista, chamou para junto de si o filho, debil creança ainda, mas que devia egualar a rija tempera do seu progenitor, e murmurou-lhe ao ouvido:

«Filho, toma esforço no meu coração! Toda a terra que eu deixo, que é de Astorga até Leão e até Coimbra, não percas d'ella cousa nenhuma que eu a tomei com muito trabalho. Filho, toma esforço no meu coração; e sê similhante a mim, e sê companheiro dos fidalgos, e dá-lhes todos os seus direitos aos concelhos. Filho, toma esforço no meu coração!»

Seguiu o moço principe com energia os preceitos de testamento paterno, e foi direito a todos os obstaculos, vencendo-os com o esforço do seu animo. Ora, um dos mais graves obstaculos que tentaram empecer-lhe o caminho e os designios, foi sua propria mãe.

O que ella era deduz-se bem d'esta pagina da *Historia de Portugal* do sr. Oliveira Martins:

«A viuva de D. Henrique, publicamente amancebada com o conde gallego Fernando Peres, deu com os seus escandalos pretexto para uma revolta que

comprometteu a conservação dos vastos dominios herdados de seu marido. Assim tambem succedera a D. Urraca, perdida de amores pelo conde de Lara.

«Dissemos pretexto e não motivo, porque nos costumes ingenuamente dissolutos da Edade-Media a mancebia não era caso que offendesse o desconhecido pudor particular nem publico: os amantes das princezas offendiam, porém, o ciume dos seus collegas em fidalguia; e o poder effectivo de que um d'elles dispunha, á sombra do amor que o preferira, enchia de inveja e odio os companheiros.

«As memorias do tempo retratam-nos D. Thereza como uma mulher sagaz, viva e bella. A astucia combinava-se no seu espirito com um amor que a levava a comprometter-se, como diriamos na nossa linguagem moderna. Uma vez, na cathedral de Vizeu, apresentou-se com o amante, no meio da egreja apinhada de povo, e em frente do prelado que prégava. A authoridade dos bispos corria parelhas então com a rudeza das suas liberdades; e o de Vizeu não duvidou dizer á rainha, em voz alta, do pulpito ou dos degraus do altar, que abandonasse o amante ou se casasse: era um escandalo aquella união, uma vergonha proceder de tal modo. A condessa vermelha de colera e de vergonha fugiu rapidamente da egreja, seguida pelo amante.

«Porque não succederia ao escandalo a vingança, para não quebrar a constante alliança da impudicicia e da crueldade, as virtudes da Edade-Media? Porque naturalmente as invectivas do bispo traduziam a força do partido dos invejosos e rebeldes, que já faziam do moço filho de D. Henrique um pendão de revolta contra a viuva apaixonada. Nem por tão pouco se affligiria a consciencia do bispo; pois o clero demasiado ouvia tambem os conselhos da carne, e os amores sacrilegos eram tão frequentes como os amores livres ou adulterinos. A princeza não era menos sagaz do que voluptuosa, e addiava para mais tarde a vingança. Beijos lascivos, perfidias indignas e ferinas barbaridades, eis os elementos que constituiam a mulher da meia Edade. Os dotes femininos eram naturalmente pervertidos por um ambiente de brutalidade anarchica nos sentimentos e nas acções; e quando a mulher dispunha da authoridade ou da força, ou como a Fredegonda dos Merowigs cevava em sangue a sua féra natureza, ou satisfazia n'uma desesperada impudicicia as necessidades sensuaes do seu temperamento. Nem a crueldade nem a sensualidade eram menores nos homens; mas a natureza que n'elles dá predominio aos pensamentos, como o dá nos sentimentos ás mulheres, fazia com que a rudeza dos primeiros andasse subalternisada á ambição e aos calculos politicos, ou á bravura e ás façanhas guerreiras.

«Não se imagine, porém, a mulher de Edade-Media um ser apenas formado de crueldade e amor; menos se supponha D. Thereza uma similhante creatura. A condessa, infanta, ou rainha de Portugal, — porque de todos estes titulos usou, — era tambem sagaz e astuta, qualidades que o filho veio a herdar com o sangue. Não tinha o animo varonil de uma amasona, mas tinha a prespicacia e o juizo proprios dos principes d'esses tempos. Sabia moderar a colera e engulir affrontas como a de Vizeu, quando não podia vingar-se d'ellas. O amor traduzia apenas as exigencias dos sentidos, deixando livre e indepen-

dente a acção da intelligencia. No meio das agitadas circumstancias do seu breve governo, não deixou abandonadas as conveniencias proprias como dona e senhora do Estado portuguez.

«Muitas vezes se lêem descripções de uma vida sentimental e heroica, em que as mulheres andam loucas de paixões poeticas, e os homens, typos de nobreza e audacia, são victimas dos conflictos do amor e da honra. Não ha nada mais differente da verdadeira, do que essa Edade-Media das operas. A carnalidade desenfreada, o cynismo e a perfidia, uma frieza sempre calculadora, uma ambição feroz, uma avareza sordida, uma corrupção de todas as fontes da vida moral: eis ahi o que de facto constitue a vida aristocratica da Edade-Media. Onde está a causa de tamanhas desordens? Está na existencia e no conjuncto de condições barbaras e de tradicções cultas. D'onde provem a illusão de que muitos suppuzeram bellezas espontaneas nos caracteres, e nobres dedicações nos actos, creando com a phantasia um falso quadro de encantos? Da ingenuidade dos typos barbaros.

«Ha, com effeito, na natureza espontanea o que quer é de seductormente bello, que nos chama para uma região de inconscientes deleites: assim todas as descripções das sociedades primitivas produzem em nós uma impressão vivificante, e desde logo somos levados a engrandecer e nobilitar os homens ainda não corrompidos pelas aberrações da civilisação. E' mister, porém, observar que taes homens primitivos não são os do XI seculo: que na Edade-Media existem e vivem, por via da Egreja, todas as tradicções da antiga cultura; e que a conjuncção da barbarie e do requinte lança nos caracteres uma semente de preversão, prompta a rebentar em actos monstruosos, tão corrompidos no principio, como barbaros na fórma. E' popular o sentimento de tedio e nojo para com o imperio de Bysancio: pois as causas originarias d'essa repugnancia são tambem communs ás sociedades néo-latinas, ou néo-godas da Hespanha. Só variam as proporções, os elementos combinados são os mesmos. No Oriente a cultura é maior, os costumes mais requintados; aqui é maior a rudeza e a feição barbara predomina. Por isso os vicios procuram além esconder-se sob o manto das convenções, e aqui se expandem ingenua e francamente, ao sol de uma ignorancia quasi primitiva.»

Tal era a mulher e a sociedade do seu tempo. A energia do filho desfez os calculos ambiciosos da amante do conde de Trava. Perdido o pleito, o amante não a abandonou; seguiu-lhe o destino.

As lendas contam que depois da victoria o filho encarcerára a mãe, e attribuem á vencida este terrivel anathema:

—«Affonso Henriques, meu filho, prendeste-me e metteste-me em ferros e exherdaste-me da minha terra que me deixou meu padre, e quitaste-me de meu marido: rogo a Deus sejas assim como eu sou, e porque metteste ferros nos meus pés, quebradas sejam as tuas pernas com ferros: mande Deus que isto assim seja!»

O anathema justificou-se no cerco de Badajoz, mas a historia nega-o, provando com fundamento que a vingança do filho se limitára a expulsar a mãe e o amante para o condado d'este. Lá findou a odysseia amorosa da or-

D. Mecia Lopes d'Haro

gulhosa condessa, que decerto encontrou nos braços do seu conde o lenitivo das agruras que a sua desmedida ambição lhe provocára.

Para desmentir a pecha de deshumanidade, assacada ao filho de D. Thereza por lendas posthumas, ás quaes o proprio Camões deu fé, consagrando-as nos seus versos immortaes, basta citar o Livro dos Testamentos de Santa Cruz de Coimbra, onde se lê: *Regina cum suo comite una a regno expulsis, ejus filius... uno die bellando... susciperet principatum.*

A historia não nos guarda memoria de outros factos escandalosos da infanta-rainha, e nós pondo de parte conjecturas arriscadas, deixal-a-hemos em paz na serenidade do tumulo, sobre o qual já sete seculos deixaram a sua vetusta poeira e o seu inneffavel olvido.

No reinado de D. Sancho II, apparece-nos novamente o amor, causando ao governo do estado gravissimas perturbações. Viuvo do seu primeiro casamento, este monarcha apaixonou-se doidamente de uma dama de honor da côrte de Berengaria, mãe de D. Fernando II. Chamava-se D. Mecia Lopes de Haro a formosa dama, que viu a seus pés perdido de amor o monarcha portuguez, e que soube aproveitar-se d'essa fraqueza do principe bellicoso para se guindar ás alturas do regio solio.

Por alguns escriptores tem sido impugnada a existencia d'este casamento, sendo da opinião que a formosa D. Mecia não passou de uma simples concubina do rei portuguez. No emtanto, o sr. Fonseca Benevides, auctor de um livro intitulado *As Rainhas de Portugal*, diz ter encontrado n'um documento da épocha o sello da rainha D. Mecia, circumstancia que não deixa duvida a respeito da existencia do matrimonio.

Nem admira que Sancho II, fraco e apaixonado como estava pela perigrina formosura da filha de Lopo Dias de Haro, senhor da Byscaia, não hesitasse em dar-lhe a mão de esposo. D'este amor cego e vehemente provieram todas as desventuras do pobre principe, que fechava os olhos a todas as violencias praticadas pelos validos que lhe haviam favorecido o enlace, e deixava correr os negocios do estado para um tragico despenhadeiro.

Attribuem os chronistas a feitiços e bruxarias a cegueira de D. Sancho. O certo é que a bella feiticeira o absorvia completamente, a ponto de o trazer alheiado de tudo o que não fossem enlevos do seu amor. «Não se limitou a amar D. Mecia, diz o sr. Pinheiro Chagas, mas preso no doce collar dos seus braços, cerrou os ouvidos á tempestade que rugia em torno d'elle, escutou com distracção as queixas do seu povo calcado aos pés pela fidalguia, e pendurando á cabeceira do thalamo a sua boa espada dos combates, não sentiu mais encantos no clangor da trombeta, que nunca até alli o encontrara remisso a obedecer ao seu bellico chamado!

Calcule-se a violencia d'aquelle amor, visto que elle obrigára o rei D. Sancho a desprezar as conveniencias sociaes, e a tomar esposa entre a fidalguia das Hespanhas, em vez de a escolher entre familias regias, como era praxe antiga dos principes da sua elevada gerarchia!

Dos braços da formosa Mecia, D. Sancho só sahiu para o exilio, onde morreu, perdido o throno e a esposa.

A aventureira, indigna do grande e vehemente amor do principe que tanto a elevara, e que tudo por ella perdera, abandonou-o quando a desgraça chegou. Emquanto o pobre D. Sancho morria de tristeza em Toledo, ella estava muito de livre vontade em Ourem, e pouco depois ia para a Byscaia. Eis a que desgraçada situação um louco amor levou o infeliz principe!

Affonso III, seu irmão, arrebatou-lhe o reino, aproveitando as perturbações intestinas, causadas pela effeminação d'aquelle caracter. O novo rei, casado em França com a condessa de Bolonha, abandonou a esposa, apenas se viu elevado ao throno, e procurou casar com uma infanta, filha bastarda de Affonso X. A condessa de Bolonha protestou perante o papa, que se apressou a fulminar interdicto contra o rei-bigamo. Apesar da censura ecclesiastica, e dos terriveis effeitos que ella n'aquelle tempo produzia, o rei bolonhez sempre realisou o seu matrimonio, que afinal a egreja teve de sanccionar a pedido dos prelados portuguezes, que, ao que parece, se davam ás mil maravilhas com o monarcha interdicto.

N'estes tempos de conquista, os costumes resentiam-se muito da promiscuidade as diversas raças. Estavam em presença os descendentes dos godos, os dos primitivos habitantes da Lusitania, os arabes, e os homens do Norte, que o acaso das cruzadas traziam até ao littoral lusitano, onde representaram papel importante na tomada de cidades populosas e fortissimas.

A sensualidade não era um dos mais somenos premios da conquista. Justamente com o saque das riquezas dos sarracenos, a posse das suas formosas mulheres accendia os desejos dos conquistadores. Na tomada de Silves, iam vindo ás mãos os portuguezes com os louros filhos do norte, seus alliados. O rei queria pagar aos seus auxiliares extrangeiros o valor da presa. Elles recusaram. «Havia cousa, diz o sr. Oliveira Martins, que o rei não podia pagar com ouro: era o delirio do saque, a origia das matanças e dos estupros. Esses ferozes caçadores de mouros queriam retouçar-se pelo interior das mysteriosas alcovas, e enterrar os braços nas arcas dos thesouros, ensopar em sangue as almofadas macias sobre que iam abraçar as morenas filhas do Yemen.

«Cevados, partiram logo. Sancho pedia-lhes que acabassem a empreza, tomando Hayrun. Recusaram; não queriam arriscar os lucros, estavam turgidos de goso. Só ambicionavam tornar á patria, para contar os seus feitos, e depôr aos pés das louras e ingenuas donzellas do norte, os brincos, as manilhas de ouro arrendado, que tinham roubado nos leitos, com a honra e a vida, ás filhas de Mafoma.»

Pela sua parte, os portuguezes, n'estes dias de saque, não deixavam de saciar a bruta sensualidade n'esses corpos esplendidos que a victoria lhes entregára sem mercê. Verdade seja que os sarracenos, quando a sorte os favorecia, nada lhes ficavam devendo em excessos e torpezas, praticadas sobre as pobres mulheres inermes e apavoradas.

Era grande a dissolução dos costumes nos primeiros tempos da monarchia. D. Pedro I, um typo á parte na serie dos reis da primeira dynastia, pretendeu pelo seu espirito justiceiro e vingador de desmandos e torpezas, pôr cobro a esses costumes desregrados. Foi a primeira vez que no paço dos reis se

cuidou de zelar a moralidade dos subditos. Compare-se a severidade de D. Pedro com a sensualidade desenfreada de D. Diniz, que teve centenas de barregãs, e tantas vezes manchou no adulterio os arminhos do manto regio.

Para que os leitores possam fazer ideia do que era a sociedade portugueza nos primeiros tempos da monarchia, vejam o brilhante quadro traçado por Alexandre Herculano:

«Transportemo-nos pela imaginação aos seculos XII e XIII, quando, assegurada a independencia da corôa de Affonso I, recuadas as fronteiras dos sarracenos para além do Tejo e do Guadiana, e fixadas proximamente para o lado de Leão, pelo norte e oriente, nos seus extremos actuaes, Portugal constituiu emfim um dos reinos em que se acha desmembrada depois da restauração a antiga monarchia dos godos.

«Remontando a essa épocha, lancemos os olhos em torno de nós, e tentemos delinear os traços principaes de um quadro, que contenha, se é licita a expressão, a topographia social do reino. Imaginemos que nos achamos sobre o viso de uma serra, d'onde para um e outro lado se descortinam montes, collinas, encostas, cobertas de bosques ou de estevaes, valles que verdejam cortados de rios caudalosos ou de pobres arroios, planicies extensas, gandras incultas e bravas, emfim, um vasto territorio com todos os accidentes de solo mais ou menos montanhoso, como é geralmente o do nosso paiz.

«Duas ou tres *terras* ou districtos administrativos, militares e judiciaes, dividem essa larga extensão de terreno. Acolá um castello roqueiro, ou talvez apenas fabricado de vigas travadas entre si, e que se enlaçam com os pannos de barro e pedra, mostrando que a sua fundação remonta acaso ainda ao seculo XI, é como a capital de um d'esses districtos. Em volta d'elle, ou a certa distancia, está assentado um grupo de habitações humildes, que ahi se accumularam, e que constituem uma villa, denominação generica tanto de qualquer aldeia ou aldeola, como das mais importantes municipalidades, e que corresponde na sua significação vaga ao moderno vocabulo *povoação*.

«Em cada um d'estes tractos, que abrangem algumas leguas, e similhando as orlas de manchas espalhadas sobre telas de uma só côr, vêem-se as linhas dos padrões, que discriminam e circumscrevem o coito ou a honra da Egreja ou do nobre, da ordem militar ou do mosteiro piedoso, ou que finalmente extremam os termos de um municipio antigo ou de novo instituido.

Ha, porém, logares onde se perde o fio d'esses padrões de pedra (*patrones, padrones*): é que uma arvore, um corrego, a corrente de um rio, uma cordilheira, marcam os limites dos terrenos immunes, sobretudo dos municipaes.

«Tanto n'estes logares de excepção, como fóra d'elles, casaes, villares, granjas, terras lavradias, vinhas, soutos, castanheiros, templosinhos ruraes, e os outros vestigios da vida civil, nos apparecem recortados nas brenhas selvaticas, onde habitam o urso, o javali, o veado e a caça de toda a especie, indicio de um paiz barbaro e pouco povoado.

«O que distingue o aspecto do terreno privilegiado é que no centro da honra nobre se erguem acima das cabanas colmadas os paços do senhor, o so-

lar do fidalgo; no coito ecclesiastico surge o mosteiro ou a cathedral, que eleva as suas torres quadrangulares e massiças sobre o burgo ou cidade episcopal, ou ao menos sobre uma parte d'ella, quando a povoação é juntamente cabeça de districto; na commenda da ordem militar campeia a baillia ou preceptoria a mansão (*mansio*) dos monges soldados; no termo dos concelhos imperfeitos, não de cabeça de districto, e no meio da povoação apinhada dentro das barreiras, avultam os paços municipaes, ou talvez só a egreja, em cujo adro o povo se ajunta para deliberar; emfim, nos municipios perfeitos alteiam-se o castello e o *palatium* do alcaide-mór, magistrado e chefe de guerra, que estende um dos braços para o villão burguez, e o outro para o rei, e une como um annel de cadeia estas duas entidades.

«Eis os indicios materiaes, que assignalam corographicamente as excepções ao systema geral de governo, que marcam a existencia dos tractos de terra, em cuja peripheria a acção do rei como administrador expira, e como chefe de justiça e de guerra, apenas se exerce de um modo mais ou menos indirecto ou imperfeito.

«Esses logares de privilegio, habitados e cultivados como o resto do reino, encerravam uma porção de individuos e familias da classe inferior. Como historiadores, é-nos licito hoje o que o não era aos reis e aos magistrados d'aquelle tempo, devassal-os.

«Usaremos d'esse direito; porém, não aqui, embora esta parte do presente trabalho seja especialmente destinada a descrever a situação do povo.

«O objecto das nossas indagações actuaes é na verdade a existencia do homem não nobre, do villão, no sentido mais generico do vocabulo, mas do villão isolado, do chefe de familia, como molecula social, se nos é licita a expressão. A similhante luz os villões do municipio formam uma classe á parte, constituem uma unidade moral, e as suas relações com o rei, com o todo do paiz, só existem por intervenção d'essa pessoa moral, chamado o concelho, de que elles são membros. Assim a sua historia deve ser forçosamente distincta e separada.

«Quanto aos colonos que agricultam o solo immune, as circumscripções honradas ou coitadas, esses reproduzem no seu modo de ser a imagem de alguns dos graus em que se divide a população solta das terras ou districtos reaes. Os homens do solar ou da egreja acham-se geralmente nas mesmas condições dos homens do rei; a historia economica e social de uns é a dos outros.

«A differença está em que a uns é o fisco ou o rei quem exige a melhor parte do fructo do seu suor, que os domina e julga, emquanto outros dependem, sob estes diversos aspectos, de um particular. O dominio e a propriedade do rei ou do estado imitam-se mutuamente, organizam-se, modificam-se em geral de maneira analoga.

«Por isso a situação dos individuos sujeitos a um senhor de coito, ou de honra, que dão valor pelo trabalho ás amplas porsessões das familias illustres, e do alto clero, ficará conhecida nos seus principaes lineamentos, logo que conheçamos a dos colonos regios.

«As differenças entre o homem inferior que vive na terra immune e o

que vive na terra *devassa,* menos numerosas e importantes que as suas similhanças, eram resultado apenas das relações de supremacia entre o principe e o vassallo, por mais eminente e poderoso que elle fosse.

«Sobre a nobreza, e ainda até certo ponto sobre o clero, apezar das suas tenazes pretenções de absoluta independencia, o rei tinha a acção de chefe supremo da magistratura judicial, e de chefe militar do paiz.

«Os effeitos d'esta supremacia no exercicio dos direitos sobre o proprio colono, inherente ao personagem privilegiado, modificavam-lh'os de algum modo; mas é obvio que taes modificações, não procedendo instrinsecamente das relações entre o colono e o senhor, mas das d'este com o rei, pertencem naturalmente á historia especial dos coitos e honras, como formulas e manifestações, digamos assim, do modo de ser das classes superiores, do mesmo modo que as municipalidades eram formulas ou manifestações do modo de ser de uma fracção da classe popular e villã.»

Resumindo este brilhante e pittoresco quadro, outro escriptor, o sr. Pinheiro Chagas, define assim as diversas classes de funccionarios da organisação civil:

«O reino, diz elle, estava dividido em districtos, que se chamavam terras, e a cuja frente estava um fidalgo que recebia a denominação de *rico-homem;* os seus honorarios tirava-os elle mesmo dos rendimentos da *terra* que administrava civil e militarmente.

«Nos differentes castellos do seu districto, havia *castellães,* delegados dos ricos-homens. Esses districtos eram ao mesmo tempo comarcas judiciaes, ou julgados, e ao lado do rico-homem havia o magistrado que se dizia *juiz da terra;* a administração financeira da *terra* tinha á sua frente um *mordomo-mór* e este sob as suas ordens *mordomos de terras e eiras,* verdadeiros recebedores, escoltados por um exercito de empregados inferiores do fisco, denominados *serviçaes.*

«Ao lado d'estes collectores dos tributos habituaes, havia ainda outro mordomo, que se intitulava *mordomo de voz e coima,* que era o encarregado de receber os proventos das multas.

«Ainda outro enxame de exactores zumbia em torno das cabanas contribuintes; era o dos mordomos dos *prestameiros.* Vejamos o que era um prestamo e um *prestameiro.*

«...As contribuições nos primeiros tempos da monarchia eram pagas principalmente em generos e em serviços. Ora, o rei não podia pagar aos empregados do Estado senão na moeda que recebia. Os ricos-homens lá recebiam os rendimentos das *terras,* e pagavam-se com elles, e com elles pagavam aos seus empregados; mas os fidalgos investidos dos altos cargos administrativos e militares do reino, que desempenhavam o seu serviço junto da pessoa do rei ou em diversas commissões, e que não tinham *terras* a governar, tambem precisavam de ordenado. Por isso em cada districto havia uma certa quantidade de aldeias, villas e casaes subtrahidos financeiramente á auctoridade do *rico-homem,* que formavam diversos *prestamos,* isto é, cujos rendimentos eram arrecadados pelos homens que exerciam os differentes encargos que el-rei ti-

nha de retribuir. Esses homens eram então conhecidos pelo nome de *prestameiros*. Depois d'estes se terem pago, depois dos ricos-homens terem tirado a sua quota, o resto, se resto havia, ficava pertencendo directamente ao fisco.

«Vejamos qual era a situação dos contribuintes, tão oppremidos por estas differentes exacções.

«Como vimos, a monarchia fundada nas Asturias fôra obrigada a admittir, pela força das circumstancias, a existencia unica de tres classes de populares, os *herdadores* ou *cavalleiros villões*, os colonos livres, *foreiros, juniores*, ou *peões*, e os colonos adscriptos á gleba, ou *homens de creação*.

«São essas tres classes tambem que encontramos nos primordios da nossa historia: já se vê que abaixo d'ellas estão os *escravos mouros;* os servos christãos não existem já; o *homem da creação*, preso á terra que cultiva, pouco mais garantia tem do que se fosse servo; passa com a terra de dono para dono, está preso á gleba hereditariamente, e para lá é reconduzido á força, se tenta escapar-se, mas o homem de creação vae tambem desapparecer.

«A fundação de municipios e o direito de asylo que se lhes concedia, a immunidade das terras dos senhores e dos ecclesiasticos, offereciam um abrigo seguro ao colono adscripto, que fugia da terra a que estava vinculado.

«Em relação aos municipios por exemplo, a lei expressamente dizia que todos os que alli se refugiassem ficariam livres immediatamente. Era um meio de os desenvolver e povoar. Assim o numero dos colonos adscriptos devia forçosamente diminuir pelas repetidas fugas. Outras circumstancias moraes contribuiam para accelerar o fim d'essa especie de servidão.

«Uma das causas era o christianismo, cuja pura influencia contribuiu bastante para que se envergonhassem os senhores das terras de terem quasi confundidos com os escravos moiros, tão desprezados, homens seus intimos irmãos pelas crenças e pela origem. Por outro lado a população augmentava, sobejavam braços a implorar trabalho, e os senhores das terras, não tendo já que temer que ellas ficassem sem cultura por falta de colonos, iam olvidando o direito de constrangimento que possuiam sobre uma parte dos seus rendeiros.

«A adscripção dos colonos desapparece por conseguinte dos factos e das leis. O cultivador pode lavrar as terras que lhe agradarem, ser foreiro de quem quizer.

«Está dado o segundo passo no caminho da emancipação das classes inferiores.

«Temos, pois, extraordinariamente simplificada a situação d'essas classes, que se dividem apenas em duas grandes familias, a dos proprietarios e a dos colonos, a dos *herdadores* e a dos *foreiros*.

«Mas por isso não se imagine que estão completamente emancipadas as antigas classes servas; a servidão já não peza sobre o homem, que pode passar de terra para terra conforme lhe aprouver, mas subsiste na propria gleba, á qual andam inherentes certos encargos, que o colono usufructuario tem de satisfazer, seja elle quem fôr.

«Está livre o homem, mas submettido comtudo aos mais vis serviços,

porque a servidão pessoal é uma das formas do tributo que o Estado faz pesar sobre os colonos das suas terras, uma das formas do rendimento que a nobreza aufere das courellas, cultivadas pelos seus antigos homens de creação. E' segundo os diversos serviços que o Estado póde exigir dos usufructuarios das suas terras, que se dividem em diversas classificações essas terras aforadas, e os foreiros que as cultivam.»

O que nenhum dos historiadores citados nos refere são os dramas das classes inferiores á mercê dos caprichos por vezes monstruosos dos senhores. Não era esse o seu proposito, e mesmo que o fosse, faltar-lhes-hiam os necessarios esclarecimentos, visto que pouco ou mesmo nada nos legaram os chronistas na sua linguagem pomposa e palaciana.

Conjectura-se, porém, que grande devia ser a dissolução dos costumes, pelos actos de severa justiça praticados por D. Pedro I. Foi elle dos reis de Portugal o primeiro que tomou o encargo de ser pae dos seus vassallos. Tinha soffrido muito. A tragedia dos seus amores, que teve por ultimo acto o barbaro assassinio de Ignez de Castro, lavrara-lhe fundo n'alma o odio das injustiças e uma sede insaciavel de vinganças contra todas as prepotencias.

Reservava a si com amor o encargo de julgar todos os delictos. Mandava trazer á côrte os criminosos de qualquer ponto do paiz onde fossem agarrados. Vel-os presos e algemados na sua presença era para elle um prazer intenso, que saboreava com delicias. Tortural-os, martyrisal-os, fazer-lhes soffrer as mais duras provas, era occupação que antepunha a qualquer outra.

Levantava-se da meza mal lhe traziam a noticia da chegada de algum grande criminoso, e passava logo summariamente á execução. Da cintura pendia-lhe sempre o latego, com que retalhava o corpo dos criminosos. Castigava rigorosa e severamente todos os crimes, mas os da sensualidade eram para elle um pratinho de grande mimo, e inventava para os pobres criminosos requintes de ferocidade, que espantaram os seus contemporaneos.

Ai dos adulteros que lhe cahiam nas mãos! Era implacavel para com elles. O seu escudeiro, Affonso Madeira, dextro nos jogos da épocha e distincto pelas mais apreciaveis qualidades, era-lhe muito querido, e merecera-lhe sempre uma predilecção especial. O pobre rapaz teve, porém, a desventura de se enamorar dos encantos de Catharina Tosse, mulher casada, que se lhe entregou rendida de paixão, e o rei, apenas soube do adulterio, poz de parte a affeição para só respirar justiça vingadora. Affonso Madeira foi castrado, e morreu em consequencia d'este barbaro supplicio, ou talvez pelo desgosto que a vida lhe causava depois de ter soffrido tão dura perda, *de sua natural door*, diz o chronista.

Chegaram um dia aos ouvidos do rei os galanteios de certa esposa, desleal a seu marido. Justiça summaria: a pobre mulher foi queimada. O marido, que sabia das fraquezas da esposa e as supportava philosophicamente, recebeu depois d'este supplicio um recado do monarcha, dizendo-lhe que não se affligisse por aquella perda, pois que até lhe devia dar alviçaras por ter vingado a sua honra offendida.

Houve casos de um rigor inaudito e cruel. Um homem da cidade, casa-

do e com filhos, havia forçado a mulher com quem casara. Na linguagem pornographica do tempo, o acto da copula chamava-se *rousso*. Soube D. Pedro do caso, e embora houvessem decorrido muitos annos, mandou prender o homem e fel-o morrer queimado! Perante a desgraça do marido, a pobre esposa, desfeita em pranto, foi ajoelhar-se aos pés d'el-rei, levando os filhos, e pedindo clemencia ao terrivel justiceiro. Baldado empenho! O homem *roussára*, e tinha de morrer!

As alcouvetas, todos os que em summa eram medianeiros da prostituição, tiveram n'elle um inimigo terrivel. O latego retalhava as carnes dos miseraveis, e o justiceiro injuriava-os nos supplicios, gaguejando-lhe os epithetos mais indignados.

Só a caça lhe servia de distracção, mas embora n'esse exercicio se mostrasse folgasão e affavel, o semblante em breve se ennublava, ao receber queixa de qualquer aggravo. Ouvia quantos se aproximavam, e a sua justiça era sempre prompta e rigorosa. Era igual na applicação dos castigos, quer o culpado fosse plebeu, ou fidalgo, ou clerigo. Os ricos-homens que perdiam a reputação das donzellas eram tão severamente punidos, como o ultimo dos seus vassallos que tal fizesse. Justiça para todos: — *mostrem e declarem aquello em que lhes vam contra seus foros, graças e mercees que ham e que nos lhas faremos guardar*.

Os meticulosos que desejavam melhorar os costumes dissolutos da sociedade do seu tempo, appellavam para elle, e queriam reformas radicaes em assumptos em que ellas n'aquelle tempo seriam inapplicaveis. Representaram-lhe, pois, que providenciasse de maneira que as meretrizes e barregãs andassem estremadas do resto da população pelo seu trajo.

O rei, prudente e amoravel, não attendeu á representação, allegando que as prostitutas «tragam suas vestiduras como as poderem aver, porque perderiam muito em os pannos que teem feitos e nos adubos que em elles tragem.» Resposta admiravel de bom senso e de caridade, porque não eram essas desgraçadas n'aquelles tempos dissolutos as mais culpadas da dissolução.

A Edade-Media tinha mais revoltantes crimes á sua conta, e não poderia remedial-os a distincção no trajar das rameiras.

Excellente rei D. Pedro! Como elle amava o seu povo e lhe zelava a tranquillidade! Contra essa tranquillidade erguiam-se dois temiveis obstaculos—os fidalgos e os onzeneiros; os primeiros com as suas violencias, os segundos com as suas astucias e manhas. El-rei tomou a defeza do povo, e foi implacavel tanto para com os fidalgos violentos, como para com os judeus astutos. Se o judeu onzenar, disse el-rei *nós o mandaremos matar e lhe tomar quanto ouver*. E quanto aos fidalgos, os exemplos da maior severidade nunca faltaram, mesmo quando as violencias d'elles tinham por alvo os onzeneiros, quanto mais o povo! Dois escudeiros receberam morte infamante por haverem roubado um judeu. Um fidalgo ou rico-homem de Entre Douro e Minho, por ter partido os arcos de uma cuba de vinho a um pobre lavrador, teve a cabeça cortada. El-rei mandou degolar o sobrinho do alcaide de Lisboa, por depennar as barbas a um porteiro.

O tempo era barbaro e os costumes corruptos, barbara e implacavel tinha de ser a justiça. Assim o entendia D. Pedro, e assim o praticava.

O incesto, o adulterio e o estupro eram frequentes. O clero e os fidalgos refocillavam-se á vontade sobre o corpo inerme do pobre povo indefezo. Dura e energica havia de ser a justiça do rei, quando o monarcha, fazendo-se o verdadeiro pae e protector dos seus vassallos, se mostrava disposto a não tolerar abusos nem vexames.

«Taes dez annos nunca houve em Portugal como estes em que reinara el-rei D. Pedro!» exclama o velho historiador Fernão Lopes na chronica d'este monarcha; e o povo, ao commemorar com lagrimas saudosas a morte do rei amigo e pae, exclamava tambem «que monarchas assim ou nunca deviam nascer ou nunca deviam morrer.»

No caracter de el-rei havia assomos de crueza que espantam, de envolta com rasgos de justiça que consolam. Contámos a barbaridade do supplicio do homem que *roussára* a mulher antes do casamento, e que ao depois bom marido e bom pae foi mandado queimar por este crime, que tão perfeitamente resgatára com o seu amor e com o casamento. Este facto causa horror, mas em compensação, que prazer sentimos ao sabermos da justiça severa do monarcha para com o bispo do Porto...

Este prelado tinha relações adulteras com uma mulher casada, ameaçando de morte o marido, diz Fernão Lopes. Sabendo-o o rei se dirigiu ao paço episcopal, e mandando sahir todos os creados, começou elle mesmo a despir o poderoso ecclesiastico, dispondo-se a açoital-o com o latego que sempre trazia á cinta em occasiões d'estas, sendo necessario que Gonçalo Vasques de Goes, seu escrivão da puridade, entrasse quasi á força no aposento e lhe arrancasse das mãos o bispo, dizendo-lhe, o que era verdade, que já o seu povo o chamava algoz, por vêr que executava elle mesmo as sentenças proferidas, officio que a um verdugo pertencia.

Este caso deu assumpto ao magnifico romance de Garrett, *O Arco de Sant'Anna*

Teve tambem el-rei as suas *sentenças* de Salomão, como o prova o caso seguinte, contado por Duarte Nunes de Leão, e aproveitado até por outros historiadores.

«Quando el-rei estava em Evora, uma mulher de Santarem queixou-se-lhe que um alto membro do clero d'aquella terra assassinara seu marido sem causa.

«D. Pedro socegou-a, promettendo-lhe que se occuparia d'ella na sua primeira viagem a Santarem, e cumpriu a sua palavra.

«Quando foi algum tempo depois a Santarem, chamou um canteiro mui vigoroso que encontrou, e encarregou-o de matar o padre accusado por essa mulher. Este executou as ordens d'el-rei, mas logo depois foi preso.

«D. Pedro ordenou que lhe deixassem a elle a suprema decisão d'esse negocio, e ordenou á viuva que levasse todos os dias de comer ao preso e que fosse receber a paga a casa do seu thesoureiro.

«Logo que o processo chegou ao seu termo, os parentes do padre pediram

a el-rei uma ultima decisão. Este mandou que lhe apresentassem os autos, que lhe leram estando presentes todos os desembargadores; mas não achando em parte alguma menção do homem que o padre matara, fingiu que não conhecia o facto, e perguntou aos juizes se o padre não commettera algum crime que podesse motivar a sua morte; responderam-lhe que precedentemente assassinara um homem, mas que havia já cumprido a pena que por isso lhe fòra imposta. D. Pedro perguntou que pena fòra essa.

«Disseram-lhe que o tribunal ecclesiastico o suspendera do exercicio das suas funcções sacerdotaes.

«Então el-rei disse:

«Se um tribunal espiritual suspendeu das suas funcções um clerigo, por ter assassinado um homem do povo, não sei porque motivo um tribunal civil não hade condemnar á mesma pena um homem do povo culpado de ter assassinado um clerigo.

«Assim se fez. O pedreiro, a quem foi prohibido sob pena de morte retomar o seu antigo officio, casou com a viuva, e el-rei assegurou-lhe os rendimentos, que bastassem para compensar a perda que resultava para o obreiro de ter abandonado o seu trabalho.»

Póde ser que esta extranha sentença não passe de lenda, mas o julgador severo e minucioso de outros casos, não menos extranhos, podia muito bem ser o auctor d'este julgamento.

> Do justo e duro Pedro nasce o brando,
> (Vède da natureza o desconcerto!)
> Remisso e sem cuidado algum Fernando.

É assim que o grande poeta qualifica o filho e herdeiro do justiceiro D. Pedro. Na capital, n'esta Lisboa, *grande cidade de muytas e desvairadas gentes,* conheceu-se logo nos costumes a falta de um braço vigoroso que os fizesse conter nos seus salutares limites.

No tempo de D. Pedro, o povo folgava com o rei, mas havia n'esses folgares um não sei què de austero e de patriarchal, que bastava a reprimir os vicios, e a fazer, de todos, membros de uma vasta familia bem unida.

D. Pedro, como já vimos, castigava severamente todos os delictos contra a decencia dos costumes. Até os padres enforcava, se elles de taes crimes se tornassem réus. Se lhe fallavam n'estes actos de severo rigor das regalias da Egreja, o rei dizia com a sua falla gaguejada, que tinha o que quer que fosse de cruel na sua bonhomia risonha:

— Vão-no enforcando, vão-no enforcando... d'aqui a pouco lá estará na presença de Christo, que o julgará.

O novo rei vinha substituir, pela sua tolerancia e desleixo, a esta severa repressão a mais desenfreada licença. Iam acabar as danças e folgares do povo, para raiar uma nova era de devassidão e torpezas!

Sempre as houvera nos reinados anteriores, mas havia tambem na grande maioria dos casos prompto castigo para ellas.

Dona Ignez Sanches era uma fidalga bem conhecida pela ligeireza dos seus costumes. Por muito tempo, porém, conseguiu satisfazer as suas paixões desregradas a occultas do marido, Dom Rodrigo Gonçalves, homem de mediana perspicacia, sim, mas nem por isso muito tolerante em questões de pundonor.

Um dia, a dama no Castello de Lanhoso encontrou um frade, em quem se lhe foram os olhos. Era moço e bem posto, de uma carnadura forte e sã, e a fidalga, vendo-o tão de molde para saciar desejos concupiscentes, chamou-o aos seus aposentos, e entregou-se-lhe á queima-roupa.

Nem por sombras resistiu o frade á tentação. As santas lettras mandavam-lhe apagar a sede e a fome do seu proximo, e elle, interpretando um pouco latudinariamente os textos, entendeu que podia applicar-se o dito á proxima, que tivesse sede de prazeres, tanto mais que estava em sua mão sacial-a. Acceitou, pois, a agradavel penitencia, e passou com a bella fidalga instantes deliciosos.

Prolongou-se o amoroso desenfado pela noite velha, esquecidos os dois do mundo e das suas leis, graças ao prazer que os transportava. Não contavam com o marido, nem com o demo, tão amigo de perturbar com penas e trabalhos o goso peccaminoso d'aquelles que lhe pertencem.

O marido chega de subito ao castello, e quer dirigir-se ao quarto de sua esposa. Nota nos serviçaes uma perturbação desusada. Inquire a causa, com ameaças e promessas. Vinha cançado da caça, e tardava-lhe encontrar repouso nos braços da consorte. Negam-lh'a com evasivas eloquentes. O bom do fidalgo, ardendo em ira, agarra pela gorja um escudeiro, e picando-o no peito com a adaga, obriga-o a contar-lhe o que sabe.

O escudeiro, terrificado, não tem forças para resistir, embora se comprometta, porque tambem havia participado dos favores da dama. Ao saber da sua deshonra, o fidalgo brioso sente passar-lhe pelo cerebro a ideia de uma vingança infernal.

Manda pelos seus companheiros de armas juntar lenha e palha, e barricando com ellas todas as portas, lança-lhes o fogo. Foi uma scena de tragedia, como as sabia só fazer a Edade-Média! O castello ardeu, e alli morreram queimados a dama, o frade, homens, mulheres, cães, gatos, gallinhas, e todas as cousas vivas. Como o fogo não tivesse a velocidade que aquelle rancor fidalgo lhe quizera communicar, Dom Rodrigo correu á camara, onde já haviam morrido queimados os culpados, e arremessou ao enorme brazeiro todos os pannos de vestir, e a cama, «não deixando cousa movel!»

A épocha agora era outra, e o proprio rei ia dar exemplos de corrupção até áquelle tempo desconhecidos.

Houvera sempre galanteios da parte dos reis para com as mulheres dos vassallos, mas não eram tão funestos para o povo os seus effeitos.

Assim, a historia conta que D. Affonso Henriques, tambem dado a loucuras amorosas, nos seus raros ocios de conquistador de terras, fôra um dia hospedar-se em Unhão, em casa de um homem bom do logar, de nome Gonçalo de Sousa.

Recebeu o fidalgo com extremos hospitaleiros o valente rei, e para me-

lhor lhe provar o affecto, foi elle proprio, segundo a pittoresca expressão do chronista, *adubar-lhe o comer.*

Ora, emquanto o fidalgo assim se esmerava em obsequios devidos ao monarcha, este que era amigo de bons bocados, foi vêr-lhe a mulher.

Viu-a, e tanto se deleitou com a vista, que lhe rendeu galanteios.

Dona Sancha Alvares era o nome da dama, e, ao que parece, era formosissima. Pelo menos, tal a julgou o rei, porque começou com ella a empregar o mesmo processo com que abria brechas nos muros dos baluartes sarracenos. E ella, complacente, deixava-se... esbrechar.

«Dom Gonçalo de Sousa, diz a chronica, entrou pela porta e viu assim ser e pesou-lhe d'ahi muito, e disse-lhe:

«— Senhor, levantae-vos, cá adubado o tendes.»

O rei, um tanto desasocegado pelo feito, foi sentar-se, comeu e partiu.

O marido, em vez de queimar a mulher, como mais tarde fez o outro de cuja vingança fallámos, fez melhor. Pegou da esposa, montou-a n'um jumento com a cara para a cauda, e mandou-a assim á côrte entregar ao rei.

Era frequente nos primeiros tempos da monarchia este castigo do adulterio. Mulher encontrada pelo marido em flagrante, era exposta á irrisão e vaias do populacho, montada n'um humilde jumento, com o rosto virado para a cauda do animal, e tendo as mãos e os pés solidamente algemados.

Houvera, por certo, em todos os tempos grandes escandalos, mas o que nunca se vira era o que ia vêr-se em breve, a mancebia e o adulterio vestidos com o manto de arminhos das rainhas, e dominando o povo com os seus caprichos indecentes. Não eram exemplares os costumes dos antepassados. Havia mesmo muito que censurar. A promiscuidade repugnante, o incesto, o sacrilegio... Mas D. Fernando ia dar espectaculos mais escandalosos.

Antes d'elle nos conventos lavrava uma desmoralisação assustadora. A abbadessa de Lorvão, Dona Thereza Mendes, teve um filho, que fôra muito querido de D. Diniz e houvera grandes mercês na côrte apesar da sua sacrilega proveniencia. Parece até que D. Diniz, que tão amante fôra de amorosas aventuras, se comprazia singularmente em proteger e honrar os bastardos. Certo fidalgo tivera um filho de uma dona, que era abbadessa de Arouca. Tanto este, como outro bastardo do prior de Balreu, Nuno Fernandes, foram honrados por D. Diniz, que fez d'um d'elles seu privado e ouvidor da sua casa.

Houvera mesmo n'outros tempos actos de feroz libertinagem.

D. Maria Paes, amasia de D. Sancho I, fôra a Coimbra assistir ao enterro do monarcha, sepultado no venerando templo de Santa Cruz. Alli fôra a bella dama vista de Gomes Lourenço, que a perseguira com os seus galanteios. Dolorosamente impressionada ainda da perda que soffrera, a dona evitára essas perseguições indiscretas, e tirara ao arrojado rico-homem toda a esperança.

Não desistiu elle, ainda assim, do seu capricho, incitado pela fama dos encantos da bella, que tão adorada fôra do valente rei.

Adiantou-se na jornada, terminadas as exequias, e foi esperal-a com alguns companheiros a Avellans. Alli saiu-lhe ao encontro e a *filhou* por força, *roussando-a,* apezar das suas lagrimas e supplicas commovedoras.

E' longa a lista dos attentados bestiaes das épochas anteriores a D. Fernando. O furor erotico de que os homens-bons padeciam não respeitava mesmo os mais intimos laços de parentesco. E, apezar dos incestos, as damas nobres ainda encontravam casamentos, porque a febre era de todos, e porisso todas a comprehendiam e desculpavam.

D. Thereza Gil, dizem as velhas *Linhagens*, «foi de mau preço e houve filhos de seu primo co-irmão.»

Um guerreiro, celebre pelos seus feitos illustres, D. Fernão Mendes praticou um acto de crueldade, que n'outra épocha seria bastante para o fazer condemnar ao ultimo dos supplicios.

Sua velha mãe vivia em constantes rixas com a barregã do Mendes, que a detestava e lhe tornava a vida um inferno.

Por diversas vezes se queixou ella ao filho do seu tormento, sem que elle a fizesse respeitar como devia

Um dia teve com a barregã uma scena violenta. Accudiu o filho no meio da contenda, e tomando o partido da amasia, praticou sobre a pobre velha um crime nefando.

Vinha da caça dos ursos, que n'aquelle tempo infestavam as florestas do norte do paiz, e trazia a pelle d'uma d'estas féras por elle morta n'aquelle dia.

Pegou da infeliz dona, e vestiu-lhe aquelle despojo da féra. Em seguida largou-lhe a matilha dos seus ferozes mastins, que a dilaceraram completamente.

Para este crime horrivel não houve castigo de especie alguma.

Dom Pedro Garcia, outro valente fidalgo, *jouve* com sua irmã, e fez em ella *semel* (descendencia).

Uma dama, de nome Dona Mór Garcia, não foi casada, mas roussou-a seu irmão Pedro e «fez em ella Martim Tavaya.»

E casavam depois d'estes incestos as nobres damas! Testemunha o que rezam as *Linhagens* de Dona Maria Mendes, que depois de ter sido barregã de seu irmão, casou com Dom Lourenço Soares de Valladares!...

A estes horrores e torpezas, d'essa épocha tão phantasiosamente apontada como uma épocha de cavalleiros e de poesia, veiu pôr um curto parenthesis el-rei D. Pedro. Morto o rei justiceiro e inimigo de torpezas, a devassidão continuou alentada e favorecida, e dada como em exemplo a todos na propria côrte e nos degraus do throno por D. Fernando I.

D'este rei, doido por mulheres, dizem as velhas chronicas que era «gran criador de fidalgos e muito companheiro com elles, cavalgante, torneador, grande justador e lançador atavolado, liberal com todos e gran agasalhador de forasteiros.»

Fernão Lopes qualifica-o tambem de *amador de mulheres e achegador a ellas*. Todo o tempo que lhe restava da caça consagrava-o ao bello sexo. Gostava de estar entre damas, conversando *amaviosamente* com ellas. Sua irmã D. Beatriz fôra cinco vezes offerecida a diversos principes, e sempre recusada. O rei não podia passar sem ella, chegando até a propalar-se «a suspeita desonesta da virgindade da infanta ser por elle minguada.»

E' possivel que não, que a infanta lhe fosse indispensavel, por causa das damas que a rodeavam, um viveiro magnifico, onde a sensualidade do rei encontrava largo e abundante pasto. Sentava-se no meio d'esse enxame feminino, e alli, vendo-as, ouvindo-as, conversando com ellas, e sentindo-lhes o calor suave das fórmas voluptuosas, o rei passava as horas mais deliciosas da sua existencia. Diz a velha chronica que n'essas horas o rei gosava sómente, «os jogos e fallas tão a miudo misturadas com beijos e abraços e outros desenfados de similhante preço.»

As damas, vendo-o bello e enamorado, compraziam-se d'aquella adoração que recebiam, e esmeravam-se por prendel-o cada vez mais com os seus sorrisos e denguices amorosas.

Não tinha só a sympathia feminina. Era por egual querido do povo. A historia deu-lhe o epitheto de *Formoso*, e era-o effectivamente. Subira ao throno aos vinte e um annos. Tinha gentil presença. Era alto e robusto, de feições regulares, e possuia um aspecto tão distincto, que rodeado de todos os seus cavalleiros, qualquer o reconhecia logo por soberano. Era habil em todos os exercicios do corpo, e possuia todas as prendas que captivam e seduzem as multidões.

Ouçamos o velho Fernão Lopes, que pinta os desenfados do monarcha d'este modo:

«A ordenança como elle partia o anno em taes desenfadamentos, contado tudo pelo miudo, seria longo de ouvir; porque elle mandava chamar todos os seus monteiros, no tempo para isso pertencente, e não se partiam de sua casa até que os falcões sahiam da muda, e então desembargados iam-se para onde viviam, e vinham os falcoeiros e outros que de fazer aves tinham cuidado.

«Elle trazia quarenta e cinco falcoeiros de bésta, afóra outros de pé e moços de caça, e dizia que não havia de folgar, emquanto não povoasse em Santarem uma rua em que houvesse cem falcoeiros.

«Quando mandava fóra da terra por aves, não lhe traziam menos de cincoenta entre açores e falcões, nebris e gerifaltes, todos primos.

«Com elle andavam Moiros que apresavam garças e outras aves, e estes nadavam os pégos e os paúes, se os falcões cahiam n'elles.

«Quando el-rei ia á caça, todas as maneiras de aves e cães que se cuidar pódem para tal desenfadamento, todos iam em sua companhia, em guisa que nenhuma ave grande nem pequena se levantar podia, posto que fosse grou e abetarda, até o pardal e pequena follosa que, antes que suas ligeiras pennas a podessem pôr em salvo, primeiro era presa do seu contrario; nem as simples pombas, que a ninguem fazem impedimento, em similhante caso não eram isentas dos seus inimigos.

«Para coelhos, raposas e lebres e outros similhantes selvagens montezes, levava el-rei tantos cães de seguir suas pégadas e cheiro, que nenhuma arte nem multidão de covas lhe prestar podia, que logo não fossem tomadas. E, porém, nunca el-rei ia vez alguma á caça, que sempre n'ella não houvesse grande sabor e desenfadamento.»

Se fosse este o unico desenfado de el-rei, podia a nação dar-se por feliz.

D. Leonor Telles

A cubiça, porém, e os amores de D. Fernando haviam de causar-lhe mais funestos resultados do que as suas pomposas e dispendiosas caçadas.

O povo dedicava-lhe sympathia. Elle não lhe pagava na mesma moeda. Os seus affectos eram exclusivamente para a nobreza e para a magna cohorte de estrangeiros, que ao tempo invadiam o reino.

Foi na côrte das damas de honor da infanta sua irmã que D. Fernando viu e conheceu o seu mau anjo, a mulher que tão fatal devia ser tambem para a nação. Chamava-se D. Leonor Telles essa mulher.

O rei tinha sympathia pelo nome de Leonor. Estivera para casar com a princeza de Aragão, D. Leonor, que lhe foi recusada; e a princeza D. Leonor de Castella não chegou a ser sua esposa, porque n'este meio tempo veio absorvel-o o funesto amor de D. Leonor Telles.

As Telles eram duas irmãs, ambas formosissimas e ambiciosas. D. Maria era aia da infanta D. Beatriz. Viu-a alli na côrte o infante D. João, e namorou-se d'ella com delirio. Ella, habil calculadora, incitou-lhe a paixão, difficultando-se com uma prudencia, que a recommendava como eximia diplomata.

Quando o teve bem preso dos seus encantos, e completamente incapaz de se dominar, concedeu-lhe uma entrevista no seu quarto. O infante chega ebrio de amor, entra no aposento, que lhe promettia uma ventura infinda, e estaca, tomado de assombro...

Em frente do sumptuoso leito da dama, havia sido armado um altar, e junto d'elle estava um sacerdote revestido.

— Senhor, disse ella ao infante, porque não havemos de sanctificar a nossa união? O amor é bom, mas o peccado é pessimo. Casemo-nos primeiro, e amemo-nos depois!...

— Seja, disse D. João, enlaçando-a nos braços e conduzindo-a para o altar. Sou teu de corpo e alma. Faze de mim o que quizeres!

O padre abençoou-os, e os dois noivos foram felizes...

Felizes!... O que é a felicidade na terra? Assim devia pensar mais tarde a pobre Maria Telles, quando lhe chegasse a hora tardia do arrependimento...

D. Leonor vinha de quando em quando á côrte visitar a irmã. Habil como ella, não tardou a notar a impressão que fazia no monarcha, e pensou no modo de a aproveitar para saciar a sua ambição. Era bella. O chronista chama-a «louçã, aposta e de bom corpo», qualidades que não podiam deixar de enfeitiçar o rei leviano e femieiro. Podia facilmente ser a amante preferida e dominadora absoluta. Queria mais, porém, queria ser rainha. Mas, como, se era casada, se o marido a reclamava, quando a sua estada na côrte se prolongava?

Ora adeus! Dominava um rei, e para alguma coisa havia de servir aquella paixão indomavel de um homem, cujo poder não tinha limites. Incitou o mais que poude a paixão que despertára; não poupou suspiros e requebros, e quando viu o monarcha completamente babado, poz em scena a comedia que meditára. Era mister retirar-se... era casada, o dever reclamava-a, e depois aquelles amores compromettedores haviam dado nas vistas. Era preciso acabar!

Fallava-se com effeito n'aquelles amores, e o povo achava naturalissimo

que o rei «a tivesse por tempo», e depois tomasse outra esposa, quando aquella paixão affrouxasse. Mas D. Leonor não se prestava a esse desenlace. Havia de ser rainha, e foi-o, graças á cumplicidade de sua irmã, e á fraqueza do pobre rei.

Leonor triumphou, mas temendo-se da côrte foi casar com D. Fernando secretamente em Leça do Bailio. Por lá se detiveram os conjuges em doce idyllio, até que a noticia transpirasse e sobre ella decorresse algum tempo para que o espanto serenasse. E foi habil o expediente, porque, quando os dois voltaram a Lisboa, já o tempo se encerregara de desfazer grande parte dos attritos, e o rei, se encontrou muito quem o censurasse pela fraqueza, teve tambem muito quem d'elle se compadecesse e o desculpasse.

E o marido?

O pobre João Lourenço da Cunha era philosopho. Ao saber do casamento da esposa, fugiu para Hespanha, e para parecer arrostar de boa feição a chuva de risos e de epigrammas que o açoitava de toda a parte, mandou pôr no gorro dois cornos de ouro em forma de plumas. Que poderia elle fazer mais, se não lhe era licito disputar a mulher ao seu rei, que lh'a roubara, e que tinha por si, além da acquiescencia da ambiciosa adultera, o poder e a benção do papa?!

Lisboa ria ás gargalhadas da aventura, e o resto do paiz seguia o alegre exemplo da capital. Isto nos primeiros momentos. Depois, veio a reflexão, os espiritos azedaram-se, os descontentes começaram a amotinar o povo, que se agitou a ponto de convocar o rei para um comicio no atrio de S. Domingos.

D. Leonor comprehendeu o perigo, e fugiu com o rei para Santarem. Estava declarada a guerra entre a nação e aquella mulher ambiciosa, que ao vêr-se guindada á elevação que sonhara, começava a tragar os amargos frutos das suas maquinações, vendo-se desprezada e apupada pelo povo.

Eis como o eminente historiador Alexandre Herculano conta a revolta de Lisboa, por causa do casamento de D. Fernando:

«Aquelles d'entre os nobres que ainda conservavam puras as tradicções dos tempos antigos, indignavam-se pelo opprobio da corôa e pelas consequencias que devia ter o repudio da infanta de Castella, cujo casamento com el-rei, ajustado e jurado, este desfizera com a leveza que se nota como defeito principal no caracter de D. Fernando.

«Entre os que altamente desaprovavam taes amores, o infante D. Diniz, o mais moço dos filhos de D. Ignez de Castro, e o velho Diogo Lopes Pacheco, eram, segundo parece, os cabeças da parcialidade contraria a D. Leonor: aquelle pela altivez do seu animo; este por gratidão a D. Henrique de Castella, em quem achara amparo e abrigo no tempo dos seus infortunios, e que o salvara da triste sorte de Alvaro Gonçalves Coutinho, e de Pedro Coelho, seus companheiros no patriotico crime da morte de D. Ignez.

«O casamento d'el-rei, ou verdadeiro ou falso, era ainda um rumor vago e uma suspeita. Os nobres, porém, que o desapprovavam souberam transmittir ao povo os proprios temores; e a agitação dos animos crescia á medida que os amores d'el-rei se tornavam publicos. D. Fernando tinha já revelado aos

seus conselheiros a resolução que tomara, e estes, posto que a principio lhe fallassem com a liberdade que então se usava nos paços dos reis, vendo suas diligencias baldadas, contentaram-se de condemnar com o silencio essa maleventurada resolução. O povo, porém, não se contentou com isso.

«Nas ideias d'esse tempo, além das considerações politicas, similhante consorcio era monstruoso aos olhos do vulgo por um motivo de religião, o qual ainda de maior pezo seria hoje, e sel-o-ha em todos tempos em que a moral social fôr mais respeitada do que o era n'aquella épocha.

«Tal consorcio constituia um verdadeiro adulterio, e os filhos que d'ahi proviessem poderiam ser considerados como infantes de Portugal, por consequencia como fiadores da successão da corôa.

«A irritação dos animos assoprada pela nobreza tinha chegado ao seu auge, e a colera popular rebentára violenta na tarde que procedeu a noite em que começa esta historia.

«Tres mil homens se tinham dirigido tumultuariamente ás portas do paço dando apenas tempo a que as cerrassem. A vozeria e estrepito que fazia aquella multidão desordenada assustou el-rei, que por um seu privado mandou perguntar o que lhes prazia e a que eram assim reunidos. Então o alfayate Fernão Vasques, *capitão e propoedor por elles,* como lhe chama Fernão Lopes, affeiou em termos violentos as intenções d'el-rei, regalando D. Leonor dos termos de má mulher e feiticeira, e asseverando que o povo nunca havia de consentir em seu casamento adultero.

«A arenga, rude e vehemente, do alfayate orador, acompanhada e victoriada de gritos insolentes e ameaçadores do tropel que o seguia, moveu el-rei a responder com agradecimentos ás injurias, e affirmar que nem D. Leonor era sua mulher nem o seria nunca, promettendo ir na manhã seguinte acclarar com elles este negocio no mosteiro de S. Domingos para onde os emprazava.

«Com taes promessas, pouco a pouco se aquietou o motim, e ao cahir da noite o terreiro d'apar S. Martinho estava em completo socego; e como se na solidão el-rei quizesse consultar comsigo o que havia de dizer ao seu bom e fiel povo de Lisboa, as vidraças córadas das esguias janellas dos paços reaes, que vertiam quasi todas as noites o ruido e os esplendores dos saraus, cerradas n'esta hora e caladas como sepulchro, contrastavam com o reluzir dos fachos por entre o estrepito das ruas, com o rir das mulheres perdidas e dos homens embriagados; com o perpassar continuo dos magotes e pinhas de gente, que se encontravam, uniam, separavam, retrocediam vacillavam, ficavam immoveis, agglomeravam-se para se desfazer, desfaziam-se para se agglomerar de novo, sem vontade e sem constrangimento, sem motivo e sem objecto, vulto inerte, movido ao acaso, como as vagas do mar, tempestuoso e irreflectido como ellas. Feroz na sua colera não rasoada, ferocissimo no seu rir insensato, o vulgo passava, rei de um dia; esse ruido, essa vertigem que o agitava era o seu baile, a sua festa de triumpho, e as estrellas de serena noite de agosto, similhantes a lampadas pendentes de abobada profunda, allumiavam o sarau popular, as salas do seu folgar, a praça e a encruzilhada.

«Era a um tempo truanesco e terrivel.»

Isto o que se passava na vespera. Vejamos no dia seguinte o extranho comicio.

«Á hora aprazada para a vinda d'el-rei ainda não havia batido, mas o povo, orgulhoso da importancia que subitamente se lhe déra, embevecido na ideia de que obrigaria el-rei a partir os laços adulterinos que o uniam a Leonor Telles não media o tempo pelo curso do sol, mas pelo fervor da sua impaciencia. Duas vezes se espalhára a voz de que D. Fernando chegára, e duas vezes o povo correra para o alpendre do mosteiro. As portas da egreja estavam, porém, fechadas, bem como a portaria e as estreitas e agudas frestas do mosteiro gothico, que formado apenas de um pavimento terreo e humilde, contrastava com a magnificencia do templo, em cujas portadas sobre os columnelos ponteagudos, que sustinham os fechos e chaves da abobada, os animaes monstruosos e hybridos, os centauros, os satyros e os demonios avultados na pedra dos capiteis por entre as folhagens de carvalho e de lodão, pareciam, com as visagens truanescas que nas faces mortas lhes imprimira o esculptor, escarnecer da colera popular, que, lenta como as marés do oceano, começava a crescer e a transbordar.

«Apenas lá dentro se ouviam de vez em quando as harmonias saudosas do orgão e do cantochão monotono dos frades, que offereciam a Deus as preces matutinas. Era então que o povo escutava, e retrahia-se arrastado pelas blasphemias e pragas que sahiam de mil boccas, e que eram repellidas do sanctuario pelo sussurro dos psalmos que reboavam dentro da egreja, e que transudavam por todos os póros do gigante de pedra um halito de paz, de resignação e de confiança em Deus.»

A essa hora o pobre D. Fernando ainda talvez formasse tenção de vir ao comicio popular que o esperava. Já muitos dos seus fidalgos e conselheiros estavam presentes, quando Fernão Vasques, tomando alento e resolução, rompeu, segundo Fernão Lopes, n'estes dizeres ousados:

—«Senhores, a mim me deram carrego estas gentes que aqui são juntas, de dizer algumas cousas a el-rei, nosso senhor, que entendem por sua honra e serviço; e porque é direito escripto que, sendo as partes principaes presentes, o officio de procurador deve de cessar no que elles bem souberem dizer, vós outros que sois principaes partes n'este feito, a que isto mais tange do que a nós, devieis dizer isto e eu não; porém, não embargando que assim seja, eu direi aquillo de que me deram carrego, pois vós outros n'isso não quereis pôr mão, mostrando que vos doeis pouco da honra e serviço d'el-rei nosso senhor.»

Enorme alvoroço e rumor seguiu estas palavras devéras audaciosas para o tempo. Alguns fidalgos que as ouviram correram a contal-os ao paço.

D. Leonor não hesitou mais. Lançou os braços ao pescoço do rei, e por entre lagrimas e beijos decidiu-o a fugir immediatamente. Obedeceu, transido de medo, o fraco D. Fernando e lá foi com a esposa para Santarém, conforme conta Fernão Lopes, e ia dizendo a tremer pelo caminho:

—«Olhae aquelles villões traidores como se juntaram! Certamente prender-me queriam, se lá fôra!»

D. Leonor tremia tambem, mas de raiva. As caricias que prodigalisava

a el-rei deixavam-lhe nos labios o travor da vingança que meditava. Oh! os villões! como ella se vingaria d'elles!

E vingou não tardou muito. Os chefes da revolta foram presos, e os bens immediatamente confiscados. Alguns lograram fugir ao castigo que os esperava.

O orador da plebe, o alfayate Fernão Vasques, que ousara dizer terriveis verdades ao rei e á côrte, foi enforcado. D'esta vez D. Leonor satisfazia o seu odio. E esse povo que o nomeara seu *propooedor*, e que lhe alentára a coragem com os applausos, assistiu-lhe ao supplicio, sem um protesto, elle que poderia evitar-lh'o se conhecesse a sua força!

Se o povo a apupava, e lhe lançava ás faces o apodo de adultera e mulher perdida, a côrte não tardou a prestar-lhe homenagens de verdadeira rainha. Contribuia para isso o caracter seductor d'esta mulher formosa, cujo retrato nos deixou assim o velho chronista já citado:

«Esta rainha D. Leonor, ao tempo que el-rei a tomou por mulher era bem moça, em fresca edade e egual em grandeza do corpo; havia loução e gracioso gesto e todas as feições do rosto quaes o direito da formosura outhorga; tal que nenhuma era a ella similhavel em bem parecer e dulcidão de falla, soffrendo-nos, porém, de a prasmar de algumas cousas em que não ia honesta mas mui soltamente; houve grande e vivo entendimento por afortalezer seu estado, trazendo a seu amor e bemquerença assim as grandes pessoas como as pequenas, mostrando a todas leda conversação com grande prestança, e muitas bemfeitorias.» (*Chronica d'el-rei D. Fernando*, cap. LXV, pag. 260, Edição da Academia.)

Havia dissidentes na côrte que soberanamente a aborreciam. Quando D. Fernando a apresentou aos nobres como sua esposa legitima, o infante D. João, filho mais velho de D. Ignez de Castro apressou-se a beijar-lhe a mão. D. Diniz, porém, seu irmão mais moço, não só se recusou a esse acto de baixeza e servilismo, mas disse em presença do rei:

—«Essa mulher é que deve beijar-me a mão, como principe que sou de sangue real.»

Ouvindo estas palavras, D. Fernando exasperado arrancou da adaga e correu sobre o infante, que teria pago bem caro o seu orgulho, se dois fidalgos não se tivessem lançado entre os dois, conseguindo applacar a colera do monarcha. Depois d'isto, o infante nunca mais voltou á côrte, no que procedeu prudentemente, porque D. Leonor não era mulher que lhe perdoasse uma affronta d'aquella ordem.

Consolavam-na, porém, do desprezo do povo e dos raros fidalgos briosos do seu tempo, as lisonjas e humilhações dos cortezãos, que não se pejavam de lhe formarem a côrte, e de se disputarem os sorrisos da graciosa sereia, da qual diz ainda Fernão Lopes:

«Era de muita esmola e muito caridosa a todos, mas quanto fazia tudo damnava, depois que conheceram n'ella que era *lavradora de Venus*, e creada em sua côrte; e fallando os maldizentes, prasmavam-n'a, dizendo que todas as criadas d'aquella senhora se fingem sempre muito maviosas, portanto que o manto da caridade que mostram seja cobertura de seus deshonestos feitos.

Apesar da sua seductora exterioridade, o coração d'esta mulher era um abysmo de preversidade. A ambição constituia o fundo do seu caracter, e para realisar os seus sonhos audaciosos, não hesitava em recorrer a todos os meios, fossem quaes fossem as victimas.

A tragedia de sua irmã, D. Maria Telles é uma prova frisante do que affirmamos.

Já vimos como se realisára o casamento d'esta dama com o infante D. João. Este enlace longe de lisongear D. Leonor Telles, causou-lhe uma preoccupação penosa. D. Fernando era fraco e enfermo. A sua morte não se faria esperar. A ambição de D. Leonor era ser regente do reino, na menoridade de sua filha D. Beatriz. O infante D. João, casado com sua irmã D. Maria Telles, podia ser um obstaculo muito serio aos seus projectos, porque este principe possuia as sympathias da nação.

O infante tinha um caracter baixo e infame. Haja vista a sua complacencia em lisonjear a rainha, differençando-se tanto n'este seu proceder da nobre altivez de seu irmão D. Diniz, que preferiu o exilio e o odio de el-rei a uma submissão que o envergonhava.

D. Leonor queria inutilisal-o, e para isso poz em jogo uma machinação infernal, suggerida pelo seu espirito inventivo de astuciosa sereia.

Mandou por segunda via preparar o animo do principe. Como a rainha o amava! dizia-lhe o mensageiro, e com que alegria ella o veria casado com sua filha, a infanta D. Beatriz! Se fosse possivel, o infante seria com sua filha estremecida o successor do reino, mas havia para a realisação d'esta ventura um obstaculo insupperavel — D. Maria Telles.

—«E' verdade, disse o infante, sou casado! Apanharam-me á traição, mas nem por isso deixo de estar para sempre ligado a uma aventureira, que é o obstaculo da minha elevação!...»

—«E se esse obstaculo desapparecesse... insinuou o mensageiro. Porque demais a mais, Maria é indigna de todos os sacrificios. De Coimbra chegam rumores desfavoraveis ao seu credito. Ella não é, ao que parece, esposa fiel!...»

—«Ha provas d'isso? perguntou o infante, ebrio de jubilo, ao rasgar-se-lhe a perspectiva de se desfazer da consorte. Se tal se provasse, matal-a-hia!»

—«Pois tende-o por provado, senhor, porque a voz publica é unanime em accusal-a!»

—«Essas palavras são a sua sentença de morte! Pagará com a vida o opprobrio com que me enxovalhou o nome!»

Não minguavam mais provas, quando era necessario para satisfazer a ambição do infante que a desgraçada perecesse.

No dia seguinte D. João foi recebido pelo rei, que o encheu de obsequios e distincções. A rainha teve tambem com elle uma entrevista secreta, da qual não transpirou cousa alguma. Mas ao romper da manhã do outro dia, o infante partiu logo para Coimbra, onde estava então residindo a infeliz Maria Telles.

A pobre victima esperava alli anciosamente a chegada do esposo, sem dar credito aos avisos que pessoas caridosas lhe tinham já por mais de uma

As tragedias do ciume

vez feito chegar aos ouvidos. Diziam-lhe esses avisos que o infante queria desfazer-se d'ella, e que ruminava sinistros projectos a seu respeito. A incauta dama não podia dar credito a esses presagios. Alli, nas margens d'esse Mondego que vira já a tragedia de outra desventurada dama, esperava cheia de saudades a vinda do seu amado, tardando-lhe já apertal-o nos braços, sorrindo-lhe a vida com todos os encantos de um amor intenso e correspondido,

N'aquelle engano d'alma ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito.

Chegou o infante a Coimbra ao romper da manhã. Ella esperara-o toda a noite, porque seu filho Lopo Dias, que residia em Thomar, lhe fizera chegar aos ouvidos a noticia da vinda do esposo, assegurando-lhe que se precatasse, pois lhe parecia que ia succeder grande desgraça. Quando ouviu na escada do palacio da rua de Sub-Ripas o estrepito da comitiva que chegava, não se sobresaltou. Foi ella a primeira a abrir a porta e a dirigir-se ao esposo, mas quedou-se immovel, ao vêr-lhe o rosto pallido e irado.

—«O que é isto?» perguntou ella.

Elle, no emtanto, olhava em torno para descobrir uma prova que o justificasse do crime que meditava. Pareceu-lhe tel-a. Era uma espada que estava sobre a poltrona.

—«De quem é essa espada?» inquiriu com olhar torvo.

—«E' tua, senhor, disse ella. Esquecestel-a aqui, e alli a tenho guardada, esperando que viesses pedir-m'a.»

O infante atirou-se como uma féra á pobre dama, e levando-a para o leito arrancou-lhe a ligeira tunica que vestia, pondo-lhe a descoberto o corpo gentilissimo. A comitiva havia invadido o aposento. Ella, tomada de susto e de pudor, ao vêr-se assim maltractada e exposta á vista de extranhos, cobriu-se com a roupa da cama. Eis como Fernão Lopes conta esta sombria tragedia:

«Então deu (o infante D. João) uma grande tirada pela ponta da colcha, e derribou-a em terra, e parte do seu mui alvo corpo foi descoberto, em vista dos que eram presentes, em tanto que os mais d'elles em que mezura e boa vergonha havia, se alongavam de tal vista que lhes era dolorosa de ver, e não se podiam ter de lagrimas e soluços, como se fosse mãe de cada um d'elles; e em aquelle derribar que o infante fez, lhe deu com o bulhão que lhe dera seu irmão d'ella, por entre o hombro e os peitos cerca do coração; e ella deu umas vozes muito doridas dizendo:

—«Mãe de Deus, soccorrei-me, e havei mercê d'esta minha alma.»

«E em tirando o bulhão d'ella, lhe deu outra ferida pelas virilhas: e ella levantou outra voz e disse:

—«Jesus, filho da Virgem, soccorre-me!»

«E foi esta a sua postumeira palavra, dando o espirito, golphando muito sangue d'ella. Ó piedade do muito alto Deus! se então fôra tua mercê de embotares aquelle cruel cutello, que não damnara o seu alvo corpo, innocente

de tão torpe culpa!» *(Chronica d'el-rei D. Fernando,* por Fernão Lopes, cap. 103, pag. 363.)

«Consummado o crime, diz o sr. Pinheiro Chagas, na sua Historia de Portugal, D. João fugiu á pressa, e andou muito tempo vagueando pelos desvios mais selvaticos da Beira, acompanhado pelos que haviam presenceado com dòr extrema aquelle infausto successo; mas, sombrio, silencioso, como se do quarto, que elle ensanguentára, tivesse fugido com elle a visão do remorso.

«Entretanto, Coimbra despertava aos clamores da gente de casa de D. Maria Telles, e não tardou que todos fossem informados da horrenda tragedia que se representára na cidade á meia luz da alvorada. Era a segunda vez que nas ruas da placida rainha do Mondego vibrava um grito doloroso annunciando o assassinio de uma mulher fraca, indefeza, formosa e sem culpa; era a segunda vez que entrava o crime em Coimbra para espantar com os seus horrores os descuidosos passarinhos que gorgeiavam os seus modilhos entre as devesas copadas. Deviam-se indignar os filhos da formosa cidade de que os assassinos escolhessem a mais risonha e mais namorada povoação de Portugal para theatro dos seus nefandos delirios.

«Na côrte a indignação foi immensa; D. Fernando, julgando agradar com isso a sua esposa, promettia tirar solemne vingança de tão atroz delicto; D. Leonor, a fratricida, cujo espirito preverso fòra a luz sanguinea que guiára o braço e o punhal do infante, occultava com lagrimas hypocritas o jubilo que lhe ia no coração. Depois de prantear assim a sua propria victima, levou a abnegação a ponto de mostrar inesperada generosidade, pedindo ella mesma o perdão do assassino. Sacrificava a sua justa vingança e o resentimento nos altares do Deus misericordioso! Era uma perfeita christã, D. Leonor Telles! e se o pontifice em tal momento a contemplasse, como deixaria de canonisal-a?... Via-a Deus felizmente, e o fratricidio, avivado pela hypocrisia, lá o inscrevia elle no livro das suas punições.

«Assim, graças á intervenção de D. Leonor Telles, foi o infante perdoado, apezar da reluctancia com que o mestre de Christo, filho da victima, e ancioso por vingança, accedeu a occultar o seu resentimento. D. João veio, pois, á côrte, e tanto o rei como a rainha e os irmãos de D. Maria Telles receberam-no admiravelmente.

«Era esta uma scena digna de a traçar na tela do romance historico a penna vigorosa d'Alexandre Herculano, a entrada triumphal do infante D. João, coberto do sangue de D. Maria Telles n'uma côrte, onde o rei e a rainha e os principaes fidalgos eram irmãos da victima!...

«D. Fernando, titere docil nas mãos de D. Leonor Telles, encheu de obsequios o seu irmão assassino, mandou-lhe pagar as quantias que iam correndo, e as passadas como para mostrar que fòra em seu serviço que elle praticára a guerreira façanha de apunhalar uma mulher. Animado por tantas demonstrações de agrado, D. João pensou então em tocar no assumpto que mais o interessava, o casamento com D. Beatriz. Mas n'isso é que elle achou todos muito frios.

«Era a velha historia d'Orestes e Hermione, que a scena moderna devia

ainda reproduzir no Yacoub e Berengère de Charles VII, de Dumas, e no Abbade e a Camargo, dos *Marrons du feu,* d'Alfredo de Musset. D. João e D. Leonor Telles representavam o mesmo papel que os personagens que citámos, substituindo apenas o amor, que impellia os heroes dramaticos, pela ambição que era quem dirigia as pessoas historicas. Salvo essa excepção ligeira, o infante podia dizer como o abbade, de Musset:

*J'ai taché mon pourpoint, et l'on me congédie,*
*C'est la moralité de cette comédie.*

«D. Leonor zombou perfeitamente do filho de Ignez de Castro, depois de o ter levado a commetter o crime que lhe convinha. Quando elle tornou a fallar no casamento com D. Beatriz, disse-lhe que isso era impossivel, porque o rompimento com Castella podia originar novas guerras, etc.

«A verdade era que D. Leonor nunca pensara em realisar tal casamento, e a prova d'isso é que nas condições secretas do tratado que ajustara o matrimonio de D. Beatriz e do duque de Benavente, se convencionára que durante a menoridade d'aquella seria D. Leonor Telles regente do reino. Vejam se era possivel que ella abandonasse o projecto de um casamento que lhe devia ser tão vantajoso, para adoptar outro, em que a popularidade do noivo escolhido forçosamente a desterrava a ella para o segundo plano.

«Vendo as suas esperanças frustradas, D. João começou a andar melancholico e sombrio. Os remorsos agora pungiam-no mais, desde que a ambição a que sacrificára a esposa se desfizera em fumo. O espectro de Maria Telles apparecia-lhe frequentemente nos sonhos do seu dormir agitado, ou nas visões, ainda mais aterradoras, das suas longas noites de insomnia. O rei e a rainha, depois de o terem acolhido alegremente, vendo-o assim desesperançado e afflicto, nada fizeram para o consolar. No meio da côrte alegre e estrepitosa de D. Leonor Telles, a tristeza sombria de D. João era verdadeiramente mancha negra, que destoava n'esse tecido de oiro e seda, que fiavam as Parcas aos venturosos conjuges, que se sentavam no throno, e aos nobres fidalgos que os rodeiavam.

«O remorso do infante era mesmo uma accusação para os outros. N'aquella orgia de Balthazar, porque é que D. João via só, entre o rejubilar dos outros, o fulgor do sinistro lemma? N'aquelle banquete festivo, porque prestava sempre o infante o ouvido a um longinquo rumor, como se sentisse os passos pesados da estatua de pedra que dormia sobre o tumulo de Maria Telles?

«Era necessario realmente não comprehender a vida; a voz publica dizia que D. João tresvariára com a morte da esposa, e que esquecera as prendas de gentil cortezão. D. Leonor, com o seu eterno sorriso, parecia dizer-lhe: —«Porque descoras tu, quando eu, a tua cumplice, folgo e rio?—» E passava, desprezando-o, ao galope do seu gentil palafrém.

«D. João fôra lançado de banda pela rainha, como punhal ferrugento que já não serve, e que na propria ferrugem que o corróe levanta uma accusação, porque essa ferrugem foi o sangue que a produziu!...

«Afinal D. João, fatigado d'esse viver extranho, sahiu da côrte e retirou-se para o Douro. A retirada causou certo sobresalto no animo de D. Fernando e de D. Leonor. Do descontentamento á revolta ia n'essa épocha apenas um passo bem curto. O que meditaria o filho de Ignez? Por precaução, foram-se sempre desaçaimando as vinganças que até ahi se tinham reprimido, e o mestre de Christo e o conde D. Gonçalo partiram em busca do assassino de sua mãe e irmã. A pouco distancia seguia-os a côrte.

«O infante soube da busca e fugiu desapoderadamente. A perseguição transformou-se em verdadeira caçada: D. João recolheu-se ao castello de Villa Maior onde julgou que o deixariam tranquillo: mas não foi assim; os caçadores já vinham perto, e a féra perseguida podia quasi ouvir o resfolegar dos cães. Em segredo, partiu D. João para Castella, e foi-se refugiar em casa de sua irmã D. Beatriz, cunhada de D. Henrique e então residente n'uma das terras da Galliza. Deixára o infante recado aos seus creados para que fossem para onde quizessem, abandonando-o á sua desventurada sorte. Elles, sabendo isto, derramaram muitas lagrimas, porque D. João era muito estimado dos seus, e depois dispersaram-se, ou como diz Fernão Lopes na sua pittoresca linguagem:

«Então se confortaram uns com outros, e foram todos derramados cada um sua parte, como a frota das naves no mar, quando é perseguida de grande tormenta.» (*Chronica d'el-rei D. Fernando,* cap. 106, pag. 359.)

«Depois de estar algum tempo refugiado em casa de sua irmã D. Beatriz, chamou-o D. Henrique á sua côrte, deu-lhe sua filha D. Constança em casamento, segundo diz Schoeffer, tractou-o com grandes honras, e adoçou-lhe quanto poude o exilio, mas esperava-o uma sorte bem desgraçada, quando D. João I de Castella veio a ter pretenções á corôa de Portugal.

«Ha familias sobre as quaes parece pesar ainda a fatalidade antiga. Era uma d'ellas a de Ignez de Castro. O sangue da malfadada, banhando as vestes infantis dos seus filhos chorosos, pareceu ter lançado sobre elles a maldição do destino. Criminosos quasi como Edipo, é a fatalidade que lhes guia o braço; é a fatalidade que impelle D. Diniz, moço de tão raros dotes, a alliar-se o com o estrangeiro, a ligar-se com o assassino de sua mãe e a voltar em companhia de ambos, as armas contra a sua patria; é a fatalidade quem desvaira o espirito de D. João e o impelle a commetter um crime horroroso na mesma cidade em que sua mãe fôra victima de crime egual; depois, os dois irmãos, levados por diversos caminhos ao mesmo fim, procuram no exilio um refugio, e novos Edipos, atravessam solitarios as turbas que se desviam d'elles, porque lhes vêem impresso na fronte o sello da fatalidade.»

No emtanto, a adultera via satisfeitos os seus desejos, e parecia segura do bom resultado das suas criminosas maquinações. Para saciar os appetites carnaes que a devoravam, arranjava pouco depois um amante, João Fernandes Andeiro, embaixador de D. Fernando para com o rei da Inglaterra. Procurando o monarcha, na sua costumada volubilidade de negociar um tractado de alliança com a côrte ingleza, o embaixador veiu secretamente a Portugal para combinar com el-rei os ajustes d'essa alliança.

A côrte estava então em Extremoz, e alli recebeu el-rei o Andeiro, tão escondidamente que só elle e a rainha sabiam da vinda do fidalgo castelhano.

Gostou a rainha d'aquelle mysterio, e aproveitou-o logo para saciar a sua voluptuosidade.

Eis como Fernão Lopes conta o principio d'estes amores adulteros:

«E el-rei foi mui ledo com elle, e muito mais das novas que lhe trazia; e, em razão dos tractados que com Castella tinha firmados, não ousava el-rei que essa vinda fosse descoberta, nem que João Fernandes fosse visto, e teve-o escondido em uma camara de uma grande torre que ha no castello d'aquelle logar, onde el-rei costumava de ter com a rainha a sesta, para quando lá fosse de dia poder com elle mais encobertamente fallar tudo o que lhe approuvesse; e depois que se todos iam, vinha João Fernandes de outra casa que ha na torre e fallava com elle, presente a rainha, quaesquer cousas que lhe cumpria e algumas vezes se sahia el-rei depois que dormia, e ficava a rainha só, e vinha João Fernandes para ella, depois que se el-rei partia, e fallavam no que lhe era mais aprazivel, sabendo-o, porém, el-rei, e não havendo nenhuma suspeita como homem de são coração; e por taes fallas e estadas a miudo, houve João Fernandes com ella tal affeição, que alguns que d'isso parte sabiam, cuidavam d'elles não boa suspeita, e cada um se calava no que presumia, vendo que de taes pessoas e com tal cousa não cumpria a nenhum de fallar; foi esta affeição de ambos tão grande, que tudo o que depois, que adiante ouvireis, d'aqui houve seu primeiro começo.»

El-rei não via cousa alguma n'aquella intimidade com que a rainha tractava o Andeiro. Preoccupavam-lhe o animo voluvel o negocio das allianças inglezas, e todo se esmerava em que os inglezes, quando viessem ao reino fossem admiravelmente recebidos.

E foram-no. A frota ingleza chegou a Lisboa, trazendo a bordo o conde Edmundo de Cambridge, acompanhado por muitos fidalgos dos principaes da côrte de Londres. Vinham tambem a condessa de Cambridge, filha de D. Pedro de Castella. Um filho d'ella, de oito annos, o joven conde Eduardo, devia casar com a infanta D. Beatriz, filha de D. Fernando.

O casamento das duas creanças contractou-se, e celebraram-se logo os esponsaes, segundo o costume inglez.

O pequenino principe e a pequenina princeza deitaram-se em presença de toda a côrte, n'um leito ricamente adornado, e por cima d'elles desdobrou-se uma coberta sobre a qual estavam bordados os retratos do rei e da rainha. O leito havia sido previamente abençoado por um bispo inglez e pelo bispo de Lisboa.

Emquanto a côrte se entregava a estes brilhantes espectaculos, tão ridiculos como dispendiosos, tres mil soldados da frota ingleza espalhavam-se pelos arredores de Lisboa, entregando-se á pratica dos maiores excessos e tropelias. Roubavam desaforadamente, violentavam as mulheres e assassinavam friamente os que ousavam resistir-lhes.

Ninguem se queixava ao rei de similhantes attentados, porque o monarcha prescrevera, sob a ameaça das mais severas penas, que não se causasse o

mais leve desgosto aos seus hospedes e amigos. E assim, succediam todos os dias casos horrorosos, que bradavam justiça aos céus contra a horda de barbaros que assolavam as proximidades da capital.

Apesar da prohibição, sempre conseguiu chegar ao paço a queixa de um tragico successo. Os soldados inglezes queriam violentar uma mulher. Resistiu quanto poude a infeliz, e o marido veiu defendel-a, mas os barbaros assassinaram-no cruelmente, e cegos pelo furor, arrancaram dos braços da pobre mãe uma creança ainda de mama, partindo-lh'a ao meio. O cadaver mutilado do innocente foi levado ao rei, que d'esta vez se limitou a pedir providencias ao conde de Cambridge.

Inutil é dizer que essas providencias nunca vieram, e por isso o povo, indignado, e vendo-se completamente á mercê da soldadesca, entendeu que devia fazer justiça por suas mãos. Foi por isso matando secretamente nos inglezes, a ponto que não regressaram á sua patria as duas terças partes dos extrangeiros que tinham vindo.

D. Leonor soube em breve que os seus amores adulteros com o Andeiro eram do dominio publico. Os rifões populares e as trovas não a poupavam, dando-lhe os epithetos que o seu escandaloso proceder merecia. Não se importava ella com isso, e chegava a fazer gala do seu desplante.

Quando D. Fernando morreu em 1383, a rainha quiz ainda fingir-se dolorosamente ferida por este golpe, para vêr se conseguia inspirar compaixão, que lhe servisse os ambiciosos calculos. Assim, declarou que não queria entregar o reino a Castella. O seu desejo era que sua filha D. Beatriz fosse acclamada rainha, e ella ficaria sendo a regente, acceite pelo seu bom povo, que actualmente lisongeava, depois de o ter esmagado para satisfazer o seu odio inquebrantavel.

Fernão Lopes conta assim esta nova phase dos manejos da rainha:

«...fingia-se muito desconsolada e chorava em grandes prantos. Em uma camara escura, coberta de dó, com lagrimas e soluços,—que ás mulheres não faltam quando lhes servem,—se lamentava, com as visitas, do seu desamparo, queixando-se do governo que o rei déra ao reino, agora pobre e infeliz.» Está por tudo, comtanto que a nação não a expulse do governo.

Surgiu então o libertador de Portugal, o Mestre de Aviz, a quem as circumstancias promettiam a corôa, e que soube aproveitar-se d'ellas com pericia, e auxiliado por amigos leaes, para a alcançar.

O feito que lhe realçou a popularidade, e que lhe assegurou o destino, foi a morte do Andeiro, que elle levou a cabo, arrancando-o, por assim dizer, para o apunhalar, dos braços da rainha.

No dia 6 de dezembro de 1383, o Mestre de Aviz foi ao paço despedir-se da rainha, sob pretexto de partir para a fronteira do Alemtejo. Recebido e despedido, voltou novamente acompanhado dos seus fidalgos, alguns momentos depois.

A scena tinha por quadro a camara da rainha nos paços denominados de apar S. Martinho, erguidos no sitio onde hoje existe a cadeia do Limoeiro. D. Leonor estava sentada n'uma cadeira de velludo escarlate, e de joelhos

O conde Andeiro

a seus pés o conde Andeiro fallava-lhe de manso, quasi ao ouvido, contando-lhe obscenidades que a faziam rir. Em torno dos dois, as damas e os fidalgos conversavam alegremente.

Quando o Mestre entrou com os seus companheiros, a rainha irritada e inquieta, ergueu-se, pallida e terrivel. O conde imitou-a, muito perturbado.

—«A que vindes ainda?» inquiriu ella, franzindo o sobr'olho.

—«Senhora, a fronteira está *grossa*, e a gente não me sobeja. Julgo errados os arrolamentos e desejo examinal-os.»

—«Seja assim,» disse ella, serenando-se; e recobrando de todo o sangue-frio, chamou o escrivão da puridade e mandou abrir o livro dos vassallos da comarca.

—«Escolhei vós mesmo a gente que vos carece,» e dirigiu-se para um estrado onde costumava costurar. Rodeiaram-na logo as damas, emquanto o escrivão ia lendo monotonamente o livro dos arrolamentos.

Havia no aposento a inquietação pungente da tragedia que se preparava. O conde Andeiro desasocegado entre aquelles homens armados, cujo odio lhes fusillava nos olhares, ergueu-se, e saiu da sala, para prevenir os seus amigos. O Mestre, temendo perder o ensejo, seguiu-o, e chegou mesmo a empurral-o para fóra da camara, dizendo que lhe queria dar algumas palavras.

Dirigiram-se os dois para o vão de uma janella, e trocaram quaesquer phrases. De subito, o punhal que o mestre não largara da mão, desde que se approximára do conde, luziu, e sumiu-se no pescoço do Andeiro, que ficou banhado em sangue. O conde, desarmado, não podia defender-se, e apenas inclinou a cabeça; o sequito do Mestre acabou-o ás estocadas.

Cá fóra, ao ouvir-se o rumor, o pagem do Mestre correu pela cidade bradando:

—«Accudam ao Mestre, que o querem matar no Paço!»

Lisboa, ao ouvir este clamor, ergueu-se ameaçadora, e d'ahi a pouco as immediações do paço enchiam-se de uma multidão formidavel, que tinha o rumor terrivel das vagas irritadas.

No paço, era indiscriptivel a confusão. A rainha, ao saber que lhe tinham assassinado o amante, rugia com uma leoa. Depois chorou muito, e mandou perguntar ao Mestre se tambem a queria matar. Elle respondeu respeitosamente que não, porque lhe parecia que a morte do valido seria sufficiente para aquietar o reino e mudar a face dos acontecimentos.

Cá fóra a populaça, ao saber que o Mestre estava vivo, e ainda no paço, julgava-o em grande perigo, e redobrava de imprecações e ameaças. Debalde lhe gritavam dos terraços que só o Andeiro morrera. Foi mister o infante chegar a uma janella. O povo victoriou-o estrondosamente, e bradou-lhe:

—«Vinde para nós, e dáe ao démo esses paços!»

E uma onda de povo, jubilando com a morte do valido, correu para a Sé, afim de que os sinos tocassem e assignalassem a boa nova. Os padres resistiram. O povo, furioso, apoderou-se então do bispo e de dois ecclesiasticos, e precipitou-os da torre, e os cadaveres d'estes desgraçados, arrastados para o Rocio, alli ficaram para servir de pasto aos cães.

Terminado o feito, e passadas algumas horas, o Mestre, por conselho de Alvaro Paes, o seu mentor, foi novamente ao paço, e pediu perdão á rainha de joelhos. Ella, surprehendida d'aquella humildade, da parte de quem, tendo por si o povo, podia mandar como senhor, disse-lhe:

—«Fallemos de outras cousas...»

E tinha na voz e no rosto um tal desprezo pelo assassino, que este, desorientado e corrido, teve de sair, sem esperar outra phrase. A rainha seguiu-o, e dando então com o cadaver do amante, n'uma larga poça de sangue, rompeu em gritos e imprecações.

—«Enterrae-o ao menos, já que o matastes tão deshonradamente!...»

Foi esta a ultima phrase que lhes dirigiu. O Mestre e os companheiros não lhe responderam, sentindo-se envergonhados d'aquella accusação de cobardia. N'essa mesma noite, a rainha mandou enterrar o pobre cadaver na egreja de S. Martinho. As lagrimas que n'essa triste ceremonia derramou eram sinceras, porque o seu amor por aquelle homem, a quem perdera, fôra tão violento como a ambição que lhe dominava e torturava o coração.

O seu odio pelo Mestre era enorme, mas tinha muita pericia, para o revelar. Graças a um poderoso esforço da sua vontade, mostrou-se logo no dia seguinte indifferente, esperando melhor ensejo para a vingança.

Dil-o Fernão Lopes, que é o primeiro fazer justiça ás qualidades superiores d'aquella mulher:

«Os antigos, que louvaram as nobres mulheres, que viveram no tempo da rainha D. Leonor, muito erraram em seu escrever, se a não puzeram na conta das mui formosas, porque se o dom da formosura de todos mui presado fez a algumas ganhar perpetuo nome, d'este houve ella tão grande parte, acompanhado de tão aprazivel graça, que aquelle, que o mais desejar podesse, seria assás descontente de sua natureza.

«A ella proveu além d'isto costumes de grande avisamento, e de nenhuma cousa que a prudente mulher pertence era ignorante. Foi mulher muito inteira e de coração cavalleiroso, buscadora de maravilhosas artes para firmeza do seu estado.

«Desde que ella reinou, aprenderam as mulheres a terem novos gestos com seus maridos, e as mostranças de uma cousa por outra mais perfeitamente do que se acha nos antigos tempos, que outra rainha de Portugal fizesse. E ella havia grandes fundamentos para quem tinha má vontade nunca lh'o poder conhecer, e onde entendia fazer grande damno azava mortaes empecimentos com mostrança de todo o contrario.

«Assim que, posto ella tivesse ao Mestre em tão mortal odio por a morte do conde João Fernandes, em guisa a que de nenhum mal lhe podia então vir tão grande parte que a ella fosse tão abastada vingança, com tudo isso ella pôde tanto com seu grande coração, a mui poucos ligeiro de fazer, que nenhuns signaes de malquerença mostrava ao Mestre de fóra, como se nunca lhe houvesse feito nenhum desprazer, mas estes poucos dias que lhe ella depois fallou, estando ella na cidade, sempre suas fallas e respostas eram contra elle boas; sem mostrança de mau desejo.

«Ella, aos dois dias depois da morte do conde João Fernandes, quitou a Fernão Lopes, escudeiro do Mestre, a seu rogo, cem dobras, que lhe demandou a que pagasse por Lourenço Eannes, seu sogro, que fôra almoxarife d'elrei D. Affonso, e não sómente ao Mestre, mas ainda a alguns outros, que ella por tal razão má vontade tinha, nenhuma cousa dava a conhecer de rancor que tivesse contra elles, mas suas fallas e desembargos tudo era feito ledamente com bom geito, até que visse tempo asado de se vingar, segundo o seu desejo.»

N'esse rancor ia de envolta com o Mestre a cidade de Lisboa, que tantas affrontas lhe fizera soffrer. Por isso, ao partir para Alemquer, rodeada dos fidalgos que lhe eram fieis, e que tomavam o seu partido, por inveja do Mestre, a rancorosa dama, voltando para a formosa capital o braço erguido e ameaçador, amaldiçoou a cidade rebelde, proferindo esta phrase rancorosa:

—«Oxalá que mau fogo te queime, e que destruida ainda eu te veja, e arada toda a bois!...»

O odio devia perdel-a, cegando-a. Mais tarde, vencida e desprezada, veio amargar nas prisões de Tordesillas este erro funesto, que lhe aniquillou todas as poderosas faculdades!...

Quando na côrte assim campeava o despejo, quando a rainha era uma criminosa adultera, fazendo gala do seu desregramento e comprazendo-se em ouvir obscenidades e torpezas da bocca do seu favorito, o que era o povo, o que serião os seus costumes?

Dão-no bem a entender as velhas chronicas. Na capital, a este tempo de constantes revoltas, na cidade, da qual as mulheres, correndo desgrenhadas para as barbacãs, cantavam:

«Esta é Lisboa presada, mirada e deixada, se quizerdes carneiro, qual deram ao conde Andeiro; se quizerdes cabrito, qual deram arcebispo!»

A devassidão, partindo do alto, alastrava-se por todas as classes. O clero era quem tinha mais larga parte nos escandalos. Julgados, quando havia queixas, unicamente pelos tribunaes da Egreja, e julgados como, é natural, com grande parcialidade, os seus crimes ficavam quasi sempre inpunes.

Quando os sacerdotes commettiam roubos, estupros e sacrilegios de complicidade com seculares, os cumplices eram condemnados severamente pelos tribunaes civis, emquanto que os sacerdotes nada soffriam, sob pretexto de não haver contra elles testemunhas que fossem clerigos.

Se ás vezes, lá de longe em longe, um tribunal civil tinha bastante coragem, para condemnar um padre, os bispos e outros superiores ecclesiasticos appressavam-se a intervir, mandando soltar os criminosos, e fazendo ainda por cima castigar os juizes, pela ousadia de empregarem violencias para com os clerigos.

Para se fazer ideia do grau de corrupção a que havia chegado o clero, bastará dizer-se que havia sacerdotes carniceiros e taberneiros. Havia tambem na classe ladrões e assassinos de profissão, que assaltavam os viajantes e os despojavam e matavam.

Se a justiça, cançada de ouvir queixas e reclamações constantes, os per-

seguia, esses homens indignos resistiam-lhe, acolhendo-se á protecção das suas immunidades ecclesiasticas. De fórma, que na maioria dos casos, esses miseraveis escapavam perfeitamente á punição.

Além de ladrões e de assassinos, eram tambem devassos incorregiveis. Apesar dos seus votos e da santidade da profissão, casavam, quando lhes convinha, umas vezes com donzellas, outras mesmo com prostitutas, e negavam depois com o maior descaro esses casamentos. Já D. Affonso IV tentara reprimir o sacrilego abuso, marcando-lhe graves penas; allegando que no primeiro caso se desencaminhava uma rapariga, que podia viver honestamente, e cujos filhos nunca podiam ser legitimados, e no segundo caso muito mais grave era. E era grave, porque o fisco então cobrava um imposto das meretrizes. Vivendo os clerigos com essas desgraçadas e explorando-as, ficavam todos os rendimentos bens seus, e por conseguinte nada sobre elles podia o fisco real, como bens immunes. Havia perda de duas especies: perda da moral e perda das finanças.

Por esta épocha, os casamentos em Portugal eram de tres cathegorias. Havia o casamento verdadeiro e legal, abençoado pela Egreja. Este era por certo respeitavel, e os que o contrahiam ficavam indissoluvelmente ligados.

O segundo casamento constava apenas do contracto matrimonial, tinha sómente effeitos civis, e d'elle a Egreja não tinha por assim dizer conhecimento official. Chamava-se a isto ter *marido conozudo*, quer dizer, conhecido.

O terceiro casamento era como o segundo, mas o marido então não era *conozudo*, porque esse contracto se conservava secreto.

Era este ultimo o que os clerigos contrahiam, e que obrigara D. Affonso IV a queixar-se amargamente do escandalo, mostrando-se disposto a acabar com elle.

Ainda, se esses clerigos fossem *maridos conozudos*, o monarcha poderia tolerar o abuso, que só á Egreja cumpriria cohibir, visto que á sociedade não causariam estes enlaces graves damnos. As mulheres seriam concubinas, mas os filhos nada perderiam com isso, por poderem ser legitimados. Os clerigos não casavam, porém, com as meretrizes, senão para passarem vida regalada á sua custa.

Além d'isso, casavam ás vezes com duas donzellas ao mesmo tempo, e continuavam impudentemente a invocar as immunidades ecclesiasticas, apesar de as terem perdido pelo seu viver desregrado e completamente opposto á lettra e ao espirito dos canones.

Desejando acabar com similhante escandalo, o rei adoptou uma providencia energica e extremamente salutar. Ordenou aos prelados que dispozessem as cousas de fórma que todos os casamentos fossem feitos nas parochias pelos respectivos parochos, em presença de um tabellião, e «que se lançassem n'um livro todos os casamentos que se faziam, para se poder saber por esses livros os casamentos feitos por esse prior ou clerigo.» *(Carta de D. Affonso IV*, segundo a copia existente na Torre do Tombo.)

Estas providencias não lograram conter a torrente de devassidão em que o clero se deixára arrastar durante a Edade-Media.

Essa devassidão vae além de tudo quanto pode conceber-se. O clero dava a cada momento ao povo exemplos de torpezas sem nome, que só a grande tolerancia e paciencia d'esse povo poderia supportar. O *vos estis sal terrae et lux mundi* era por esse clero bem extravagantemente comprehendido!...

Nos *Canones Penitentiales*, citados por Alexandre Herculano, encontram-se as seguintes disposições, que accusam bem claramente os costumes do clero d'aquella épocha:

«Se algum bispo ou pessoa de ordens sacras, diz o canone, tiver o vicio de embriaguez, ou se emende ou seja deposto.

«Se um sacerdote ou qualquer clerigo se embriagar, que faça penitencia por 20 dias. Se vomitar com a embriaguez, faça penitencia por 40 dias, se fôr com a eucharistia, faça penitencia por 60 dias.»

No mosteiro de Pombeiro, os monges não quizeram acceitar um abbade, accusando-o de dissoluto. O prelado, tendo por si a força, usou d'ella, mandando enforcar um dos que mais violentamente se haviam opposto á sua posse.

Como, porém, lhe parecesse perigoso alimentar por mais tempo o descontentamento, resolveu fazer paz com os monges, sujeitando-se ás condições impostas, e expulsando o forneiro do convento, que havia sido o executor da sua colera contra o frade suppliciado.

No mosteiro de Paço de Souza, viviam os monges em plena crapula, quando frei João Alvares foi investido na dignidade de prelado. O santo homem escandalisado com aquella deploravel corrupção de costumes, empregou a maior energia para reformar a communidade. Foi-lhe difficil fazer entrar nos bons costumes aquellas ovelhas desgarradas.

Os frades eram dissolutos, e davam o exemplo de todos os crimes. Como se isto não bastasse, os *beguinos*, uma especie de penitentes, que andavam de terra em terra, assollavam as povoações, pondo-as a saque, como verdadeiras hordas de bandidos.

Houve protestos energicos dos procuradores do povo, contra esta relaxação dos costumes ecclesiasticos. D'um d'esses prostestos apresentados a el-rei, tiramos o trecho seguinte:

«E isto que se diz dos Clerigos se deve fazer nos Frades, Religiosos e Religiosas, e os Beguinos, que fazem conventiculos de fóra, e não querem tomar Ordem approvada, onde fazem obras a Deus pouco aprazentes, e contra esse serviço e injuria sua, sejam constrangidos a entrarem na Ordem approvada, onde sob regra sirva a Deus, e em maneira alguma não lhes consintam taes conventiculos, e ajuntamentos sem regra e ordem approvada, e não serão escandalo do povo, e assim cessará quanto mal se faz e injuria a Deus, até aqui não castigado, nem emendado por clerigos, frades, religiosos ou beguinos, que mais são apparentes do que existentes.» (Elucidario de Viterbo, voc. *Beguinos.)*

Para se vêr bem o que era a dissolução dos clerigos, ouça-se o que diz o sr. Pinheiro Chagas, na sua *Hist. de Portugal:*

«A historia de Clara Fernandes, abbadessa do mosteiro de Recião, tal como vem contada em documento authentico, é extraordinariamente escanda-

losa. Era filha do conde de Marialva (porque este facto é já do seculo XV) e foi mettida por elle como abbadessa no convento de Recião, sem professar, nem ao menos saber ler e rezar. *Dormia carnalmente com quem lhe aprazia, como diz o documento, especialmente com Alvaro de Alvellos, de quem tinha filhos;* outra sua companheira, Maria Rodrigues, era publica e notoriamente amante do abbade de Melcões, de quem tambem tinha filhos.

«As duas vestiram-se uma noite com trajo de homens, e mataram á bordoada, com um sacco de areia, uma pobre velha que vivia no convento.

«O bispo de Lamego mandou-as para Braga; Maria Rodrigues entrou n'um convento, mas Clara Fernandes não quiz, e entrou a prostituir-se em Braga, especialmente com um guardião do convento de S. Francisco, chamado frei Rodrigo Toirinho, de quem teve um filho, que a acompanhou por toda a parte.

«Em Santarem, onde não era conhecida, casou; depois enfastiou-se, partiu para Lisboa e alli casou outra vez.

«Apesar d'esta odysseia escandalosa, o novo bispo de Lamego, D. João da Costa, que provavelmente alcançara tambem os seus favores, não duvidou reintegral-a, como abbadessa, no seu mosteiro de Recião, dirigindo ainda por cima asperas accusações ao seu antecessor.»

A dissolução do clero exigia energicas providencias, e bem andou D. Affonso IV em tomal-as. O mesmo fez D. Pedro I; e até D. Fernando, apesar de toda a sua brandura, fez do clero humilhado o docil instrumento da sua politica enredada e caprichosa.

Em vez de lhes tolerar os abusos, os reis mandavam dar *varejos* ás casas dos ecclesiasticos para lhes apprehenderem as mulheres prohibidas, que elles retinham por mancebas ou concubinas.

Grandes eram as miserias do povo, tendo de soffrer as extorsões e violencias, tanto do clero como dos reis e senhores feudaes. E além d'isto, as guerras, as epidemias e as calamidades publicas, exarcerbavam as difficeis condições da população.

Não havia recursos para a pobre gente. A vida campestre e as profissões manuaes causavam a ruina de quem as exercia. A emigração para as cidades e villas era uma consequencia d'esta infelicidade. Se os campos ficavam de pousio, por causa de braços que os arroteassem, não tardavam as urzes e cardos a suffocal-os, dando a aridez da fome aos raros que por lá restavam abandonados.

A esterilidade causava grandes fomes, e nas povoações importantes pullulavam os bandos de vadios e mendigos, que a auctoridade nem sempre podia reprimir e conter dentro dos limites da boa ordem, necessarios ao socego d'essas povoações. Assim, os crimes abundavam, apesar das leis severissimas que lhes eram applicaveis de vez em quando.

Grandes fomes assollavam a Europa. Sobre este flagello e sobre o da peste, que lhe succedia quasi sempre, diz o sr. Pinheiro Chagas na sua *Historia de Portugal*:

«Em 1202, a fome devastou a Europa toda e especialmente a Hespanha,

a França e a Italia, e quando dizemos a Hespanha, incluimos na designação Portugal, que era um dos reinos da Peninsula.

«Á fome seguia-se sempre a peste, como tambem a peste succedia habitualmente ás guerras. Em 1310, rebentou a peste em Portugal com tamanha intensidade que só no convento de Ceiça morreram, ao que dizem os documentos contemporaneos, 150 religiosos, numero que Rebello da Silva acha exaggerado, mas que o não será decerto, se nos lembrarmos de que é provavel que se abrangesse, na designação de religiosos, pessoas pertencentes ao mosteiro.

«Em 1333, as colheitas foram más, os cereaes attingiram a preços extraordinarios, vendendo-se o alqueire de milho por 20 soldos (6$132 réis) o de milho por 13 (3$983 réis) e o de centeio por 16 (4$900 réis). Por isso tambem a fome foi tal que se encontravam nas ruas cadaveres aos montes, chegando a faltar o espaço nos adros das egrejas para se enterrarem, apesar de se fazerem os enterros a quatro e quatro. A fome durou até 1344.

«Em 1348, a terrivel peste asiatica, trazida do Oriente pelos navios genovezes, invadiu a Europa; e Portugal, como uma das nações que n'esse tempo mais estreitas relações tinham com Genova, foi tambem uma das primeiras feridas pelo contagio.

«Durou aqui tres mezes o flagello, e o numero de victimas foi consideravel. Os males das epidemias aggravaram-se na meia edade pelas pessimas condições hygienicas das cidades, pela falta de alimento sufficiente dos trabalhadores dos campos, pelo atrazo da medicina e pela falta de medicos.»

Da horrivel epidemia dá um escriptor hespanhol as seguintes noticias:

«Não affligiu sómente a Hespanha (e Portugal) mas espalhou-se por toda a Europa tão espantoso estrago. Attribuiu-se a uns navios mercantes que em 1348 aportaram á Sicilia e á Toscana com generos infeccionados que traziam do Levante.

«Reynaldo, nos seus *Annaes ecclesiasticos* do dito anno de 1348, n.° XXX, e seguintes, refere os crueis males que ella causou em Italia, matando especialmente em Florença mais da terça parte da população.

«Conta-se que Giovanni Boccacio, para divertir os seus amigos amedrontados pelos progressos que fazia a epidemia, compoz o seu notavel *Decameron*.

«O papa Clemente VI mandou accender fogueiras e purificar o ambiente, e concedeu que todos os sacerdotes podessem promiscuamente absolver de todos os peccados, sem reserva alguma, aos que fossem atacados do contagio.

«Segundo historiadores francezes, a França foi um dos reinos qne mais horrivelmente soffreram da pestilencia, pois, sómente no cemiterio dos *Santos Innocentes* de Paris, se enterravam diariamente 500 infeccionados.

«O povo, crendo que os judeus tinham envenenado os poços e as fontes, e que d'aqui procedia a epidemia, matava-os e queimava-os implacavelmente. A tal ponto chegou, por este facto, o desespero dos desgraçados que as mães se arrojavam com os filhos nas fogueiras em que ardiam os maridos para que não lhes baptisassem as creanças.

«Movido por estes desastres, o papa expediu bullas de excommunhão contra os que violentassem os judeus.

«Não foram inferiores os males que soffreram a Hespanha, segundo narram as chronicas de Affonso XI e de D. Pedro, nas quaes esta peste é chamada a *mortandade grande.*

«O *Chronicon Conimbricense*, publicado no tomo XXXIII da *Hespanha Sagrada*, explica-se assim:

«Era de 1346, por S. Miguel de Septembro, começou esta pestilencia, que fez grande mortandade no mundo, de modo que morreram duas partes da gente.

«Esta mortandade durava por espaço de tres mezes, e a maior parte das dòres eram de umas inchações que se levantavam nos vasios e debaixo dos braços: todos padeceram eguaes dòres, os que morreram e os que se curaram.

«Pelas noticias que encontramos nos escriptores mussulmanos hespanhoes, crêmos que na Andaluzia se sentiu mais o flagello, para o remedio do qual escreveu o chronographo de Granada Ebn-Alkobit um tratado, que intitulou: «*Averiguações muito uteis da terrivel enfermidade.*»

«Abu-Giafar, tambem mussulmano, e medico de Almeria, escreveu outro tratado sobre o mesmo assumpto, no qual adverte qne a pestilencia appareceu pela primeira vez na Africa, communicando-se ao Egypto e a toda a Asia; finalmente invadiu a Italia, a França e a Hespanha, e que em Almeria onde fez maior estrago, durou onze mezes.»

Além d'estas epidemias, a natureza dava aos povos outros flagellos não menos terriveis. No seculo XIV, Portugal soffreu grandes terremotos. No reinado de D. Affonso IV, Lisboa foi por tres vezes victima de abalos de terra.

Em 1384, um violento tremor fez numerosas victimas, e produziu enormes desmoronamentos.

A 22 de fevereiro de 1335, sentiu-se em Portugal, causando gravissimos desastres, o terremoto que abalou quasi toda a Europa.

Em 1356, cahiram muitas casas da capital, e rachou-se de alto a baixo a capella mór da Sé; repetindo-se ainda o abalo, com funestas consequencias, mas poucas vezes, por espaço de um anno.

Outro flagello temeroso, e que dizimava consideravelmente a população eram as doenças terriveis da Edade-Media, a lepra, por exemplo, tão vulgar n'esse tempo, e que tamanho horror causava, por isso que era considerada como um castigo do ceu contra a corrupção dos homens.

N'outra parte d'esta obra, já apresentámos aos leitores o sombrio quadro d'esta horrivel enfermidade, com todos os seus symptomas.

Entre nós as victimas da lepra eram relegadas para hospitaes especiaes, denominados *gafarias,* e tambem *conventos* ou *ordens de S. Lazaro.*

Era espantoso o numero de *gafarias*, que havia no reino. Estes domicilios de piedade construiam-se fóra das povoações, onde por muito tempo se conservaram as ruinas d'elles, quando pelo desapparecimento quasi completo do flagello, se tornaram desnecessarios. Os doentes viviam alli incommunicaveis com o resto dos homens, obrigados a tanger constantemente a campainha de que andavam munidos, para avisarem da sua presença os que se approximavam.

«O perigo de inffeccionar os sãos os fazia alongar dos povos,» diz Viterbo, no seu *Elucidario*, tomo II, pag. 6, e imagine-se o martyrio d'aquelles desgraçados, devorados lentamente pela sua cruel epidemia, e para sempre relegados do convivio dos seus!

Como n'outra parte dissémos, muitos d'estes infelizes leprosos pagavam d'este modo o seu desregramento de costumes, porque a lepra tinha affinidade com as doenças inherentes aos orgãos genitaes, e produzidas pelo vicio infrene d'aquelles tempos de corrupção.

Mais tarde, a diffusão das doenças syphiliticas, no seculo XV, veiu tornar mais insupportavel ainda a vida humana, que só tinha encantos e seducções para os poderosos. Tudo lhes sorria, com effeito. Os monarchas doavam-lhes territorios immensos e ferteis, que em seu proveito arroteavam os servos humildes, ligados á gleba. Eram para elles as melhores coisas que as terras produziam, e quer fossem seculares, quer religiosos, eram para elles tambem as primicias das mulheres mais bellas, que nasciam nos seus extensos dominios.

Ao passo que iam augmentando as conquistas, os reis portuguezes dos primeiros tempos da monarchia, começaram a mostrar-se liberaes, tanto com o clero, como com os seus fidalgos e servidores. D. Henrique deixou aos seus successores o exemplo d'estas larguezas e prodigalidades, contemplando com amplas doações o clero do condado. Tiveram avultadas mercês de terras os monges benedictinos. Os monges de Lorvão foram tambem uns dos primeiros a receber da sua mão vastos dominios, entre os quaes chegaram a contar-se muitas aldeias. Os seus rebanhos e manadas eram tantos, e os seus celeiros tão abastados, que, segundo a tradicção, chegaram para fornecer mantimentos a um corpo de exercito.

No mosteiro de Pombeiro, havia pelo menos cem frades, para os quaes a generosidade regia não se cançava de conceder territorios. Os monges de Alcobaça tinham dentro dos seus coutos treze villas. A agricultura desenvolvia-se n'estes dominios, graças á iniciativa dos cistercienses, que forjavam instrumentos agricolas e ao mesmo tempo pesquizavam e lavravam as minas dos seus coutos. Ricos e opulentos, os frades, tendo de mais a mais as immunidades da sua profissão, passavam na terra vida alegre e divertida, entregando-se sem treguas aos prazeres, mais cuidadosos do seu bem estar e commodidades, do que de ganharem o céu pela austeridade e penitencia.

Eram, pois, uma grande calamidade dos povos, de tantas que n'esses tempos os perseguiam, entre as quaes devemos contar as guerras e as crueldades da soldadesca.

Por occasião da lucta com os castelhanos, depois da morte de D. Fernando, quando o Mestre de Aviz teve de defender o reino, ameaçado de perder a sua autonomia, grandes foram os soffrimentos do povo. As povoações foram postas a saque, os habitantes trucidados, e as mulheres violentadas.

A famosa padeira de Aljubarrota, matando com a pá do forno sete castelhanos, vingava o seu sexo com denodo e galhardia, das atrocidades que os invasores havia tanto tempo punham em pratica.

É curiosa a investigação que a proposito d'esta lenda da nossa corajosa e esforçada compatriota faz o sr. Alexandre Herculano.

«Das muitas tradições populares de Portugal, diz elle, uma das mais vulgarisadas e acceites é a da famosa padeira de Aljubarrota, que, depois da batalha dada junto áquella povoação, entre D. João I de Portugal e D. João I de Castella, matou sete castelhanos com a pá do forno.

«Se imaginarmos que uma mulher, armada com uma pá, venceu e derrubou sete soldados em peleja egual, a tradicção é absurda e incrivel, mas, se attendermos a que estes sete homens podiam ser assassinados depois da batalha, quando as gentes de Castella, cheias de fome e de cansaço, se derramaram pelos arredores de Aljubarrota, sem offerecerem a minima resistencia a quem os acommettia, de que são testemunhas os antigos chronistas, então a façanha da celebre padeira, perdendo grande parte do seu maravilhoso, se torna possivel.

«Reduzido assim á possibilidade, este successo tradiccional, quer real, quer fabuloso, tem em qualquer dos casos um valor historico, porque é um symbolo, uma expressão da ideia viva e geral dos portuguezes d'aquelle tempo, o odio ao dominio extranho, o rancor com que todas as classes d'individuos guerreavam aquelles que pretendiam sujeital-os a esse dominio.

«A força de similhante ideia, ou antes sentimento, enraizado nos animos, e lançado n'elles, além de outras circumstancias, pelo caracter das suas instituições primitivas, dá a razão porque, durante uns poucos de seculos, este cantinho da terra, dividido da grande monarchia castelhana, soube resistir áquelle collosso, até que, corrompidos os brios nacionaes com o oiro e vicios do reinado do D. João III, veiu Portugal a succumbir aos pés do seu temeroso rival, d'onde só o poderiam fazer levantar grandes affrontas e oppressões de sessenta annos.

«Se, pois, a padeira de Aljubarrota é um mytho, uma invenção popular do seculo decimo quinto, nem por isso o desprezemos. Um povo que dava a a uma mulher odio bastante contra os oppressores extranhos para haver de assassinar a sangue frio sete d'esses inimigos; esse povo, digamos assim, symbolysava um grande patriotismo.

«Todavia, não seremos nós que desterremos para o mundo dos phantasmas a famosa Brites d'Almeida, forneira d'Aljubarrota. Deixaremos os leitores ajuizarem da realidade ou não realidade da sua existencia, pondo aqui as observações historicas que em diversos tempos se fizeram a este respeito.

«Segundo o testemunho de frei Manuel dos Santos, o chronista mór frei Francisco Brandão fez em 1642 tirar um summario de testemunhas na villa Aljubarrota, em que juraram as pessoas mais antigas d'aquelles sitios, e do qual constava ter-se ahi conservado inalteravel a tradicção d'aquelle successo, guardando-se a pá nos paços do concelho, a qual era de ferro com um cabo mais moderno de páo.

«N'este summario se dizia que Brites d'Almeida se chamava por alcunha a *Pisqueira*, e tinha a padaria na rua direita da villa, junto ao celleiro dos frades de Alcobaça.

«È esta a memoria mais antiga (escripta) que nos resta ácerca da celebre padeira de Aljubarrota. Agora transcreveremos uma passagem de um livro pouco lido (e que merecia outro fado) a qual nos parece a mais curiosa de quanto a este respeito se encontra nos nossos escriptores.

«Eis o que diz José Soares da Silva, no tomo 3.º das Memorias de D. João I, cap. 260:

«Por noticias produzidas das diligencias que, por ordem do illustrissimo bispo de Leiria, D. Alvaro de Abranches, a instancia minha, se fez na mesma villa (Aljubarrota), depoz o parocho da dita freguezia (S. Vicente) e outras pessoas não menos fidedignas, que era constante aquella tradicção; e juntamente declararam o logar em que hoje (1732) se guarda esta pá, que desde então conservou tanta fé, que não só a levavam na procissão que todos os annos faziam no mesmo dia 14 de agosto; mas quando este reino passou ao dominio de Castella, temendo os moradores d'esta villa que Filippe II quizesse extorquir-lhe esta memoria, consumindo o instrumento d'ella, houve um homem dos seus mais principaes, por nome Manuel Pereira de Moura, que a metteu dentro de uma parede que se fazia nos mesmos paços do concelho (de donde, com grande gosto e alvoroço do povo, se tirou depois no tempo da acclamação do invicto monarcha, el-rei D. João, o IV), e certamente que não se enganaram n'aquelle juizo, porque depois tiveram repetidas ordens de Madrid os vereadores da camara da mesma villa para remetterem a tal pá para aquella côrte, de que poderam desculpar-se com dizer que não sabiam d'ella.

«Chamava-se a tal forneira Brites de Almeida, cujo nome é o mesmo em todas as noticias, (ainda que lhe não tragam a sobredita alcunha) e as casas em que morava, ainda hoje ha homens que se lembram d'ellas, e posto que arruinadas, ainda se lhes viam duas janellas de pedraria, e em uma d'ellas esculpida um forno, como indicando o que por detraz das ditas casas havia, nas quaes fizeram depois celleiro os mesmos padres, junto do que já tinham; e d'ellas foi ultima possuidora uma mulher, que tinha por alcunha a *Tubarôa*, como tudo consta da inquirição referida, ainda que n'ella não se declare como a forneira fizera estas mortes, nem tambem se diga o logar d'ellas, que sendo no tal forno, persuade a que os castelhanos se recolheram n'elle, ou que entregues á imagem da morte que é o somno, que representando-a mais vivamente, porém, com menos alma, em mortaes paroxismos, facilitaram a que esta mulher, com instrumento tão improprio e desproporcionado, os reduzisse de moribundos a cadaveres, como affirma a tradicção.

«Outra ha tambem n'aquella villa (ainda que menos constante) de que, depois da batalha houvera alguns homens em Aljubarrota, que com impia curiosidade ajuntaram os ossos dos que n'ella morreram, e fizeram d'elles uma calçadinha, que ia de casa da forneira até ao forno; e que quando os castelhanos que por alli passavam, diziam alguma cousa que offendesse ou tocasse aos portuguezes, lh'a iam mostrar, desaggravando-se dos vivos com a injuria dos mortos, a qual não ha muitos annos que havia homens velhos que affirmavam havel-a ainda visto, de cuja asseveração existem hoje bastantes testemunhas; e o padre fr. Antonio da Purificação, na 2.ª parte da Chronica da Ordem dos

Eremitas de Santo Agostinho, a pag. 224, verso, diz tambem que ainda no seu tempo se conservava muita parte da dita calçada.» (*Panorama*, vol. 3.º da 1.ª de serie, pag. 414.)

Livre o reino da invasão castelhana, e assegurada a independencia, o mestre de Aviz deu um excellente rei. A sua côrte, onde brilhava serena e pura a virtude de sua esposa, D. Filippe de Lencastre, era, senão um emporio de honestidade, pelo menos das mais exemplares da sua épocha.

Comparada com a devassidão do reinado precedente, a moralidade da côrte do Mestre de Aviz destaca brilhantemente n'essa Edade-Média, tão propensa á corrupção e ás torpezas. As offensas aos costumes punia-as o monarcha severamente, imitando por vezes o rigor justiceiro de el-rei D. Pedro.

O caso de Fernando Affonso, seu camareiro-menor, e seu valido, é uma prova bem frisante d'esse rigor.

Este fidalgo violára a honestidade do regio alcaçar, tendo amores com uma das damas da rainha D. Filippa. Surprehendido quasi em flagrante, o rei mandou-o prender. Elle, porém, conseguiu fugir, e encerrar-se na velha egreja de Santo Eloy, onde julgava escapar á sanha de seu amo.

El-rei, irritadissimo contra Fernando, ao saber d'este facto, dirigiu-se á egreja, e arrancando-o elle proprio do sagrado asylo mandou-o queimar.

Este caso, romanceado no *Monge de Cister*, pelo grande historiador Alexandre Herculano, foi sufficiente para refreiar d'ahi em diante a concupiscencia dos ricos-homens.

Eis a passagem do notavel romance, em que o auctor nos conta a irrupção do irritado monarcha na egreja a que Fernando Affonso se recolhera:

«Abysmado n'um pelago de terrores e incertezas, de desesperação e de raiva impotente, o desgraçado escudeiro, para cuja ruina tudo parecia conspirar-se, não déra tino nem da vinda de D. João d'Ornellas, nem da partida dos dois frades.

«O estourar, porém, das portas, o estrondo dos passos, a luz viva que tudo illuminára de subito, o scintillar de muitas espadas que se haviam desembainhado, o murmurio dos que seguiam o rei, sem saberem ao certo que tenções eram as suas, despertaram no mancebo, com a ideia vaga de imminente perigo, os instinctos de salvação.

«Trepando machinalmente ao altar, foi abraçar-se a uma imagem da Virgem ahi collocada. Com um accento de indivisivel agonia, bradava:

«— Asylo! asylo!

«Debalde. A figura d'el-rei, d'aquelle que tanto o amara, pallido, transfigurado, com as roupas em desalinho, via-a ante si, em pé, sobre o suppedaneo, e fitando n'elle um olhar irresistivel, que esmagava a audacia dos mais esforçados.

«Era uma visão diabolica de pesadello? Era a realidade? Fechou os olhos: mas apenas os cerrára sentiu mãos que lhe apertavam os pulsos como aro de ferro; sentiu o halito ardente d'el-rei, que lhe batia nas faces banhadas em suor frio.

«Precipitado por cima do altar veiu bater de bruços na borda do suppe-

danco, e a imagem da Mãe de Deus baqueou enlaçada com elle. A um signal de D. João I, os bésteiros conduziram, ou antes, arrastaram para fóra da egreja o malaventurado, que, reduzido a uma especie da paralysia moral, perdera até a consciencia do seu tremendo destino.»

Á influencia de D. Filippa é que se devia esta salutar reforma de costumes, este zelo de virtude, que abria um abysmo entre o reinado de D. João I e o do seu predecessor.

Dil-o Alexandre Herculano bem claramente na obra que acabamos de citar:

«A virtude severa de D. Filippa, chamada pelo povo a *boa rainha*, influira em grande parte no contraste que offerecia a côrte do Mestre de Aviz com a de seu irmão e predecessor, onde aos terrores do veneno e do ferro assassino, que pesavam carregados e sombrios sobre todas as frontes, se associavam deleites abjectos; onde a prostituição e a morte tripudiavam juntas em chorêas infernaes.

«Posto que D. João I não fosse exempto das fraquezas humanas, e que D. Filippa tivesse mais de uma vez razão de queixar-se das infidelidades de seu real esposo, é necessario confessarmos que elle soube fazer respeitar a santidade do tecto domestico, e que os paços onde habitava essa angelica mulher, a cujos cuidados maternos deveu talvez Portugal os tres mais bellos caracteres da sua historia, os tres irmãos, Duarte, Pedro e Fernando, foram para o chefe da dynastia de Aviz como um templo, cujos humbraes, a nenhum pensamento impuro era permittido cruzar.

«As antigas leis de Portugal contra o que abusava da confiança domestica, e introduzia a prostituição na morada do senhor com quem vivia, de quem era *homem*, para uzarmos da linguagem d'aquelle tempo, haviam sido escriptas com sangue.

«Não era preciso que o adulterio manchasse o leito conjugal para ellas pesarem inexoraveis sobre a deslealdade das familias.

«O cliente, que travava relações menos puras com a filha, com a irmã, e ainda com a servidora do seu patrono, votava-o á execração a lei, e a culpa aggravava-se, quando occorria a circumstancia de ser viuva ou donzella a cumplice do crime, que, commettido na mansão do rei, augmentava de intensidade e podia classificar-se como um attentado contra a magestade do throno.

«O estado dos costumes mais ou menos corruptos tinha dado em diversas épochas maior ou menor força ás posturas de D. Diniz e de D. Affonso IV ácerca d'esta materia.

«Mas o Mestre de Aviz, mais irmão que chefe dos seus homens de armas, esse principe, ao mesmo tempo violento e folgasão como seu pae, especie de Arthur dos romances do Santo Greal no meio dos seus cavalleiros da Tavola Redonda, mostrava em certas occasiões demasiado pundonor na propria dignidade para que não se devesse reputar pouco prudente aquelle que quizesse correr o risco de experimentar, se elle considerava ou não como modificada pelos costumes a dura sancção penal contida n'essas leis antigas.»

Fóra dos seus paços, o monarcha tinha ás vezes os seus devaneios amo-

rosos, e se a tradicção não mente, ás vezes bem perto da rainha. A divisa d'el-rei *Il me plait pour bien*, ha quem a explique pelo seguinte galanteio:

«Diz a tradicção popular, observa o sr. Pinheiro Chagas, que D. João I em Cintra, passeiando com a rainha D. Filippa e as suas damas, se foi desviando um pouco do rancho com uma donzella, por quem tinha alguma predilecção, e a quem furtou um beijo, no momento em que a rainha, voltando-se, o surprehendeu em flagrante.

—«Foi por bem,» acudiu o monarcha.

«Uma pêga, accrescenta, não sabemos se a tradicção popular, se o poeta (Almeida Garrett) que tão elegantemente a poz em verso, ouvindo a phrase, repetiu-a logo volteando em torno da rainha.

«Em memoria do caso, se construiu nos paços de Cintra a celebre sala das pêgas, onde innumeras d'estas aves estão pintadas com a divisa *Por bem* a sahir-lhes do bico.

«A poesia em que Almeida Garrett cantou com a sua inimitavel singeleza, e com o profundo conhecimento que tinha do tom da poesia popular, esta graciosa anecdota, não está incluida (salvo o erro) nas suas obras completas, e foi apenas publicada primeiro n'um antigo periodico litterario lisbonense, *Illustração*, de que era redactor principal Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, depois transcripta n'um dos *Almanachs de Lembranças*. Foi ahi que a vimos.

«Gavião, gavião branco,
Vae correndo vae voando;
Mas não diz quem no feriu,
Gavião, gavião branco.»

De resto, o respeito da mulher era uma das mais apregoadas caracteristicas da cavallaria andante, e no tempo de D. João I, o nosso rei Arthur, foi quando os portuguezes tocaram a meta do espirito cavalleiroso. A bella tradicção dos *Doze de Inglaterra* descreve brilhantemente esta épocha, que teve no famoso Vasco da Lobeira o seu Homero, e no *Amadis*, devido á sua penna, uma interessantissima odysseia.

Embora pareça deprehender-se o contrario das poeticas ficções a que deu origem, a cavallaria andante não contribuiu para a reforma de costumes, nem conservou por muito tempo o salutar influxo, que as virtudes da côrte do Mestre de Aviz poderiam communicar-lhe.

Assim, nas Ordenações Affonsinas encontramos severamente punidos crimes contra a pureza dos costumes, que nos descrevem bem tristemente a corrupção que lavrava em todas as classes.

O livro 2.º d'essa compilação de leis inflige severissimos castigos ás mulheres, que publica e escandalosamente se faziam amantes de frades e clerigos.

N'outros livros d'esse codigo importantissimo vêmos applicada a pena de morte aos plebeus, que tivessem relações illicitas com as creadas da casa.

Mas, emquanto este rigor pesa sobre o plebeu que se deixou vencer do peccado da luxuria, em quanto as amasias dos clerigos soffriam penas afflic-

tivas, o fidalgo e o clerigo gosavam uma grande benignidade da lei. Quasi que nem eram incommodados por estas cousas!...

O plebeu que encontrasse sua mulher em flagrante delicto de adulterio, podia matal-a e matar o seu cumplice. A lei dava-lhe esse direito... excepto quando o cumplice fosse nobre ou clerigo!...

A sodomia fazia taes estragos nos costumes, era tão vulgar e frequente, que as Ordenações, para a reprimirem, comminaram-lhe uma pena terrivel —a fogueira. No entanto, o clerigo, embora convicto d'este peccado, não era incommodado, visto que a immunidade da sua classe o punha ao abrigo da vindicta severa da lei.

As relações illicitas de um christão com uma judia ou moura eram punidas com a pena de morte.

Era terrivel a legislação da Edade-Media, mesmo em terras portuguezas, como se vae vêr.

As mulheres accusadas de algum crime, principalmente contra os bons costumes, podiam ser sujeitas ás provas da agua quente, da agua fria e do ferro em braza, ou ferro caldo.

Esta ultima prova foi de todas a mais usada pelos nossos maiores, e consistia «em passar a accusada com os pés nús por cima de um ferro em braza e sem os queimar, diz o sr. Pinheiro Chagas, (obra citada), ou em caminhar um certo espaço, levando nas mãos um ferro em braza sem se queimar tambem.

«Referem-se algumas lendas a este respeito: uma conta-a Jorge Cardoso, dizendo que no seu tempo ainda se via em Leça do Bailio um ferro, que a mulher de um ferreiro accusada de adulterio, levára em braza até á sepultura do santo commendador de Leça, D. Garcia Martins, ficando perfeitamente incolume. Outra contam-na fr. Bernardo de Brito e fr. Antonio Brandão, citando o documento de uma doação feita por D. Thereza Soares, mulher de Gonçalo Mendes de Sousa ao convento da Arouca a que se recolheu, depois de ter sahido illesa e examine de uma accusação de adulterio por meio da prova do ferro em braza.»

Que esta prova era muito frequente, para accusações de adulterio, demonstra-o o dito attribuido por Fernão Lopes a D. Leonor Telles, por occasião da morte do Andeiro.

A rainha, protestando contra as relações illicitas de que a accusavam com o conde, asseverava que *faria tres salvas, quaes nunca mulher fizera por estas cousas*...

As salvas eram essas procissões horriveis, em que as accusadas, levando na mão o ferro candente, se dirigiam, seguidas de uma multidão prestes a apupal-as, se as dôres as vencessem, até á sepultura ou ao cruzeiro, previamente designados!...

«Accrescenta Fernão Lopes maliciosamente, observa o sr. Pinheiro Chagas, que a rainha não estava muito disposta a fazer o què promettera, mas isso prova que o uso existia, porque, como diz muito bem Alexandre Herculano, não era natural que a rainha fizesse n'essa occasião uma figura de rhetorica.»

Hoje em dia que essas terriveis provas desappareceram nos abysmos te-

nebrosos de um passado que não volta, mal calculam as nossas contemporaneas, a quem exprobamos uma leviandade galante, a terrivel significação da phrase com que pretendem excusar-se : — *Punha até as mãos no fogo !...* Se tivessem de suster nas mãos delicadas esse ferro terrivel, para se justificarem da accusação, talvez não dessem tão facilmente logar a ella com a sua conducta leviana e compromettedora !

Eis alguns casos em que as pobres mulheres tinham de sujeitar-se a essa dura prova:

«A mulher que sabidamente mover, sendo o movido por mau termo, seja queimada ou salve-se por ferro quente, e se alguem disser que é prenhe de algum homem, e elle a não querer, tome ferro quente, e, queimando-se não seja crida; mas, se escapar livre do ferro, dê o filho ao pae, e crie-o, como mandam as leis.

«A mulher que ligar homens ou animaes, ou quaesquer outras cousas que podem ser ligadas, queimem-na, e se negar, salve-se por ferro quente; e, se o ligador fôr homem, seja açoitado e lançado fóra da terra, e, se negar, salve-se por combate.

«A mulher que der hervas peçonhentas, ou fôr feiticeira, seja queimada, ou salve-se por ferro quente.

«A mulher que matar seu marido seja queimada ou se livre por ferro quente ; toda a mulher que taes cousas faz deve tomar ferro, mas não por erro de sua pessoa propria, salvo quando fôr approvada por má mulher, e que tem parte com cinco homens differentes. As terceiras (alcoviteiras) sejam queimadas, ou, se negarem, se salvem por ferro quente.

«O ferro, que se manda fazer por justiça para esta experiencia, tenha um palmo de comprimento e dois dedos de largo, e tenha quatro pés a modo de banco, tão altos que a pessoa que tiver que fazer a salva, possa metter a mão por baixo. E, quando o tomarem, levem-no por distancia de oito pés, e tornemna a pôr em terra suavemente ; mas antes o benza o sacerdote, e depois elle e o juiz aquentem o ferro, e emquanto o ferro se aquentar, nenhum homem se chegue junto ao fogo, porque não acerte de fazer alguma feitiçaria, e a que houver de tomar ferro primeiro se confesse muito bem, e depois seja olhada porque não traga algum feitiço.

«Depois, lave as mãos diante de todos, e, depois de limpas, tome o ferro, mas antes façam todos oração, pedindo a Deus que mostre a verdade, e depois que tiver levado o ferro, o juiz lhe cubra logo a mão com cera, e sobre ella lhe ponham estopa ou linho, e depois atem-lh'a com um panno, e leve-a o juiz a sua casa, e, passados tres dias, vejam-lhe a mão, e, se fôr queimada, queimem-na tambem a ella.»

A feiticeria teve tambem em Portugal muitos adeptos, e muitas foram as praticas supersticiosas dos nossos maiores. Como grande numero d'ellas se referiam á corrupção dos costumes, não virá fóra de proposito enumeral-as. Assim, as *Constituições do arcebispado de Evora* dizem o seguinte, a proposito de *feiticeiros, benzedeiros,* e *agoireiros:*

«Defendemos que nenhuma pessoa, de qualquer estado ou condição que

seja, tome de logar sagrado ou não sagrado, pedra de ara ou corporaes, ou parte de cada um d'elles ou qualquer outra cousa sagrada; nem invoque diabolicos espiritos em circulo, ou fóra d'elle, ou em encruzilhadas; nem dê a alguma pessoa a comer ou a beber qualquer cousa para querer bem ou mal a outrem, ou outrem a elle, não lance sortes para adivinhar, nem para achar haver; nem veja em agua, ou crystal, ou em espelho ou espada, ou em outra qualquer cousa luzente, nem em espadua de carneiro; nem faça para adivinhar figuras ou imagens algumas de metal, nem de qualquer cousa; nem trabalhe de adivinhar em cabeça de homem morto, ou de qualquer outra alimaria; não traga comsigo dente ou baraço de enforcado, não faça com as ditas cousas ou cada uma d'ellas, nem com outra alguma similhante, posto que aqui não seja nomeada, especie alguma de feitiçaria, ou para advinhar, ou para fazer damno ou proveito a alguma pessoa ou fazenda; nem faça cousa para que uma pessoa queira bem ou mal a outrem; nem para ligar homem ou mulher.»

Acêrca do que significa esta ligação de homem ou mulher, enviamos o leitor para outra parte d'esta obra, onde largamente fica explicada.

Continuam as *Constituições*:

«Outrosim defendemos que nenhuma pessoa passe doente por silva ou macieira, ou por baixo de trovisco, ou por lameiro virgem; nem benzam com espada que matou homem, ou que passasse o Douro e o Minho por tres vezes, nem cortem solas em figueira baforeira; nem cortem sobro em limiar de porta; nem tenham cabeças de sundadores encastoadas em oiro, ou em prata, ou em outras cousas; nem apregoem os demoninhados; nem lavem as imagens de alguns santos ácerca d'agua, fingindo que os querem lançar em ella; e tomando fiadores que, se até certo tempo lhes não der agua ou outra coisa que pedem que lançarão a dita imagem na agua; nem revolvam penedos nem os lançem n'agua para haver chuva; nem dêem a comer bolo para saberem a parte de algum furto; nem tenham mendracolas em sua casa, com tenção de haverem graças, ou ganharem com ellas, nem passem agua por cabeça de cão, para conseguir algum proveito; nem digam cousa alguma do que é porvir, mostrando que lhe foi revelado por Deus, ou algum santo ou visão, ou em sonho, ou visão, ou por qualquer outra maneira; nem benzam com palavras ignotas, e não entendidas, nem approvadas pela Egreja, ou com cutellos de tachas pretas ou de qualquer outra côr, nem por cintos e ourellos ou por qualquer outro modo não honesto; nem façam camisas fiadas e tecidas em um dia, nem as vistam, nem usem de alguma sorte de feiticeria.»

Herculano conta assim a instituição das feiticeiras:

«A instituição de qualquer feiticeira ou bruxa, é pela seguinte maneira. A adepta é levada, alta noite, pelas feiticeiras professas a um logar ermo, onde o diabo apparece transformado em bode negro. Começa a ceremonia, como é razão, pela matricula, e a noviça escreve o termo da venda da sua alma com o proprio sangue. Então o diabo lhe entrega um novello e um pandeirinho, que são os symbolos da nova dignidade que recebe, e pelo que fica habil para fazer os seus maleficios, e para se transformar no que quizer, quer sejam corpos animados, quer inanimados.

«Depois d'isto, o demonio, *bodificado*, se assenta no seu throno cercado de candeiinhas, e por baixo d'este throno passa a noviça tres vezes, acabado o quê, a nova feiticeira dá um beijo na extremidade da cauda ao transformado rei do inferno.

«Feita esta ceremonia, as circumstantes, que são todas as feiticeiras da provincia, chamadas alli para assistir áquelle auto, tocam os seus pandeirinhos, e com danças mysteriosas levam a nova socia a casa, onde lhe mostram os respectivos novellos de fiado, que são maiores ou menores, conforme a importancia ou estimação em que as tem o diabo.

«Estes novellos diabolicos, em que principalmente reside a força e o poderio das feiticeiras, são compostos de uma especie de linho fiado pela *mão do diabo,* e cuja materia prima é o pello de bode, em que o *cão tinhoso* costuma transformar-se.

«Tambem as bruxas teem por apanagio uma maçaroca preta, mas a demonologia popular não declara de que maneira, ou de que materia seja feita, bem como as dos lobishomens, que tambem possuem este adminiculo, do qual sabemos apenas uma circumstancia, que é o ser de fio pardo.

«Quando alguma d'estas importantes personagens, que teem pacto ou fado, está para morrer, chama a pessoa que mais estima, e a esta entrega o fatal novello.

«Se lh'o não acceitam, não póde expirar, ainda que esteja em agonias mortaes; mas apenas essa pessoa, ou alguma das circumstantes lh'o recebe, a pobre creatura entrega logo descançadamente a sua alma a Satanaz. Parece que a posse de tal herança dá um direito na secretaria de estado infernal, para o herdeiro ser preferido no preenchimento do logar que ficou vago.

«Tem a feiticeira obrigação, cada vez que quer enfeitiçar alguem, de invocar primeiramente o diabo, e de lhe pedir licença para exercer o seu officio, o que prova que não só na terra ha maus systemas de legislação.

«A formula usada em taes casos, segundo alguns gravissimos auctores, é:

*Tenato, ferrato, andato, passe por baixo,*

o que se repete tres vezes. Accóde o demo ao reclame, e a professora de feitiços póde então ter a certeza de tirar a sua a limpo.

Se, porém, se não tracta de um feitiço de segunda ordem, mas sim de algum que deve produzir a morte do individuo enfeitiçado, é preciso mais trabalho, e pelas leis infernaes não é licito a qualquer feiticeira tomar sobre si só tamanha responsabilidade. D'onde se póde concluir qual seja a prudencia, gravidade e consciencia do diabo, que por certo *não é tão feio como o pintam.*

«Quando, pois, alguma d'estas boas creaturas quer dar cabo de qualquer individuo, toca no seu pandeirinho e chama duas das suas companheiras para d'ellas se ajudar n'aquella boa obra.

«Então as taes fazem uma figura da pessoa condemnada a morrer, e, compostos certos unguentos liquidos, vão com elles untando aquelle vulto, e,

á proporção que o trabalho se vae adiantando, vae o enfeitiçado adoecendo, até que chega ás ultimas.

«N'este ponto a feiticeira mais velha tira o seu novello, põe-se a dobal-o, e, quando o doente deve morrer, uma das outras corta o fio com uma thezoura, e no mesmo instante expira o enfeitiçado. Depois invocam todas tres o demonio, que vem, e solda de novo o fio que ficou cortado.»

Já vimos n'outra parte d'esta obra, como a prostituição se disfarçava n'estas feiticerias, que a Edade-Media estendeu, como um veu tenebroso de embustes e de torpezas, por todos os povos da Europa.

Vejamos tambem o que era a superstição dos *lobishomens*, a respeito da qual, diz o sr. Pinheiro Chagas:

«O lobishomem não tem nem origem romana, como suppunha Castilho, nem origem germanica, como o sr. Theophilo Braga suppõe, e o sr. Consiglieri Pedroso nega, como nós já negámos tambem.

«O lobishomem deriva-se decerto de mais remotas origens. Não é como o feiticeiro o agente do mal, é um condemnado, um infeliz, tem fado, tem fadario, e esse fado, essa punição do Destino não provém de sua culpa, nem de culpa dos seus, pelo menos ás vezes.

«E' certo que o lobishomem póde ser filho de ligação incestuosa entre padrinho e afilhada, e então é filho incestuoso, segundo o pensar da Edade-Media, mas essa fatalidade provém muitas vezes de ser o mais novo de sete filhos varões.

«Podiamos descrever largamente os usos e costumes do lobishomem, porque teriamos de mais a mais um excellente guia. O estudo consagrado pelo sr. Consiglieri Pedroso ao lobishomem é um dos mais completos que se lhe devem. Não mencionaremos, portanto, a infinita variedade de lendas, não diremos como se relaciona o lobishomem com o *loup-garou* e com o *meneur de loups* da França, como se transforma em Portugal não só em lobo, mas principalmente em jumento, nem como póde perder o fado, nem como o póde communicar. Diremos apenas que o lobishomem pertence evidentemente á familia dos vampiros, com a differença que entre nós as attribuições sangui-sedentas dos vampiros passaram mais directamente para as bruxas; mas vampiros e lobishomens obedecem egualmente a uma lei fatal, uns e outros se conhecem pela pallidez do rosto, pelo aspecto triste e doentio.

«Uns e outros só perdem esse dom funesto pela acção do fogo. O vampiro é mil vezes mais terrivel; mas, segundo a lenda hungara, não póde perder as suas horrorosas tendencias, mesmo depois de morto, senão quando se lhe queima o coração com um ferro em brasa.

«Nota o sr. C. Pedroso no seu estudo eruditissimo, em que não só fez uma ampla colheita de todas as lendas portuguezas relativas ao assumpto, mas cotejou-as com as lendas estrangeiras, servindo-lhe muito para isso o conhecimento que tem de quasi todas as linguas da Europa, nota, pois, que esta lenda do lobishomem exerceu na Edade-Media tamanha influencia no espirito popular, que produziu até a terrivel doença da *lycanthropia*.

«Seria effeito, ou seria a causa? As lendas da transformação dos homens

em animaes sinistros ou repugnantes são antiquissimas, como sabemos. Na antiguidade quem comia umas certas hervas, quem se untava com certos unguentos transformava-se n'um animal. Na Thessalia, o paiz dos feiticeiros, corriam mais do que em nenhum outro essas lendas extranhas.

«E' porque ahi seriam mais frequentes tambem, pelo estado habitual da exaltação dos espiritos, as doenças nervosas, cujos singulares effeitos explicam hoje tão facilmente á sciencia investigadora uma boa parte do maravilhoso da Edade-Média, as allucinações, os extasis, etc., etc.

«N'esse periodo triste e convulso da Edade-Média, cortado de terrores, de fomes, de epidemias, as perturbações anarchisadoras do systema nervoso deviam repetir-se com frequencia, e a lycanthropia apparecer conjunctamente com muitas outras d'essas extranhas aberrações, que resultam como hoje sabemos, de qualquer desarranjo no complicado organismo dos nervos.

«Os extranhos effeitos da hydrophobia, as maneiras singulares dos animaes atacados por essa terrivel doença deviam tambem actuar desde os tempos mais remotos na imaginação do povo ignorante.

«A entrada do espirito maligno no corpo dos animaes, ou a existencia por baixo da pelle d'esses mesmos animaes de uma personalidade humana, condemnada a essa triste metamorphose, eram as explicações que occorriam á phantasia popular.

«Poderiamos, pois, largamente fallar da lycanthropia dos vampiros; podiamos lembrar a velha lenda grega das tres Parcas, reapparecendo na crendice das feiticeiras, a produzirem por meio do fio, que a thesoura corta, o passamento do enfeitiçado; mas o que dissémos basta para que se fique sabendo que as crenças populares portuguezas são uma das malhas da vasta rede supersticiosa, que se estende sobre o povo ignorante na Europa inteira.

«A crença na feiticeria e os castigos terriveis, com que a legislação punia as bruxas e as feiticeiras existiam em todos os povos da Europa.

«O conde de Résie suppõe que remonta ás superstições egypcias a crença popular, commum a todas as nações, de que Satanaz reveste a fórma de um bode, quando preside ás assembléas das feiticeiras, suas subditas. Se procurarmos na nação ingleza e allemã, apesar de protestantes, os artigos relativos á feiticeria, encontramos uma intolerancia e uma cegueira, egual á da inquisição catholica. O protestantismo foi incontestavelmente um movimento de emancipação do espirito humano, mas quanto embaraçado ainda nos laços das velhas superstições!

«Estas relações, que se encontram nas crenças populares de quasi todos os povos, encontram-se tambem nos contos populares, ainda nos mais insignificantes e pueris.

«No eruditissimo prologo, com que o sr. F. Adolpho Coelho antecedeu a sua optima collecção de *Contos populares portuguezes*, discute-se, a traços largos, a questão de saber se se transmittiram esses contos de povo a povo, ou se brotaram naturalmente do espirito popular nas differentes partes do mundo, espirito dotado das mesmas faculdades, actuado pelas mesmas influencias.

«Quando, porém, se encontra uma tão perfeita concordancia em contos

insignificantes, como acontece com o conto da *Carochinha,* que vamos achar, por exemplo, no fundo da Sicilia, exactamente com a mesma fórma que tem em Portugal, é impossivel desconhecermos que esse conto narrado pelas avós ás netas vem das mais remotas origens da nossa raça.

«Para toda a parte para onde nos voltamos, encontramos o fio ininterrupto de uma tradicção artistica na humanidade.

«A lenda do *chapim* d'el-rei, que Garrett tão elegantemente dramatisou, encontra-se em Rusigliano. O caso do *pot au lait* de Perrette está em Gil Vicente, e está antes de Gil Vicente no *Pantcha Tantra* da India.

«Contos, superstições, lendas, formam uma longa cadeia que se vae prender nos mais remotos dias da humanidade.

«Grimm colleccionára os contos populares allemães, como Garrett colleccionou os romances populares portuguezes, movidos uns e outros por trazer á luz do dia a sua litteratura riquissima e esquecida. Hoje estão-se colleccionando esses contos principalmente por um interesse ethnographico, e trabalha-se n'isso com ardor....

«...Diremos ainda muito rapidamente duas palavras ácêrca de um outro elemento da tradicção popular portugueza, elemento risonho e suavissimo.

«Effectivamente, nem só superstições de feiticeiras povoam a imaginação do nosso povo. Outras, mais lindas, e mais proprias para illuminarem com a sua doce luz os cantos da poesia, ornam tambem as tradicções populares ; taes são as *Moiras encantadas* e as *Fadas,* e outras gentis ficções, enlevo de poetas enamorados d'estas bellezas ingenuas, d'estas formosas filhas da imaginação do povo. As *Moiras encantadas,* e em geral todos os encantamentos têem relação intima com a noite de S. João, noite de que o povo, na sua deliciosa mythologia, faz uma noite de redempção para as aerias e vaporosas victimas dos carrancudos nigromantes.

«E' crença popular entre nós, diz Garrett, que na noite de S. João todos os encantamentos se quebram, as Moiras encantadas, que ordinariamente andam em figura de cobras, tomam n'essa noite a sua bella e natural presença, e vão pôr-se ao pé das fontes ou á borda dos regatos a pentear os seus *cabellos de oiro.* Os thesouros sumidos no fundo dos poços vêem á tona d'agua, e mil outras maravilhas succedem em toda a milagrosa noite.

«Ainda hoje é superstição commum nas aldeias o quebrarem as cascas dos ovos depois de comidos, por temer, dizem e crêem, que d'ellas se não sirvam as bruxas para ir á India ou a outras partes longes, onde costumam de ir embarcadas em *taes navios,* chupar sangue de meninos por baptisar, ou fazer alguma outra maldade do seu officio.

«Todavia, é mister que se recolham cedo, e antes do cantar do gallo preto, que são os mais certeiros com a meia noite — porque, a essa hora, acaba-se-lhes o encanto e o poder.»

O sr. C. Pedroso, em folheto consagrado ás *Moiras encantadas*, entende e entende bem que «as moiras encantadas eram divindades ou genios femininos das aguas, analogas ás *nixen* germanicas, ás *lake-ladies* inglezas, ás *rusalki* russas, ás *vilas* servias, ás *elfen* scandinavas e ás *naiadas* gregas.

«Eram, tambem, além d'isto, os genios que guardavam os thesouros escondidos no seio da terra, crença que é commum a todos os povos, que conservam vestigios d'esta entidade mystica, que parece ser indo-europeia, ou pelos menos europeia, por isso que se encontra quasi sem excepção em todos os grupos aricos da Europa.

«Apenas da mythologia portugueza desappareceu a feição malefica que estas entidades por vezes revestem em outras mythologias, por exemplo na russa, a não ser que queiramos vêr uma derradeira reflexão d'esta concepção n'algumas superstições ainda hoje em vigor no nosso paiz, e que se executam junto ás fontes.

«Que novas descobertas venham confirmar ou informar esta hypothese, é certo que de todas as creações do nosso maravilhoso, esta é incontestavelmente uma das mais poeticas e talvez a que melhor reproduz a crença geral europeia, como teremos occasião de vêr pelas approximações e comparações que n'este trabalho apresentamos.»

Deixando estas longas divagações, que o leitor apenas estimará em tractado mais proprio para ellas, referir-nos-hemos ainda á noite de S. João, para contarmos um uso tradiccional do nosso povo, ainda hoje seguido religiosamente á beira-mar.

N'essa noite, a multidão dirige-se á praia para tomar o *banho santo,* que na sua ingenua credulidade preserva de todas as doenças e enfermidades do corpo, e predispõe a alma para um feliz destino.

E' em extremo pittoresca esta scena. Ranchos numerosos de aldeãos despem-se na praia, e investem com as ondas. Quando a lua brilha com todo o esplendor no azul, illumina um quadro curiosissimo. Aquella promiscuidade dos dois sexos, em que os namorados se banham junto das suas amadas, cingindo-as nos braços, e gosando com o contacto d'aquellas carnes desejadas, não é lá das coisas mais honestas, mas por isso mesmo o banho se tem perpetuado. As trevas da noite protegem muita audacia, e é certo que antes e depois do banho, no recesso dos penedos da praia se passam scenas de volupia, que ninguem jámais se lembrou de censurar. Pois não é verdade que as ondas do mar tudo purificam?

O *banho santo* veiu até nós das épochas mais remotas.

Para terminarmos esta referencia ás superstições dos nossos maiores, a maior parte das quaes ainda subsistem, fallaremos das chamadas *mulheres de virtude.* Rara é a povoação do nosso paiz onde ellas não existam, tirando longos proventos da rendosa credulidade popular, porque é bom saber-se que este mister é extremamente lucrativo.

Ha duas especies de *mulheres de virtude:* as que fazem o mal, e as *anti-feiticeiras*, isto é, que destroem os maleficios feitos pelas primeiras. Tanto umas como as outras, são importantissimos auxiliares da prostituição.

Empregam para desfazer os *maus olhados* palavras cabalisticas. Um lavrador leva á presença d'estas fadas de meia tigella uma vacca, uma ovelha, ou um cavallo, que definham a olhos vistos, sem se poder atinar com a causa do seu mal.

A *mulher de virtude* faz logo o diagnostico. Foi *mau olhado*... E, acto continuo, applica o remedio, benzendo o animal com umas hervas preparadas, em cruz ordinariamente, e acompanhando a ceremonia com estas palavras:

Deus te fez,
Deus te creou,
Deus te *desolhe*
De quem *mal te olhou.*
Se é torto ou excommungado,
Deus te *desolhe* do seu *mau olhado.*

Outras vezes as extranhas palavras invocam os mysterios da Egreja:

--«Sanct'Anna teve a Virgem; a Virgem teve Jesus; assim como isto é verdade, Deus *te desolhe do teu mau olhado.*»

E' enorme a clientella d'estas santas mulheres. Quem padece de amores mal correspondidos, não deixa de utilisar-lhes o prestimo. Ellas fazem e desfazem casamentos, fornecem receitas para attrahir os desejos dos amantes, em summa, prestam serviços importantes ás amasias que receiam ser abandonadas. Quem paga esses serviços é o dinheiro e a saude d'aquelles cujos desejos se pretendem despertar. Já a justiça tem milhares de vezes applicado a essas infames a correcção merecida, mas ainda assim, ellas pullulam com a multiplicidade terrivel de uma praga de gafanhotos.

.................................................................

Voltemos ao nosso registro historico. Entremos agora com o nosso grande historiador Alexandre Herculano n'um dos saraus da côrte portugueza, onde damas formosissimas traziam completamente perdidos de amor os gentis cortezãos dos monarchas da primeira dynastia.

O eminente historiador, depois de deplorar a monotonia dos saraus modernos, tão *tacanhos* e *tristes*, diz-nos:

«Não era assim o sarau da Edade-Média. Elevemo-nos até elle. Volvamos lá; volvamos ás salas antigas.

«Ahi a luctuosa negrura dos trajos do homem, ou as côres cansadas das roupas feminis não imprimem o aspecto de festas de sombras ao folgar dos vivos: ahi não se vêem danças dormentes como o acalentar do infante, ou desgrenhadas, vertiginosas como o furor das bacchantes, contraste absurdo ligado pelos laços communs da insipidez: ahi uma delicadeza assucarada e hirta, como a d'este seculo de myope hypocrisia, não exige admirações nem applausos, tanto para o chirriar discorde, como para o que desprende melodiosas harmonias: ahi o cavalleiro não vae, como o gasto peralvilho, curvar a fronte inquieta sobre o panno verde, para pôr nas mãos do acaso talvez o seu futuro, ou o futuro de sua esposa e de seus filhos.

«Eram jogos de força e de destreza; eram jogos de homem — as tavalodas, as justas, os torneios, — que se associavam ás festas de outros tempos. Então as horas consagradas ao culto da mulher, ao goso de espectaculos grandiosos, não se iam entristecer com luctas mesquinhas; porque o jogo, ou era como o xadrez, o recreio da solidão de homens graves, ou um vicio abjecto,

como o dos dados que imperava só no meio da devassidão dos arraiaes, ou se escondia nas tavolagens e prostibulos das grandes povoações.

«A altiva nobreza de nossos avós perdemol-a até nos passatempos.

«O sarau que n'aquella noite se dava nos paços de S. Martinho, fôra ordenado por el-rei semanas antes para servir como de complemento á procissão de *Corpus*.

«Era uma galanteria feita á rainha, á bella filha de João de Ghamt, habituada aos festejos que em Londres costumavam seguir-se áquella celebre solemnidade. O mestre de Aviz, se não adoptára o systema faceto de seu pae, o grande rei, grande algoz e grande jogral D. Pedro, que usava folgar com os villãos, correndo as ruas de Lisboa no meio das guinolas e folias com que era costume receber os reis, quando, depois da mais dilatada ausencia, voltavam á sua boa cidade, herdára, todavia, d'elle bastante humor jovial para que houvesse de perder o ensejo de lisongear sua mulher, e de esquecer no meio das festas, o pesado encargo da corôa, adoçando ao mesmo tempo, pela especie de mutua benevolencia que inspira a communidade de sensações, quer de prazer, quer de dôr, os odios que ardiam solapados na côrte pelos resentimentos, nascidos das contendas politicas, que n'alguns anteriores capitulos tentámos descrever.

«Ao cahir do dia, as janellas do paço estavam illuminadas interior e exteriormente. Centenas de tochas, que, prolongando-se ao correr das paredes, estavam presas por braços de metal polido, e grandes lampadarios, que desciam por cadeias de ferro dourado das abobadas artezoadas, convertiam em dia claro as trevas da noite, pelos atrios, escadas, galerias e aposentos, cobertos de alto a baixo por arrazes, onde se viam trasladados pela agulha e pela lançadeira os mais celebres personagens da antiguidade, cuja existencia e aventuras a pobre erudição dos artifices extravagantemente baralhára.

«Priamo, Alexandre, Aristoteles, Moysés, Adão e muitos outros amarrados a essas extensas telas, se nos lettreiros que lhes faziam sahir das boccas proferiam as mais absurdas historias, protestavam tambem mudamente contra a anachronica violencia com que os passeiavam atravez dos seculos, e contra os aleives que lhes assacavam.

«Não era difficultoso, ao subir uma escada, ou ao transpor uma galeria, encontrar o grão magico Aristoteles, armado de cervilheira, cota e braçaes, com a sua bésta nas mãos, prestes a disparar o virote ao peito de algum centauro; o guerreiro Macedonio, de cruz vermelha nos peitos e hombros, e cavalgando um cavallo acobertado, no acto de brandir o montante contra um aduar de mourisma ás portas de Jerusalem; Priamo, atarefado com seus filhos Ajax e Achilles em construir as muralhas de Constantinopla; ou finalmente Arão paramentado, e de mitra e baculo á porta de cathedral gothica.

«Tudo isto e muito mais representavam aquellas colgaduras variadas, sem fallar das montras e arabescos, que a fertil e enferma imaginação dos artifices d'aquellas eras estampava por toda a parte, desde a portada do templo até ás pinturas das télas e das codices, ou até os bertiães e lavores das taças e agomias de prata.

D. Maria Isabel de Neubourg, esposa de D. Pedro II

«Se, porém, os disparates de invenção, e as incorrecções de desenho dos historiadores arrazes arrancariam hoje apenas um sorriso de lastima insultuosa do artista mais humilde, a palheta moderna teria talvez de envergonhar-se das suas mais vivas côres, comparadas ás d'esses quadros immensos, que se dilatavam por todas as paredes, e que harmonizavam com os das abobadas artezoadas, cobertos de oiro nos pendurões e bocetes sobre o chão polido ou escuro do marmore ou do lenho, e com as laçarias das almofadas, epopeias de esculptura escriptas a cinzel e a buril nas lageas e nas madeiras rendilhadas dos tectos esguios. De lá os griphos, os dragões, as alimarias com face humana, os reptis mais extravagantes, os rostos mais doidos, transfigurados e impossiveis, pareciam mirar o que se passava cá em baixo.

«Era um mundo extranho, mysterioso, brilhante, que se pendurava para enxergar o homem, para se rir d'elle, para o apupar, para lhe fazer visagens e negaças, como essas figuras gravadas nas importas do portal da Sé de Lisboa, que tem podido escapar ao dente voraz dos seculos, ao boião canonical, e aos acanthos, repolhos e caramujos da arte gréco-pateta.

«E debaixo d'estes tectos, e no meio d'estes pannos, por entre as catadupas da luz directa e reflexa, que em ondas se entornava de centenares de tochas e lampadarios, ou se refrangia nas vividas colgaduras e nos relevos dourados, passavam bandos de cavalleiros, acotovellavam-se os momos, ruiam as danças mouriscas e judaicas, e as chorêas ou nymphas, porque até á existencia das nymphas chegava á erudição vulgar d'esses tempos.

«Aqui, dois gordos anões d'el-rei, trajando roupas phantasticas, rolavam-se por entre as pernas de um cavalleiro velho, que parára em passagem estreita para explicar a alguns escudeiros menos lettrados Absalão, pendurado de arvore ramosa pelos cabellos, e traspassado por tres ascemas despedidas pelo marechal do santo rei David, D. Joab, cavalleiro de bom corpo, que na tela escripturistica, representava ter duas alturas da arvore fatal.

«Acolá varios pagens travessos riam ás gargalhadas, impedindo o passo a tres frades que forcejavam por entrar no principal aposento, onde tinham de representar um papel importante nos momos que iam começar. No meio do tumulto, ouvia-se o tinir argentino dos cascaveis de tres ou quatro maninellos, que rompiam apressados por entre a turba, e que eram um reforço procurado, com permissão d'el-rei, por Alle (um jogral mouro), cuja voz em falsete restrugia lá dentro por cima dos sons dos instrumentos que buscavam afinar-se. A's vezes, a voz do truão sumia-se no estrondo das risadas.

«A sala principal, ou da côrte, era um vasto paralellogrammo, que dous renques de pilares polystylos dividiam em tres naves. Sobre os listetos das cornijas dos pedestaes, amplamente resaltados, ou antes dos stylobates communs das columnellas enfeixadas, que constituiam os pilares, pousavam armaduras completas, que simulavam dezenas de homens d'armas, observando o tropel ondeante que lhes remoinhava em volta.

«Nos topos das columnas e das misulas, que nas paredes lateraes lhe correspondiam, collocadas em cima dos obacos e presas aos saimeis das voltas ponteagudas, viam-se, n'uns cabeças mirradas de cervos com galhos descon-

formes, ou trombas de javalis, cujos colmilhos pulidos e alvejando faziam singular effeito, n'outros mumias de girifaltes e de nebris com as pernas mettidas nos piozes, e tão naturaes que pareciam vivos, bem como figuras de galgos e lebreus no acto de remetter.

Em baixo, as imagens da guerra, e em cima as da caça symbolisavam a bem dizer a existencia inteira de um principe, barão ou rico homem d'aquelle e dos antecedentes seculos, e sobretudo a do Mestre de Aviz, de cuja indole militar, e de cuja paixão pela montaria e altanaria nos restam não equivocos documentos.

«Os lampadarios e tochas, ainda mais profusamente espalhados pela immensa quadra do que pelos aposentos contiguos e pelas escadas e galerias que para alli conduziam, tornavam perfeitamente distinctas as bellas linhas perpendiculares dos feixes de columnellos, as estrias dos ribetes, as subtis laçarias a bestiães do tecto de castanho almofadado, as tinctas mais vivas aqui, se era possivel, e os desenhos mais correctos das tapeçarias, que, descendo d'entre as misulas, forravam as quatro faces d'aquella magnifica salla.

«Mas o que, sobretudo, deslumbraria os olhos só affeitos á monotona e mesquinha singeleza dos trajos modernos, seriam as roupas variegadas dos cavalleiros que n'essa noite circulavam pelos paços de apar S. Martinho.

«Era mais que todos os matizes dos prados na primavera; era um iris immenso, partido em pequenos fragmentos que remoinhavam sobre chão d'estrellas. As capas de desvairadas côres, orladas de lhama d'ouro ou de prata; as jorneas decotadas, deixando deixando entrever as golas e peitilhos bordados dos gibanetes, divididos em duas côres, que o rigor da moda exigia, contrastassem as das capas; as calças ou meias justas, que repetindo as côres da jornea, mas trocadas, desenhavam como estas, que se apertavam com cintos de ouropel ou de argempel, as fórmas athleticas e elegantes dos moços escudeiros e cavalleiros formavam um todo cambiante e phantastico, de que difficultosamente alcançam dar uma semelhança incompleta e pallida as faculdades inventivas, ás vezes bem pouco historicas, dos adereçadores de theatro, ou as mascaras mais delicadas do carnaval, unica specie não absolutamente semsaborona e triste das nossas festas actuaes.

«O sarau antigo reunia em si essas duas fórmas de espectaculo. Então o segundo era mais variado e grandioso, posto que o primeiro fosse desengenhoso e barbaro. Os momos todavia, continham o embrião do moderno drama: eram quasi o carro de Thespis. De ordinario consistiam em allegorias, que proxima ou remotamente se ligavam com successos recentes e notaveis.

«As visualidades constituiam a parte essencial d'essas scenas informes, onde apenas algum monologo contemporaneo se misturava com os gestos e visagens de uma pantomima exaggerada, a qual fizera attribuir aos actores de semelhante representação o epitheto de *tregeitadores*.

«As bufonerias dos chocarreiros que ahi figuravam, eram as delicias dos principes e senhores, e os dicterios e allusões, muitas vezes grosseiras, offensivas e indecentes, parece que não se estranhavam, nem sequer na presença das damas, e corriam como boa moeda.

«Assim, o truão, bobo ou bufão era uma casta de animal indispensavel nos alcaceres regios e senhoriaes; um contraveneno do tedio, prompto sempre para encher o vacuo das horas de enfadamento; e é por isso que nos documentos, nas leis e nas chronicas dos diversos reinos das Hespanhas, se encontram não raras memorias d'esses domesticos representantes dos *momos*, *arremêdos* e *escarneos*.

«Acima do bobo ou maninello, mas confundido ás vezes com elle, estava o jogral.

«O jogral era conjuntamente instrumentista, bailarino, cantor e, até, improvisador. Em velhos manuscriptos de trovas e cantigas, muitas das quaes eram composições de illustres cavalleiros, de ricos-homens e até de monarchas, encontram-se ainda signaes que indicavam o tonilho que devia acompanhar o rythmo dos trovadores repetidos pelo jogral.

«Dos instrumentos de que usavam esses cantores professos, ora serios, ora jocosos, restam-nos ainda desenhadas as formas, mais ou menos confusamente, nas illuminuras contemporaneas.

«Alli se vêem os adufes, pouco differentes dos modernos, e as castanhetas, cuja fórma de pequenos parallelogrammos as distingue das hoje usadas. O som d'estes instrumentos semi-barbaros, segundo o que se póde colligir d'aquellas illuminuras, marcava o compasso ás danças dos jograes, e das pellas ou jogralezas, de quem tambem ha memoria.

«Outros, como o laúde, a guitarra a harpa, a ayabeba, a rebeca, o anafil, as charamellas, o orgão, compunham as orchestras, aproximando-se mais ou menos no feitio aos que ainda subsistem, e contribuindo com as suas vozes melodiosas ou estrugidoras para os desenfados e folgares dos festins e saraus.

«Com estes elementos a imaginação do leitor reduzirá facilmente a um quadro, que não se affastará demasiado da verdade, a agitação e o estrepito que iria nos paços de S. Martinho depois de anoitecer.

«Havia, porém, uma circumstancia que precedera isso tudo, e que elle não póde adivinhar, porque nascera d'uma usança esquecida hoje.

«O comerem em publico os principes era uma especie, ora de prologo, ora de entermeio nas festas reaes, e a D. João I occorrera naturalmente a ideia de tomar na sala do saráu a leve collação chamada *merenda,* costumeira gastronomica essencialmente portugueza, e que remonta sem duvida áquella épocha, e com probabilidade ás anteriores.

«Dois estrados, distinctos pela diversa elevação, occupavam um dos topos do espaçoso aposento. A mesa d'el-rei e de sua mulher estava no plano mais alto, e no inferior a dos officiaes da corôa, dos barões e alcaides-móres, que accidentalmente se achavam na côrte, e que, collocados de um lado pela ordem das categorias, ficavam fronteiros ás damas de D. Filippa, as quaes na mesma ordem occupavam o outro lado.

«A hora para começar a merenda publica, introito ao saráu, fôra marcada para antes de sol posto, e por isso D. João I partira tanto ex-abrupto do gabinete particular.

«Era noite fechada. A collação acabára justamente no instante em que o

sino de completas principiava a despedir da torre da cathedral as suas badaladas lentas e uniformes. A um signal do mestre-sala, Luiz Alvares Paes, que em pé atraz da cadeira d'el-rei recebia as ordens do monarcha, os cavalleiros e damas ergueram-se.

«Alevantando-se apoz elles, D. João I deu a mão á rainha, e dirigiu-se para uma tribuna rara, d'onde melhor se podia gosar o espectaculo dos momos, para os quaes fôra reservada a nave central, onde os menestreis, charameleiros e jograes instrumentistas preludiavam já com varios tonilhos e retornellos de guerra e de caça. No topo fronteiro ao dos estrados era o adito principal do aposento, que se abrira de par em par.

«Em frente, dilatava-se a galeria magnifica, terminada n'uma especie dé portico ou atrio circular, d'onde partiam varios corredores que ligavam os diversos lanços do palacio. Alguns cavalleiros, que ainda conversavam em grupos n'esta galeria e n'este portico, logo que el-rei se ergueu e se fez signal de que os momos iam começar, entraram precipitadamente na sala.

.....................................................................

«Entretanto, as attenções tinham-se dirigido todas para a nave central, onde as folias, as danças de judeus e mouros, as nymphas, as péllas, os jograes, os menestreis, os chocarreiros tomavam já os seus postos, á espera de que fosse mercê de sua real senhoria dar ordem ao mestre-sala, para começarem os mui de folgar e mui espantaveis momos, com que rompia o saráu.

.....................................................................

«Os momos, dissémos nós, eram o embryão do drama de Eschylo, do drama de Calderon e de Shakespeare; do drama imaginoso e livre, variado como a natureza e a sociedade seu typo, vibrando as cordas de todas as paixões e affectos, successivamente lacrymoso e risonho, solemne e ridiculo como as vicissitudes da vida: eram o embryão do drama inspirado, e não do drama rachitico, mutilado, convencional, medido pelas bitolas dos criticos mestres de obras, numerado, catalogado, fundido em moldes de barro com pretenções de bronze, e desfeitos em pó ao sopro do primeiro *porquê?*

«Elles reuniam em si, como tambem advertimos, a mascarada carnavalesca e as pompas da scena, vindo assim a ser tanto mais variados quanto mais escasseava n'elles o que hoje constitue a essencia do espectaculo theatral, o dialogo scenico.

«Os inventores e delineadores dos momos e folias punham, por isso, toda a diligencia em supprir com as mais extranhas visualidades, com as mimicas mais singulares ou desvairadas, a falta do drama fallado. Quando se lê a descripção das festas, que em occasiões solemnes se fizeram em Lisboa, durante o reinado de Affonso V, vê-se que essas festas brilhantes tinham chegado a um grau de perfeição relativa, difficil de ultrapassar, e que n'ellas consistia principalmente a magnificencia da côrte portugueza, magnificencia que assombrava os embaixadores do imperador da Allemanha, e que fazia com que o cavalleiro andante Jorge von Ehingen, depois de haver visitado as mais celebres capitaes da Europa, viesse encontrar o ideal do esplendor e do luxo nos jogos guerreiros da Rua-nova e nos folgares e saráus do paço dos nossos reis.»

N'esses saráus magnificos se comprazia el-rei, como quem tinha sobejas razões para estar contente de si. Era feliz, verdadeiramente feliz esse bom rei, a quem tudo sorria e afagava, a quem até a posteridade acarinhou, dando-lhe o cognome de El-rei de *Boa-Memoria.*

A nação fizera d'elle um heroe, dera-lhe um throno, e consagrara-lhe uma grande affeição. Sua esposa déra-lhe o seu amor e as suas virtudes, e como se isto não bastasse, uma numerosa prole de filhos modelos, que honraram o seu paiz e o seu seculo. D. Pedro, principe d'um caracter firme e honestissimo, D. Fernando o heroe da dedicação, um santo, cujo martyrio constitue uma das paginas mais commoventes da nossa historia, D. Duarte, sabio, rei modelo, cujo curto reinado e grandes desventuras deixaram na alma popular o perfume de uma doce saudade, D. Henrique, o iniciador do periodo das grandes descobertas, a intelligencia audaz que soube descortinar o futuro radiante da sua patria.

«Os planos de D. Henrique, diz o sr. Oliveira Martins, mereciam a plena approvação do rei, que lhe dava ampla liberdade de proseguir, e até o incitaria, se o infante carecesse de estimulo. Já no proprio anno de Ceuta, D. Henrique fizera uma primeira tentativa, enviando uma frota a sondar e a reconhecer a costa da Africa: um ensaio apenas.

«Terminada a empreza de Ceuta, poz decididamente mãos á obra, e estabeleceu-se em Sagres. Era uma lingua de rocha cravada nas ondas, e açoitada pelas ventanias do noroeste. Estava-se alli como a bordo; e a academia do infante parecia uma náu, em que vogavam os destinos ainda ignorados da nação. Os antigos tinham chamado *sacrum,* sagrado, a esse promontorio, e o nome de agora tambem traduzia, no pensamento e na linguagem, a passada denominação.

«Sagres ia ser no XV seculo, como fôra nos velhos tempos, o pedestal de um templo. Acreditavam os antigos celtas, do Guadiana espalhados até á costa, que no templo circular do promontorio sacro, se reuniam ás noites os deuses, em mysteriosas conversas com esse mar cheio de enganos e tentações, aberto ao capricho dos homens para os tragar.

«Agora, os modernos herdeiros dos druidas erguiam em Sagres um novo templo, onde tambem ás noites, não deuses, mas homens, se entretinham em fallas com os ignotos mares, com as regiões desconhecidas. O espirito era o mesmo, a religião era outra: era a da Renascença, — a sciencia, a tentação irresistivel que arrastava os homens para a natureza; que os fazia extenuarem-se a deplorar a virgindade dos mares, a interrogar a mudez das noites na sua ancia de saber, de dominar, de conhecer o mundo inteiro e os seus segredos: « quantas vezes estive mettido debaixo das bravas ondas do mar, por saber o fundo das barras, e para que parte endereçavam os canaes!»

«Em Sagres reunira o infante todos os recursos de que então dispunham a cosmographia e a arte de navegar. D. Pedro trouxera-lhe, das suas viagens, o manuscripto das peregrinações de Marco Paulo. Esses livros, os mappas de Valseca, as obras de João de Muller, (de Koeningsberg,) de Jorge Purbach, as narrativas e roteiros dos pilotos, as rndes cartas maritimas, faziam vergar

as mezas, a que o infante, tendo ao lado o seu cosmographo, Jayme de Mayorca, então celebre, rodeado de discipulos, passava os dias a discorrer, as noites a interrogar, silenciosamente os enygmas propostas nos textos e desenhos. Como Raymundo Lullio, entre as drogas e retortas do seu laboratorio, se extenuava a buscar o principio da vida, os corpos simples ou elementares da materia, para obter o segredo da existencia physica e organica: assim o infante procurava desvendar os segredos das ilhas e dos continentes, dos golphos e enseadas, velados pelo manto azul negro do mar tenebroso.»

A preoccupação das descobertas fez da côrte de D. Duarte mais uma academia de sabios, do que um local de prazeres e deleites. D. Duarte compõe livros. A' noite nos serões lêem-se os tractados de cosmographia da épocha, em vez de se assistir aos tregeitos dos bobos.

Esta feição da côrte portugueza mais se accentua com os primeiros successos das descobertas. Morto D. Duarte, succede-lhe D. Affonso v, e com o seu reinado nota-se uma grande perturbação na côrte, onde as intrigas fervilham, produzindo tragedias como as da Alfarrobeira e vergonhas e desastres como os da batalha de Toro.

A' côrte tumultuosa de Affonso V, succedeu a côrte triste e funebre de D. João II.

«A sua côrte, diz um escriptor contemporaneo, era um retrato das pequenas côrtes da Italia, e o principe, como um italiano, cheio de perfidias e ambições, de lucidez e de manha, de instinctos sanguinarios e fortes decisões politicas.»

E continua, traçando admiravelmente o retrato do *principe perfeito:*

«N'uma só cousa o portuguez primava ao italiano: era sobrio, severo, detestava o luxo—que prohibiu. A sua côrte apresentava o que quer que é de funebre e austero, sempre agradavel a portuguezes. A sua figura, tambem, nada tinha de imponente, nem de graciosa. Os habitos de coruja davam-lhe mais caracter do que os de falcão: ás duas aves, porém, pedia a côr que punha em tudo, o negro.»

A esta côrte lugubre succedem os esplendores da côrte de D. Manoel. Os dominios portuguezes alargaram-se de um modo estupendo. Em contacto com os requintes e voluptuosidades da civilisação da India, os filhos do Occidente iam corromper-se até á dissolução da sua antiga e forte nacionalidade.

Vejamos o que eram as opulencias d'essa India lendaria pela descripção que um illustre escriptor faz da recepção de Cabral como embaixador em Calecut.

«Não ia, como Vasco da Gama fôra, — como descobridor; ia como embaixador, á frente de uma poderosa armada, para não ser tomado como pirata, mas sim pelo emissario, que era, do nobre monarcha portuguez, portador das suas cartas e propostas de alliança para o rajah de Kalikodu.

«Como tal foi effectivamente recebido n'uma audiencia solemne. Os portuguezes vestindo as suas melhores roupas, as suas armas mais bellas e polidas, pensavam impôr de ricos ao monarcha do Oriente, mas os representantes da pobre e forte Europa iam ficar deslumbrados com as magnificencias da In-

D. Affonso VI

dia opulenta. O brilho das armaduras era offuscado pelo rutilar das pedrarias, cujas chammas impediam a vista.

«O rajah vinha em um palanquim aos hombros de dous homens, recostado sobre almofadas de seda, com a sua corôa de ouro cravejada de rubis, de diamantes e de esmeraldas; as mãos vestidas de anneis, ao cinto a adaga recamada de pedras preciosas. Cegava olhal-o. O palanquim abrigava-se debaixo de um pallio de seda franjado de ouro; e aos lados viam-se os leques e sombreiros, para defender do sol a cabeça do rajah, e para agitar o ar, refrescando-lhe a atmosphera abrazadora.

«Precedia-o uma banda de instrumentos de metal, tropas armadas de lanças, espadas e escudos, e o côro dos gymnastas, nús e côr de bronze, aos pulos, estorcendo-se e esgrimindo com as suas armas e alfanges. Em volta do palanquim do rajah iam os pagens: um com a espada e adaga, outro com o estoque de ouro, outro com a flôr de lys symbolica, outro com o gomil de agua, outro com a toalha, outro finalmente com a copa, onde o rei cuspia o betele.

«O cortejo, que tinha ido cumprimentar o embaixador portuguez, subiu ao paço, onde foi a recepção solemne.

«O Samandri-rajah estava então sentado sobre o vélo preto, insignia da realeza, no meio da sua côrte, recostado em macias almofadas de seda, sobre fôfos tapetes da Persia, somnolento e immovel. A seu lado, em pé, viam-se os pagens com as insignias e utensilios, e junto ao soberano o da capa de ouro com a toalha a tiracollo, e o da boceta cravejada de brilhantes, com o sal delido em agua de rosas, onde molhava as folhas de betele, antes de as dar ao rajah, para as mascar.

«Outros pagens com toalhas, perfumadas de almiscar, esfregavam-lhe os braços e as pernas núas, que reluziam com as manilhas cravejadas de rubis. Os escrivães, de pé, tinham debaixo do braço as longas folhas de palmeira, sêccas, onde se registavam as leis e tratados em sulcos abertos pelos estyletes de ferro, que balouçavam entre os dedos. Mais longe agrupavam-se as mulheres do rajah, untadas de sandalo, e nuas da cintura para cima, com as cabeças coroadas de flores, e collares de contas de ouro e pedraria, manilhas grossas nas pernas, braceletes e anneis fulgurantes.

«O rajah tinha mais de mil, entre amantes e varredeiras, escravas e embostadoras. Para além das columnatas de alabastro, nos pateos innundados de sol, viam-se os elephantes submissos, com os seus collares de campainhas e guizos, cobertos por xaireis de seda recamada de ouro; os pallios e leques do cortejo do soberano; os truões e os fakires, rebolando-se no chão, desgrenhados a uivar gritos.

«Depois formavam alas, ou esgrimiam com tregeitos e cutiladas, os nayres, bucellarios do rajah, casta singular e polyandra, de quem disse o poeta: «Geraes são as mulheres porém sómente para as da geração de seus maridos.» Mas o que sobretudo enchia de espanto e cubiça os portuguezes, envergonhados da sua pobreza, eram os rios luminosos da pedraria que, destacando-se do fundo acobreado das pelles indigenas, os cegavam: «as chammas que d'elles saiam impediam a vista!» Sobre o ouro de Sofala, eram os ru-

bis de Pegu, os diamantes de Dekkan e de Narsinga, as saphyras de Sinhala (Ceylão) e os seus topasios e turquezas, jacinthos e amethistas: eram as bellas esmeraldas de Babylonia!»

Perante estas magnificencias indianas, os portuguezes, desvairados pela ambição, entregaram-se a cruezas sem nome e a torpezas horriveis, que avultam como nodoas indeleveis no vistoso quadro da conquista. O sr. Oliveira Martins qualifica do seguinte modo os elementos da acção portugueza, tão decantada: «assassinatos e incendios, morticinios e naufragios; a espada e a pimenta; as armas do guerreiro em uma das mãos, as balanças do mercador na outra; uma Carthago moderna,—e no fundo a voragem aberta do mar, prompto a devorar homens, navios e riquezas; a fonte perenne do vicio, entornando caudaes de torpezas e devassidões!»

D'essas torpezas e devassidões, a que o illustre escriptor se refere, dá uma ideia o seguinte quadro por elle proprio traçado, em que o Oriente nos apparece com todos os seus deslumbramentos e corrupções:

«Hormuz era então a joia mais preciosa da corôa da Persia; era a Londres commercial, onde todos os productos do Oriente vinham desembarcar; d'onde sahiam nas longas caravanas a espalhar-se para Bagdad e para o Cairo, para a Tartaria e o Turquestan, porto da Asia do norte.

«Ahi os armadores levavam a pimenta, o cravo das Molucas, o gengibre, o cardamomo, os paus de sandalo e brazil, os tamarinhos, o açafrão, a cera, o ferro, as cargas do arroz de Dekkan, os côcos, as pedrarias, as porcellanas, o benjoim, os pannos de Kambai, de Tochaba, de Dewal, e os synabosos de Bengala.

«Ahi vinham, de Aden, no estreito de Bab-el-Mandeb, o cobre, o azougue, os brocados, os chamalotes, e tudo quanto Veneza mandava da Europa, pelo caminho de Alexandria, a Suez, via do mar Vermelho.

«Toda a Persia se abastecia em Hormuz dos generos de fóra; por Hormuz toda ella mandava exportar os productos indigenas. Os navios carregavam ahi a seda e o almiscar, o rhuibarbo de Babylonia, e as récuas de cavallos da Arabia, tão queridos no Dekkan, em Cambai e nos estados da contracosta de Tscholamandalam (Coromandel) até Bengala na foz do Ganges. Contra o arroz e os pannos que levavam, os commerciantes traziam de Hormuz as tamaras, o sal das suas collinas coloridas, as passas, o enxofre e o aljofar grosso, muito procurado em Narsinga.

«A cidade era em si pequena, mas um brinco. Era uma terra de luxo e prazer, uma côrte de mercadores. As casas recheiadas de cousas preciosas, eram thesouros ou museus, com paredes forradas de marmores, columnatas, eirados, pateos ajardinados e fontes preciosas. A vida custava ali carissimo, porque o luxo absorvia todos os recursos naturaes; a terra, uma salina, era esteril de si, mas a arte e o dinheiro tinham-na tornado um jardim viçoso: tudo vinha da Persia, da Arabia, da India. Mas por isso mesmo a cidade era um encanto, augmentado ainda pelos dons da natureza.

«A vegetação abundante e variada, sobre um chão sarjado de canaes, envolvia Hormuz n'um fôfo manto de verdura muticolor, e os alvos alabastros

dos palacios emergiam do seio dos jardins, como flôres de uma brancura sem mancha. O platano magestoso do Oriente, o álamo esguio e esbelto, o negro cypreste meditativo, destacavam-se no meio das hortas viçosas, das quintas e jardins de rosas, povoados de rouxinoes, abrigando nas encostas á sua sombra as vinhas ferteis.

«Os pomares regados estavam coalhados de laranjeiras, de fructos de ouro e flôres de neve perfumada; de macieiras, pecegos, albaquorques; de figueiras de fórmas extravagantes e amplas folhas; de granadas com os fructos rebentados a sorrir nos seus grãos côr de rubi. No chão serpeavam as redes de hastes de meloaes, louros e perfumados; e das latadas e parreiras caiam com o peso os cachos de uvas preciosas de todas as côres. Por entre os bastos pomares e do seio dos jardins de rosas levantava-se orgulhosa e nobre a palmeira, com o seu turbante de folhas agudas, carregadas de tamaras.

«Nas ruas da formosa cidade, em frente dos bazares, sob os toldos que a defendiam da luz e do calor do sol, formigava uma população de varias raças, de côres diversas, occupada em comprar, em vender: mais occupada ainda em gosar a vida no seio de uma devassidão torpe.

«O calor e os perfumes inebriavam os sentidos, e acordavam todos os instinctos sensuaes. Vinham alli vender neve, de trinta leguas do interior da Persia. Amar era o primeiro de todos os commercios de Hormuz; e o persa, alto, elegante, formoso e nobre, entregava-se a todos os desvairamentos da pederastia. Por isso as mulheres valiam pouco, eram até aborrecidas em Hormuz. Os pobres escravos, moços e mutilados, enchiam os harens dos ricos, e os bordeis para o commum dos mercadores. Era uma devassidão abjecta e um luxo desenfreado. Os personagens, nos seus passeios, iam sempre seguidos por pagens, com toalhas e jarras de prata e bacias com agua. Havia musicas e festas por toda a parte, e as bandas e orchestras andavam constantemente nas ruas. Os trajos eram dos mais preciosos estofos, e sobre as camisas brancas de algodão finissimo vestiam-se tunicas de chamalote ou grã, cingidas por almejares com grandes adagas ornadas de ouro e prata e pedras preciosas.

«Os broqueis eram redondos, forrados de seda; os arcos acharoados, ou de corno de bufalo com cordas de seda. Usavam, além do arco e da frecha, do escudo e da adaga, machadinhas e maças de ferro, todas preciosamente lavradas e tauxiadas de ouro e prata. Os mouros diziam que o mundo era um annel e a pedra Hormuz.»

A corrupção em Portugal no reinado de D. Manuel chegou ao seu maior auge, e fórma as côres sombrias do quadro de opulencias do reinado do monarcha appellidado o *Venturoso*. A desmoralisação do clero erguia por toda a parte clamores, que até na propria côrte, apesar da dissolução dos costumes, encontraram echo, e obrigaram o monarcha a pedir ao papa promptas providencias. Diz o sr. Pinheiro Chagas a este respeito:

«Effectivamente, el-rei D. Manuel, assustado, como quasi todos os principes christãos, com o progresso da desmoralisação do clero, e principalmente do alto clero, com o movimento dos espiritos, que este procedimento escandalisava, e, emfim, com todos esses graves prenuncios do grande schisma que

ia em breve dividir a Egreja Christã do Occidente, instava com o papa para que proseguisse com as sessões do concilio de Latrão, que fôra interrompido, e para que reformasse a Egreja.

«O desejo da reforma do clero era geral e tão vivo o sentimento de tedio que a sua desmoralisação inspirava, que em toda a parte, em plena côrte, a plena luz, se erguia brado severo contra a Egreja, e se diziam coisas, que hoje fariam erguer altos brados a todos os defensores do altar e adoradores do passado.

«Gil Vicente não era dos menos audaciosos proclamadores, e entre muitos outros, o seu *Auto da feira* encerra censuras á Egreja mil vezes mais acres do que hoje as poderia escrever o *impio* mais audacioso, o mais anathematisado pelos satellites do ultramontanismo.

«Por essa reforma todos instavam, o proprio Leão x não lhe seria adverso, mas eram tamanhos os obstaculos, e julgava-se o perigo tão distante, que todos iam adormecendo n'uma fatal segurança, quando os acordou de subito a voz trovejante de Luthero.

«Então, passou se de um extremo a outro, da nimia indulgencia á nimia severidade; mas ainda assim a severidade foi para os leigos, e o concilio de Trento achou mais commodo suffocar as vozes que bradavam contra o escandalos da clerezia de que suffocar os escandalos, domar as mais leves tentativas de emancipação do espirito humano, de que tornar as doutrinas da Egreja compativeis com os progressos da razão.»

Se o rei de Portugal não conseguiu que no seu reino o alto clero modificasse os seus costumes escandalosos, em compensação obteve uma concessão que veio vexar e opprimir os povos, os quaes tiveram de se vingar abertamente dos seus oppressores, como diz Damião de Goes:

O papa outhorgou, diz este illustre portuguez: «cruzada a el-rei, que trouxe este nuncio, na execução da qual, par mau resguardo, culpa e demasiada tyrannia dos officiaes d'ella, foi o reino muito avexado, e sobretudo a gente popular, a quem faziam tomar por força as bullas fiadas por certo tempo, no cabo do qual, se não pagavam, lhes vendiam seus moveis e immoveis publicamente em pregão, por muito menos do que valiam, pela qual deshumanidade os mais dos executores d'esta cruzada houveram mau fim, de que não quero dizer os nomes, por os filhos e netos d'alguns d'estes ainda viverem.»

As opulencias do reinado de D. Manuel descambaram por vezes em sinistras tragedias, como a da carnificina dos judeus em Lisboa em 1506.

De muito tempo datava o odio do povo contra a raça hebreia, se bem que os filhos d'esta raça vivessem em Portugal vida mais tranquilla do que em Hespanha, onde eram assassinados em massa. Por isso elles preferiam o nosso paiz a outro qualquer, e conta-se até que os judeus residentes em Portugal diziam aos de Hespanha, aconselhando-os a que mudassem de paiz: «Vinde: a terra é boa, o povo é tolo, a agua é nossa, tudo nos pertencerá!»

Enganavam-se, e a horrivel carnificina primeiro, e mais tarde a expulsão, depressa os deviam desilludir.

Primeiramente, D. Manuel obrigou-os á conversão. Perseguidos, e tendo de se occultar para celebrar as ceremonias e ritos do culto, faziam com que o povo lhes attribuisse os mais terriveis maleficios. D'aqui as lendas que descrevem os hebreus como roubadores de creanças, ás quaes torturavam e crucificavam.

Os frades eram os seus encarniçados inimigos. Chamavam-lhes cães immundos: — «cães crueis, a que não me arrependo de chamar cães debaixo de fórma humana,» diz João de Padilla, e repetem os nossos frades.

Eis como Alexandre Herculano refere a cruel mortandade em que a plebe e os frades saciaram os seus odios ferozes contra os pobres israelitas:

«Desde janeiro que a peste redobrava de intensidade em Lisboa, e nos principios de abril era tal o progresso da epidemia que a mortalidade subia alguns dias ao numero de 130 individuos. Faziam-se preces publicas, e a 15 do mez ordenou-se uma procissão de penitencia, que, sahindo da Egreja de S. Estevão, se recolheu na de S. Domingos, seguindo-se a celebração de preces solemnes. Durante ellas o povo implorava em gritos a misericordia divina.

«No alto da capella chamada de Jesus, havia n'aquelle tempo um crucifixo, e ao lado da imagem do Salvador um pequeno receptaculo que servia de custodia a uma hostia consagrada.

«No excesso da exaltação religiosa, houve quem crêsse vêr ahi, e talvez visse uma luz extranha. Espalhou-se logo a voz do milagre. Ou que os Dominicanos, aproveitando a illusão, realisassem artificialmente a supposta maravilha, ou que a credulidade, fortalecida pelos terrores da peste, predispozesse cada vez mais a imaginação do vulgo para vêr aquelle singular clarão, é certo que ainda nos dias seguintes havia quem affirmasse divisal-o perfeitamente.

«Entretanto, o voto mais commum era que essa maravilha não passava d'uma grande fraude, e ainda muitos dos mais crentes suspeitavam que o facto existia apenas nas imaginações escandecidas. Durante quatro dias a crença no prodigio foi ganhando vigor. No domingo seguinte, ao meio dia, celebrados os officios divinos, examinava o povo a supposta maravilha contra cuja authenticidade recresciam suspeitas no espirito de muitos espectadores. Achava-se entre estes um christão novo ao qual escaparam da bocca manifestações imprudentes de incredulidade ácerca do milagre.

«A indignação dos crentes, excitada provavelmente pelos burladores, communicou-se á multidão. O miseravel blasphemo foi arrastado para o adro, assassinado, e queimado o seu cadaver. O tumulto attrahiu maior concurso de povo, cujo fanatismo um frade excitava com violentas declamações. Dois outros frades, um com a sua cruz, outro com um crucifixo arvorado, sahiram então do mosteiro, bradando: *heresia, heresia!* O rugido do tigre popular não tardou a reboar por toda a cidade.

«A marinhagem de muitos navios estrangeiros fundeados no rio viera em breve associar-se á plebe amotinada. Seguiu-se um longo drama de anarchia. Os christãos novos, que giravam pelas ruas desprevenidos, foram mortos ou mal feridos, arrastados ás vezes semi-vivos para as fogueiras, que rapidamente se tinham armado, tanto no Rocio como nas ribeiras do Tejo. O

juiz do crime que com os seus officiaes pretendiam conter o motim, apedrejado, teria sido queimado com a propria habitação, se um raio de piedade não houvera momentaneamente tocado o coração do tropel furioso, que o perseguia, ao verem as lagrimas de sua esposa, que desgrenhada implorava piedade.

«Os dois frades enfureciam as turbas com seus brados, e guiavam-nas com actividade infernal n'aquelle tremendo lavor. O grito de revolta era: *Queimae-os!* Quantos christãos-novos encontravam, arrastavam-nos pelas ruas, e iam lançal-os nas fogueiras da Ribeira e do Rocio. N'esta praça foram queimadas n'essa tarde trezentas pessoas, e ás vezes, n'esse e n'outro logar ardiam a um tempo grupos de quinze ou vinte individuos.

«A ebriedade d'aquelle bando de cannibaes não se desvaneceu com o repouso da noite. Na segunda-feira, as scenas da vespera repetiram-se com maior violencia, e a crueldade da plebe, incitada pelos frades, revestiu-se de fórmas ainda mais hediondas. Acima de quinhentas pessoas tinham perecido na vespera: n'este dia passaram de mil. Segundo o costume, ao fanatismo tinham vindo associar-se todas as ruins paixões: o odio, a vingança covarde, a calumnia, a luxuria e o roubo. As inimizades acharam no motim popular ensejo favoravel para atrozes vinganças, e muitos christãos-velhos foram levadas ás fogueiras com os neophytos judeus. Alguns só obtinham salvar-se, mostrando publicamente diante dos assassinos que não eram circumdados. As casas dos christãos-novos foram acommettidas e entradas. Mettiam a ferro homens, mulheres e velhos: as creanças arrancavam-nas dos peitos das mães, e, pegando-lhes pelos pés, esmagavam-lhes o craneo nas paredes dos aposentos. Depois saqueavam tudo.

«Aqui e acolá, viam-se nas ruas alagadas de sangue pilhas de quarenta ou cincoenta cadaveres que esperavam a sua vez na fogueira. Os templos e os altares não serviam de refugio aos que tinham ido acoitar-se á sombra d'elles, e abraçar-se com os sacrarios e imagens dos santos. Donzellas e mulheres casadas, expellidas do sanctuario, eram prostituidas, e depois atiradas ás chammas. Os officiaes publicos que por qualquer modo buscavam pôr dique a esta torrente de atrocidades e infamias, escapavam, a custo, pela fuga, ao impeto irresistivel das turbas concitadas, porque além da gente dos navios estrangeiros, mais de mil homens da plebe andavam embebidos n'aquella carnificina. A noite, que descia, veio afinal cobrir com o seu manto este espectaculo medonho, que se renovou no dia seguinte. Mas já as hecatombes eram menos frequentes, porque escasseavam as victimas.»

D. Manoel foi severissimo no castigo d'estas atrocidades, mas o fanatismo, longe de ficar abatido, não tardou a escandecer todos os cerebros, e a manchar a propria legislação d'este e dos seguintes reinados com a sua mancha sombria e indelevel.

O quadro da depravação dos costumes da sociedade portugueza n'esta épocha traça-o admiravelmente o nosso grande historiador nas seguintes linhas:

«O reino estava cheio de vadios que viviam opulentamente sem se saber como. O vicio do jogo predominava em todas as classes com as suas fataes consequencias de roubos, discordias e miseria domestica. O luxo era desenfrea-

do. A côrte andava atulhada de ociosos, e a casa real dava o exemplo da falta de ordem e de economia. Nos paços dos fidalgos via-se um sem numero de creados bem superior ao que permittiam as suas rendas, de modo que faltavam os braços para o trabalho, sobretudo para a agricultura. Qualquer viagem d'elrei era um verdadeiro flagello para os povos, por meio dos quaes transitava. A immensa comitiva de parasitas de todas as ordens e classes devorava a substancia dos proprietarios e lavradores. Mantimentos, cavalgaduras, carros, tudo era tomado, e os detensores, ou não pagavam, ou pagavam com escriptos de divida, divertindo-se os cortezãos, muitas vezes, em destruirem os fructos, as fazendas e as mattas.»

Quanto aos ecclesiasticos, a sua depravação em Portugal, egualava bem a que se notava por esse tempo em toda a Europa:

«Os bispos, diz Coelho da Rocha, pela maior parte distrahidos com os negocios civis e politicos, e muitas vezes com os militares, pouco cuidado prestavam ao seu officio apostolico, attentos unicamente em zelar, com o respeitavel nome do bem da religião, os interesses temporaes da egreja, que muitas vezes não eram senão os da sua ambição individual. A lei canonica da residencia não era respeitada; a accumulação de muitos beneficios, e até de muitos bispados era ordinaria: não se extranhava o provimento das egrejas em menores, ou homens indignos pelo seu comportamento ou ignorancia; e esta desordem communicava-se a todos os graus inferiores. Mas, onde a relaxação campeava sobretudo, era nos claustros das ordens religiosas: não só estava esquecida a obrigação dos votos e a disciplina das regras, mas nem ao menos, eram respeitadas as leis do decoro. Frequentes são os exemplos de frades e freiras, sollicitando a legitimidade de seus filhos sacrilegos.»

Na côrte a lucta das paixões não destacava d'estas desordens do estado. D. Manuel teve o capricho de casar com D. Leonor, irmã de Carlos v, e noiva promettida do principe D. João, filho do monarcha venturoso, e mais tarde o severo e funebre D. João III. Amavam-se os dois noivos, e muito lhes custou o mallogro dos seus amores, o qual nunca o principe perdoou ao auctor dos seus dias.

Duas princezas portuguezas se distinguiram n'esta épocha, a infanta D. Beatriz, a inspiradora de Bernardim Ribeiro, o mavioso poeta das desditas amorosas, e a infanta D. Maria que fez do paço uma verdadeira academia, em que, como diz o snr. Pinheiro Chagas, «dominavam tanto pelo prestigio da belleza como pelo da sciencia, muitas mulheres notaveis, entre as quaes devemos contar Luiza Sigéa, e a celebre Paula Vicente, filha do fundador do nosso theatro (Gil Vicente).

«N'um seculo em que tantas princezas eruditas imperavam nas côrtes de França e de Italia, continúa o illustre escriptor, a um tempo musas e poetisas, inspiradoras e inspiradas, Portugal que então caminhava a par das outras nações, quando se lhes não avantajava, teve na infanta D. Maria uma rival das duas Margaridas de Navarra, de que se ufanava a França, e das princezas italianas, que mantinham acceso nas côrtes dos pequenos Estados da formosa peninsula o sacro fogo das lettras, das sciencias e das artes.»

O amor não era tambem esquecido n'essas academias tão seductoras. Que o diga Camões, que alli se queimou nos incendiados olhos da sua Natercia, e que se desforrava dos tormentos que d'amor soffria, nos disturbios que fazia pelas ruas com os mancebos mais fidalgos e desordeiros do seu tempo, entre os quaes o grande poeta tinha merecido o pittoresco epitheto de *Trinca-fortes*.

A' côrte brilhante de D. Manuel ia succeder a côrte sombria, invejosa, dissimulada e hypocrita de D. João III. Foi este rei fanatico aquelle que introduziu n'este desgraçado paiz o temivel tribunal da Inquisição.

Este rei não queria saber senão de cousas da Egreja, e deixava correr a nação para a sua ruina a passos gigantescos.

E no emtanto, apesar do fanatismo do rei, a immoralidade pullulava por toda a parte, sobretudo entre o clero, e especialmente entre o regular. Os parochos abandonavam as suas egrejas, para passaram vida folgada e divertida. Os mosteiros offereciam os mesmos documentos de profunda corrupção, distinguindo-se entre elles o de Longavares, da ordem de Santo Agostinho, e os de Ceiça e Tarouca, da ordem de Cister; ou antes nenhum dos mosteiros cistercienses se distinguia, porque em todos elles os abusos eram intoleraveis. Os abbades, que, segundo a regra, occupavam o cargo vitaliciamente, faziam recordar no seu modo de viver, os devassos barões da Edade-Media.

«A opulencia, diz Herculano, manifestavam-na em custosas e nedias cavalgaduras, em aves e cães de caça, e n'uma numerosa clientella, completando alguns essa existencia de luxo com mancebas e filhos, que mantinham á custa do mosteiro. Viviam os monges pelo mesmo estylo, na crapula e na bruteza, servindo muitas vezes como creados do abbade, de modo que, na opinião d'elrei, não havia na ordem de Cister senão ignorantes e devassos. Os conventos de freiras não se achavam em melhor estado, sendo o de Chellas, o de Semide e outros, theatro de continuos escandalos. A historia de Lorvão e da sua abbadessa, D. Filippa d'Eça, é um dos quadros mais caracteristicos d'aquella épocha. Lorvão contava então cento e setenta freiras, entre professas, noviças e conversas. A familia d'Eça preponderava alli. D'ella eram tiradas sempre, havia sesenta annos, as abbadessas, e outros tantos havia que a dissolução era completa em Lorvão. Das freiras então actuaes, uma parte nascera no mosteiro. Suas mães não só não se envergonhavam de as crear no claustro e para o claustro, mas ahi mantinham tambem seus filhos do sexo masculino.

«D. Filippa era uma d'essas bastardas, fiel ás tradicções maternas. Andava ausente quando falleceu D. Margarida d'Eça, a ultima abbadessa. Aquellas que tinham vivido em verdes annos com D. Filippa, e que contavam com a sua indulgencia, chamaram-na a elegeram-na a successora de D. Margarida, estando esta moribunda. Seguiu-se uma longa demanda em Portugal e em Roma, demanda cheia de extranhas peripecias. Entre estas a mais singular foi o serem certa vez encontradas D. Filippa e outra freira em casa de um clerigo de Coimbra, escondidas com a sua amante ordinaria que a justiça buscava. A penna recusa-se a descrever o estado em que todas trez foram achadas. Taes eram as devassidões e os escandalos, de que vamos encontrar memoria nos mais insuspeitos documentos.

«As superstições mulheris, continúa Herculano, sobretudo nos conventos e casas fidalgas, eram monstruosas, além de outras relativas ao culto publico. O sigilismo tinha-se introduzido em larga escala. Com o pretexto de ser para fins honestos e com permissão dos penitentes, os confessores revelavam os segredos da confissão. Os abusos e miserias que se passavam nos pulpitos eram quotidianos. Prégadores havia-os em nome, mas eram na realidade raros, e esses poucos tractados com desprezo. O commum d'elles o que buscavam eram honras e dinheiro, lisongeando as paixões do auditorio. O povo ignorava a religião, porque os oradores sagrados só curavam de vãs subtilezas. Um dos males que mais affligiam o reino era a excessiva multidão de sacerdotes. Havia pequena aldeia onde viviam até quarenta, do que resultava andarem sempre em competencias, disputando uns aos outros as missas, enterros e solemnidades do culto, com altissimo escandalo do povo. Augmentava-se desmesuradamente esse escandalo com o numero prodigioso e com a immoralidade d'aquelles, que só pertenciam ao clero por terem tomado ordens menores. Muitos tractavam de receber esse gráu só para se exemptarem da jurisdicção civil. Um dos abusos frequentes que estes taes commettiam era casarem clandestinamente, podendo assim delinquir sem perigo, porque, se os processavam por algum crime de morte, declinavam a competencia dos tribunaes seculares, e suas mulheres, para os salvarem, não hesitavam em se envilecerem a si proprias perante os magistrados, declarando-se concubinas. Malvados havia que, aproveitando as declarações d'aquellas que lhes tinham sacrificado a ultima cousa que a mulher sacrifica, o pudor publico, as abandonavam depois, servindo-se da generosa confissão que lhes salvara a cabeça, para despedaçarem os laços santos, embora occultos, que os ligavam ás infelizes. Os casamentos clandestinos, que facilitavam taes horrores, e que eram vulgarissimos, produziam ainda outros resultados não menos deploraveis. Negava-se não raro depois a existencia d'um facto que se não podia provar, e o receio do rigor dos paes fazia com que muitas filhas acceitassem segundas nupcias, pertencendo já a outro homem.

«Ainda quando não chegavam a esta situação extrema, a vergonha e o temor produziam infanticidios em larga copia. Por outro lado, a difficuldade e preço das dispensas para os consorcios entre parentes, completavam a obra dos casamentos clandestinos.»

Quanto aos escravos, accrescenta este escriptor:

«Era permittido entre elles o concubinato, misturando-se baptisados e não baptisados, e tolerando-se até essas relações illicitas entre servos e pessoas livres. Os senhores favoreciam esta dissolução para augmentarem o numero das crias, como quem promove o accrescimo de um rebanho. Os filhos de escravos até á terceira ou quarta geração, embora baptisados, eram marcados na cara com um ferro em braza para se poderem vender, e por isso as mães, desejosas de evitar o triste destino que esperava os filhos, procuravam abortar, ou commettiam outros crimes.

«Os maus tractos de seus donos, accumulando o odio nos corações dos escravos, faziam com que estes ás vezes recusassem tenazmente o baptismo,

que nenhum allivio lhes trazia. De feito, nas crueldades que sobre elles se exerciam não havia distincção. O castigo que ordinariamente lhes davam era queimal-os com tições accesos, ou com cera, toicinho ou outras materias derretidas. Uma circumstancia aggravava o procedimento que se tinha com estes desgraçados: boa parte d'elles nem eram captivos na guerra pelos portuguezes, nem comprados por estes aos vencedores nas luctas entre as nações e tribus barbaras da Africa, da Asia e da America; eram homens naturalmente livres, arrebatados da patria pelos navegadores, e trazidos a Portugal para serem submettidos a perpetua servidão. Finalmente, os consorcios legitimos entre pessoas escravas e livres, consorcios assaz frequentes, tornaram-se para os senhores n'um meio de satisfazerem os mais baixos e ferozes instinctos de crueldade; de folgarem com o espectaculo das agonias mais pungentes do coração humano. Quando o livre queria remir a consorte captiva, oppunha-se o senhor, e não raro a pretenção dava origem a scenas de violencia e de sangue, ou a ser vendida a pobre escrava para terras longiquas, quebrando-se assim por um impio capricho os laços que sanctificára a Egreja.

«Tal era o estado da religião e da moral n'um paiz que se lançava nos extremos da intolerancia, e onde se pretendia conquistar o ceu com as fogueiras da Inquisição.»

Ao fraco e fanatico monarcha D. João III, que conseguiu estabelecer no seu paiz o sinistro tribunal, succedeu uma creança, que devia sepultar a infeliz nação no terrivel abysmo de Alcacer-Kibir.

Apesar da grande corrupção em que o reino se encontrava, a côrte de D. Sebastião conservou-se um tanto afastada dos excessos e torpezas da sua épocha. Foi devido isso ao caracter de joven monarcha, tão propenso a emprezas aventuras e temerarias, como indifferente aos encantos do amor. E não era frieza esta abstinencia, era medo, porque o moço rei, como Carlos XII, de quem tinha o caracter e as feições, fugia do bello sexo, para se não deixar governar por elle. Eis o motivo porque todos o affirmam insensivel aos prazeres da voluptuosidade.

Atravez das desgraças a que a patria foi arremessada pela temeraria empreza de Alcacer-Kibir, atravez dos reinados sombrios dos tres Filippes, em que a corrupção e a decadencia dos costumes chegou ao mais deploravel estado de abjecção, fazendo por essa épocha os oppressores prostibulo do lar domestico dos opprimidos, a inquisição ia continuando a sua obra de iniquidade, devorando como um cancro toda a energia nacional.

No lobrego recesso das masmorras do tenebroso tribunal, havia de tudo: desde os horrores crueis da matança, até ás monstruosidades da mais desenfreada libertinagem. Vae quasi no fim esta obra, mas se quizessemos continual-a por numerosos volumes, se quizessemos revelar a horrorosa depravação que se abrigava n'este terror inquisitorial, por certo que não nos escasseiariam os documentos.

Vejamos esta scena de bestial crueldade:

«Tractava-se do processo de uns presos de Aveiro, marido e mulher. Uma creada que os servira foi chamada á Inquisição, e d'ella exigiu o bispo

que declarasse ter visto praticar a seus amos actos contrarios á fé. A declaração, porém, da testemunha foi exactamente o contrario; irritado, o dominicano fel-a encerrar n'um carcere. De tempos a tempos, mandava advertil-a de que, se queria ser solta, accusasse os amos. Resistiu sempre. Desenganado de que nem o amor da liberdade, nem algumas demonstrações de benevolencia a que recorreu abalavam a constancia d'aquelle nobre caracter, chamou-a um dia ante si, e elle proprio tentou convencel-a. Tudo baldado. Acceso de colera, o frenetico frade começou a espancal-a com um pau até lh'o quebrar na cabeça e nas costas, deixando-a lavada em sangue, e o algoz sagrado fez lavrar o depoimento que quiz ao som dos gritos da desgraçada.»

Esse mesmo frade tinha ás vezes momentos de bom humor, e n'essas occasiões era o que hoje chamamos um verdadeiro folgazão. Gostava de mandar vir á sua presença mulheres casadas e pudibundas donzellas, encerradas nos escuros recessos do castello de Coimbra com seus paes, maridos e irmãos.

«De boa feição e animo galhofeiro, em presença d'essas pobres mulheres entregues sem defeza aos seus caprichos, começava por lhes affastar dos animos os sombrios pensamentos que as dominavam.

Se as desgraçadas recusavam ouvil-o, ou se obstinavam em guardar silencio, elle obrigava-as a fallar-lhe com agrado, beijava-as, acarinhava-as, e chegava a ir visital-as aos seus quartos, quando alguma adoecia, sentando-se-lhes junto do leito, pegando-lhes no braço, tomando-lhes o pulso, com observações de entendedor ácerca dos contornos mais ou menos ideaes do braço que retinha, e essas observações serviam-lhe de thema a uma serie de facecias, por tal modo espirituosas, que o rubor do pejo subia ás faces das desgraçadas, reduzidas a invocar a futura justiça de Deus contra taes infamias, visto que os seus naturaes vingadores jaziam, como ellas, em ferros.

Outras vezes eram os carcereiros e os chaveiros que, animados por estes exemplos dos inquisidores, cevavam nas pobres victimas indefezas os seus brutaes instinctos de devassidão. Ouçamos a seguinte tragedia horrorosa, que nos conta Alexandre Herculano:

«Antonio Pires, o chaveiro, posto que casado, parece que não achava longas e tediosas as horas passadas nos claustros inquisitoriaes. Houve ahi duas christãs-novas, mãe e filha, julgadas já, e cuja sentença fôra carcere perpetuo com o trajo chamado *sambenito*. Estas mulheres estavam á mercê de Antonio Pires, e palavras de um amor brutal soaram n'aquelles recessos humedecidos do suor de mil agonias. A donzella foi deshonrada. Esta mulher, para quem, na primavera dos annos, tinham deixado de existir as torrentes da luz do sol, o aspecto do firmamento, os verdores dos bosques e campinas, a alvorada e o crepusculo, o aroma e o matiz das flores; para quem, ao passo que, por assim dizer, se lhe affundira ante os olhos a natureza physica, se lhe haviam offuscado tambem todas as esperanças do mundo moral, e cuja vida de diltados horisontes só ficára povoada por dois sentimentos, o da perpetuidade do carcere e o de saudades inuteis, devia ser bem desgraçada!

«A masmorra era-lhe patria adoptiva, o sambenito vestidura e mortalha. Que pensamentos seriam os seus, quando, prostituida, e tendo por testemunha

da prostituição um amor de mãe, a consciencia lhe disse que descêra ainda um degrau, que parecia não poder existir na escala das miserias da vida?

«Em circumstancias d'aquellas, o coração humano ou estala ou se alevanta á terrivel grandeza de um coração de demonio. Verificou-se o segundo phenomeno. A victima de Antonio Pires chegou a gloriar-se na deshonra, mostrando orgulho de trazer no seio o fructo do torpe adulterio. Eumenide, no meio das suas antigas companheiras, era ella quem completava os tractos da polé e do potro, quando os esbirros davam treguas aos martyrios. A humilhação e as privações das que eram infelizes sem serem infames, como que lhe refrigeravam o espirito. Os seus caprichos eram lei. A' menor desobediencia a vingança descia prompta; o feroz Antonio Pires distribuia com mãos largas os maus tractos e as injurias, impedia a entrada dos alimentos, e inventava quantas oppressões lhe suggeria o seu animo damnado!»

Passando summariamente pelo reinado dos tres Filippes e pelo de D. João IV, nos quaes a nossa resenha historica muitos factos de feroz devassidão podia respigar, porque n'esses tempos ferozes e devassos o impudor e a prostituição devoravam o organismo social até á medulla, pararemos um momento, nos primeiros tempos de intriga e torpeza do reinado de D. Affonso VI, o *Victorioso*, como a historia lhe chama por irrisão, de certo.

E' conhecido o caracter immundo do filho e herdeiro de D. João IV, as suas inclinações vis, e os seus gostos obscenos, qualidades que muito justamente lhe attribue um historiador contemporaneo. Esse rei fraco e impotente, que se rodeiava de uma malta de devassos, percorria de noite as ruas da cidade, praticando e deixando praticar as maiores torpezas. Raptos, adulterios, estupros, tudo se realisava impunemente. Os bons burguezes tremiam de medo, quando desfilava aquelle tropel de dissolutos, capitaneados pelo rei *Victorioso*, que qual outro Caligula ou Nero, se prostituia nos braços dos seus validos, visto não poder de outro modo satisfazer a sua lubricidade!

E no entanto, a razão de Estado ligou os destinos d'esse monarcha inepto e impotente aos de uma princeza franceza, educada nas torpezas da côrte de Versailles, de temperamento voluptuoso e sem escrupulos, que bem cedo saciaria nos braços de seu cunhado D. Pedro as paixões que o invalido marido não podia saciar. D'aqui a torpissima comedia que deu o throno a D. Pedro II, e atirou com o pobre rei impotente para o captiveiro, onde morreu.

Mas D. Maria Francisca Izabel de Saboya passou á posteridade como o typo completo da impudicicia no throno, e a historia dos seus amores e das suas maquinações com o seu cumplice, o futuro rei de Portugal, constituem paginas vergonhosas e infames, que jámais se apagarão da memoria do povo portuguez.

Com estes predicados, o reinado de D. Pedro II foi um dos mais tristes na historia da dissolução da sociedade portugueza. Só o excedeu em torpezas outro reinado, o de seu filho e successor D. João V, o rei freiratico.

Dava materia para um grosso volume a pintura da sociedade portugueza n'esta epocha desgraçada. No throno o exemplo da devassidão e da torpeza, um arremedo grosseiro e brutal da corrupção da côrte de Luiz XIV. Os fidalgos

entregavam-se a correrias nocturnas pela cidade. Havia bandos temiveis pelos seus excessos e torpezas, o do duque de Cadaval, dos marquezes de Marialva, dos condes de Aveiras e de Obidos, que percorriam e amotinavam Lisboa, praticando toda a casta de violencias e de crimes. Os proprios principes entregavam-se a estes divertimentos sangrentos, violando as mulheres, raptando-as, corrompendo tudo com o exemplo e o desenfreamento feroz dos seus vicios. E não era só em Lisboa que se praticavam estas violencias, n'outras terras, em Coimbra, por exemplo, a vida dos cidadãos e o pudor das mulheres não estava mais ao abrigo dos devassos da épocha.

Era, como diz o sr. Oliveira Martins, «uma orgia sanguinaria e lubrica, formando o fundo real do quadro da devoção idiota e da magestade burlesca. O conde de Tavora, tão piedoso, que dava ao Papa auctoridade para tirar um santo do Paraiso e mandal-o para o inferno, vivia amancebado com a Rocha, furtada por elle ao pae, e casada com um creado seu. A Rocha fugiu-lhe com o padre Soares».

Um conde ia disfarçado em mulher, de manto e touca, fallar á creada em Santa Clara, e dormia no convento com ella.

Bons tempos esses de luxuria infrene, bons tempos esses que ainda agora os devotos nos citam, como exemplo de uma santa compostura dos costumes, por isso que a orgia ao menos andava encabeçada em resas e procissões devotas, por isso que se commettiam estupros, incestos e todas as devassidões á sombra do manto protector da santa religião!

Era de vêr como os reverendos padres sabiam levar a vida! O prior de S. Jorge, aqui em Lisboa, ainda aos sessenta e cinco annos de edade tinha um serralho, abundantemente provido de odaliscas, suas confessadas. A Inquisição, por inveja, decerto, processou o bom do padre, e condemnou-o a degredo. Mas que mal havia n'essas fraquezas do santo homem, visto que, como elle proprio dizia em sua defeza, não fazia senão seguir os dictames do Evangelho, pois que passava o seu tempo a amar, e o amor é a caridade, resumo de toda a lei!

E as freirinhas, como ellas gosavam o amor profano e o amor sagrado, entregando-se rendidas de luxuria nos braços dos seus sigisbeus galantes, e nos dos frades das diversas communidades! A excellente abbadessa do convento de Sant'Anna, aqui da capital tambem, tomou-se de amores com um frade capucho, e lá foi com o santo homem para a Hollanda trocar mysticas e adoraveis caricias, com o amavel frade que a enlouquecera com os seus amavios e cantigas.

Não havia nada como o amor devoto, que dava aos desejos um ardor inimitavel. Quando a Egreja celebrava as suas solemnidades mais dramaticas, quando as decorações funebres e os canticos plangentes davam aos espiritos um desvairamento mystico, era de vêr como se faziam conquistas, e como as mulheres se rendiam depressa, cheias de lubricidade e de paixão! Até o rei, o devasso D. João v se disfarçava em andrajos de pobre, para junto do andor do Senhor dos Passos da Graça beliscar as damas da alta roda, quando esse bando de mulheres levianas e formosas iam beijar o pé da devota imagem!

E todos resavam, ao passo que iam namorando e peccando, porque as resas tudo desculpavam e tudo auxiliavam. Depois, circumstancia favoravel, havia os biócos, protegendo contra as curiosidades indiscretas, e favorecendo os signaesinhos, os ternos olhares e os beijos dos galans. Se do namoro resultavam complicações ou compromettimentos, lá estava a espingarda para resolver as questões a tiro mesmo nas ruas da cidade, e como diz um historiador de são criterio, a agua forte ministrada em bebida resolvia muitas questões domesticas.

No topo d'esta sociedade corrompida, estava o rei, dando o exemplo de todas as devassidões, e tendo em Odivellas o seu serralho devoto, onde se entregava a resas e a lubricidades, passando do côro para as sumptuosas alcatifas onde em cochins orientaes refocillava os appetites de luxuria na esplendida carnação de Soror Paula. Alli comia ambar e passava horas deliciosas.

«E' verdade, diz o sr. Oliveira Martins, que D. João v perdia a cabeça por todas as mulheres; mas a sua verdadadeira paixão estava em Odivellas, o ninho da madre Paula. Mandára fazer uma boceta preciosa, para guardar os seus amores. Madre Paula e a irmã Maria da Luz viviam juntas n'esse fofo recinto preparado para todas as voluptuosidades.

«Todo o luxo da épocha se accumulára no palacete mysterioso e maravilhoso: as talhas douradas, os mosaicos da Italia, os charões da India, os moveis de ebano embutidos de marfim, os espelhos de Veneza, os crystaes, as cambraias, as rendas, as pratas e ouros, as franjas pesadas, os estofos de melania, (a fazenda da moda,) as sedas adamascadas que revestiam as paredes.

«As duas irmãs dormiam no mesmo quarto, e entre as camas tinham duas pias de prata, com agua benta para se persignarem. Da sala verde, onde havia um relogio de menuetes e um balcão de marmore envidraçado, abria-se uma tribuna cramezi e ouro sobre a egreja do convento, com os retabulos de Nossa Senhora da Graça, de S. Bernardo e de S. Bento, tres protectores dos tres beatos: o rei e as duas irmãs. A embriaguez devota não excedia, porém, o desvario lubrico da sala côr de fogo, onde a molle odalisca, brevemente vestida de rendas, era servida pelas suas creadas mulatas, de arrecadas de ouro nas orelhas...

«O rei entrava e saia, sem se esconder, sem receiar que o vissem. Todo o convento o conhecia e lhe beijava reverentemente a mão. Perto do palacio, porém, rebuçava-se por docóro: era ao Arco dos pregos, e o Cucolim, ao contar as idas para Odivellas, dizia—alli perde a vergonha!»

Era um grande farcista el-rei D. João v, e passava alegremente a vida no convento de Odivellas. Eis uma anecdocta engraçada, que o sr. Bernardes Branco refere no livro a que poz por titulo — *As Minhas queridas freirinhas d'Odivellas:*

«Havia tempos que a madre Paula instava com o seu amante, el-rei D. João v, para que lhe levasse até Odivellas o tão famigerado Camões do Rocio. Estava, dizia ella, anciosa por conhecer um homem de quem tinha ouvido dizer tantas maravilhas: e que tão fallado era não só por causa dos seus versos, como pelos ardis por elle inventados para apanhar ou fazer cahir na rêde os gatunos e meliantes.

—«Olha, João, se eu não estivesse apaixonada por ti, como estou, e se no mundo não houvesse cousa alguma, como não ha, que possa fazer com que eu te seja desleal, aquelle livro de versos, chamado *Martinhada* seria para mim uma grave tentação! Que lindeza de versos! Que sublimidade de pensamentos! Que assumpto tão abregeirado e tão pandego!»

D. João V descreveu á sua querida freirinha o Camões do Rocio como um homem grande trocista, e disse-lhe que receiava trazel-o a Odivellas, por isso que soror Paula podia, como hoje dizemos, estender-se, *dar raia,* com os epigrammas do vate, e assim elle rei fazer figura triste, ficando o Camões a julgar que a amante do monarcha era uma insignificante, um espirito vulgar e tacanho.

Ao Camões, que do mesmo modo desejava conhecer soror Paula, dizia o gracejador monarcha que receiava apresenta-lh'o, para que ella, fina como era, não lhe fizesse alguma pergunta que o atrapalhasse. E então, sendo o poeta corregedor e quasi valido do rei, era ainda o monarcha quem fazia figura triste para com a sagaz freirinha.

«Continuaram por muito tempo os pedidos tanto da madre como do Camões, continúa o sr. Bernardes Branco.

«Até que afinal, quando lhe pareceu, o rei annuiu, pedindo a madre que tivesse muita presença de espirito, pois que o Camões parecia mais um diabo que um homem!

—«Ou diabo ou homem, hei de atrapalhal-o. Hei de á queima-roupa dirigir-lhe um cumprimento tal e tão fóra do vulgar, que o homem não abre a bocca e fica embatucado!»

—«Olha lá não se volte o feitiço contra o feiticeiro», exclamou o rei...

«Depois annuiu o rei tambem ás sollicitações do Camões, fazendo-lhe grandes recommendações, e que o melhor de tudo seria, quando elle chegasse á presença da freira, não a encarar, pois os olhares d'ella forçosamente o atarantariam: que o melhor de tudo seria representar o papel dos frades, os quaes, quando passavam por uma mulher, fitavam os olhos no chão.

—«Mas vossa magestade bem sabe que eu não sou frade! resmungou o Camões.

—«Hoje mesmo o veremos. A's 8 horas da noite has de estar no meu palacio, e vaes commigo na sege.

—«Agradecido, real senhor!

«E o rei mandou logo participação á freira de que n'aquella noite ia o Camões em companhia d'elle, e que só uma cousa lhe pedia, que tivesse presença d'espirito, ou então que não apparecesse, e fingisse que estava doente. A's 8 horas da noite, eis o rei e o Camões dentro da sege, em direcção a Odivellas e a mata cavallos. Galgaram o caminho em menos de tres quartos de hora.

«E o rei fingia-se assustado, e em todo o caminho só disse ao poeta:— «Camões, não me envergonhes. Retrocede, que ainda estás a tempo, se em ti não sentes coragem bastante! Aquelles olhos, aquelles olhos de madre Paula são o diabo!...»

—«Não retrocedo, não, real senhor. Hei de acachapar a madre Paula».

—«Pouco falta para isso se vêr, exclamou o rei.

«Eil-os juntos do arco de D. Diniz. Eil-os a entrarem no couto ou arco de Odivellas.

«Apeiam-se, e o rei a dizer a Camões:

—«Espera aqui um minuto á porta, eu te farei signal para subires». Mas o que o rei queria era tomar posição conveniente para vêr a scena á sua vontade.

«A sala do rei ficava no primeiro andar.

«D. João postou-se no meio da escada, encostado á parede, para poder ver bem á vontade a scena entre a madre Paula, que estava em cima, e o Camões em baixo.

«A madre desceu dois ou tres degraus, e fita o Camões, que tambem já tinha subido uns dois ou tres degraus. A madre, encarando sempre o Camões, exclama com a maxima volubilidade:

—«Como vem fafio! Como vem fefio! Como vem fifio! Como vem fofio! Como vem fufio!»

«O rei ás gargalhadas pela originalidade do cumprimento! O Camões a responder tambem com a maxima volubilidade:

—«Como estaes pata! Como estaes peta! Como estaes pita! Como estaes pota! Como estaes p...!»

Tal era a pilheria do tempo! E' de crer que D. João V ficasse tendo no mais elevado conceito o espirito da freira e o do poeta.

O sr. Bernardes Branco, grande admirador das graças freiraticas, exclama, depois de haver contado a anecdota:

«Ai que tempos! Que tempos! Aonde te refugiaste, ó pilheria, que em Portugal já te não vejo!»

Como os leitores estarão notando, o sr. Branco é demasiado modesto. Nos seus livros ha pilherias de sobra para fazer rir as proprias pedras!

Tem excellente cabimento n'esta obra a descripção do harem conventual de Odivellas, tal como o faz Guimarães, no *Summario de Varia Historia*:

«O quarto de cima, onde assistem, tem oito casas, todas de xadrez, e os tectos de entalhados doirados e de boas pinturas, e todos os materiaes com a maior riqueza e perfeição.

«A primeira casa consta de melania com armação côr de fogo, com passamanes de fogo côr de ouro; toda a casa em redondo com sanefas de entalhado douradas: duas papeleiras, todas de espelhos doirados com relevos e figuras douradas, e quatro espelhos de toda a parede do mesmo modo com relevos e figuras douradas; em cada buffete duas serpentinas de prata, com velas de cinco lumes cada uma; uma duzia de cadeiras de velludo côr de fogo, com galões d'oiro, com os braços e pés das cadeiras de talha miuda doirada; e nas outras duas paredes oito placas de espelho doiradas, quatro em cada uma, tudo por cima da armação.

«A segunda casa tem armação de melania verde, com galões de seda crúa côr de ouro, com dez portas com sanefas de talha dourada; em uma pa-

rede dois espelhos occupando todo o espaço da mesma, e com mais singularidade doirados; e dois buffetes tambem doirados e melhores, com duas serpentinas, cada uma de prata e com tres lumes; oito placas de espelho doiradas e um relogio de parede que dá horas e tange minuetes; uma duzia de cadeiras de velludo verde com galões d'ouro todas douradas. E n'esta mesma casa tem uma varanda toda de vidros crystallinos; o chão é de xadrez de pedra, as paredes de talha dourada e as columnas todas rodeadas de pinturas; o tecto de talha dourada e pinturas, com cortinas de nobreza brancas, com galões de ouro e borlas de fio d'ouro; como todas as cortinas das casas tem requife côr d'ouro. E a varanda tem seis tripeças com os pés azues e oiro, e o assento de velludo côr de fogo e ouro; dois buffetinhos de charão negro, e uma banca de velludo verde com pés de charão côr de fogo e ouro.

«O oratorio tem em baixo uma tribuna para a egreja d'onde se póde ouvir missa, com cortinas carmezins bordadas de ouro; e em cima o oratorio todo de talha dourada, no meio Nossa Senhora da Graça, e nos lados S. Bernardo e S. Bento; e virando-se o painel se vê o Evangelista, com um panno bordado e cortinas bordadas de ouro e borlas de ouro, com duas serpentinas de prata com tres lumes cada nma, com uns poucos de ramos de prata e castiçaes, uma almofada de tissú, coberta com um panno bordado de ouro.

«A casa onde comem é toda armada em amarello, de melania amarella com passamanes e franjas côr de perola, e todas as mais armações que tenho dito as tem da mesma côr das passamanes; uma duzia de tamboretes todos dourados, e os assentos de velludo amarello com passamanes de prata; e oito placas de espelhos dourados, com um buffete de charão negro e ouro.

«O camarim da irmã mais pequena tem a armação carmezim com franjas e passamanes de seda crúa côr de ouro; um leito da moda com armação da mesma melania e carmezim e as mesmas franjas do mesmo, com uma lamina de prata á cabeceira, com uma folha de fita de prata; com lençoes de hollanda com boas rendas, travesseiro da mesma sorte, cebertor da mesma melania, e o panno de cobrir do mesmo; quatro cadeiras de damasco carmezim com franjas d'ouro e pés dourados: duas tripeças do mesmo velludo, com pés negros e ouro, e em cima de um buffete dois pratos da Allemanha de prata dourada, com penteador e uma toalha de cambraia com preciosas rendas bordadas, e um avental da mesma sorte; e uma caixa de lixa encarnada com pregaria e fechos de prata, que serve de guardar os brincos, e uma arca de charão dourada, e em cima um espelho com molduras de prata e muita quantidade de brincos e aviamentos, tudo de prata dourada que não teem numero; prato e jarra, escovas, thesouras, salva, pucaros, campainha e todos os aviamentos de toucador, de prata; e um espelho de vidros e dourado, e duas placas e bisp... de prata, mettido em uma arca de crystal, dentro de uma bolsa de velludo. A casa, onde dormem Paula e Maria da Luz, tem armação de melania carmezim com franjas e galões côr de ouro; dois escriptorios de charão negro e ouro, grandes e todos com pés e tapetes de talha dourada maravilhosa; sanefa de talha dourada; dois buffetes dourados maravilhosos; dois espelhos de toda a parede; oito placas de espelhos e douradas; um relogio de parede que dá horas

e tange minuetes; uma duzia de cadeiras carmezins com pés e braços de talha dourada e passamanes de ouro.

«A cama de Paula é de melania carmezim com o sobreceu todo em tomados, com franjas e galões còr de ouro; o leito da moda, com uma lamina de prata dourada, abrindo-se por tres partes, e os santos de ouro macisso em relevo, com um florão de fita de ouro.

«Os lençoes de hollanda muito boa, com preciosas rendas e travesseiros do mesmo modo todos crespos; os cobertores da mesma melania e o panno de cobrir.

«A cama da irmã é d'este mesmo modo, menos a lamina de prata; com um buffete á cabeceira de charão dourado, com um panno coberto; em cima um prato de prata grande, de Allemanha, e dois bisp... do mesmo, e nas mesmas caixas de vidros com as mesmas borlas.

«O gabinete em que se touca Paula, é armado de melania carmezim, com franjas e passamanes còr de ouro, duas sanefas de talha dourada, quatro tripeças com pés de charão azul e ouro, com dois pratos de prata, um com o penteador, outro com o avental e toalha de boas rendas, cobertos com um panno bom: uma arca de lixa negra, toda com pregaria e fechos de prata; um espelho e seis placas de espelho douradas de cambraia, com rendas de tres palmos de largura; com um espelho com molduras de prata, com todos os aviamentos de prata, caixas, prato, jarro, salva, castiçal, copos, frueteiras, thesouras, campainha, escovas, e tudo que não póde repetir-se — de prata.

«O outro gabinete de Maria da Luz, concertado com a mesma armação, com os mesmos adornos, com os mesmos luxos e riquezas, sem differença.

«Entre as camas ha duas pias de prata para agua benta.

«A casa de cima, que é a ultima e a maior de todas, é toda armada de melania azul, com galões e franjas de seda crúa, còr d'ouro; as sanefas de talha azul e còr d'ouro; e são doze; dois escriptorios de charão azul e ouro, extraordinariamente bons e grandes, com pés, tapetes e ilhargas douradas de mui meuda talha; oito placas de uma parte, e oito da outra, todas de vidro; uma duzia de cadeiras de velludo azul, com mãos douradas, com tapetes e galões de ouro e prata, e um relogio de parede que dá horas, e tange minuetes; dois espelhos extraordinariamente grandes, com mais perfeição de talha dourada; dois buffetes dourados, com umas tarjas azues e ouro; duas serpentinas em cada buffete, de seis lumes cada uma, de prata, e todos os buffetes teem serpentinas de prata, com pratos e thesouras de prata.

«Pelas escadas e corredores lampeões de crystal, mettidos na parede, com talha dourada; em todas as portas reposteiros de panno berne, bordado de côres.

«O quarto de baixo tem sete casas: uma grande está com dezoito caixões de lixa negra com pregaria de prata, e todos cheios de prata, com que fez uma copa, e sobejou muita, porque, dizem, são tres baixellas; e muitas arcas de roupa de cheiro, e dizem que são das fitas, brincos e vestidos; mas isto ainda se não viu.

«Vieram-lhe tres mulatas e duas creadas, e quatro que tinham, são nove.»

Este inventario minucioso do harem de D. João V em Odivellas deixa-nos entrever a vida de dissolução do faustuoso monarcha. O exemplo era bem forte para contaminar aquelle alfôvre de beldades, que dentro dos muros do mosteiro se entregavam com furor ás delicias do fructo prohibido.

«Os ares de Odivellas, diz o sr. Camillo Castelllo Branco, eram pestilenciaes como os do serralho de Ibrahim. Se alguma freira queria sahir, é porque desejava ser mulher honesta.»

D. João V com as suas dissoluções era verdadeiramente rei da sua épocha. Os seus vicios eram os vicios de todos. O que el-rei fazia, as suas paixões desenfreadas, eram as paixões da nobreza, do clero e da burguezia rica.

«Os escravos, diz o sr. Oliveira Martins, punham na sociedade uma mancha torpe, e na physionomia das massas, borrões de côr negra pelas ruas e praças da capital. Tinham-se e tratavam-se como gado. Engordavam-se rebanhos de mulheres para crias: porque um pretinho novo, desmamado apenas, já valia 30 ou 40 escudos.

«As pretas, que são fecundas, inçavam as casas de negrinhos e mulatinhos como diabos chocarreiros e ladinos. Quem não gostaria d'elles? E depois, não eram bem gente, não havia receios com esses animalinhos. Por isso tinham todas as intimidades, e os mimos das meninas, que ás vezes appareciam gravidas. O preto, o mulato, submisso, escravo, mudo, era o confidente dos amores, e por vezes o amante — por desleixo, fraqueza, ou requinte sensual das temperaturas ardentes.»

Tal era o estado dos costumes portuguezes, n'este reinado, e tal foi ainda no seguinte. Houve n'esta denguice freiratica e piegas um abalo, que ainda assim, apesar de forte, o terramoto, não conseguiu arrancar o paiz á somnolencia libertinosa em que jazia. Foi preciso que o marquez de Pombal, homem energico, desse a essa sociedade de piégas um forte impulso, para que ella começasse a despertar da sua vergonhosa apathia.

Pararemos aqui. Seria perigoso aventurarmo-nos mais n'este devassar dos mysterios de uma sociedade quasi nossa contemporanea. Deixamos essa tarefa aos vindouros. Se não fizemos uma obra completa, recolhemos no entanto muitos materiaes curiosos, que outrem poderá aproveitar mais vantajosamente.

# INDICE DO TEXTO

## PRIMEIRA PARTE



## SEGUNDA PARTE



# INDICE DAS GRAVURAS